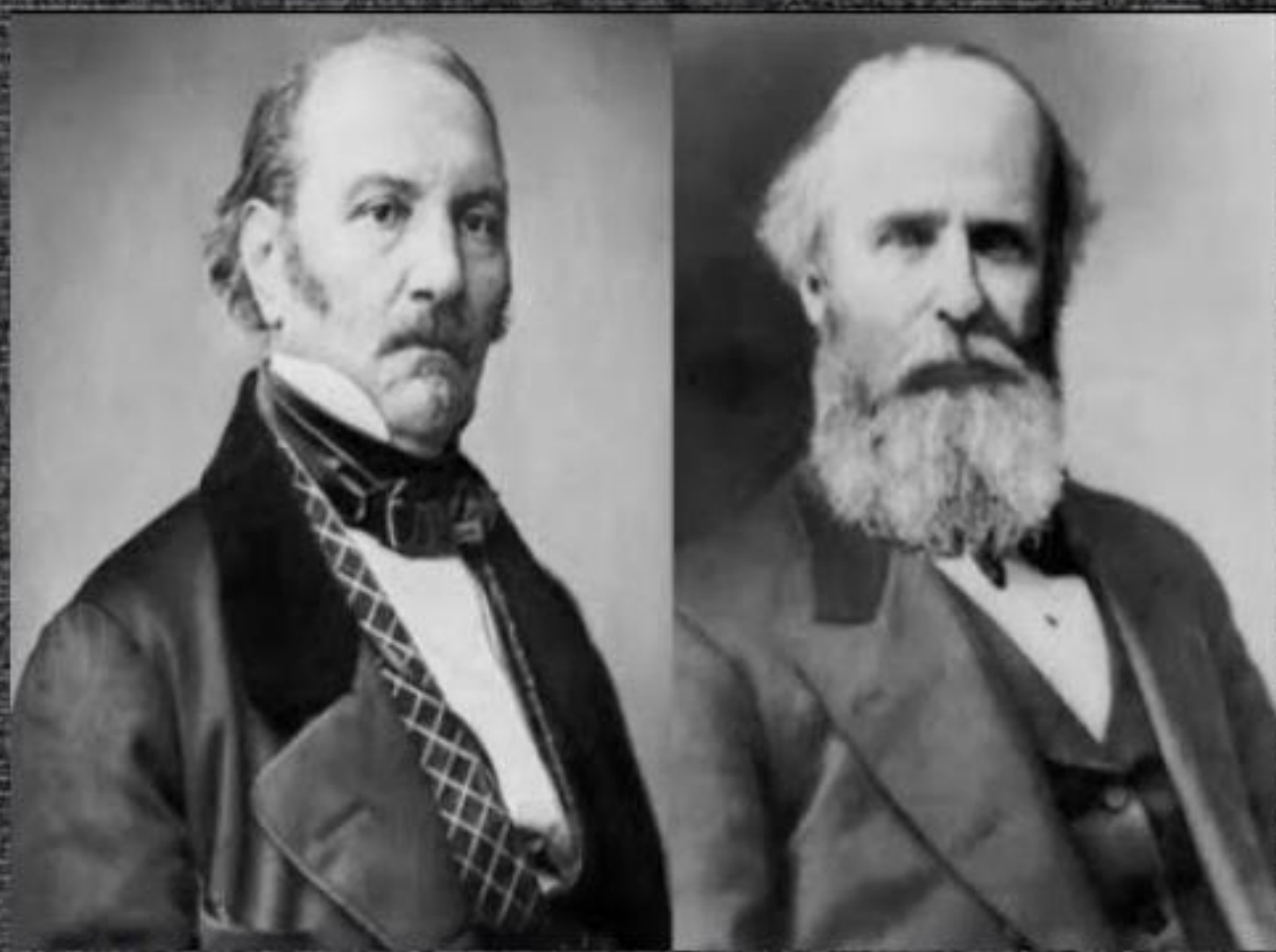


ANALISANDO
KARDEC
E ROUSTAING



JOSÉ OLYNTHO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

ANALISANDO KARDEC E ROUSTAING

JOSÉ OLYNTHO

Assistido pelo Espírito Vicente de Paiva
(Personagem real do livro O Pastor e a Ovelha)

Parte I
Capítulo 1

Explicação ao leitor

Observando que nas últimas versões de “Encarando Roustaing e Analisando Kardec”, em vez de Roustaing, Kardec passara a ser o alvo principal de apreciação, de análise e crítica; e tendo finalmente atingido a extensão e o formato desejado e prevendo que entre os leitores das versões anteriores grande número deixaria de ler esta edição, inteiramente refundida, e enriquecida com acréscimos importantes, sendo por isso, sensivelmente prejudicados, achamos benéfico e conveniente modificar o título da obra.

SUMÁRIO

O Movimento Espírita no Hemisfério Norte - 3
Alphonse Cahagnet, o mestre de Kardec - 7
O Movimento Espírita no Brasil - 8
Entrevista com Divaldo - 9
A Unificação e o Pacto Áureo - 11
Reformador - Manancial de Paz e Amor - 12
Materialismo x Espiritualismo - 15
Evolução do conceito de Misticismo - 18
O Sectarismo - 26
Capítulo II - 31
A regeneração da <i>Igreja do Cristo</i> - 31
O Espiritismo é Doutrina Universalista? - 33
Pausa para Reflexão - 36
Cautela a ser usada pelos críticos - 37
Chico Xavier ou A. Zarur foi Kardec? - 40
A volta de Kardec - 43
Historia da Religião do 3º. Milênio - 48
A História se Repete - 50
A LBV e o Espiritismo - 52
O Homem Certo no Lugar Certo - 55
Sê fiel até a morte - 56
Capítulo III - 58
Prefácio de Roustaing - 58
Instrução sobre a Saúde de Kardec - 66
A crítica de Kardec a Roustaing - 67
Meu Comentário - 68
Kardec e Roustaing - 70
Maior cego, o que não quer ver - 74
Perguntas aos Espíritas - 76

Utilidade das divergências Humanas - 76
Kardec contra Roustaing ? - 82
Testemunhos Reveladores - 82
Interpelação aos Espíritas - 84
Pausa para Meditação - 85
Capítulo IV - 89
Antecedentes Históricos do Espiritismo - 89
Contradições de Allan Kardec? - 93
O Desaparecimento do Corpo de Jesus - 100
Jesus no Horto de Getsêmani - 103
Um Gosto e 4 Vinténs – Luciano dos Anjos - 108
Capítulo V - 109
Apontamentos sobre o Corpo Flúidico de Jesus - 109
Capítulo VI - 150
A Extraordinária Personalidade de J. B. Roustaing - 150
Roustaing – Biografia – B. de Menezes - 155
Bezerra de Menezes e Os Quatro Evangelhos - 157
A Hipocrisia é o câncer das religiões - 159
B. de Menezes e a obra de Roustaing - 160
Emmanuel e Roustaing - 162
A Criação do 1º. Homem – Os Quatro Evangelhos - 165
Capítulo VII - 178
Religião e Ciência – Um Amigo do Alto -179
A que nos levariam as transigências - 203
A “Queda” diante dos Evangelhos – P. Ubaldi - 203
Conclusão - 206
Mensagem de Natal – Sua Voz/ Jesus - 211
Segunda Parte - 214
Apêndice - 355

Lembrai-vos de que a pesquisa da verdade, por ela própria, é ao mesmo tempo o objetivo mais afeiçoado, mais desejável e mais elevado a prosseguir, no plano da vida em que vos achais. Nada na Terra excede a essa nobre ocupação. Imperator/William Stainton Moses – (1839-1892) – Ensinos Espiritualistas. P 188.75

Aquele que convence do erro o seu irmão salva (sanea, ilumina) a sua alma e cobre assim a multidão de seus próprios pecados. Tiago – Cap. V: 20.

Eterna desterrada desta Terra, a Verdade apenas uma coisa pede: Que ninguém a condene sem a conhecer. – Santo Agostinho. (354 – 430) In A Cidade de Deus.

Um cepticismo presunçoso, que rejeita os fatos sem examiná-los, é mais funesto do que a credulidade que os aceita. – Alexander von Humboldt. – (1769-1859)

O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. Allan Kardec – Revista Espírita, Julho de 1866.

Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria neste ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará. – (Allan Kardec, A Gênese, cap. 1, item 55).

Trechos da análise crítica de Kardec aos Quatro Evangelhos de Roustaing

Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerável, e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar, sobre nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada por O Livro dos Espíritos e o dos Médiuns. As partes correspondentes àquelas que tratamos em O Evangelho Segundo o Espiritismo o são num sentido análogo Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, não diminui nada a importância dessa obra que, ao lado das coisas duvidosas do nosso ponto de vista, delas encerra, incontestavelmente, boas e verdadeiras, e será consultada proveitosamente pelos espíritas sérios. A. Kardec – Revue Spirite – 6/1866. Veja na p 67, o texto integral da análise crítica de Kardec.

INTRODUÇÃO

Objetivo desta obra:

Pesquisar cientificamente, buscando identificar os fatores causais das divergências conceptuais existentes no movimento espírita brasileiro, com o intuito de eliminá-las ou compreendê-las como fenômeno natural num processo de divulgação de idéias e práticas novas num meio cultural diversificado, com a compreensão e a cooperação fraternal dos que se sentem nele envolvidos.

---oo0oo---

APÓS HAVER, NO DECORRER DE LONGOS ANOS, lido várias vezes a Bíblia e estudado as obras da Codificação Kardequiana e as de seus magistras continuadores, além de revistas e livros de inúmeros autores espíritas, principalmente os recebidos pelo médium Chico Xavier, passei a ler as Revistas Espíritas de Allan Kardec, anotando os relatos mais instrutivos e interessantes. Levando em conta as recomendações acima de Kardec na Revista Espírita de Junho de 1866, eu li atentamente a obra Os Quatro Evangelhos, recebida pela psicógrafa semimecânica Mme. Collignon, sob o controle de Jean-Baptiste Roustaing.

Após reler com mais atenção o primeiro volume para esclarecer as dúvidas suscitadas pela crítica de Kardec, certifiquei-me quanto à importância e profundidade da revelação que trazia sobre a vida de Jesus, sucintamente tratada por ele na obra O Livro dos Espíritos:

Questão 625. Qual o tipo mais perfeito oferecido por Deus ao homem, para lhe servir de modelo e guia? – Jesus.

Comentário de Kardec: “Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito de Deus o animava”.

– Por que um tema tão importante foi assim tão exiguamente abordado no livro básico da Doutrina? – Foi a pergunta que me veio à mente.

Instruído pela leitura das obras citadas, a resposta foi óbvia:

De acordo com as informações que lhe chegaram às mãos e os conhecimentos que tinha, os da ciência da época, e levando em conta a conturbada, adversa conjuntura sócio-político-religiosa vigente, cabia a Kardec “apenas” ou seja, especialmente, a formalização de uma síntese científico-ético-filosófica, tendo os Espíritos Reveladores deixado para aprofundar esse importantíssimo tema ao tratarem – dois anos depois da publicação de O Evangelho segundo o Espiritismo

– do aspecto religioso da doutrina, através da obra complementar Os Quatro Evangelhos que, à sua revelia, foi mediunicamente transmitida pelos Evangelistas e publicada por Roustaing em Bordéus.

Pus-me então a refletir porque a Providência Divina permitiu que uma oposição generalizada impedisse maior divulgação dessa obra, que explica – para mim de forma satisfatória, um a um, os versículos dos Evangelhos de Jesus, – por menor importantíssimo levando-se em conta que no Evangelho segundo o Espiritismo, Kardec abordou apenas a parte moral, sendo que no anúncio do envio do Consolador, Jesus PROMETEU QUE ESTE NOS ENSINARIA TODAS AS COISAS E FARIA LEMBRAR TUDO O QUE ELE NOS ENSINOU.

Além de satisfatoriamente fazê-lo, tentando recuperar quanto possível a credibilidade das Escrituras Sagradas, a obra esclarece ou soluciona os mistérios bíblicos mais intrincados como, v.g. o episódio da ressurreição de Lázaro, a tentação de Jesus e o carrossel de fogo de Elias, os dois últimos por mim abordados na obra “O Pastor e a Ovelha”, disponível no Bvespírita.

O MOVIMENTO ESPÍRITA NO HEMISFÉRIO NORTE

E há de ser que, depois, derramarei o meu espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas, naqueles dias, derramarei o meu espírito. Joel – 2: 28, 29 – Bíblia Sagrada.

Clara demonstração da sabedoria e justeza dos critérios adotados pelos Espíritos Superiores, – a estratégia geral de regular a divulgação das novas verdades levando em conta a capacidade de assimilação da população, – foi o que



As mesas girantes em Paris -1853

ocorreu nos Estados Unidos onde, cumpre assinalar, o povo foi menos exposto do que na Europa à revoltante opressão da Igreja, da qual se livrara, na Inglaterra, fundando a Igreja Anglicana ou exilando-se para a América. É fácil identificá-lo, analisando a difusão da revelação espírita nesses países, conforme relatou Arthur C. Doyle em sua obra A História do Espiritismo. Conforme vemos no capítulo “Primeiras Manifestações na América”, os fenômenos espíritas foram antecidos nos Estados Unidos em 1842, por André Jackson Davis, que previu, nove anos antes, o surgimento dos fenômenos de Hydesville. Na página 51 o autor acrescenta sobre os mesmos o seguinte comentário: “Há que se admitir que Davis, até onde se pode acompanhar a sua vida, tenha vivido para as suas idéias”.

Era muito humilde, mas daquela matéria de que são feitos os santos. Sua autobiografia vai apenas até 1857, de modo que teria pouco mais de trinta anos quando a publicou. Mas dá uma descrição muito completa e por vezes muito involuntária de seu íntimo. Era muito pobre, mas justo e caridoso. Era muito sério, mas muito paciente na argumentação e delicado na contradita. Fizeram-lhe as piores acusações, que ele recorda com um sorriso de tolerância”. Semelhante ao que, 90 anos depois, ocorreu com o médium Chico Xavier, de origem humilde, pobre e debilitado desde a infância, André J. Davis, tornou-se depois um extraordinário e inspirado médium, que sob a égide inspiradora de Galeno e Swedenborg produziu obras volumosas e de grande valor, amplamente divulgadas no país.

Andrew Jackson Davis nasceu no dia 11 de agosto de 1826, em Blooming Grove, NY-EUA, às margens do rio Hudson, Estados Unidos, e desencarnou em 1910, com a idade de 84 anos. Ele descendia de família humilde. Sua faculdade mediúnica desabrochou quando tinha apenas 17 anos. Primeiro, desenvolveu a audiência. Ouvia vozes que lhe davam bons conselhos. Depois, surgiu a vidência, tendo notável visão, quando sua mãe morreu. Mais tarde, manifestou-se outra faculdade muito interessante e muito rara: a de ver e descrever o corpo humano, que se tornava transparente aos seus olhos espirituais. Dizia ele que cada órgão do corpo parecia claro e transparente, mas se tornava escuro quando apresentava enfermidade. Na tarde de seis de março de 1844, deu-se, com Davis, um dos mais extraordinários fenômenos, o da levitação. Foi ele tomado por uma força estranha que o fez voar da cidade de Poughkeepsie a Catskill, a 60 km de distância. A partir dele os fenômenos expandiram-se com o concurso de grande, surpreendente número de médiuns de efeitos físicos como as irmãs Fox e os admiráveis e sacrificados irmãos Davenport, nascidos em Buffalo, estado de New York. Desde 1846, dois anos antes delas, eles causaram, no país e depois no mundo, enorme repercussão e contradição através de jornais e revistas, atraindo a atenção de um grande número de jornalistas, repórteres, além de escritores de nomeada e sábios pesquisadores como o famoso Juiz John W. Edmonds da Suprema Corte de New York, Robert Hare, professor de Química na Universidade de Pensilvânia e a superdotada Mrs. Emma Hardinge (Reino Unido-1822-1899) que se notabilizou na divulgação da Doutrina como notável escritora e conferencista, nos Estados Unidos, Inglaterra e diversos países. Vejam o que sobre Jackson Davis, o pioneiro da Revelação Espírita nos Estados Unidos, comentaram A. Wantuil de Freitas e Francisco Thiesen na pág. 89 do livro “Allan Kardec”- Vol. 2, FEB-Rio1*: “A bem da verdade, diga-se que os numerosos livros que ele deu a lume, de alto alcance doutrinário, diferem, em vários pontos, dos ensinamentos kardequianos,

sem estar, contudo, com eles em contradição, salvo quanto à lei das reencarnações, que Davis apresentou como não obrigatória para o progresso do espírito, entendendo que o espírito pode e deve progredir no espaço, sem necessidade de reencarnar, tese defendida por “Os Quatro Evangelhos” e Emmanuel no livro “O Consolador”. (Negritos meus).

Para nós, espíritas, o papel representado por Jackson Davis é de grande importância, pois começou a preparar o terreno para os grandes acontecimentos da Terceira Revelação, naquele país. Em suas visões espirituais viu quase tudo o que Swedenborg descreveu sobre o plano espiritual. (Abrimos aqui um parêntese para lembrar que, por ocasião do seu transporte às montanhas de Catskill, ele identificou Galeno e Swedenborg como seus mentores espirituais).



Em seu caderno de notas, encontrou-se a seguinte passagem datada de 31 de março de 1848: “Esta madrugada, um sopro quente passou pela minha face e ouvi uma voz, suave e forte, a dizer: Irmão, um bom trabalho foi começado – olha“! Ao que parece, este aviso fazia menção aos fenômenos de Hydesville, pois foi exatamente nessa data, numa sexta-feira, que se estabeleceu o início da telegrafia espiritual, através da menina Kate Fox.

Outra célebre e virtuosa médium foi Leonora Eveline Piper - (1857-1950), New Hampshire, EUA, que durante mais de 40 anos submeteu-se ao exame dos mais exigentes pesquisadores dos fenômenos espíritas como desde o começo, William James nos EUA, e Richard Hodgson na Inglaterra. Além dos médiuns e ativistas citados, um grande número de sábios investigadores e escritores de renome contribuíram para a instituição do “Órgão Spiritualism”

nos dois países. Devemos citar também, a médium clarividente Harriet B. Stowe, (1811-1896) cuja obra “A Cabana do Pai Tomás, editada inicialmente em capítulos semanais num jornal do país durante o ano de 1861, foi finalmente editada em 1852, alcançou de imediato surpreendente recorde de venda nos EUA e na Inglaterra! Sensibilizando e agitando fortemente a opinião pública, criou ambiente para a extinção da escravidão, e a chamada Guerra de Secessão entre os estados do Norte e do Sul do país!



Fato similar ocorreu no Brasil, com a cooperação de escritores e poetas inspirados como José do Patrocínio, Luiz Gama, Joaquim Nabuco e Castro Alves, sem as graves consequências da Guerra de Secessão que, por cinco anos (1861 a 1865) enlutou aquele país irmão. Sir William Crookes (1832-1919) pode ser considerado um dos mais proeminentes físicos do século XIX. Na ocasião em que passou a interessar-se pelos fenômenos paranormais, (1870) houve uma grande expectativa em torno dessa decisão, por parte do grande público. Seu nome era assaz conhecido nos meios científicos e o seu veredicto seria aceito como decisivo julgamento do movimento chamado “Spiritualism”.

Ao contrário, porém, do que se esperava, após três anos de pesquisa, utilizando-se de todos os meios científicos então disponíveis para evitar o falseamento e a mistificação, e contando com o auxílio de um grupo de pesquisadores de sua confiança, William Crookes, o mais confiável e galardoado sábio britânico, concluiu pela insofismável realidade dos fenômenos espíritas. Durante três anos o Espírito Kate King conviveu com o casal, demonstrando cabalmente, a sobrevivência da alma após a desencarnação. O relatório de Crookes sobre a sua pesquisa, concluiu em 1874, que esses fenômenos não podiam ser explicados como

prestidigitação e que pesquisa adicional seria útil. Crookes não estava só nessa opinião.

Na Inglaterra surgiram grandes e renomados médiuns de efeitos físicos e intelectuais, como Daniel Dunglas Home, Henry Slade, Madame d’Esperance, com a conversão de vários pastores evangélicos da Igreja Anglicana, entre eles médiuns como os reverendos Robert Dale Owen e Stainton Moses, fecundo, virtuoso e sábio médium de efeitos físicos que além de produzir muitos fenômenos escreveu, entre outros, o excelente livro Ensinos Espiritualistas, provocando a reação imediata da Igreja Romana e da Ciência Oficial que encarregou William Crookes, o mais importante e confiável de seus cientistas para por fim àquela onda de fatos falaciosos ou demoníacos.

Vários cientistas, seus companheiros, passaram a confirmar a veracidade da comunicação de espíritos, entre eles Alfred Russel Wallace. (Connan Doyle, 1926: volume 1, p 62). No entanto, como a maioria dos cientistas tinha a opinião preconcebida de que o Espiritismo era fraudulento, o relatório final de Crookes ultrajou de tal modo o “establishment” científico de então que “falou-se de cancelar sua filiação à Royal Society”.

(1) –Vide no Bvespírita, além do livro citado: “As Mesas Girantes e o Espiritismo”, de Zeus Wantuil, FEB – Rio. (2) – Vide, no Wikipédia além da biografia de A. Jackson Davis e outras personagens citadas, muito mais dessa fantástica história, que agitou os EUA e o mundo no século XIX, (3) 1-HydesvilleMemorialPark). 2 – TV Nova Luz –A.Kardec – O Surgimento do Espiritismo -1 a 5- e (4) – Youtube De Kardec aos dias de hoje.

Crookes tornou-se mais cauteloso a partir de então e não mais discutiu seu ponto de vista em público até 1898, quando sentiu que sua posição estava segura (Doyle, 1926: vol. 1, próprio 169-170). Foi nesse ano, em seu discurso de posse na presidência da British Association pelo Avanço da Ciência, que afirmou: “Já se passaram trinta anos desde que publiquei

um relatório dos experimentos tendentes a mostrar que fora de nosso conhecimento científico existe uma Força utilizada por inteligências que diferem da comum inteligência dos mortais”...

Numa entrevista na The International Psychic Gazette, em 1917, ele repetiu: “Nunca tive jamais qualquer ocasião para modificar minhas idéias a respeito. Estou perfeitamente satisfeito com o que eu disse nos primeiros dias. É absolutamente verdadeiro que uma conexão foi estabelecida entre este mundo e o outro”. (Fodor, N.)

Nada tenho a me retratar. Confirmando minhas declarações já publicadas, a verdade, muito teria que acrescentar a isto”. (Crookes, 1898). Encyclopaedia of Psychic Science, U.S.A.: University Books, 1974, p.70) Entre os fenômenos verificados destacou-se a materialização tangível, obtida por ele a partir da médium Florence Cook, cujo fantasma foi auscultado pela equipe de pesquisadores, verificando-se que possuía reações orgânicas peculiares aos seres encarnados, como pulso e batimento cardíaco, respiração, apalpamento do Espírito Katie King; foi verificada a existência de vísceras e que mais, fazendo com que Crookes supusesse que o Espírito levaria com ele, tais fenômenos após sua morte. Foi o que expôs em seu revolucionário livro Fatos Espíritos, editado em 1874 na Inglaterra e, em 1919, e 10 anos depois, no Brasil, pela FEESP-SP e a FEB-Rio.

As pesquisas sobre os fenômenos do Espiritismo por Sir William durante os anos de 1870 a 1874 constituem um dos mais significativos incidentes na história do movimento. São notáveis devido ao elevado padrão científico do investigador, o severo e justo espírito com que o inquérito foi conduzido, os extraordinários resultados e a corajosa profissão de fé que as seguiu.



Stainton Moses
1839-1892



Ira e William Davenport
1839 -??? – 1842-1877



Ana Prado
??? -1923

*

John David Fox (Pai)
Pastor protestante da Igreja Episcopal Metodista. Chegou em Hydesville, com a família, em 11 de dezembro de 1847.

Margareth Fox (Mãe)
Teve participação ativa no início dos fenômenos de Hydesville.

As Irmãs Fox

Hydesville – 1 de Março de 1848

A cabana de Hidesville – EUA



Florence Cook -1856 - 1904



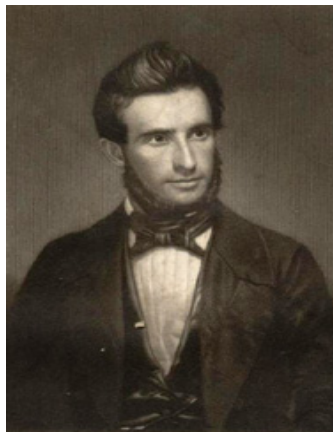
William Crookes – 1832-1919



Kate King materializada-1871-1874



Daniel D. Home 1833-1886



Andrew. J. Davis -1824 -1910



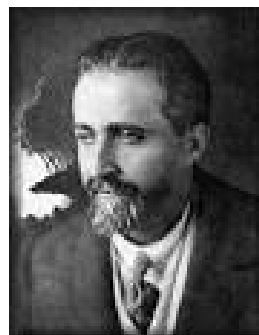
Edgard. Cayce – 1877- 1945



Mme d'Esperance
1855-1919



Eusápia Palladino
1854 -1918



Carmine Mirabelli
1889 -1941



Zé Arigó
1922- 1951

GALERIA DE VALOROSOS MÉDIUNS DO PASSADO

É preciso que a humanidade conheça os nomes dos primeiros pioneiros da obra, daqueles cuja abnegação e devotamento merecerão ser inscritos em seus anais. Allan Kardec

ALPHONSE CAHAGNET – PRECURSOR DO ESPIRITISMO – MESTRE DE KARDEC

Cahagnet nasceu em 1809 em Caen e faleceu em 1885 em Argenteil, na França. Embora descendente de uma família pobre e tendo trabalhado sucessivamente, para poder viver como relojoeiro, torneiro de cadeiras, caixeiro de comércio, fotógrafo, conseguiu, com sua poderosa força de vontade, seu dinamismo extraordinário e sua honestidade, adquirir posição de destaque, sendo respeitado e admirado por todos quantos com ele privaram, mesmo os inimigos. Além das citadas habilidades, Cahagnet desenvolveu mais uma que o tornaria célebre – a de magnetizador. Foi desse modo que manteve



relações com os entes do além túmulo. Anotando as palestras do maravilhoso intercâmbio com os espíritos, Cahagnet edificou a portentosa obra com cerca de mil páginas, que formaram o tomo I dos “Arcanos”. Na bela introdução desse monumental trabalho adverte o autor: “Sede prudente, não admitais nem rejeiteis nada sem um exame maduro; aquilo que não puderdes compreender, jamais digais que não é! Ao tomo I seguiram-se os tomos II e III.

Em 1848, Cahagnet reunia em Argenteuil um grupo de pessoas que havia testemunhado os fatos obtidos através da sonâmbula Adèle Maginot, e criou a primeira “Sociedade dos Magnetizadores Espiritualistas”, por sugestão do espírito Swedenborg. Três anos depois, essa sociedade continuou seus estudos sob a denominação de “Sociedade dos Estudantes Swedenborgianos”, aproximando-se mais tarde do Espiritismo codificado por Allan Kardec.

Sob os auspícios da “Sociedade” funda o jornal “O Magnetizador Espiritualista”, no qual são registrados todos os fatos maravilhosos das relações com o Além, obtidos por ele e pelos magnetistas de todo o mundo que o quisessem fazer. Seguiram-se ainda muitas outras obras de grande valor: 1850 – “Santuário do Espiritismo” – 1851 – “Tratamentos das Enfermidades”, obra que engloba um estudo das propriedades medicinais de 150 plantas que a extática Adèle Maginot transmitira em 1856 – “Revelações do Além-túmulo”, pelos espíritos de Galileu, Hipócrates, Franklin. As datas acima demonstram que a obra de Cahagnet antecedeu a de Kardec e sucedeu-o também, na luta pela verdade espírita, suportando sem desanimar os ataques infringidos à doutrina. “Tudo o que a ignorância, o fanatismo, a tolice reeditaram posteriormente contra Alphonse Cahagnet e nossa doutrina foi despejada sobre o pobre magnetizador” – diz Gabriel Delanne. Qual ocorreu com as obras de Kardec, as de Cahagnet também foram batizadas pelo fogo. A leitura dos Arcanos foi proibida em todos os países, por decisão da Igreja Católica. Cahagnet, porém, jamais esmoreceu. A 10 de abril de 1885, com 76 anos, desencarnava, em Argenteuil, o velho batalhador Cahagnet, a cujo enterro compareceu inúmeros amigos e espiritistas. Menino pobre, torneiro, relojoeiro, caixeiro, haveria de tornar-se, mercê da vontade, da inteligência e da perseverança, um erudito e profundo metafísico, merecedor do reconhecimento de sumidades científicas e literárias de todos os países e do respeito e eterna gratidão dos espíritos do mundo inteiro.

É preciso que a humanidade conheça os nomes dos primeiros pioneiros da obra, daqueles cuja abnegação e devotamento merecerão ser inscritos em seus anais. Allan Kardec

Quanto ao que sucedeu no hemisfério norte, a rejeição da revelação espírita e, por conseqüência, a da obra citada deveu-se a motivos facilmente perceptíveis levando-se em conta a conturbadíssima situação político-social então vigente nos países do hemisfério norte, envolto numa gravíssima conjuntura na qual, a população, cansada de ser por séculos violentada em seus anseios de igualdade, justiça e liberdade, procurou satisfazê-los, fazendo-o, porém, na Europa, de forma violenta e anárquica através da Revolução Francesa, o que levou Kardec, após frisar que o Espiritismo não é, como as existentes, uma religião constituída, sendo-o somente no sentido filosófico, a ater-se, no Evangelho segundo o Espiritismo, à parte moral, incontroversa, dos textos evangélicos.

A enorme oposição que, não obstante tal providência sofreu, dá-nos idéia quanto ao que sem dúvida sucederia se “Os Quatro Evangelhos” em que a parte religiosa é especificamente tratada, se tornasse, então, alvo de maior atenção. O movimento espírita após enorme expansão, provocada pelas “mesas girantes,” pouca aceitação recebeu depois, tanto na Europa, como na América do Norte, devido à forte oposição das seitas religiosas, ao positivismo materialista da ciência e ao ceticismo e indiferentismo reinantes, causadores do conturbado ambiente político-social, que se agravou em 1870, (um ano após a desencarnação de Kardec), pela derrota e invasão da França pela Prússia.

---oo0oo---

Vejamos o que, sobre essa importantíssima parte da História da Humanidade comentou o escritor espírita, José Lacerda de Azevedo (Porto Alegre-RGS, 1919-1997) na obra “Energia e Espírito”, que, com a devida vênua, apresentamos ao leitor:

“Realmente, no século passado os espíritos tomaram a iniciativa de acordar o Homem-carne para a realidade do Homem-espírito,” e obedecendo a um plano muito bem elaborado, estabeleceram contato em massa, por todos os meios possíveis, visando a esse desideratum.

Por mais de um século, as manifestações mais diversas se sucederam. Com exceções, os resultados foram decepcionantes. Os Espíritos logo encontraram pela frente a poderosa barreira dos dogmas e arraigados preconceitos religiosos, mormente quando, na velha Europa, a doutrina nova apontou para as interpretações de conceituação filosófico-religiosas obsoletas e ultrapassadas – há muito fora da realidade.

Era evidente que os arejados conceitos novos, que abriram horizontes insuspeitados aos verdadeiros estudiosos, teriam influência decisiva sobre os velhos dogmas cambaleantes, que fatalmente iriam cair por terra, deixando lugar para todo um processo científico-ético-religioso diferente e mais lógico, em vista da natural renovação que a Verdade impõe quando aparece objetivamente.

Ora, somando-se aos preconceitos, dogmas e interesses (inclusive econômicos) das castas sacerdotais e seus seguidores, surgiram os preconceitos científicos, não menos poderosos, – em estranha aliança, embora ateus e materialistas – visando abafar as idéias novas, que se encontravam à disposição de todos aqueles que desejassem investigá-las. Sem a assistência dos sacerdotes (agora não mais necessários) donos do Céu e pretensos representantes de Deus, ou de cientistas, igualmente proprietários da Ciência, os únicos habilitados, pela chancela das universidades, a manipular suas equações e penetrar em seus laboratórios, defrontaram-se, logo de início, com essas condições negativas humanas de alto porte, sofrendo os primeiros reveses.

A tudo isso, juntou-se o processo natural da absorção energética da matéria, criando condições quase intransponíveis para o estabelecimento definitivo dessas revelações entre os homens. Não fora, certamente, o valor pessoal desses Espíritos arautos da verdade e o auxílio efetivo do Alto e, provavelmente, as idéias novas teriam perecido imediatamente ao receberem a luz em nosso mundo.

Repetiu-se aí o que acontecera com o Evangelho, logo após a partida de Jesus, quando as Trevas caíram em cima dos ensinamentos novos, visando erradicá-los dentre os homens. Foi o primeiro confronto da doutrina que surgia de origem celestial, com as sombras espirituais que envolvem o Planeta. Na história do Cristianismo nascente, esse período foi caracterizado pelo aparecimento de Cismas, os quais, em grande número, tentaram mascarar os ensinamentos do Cristo, por meio de interpretações outras, com o objetivo de distorcer os ensinamentos.

Apesar de todos os empecilhos, Kardec conseguiu levar avante suas acuradas observações dos fenômenos inusitados, que, em volume avultado, se apresentava, tendo triunfado com a estruturação da nova Doutrina em bases objetivas. In “Energia e Espírito” – José Lacerda, Pág.18. (Disponível no Bvespírita, na Internet.)

---oo0oo---

O MOVIMENTO ESPÍRITA NO BRASIL



Chico Xavier atende repórteres no armazém

O hábito de ler e de estudar, a atividade intelectual enfim, que se expandiu enormemente nos últimos anos, era assaz inexpressiva em nosso país até a década dos anos 40 do século passado, sendo esta, uma das razões pelas quais a Codificação Kardequiana não é ainda satisfatoriamente conhecida pelos espíritas do Brasil, os mais animados satisfazendo-se com O Evangelho segundo o Espiritismo e O Livro dos Espíritos, a grande maioria dando ainda, preferência à leitura de novelas, poesias e as interessantes e instrutivas obras mediúnicas recebidas desde 1912, pela médium Zilda Gama.

A partir de 1932, com o magnífico Parnaso de Além-túmulo recebido por Francisco Xavier e logo depois, por um grande número de médiuns de ambos os sexos foi dada de forma sumamente exitosa, seqüência à obra iniciada pelo Codificador e continuada em nosso país sob a eficiente batuta do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900) que conseguiu com

grande fé e tenacidade, eficiência e valor, conciliar e congregar sob a bandeira da Unificação a maioria das entidades espíritas nascentes no país.

Imensa luz é projetada sobre a embaraçosa conjuntura que se verificou nos primórdios do Movimento Espírita, pelos esclarecimentos dados por Divaldo Franco, digno complementador da obra de Chico Xavier, numa entrevista divulgada pelo site da Associação Lar Espírita José de Anchieta, de Aracati-Ce:

ENTREVISTA COM DIVALDO PEREIRA FRANCO 1

2 milhões de Espíritos Franceses Reencarnaram no Brasil

- Divaldo, Deus te abençoe. É tão difícil entender que no Brasil, sendo a “Pátria do Evangelho”, ainda existam tantas pessoas que não amam o próximo. Por quê?

- Porque não são Espíritos do Brasil. Vêm de outras pátrias, de outras raças. Não são almas brasileiras. Vêm para cá, porque, se ficassem nos seus países de origem, os sentimentos de rancor e ressentimentos torná-los-iam mais desventurados.

Após a Revolução Francesa de 1789, 1 quando a França se libertou da Casa de Bourbon, os grandes filósofos da libertação sonharam com os direitos do homem, direitos que foram inscritos nos códigos de justiça em 1791 e que, até hoje, ainda não são respeitados, embora em 1947, no mês de dezembro, a ONU voltasse a reconhecê-los. Depois daquele movimento libertário, o que aconteceu com os franceses? Os dois partidos engalfinharam-se nas paixões sórdidas e políticas e como consequência, os grandes filósofos cederam lugar aos grandes fanáticos, e a França experimentou os dias de terror, quando a guilhotina, arma criada por José Guillotin, chegava a matar mais de mil pessoas por dia. Esses Espíritos saíam desesperados do corpo e ficavam na psicofera da França buscando vingança.

Começa o século XIX e é programada a chegada de Allan Kardec. O grande missionário vai reencarnar na França, porque a mensagem de que é portador deverá enfrentar o cepticismo das Academias na Cidade-Luz da Europa e do mundo e, naquele momento, Cristo havia designado que o Espiritismo nasceria na França, mas seria transplantado para um país onde não houvesse carmas coletivos, e esse país, por enquanto, seria o Brasil. São Luis, o guia espiritual da França, cedeu que a terra gaulesa recebesse Allan Kardec, mas “negociou” com Ismael, o guia espiritual do Brasil: “Já que a mensagem de libertação vai ser levada para a Terra do Cruzeiro, a França pede que muitos Espíritos atribulados da Revolução reencarnem no Brasil, pois, se reencarnarem aqui impedirão o processo da paz”. E dois milhões de franceses vieram reencarnar no Brasil, para que, quando chegasse a mensagem espírita, culturalmente se identificassem com o chamado método cartesiano de Allan Kardec. (sem grifos).

Naturalmente, esses Espíritos eram atribulados, perturbados, com ressentimentos, com mágoas. Se nós considerarmos que os Espíritos brasileiros são os índios, que a maioria de nós é constituída por Espíritos comprometidos na Eurásia, e que estamos aqui de passagem, longe dos fenômenos cármicos para nos depurarmos, compreenderemos porque muitos brasileiros do momento ainda não amam esta grande nação. É o primeiro sentimento que têm quando, ao invés de investir em fortunas, honesta ou desonestamente amealhadas no solo brasileiro, eles as mandam para os países estrangeiros. Não confiam no Brasil, porque são “de lá”. Mandam para lá porque, morrendo aqui, o dinheiro fica lá para poderem “pagar” o carma negativo que lá deixaram. Os chamados “paraísos fiscais” são também lugares de alguns de nós que aqui nos encontramos, mas apesar de ainda não termos o sentimento do amor, já temos alguma luz.

Viajando pelo mundo, onde tenho encontrado brasileiros espíritas, descubro uma célula espírita. Começa-se com um estudo do Evangelho no lar, depois se chama os amigos, os vizinhos, forma-se um grupo e, hoje, na Europa. 90% dos grupos espíritas são criados por brasileiros. Com exceção de Portugal. Espanha e um pouquinho da França, o movimento é todo de brasileiros e latinos acendendo as labaredas do Evangelho de Jesus. Não há pouco tempo, brasileiros na Holanda encontraram as obras de Kardec traduzidas para o holandês, brasileiros na Suíça revisaram O Evangelho segundo o Espiritismo e se está tentando publicar as obras de Kardec, agora em alemão. Brasileiros na América do Norte retraduziram O Livro dos Espíritos e O Evangelho segundo o Espiritismo, que o foi por um protestante, que substituiu a palavra reencarnação por ressurreição. Brasileiros em Londres, com alguns ingleses, já formam oito grupos espíritas e seria fastidioso se fosse enumerando na Ásia, na África... Certa feita recebi um telefonema de uma cidade asiática. Tratava-se de uma consulesa do Brasil que me dizia o seguinte: “Eu estou no outro lado do mundo, sou espírita, tenho três filhos rapazes – um de 10, um de 14 e outro de 18 anos. Tenho-lhes ensinado o Espiritismo, mas o meu filho mais velho está na Universidade e me faz perguntas muito embaraçosas; aqui eu não tenho acesso a maiores instruções. Queria convidá-lo a vir aqui dar umas aulas de Espiritismo ao meu filho. Você viria?”

Eu respondi-lhe: - Sim, senhora, com a condição de conseguir-se espaço para eu falar em auditório público sobre o Espiritismo: - O marido era o representante dos negócios do Brasil no país. – Se a senhora aceitar a condição, ficaria alguns dias para debater com os seus meninos. Como não falo inglês, seu filho será o meu intérprete.

E assim, fiz a longa viagem de 36 horas com escalas e lá, naturalmente, ela me disse: “Mas, Divaldo, onde vamos ter esse encontro?” Eu lhe respondi: “Tive uma entrevista com o Baghavan Swami Sai Baba, e sei que essa é uma cidade em que há um grande movimento Babista e, se a senhora conseguir um grupo Sai Baba eu me prontifico a fazer uma conferência ali”.

Encontramos o representante de Sai Baba para a Ásia e ele ficou muito feliz porque Swami havia-me recebido. Ele reuniu mil pessoas para que eu falasse sobre o Espiritismo. Fiquei até com pena dele! E pensei: “Vou arrastar toda a turma de Sai Baba para o Sr. Allan Kardec” (risos...). Então, fiz a palestra, falei sobre Allan Kardec, sobre as comunicações, ele ficou tão sensibilizado, que me perguntou se eu teria coragem de ir a Cingapura para fazer a mesma coisa. Eu lhe respondi: - O senhor me mandando até o CingaInferno eu irei para falar sobre o Espiritismo. Fui a Cingapura e fiz uma viagem pela Ásia e, onde havia brasileiros, lá estavam eles...

A missão do Brasil, “Pátria do Evangelho e Coração do Mundo” não é a de sermos todos ricos, maravilhosamente ricos; é a de sermos maravilhosamente espiritualizados, sem nenhum demérito para os outros países, que são todos amados por Deus e por Jesus em igualdade de condição. Aqui entra o nacionalismo, para ver se a gente ama um pouquinho mais este país que está passando uma fase de grande desprestígio. Deus só tem ajudado no Tênis! Que Ele tenha compaixão de nós e nos ajude também no Futebol e noutra coisa qualquer! (risos...).

Nós somos as cartas vivas do Evangelho. Jesus escreveu em nossa alma a Sua mensagem. Onde quer que vamos, que brilhe a nossa luz; mas, para que ela brilhe, é necessário que a acendamos, e o combustível dessa luz é a fraternidade. Assim, todos saberão que estamos ligados a Ele, graças à presença dos bons Espíritos, que aqui estão conosco, e sempre se encontram a qualquer hora. Como disse Kardec, com muita propriedade, todos têm seu Guia espiritual que os inspira; dessa forma, todos são médiuns, estão sintonizados com esses.

Extraído do livro: APRENDENDO COM DIVALDO. Entrevistas / Divaldo P. Franco: Postado por Associação Lar Espírita José de Anchieta. Pág. 62-74- <http://www.aracatiemfoco.com.br/> - Ceará

(1) – Vide na pág. 38 – Trecho de “O Espiritismo em movimento – Rodrigo Félix da Cruz”,

---oo0oo---

Sobremaneira fácil perceber quão verossímil é o que acima afirmou Divaldo, em perfeita consonância com os fatos político-sociais desenrolados a partir do início do século XIX, na França e em nosso país, dentro e fora do Movimento Espírita. Escritores e poetas fecundos e de alta e nobre inspiração, estadistas e militares, inventores e empreendedores audazes, filósofos e médicos sanitaristas, economistas, desbravadores do território pátrio, arquitetos, educadores e pioneiros, da arte e da cultura em geral, cujos nomes, devido ao grande número, seria, – é pena – fastidioso citar aqui.

Se levarmos em conta o que aconteceu naqueles países e tentarmos identificar o fator que deles nos diferencia, veremos que além de sua diferente formação étnica, é enorme o desnível cultural existente entre eles e nós. O hábito de ler e de estudar, a atividade intelectual enfim, como dissemos acima, tem sido realmente inexpressiva em nosso país, sendo esta a razão pela qual, não só a Codificação Kardequiana, mas também as importantíssimas obras complementares antigas e recentes não são ainda satisfatoriamente conhecidas pelos espíritas do Brasil, embora os ingentes, reiterados esforços de numerosas entidades espíritas do país, congregadas pelo CFN, o Conselho Federativo Nacional.

Na introdução do artigo “Os Grandes Pioneiros”, editado pelo tablóide “O Seareiro”, do Núcleo de Estudos Espíritas “Amor e Esperança” de Diadema – SP, no qual focaliza Bittencourt Sampaio, a articulista Eloísa tece o seguinte comentário:

“Para podermos entender a preocupação do Plano Espiritual com a evolução da Terra e a planificação do Alto, muitos foram os livros de mensagens que nos surgiram às mãos, através da mediunidade”. Dos pioneiros que reencarnaram com missões, em todos os campos de atividades, veio a Doutrina Espírita que, além de nos trazer o Consolador prometido por Jesus, mostrou-se em três aspectos diferentes: científico, filosófico e religioso. Levantada esta questão para Emmanuel, qual desses aspectos o Espiritismo apontaria como o maior, ele nos dá a resposta como sendo a “Doutrina Espírita um triângulo de forças espirituais” (livro “O Consolador”).

“Ele ainda explica que a ciência e a filosofia se ligam à Terra num nobre princípio das investigações humanas, visando o aperfeiçoamento da Humanidade. Mas no aspecto religioso é que se encontra a grandeza divina, por trazer “A restauração do Evangelho de Jesus Cristo”, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para o seu imenso futuro espiritual.” A Doutrina Espírita também trouxe para a Terra, através da arte, médiuns que transmitiram os mais elevados sentimentos espirituais, na formação de ideais para a conduta humana. A pintura, a música, a poesia e a prosa, mediunicamente vindos do Além, abrem caminhos para se chegar a Deus, de uma forma harmônica de paz e de sabedoria. Muitos foram os espíritos convocados por Jesus para reencarnarem com esses propósitos científicos, literários e filosóficos. Um desses sublimes emissários é lembrado pelo Site da Casa Recuperadora e Benefícios Bezerra de Menezes, do Rio de Janeiro:

Tão longe de mim distante, Onde irá, onde irá teu pensamento!... Quisera saber agora onde irá, onde irá teu pensamento. Quem ouve os primeiros acordes e versos da modinha “Quem Sabe”, de Carlos Gomes, impressionando-se com a sua beleza e a espiritualidade de sua poesia, está na verdade reverenciando também o trabalho de um dos maiores vultos do Espiritismo de todos os tempos: Francisco Leite de Bittencourt Sampaio. Apreciemos de sua lavra o soneto em que, no Parnaso de Além-túmulo, o primeiro livro recebido por Chico Xavier, Bittencourt Sampaio, o famoso poeta brasileiro, autor de inspirados livros espíritas antes e após sua desencarnação, eleva sua comovente súplica

À Virgem

Do teu trono de róseas alvoradas,
Estende, mãe bendita, as mãos radiosas,
Sobre a angústia das sendas escabrosas
Onde choram as mães atormentadas.
Mãe de todas as mães infortunadas
Com tua alma de lírios e de rosas,
Mitiga a dor das almas desditosas
Entre as sombras de miseráveis estradas.
Anjo consolador dos desterrados,
Conforta os corações encarcerados
Nas algemas do mundo amargo e aflito.
Ao teu olhar, as lágrimas da guerra
E os quadros de amargor, que andam na Terra,
São caminhos de luz para o Infinito.



Bittencourt Sampaio
1834-1895

Vide na Internet: Poesias de Bittencourt Sampaio e B. Sampaio – (www.thesaurus.com.br)

---oo0oo---

A UNIFICAÇÃO E O PACTO ÁUREO *

“Solidários, seremos união. Separados uns dos outros seremos pontos de vista. Juntos, alcançaremos a realização de nossos propósitos.” Bezerra de Menezes

Desde o seu início, no final do século XIX fatos de grande importância se verificaram no desenvolvimento das atividades do movimento espírita no país. Após um grande número de congressos e reuniões de dirigentes por todo o país criou-se o ambiente para a concretização do chamado Pacto Áureo, um acordo celebrado entre a Federação Espírita Brasileira (FEB) e representantes de várias Federações e Uniões de âmbito estadual, visando unificar o movimento espírita a nível nacional. Foi assinado na sede FEB, na cidade do Rio de Janeiro, a 5 de outubro de 1949. A expressão é atribuída a Artur Lins de Vasconcelos, um de seus signatários à época, o qual financiou a “Caravana da Fraternidade” idealizada e realizada sob a inspiração e o entusiasmo de Leopoldo Machado e integrada por oradores de vários estados.

Em consequência, em 1º de Janeiro do ano seguinte (1950), foi instituído o Conselho Federativo Nacional da FEB (CFN), com a posse dos seus onze membros pelo presidente da FEB. Em 8 de março desse mesmo ano, o CFN lançou a Proclamação aos Espíritas. Desde então, o CFN exerce a função de dirimir dúvidas, orientando o movimento Espírita e recomendando normas e diretrizes para os Centros Espíritas. A assinatura do Pacto Áureo em 1949 foi a base para um entendimento entre as instituições espíritas no país, possibilitando uma nova fase de difusão da Doutrina Espírita, viabilizando a convivência entre as mesmas sem prejuízo da liberdade de pensamento e da ação individuais. Através de mensagens transmitidas por Chico Xavier na Comunhão Espírita Cristã de Uberaba e Divaldo Franco na FEB do Rio de Janeiro, em 1963, 1975, 1995, constantes do opúsculo “O Trabalho de Unificação do Movimento Espírita”, disponibilizado na Internet pelo CFN da FEB, Bezerra de Menezes, o “Allan Kardec brasileiro” demonstra esse seu constante empenho.

Vejam alguns trechos da mensagem psicofônica que ditou ao médium Divaldo Pereira Franco, no encerramento da Reunião Ordinária do Conselho Federativo Nacional, realizado em Brasília (DF), na manhã de 10 de novembro de 2013, da qual pinçamos os trechos mais significativos: “Tende-vos preocupado com as diretrizes de segurança para o futuro do nosso Movimento e em agir com sabedoria sob a inspiração superior”. “Se abraçamos o Espiritismo por ideal cristão, não lhe podemos negar fidelidade”.

“O legado da tolerância não se consubstancia na omissão da advertência verbal diante às enxertias conceituais e práticas anômalas, que alguns companheiros intentam impor no seio do movimento espírita. Para os mais estouvados, a pureza doutrinária é a defesa intransigente dos postulados espíritas, sem maior observância das normas evangélicas; para outros não menos afoitos, é a rígida igualdade de tipos de comportamentos, sem a devida consideração aos níveis diferenciados de evolução em que estagiam as pessoas”.

“Sabemos que o excesso de rigor na defesa doutrinária pode levar a graves erros, se enredarmos pelas trilhas de extremismos injustificáveis, posto que redundarão em divisão inaceitável, em face dos impositivos da fraternidade. É óbvio que não podemos converter defesa da pureza kardequiana em cristalizada padronização de práticas que podem obstar a criatividade espontânea diante da liberdade de ação”.

Quanto às enxertias conceituais e práticas anômalas, que alguns companheiros intentam impor no seio do movimento espírita a que se referiu acima Bezerra de Menezes, vejamos o que, sobre tão importantíssimo tema elucidou André Luiz nas

páginas 20 a 21 do seu recente livro *Evolução e Vida*, psicografado pelo médium Vagner Gomes da Paixão, acessível no Bvespírita: – “Até hoje, lutam os Benfeitores da Humanidade por libertar as consciências reencarnadas dos signos místicos ou míticos que as impregnam, condicionando-lhes as mentes à obediência cega a fórmulas e preceitos mágicos no plano das religiões”.

“Daí, a dificuldade tremenda de absorção, por parte da criatura no mundo, daquele conteúdo de Sabedoria e Amor que está contido nas letras do Evangelho Cristão – a fórmula mais pura e efetiva de liberar e redimir os corações, incorporado, desde a segunda metade do século XIX, pela Doutrina Espírita que o reapresenta à Terra, sublime e imortal como chegou ao Orbe. A tarefa da Verdade que o Espiritismo cumpre, mesmo sob a mira dos dragões da impiedade que dominam por signos negros e materializantes a Terra que o Senhor criou para nossa evolução, representa o derradeiro investimento do Pai a nosso favor, por eficiente e definitivo, acordando-nos da hipnose conveniente, para os exercícios do amor que nos infunde lucidez, autonomia e paz”.

É sobre esse tema que, com clareza e profundidade, discorre Luciano dos Anjos no artigo “Pactos, sínteses e utopias” publicado na revista *Reformador* de Março de 1960, pág. 61/62 cujo trecho final, com a devida vênia, transcrevemos: “Em termos de conteúdo, de substância, tenho para mim que o Espiritismo é síntese derradeira na sua mais bela evolução hegeliana. E, em padrões de forma, de método, de programa, o Pacto Áureo é síntese na sua mais alta expressão de entendimento humano. Haja vista os frutos que já ofereceu nesses longos anos de aplicação e que dão a medida justa da sua eficácia.

Quanto às querelas sobre união e unificação, as mais modernas técnicas de coexistência têm demonstrado sobejamente que a unificação deve vir sempre na frente da união. Assim pensam, por exemplo todos os países membros da ONU. O inverso é utopia que não conseguiria resistir ao mais simples argumento, muito menos ao rigor da experiência. O que é pior: utopia anticientífica e dialeticamente absurda. Afinal são 18 anos de verdadeira confraternização, do que se conclui que FINIS CORONAT OPUS.”

São atualmente 65 anos de mãos dadas e mentes e corações vibrando sob a inspiração de Jesus, se estreitam os laços de amor entre as entidades estaduais e instituições espíritas por todo o país”. Vejam na Internet, no Portal do Espírito e/ou na revista *Reformador* da FEB, os n.º.s 2047, anos 117, de Out.1999, e 127, de Out. de 2009, edições dedicadas ao Aniversário do Pacto Áureo.

Diz-nos o Codificador (“Obras Póstumas”, 22ª. Ed. FEB, pág. 331): “Os que nenhuma autoridade admitem não compreendem os verdadeiros interesses da Doutrina. Se alguns pensam poder dispensar toda direção, a maioria, os que não se crêem infalíveis e não depositam confiança absoluta em suas próprias luzes, se sentem necessitados de um ponto de apoio, de um guia, ainda que apenas para ajudá-los a caminhar com segurança.”

(*) – Vide na segunda parte, o item 6, p 224 – Carta de Guillon, o item 12 p 229 – Com Jesus e Kardec devemos fugir das divergências extemporâneas – Jorge Hessen e Pacto Áureo, item 75, p 343.

---oo0oo---

REVISTA “REFORMADOR” – UM MANANCIAL DE PAZ E AMOR – Jorge Luiz Hessen *

Fundada em 21/1/1883 por Augusto Elias da Silva, a revista “Reformador” foi um dos mais audaciosos empreendimentos de publicação espírita no Brasil. Isto porque, fundar e conservar um órgão de propaganda espírita, na Corte do Brasil era, naquele período, para entibiar o ânimo dos espíritas mais resolutos. Uma vez que dos púlpitos brasileiros, principalmente dos da Capital, choviam anátemas sobre os espíritas, os novos hereges que cumpria abater. Escreveu Augusto Elias: “Abre caminho, saudando os homens do presente que também o foram do passado e ainda hão de ser os do futuro, mais um batalhador da paz: o “Reformador”. Com essas palavras inaugurais apresentava-se, ao mundo o novo órgão da divulgação espírita. O artigo de fundo do primeiro número traçava as diretrizes de paz e progresso pelos quais se nortearia o órgão evolucionista da imprensa espírita, definindo ainda os relevantes objetivos que tinha em vista alcançar. Apresentou-se, portanto, o “Reformador” como mais um semeador da paz, apetrechado da tolerância e da fraternidade, desfraldando a bandeira do paradigma Ismaelino: Deus, Cristo e Caridade.

Até 1888 a redação do periódico funcionou (num atellier) na residência de Augusto Elias da Silva. Era um jornal quinzenal de quatro páginas e estima-se que sua tiragem inicial era de aproximadamente 300 exemplares, contando com cerca de uma centena de assinantes. A partir de 1902 passou ao formato de revista, inicialmente com 20 páginas e periodicidade bimensal.

Na década de 30 passou a ser mensal, e o número de páginas aumentou gradativamente, até as atuais 40 páginas. Em 1939, a FEB adquiriu e instalou as máquinas impressoras próprias, nas dependências dos fundos do prédio da Avenida Passos. Foi uma decisiva empreitada, um novo alento na trajetória do difusor doutrinário na “Pátria do Evangelho”. Graças a essa providência, as edições e reedições de livros espíritas começaram sua grande expansão. Com a instalação do Departamento Editorial, em 1948, em amplo edifício especialmente construído em São Cristóvão/Rio de Janeiro, a “Casa de Ismael” deu sólida estrutura a todo seu complexo editorial. (1) Nos anos 70 a FEB iniciou as impressões de *Reformador* com as capas coloridas, substituindo inclusive o logotipo e desenho e a Revista tomou novo aspecto gráfico, com excelente recepção.



Edifício frontal – Sede da FEB – Brasília



Colméia – Edifício base da FEB – Brasília



Cenáculo da FEB em Brasília, em Brasília



A famosa “Caravana da Fraternidade” -1950

Na sua extraordinária trajetória “Reformador” esteve intemorato ao lado de causas justas, como a abolição da escravatura e a tolerância religiosa, preservando até hoje o caráter genuinamente espírita e cristão da revista, que se tornou um dos veículos principais do desenvolvimento da doutrina espírita no mundo. A propósito, “a obra da Federação Espírita Brasileira, que se molda no espírito da Codificação Kardequiana e no Evangelho de Jesus, tem-se refletido no movimento espiritista de vários países da Europa, das Américas, da Ásia e da África, ensejando contatos fraternos de expressiva importância no que diz respeito às finalidades primaciais do Espiritismo”. (2)

No transcorrer das décadas que se seguiram à sua fundação, duas guerras mundiais estremeceram as estruturas da Terra e diversas convulsões sociais desestabilizaram nosso País. Nesse contexto histórico, irrompiam em diversos países os totalitarismos bolchevistas, fascistas, nazi-fascistas. Irrompe-se a filosofia, o movimento existencialista e a licenciocidade, porém sem amargar os ressaibos amargos dos estrugidos da violência, “Reformador” disseminava através de suas páginas, como manancial de esperança, preciosos estudos e oportunos comentários sobre a Boa Nova do Cristo e a Codificação Espírita de Allan Kardec, estimulando os esforços mais nobres dos espíritos bem-intencionados, no rumo da confraternização e da paz mundial...

“Reformador” continuou sempre a singrar, com equilíbrio sereno e inabalável, o agitado oceano das idéias em conflito, repetindo, mês a mês, com imperturbável segurança, a mensagem da verdade e do perdão, do trabalho, da solidariedade e da tolerância, em nome da Terceira Revelação.

Hoje é o decano da imprensa espiritista em nosso território e um dos mais antigos do Mundo, entre os similares. Conforme consignam os Anais da Biblioteca Nacional (Vol. 85) o “Reformador” é um dos quatro periódicos surgidos no Rio de Janeiro, de 1808 a 1889, que sobreviveram até os dias atuais. São eles, a saber, pela ordem: “Jornal do Commercio” (1827); “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” (1839); “Diário Oficial” (1862); “Reformador” (1883). (3) Excetuando-se o “Diário Oficial”, “Reformador” é o único que nunca teve interrompida sua publicação. Conservando as diretrizes que lhe foram assentadas desde sua fundação, jamais divergiu do programa de estudar, difundir e propagar o Espiritismo sob o seu tríplice aspecto (científico-filosófico-religioso), e, se deu maior importância à face moral e religiosa

da Doutrina, não desconheceu, entretanto, e não desconhece o justo e real valor da experimentação científica e das reflexões.

“A trajetória secular do Reformador virtualmente se confunde com a própria história da Casa de Ismael” (4) da qual é o porta-voz e a representação do seu pensamento. Todos os espiritistas conhecem sobejamente a orientação editorial do órgão febiano. Servindo de mensageiro da Federação Espírita Brasileira, expressa seu pensamento e suas diretrizes. Está permanentemente a serviço do Evangelho de Jesus, à luz da Doutrina Espírita, e isto diz tudo. Sempre esteve na estacada, em defesa do Movimento Espírita, das Instituições Espíritas, dos espíritas, contra os ataques, as perseguições e os preconceitos de qualquer ordem ou procedência. Nessa linha de coerência, tem expressado sempre a coragem serena dos que pugnam pela prevalência da verdade, da justiça e da fraternidade entre os homens. “Como se expressava o Codificador, a unidade da Doutrina é a fortaleza ante a qual as dissidências se fundirão e os sofismas quebrar-se-ão ante princípios sustentados pela razão”. (5) Para a consubstanciação desse projeto, “há mais de um século “Reformador” vem doutrinando e consolando as massas brasileiras, principalmente, na proposta eficaz da transformação dos preconceitos arraigados e de idéias que estorvam a evolução espiritual”. (6) Nesse sentido Emmanuel se expressa “Para que todos sejam um”. (7)

A rigor, a Unificação é um processo lento, de amadurecimento, que caminha no sentido de estimular a vivência de participação, de intercâmbio e de respeito entre as instituições espíritas, considerando suas diversidades de condições, respeitando-se a autonomia administrativa que dispõem. (8)

Para alguns confrades a FEB difunde demasiadamente (via “Reformador”) o aspecto religioso da doutrina, motivo pelo qual, nutrem certa ojeriza bastante estranha frente a tudo que tenha laços com a religião. Várias instituições laicas vêm tentando ingerir-se no Movimento Espírita brasileiro. Companheiros que afirmam não ser o Espiritismo o Consolador Prometido, pois Espiritismo e Cristianismo seriam duas doutrinas distintas. (sic) Negam a adjetivação cristã ao Espiritismo. Nesse vórtice confuso não admitem submissão a qualquer poder constituído; as regras para o espírito anarquista são atropelos para o livre - pensar, por isso, usando a liberdade como bandeira de suas teses estranhas são convictos de suas “sapiências” e julgam que suas idéias são a expressão da verdade.

No que reporta à intransferível tarefa institucional da FEB ressaltamos as instruções de Allan Kardec, quando trata da organização do Movimento Espírita. O mestre lionês demonstra não só a necessidade do órgão diretivo, mas como deveria funcionar. Por forte razão, deixar a Doutrina Espírita solta à volúpia insuperável das interpretações pessoais pode transformar o Movimento Espírita numa confusão sem precedentes. Quem não entende a necessidade de uma instituição unificadora torna-se partidário do que se chama movimento “anárquico-libertário” (?!). E não são poucos os remanescentes de tais arroubos progressistas formando escolas de um “Espiritismo à moda” sob os frágeis pilares das “meias verdades”.

Com o objetivo de alcançar harmonioso relacionamento com os centros espíritas adesos, a FEB e o “Reformador” materializam o compromisso junto às federativas estaduais [sintonizadas com a FEB] de evitar a dispersão sistemática e generalizada, em caminho de desintegração, por força de interferências estranhas. Até porque a unidade doutrinária foi a única e derradeira divisa de Allan Kardec, por ser a fortaleza inexpugnável da Doutrina Espírita. Ao lembrar, pois, a importância da revista “Reformador”, dentro da conjuntura atual do Movimento Espírita Mundial, recomendamos a todos sua leitura, como fonte de paz e amor e poderoso antídoto contra os venenos das discórdias e desuniões.

FONTES

(1) - Jorge Luiz Hessen é natural do Rio de Janeiro, nascido em 18/08/1951. É Servidor Público Federal lotado no INMETRO de Brasília; Formação acadêmica: Licenciado em Estudos Sociais e Bacharel em História, Escritor, Jornalista e articulista com vários artigos publicados na Revista O Médiun, de Juiz de Fora, Reformador da FEB, O Espírita de Brasília, Jornal da Federação de Mato Grosso e do Jornal da Federação do DF. Artigo gentilmente oferecido para publicação no site do Instituto Espírita Bатуira de Saúde Mental

Departamento Editorial e Gráfico funciona em prédio próprio, à Rua Souza Valente nº. 17, no Rio de Janeiro (RJ), e já publicou cerca de 6.000.000 de exemplares das obras de Allan Kardec e mais de 12.600.000 de outras obras espíritas, entre as quais se incluem, com mais de 8.300.000 de exemplares, os livros mediúnicos recebidos por F. C. Xavier. Algumas dezenas de obras didáticas e doutrinárias foram editadas em Esperanto pela Federação Espírita Brasileira, que desde 1909 propaga a Língua Neutra Internacional nos meios espíritas e até mesmo no seio de coletividades leigas. - 2- Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita Baseado em Publicação da FEB. - 3- Juvanir Borges de Souza In Reformador Janeiro de 2003 - 4-“Reformador”: Porta-voz da espiritualidade superior” - artigo de Francisco Thiesen In “Reformador” de 10/1972. - 5- Juvanir B. de Souza, artigo Allan Kardec e a Unificação, disponível em acessado em 21/11/2005. - 6- Frase extraída do capítulo sobre Augusto Elias da Silva de Grandes Espíritas do Brasil, 2ª. L., revista e corrigida, Rio, FEB, 1969. - 7- (João, 17: 22). -

8- O Espiritismo é uma questão de fundo; prender-se à forma seria puerilidade indigna da grandeza do assunto. Daí vem que os centros que se acharem penetrados do verdadeiro espírito do Espiritismo deverão estender as mãos uns aos outros, fraternalmente, e unir-se para combater os inimigos comuns: a incredulidade e o fanatismo. (In Obras Póstumas - Constituição do Espiritismo).



Yvonne Pereira-1906-1971



Divaldo P. Franco -1929



H. Sant'Anna-1925-2001

* * *



Frederico Silva-1848-1914



E. Barsanulfo -1880-1918



Zilda Gama-1878-1969

GALERIA DE CONSAGRADOS MÉDIUNS D O PASSADO

É preciso que a humanidade conheça os nomes dos primeiros pioneiros da obra, daqueles cuja abnegação e devotamento merecerão ser inscritos em seus anais. Allan Kardec

MATERIALISMO X ESPIRITUALISMO

FAROL DA NOVA ERA “O homem conquistou o poder fora de si, o domínio da terra. Agora tem que conquistar o poder dentro de si, o domínio do espírito.” “A descoberta da realidade do espírito é a maior descoberta científica que vos aguarda e revolucionará o mundo, iniciando uma nova era”. Sua Voz/Jesus – in A Grande Síntese.1936

O Espiritismo é o mais terrível antagonista do materialismo. Não é, pois, de admirar que tenha por adversários os materialistas. S. Agostinho. (O Livro dos Espíritos – Conclusão – II).

Apresentaremos a seguir, sobre esse importantíssimo tema, vários artigos que primam por sua eloquência e objetividade:
1 – Os mortos de que Jesus falava (Mateus, 5, 22) são os que vivem exclusivamente para o corpo e não pelo Espírito e para o Espírito; são aqueles que para quem o corpo é tudo e o Espírito nada. Aqueles que, tendo ouvidos para ouvir e compreender, não ouvem nem compreendem, que são incapazes de ouvir e compreender, que têm olhos para ver e não vêem, que são incapazes de ver. Abandonai, pois, os mortos. Que os mortos pelo Espírito e para o Espírito, vivos para o corpo, aos quais falecem outras consolações, se agarrem a esses amontoados de podridões. Deixai-lhos. **Deixai que enterrem seus mortos.** Abandonai-lhes esses mortos e ide vós pregar a vida eterna. Consolai, amparai, exortai os homens e fazei-os entrar nas veredas **da vida**, onde tudo é perfume e luz. Vol. 2 pág. 101 “Os Quatro Evangelhos” Coordenação: J. B. Roustaing. 3º. Ed. FEB-1942 – A ênfase fundamental, ao explicarem-se os males da sociedade, recai no materialismo, pois esse fundamenta as doutrinas políticas que são assim homogêneas pelo caráter perverso do apego material. Nesse caso, os homens, por estarem presos à visão limitada do materialismo, preocupam-se mais com “a defesa da ordem material do que moral”: lutam pelos bens materiais e delícias efêmeras e, baseando-se em teorias adotadas pelas velhas doutrinas políticas e religiosas, cada um quer diminuir o outro para salientar-se, e dessa competição nascem o fingimento, o despeito, a inveja, as intrigas, as traições, os ódios, os crimes, uma série de barbarismo que têm sido os fatores que conduzem às guerras. [...] os legisladores e dirigentes dos povos, afastando-se desses dons espirituais e das leis paternas,

têm-se limitado a estabelecer regimens que lhes possam proporcionar as grandezas de ordem material!... Por causa desse egoísmo cruel e desumano, vivem inquietos todos os povos, a clamar contra os infortúnios e as misérias, por efeito das injustiças sociais. (Revista Reencarnação, 11-1940, p. 4-6).

*

Da Física Quântica à Espiritualidade – A Morte da Matéria e do Materialismo – Gilson Freire

O primeiro grande feito da física quântica, com importante respaldo na moderna visão de mundo, foi a destituição da matéria como substrato último da complexidade universal. As conclusões, evidenciadas nas fórmulas de Erwin Schrödinger, demonstraram que a matéria não pode ser decomposta em partículas fixas e fundamentais. Sua base final é um processo dinâmico, destituído de forma ou qualquer vestidura material.

Sua segunda proeza foi concluir que partícula e onda são fenômenos de mesma natureza, distinguindo-se não pela essência, mas por momentânea forma de se manifestarem. Um substrato incompreensível e imponderável revela-se capaz de se apresentar como massa ou energia, em obediência às exigências do meio em que se mostram, ou mesmo, à simples resposta aos nossos instrumentos de aferição. Como consequência dessas primeiras evidências, a realidade concreta desvaneceu-se aos olhos da magia quântica. O universo físico não pôde mais ser explicado pela matéria e suas propriedades, pois esta não tem existência real e independente. Tudo que existe tornou-se expressão de eventos imateriais, destituídos de qualquer concretude.

A matéria, agora feita de ilusões, desaparece como o último estofado do universo físico. E com a morte desta, sucumbe também o materialismo que conduziu o pensamento humano nos três últimos séculos. Um intrigante campo de eventos, que entretém tanto a energia quanto a matéria, é agora o último sustentáculo da realidade.

Um Reino Além da Matéria

Além de desfazer-se da matéria como último alicerce da realidade, a ciência quântica deparou-se, nos entremeios do infinitamente pequeno, com uma diferenciada região de eventos, na qual não se delineiam o tempo e o espaço. Chamado de não-localidade, demonstrava-se à inteligência humana a existência de um domínio por onde trafegam informações que não consomem tempo para caminhar e que não percorrem distância alguma entre seus intervalos. São verdadeiros saltos, chamados quânticos, por sobre o espaço e à revelia do tempo.

Estava aberto para a inteligência humana o reino do absurdo: processos que ludibriam os parâmetros euclidianos, brincando com as imposições das dimensões macroscópicas. Nesse estranho domínio, realizam-se proezas inimagináveis, como trocas de informações instantâneas, interligações que ignoram as distâncias, partículas que ocupam dois lugares ao mesmo tempo e que podem surgir momentaneamente desse “não-lugar” para nele tornarem a desaparecer misteriosamente. Ou seja, a não-localidade, embora feita do mais absoluto vazio físico, está plena de potencialidades que não se sabe de onde procedem. Exatamente por isso, Niels Bohr, um dos fundadores dessa estranha ciência, afirmou que se ela parecer lógica para alguém, este não a compreendeu de fato.

A mesma ciência que tão veementemente negara a existência de qualquer imaterialidade subjacente à realidade visível, agora se via obrigada, através da magia quântica, a readmiti-la como verdade científica. Entreabrimos para o atônito homem moderno as portas do imponderável.

Nos Estados Unidos existem correntes religiosas que ainda defendem a idade de 6.000 anos para a Terra e lutam para que isso seja ensinado nas escolas, juntamente com a TEORIA CRIACIONISTA. (Deus é criador do Homem e do Planeta, como está escrito na Bíblia) em detrimento à teoria da evolução de Darwin, que com o método absoluto de datação e uma Terra com bilhões de anos, se torna incontestável.

*

ROTEIRO ESPÍRITA MAIO – JUNHO 89 PÁGINA 8
4 – ÉTICA OPERACIONAL – AURELIANO ALVES NETO-ABRAJEE 1044 – Caruaru-PE
A moral é a higiene da alma. Lingirée

Através das narrativas dos fenômenos de transporte, temos provas reiteradas de que há, entre os Espíritos uma norma de procedimentos a que poderíamos chamar com muita propriedade de “ética operacional”. Citemos alguns exemplos expressivos:

1- Conta Charles Richet que, certa vez, em Buenos Aires, numa sessão de efeitos físicos a entidade manifestante trouxe uma cédula de nova de cinco centavos, a menor divisão monetária da época. Como lhe houvessem pedido, depois, que trouxesse uma nota de cem piastras, o Espírito respondeu: “Não posso trazê-lo pois seria um furto. Trouxe-lhes uma nota de cinco centavos do cofre forte de um Banco, porque considero insignificante o prejuízo causado, mas para uma soma importante não posso operar.”

2- Em seu livro “**No País das Sombras**” Madame D’Esperance refere-se a uma planta (lírio dourado) que transportada pelo Espírito Iolanda, se conservou viva, perfeita, durante uma semana.

Alguém indagou de Walter, Espírito orientador dos trabalhos:

–E não poderíamos pagá-lo (o lírio) a fim de o conservarmos? – Poderíeis, se soubéssemos donde ele veio, mas a própria Iolanda não vo-lo pode dizer. Disseram-lhe que não ficasse com aquilo que não lhe pertence. Ela quer levar o lírio, e creio que isso conseguirá. Levou-o, com efeito, naquela mesma noite. l

3- Graças à mediunidade de Mr. Bayley, de Melbourne, um guia hindu operou um admirável fenômeno de transporte: trouxe da Índia um ninho de pássaro, lindamente construído de fibras muito finas de musgo. Dentro do ninho estava um

ovo branco com pintas castanhas. Influenciado pelo guia hindu, o médium colocou o ovo na palma da mão e o quebrou, verificando que havia apenas clara; nem o menor sinal de gema. Não nos é permitido interferir com a vida – declarou o guia – Se o ovo tivesse sido fertilizado, não o poderíamos ter trazido. Estas palavras foram ditas antes de o quebrar, de modo que ele sabia em que condições estava o ovo, o que certamente é notável. (História do Espiritismo – Conan Doyle p 426)

Relatando suas experiências com Eusápia Paladino, afirma Ernesto Bozzano que o guia do médium, depois de haver trazido um enorme pão, apressou-se em trazê-lo de volta, esclarecendo: – Pertence ao padeiro ali vizinho. Se te empenhas em reavê-lo dá-me dois soldos.

Escreve o autor de **Fenômenos de Transporte**, comentando o ocorrido:

–A tal propósito convém antes de tudo recordar que as personalidades mediúnicas explicam o fato da escassez do valor comercial dos objetos transportados, observando concordemente, porque não lhes é licito furtar, e algumas vezes, acrescentam poderiam procurar objetos de valor não pertencentes a ninguém, mas que lhes é inibido fazê-lo porque não se devem prestar a satisfazer a baixa avidez do lucro.

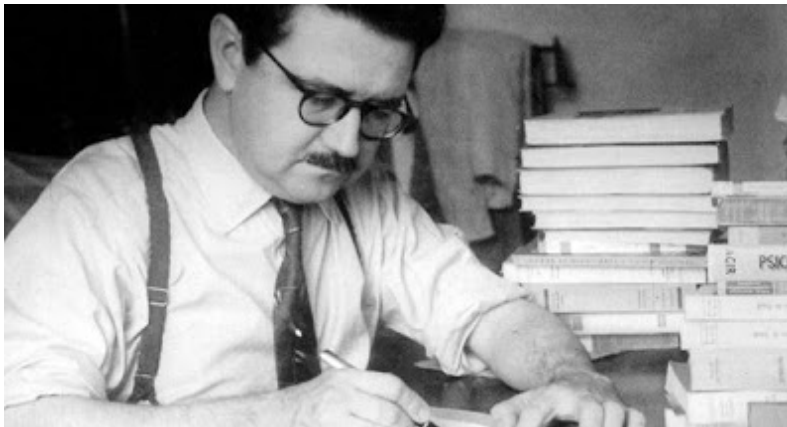
(...)... Se um experimentador desejasse o “transporte de uma moeda de cobre, de um cartão de visita especial, de uma pérola falsa, ele muito frequentemente veria o seu desejo, mas quando, ao contrário quisesse, intensamente, o “transporte” de ouro que não fosse seu ou de uma nota de Banco pertencente a outrem ou de uma pérola genuína a ser subtraída de uma Casa de Negócios, ele não poderia nunca esperar que fosse satisfeita a sua cobiça. Por quê? Que relações existem entre um fenômeno de ordem física e os ditames da ética”?

Parece não ser difícil a elucidação: – É que o fenômeno físico é simplesmente o fato objetivo. As objeções de ordem moral só podem ser provenientes de uma causa inteligente – o Espírito, cuja “ética operacional” não poderia deixar de ajustar-se aos altos desígnios da sabedoria divina. Extraído do Boletim – Roteiro Espírita maio-junho/89 – p. 8. Belo Horizonte –L – HEAL

Ante o exposto acima é de se perguntar: – PÔDE MARIA GERAR E DAR À LUZ UM FILHO PRODUZIDO POR UM ÓVULO NÃO FECUNDADO E CONSERVAR SUA VIRGINDADE? AS LEIS DA NATUREZA E A ÉTICA OPERACIONAL SUPRACITADA DEIXARAM ENTÃO, DE FUNCIONAR?

(*1) Lírio dourado produzido durante a sessão de 28-06-1890. Fotografada ao lado da médium, pode-se apreciar as suas reais dimensões. Ereta, a planta alcançava 2,27 m. de altura. Curvada, tal como se acha na foto, media 1,95 m. Permaneceu perfeita durante uma semana, período no qual se lhe tomaram 6 fotografias. Depois se desmaterializou e desapareceu. Ver a foto do lírio na Pág. 182 do livro País das Sombras de Mme d’Esperance. Disponível no Bvespírita.

---oo0oo---



J. Herculano Pires – Autor de dezenas de obras primorosas e do texto abaixo sobre a evolução do movimento espírita no Brasil e no mundo.



Para termos clara ideia sobre a evolução do movimento espírita no mundo atual, vejamos um trecho do livro “Curso Dinâmico de Espiritismo,” no qual José Herculano Pires nos dedica um capítulo intitulado “O Grande Desconhecido” onde assevera: “Todos falam de Espiritismo, bem ou mal.” Mas poucos o conhecem. Geralmente o consideram como uma seita religiosa comum, carregada de superstições. “Muitos o vêem como uma tentativa de sistematização de crenças populares, onde todos os absurdos podem ser encontrados”.

Há os que o aceitam como nova Goécia, magia negra da Antiguidade disfarçada de Cristianismo milagreiro. Grandes cientistas se deixaram envolver nos seus problemas e se desmoralizaram. Outros entendem que podem encontrar nele a solução para todos os seus problemas, conseguir filtros de amor e os 13 pontos da Loteria Esportiva. E na verdade os seus próprios adeptos não o conhecem. Quem se diz espírita arrisca-se a ser procurado para fazer macumba.

O Espiritismo, nascido ontem, nos meados do século passado, é hoje o Grande Desconhecido dos que o aprovam e o louvam e dos que o atacam e criticam.

Durante muito tempo ele foi encarado com pavor pelos religiosos, que viam nele uma criação diabólica para perdição das almas. Falar em fenômenos espíritas era provocar votos de esconjuro. Ler um livro espírita era pecado mortal, comprar passagem direta para o Caldeirão de Belzebu. Médicos ilustres chegaram a classificar o Espiritismo como fábrica de loucos. Grandes instituições espíritas, geralmente fundadas por pessoas sérias, tornam-se às vezes verdadeiras fontes de confusão a respeito do que é realmente o Espiritismo.

Quando começaram a surgir os hospitais espíritas para doenças mentais, alegaram que os espíritas procuravam curar loucos que eles mesmos faziam para aliviar suas consciências pesadas. E quando viram que o Espiritismo realmente curava loucos incuráveis, diziam que os demônios se entendiam entre si para lograr o povo. Hoje a situação mudou. Existem sociedades de médicos espíritas e a pesquisa de fenômenos mediúnicos invadiu as maiores Universidades do Mundo. Não se pode negar que a coisa é séria, mas definir o Espiritismo não é fácil.

Porque ninguém o conhece, ninguém acredita que se precisa estudá-lo, pensam quase todos que se aprende a doutrina ouvindo espíritos. Os intelectuais espíritas são confundidos com médiuns. Quem escreve sobre Espiritismo não escreve, faz psicografia. Aham que para estudar a doutrina é preciso desenvolver a mediunidade e receber maravilhosas lições de Espíritos Superiores. Não obstante, o Espiritismo é uma doutrina moderna, perfeitamente estruturada por um grande pensador, escritor e pedagogo francês, homem de letras e ciências, famoso por sua cultura e seus trabalhos científicos e que assinou suas obras espíritas com o pseudônimo de Allan Kardec. Saber isso já é saber alguma coisa a respeito, mas está muito longe de ser tudo. Doutrina complexa, que abrange todo o campo do Conhecimento, apresenta-se enquadrada na seqüência epistemológica de:

a) Ciência – como pesquisa dos chamados fenômenos paranormais, dotada de métodos próprios, específicos e adequados ao objeto que investiga, tendo dado origem a todas as ciências do paranormal, até à Parapsicologia atual e seu ramo romeno, que se disfarça sob o nome pouco conhecido de Psicotrônica, para não assustar os materialistas.

b) Filosofia — como interpretação da natureza dos fenômenos e reformulação da concepção do mundo e de toda a realidade segundo as novas descobertas científicas; aceita oficialmente no plano filosófico, consta do Dicionário Filosófico do Instituto de França; no Brasil, reconhecida pelo Instituto Brasileiro de Filosofia, constando do volume Panorama da Filosofia em São Paulo, edição conjunta do Instituto e da Universidade de São Paulo, coordenação do Prof. Luiz Washington Vitta.

c) Religião – como consequência das conclusões filosóficas, baseadas nas provas da sobrevivência humana após a morte e nas ligações históricas e genésicas do Cristianismo com o Espiritismo; considerado como a Religião em Espírito e Verdade, anunciada por Jesus, segundo os Evangelhos; religião espiritual, sem aparatos formais, dogmas de fé ou instituição igrejeira, sem sacramentos.

d) Essa seqüência – obedece as leis da Gnosiologia, pelas quais o conhecimento começa nas experiências do homem com o mundo e se desenvolve nas ilações do pensamento, na cogitação filosófica e determina o comportamento humano dentro do quadro da realidade conhecida; como no Espiritismo essa realidade supera os limites da vida física, a moral se projeta no plano das relações do homem com a Divindade, adquirindo sentido religioso.

Colocado assim o problema, a complexidade do Espiritismo se torna facilmente compreensível. Tudo no Universo se processa mediante a ação e o controle de leis naturais, que correspondem à imanência de Deus no Mundo através de suas leis. Toda a realidade verificável é natural, de maneira que os espíritos e suas manifestações não são sobrenaturais, mas fatos naturais explicáveis, resultantes de leis que a pesquisa científica esclarece. O Sobrenatural só se refere a Deus, cuja natureza não é acessível ao homem neste estágio de sua evolução, mas o será possivelmente, quando o homem atingir os graus superiores de sua evolução. Todas as possibilidades estão abertas e franqueadas ao homem em todo o Universo, desde que ele avance no desenvolvimento de suas potencialidades espirituais, segundo as leis da transcendência”.

---oo0oo---

EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE MISTICISMO E RELIGIÃO I

A nosso ver, o misticismo é a manifestação do instinto natural do ser humano integrar-se, de um modo mais ou menos consciente e racional, com a fé ou as luzes que tem, com a Natureza ou o seu Criador. Para que esse contato se efetue de uma forma equilibrada, é preciso que o indivíduo cumpra alguns requisitos essenciais, galgue os degraus da reflexão e da meditação pelos quais atinja o patamar da oração para se projetar mentalmente na direção do transcendente alvo de sua fé.

Podem os gentis leitores apreciar a partir da página abaixo, vários artigos sobre o tema acima.

Num de seus excelentes artigos, o cronista Ademir Xavier, adverte sobre os cuidados de Kardec sobre o perigo da desvirtuação dos princípios doutrinários.

1 – KARDEC E O MISTICISMO

O dia 3 de Outubro marca o aniversário de H. L. Denizard Rivail (1804-1869), cognominado Allan Kardec, cuja obra monumental é um edifício erigido em nome da lógica e do bom senso, no tratamento de problemas milenares relativos à vida futura do ser humano.

Se formos atentar para a maneira como tal edifício foi construído, não podemos deixar de notar o cuidado e sofisticação com que Kardec o revestiu. Temas extremamente relevantes para a humanidade, tal como a possibilidade de sua continuação, a sobrevivência do ser, a sua comunicação além da morte física e preexistência foram sistematicamente separados por Kardec de qualquer tentativa de enquadramento nos mesmos, referências e filosofias disponíveis em sua época. Em particular, Kardec teve cuidado em separar os princípios da sua metodologia de tratamento desses problemas das antigas tradições fundadas no misticismo ou conhecimento antigo, embora Kardec reconhecesse o progresso que os antigos atingiram no entendimento de muitos dos fenômenos psíquicos.

Em particular, salta aos olhos o distanciamento com o misticismo, entendido nesta acepção, comum à época e ainda hoje, conforme algumas passagens:

Antes de entrarmos em matéria, pareceu-nos necessário definir claramente os papéis respectivos dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Essas considerações preliminares, que a escoimam de toda idéia de *misticismo*...” (“A Gênese, Introdução, ref. 1, grifo nosso) *Em geral, desconfiai das comunicações que trazem um caráter de misticismo e de singularidade, ou que prescrevem cerimônias e atos extravagantes*. Há sempre, nesses casos, motivo legítimo de suspeição. (“O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo.XXI, ‘Os falsos profetas da erradicidade, ref. 1.)

Parece que algumas pessoas temeram que a qualificação de messias espalhasse sobre a Doutrina um verniz de *misticismo*. (Revista Espírita, março de 1868, Comentário sobre os messias do Espiritismo, ref. 1, grifo nosso)

Considerado desta maneira, o Espiritismo perde o caráter de *misticismo* que lhe censuram seus detratores, pelo menos aqueles que não o conhecem. Não é mais a ciência do maravilhoso e do sobrenatural ressuscitada, é o domínio da Natureza. 77 (Revista Espírita, novembro de 1864, O Espiritismo é uma ciência positiva, ref. 1, grifo nosso)

De qualquer forma, o sentido para misticismo nessas passagens é de uma atitude extravagante, irracional e não logicamente justificada. Ela certamente afasta o ‘homem de bom senso’ de toda e qualquer revelação, doutrina religiosa ou filosofia que se acredite verdadeira usando métodos ou raciocínio fundamentados em afirmações questionáveis ou em atitudes, elas mesmas extravagantes e flagrantemente inócuas.

No mesmo texto que segue a passagem copiada da *Revue Spirite* de Março de 1868 (“Comentários sobre os messias do Espiritismo”) encontramos essa passagem elucidativa:

Para quem conhece a Doutrina, ela é, de ponta a ponta, um protesto contra o *misticismo*, pois que tende a reconduzir todas as crenças para o terreno positivo das leis da Natureza. Mas, entre os que não a conhecem, *há pessoas para as quais tudo o que escapa da Humanidade tangível é místico*. Para estas, adorar Deus, orar, crer na Providência é ser místico. Nós não temos que nos preocupar com a sua opinião. (grifo nosso)

Portanto, o termo místico ou misticismo nunca foi entendido por ele em um sentido positivo e, pelo que se infere do trecho acima, a noção de religiosidade exposta por Kardec dispensa o seu uso. Isso acontece porque Kardec descobriu que se poderia fundamentar o conhecimento sobre a vida futura ou sobre as conseqüências dos atos com base na observação de fenômenos da Natureza (as comunicações mediúnicas), da mesma forma como podemos aplicar determinados princípios de física – eles mesmos também fundamentados em fenômenos naturais – para prever o que irá acontecer entre arranjos e estados de corpos materiais.

A experiência mística: uma variedade de fato mediúnico?

Se consultarmos definições filosóficas modernas (ref. 2) para o termo misticismo, encontramos:

O termo ‘misticismo’ vem do grego μυσω, que significa ‘ocultar’. No mundo helênico, ‘místico’ se referia a rituais religiosos ‘secretos’. No cristianismo primitivo, o termo veio a ser usado para se referir a interpretações ‘ocultas’ das Escrituras e a presenças ocultas, tais como Jesus na Eucaristia. Somente mais tarde o termo veio a ser usado para designar a ‘teologia mística’, o que incluiu experiência direta com o divino. Tipicamente, místicos, sejam eles teístas ou não, vêm a experiência mística como parte de uma iniciativa maior de transformação humana e não como o fim dos esforços. Assim, em geral, ‘misticismo’ deve ser compreendido como uma constelação de práticas distintas, discursos, textos, instituições, tradições e experiências que visam a transformação humana, que é definida de forma variada em diferentes tradições. (ref. 2)

Um bom exemplo de mística foi Teresa D’Ávila que descreveu suas experiências extáticas. A possibilidade de se desprender da realidade e entrar em contato com outra bem diferente (que estaria na raiz dessa concepção positiva para o misticismo) é constante em muitas tradições religiosas. A Kardec, não poderia ser possível acreditar nessas narrativas sem antes estudá-las e enquadrá-las como uma variedade de *experiência mediúnica*, afinal é isso que ocorre quando os laços que prendem o Espírito ao corpo são flexibilizados. Talvez, fenômenos tais como o desdobramento espontâneo (como o que ocorre nas chamadas ‘Experiências de quase morte ou, em inglês, ‘*Near Death Experiences*’) se assemelham a experiências que, em outras épocas e culturas, seriam descritas como relatos místicos.

Portanto, mais uma vez, Kardec esteve adiantado em sua época e o Espiritismo, longe de reduzir a importância dessa concepção de misticismo, veio para dar-lhe uma nova visão e interpretação.

Discussão final.

Talvez a experiência mística se enquadre na categoria das ocorrências de desdobramento do Espírito, quando ele readquire capacidades que jazem adormecidas ou apenas latentes na sua forma encarnada, de forma que, ao regressar ao seu corpo, essa realidade maior é vivenciada como uma experiência mística. Não apenas isso, muitas vivências ou experiências místicas podem ser descritas como aplicação de leis ainda desconhecidas tais como projeções da vontade, materializações, e exteriorização da sensibilidade.

De qualquer forma, outras noções de misticismo podem ser encontradas na obra da codificação. Por exemplo, na Revue Spirite podemos ler a seguinte mensagem: Não vos demoreis mais tempo agarrados aos batentes já carcomidos do pórtico, e penetrai corajosamente no santuário celeste, levando com firmeza a bandeira da filosofia moderna, na qual inscrevei sem medo: *misticismo*, racionalismo. Fazei ecletismo no ecletismo moderno; fazei-o como os Antigos, apoiando-vos na tradição histórica, *mística* e legendária, sempre, porém, com o cuidado de não sair da revelação, facho que nos faltou a todos, recorrendo às luzes dos Espíritos superiores, votados missionariamente à marcha do espírito humano. Esses Espíritos, por mais elevados que sejam, não sabem tudo. Só Deus o sabe. Além disso, de tudo quanto sabem, nem tudo podem revelar. (ref. 3 e 1, grifo nosso)

O afastamento de Kardec de noções mais arraigadas de misticismo foi suficiente para desqualificar o Espiritismo na visão de muitos autores místicos. Por exemplo, muitos deles (como é o caso de Helena Blavatsky, criadora da Teosofia) simplesmente consideram o Espiritismo como um ‘tipo inferior de ciência oculta’. Mas, o posicionamento de Kardec é altamente justificado: em uma sociedade cada vez mais técnica, em que a ciência atingiu um prestígio nunca antes visto, o misticismo está em baixa e o ponto de vista de Kardec simples e prático o suficiente para reconduzir as ‘ovelhas desgarradas’ pelo materialismo em moda, no seu retorno às considerações profundas do ser e de sua verdadeira essência e destino futuro. O afastamento de Kardec de noções mais arraigadas de misticismo foi suficiente para desqualificar o Espiritismo na visão de muitos autores. Ademir Xavier – <http://eradoespirito.blogspot.com.br/>

1-Todas as referências foram obtidas no site do IPEAK – (L.ipeak.com.br)

2 - Mysticism (11/09/2004; revisado em 02/2010, Stanford Enciclopédia of Philosophy).

3 – Revista Espírita, Fev./1860, Ditados Espontâneos, “Filosofia” (ref. 1)

A EXPERIÊNCIA MÍSTICA

Vejamos o que, sobre esse delicado tema, comenta o teósofo Carlos Cardoso Aveline:

Para alcançar a verdadeira experiência mística, precisamos enfrentar vários desafios, como desenvolver a disciplina espiritual e nos livrarmos das preocupações em relação ao mundo exterior. O sentimento místico já foi definido como a experiência imediata de unidade com a realidade última. A verdade é que o fato não pode ser descrito com palavras. Tampouco pode ser mente, nem se praticando rituais, ou obedecendo a uma disciplina. A experiência mística não acontece por marcada. Ela é um abandono interior de buscador. Ela é, também, a livre e existência individual aos pés de uma na contemplação, o praticante deixa de pensamento. Ele sente um amor tão divino que esquece completamente de si místico vai além da mera aparência. O em sua experiência. Percebendo que compreende realmente os outros. percebe a essência comum a todas as na sua vida o que as escrituras religiosas radical, no entanto, pode ser práticas de poder de mais de uma experiência mística raramente toma a extraordinário, e quase sempre coexiste mundo externo. Às vezes ela é uma interior, um sentimento amoroso sem de que somos muito pequenos, mas de amor infinito. A sensação mística costuma acompanhar e inspirar as pessoas de bom coração. Ela ilumina suas vidas e torna menos importantes seus sofrimentos; e para fazer isso não tem necessidade de provocar visões ou audições maravilhosas. Aliás, fatos exóticos como esses são, na maior parte dos casos, frutos de uma imaginação acelerada. É perfeitamente possível ter acesso a percepções intuitivas na calma do nosso coração e sem dispersar energia com imagens espetaculares. Esse caminho, mais modesto, é também mais seguro.



A percepção mística ilumina a mente a partir do nosso interior, lançando luz entre um pensamento e outro, entre um sentimento e outro. Essa ampliação misteriosa da consciência torna os pensamentos mais claros e os sentimentos mais verdadeiros. A partir da experiência mística, o buscador da verdade olha o mundo externo e as instituições humanas com outros olhos e como se visse tudo pela primeira vez. É então que ele começa a ser perigoso para as estruturas que se baseiam nas aparências. A lógica de um místico é diferente, mais autêntica, e ele corre o risco de contrariar os costumes estabelecidos. Nem sempre ele percebe os jogos de cortesia que governam a vida social e são tão importantes mesmo nos meios religiosos e espirituais. Parece menos inteligente do que os que o rodeiam, e cai em truques primários. O que torna as coisas difíceis para ele é que sua inteligência funciona de modo diferente, porque é espiritual. Para o astuto, que sofre de miopia e não consegue ver as situações mais amplas, o místico não passa de um retardado.

É devido à necessidade de prudência diante desse perigo que as tradições internas de todas as religiões recomendam aos buscadores da verdade a prática do silêncio. Deixar de lado os interesses egocêntricos e abrir a porta que conecta com a alma imortal é um fato potencialmente explosivo. Os desafios são tantos que grande parte dos místicos prefere afastar-se da vida social. Porém, a revolução interior que eles atravessam é suficiente para questionar as estruturas da vida convencional. O Novo Testamento narra a história de um santo e sábio – Jesus Cristo – que contrariou a maneira de pensar do seu tempo. São Francisco de Assis não raciocinava de acordo com as conveniências políticas de curto prazo e, apesar da sua cautela, as dificuldades que enfrentou dentro da Igreja católica não foram poucas. Martinho Lutero não teve, inicialmente, intenção de provocar uma divisão no mundo católico, mas foi obrigado a isso por ser duramente perseguido pelo Vaticano. O luso-brasileiro Antônio Vieira foi encarcerado pela Inquisição. São João da Cruz foi preso e espancado quase até a morte durante cerca de oito meses pelos seus irmãos religiosos, os carmelitas, na Espanha, até fugir da prisão. Inúmeros místicos católicos e protestantes foram acusados do “crime” de pensar por si próprios, perseguidos, encarcerados e, em alguns casos, mortos. Ao longo dos séculos, a repressão sutil ou violenta das experiências místicas Gerhard Groote serviu para condicionar e acomodar as experiências religiosas dentro de moldes estreitos. A Igreja era amplamente controlada por rituais e crenças cegas. Só nas últimas décadas as igrejas cristãs começaram a modernizar-se e já experimentam no início do século XXI, uma abertura maior para o ecumenismo, para o diálogo inter-religioso e o intercâmbio de pontos de vista com a ciência moderna.



Esta nova era de liberdade e autenticidade do indivíduo avança junto com a decadência dos rituais e do fanatismo. Assim se abre espaço para a democratização da experiência mística. Um dos maiores best-sellers de todos os tempos da literatura religiosa no Ocidente, a obra *Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis, (1380-1471) é um notável exemplo da tradição mística cristã. Tomás de Kempis era amigo e seguidor de Gerhard Groote, (Países Baixos-1340-1384) o místico alemão do século XIV que fundou a congregação Irmãos da Vida Comum. Corajoso, Groote criticava, em suas pregações, os religiosos que cediam à preguiça ou rompiam seus votos sagrados. Não se pode dizer que seus discursos não provocaram resultado concreto algum, porque, como consequência deles, Groote foi proibido de dar sermões. O castigo durou até o final da sua vida, o que comprova que os místicos podem ser considerados bastante incômodos, quando começam a dizer o que pensam. Fiel expressão dos ideais de Groote, *Imitação de Cristo* ensina a confiar em si mesmo. “É fácil estar contente e sossegado, tendo a consciência pura. Não és mais santo

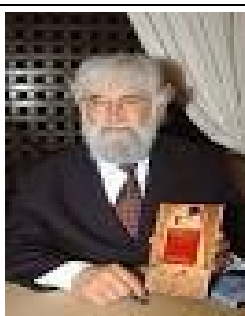
porque te louvam, nem mais ruim porque te censuram. Se considerares o que és em teu interior, não farás caso do que te dizem os homens. O homem vê o rosto, Deus vê o coração. O homem nota os atos, mas Deus pesa as intenções. Proceder sempre bem e ter-se em pequena conta é indício de uma alma humilde. “Rejeitar toda satisfação vinda das criaturas é sinal de grande pureza e confiança interior.(1) “A disciplina espiritual e o abandono das preocupações pessoais em relação ao mundo externo são a chave para a obtenção da felicidade interior e a elevação mística. Isso não significa afastar-se fisicamente do mundo, mas sim abandonar, no plano psicológico, a agitação e a ansiedade causadas pela ambição e pelo desejo. A saída está no recolhimento interior.” Muitos há que desejam a vida contemplativa, mas não tratam de exercitar-se nas coisas que ela exige. O grande obstáculo é que eles se detêm nos sinais e coisas externas, cuidando pouco do perfeito recolhimento. Não sei o que é, nem que espírito nos move, nem que pretendemos nós, que passamos por homens espirituais, quando empregamos tanto trabalho e cuidado nas coisas vis e transitórias, ao passo que raras vezes nos recolhemos plenamente a considerar nosso interior.(2).

Uma vez que deixamos de lado as coisas superficiais, aparentemente urgentes, mas no fundo inúteis, surge a possibilidade do amor altruísta e da verdadeira devoção.

O amor de Jesus é generoso, inspira grandes ações e nos leva sempre à mais alta perfeição. O amor tende sempre para as alturas e não se deixa prender pelas coisas inferiores. (...) Nada mais doce do que o amor, nada mais forte, nada mais sublime, nada mais amplo, nada mais delicioso, nada mais perfeito, ou melhor, no céu e na Terra; porque o amor procede de Deus, e só em Deus pode descansar, acima de todas as criaturas. Quem ama voa, corre, vive alegre, é livre e sem embaraço. Dá tudo por tudo e possui tudo em todas as coisas, porque sobre todas as coisas descansa no supremo bem, do qual surgem e procedem todos os bens. (...) O amor muitas vezes não conhece limites, mas seu ardor excede a toda medida. O amor não sente peso, não faz caso das fadigas e quer empreender mais do que pode, não se desculpa com



Tomás de Kempis
1380-1471



Leonardo Boff
1938 –

a impossibilidade, pois tudo lhe parece lícito e possível. Por isso é capaz de tudo e realiza obras, enquanto aquele que não ama desfalece e cai. (3)



No século XVII, o espanhol Miguel de Molinos (Saragoça-Espanha-1628-1697) retomou a tradição XVII a mística de Gerhard Groote, de São João da Cruz e Santa Teresa d'Ávila. Ele ensinava em Roma, com grande sucesso, maneiras práticas de experimentar a contemplação. Surgia assim o Quietismo. Em 1675, Molinos publicou seu livro "Guia Espiritual". O sucesso da obra foi muito grande, mas a popularidade de Molinos passou a ser vista como perigosa. O contato direto com Deus – que ele colocava ao alcance de todos – era algo perigoso, porque tornava desnecessária a burocracia ritualista controlada pelos cardeais. Em 1685, Molinos é preso.

Com medo da popularidade do místico e por falta de argumentos teológicos, os acusadores da Inquisição inventaram algumas acusações contra seu caráter e sua conduta. Molinos foi condenado à prisão perpétua e morreu nos cárceres do Vaticano, em dezembro de 1696. Molinos democratiza a experiência da divindade, mas não aponta um caminho fácil. Para ele, é muito comum que durante longo tempo ocorra uma verdadeira guerra no recolhimento interior. De um lado, a energia divina deixa o praticante sozinho,

aparentemente abandonado, para testá-lo, para torná-lo mais humilde e purificá-lo. De outro lado, a natureza física, que é inimiga do espírito, fica frouxa, melancólica, cheia de tédio e sente um inferno em todos os exercícios espirituais, pelo fato de estar privada das sensações físicas externas. O eu emocional tem vontade de terminar logo a meditação pela incomodidade dos pensamentos, pelo cansaço do corpo, pelo sono fora de hora e por não poder refrear os sentidos, cada um dos quais gostaria de seguir os seus próprios impulsos. Feliz de você se, em meio a esse martírio, perseverar. (4)

Passado o período de provação, os desejos inferiores se acalmam, a consciência fica serena, o praticante consegue concentrar-se com facilidade nos temas divinos e o despertar espiritual começa. Molinos descreveu o momento do mistério. A oração (...) é uma elevação da mente a Deus. E para colocar a mente em Deus, que é a contemplação, é necessário deixar as considerações e discursos, mesmo elevados, que constituem a meditação. Esta, dizem os santos, busca, expõe, rumina ou mastiga o alimento divino. E, se *estamos* sempre mastigando ou ruminando a comida na boca e nunca engolimos para sossegá-la e dirigi-la com quietude no estômago, não poderemos viver nem sustentar-nos, ou tirar proveito algum. A meditação também é um meio para chegar ao término e ao fim, que é a contemplação. A contemplação é encontrar a coisa, é saborear e sossegar o alimento divino no estômago é o fim e a conclusão do caminho, e é chegar a entender e conhecer Deus. (5) Há, no entanto, numerosos desafios por enfrentar antes de obter essa plenitude da experiência mística. Um deles é a necessidade de discernir o que é essencial e o que é secundário. Em pleno século XX, o jesuíta indiano Anthony de Mello 3*(1931-1987) contou que, em certo país, um aluno venerava o mestre com um forte exagero de devoção pessoal. Um dia o mestre cortou-lhe o caminho mais cômodo ao dizer "Quando a luz se reflete sobre um muro, não tente venerar o muro iluminado, e sim a luz que o ilumina!" É possível que o aluno tenha ficado decepcionado. Afinal, é bem mais fácil adorar uma pessoa do que perceber a verdade universal. A longo prazo, porém, a segurança do caminhante está precisamente em não andar de muletas. Errar é humano, aprender com os erros é sábio, e adorar cegamente algo ou alguém é coisa de criança. Há alguns anos, obtive uma prova de que, como todo místico autêntico, Anthony de Mello também precisou enfrentar a sua cota de perseguições. Em dezembro de 1999, eu viajava para Lima, no Peru, quando encontrei uma das suas obras na livraria do aeroporto de Santiago do Chile, onde fazia escala.

Ao abrir um exemplar de *La Oración de L Rana**, vi que havia, anexo, um panfleto. Era uma longa advertência assinada pelo cardeal Joseph Ratzinger, o polêmico diretor da Congregação Para a Doutrina da Fé, sucessora moderna da antiga Inquisição. Felizmente, a velha fogueira foi substituída por métodos mais sutis no documento, com linguagem equilibrada e elegante, o cardeal Ratzinger desaconselhava os católicos ortodoxos a ler os livros de Anthony de Mello, porque eles estabelecem um diálogo inter-religioso e ecumênico que não é interessante para os setores mais conservadores do Vaticano. (6) As livrarias chilenas eram, assim, obrigadas a vender um livro anexando a ele um documento com forte sabor medieval, segundo o qual a leitura da obra era desaconselhável. No fundo, o mais perigoso para as ortodoxias é que as pessoas pensem por si mesmas. Felizmente, a tendência à autonomia é inevitável. O sentimento democrático se espalha

pelos movimentos religiosos, e já parece crescer até mesmo no Vaticano a influência dos setores abertos à mudança. Em todo o mundo, milhões de pessoas definem com total liberdade os limites da sua fé, aproveitam o melhor de cada religião e filosofia, vivendo suas experiências místicas de modo livre e solidário. Ao mesmo tempo, as instituições aprendem a ser mais flexíveis.



Jesus convoca seus discípulos

A experiência mística está no centro de todo processo religioso.

Ela renova o coração humano a cada instante. Dá ânimo para trabalhar pela manhã cedo e à noite afasta o cansaço do fim do dia. Dá coragem para começar a vida na juventude e, na velhice, transmite a paz indescritível da missão cumprida. Dá autoconfiança durante o sofrimento e humildade nos momentos de vitória, sossego na doença e prudência quando tudo parece fácil.

A experiência mística permite ouvir no silêncio da mente aquilo que não foi pronunciado, dizer com pensamento sereno, mensagens de luz que não necessitam som, e ver com os olhos fechados as coisas de fato essenciais.

Permite saber, com a ajuda precisa de um coração em paz, o que está além do mundo instável dos desejos e pensamentos. Torna possível amar com a calma da verdade as coisas que ainda não foram amadas em seu mundo pessoal. Dá instrumentos para estabilizar-se no centro da dança perfeita das coisas do universo, que vão e vêm ilimitadamente, e permite levantar um belo vôo solto na luz da eternidade, enquanto mantemos os pés firmes no chão.

Notas

(1) –Imitação de Cristo, Tomás de Kempis, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 33ª L. 2000. Veja a p. 77.

(2) –Imitação de Cristo, obra citada, p. 157.* (3) Imitação de Cristo, obra citada, p. 106.*

(4) –Guia Espiritual, Miguel de Molinos, Alianza Editorial, Madri, 1989. Ver p. 66

(5) Defensa de L Contemplación, Miguel de Molinos, Fundación _Pontificia_Espanhola y Universidad Pontificia de Salamanca, Madri, 1988. Ver p. 75.

(6) A primeira citação é do livro Sabedoria de Um Minuto, Anthony de Mello, s. j., Eds Loyola.

(*) 1 e 2 – (Disponíveis no Bvespirita, na Internet) e também em <http://www.monergismo.com/>

(*) 3 - Oración de L Rana e outros livros de Anthony de Mello, acessíveis na Internet

(*) – Para mais detalhes da vida dos religiosos citados consultem na Internet, o precioso Dicionário Místico)

Dando prosseguimento ao estudo do misticismo e temas com ele relacionados, vejamos as profundas considerações que sobre a intuição desenvolvem, Edgard Armond em seu livro Mediunidade e Pietro Ubaldi/Sua Voz em A Grande Síntese, disponíveis no Bvespirita:

3 – INTUIÇÃO - A PSIQUE DE SUPERFÍCIE E A PSIQUE PROFUNDA

Nosso verdadeiro eu não está na consciência de superfície, mas na consciência profunda, de onde se origina nossa personalidade com todas as suas tendências, atrações e repulsões. O eu exterior é filho da matéria e morre com ela. Com a evolução, o eu interior tende a se despertar e a fundir-se com o eu exterior – aí teremos vencido a morte. Eis o grande objetivo da vida: despertar este verdadeiro eu interior. Através da evolução ele se expande até a fusão com Deus.

O estudo do psiquismo é o mais importante na atualidade.

O mais valioso estudo que na atualidade podemos fazer é o da ciência psíquica, nosso instrumento de pesquisa e nosso meio natural de desenvolvimento na evolução. Já olhamos em demasia para fora de nós mesmos, precisamos caminhar pelas estradas da alma, que estão em nosso íntimo e nos conduzem para o infinito.

A visão de síntese - Este é o novo instrumento de pesquisa que teremos que desenvolver – a visão direta. Temos que transferir o centro de nossa personalidade, o eu, para as camadas mais profundas do nosso ser, onde sentiremos essa nova possibilidade, a visão intuitiva, através da qual poderemos interagir com o fenômeno e compreender os mistérios da Criação.

O primeiro passo: O primeiro passo é não negar a intuição. A evolução nos levará a esta propriedade mais profunda do espírito, a essa nova visão do Universo. E poderemos compreender melhor a realidade das coisas.

Como apressar esta aquisição “*Purificai moralmente e refinai a sensibilidade do instrumento de pesquisa, que sois vós mesmos, e só então podereis ver. Aqueles que absolutamente não sentem essas coisas, os imaturos, ponham-se de lado, tornem a chafurdarem-se na lama de suas baixas aspirações, e não peçam o conhecimento, precioso prêmio concedido apenas a quem duramente o mereceu*”. O homem funciona em três planos a saber: o físico, o mental e o espiritual, que

correspondem respectivamente ao instinto, à razão e à intuição; mas a verdade total, essencial, divina, só é percebida pelo homem de intuição.

O homem funciona em três planos a saber: o físico, o mental e o espiritual, que correspondem respectivamente ao instinto, à razão e à intuição; mas a verdade total, essencial, divina, só é percebida pelo homem de intuição. O homem do futuro, isto é, o homem renovado, que se venceu a si mesmo, vencendo a dominação da matéria grosseira, será um homem de intuição.

Quando a intuição fala, ela não se limita somente ao aspecto local ou parcial dos problemas, mas abarca o que está atrás e na frente, atinge o aspecto total, segundo a projeção do indivíduo no campo geral de sua evolução. É difícil localizarmos, no corpo físico, a região ou o órgão por intermédio do qual se exerce a intuição. O órgão do intelecto é o cérebro e podemos dizer que a razão tem sede nesse órgão. Mas, quando à intuição, a não ser que exerça pelas glândulas pineal e pituitária, glândula geradora e controladora de energias psíquicas que, ligada à mente através do eletromagnetismo do campo vital, comanda as forças do subconsciente e supre de energias psíquicas todos os órgãos vitais do organismo humano. Órgão das manifestações mediúnicas, talvez sua sede seja no cerebelo, órgão sensorio supra-normal, que no futuro tende a desenvolver-se.

Amor, fé e intuição, eis pois as características sublimadas do homem espiritual.

O homem de intuição resolve seus problemas com elementos que obtém do plano divino, ao passo que o da razão os resolve segundo os recursos da própria inteligência humana ligada às coisas do mundo. Tanto mais o homem fecha seus ouvidos às vozes do mundo material, tanto mais se abre no seu interior a voz sublime dessa preciosa faculdade do espírito. Tanto mais o espírito se revela a si mesmo e se integra no Cosmo, tanto mais se une a Deus.

Diz Alexis Carrel, um dos mais acatados expoentes da ciência oficial, a respeito desta maravilhosa faculdade: “É evidente que as grandes descobertas científicas não são unicamente obras da inteligência. Os sábios de gênio, além do dom de observar e de compreender, possuem outras qualidades, como a intuição e a imaginação criadora. Por meio da intuição apreendem o que os outros homens não vêem, apercebem relação entre fenômenos aparentemente isolados, sentem inconscientemente a presença do tesouro ignorado. Todos os grandes homens são dotados do poder intuitivo. Sabem sem raciocínio e sem análise o que lhes importa saber”.

E prossegue: “As descobertas da intuição devem ser sempre desenvolvidas pela lógica. Tanto na vida corrente como na ciência, a intuição é um meio de adquirir conhecimentos de grande poder, mas perigosos. Por vezes é difícil distingui-la da ilusão. Aqueles que só por ela se deixam guiar estão expostos ao erro. Mas aos grandes homens ou aos simples de coração puro pode ela conduzir aos mais elevados cumes da vida mental ou espiritual”. (O Homem, esse desconhecido).

Ouçamos agora “A Grande Síntese” de Pietro Ubaldi. “No mundo da matéria temos, em primeiro lugar, fenômenos; depois a vossa percepção sensorial e, por fim, através de vosso sistema 40 nervoso, convergindo no sistema cerebral, a vossa síntese psíquica — a consciência. Até aqui chegastes no terreno da pesquisa científica e da experiência quotidiana. Não errou o vosso materialismo quando viu nessa consciência uma alma filha da vossa vida física e destinada, como esta, a extinguir-se.

“Se descermos mais no fundo deparamos com a consciência latente, que, está para a consciência externa, clara, como as ondas elétricas para as ondas acústicas. A essa consciência mais profunda pertence a intuição, que é o meio de percepção ao qual, como também já vos disse, necessário se faz chegueis para que o vosso conhecimento possa avançar”.

Pois, para esse reino de plena consciência, é que a intuição leva e o faz por um caminho tão claro e tão horizontal que até mesmo os cegos jamais se desviam da rota.

Mas sua voz só pode ser ouvida no silêncio, na pureza e na intimidade do ser, condições incompatíveis com os rumores do mundo. Débil ao princípio, se for sempre obedecida sem vacilações e com confiança, irá aos poucos se avolumando, ganhando força crescente e acabará por ser ouvida em qualquer circunstância e a qualquer hora, apontando ao indivíduo a orientação mais segura, mais elevada e mais reta, abrindo-se como uma flor às claridades e ao calor do sol supremo. Das faculdades mediúnicas é a mais elevada e a mais perfeita, porque põe o indivíduo não mais e somente em contacto com coisas e seres do mundo

(1) Vide na Internet: 1- A relação entre o misticismo e a experiência metafísica em Bergson. Prof. Adelmo J. da Silva – Dfime 2– A Natureza da Psique. C. A. Jung. 3 – O misticismo de Henri Bergson –Marcilene A. Severino – Bolsista PET – Filosofia / UFSJ (MEC. – 4 – BERGSON, a Religião e a Moral do Misticismo Criador – 5)- Item 1 p 358 de Leitura Adicional, no Apêndice. 6)- E na Bvespírita-Livros: - 1 – Nos Alicerces do Inconsciente e outros de Jorge Andréia. 7) - Na Bvespírita -Artigos: Ambiente Místico

---oo0oo---

É fácil identificar os fatores internos que sempre dificultaram e entravam ainda a evolução do movimento espírita no Brasil: o atraso cultural e o espiritual que criam as condições para a formação do orgulho e do egoísmo, fatores de desequilíbrio psicoemocional que leva o indivíduo a assumir atitudes anti-sociais, à vaidade, à soberba e à rebeldia, fenômeno que também ocorre nos países do hemisfério norte e entre nós nas regiões e estados mais ricos e desenvolvidos, que super estimam a cultura acadêmica, cujos habitantes se mostram menos inclinados à religião e ao misticismo, a nosso ver, manifestação do instinto natural de o ser humano integrar-se, mais ou menos consciente e racionalmente, – (com as virtudes que tem), – com o seu Criador.

Tal tendência foi sempre vista como maléfica e enganosa pelos segmentos mencionados, que procuram coibir e obstar tal orientação psicológica que em sua visão materialista acentua as trevas da ignorância e estimula o fanatismo que – deve-se reconhecer – tão más conseqüências causaram no passado. Defendem por isso, de forma intolerante, como se tem freqüentemente visto no seio do movimento espírita, o purismo doutrinário e a restrição quanto ao modo de interpretar os textos doutrinários. Preconizam alguns deles a adoção de um espiritismo granfino, elítico.

Nas regiões onde a população dá prioridade ao desenvolvimento da inteligência, visando a geração de riqueza e o conseqüente poder material, é onde menos se valoriza a religiosidade e o misticismo, manifestação do desejo instintivo de o ser humano integrar-se com o seu Criador, JUSTAMENTE O QUE PROPÕE E POSSIBILITA A FILOSOFIA “PÉ-NO-CHÃO E A CABEÇA NO CÉU” ESPÍRITA.

Ao contrário do que pretendem os que esposam tal apressado modo de ver, a filosofia religiosa da Bíblia, do Alcorão, do Budismo e do Confucionismo, preservou do ceticismo os povos que a adotaram, tornando-se um fator seguro de ordem e progresso, por induzi-los no sentido da formação da inteligência emocional, em que, a par do conhecimento se desenvolve o sentimento, a moral e a tendência da criatura adorar, louvar e submeter-se à Deus!!!

Salientar que os povos citados, embora tenham inúmeras vezes se envolvido em conflitos fronteiriços, jamais produziram algo semelhante à hecatombe sinistra das duas grandes guerras da Idade Contemporânea.

Eis o que, confirmando o que acima expomos, esclarece o site Wikipédia:

“A Idade Contemporânea ou Contemporaneidade é o período específico atual da história do mundo ocidental, iniciado a partir da Revolução Francesa”. (1789 d.C.)

O seu início foi bastante marcado pela corrente filosófica iluminista, que elevava a importância da razão. Havia um sentimento de que as ciências iriam sempre descobrindo novas soluções para os problemas humanos e que a civilização humana progredia a cada ano com os novos conhecimentos adquiridos. Com o evento das duas grandes guerras mundiais o ceticismo imperou no mundo, com a percepção que nações consideradas tão avançadas e instruídas eram capazes de cometer atrocidades dignas de bárbaros. Decorre daí o conceito de que a classificação de nações mais desenvolvidas e nações menos desenvolvidas tem limitações de aplicação. “Atualmente está havendo uma especulação a respeito de quando essa era irá acabar, e, por tabela, a respeito da eficiência atual do modelo europeu da divisão histórica”. Enquanto Arabes e Judeus, pseudo seguidores do ultrapassado Velho Testamento, copiando o modus vivendi dos cépticos materialistas, estão reciprocamente se destruindo, a China e a Índia, não obstante tenham sido invadidas e espoliadas pelos europeus, depois de – **de maneira pacífica** – deles se libertarem, atingiram na atualidade o maior índice de progresso e prosperidade de sua longuíssima história!!!

A NATUREZA NÃO DÁ SALTOS

Os integrantes do volumoso contingente europeu citado por Divaldo Franco, que em anteriores existências sofreram graves injustiças e perseguições políticas ou religiosas conservaram, entranhada em seu subconsciente – sem ter disso a mínima percepção, – forte aversão para tudo o que diz respeito a governo, religião e misticismo. Os que, dentre eles se tornaram espíritas e supervalorizam o aspecto filosófico-científico da doutrina, mostram-se pouco afeitos à prática religiosa e defendem de forma insensata e intransigente, o purismo doutrinário, não levando em conta que grande parte dos espíritas do Brasil, menos intelectualizada ou recém-saída das igrejas cristãs sentem – como acontece ainda com eles – grande dificuldade em assimilar o novo modo de pensar e por em prática de forma perfeita os preceitos da superior filosofia espírita.

Menos inclinados ou não habituados à prática religiosa, como oração, meditação, a seu ver, atitudes místicas e irracionais, sentem muita dificuldade para sobrepor-se à instintiva aversão e dispor-se a ir além da parte teórica da filosofia exposta em O Livro dos Espíritos.

O interesse científico suscitado, porém pelos fenômenos espíritas fez com que um grande número passasse a interessar-se também pelo O Livro dos Médiuns e A Gênese. Os freqüentes relatos de curas extraordinárias e solução de problemas através do uso do magnetismo e da mediunidade, fez com que, premidos pela necessidade, passassem depois a freqüentar as reuniões espíritas, passando a levar em conta, além de O Livro dos Médiuns, o Evangelho segundo o Espiritismo, síntese maravilhosa do verdadeiro cristianismo, em cujo final, depois de exaltar o valor da comunhão do pensamento, Kardec nos instrui como organizar as reuniões e comungar entre si e com Deus, orientando assim a praticar de forma consciente, raciocinada, a religião espiritual, isenta de práticas exteriores, ao mesmo tempo em que ensina, como agradecer e louvar ao Senhor em espírito, de verdade, como o Cristo anunciou que no futuro aconteceria, no inesquecível diálogo com a samaritana, à beira do lendário poço de Jacó!

Eis o que, ao versar num de seus livros esse delicado tema elucida o famoso escritor e médium italiano Pietro Ubaldi, que veio encerrar sua brilhante missão em nosso país:

O ateísmo não é contra Deus, mas somente um anticlericalismo, isto é, contra a concepção eclesial de Deus. Em resumo, trata-se da costumeira guerra entre os homens, na qual Deus não entra. Seria ridículo pensar que Deus pudesse ser

envolvido em nossas lutas humanas, e que devesse estar à mercê de nossas opiniões. P. Ubaldi – Técnica Evolutiva do Psiquismo. (A Grande Síntese – pág 240) E uma guerra contra Deus é absurda, porque é uma guerra contra a primeira fonte de nossa própria vida.

De fato, o Anti-Sistema, por sua negatividade anti-Deus, tende à própria autodestruição. Uma completa ausência de Deus é impossível, porque é uma ausência da própria vida. Assim ateu quer dizer sem vida, isto é morto ou em descida para a morte. O comunismo não é ateu. É só anticlerical.

De fato, ele continua o seu diálogo com o pensamento de Deus, pensamento que estuda atentamente quando busca conhecer o funcionamento da lei para não cometer erros quando envia mísseis ao espaço. Deixemos de lado o Deus fabricado pelas religiões para seu uso eclesiástico. Seus fins e funções são limitados ao grupo que o elegeu como cabeça para satisfazer suas necessidades.

É natural que tal Deus não possa ser universal, superando os limites de grupo. E não há razão para cair no ateísmo se tal Deus às vezes parece ilógico e inaceitável. Se desaparecessem as religiões atuais, ainda assim Deus sobreviveria de outra forma, cada vez mais amplo como universalidade. Este será o melhor canto que a ciência positiva poderá elevar à glória de Deus. Mas aqui, nestes últimos volumes conclusivos da Obra, mais maduro depois de tanto caminho andado, experimento os arrebatamentos mais complexos e profundos, os do pensamento, que se apossam da mente implicando em conhecimento. Atinge-se assim um misticismo mais maduro e evoluído, que se elevou do coração à mente, do sentimento à inteligência, do amor a Deus à contemplação do Seu pensamento. Este é o misticismo da ciência, o da nova religião do futuro.

Quando se abrem à compreensão essas espirais de luz, sente-se o abalo de uma poderosa liberação. Quando um cientista faz uma descoberta, naquele momento, ele deve sentir-se arrastado pela onda avassaladora do pensamento de Deus, que lhe falou, num átimo de sublime contato lhe revelou um pouco de si mesmo. Esta também é uma revelação, é adoração, e é o senso de veneração que sentirá vibrar no fundo da sua alma o mais evoluído homem do futuro ao dar-se conta de que nas suas descobertas ele se encontra diante do pensamento de Deus.

Uma religião baseada na fé era necessária no tempo da ignorância, em que a mente era ainda incapaz de pensar por si mesma e imatura para compreender. Mas hoje tal sistema é contraproducente e leva ao ateísmo.

A falta de crença não é mais possível diante do fato positivo da existência de um pensamento sempre, e por toda a parte funcionando, cuja presença é evidente porque é impossível não esbarrar nele a cada passo. E se esse pensamento é Deus, como podemos ser ateus? Que pensamento é este tão evidente que, se lhe propõe quesitos para resolver, ele responde, exprimindo-se na linguagem concreta dos fatos, por meio do funcionamento dos fenômenos, através da evolução do seu devir?

---oo0oo---

1 – O SECTARISMO

Desaparece o sectarismo à medida que se desenvolve o cristianismo

*

O único título que no momento nos compraz é o de aprendizes da verdade. Não somos católicos, presbíteros, espiritistas ou seguidores de outra qualquer seita da Terra. Rompemos as barreiras do sectarismo, irmãos. Um só anseio entretence nossos intelectos: a paixão pela verdade que liberta. E um só sentimento urde nossos corações: o amor pelo Cristo e Seu Evangelho. Eis tudo o que nos basta! (Trecho de uma preleção do Espírito Francisco. Pág. 191-Senda Redentora, de Gilson Freire – Editora Inede – B. Horizonte. MG

*

O sectarismo religioso, como todo sectarismo, não é mais que um resíduo das fases primitivas da evolução humana. Porque a humanidade se desenvolveu através de formas grupais, fechadas em seus sistemas próprios, egoístas e isolacionistas. Grupos humanos como a família, o clã, a tribo, e posteriormente as cidades, as nações, eram organismos que se fechavam em si mesmos, hostis aos demais, apegados a sistemas de defesa que o instinto de conservação originava e aguçava. Esse mesmo espírito egoísta, que se baseava na natureza animal e na estreiteza mental dos homens, caracterizou as religiões, as linhagens familiares, os agrupamentos políticos, e ainda em nossos dias ofereceu-nos o doloroso espetáculo do racismo nazista.

À proporção, porém, em que a humanidade evolui, o espírito humano se alarga, superando barreiras e destruindo fronteiras. O homem se universaliza. Sua mente se abre a uma compreensão mais ampla do mundo. Seu coração, como um botão de flor que desabrocha, distende as fibras no sentimento universal do amor. Para o homem tribal, somente os da sua tribo eram gente, todos os demais não passavam de “inimigos”. Para o racista, só os da sua raça têm valor. Para o sectarista, só os da sua seita prestam, só eles estão certos e merecem a proteção de Deus.

No Cristianismo, concepção universalista do mundo, esse resíduo de épocas primitivas ainda conseguiu medrar, provocando os terríveis morticínios religiosos que enegrecem a história humana. Porque a natureza do homem não cede com facilidade às influências renovadoras. Já no Espiritismo, porém, não é possível permitirmos a continuidade desses sentimentos negativos.

O espírito sectário é a negação dos princípios cristãos, e, por conseguinte a negação dos princípios espíritas, que revivem no mundo moderno os ensinamentos de Jesus e da era apostólica. Fazer do Espiritismo uma seita é asfixiar os princípios

doutrinários. Foi por isso, e tendo em vista o universalismo da ciência, que Kardec insistiu na natureza científica da doutrina.

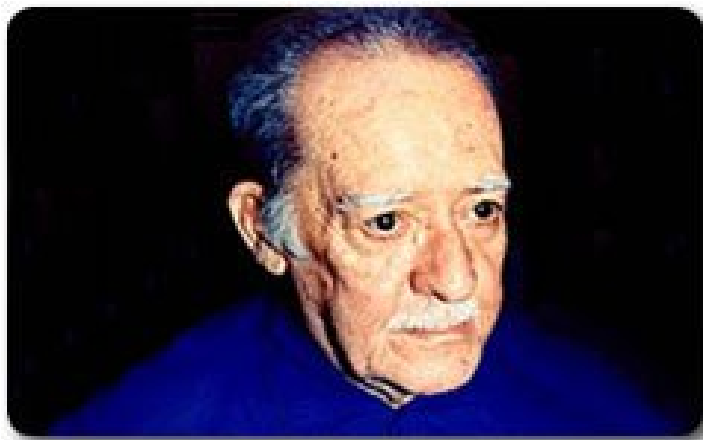
Apresentar o Espiritismo como uma religião equivaleria a atirá-lo imediatamente nas lutas sectárias da época. Apresentando-o como ciência, Kardec o tornava acessível a todos. Como vemos, entretanto, nos seus livros, e particularmente em “O que é o Espiritismo”, “A Gênese” e “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, a concepção de Kardec era muito mais ampla, entendendo o Espiritismo como uma revelação de triplice aspecto: científica, filosófica e religiosa. O Cristianismo é um lento, grandioso e profundo processo de reforma do mundo. Jesus definiu a sua função ao se referir à porção de fermento que colocamos numa medida de farinha, para fazê-la levedar. Durante quase dois mil anos o fermento cristão levedou a pesada farinha do mundo, misturando-se a ela, penetrando-a, absorvendo-a. Mas chegaria o momento decisivo desse processo, em que o fermento cristão revelaria a sua verdadeira natureza.

Esse momento está anunciado no Evangelho de João: é o do Consolador, do Espírito da Verdade, e chegou com o Espiritismo. A era espírita, em cujo segundo século agora nos encontramos é a continuidade natural da era cristã. A farinha do mundo, dominada pelo fermento cristão, vai perdendo o seu antigo sabor, para adquirir outro. Uma das tonalidades desse antigo sabor, que tem de desaparecer o quanto antes, é exatamente o sectarismo, a atitude mental estreita, que escraviza o homem ao seu ponto de vista exclusivo.

O mundo que o Espiritismo está construindo na Terra, com base nos princípios fundamentais do Cristianismo, é essencialmente universalista e por isso anti-sectário. O Espiritismo não se proclama o único meio de salvação humana, nem se diz o detentor exclusivo da verdade. Do ponto de vista espírita, todas as religiões são formas de interpretação da suprema verdade, e todas conduzem o homem a Deus, quando praticadas com sinceridade. O que importa, como dizia Kardec, não é a forma, mas o espírito. De uma vez por todas, os espíritas precisam libertar-se dos resíduos sectaristas, não respondendo no mesmo tom às agressões sectárias de que são vítimas a todo o momento. Somente praticando a fraternidade e a tolerância, poderemos ajudar a construção do mundo sem barreiras que será o Reino de Deus na Terra. FONTE: PIRES. J.H. O Homem Novo. 3º. Ed. Correio Fraternal do ABC: S. Paulo -1989. Pág. 29/58.

2 – EDGARD ARMOND E O SECTARISMO

Vejamos como, com palavras lúcidas, firmes e convincentes discorre sobre esse magno tema Edgard Armond, um dos maiores líderes espíritas de São Paulo:



Edgard Pereira Armond – (1886 – 1978)



Vejamos como, com palavras lúcidas, firmes e convincentes discorre sobre esse magno tema Edgard Armond, um dos maiores líderes espíritas de São Paulo:

O espírita esclarecido jamais é exclusivista ou sectário, porque o sectário é fanático e, portanto, espiritualmente inferiorizado; bem ao contrário, deve ser liberal, idealista e de mente universalizada, tanto nos conhecimentos como nos sentimentos, porque o fim da evolução é o universalismo do amor na unidade em Deus; e em Deus não há privilégios; todos são seus filhos e possuem os mesmos direitos e perante Ele somente valem as perfeições do Espírito e não as crenças humanas limitadas, presunçosas, precárias. O guia espiritual soberano deste orbe é Jesus e ele disse que seus discípulos e seguidores seriam reconhecidos pelo muito que se amassem; e na separação do sectarismo, no fanatismo exclusivista religioso ou doutrinário não há amor, mas orgulho, presunção, hostilidade e, nesse clima malsão, hipócrita, Jesus não está presente.

Mas na Doutrina dos Espíritos Jesus está sempre revelado na contextura doutrinária, na essência moral e religiosa, nas leis divinas que regem o Universo, no intercâmbio entre os mundos, na palavra esclarecedora e evangelizada dos protetores e guias; mas o mesmo nem sempre se dá com os adeptos, que adotam o letrado, mas não o conteúdo doutrinário; disputam

postos de direção, mas não sabem se dirigir a si mesmos; arvoram-se em diretores e guias; mas conservam no rosto a máscara da dissimulação, porque pregam mas não fazem e suas almas são impuras nos sentimentos e pensamentos. Com estes também Jesus não está. Para o verdadeiro espírita a humildade vem em primeiro lugar e a sinceridade em segundo, porque amor sem isso é hipocrisia e fingimento e onde não há amor não há verdade. – Edgard Armond

3 – MASSIFICAR A DOCTRINA – Roque Jacintho - (1928-2004)
Reformador (FEB) – Abril 1973.

A Doutrina espírita é intimista. Ela se dirige a cada criatura, em particular, revolvendo o mais íntimo de seus sentimentos, fazendo germinar as sementes do homem-espiritual que dormem em cada coração. Todas as características da ação espírita, no campo de sua expansão – já temos repetido -, escapam aos padrões religiosos a que nos viciamos, no curso de milênios. Fala-nos de hierarquia, mas noutro conceito. Aqui, ninguém é diretor de alma alheia. Cada um toma a sua própria rédea e dirige a si mesmo. Kardec não criou um tipo ideal de homem-moral. Apontou Jesus por modelo, destacando, ao longo de sua obra, que, dentro de nossa relatividade evolutiva, marcharemos gradativamente para o centro desse fulcro radiante e de atração magnética irresistível, porque seu pensamento nos envolve a todos. Evoluímos sem saltos, superando deficiências.



A conquista de nosso mundo interior, com o despertar das qualidades inatas através da prática do amor ao próximo, é a maneira segura, natural, de nos definirmos como indivíduos diante da Vida. Não somos conclamados a anular-nos. A conscientização espiritual é o objetivo. Sublimar a personalidade, sem empaná-la, o propósito.

Toda e qualquer tentativa de massificar a Doutrina, colocando-se alguém na posição de condutor e os demais na de adeptos passivos, amorfos, redundará em clamoroso fracasso, desiludindo-se os que buscarem inspirar-se na técnica de massas de correntes religiosas diversas. Dois fatores determinam essa frustração maravilhosa:

1 – por querer, o massificador, colocar-se por cima das demais criaturas, reencenando um poder sacerdotal e de liderança que reaparece com outras roupagens, mas que, fundamentalmente, nasce do mesmo ímpeto de querer gerir vidas alheias pelas ideias que se alastram em seu coração;

2 – pelo conflito que se abre contra o gênio da Doutrina Espírita, cujas induções são libertadoras e fraternalistas, num rompimento ostensivo com as carcomidas fórmulas da tradicional hierarquia sacerdotal. Na massificação, os Espíritos se omitem..

Eles se negam a colaborar na realização de um programa que repelem pela base. Mesmo que argumentássemos sobre a urgência ou a tendência da massificação doutrinária, pela explosão numérica de prosélitos, a nossa ação não deixaria de ser de caráter salvacionista. Apenas estaríamos inscrevendo mais uma forma de salvação de almas, à semelhança das existentes noutras províncias de fé: umas salvam pelos dogmas, outras pela crença e, na área espírita, poderíamos querer conduzir por um simulacro de raciocínio.

Atualmente se cogita muito de massificação. Segundo os que lhe esposam os princípios, o nível de cultura tende a baixar na mesma proporção em que se amplia o número de educandos.

É um barateamento de cultura. Um pouco para muitos e não muito para poucos.

Na contingência atual, não poderemos vencer, no campo da instrução não-doutrinária, esse nivelamento circunstancial. Há de convir-se, contudo, que essa contingência é circunstancial e não o ideal, o ponto de chegada.

A deformação da instrução, sob pressão da tecnologia, quando o homem está sendo examinado como um elemento do Estado, desconsiderado em seu valor individual, não pode ser transferida para a Doutrina. Nesta há uma valorização efetiva do homem como indivíduo, como mundo definido em si mesmo, dentro dos princípios gerais de intimidade que Jesus enunciou com justeza no: “O Reino de Deus está dentro de vós”.

Cada um somos um mundo. O princípio de massificação, para apropriar o homem a determinados padrões de reação e conduta, é artificioso. Cada um há de crescer individualmente e individualmente há de definir-se como co-herdeiro da criação divina.

Agir em contrário é chocar-se contra a Lei Natural.

O respeito ao degrau evolutivo, ao modo de focar a parcela da verdade pelo poliedro da visão pessoal, tem sido a tônica predominante nos Espíritos elevados que se comunicam conosco, desde Kardec. Se popularizam noções maiores, não o fazem no sentido de encantar, agregar cegamente, impor suas soluções aos nossos problemas.

É bem verdade que eles, por vezes, nos criam apreensões, com vistas ao aceleração da difusão dos princípios doutrinários. É verdade que a questão de entender tais impactos, reservando as entrelinhas para nossas opções, poderá esmagar nossa alma com temores.

É que eles objetivam o indivíduo. O reerguimento de alma por alma, com conhecimento claro e respeito profundo ao que cada uma sente e pensa é tão importante para os lídimos Mentores Espirituais e contraria tanto a nossa ânsia de domínio ou de imposição de soluções padronizadas, que só podemos atribuir a essa queda de nosso padrão de preferências a origem do receio e da apreensão que nos dominam.

Classificamos de corajosa a manifestação de Emmanuel.

Quando, em janeiro, se reuniu o Conselho Federativo Nacional da FEB, em Brasília, no encerramento, através do médium Francisco Cândido Xavier, esse Espírito asseverou: “Faze-nos observar, por misericórdia, que Deus não nos cria pelo sistema de produção em massa e que por isto mesmo cada qual de nós enxerga a vida e os processos da evolução de maneira diferente. Ainda assim, induze-nos a registrar que, embora às nossas disparidades de interpretação diante dos fenômenos que nos cercam, todos podemos e devemos ser cada vez mais irmãos uns dos outros nas áreas de vivência e solidariedade, ação e tolerância”. Isso define o intimismo espírita.

Se nos ajustarmos a tal conceito (que não é inovação de Emmanuel, mas uma síntese da própria Codificação), concluiremos que é de renunciar ao desejo de padronização de conduta, de nivelção de conhecimentos, da invasão do domicílio psíquico de nosso companheiro, para impor-lhe a nossa visão da verdade, e de reconhecer que, se a Doutrina Espírita tivesse vindo para criar uma nova casta sacerdotal, com criaturas autorizadas à massificação dos demais irmãos de caminhada, não valeria emprestar-lhe colaboração porque, a breve tempo, seria mais um covil de raposas. Espiritismo é valorização do homem. É um diálogo do mundo maior com Você, conosco, com cada um de nós em particular, porque somos filhos do Pai e não simples conglomerado informe e inconsciente a entregar, de novo, as rédeas de nosso destino a tutores de nossa evolução.

Em perfeita consonância com o exposto acima é o que consta das páginas 37 e seguintes do excelente livro *Grandes e Pequenos Problemas*, inspirado mediunicamente a Angel Aguero, 3ª. Edição 1976, FEB, Rio, a primeira editada em 1932, que, com a devida vênica, transcrevemos:

“A característica especial do Espiritismo é a universalidade. Ele abrange tudo, não repelindo coisa alguma que se baseie na Verdade e na Justiça, coisa alguma que haja passado pela prova da investigação e recebido desta a necessária comprovação. 38 Não pode o Espiritismo constituir uma religião, ou uma política especial; não pode criar sistemas sociais, que o distanciem de outros sistemas. Sob esse aspecto, é eclético. De todos toma o que têm de verdadeiro e de bom, e a nenhum repudia, porque sabe que todos satisfazem as necessidades de umas tantas almas. Em nada pode o Espiritismo singularizar-se, a não ser em formar um todo harmônico, que convida todos os seres ao acordo mútuo, ao trabalho solidário, à fraternal convivência, apesar das diferenciações naturais que existem entre uns e outros indivíduos da espécie. Não há, pois, pretender que o Espiritismo, a menos que o prostituam, se distinga por injustificadas preferências religiosas, políticas e sociais; alheio a todo exclusivismo, a todas as manifestações do Espírito ele auxilia com a seiva de sua virtude unificadora. Porque, repetimos, o Espiritismo não se destina a influir no mundo, criando partidos, sistemas e escolas que dividam os homens, mas inspirando os que militem nas diversas escolas, ou instituições, para levar-lhes o seu espírito, que é o do amor recíproco, da harmonia, da fraternidade.

Não precisa o Espiritismo criar escolas, facções ou partidos, para fazer sentir sua influência no mundo. Se isso fizesse, seria mais uma facção, mais um partido, mais um sistema, e nada a humanidade lucraria com a entrada de um novo ator na cena das discórdias humanas. O Espiritismo é muito mais do que tudo isso. E, porque o é, poderá ter adeptos em todas as confissões, partidos e escolas em que se divide a humanidade, a fim de realizar nelas a obra benéfica da comunhão das criaturas humanas.

Assim, pois, não devem os adeptos da Nova Revelação sonhar com um porvir em que o Espiritismo, vencedor, 39 dite e imponha, das alturas conquistadas, leis ao mundo. Isso jamais ele fará. Conquistará, sim, os corações dos adeptos de todos os partidos, de todas as facções e de todas as confissões, a fim de que, da posição que ocupem, influam no mundo com o espírito de sabedoria que lhes terá impresso e com esse espírito executem a obra que lhes cumpre realizar. Desta e não de outra maneira terá o Espiritismo de influir no mundo; de outra forma, amesquinhar-se-ia e não valeria a pena que abrisse passagem por entre as demais idéias e credos que disputam a hegemonia no seio da humanidade.

Deduzido tudo isso das características com que se apresenta o Espiritismo na cena terrestre, chegamos às seguintes conclusões:

1 – O Espiritismo não pode ser um partido político, nem constituir um credo religioso, nem formar um sistema social exclusivo, porque não está em sua natureza singularizar-se de forma especial, nesses sentidos, desde que atrai ao seu seio todas as criaturas humanas, sejam quais forem suas opiniões, ou crenças, cor, nacionalidade e grau de cultura e moralidade.

2 – O Espiritismo, propugnando o aperfeiçoamento individual como base do aperfeiçoamento coletivo, estabelece um método seguro para chegar-se à solução, também segura, e sem lutas, de todos os problemas de qualquer ordem que se desenhem no cenário social.

3 – O Espiritismo, estimulando o cultivo integral do Espírito, faculta às artes, às ciências e a todas as capacidades espirituais desenvolverem-se sem embaraços, satisfazendo a uma necessidade das almas encarnadas.

4 – Não sendo uma religião, porém, sim, a Religião, o Espiritismo ligará um dia todos os homens por um só sentimento de adoração à Causa Suprema, não permitindo que os indivíduos se considerem adversários e, menos, inimigos, por prestarem, de modos diferentes, culto à Divindade.

Levando a todos os seres a convicção de que só pela prática do bem poderão ascender na escala da perfeição, e que deles, somente deles, depende seu próprio progresso, o Espiritismo traçará um novo plano de trabalho aperfeiçoado que, assegurando a todos desenvolverem ação consciente e proveitosa, tornará efetivas a harmonia social e a fraternidade humana.⁴⁰ Demonstrando a necessidade da tolerância e do respeito mútuo, e reconhecendo a legitimidade de todos os credos, suavizará as asperezas ainda existentes e que impedem reconheçam os homens a razão de ser dos diferentes credos, a cada um dos quais negam todos os direitos os adeptos dos outros. Sendo o depositário de todas as verdades contidas nos

diversos credos e confissões ainda atuantes, sendo o elo que a todos há de unir, conseguirá fazer efetiva na Terra a doutrina do Redentor, o que assinalará a era nova do reinado de Jesus-Cristo, permitindo-lhe descer novamente ao mundo. A isso forçosamente conduzirá o Espiritismo, exercendo no planeta sua influência avassaladora, à qual não poderão subtrair-se os credos, os partidos, as hierarquias, os sábios, os ignorantes, os bons e os maus, porque, quando os homens pudessem resistir a toda sugestão espírita, de maneira alguma poderiam forrar-se à sugestão espiritual das Entidades do Espaço, dos Mensageiros do Pai, que, onde quer que seja preciso, obedientes ao plano divino, exercem sua ação, sem que dela possam livrar-se nem mesmo os mais recalcitrantes adversários da Doutrina dos Espíritos. Influem eles, para tudo encaminhar aos fins previstos pelos Diretores da Evolução, em cujo supremo conselho se acha o Cristo, presidindo-o, sem que a essa influência possam eximir-se nem pontífices, nem monarquias”. Angel Aguero.

---oo0oo---

No comentário que na página 11 acima fizemos sobre A UNIFICAÇÃO E O PACTO ÁUREO, chamamos a atenção para a grande dificuldade que, ao longo de sua história tiveram que superar os responsáveis pelas entidades e órgãos mais importantes do MEB para organizar-se.

O artigo que, data venia abaixo reproduzimos revela – para nós de forma surpreendente – a razão pela qual não se conseguiu até agora, satisfazer essa ideal aspiração:

Blog do Aron, um espírita - Quinta-feira, 6 de outubro de 2011

"Estendei-vos as mãos com brandura, amparai-vos, mas não vos erijais em juizes uns dos outros..." J. B. Rostaing (Os Quatro Evangelhos) Pág. 121 Vol.3 -7ª Ed. FEB- 1990."

FALSOS PROFETAS

7,15 *Acautelai-vos dos falsos profetas que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas, por dentro, são lobos perturbadores.*

Para Mt (7,15) -Falsos Profetas - leiamos, em “Jesus e Kardec” Livro de - Roque Jacintho:
“Espiritismo Organizado...

– Por que não é o Espiritismo uma religião organizada? Bastas vezes você terá refletido, examinando os quadros de trabalho do Espiritismo-cristão: por que motivos uma doutrina tão fértil e consoladora não se organiza, a fim de tornar-se mais eficiente na distribuição de sua orientação e na sustentação de seus princípios a favor de toda a humanidade.

Ponderemos essas aspirações. O que para você poderá semelhar-se a deficiência, constitui um dos mais preciosos predicados do cristianismo renascente, impedindo que, ao tomar os canais das preferências e dos moldes das organizações humanas, secularmente viciados, venha a erigir-se numa outra seita religiosa que disputa a influência sobre os poderes temporais.

Quando o humano sufoca o divino inscreve-se a falência dos mais dignos propósitos.

Os grupos separados, mas não divergentes; os companheiros trabalhando em setores diferenciados, mas sem se oporem uns aos outros – são contingências para assegurar a continuidade da expressão religiosa divina, não humana, do Espiritismo, obstando, ao mesmo tempo, que inteligências brilhantes, porém não espiritualizadas, tentem tomar a rédea da coletividade Espírita e terminem por conduzi-la aos mais disparatados projetos de amplo domínio sócio-físico na face da Terra. O redil do Senhor é nosso orbe todo. No mundo, Jesus congrega todas as almas em evolução, respeitando-lhes os degraus mentais, sem que ninguém e nenhuma instituição possua outorga de procuração para apresentar-se como Presidente, com especial missão de reunir sob a sua égide o rebanho aparentemente disperso.

Organizar o Espiritismo será sufocá-lo, atrofiando-lhe as mais belas expressões de liberação espiritual e, contrariamente a romper o cativo, será erigir uma outra senzala, condicionando o impulso religioso ao sabor de algumas criaturas falíveis.

Espiritismo é doutrina dos Espíritos, não dos homens.

O Codificador, preconizando a multiplicidade de agrupamentos, atendia à lei da afinidade espiritual, dentro da qual conseguimos reformar-nos por dentro. Tais núcleos interrelacionando-se, permutam experiências preciosas, mas não criam liames de subordinação dogmática, à semelhança da hierarquia que mina as religiões que se deixaram organizar.

Preservando a liberdade religiosa, alimentando os grupos espíritas independentes, temos o quadro geral da “grande igreja espiritual”, apregoada ardentemente pelo apóstolo da Gentilidade, ou seja, a comunhão espiritual que representa a necessidade maior de nossa humanidade, cujas sublimes esperanças se tem frustrado pela opressão do egoísmo e do orgulho daqueles que não se contentam com a alforria afetiva de seus irmãos de caminhada.

Os que se atribuem a tarefa de organização trazem as mais cândidas e respeitáveis intenções e, se examinados ou pesqueiros com nossa métrica comum, expressam os mais belos e sadios propósitos. Na concretização de seus projetos, no entanto, fatalmente se deixam render aos seus pendores e fazem da religião o degrau de suas soluções individuais.

Espiritismo é caminho de regeneração.

Despertando as tendências mais nobres da criatura, individualmente considerada, sem atrofiar-lhe o livre arbítrio e sem apresentar-se por fórmula única de felicidade, o Espiritismo, se organizado pelos homens, se tornará um reflexo de nossos impulsos deficientes, um espelho de soluções pessoais, cujas conseqüências poderemos facilmente compreender bastando compulsar a história, a partir do século III de nossa era.

Trabalhem para que o Espiritismo se torne devidamente apreciado em seus fundamentos, a fim de distribuir para todos a sua bênção redentora, sem esperar que um dia domine a Terra ou um povo que seja. O espírita será o servo e não o senhor do Mundo.

CAPÍTULO II

A REGENERAÇÃO DA IGREJA DO CRISTO

Somente após refletir e meditar demoradamente sobre os elevados conceitos acima é que, a nosso ver, podemos interpretar de modo correto o comentário que sobre Mateus, Cap. XVII, v. 19, fazem os Evangelistas, autores espirituais de Os Quatro Evangelhos, sobre o insucesso ocasional dos discípulos de Jesus ao tentarem expulsar um Espírito obsessivo, após tê-lo antes, inúmeras vezes conseguido, (pág. 64 do tomo 3º.), lembrando ao leitor que a obra foi psicografada entre Dezembro de 1861 e Maio de 1865 em Bordéus: “O Mestre os preparava enquanto se achava na companhia deles. Dentro da série e do encadeamento dos fatos, dos acontecimentos, tudo tinha que concorrer e concorria para lhes desenvolver a fé e torná-los aptos ao desempenho da missão que lhes seria confiada, quando Jesus terminasse o da sua na Terra.

..... A mediunidade dos que, entre vós, p 65 servem de instrumentos aos Espíritos está apenas em começo. Mas, contrariamente ao que sucedeu na época dos discípulos, os vossos médiuns só entrarão no gozo completo de suas



faculdades mediúnicas quando estiver entre os homens o Regenerador, Espírito que desempenhará a missão superior de conduzir a humanidade ao estado de inocência, isto é: ao grau de perfeição a que ela tem de chegar. Até lá, obterão somente fatos isolados, estranhos à ordem comum dos fatos. Não nos cabe fixar de antemão a época em que tal se verificará. O Senhor disse: vigiai e orai, porquanto desconheceis a hora em que soará retumbante a trombeta, fazendo que de seus túmulos saiam os mortos. Quer dizer: desconheceis a hora em que Deus fará que renasçam materialmente na Terra os Espíritos elevados, incumbidos de dar impulso às virtudes que eles descerão a pregar, praticando-as em toda a sua extensão. O chefe da Igreja católica, nessa época em que este qualificativo terá a sua verdadeira significação, pois que ela estará em via de tornar-se universal, como sendo a Igreja do Cristo, o chefe da Igreja católica, dizemos, será um dos principais pilares do edifício. Quando o virdes, cheio de humildade, cingido de uma corda e trazendo na mão o cajado do viajante, podereis dizer: “Começam a despontar os rebentos da figueira; vem próximo o estio. Entendemos por missão superior aquela que objetiva a regeneração da humanidade e que, pelo seu conjunto e pela sua força, se estenderá, dominando a ação de todos os outros missionários. Podeis daí deduzir facilmente que o Espírito que desempenha uma missão superior está acima de todos quantos, como ele trabalham na realização de

uma obra humana. Debaixo da influência e da direção do Regenerador, caminhará o chefe da Igreja católica, a qual, repetimos, será então católica na legítima acepção deste termo, pois que estará em via de tornar-se universal, como sendo a *Igreja do Cristo*.

Não há necessidade de que penetreis nos segredos do futuro. Tudo quanto, com relação ao presente, cumpre que conheçais vos é revelado”.

(1) Vide na Internet: O duro recado do Papa aos bispos, In LeonardoBoff.com, 2*) Vide também, Erros da Igreja, item 6 págs. 370 e seguintes, de Leitura Adicional, no Apêndice.

Segundo o nosso modesto modo de ver, João Batista (O Elias que havia de vir) que, como Jesus deu a entender, é abaixo dele o mais elevado espírito na Terra, o qual, como Moisés e Elias cumpriu com êxito as missões mais importantes, é (ou será) o Regenerador citado. **O modo enérgico de agir do novo Papa** induzem-nos a crer que estão progressivamente se efetivando os presságios acima citados sobre a regeneração da *Igreja do Cristo*, concomitante à dos habitantes do planeta Terra. 1* 2*

Conforme se pode ver no Wikipédia: Francisco (nascido em Buenos Aires, em 17 de dezembro de 1936), como Jorge Mario Bergoglio, é o 266º. Papa da Igreja Católica e o primeiro papa nascido no continente americano e também o primeiro pontífice do hemisfério sul, o primeiro papa a utilizar o nome de Francisco, o primeiro pontífice não europeu em mais de 1200 anos e também o primeiro papa jesuíta da história. Tornou-se Arcebispo em 1998. Elevado ao cardinalato com o título de Cardeal Presbítero, foi eleito papa em março de 2013. Segundo foi divulgado pela Mídia, ele declarou que os próximos 50 anos serão aplicados na reforma do Vaticano.

Vejam o que, corroborando o que acima dissemos, esclarecem os Evangelistas ao comentarem na pág. 222 do tomo 3º. de Os Quatro Evangelhos, o evangelho de MATEUS, Cap. XX, L. 20-28. — MARCOS, Cap. X, L. 35-45 – Filhos de Zebedeu. — A humildade e o devotamento para com todos são a fonte e o meio único de toda elevação. — Nunca alimentar no coração a inveja. — Seguir o exemplo de Jesus e fazer esforços por andar nas suas pegadas.

222 – MATEUS: V. 20. Aproximou-se dele então a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos e o adorou, dando mostras de querer pedir-lhe alguma coisa. — 21. Jesus lhe perguntou: Que queres? — Manda, disse ela, que estes meus dois filhos se assentem um à tua direita, outro à tua esquerda, no teu reino. — 22. Retrucou-lhes Jesus: Não sabeis o que pedis. Podeis porventura beber o cálice que eu tenho de beber? Responderam eles: Podemos. — 23. Disse-lhes ele: Na verdade, bebereis o cálice que eu hei de beber; quanto, porém, a terdes assento à minha direita ou à minha esquerda, não está nas minhas mãos dar-vo-lo; isso só é dado àqueles para quem meu Pai o preparou. — 24. Ouvindo aquilo, os dez outros apóstolos se encheram de indignação contra os dois irmãos. — 25. Mas, Jesus os chamou e disse: Sabeis que os príncipes das nações dominam os povos; que os grandes exercem seu poder sobre eles. — 26. Assim, porém, não há de ser entre vós outros: aquele que entre vós queira ser o maior seja o que vos sirva; — 27, seja o vosso servo aquele que quiser ser o primeiro entre vós; — 28, a exemplo do filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida pela redenção de muitos.

MARCOS: V. 35. Acercaram-se então dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, e lhe disseram: Mestre, queremos nos façamos tudo o que te pedirmos. — 36. Perguntou-lhes Jesus: Que quereis que eu vos faça? — 37. Concede, disseram eles, que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda. — 38. Jesus lhes observou: Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu hei de beber e receber o batismo com que eu serei batizado? — 39. Responderam os dois: Podemos. Replicou Jesus: Na verdade, bebereis o cálice que eu hei de beber e sereis batizados com o batismo com que eu o serei. — 40. Quanto, porém, a vos sentardes à minha direita ou à minha esquerda, não está nas minhas mãos vo-lo conceder; isso será dado àqueles para quem meu Pai o haja preparado. — 41. Ao ouvirem o que pediam Tiago e João, os dez outros apóstolos se tomaram de indignação contra eles. — 42. Jesus, porém, os chamou e lhes disse: Sabei que os que têm autoridade sobre os povos exercem dominação sobre estes; que seus príncipes os tratam com império. — 43. Assim, entretanto, não deve ser entre vós; o que quiser ser o maior tem que se fazer vosso servo; — 44, e o que quiser ser o primeiro tem que ser o servidor de todos. — 45. Porque, o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos.

N. 224. (Mateus, L. 20-21). (Insignificante é a diferença que se nota entre essas duas versões, que, aliás, se completam).

A mãe de Tiago e João estava com eles, assim como outras muitas mulheres que, acompanhando seus filhos e irmãos, seguiam a Jesus. Ela e eles dirigiam sucessivamente a palavra ao Mestre. A resposta deste, porém, foi dada aos dois discípulos, como era natural. Ainda aqui, como em todos os casos semelhantes, cada uma das narrações evangélicas explica e completa a outra. Entre os povos da antiguidade, com um alcance ainda maior do que entre vós, a direita era o lugar de honra e a esquerda, conquanto o fosse também, relativamente aos demais convidados, implicava uma certa inferioridade. Ora, Tiago e João, ao formularem o pedido que fizeram, se colocavam, de acordo com as suas idéias mundanas, nos primeiros lugares para as honras celestiais, logo depois de Jesus, que eles consideravam o anfitrião do festim celeste a que todos seriam convidados. Cumpre não tomar as palavras ao pé da letra, mas como figurativas da categoria que os dois desejavam ocupar.

224 – (Mateus, L. 22-23; Marcos, L. 38-39-40.) “Não sabeis o que pedis; podeis beber o cálice que hei de ‘beber, receber o batismo que hei de receber?’”

Por estas palavras aludia Jesus ao sacrifício em que ele seria a vítima e não à água que João Batista lhe derramara sobre a cabeça. Logo que Tiago e João lhe respondem: Podemos, ele acrescenta: “Na verdade bebereis o cálice que hei de beber, receber o batismo que hei de receber?” aludindo, de modo geral, ao martírio que os apóstolos em sua maioria haviam de sofrer, a exemplo do Mestre.

“Quanto, porém, a terdes assento à minha direita ou à minha esquerda, não está nas minhas mãos dar-vo-lo; isso só é dado àqueles para quem meu Pai o preparou.”

Por estas palavras Jesus faz ressaltar a supremacia divina com relação a qualquer outro Espírito, por mais elevado que seja. Faz ver que ninguém mais senão Deus sabe quando o Espírito é bastante puro para se sentar “à direita” ou “à esquerda” do

Mestre. Faz sentir que só Deus, que é uno, que é onipotente, que é o único cuja soberania é absoluta como rei dos reis, senhor dos senhores, pode admitir qualquer das suas criaturas, ou repeli-la, até que a sua purificação seja completa.

Não sabeis o que “pedis”, disse Jesus a Tiago e João. Efetivamente, na condição de encarnados, enquanto desempenhavam suas missões terrenas, eles eram incapazes de compreender o sentido e o alcance do que pediam, assim como, em espírito e em verdade, o sentido e o alcance das respostas que lhes foram dadas, de compreender as regras e as condições, estabelecidas desde toda a eternidade pela vontade imutável de Deus, para o progresso do Espírito, para sua marcha ascensional colimando a perfeição.

225 – (Mateus, L. 24-28; Marcos, L. 41-45.) Diante da indignação de que se encheram os outros dez apóstolos contra Tiago e João, Jesus, chamando-os para perto de si, lhes deu o ensinamento simples e conciso, constante desses versículos, ensinamento que todos deveis compreender, objetivando encaminhar o homem para a humildade, para o desinteresse e a renúncia de si mesmo, para o devotamento a todos.

Essa lição deu frutos entre os discípulos e os primeiros cristãos. Os homens, porém, a perderam de vista, deixaram de a praticar desde o dia em que, passados os tempos apostólicos, fizeram da Igreja do Cristo um reino deste mundo, pactuando com as potências da Terra, ou, por vezes, lutando contra elas, caminho pelo qual foram levados ao orgulho, à ambição, à dominação e à intolerância, aos abusos, às aberrações, aos excessos que aquelas fontes de erros e de paixões fazem jorrar.

Chegaram os tempos em que as palavras do Mestre se têm de cumprir e tornar verdade prática, em que aquele que quiser ser entre vós o maior estará sempre pronto a servir aos seus irmãos, será o servo de todos.

Espíritas, primeiros pioneiros da era de regeneração, dai aos vossos irmãos o exemplo da humildade, do desinteresse, da renúncia e do devotamento. **Reuni os materiais esparsos e preparaí a reconstrução da Igreja do Cristo, sobre os fundamentos inabaláveis e indestrutíveis da liberdade, da igualdade e da fraternidade, pela prática do amor, da justiça e da caridade recíprocas e solidárias.** Esses fundamentos lançou-os o próprio Jesus, proclamando estarem toda a lei e os profetas no duplo mandamento do amor a Deus, vosso Criador, e ao próximo como a vós mesmos. A prática desse duplo mandamento consiste na observância das leis de justiça, de amor e de caridade, implicando a das leis do trabalho e do progresso, pelo aperfeiçoamento próprio e de seus irmãos.

226 – **Preparaí a reconstrução dessa Igreja do Cristo, que tem por templo o vosso planeta e cujos fiéis serão todos os homens, sem embargo dos diversos cultos exteriores que agora os separam e dividem.**

Oh! Homens, irmãos nossos bem-amados, tornai-vos todos discípulos de Jesus, esforçando-vos, pela compreensão e pela prática, em espírito e verdade, de seus ensinamentos e exemplos, por andar nas suas pegadas. Em nome do Mestre nós vos repetimos: aquele que, entre vós, quiser ser o maior seja o servo de todos, a exemplo do filho do homem, que veio para vossa regeneração, mostrando a todos a senda da perfeição moral na humildade, no desinteresse, na renúncia de si mesmo, no devotamento a todos, absoluto, levado até ao sacrifício da vida. (Negritos meus)

Jesus declarou: “O filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida pela redenção de muitos”. Disse “de muitos” e não “de todos” porque, ao tempo da purificação do vosso mundo, Espíritos rebeldes e obstinadamente culpados haverá que serão afastados desse planeta e mandados para outros de categoria inferior, onde terão que expiar e progredir sob as vistas de outro Cristo de Deus. Os degradados serão, nós o esperamos, em número reduzido, porquanto o caminho está aberto a todos. Todos tendes o livre-arbítrio e a lei do amor para vos guiar nesse caminho, de modo a que o percorrais com segurança e sem desvio. Jesus não estabeleceu duas categorias, uma de “eleitos”, outra de “réprobos”. Compreendei toda a grandeza do sentido das palavras do Mestre. Nem todos chegarão ao fim debaixo da mesma direção, mas todos hão de chegar.

---oo0oo---

1 – O ESPIRITISMO É DOUTRINA UNIVERSALISTA? 1

O Espiritismo é doutrina universalista porque o principal motivo de sua atuação e existência são os acontecimentos e os problemas do espírito isto é da entidade universal.

Seu motivo fundamental é o espírito imortal, seja luz – seja energia – seja chama, seja centelha ou ser imponderável, indescritível ao nosso entendimento humano mas sempre, o élan de nossa consciência com o Absoluto, o alimentador da vida e do universo.

O Espiritismo é universalista, mas não lhe cabe a culpa se muitos espíritas desmentem essa salutar conceituação e desperdiçam seu precioso tempo no julgamento e agressividade mental aos demais trabalhadores da espiritualidade.

Alguns espíritas alegam a necessidade de se defender os princípios sensatos do Espiritismo evitando-se a promiscuidade das misturas religiosas sendo este um argumento bastante débil pois o que é invulnerável à influência jamais precisa de defesa.

Uma roseira plantada em qualquer terreno não corre o risco de produzir batatas.

Esses espíritas ainda revivem em modernas sublimações os dogmas dos velhos credos que esposaram nesta ou em reencarnações passadas. Revelam no meio espírita a mesma intolerância religiosa, a sisudez pessimista, a má disposição para com idéias e labores alheios que ultrapassam as fronteiras de suas convicções. Reproduzem sob novos aspectos doutrinários o mesmo vício de excomunhão do passado embora sejam cultos e cientes de avançado programa espiritual.

O Perigo de dissolução doutrinária do Espiritismo

Em face de misturas estranhas há de desaparecer se os espíritas não estiverem integrados e convictos dos postulados doutrinários de raízes indestrutíveis.

Só a convicção absoluta pode afiançar a fé que remove montanhas.

Só uma fé viva contínua e forte sustenta qualquer ideal e é essa espécie de fé que também recomendamos para os espíritos temerosos de confusão. O Espiritismo universal é fruto da convicção cimentada na cultura e no discernimento espiritual do homem e não simples ajustes de credos, de princípios religiosos ou variedades de crenças. O Espiritismo é uma doutrina universalista porque se coloca acima dos conflitos, das contradições religiosas, julgando as atividades humanas de modo global e benfeitor. O Espiritismo expõe o conhecimento oculto de todos os povos, sem atavios, em linguajar simples e sem enigmas alegóricos. O seu texto moral e filosófico pode ser facilmente compreendido por todos os seres e sem ferir os postulados alheios.

O Espiritismo comprova o seu sentido universalista por servir e compreender todas as criaturas em todas as latitudes geográficas. Pelo fato de não incorporar no seu conteúdo revelações ou conceitos de outras fontes espiritualistas isso não desnatura o seu conceito de universalismo. Em verdade evita-se o sincretismo religioso para não tornar fatigante e complexo o que já foi dito de modo tão simples. É missão do Espiritismo, conjugar os valores inerentes à imortalidade e despertar nos homens a simpatia e o respeito para todas as crenças e instituições religiosas do mundo acendendo na alma dos seus discípulos a chama ardente do desejo na busca comum da verdade.

O Espiritismo é mensagem universalista porque valoriza todos os esforços do ser humano em favor do bem e da compreensão espiritual numa visão global do conhecimento sem precisar juntar credos e seitas religiosas numa fusão improdutiva e que baixa a qualidade original pela confusão da mistura.

Universalismo não é apenas a colcha feita com retalhos de todas as religiões e doutrinas espiritualistas mas o entendimento dos costumes – dos temperamentos, dos sentimentos religiosos de todos os homens a convergir para um só objetivo espiritual.

Embora a doutrina espírita divulgue em seus postulados velhos ensinamentos da tradicional filosofia espiritual do oriente é certo que a Teosofia, a Rosa-Cruz e algumas instituições esotéricas criticam desairosamente o Espiritismo e desaconselham as práticas mediúnicas, alegando que o exercício da mediunidade é arma de dois gumes que coloca o médium sob o perigoso controle dos espíritos malfeitores do mundo invisível. Realmente o uso da mediunidade exige prudência, estudo e rigorosa disciplina moral, pois as anomalias psíquicas como fascinações – obsessões, comunicações mediúnicas desregradas são mais próprias da ignorância e imprudência humana do que oriundas dos postulados espíritas. O Espiritismo além de ser um sistema filosófico disciplinado e de experimento científico possui a garantia moral do evangelho de Jesus. Lógico e sensato nos seus princípios, em cento e cinquenta anos de atividades jamais causou prejuízos diretos aos estudiosos e adeptos bem-intencionados.

Os seus ensinamentos facilmente compreensíveis e sem objetivos pessoais foram corporificados para a emancipação espiritual da humanidade terrestre.

O fenômeno mediúnico é inerente a todos os homens, é próprio do espírito humano e por isso existe desde os tempos simbólicos de Adão e Eva. A expansão mediúnica não é propriamente a terceira revelação, mas o é, o Espiritismo no seu conjunto doutrinário, revelando o mundo oculto a todos os homens com a responsabilidade grave de pesquisar e controlar o desenvolvimento mediúnico.

O Espiritismo é a terceira revelação predita e anunciada por nosso Senhor Jesus. Sendo a sua mensagem mediúnica do Alto, embora se assemelhe ao procedimento dos demais reveladores distingue-se pela incumbência de proceder a uma transformação radical no espírito da humanidade assim como também já aconteceu às duas anteriores revelações de Moisés e Jesus.

A primeira revelação promulgou os dez mandamentos através da mediunidade de Moisés no monte Sinai. A segunda revelação codificou o evangelho pela vida sacrificial de Jesus.

Em ambos os casos foram movimentados recursos de elevada estirpe espiritual que além de influírem decididamente sobre os hebraicos ainda foram extensivos a toda a humanidade.

Examinando-se as mensagens de outros instrutores afora de Moisés e de Jesus verificamos que elas foram algo pessoais, e dirigiam-se mais intencionalmente a povos e raças cujos costumes e temperamentos eram mais eletivos aos ensinamentos da época.

Antúlio predicou entre os atlantes, Confúcio pregou aos chineses, Orfeu particularizou-se aos gregos, Hermes aos egípcios, Buda aos asiáticos, Zoroastro aos persas, Krishna aos hindus.

As mensagens de Jesus e Kardec transcenderam a raças e foram divulgadas sob caráter universalista porque se endereçavam a toda a humanidade. Os dez mandamentos – o Evangelho – a codificação espírita ultrapassam os preconceitos e costumes raciais de qualquer povo, pois servem de orientação espiritual a todos os homens. As três revelações fundamentais ocorreram em épocas diferentes e de acordo com o entendimento intelectual e psicológico dos povos.

Os preceitos, Não furtarás – Não matarás – Honra pai e mãe, extraídos dos dez mandamentos de Moisés, os conceitos Amarás ao próximo como a ti mesmo, Faz aos outros o que queres que te façam, do Evangelho de Jesus Cristo e Fora da caridade não há salvação, Amai-vos e instrui-vos, da Codificação Espírita por Allan Kardec”, são ensinamentos de natureza universalista porque além de compreensíveis a todos os homens doutrinam no mesmo sentido moral, independente de raças

e credos ou costumes. Portanto, a doutrina espírita, codificada por Kardec, surgiu no século XIX, mas os princípios do espiritismo são milenares e universais. Site PretoVeio. (Modificado em sua pontuação e seu formato.)

Sobre esse relevante tema transcrevo a seguir um trecho da obra “A Missão do Espiritismo” psicografada por Hercílio Maes, em que Ramatis responde à seguinte pergunta:

O Espiritismo não se contradiz no seu universalismo, ao rejeitar qualquer aproximação de outros credos ou postulados espiritualistas?

RAMATIS: — Naturalmente, estamos nos referindo ao universalismo que é fruto da convicção cimentada na cultura e no discernimento espiritual do homem, e não a simples ajustes de credos, princípios religiosos, práticas diversas, ou variedade de crenças. O Espiritismo é uma doutrina universalista, porque se coloca acima dos conflitos e das contradições religiosas, julgando as atividades humanas de modo global e benfeitor. Ademais, expõe o conhecimento oculto de todos os povos, sem atavios, em linguajar simples e sem enigmas alegóricos; o seu texto moral e filosófico pode ser facilmente compreendido por todos os seres e sem ferir os postulados alheios. Então comprova o seu sentido universalista por servir e compreender todas as criaturas em todas as latitudes geográficas. Pelo fato de não incorporar no seu conteúdo revelações ou conceitos de outras fontes espiritualistas, isso não desnatura o seu conceito de universalismo. Em verdade, evita-se o sincretismo religioso ou doutrinário, para não tornar fatigante e complexo o que já foi dito de modo tão simples.

PERGUNTA: — Ante os esforços ecléticos de unir outras religiões, como procede atualmente o catolicismo através dos seus concílios ecumênicos, o Espiritismo ainda deve ser considerado universalista, malgrado se mantenha à margem de tais iniciativas?

RAMATIS: — É missão de o Espiritismo conjugar os valores inerentes à imortalidade e despertar nos homens a simpatia e o respeito para todas as crenças e instituições religiosas do mundo, acendendo na alma dos seus prosélitos a chama ardente do desejo da busca comum da Verdade.

É mensagem universalista porque valoriza todos os esforços do ser humano em favor do Bem e da compreensão espiritual, numa visão global do conhecimento, sem precisar juntar credos e seitas religiosas numa fusão improdutiva e que baixa a qualidade original pela confusão da mistura. Universalismo não é a colcha confeccionada com retalhos de todas as religiões e doutrinas. Universalismo não é a colcha confeccionada com retalhos de todas as religiões e doutrinas espiritualistas.

2 – O ESPIRITISMO É A RELIGIÃO DAS RELIGIÕES

Segundo Allan Kardec, a proposição acima é incorreta. O Espiritismo não é “uma religião”, porque não se organiza hierarquicamente. Para ser espírita ou mesmo para se fundar um centro espírita não se tem que pedir permissão a nenhum órgão ou autoridade no meio espírita; não há sacerdócio, cada um é sacerdote de si mesmo; não há hierarquia, basta a obediência aos preceitos evangélicos; não há rituais, pois o único culto necessário é o da caridade e do amor ao próximo; não há paramentos, pois a única distinção deve ser a do que mais serve.

O Espiritismo não é “a religião”, pelos motivos já citados e por não ter pretensões hegemônicas; por ser simplesmente a expressão dos fenômenos da Natureza, já intuídos por muitos homens, desde os tempos mais remotos.

Apenas codificado há 160 anos, o Espiritismo tem três aspectos: científico, filosófico e religioso [ou moral]. O aspecto religioso decorre de seu aspecto filosófico. Então podemos afirmar com Kardec que o Espiritismo é simplesmente um modo de pensar e agir de acordo com as leis de Deus. É uma religião apenas no sentido filosófico, porque reconhece através de operações lógicas a existência de Deus como único e Supremo Criador; a autoridade de Jesus, na condição de modelo de perfeição para a humanidade; comprovando ainda, experimentalmente, a existência do Espírito como entidade imortal e independente do corpo e sua capacidade de comunicar com os homens; o valor e a eficácia da prece, do amor, da virtude, enfim, de toda a ética ensinada pelo Cristo.

Nessa perspectiva, o Espiritismo torna-se poderoso auxiliar de todas as religiões, sem exceção, que adotam preceitos morais e éticos, mas nunca tiveram ocasião de proclamá-los objetivamente. Tal como ocorre com os milagres, interpretados pelas religiões como derrogação das leis divinas, o Espiritismo os define e estuda como fenômenos naturais, ancorados nas leis divinas, Einstein disse “a ciência sem religião é coxa, a religião sem a ciência é cega”. Pensando nesse problema, um franciscano chamado Roger Bacon, nascido na Inglaterra em 1220, quis promover o casamento das duas. Escreveu uma obra prima intitulada “Opus Maius”, relacionando ética e ciência, teologia e filosofia. Resultado: foi impedido de lecionar em Oxford, enclausurado por heresia. Somente em 1733, 441 anos após sua morte, “Opus Maius” foi publicada.

Surgido em uma época em que as perseguições ao livre pensamento não chegavam mais a esse ponto, coube ao Espiritismo promover em definitivo o casamento entre ciência e religião, curando-as em definitivo de seus aleijões, apontados pelo insigne Albert Einstein. Aleijões que podem ser traduzidos como sentimento de onipotência, em relação ao saber, por parte da ciência, e a de exclusiva comunhão com o Eterno, em relação à religião. 26-8-2010 -21:00 –Site Sete dias- <http://www.setedias.com.br/>- Sete Lagoas – MG

(*) – Vide A Grande Síntese, de Pietro Ubaldi, Cap. V, págs. 33 a 34.

(1) Vide na Internet, Kardecismo e Espiritismo – e.book de Fernando Rosemberg Patrocínio.

Em perfeita consonância com o dito acima é o que escreve a escritora Dora Incontri, em um trecho do livro “Para entender Kardec.” Ed. Lachâtre, Bragança Paulista/SP, 1ª. Edição, 2004, que com a devida vênua reproduzimos:

A posição de Kardec ainda não foi compreendida pela maioria e uma das provas disto está no debate ainda atual se o espiritismo é ou não é religião. Por um lado, estão os que se autodenominam espíritas laicos e que defendem a idéia de que Kardec jamais pensou o Espiritismo como religião, mas apenas como ciência, filosofia e moral; do outro, estão os que defendem o chamado tríptico aspecto do espiritismo, ciência, filosofia e religião, mas agem e pensam como se o Espiritismo fosse apenas mais uma religião. Estes constituem a maioria do movimento espírita brasileiro.

Analisemos a polêmica com cuidado, porque os dois lados têm suas razões e os dois lados cometem enganos. De fato, Kardec não quis estabelecer mais uma religião, no sentido comum do termo, (por isso, diz muitas vezes que o espiritismo não é religião), visto que o espiritismo não tem sacerdócio, templos, hierarquia institucional, dogmas de fé e nem rituais que o adepto deva seguir para dizer-se espírita. Qualquer pessoa que aceite os postulados espíritas e procure viver segundo a moral de Jesus pode se dizer espírita, mesmo que jamais tenha pisado num centro espírita ou assistido a uma reunião. Trata-se de uma convicção pessoal, de uma adesão livre, de que ninguém está instituído para pedir satisfações ou exigir o cumprimento disto ou daquilo.

Nesse sentido, portanto, quando os espíritas laicos dizem que o espiritismo não é religião, estão certos. Mas seria melhor dizer: não é uma religião, nos moldes das religiões tradicionais.

Se Kardec promoveu esse desencantamento, essa crítica e esse esvaziamento hierárquico do universo religioso, guardou aquilo que lhe é essencial. O Livro dos Espíritos declara como a primeira das leis morais a lei de adoração a Deus. Essa adoração pode se manifestar no homem em forma de estudo das leis da natureza – portanto a ciência, como Kepler, Giordano Bruno, Newton e outros afirmaram, pode ser uma espécie de culto a Deus; e em forma de prática de amor ao próximo, na vida social, e, também e, sobretudo, em forma de oração, de ligação afetiva do ser humano com a divindade. Ora, o amor ao próximo é a essência ética da maioria das religiões e a oração é um ato indubitavelmente religioso. Não há outra classificação para esse ato universal, por mais que o tornemos simples, espiritualizado, sem ritos, imagens, intermediações, templos, genuflexões ou gestos... Além disso, é das religiões que nos vêm as experiências milenares de contato com a divindade, de manifestações mediúnicas e de revelações morais – grandes espíritos reencarnaram no seio das mais variadas religiões do planeta e exemplificaram uma ética elevada a partir da vivência religiosa. Assim, a religião é uma forma de ser e estar no mundo que não podemos simplesmente deixar de lado, porque constitui parte integrante da nossa consciência. Descendemos da divindade e foram as religiões que revelaram isso.

Portanto, falar em espiritismo laico – o que significa dizer um espiritismo destituído de qualquer ligação com o assunto religião – é um contra-senso e uma negação da obra de Kardec.

O laicismo nasceu no Ocidente como forma de protesto contra o domínio milenar da Igreja católica. Fala-se em escola laica, em Estado laico, como lugares institucionais que se consideram neutros do ponto de vista religioso e fora da tutela da Igreja. O Espiritismo não é neutro em termos religiosos. Kardec crítica, reavalia e recria a religiosidade humana, inaugurando uma nova forma de ser religioso, sem jamais negar essa dimensão do homem. INCONTRI, Dora. PARA ENTENDER ALLAN KARDEC. Lachâtre, Bragança Pta.SP, 1ª. Edição, 2004.

LAICISMO

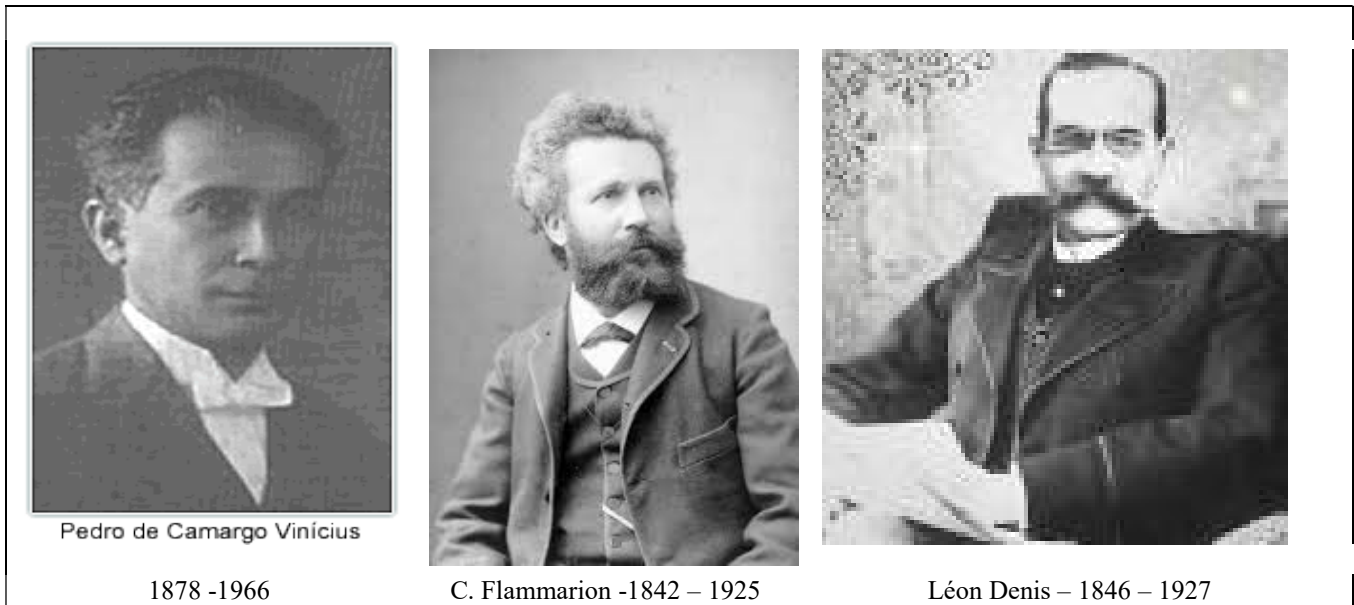
O Laicismo e os movimentos de reforma – I. Alcioli Galdino

Laico, do latim *laicu*, é um adjetivo. Daí, Laicismo, é uma doutrina filosófica que defende a separação entre o Estado e a Religião. O Laicismo defende ainda a liberdade de consciência, a igualdade de todos em matéria religiosa. O Laicismo teve seu auge no fim do séc. 19 e início do 20. No Espiritismo, a questão do Laicismo é antiga no Brasil, surgida a partir de uma deformação na ótica de seus defensores. Já surgiu em três oportunidades e não guarda nenhuma relação nesses três episódios, ocorridos isoladamente em momentos distintos. Assim, podemos dentro do movimento espírita, dividir o Laicismo em episódios:

1º. Episódio: de 1881 a 1897. – 2º. Episódio: de 1961 a 1973. – 3º. Episódio: a partir de 1978.

Focalizaremos aqui apenas o primeiro episódio, que ocorreu no período de 1881 a 1897. A luta ideológica que dividiu os espíritas em dois grupos dominantes e antagônicos: místicos e científicos levou ao fracasso as várias tentativas de organizar, no final do século XIX, o Movimento Espírita no Brasil. Os “místicos” eram os Religiosos, os que defendiam o tríptico aspecto do Espiritismo: Ciência, Filosofia e Religião. Os “científicos” eram os Não-Religiosos, que defendiam o Espiritismo como: Ciência, Filosofia e Moral. Essa disputa foi travada entre a “Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade” e o “Grupo Espírita Fraternidade”, ou seja, os representantes dos dois grupos “científicos” e “místicos”. Era o ano de 1881 e assim permaneceu até 1897. O palco era a cidade do Rio de Janeiro. E nas lideranças estiveram Afonso Angeli Torteroli, pelo lado dos “científicos” e Bittencourt Sampaio, Antônio Luiz Sayão e Bezerra de Menezes, pelos “místicos”. Como seria natural, num país de formação profundamente católica, a vitória nesse primeiro round foi dos religiosos.

O que não aceitam ou combatem os Laicistas: 1 – A transformação do Espiritismo em apêndice do Cristianismo; - 2) o culto às personalidades de Jesus e Maria de Nazaré; 3) – a crença de que o Espiritismo possui um aspecto religioso; - 4) a concepção do Centro Espírita como um templo; - 5) a excessiva pregação de cunho evangélico; - 6) o uso de expressões estranhas ao corpo semântico do Espiritismo, como evangelização, mediunidade com Jesus e culto do evangelho no lar; - 7) “igrejificação” do movimento com a adoção de uma estrutura hierárquica formal; - 8) a excessiva produção literária de origem mediúnica; – 9) a super valorização da culpa e da dor; - 10) a prática da mediunidade fora dos métodos kardequianos; - 11) a dogmatização da revelação mediúnica; – 12) o comportamento místico e salvacionista dos espíritas; - 13) a indiferença dos espíritas pelos problemas políticos, econômicos e sociais da humanidade; - 14) a utilização de símbolos e rituais; - 15) a defesa de uma moral farisaica e ultrapassada; - 16) a utilização da terapêutica espírita de maneira sensacionalista. Estas teses foram, a partir de 1978, defendidas de maneira difusa pelos responsáveis do jornal “Espiritismo e Unificação”, de Santos-Sp.



É preciso que a humanidade conheça os nomes dos primeiros pioneiros da obra, daqueles cuja abnegação e devotamento merecerão ser inscritos em seus anais. Allan Kardec

PAUSA PARA REFLEXÃO

CAUTELA A SER USADA PELOS CRÍTICOS

1 – A Influência das Academias

A inteligência incha. Paulo, apóstolo

Não julgueis, pois, para não serdes julgados; porque com o juízo que julgardes os outros, sereis julgados; e com a medida com que medirdes, vos medirão também a vós. (Mateus, VII: 1-2).

*

É muito comum observar-se uma influência negativa exercida pelos “bancos escolares”, máxime os das escolas superiores. Tal influência diz respeito à sensação de superioridade que, não raro, acomete os aprendizes, fazendo-os sentirem-se superiores aos que não os freqüentaram.

Devido a isso devem os alunos e seus pais estar atentos e precavidos (Antes e depois!...) não só contra esta anti-social e viciosa distorção do pensamento, como também contra a pregação materialista ou anti-religiosa de alguns mestres (e alunos mais ousados) das escolas superiores.

*

Ao criticar de modo negativo o modo de pensar, de se expressar ou agir de alguém devemos ter o cuidado de ater-nos somente ao conteúdo, evitando envolver a pessoa do autor, cujo erro ou engano pode ter sido causado por vários fatores, entre os quais a carência ou imprecisão das informações, como aconteceu com Kardec quando, restringido pelos dados científicos da época e as nebulosas, inseguras informações sobre as aparições, analisou em 1866 na Revista Espírita e em 1868 em A Gênese, os gêneres e a natureza do corpo de Jesus.

“Quanto aos que negam a todo transe, o dia deles chegará e para eles também se fará a luz. Mas a esses ainda não fomos enviados. Sempre que haja no homem uma *idéia preconcebida*, não se deve procurar violentá-lo para que a abandone e sim esperar, do seu livre-arbítrio, do tempo e da reencarnação que com a expiação e a reparação, é via e meio de progresso moral e intelectual, se lhe abram os olhos para a luz. Os Quatro Evangelhos”. – Tomo III – pág. 485.

2 – NÃO SER DO CONTRA 1

Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem. – Paulo aos Romanos 12-21.

Um pouco de realismo pragmático, de objetividade, não fazem mal a ninguém, são partes da racionalidade, que só ajuda em toda e qualquer situação. Puxar pela razão, deixar as emoções de lado e, com a cabeça fria, os pés no chão, bem lucidamente agir – eis uma receita que serve para tudo. Inclusive para o movimento espírita. Krishnamurti de Carvalho Dias – (1932-2002)

*

Inevitável que, vez ou outra, algo nos desagrade, alguém nos contrarie, ofenda ou prejudique. O importante para nós não é o que sofremos, mas como reagimos à contrariedade. Isso pode acontecer inúmeras vezes num dado espaço de tempo. Fundamental para o nosso bem, é nos contermos e antes de reagir contra o que nos contraria, reequilibrarmos-nos interiormente a fim de nos defendermos sem ofender, lesar ou ferir o adversário, contendo-o, acalmando-o, buscando, enfim, um modo de dissuadi-lo ou beneficiá-lo.

Toda vez que formos contrariados cometeremos grave erro se permanecermos indispostos contra algo ou alguém... Por maiores sejam os motivos ou as razões que tenhamos, tal atitude somente mal nos fará, pois além dos danosos efeitos psico-neuro-hormonais, apresenta o inconveniente de atrair ou reforçar a influência que ocultamente os maus Espíritos exercem sobre os encarnados que estejam como eles, mental ou emocionalmente em desequilíbrio.

A manutenção de nossa tranquilidade ou bem-estar depende da compreensão e capacidade de aceitar ou seja, de adaptarmos-nos a tudo o que nos rodeia, lembrando que todos têm, como nós, o direito de pensar e agir livremente. Fundamental para nossa felicidade é agirmos sempre, com calma e benevolência ante as contrariedades, não permanecendo

indispostos contra nada ou ninguém, limitarmos assim, a nossa capacidade de amar..., e sermos amados.

Corroborando o que dissemos acima, eis o que esclarece pequeno trecho do livro “Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração”, da Editora Vozes – 1991 de Petrópolis:

3 – LOGOTERAPIA – Dr. Viktor E. Frankl – (Áustria -1905-1997)

Ao longo da vida muitos são os momentos em que reagimos sem pensar. As nossas emoções tomam conta de nós e conseqüentemente os nossos comportamentos parecem ter vida própria. Deixamos de estar no controle da nossa mente, os maus hábitos, as frustrações, o orgulho ferido, as mágoas, as expectativas defraudadas toldam-nos o raciocínio e, a propensão para as ações irrefletidas aumenta drasticamente. Quando entramos num estado de reação emocional, na grande maioria das vezes saímos a perder. As ações não estão sobre a autoridade da consciência, conduzindo-nos a comportamentos que mais tarde não nos orgulhamos ou que nos prejudicam a vida.

A boa notícia é que podemos aprender a perceber que existe um “espaço de decisão” antes de reagirmos. Se conseguirmos trazer para a consciência a idéia de que podemos aprender a utilizar esse espaço que fica entre o estímulo e a resposta, certamente passaremos a ter mais controle sobre os comportamentos e ações que queremos realizar. Com essa consciência mais desenvolvida, podemos encontrar a liberdade de resposta. Podemos livrar-nos de grande parte dos condicionalismos das emoções negativas, e com isso, aumentarmos a consciência emocional afirmando quem queremos ser a todo o momento. FRANKL, Viktor E. “Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração”. Petrópolis: Editora Vozes – 1991.

(1) -Vide na p 81, Kardec contra Roustaing?, na p 82 Testemunhos Reveladores e na 83, Interpelação aos Espíritas.

---oo0oo---

CUIDADOS QUE DEVEMOS TER AO INTERPRETAR OS TEXTOS BÍBLICOS

Cabe ao Progresso respeitar o que substitui, pois, ao seu devido tempo, será também substituído. Abraham Lincoln

O Progresso das Escrituras

Seria erro imperdoável os espíritas combaterem a Bíblia porque o exemplo dos nossos Maiores já mostrou o caminho a seguir: construir sempre o bem para que o mal desapareça; mas não atacar nem demolir coisa alguma. Todas as coisas más terão que cair naturalmente pela construção de outras melhores. As Escrituras têm a mesma sorte; as velhas vão

sendo substituídas pelas novas que melhor correspondem ao nosso grau atual de progresso e estas, por seu turno, um dia serão Escrituras velhas, arcaicas, já pertencentes a um grau de progresso passado e que nunca mais voltará. Depois que o Cristo de Deus veio a Terra o Velho Testamento tornou-se apenas uma fonte subsidiária do Novo Testamento, valendo apenas como livro de consulta e fundamento para consultas deste, que tem sua base religiosa naquele, isto é, no Monoteísmo.

Assim, Jesus veio dar com suas lições, agora interpretadas em espírito e verdade por seus mensageiros, o sentido exato das leis divinas, cujos dez mandamentos ele sintetizou, no Amor (L:22/27), pois quem ama a Deus e o próximo, conduzir-se-á cristamente, isto é, de acordo com a lei de nosso Pai Celestial, de vez que Ele mesmo, como diz o apóstolo João, é Amor (I João 4:6) ou Caridade. Mas sejamos livres de restrições mentais ou de dogmas, conforme afirmou São Paulo: Onde está o espírito do Senhor, só há liberdade. Tal deve ser o nosso propósito, procedermos sempre com amor até para com aqueles que nos caluniam ou perseguem, cumprindo os ensinamentos do Senhor Jesus.

*

Tende sempre em conta o estilo figurado de que usava Jesus, forçado pelas necessidades da época, pelos preconceitos respeitadas, pelo estado das inteligências, pela conveniência de velar a verdade, até que chegassem os vossos dias, em que o espírito, mediante o advento da nova revelação, seria despojado da letra, a fim de preparar os homens para se tornarem adoradores do Pai em espírito e em verdade. Os Quatro Evangelhos – Tomo II – p 247.

“Muitos pontos dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores sacros em geral são ininteligíveis, parecendo alguns até disparatados, por falta da chave que se lhes faculte apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão.” O Evangelho Segundo o Espiritismo, Introdução, p. 27, 66^a. Ed. FEB, 1976.

---oo0oo---

Em seu livro, disponível no Bvespirita, o escritor Rodrigo Félix da Cruz nos oferece um rápido relato histórico da França nos últimos séculos:

O ESPIRITISMO EM MOVIMENTO

Página 8 – Cap. 2 – O Século XIV na França

O Século XIV na França foi um período de enormes mudanças, alternâncias de poder e conflitos sociais. Foi o século no qual a França experimentou transformações que somadas excediam a todas as transformações ocorridas ao longo de sua história. Desde o século XVII com o absolutismo (concentração de poder nas mãos do Rei), o iluminismo (movimento de disseminação do saber científico e filosófico) e por último a Revolução Francesa, a França tornou-se modelo, palco de polêmicas e influenciou politicamente o mundo. Sua cultura, diplomacia e costumes foram copiados por diversos países. A França foi o primeiro país a rejeitar a Monarquia que até então era considerada como natural e o Rei como “escolhido” divino para comandar o povo. Foi também o primeiro país que defendeu um estado laico e livre de interferência da Igreja, fato que incomodou muito o papado católico. Entretanto, a principal mudança social ocorrida foi a ascensão da burguesia ao poder. Até então eram a Nobreza e o Clero que ditavam as regras e dominavam as demais classes sociais.

Página 9 –A Burguesia que desde o final da Idade Média se enriquecia com o comércio e ampliava seu espaço estava inconformada, pois foi justamente o comércio que revitalizou o mundo após o período de estagnação medieval. Contudo, a Igreja ainda detinha as rédeas do poder mantendo influência e vigilância sobre os Reis e Nobres. O primeiro golpe sofrido pela Igreja foi a Reforma Protestante promovida no século XVI por Lutero, Calvino, Erasmo de Roterdã, e outros. A Reforma Protestante, além de promover formas alternativas à fé Católica Romana, distanciou muitos Monarcas da influência Papal. O Segundo golpe desferido contra a Igreja e seus aliados monarcas foi a Revolução Francesa que foi o conjunto de acontecimentos entre 5 de maio de 1789 e 9 de novembro de 1799. Esse conjunto de acontecimentos não somente abalou o quadro político e social francês como também serviu de modelo para outros países, além de ter sido motivo de insônia para reis e nobres. A Revolução Francesa derrubou a autoridade do Antigo Regime que era composto pelo Rei, a Nobreza e o Clero. Essa revolução deu início à Idade Contemporânea, aboliu a escravidão e os direitos feudais, além de proclamar os princípios universais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade (Liberté, Egalité, Fraternité). Seus efeitos para a França a partir de 1789 foi a abertura de um período de convulsões políticas que durou todo o século XIX. Durante esse século a França vivenciou várias repúblicas, uma ditadura, uma monarquia constitucional e dois impérios.

Em 1873, o marechal Mac-Mahon foi eleito presidente substituindo Thiers.

A partir desse ano a França experimentou um período de grande crescimento da economia, constituindo um vasto império colonial. No entanto, a partir de 1879, uma crise econômica deu grande importância ao socialismo e ao sindicalismo. Essa efervescência política também influenciou a filosofia, artes e ciência na França que até o início do século XX, posicionou-se como o “Cérebro” do mundo, iniciando movimentos artísticos, filosóficos e científicos. Diante do exposto, podemos compreender porque a Equipe Espiritual da codificação escolheu a França como campo fértil para introduzir o Espiritismo e difundi-lo ao mundo. No período, além da França, os Estados Unidos e Inglaterra também deram sua contribuição para

os estudos espirituais. Contudo, a influência da Igreja ainda era muito forte na Itália, Espanha Portugal e América Latina. Por isso o Espiritismo nesses países encontrou seu lugar primeiramente entre os intelectuais, pois as camadas populares estavam ainda sobre a influência católica.

É fácil identificar os fatores internos que sempre dificultaram e entravam ainda a evolução do movimento espírita, no Brasil e no mundo: o atraso cultural e o espiritual que criam as condições para a formação do orgulho e do egoísmo, fatores de desequilíbrio psicoemocional que leva o indivíduo a assumir atitudes anti-sociais, à soberba, à prepotência e à rebeldia. Nas regiões onde a população dá prioridade ao desenvolvimento da inteligência, visando a geração de riqueza e o conseqüente poder material, é onde menos se valoriza a religiosidade, e o misticismo, manifestação do desejo instintivo de o ser humano integrar-se com o seu Criador, JUSTAMENTE O QUE PROPÕE E POSSIBILITA, A FILOSOFIA “PÉ-NO-CHÃO E A CABEÇA NO CÉU”, ESPÍRITA.

Tal tendência foi sempre vista como maléfica e enganosa pelos segmentos mencionados, cuja formação se orientou no sentido de coibir, dificultar esta orientação psicológica que, (dentro de sua visão materialista), acentua as trevas da ignorância e estimula o fanatismo que – deve-se reconhecer – tão más conseqüências causaram no passado.

TRABALHO SOLIDARIEDADE TOLERÂNCIA

Defendem por isso, de forma intolerante, como se tem freqüentemente visto no seio do movimento espírita, o purismo doutrinário e a restrição quanto ao modo de interpretar os textos doutrinários. Preconizam alguns deles a adoção de um espiritismo granfino, elítico, de pico.

Ao contrário do que pretendem os que esposam tal apressado modo de ver, a filosofia religiosa da Bíblia, do Alcorão, do Budismo e do Confucionismo e outras similares, preservaram e preservam do ceticismo os povos que a adotaram, tornando-se um fator seguro de ordem e progresso, por induzi-los no sentido da formação da inteligência emocional, em que, a par do conhecimento se desenvolve o sentimento, a moral e a tendência instintiva da criatura adorar, louvar e submeter-se à Deus!!!

Notar que os povos citados, embora tenham inúmeras vezes se envolvido em conflitos fronteiriços, jamais produziram algo semelhante às Cruzadas e à hecatombe sinistra das duas grandes guerras da Idade Contemporânea.

Eis o que, confirmando o que acima propomos, esclarece o site Wikipédia:

“A Idade Contemporânea ou Contemporaneidade é o período específico atual da história do mundo ocidental, iniciado a partir da Revolução Francesa”. (1789 d.C.) O seu início foi bastante marcado pela corrente filosófica iluminista, que elevava a importância da razão. Havia um sentimento de que as ciências iriam sempre descobrindo novas soluções para os problemas humanos e que a civilização humana progredia a cada ano com os novos conhecimentos adquiridos. Com o evento das duas grandes guerras mundiais o ceticismo imperou no mundo, com a percepção que nações consideradas tão avançadas e instruídas eram capazes de cometer atrocidades dignas de bárbaros. Decorre daí o conceito de que a classificação de nações mais desenvolvidas e nações menos desenvolvidas tem limitações de aplicação. “Atualmente está havendo uma especulação a respeito de quando essa era irá acabar, e, por tabela, a respeito da eficiência atual do modelo europeu da divisão histórica”.

Enquanto Árabes e Judeus, pseudo seguidores do Velho Testamento, copiando o modus vivendi dos cépticos materialistas, estão reciprocamente se destruindo, a China e a Índia, não obstante, tenham sido invadidas e por décadas inúmeras espoliadas pelos europeus, pondo em prática o princípio da Não –Violência de Jesus, Buda e Confúcio, — de maneira pacífica, — deles se libertaram, alcançando na atualidade o maior progresso de sua longuíssima história!!!

---oo0oo---

Vejamos o que, sobre o palpitante tema da volta de Kardec comentaram dois pesquisadores espíritas brasileiros, Paulo da S. N. Sobrinho e Thiago Toscano Ferrari e dois antropólogos franceses, Marion Aubrée (1942-) e F. Laplantine (1943-) :

CHICO XAVIER OU ALZIRO ZARUR SÃO A REENCARNAÇÃO DE ALLAN KARDEC?

Por Paulo da Silva Neto Sobrinho e Thiago Toscano Ferrari



Pág. 23 [...] Assim, no curso do tempo – e, principalmente, a partir das décadas de 1960, 1970 e 1980, começaram a ser cogitadas hipóteses demonstrativas de ser, essa ou aquela personalidade encarnada, o Codificador, em retorno. Numa análise generalizada sobre os posicionamentos existentes, divulgados em artigos e livros, impressos ou virtuais, há uma corrente majoritária que atesta ser Francisco Cândido Xavier a nova encarnação do Codificador e, em paralelo, um pequeno movimento que pretende vincular Osvaldo Polidoro a tal circunstância reencarnatória. Também já houve quem se manifestasse no sentido de Rivail ter retornado como Alziro Zarur.

Nos documentos que contêm afirmativas e possíveis “indícios” de prova, vemos

manifestações quase sempre apaixonadas e desprovidas da mínima lógica kardequiana. As defesas (de um e de outros) enveredam pelo caminho da idolatria e da mistificação, com argumentos que soam inconsistentes e, até, em certos casos, absurdos. Há, ainda, alguns articulistas que, mesmo não aderindo a uma ou outra tese, também contribuem para a disseminação de ideias errôneas e contraditórias, em sede do movimento espírita, afirmando que os articulistas que tentam desconstituir esta ou aquela hipótese, enveredam por caminhos de crítica “dura” e “pesada”, em muitos casos, tentando “diminuir” ou “menosprezar” a individualidade (e o padrão evolutivo) seja de Chico, seja de Polidoro, seja, ainda, de Zarur. Vejamos as características personalísticas do último dos indivíduos citados:

2 - Alziro Abrahão Elias David Zarur (25.12.1914 – 21.10.1979) foi jornalista radialista, poeta e escritor, fundador da Legião da Boa Vontade (LBV), em 1950, instituição com nítido objetivo ecumênico, de promoção do “diálogo inter-religioso”, que aglutinou padres, pastores, líderes espíritas e representantes de diversas outras religiões. A LBV, em 1973, se auto-proclamou a “Religião de Deus” e se utilizou da mídia para divulgar suas ações e projetos no cenário internacional. A revista IstoÉ, em reportagem especial sobre os brasileiros do século (XX), destacou que Zarur, em sessão mediúmica realizada na sede da Federação Espírita Brasileira (ainda no Rio de Janeiro), em 1948, foi comunicado de uma vidência, na qual, ao seu lado, figurava Francisco de Assis, que dizia: “É hora de começar!” depois, desejando maiores esclarecimentos sobre visões que ele próprio passava a ter, procurou o médium Francisco Cândido Xavier que, sob psicografia ditada por Emmanuel, André Luiz e Bezerra De Menezes, confirmou-lhe a missão de fundar uma instituição de caridade. Nada, entretanto, sobre uma possível “continuidade” do trabalho espírita, em termos de filosofia ou doutrina. Tampouco, pelo trabalho desenvolvido por Alziro, bem como por suas locuções em rádio ou livros, apesar da utilização de muitas máximas, orientações e princípios espíritas, como fundamentos teórico-práticos da LBV, se consegue perceber vinculação entre a atividade grandiosa de Rivail e a do líder religioso carioca.

CHICO XAVIER OU ALZIRO ZARUR SÃO A REENCARNAÇÃO DE ALLAN KARDEC?

Allan Kardec recebeu de Seus Amigos Espirituais em meados do século passado, a notícia de que regressaria à Terra para completar a sua missão, porque o Espiritismo não dera a última palavra”...

Ora, tudo isso está matematicamente cumprido no Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho e do Apocalipse, graças à ação heróica, pertinaz de Alziro Zarur: Kardec veio. Cumpriu, na íntegra, a segunda metade de sua admirável tarefa missionária”. “... os irmãos espíritas, diante da marcha inexorável da Verdade, reconhecerão que Alziro Zarur foi Kardec que voltou. E completou a missão do Espiritismo, com a RELIGIÃO DE DEUS...”. (A Saga de Alziro Zarur-III, JESUS, Zarur, Kardec, Roustaing Na Quarta Revelação, 5ª. edição, p. 11-13)

Vejamos o que publicou Paulo da Silva Neto Sobrinho no JORNAL O REBATE - Jorge Hessen

As supostas reencarnações de Kardec (polêmica) - Paulo da Silva Neto Sobrinho

Os antropólogos Marion Aubrée (1942-) e François Laplantine (1943-), num estudo sobre o Espiritismo no Brasil e na França, que resultou na obra A Mesa, o Livro e os Espíritos, publicada na França em 1990, apresenta duas especulações no Movimento Espírita, a saber:

- a) Não nos entendemos em apontar (se é que isso seja preciso) quem foi Kardec:
- b) ... O Espírito de Allan Kardec manifesta-se com freqüência no Brasil. Então, não se poderia considerar uma nova encarnação do mestre? Há atualmente no Brasil cerca de quarenta Kardec, cada qual considerando-se mais Kardec do que o outro. Porém, neste ponto, a opinião de todos os responsáveis espíritas é formal: “o retorno de Allan Kardec ocorrerá como o de Jesus. Não sabemos nem o dia nem a hora. E ele poderá reencarnar-se espírita ou não-espírita, tornar-se célebre ou viver incógnito. (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 302-303).
- c) Infelizmente, portanto, temos a questão registrada na história do Espiritismo no Brasil, demonstrando, que nós, os espíritas, não nos entendemos em questões que, aos olhos do vulgo, deveriam ser bem simples. Paulo da Silva Neto Sobrinho - Fev./2008 - (Versão 12 – nov./2014)
- d) Referências bibliográficas: AUBRÉE, M. e LAPLANTINE, F. A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

---oo0oo---

Quanto às dificuldades que nos levou a desistir de pesquisar onde e em que personagem Allan Kardec voltou, e quanto à facilidade com que um encarnado pode manifestar-se mediunicamente, detalhe ignorado ou não levado em conta por mim e os pesquisadores, vejam o artigo de José da Silva Neto Sobrinho que data venia reproduzimos:

“Polêmica – Reencarnações de Kardec – Site www.paulosnetos.net, categoria “Artigos e Estudos”, de José da Silva Neto Sobrinho:

Vejamos dois trechos do livro “Chico Xavier ou Alziro Zarur são a reencarnação de Allan Kardec”, de Paulo da Silva Neto Sobrinho e Thiago Toscano Ferrari. Na pág. 3 eles questionam:

PARADOXO: DOIS AK REENCARNADOS AO MESMO TEMPO?

Pode parecer estranha essa nossa pergunta, “Como podem duas pessoas alegarem ser a reencarnação de Allan Kardec, considerando que ambos viveram na mesma época? É que o fundador da Legião da Boa Vontade também alegava, enquanto vivia, ser a reencarnação de Allan Kardec. Citando uma das obras de AK, Alziro Zarur afirmava que ele viera completar a obra de Kardec, trazendo para o mundo a quarta revelação de Deus aos homens. Como sabemos, AK reclama ser o Espiritismo a terceira revelação de Deus aos homens. A primeira revelação foi dada por Moisés, e surgiu o Velho Testamento. A segunda revelação veio por Jesus Cristo, e surgiu o Novo Testamento. A terceira revelação seria o cumprimento da promessa de Jesus de mandar o Consolador, com a chegada do Espiritismo codificado por AK. Agora, surgiu a quarta revelação reclamada pelo fundador da LBV, Alziro Zarur, que se propôs completar a obra iniciada por AK. Diz ele: “Allan Kardec recebeu de Seus Amigos Espirituais em meados do século passado, a notícia de que regressaria à Terra para completar a sua missão, porque o Espiritismo não dera a última palavra.”... Ora, tudo isso está matematicamente cumprido no Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho e do Apocalipse, graças à ação heróica, pertinaz de Alziro Zarur: Kardec veio. Cumpriu, na íntegra, a segunda metade de sua admirável tarefa missionária.”... “... os irmãos espíritas, diante da marcha inexorável da Verdade, reconhecerão que Alziro Zarur foi Kardec que voltou. E completou a missão do Espiritismo, com a RELIGIÃO DE DEUS...”(A Saga de Alziro Zarur-III, JESUS, Zarur, Kardec, Roustaing Na Quarta Revelação, 5ª. edição, p. 11-13) É possível?

Pergunta que deixamos para os espíritas responder...

Na página 13 indagam:

Kardec reencarnou-se como Chico Xavier?

“O Espiritismo será o que dele fizerem os homens”. (Léon Denis).

Volta e meia este tema, polêmico por sinal, é comentado no meio Espírita. Publicaram-se vários textos e livros a favor ou contra esta tese; estão à disposição dos vários textos e livros a favor ou contra esta tese; estão à disposição dos que se interessam pelo assunto. Podemos até tratá-la como uma possibilidade; mas, para admiti-la, é necessário resolver dois pontos:

1 – que o Espírito de uma pessoa viva possa manifestar-se;

2 – que, manifestando-se, dadas as condições necessárias para tal, o Espírito encarnado possa assumir a personalidade anterior, que lhe é atribuída.

Bom, o primeiro ponto, na verdade, já está resolvido, pois o próprio Allan Kardec (1804-1869) narra, na Revista Espírita, casos de manifestação de Espíritos de pessoas vivas. Na do ano 1860, por exemplo, há muitos casos notáveis de evocação de pessoas vivas; porém, para que isso ocorra é necessário que o encarnado não se encontre em estado de vigília, conforme nos explicou o codificador (KARDEC, 2001^a, p. 138).

Em março de 1860, Kardec publica o artigo “Estudo sobre os espíritos de pessoas vivas”, no qual se reporta à evocação do Dr. Vignal, para estudo desses casos (p. 81-88). Provavelmente o resultado é o que consta em O Livro dos Médiuns, Capítulo XXV, “Das evocações”, item 284, “Evocação das pessoas vivas”, do qual transcrevemos as seguintes questões:

38ª. – Pode evocar-se o Espírito de uma pessoa viva?

“Pode-se, visto que se pode evocar um Espírito encarnado. O Espírito de um vivo também pode, em seus momentos de liberdade, se apresentar sem ser evocado; isto depende da simpatia que tenha pelas pessoas com quem se comunica”.

39ª Em que estado se acha o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?

“Dorme, ou cochila; é quando o Espírito está livre”.

43ª. – É absolutamente impossível evocar-se o Espírito de uma pessoa acordada?

“Ainda que difícil, não é absolutamente impossível, porquanto, se a evocação produz efeito, pode dar-se que a pessoa adormeça; mas, o Espírito não pode comunicar-se, como Espírito, senão nos momentos em que a sua presença não é necessária à atividade inteligente do corpo”.

(KARDEC, 2007b, p. 384-392).

Assim, podemos dizer que é certa a possibilidade da manifestação de um Espírito encarnado; entretanto, haverá uma condição para que isso aconteça, qual seja a do encarnado estar numa situação em que a presença do seu Espírito não esteja sendo necessária à atividade inteligente no seu corpo físico.

Eduardo Carvalho Monteiro (1950-2005), em Allan Kardec (O druida reencarnado), narra o seguinte: Na obra O Gênio Céltico e o Mundo invisível do mestre Léon Denis, só há pouco tempo disponível ao público brasileiro, o autor reproduziu uma série de mensagens do Espírito de Allan Kardec que, em verdade, escreveu a parte final de O Gênio Céltico. Madame Baumard, esta que o acompanhou nos últimos anos de vida como sua secretária, assim descreveu o processo criativo do grande escritor: “Durante os anos de 1926-1927, Denis manteve constantes contatos com o invisível. O interesse de Allan Kardec para com a obra em elaboração era “intenso”: apresentava-se a cada quinze dias e se encarregou, por ditado mediúnic, da parte final do livro” (MONTEIRO, 1996, p. 74). O biógrafo André Moreil (?-?), em Vida e Obra de Allan Kardec, afirma:

“Na segunda-feira da Páscoa de 1910, no centro ‘Esperança’ de Lião, por intermédio da Srta. Bernadette em estado de sonambulismo, Allan Kardec manifestou-se para agradecer ao que fora até então o seu único biógrafo, o espírita Henri Sausse”. (MOREIL, 1986, p. 174).

Em primeiro lugar, estabeleçamos alguns parênteses. O que sabemos de mais sólido sobre outras existências de Kardec – o resto são inoportunas especulações – são as duas que ele aceitava: a de druida e a de Jan Huss 1*(esta, segundo informação que Canuto de Abreu teria visto em seus manuscritos, antes da Segunda Guerra). Mas nos três momentos conhecidos, dá

para notar a coerência de uma personalidade corajosa, viril, segura, austera, de mente límpida e clara (o estilo de Jan Huss é o mesmo de Kardec, simples e cristalino, preciso e firme) e sempre dedicada à educação. Os druidas eram sacerdotes-educadores, Huss foi reitor da Universidade de Praga e Rivail/Kardec foi educador durante mais de trinta anos na França. Quanto ao seu estilo, ele mesmo adverte que não tinha vocação poética, não apreciava metáforas, mas queria atingir o máximo de didatismo e simplicidade. Para isso, tanto Huss quanto Kardec escreveram gramáticas.

Huss desafiou a Igreja Católica e morreu cantando na fogueira em 1415, depois de ter escrito cartas belíssimas da prisão, mostrando sua firmeza e serenidade. Kardec desafiou a Ciência oficial, a religião tradicional e todo sistema acadêmico estabelecido, fundando um novo paradigma para o conhecimento humano, numa síntese genial. Quando estudamos sua vida e sua personalidade, vemos-lo mover-se com absoluta segurança de si, com total equilíbrio, desde os primeiros textos pedagógicos aos 24 anos, até a redação da última Revista Espírita, que deixou pronta antes de morrer. Os próprios Espíritos Superiores o chamam de mestre. O Espírito da Verdade o trata de forma amorosa, aconselhando-o sempre com respeito ao seu livre-arbítrio, à sua capacidade intelectual e à sua estatura moral. – P 52 – Paulo José da Silva Sobrinho.

---oo0oo---

A VOLTA DE KARDEC – 1

A primeira notícia de que Kardec retornaria para concluir a sua obra foi dada pelo Espírito Zéfiro em 17 de Janeiro de 1857. Mais tarde, numa reunião em sua casa em 10 de Junho de 1860, sendo médium a Sra. Schmidt, narrada na p. 269 de Obras Póstumas da 11ª. Ed., 1957, da FEB-Rio.

MINHA VOLTA – 10 de junho de 1860 (Em minha casa; médium: Sra. Schmidt)

Pergunta (ao Espírito Verdade) — Acabo de receber de Marselha uma carta em que se me diz que, no seminário dessa cidade, estão estudando seriamente o Espiritismo e O Livro dos Espíritos.

Que se deve augurar desse fato? Será que o clero toma a coisa a peito?

Resposta — Não podes duvidar disso. Ele a toma muito a peito, porque lhe prevê as conseqüências e grandes são as suas apreensões. Principalmente a parte esclarecida do clero estuda o Espiritismo mais do que o supões; não creias, porém, que seja por simpatia; ao contrário, é à procura de meios para combatê-lo e eu te asseguro que rude será a guerra que lhe fará. Não te incomodes; continua a obrar com prudência e circunspeção; tem-te em guarda contra as ciladas que te armarão; evita cuidadosamente em tuas palavras e nos teus escritos tudo o que possa fornecer armas contra ti.

Prossegue em teu caminho sem temor; ele está juncado de espinhos, mas eu te afirmo que terás grandes satisfações, antes de voltares para junto de nós “por um pouco”.

P. — Que queres dizer por essas palavras: “por um pouco”?

R.— Não permanecerás longo tempo entre nós. Terás que volver a Terra para concluir a tua missão, que não podes terminar nesta existência. Se fosse possível, absolutamente não sairias daí; mas, é preciso que se cumpra a lei da Natureza. Ausentar-te-ás por alguns anos e, quando voltares, será em condições que te permitam trabalhar desde cedo. Entretanto, há trabalhos que convém os acabes antes de partires; por isso, dar-te-emos o tempo que for necessário a concluí-los.

NOTA — Calculando aproximadamente a duração dos trabalhos que ainda tenho de fazer e levando em conta o tempo da minha ausência e os anos da infância e da juventude, até à idade em que um homem pode desempenhar no mundo um papel, a minha volta deverá ser forçosamente no fim deste século ou no princípio do outro.

O Espírito Verdade confirma a previsão anterior, acrescentando que o Codificador ausentar-se-ia por alguns anos e voltaria em condições que lhe permitissem trabalhar desde cedo. Estas duas passagens de Obras Póstumas têm ensejado inúmeras especulações em nosso meio, cada qual querendo identificar nesta ou naquela personalidade encarnada a reencarnação de Kardec.

A impressão que se tem, ante o exposto acima, é que houve uma alteração nos planos, hipótese inconsistente e que deve ser rejeitada por não levar em conta que, como diz o ditado, “Deus escreve certo por linhas tortas”, e não levar em conta, ignorar a enorme amplitude do planejamento e o alcance da visão do Alto. Impõe-se por isso, substituí-la por outra mais sensata e condizente com os fatos; como a que sugere que o anúncio de sua vinda foi feito com a finalidade de convencer o sofrido, desgastado obreiro a soffrear o seu ímpeto e diminuir o ritmo comprometedor que vinha impondo às suas tarefas cotidianas, como a dizer-lhe: – “Não se preocupe demais, nem se desgaste! Amanhã, com um corpo novo, poderá continuar a sua tarefa e terá então, toda uma vida para completar, em condições confortáveis, a obra que iniciou”.

Seja qual for a razão, até hoje, 145 anos após a sua desencarnação, não foi comprovada de forma indubitável, positiva, a volta de Allan Kardec, tornando-se evidente que Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900) – que os espíritas brasileiros intuitivamente inspirados passaram a designar como “O Allan Kardec brasileiro”, assumiu o comando do Movimento Espírita Brasileiro, tarefa que continua espiritualmente exercendo através também, do Conselho Federativo Nacional, órgão da FEB, em cujas reuniões tem-se manifestado através de Divaldo Franco e outros médiuns.

Para termos uma idéia mais ampla do que desde o começo aconteceu, vejamos o que foi publicado em Obras Póstumas em 22 de dezembro de 1861.

(Em minha casa: comunicação particular; médium: Sr. D’A)

Meu sucessor

Tendo numa conversação com os Espíritos levado a falar do meu sucessor na direção do Espiritismo, formulei a questão seguinte: Pergunta — Entre os adeptos, muitos há que se preocupam com o que virá a ser do Espiritismo depois de mim e perguntam quem me substituirá quando eu partir, uma vez que não se vê aparecer ninguém, de modo notório, para lhe tomar as rédeas. Respondo que não nutro a pretensão de ser indispensável; que Deus é extremamente sábio para não fazer que uma doutrina destinada a regenerar o mundo assente sobre a vida de um homem; que, ao demais, sempre me avisaram que a minha tarefa é a de constituir a Doutrina e que para isso tempo necessário me será concedido.

A do meu sucessor será, pois, mais fácil, porquanto já achará traçado o caminho, bastando que o siga. Entretanto, se os Espíritos julgassem oportuno dizer-me a respeito alguma coisa de mais positivo, eu muito grato lhes ficaria. Resposta — Tudo isso é rigorosamente exato — eis o que se nos permite dizer-te a mais. Tens razão em afirmar que não és indispensável; só o és ao ver dos homens, porque era necessário que o trabalho de organização se concentrasse nas mãos de um só, para que houvesse unidade; não o és, porém, aos olhos de Deus. Foste escolhido e por isso é que te vês só; mas, não és, como, aliás, bem o sabes, a única entidade capaz de desempenhar essa missão. Se o seu desempenho se interrompesse por uma causa qualquer, não faltariam a Deus outros que te substituíssem. Assim, aconteça o que acontecer, o Espiritismo não periclitará. Enquanto o trabalho de elaboração não estiver concluído, é, pois, necessário sejas o único em evidência: fazia-se mister uma bandeira em torno da qual pudessem as gentes agrupar-se. Era preciso que te considerassem indispensável, para que a obra que te sair das mãos tenha mais autoridade no presente e no futuro; era preciso mesmo que temessem pelas conseqüências da tua partida. Se aquele que te há de substituir fosse designado de antemão, a obra, ainda não acabada, poderia sofrer entraves; formar-se-iam contra ti oposições suscitadas pelo ciúme; discuti-lo-iam, antes que ele desse provas de si; os inimigos da Doutrina procurariam barrar-lhe o caminho, resultando daí cismas e separações. Ele, portanto, se revelará, quando chegar o momento. Sua tarefa será assim facilitada, porque, como dizes, o caminho estará todo traçado; se ele daí se afastasse, perder-se-ia a si próprio, como já se perderam os que não queriam atravessar-se na estrada.

A referida tarefa, porém, será mais penosa noutro sentido, visto que ele terá de sustentar lutas mais rudes. A ti te incumbe o encargo da concepção, a ele o da execução, pelo que terá de ser homem de energia e de ação. Admira aqui a sabedoria de Deus na escolha de seus mandatários: tu possuis as qualidades que eram necessárias ao trabalho que tens de realizar, porém não possuis as que serão necessárias ao teu sucessor. Tu precisas da calma, da tranquilidade do escritor que amadurece as idéias no silêncio da meditação; ele precisará da força do capitão que comanda um navio segundo as regras da Ciência. Exonerado do trabalho de criação da obra sob cujo peso teu corpo sucumbirá, ele terá mais liberdade para aplicar todas as suas faculdades ao desenvolvimento e à consolidação do edifício.

P. — Poderás dizer-me se a escolha do meu sucessor já está feita? R. — Está, sem o estar, dado que o homem, dispondo do livre-arbítrio, pode no último momento recuar diante da tarefa que ele próprio elegeu. É também indispensável que dê provas de si, de capacidade, de devotamento, de desinteresse e de abnegação. Se se deixasse levar apenas pela ambição e pelo desejo de primar, seria certamente posto de lado. P. — Frequentemente se há dito que muitos Espíritos encarnariam para ajudar o movimento. R. — Sem dúvida, muitos Espíritos terão essa missão, mas cada um na sua especialidade, para agir, pela sua posição, sobre tal ou tal parte na sociedade. Todos se revelarão por suas obras e nenhum por qualquer pretensão à supremacia.

O repentino desaparecimento de Kardec deixou, durante algum tempo, bastante inseguros e desorientados os seus companheiros, qual nave desarvorada em mar revolto. Enquanto não se positivasse a prometida volta, e reassumissem o comando do movimento, seria providencial e objetivo que se comunicasse com eles, animando-os, aconselhando-os, como de fato aconteceu. Conforme informou a Revista Espírita do final do ano de 1869, logo após seu desencarne ele contactou mediunicamente com seus companheiros na Sociedade Espírita de Paris, passando-lhes instruções e incentivos constantes. Na sessão de 30 de abril, na SPEE, Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, Kardec deu vários conselhos sobre o caminho a seguir, uma das quais transcrevemos, abaixo.

Sob tão confortadora e confiável assistência, o grupo logo se refez sob a direção de Pierre Gaetan-Leymarie, – virtuoso e dedicado médium escrevente, comensal da família – que depois de substituí-lo durante um ano na direção da Revista, passou, com o apoio de Camille Flammarion, Victorien Sardou, Léon Denis, Gabriel Dellane, Mme. Kardec e sua dedicada e entusiasmada esposa, a presidir a SPEE. Na Revue Spirite de 1869, foram reunidos ensinamentos de interesse geral, transmitidos por vários médiuns da SPEE, na qual houve, no decorrer do mês de abril, mais sete comunicações. Seguiram-se outras em Julho, Agosto e Setembro de 1869; uma delas em Outubro, em Paris, através da médium inglesa, Miss Anna Blackwell. (Para ler as Revistas Espíritas, acesse na Internet o site <http://www.autoresespiritasclassicos.com>)

---oo0oo---

Entre as instruções de Kardec em Paris uma se destaca por seu significado e ua carinhosa expressão:

O agente de propagação mais poderoso é o Exemplo

Venho esta noite, meus amigos, vos falar alguns instantes. Na última sessão eu não respondi, estava ocupado em outra parte. Nossos trabalhos como Espíritos são muito mais extensos do que o podeis supor, e os instrumentos de nossos pensamentos não estão sempre disponíveis. Tenho ainda alguns conselhos a vos dar sobre a marcha que deveis seguir frente ao público, com objetivo de fazer progredir a obra à qual devotei minha vida corpórea, cujo aperfeiçoamento prossigo na erraticidade. O que vos recomendarei, primeiro e, sobretudo, é a tolerância, a afeição, a simpatia em relação de uns para com os outros, e também em relação aos incrédulos.

Quando vedes na rua um cego, o primeiro sentimento que se vos impõe é a compaixão; que isto ocorra do mesmo modo com os vossos irmãos cujos olhos estão fechados e velados pelas trevas da ignorância ou da incredulidade; lamentai-os antes de censurá-los. Mostrai, pela vossa doçura, a vossa resignação para suportar os males desta vida, a vossa humildade em meio às satisfações, às vantagens e às alegrias que Deus vos envia, mostrai que há em vós um princípio superior, uma alma obediente a uma lei, a uma verdade superior também: o Espiritismo. As brochuras, os jornais, os livros, as publicações de todas as espécies são meios poderosos de introduzir por toda a parte a luz, mas o mais seguro, o mais íntimo e o mais acessível a todos, é o exemplo na caridade, na doçura e no amor.

Agradeço à Sociedade por vir em ajuda aos infelizes que lhe são indicados. Eis o bom Espiritismo, eis a verdadeira fraternidade. Ser irmãos: é ter os mesmos interesses, os mesmos pensamentos, o mesmo coração!

Espíritas, vós sois todos irmãos na mais santa aceção da palavra. Em vos pedindo para vos amar uns aos outros, não façam lembrar as divinas palavras daquele que, á mil e oitocentos anos, trouxe sobre a Terra o primeiro germe da igualdade. Segui sua lei, ela é a vossa; não façam senão tornar mais palpável alguns desses ensinamentos.

Obscuro operário daquele mestre, daquele Espírito superior emanado da fonte de luz, refleti essa luz como o verme luzente reflete a claridade de uma estrela. Mas a estrela brilha nos céus e o verme luzente brilha sobre a terra, nas trevas, tal é a diferença. Continuei as tradições que vos deixei ao partir. Que o mais perfeito acordo, a maior simpatia, a mais sincera abnegação reine no seio da Comissão. Ela saberá, eu o espero, cumprir com honra, fidelidade e consciência, o mandato que lhe foi confiado. Ah! Quando todos os homens compreenderem tudo o que encerram as palavras amor e caridade, não haverá mais sobre a Terra nem soldados nem inimigos, nela não haverá mais do que irmãos; não haverá mais os olhares irritados e ferozes, não haverá senão frentes inclinadas para Deus! Até breve, caros amigos, e obrigado ainda em nome daquele que não esquece o copo d'água e o óbolo da viúva. Allan Kardec.

A VOLTA DE KARDEC – 2

Blog do Aron, um espírita – Domingo, 3 de abril de 2011 – A Reencarnação de Allan Kardec-1

Não temos conhecimento de que Allan Kardec tenha se manifestado como espírito, em muitas ocasiões.

Na realidade, dispomos de poucos registros neste sentido. Um deles, é uma referência ao assunto, feita por Humberto de Campos (Espírito) em “Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho”, em psicografia de Francisco Cândido Xavier, edição FEB, que, no seu capítulo XXVIII, comenta dos primórdios da Federação Espírita Brasileira e, referindo-se a Ismael, diz que este Espírito “(...) nos primeiros dias de 1889, preparara o ambiente necessário para que todos os companheiros do Rio ouvissem a palavra póstuma de Allan Kardec, que, através do médium Frederico Jr., forneceu as suas instruções aos espíritistas da capital brasileira, exortando-os ao estudo, à caridade e à unificação.”

Finalmente, a família espírita recebe a tão esperada confirmação!

Referimo-nos ao Reformador de 16 de Outubro de 1919 onde aparece transcrita uma comunicação de Agostinho, bispo de Hipona, manifestado em reunião na FEB, comemorativa do aniversário de nascimento de Allan Kardec (3 de Outubro). O médium é Albino Fonseca. O texto está a seguir apresentado. Os grifos são nossos. (do blogueiro)

“Meus filhinhos, Paz”.

Presentes se acham à nossa reunião aqueles que assistiram Allan Kardec durante o desempenho da grandiosa missão por ele levada a bom termo, quando na Terra exilado.

Se pudésseis com os olhos do espírito presenciar o quadro que sobre vossas cabeças se desenrola, irradiando fluidos de amor e de paz, deslumbrados ficaríeis, e eis porque esse prazer vos não é dado, para que ofuscadas não sejam as vossas vistas.

Deus em tudo é sábio e providente. Dos que aqui se acham invisivelmente presentes, fui eu escolhido para, como seu delegado, algo dizer sobre a comemoração que fazeis.

Essa comemoração é justa, é merecida, conquanto a melhor comemoração fosse aquela que pudésseis fazer quotidianamente, limpando os vossos corações da lepra dos impuros sentimentos, lavando os vossos espíritos da mácula que os nodoa, facetando-os para que, límpidos estejam por ocasião das belas alvoradas, cuja cortina o nosso Mestre veio rasgar.

Léon Hyppolite Denizard Rivail, ao encarnar tomou a resolução de propagar os ensinamentos do Senhor, e tendo o seu guia lhe perguntado se se sentia com força para enfrentar tão árduo empreendimento garantiu ele que sim. Se soube cumprir a sua promessa, vós o podeis afirmar, pois a sua obra aí está testemunhando o seu esforço em prol da divulgação das supremas verdades.

Assistindo ao trabalho das denominadas mesas girantes, que atraíam a atenção de inúmeros curiosos com o único intuito de distração – ele, o vosso mestre, verificando que essas mesas, por meio de pancadas conversavam com os presentes. Portanto, denotavam que uma causa inteligente devia movimentá-las, meditou sobre o que viu, estudou, investigou, chegando à conclusão de que entidades invisíveis eram os seus propulsores.

Começou então o seu estudo aprofundado, compilando por intermédio de médiuns diversos e de fontes várias invisíveis esse monumento colossal que hoje altivo se ergue, mostrando à humanidade transviada que algo mais elevado do que as coisas materiais se desdobra sobre a sua cabeça, e que a sua verdadeira felicidade constitui.

Vinha o homem de longos séculos debatendo-se no mar revolto das paixões e desvarios sem cogitar do seu Deus e do destino que o aguardava, qual náufrago em proceloso oceano, lutando contra as ondas enfurecidas e esperando uma tábua de salvação em que pudesse agarrar-se, e vem o emissário enviado pelo Senhor, que lhe lança essa tábua, sendo feliz aquele que a ela se segurar, porque se libertará da fúria do mar de trevas em que está prestes a sucumbir.

Não podendo Allan Kardec vir pessoalmente agradecer a homenagem que lhe prestais, eu, delegado por aqueles que o assistiram, declaro-vos que gentil e carinhosamente acolhemos os eflúvios do preito de vossa gratidão e a seu tempo o transmitiremos ao nosso e vosso irmão, que, em obediência a nossas instruções, **entre vós de novo se encontra, para dar maior amplitude à doutrina salvadora da humanidade.** (Negritei) J. O.

Lembra-vos que nosso mestre não palmilhou um caminho de rosas, mas cheio de urzes e espinhos, pois foi insultado, achincalhado, caluniado, sem que apesar de tudo, o seu intento um só momento esmorecesse, porque sabia que trabalhava na causa santa do Senhor.

Praze os céus que vós, seus continuadores, possais também suportar com resignação todos os ápodos, todo o ridículo que sobre vós lançarem, ficando satisfeitos com a consciência de bem ter cumprido o vosso dever e dado cabal testemunho de Jesus.

A paz do Senhor, meus filhinhos, fique convosco, e permita Ele que dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, a nossa cogitação seja – a vossa reforma moral, para que condignamente possais receber o mestre e amigo ao iniciar sua próxima tarefa. Deus vos abençoe e vos dê paz. Agostinho, bispo de Hipona.

Segunda-feira, 18 de abril de 2011 – A Reencarnação de Allan Kardec – 3

Comunicação recebida na FEB, em sessão pública de 3.10.1921, comemorativa do aniversário de Allan Kardec.

“Paz convosco, amados irmãos meus. É grande o meu prazer de estar convosco neste momento, por ver o interesse que tomais em recordar as coisas santas, porque é santa a obra do Espiritismo. Procurai edificar-vos lembrando os fatos passados com aquele que foi o Codificador da doutrina espírita; sois gratos a esse espírito trabalhador, que baixou no cumprimento de uma nobre missão. Sabei, no entanto, filhos meus, que a principal virtude desse espírito foi a de não falir na missão que aqui o trouxe, pois muitos outros têm baixado à terra no cumprimento de um dever, dever que, como não ignorais, é sempre sagrado e têm falido. Quantos tem falido ao cumprimento desse dever!

Ninguém jamais baixou a este mundo sem um motivo para isso. Esta não é a vossa pátria verdadeira. Por aqui passais e repassais grande número de vezes e, todavia, esta não é a vossa pátria. Aqui vindes por diferentes motivos, aqui vos trazem as provações, compromissos tomados no Além para o desempenho de tarefas, muitas vezes sublimes. Mas, quantas vezes, ao baixardes a este mundo, da vossa memória se varrem as recordações do dever a cumprir e caminhais por estrada bem diversa da que deveis percorrer. Quantos amaldiçoam as provações, as dores e os sofrimentos, que, no seio do infinito, tomaram o compromisso solene que suportariam com paciência e resignação!

Deus a ninguém faz sofrer em vão; ninguém sofre dor física ou moral, ninguém é acicatado no corpo ou no espírito por acaso. Há motivo para isso e grave motivo.

Ao deixardes essa vida temporal, transpondo os umbrais da eternidade, sabereis o porquê desses sofrimentos, pois a memória vos será avivada, o passado se desdobrará diante dos vossos olhos e podereis ver, certamente com tristeza, que não soubestes de tais provações tirar o proveito necessário ao vosso progresso espiritual.

Há, entretanto, espíritos de escol, almas de têmpera rija, dispostos ao serviço do seu Deus, que, tomando altos compromissos no Além, descem a Terra em missão e conservam a noção clara do dever que tem a cumprir e que consideram sagrado, porque de fato o é, sem vacilações, dão conta, jubilosos, do desempenho de sua tarefa.

Para as muitas provações, os muitos tormentos e as muitas dores, que os vão assaltando, eles encontram em si lenitivo na certeza que tem da necessidade do bom desempenho da sua missão e isto é o bastante para lhes dar alegria.

Allan Kardec não entrou em dúvida sobre o que lhe foi prescrito a respeito da sua missão, não viu nela utopia, não se encheu de vanglória, não se supôs criatura diferente de todas as outras. Como servo humilde de seu Senhor, dispôs-se a executar as ordens recebidas, fiel ao cumprimento dos seus deveres. Considerando a obra que o Senhor lhe confiara e de que não se achava digno, humilde e com fervor, no recôndito de sua alma, no íntimo da sua consciência, elevando o seu coração a Deus, dizia: Senhor, dá forças ao teu servo para que ele possa cumprir a tarefa de que o encarregaste; dá-me alento e coragem, para que possa carregar dignamente o fardo que trago sobre os ombros.

Pois bem, meus filhos, é este exemplo que todos vós deveis imitar. Se a todos não cabe missão tão sublime, todavia a cada um de vós Deus tem confiado um dever e de todos vós espera alguma coisa. Este edifício do Espiritismo Cristão vós

o tendes de edificar pedra por pedra. Aquele sobre cujos ombros pese esse encargo que o faça leve, dando desempenho a tão grandiosa missão com humildade e com amor.

Pois bem, meus amigos, esse espírito cujo advento rememora **não está mais no seio da imortalidade, já se encontra de novo nesta oficina de trabalho.** (Negritei) Ele ora e espera levar avante a sua obra. Kardec trabalha e trabalha com atividade e do alto do espaço baixam as bênçãos para fortalecê-lo e ampará-lo na continuação de sua tarefa. Auxiliai-o vós também na sua grande obra, ajudai-o na sua excelsa missão. De que forma? Orando, pedindo a Deus a sua bênção para aquele que novamente trabalha na oficina santa, elevando as vossas almas até o trono do Criador, suplicando as graças do Senhor para que ele, sem falir, possa levar a cabo a sua pesadíssima missão.

Bendito seja Deus que abençoará o seu servo e glória a Nosso Senhor Jesus Cristo que amparará a mísera criatura, para que lhe não faltem as forças necessárias.

Deus os abençoe na intenção que tendes de praticar os ensinamentos do Cristo, pois desta forma é que o Espiritismo cristão progredirá nas almas. A bênção do Senhor seja com todos vós. **Tiago**

---oo0oo---

Mantendo ininterrupta comunhão com o Alto, através do centenário Grupo do Anjo Ismael, utilizando médiuns de alta credibilidade por ele suscitados, discreta e cautelosa, a Federação Espírita Brasileira, nunca se manifestou a respeito de sua volta, mantendo-se na posição de silêncio em relação às reiteradas tentativas de vinculação da personalidade de Chico Xavier ao Espírito Allan Kardec. Em paralelo, numa demonstração de que, à época (década de 70/80), Kardec estaria no Plano Espiritual e não reencarnado (não podendo, é lógico ser o Chico), primeiro, em 1979 (14.06.1979, três meses e meio antes da morte de Zarur) e depois, em 1984 (02.01.1984), foram obtidas de sua autoria, mensagens mediúnicas na sede da Federação Espírita Brasileira (FEB).

A primeira, no Grupo Ismael, onde teria sido visto pelos médiuns Olímpio Giffoni e Hernani Trindade Sant'Anna, incluída na revista federativa "Reformador", de outubro de 1979, em artigo intitulado "Programa e obra de Ismael"; a segunda, quando de solenidade comemorativa ao primeiro centenário da entidade, recebida por Júlio César Grandi Ribeiro, ditada por Allan Kardec, intitulada "Saudação aos Espíritas Brasileiros.

Sob a direção de Ismael e Bezerra de Menezes, e levando em conta as instruções de Kardec, o Movimento Espírita se organiza federativamente no Brasil e se expande, irradiando-se pelos países da América e do mundo.

---oo0oo---

Fresca manhã. Terceiro dia de Abril de 2016. Disponha-me a dar o retoque final no Leitura Adicional do Apêndice, concluindo a revisão da obra, quando, após leve toque fluido-magnético costumeiro, a sugestão veio-me de súbito, imperiosa, surpreendendo-me deveras:

Veja novamente "Alziro Zarur! Ele foi Allan Kardec"!

Um tanto indeciso e duvidoso, bastante frustrado ainda por não ter conseguido desvendar o mistério da volta de Kardec, de que me vinha ocupando última e inutilmente, refleti de imediato como os queridos irmãos espíritas, máxime os sectários, iriam receber tal surpreendente hipótese! Vislumbrando, porém, repentino raio de luz e esperança, recorri de imediato à Internet, à busca de informações sobre Alziro Zarur e a LBV, de que me olvidara completamente, acessando para isso, vários sites e blogs, como podem fazer à vontade os nossos leitores, desvendando preciosos detalhes de sua linda, maravilhosa, abençoada história...

Alguns dos sites acessados:

- 1 – Wikipédia – Alziro Zarur – Biografia
- 2 – www.lbv.org/quem-somos/historia
- 3 – <https://momentoespiritual.wordpress.com>
- 4 – LBV – Legião da Boa Vontade
- 5 – LBV – Nossa História
- 6 – Vídeo Centenário de nascimento de Alziro Zarur (1914-1979) – YouTube
- 7 – Ver A. Zarur no site "Famosos que já partiram. <http://www.famososquepartiram.com/>
- 8 – Vídeo-palestras de Alziro Zarur no Youtube

Com o objetivo de auxiliá-lo na busca da verdade sobre se Alziro Zarur foi de fato a reencarnação de Kardec, reproduziremos a seguir um dos arquivos disponíveis na Internet.

Misto de Fé, Amor e Humildade, Boa Vontade é promessa de virtudes muitas, grandes! Num fio d'água começa o Rio-Mar, lá nos Andes!



Alziro Zarur e Dona Emília R. Mello

HISTÓRIA DA RELIGIÃO DO TERCEIRO MILÊNIO

1948 — A Hora de Começar

Em 6 de janeiro de 1948, “Dia dos Reis Magos”, data de alto significado místico-religioso, Alziro Zarur (1914-1979), ao participar de uma reunião mediúnica na Federação Espírita Brasileira (FEB), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil, recebe a ordem de Jesus, na manifestação espiritual de “Il Poverello”, por meio da respeitável e saudosa médium Sra. Emília Ribeiro de Mello: “Meu Irmão, S. Francisco de Assis (1181-1226) esteve todo o tempo aí ao seu lado e manda dizer-lhe que é hora de começar”.

No livro Paiva Netto e a Proclamação do Novo Mandamento de Jesus — A saga heróica de Alziro Zarur (1914-1979) na Terra, páginas de 56 a 58, conta Zarur sobre a conversa que teve com a médium Dona Emília, e o que ocorreu depois:

— Mas que combinado é esse?

— Ele disse que se tiver alguma dúvida leia o livro dele, que o senhor vai se lembrar direitinho do que combinou lá em Cima, completou Dona Emília.

Naquele tempo, eu morava com mamãe, lá no Engenho de Dentro, de que guardo grandes recordações. Eu ia de bonde — bonde Piedade, 77, estilo Bataclan. Procurava sempre o reboque, que era mais vazio, e lá ia meditando, vendo a paisagem, e pensando na vida. Então, naquela noite, eram quase 23 horas, ia refletindo assim: Meu Deus do Céu! Não é que não tenho um livro de Francisco de Assis! Tenho três mil livros, e não tenho um de São Francisco de Assis! Como é que pode?! E fui no bonde, pensando como é que ia arranjar um livro de Francisco de Assis. (...) Pois bem, quando cheguei à minha casa, tranquei a porta da rua, naturalmente. Todos já estavam dormindo. Fui à minha biblioteca e comecei a olhar livro por livro. De repente, vejo um volume branco.

Disse então: Que livro é este? Meu Deus! Quando o puxei, estava escrito assim “I Fioretti, de São Francisco de Assis”. Mas quando abri o livro, foi o meu maior espanto [pois lá estava escrito com a minha letra: “Alziro Zarur, 1933”. Vejam que coisa espantosa! Eu tinha comprado aquele livro, e ele ficou, sem ser lido, durante 15 anos, à espera de que eu fosse [espiritualmente] chamado. Vejam que coisa miraculosa! Como tudo já vem escrito!

Quando vi aquilo, disse: Nossa Mãe!, pois agora o livro estava esgotado. Peguei o livro e comecei a ler. Às 6 da manhã, terminei a leitura. Foram seis horas de atenção absorvente. Mas quando acabei de ler o livro do nosso Patrono, já me lembrava nitidamente da minha combinação lá em Cima. A combinação era a LBV, era a Religião do Novo Mandamento como Denominador Comum das Religiões Irmanadas.

“Por isso, comecei a minha pregação exatamente com esta tese: não pode haver Paz para o mundo, se as religiões não tiverem Boa Vontade entre si próprias”.

Arquivo

1949 — Boa Vontade no ar

No livro Paiva Netto e a Proclamação do Novo Mandamento de Jesus — A saga heróica de Alziro Zarur (1914-1979) na Terra -, p. 205, encontramos:

O Programa Hora da Boa Vontade, com o lema: “Por um Brasil melhor e por uma Humanidade mais feliz”, estreou em 4 de março de 1949 na Rádio Globo, do Rio de Janeiro, com Alziro Zarur pregando o Apocalipse de Jesus. O Programa, que visava atender às Almas sofredoras e toda sorte de desamparados materiais e espirituais, foi o primeiro do gênero no Brasil, conquistando grande audiência. Com uma palavra de carinho e alento aos carentes do corpo e da Alma, ele deu o primeiro passo para o surgimento da Legião da Boa Vontade e sua notável tarefa apostolar.

1950 — Fundação da LBV

No livro Paiva Netto e a Proclamação do Novo Mandamento de Jesus — A saga heróica de Alziro Zarur (1914-1979) na Terra, p. 206, encontramos:

“Em 1º de janeiro de 1950, foi fundada oficialmente por Alziro Zarur a Legião da Boa Vontade. Alicerçada no Amor Fraternal do Cristianismo do Cristo, iniciou seu trabalho com base no conceito vanguardista de Caridade Completa, suprindo as necessidades do corpo e principalmente às da Alma, consoante as Lições Divinas do Novo Mandamento de Jesus (Evangelho segundo João, 13:34 e 35; 15:12 a 17 e 9). Sob essa Lei de Amor Celeste, a Bandeira do Ecumenismo Irrestrito é erguida, pioneiramente preconizando o relacionamento inter-religioso, e mais: revolucionando a aceção de Ecumenismo no mundo.”

1950 — Religiões Irmanadas

No livro de Paiva Netto *1 A Proclamação do Novo Mandamento de Jesus — A saga heróica de Alziro Zarur (1914-1979) na Terra, nas páginas de 207 a 211, encontramos:

“Dias depois da fundação, outro gigantesco degrau foi alçado no campo da convivência inter-religiosa por meio da pioneira Cruzada de Religiões Irmanadas, cuja primeira edição ocorreu em 7 de janeiro daquele ano, no salão do Conselho da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro/ RJ, após sucessivas reuniões preparatórias realizadas no mesmo local, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 1949, na sala da diretoria daquela prestigiada Associação.

No encontro, falaram sete oradores dos mais diversos segmentos: Salustiano César, reverendo protestante; Teles da Cruz, católico; Murilo Botelho, esotérico; Leopoldo Machado, espírita; Eugênio Figueiredo, livre-pensador; Samuel Linderman, judeu; e Ascânio de Farias, positivista. Convocou e dirigiu a memorável sessão Alziro Zarur, fundador da Legião da Boa Vontade. A partir dali, a LBV viu o seu ideal de solidariedade, altruísmo e ecumenismo sem fronteiras conquistar corações e harmoniosamente congregar pensamentos de religiosos, filósofos, cientistas e ateus. Crescia a cada reunião no Salão da ABI o número de pessoas presentes. Herbert Moses (1884-1972), o empreendedor presidente da Associação Brasileira de Imprensa, que construiu a famosa sede da heróica Casa do Jornalista, surpreso com o sucesso daqueles encontros, declarou: “Zarur fez um verdadeiro milagre juntando tantos inimigos cordiais na LBV”.

Na época, janeiro de 1950, O Globo, do jornalista e empresário de mídia Dr. Roberto Marinho (1904-2003), publicou dois editoriais, saudando o nascimento da nova Instituição, que, naquele tempo, tinha como sede uma pequena sala num prédio da Rua do Acre, 47, no centro do Rio de Janeiro. Um dos textos, publicado em 26/1/1950, registrou:

— Há um aspecto, na recente criação da LBV, que merece ser assinalado e posto no devido relevo. Trata-se da verdadeira confraternização de todos os credos religiosos que se processou no referido movimento, destinado, sobretudo, a amparar moral e materialmente os enfermos e necessitados. (...) Não são comuns acontecimentos desta ordem nem freqüentes mobilizações de tamanha envergadura moral. (...)

O saudoso jornalista Benedito Mergulhão, em A Noite, edição de 18/6/1956, recorda:

Considerando que todas as religiões desempenham um papel preponderante no aperfeiçoamento espiritual do Homem, a LBV teve a feliz iniciativa de reunir representantes de todos os credos que se professam nesta capital e, confraternizados, cada um de per si expor as bases das respectivas doutrinas. Dessa forma, a Legião da Boa Vontade levou a efeito, em outubro, novembro e dezembro de 1949, reuniões em que falaram representantes do catolicismo, protestantismo, espiritismo, budismo, maometismo, positivismo, bramanismo, judaísmo, esoterismo, umbandismo etc.”

*



7 de Setembro de 1959 – Alziro Zarur em Campinas – SP

A HISTÓRIA SE REPETE

Coincidências 1*

Aviso aos Navegantes

Para mais facilmente inteirar-se da realidade dos fatos que evidenciaremos a seguir, é conveniente que o leitor espírita – livre e imparcial pensador que é – antes de focalizar a personagem por ele vivida há 36 anos como Alziro Zarur, sob a inspiração de Francisco de Assis, se desprenda e desvincule-se mentalmente da de Kardec de 150 atrás, quando guiado pelo Espírito Verdade (Jesus) codificou a Doutrina dos Espíritos, LEVANDO, PORÉM EM CONTA QUE SE O ATOR FOI O MESMO, A PERSONAGEM, A PEÇA, O DIRETOR TEATRAL (O guia) E O TEMPO, FORAM OUTROS....

Por mais vacinado e precavido estejamos contra o misticismo, não podemos ignorar, atribuir a simples coincidência – tendo em vista a integridade moral e a profunda religiosidade demonstrada por ambos durante o desempenho das duas importantíssimas missões, na França e no Brasil, e o incalculável valor e importância da obra por ele recentemente executada – a mensagem simbólica representada pelo fato de ter Kardec/Zarur nascido no dia do Natal de Jesus!

Com a mesma eloquência, objetividade e empolgação evidenciadas na páginas 57, abaixo, fazendo uso de tiradas curtas e sentenciosas, num tom persuasivo e convincente e dirigindo-se de preferência aos carentes do corpo e do espírito, aos descrentes e desesperançados, necessitados de amparo moral-espiritual, ele conseguiu em pouco tempo enorme sucesso. Sua voz, sonora, vibrante e envolvente conquistou uma multidão de ouvintes pelo país inteiro. Espírita desde os treze anos, após a leitura de O Evangelho segundo o Espiritismo em 1943 e O Livro dos Espíritos em 1950, – como tantos outros pelo Brasil afora – eu me emocionava ao ouvi-lo na antiga Rádio Metropolitana do Rio de Janeiro, das 9 às 10 horas da noite, sem suspeitar jamais, eu e minha família, que ouvíamos o venerável, amado e inesquecível Mestre de todos os espíritos...

Sem suspeitar jamais, que depois de tantos anos, tendo-o completamente olvidado, encantado talvez, pelos programas de tevê que depois surgiu, pela reveladora série de André Luiz, os romances históricos de Emmanuel e Victor Hugo, e pelas admiráveis crônicas de Irmão Saulo (J. H. Pires) e Moacir Jorge no Diário de São Paulo, além das atividades no seio do movimento espírita, eu iria novamente ouvi-lo, não através de uma rádio transmissão, precária naquele tempo, mas acessando agora suas vídeo-palestras no Youtube, como podemos hoje amplamente fazer.

Da página 43, acima, – para onde remetemos o leitor – pinçamos os seguintes trechos: O Espírito Verdade (Jesus) confirma a previsão anterior, acrescentando que o Codificador ausentar-se-ia por alguns anos e **voltaria em condições que lhe permitissem trabalhar desde cedo:Amanhã, com um corpo novo, poderá continuar a sua tarefa e terá então, toda uma vida para completar a obra que iniciou!**

Foi precisamente o que ocorreu com a carreira profissional de Alziro Zarur como jornalista e radialista, iniciada precocemente aos 10 anos em 1924!

NÃO SE TRATA AQUI, DE MERA, BANAL COINCIDÊNCIA, PORÉM O CUMPRIMENTO DA PROMESSA DE JESUS, O ESPÍRITO VERDADE, REVELANDO UM PLANO POR ELE TRAÇADO EM DETALHES PRECISOS.

(1*) Vide a pág. 71, abaixo e o item 5, pág. 368 de Leitura Adicional, no Apêndice.

* * *

Tal qual sucedeu com o Cristo, que não veio como se esperava, “dentro” do Judaísmo, decepcionando a maioria do povo judeu e a zelosa elite religiosa, que a séculos o esperavam como Glorioso Libertador Nacional, Kardec veio, NÃO “DENTRO”, COMO – ANSIOSAMENTE – SE ESPERAVA, mas sim, sábia e estrategicamente fora da Seara Espírita genuína, comprometida com a manutenção da original teoria e prática da doutrina espírita no mundo.

Agora perguntamos: – Os Judeus estavam “dentro”, quer dizer, cumprindo fielmente as leis de Deus quando Jesus apareceu? Estavam preparados para recebê-lo? – Claro que não!

Quando em 1948 Kardec/Alziro Zarur “voltou”, – quer dizer, passou a freqüentar as reuniões do Grupo Ismael na Sede da FEB, entrando assim em estreito contacto com o Movimento Espírita, estava o mesmo organizado, preparado para recebê-lo? A maioria dos seguidores do Espiritismo – incluindo os líderes do movimento – estavam “dentro”, quer dizer, pondo em prática os preceitos doutrinários?

Claro que não! É o que atestam os historiadores espíritas, e o que, a contragosto evidenciaremos nesta obra! “Ele veio para o que era seu, e os seus não o receberam”. Jo.1:11

A desunião então existente entre as entidades espíritas do país, insuficientemente desenvolvidas e organizadas devido a fatores internos e externos, tornou problemática, inviável a sua volta dentro do movimento espírita francês e brasileiro, como idealmente se esperava. Situação semelhante ocorreu por ocasião da vinda de Jesus Cristo, como demonstra um trecho do inspirado artigo “O Erro das Igrejas”, de Ismael Gomes Braga, transcrito na íntegra no item 6, p 370, em Leitura Adicional no Apêndice:

“Vamos citar um só exemplo da diferença entre “igreja” e “religião”, para demonstrar que as igrejas erram, mas a Religião não erra, é divina e eterna.

Estava anunciada a vinda do Messias pelos profetas de Israel. Todos o esperavam. Ele veio e o povo o reconheceu e aceitou de todo o coração. Mas a igreja (os principais sacerdotes) teve medo de sua popularidade, que punha em risco seus velhos privilégios políticos e econômicos e tratou de prendê-la e matá-la à traição (Mt., 26: 3-5) .

A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (Mat. 21:1 a 11) mostra que o povo judeu aceitou a Jesus como o Messias que tinha de vir. Foram exatamente as aclamações do povo que exasperaram os sacerdotes (Mat. 21:15-16) contra Jesus. A igreja temia o povo (Mat. 21:45-46), porque o povo compreendeu que Jesus de Nazaré era o Messias prometido e lho havia demonstrado cabalmente pelas suas palavras e atos.

Fato curioso: a igreja judaica uniu-se aos materialistas (saduceus) no combate a Jesus, justamente como hoje faz a Igreja Católica, unindo-se aos materialistas modernos, para combater o Espiritismo. É a mesma história: todas as armas parecem boas, desde que destruam, sem perceberem que destroem igualmente a si mesmos.

A minoria insignificante do povo israelita formava sua igreja, tinha o seu tribunal, o Sinédrio, e cometeu o grande erro da história religiosa: condenou a Jesus e desencadeou contra ele e seus continuadores uma propaganda universal, conquistando para o Judaísmo um ódio igualmente universal que chegou aos nossos dias.

O recurso utilizado pelo Espírito Francisco de Assis de se fazer por várias vezes visível ao lado de Alziro Zarur à médium vidente, induzindo-a depois, a narrar-lhe o fato e transmitir-lhe a ordem para dar início à sua missão foi o expediente utilizado pelo Alto para, através dos mentores espirituais do Grupo Ismael da FEB, a Casa-Máter do Espiritismo no Brasil, dar de forma indireta o aval à sua missão, em diversos pontos estrategicamente descomprometida com os postulados básicos da Doutrina Espírita.

Detalhe importante para desvendarmos um pouco mais a estratégia utilizada pelo Alto para superar as dificuldades acima apontadas para a vinda de Kardec, são as datas de nascimento de J. Herculano Pires, que nasceu em Avaré – SP, em **25. 09. 1914**, e desencarnou em São Paulo em **09 de março de 1979** e Alziro Abrahão Elias Zarur, que nasceu em **25. 12. 1914**, no Rio de Janeiro, e falecendo em **21 de Outubro de 1979**.

Nasceram e faleceram no mesmo ano! Mera coincidência ou sutil, superficial detalhe de complexo planejamento engendrado por Jesus, mostrando a solidariedade de suas missões, e dando-nos uma pista a mais confirmando as inicialmente reveladas a partir da página 42 acima, para facilitar o desvendamento do mistério da volta de Kardec.

Segundo sintetizou otimamente o Site Wikipédia, do qual transcrevemos os dados abaixo, “José Herculano Pires foi um jornalista, filósofo, educador, escritor e tradutor brasileiro. Destacou-se como um dos mais ativos divulgadores do espiritismo no país. Além de traduzir os livros de Kardec, escreveu excelentes estudos filosóficos e obras literárias inspiradas na Doutrina Espírita.

A não ser em três pontos:

1º.) O seu violento repúdio à obra “Os Quatro Evangelhos”¹ em franca contradição com a afirmativa de Kardec: “É um trabalho considerável, e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar, sobre nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada por O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns e o Evangelho segundo o Espiritismo”, além da recomendação quanto à sua vantajosa leitura pelos espíritas sérios. Fê-lo, movido por passional e tenaz oposição à FEB, editora da obra, dominado, talvez, por sub-consciente aversão à IGREJA. (Conforme confiou a seu confidente e a uma de suas filhas antes de falecer, um médium lhe revelara que fora Alexandre Herculano em sua vida anterior em Portugal, na qual mantivera fortíssima divergência com os bispos da Igreja.)

(Segundo o Wikipédia, em sua “História de Portugal”, Alexandre Herculano (1810-1877) levantou enorme polêmica com os sectores mais conservadores, encabeçados pelo clero. Atacado por este, por não ter admitido como verdade histórica o célebre Milagre de Ourique –Herculano acaba por vir a terriero em defesa da verdade científica da sua obra, desferindo implacáveis golpes sobre o clero ultramontano, nos opúsculos Eu e o Clero, Solemnia Verba e História da Inquisição em Portugal. Acessíveis nos sites Rubi (de Rui Barbosa) e ebooksBrasil.org).

2º.) Ao que parece, – como ocorreu com Kardec – não leu total e/ou atentamente a obra que criticou, pois como se vê nas págs. 83 e 84 e, na íntegra na pág. 103 abaixo, sentir-se-ia por certo, constrangido a levar em conta a grave, seríssima **interpelação aos espíritas**, inscrita na pág. 417, final do 3º. tomo de Os Quatro Evangelhos em francês.

3º.) Não levou também em conta os testemunhos reveladores de Bezerra de Menezes em Estudos Filosóficos”, edição FEB, 1971- vol. III e os post-mortem de Kardec, transcritos nas páginas 82 a 83, abaixo.

Não obstante os senões que, devido ao particular afeto e admiração muitíssimo a contragosto apontamos, superando dificuldades de toda ordem para exercer importante, providencial papel no ambiente espírita paulista e nacional, José Herculano Pires divulgou através da imprensa escrita e falada, mais de trinta excelentes, abalizadas obras, que disponibilizou no Bvespírita, notabilizando-se como paladino defensor da obra de Kardec, divulgando de forma positiva os postulados doutrinários, que atualizou e ampliou, **cumprindo de forma satisfatória o papel que Kardec dificilmente executaria**, tendo em vista os rudes e complexos óbices acima mencionados.

(1) Vide Livro O Verbo e a Carne - 1973 -Editora Cairbar - Parceria com Júlio Abreu Filho - J. Herculano Pires.



A LBV E O ESPIRITISMO – Antonio César Perri de Carvalho

O relato do Dr. Antônio César P. de Carvalho que abaixo transcrevemos, valioso documento histórico dos primeiros contatos entre os dois movimentos irmãos, corrobora o que acima afirmamos:

Poucos dias depois da fundação – 7 de janeiro -, houve uma reunião pioneira da Cruzada de Religiões Irmanadas, no salão do Conselho da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro/ Leopoldo Machado compareceu representando os espíritas. Nos anos 1950, havia no interior do país, relacionamento entre centros espíritas e a LBV. Ainda criança, acompanhando a genitora, comparecemos no salão da LBV, em Araçatuba (SP), dedicado a distribuição de sopa e palestras. Alguns expositores espíritas da cidade abordavam temas espíritas e evangélicos. [Leopoldo Machado afastou-se da LBV por discordar da condução de

Alziro Zarur, e a LBV tomou uma trajetória própria, havendo um distanciamento entre LBV e o Movimento Espírita. Todavia, ambos estiveram juntos em vários eventos com objetivos convergentes em torno de temas relacionados com caridade, interreligiosidade e paz.

Fato histórico ocorreu no ano 2.000, pois a LBV – com uma dependência em Nova York -, intermediou e facilitou as presenças das representações da FEB e do CEI no “Millennium World Peace Summit” promovido pela ONU, na passagem de agosto/setembro daquele ano. Partir da fundação do Movimento Brasileiro da Cidadania pela Vida – Brasil sem Aborto, em 2006, liderado pelo deputado Luiz Carlos Bassuma e por Jaime Ferreira Lopes, com participação do presidente da FEB Nestor João Masotti e nossa, a FEB e a LBV foram parceiras de muitas atividades e mobilizações. Prosseguem ações entre LBV e espíritas no Templo da Boa Vontade (a pirâmide) em Brasília, relacionados com interreligiosidade, intolerância religiosa e paz. Este Templo foi inaugurado pelo sucessor de Zarur, José de Paiva Netto.

Mais recentemente, a FEB esteve presente em outubro de 2014 no evento de comemoração dos 25 anos da inauguração do citado Templo e, em janeiro de 2015, em reunião sobre intolerância religiosa. Pelas nossas relações antigas com a LBV, estes reiteraram o convite para nossa atuação no Ato Ecumênico pela paz e de comemoração dos 26 anos do Templo, no dia 21 de outubro, e na semana que o antecedeu nas saudações e preces matinais, onde falamos sobre “Deus”. O evento ecumênico foi coordenado pelo representante da LBV Alziro Paolotti de Paiva e contou com a presença de representantes de vários segmentos religiosos e autoridades. Antônio César Perri de Carvalho é ex-presidente da USE-SP, ex-presidente da FEB, membro da Comissão Executiva do CEI e do Grupo de Estudos Espíritas Chico Xavier. Postado por Grupo de Estudos Espíritas Chico Xavier em 25 outubro 2015 às 19:12

Levando em conta a natureza da missão que deveria cumprir, amplo e diversificado foi o preparo a que Kardec/Alziro Zarur foi induzido a fazer, de acordo com o papel que exerceria sob a direção agora de Francisco de Assis, norteado no sentido de atrair e unir os indivíduos benevolentes, tolerantes e solidários, cumprindo o que declarou o Espírito da Verdade em O Evangelho segundo o Espiritismo: “Revelar a doutrina divina e como um ceifeiro, atar em feixes o Bem esparso por toda a Humanidade e dizer: Vinde a mim todos vós que andais cansados e oprimidos, que eu vos aliviarei! De acordo com informações fornecidas pela Fundação Boa Vontade, após sua formação escolar, Alziro Zarur dedicou-se ao estudo de todas as religiões e filosofias existentes no mundo.

A enorme projeção alcançada pelo movimento a que deu origem, e que cada vez mais se consolida e expande, **DEMONSTRA O COMPLETO ÊXITO ALCANÇADO POR ALLAN KARDEC AO COMPLETAR A SUA MISSÃO, FORA, (aparentemente), DO MOVIMENTO MAS NÃO DO IDEAL ESPÍRITA.**

O que não conseguiria dentro do movimento espírita, limitado em seu impulso solidário pela incessante oposição das seitas religiosas e o materialismo, dominantes, pôde realizá-lo fora dele, através da LBV, beneficiando indivíduos carentes, adeptos das religiões e teorias adversárias, compensando o mal a eles a si mesmos causado.

Muitas vezes, para superar um adversário mais poderoso, precisamos usar as armas, as táticas e recursos por ele empregados, mostrando-nos mais capazes, infiltrando em seu meio, minando-o sócio-politicamente, ou atacando-o diretamente, mas expondo-se também, coisa que Kardec/Zarur não poderia fazer dentro do movimento espírita, como conseguiu, **DANDO MAIOR AMPLITUDE À DOCTRINA SALVADORA DA HUMANIDADE**, como frisou o espírito Santo Agostinho em 1919, ao anunciar a sua volta!

De acordo com informações fornecidas pela Fundação Boa Vontade, após sua formação escolar Alziro Zarur dedicou-se ao estudo de todas as religiões e filosofias existentes no mundo, possuindo cerca de 3 mil livros em sua biblioteca. Como se pode constatar ouvindo suas vídeo-palestras no Youtube, ele alcançou grande e permanente sucesso, usando a linguagem simples de Jesus e como Ele demonstrando convicção e autoridade no que dizia, num estilo alegre. Como se pode constatar ouvindo suas vídeo-palestras no Youtube, ele alcançou grande e permanente sucesso, usando a linguagem simples de Jesus e como Ele demonstrando convicção e autoridade no que dizia, num estilo alegre, recheado de frases cômicas ao lado de citações ameaçadoras do Apocalipse, cujas profecias interpretou, fazendo-nos lembrar o que nos revelou o Espírito Áureo em Universo e Vida, pág. 132 da 1ª. Ed. 1980 – FEB Rio: – O vidente de Patmos reencarnou como Francisco de Assis:

1 – “Foi, porém, entre os hebreus, povo escolhido para acolher no seu zelo o Messias Divino, que esses gloriosos missionários mais freqüentemente se manifestaram, a começar pelo maior de todos, o grande condutor dos degredados, que

seria na Terra o neto de Abraão, aquele Jacó que se transformaria em Israel, pai das doze tribos que se derivaram dos seus doze filhos. Sempre atuante e sempre fiel, ele voltaria depois, como Moisés e como Elias, para tornar novamente ao mundo como a figura sublime do Batista. Foi como ele, Abraão, que foi mais tarde Salomão e mais tarde Simão Pedro; Isaac, que seria Daniel e posteriormente, o João Evangelista; José, o Chanceler do Egito, que viria a ser Davi e depois, Paulo de Tarso e muitos outros, entre os quais quase todos aqueles que a chamado de Jesus, integrariam o seu Colégio Apostólico”. In Universo e Vida – Áureo – Pág.169 – 1980 FEB-RIO, pág. 33 na edição do Bvespírita.

2 – “Ante tão lamentáveis descalabros e tão profunda deturpação dos ensinamentos do Divino Mestre, o grande Vidente de Patmos (João Evangelista) ofereceu-se a Jesus para voltar ao mundo, numa veste de carne, a fim de recordar, com o seu exemplo de amor e de pobreza, as lições imortais do Nazareno. Assim foi que nasceu em Assis, em 1182, o seráfico Francisco, cuja pureza e cuja doçura impregnariam para sempre as paisagens itálicas”. – “Universo e Vida” – Pág. 132 – 1a. Edição -7/1980 - FEB-RIO, e pág. 68 na edição da Bvespírita.



Interior do Templo da Paz Universal, da LBV – Brasília- DF

Além das coincidências acima apontadas, uma assume grande valor por dizer respeito a causa determinante do desencarne de ambos, qual seja o colapso cardíaco, que ocorre comumente com idosos do sexo masculino no período pós-andropausico, repentinamente assoberbados por exagerado esforço mental, físico ou forte tensão emocional, ou a somatória de ambos.

Exemplo do que referimos é o que ocorreu com Kardec,¹ que faleceu de repente aos 65 anos em 1869, Alziro Zarur aos 65 anos incompletos, de insuficiência cardíaca após meses doente, e J. Herculano Pires também aos 65 anos, que após um infarto em plena reunião espírita em seu lar foi levado ao hospital, mas os médicos não conseguiram reanimá-lo, falecendo no local.

Como se sabe, quão mais elevado espiritualmente e desprendido da matéria, na infância ou nos casos de fraqueza extrema devido à doença ou à velhice, mais facilmente pode a alma comunicar-se mediunicamente.

Ao renascer como Alziro Zarur, Kardec trouxe, gravado em seu perispírito os registros etéricos fluídico-magnéticos das disfunções cardiorrespiratórias agravadas por excessos por ele cometidos, causadores de seu súbito falecimento, impregnações fluídicas remanescentes de que se livrou ao sofrê-las como Alziro Zarur.

(1) -Vide na página 66 – “Instrução relativa à saúde do Sr. A. Kardec” e no livro “Entre a Terra e o Céu” de André Luiz, o caso de Júlio, o suicida, que se livrou das seqüelas fluídicas após longos sofrimentos ao renascer doente do aparelho respiratório, mostrando-se completamente curado após sua desencarnação. Veja também em Leitura Adicional, do Apêndice, o item 27, p 401, O Sistema Imunológico e a Terapia do Perispírito

---oo0oo---

Quanto às comunicações de Kardec na França, observemos que as ocorridas em 1910, 1912 e 1913 no Brasil foram dadas pouco antes de sua volta como Alziro Zarur em 1914; as citadas pela Revue Spirite em 1924 e 1926/27, de suspeito, duvidoso teor, aconteceram quando Zarur tinha apenas 10 a 12 anos. Levando em conta que as referidas comunicações ocorreram à noite, quando, no Brasil, devido à diferença de 3 horas a mais do fuso horário e ao costume das crianças irem

cedo para o leito, ele já estava provavelmente dormindo. Neste ano diz haver tido uma revelação de Jesus, fato confirmado por sua mãe, dando-lhe a missão de pregar o Novo Mandamento no sentido oculto e no prático.

O desânimo que paulatinamente contaminara os pesquisadores mais pertinazes atingira o máximo em 2001, quando Luciano dos Anjos revelou e Chico Xavier logo confirmou, que não fora Kardec, mas sim, Ruth-Céline Japhet, uma de suas médiuns. Outro fator dissuasivo foi a imensa dificuldade em identificá-lo, concebê-lo dentro do desorganizado movimento espírita, que não conseguiu ainda se unificar, 69 anos após o Pacto Áureo em 1949 e o CFN da FEB em 1/1/1950.

Para mais facilmente analisarmos a questão, resumimos o final das mensagens das págs. 43 a 47 acima: “Não podendo Allan Kardec vir pessoalmente agradecer a homenagem que lhe prestais, eu, delegado por aqueles que o assistiram, declaro-vos que gentil e carinhosamente acolhemos os eflúvios do preito de vossa gratidão e a seu tempo o transmitiremos ao nosso e vosso irmão, que, em obediência a nossas instruções, **entre vós de novo se encontra, para dar maior amplitude à doutrina salvadora da humanidade.** S. Agostinho – (Em 1919) (Negritei)

Pois bem, meus amigos, esse espírito cujo advento rememorais **não está mais no seio da imortalidade, já se encontra de novo nesta oficina de trabalho.** Tiago – (Em 1921) (Negritei)

Por que somente cinco e sete anos após o nascimento de Alziro Zarur foi, como resumimos acima, anunciada e confirmada a volta de Kardec? Resposta: – Para dificultar ao máximo, na frágil infância, a sua identificação e perseguição pelos agentes das Trevas, evitando também, que ao identificá-lo, os pesquisadores desfizessem este providencial sigilo. **Para isso cooperou muito o psicológico, estratégico detalhe de sua comunicação, em 14 de Junho de 1979, estando Alziro Zarur ainda encarnado.**

A hipótese ou revelação que apresentamos – **inoportuna e/ou comprometedoramente** então, – tornou-se agora, completamente inofensiva, nada contribuindo para engendrar-lhe as informações por mim colhidas na Internet sobre a LBV e Alziro Zarur, a que estava completamente alheado, ao receber em Abril de 2016, a intuição para investigá-lo novamente, como fizemos. Semelhante ao que ocorreu com todos os pesquisadores, não demos a mínima atenção à hipótese de ter Kardec renascido como Zarur, ignorando totalmente as agora fornecidas por José Paiva Netto e a LBV.

*

Propaganda do Espiritismo – Wilson Garcia – Embora o Espiritismo não busque prosélitos, o movimento espírita necessita de uma propaganda doutrinária consciente. O Espiritismo não é uma doutrina interessada na quantidade e sim na qualidade.

*

Quanto à repercussão que esta hipótese irá causar; a preocupação e o zelo que irá provocar dentro do movimento espírita, máxime entre os sectários, devemos levar em conta, além dos comentários de Roque Jacinto e Edgard Armond nas págs. 26 e 29 acima, a resposta dada por Ramatis, que abaixo reproduzimos:

PERGUNTA: — Ante os esforços ecléticos de unir outras religiões, como procede atualmente o catolicismo através dos seus concílios ecumênicos, o Espiritismo ainda deve ser considerado universalista, malgrado se mantenha à margem de tais iniciativas?

RAMATIS: — É missão de o Espiritismo conjugar os valores inerentes à imortalidade e despertar nos homens a simpatia e o respeito para todas as crenças e instituições religiosas do mundo, acendendo na alma dos seus prosélitos a chama ardente do desejo da busca comum da Verdade. É mensagem universalista porque valoriza todos os esforços do ser humano em favor do Bem e da compreensão espiritual, numa visão global do conhecimento, sem precisar juntar credos e seitas religiosas numa fusão improdutiva e que baixa a qualidade original pela confusão da mistura. Universalismo não é a colcha confeccionada com retalhos de todas as religiões e doutrinas espiritualistas. Corroborando o que acima foi dito vejamos pequeno trecho da obra Grandes e Pequenos Problemas, de Angel Aguero:

“Não pode o Espiritismo constituir uma religião, ou uma política especial; não pode criar sistemas sociais, que o distanciem de outros sistemas. Sob esse aspecto, é eclético. De todos toma o que têm de verdadeiro e de bom, e a nenhum repudia, porque sabe que todos satisfazem as necessidades de umas tantas almas. Em nada pode o Espiritismo singularizar-se, a não ser em formar um todo harmônico, que convida todos os seres ao acordo mútuo, ao trabalho solidário, à fraternal convivência, apesar das diferenciações naturais que existem entre uns e outros indivíduos da espécie.

Não há, pois, pretender que o Espiritismo, a menos que o prostituam, se distinga por injustificadas preferências religiosas, políticas e sociais; alheio a todo exclusivismo, a todas as manifestações do Espírito ele auxilia com a seiva de sua virtude unificadora. Porque, repetimos, o Espiritismo não se destina a influir no mundo, criando partidos, sistemas e escolas que dividam os homens, mas inspirando os que militem nas diversas escolas, ou instituições, para levar-lhes o seu espírito, que é o do amor recíproco, da harmonia, da fraternidade.

Não precisa o Espiritismo criar escolas, facções ou partidos, para fazer sentir sua influência no mundo. Se isso fizesse, seria mais uma facção, mais um partido, mais um sistema, e nada a humanidade lucraria com a entrada de um novo ator na cena das discórdias humanas.

O ESPIRITISMO É MUITO MAIS DO QUE TUDO ISSO

E, porque o é, poderá ter adeptos em todas as confissões, partidos e escolas em que se divide a humanidade, a fim de realizar nelas a obra benéfica da comunhão das criaturas humanas.

Assim, pois, não devem os adeptos da Nova Revelação sonhar com um porvir em que o Espiritismo, vencedor, dite e imponha, das alturas conquistadas, leis ao mundo. Isso jamais ele fará. Conquistará, sim, os corações dos adeptos de todos os partidos, de todas as facções e de todas as confissões, a fim de que, da posição que ocupem, influam no mundo com o espírito de sabedoria que lhes terá impresso e com esse espírito executem a obra que lhes cumpre realizar. Desta e não de outra maneira terá o Espiritismo de influir no mundo; de outra forma, amesquinhar-se-ia e não valeria a pena que abrisse passagem por entre as demais idéias e credos que disputam a hegemonia no seio da humanidade”.



Allan Kardec aos 25 anos



Bezerra de Menezes-1831-1900



Chico Xavier-1910- 2002

É preciso que a humanidade conheça os nomes dos primeiros pioneiros da obra, daqueles cuja abnegação e devotamento merecerão ser inscritos em seus anais. Allan Kardec

THE RIGHT MAN IN THE RIGHT PLACE – O HOMEM CERTO NO LUGAR CERTO

Este famoso provérbio americano, que ousamos modificar para “Nada melhor do que o homem certo no lugar certo, no momento certo,” aflora-nos à mente ao analisarmos o extraordinário sucesso alcançado por Allan Kardec, Bezerra de Menezes e Chico Xavier dentro e fora do Movimento Espírita, fato de todos conhecido.

Antes de falarmos sobre os dois primeiros, que se ombreiam pelo esplendor de sua inteligência e virtudes pessoais, falaremos de Chico Xavier, que se tornou tão importante quanto os primeiros, devido à sua Mediunidade, a psicografia semimecânica, que guarnecida e sustentada por suas virtudes pessoais, transformou-se numa preciosa dádiva, uma bênção de Deus para o povo.

A PSICOGRAFIA SEMIMECÂNICA

Por sua segurança e confiabilidade mostrou-se vantajosa para a difusão da Doutrina a utilização de canais mediúnicos de alto nível, quanto à fidelidade, isto é, baseada na indubitável honestidade e capacidade técnica do médium, como ocorreu com os médiuns escreventes semi-mecânicos Mme. Collignon e Chico Xavier. A modalidade semi-mecânica é a mais comum nesse gênero de mediunidade. Nela o Espírito comunicante tem domínio quase total do braço e mão do médium, o qual tem consciência do que escreve à medida que as palavras vão sendo escritas.

Para dar uma idéia das peculiaridades que podem envolver o exercício dessa faculdade mediúmica, transcreveremos um trecho do resumo da obra de Roustaing escrita pelo engenheiro René Caillié, prestigiado membro da Sociedade Espírita de Paris, que em 1884 sintetizou-a num só volume e, às suas custas publicou-a, como noticiou a Revue Spirite de 1900, p. 259; segundo pesquisa feita por Jorge Damas Martins.

“Mais tarde, foi outro médium, a Sra. Collignon, (1796-1874) que caiu como que miraculosamente sob sua mão. Esta senhora foi, desde então, o único médium que serviu à grande Revelação. Ela não emitiu nenhuma opinião que lhe fosse pessoal, muito ao contrário, porque a idéia do Cristo agênera, encarnado somente como Espírito e por via exclusiva de tangibilidade, lhe repugnava à razão. Entretanto, a Sra. Collignon resistia, recusava-se, por assim dizer, a servir de instrumento aos Espíritos que começava a ver como impostores, e que, entretanto, ao contrário, eram Espíritos elevados, vindos nos tempos preditos para revelar o que ficara oculto até então. A Sra. Collignon cria e crê ainda, parece, que a Encarnação do Cristo foi análoga àquela de todos os homens de nosso planeta e não pôde compreender a necessidade de uma derrogação na regra geral da encarnação dos missionários da Humanidade.

“Assim nos contou o Sr. Guérin, o amigo e fiel discípulo de Roustaing –, **acontecia muitas vezes, durante os ditados medianímicos que o pensamento dos inspiradores desse trabalho, verdadeiramente providencial, ficava como que paralisado em sua livre manifestação, por causa dessa hostilidade pessoal da médium em aceitar nova teoria, contraditória com aquela que era o objeto de suas preferências.** Também, o Sr. Roustaing me disse muitas vezes que perseverança e que dedicação lhe eram necessárias para prosseguir o trabalho e encorajar a médium, quando os Espíritos lhe faziam escrever por assim dizer mecanicamente: “A médium resiste”. (negritos meus)



Allan Kardec-1804-1869



Jan Huss - 1369-1415

É preciso que a humanidade conheça os nomes dos primeiros pioneiros da obra, daqueles cuja abnegação e devotamento merecerão ser inscritos em seus anais. Allan Kardec

SÊ FIEL ATÉ A MORTE E TE DAREI A COROA DA VIDA. APOCALIPSE. 2.10

Segundo foi revelado em 1857 pela psicografia de Ermance Dufaux e confirmado depois por fontes fidedignas e é geralmente aceito pelos espiritualistas do mundo inteiro, ele foi outrora o bispo católico Jan Huss, sacerdote, mártir e reformador tcheco (1369 -1415), atuante no período da pré-reforma da Igreja Católica. Junto a Jerônimo, Huss atacou veementemente os dogmas romanos.

Levado ao Concílio de Constança, reafirmou ser Jesus e não Pedro o “chefe” da Igreja e, condenado, amarrado a um poste em praça pública, foi queimado vivo na fogueira da Inquisição no dia 6 de julho de 1415.

Vejam, sobre esses importantes personagens o livro “Luminares Tchecos” de autoria do Espírito John Wilmot Rochester, recebido mediunicamente por Vera L. Kryjanovskaia). FEB-Rio, disponível no Bvespírita. Ver também o item 9, p 381 de Leituras Adicionais, no Apêndice.

Sua profunda religiosidade evidenciou-se ao redigir as páginas consoladoras do Evangelho segundo o Espiritismo e tornou-se claramente perceptível, quando de forma expressiva, sábia e eloqüente desenvolveu no Capítulo XXVIII a prece do Pai Nosso, que reproduziremos a seguir:

I – Pai nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome!

Creemos em ti, Senhor, porque tudo revela o teu poder e a tua bondade. A harmonia do Universo dá testemunho de uma sabedoria, de uma prudência e de uma providência que ultrapassam todas as faculdades humanas. Em todas as obras da Criação, desde o raminho de erva minúscula e o pequenino inseto, até os astros que se movem no espaço, o nome se acha inscrito de um ser soberanamente grande e sábio. Por toda a parte se nos depara a prova de paternal solicitude. Cego, portanto, é aquele que te não reconhece nas tuas obras, orgulhoso aquele que te não glorifica e ingrato aquele que te não rende graças.

II – Venha o teu reino! Senhor, deste aos homens leis plenas de sabedoria e que lhes dariam a felicidade, se eles as cumprissem. Com essas leis, fariam reinar entre si a paz e a justiça e mutuamente se auxiliariam, em vez de se maltratarem, como o fazem. O forte sustentaria o fraco, em vez de o esmagar. Evitados seriam os males, que se geram dos excessos e dos abusos. Todas as misérias deste mundo provêm da violação de tuas leis, porquanto nenhuma infração delas deixa de ocasionar fatais conseqüências. Deste ao bruto o instinto, que lhe traça o limite do necessário, e ele maquinalmente se conforma; ao homem, no entanto, além desse instinto, deste a inteligência e a razão; Também lhe deste a liberdade de cumprir ou infringir aquelas das tuas leis que pessoalmente lhe concernem, isto é, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, a fim de que tenha o mérito e a responsabilidade das suas ações.

Ninguém pode pretextar ignorância das tuas leis, pois, com paternal providência, quiseste que elas se gravassem na consciência de cada um, sem distinção de cultos, nem de nações. Se as violam, é porque as desprezam. Dia virá em que, segundo a tua promessa, todos as praticarão. Desaparecido terá, então, a incredulidade. Todos te reconhecerão por soberano Senhor de todas as coisas, e o reinado das tuas leis será o teu reino na Terra. Digna-Te Senhor de apressar-lhe o advento, outorgando aos homens a luz necessária, que os conduza ao caminho da verdade.

Nada melhor – para evidenciar a objetividade, a pujança inspirativa e a eloqüência de Bezerra de Menezes – do que o fato narrado por Irmão X por intermédio de Chico Xavier:

BEZERRA DE MENEZES E O CÉTICO

‘Estante da Vida’ – Irmão X – Francisco Cândido Xavier

Conta-se que o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes orientava, no Rio, uma reunião de estudos espíritas, com a palavra livre para todos os circunstantes, quando, após comentários diversos, perguntou se mais alguém desejava expressar-se nos temas da noite.

Foi então que renomado materialista, seu amigo pessoal, lhe dirigiu veemente provocação:

– Bezerra, continuo ateu e, não somente por meus colegas mas também por mim, venho desafiá-lo a debate público, a fim de provarmos a inexpugnabilidade do Materialismo contra as pretensões do Espiritismo. E previno a você que o Materialismo já levantou extensa lista de médiuns fraudulentos; de chamados sensitivos que reconheceram os seus próprios enganos e desertaram das fileiras espíritas; dos que largaram em tempo o suposto desenvolvimento das forças psíquicas e fizeram declarações, quanto às mentiras piedosas de que se viram envolvidos; dos ilusionistas que operam em nome de poderes imaginários da mente; e, com essa relação, apresentaremos outro rol de nomes que o Materialismo já reuniu, os nomes dos experimentadores que demonstraram a inexistência da comunicação com os mortos; dos sábios que não puderam verificar as fictícias ocorrências da mediunidade; dos observadores desencantados de qualquer testemunho da sobrevivência; e dos estudiosos ludibriados por vasta súcia de espertalhões... Esperamos que você e os espíritas aceitem o repto. Bezerra concentrou-se em preces alguns instantes, e, em seguida, respondeu, aliando energia e brandura:

Aceitamos o desafio, mas tragam também ao debate aqueles que o Materialismo tenha soerguido moralmente no mundo; os malféitores que ele tenha regenerado para a dignidade humana; os infelizes aos quais haja devolvido o ânimo de viver; os doentes da alma que tenha arrebatado às fronteiras da loucura; as vítimas de tentações escabrosas que haja restituído à paz do coração; as mulheres infortunadas que terá arrancado ao desequilíbrio; os irmãos desditosos de quem a morte roubou os entes mais caros, a cujo sentimento enregelado na dor terá estendido o calor da esperança; as viúvas e os órfãos, cujas energias terá escorado para os caluniados aos quais terá ensinado o perdão das afrontas; os que foram prejudicados por atos de selvageria social mascarados de legalidade, a quem haverá proporcionado sustentação para que olvidem os ultrajes recebidos; os acusados injustamente, de cujo espírito rebelado terá subtraído o fel da revolta, substituindo-o pelo bálsamo da tolerância; os companheiros da Humanidade que vieram do berço cegos ou mutilados, enfermos ou paralíticos, aos quais terá tranqüilizado com princípios de justiça, para que aceitem pacificamente o quinhão de lágrimas que o mundo lhes reservou; os pais incompreendidos a quem deu força e compreensão para abençoarem os filhos ingratos e os filhos abandonados por aqueles mesmos que lhes deram a existência, aos quais auxiliou para continuarem honrando e amando os pais insensíveis que os atiraram em desprezo e desvalimento; os tristes que haja imunizado contra o suicídio; os que foram perseguidos sem causa aparente, cujo pranto terá enxugado nas longas noites de solidão e vigília, afastando-os da vingança e da criminalidade; os caídos de toda as procedências, a cujo martírio tenha ofertado apoio para que se levantem...

Nesse ponto da resposta, o velho lidador fez uma pausa, limpou as lágrimas que lhe deslizavam no rosto e terminou: – Ah! Meu amigo, meu amigo!... Se vocês puderem trazer um só dos desventurados do mundo, a quem o Materialismo terá dado socorro moral para que se liberte do cipoal do sofrimento, nós, os espíritas, aceitaremos o repto.

Profundo silêncio caiu na pequena assembléia, e, porque o autor da oposição baixasse a cabeça, Bezerra, em prece comovente, agradeceu a Deus as bênçãos da fé e encerrou a sessão.

Falamos acima, sobre a eloqüência de Allan Kardec e Bezerra de Menezes; por outro lado, o alto grau de evolução por eles alcançado é demonstrado pelo profundo e intenso amor à Verdade e ao Bem a que consagraram toda a sua vida!

Cometeríamos, porém, grande injustiça e grave omissão se deixássemos de incluir entre estes grandes expoentes da história do Espiritismo a nobre figura de Jean-Baptiste Roustain, o missionário de Bordéus, o responsável pela recepção

de Os Quatro Evangelhos. Primeiro, por sua fidelidade e integral dedicação à execução e divulgação da obra que fez publicar inteiramente às suas custas. Para que os leitores tenham clara idéia da posição então assumida por ele, apresentaremos a seguir dois Prefácios de Roustaing: o Prefácio do 4º. Tomo e em seguida o do 1º. Tomo, página 57 da 5ª. Ed. – 1971, FEB, ambos cedidos pela FEB à CRBBM do Rio de Janeiro, disponíveis na Internet. Com idêntico propósito, anexamos em seguida ao segundo o discurso pronunciado pelo Sr. Battar por ocasião de suas exéquias em 2 de Janeiro de 1879, em Paris.

Capítulo III

1 – PREFÁCIO DE ROUSTAING

Prefácio Na véspera do dia 24 de junho de 1861, eu rogara a Deus, no sigilo de uma prece fervorosa, que permitisse ao Espírito de João Batista, patrono que me foi dado por ocasião do meu nascimento, manifestar-se por um médium que se achava então em minha companhia e com o qual me consagrava diariamente a trabalhos assíduos. Pedira também a graça da manifestação do Espírito de meu pai e do meu guia protetor. Essas manifestações se produziram espontaneamente, com surpresa do médium, a quem eu deixara ignorante da minha prece. Constituíram para mim uma fonte de alegria imensa, com o me provarem que a minha súplica fora ouvida e que Deus me aceitava por seu servo. O Espírito do apóstolo Pedro se manifestou a 30 de junho, de modo inesperado tanto para mim como para o médium. Não posso, nem devo publicar aqui essas comunicações mediúnicas. Fui mediunicamente prevenido da época em que poderia e deveria publicá-las. Limite-me a transcrever alguns fragmentos destacados de uma das três manifestações de João, filho de Zacarias e Isabel. “São chegados os tempos em que as profecias se hão de cumprir. Começa o reinado da verdade. Povos atidos ao culto idólatra da fortuna, desprende os vossos pensamentos dessa profunda adoração. Dirigi os olhares para as regiões celestes. Escutai as vozes dos Espíritos do Senhor, que não se cansarão de fazer ouvido este aviso salutar: — os tempos são chegados.” “Chegaram os tempos. Deus envia seus Espíritos aos homens para ajudá-los a sair da superstição e da ignorância. Ele quer o progresso moral e intelectual de todos. Esse progresso, porém, estava entravado pelo orgulho e pelo egoísmo, obstáculo que lhe era impossível vencer, senão mediante lutas sangrentas e mortíferas. O Espiritismo, alavanca poderosa, que vosso pai acaba de colocar nas mãos de alguns apóstolos fervorosos, o fará avançar com passo rápido para o cume que lhe cumpre atingir, arrancando a humanidade toda ao pesado sono que a obrigava a ter o pensamento e o corpo pendidos para a terra.” 69 “Chegaram os tempos em que todos deveis reconhecer vossos erros e faltas.” “Que os santos mandamentos de Deus, dados a Moisés no Sinai, sejam o código dos vossos deveres para com as vossas consciências. Que o santo Evangelho seja a doce filosofia que vos faça resignados, compassivos e brandos para com os vossos irmãos, pois todos sois membros da mesma família. O Espiritismo vos veio ensinar a verdadeira fraternidade e os tempos são chegados.” “São chegados os tempos em que, por toda parte, vai germinar a preciosa semente que o Cristo, o Espírito da Verdade, espalhou entre os homens.” “Sabeis quais são os copiosos frutos que os verdadeiros espíritas vão colher dessa sementeira bendita? São a liberdade, a fraternidade, a igualdade perante Deus e os homens. O Espiritismo é quem os vai convidar a todos para essa abundante messe, pois que o orgulho e o egoísmo, o fanatismo e a intolerância, a incredulidade e o materialismo vão desaparecer da Terra, cedendo lugar ao amor e à caridade, que os Espíritos do Senhor vos pregam. Eles estão sempre convosco e vos assistem, porquanto os tempos são chegados.” Profundamente comovido me senti ao ler AS SEGUINTE PALAVRAS FINAIS de uma das comunicações do Espírito de meu pai, a em que ele, do ponto de vista da era nova que começa, me dava conselhos, lições e avisos: “Meu Deus, bendito sejas tu que tomaste pela mão o meu filho bem-amado e o levaste, através da pobreza, do estudo e do trabalho, a ter entre os seus irmãos da Terra uma posição livre e independente, que lhe permite consagrar o resto da sua vida a te amar e servir. Meu Deus, sê para sempre bendito, por haveres permitido que sua inteligência e seu coração compreendam e pratiquem tua lei de amor. Sê para sempre bendito, por teres permitido que seu pai terreno, teu humilde escravo, lhe viesse dar estes salutares avisos.” Repetindo essas palavras, minha alma experimentou vivamente a alegria de ser, para meu pai, filho em quem ele encontrava as sementes da vontade divina. Maior então se tornou a minha humildade, tão grande era em mim o temor de não me mostrar sempre digno dos encorajamentos que recebia desse ente querido e 70 respeitado. Guardo em meu coração essas palavras, que aí foram postas como um farol a me clarear a estrada e para o qual volto constantemente os olhos, esforçando-me sempre por avançar ao longo dela. Prosseguia nos meus estudos, nas minhas pesquisas, nos meus trabalhos, quando, no mês de Dezembro de 1861, fui convidado a ir a casa de Mme. Collignon, que eu não tinha a satisfação de conhecer e a quem teria que ser apresentado, para apreciar um grande quadro, desenhado mediunicamente, representando um aspecto dos mundos que povoam o espaço. Fui e oito dias depois voltei lá, a fim de agradecer àquela Senhora o acolhimento que me dispensara por ocasião da visita que lhe fizera para ver a referida produção mediúnica. Ao cabo de breve conversação sobre generalidades, como sói acontecer entre pessoas que mal se conhecem e que ainda não se acham ligadas por quaisquer relações de sociedade, tratei de retirar-me. No momento em que me preparava para sair, Mme. Collignon sentiu na mão a impressão, a agitação fluídicas bem conhecidas dos médiuns, indicadoras da presença de um Espírito desejoso de se manifestar, impressão e agitação que notei. Então, a instâncias minhas, ela condescendeu em se prestar à manifestação mediúnica e, no mesmo instante, sua mão, fluidicamente impelida, escreveu isto: (Segue-se a comunicação que se acha integralmente inserta no primeiro tomo, a começar da página 68, assinada por MATEUS, MARCOS, LUCAS e JOÃO.) Diante dessa manifestação, que me concitava a empreender, com o concurso da médium Mme. Collignon, este grande

trabalho da revelação, sentimo-nos tomado de uma surpresa imensa, cheio, ao mesmo tempo, da alegria e do temor de não sermos capaz nem digno do encargo que nos era deferido. Chamados desse modo a executar esta obra da revelação, que certamente de nosso moto-próprio não ousaríamos tentar, incapaz, ignorante e cego que éramos, metemos ombro à tarefa. À medida que a revelação avançava, minha alma se ia encontrando cada vez mais presa de admiração ao descobrir todas aquelas verdades, apresentadas até ali aos homens envoltas em tais 71 mistérios que a razão se recusava a crer em tudo o que lhe era ensinado. Abandonei-me então, inteiramente, às mãos de Deus, dizendo: “Dispõe da tua criatura, ó meu Deus. Sou teu, pertencço-te. Meu coração, meu tempo, minha razão, eu os consagro daqui por diante ao teu serviço. Serei feliz, ó soberano Senhor, se, mau grado à minha fraqueza, puder tornar-me nas tuas mãos um instrumento útil, que te conquiste o amor, o respeito, o coração das tuas criaturas.” Havíamos chegado à explicação da parábola do mancebo rico, estávamos no versículo que diz: “e ama o teu próximo como a ti mesmo.” (MATEUS, XIX, v. 19, quando foram escritas, espontânea e mediunicamente, ESTAS PALAVRAS: “Quando estiveres de posse de todos os materiais acerca dos Evangelhos, far-te-emos empreender um trabalho especial sobre os Mandamentos — “Decálogo” (“Êxodo”, cap. XX): — “amor de DEUS e do próximo” (“Deuteronomio”, cap. VI, V. 4-5; Levítico, cap. XII, v. 18; MATEUS, XXII, V. 34-40; MARCOS, XII, V. 28-31; LUCAS, X, V. 25-28 e 29-37), trabalho esse que publicarás em seguida ao dos Evangelhos. — MATEUS, MARCOS, LUCAS, JOÃO, assistidos pelos apóstolos.”

No mês de maio, de 1865, estando reunidos todos os materiais, TANTO com relação aos Evangelhos, como com relação aos Mandamentos, aviso me foi dado, espontânea e mediunicamente, de tornar conhecida dos homens, de publicar a obra da revelação, NESTES TERMOS: “Chegados a uma época transitória em que, lutando com o espiritualismo, o materialismo deixa as almas indecisas; em que, incerta, a fé flutua no ar, sem saber onde pouse; em que, filhos dos séculos de barbaria, de intolerância, de cupidez, os dogmas envelhecidos tremem nas suas bases; em que os princípios fundamentais da fé: a crença num Deus, a esperança de uma vida eterna, se extinguem, à falta de alimento; em que, cansados de mentiras, os homens vão ao extremo de rejeitar as verdades, é tempo de oferecer-se-lhes uma luz suave, porém firme, que possa clarear esse caos e mostrar aos vacilantes, aos pesquisadores o caminho que eles há tantos séculos perderam. “Essa luz vos é dada pelo Espiritismo, que tem a missão de reacender o fogo do amor universal, abafado no fundo do coração humano, de reconduzir aos pés do Senhor os ateus, que julgam 72 viver somente pela matéria, de fazer que os homens sigam com amor a casta e grandiosa figura de Jesus, que, do alto da cruz, lança de contínuo fraterno olhar a todas as criaturas, que lhe cumpre levar ao pai purificadas e santificadas. “Desde alguns anos o nome de Jesus provoca muitas dissidências e dá lugar a muitos sofismas. “Ninguém mais podendo crer na sua divindade, procuraram explicá-lo pela natureza humana propriamente dita. Mas, ainda aí o homem esbarrou num escolho com que não contara: Jesus, como homem-Deus, era um contra-senso, seu devotamento uma aberração, seu sacrifício uma mentira, sua pureza uma conseqüência fatal da sua natureza. Considerado homem carnal, homem do vosso planeta, seus atos se tornavam incompreensíveis, sua vida um problema, não passando de mistérios, de contos apropriados unicamente a embalar a humanidade infante e destinados a ser por ela repelidos com desprezo e zombaria na sua virilidade, os fatos denominados “milagres”, operados pelo Mestre antes do sacrifício do Gólgota, o desaparecimento de seu corpo do sepulcro, estando chumbada a pedra que lhe fechava a entrada, sua “ressurreição” e, como conseqüência desta, suas aparições às mulheres e aos discípulos, sua volta às regiões etéreas, na época chamada “ascensão”. “Agora que o terreno foi lavrado em todos os sentidos pelos trabalhadores do pensamento, a revelação da revelação tem que ser conhecida e publicada, porquanto a obra que vos fizemos empreender vem explicar Jesus aos homens, tal como ele se apresenta aos olhos do pensador esclarecido pela luz espírita, isto é: “como protetor e governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu, dirigindo-lhe o desenvolvimento, os progressos, sempre dedicado à ativação da sua obra; “como revestido de um corpo harmônico com a sua natureza espiritual, mas também relativamente harmônico com a vossa esfera, para aí se manifestar por longo tempo e lançar a semente que havia de germinar durante mil e oitocentos anos, deixando muitos grãos por pasto ao erro, preservada, porém, a vitalidade dos que começam hoje a desenvolver-se e que em breve cobrirão com seus ramos frondejantes o universo inteiro.

“A semente destinada a germinar durante mil e oitocentos anos deixou muitos grãos para alimento do erro, porque, em tempo algum, 73 a verdade inteira pode ser desvendada à humanidade; porque, sobretudo quando esta ainda se acha na infância, a verdade, atenta a maneira pela qual é disposta e apropriada, é sempre relativa ao entendimento da mesma humanidade, ao que ela pode suportar e compreender. Assim sendo, os véus que a cobrem dão lugar a falsas interpretações, que têm sua razão de ser com relação à época. “A semente vital, que hoje começa a desenvolver-se e que breve estenderá seus galhos frondejantes por sobre o Universo, é a base forte que não pode ser substancialmente alterada. A semente que o Mestre espalhou quando surgiu na Terra e por ela passou, que germinou e vos há de abrigar, é a fé na missão do Cristo, enviado de Deus aos homens para lhes ensinar a viver e a morrer, objetivando o progresso do Espírito (ponto de vista este do qual fez ele todas as suas obras); para lhes mostrar o caminho do “céu” pelo renascimento, pela reencarnação, que é senda de purificação e de progresso, único meio de conciliar a justiça divina com a aparente injustiça da sorte. É a fé primordial, fundamental, definitiva em um Deus, só e único criador de tudo; a confiança e a certeza de que há, para a alma que faliu, uma vida eterna, a princípio expiatória e por fim gloriosa.

“A obra que vos fizemos empreender vem mostrar aos homens que, afastada toda e qualquer idéia de maravilhoso, de divindade da parte do Cristo, se podem explicar e pôr em concordância os livros que tiveram por destino conservar o bom grão, envolvendo-o, para isso, numa camada de mistérios, até ao momento em que o solo se devesse cobrir de frutos, isto é, até aos tempos da era nova que começa, em que o Espírito da Verdade, que o Mestre predisse e prometeu, vai despojar

da letra o espírito e, pela sua obra progressiva e incessante, preparar e realizar o reino da verdade e conduzir-vos ao advento de Jesus, que vos virá mostrar a verdade sem véu. “Fica sabendo e faze saber a teus irmãos que a obra “que lhes colocas sob as vistas é uma obra preparatória, ainda incompleta, uma entrada em matéria; que não passa de um prefácio da que sairá das mãos daquele que o Mestre enviará para esclarecer as inteligências e despojar INTEIRAMENTE da letra o espírito. “Aquele que há de desenvolvê-la e cuja obra também será preparatória não tardará a se dar a conhecer, porquanto a atual geração humana verá os seus primeiros anos messiânicos. E os messias, isto é, os enviados especiais se sucederão até que a luz 74 reine sobre todos. “Publica esta obra, a que darás o título de — “ OS QUATRO EVANGELHOS” , seguidos dos MANDAMENTOS, EXPLICADOS em espírito e verdade, de acordo com os ensinamentos ministrados, quanto aos Evangelhos, PELOS EVANGELISTAS ASSISTIDOS PELOS APÓSTOLOS e, quanto aos Mandamentos, POR MOISÉS E PELOS EVANGELISTAS ASSISTIDOS PELOS APÓSTOLOS.

“O trabalho é geral. Se bem que os nomes nem sempre sejam declinados, um de nós presidiu sempre à inspiração, O Espírito que nos anima é o mesmo que anima a todos os Espíritos superiores, sejam quais forem, que prepararam o advento da missão terrena do Mestre, que participaram do cumprimento dessa missão, que para ela concorreram, que trabalharam e trabalham pelo desenvolvimento, pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade. “Damos nomes para evitarmos nomear aquele que, por nosso intermédio, dirigiu estes trabalhos e dirigirá os que ainda temos que fazer sejam empreendidos. “ O que vais publicar será a PRIMEIRA PARTE da obra geral. A segunda se comporá: 1º da refutação das objeções que esta primeira parte sobre os Evangelhos e os Mandamentos provocar; 2º. Da explicação, em espírito e verdade, dos Atos dos Apóstolos, das Epístolas, nas passagens que delas extrairemos para dar autoridade ao presente; da revelação, chamada Apocalipse, que João recebeu na ilha de Patmos.

“É chegado o tempo de te colocares na situação de entregar à publicidade esta obra. Não fixamos limites. Emprega com critério e medida as horas, a fim de poupares tuas forças. Tens diante de ti mais de um ano. Alguns meses a mais ou a menos nada são no correr dos tempos, porém são muita coisa na economia das forças humanas. “A publicação poderá começar no próximo mês de agosto. A partir dessa época, trabalha com a maior presteza possível, mas sem ultrapassar os limites de tuas forças, de tal sorte que a publicação esteja concluída em agosto de 1866. “Coragem, bons trabalhadores. O Mestre saberá levar em conta a vossa boa-vontade. MOISÉS, MATEUS, MARCOS, LUCAS, JOÃO. 75 Assistidos pelos apóstolos. Maio de 1865.

Mero instrumento, não faço mais do que cumprir um dever executando essa ordem, dando à publicidade esta obra, que põe em foco a essência de tudo o que há de sublime na bondade e na paternidade de Deus e de tudo o que há de devotamento, de abnegação e de sentimentos fraternais em Jesus, chamado o Cristo, que tão bem mereceu o título de Salvador do mundo, de protetor da Terra. Aos meus irmãos, quaisquer que eles sejam, quaisquer que sejam suas crenças, ou o culto exterior que professem, corre o dever de se não pronunciarem sobre ela, senão depois de a terem lido integralmente e de terem seriamente meditado; porquanto, esta obra explicativa dos Evangelhos e dos Mandamentos é indivisível no seu conjunto. Cada uma de suas partes apóia as demais, sendo todas solidárias entre si. O homem, em todas as idades do nosso planeta, passa pela prova de receber ou repelir a luz que lhe é trazida. Muito se pede a quem muito se deu. E a responsabilidade do Espírito está sempre em correlação com os meios postos a seu alcance para que se instrua. A verdade, para triunfar, para ser aceita, tem PRIMEIRO que se chocar com as contradições humanas.

Do ponto de vista dessa prova a que está sujeito o homem e das condições necessárias a que a verdade triunfe foi que Simeão, inspirado, pronunciou estas palavras, transitórias e preparatórias do advento do espírito, referindo-se a Jesus, que É “a luz do mundo”, que É “o caminho, a verdade, a vida”: “Meus olhos viram o Salvador que nos deste e que destinas a ser exposto à vista de todos os povos, como a luz que iluminará as nações e a glória de Israel teu povo.1 E que, abençoando a José e a Maria, acrescentou: “Este menino vem para ruína e para ressurreição de muitos em Israel e para ser alvo das contradições dos homens.” 2 Deus, que tudo governa, prepara, por meios secretos, os corações e as inteligências para apreenderem o que lhes é possível compreender. 76

Com esta obra, que eles nos fizeram executar e que damos à publicidade, os ministros do Senhor, explicando em espírito e verdade os Evangelhos e os Mandamentos, têm por fim a felicidade do gênero humano e sua purificação. Ela é publicada com a intenção de glorificar e honrar a Deus e de dar aos homens paz, esperança e ventura, por isso que prepara o advento da unidade das crenças e da fraternidade humana e, pois, mediante o cumprimento das promessas do Mestre, o advento do reino de Deus na Terra, sob o império da lei de amor e de unidade. Confiamos que alcançará esse objetivo. J.-B. ROUSTAING. Junho de 1865. 1 e 2 Ver, para explicação destas palavras de Simeão: Evangelhos de MATEUS, LUCAS e JOÃO, reunidos, n. 41, págs. 222-225 do 1º tomo. EVANGELHO SEGUNDO JOÃO “O Espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são espírito e vida.” (João, VI, v. 64.) “A letra mata e o espírito vivifica.” (PAULO, II Epístola aos Coríntios, cap. III, v. 6.)

1 Submeto ao exame e à meditação de meus irmãos Os Quatro Evangelhos e, em seguida, Os Mandamentos, explicados em espírito e verdade.

Emana esta obra daqueles que prepararam o advento da missão terrena de Jesus, participaram do desempenho dessa missão e escreveram esses livros que tiveram por destino guardar, como sagrado e imperecível depósito, a grande revelação messiânica.

Depois de haverem, nos limites da missão terrena que cumpriram, dado testemunho de Jesus, eles, despojando da letra o espírito, vêm clarear o que parecia trevas e do que era considerado mentira extrair a verdade.

Numa época de sarcasmo, de incredulidade e de negação, em que o Espiritualismo luta com o Materialismo, devo explicar como e por que circunstâncias concorrentes fui levado a empreender, executar e publicar esta obra preparatória da revelação predita e prometida pelo Cristo, o Espírito da Verdade. Ela é apenas um intróito destinado a preparar a unidade de crença entre os homens, pois que aqueles que previram o advento da missão terrena de Jesus, que partilharam da obra dessa missão, têm que voltar à Terra, a fim de cooperarem na efetivação das promessas do Mestre, no implemento da missão do Espírito da Verdade.

Dera-me Deus por provação ser, desde a juventude, desde o momento em que entrei na vida social, filho de minhas obras, no seio da pobreza, pelo estudo, pela fadiga, pelo trabalho.

No mês de janeiro de 1858 fui acometido de uma enfermidade tão prolongada quão dolorosa, proveniente de uma vida já longa de estudos, de canseiras e de labor, passada a princípio em Tolosa, de 1823 a 1826, no ensino das letras e ciências, ao mesmo tempo que na aprendizagem das leis e do Direito para a obtenção dos diplomas que me abriram progressivamente a carreira da Advocacia, depois, em Paris, de 1826 a 1829, na escrivania, onde aprendi a pôr a lei em execução, e no estágio ouvindo os que então eram os príncipes da palavra e os favoritos da fama; finalmente, nos auditórios de Bordéus, meu torrão natal, numa vida ativa e militante de ininterrupta labutação.

Em Janeiro de 1861, completamente restabelecido, cuidei de voltar ao exercício dessa amada profissão para com a qual era devedor de uma posição independente, adquirida mediante trinta anos de trabalhos no gabinete e nos tribunais. Mas, “o homem propõe e Deus dispõe”, diz a sabedoria das nações.

Um distinto clínico daquela cidade me falou da possibilidade das comunicações do mundo corpóreo com o mundo espiritual, da doutrina e da ciência espíritas, como fruto dessa comunicação, objetivando uma revelação geral. Minha primeira impressão foi a de incredulidade devida à ignorância, mas eu bem sabia que uma impressão não é uma opinião e não pode servir de base a julgamento; que, para isso, é necessário, antes de tudo, nos coloquemos em situação de falar com pleno conhecimento de causa.

Sabia e sei ainda ser ato de insensatez aprovar ou repudiar, afirmar ou negar o que se não conhece em absoluto, ou o que se não conhece bastante, o que se não examinou suficientemente e aprofundou sob o duplo ponto de vista teórico e experimental, na medida das faculdades próprias, sem prevenções, sem ideias preconcebidas. À semelhança dos que possuem, no dizer de Leibniz a Boussuet, “um profundo sentimento da razão e que não lhe sabem proscrever os diretos ante uma autoridade que se impõe, que não se legitima senão afirmando o seu poder”, estava eu distanciado “das pregações imperiosas, exclusivas, que ordenam silêncio à razão e a emparedam entre a escravidão e a incredulidade”

Respeitador de todas as crenças, de todos os cultos, em nome da liberdade da consciência, da razão, do exame, em nome da tolerância e da caridade, nenhuma fé definida eu tinha. Minha razão se recusava a admitir o que as interpretações humanas ensinavam relativamente ao Cristo e aos Evangelhos, que permaneciam obscuros e incompreensíveis para mim. A perplexidade me dominava a respeito de tudo quanto, fora da pura moral de Jesus, entendia com a sua personalidade e a sua missão terrena, que o véu da letra ocultava às minhas vistas, de tudo quanto a ignorância dos homens, impossibilitando-os de compreender e de explicar, qualificou e qualifica ainda de sobrenatural, de milagres.

Para mim não havia o sobrenatural, nem milagres, no sentido que se empresta a estas palavras – o de derrogação das leis da Natureza.

Com a minha vida inteira irresistivelmente presa à pesquisa da verdade, na ordem física, moral e intelectual, deliberei informar-me cientificamente, primeiro pelo estudo e pelo exame, depois pela observação e pela experimentação, do que haveria de possível, de verdadeiro ou de falso nessa comunicação do mundo espiritual com o mundo corpóreo, nessa doutrina e ciência espíritas.

Li O Livro dos Espíritos. Nas páginas desse volume encontrei: uma moral pura, uma doutrina racional, de harmonia com o espírito e progresso dos tempos modernos, consoladora para a razão humana; a explicação lógica e transcendente da lei divina ou natural, das leis de adoração, de trabalho, de reprodução, de destruição, de sociedade, de progresso, de igualdade, de liberdade, de justiça, de amor e de caridade, do aperfeiçoamento moral, dos sofrimentos e gozos futuros.

Em seguida, deparei com explicações judiciosas acerca da alma no estado de encarnação e no de liberdade; do fenômeno da morte, da individualidade e das condições de individualidade da alma após a morte; do que se chamou anjo e demônio; dos caminhos e meios, dos agentes secretos ou ostensivos de que se serve Deus para o funcionamento, o desenvolvimento físico, moral e intelectual de todas as suas criaturas.

Encontrei ainda a explicação racional da pluralidade dos mundos, da lei do renascimento presidindo, pelo progresso incessante não só da matéria como da inteligência, à vida e à harmonia universais, no infinito e na eternidade.

Compreendi mais do que nunca, diante da pluralidade dos mundos e das humanidades, assim como de suas hierarquias; da pluralidade das existências e da respectiva hierarquia, que os homens, no nosso planeta, são de uma inferioridade moral notória; de uma inferioridade intelectual acentuada relativamente às leis a que estão sujeitos na Terra os diversos reinos da

Natureza e às leis naturais a que obedecem os mundos e as humanidades superiores, por meio das quais aquelas leis se conjugam na unidade e na solidariedade.

Sim, essa ignorância é imensa, quanto aos meios de apropriação das leis de um planeta superior a um planeta inferior, quando um messias, enviado por Deus em alta missão, toma um corpo de conformidade com a sua natureza espiritual e relativamente harmonioso com uma esfera inferior, qual a Terra, para aí se manifestar entre os homens, para lhes traçar as diretrizes da regeneração humana, para lhes trazer a luz e a verdade veladas e destinadas a ser descobertas progressivamente, conforme aos tempos e às exigências de cada época.

Compreendi a necessidade das revelações progressivas, vindo sucessivamente levantar, pouco a pouco, o véu e patentear aos olhos dos homens, de modo a iluminá-los sem os deslumbrar, a luz que os tem de guiar nas suas indagações e ajudar a progredir na trilha da verdade.

Li em seguida O Livro dos Médiuns e nele se me deparou uma explicação racional: da possibilidade das comunicações do mundo corpóreo com o mundo espiritual; das vias e meios próprios para essas comunicações; das aptidões e faculdades mediúnicas no homem; da mediunidade e das condições de moralidade e de experiência para seu exercício útil e proveitoso nas relações do mundo visível com o mundo invisível, sempre e exclusivamente com o objetivo da prece, da caridade de além-túmulo, do ensinamento moral, da instrução que os bons Espíritos, na era nova que começa, têm a missão de dar e que é invariavelmente proporcionada e adequada ao desenvolvimento intelectual e moral do homem, achei, enfim, a explicação racional das vantagens e inconvenientes da mediunidade, dos escolhos e perigos a evitar e dos caminhos a seguir para praticá-la.

O mundo espiritual era bem o reflexo do mundo corporal.

Depois desse estudo e desse exame, consultei a História, desde a origem das eras conhecidas até nossos dias, e vi, entre os povos da antiguidade, dos tempos intermediários e dos tempos moderno, a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal historicamente comprovada, atestada pelos fatos que em todas as épocas os historiadores mais acreditados entre os homens registraram.

Compulsei os livros da filosofia profana e religiosa, antiga e recente, os prosadores e os poetas que refletem as crenças, bem como os costumes dos tempos. Vi, ensinados desde a antiguidade até hoje, num amálgama de erros e de verdades, dispersas e ocultas aos olhos das massas, os princípios que a doutrina e a ciência espíritas vieram pôr em foco: 1º – a pluralidade dos mundos e sua hierarquia; 2º – a pluralidade das existências e sua hierarquia; 3º – a lei de renascimento; 4º – as noções da alma no estado de encarnação e no de liberdade e as de seus destinos.

Perlustrei os livros das duas revelações, o Antigo e o Novo Testamento. Entregando-me a essa leitura, que empreendera outrora e abandonara por obscura e incompreensível, verifiquei que, graças à doutrina e à ciência espíritas, sobre aquelas páginas se projetavam vivos raios de luz, a cuja claridade minha inteligência e minha razão alguma coisa divisavam através do véu da letra. Reconheci, nesses livros sagrados, ser um fato a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, comunicação que na ordem divina, providencial, é o instrumento de que se serve Deus para enviar aos homens a luz e a verdade adequadas ao tempo e às necessidades de cada época, na medida do que a Humanidade, conforme o meio em que se acha colocada, pode suportar e compreender, como condição e elemento de seu progresso.

Vi que a revelação de Deus é permanente e progressiva.

Encontrei nos Evangelhos, veladas pela letra: 1º – a afirmação da pluralidade dos mundos e da sua habitabilidade; 2º – a lei dos renascimentos como meio único, para o homem, de ver o reino de Deus, isto é: de chegar à perfeição pela purificação e pelo progresso; 3º – a afirmação da imortalidade da alma, da sua individualidade após a morte, dos seus destinos futuros, da sua via eterna.

Mas se por um lado a moral sublime do Cristo resplandeceu a meus olhos em toda a sua pureza, em todo o seu fulgor, como brotando de uma fonte divina, **por outro lado, tudo permaneceu obscuro, incompreensível e impenetrável à minha razão, no tocante à revelação sobre a origem e a natureza de Jesus, sobre a sua posição espírita em relação a Deus e ao nosso planeta, sobre os seus poderes e a sua autoridade.**

Quanto à revelação sobre uma origem, uma natureza, ao mesmo tempo humanas e extra-humanas de Jesus, sobre o modo de sua aparição na Terra, tudo, como antes, se conservou igualmente obscuro, incompreensível e impenetrável à minha razão.

Pelo que respeita à sua morte, tendo em vista estas palavras suas “Deixo a vida para retomá-la, ninguém me tira, sou eu que a deixo por mim mesmo”; pelo que toca à sua ressurreição, diante destas outras palavras por ele proferidas: “Tenho o poder de deixar a vida e tenho o poder de a retomar”; pelo que se refere ao desaparecimento do seu corpo do sepulcro, estando selada a pedra que lhe fechava a entrada, à sua ressurreição e às suas aparições às mulheres e aos discípulos; pelo que entende com a sua ascensão às regiões etéreas, com as suas palavras proféticas acerca do futuro do nosso planeta e dos acontecimentos que hão de proceder ao seu segundo advento, por ele predito, senti a impotência da razão humana para penetrar as trevas da letra, a necessidade de uma revelação nova, de uma revelação da Revelação. (Negritei – J. O.)

Porém, o que, em nome da História, da filosofia e das revelações já enviadas por Deus aos homens, eu verificara é que: A comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal se dera em todos os tempos, segundos as naturezas e categorias dos Espíritos, bons ou maus, Espíritos que eram apenas as almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos; que a doutrina e a ciência espírita vinha clarear e desenvolver no seio das massas os ensinamentos do passado, sob os pontos de vista filosófico e religioso. Por essa época já havia, em algumas das mais distintas famílias da minha cidade natal, médiuns com

os quais me foi dado entrar em relações. Entreguei-me, auxiliado por eles, diariamente, a trabalhos de experimentação e de observação, com o espírito disciplinado pelo estudo das ciências puras e aplicadas, com o sentimento da caridade que nos prescreve dar atenção ao parecer daquele que é mais humilde do que nós e aproveitar-lhe os conselhos, pois que os pequenos foram sempre os obreiros de tudo que é grande.

Acresce que, desse trato íntimo entre um que sabe muito segundo a ciência humana e aquele que lhe traz o concurso generoso e gratuito da sua boa vontade, nascem relações fraternas, que geram mútuo respeito e estima recíproca. O mais afortunado estende lealmente a mão ao outro, que não possui senão os seus próprios braços. Todos, espiritualmente, se sentem irmãos e cada um se reconhece mais ou menos bem colocado na hierarquia social (em virtude do seu livre arbítrio), a fim de tirar desta posição o partido mais útil, mais moralizados para si e para a sociedade.

Ao cabo dessa obra de experimentação e de observação no terreno das manifestações inteligentes, às quais se vieram juntar as manifestações físicas no terreno material, achei-me convencido de que a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal é uma das leis da Natureza e que não existe a barreira que a minha ignorância de preconceitos vulgares me fizeram crer intransponível entre os vivos e os mortos segundo a carne.

Depois de ter visto e ouvido, minha fé se firmou de modo inabalável.

Compreendendo que a ciência magnética é inseparável da ciência espírita que, só agora o sei, é chamada a servir e serve àquela de farol, cientificamente, do ponto de vista experimental, no campo do sonambulismo e da psicologia. Sei também que o magnetismo é o agente universal que tudo aciona. Tudo é atração magnética. Essa a grande lei que rege todas as coisas sob a ação espírita universal. O estudo e a observação, preparando-me para a compreensão do magnetismo espiritual, me levaram a pressentir no futuro a descoberta de vastos horizontes no campo científico humano e extra-humano, para o avanço da Humanidade pelo caminho do progresso e da verdade. E meus estudos e pesquisas, no que respeita à história dos tempos antigos, dos tempos intermediários e dos tempos modernos, me mostraram a existência do magnetismo humano em todas as épocas, desde a antiguidade até os nossos dias.

Era para mim um sinal dos tempos essa manifestação geral quase simultânea, em todos os pontos do globo, do espírito novo, o sinal do advento de uma nova era, como já o tinham pressentido o conde de Maistre em suas Soirées de Saint Pétersbourg e Laménais, em 1832, na carta, que foi publicada, por ele dirigida à condessa de Senfft, esposa do embaixador da Áustria em Roma, era destinada a realizar a renovação moral dos homens e a transformação universal da sociedade humana.

Na véspera do dia 24 de Junho de 1861, p 64 eu rogara a Deus, no sigilo de uma prece fervorosa, que permitisse ao Espírito de João Batista manifestar-se por um médium, que se achava então em minha companhia e com o qual diariamente me consagrava a trabalhos assíduos. Pedira também a graça da manifestação do Espírito de meu pai e do meu guia protetor.

Essas manifestações se produziram espontaneamente, com surpresa do médium, a quem eu deixara ignorante da minha prece. Constituíram para mim uma fonte de alegria imensa, com o me provarem que minha súplica fora ouvida e que Deus me aceitava por seu servo. O Espírito do apóstolo Pedro se manifestou a 30 de Junho, de modo inesperado tanto para mim como para o médium. Fui mediunicamente prevenido da época em que poderia e deveria publicar essas comunicações de tão alto interesse.

Em Dezembro de 1861, foi-me sugerido ir à casa de Mme. Collignon, que eu não tinha a satisfação de conhecer e a quem devia ser apresentado para apreciar um grande quadro mediunicamente desenhado, representando um aspecto dos mundos que povoam o espaço.

Lá fui. Oito dias depois voltei à casa de Mme. Collignon com o intuito de lhe agradecer o acolhimento que me dispensara por ocasião da visita que lhe fizera para ver aquela produção mediúnica. No momento em que me preparava para sair, Mme. Collignon sentiu na mão a impressão, a agitação fluídicas bem conhecidas dos médiuns, indicadoras de presença de um Espírito desejoso de se manifestar. A instâncias minhas ela condescendeu em se prestar à manifestação mediúnica e, no mesmo instante, a mão, fluidicamente dirigida, escreveu o seguinte:

“É transitória a época em que vos achais; em toda parte os obreiros da destruição se esforçam por derruir os antigos monumentos, já solapados nas suas bases; outros procuram construir novos monumentos, onde se possam abrigar as almas inquietas; mas, em geral, os que destroem não se preocupam com o que deva substituir o que for destruído; os que tratam de construir não se mostram seguros a respeito das bases em que hajam de assentar o monumento do futuro. A vós, espíritas, é que incumbe reunir os materiais esparsos, escolher as pedras boas para sustentarem o edifício do futuro, eliminar cuidadosamente tudo o que do tempo tenha recebido a marca da vetustez e dispor os fundamentos do templo onde a verdade terá seus altares e donde espargirá sua luz.

“Meti mãos à obra, pois que os espíritos indecisos flutuam entre a dúvida que lhes é semeada nos corações e a fé de que precisam; seus olhos nada mais podem distinguir nas trevas de que os cercaram e buscam no horizonte uma luz que os ilumine e, sobretudo que os tranqüilize.

“Cumpra que essa luz lhes seja mostrada, porquanto desapareceu a confiança que depositavam nos dogmas da Igreja; falta-lhes esse apoio”. Apresentai-lhes o esteio sólido da nova revelação.

“Que eles enfim reconheçam que o Cristo, a nobre e grandiosa figura que lhes foi mostrada pairando, do alto da cruz ignominiosa, sobre o mundo, não é um mito, uma legenda. Mostrei-lhes também que os véus em que o envolveram é que o roubaram aos olhares deles, não lhes permitindo ver mais do que uma forma indecisa, incapaz de lhes satisfazer à razão.

“Mostrei-lhes a verdade naquilo que comumente se considera mentira, conforme à palavra de quem repele os Evangelhos e o que eles encerram.

“Mostrei”-lhes que os milagres, proclamados maquinalmente por uns e negados por outros sistematicamente, são atos naturais derivados do curso ordinário das leis da Natureza e cuja impossibilidade só existe na ignorância do homem relativamente a essas leis. “A vós, pioneiros do trabalho, cabe a tarefa de preparar os caminhos, enquanto esperais que aquele que há de vir para traçar o roteiro comece a sua obra.

“Com esse objetivo nós, oh”! Bem-amados, vimos incitar-vos a que empreendais a explicação que preparará a unificação das crenças entre os homens e à qual podeis dar o nome de Revelação da Revelação.

“São chegados os tempos em que o espírito que vivifica substituirá a letra que produziu frutos, de acordo com as fases e as condições do progresso humano, e que agora mata, se mal interpretada.

Ponde-vos à obra; trabalhai com zelo e perseverança, coragem, atividade e não esqueçais nunca que sois instrumentos de que Deus se serve para mostrar aos homens a verdade; aceitai com simplicidade de coração e reconhecimento o que o Senhor vos dá; tende sempre nos vossos pensamentos e atos a humildade, a caridade, a abnegação, o amor e o devotamento aos vossos irmãos e sereis amparados e esclarecidos.

“Quando todos os materiais estiverem reunidos e for chegado o momento de se tornar conhecida, de publicar-se esta obra, destinada a congregar todos os dissidentes de boa fé, ligando-os por um pensamento comum, sereis prevenido”. Dezembro de 1861.

MATEUS, MARCOS, LUCAS, JOÃO – Assistidos pelos apóstolos.

Diante dessa manifestação que me concitava a empreender, com o concurso da médium Mme. Collignon, este grande trabalho da revelação, sentimo-nos tomado de uma surpresa imensa, cheio ao mesmo tempo de alegria e do temor de não sermos capaz nem digno do encargo que nos era deferido. Perguntei quando devíamos começar e nos foi indicada a semana seguinte.

O trabalho ia ser feito por dois entes que, oito dias atrás, não se conheciam.

Chamado desse modo a executar essa obra da revelação, que certamente de nosso moto-próprio não ousaríamos tentar, incapazes, ignorantes e cegos que éramos, metemos ombro à tarefa.

À medida que a revelação se adiantava, minha alma se ia encontrando cada vez mais presa de admiração ao descobrir todas aquelas verdades e eu dizia: “Disponde da vossa criatura, oh! Meu Deus; sou vosso, pertencço-vos; meu tempo, minha razão, eu os consagro ao vosso serviço; serei feliz, oh! Soberano Mestre, se, mau grado à minha fraqueza, puder tornar-me nas vossas mãos um instrumento útil, que vos conquiste o amor, o respeito, o coração das vossas criaturas.”

Em Maio de 1865 todos os materiais estavam preparados, tanto a respeito dos Evangelhos, como dos Mandamentos. O aviso de dar a conhecer aos homens, de publicar a obra da revelação, me foi espontânea e mediunicamente transmitido em termos precisos.

Mero instrumento, cumpro um dever executando tal ordem, entregando à publicidade esta obra, que põe em foco a essência de tudo o que há de sublime na bondade e na paternidade de Deus; tudo o que há de devotamento, de abnegação e de sentimentos fraternais em Jesus, chamado o Cristo, que tão bem mereceu o título de salvador do mundo, de protetor da Terra.

A meus irmãos, quaisquer que eles sejam, quaisquer que sejam suas crenças, o culto exterior que professem, corre o dever de não se pronunciarem sobre esta obra senão depois de a terem lido integralmente e de terem seriamente meditado na explicação dos Evangelhos e dos Mandamentos. Indivisível no conjunto, suas diversas partes são solidárias e mutuamente se apóiam.

O homem, em todas as idades do nosso planeta, passa pela prova de receber ou de repelir a luz que lhe é trazida. Muito se pedirá a quem muito se houver dado. A responsabilidade do Espírito está sempre em correlação com os meios postos ao seu alcance para que ele se instrua e a verdade, para triunfar, para ser aceita, tem primeiro que se chocar com as contradições dos homens.

Mas, se todo erro está previamente destinado a perecer com o caminhar dos tempos, dos séculos, do progresso das inteligências; se tal é a sorte dos erros, ainda que úteis relativamente à época em que se produziram, desde que perderam a razão de ser; se tal é, sobretudo, a sorte dos erros que se impuseram à infância da Humanidade segundo a letra, sob a capa do mistério, sob o prestígio do milagre, mas que são puramente transitórios e preparatórios do advento do espírito; a toda verdade, pelo contrário, se depara, nos ataques que recebe, um instrumento e um meio de propagação, de triunfo, porquanto a verdade acaba sempre por conquistar entre os homens, definitivamente, o direito de cidade, por obra da liberdade de consciência, de razão, de exame, debaixo da ação do tempo, do progresso das inteligências e das contradições humanas, que, inelutavelmente, concorrem para fazê-la brilhar em toda a sua pureza e esplendor.

Na obra dos Quatro Evangelhos os ministros do Senhor visam a este fim: a ventura da Humanidade pela sua purificação. Eles preparam a realização da unidade de crença e a da fraternidade humana pela efetivação das promessas do Mestre, e, enfim, o reino de Deus na Terra, iniciando-nos na lei da unidade e de amor.

Ficai certos, como eu, meus irmãos, de que eles atingirão a meta. J. B. ROUSTAING

(*) – Ver no Blog do Aron, um espírito: O Missionário da Fé – Luciano dos Anjos.

2 – O DISCURSO DO SR. BATTAR

Discurso pronunciado pelo Sr. Battar, bastonário da Ordem dos Advogados de Bordeaux, França, por ocasião das exéquias de Jean-Baptiste de St-Omer Roustaing (04/01/1879):

“Senhores e caros confrades”. Mal acabamos de entrar no ano novo, somos chamados diante deste túmulo, no umbral da eternidade, para dar nosso derradeiro adeus a um confrade que nos deixa, e que leva, com todas as nossas saudades, muitas lembranças do passado.

Após longo tempo afastado do Palácio, em virtude da deterioração de sua saúde, pertencendo a uma geração cujas classes se misturam a cada dia, ele era pouco conhecido da maioria de vós, ainda que jamais tivesse vontade de abandonar a advocacia. Contudo é bom que sua memória vos seja lembrada, pois ela oferece um exemplo notável do que pode o amor ao trabalho, aliado a uma firme vontade, jamais desmentida, para vencer os obstáculos acumulados ao longo de sua vida.

Nascido em Bordeaux, em 1805, de uma família de poucos recursos, Jean-Baptiste Roustaing foi matriculado no Liceu da cidade, onde recebeu uma educação boa e sólida. Mas, ao sair do colégio, era preciso escolher uma carreira, e os sacrifícios, que seu pai se havia imposto para lhe ajudar, haviam chegado ao fim.

Nessa ocasião, ao lado de nomes que lembram um passado glorioso, e que se tornariam célebres, o quadro da Ordem continha outros, cheios de promessas brilhantes para o futuro.

O jovem Roustaing foi inflamado de nobre emulação e, a exemplo de um pintor ilustre, ele disse sobre si próprio: “E eu também terei um lugar neste quadro”. Resoluto, ele partiu para Toulouse, não contando com ninguém, a não ser ele próprio, para continuar seus estudos. Tornou-se professor para poder se transformar em estudante. De um lado, ele ensinava matemáticas especiais, obtendo, assim, os recursos necessários para fazer face às despesas com taxas de inscrições e às necessidades de sua vida; de outro, seguia assiduamente os cursos da Escola de Direito.

Conhecendo qual o preço do tempo, ele se empregava inteiramente, e logo obteve todos os seus diplomas. Pôde, então, voltar a Bordeaux e ao seio de sua família.

Tinha, finalmente, alcançado o objetivo de todos os seus desejos: tinha estudado, no intervalo, procedimentos legais em um dos melhores centros de estudo de Paris; tinha-se munido de todas as peças e se lança com ardor nas lutas do palácio e consegue logo seu lugar. Trabalhador infatigável, secundado por uma viva inteligência e excelente memória, ele analisava as causas até as últimas etapas de profundidade do direito. Seu caráter laborioso e perseverante se revelava em toda parte, nas suas audiências e nos seus escritos.

Muito honesto para procurar desnaturar fatos, a fim de acomodá-los às necessidades de sua defesa, ele os aceitava em sua realidade, tal como se ofereciam a ele, e procurava com cuidado quais eram os princípios de direito aplicáveis às suas causas. O terreno do direito era o campo de batalha a que se afeiçoara, e sobre o qual tinha prazer de chamar seus adversários. Era aí que desenvolvia todos os recursos de uma ciência completa, e que dava provas de prodigiosa fecundidade.

Quando acreditava ter obtido uma visão definitiva, ele a seguia até o fim, sem jamais desencorajar, e não parava a não ser diante de uma impossibilidade absoluta. Para atingir seu objetivo, nada o continha; as mais prolongadas e penosas pesquisas eram para ele, poder-se-ia dizer, um prazer. Quantas noites passou, mergulhado em suas meditações, pesquisando autores e compilações diversas para extrair o que poderia servir às suas defesas. E quando, no dia seguinte, chegava à tribuna, surpreendia seus adversários com a variedade de seus recursos.

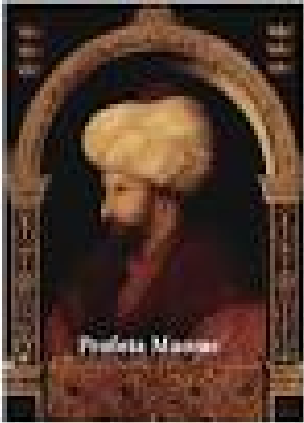
Quantas vezes ele, assim, com uma inspiração feliz pela descoberta imprevista, recuperara causas aparentemente desesperadas; quantas vezes fizeram triunfar métodos que, à primeira vista, poderia parecer fortemente duvidosos, mas que ele fundamentava no direito e nas autoridades mais importantes. Foi assim que ele conquistou na advocacia uma das situações mais prestigiadas e, ao mesmo tempo, uma modesta fortuna, mas suficiente para seus gestos simples e seu coração desprovido de ambição. Ele reservava mesmo grande parte para empregar em abundantes esmolas.

Não vos surpreenderíeis, senhores, se eu acrescentasse que foi também, por ter ganho a afeição e estima de seus confrades que, em 1848, nomearam-no bastonário da Ordem e lhe conferiram, por sufrágio, a mais alta distinção àquele que jamais a aspirara.

Depois, chegou o dia em que esse ardente organismo achou-se quebrado pelo excesso de trabalho, onde a atividade do espírito foi vencida pelo esgotamento do corpo. Em torno de 1860, sua saúde, profundamente alterada, obrigou-o a se afastar da vida militante da advocacia, e a se recolher a seu interior, onde sua inteligência ainda se fazia sentir sobre matérias de direito e sobre outros assuntos. Mas desejava sempre continuar advogado, e conservava com amor sua beca que, nesses momentos de ilusão, habitual entre doentes, jactava-se, algumas vezes, de poder retomar suas antigas atividades.

A partir desse momento, ele se liberou, com mais despreendimento que antes, de suas atividades de beneficência e caridade, tanto na cidade como no distrito de Targon, onde possuía uma propriedade. Assim, durante três anos, com a colaboração de um de seus vizinhos de campo, ele sustentou e manteve, até seus últimos momentos, um pobre morador que ficou enfermo em consequência de grave acidente. Em Bordeaux, prestava socorro a infelizes, e sua morte, para eles, seria grande perda; pode-se dizer que ele será pranteado pelos pobres. Há dois meses apenas, conduzimos ao lugar de repouso os despojos mortais da companheira de sua vida e de suas boas obras; ele sobreviveu pouco tempo; parece que a morte se apressava em reuni-los. Devemos esperar que esteja em um mundo melhor, e que existência tão bem vivida, tão honesta e tão generosa receberá sua recompensa. Segundo bela expressão de um de nossos ilustres antecessores, o homem que deixa este mundo só leva consigo o que ele deu; as lágrimas dos infelizes que nosso confrade secou com seu consolo e suas

benemerências, as que o reconhecimento fez derramar em seu túmulo, serão acompanhadas até diante do Juiz Supremo.
”(Jornal de Bordeaux, 06 de janeiro de 1879)



3 – Revelação Do Espírito Áureo

Segundo revelação do Espírito Áureo na página 152 e 158 do livro Universo e Vida, por Hernani T. Sant’Anna, 1ª. Ed. 1980, FEB-Rio, Roustaing foi a reencarnação do profeta Maomé, tendo sido, a médium Mme. Collignon, a sua respeitável esposa Kadija.

Veja também, na página 33 deste precioso livro citado, as reencarnações de outras importantes personagens bíblicas.

Veja nas Revistas Espíritas de Kardec, Agosto e Novembro de 1866, dois artigos de Kardec sobre Maomé e o Islamismo, e a referência que a ele faz Emmanuel, na página 151 de A Caminho da Luz, ou os seus resumos, transcritos na página 60 do livro “O Pastor e a Ovelha”, desse autor, publicado na Bvespírita.

---oo0oo---

Para termos uma clara idéia das condições de saúde de Kardec ao elaborar sua crítica a Os Quatro Evangelhos, transcrevemos de Obras Póstumas a mensagem do seu médico, Dr. A. Demeure:

1 – INSTRUÇÃO RELATIVA À SAÚDE DO SR. ALLAN KARDEC - Paris, 26 de Abril de 1866.

(Comunicação particular – Médium Sr. D.) (Desliens) – p 28b6/8, 11 ed. 1957-FEB-Rio

“Vendo a saúde do Sr. Allan Kardec enfraquecer diariamente, em consequência de trabalhos excessivos, superiores às suas forças, vejo-me na necessidade de repetir, novamente, o que já lhe dissera tantas vezes: “Você precisa de repouso; as forças humanas têm limites que o desejo de que o ensino progrida te leva muitas vezes a ultrapassar”. Portanto, está errado procedendo assim; não apressará a marcha da Doutrina, mas arruinará a tua saúde e te colocará na impossibilidade material de acabar a tarefa que veio desempenhar neste mundo. A tua enfermidade atual não é mais do que resultado de um dispêndio incessante de forças vitais, sem dar tempo a que se efetue a reparação necessária, e a um aquecimento do sangue produzido pela falta absoluta de repouso. Sem dúvida, nós te sustentamos, porém sob a condição de que não desfaça o que fizemos. De que serve correr? Não te dissemos já muitas vezes que cada coisa virá a seu tempo e que os Espíritos prepostos ao movimento das idéias sabem fazer que surjam circunstâncias favoráveis, quando soa o momento de agir?”

“Quando se faz preciso que todo espírita concentre suas forças para a luta, pensa que seja do teu dever esgotar as tuas”? Não. Em tudo tens que dar o exemplo e teu lugar é na estacada, no momento do perigo. Que faria lá, se, por enfraquecimento, o teu corpo não mais permitisse que teu espírito se utilizasse das armas que a experiência e a revelação te puseram nas mãos? — Ouve-me: deixa para mais tarde as grandes obras destinadas a completar a que está esboçada nas tuas primeiras publicações; teus trabalhos comuns e algumas pequenas brochuras de urgência bastam para te absorver o tempo e devem constituir os únicos objetos das tuas preocupações atuais.

“Não te falo apenas em meu nome; sou aqui o delegado de todos os Espíritos que tão poderosamente têm contribuído para a propagação do ensino, mediante suas sábias instruções. Eles te dizem, por meu intermédio, que esse atraso, que considera prejudicial ao futuro da doutrina, é uma medida necessária, de mais de um ponto de vista — seja porque certas questões ainda não se acham completamente elucidadas, seja para preparar os Espíritos a melhor assimilá-las. É necessário que outros tenham limpadado o terreno, que se ache provado a insustentabilidade de certas teorias e que se tenha produzido maior vácuo. Quer dizer: o momento não é oportuno; poupa-te, portanto; quando for tempo, será indispensável para ti todo o vigor de corpo e de espírito. Até aqui, o Espiritismo foi alvo de muitas críticas, levantou muitas tempestades. Julgas, porém, que toda essa agitação esteja abrandada, que todos os ódios se tenham acalmado e tornado impotentes? Desilude-te, o cadinho depurador ainda não expeliu todas as impurezas; o porvir lhe reserva outras provas e as últimas crises não serão as menos penosas e difíceis de suportar. “Sei que a tua situação particular te impõe uma imensidade de trabalhos complementares que te consomem a maior parte do tempo”. “Às vezes, se torna necessário sacrificar as satisfações individuais ao interesse geral”. É uma medida urgente que todos os adeptos sinceros saberão compreender e aprovar. Dr. Demeure”.

Observar a data da mensagem de advertência: 26 DE ABRIL DE 1866, um mês antes de Kardec publicar, na Revue Spirite a sua análise crítica aos Quatro Evangelhos de Roustaing.

Pelas advertências acima, feitas pelo Espírito Dr. Antoine Demeure, médico homeopata espírita, de que ainda encarnado se tornara amigo por correspondência, e que o assistira durante a grave crise de saúde que sofreu em princípios do ano,

ditadas pouco antes do mês de Maio, em que provavelmente escreveu a crítica à obra de Roustaing, podemos avaliar o seu precário estado de saúde ao elaborá-la. Levar em conta que devido ao excesso de trabalho intelectual, Roustaing foi também acometido no mês de Janeiro de 1858, de uma enfermidade prolongada e dolorosa, causada, como relatou, **por uma vida longa de estudos, de cansaças e de labor.**

A PRESSA, INIMIGA DA PERFEIÇÃO.

Continuando a abordagem dos antecedentes da crítica feita por Kardec à obra Os Quatro Evangelhos, vejamos o que, sobre a epígrafe acima comenta o sábio filósofo alemão Arthur Schopenhauer nos trechos que, data venia, extraímos do instrutivo e interessante site “Sobre livros e a leitura”.

Repetitio est mater studiorum (A repetição é a mãe dos estudos). Todo livro minimamente importante deveria ser lido de imediato duas vezes, em parte porque na segunda compreendemos melhor as coisas em seu conjunto e só entendemos bem o começo quando conhecemos o fim; em parte porque, para todos os efeitos, na segunda vez abordamos cada passagem com um ânimo e estado de espírito diferentes do que tínhamos na primeira, o que resulta em uma impressão diferente e é como se olhássemos um objeto sob uma outra luz. 2- “Na prática, o fluxo contínuo e forte de novas leituras só serve para acelerar o esquecimento do já lido”. A.Schopenhauer – 1788 – 1860.

A CRÍTICA DE KARDEC À OBRA DE ROUSTAING

Apresentamos a seguir a análise crítica de Kardec aos Quatro Evangelhos Roustaing, conforme publicada na Revista Espírita de Junho de 1866. Obs. Os números no início dos parágrafos não constam do original e foram colocados para facilitar a localização do trecho citado.

OS EVANGELHOS EXPLICADOS – Pelo Sr. Roustaing

Os Quatro Evangelhos, seguidos dos mandamentos explicados em espírito e verdade pelos evangelistas, assistidos pelos apóstolos. Recolhidos e colocados em ordem por J.B.Roustaing, advogado da corte imperial de Bordeaux, antigo chefe da ordem dos advogados. – 3 vol. In-12. – Preço: 10 fr. 50. – Paris, Livraria Central, 24, boulevard dos Italianos. – Bordeaux, todas as livrarias.

1 – Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerável, e que tem, para os Espíritos, o mérito de não estar, sobre nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada por *O Livro dos Espíritos* e o dos médiuns. As partes correspondentes àquelas que tratamos em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* o são num sentido análogo. De resto, como nos limitamos às máximas morais que, quase sem exceção, são geralmente claras, elas não poderiam ser interpretadas de diversas maneiras; também foram o assunto de controvérsias religiosas. Foi por esta razão que começamos por ali a fim de ser aceito sem contestação, esperando para o resto que a opinião geral estivesse mais familiarizada com a idéia espírita.

2 – O autor dessa nova obra acreditou dever seguir outro caminho; em lugar de proceder por graduação, quis alcançar o objetivo de um golpe. Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda, e das quais, conseqüentemente lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que os comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa caminhada sobre o desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, às suas teorias, nem aprovação, nem desaprovção, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todos os casos, têm necessidade da sanção do controle universal, e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita.

3 – Quando tratarmos essas questões, o faremos sem cerimônia; mas é que, então, teremos recolhido os documentos bastante numerosos, nos ensinados *de todos os lados* pelos Espíritos, para poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar *de acordo com a maioria*; é assim que fazemos todas as vezes que se trata de formular um princípio capital. Nós os dissemos cem vezes, para nós a opinião de um Espírito, qualquer que seja o nome que traga, não tem senão o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma rigorosa lógica, para as coisas que não podemos controlar por nossos próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como uma verdade absoluta, se, mais tarde, ela devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos?

4 - Dissemos que o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios de *O Livro dos Espíritos* e o dos médiuns; nossas observações levam, pois, sobre a aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos. É assim, por exemplo, que dá ao Cristo, em lugar de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz um *agêneré*. Aos olhos dos homens que não teriam podido compreender, então, sua natureza espiritual, teve que passar *EM APARÊNCIA*, essa palavra é incessantemente repetida em todo o curso da obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este

ponto, colocado por premissa e pedra angular, é a base sobre a qual se apóia para explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.

5 – Sem dúvida, não há aí nada de materialmente impossível para quem conhece as propriedades do envoltório perispiritual; sem nos pronunciar pró ou contra essa teoria diremos que ela é ao menos hipotética, e que, se um dia ela fosse reconhecida errada, a base sendo falsa, o edifício desmoronaria. Esperamos, pois, os numerosos comentários que ela não deixará de provocar da parte dos Espíritos, e que contribuirão para elucidar a questão. Sem prejudgá-la, diremos que já foram feitas objeções sérias a essa teoria, e que, em nossa opinião, os fatos podem perfeitamente se explicar sem sair das condições da Humanidade corpórea.

6 – Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, não diminuí nada a importância dessa obra que, ao lado das coisas duvidosas do nosso ponto de vista, delas encerra, incontestavelmente, boas e verdadeiras, e será consultada proveitosamente pelos Espíritos sérios.

7 – Se o fundo de um livro é o principal, a forma não é de se desdenhar, e entra também por alguma coisa no sucesso. Achamos que certas partes são desenvolvidas muito longamente, sem proveito para a clareza. Em nossa opinião, se, limitando-se ao estrito necessário, ter-se-ia podido reduzir a obra em dois, ou mesmo em um único volume, teria ganhado em popularidade.

MEU COMENTÁRIO

1 – Após tecer inicialmente considerações sobre o teor da obra, Kardec faz, no item 4, alusão à aplicação da teoria do corpo fluídico, afirmando no item 5: “Sem dúvida, não há aí nada de materialmente impossível para quem conhece as propriedades do envoltório perispiritual”, terminando por dizer: Sem prejudgá-la, diremos que já foram feitas objeções sérias a essa teoria, e que, em nossa opinião, os fatos podem perfeitamente se explicar sem sair das condições da Humanidade corpórea.

Tais objeções foram provavelmente feitas por seus nobres companheiros, membros da SPEE, entre eles Léon Denis, Dellane e Flammarion. Tendo permanecido gravemente enfermo durante três anos, (de Janeiro de 1858 a Janeiro de 1861) cinco anos antes da séria crise reumática cardiorrespiratória que, nos primeiros meses de 1866 sofreu Kardec, e tendo sido menos exigido intelectual e moralmente, (durante apenas cinco anos, 10 menos que Kardec) e sendo um ano mais jovem que Kardec, pois nascera em 15 de Outubro de 1805, Jean-Baptiste Roustaing encontrava-se então, como se pode deduzir, mais forte e resistente, tendo falecido dez anos depois dele, em 2 de Janeiro de 1879.

Conforme é narrado na página 131 da obra “Allan Kardec”, de Zeus Wantuil e Francisco Thiesen, tomo III, revelações feitas por Pierre-Gaetan Leymarie, um dos comensais do Codificador, confessou (livro Biografia de Allan Kardec, de Henry Sausse,) que as cartas anônimas, as traições, os insultos e a difamação sistemática perseguiram o obreiro e nele abriram, moralmente, feridas incuráveis. Referiu, a seguir, que o mestre se levantava às 4,30 horas da manhã, em qualquer estação, para poder dar conta dos seus muitos e variados trabalhos diários.

Conforme vemos no 3º. Tomo da obra citada, capítulo 3º. Pág. 108 a 117, Kardec sofreu nos primeiros meses de 1866, (Inverno no hemisfério Norte) séria crise de saúde, conseqüente à sobrecarga de trabalho, preocupações, e agravos morais devido a calúnias, traições, sendo assistido pelo Espírito Dr. Demeure, que o advertiu quanto aos limites das forças corporais. Por insistentes apelos desse Espírito, Kardec passou a contar, para a correspondência comum e a parte mais material das tarefas, com a ajuda de um secretário, o Sr. Antoine Desliens, médium membro da Sociedade Espírita de Paris. (AK III 111, 286, 301, 302 e 342). Com a desencarnação do mestre em março de 1869, Desliens ficou como secretário-gerente da *Revue*, até junho de 1871 (AK III 157, 136). Conforme podemos ver nas páginas 252/255 da 11ª. Edição, de 1957 de Obras Póstumas, FEB – Rio, transcritas acima, o próprio Kardec faz menção às injúrias que sofreu!

As repetidas correções feitas por Kardec de trechos de A Gênese para a sua reedição em 1868, sugeridas pelo Espírito Dr. Demeure, como é relatado em Obras Póstumas, revelam o cansaço mental, a decadência física, causados pelo excesso de trabalho e a falta de repouso, além do enfraquecimento devido às disfunções cardiocirculatórias de que não se recuperou totalmente, alvo das advertências supracitadas. (Págs. 301 e 302 a 304, de 22-2 e 4-6-1868 da 11ª. Edição, 1957-FEB). Segundo o Dr. Lamartine Palhano Jr. (1946-2.000), conceituado pesquisador científico espírita mineiro: – Dificilmente a causa da desencarnação de Kardec teria sido o rompimento de um aneurisma, como se tem dito, chegando-se a especificar que teria sido da aorta descendente. A constatação do óbito por aneurisma, à época, se daria apenas através da necropsia, e não se consta que os despojos de Allan Kardec tenham sido submetidos a esse exame. A descrição do Sr. Muller, que diz: “ele se curvou sobre si mesmo, sem proferir uma única palavra, estava morto”, acrescida da descrição de toda a cena, **nos leva a crer tenha ocorrido uma parada cardíaca após um infarto fulminante do miocárdio**. Demais, é manifesto, em suas biografias, pelas orientações médicas descritas, que Kardec era cardíaco. Dos arquivos de Canuto Abreu, publicada por Wantuil & Thiesen (pág. 112-113), uma carta de Kardec ao Sr. Judermühle diz o seguinte: “Desde o dia 31 de janeiro (1865) [...] fui acometido de um reumatismo interno que se estendeu ao coração e aos pulmões”... Esta é a descrição de uma insuficiência cardíaca congestiva.

Situação assaz diversa era a que gozava então Roustaing. Conforme relata no prefácio d’Os Quatro Evangelhos, (Tomo I, p. 57 – 5ª. Ed. Feb-Rio), “No mês de Janeiro de 1858 fui acometido de uma enfermidade tão prolongada quão dolorosa, proveniente de uma vida já longa de estudos, de canseiras e de labor, passada a principio em Tolosa, de 1823 a 1826, no ensino das letras e ciências, ao mesmo tempo que na aprendizagem das leis e do Direito para a obtenção dos diplomas que

me abririam progressivamente a carreira da Advocacia; depois, em Paris, de 1826 a 1829, na escrivania, onde aprendi a por a lei em execução, e no estágio, ouvindo os que eram os príncipes da palavra e os favoritos da fama; finalmente nos auditórios de Bordéus, meu torrão natal, numa vida ativa e militante de ininterrupta militação”. “Somente em Janeiro de 1861, completamente restabelecido, cuidei de voltar ao exercício dessa amada profissão para com a qual era devedor de uma posição independente, adquirida mediante trinta anos de trabalho no gabinete e nos tribunais. Mas o homem propõe e Deus dispõe, diz o ditado”. – “Um distinto clínico daquela cidade me falou da possibilidade das comunicações do mundo corpóreo com o mundo espiritual”... – Termina dizendo.

Somente nos meados daquele ano, após ter-se tornado espírita, como relatou, foi que passou a freqüentar e participar de reuniões espíritas, entrando, no final do ano, em contato com a médium Émilie Collignon. Foi ocasionalmente por intermédio dela, surpreendido com a revelação da missão que tinham de serem os receptores da obra mediúnica a qual administrou judiciousa e competentemente, como se pode constatar, pelas questões que oportunamente apresentava, (suas ou dos integrantes do grupo que formou) a fim esclarecer pontos duvidosos dos ditados que aparentemente contradiziam a doutrina codificada por Kardec que afirmou conhecer, em missiva a Kardec, reproduzida nas páginas 59 e 60 do Prefácio. Fê-lo durante o longo prazo de três anos e cinco meses, em duas reuniões semanais, realizadas num grupo espírita por ele formado em Bordéus. (Ao todo, cerca de 350 reuniões).

Eis as considerações que Roustaing fez nas páginas 61 e 62 do Prefácio do livro, após enaltecer a excelência das obras de Kardec já publicadas:

“Mas se por um lado a moral sublime do Cristo resplandeceu a meus olhos em toda a sua pureza, em todo o seu fulgor, como brotando de uma fonte divina, por outro lado, tudo permaneceu obscuro, incompreensível e impenetrável à minha razão, no tocante à revelação sobre a origem e a natureza de Jesus, sobre a sua posição espírita em relação a Deus e ao nosso planeta, sobre os seus poderes e a sua autoridade”.

“Quanto à revelação sobre uma origem, uma natureza, ao mesmo tempo humanas e extra humanas de Jesus, sobre o modo de sua aparição na Terra, tudo, como antes, se conservou igualmente obscuro, incompreensível e impenetrável à minha razão”.

“Pelo que respeita à sua morte, tendo em vista estas palavras suas: “Deixo a *vida* para *retomá-la*, ninguém ma tira, sou eu que a deixo por mim mesmo; pelo que toca à sua ressurreição, diante destoutras palavras por ele proferidas: “Tenho o poder de deixar a vida e tenho poder de a retomar”, pelo que se refere ao desaparecimento do seu corpo do sepulcro, estando selada a pedra que lhe fechava a entrada, à sua *ressurreição* e as suas *aparições* às mulheres e aos discípulos; pelo que entende com a sua *ascensão* às regiões etéreas, com suas palavras proféticas acerca do futuro do nosso Planeta e dos acontecimentos que hão de proceder ao seu segundo advento, por ele predito, senti a impotência da razão humana para penetrar as *trevas da letra* e, desde então, a necessidade de uma revelação nova, *de uma revelação da revelação*”. (Prefácio, p. 61/62)

Além de experiente causídico, Roustaing **não estava, como Kardec, limitado por idéias preconcebidas sobre a natureza do corpo de Jesus**, achando-se completamente livre para analisar as informações dadas pelos evangelistas, questionando-as uma a uma antes de passar adiante, cumprindo zelosamente a grave missão que recebera de supervisionar a recepção daquela revelação nova, que a seu ver superava em diversos pontos a doutrina exposta nos cinco livros até então publicados, o último dos quais, um ano antes, em 1865, foi “O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo”. Ao contrário de Kardec, que sofrera no início de 1866 séria crise de saúde (de que não se recuperara totalmente devido à persistência das causas citadas, etc.), idêntica a que Roustaing havia sofrido durante três anos, (até Janeiro de 1861, cinco anos e meio antes) quando reassumiu as funções que exercia como advogado na Corte Imperial de Bordéus, Roustaing gozava plena saúde, em pleno apogeu de sua lucidez e vigor mental.

As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras. – F. Nietzsche

Embora houvesse afirmado “Sem prejudicá-la”, apoiando-se em objeções feitas talvez, por seus companheiros da SPEE, – provavelmente menos versados do que ele sobre agêneres e o que então, significava a palavra “fluido”, o mais confiável deles Gabriel Dellane, cientista como ele, avesso porém à religião, ele se definiu a favor da corporeidade física de Jesus, sem levar em conta que com tal interpretação punha em dúvida, ou melhor, contestava frontalmente as profecias e os relatos evangélicos referentes a Jesus e Maria, colocando a terceira revelação em contradição com as anteriores, do Novo e do Velho Testamento. **Cuidou prudente e zelosamente do futuro da doutrina, olvidou-lhe, porém, sem o perceber, os seus sagrados antecedentes históricos.**

Conforme aconselham os Evangelistas em Os Quatro Evangelhos – Tomo III – pág. 485 – **Sempre que haja no homem uma idéia preconcebida, não se deve procurar violentá-lo para que a abandone e sim esperar, do seu livre-arbítrio, do tempo e da reencarnação que com a expiação e a reparação, é via e meio de progresso moral e intelectual, [.....] se lhe abram os olhos para a luz.** Os Quatro Evangelhos – Tomo III – pág. 485. (5ª Edição, 1971-FEB-Rio)

Foi este talvez, – além de outros – o critério adotado e a razão pela qual São Luiz e o Espírito Verdade (Jesus) não entrevistaram, deixando de corrigi-lo, na Revue Spirite em 1866 e dois anos depois em A Gênese.

Devemos levar em conta que devido ao seu compreensível, justificado apego às concepções da ciência da época, (tão fortes, que até hoje persistem no seio da massa popular inculta e ignorante, como no da ciência atual, contrárias à natureza fluídica do corpo de Jesus), Kardec não estava como se viu, em condições normais para efetuar, com completa isenção e

imparcialidade, a análise crítica que fez da obra de Roustaing. Seria provável, tendo em vista a extensão da obra, (cerca de 1800 páginas) a exigüidade do tempo de que dispunha e menos disposto devido às convicções citadas sobre a natureza do corpo de Jesus, houvesse-as Kardec lido e relido, como foi acima valorizado?

Como, – com certeza – aconteceu com Roustaing e seu denodado grupo, não em um mês, mas passo a passo, durante três anos e cinco meses? Livres, descomprometidos, saudáveis, convictos de estarem cumprindo uma sagrada missão, como qualquer um pode atualmente fazê-lo, isento, porém de idéias preconcebidas? Lendo-a e estudando-a com seriedade – como é realizado, desde a sua formação em 1893, no seio da Federação Espírita Brasileira pelo Grupo Ismael, organizado por Bezerra de Menezes após consultar o Espírito Erasto, que o certificou quanto à autenticidade das verdades trazidas por Roustaing, como veremos na página 80, abaixo.

Ou analisando-a como fez Guillon Ribeiro, o insigne tradutor da obra, que a leu e releu durante os cinco anos que levou, para traduzi-la e dar-lhe formato enciclopédico pela adição de índices das matérias no início de cada um dos volumes, além de mini chamadas laterais sobre o tema tratado, a custa de grande trabalho e oneroso e arriscado dispêndio monetário ao aumentá-la para quatro volumes, demonstrando com tal empenho a robustez de sua convicção?

Recordo a avidez com que me atirei à busca de mensagens dos espíritos e dos seus nobres guias nas revistas espíritas dos anos seguintes: Nada. Eles silenciaram, como a dizer que já haviam dito tudo o que fora programado, não mais com instruções esparsas, aqui e ali, por intermédio de médiuns espalhados por toda parte, como haviam feito até então, abundantemente, mas por uma única médium, num grupo que, – à sua revelia – numa cidade a 500 quilômetros dali, durante três anos e meio, se reuniu para trazer no momento certo – uma revelação nova, complementar, ampliadora da síntese admirável por ele elaborada sob a inspiração do Espírito Verdade, Jesus!

Como observou J. D. Innocência num artigo na revista Reformador de Junho de 1981:

“Na Revista Espírita, de junho de 1866, Allan Kardec comenta o aparecimento da obra Os Quatro Evangelhos. É bom lembrar que O Evangelho segundo o Espiritismo, foi publicado em 1864, contendo mensagens recebidas entre 1860 e 1863 e que a obra “Os Quatro Evangelhos”, que apareceu em 1866, foi psicografada entre 1861 e 1865, sendo, portanto, trabalhos simultâneos da Espiritualidade Superior, através de dois missionários da mesma Seara”.

Ora, se o Codificador não encontrou contradição, – este, sem qualquer dúvida o ponto mais importante, (pois conforme Marcos, Cap. 9: 40: Pois quem não é contra nós é por nós) nem descartou um futuro esclarecimento, à espera de um pronunciamento da Espiritualidade que se manteve calada durante os três anos seguintes, para fazê-lo, – como estava planejado – logo após a sua desencarnação através do livro “Fatos Espíritas” de William Crookes, confirmando a possibilidade do corpo fluídico de Jesus, a tese posta então em dúvida por Kardec, o qual, como veremos na p. 80 abaixo, corrigiu-a depois mediunicamente, **quem poderá – em sã consciência – dizer o contrário?**

Destinada, porém, de acordo com o plano traçado pelo Alto, a servir como complemento da síntese doutrinária elaborada por Kardec, e como obra de consulta adicional, trouxe a explicação de cada um dos versículos dos quatro evangelhos de Jesus, fornecendo detalhes que não puderam, pelas razões evidenciadas, ser então, aceitos por Kardec. O interesse por ele demonstrado em sua mais fácil divulgação, demonstra, **de forma cabal, indiscutível**, além da aprovação parcial da obra, seu desejo de vê-la apreciada pelos espíritas sérios e o povo em geral.

Quanto ao formato e à linguagem dos livros é perfeitamente compreensível a opinião de Kardec, acostumado a lidar com textos redigidos numa linguagem clara, própria dos livros didáticos e científicos, e como escritor, cuja objetividade expositiva se evidenciou, para nosso bem. A linguagem usada numa Enciclopédia difere, porém, da usada num livro didático, comumente objetiva, sintética. As repetições, – como expomos acima, permite que o aprendiz focalize por diferentes ângulos um verbete, favorecendo um melhor entendimento da questão.

Além do mais, – um detalhe impossível de ser entrevisto por Kardec –: Por seu formato e linguagem, mais do que aos espíritas franceses e os do hemisfério nórdico, de nível e traquejo intelectual incomparavelmente superior, a linguagem da obra, adequava-se aos leitores brasileiros, a quem Os Quatro Evangelhos se destinava principalmente! Aos povos de uma região distante, menos desenvolvidos intelectualmente, porém mais virtuosos e descomprometidos moralmente, que poderiam tirar proveito de suas luminosas, consoladoras lições! Destinava-se, por certo aos bem-aventurados simples do 3º. Milênio, aos mansos e pacíficos da era nova que já raiou!!!

Ao sugerir a drástica redução de suas páginas, não ocorreu a Kardec, (também por ignorá-lo), o detalhe de que tal iniciativa não podia ter sido tomada por Roustaing, pois tal ato seria uma demonstração de irresponsabilidade e claro desrespeito para com os autores espirituais e os integrantes do grupo, (principalmente a veneranda médium) que com grande empenho e dedicação se submeteram durante três anos e cinco meses (de Dezembro de 1861 a Maio de 1865), à extenuante, cansativa recepção e formatação de cerca de 1.800 páginas psicografadas.

Acostumado a lidar com obras redigidas em estilo didático e objetivo, menos complexas e volumosas, passou-lhe despercebido o aspecto complementar sugerido pelo sub-título Revelação da Revelação, além do formato enciclopédico que devia no futuro assumir a substancial obra que, de repente, foi-lhe ofertada, desacompanhada, porém, de qualquer informação sobre as circunstâncias que lhe envolveram a recepção, detalhe importante que Roustaing deixou de adicionar, convicto e ansioso de vê-la aprovada pelo amado e consagrado mestre Kardec.

Por mais capacitados, honestos e bem-intencionados ao tecerem as suas críticas, os estagiários de um mundo de expiação e provas, devido à índole mais ou menos rebelde – (recordemos João Batista, que embora sendo o maior abaixo de Jesus, “perdeu a cabeça” não só emocionalmente, ao exceder-se na crítica à Herodes e sua mulher), – estão sujeitos a cometer falhas incríveis e danosas.

Daí, a recomendação do Amigo Maior de todos nós, para evitarmos julgar os nossos irmãos.
Para os que têm “ouvidos de ouvir”, as coincidências falam alto e bom som!

Interessantes as “coincidências” que repentinamente saltam-nos de novo aos olhos: – Três anos do sublime magistério do Cristo e 19 séculos depois, três anos de trabalho de um grupo de cristãos em Bordéus e alguns anos depois, em Londres agora, num ambiente de escol, três anos de especialíssima e sacrificial tarefa, a cabal, insofismável confirmação da possibilidade do corpo fluídico agênera de Jesus!!! Distantes no espaço e no tempo, não pastores humildes a debruçarem-se contritos e jubilosos sob o rústico teto de uma estrebaria, ou cegos de nascença que passaram a ver a luz, mas brilhantes expoentes da Ciência positivando a gloriosa realidade da Vida post-mortem! Semelhante ao que iria ocorrer 70 anos depois, numa humilde, rústica vivenda no interior de Minas Gerais, uma distinta e rica cidadã francesa em Bordéus tornou-se a portadora de uma revelação cuja excelência foi reconhecida por Kardec, que a recomendou aos espíritas sérios!!! Veja mais sobre “coincidências” no item 5, p.381 de Leitura Adicional, no Apêndice.

---oo0oo---



Casa de Chico Xavier - Pedro Leopoldo - MG

Hosanas e glória ao Senhor! A crítica acima de Kardec que hoje, 150 anos depois, pode parecer-nos dúbia e contraditória, foi então coerente e consentânea com os dados científicos e as nebulosas informações que então possuía sobre os agêneres, levando-o a não aceitar totalmente a obra, contrária à sua opinião pessoal sobre a natureza do corpo de Jesus. Não percebeu, porém, o venerável mestre, que colocava assim, a Terceira Revelação em contradição com as anteriores, o que teria evitado, levando em conta a revelação de Os Quatro Evangelhos! Dependendo para a elaboração da síntese científico-filosófica, das informações que lhe chegaram às mãos, não lhe foi possível, entretanto, subtrair-se de todo à influência da Ciência da época, sobre a natureza do corpo de Jesus, opinião que, a nosso ver, influuiu para que não aceitasse senão em parte a

(Vide na Internet: Cativo da Babilônia. Profecias de Jeremias 25:8-9 e 29:10 e Daniel 9: 1-2. – Vide no Bvespírita “Um Caso de Desmaterialização” A. Aksakof – Pág. 97 e Fatos Espíritas de William Crookes.)

Revelação da Revelação. Premido pelo acúmulo de correspondência e pela diversidade de incumbências como secretário da Doutrina nascente e editor da Revista espírita, restava-lhe pouco tempo para responder às cartas que chegavam e dar-se a longas reflexões sobre uma obra tão complexa, quão volumosa!

Conforme é relatado em “Obras Póstumas”, cerca de 500 cartas acumularam-se, desde o início de 1866, (quando ficou doente) à espera de resposta, sendo aconselhado pelo Espírito Dr. Demeure, seu médico homeopata há pouco falecido, a contratar um auxiliar, sendo escolhido o Sr. Desliens, médium membro da Sociedade Espírita de Paris, pelo qual foi ela recebida numa reunião íntima, a seguinte mensagem: 26 DE ABRIL DE 1866 (Comunicação particular; médium: Sr. D.) – Obras Póstumas – p. 286 da 11ª Edição. FEB –Rio.

Como referimos, quatro anos após a desencarnação de Kardec, repetindo o episódio bíblico¹ do anjo que acompanhou Tobias, o Espírito de uma linda jovem materializou-se durante mais de três anos em Londres no lar de uma nobre família inglesa, a do consagrado cientista Sir William Crookes. (Fato ocorrido após o término do Exílio da Babilônia, (638 a. C.)

Quanto aos “numerosos comentários que a obra não deixaria de provocar da parte dos Espíritos, e que, contribuiriam para elucidar a questão” com que naturalmente contava, eles silenciaram! Tendo o tempo passado sem que, não obstante rodeado de médiuns, nenhuma manifestação se verificasse, ele talvez tenha interpretado como aprovação o silêncio do Espírito de Verdade e São Luiz, que freqüentemente intervinham, inspirando-o e corrigindo-o como ocorreu no episódio em que o Espírito de Verdade, Jesus, como se pode ver na página 85, abaixo, chamou-lhe a atenção sobre erros na redação de O Livro dos Espíritos. Por que deixaram então, de fazê-lo? Resposta:

Como evidenciar-se-á a seguir: PARA POR À PROVA OS VERDADEIROS E OS FALSOS OBREIROS, conforme a mensagem de Erasto em O Evangelho Segundo o Espiritismo – Capítulo. XX. – Allan Kardec:

Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da Humanidade. Ditosos serão os que houverem trabalhado no campo do Senhor, com desinteresse e sem outro móvel, senão a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos pelo cêntuplo do que tiverem esperado. Ditosos os que hajam dito a seus irmãos: “Trabalhem juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor ao chegar, encontre acabada a obra”, porquanto o Senhor lhes dirá: “Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra”!

Vejam os comentários que o escritor Ivo de Magalhães tece sobre a crítica acima de Kardec:

KARDEC E ROUSTAING – IVO DE GUIMARÃES - REFORMADOR (FEB) JULHO 1971

Estudiosos há do Espiritismo que relutam em aceitar, ou não aceitam mesmo, a revelação do corpo fluídico de Jesus, sob a alegação de não haver ela merecido a aprovação de Kardec e, por isso, desprezam, sem maiores considerações, toda a obra magistral publicada por Roustaing, contendo a explicação dos Evangelhos, capítulo por capítulo, versículo por versículo. Embora transmitido do Alto, mercê da extraordinária mediunidade da Senhora Collignon, compreenderíamos fossem os ensinamentos rejeitados, mas por quem, após leitura atenta, e sem idéia preconcebida, de “Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação”, houvesse meditado e concluído, por si mesmo, que eram inadmissíveis as teses ali expostas.

Pretender-se, porém, que os conceitos divulgados por J.-B. Roustaing devem ser condenados porque Kardec não os sancionou é algo tão diferente que permite supor não haja sido a questão convenientemente estudada pelos que assim argumentam. De início, não esqueçamos que se não aprovou a obra, muito menos a reprovou e já agora, pouco mais de um século decorrido, seria tempo de se por fim ao mal-entendido e a uma diferença mantida, sobretudo, por quem parece se mostrar mais “kardecista” do que Kardec! Deve-se levar conta que muito maior que o número de espíritas é o de não-espíritas atualmente existentes no mundo aos quais pode ser futuramente útil a leitura de Os Quatro Evangelhos.

São conhecidas as circunstâncias excepcionais, dignas de reflexão, em que Jean-Baptiste Roustaing, homem de grande projeção – bastonário que era da Corte Imperial de Bordeaux ao tempo de Napoleão III – veio a conhecer a Senhora Collignon, em dezembro de 1861, e receber, oito dias depois, a mensagem por ela psicografada, e assinada por “Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos pelos Apóstolos”, incitando-os a empreender a explicação dos Evangelhos “em espírito e verdade”, explicação que, dizia-o a mensagem, “preparará a unificação das crenças entre os homens”, o que provavelmente se dará no final do século atual, ou seguinte. E por que essas crenças, pelo menos no meio espírita, não se unificaram até hoje, como seria lícito esperar?

Talvez um dos motivos provenha do fato de não haverem muitos dos que combatem Roustaing lido a obra inteira, atenta e imparcialmente, limitando-se a folheá-la sem passarem, quiçá, dos capítulos iniciais do primeiro tomo!

Kardec, todavia, sempre advertiu que nada devemos aceitar ou rejeitar senão depois de bem conhecermos e de bem havermos estudado aquilo que estivermos aceitando ou rejeitando.

Outro motivo, em muitos casos, terá sido o desconhecimento do verdadeiro juízo do Codificador a respeito dessa extraordinária obra mediúnica. E qual foi esse juízo?

Publicada em 1866, Roustaing dela ofereceu um exemplar a Allan Kardec que, em junho de 1866, na “Revue Spirite”, disse entre outras coisas:

“Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com o auxílio de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerável e que tem para os espíritas o mérito de não estar em contradição, por qualquer de suas partes, com a doutrina ensinada no Livro dos Espíritos e no dos Médiuns.” (Negritos meus J. O.).

Portanto, é Kardec quem o afirma com a sua autoridade: a obra é meritória e em nada contradiz a doutrina por ele codificada! Pouco adiante, aludindo ao fato de haver a obra tratado de questões que ele não havia ainda julgado oportuno abordar, diz Kardec:

“O autor desta nova obra julgou dever seguir outra orientação: em lugar de proceder gradativamente, quis de um salto atingir o fim. Assim é que tratou de certas questões que ainda não julgáramos oportuno abordar e a respeito das quais, portanto, lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que as comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, a essas teorias, nem aprovação, nem desaprovação, confiando ao tempo o encargo de as sancionar ou contraditar. Convém, pois, considerar tais explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, que, em todo caso, precisam da sanção, da apreciação universal e, até confirmação mais ampla, não devem ser tidas como parte integrante da doutrina espírita.” (Os grifos são nossos).

Eis aí o juízo do Codificador do Espiritismo sobre a obra publicada por Roustaing, juízo que, infelizmente, tem sido muito esquecido! Ainda uma vez, Allan Kardec, chamado por Camille Flammarion “o bom senso encarnado”, dá prova de sua prudência. A Doutrina estava incipiente e tenazmente combatida, especialmente na França, onde o Clero sempre exerceu considerável influência. Necessário era, portanto, agir com cautela, nada afirmando, nada avançando que não pudesse resistir aos ataques bem urdidos que logo surgiriam. Ele próprio o disse, ao explicar porque, em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, circunscreveu-se “às máximas morais que, com raras exceções, são geralmente claras” e não poderiam, por isso, ser interpretadas de maneiras diversas: “Essa a razão que nos levou a começar por aí, a fim de sermos aceito sem contestação, aguardando, relativamente ao “mais, que a opinião geral se encontrasse familiarizada com a idéia espírita”.

Eis por que, sem dúvida, Allan Kardec, precisando agir cuidadosa e gradativamente, pensava não haver ainda chegado o momento de abordar certas questões divulgadas por Roustaing, o qual, segundo ele, “quis de um salto atingir o fim”. Pela forma por que se expressou, Kardec deixa supor que estava reservando “para o fim” o estudo de certos

princípios tratados em “Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação”, entre eles o do corpo fluídico de Jesus. A nota ao item 65 do Capítulo XV de “A Gênese”, seu último livro, reforça essa suposição.

Ora, deve ter sido, precisamente, esse “salto” que levou Bezerra de Menezes, então Presidente da Federação Espírita Brasileira, a escrever, após haver durante 14 anos estudado a obra publicada por Roustaing:

“Roustaing confirma o que ensina Allan Kardec, porém adianta mais que este, pela razão que já foi exposta acima. É, pois, um livro precioso e sagrado o de Roustaing”, e a fazer publicar em “Reformador”, a partir de 15 de janeiro de 1898, a sua primeira tradução para o nosso idioma, de autoria do Marechal Francisco Raimundo Ewerthon Quadros, que foi também o primeiro Presidente da Federação.

Em verdade, qual a responsabilidade de Roustaing em querer de um salto atingir o fim? Nenhuma, pois agiu sempre e em tudo de acordo com as instruções dos Espíritos que ditaram a obra! Pode-se duvidar, do caráter mediúnico dessa obra? Kardec jamais teve dúvidas a respeito, pois, nos trechos retro transcritos, por três vezes ele sanciona esse caráter: a primeira, quando diz que ela foi escrita “com o auxílio de comunicações ditadas pelos Espíritos”; a segunda, quando deixa a responsabilidade das questões abordadas a Roustaing, “assim como aos Espíritos que as comentaram”; a terceira, e de forma irretorquível, quando considera as explicações “como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam”.



Universidade Imperial de Bordéus – FR

E pode-se, de outro modo, duvidar da autenticidade desses Espíritos? Tampouco, tal a sublimidade de sua linguagem, a manifestação inequívoca de seu total conhecimento dos textos evangélicos, dos acontecimentos, dos lugares, dos personagens, de tudo, enfim, relacionado com a passagem do Mestre pelo nosso planeta e, sobretudo, a excelência dos ensinamentos ministrados e o incomensurável conteúdo moral das revelações.

De duas, uma: ou a obra é mediúnica ou não o é! Acreditamos que a segunda hipótese é por todos repelida, pois ninguém, em sã consciência, poderá admitir que um homem da estatura moral de Jean-Baptiste Roustaing se houvesse prestado a farsa tão grosseira ou que a Senhora Collignon fosse capaz, anos a fio, de iludir a boa fé de um

dos mais ilustres advogados da Corte Imperial de Bordeaux, escrevendo diante dele vastíssimo trabalho de sabedoria imensa, muitas vezes superior aos seus conhecimentos e de conceitos morais tão elevados que conflitam com qualquer idéia de fraude! E, certamente, por isso mesmo, Kardec nem de leve admitiu a hipótese, logo sancionando o caráter mediúnico da obra. Assim sendo, poder-se-á admitir que espíritos galhofeiros, a ponto de se fazerem passar pelos quatro Evangelistas, houvessem tido elevação bastante para ditar páginas e páginas das mais belas, das mais puras, de maior conteúdo moral que se possam ler? Não! Evidentemente não! Ora, diziam, por vezes, os Evangelistas, que agiam em nome e de acordo com as ordens de Jesus e, portanto, a ninguém melhor do que a eles poderia, realmente, ser atribuída, como a atribuiu Kardec, a responsabilidade, não só das revelações, como da oportunidade de sua divulgação. Kardec, o grande missionário, o sublime Codificador da Doutrina Espírita, ensinou-nos muitas vezes que os Espíritos se identificam pela linguagem de que fazem uso.

No Capítulo 24 de “O Livro dos Médiuns” estão resumidos em 26 princípios os meios de se conhecer a qualidade dos Espíritos; é suficiente lê-los para que não haja dúvidas sobre a autenticidade das comunicações recebidas por Mme. Collignon, sob o cuidadoso exame e formatação de J.B. Roustaing. “Kardec, o grande missionário, o sublime Codificador da Doutrina Espírita, ensinou-nos diversas vezes que os Espíritos se identificam pela linguagem de que fazem uso”.

Observem a linguagem utilizada pelos autores de artigos e livros anti-rustenistas; comparem-nas com a comumente por eles usada em suas obras!

Observem se levaram em conta o que foi valorizado num dos itens da PAUSA PARA REFLEXÃO, “Cautela a ser usada pelos críticos” p 36, acima. Reflitam também sobre o seguinte fato, que parece, outrossim, revelar claramente os desígnios do Alto. Em 1861, quando ao final do ano, em dezembro, Jean-Baptiste Roustaing foi escolhido, em condições singulares, para desempenhar tão bela quão importante incumbência, Allan Kardec, que já havia publicado em 1857 “O Livro dos Espíritos” e em 1859 “O Que é o Espiritismo”, dava a público, pouco antes, “O Livro dos Médiuns”, que Roustaing tivera tempo de ler. Ora, a obra impropriamente chamada “Os Quatro Evangelhos de Roustaing” não é de Roustaing: é mediúnica! Dizemos “impropriamente” porque do insigne advogado da Corte Imperial de Bordeaux a obra não contém, além do Prefácio, senão perguntas formuladas, de quando em vez, aos Espíritos, com o propósito evidente de ver reforçado este ou aquele conceito ou de tornar, se possível, mais claros certos ensinamentos por eles ministrados, sendo, portanto, também, uma impropriedade falar-se em “doutrina roustainista”, pois Roustaing, de si mesmo, nada ensinou, nem foi autor de qualquer doutrina.

Atentemos para as circunstâncias: tão logo o Codificador, em livro magistral, cumpre a tarefa de revelar ao mundo os segredos da mediunidade, o Alto atribui igualmente a Roustaing o encargo de utilizar a mediunidade da Senhora Collignon para coordenar e divulgar as explicações dos textos evangélicos, ditadas pelos próprios autores. Quanta harmonia nas missões confiadas a um e outro! Enquanto o primeiro, em Paris, a Cidade-Luz, entregava-se, com extremada prudência e admirável lucidez, sob a inspiração de Jesus, o Espírito Verdade, ao trabalho sublime de codificar uma síntese da Doutrina Espírita, o segundo, em Bordeaux, nessa mesma França de tantas tradições espirituais, entregava-se à não menos sublime tarefa de administrar e difundir a recepção por via mediúnica a interpretação integral de Os Quatro Evangelhos de Jesus, sobre os quais a Doutrina se baseia!

---oo0oo---

MAIOR CEGO É O QUE NÃO QUER VER
A bom entendedor, poucas palavras bastam.



Ninguém mais categorizado do que Jesus para definir a natureza de seu corpo. Ao afirmar “Em verdade, em verdade vos digo, **dos nascidos de mulher ninguém é maior que João Batista, mas o menor no reino do céu é maior do que ele**”. Mateus, Cap. 11:11, Jesus claramente excluiu-se como ser humano comum. Apreciemos a delicadeza com a qual Ramiro Gama corrobora o que, de forma clara e objetiva, mas um tanto rude, tentamos evidenciar sobre a natureza fluídica do corpo de Jesus.

Blog do Aron, um espírita – quarta-feira, 11 de março de 2015.

Ainda o Corpo de Jesus – Ramiro Gama – Reformador (FEB) Nov.- 1971.

Não faz muito tempo publicamos, aqui, um artigo sobre o corpo de Jesus.

Manifestamos nossa opinião humilde, sincera e sensata.

Não procuramos mostrar erudição com relação ao magno assunto, mas, sem espírito de sistema, no dizer do querido Médico dos Pobres, focamo-lo olhando Jesus como sempre o olhamos, isto é, emocionadamente, sentindo lhe o corpo e o Espírito diferentemente de todos nós, criaturas ainda carregadas de dívidas e de vícios. Como o Padre Marchal, temos diante de nós, em nossa secretária,

uma imagem de Jesus que, pobremente, o deve retratar; mas, mesmo assim, diante dela sentimo-nos num estado de sursum corda, principalmente quando o buscamos para uma prestação de contas e para lhe pedir o socorro da sua misericórdia para nossas imensas faltas. Sentimos, então, que o Amigo Celeste nos comove, ouvindo-nos.

E jamais pensamos que tivesse ele um corpo igual ao nosso, isto antes mesmo de nos tornarmos espírita e de havermos lido as argumentações felizes e bem rebuscadas dos livros de Manuel Quintão, Guillon Ribeiro, Antônio Lima, Ismael Gomes Braga e de Leopoldo Cirne.

Depois que nos tornamos espírita, apenas bastou, para consolidar nossa opinião, o dizer do Divino Amigo sobre João Batista: Dos nascidos de mulher, João é o maior.

Não precisamos de nenhuma outra documentação.

As poucas palavras que Jesus pronunciou e constantes de seu Evangelho de Amor e Luz nos bastaram e nos penetraram o Espírito, fazendo-nos vê-lo como sempre o vimos: com um corpo fluídico e o Espírito tão puro, tão grande, tão lindo, tão diferente de todos nós, que nossa canhestra pena se sente incapaz de lhe traduzir a grandeza imácua, a personalidade indescritível!

Depois da publicação daquele nosso artigo, recebemos muitas cartas de vários confrades, uns aplaudindo-nos e outros, em pequena minoria, criticando-nos e demonstrando-nos até o calor de quem está contrariado com a nossa maneira de ver, sentir e traduzir o assunto.

Alguns irmãos chegam até a dizer-nos que esta matéria é perigosa e que sua apreciação, mesmo em clima de elevação e sem apaixonamento, desune os espíritos, fazendo-os desfraternizados ou inimizados ...

E ficamos, deveras, num misto de surpresa e de tristeza, para agora lhes perguntar, humilde e sinceramente: em que mundo e época estamos que divergir quer dizer desunir? Opinar sobre a Doutrina, contrariando pontos de vistas de terceiros, seja crime de lesa-união?! ... A própria Natureza, diz um evangelizado escritor, nos dá, diariamente, uma lição da diversidade na unidade. Dessemelhança de cores e aspectos no mundo vegetal, principalmente, jamais concorreu para desarmonizá-lo; antes, como nos demonstra, é uma vitória da unidade na diversidade, e com a mesma destinação de servir, isto é, de amar e nem sempre ser amado...

O Espiritismo codificado por Allan Kardec e valorizado em sua conceituação por outros enviados de Deus, à frente J.-B. Roustaing, para que, de vez, penetre e trabalhe o Espírito dos que o buscam, precisa ser estudado e praticado, sem espírito de sistema.

Quem assim o fizer, olhando o Mestre como o Modelo das Virtudes e o Grande Vitorioso do amor que sabe, alcançará o espírito da letra das verdades cristãs e também sentir-se-á inundado daquela luz que penetrou Saulo, tirando-lhe as escamas do orgulho para que ele visse e sentisse Jesus, e o seu objetivo, descendo das Alturas para as trevas da

Terra, sofrendo e amando para nos trazer a salvação. Por isso mesmo, em nossas palestras e em nossos pequenos livros, sempre e sempre, nos damos pressa de ressaltar-lhe os ensinamentos, as parábolas, as lições do seu Grande Livro, o Evangelho, concluindo que: não é verdadeiramente espírita quem não procurar domar suas paixões e lutar por ser melhor hoje mais do que ontem e, amanhã, mais do que hoje. Porque, a nosso ver e com a nossa experiência de 40 anos de Espiritismo, cultuando, no lar, o Livro da nossa redenção, compreendemos que, ele, o Espiritismo, não é apenas uma Religião, mas a própria RELIGIÃO, visto que é o único que, através de sua exegese, religa a criatura ao seu Criador e consegue, espontaneamente, ou pelo benefício da dor, tornar-nos menos orgulhosos e mais moralizados, mais caridosos, verdadeiros filhos de Deus!

---oo0oo---

Perguntas aos Espíritas - Autor anônimo - 1

PERG. 1 – *Porque Deus consentiu que no seio do movimento espírita sejam divulgadas obras de conteúdo duvidoso como as de Ramatis, que no meio de grandes verdades trouxe teorias absurdas como a do Juízo Final, o Planeta chupão, a vida no planeta Marte, com o evidente propósito de achincalhar a verdade e, desafiando o senso crítico e o grau de conhecimento doutrinário do adepto da doutrina espírita, semear a confusão e a dúvida e a divisão?*

Resp 1 – Da mesma forma pela qual desde os primeiros anos escolares os alunos aprendem a discernir entre o certo e o errado, entre o falso e o verdadeiro, também nos Centros, Sites e Blogs espíritas na Internet podemos aprender a discernir com segurança uma obra esotérica ou ocultista, umbandista, budista, maometista, etc., da verdadeiramente espírita, aquela que segue fielmente as recomendações de Kardec, como tentamos valorizar nesta obra. Chamamos a atenção sobre obras anti espíritas que visam claramente aterrorizar e assim desestimular o uso da mediunidade pelos médiuns espíritas, como “o Abismo”, de André Luiz?, Os Dragões, Legião, e as obras de Wanderley de Oliveira atribuída ao suposto espírito Ermance Dufaux. (Ver a análise feita pela Federação Espírita do Mato Grosso –FEEMT).

www.espiritnet.com.br/Colunistas/seara.htm - Seara Bendita Artigo de Wilson Garcia – Abril de 2005

Além do autor citado centenas de obras pseudo-espíritas e/ou pseudo-mediúnicas têm surgido, denunciadas por jornalistas como José Passini.- passinijose@yahoo.com.br em “Crítica Literária Espírita”, Jorge Hessen, em O Rebate.

DILÚVIO DE LIVROS “ESPÍRITAS” DELIRANTES – Trecho inicial)-03-13 – Jorge Hessen

Como (re) agir diante dos livros antidoutrinários, supostamente “mediúnicos”, que invadem as instituições espíritas, colonizando turmas de ingênuos adeptos? Há pseudomédiuns, sem qualquer compromisso com o Espiritismo, que agem quais livres atiradores, e paradoxalmente “suas obras são vendidas nos Centros Espíritas, porque vendem muito, mas o tempo que se consome lendo seus livros é um desvio do tempo de aprendizagem da Doutrina Espírita.” Jorge Hessen.

Referências: (1) Divaldo P. Franco, Ve://orebate-jorgehessen.blogspot.com.br/2013/02/opiniao-do-divaldo-franco-sobre.html, acessado em 24/02/2013 (2) Raul Teixeira <http://tanialeimig-espiritismo.blogspot.com.br>
<http://www.apocalipsenews.com/>.

PERG.2 – *Porque Deus não permitiu que Allan Kardec vivesse mais alguns anos de modo a tomar conhecimento dos fatos espíritas evidenciados a William Crookes em que Kate King ficou três anos, (o mesmo tempo que o Cristo passou entre nós, no final de sua missão sublime) permitindo-lhe corrigir o que (por falta de dados cientificamente comprovados) escreveu no livro A Gênese sobre o corpo fluidico de Jesus, e conseqüentemente sobre a virgindade de Maria, evitando a divisão entre religiosos e cientificistas que serve de atraso no seio do Movimento Espírita?*

Resp.2-a) – Deus avisou-o, primeiramente, em 1861 através da mensagem nº. XVII, de São Luiz no capítulo Dissertações Espíritas no final do Livro dos Médiuns:

“Meus amigos, deixai que vos dê um conselho, visto que palmilhais um terreno novo e que, **se seguirdes a rota que vos indicamos não vos transviareis.** Tenho-vos dito uma coisa muito verdadeira, que desejamos relembrar: que o Espiritismo é simplesmente uma moral e que não deverá sair, nem muito, nem pouco, dos limites da filosofia, se não quiser cair no domínio da curiosidade. **Deixai de lado as questões de ciência: a missão dos Espíritos não é resolvê-las, poupando-vos ao trabalho das pesquisas; mas, procurai tornar-vos melhores, porquanto é assim que realmente progredireis.**” São Luiz. (Grifado por mim)

Resp. 2) – Após compor e editar as três obras básicas, O Livro dos Espíritos, o Livro dos Médiuns e O Evangelho segundo o Espiritismo, Kardec havia, praticamente, cumprido a missão de fixar os fundamentos filosóficos, científicos e morais da doutrina dos Espíritos. As excelentes e importantíssimas obras O que é o Espiritismo, A Gênese, O Céu e o Inferno e as revistas espíritas – como diversas vezes frisou – são em sua maior parte, comentários de sua autoria.

Resp. 2-b) – A leitura e meditação dos artigos sobre a Utilidade das Divergências Humanas, transcritos abaixo, permitem-nos compreender os meios utilizados por Deus para preparar a Humanidade para o estágio que ora vivemos de transição de planeta de Expiação e Provas para Mundo de Regeneração!

Perg. 3) – *Porque os espíritas percebendo esse erro não o corrigem mudando o modo de interpretar citado?*

Resp. 3) – Imediatamente após o desencarne de Kardec, Pierre Gaetan-Leymarie, seu sucessor na SPEE, e entidades diretoras do Movimento Espírita Internacional reunidos no Congresso de Barcelona de 1888, como se pode ver na página 90 abaixo, a que o mesmo compareceu, e, mais tarde, em nosso país os Espíritos de Allan Kardec, Bezerra de Menezes, Emmanuel, André Luiz e muitos outros, como se pode amplamente ver na primeira e segunda parte desta obra, empenharam-se na tarefa de esclarecer cabalmente o assunto.

Chamamos a atenção sobre a duração das materializações obtidas sob o controle de William Crookes e sua equipe, constituída de consagrados sábios, por ele escolhidos. É possível acreditar que apenas por coincidência tenham as materializações de Katie King, pela mediunidade de Florence Cook, durado três anos?

Ao contrário, a duração foi intencionalmente planejada para provar (inclusive pelo pormenor de sua duração) a naturalidade da materialização de Jesus! Se um Espírito desencarnado que revelou depois, que apenas para redimir-se submeteu-se às materializações pôde se materializar, **por que não pôde Jesus também fazê-lo?**

Resposta: Para demonstrar cientificamente, para os que só acreditam vendo, não somente para “os que têm olhos de ver”, que o que ocorreu com Jesus, durante os três anos finais de sua gloriosa missão nada teve de fantástico, sobrenatural.

(1) – Por mim encontrado na Internet

---oo0oo---

1 – UTILIDADE PROVIDENCIAL DAS DIVERGÊNCIAS HUMANAS *1

Ao considerarmos a confusa, tortuosa série de desencontros e contradições que povoaram a história do Espiritismo, que uns anos mais de vida de Kardec ou uma oportuna intervenção do Espírito Verdade ou o de São Luiz, tão solícitos anteriormente, poderia ter talvez impedido, como foi sugerido no artigo acima, fomos induzidos a levar em conta o comentário de Os Quatro Evangelhos, constante nas páginas 206/7 do II tomo de Os Quatro Evangelhos:

Jesus veio trazer fogo à terra. — Não veio trazer a paz e sim o gládio, a divisão, a fim de que chegue a ser conhecido e até que o seja.

MATEUS. Cap. X, v. 32-36. — LUCAS, cap. XII, v. 8-9 e 49-53 MATEUS: V. 32. Aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus. — 33. Aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus. — 34. Não pensem que vim trazer paz à terra; não vim trazer a paz e sim o gládio; — 35, porquanto vim separar de seu pai o filho, de sua mãe a filha e de sua sogra a nora; — 36, e o homem terá por inimigo os de sua própria família.

LUCAS: V. 8. Ora, eu vos digo que aquele que der testemunho de mim diante dos homens, dele o filho do homem dará testemunho diante dos anjos de Deus. — 9. Mas aquele que me negar diante dos homens será também negado diante dos anjos de Deus. — 49. Vim trazer o fogo à terra; e que é o que quero senão que ele se acenda? — 50. Tenho que receber um batismo e quão ansioso estou para que ele se cumpra. — 51. Pensais que vim trazer a paz à terra? Não, eu vo-lo digo, vim trazer a separação; — 52, porquanto, doravante, se numa casa se encontrarem cinco pessoas, estarão todas divididas, três contra duas e duas contra três; — 53, estarão divididos o pai contra o filho e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, a filha contra a mãe; a sogra contra a nora e a nora contra a sogra. OS QUATRO EVANGELHOS (II) 206

N. 142. Não deveis ter dificuldade em compreender estas palavras de Jesus, claras por si mesmas e confirmadas pelos fatos. (V. 32 e 33 de Mateus e v. 8 e 9 de Lucas): Aquele que, simples de coração e humilde de espírito, caminha pela senda da verdade, das boas obras, do amor e da fraternidade, lei divina outorgada aos homens por Jesus, dá testemunho dele e se acha, por conseguinte, na única senda que leva à salvação. Jesus, o divino modelo que devemos imitar, conduz a porto de salvamento aquele que assim escolheu a boa estrada.

Aquele que, ao contrário, se embrenha pelos caminhos tortuosos, isto é, pelos caminhos do orgulho, do egoísmo, da hipocrisia, dos vícios e das paixões que degradam a humanidade, esse se afasta do alvo, renega o bom pastor, repudiando-lhe a doutrina, a lei. Ora, o bom pastor não o pode receber na classe dos bons Espíritos, nem recomendá-lo ao rei dos reis. Esse estará, portanto, renegado, até que dê testemunho do Cristo, tomando a sua senda, pela prática da sublime moral que ele personifica.

(V. 49 e 50 de Lucas): Jesus vinha trazer fogo à terra dando, pelo desempenho da sua missão terrena, lições e exemplos de fé, de esperança, de desinteresse, de abnegação, de devotamento, de caridade e de amor, de todas as virtudes, em suma, aos homens atrasados daquela época, enleados na teia dos abusos, dos preconceitos e das tradições que a sua doutrina saparia e que eram sustentados pelos escribas, pelos fariseus; pelos sacerdotes orgulhosos e cúpidos. Queria ele que esse fogo se acendesse, isto é, que os homens se grupassem em seu derredor para porem em prática aquelas lições, aqueles exemplos e espalhá-los pela multidão. Manifestava ardente desejo de receber o batismo que lhe estava reservado, isto é, de sancionar a sua missão pelo sacrifício do Gólgota, que a faria dar todos os seus frutos e prepararia o futuro advento da nova revelação.

(V. 51, 52 e 53 de Lucas): Trazendo aos Espíritos atrasados o progresso, Jesus ia provocar a luta entre os que desejariam enveredar pelo novo caminho e os preguiçosos ou obstinados que queriam permanecer estacionários. OS QUATRO EVANGELHOS (II) 207 Ele via a divisão que a marcha e a realização do progresso determinariam entre os homens e

mesmo no seio das famílias. Assim foi e assim será ainda. Preparai-vos, portanto, pois que se, ao tempo da colheita, estivésseis todos maduros, inútil seria proceder-se a uma escolha entre vós e trazer-vos os raios da luz vivificante que acabará de dourar a messe que os Espíritos do Senhor vêm fazer.

(V. 34 e 35 de Mateus): Jesus antevia os acontecimentos, os ódios e as inimizades que nasceriam até entre os mais próximos parentes, sob o mesmo teto. Antevia o sangue que seria derramado em seu nome! Antevia sua doutrina, sua lei, mal compreendidas e irreconhecíveis; substituídos por uma fé cega e falsa, o amor, a caridade e a fraternidade, que ele declarou. Serem para e entre todos os homens, toda a lei e os profetas. Antevia os massacres levados a efeito em seu nome, as lutas sangrentas e fratricidas que em seu nome se travariam entre os homens, apesar de lhes ele haver dito: “Vós todos sois irmãos”. Antevia as torturas praticadas, as fogueiras acesas, em seu nome! Pela intolerância, pelo fanatismo, pela superstição e pela ambição dominadora.

Sim, Jesus via já então as ondas de sangue que jorrariam desde o sacrifício do primeiro mártir, até o dia vindouro da paz universal. Desgraças foram sem dúvida, pois provam a que ponto os Espíritos na terra estavam e estão ainda atrasados. Mas, foram desgraças necessárias, por isso que o sangue dá lugar à regeneração. Dissemos — “dia vindouro da paz universal”. O estado atual das coisas não vos dá a compreender que a paz universal, cujo reinado se há de implantar na terra, ainda está longe de espalhar seus benefícios civilizadores? Com o abrir, para vós, a nova revelação esta era nova, os Espíritos do Senhor vêm, tal qual Jesus com o desempenho da sua missão terrena, atear novamente fogo à terra; trazer, não a paz, mas a divisão. OS QUATRO EVANGELHOS (II) 208

O Espiritismo é ainda, com efeito, Jesus presente entre vós; é ainda essa influência que impele o homem para o progresso e lhe abre a estrada por onde chegará mais depressa. Quando mesmo, por último, vier o Mestre completar, pela separação do joio e do bom grão, a obra que adiantamos, haverá divisão entre vós, porquanto, qualquer que seja o vosso progresso, haverá ainda Espíritos atrasados. A divisão entre os homens será sempre a propulsora do progresso até ao dia em que acabada aquela separação, completada assim a obra de Jesus, todos os Espíritos rebeldes, voluntariamente cegos, tenham sido relegados para mundos onde possam melhorar.

Só então a missão do Cristo se tornará em missão de paz. Depois de ter sido até aí rei da justiça, ele será “rei de Paz” Apressai, pois, espíritas, por todos os vossos esforços, o advento dessa nova era, aplainando as dificuldades que se apresentam de todos os lados. Trabalhai com ardor por arrancar os parasitas que sufocam a vinha do Senhor. Esclarecei as inteligências obscuras, sustentai os fracos, ajudai vossos irmãos a chegar ao ponto em que vos achais, a fim de que, vendo todos a luz, ela a todos igualmente ilumine.

Vejamos como Emmanuel interpreta estas gravíssimas advertências de Jesus:

2 – A ESPADA SIMBÓLICA – Emmanuel – Caminho, Verdade e Vida.

Não cuideis que vim trazer a paz a Terra; não vim trazer a paz, mas a espada. Jesus – M. 10,34

Inúmeros leitores do Evangelho perturbam-se ante essas afirmativas do Mestre Divino, porquanto o conceito de paz, entre os homens, desde muitos séculos foi visceralmente viciado. Na expressão comum, ter paz significa haver atingido garantias exteriores, dentro das quais possa o corpo vegetar sem cuidados, rodeando-se o homem de servidores, apodrecendo na ociosidade e ausentando-se dos movimentos da vida. Jesus não poderia endossar tranqüilidade desse jaez, e, em contraposição ao falso princípio estabelecido no mundo, trouxe consigo a luta regeneradora, a espada simbólica do conhecimento interior pela revelação divina, a fim de que o homem inicie a batalha do aperfeiçoamento em si mesmo.

O Mestre veio instalar o combate da redenção sobre a Terra. Desde o seu ensinamento primeiro, foi formada a frente da batalha sem sangue, destinada à iluminação do caminho humano. E Ele mesmo foi o primeiro a inaugurar o testemunho pelos sacrifícios supremos. Há quase vinte séculos vive a Terra sob esses impulsos renovadores, e aí daqueles que dormem, estranhos ao processo santificante! Buscar a mentirosa paz da ociosidade é desviar-se da luz, fugindo à vida e precipitando a morte. No entanto, Jesus é também chamado o Príncipe da Paz. Sim, na verdade o Cristo trouxe ao mundo a espada renovadora da guerra contra o mal, constituindo em si mesmo a divina fonte de repouso aos corações que se unem ao seu amor; esses, nas mais perigosas situações da Terra, encontram, n’Ele, a serenidade inalterável. É que Jesus começou o combate de salvação para a Humanidade, representando, ao mesmo tempo, o sustentáculo da paz sublime para todos os homens bons e sinceros.

3 – ONISCÊNCIA E ONIPOTÊNCIA – PEDRO DE CAMARGO VINÍCIUS

Blog do Aron, um espírita – Quarta-feira, 4/7/2012 - ‘Reformador’ (FEB) Abril 1950.

O bem e o mal contribuem para a evolução do homem. Os Espíritos bons tanto quanto os maus agem concomitantemente no sentido de a soberana vontade de Deus ser cumprida e executada.

As trevas atuam prestigiando a luz. As forças do Hades jamais prevalecerão contra as potências do bem, antes contribuirão para a completa vitória destas, em tempo oportuno.

Os tentadores, aos quais denominamos diabo, satanás, belzebu, demônio, etc., cooperam com o seu contingente, aliás, valioso para a obra de redenção. Ninguém pode travar ou mesmo embaraçar a marcha evolutiva que rege os mundos e os seres. Todas as tentativas, esforços e realizações, seja no sentido do bem, seja na esfera do mal, colaboram para a consecução do plano e do programa traçados pela mão da Onipotência, de vez que essa mão é dirigida pela onisciência. Se

assim não fora, deixaria de haver ordem, ritmo e equilíbrio nas forças cósmicas, arrastando o Universo ao caos, o que de modo nenhum se verifica, antes, o contrário é o que se acha patente àqueles que tiverem olhos de ver.

A tentação a que estamos sujeitos é um mal do qual resulta um grande bem. Por isso, o Mestre ensina que peçamos a Deus que nos “livre do mal”, e não “da tentação”. Esse mal não está propriamente na tentação nem nos tentadores, mas em nos deixarmos vencer, sucumbindo aos ardis da sedução. Nada obstante, cada vez que nos erguemos das quedas, trazemos conosco mais possibilidades de vencer futuramente. Da queda vem a experiência e da experiência o conhecimento. Satanás nos abate para, em seguida, nós nos exaltarmos à custa das derrotas por que passamos. Ele nos presta inestimável serviço pondo em relevo nossas imperfeições e fraquezas, ensinando-nos praticamente o segredo da célebre sentença socrática: Conhece-te a ti mesmo.

Aqueles, pois, que consideramos como inimigos nos auxiliam mais que os nossos amigos no setor tão importante do autoconhecimento.

Cumpra ainda considerar que o fito do demônio não é perder-nos nem atirar-nos às masmorras do inferno consoante o caduco dogma do Romanismo. Os Espíritos atrasados, ignorantes ou viciosos, querem atrair comparsas. Aproximam-se daqueles que correspondem aos seus objetivos e com eles se sintonizam. É pela lei de afinidade que estabelecem sua conjugação com os encarnados. Tratando-se de viciados instigam os vícios de sua predileção a fim de prelibarem reflexamente as sensações que dos mesmos resultam; se alcoólatras durante a existência terrena, acirram a sede de beber; se concupiscentes, a concupiscência; se comilão, a glotonaria, e assim por diante.

Quando escravizados pelas paixões do orgulho, do ódio e da ambição, agem da mesma forma com relação àqueles que os atraem porque vítimas das mesmas servidões. Por vezes, atuam impelidos pelo desejo de vingança contra os que os prejudicaram ou ofenderam em épocas passadas. Comumente, porém, procedem como vândalos ou vagabundos nos quais ainda não despertou o senso de responsabilidade. Em suma, os Espíritos procedem como os encarnados, por isso que a sociedade destes é o reflexo da sociedade daqueles. De lá, eles vêm para cá, e de cá retornam para lá através das metamorfoses que se sucedem com o nascimento e a morte.

Concluindo: os destinos traçados pela onipotência e onisciência divinas a serviço do infinito Amor, cumprem-se em toda a linha. Nenhum til da Lei deixa de executar-se; sejamos, portanto, otimistas. Louvemos e admiremos a Deus nas alturas e auxiliemo-nos mutuamente no capítulo da nossa redenção, evoluindo, do reino animal – que é o da morte – para o reino do Espírito, que é o da vida eterna, encarnado pelo Profeta de Nazaré.

4 - A Paz - por Angel Aquarod - Reformador (FEB) - 1925

O de paz é o estado por que mais anseiam os homens que, cansados das lutas da vida, andam sempre em busca de repouso para suas almas. Pela paz, que eles sabem os espera nos cumes da espiritualidade, aspiram todos os Espíritos a cuja frente brilha o foco de luz que lhe ilumina o caminho a percorrer, demandando o ideal da perfeição.

É altamente cristão o ideal de paz. De modo muito especial o Cristo o infundiu na alma de seus discípulos: “A paz seja entre vós”, dizia-lhes. “A paz vos dou”, Quando entrardes nalguma casa, dizei: “A paz seja nesta casa”. “Bem-Aventurados os pacíficos”. Bem-aventurados os mansos”. Ao que exige que caminhes mil passos carregando-o, caminha dois mil; dá ao que te peça e ao que te pedir emprestado não voltes as costas, etc., etc.”.....

São postulados de paz todos esses e outros muitos, que se encontram no Evangelho, sancionando a doutrina toda pacifista do Redentor, d'Aquele que disse a Pedro: “Embainha a tua espada, pois quem com o ferro fere com o ferro será ferido”. Talvez, porém, me objetem que também disse o doce Nazareno: “Pensais que vim trazer à terra a paz? Não vim trazer a paz mas a guerra”.

(1) Vide no item 31, página 418 de Leitura adicional do Apêndice, a conclusão deste delicado tema desta página.

---oo0oo---

O CENTENÁRIO QUE SE APROXIMA

Blog do Aron, um espírita – sexta-feira, 17 de maio de 2013.

Indalício Mendes in ‘Reformador’ (FEB) Março 1964

A questão do corpo fluídico de Jesus é, sem dúvida alguma, importante, pois esclarece, explica e desfaz mistérios que, sem ela, permaneceriam a desafiar a razão e a lógica dos fatos e dificultariam a conquista da verdadeira interpretação no que diz respeito a determinados acontecimentos com o Cristo de Deus.

Entretanto, não tem ela sido tão divulgada quanto deveria sê-lo, pela falta de compreensão de uns, ainda não amadurecidos para assimilar as verdades constantes de “Os Quatro Evangelhos” de J.-B. Roustaing, e de outros que, apegados a preconceitos estranhos, deixam empolgar-se por uma espécie de dogmatismo, prejudicial ao bom entendimento de assuntos tão valiosos.

Constituem “Os Quatro Evangelhos” parte imprescindível à melhor compreensão de várias ocorrências evangélicas, banindo a idéia absurda do milagre e destruindo de vez a presunção de sobre naturalidade concedida a fatos realmente espíritas, de que estão cheios os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, assim como toda a Bíblia.

Muita coisa relacionada com a passagem de Jesus pelo nosso planeta somente pode ser verdadeiramente compreendida com o estudo dessa obra monumental. É preciso, pois, que todos aqueles que já a conhecem e a assimilaram bem, continuem a difundi-la e a levar seus altos ensinamentos a confrades que não a puderam compreender satisfatoriamente. Trata-se de valiosíssima contribuição que os Espíritos conferiram à Humanidade, através da mediunidade magnífica de Mme. Collignon e da dedicação invulgar de Roustaing, homem de cultura sólida e probidade inatacável, para um entendimento maior e mais profundo dos Evangelhos, em espírito e verdade.

Allan Kardec, que recebera a obra com discrição, opondo-lhe certas restrições, reconheceu, com sinceridade, que as suas observações restritivas “em nada diminuem a importância da obra que, de par com algumas coisas duvidosas, segundo o nosso (dele) ponto de vista, outras contêm incontestavelmente boas e verdadeiras e será consultada com proveito pelos espíritas conscienciosos.”

Acreditamos que Allan Kardec, preocupado com a unidade da sua própria obra, temia endossar de pronto os temas mais delicados de “Os Quatro Evangelhos”, daí o seu cuidado de considerar, como “algumas coisas duvidosas”, afirmativas que de fato tinham caráter francamente revolucionário, por desbastar ideias feitas já concretizadas no espírito do homem.

Mas o Codificador houve por bem declarar: “Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com o auxílio de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerável e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar em contradição, por qualquer de seus pontos, com a doutrina ensinada em “O Livro dos Espíritos” e no dos “Médiuns.” As partes correspondentes às de que tratamos no O Evangelho segundo o Espiritismo o são num sentido análogo”.

Estas palavras são, repetimos, de Allan Kardec. O seu critério de “concordância universal” para comunicações mediúnicas de importância não deixa de ser louvável. Todavia, basta considerar-se a natureza moral e mesmo espiritual de “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing, para se admitir a sua aceitação sem o rigorismo exigido, argumento aquele de que também se poderiam valer os nossos irmãos anglo-saxônicos, quanto à reencarnação. A só natureza da obra revela a origem elevada daqueles que a ditaram a Mme. Collignon.

Nós sentimos, a cada página, a grandeza do trabalho em questão e por isto, embora respeitando mais do que nunca a opinião de Kardec, consideramos que ele, por cauteloso, naquela época, não desejou avançar mais do que lhe permitiam as circunstâncias. Mas reconheceu o valor da obra, a ponto de frisar: “Se a substância de um livro constitui o principal, a forma não é de desprezar-se e também concorre para o seu êxito”.

Sua objeção à extensão da obra rusteniana não a invalida, evidentemente. O seu apoio está implícito e explícito, inclusive nesta frase: “... se, limitando-se ao estritamente necessário, houvera reduzido a obra a dois ou mesmo a um só volume, ela ganhara em popularidade.” Quis com isto dizer que achava a obra digna de popularizar-se, bastando para isto reduzi-la para dois ou um só volume.

Todavia, nenhuma inconveniência há na repetição de argumentos que conduzem à consolidação do entendimento da sua substância. Uma síntese pode ser bastante para pessoas de maior capacidade assimilativa, não para a maioria, que lê mais do que estuda, este o critério adotado pelos Evangelistas que se valeram da mediunidade de Mme. Collignon.

Em Dezembro de 1861, a médium citada recebera uma mensagem para Roustaing, prevenindo-o: “Quando todos os materiais estiverem reunidos e for chegado o momento de se tornar conhecida, de publicar-se esta obra destinada a congregar todos os dissidentes de boa fé, ligando-os por um pensamento comum sereis prevenido. – Dezembro de 1861. – Mateus, Marcos, Lucas, João, assistidos pelos apóstolos.”

As revelações recebidas foram postas em ordem “a partir do mês de Dezembro de 1861 até ao de Maio de 1865”. Em 1866, saiu a público a obra, em três volumes. “Impressa em Bordéus pela “Imprimerie Lavertujon, 7, rue V Treilles”, e lançada pela Librairie Centrale, 24, Boulevard V Italiens”, de Paris.

Foi em Junho de 1866, págs. 190-2 da “Revue Spirite”, que Allan Kardec fez a apreciação da mesma.

Aproxima-se, portanto, o centenário dessa obra portentosa e útil.* É preciso que, desde agora, procuremos todos reunir elementos para comemorar o importante acontecimento sem esquecer, além do nome respeitável de J. B. Roustaing, a médium dedicada que com ele colaborou.

Com essa obra, a lógica substitui na interpretação dos Evangelhos, as fantasias e suposições, os milagres e os mistérios desamparados de qualquer base sólida. Graças a “Os Quatro Evangelhos”, foi possível aos espíritas e aos estudiosos não espíritas, mas imparciais e compreensivos, retirar o véu da letra e iluminar-se com o espírito que vivifica.

Para uma compreensão perfeita dos Evangelhos, preciso se torna estudar “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing. Tão natural e lógica é a idéia de Jesus ter vindo à Terra, não com um corpo carnal semelhante ao nosso, mas com um corpo espiritual, fluídico, que é de se espantar ainda haja quem se mostre irredutível ao tema tão clara e convincentemente estudado em “A Revelação da Revelação”. Se de acordo com os ensinamentos dos Espíritos, divulgados por Allan Kardec, o Espiritismo é progressivo, devemos manter flexível, maleável a nossa mentalidade; para que possamos evitar venha a nossa crença petrificar-se, mercê de uma ortodoxia incompatível com os tempos modernos, ortodoxia que fossilizou as velhas religiões que o antecederam.

“O Espiritismo só do livre exame pode tirar uma força real; ele é o inimigo natural das ideias preconcebidas, da prepotência, dos sistemas preestabelecidos e da infalibilidade” – disse Roustaing. E é verdade. Se não for assim o Espiritismo acabará sendo afetado pela atitude dogmática dos adeptos menos tolerantes. Sendo, como é, progressivo, o Espiritismo tem de ser liberal, fiel ao seu caráter eminentemente evolucionista. “O Espiritismo que pretenda nivelar todas as inteligências e ligá-las ao mesmo dogma é um espiritismo de fantasia” – tornou Roustaing. E é verdade.

Quanta coisa bela, revolucionária e instrutiva nos tem dado o Espírito André Luiz, através de sua série maravilhosa! Tudo quanto se encontra de novidade (podemos empregar esta palavra em “Nosso Lar”, “Libertação”, “Missionários da Luz”, etc., revelado de forma inteligentemente sutil, foi aceito sem esforço nem protesto por quase todos os Espíritas. No entanto, nesses livros há coisas que não se encontravam nas obras de Kardec e talvez fossem hostilizadas se apresentadas de outra maneira. É que os Espíritos compreendem que o homem é muito apegado à rotina, a “ideias-clichês”, ideias feitas, revelando uma propensão natural para dogmatizar. E mais coisas extraordinárias estarão por vir, mas cada uma delas virá a seu tempo e de maneira a poder ser aceita e assimilada naturalmente por todos.

Devemos estudar “Os Quatro Evangelhos”, esmiuçando com interesse crescente as suas páginas iluminadas de ensinamentos, que nos capacitam a colocar Jesus na sua verdadeira posição em face da vida. Governador deste planeta, ele poderia e pode tomar uma “carne verdadeira mas relativa”, tanto mais que, conforme as palavras do apóstolo Paulo, na 1ª Epístola aos Coríntios, “nem toda carne é a mesma carne”. Um Espírito da envergadura de Jesus não precisa submeter-se ao “processus” bio-fisiológico a que estão sujeitas as criaturas comuns, para se manifestar de forma visível e tangível, como já o fez. A sua enorme autoridade espiritual, o seu altíssimo gabarito moral lhe confere o poder de se materializar como queira e por quanto tempo o deseje.

O corpo fluídico do Mestre é, portanto, uma idéia perfeitamente racional e por isto mesmo lógica. O argumento de que, assim, todo o sofrimento experimentado por Jesus em sua peregrinação pela Terra não teria passado de burla, é absolutamente blasfema. Extraordinariamente maior do que a sensibilidade da criatura humana mais evoluída, era a sensibilidade de Jesus. Portanto, o seu sofrimento moral foi muito mais profundo e doloroso do que o sofrimento físico, que se restringe à carne. Mas era preciso, dado o grau de inteligência e de compreensão dos homens da época, que eles tivessem uma imagem física, embora menor, do quanto sofria moralmente Jesus com a maldade, a vilania e a torpeza humanas. E quem poderá afirmar não ter ele sofrido fisicamente, mesmo naquele corpo fluídico, ainda grosseiro para a excelssitude do seu Espírito?

O leitor, se ainda não o fez, deve ler “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing, ou iniciar-se no assunto através dos preciosos livros: “Elucidações Evangélicas”, de Antônio Luís Saião; “Jesus – Nem Deus nem Homem!”, de Guillon Ribeiro; “O Cristo de Deus”, de Manuel Quintão; “A personalidade de Jesus”, de Leopoldo Círne; “Elos doutrinários”, de Ismael G. Braga. Passará a ter, daí em diante, uma visão mais ampla e mais profunda da vida e da correlação permanente entre o mundo visível e o mundo invisível. – Blog do Aron, um espírita – sexta-feira, 17 de maio de 2013.

* * *

Se analisarmos o papel desempenhado por Roustaing no controle da recepção dos textos, constataremos que sua atuação foi correta e exemplar, pois nada mais lhe cabia fazer do que questionar ou pedir explicações sobre o texto recebido, tarefa a que estava acostumado como causídico, e que executou centenas de vezes durante a recepção da obra, **sendo os Espíritos dos evangelistas, autores da obra, os responsáveis e não Roustaing ou a médium, pelo estilo, a extensão e o conteúdo...**

Quanto ao subtítulo “Os Quatro Evangelhos. Revelação da Revelação”, alvo de irrazoáveis quão injustas críticas, Roustaing utilizou-o incentivado pelos autores da obra, na mensagem inserida na página 65 do Prefácio: – “Com esse objetivo nós, oh! Bem-amados, vimos incitar-vos a que empreendais a explicação dos Evangelhos em espírito e verdade, explicação que preparará a unificação das crenças entre os homens e à qual podeis dar o nome de *Revelação da Revelação*”. Roustaing utilizou-a também na Introdução, como se pode ver, SEMPRE como reforço da expressão “a revelação nova”. Fê-lo pela primeira vez na página 69 e depois, nas páginas 80, 102, 103, 105 e 112, para distingui-la da revelação kardequiana, a seu ver, encerrada dois anos antes com a publicação de O Evangelho segundo o Espiritismo, ou em 1865, com a da obra O Céu e o Inferno.

Vejamos o que, na Introdução do seu interessante livro “Roustaing” comentou o apreciado expositor e escritor laicista espírita Krishnamurti de Carvalho Dias. (1930-2001) – p. 19.

Depois de – no frontispício da obra – advertir de forma expressiva e sensacional que não esperassem os leitores fosse agredir Roustaing, ele explica: “Eu nunca li de todo a obra-busilis, os famosos “Os Quatro Evangelhos”, mas sempre devorei a literatura pró e contra ela, meio perplexo com os desaforos, as contumélias, as ironias e outros destemperos com que Roustaing invariavelmente é tratado pelos que se declaram kardecistas.”

“Honestamente, não há reciprocidade, não se vê os atacados se defenderem com a mesma baixaria; via de regra o nível é mais alto na resposta roustanguista.” “Se não li o livro-busilis em si, pelo menos li avidamente o prefácio dele, uma preciosidade bibliográfica do próprio autor, escrito já perto de sua morte, por volta do fim dos anos oitenta do século passado, (Século 19) quando de há muito Rivail já tinha morrido também.”

“Simpatizei com a sua figura, sua honestidade intelectual, sua humildade e a melancolia amarga que demonstrava por não ter sido cooptado por Rivail”. (Cooptado: admitido)

Na verdade, somente em parte mínima foi a obra rejeitada, ou melhor, “posta de molho” por Kardec, deixando aos Espíritos e aos espíritas do futuro, o encargo de aprová-la ou não, definitivamente.

Levando em consideração o conselho de Kardec, 30 anos depois, em 1897, Antônio Luiz Saião, um dirigente da FEB do Rio de Janeiro, publicou sob o título de Elucidações Evangélicas, excelente e inspirado resumo da obra, elogiado por B. de Menezes. Seu inspirador pelo que tudo indica, não foi outro senão o Espírito Bittencourt Sampaio, que o completou com o livro A Divina Epopéia, no qual interpreta em versos magistrais o Evangelho de João.

Se levarmos em conta que semelhante ao papel desempenhado por Kardec de preceptor, codificador e intímato defensor e propagador da Doutrina Espírita, à qual dedicou nada menos que 15 anos de sua vida, Roustaing – num esforço incomparavelmente menor, saliente-se, – administrou com lucidez e senso crítico impecável a recepção da obra, como se pode verificar ao lê-la, pelos questionamentos que, pari passu, item por item, fez às assertivas dos autores espirituais da obra, confrontando-as com os textos da Codificação que afirmou conhecer em carta a Kardec, demonstrando-o, cabalmente, conforme se pode ver, por exemplo, na página 541 do IV tomo da 5ª. V. FEB-Rio, de 18/4/1971, quando ele, Roustaing, questiona-os sobre a duração da vida na Terra:

“Em O Livro dos Espíritos (Questão 853) se lê, com relação à morte, o seguinte: “De fatal, no verdadeiro sentido da palavra, não há senão o instante da morte. Em chegando esse momento, ou por um meio ou por outro, não vos podeis subtrair a ele.” – Depois, como resposta a esta pergunta: “Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, não morreremos se a hora não for chegada? Se lê: “Não, não perecerás e tens disso milhares de exemplos; mas, tendo chegado a hora de partires, nada pode obstar à tua partida.”

– Diante dessas palavras e destas que acabais de proferir mediunicamente: “Na Terra em que habitais, enquanto, a ocupardes pela encarnação, vossos dias não podem ser prolongados” — em que sentido, em que condições e segundo que regras se deve entender que o instante da morte é fatal? Deve-se entendê-lo de modo absoluto e no sentido de que o homem nada pode conseguir, para abreviar sua existência, pelo uso e abuso do seu livre-arbítrio, por seus atos, pela maneira por que se utiliza da sua existência, deixando de cumprir as obrigações que lhe são impostas para que o corpo lhe dure até ao termo de suas provações?

Vejamos a parte inicial da resposta dada pelos evangelistas, os autores de Os Quatro Evangelhos:

Pág. 542 – Resp. “O Livro dos Espíritos era a base da revelação, porém não a revelação toda. Se nessa obra se houvesse entrado em todos os pormenores, mais terríveis teriam sido as tempestades que ela levantou, mais numerosos os antagonistas, mais penosa a luta. Foi preciso, primeiramente, desentulhar o caminho e mostrar a luz que cintilava por entre as aberturas do silvedo. Pouco a pouco, o horizonte foi sendo alargado e ainda o será mais.

“Sob certos pontos de vista, como esse que ali se adotou, mas sem que se houvesse entrado em todos os desenvolvimentos, a morte é determinada. Credes, porém, fracas e finitas criaturas, que aquele que se move no infinito e abrange com o seu olhar as plêiades inumeráveis de estrelas, de mundos que ele projetou no espaço, mede o tempo com os vossos compassos? Tudo é detido em sua marcha, tudo tem determinada a sua duração, ao simples olhar daquele que é o infinito. Mas, a barreira que se ergue diante de vós não é determinada como o interpreta.”

“A duração da vida se regula pelo princípio que liga o Espírito ao corpo. O cordão fluídico de que se vos tem falado é a mola que põe em movimento o mecanismo corporal. Determinada é a duração dessa mola, mas dentro de uma amplitude que não podeis compreender e que não se mede pelos minutos da vossa pêndula.”

“Extensão mais ou menos longa que é dada, de acordo com a maneira por que dela fizerdes uso. É como um pedaço de borracha que se pode esticar até certo ponto, conforme a maior ou menor força, a maior ou menor destreza que se empregue. Conquanto seja difícil fazer-vos compreender esta apreciação, vamos dar-vos o sentido e o alcance do que acabamos de dizer.

A duração do homem tem um limite natural, determinado, no curso regular da existência, pelas leis imutáveis da natureza, pela ação e aplicação dessas leis, de conformidade com os meios e os climas, 543 por isso que os fluidos que servem para a formação e o entretenimento dos seres humanos estão em relação com os climas sobre que eles atuam”,

“E a matéria está em relação adequada com eles, porquanto, segundo a lei de harmonia universal, tudo é determinado”. Aí, nesse limite natural, é que está o momento irrevogável do fim humano, fim contra o qual o livre-arbítrio do homem nada pode, no sentido de prolongar além dele a duração do corpo. Eis qual é, na verdadeira significação da palavra, o instante fatal da morte.

Neste sentido é que os dias da criatura humana não podem ser prolongados. Eles não podem ir além daquele limite natural. Mas, o livre-arbítrio do homem pode, seja por meio de suas resoluções espíritas, isto é, pelas determinações que toma, como Espírito, antes de encarnar, seja pelo uso que faz da sua existência como encarnado, interromper o curso desta em determinado tempo, entre o instante do seu nascimento e aquele natural limite, que é a hora fatal do fim humano

O livre-arbítrio do Espírito o coloca em condições de marcar, antes da encarnação, a duração aproximada do corpo que lhe servirá de envoltório, tomando ele o encargo de cumprir as obrigações necessárias a fazê-lo durar até ao termo de suas provas. Uma vez encarnado, como ignore quanto tempo durarão estas, deve empregar todos os esforços para se pôr em estado de levá-las a cabo. Neste caso, tendo, pelas suas resoluções espíritas, marcado a terminação da prova, portanto a duração de sua existência terrena, o Espírito se acha impedido de atingir o termo geral desta — o seu limite natural. O corpo, então, sob a vigilância e a direção dos Espíritos prepostos à tarefa de velar pelo cumprimento das provas, se forma

em condições de durar o tempo predeterminado, cabendo, porém, repetimo-lo, ao Espírito encarnado cumprir todas as obrigações de que dependa a duração dele até ao fim das provas a que serve de instrumento. Na Terra em que habitais, enquanto a ocupardes pela encarnação, vossos dias não podem ser prolongados”.

KARDEC CONTRA ROUSTAING ?

Leandro Augusto Loss

Este estudo tem por objetivo mostrar, pelos próprios textos de Kardec, a impossibilidade de um desentendimento entre o Sr. Allan Kardec e o Sr. Jean-Baptiste Roustaing, que alguns espíritas insistem em querer divulgar.

Vejamus primeiramente o que Kardec escreveu a respeito dos críticos e da crítica:

“Em lógica elementar, para se discutir uma coisa, preciso se faz conhecê-la, porquanto a opinião de um crítico só tem valor, quando ele fala com perfeito conhecimento de causa. Então, somente, sua opinião, embora errônea, poderá ser tomada em consideração. Que peso, porém, terá quando ele trata do que não conhece? A legítima crítica deve demonstrar, não só erudição, mas também profundo conhecimento do objeto que versa, juízo reto e imparcialidade a toda prova, sem o que, qualquer menestrel poderá arrogar-se o direito de julgar Rossini e um pinta-monos o de censurar Rafael.” Livro dos Médiuns (Primeira Parte, Cap. II, item 12)

Visto que a obra de Roustaing é bastante extensa e de necessário empenho para o bom entendimento (assim como as obras de Kardec), sabemos que raríssimos são os espíritas que a criticam e a excomungam, que se deram ao trabalho de lê-la integralmente. Já dizia Kardec: “Mas, quem não tem tempo de aprender uma coisa não se mete a discorrer sobre ela e, ainda menos, a julgá-la, se não quiser que o acoimem de leviano.”

Livro dos Médiuns (Primeira Parte, Cap. II, item 13) E o codificador continua:

“O Espiritismo não pode considerar crítico sério, senão aquele que tudo tenha visto, estudado e aprofundado com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que do assunto saiba tanto quanto qualquer adepto instruído. – Livro dos Médiuns (Primeira Parte, Cap. II, item 14)

Esses críticos defendem e professam que não devemos nem ler tais livros, pois os julgam mistificações ou charlatanismo, e pretendem assim influenciar opiniões. Vejamus Kardec:

“Os que desejem tudo conhecer de uma ciência devem necessariamente ler tudo o que se ache escrito sobre a matéria, ou, pelo menos, o que haja de principal, não se limitando a um único autor. Devem mesmo ler o pró e o contra, as críticas como as apologias, inteirar-se dos diferentes sistemas, a fim de poderem julgar por comparação.

Por esse lado, não preconizamos, nem criticamos obra alguma, visto não querermos, de nenhum modo, influenciar a opinião que dela se possa formar. Trazendo nossa pedra ao edifício, colocamo-nos nas fileiras. Não nos cabe ser juiz e parte e não alimentamos a ridícula pretensão de ser o único distribuidor da luz. Toca ao leitor separar o bom do mau, o verdadeiro do falso.” Livro dos Médiuns (Primeira Parte, Cap. III, item 35)

Mas, insistem nossos irmãos críticos que o próprio Kardec criticou Roustaing e sua obra. Com essas colocações estão afirmando também que Allan Kardec escrevia e agia de modos diferentes. Seria Kardec um hipócrita? Nossa razão nos diz que, obviamente, isso não poderia ter acontecido.

Pobres irmãos que desejam restaurar o “Vem Librorum Prohibitorum” no espiritismo, e que se orgulham e se envaidecem em gritar alto:

- Sou Kardecista! Só acredito em Kardec!

E nem ao menos estudam a codificação, pois se o fizessem, veriam que limitar os estudos da Doutrina em Kardec é ir de encontro com Kardec.

Para finalizar, vejamos o que diz Kardec sobre estas dissensões e sobre quem estaria com a razão:

“Se é certo que, entre os adeptos do Espiritismo, se contam os que divergem de opinião sobre alguns pontos da teoria, menos certo não é que todos estão de acordo quanto aos pontos fundamentais. Há, portanto, unidade, excluídos apenas os que, em número muito reduzido, ainda não admitem a intervenção dos Espíritos nas manifestações; os que as atribuem a causas puramente físicas, o que é contrário a este axioma: Todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente; ou ainda a um reflexo do nosso próprio pensamento, o que os fatos desmentem. Os outros pontos são secundários e em nada comprometem as bases fundamentais. Pode, pois haver escolas que procurem esclarecer-se acerca das partes ainda controvertidas da ciência; não deve haver seitas rivais umas das outras. Antagonismo só poderia existir entre os que querem o bem e os que quisessem ou praticassem o mal.

Ora, não há espírita sincero e compenetrado das grandes máximas morais ensinadas pelos Espíritos que possa querer o mal, nem desejar mal ao seu próximo, sem distinção de opiniões. Se errônea for alguma destas, cedo ou tarde a luz para ela brilhará, se a buscar de boa-fé e sem prevenções. Enquanto isso não se dá, um laço comum existe que as deve unir a todos num só pensamento; uma só meta para todas. Pouco, por conseguinte, importa qual seja o caminho, uma vez que conduza a essa meta. Nenhuma deve impor-se por meio do constrangimento material ou moral e em caminho falso estaria unicamente aquela que lançasse anátema sobre outra, porque então procederia evidentemente sob a influência de maus Espíritos. O argumento supremo deve ser a razão. A moderação garantirá melhor a vitória da verdade do que as diatribes envenenadas pela inveja e pelo ciúme. Os bons Espíritos só pregam a união e o amor ao próximo, e nunca um pensamento malévolo ou contrário à caridade pode provir de fonte pura.” Livro dos Espíritos (Conclusão, item IX)

Verificamos, assim, que não há vencedores nessa disputa vergonhosa, e o único perdedor é o Movimento Espírita. Não pretendo defender tese alguma, de autor algum. Quem sou eu para dizer a alguém quem está, ou não, com a razão. Só quero defender o livre-exame, pois sei que só existe uma verdade, e é o tempo quem dirá qual é. Que Deus nos abençoe!
Pesquisa elaborada por Leandro Augusto Loss - <mailto:leloss@dca.fee.unicamp.br>

* * *

TESTEMUNHOS REVELADORES

1 – TESTEMUNHO DE BEZERRA DE MENEZES

Jesus teve, com efeito, um corpo como o nosso pela forma; mas não pela natureza; teve um corpo fluídico, como tomam os anjos (espíritos puros) quando descem a nosso mundo.

E é assim que a Virgem não deixou de sê-lo depois do parto, sem necessidade de um milagre, coisa que Deus não pode fazer; porque, se o fizesse, transgrediria Suas próprias leis, que são eternas e imutáveis. Só o imperfeito pode retocar sua máquina!

Ouvimos, ainda, replicarem-nos: então, Jesus não tomou sobre seus ombros os pecados do mundo, não sofreu pela Humanidade? Dizei-nos qual é maior, o sofrimento físico ou o moral?

Se Jesus não teve corpo material para sofrer, teve os sofrimentos mais cruciantes do espírito.

E quem nos diz que seu corpo fluídico não se prestava tanto, e porventura mais do que o corpo carnal, à transmissão das sensações materiais?

O que é fora de questão é que repugna à razão o fato de um Espírito divino tomar a carne dos pecadores, e que a concepção espírita de ser fluídico o corpo de Jesus, não somente fala à razão e remove aquela repugnância invencível, como ainda explica, de acordo com as leis naturais, todos os fenômenos da vida do Redentor e, principalmente, sua concepção no ventre puríssimo de Maria Santíssima e seu nascimento sem que a Mãe deixasse de ser Virgem.

(Bezerra de Menezes – “Espiritismo – Estudos Filosóficos”, 1ª V. FEB, 1907- vol. III, pág. 353). (Reunião dos artigos escritos por Bezerra no jornal “O País” e publicados pela FEB).

Por falar em testemunhos reveladores, vejamos as sólidas, inabaláveis bases sobre as quais, desde o princípio, têm-se apoiado o Dr. Bezerra de Menezes e a FEB, na condução do Movimento Espírita em nosso país:

2 – TESTEMUNHO DE ERASTO

Blog Aron, um espírita – Quinta-feira, 6 de 10 de 2011 – De “Há 100 Anos” Por Zeus Wantuil
Há Cento e Vinte Anos [1]

Em 20 de março de 1891, Bezerra de Menezes conversava com o médium Sarmento Brito, na casa de nº. 27 da Estrada Velha da Tijuca, sobre certos pontos obscuros da Doutrina Espírita, quando o primeiro levantou a idéia de criarem ali um pequeno grupo de estudiosos a fim de receberem esclarecimentos dos Espíritos acerca de várias questões de Doutrina.

Essa idéia recebeu de imediato, através do médium Brito, plena aprovação de diversos Espíritos, como Melo Moraes, Leonardo Cândido Fortes e o próprio Allan Kardec.

Foi então fundado, naquele mesmo dia, o grupo que funcionaria às quartas-feiras, sob a Presidência de Bezerra de Menezes.

A ata de instalação foi assinada por Bezerra, Brito, Thiago Bevilaqua, Severo da Cunha Machado, Joaquim Thomaz Alves e Juana Mendes (?).

A primeira sessão dos trabalhos ocorreu no dia 25 de março de 1891, e Bezerra era quem interrogava os Espíritos e redigia as atas. Ele insistia sempre em novas perguntas quando as respostas dos Espíritos Superiores não lhe pareciam claras.

Conhecemos o registro de nove sessões (até 6 de junho) em tiras de papel e com a letra do próprio punho de Bezerra.

Na sessão de 29 de abril, entre outros assuntos, ele pediu ao Espírito Erasto esclarecimentos a respeito da encarnação de Espíritos de mundos superiores em mundos inferiores, chegando a comentar como o perispírito adiantado pode acomodar-se a um corpo grosseiro e, mais, como o perispírito de Jesus pode acomodar-se à matéria grosseira de um corpo terrestre.

Erasto explica que o Espírito Superior pode encarnar em mundos inferiores, mas somente em missão, e desde que ele, Espírito, ali já tenha vivido. Outros esclarecimentos de Erasto se seguem em resposta a novas perguntas de Bezerra, frisando ainda o comunicante que os Espíritos adiantados têm condições de preparar o corpo carnal em que reencarnarão. [2] “Houve apenas um Espírito que saiu desta regra, porque não preparou corpo. Foi o Cristo”. – finaliza Erasto.

Bezerra, não satisfeito ainda, interrogou sobre o significado do trecho acima aspeado, ao que o Espírito de Erasto responde:

“Bem sabeis que o Cristo não tinha um corpo como vós – que condensava seu perispírito, quando queria, assim como o desagregava, quando lhe era preciso; razão por que tornou-se muitas vezes invisível, razão por que ressuscitou, razão por que fez sua ascensão ao céu, como dizeis.” (Negritos meus- J. O.)

Cerca de dois anos depois, Bezerra, com o pseudônimo de Max, dava a público, em O Paiz, dois artigos [3] nos quais insere os motivos que o levaram a aceitar a concepção do corpo fluídico de Jesus. “que explica, de acordo com as leis naturais, todos os fenômenos da vida do Redentor”.

Zeus Wantuil – (“Reformador” Dezembro 1991)

[1] Do artigo originalmente intitulado “Há 100 anos”.

[2] Ver Francisco Cândido Xavier: “Missionários da Luz”, Cap. 13 (Reencarnação);

[3] O Paiz, 7 a 15 de maio de 1893.

Segundo informou Canuto de Abreu, na página 75 do livro “Bezerra de Menezes”, a 5 de fevereiro de 1889, Allan Kardec manifestou-se através do médium citado dando extensas, graves e substanciosas instruções aos espíritas brasileiros, na Sociedade Espírita Fraternidade, do Rio de Janeiro.

Algum tempo depois, em 1912 e 1913, ele ditou pela médium Zilda Gama um grande número de mensagens, enfileiradas depois no livro “Diário dos Invisíveis” editado em 1929 pela editora O Pensamento, de São Paulo-SP, numa das quais expressa a sua aprovação à teoria do corpo fluídico de Jesus, publicada pelo Blog Aron, o Espírita: <http://aron-um-espirita.blogspot.com.br>. – Médium: Zilda Gama Data: Agosto de 1913:

3 – TESTEMUNHO DE KARDEC

Vejamos pequeno trecho de uma das comunicações de Allan Kardec em 1913, publicadas depois no livro Diário dos Invisíveis (Ed. Pensamento), em 1929. Médium: Zilda Gama.

Afirmo, agora, baseado nas verdades transcendentais, que Jesus, o Emissário divino, foi o Ente mais evoluído, da mais alta estirpe sideral que já baixou à Terra, em cumprimento de uma incumbência direta do Pai Celestial, e, portanto, o que houve de anormalidade em sua existência não foi uma seleção parcial feita por Deus, mas uma justa homenagem que lhe era devida ao próprio mérito. Nós, distanciados como estamos de sua perfectibilidade, não gozamos das mesmas regalias ou prerrogativas que lhe foram outorgadas, mas podemos adquiri-las, em séculos e milênios de dedicação, labor, esforço próprio, prática de todas as virtudes. Era, pois, Jesus, já naquela época – a do início do Cristianismo – uma personalidade superior, que, para bem desempenhar sua missão planetária, teve de tecer suas vestes tangíveis, com as quais ofuscou o brilho de sua alma radiosa, constituída de eflúvios cósmicos, que se solidificaram, que se aderiram ao mediador plástico, dando-lhe a aparência de materialidade, mas que podiam ser dissolvidos ao influxo de sua vontade. Allan Kardec

* * *

A CORPOREIDADE FLUÍDICA DE JESUS. INTERPELAÇÃO AOS ESPÍRITAS QUE A NEGAM. ABSURDO A QUE CONDUZ ESSA NEGAÇÃO.1

Os Quatro Evangelhos – tomo III – Página 417 – Aos espíritas que acreditam nas manifestações, mas que pretendem, ou crêem que o Mestre era um homem como qualquer outro, com uma veste de carne igual à deles, perguntaremos: Como é que, podendo dar-se todos os fatos concernentes a Jesus, só o seu nascimento não podia deixar de ser um ato inteiramente humano? Mas, neste caso, são falsas as revelações que o anjo fez a Maria e depois a José!

Se Jesus tivesse sido fruto de uma união humana, falso seria o mistério que lhe cerca o nascimento. Ora, admitir a mentira, a falsidade, com relação a este fato, fora deixar livre o campo para admiti-la em todos os outros casos. Atente o espírita nessa consequência e veja em que situação ela o coloca diante dos que negam as manifestações espíritas, dos que declaram fabulosa a obra evangélica, da qual só aceitam, caprichosamente, o que lhes convém à incredulidade admitir. Abra o espírita os olhos à luz da nova revelação que vos trouxemos, da revelação da revelação, que vem cumprir e não destruir, explicar e não rejeitar; que, pondo o espírito no lugar da letra, vem explicar aos homens, em espírito e em verdade, a origem e a natureza de Jesus, de que modo e em que condições se deu o seu aparecimento na Terra.1(Negritos Meus).

É difícil entender, e mais difícil ainda explicar como, tendo lido esse trecho do final do terceiro tomo de Os Quatro Evangelhos, tenha Kardec deixado de levar em conta tão graves, decisivas considerações emitidas pelos sábios e autorizados autores espirituais da obra! Não tenha notado ou anotado tão grave interpelação!

Somente levando em conta as citações e hipóteses preliminares e as explicações que demos sobre a sobrecarga sofrida pelo venerável obreiro da seara espírita poderemos compreender tal falha. Se as precauções supracitadas não puderam ser levadas em conta por Kardec ao analisar a obra Os Quatro Evangelhos, devido à escassez de tempo e ao crítico estado de saúde, nada obsta possam servir aos que hoje, **isentos de idéia preconcebida**, desejarem apreciá-la. Este provável lapso de memória, que comumente ocorre com os idosos super-atarefados, não vai, por certo ocorrer com os espíritas alvo da interpelação acima, os quais podem facilmente saná-lo, dando a devida atenção ao eloquente, incisivo questionamento dos Evangelistas, autores de Os Quatro Evangelhos.

(1) Veja na pág. 92, Contradições de Allan Kardec? e na 102, este episódio da vida de Jesus, no Jardim das Oliveiras.

Como evidenciamos, devido ao seu apego às concepções da Ciência da época, as quais até hoje persistem no seio da massa popular inculta e ignorante, como no da Ciência materialista, contrárias à natureza fluídica do corpo de Jesus, não estava ele, então, em condições normais para efetuar com completa isenção e imparcialidade, a análise crítica da obra de Roustaing. Seria provável, – tendo em vista a extensão da obra, (cerca de 1800 p.) à exigüidade do tempo de que dispunha e menos disposto devido às convicções que tinha sobre a natureza do corpo de Jesus, houvesse-as Kardec lido e relido, como foi acima valorizado?

Como com certeza, aconteceu com Roustaing e seu denodado grupo, página por página, não durante um mês, porém, durante três anos e cinco meses? Livres, descomprometidos, saudáveis, convictos de estarem cumprindo uma sagrada missão, como qualquer um pode atualmente fazê-lo hoje, isento de idéias preconcebidas?

Lendo-a e estudando-a com seriedade – como é realizado, **desde sua formação em 1893 no seio da Federação Espírita Brasileira, pelo Grupo Ismael, organizado por Bezerra de Menezes após consultar o Espírito Erasto que o certificou quanto à autenticidade das verdades trazidas por Roustaing.**

Analisando-a detidamente, como fez Guillon Ribeiro, o tradutor da obra, que a leu e releu durante os cinco anos que levou, para traduzi-la e dar-lhe formato enciclopédico pela adição de índices das matérias no início de cada um dos volumes, além de mini chamadas laterais sobre o tema tratado, a custa de grande trabalho e (à época) oneroso e arriscado dispêndio monetário ao aumentá-la para quatro volumes?

Recordo a avidez com que me atirei à busca de mensagens dos Espíritos Reveladores e seus nobres enviados, nas revistas espíritas dos anos seguintes: Nada. Eles silenciaram, como a dizer que já haviam dito tudo o que fora programado, não mais em instruções esparsas, aqui e ali, através de médiuns espalhados por toda parte, como haviam feito até então, abundantemente, mas através de uma única médium, num grupo que, – à sua revelia – numa cidade 500 quilômetros dali, durante três anos e meio, se reuniu para trazer no momento certo – uma revelação nova, complementar, ampliadora da síntese admirável por ele elaborada sob a inspiração do Espírito Verdade, Jesus.

PAUSA PARA MEDITAÇÃO

A razão prática, ou seja, a consciência moral não se basta, se o sujeito não for mobilizado por um impulso amoroso, por uma aspiração à transcendência, por um estado de ânimo que pautar a sua conduta de forma rica e intensa. A moral sem a religiosidade é como a bússola que sequer pode ser vista sem o candeeiro. O homem que age de forma correta possui uma atitude louvável, mas o homem que age por amor torna a sua atitude sublimada. À medida que o espírito se eleva, não lhe satisfaz agir por dever, mas sim agir pela alegria de satisfazer os anseios de natureza essencial: amar mais e mais, buscar a Deus infinitamente. E essa sensibilidade espiritual se aguça através do exercício da religiosidade. Astrid Sayegh, doutora em filosofia pela Universidade de São Paulo



PAUSA PARA MEDITAÇÃO

O conhecimento de si mesmo é o maior antídoto contra o orgulho que, além de separar o homem de si mesmo e de Deus, separa entre si os homens. A humildade revela prudência, inteligência, nobreza de alma e superioridade de espírito, boa formação de caráter e um conceito exato do que é a vida.

*

No pensamento nobre persevera de servir sempre, alheio à recompensa.

*

O desejo do Bem dilata a esfera das luzes sacratíssimas da Crença. Raul de Leoni.

Cultiva com carinho o teu espírito. Mas, não cuides simplesmente de ser culto, senão também de ser bom. A cultura poderá dar-te a glória dos homens, mas só a bondade poderá conferir-te a glória de Deus. Rubens Romanelli – O Primado do Espírito – 1965. Ed. Síntese Ltda. – Divinópolis – MG.

*

Tudo o que não nos aproxime de Deus só nos pode afastar Dele. – Tomás de Aquino – (1225-1274)

*

Não há por onde fugir: ou o Evangelho é assimilado, ou não há Espiritismo. Porque, para o Espiritismo cristão, um único código existe: o Evangelho de N. S. Jesus-Cristo. Fora daí só haverá diletantismo inócuo, incapaz de levar o homem à felicidade dos eleitos. – Bittencourt Sampaio

*

Abata-se o homem, purifique ele o seu espírito intimamente, expulse de si a impureza como uma peste, eleve as suas vistas à maior altura possível; ame a Verdade como a sua divindade, diante da qual tudo se deve inclinar; siga-a sem se inquietar para onde a sua pesquisa pode conduzi-lo; e ao redor dele os mensageiros do Altíssimo farão círculo e em sua alma interior ele verá a luz. † Imperator – Ensinos Espiritualistas – Stainton Moses

* * *

A PRECE *1

A prece. – Pedi e se vos dará. – Buscai e achareis. – Batei e se vos abrirá.
OS QUATRO EVANGELHOS – Tomo Nº. 2 – p 55 a 59- V. 1948-FEB-Rio.

MATEUS: Cap. VII. V. 7-11. Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei e se vos abrirá; - 8, porquanto, quem pede recebe, quem procura acha e àquele que bate se abre. – 9. Qual dentre vós dá uma pedra ao filho, quando este lhe pede pão? – 10. Ou, se pedir um peixe, qual lhe dará uma serpente? – 11. Ora, se, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, com mais forte razão vosso Pai, que está nos céus, boas coisas dará aos que lhas pedirem. LUCAS: V. S. Disse-lhes ainda: Se alguém que tiver um amigo o for procurar alta noite dizendo:



Quando você ora você fala com Deus, quando medita, Deus lhe fala

Meu amigo, empresta-me três pães, pois um de meus amigos, que está viajando, acaba de chegar a minha casa e nada tenho para lhe dar; e o amigo lhe responder, de dentro de casa: Não me importunes; minha porta já está fechada e meus servos deitados assim como eu; não posso levantar-me para te dar o que pedes; se, apesar disso, o primeiro insistir em bater, — digo-vos que, quando o segundo não se levante para dar o que lhe é pedido por ser seu amigo o pedinte, se levantará pelo menos por causa da importunação e dará ao outro tudo o que lhe seja necessário. E eu vos digo: Pedi e se

vos dará; procurai e achareis, batei e se vos abrirá; porquanto, quem pede recebe, quem procura acha e àquele que bate se abre. Se alguém de vós pedir pão a seu pai, este lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ou, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Ora, se maus como sois, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, com mais forte razão vosso Pai, que está nos céus, dará um bom espírito aos que lho peçam.

N. 98. Por estas palavras Jesus punha seus discípulos em guarda contra o desalento que muitas vezes nasce de um aparente insucesso.

Elas se aplicam a todas as gerações. A perseverança pode tocar a todos. A perseverança vos fortifica as resoluções, vos aperfeiçoa as obras, vos dá segurança na fé e vos faz dignos da atenção do Mestre que concederá aos vossos reiterados esforços o que não vos quisera dar, enquanto não estáveis ainda seguros de vós mesmos. A perseverança vos fortifica as resoluções, vos aperfeiçoa as obras, vos dá segurança na fé e vos faz dignos da atenção do Mestre que concederá aos vossos reiterados esforços o que não vos quisera dar, enquanto não estáveis ainda seguros de vós mesmos.

O homem nada deve fazer, nem empreender, sem primeiramente implorar ao Senhor, do fundo do coração, a sua assistência. O Senhor, cheio de bondade, sabe o que convém a seus filhos e sempre lhes dá fartamente o que convenha, se bem que estes, ingratos e cegos, só muito raramente compreendem os desígnios da Providência.

Um pai não dá uma serpente ao filho que lhe pede pão. Vosso pai não vos recusa nunca os favores que vos são necessários. Mas, sabeis o que vos é necessário?

Estais em estado de decidir por vós mesmos qual o alimento que convém ao vosso estômago? Estais em estado de compreender o gênero de provação por que deveis passar? Não. Vosso pai, porém, o sabe e vos alimenta de acordo com a vossa constituição.

Quanto mais a luz se espalhar por entre vós, mais aptos estareis a compreender estas palavras: — O pai de família não dá pedras ao filho que lhe pede pão. Pedi, portanto, a vosso pai o pão da vida e ele vos facultará abundantes meios de o adquirirdes.

“Pedi e se vos dará, disse Jesus, procurai e achareis, batei e se vos abrirá: porquanto, quem pede recebe, quem procura acha e a quem bater se abrirá.” Compreendi bem estas palavras, mas, como sempre, segundo o espírito que vivifica e não segundo a letra que mata.

Pedi ao Senhor que vos torne compreensíveis suas verdades e o vosso entendimento se abrirá. Batei às portas da eternidade e chegareis ao santuário. Dirigi-vos ao dispensador de todas as graças puras e divinas, dirigi-vos a ele com pureza e amor, pedi-lhe a luz que esclareça os vossos irmãos e ele próprio vos colocará nas mãos o facho cujos raios iluminarão o mundo. O homem não conseguirá jamais mudar os desígnios de Deus; mas, se pedirdes a força e a luz, lograreis compreender o porquê dos vossos sofrimentos e sabereis sofrer com paciência e resignação, mesmo com amor, por mais rigorosas que sejam as vossas provas.

Se puderdes, por um arrependimento sincero, apagar as faltas recentes, podereis, pela prece, rogando a graça de não mais as cometerdes, alcançar, se deles vos fizerdes dignos tornando-os possíveis, o amparo e os conselhos que vos sustentarão e guiarão, esclarecendo-vos acerca das provações que escolhesteis e acerca da maneira por que conseguireis vencê-las com felicidade aos olhos do Senhor.

Quando se vos diz: “Pedi e se vos dará”, isto não significa que possais pedir a Deus que mude vossas provas, que detenha de súbito o curso dos acontecimentos cuja realização a sua sabedoria decidiu. Significa que o Senhor vos concederá a compreensão das vistas secretas da providência, que vos concederá entrar assim em comunhão de pensamento com ele e compreender o bem que, na eternidade, vos advirá dos sofrimentos morais ou físicos que vos atormentam na existência humana. O livre arbítrio do homem pode mudar a face aos acontecimentos da sua existência, mas o fundamento sério destes será sempre o mesmo.

Não vos podem ser contadas como provações as mil contrariedades oriundas da existência em comum e da vossa civilização, ainda bárbara sob tantos pontos de vista. São particularidades ínfimas que não têm importância alguma no conjunto das provas que vos cumpre suportar.

“Vosso pai que está nos céus”, disse Jesus, “dará um bom espírito aos que lho pedirem.”

O Senhor não se mantém nunca surdo, bem o sabeis, às vozes de seus filhos, quando se dirigem a ele com confiança e fé. O pai da grande família nem sempre concede as graças como lhe são pedidas, porque, em vez de constituírem um bem, redundariam em confusão para o homem. Àquele, porém, que o depreca com sinceridade, ele abre o entendimento que dá o bom espírito, isto é, o amor de Deus, a inteligência das coisas sob a influência espírita, permitindo que seus mensageiros o cerquem para esclarecê-lo. O Homem a quem o Pai deu bom espírito é aquele que compreende as palavras do Mestre, que se aplica em praticá-las e nunca desespéra do seu amor e da sua justiça.

* * *

ORAÇÃO EM FAMÍLIA – De Abraão até nós.

Segundo Chico Xavier, Agar, foi, há cerca de quatro milênios, serva de Abraão e mãe de Ismael, guia espiritual do Brasil. Segundo ele, ela foi, durante quinhentos anos, diretora da Colônia Espiritual Nosso Lar.

ORAÇÃO DA SERVA CRISTÃ – Agar

Pai de Infinita Bondade. Sustenta o nosso coração no caminho que nos assinalastes.

Infunde-nos o desejo de ajudar aqueles que nos cercam, dando-lhes das migalhas que possuímos para que a felicidade se multiplique entre nós.

Dá-nos a força de lutar pela nossa própria regeneração, nos círculos de trabalho em que fomos situados, por teus sábios designios.

Auxilia-nos a conter nossas próprias fraquezas, para que não venhamos a cair nas trevas, vitimados pela violência.

Pai, não deixes que a alegria nos enfraqueça e nem permitas que a dor nos sufoque. Ensina-nos a reconhecer tua bondade em todos os acontecimentos e em todas as coisas.

Nos dias de aflição, faze-nos contemplar a luz, através de nossas lágrimas, e, nas horas de reconforto, auxilia-nos a estender tuas bênçãos com nossos semelhantes. Dá-nos conformação no sofrimento, paciência no trabalho e socorro nas tarefas difíceis.

Concede-nos, sobretudo, a graça de compreender a tua vontade, seja como for, onde estivermos, a fim de que saibamos servir em teu nome e para que sejamos filhos dignos de vossa Infinita Bondade. Assim seja.

PRECE DO ANJO ISMAEL

Glória a Deus nas alturas, paz aos homens na Terra!

Jesus, bom e amado Mestre, sustenta os teus humildes filhos pecadores nas lutas deste mundo.

Anjo bendito do Senhor! Abre sobre nós as tuas asas brancas; abriga-nos do mal, levanta os nossos espíritos à Majestade do teu reino, e infunde em todos os nossos sentidos a luz do teu imenso amor.

Jesus, pela tua sublime paixão, por teu martírio na Cruz, dá, a esses que se acham ligados ao pesado fardo da matéria, a orientação perfeita do caminho da virtude, único pelo qual podemos te alcançar. Jesus, paz a eles, misericórdia aos nossos inimigos e recebe em teu seio bendito a prece dos últimos dos teus servos.

Bendita Estrela, Farol das imortais falanges, purifica-nos com teus raios divinos; lava-nos de todas as culpas, atraí-nos para junto do teu seio, santuário bendito de todos os amores.

Se o mundo com seus erros, paixões e ódios, alastra o caminho de espinhos, escurecendo o nosso horizonte com as trevas do pecado, rebrilha mais com Tua misericórdia, para que seguros e apoiados no Teu Santo Evangelho, possamos trilhar e vencer as escabrosidades do carreiro e chegar às moradas do teu reino. Amiga Estrela, farol dos pecadores e dos justos, abre Teu seio divino e recebe a nossa súplica pela Humanidade inteira.



Prece da Criança Boa - Leopoldo Machado

Senhor! Tu me dás tudo:
Vida, Saúde, Força e Inteligência.
Eu não te dou, contudo, nada ainda, Senhor.
Mas tenho esperança
De dar-Te muita coisa enquanto sou criança.
Eu Te prometo dar
A vontade de ser obediente a meus pais,
Que são os meus mestres no meu lar.
E boazinha para toda gente.
E a vontade também de trabalhar,
De trabalhar Senhor, na prática do Bem,
Sem cometer jamais nada que fira,
Que maltrate ou doa
Nem aos pequenos nem aos animais.
Eu quero ser uma criança boa.
Ajuda-me Senhor!

*

FELICIDADE QUE A PRECE PROPORCIONA *

O Evangelho segundo o Espiritismo Cap. XXVII –Pedi e obtereis

23. Vinde, vós que desejais crer. Os Espíritos celestes acorrem a vos anunciar grandes coisas. Deus, meus filhos, abre os seus tesouros, para vos outorgar todos os benefícios. Homens incrédulos! Se soubésseis quão grande bem faz a fé ao coração e como induz a alma ao arrependimento e à prece!

A prece! Ah!... Como são tocantes as palavras que saem da boca daquele que ora! A prece é o orvalho divino que aplaca o calor excessivo das paixões. Filha primogênita da fé, ela nos encaminha para a senda que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, estais com Deus. Para vós, já não há mistérios; eles se vos desvendam. Apóstolos do pensamento, é para vós a vida. Vossa alma se desprende da matéria e rola por esses mundos infinitos e etéreos, que os pobres humanos desconhecem. Avançai, avançai pelas veredas da prece e ouvireis as vozes dos anjos.

Que harmonia! Já não são o ruído confuso e os sons estrídulos da Terra; são as líras dos arcanjos; são as vozes brandas e suaves dos serafins, mais delicadas do que as brisas matinais, quando brincam na folhagem dos vossos bosques. Por entre que delícias não caminhareis! A vossa linguagem não poderá exprimir essa ventura, tão rápida entra ela por todos os vossos poros, tão vivo e refrigerante é o manancial em que, orando, se bebe.

Dulçorosas vozes, inebriantes perfumes, que a alma ouve e aspira, quando se lança a essas esferas desconhecidas e habitadas pela prece! Sem mescla de desejos carnaís, são divinas todas as aspirações. Também vós, orai como o Cristo, levando a sua cruz ao Gólgota, ao Calvário. Carregai a vossa cruz e sentireis as doces emoções que lhe perpassavam na alma, se bem que vergado ao peso de um madeiro infamante. Ele ia morrer, mas para viver a vida celestial na morada de seu Pai. – Santo Agostinho. (Paris, 1861.)

(*1) - Vide a Prece ao Senhor do Universo, de Sua Voz (Jesus), item 35, p 419 de Leitura Adicional.

---oo0oo---

ESPIRITISMO SEM JESUS – Entrevista com Francisco Cândido Xavier

– Chico, estão querendo separar a parte científica, filosófica e religiosa da Doutrina, dizendo que o Espiritismo não é religião, isto é, estão querendo tirar Jesus do Espiritismo. O que você acha de tudo isso?

A resposta não se fez esperar:

– Se tirarmos Jesus do Espiritismo, vira comédia. Se tirarmos Religião do Espiritismo, vira um negócio. A Doutrina Espírita é ciência, filosofia e religião. Se tirarmos a religião, o que é que fica? A filosofia humana, embora seja uma conversa sem fim, tem ajudado a clarear o pensamento, mas não consola perante a dor de um filho morto.

A ciência humana, embora seja uma pergunta infundável, está aí, em nome de Deus.

Antigamente, tínhamos a varíola, mas Deus, inspirando a inteligência humana, nos deu a vacina e hoje a varíola está quase eliminada da face da Terra.

Sofríamos com o problema da distância, mas a Bondade Divina, inspirando a cabeça dos cientistas, nos trouxe o motor. Hoje temos o barco, o carro, o avião suprimindo distâncias... o telefone aliviando ansiedades... a televisão colocou o mundo dentro de nossas casas...

Tínhamos medo da escuridão, mas a Misericórdia Divina nos enviou a lâmpada, através da criatividade humana. A dor nos atormentava, mas a Compaixão Divina nos enviou a anestesia. Há, porém, uma coisa em que a ciência não tem conseguido ajudar. Ela não tem conseguido eliminar o ódio do coração humano. Não há farmácias vendendo remédios contra o egoísmo, o orgulho, a vaidade, a inveja, o ciúme... Não podemos pedir misericórdia a um computador.

Jesus, porém, está na nossa vivência diária, porquanto, em nossas dificuldades e provações, o primeiro nome de que nos lembramos, capaz de nos proporcionar alívio e reconforto, é JESUS.

De maneira que se tirarmos a religião do Espiritismo, fica um corpo sem coração, se tirarmos a ciência, fica um corpo sem cabeça e se tirarmos a filosofia, fica um corpo sem membros.

Fonte: - Entrevista com Chico Xavier – <http://www.espirito.org.br/portal>

CAPÍTULO IV

ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO ESPIRITISMO

“A Personalidade de Jesus”, Leopoldo Cirne, pág. 67, 3ª V. FEB.

1 – Especialmente para aqueles irmãos que se baseiam na evasiva de Kardec, quando instado a se pronunciar sobre a “teoria” do corpo de Jesus trazida à luz em “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing, trazemos à lembrança que as experiências de materializações eram ainda muito veladas ao seu tempo. Tivesse ele (Kardec) podido apreciar esses

valiosos testemunhos, e a sua atitude certamente se modificaria. Leymarie, que sucedera ao Codificador na direção de “Revue Spirite”, assim se manifestava na edição de outubro de 1883: “Os discípulos de Allan Kardec, sem nada prejudicarem a tal respeito, deixando a cada um o cuidado de apreciá-la, estão, não obstante, convencidos de que esse lógico emérito, Allan Kardec, saberia hoje tirar partido mais racional, mais avançado de uma revelação que lhe foi especialmente feita, se tivesse tido à mão as experiências decisivas dos sábios de todas as ordens, tais como Wallace, Zoellner, William Crookes com Katie King e outros médiuns, que lhes forneciam provas da materialização e desmaterialização quase instantânea de um espírito”.

“Allan Kardec não possuía então, para a sua demonstração, senão bases inteiramente hipotéticas, não se tendo ainda os fenômenos de materialização e tangibilidade produzido sob os aspectos que a ciência tem podido abranger depois da morte material do mestre.”

Princípios fundamentais da Doutrina Espírita reconhecidos como verdades adquiridas.

2 – Nas páginas 353/354, com as quais encerra Obras Póstumas, o seu organizador, Pierre-Gaetan Leymarie, o substituto de Kardec, na direção da Revue Spirite e após seu falecimento, na direção da SPEE, comenta o seguinte:

A morte corpórea de Allan Kardec interrompeu as Obras desse eminente Espírito. Este volume termina com um ponto de interrogação, e muitos leitores queriam vê-lo respondido logicamente, como o sabia fazer o douto professor em Espiritismo; sem dúvida, assim deveria ser.

No Congresso espírita e espiritualista internacional de 1888,¹ os delegados declararam que, desde 1869, os estudos seguintes tinham revelado coisas novas, e que, segundo o ensinamento preconizado por Allan Kardec, alguns dos princípios do Espiritismo, sobre os quais o mestre baseara seu ensinamento, deveriam ser colocados no ponto e de acordo com os progressos da ciência há 20 anos.

Essa corrente de idéias, comum aos delegados vindos de todas as partes da Terra, provou que um volume novo deveria ser feito, para casar o ensinamento de Allan Kardec com aquele que nos dá, constantemente, a procura da verdade. Essa será a obra da Comissão de propaganda; contamos muito com os bons conselhos de nosso F.E.S. que provou ao Congresso a sua competência, sobre as mais altas questões filosóficas, para secundar a comissão nessa composição de um trabalho coletivo, sem cessar progressivo; esse volume deverá, ele mesmo, a seu turno, ser posto ao ponto, quando um novo Congresso lhe terá decidido. “A ciência, disse Allan Kardec, está chamada a constituir a verdadeira gênese segundo as leis da Natureza”.

“As descobertas da ciência glorificam a Deus em lugar de rebaixá-lo; não destroem senão o que os homens edificaram sobre as idéias falsas que se fez de Deus”.

“O Espiritismo, caminhando com o progresso, não será jamais ultrapassado, porque se novas descobertas lhe demonstrarem que estava no erro sobre um ponto, modificar-se-á sobre esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita”. A Gênese, p39.

3 – Eis o que, no prefácio do livro “À Luz da Verdade” de Inaldo Lacerda Lima (SODEAS Editora Auta de Souza, 2000, nos revela Jorge Damas Martins):

Em 1868, em A Gênese, o Codificador registra a sua opinião pessoal, sobre a verdade do corpo fluídico, ensinada em espírito verdadeiro, por Roustaing. Escreve que não é impossível sua existência à luz da verdade espírita; porém, deixava a confirmação pelos espíritos no futuro.¹

Em 1870, a obra Os Quatro Evangelhos podia, também, ser adquirida na Sociedade Para a Continuação das Obras de Allan Kardec; Sociedade idealizada pelo Codificador e fundada por sua fiel esposa, a Sra. Rivail. Os pedidos deveriam ser encaminhados para o Gerente da Livraria Espírita, M. Bittard.

KARDEC E ROUSTAING JUNTOS NO PLANO ESPIRITUAL

“Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes”. – Fabiano Henrique – 10/9/ 2006

Em novembro de 1883 aconteceu a assembléia anual do Dia dos Mortos na Sociedade Anônima para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec. O Codificador e Amélie Boudet já estavam desencarnados, porém ali compareceram com os amigos e companheiros que fizeram o pioneirismo do movimento espírita mundial. A Revue Spirite de dezembro daquele ano, nº. 12, registrou o acontecimento e nomeou os espíritos presentes, na página 563. Copio aqui o trecho alusivo: “Este ano, a Sra. Allan Kardec não presidia mais corporalmente nossa assembléia anual de primeiro de novembro: seu espírito, o do mestre, os de todos os nossos mortos amados, todos aqueles da primeira hora, Jobard, Samson, Costeau, Hobach, Sonudra, Didier, d’Ambel, Morin, J.-B. Roustaing, Contenceau, Collard, Bernardeau, príncipe de Wittgenstein, Rossignol, Guilbert, ê. Lieutand, Sr. M. Larré, Barroux, Monvoison e centenas de outros assistiam em espírito a esta bela sessão.” Lá estavam juntos, na eternidade, os dois maiores missionários da Terceira Revelação, Allan Kardec e Jean-Baptiste Roustaing.

Dados biográficos do sucessor de Kardec, na direção da SPEE

Durante trinta anos, no conturbado período que se seguiu à morte de Kardec, Leymarie manteve-se em atividade. Os trabalhos de William Crookes, na Inglaterra foram divulgadas na revista, e o próprio Leymarie realizou experiências com um médium fotógrafo, obtendo uma série de fotografias, publicada em suas páginas.. Pela ação de Leymarie, as obras de

Kardec foram traduzidas para vários idiomas. Realizou diversas viagens de divulgação à Bélgica, Espanha e Itália. De 1869 a 1901, Pierre-Gaëtan Leymarie, o grande administrador da Sociedade e redator-chefe e diretor da *Revue Spirite*, foi um grande estudioso, defensor e divulgador das idéias propaladas por Roustaing. Há dezenas de comentários seus nesse sentido, na *Revue*. Em 1882, quando da 2ª tiragem de *Os Quatro Evangelhos*, em sua folha de rosto, há o registro, que em Paris o livreiro dessa obra, era a Sociedade fundada por Allan Kardec. Naquela época o endereço da Sociedade era: Rue V Petits Champs. Em seu testamento Roustaing destinou vultosa quantia em favor da Sociedade para o progresso da Doutrina fundada e dirigida pela Mme. Kardec.

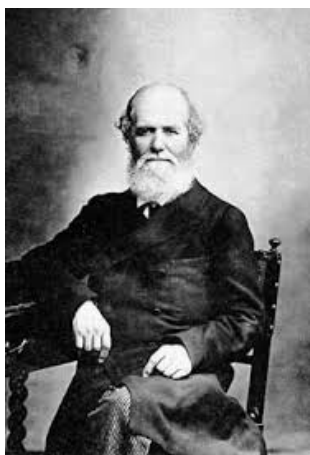
Participou como delegado do “I Congresso de Bruxelas”. Em 1888 foi eleito para ocupar uma das presidências do Congresso Espírita de Barcelona. Nessa ocasião, foi lida uma moção de gratidão, enviada da prisão de Tarragona, por um grupo de condenados a trabalhos forçados, convertidos à fé espírita. Em 1889 Leymarie organizou o I Congresso Espírita



Primer Congreso Internacional. Barcelona 1888

da França. Para que os leitores possam avaliar com mais precisão os antecedentes históricos da Doutrina acima, achamos por bem, data venia, transcrever, alguns dados sobre ele: Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre

P. J. Leymarie -1827-1901



Descendia de família distinta. Desde cedo, para não sobrecarregar as despesas da família, interrompeu os seus estudos e procurou emprego em Paris, passando a depender do seu trabalho e de seus esforços. Mais tarde, uma autoridade, referindo-se a ele, afirmou que, se os seus negócios não alcançaram prosperidade, a sua probidade foi escrupulosa e nenhuma reprovação jamais lhe foi feita.

Colaborou com Kardec desde o início da publicação da “*Revue Spirite*” e das obras da codificação da Doutrina espírita. Juntamente com Camille Flammarion e Victorien Sardou, foi um dos mais ardorosos seguidores de Kardec.

Pouco antes de falecer, Kardec fundou uma Sociedade Anônima, à qual legou os seus bens, com o objetivo de assegurar a difusão do Espiritismo. Leymarie, um dos fundadores, tornou-se o seu administrador. Com a morte de Kardec (1869), passou a exercer as funções de redator-chefe e diretor da “*Revue Spirite*” (1870 a 1901) e gerente da “*Librairie Spirite*” (1870 a 1897) O “Processo dos Espíritos” – Nessa época, estavam em voga as fotografias de materializações de espíritos. Tendo a “*Revue Spirite*” publicado algumas, o assunto foi investigado pela justiça francesa quando o fotógrafo Buguet, acusado de uso de meios fraudulentos para a obtenção desse tipo de fotografias, foi processado pelo Ministério

Público. Os nomes de Leymarie e Firman foram envolvidos, em vista dos laços que mantinham com Buguet, e desta forma, julgados coniventes na fraude.

Desse modo, a 16 de Junho de 1875, na 7ª. Câmara da Polícia Correccional do Sena, em Paris, teve lugar a primeira audiência do rumoroso processo dos espíritas, sendo indiciados por trapaça:[1]

Pierre-Gaëtan Leymarie – na qualidade de sucessor de Kardec na gerência da “Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec” (antiga “Sociedade Anônima do Espiritismo”) e da “*Revue Spirite*”; Vem Buguet – médium e fotógrafo belga; Alfred Henri Firman, médium de efeitos físicos estadunidense.

Julgados, Buguet e Leymarie foram condenados a um ano de prisão e ao pagamento de quinhentos francos de multa.[2]

No cárcere, Leymarie elaborou uma notável “Memória à Corte Suprema”, atestando, perante a sua consciência e os seus filhos, a sua inocência, mostrando-se confiante na decisão final daquele tribunal. Com remorsos, Buguet escreveu ao Ministro da Justiça dando testemunho sobre a inocência de Leymarie, acrescentando que, embora muitas das fotos fossem verdadeiras, devido ao desconhecimento que tinha da Doutrina Espírita, quando não as conseguia com sua mediunidade, praticava a fraude. Nela concluiu:

“Lastimo, pois, haver dito, na minha fraqueza, o contrário da pura verdade, renunciando eu à minha mediunidade e pedindo perdão a Deus por esse ato que deploro, pois, que ele serviu para incriminar um homem probo, cuja boa fé se tornou suspeita em face das minhas afirmações.”

A viúva de Kardec, Amélie Gabrielle Boudet, já octogenária, consta no processo como testemunha. Cartas de solidariedade de todo o mundo foram enviadas a Leymarie. A Sociedade para Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec recebeu manifestações de simpatia de diversos países, inclusive do Brasil, partindo elas tanto dos encarnados como dos desencarnados.

Pouco mais tarde, anulada a sentença condenatória, Leymarie voltou às atividades, retomando tanto a direção da Sociedade como da “Revue Spirite”. A esposa de Leymarie, Marina, em defesa de seu marido redigiu a memória “Procés des Spirites”, fonte essencial para o estudo daquele período da História do Espiritismo.

Obra

Histoire ê Spiritisme ê biographie d’Allan Kardec - trabalho apresentado nos Congressos Espíritas de 1888 e 1889.

Oeuvres Posthumes d’Allan Kardec. Paris: Librairie Spirite, 1890. compilação com documentos inéditos deixados por Allan Kardec. - L’Évolution ê ê Révélation - compilação apresentada ao Congresso Internacional Espiritualista (Londres, 1898).

(1) - LEYMARIE, Madame P.- G. Processo dos Espíritas. P. 32.

(2) - Op. Cit., p. 39.

---oo0oo---

Embora houvesse durante longos anos estudado Magnetismo com o grande pioneiro Alphonse Cahagnet, eram vagas, imprecisas as noções que Kardec possuía quanto ao que era realmente fluido, daí designar como fluido semimaterial o que hoje chamamos **energia**. O relato das 21 aparições transcritas nas Revistas Espíritas dos anos de 1859 e 1860, não lhe permitiu, por sua inconsistência e imprecisão, formar uma idéia consistente, decisiva, sobre a natureza dos agêneres, que somente em 1874 seria, de forma insofismável positivada pelo cientista inglês William Crookes e uma equipe de sábios por ele escolhidos, com o extraordinário “Fatos Espíritas”. Obteve-o através de fatos reiteradamente positivados, não como ocorreu com Kardec, através de relatos de terceiros, como “por ouvir dizer”!

Vejamos como, no artigo “Perispírito”, o conceituado escritor e pesquisador científico espírita, Dr. Carlos de Brito Imbassahy comenta o problema:

“Todo conceito espírita de Kardec data do início da segunda metade do século XIX, já que ele veio a falecer em 1869 e seus estudos sobre os aludidos fenômenos espíritas datam da década de 1850 em diante. Naquela época, a Ciência era ainda incipiente na grande maioria dos fenômenos atualmente conhecidos e insipiente na terminologia deles, por falta do conhecimento dos mesmos. Como tal, tinha-se como fluido tudo o que não fosse sólido: como a energia elétrica, enfim, todo tipo que transcendesse às formas. Portanto, era chamado de fluido o conceito espiritual que representasse qualquer tipo ou natureza de algo que não fosse sólido”.

“Hoje, a conceituação mudou, porque, de fato, se considerarmos – como o é – fluido uma fase material não sólida, não podemos incluir nela aquilo que não seja fase material e considerar como sendo fluido. É o caso da energia elétrica que, na época de Kardec se chamava de fluido elétrico embora não o fosse, ou seja, não pertencia à fase material das substâncias não sólidas.”

A crítica acima de Kardec que hoje, 150 anos depois, devido aos conhecimentos que temos, pode nos parecer em diversos pontos dúbia e contraditória, foi então totalmente coerente e consentânea com as nebulosas e inseguras informações que tinha sobre as aparições, bem como sobre o que era fluido, o que em seu conjunto, contribuiu para que, tendo em mente o conselho de Erasto, “Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea”, não aceitasse totalmente as informações que na obra citada contraditavam a opinião que tinha sobre a natureza do corpo de Jesus, como confirmou dois anos depois na importante, preciosa obra “A Gênese”.

As sérias objeções a que alude no item seis foram provavelmente feitas por seus nobres companheiros da SPEE e/ou das Academias de Ensino do Magnetismo que há anos freqüentava; provavelmente menos capazes do que ele. São Luiz e o Espírito Verdade, que podia ter consultado ou intervindo em seu favor; que tinham – como temos agora, século e meio depois – ampla visão ou conhecimento de tudo o que, conforme fora planejado, estava acontecendo e iria dali a pouco, acontecer: – a materialização prolongada de um espírito, narrada por William Crookes em “Fatos Espíritas”.

Ao recomendar no último parágrafo (8) a redução do formato da obra, interessado que estava em sua mais fácil divulgação, – não lhe ocorreu (por desconheçê-lo) o detalhe de que tal iniciativa não podia ter sido tomada por Roustaing, pois seria, de sua parte, demonstração de irresponsabilidade e claro desrespeito para com os autores espirituais e os integrantes do grupo, (principalmente a veneranda médium), que com grande empenho e dedicação, se submeteram durante três anos e

cinco meses, (de Dezembro de 1861 a Maio de 1865) à cansativa recepção de quase duas mil páginas mediúnicas. (1890 páginas na 5ª. Ed.1971 da FEB-Rio). Ao todo, cerca de 360 reuniões noturnas.

Tal qual acontecera com João Batista em relação a Jesus, dezoito e meio séculos atrás, cabia a Roustaing e sua obra sair estrategicamente de cena para que toda a atenção fosse concedida à Codificação Kardequiana. Típica demonstração dessa intenção dos Espíritos Reveladores é a inexistência de uma foto sequer de Roustaing e da médium Mme. Collignon.

Embora os reiterados e dispendiosos esforços em pesquisas recentemente feitas por um grupo de admiradores de Roustaing na França, pouco até hoje se conhece de sua vida.

---oo0oo---

CONTRADIÇÕES DE ALLAN KARDEC ? – Primeira Parte

No capítulo XXXI, Dissertações Espíritas, pág. 296 de O Livro dos Médiuns, editado em 15 de Janeiro de 1861, em Paris, França, Kardec apresentou a IX dissertação, assinada por Jesus de Nazaré, na qual Ele claramente se identifica com as frases: “Venho, eu, vosso Salvador e vosso juiz; venho, como outrora, aos filhos transviados de Israel; p. 299, inserida anos depois, em Abril de 1864, seguida de três outras no capítulo VI, O Consolador, de O Evangelho segundo o Espiritismo.

A mensagem foi seguida da importante nota:

Esta comunicação, obtida por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris, foi assinada com um nome que o respeito nos não permite reproduzir, senão sob todas as reservas, tão grande seria o insigne favor da sua autenticidade e porque dele se há muitas vezes abusado demais, em comunicações evidentemente apócrifas. Esse nome é o de Jesus de Nazaré. De modo algum duvidamos de que ele possa manifestar-se; mas, se os Espíritos verdadeiramente superiores não o fazem, senão em circunstâncias excepcionais, a razão nos inibe de acreditar que o Espírito por excelência puro responda ao chamado do primeiro que apareça. Em todo caso, haveria profanação, no se lhe atribuir uma linguagem indigna dele.

Por estas considerações, é que nos temos absterido sempre de publicar o que traga esse nome. E julgamos que ninguém será circunspecto em excesso no tocante a publicações deste gênero, que apenas para o amor próprio têm autenticidade e cujo menor inconveniente é fornecer armas aos adversários do Espiritismo. (Negritei J. O.)

Como já dissemos, quanto mais elevados são os Espíritos na hierarquia, com tanto mais desconfiança devem os seus nomes ser acolhidos nos ditados. Fora mister ser dotado de bem grande dose de orgulho, para poder alguém vangloriar-se de ter o privilégio das comunicações por eles dadas e considerar-se digno de com eles confabular, como com os que lhe são iguais. Na comunicação acima apenas uma coisa reconhecemos: é a superioridade incontestável da linguagem e das idéias, deixando que cada um julgue por si mesmo se aquele de quem ela traz o nome não a renegaria. A. Kardec.

Pergunta – Porque Kardec após haver colocado Jesus de Nazaré como autor da dissertação nº. IX do Cap. XXVII, de O Livro dos Médiuns, inseriu-a, três anos depois, com pequena alteração: (Venho, eu, vosso Salvador e vosso juiz), seguida de três outras, no capítulo VI, O Consolador, de O Evangelho segundo o Espiritismo, atribuindo-a ao Espírito da Verdade?

Resposta. Ao redigir o Cap.VI, O Consolador, de O Evangelho segundo o Espiritismo, Kardec deparou, de repente com séria dificuldade ao incluir as mensagens de Jesus recebidas em 1860 e 1861 em Paris, em 1861 em Bordéus e no Havre, a de 1863: – **O ensino moral contido nos Evangelhos por ele escolhido para objeto exclusivo do livro.**

É o que frisara na – Introdução – I – Objetivo desta obra:

“Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral. As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas”.

As mensagens de Jesus enquadravam-se, como se viu, entre “as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas”. Foi assim, para contornar o problema que Kardec usou o expediente de excluir da IX dissertação a frase inicial “Venho, vosso Salvador e vosso juiz”, e convicto de que não cometia erro ou falsidade, atribuiu ao Espírito da Verdade a autoria das mensagens citadas, escolhidas entre outras similares, como a que abaixo transcreveremos.*1

Fê-lo a contragosto, usando o bom-senso, a cautela e a discrição **insistentemente** recomendada pelo guia espiritual, tendo em vista a agressividade dos ataques da crítica adversária, e as ameaças e perseguições aos espíritas que só haviam crescido nos últimos anos.*2

(*1) – COMUNICAÇÃO ESPÍRITA.- A propósito de A Imitação do Evangelho.

(Bordeaux, maio de 1864; grupo de Saint-Jean. – Médium, Sr. Rui.)

Um novo livro acaba de aparecer; é uma luz mais brilhante que vem clarear o vosso caminho. Há dezoito séculos eu vim, por ordem de meu Pai, trazer a palavra de Deus aos homens de vontade. Esta palavra foi esquecida pela maioria, e a incredulidade, o materialismo, vieram abafar o bom grão que eu tinha depositado sobre vossa Terra. Hoje, por ordem do

Eterno, os bons Espíritos, seus mensageiros, vêm sobre todos os pontos do globo fazer ouvir a trombeta retumbante. Escutai suas vozes; são aquelas destinadas a vos mostrar o caminho que conduz aos pés do Pai celeste. Sede dóceis aos seus ensinamentos; os tempos preditos são chegados; todas as profecias serão cumpridas. Pelos frutos se reconhece a árvore. Vede quais são os frutos do Espiritismo: casais, onde a discórdia havia substituído a harmonia, viu-se retornar à paz e à felicidade; os homens que sucumbiam sob o peso de suas aflições, despertados aos assentos melodiosos das vozes de alémtúmulo, compreenderam que caminhavam em falso caminho, e, ruborizados de suas fraquezas, arrependeram-se, e pediram ao Senhor a força de suportar suas provas.

Provas e expiações, eis a condição do homem sobre a Terra. Expição do passado, provas para fortalecê-los contra a tentação, para desenvolver o Espírito pela atividade da luta, habituá-lo a dominar a matéria, e prepará-lo para os gozos puros que o esperam no mundo dos Espíritos. Há várias moradas na casa de meu Pai, eu lhes disse há dezoito séculos. Estas palavras, o Espiritismo veio fazer compreendê-las. E vós, meus bem-amados, trabalhadores que suportais o ardor do dia, que credes ter a vos lamentar da injustiça da sorte, bendizei vossos sofrimentos; agradecei a Deus que vos dá os meios de quitar as dívidas do passado; orai, não dos lábios, mas do vosso coração melhorado, para vir tomar, na casa de meu Pai, a melhor morada; porque os grandes serão rebaixados; mas, vós o sabeis, os pequenos e os humildes serão elevados. O ESPÍRITO DE VERDADE. Revue Spirite – Pág. 30 – Dezembro de 1864.

PERSEGUIÇÕES AOS ESPÍRITAS

Muitas jovens, como Ermance Dufaux, estavam sendo internadas em manicômios pelas famílias, com o apoio de médicos e párocos, diagnosticadas como vítimas de delírios histéricos e possessões demoníacas atribuídos a práticas espíritas. E muitos adeptos do espiritismo eram ameaçados de excomunhão pelas igrejas e de demissão pelos patrões ao professarem a fé na nova crença e ostentarem exemplares da obra de Allan Kardec em suas comunidades. (Ver na Internet: <http://espiritismocomoeu vejo.blog.br/> Blog de Mauro Quintella: Ermance Dufaux 1 e 2)

PERSEGUIÇÕES – Santo Agostinho

As perseguições já começaram. Espíritas! Sede firmes e mantende-vos de pé: estais marcados pela unção do Senhor. Sereis chamados de insensatos, de loucos e de visionários. Não mais ferverão o óleo, nem erguerão cadafalsos e fogueiras; o fogo de que se servirão para vos fazer renunciar às vossas crenças será mais ardente e ainda mais vivo. Espíritas! Despojai-vos do homem velho, pois é a este que farão sofrer. Que vossas novas túnicas sejam brancas; cingi vossas frentes com coroas e preparai-vos para entrar na liça. Sereis amaldiçoados; deixai que vossos irmãos vos digam ê; orai por eles e afastai de suas cabeças o castigo que o Cristo disse reservar aos que disserem ê aos seus irmãos. Preparai-vos para as perseguições pelo estudo, pela prece, pela caridade. Os servos serão expulsos das casas de seus senhores e tratados como loucos. Revista Espírita, Abril de 1860. (p 179 – Santo Agostinho (Médium: Sr. E. Vézy)

QUEM SÃO, O ESPÍRITO DA VERDADE E O CONSOLADOR?

Diversos autores e jornalistas espíritas têm, através de artigos em revistas e jornais, sites e blogs da Internet, se esforçado no intuito de esclarecer estas importantes questões. Para auxiliar os leitores, apresentamos aqui, uma pequena lista dos autores a nosso ver, mais abalizados e interessantes.

1 – Espírito da Verdade, quem é ele? – Paulo da Silva Neto Sobrinho

2 – Blog Correio Espírita Quem é o Espírito da Verdade? – Itair Ferreira (www.correioespirita.org.br)

Pergunta nº. 1 – Quem foi inicialmente o guia espiritual de Kardec?

Resposta – Foi Jesus, de modo reservado, sob o codinome de Verdade.

(Quanto à sua identidade como Espírito de Verdade, veja os diversos comentários nas páginas abaixo).

Para demonstrar como chegamos a tal conclusão mostraremos inicialmente como se deu o primeiro contacto de Kardec com o seu guia:

MINHA PRIMEIRA INICIAÇÃO NO ESPIRITISMO - Revista Espírita, pág. 331

11 de dezembro de 1855 – (Em casa do Sr. Baudin; médium: Sra. Baudin)

MEU ESPÍRITO PROTETOR

Pergunta (Ao Espírito Z.) — No mundo dos Espíritos algum haverá quem seja para mim um bom gênio?

Resposta — Sim.

P. — Será o Espírito de algum parente, ou de algum amigo?

R. — Nem uma coisa, nem outra.

P. — Quem foi ele na Terra?

R. — Um homem justo de muita sabedoria.

P. — Que devo fazer, para lhe granjear a benevolência?

R. — Todo o bem possível.

P. — Por que sinais poderei reconhecer a sua intervenção?

R. — Pela satisfação que experimentarás.

P. — Terei algum meio de o invocar e qual esse meio?

R. — Ter fé viva e chamá-lo com instância.

P. — Reconhecê-lo-ei, depois da minha morte, no mundo dos Espíritos?

R. — Sobre isso não pode haver dúvida; será ele quem virá receber-te e felicitar-te, se houveres desempenhado bem a tua tarefa.

NOTA — Vê-se, por estas perguntas, que eu era ainda muito noviço acerca das coisas do mundo espiritual.

25 de março de 1856 – (Em casa do Sr. Baudin; médium: Srta. Baudin)

MEU GUIA ESPIRITUAL

Morava eu, por essa época, na rua dos Mártires, n.º 8, no segundo andar, ao fundo. Uma noite, estando no meu gabinete a trabalhar, pequenas pancadas se fizeram ouvir na parede que me separava do aposento vizinho. A princípio, nenhuma atenção lhes dei; como, porém, elas se repetissem mais fortes, mudando de lugar, procedi a uma exploração minuciosa dos dois lados da parede, escutei para verificar se provinham do outro pavimento e nada descobri.

O que havia de singular era que, de cada vez que eu me punha a investigar, o ruído cessava, para recomeçar logo que eu retomava o trabalho. Minha mulher entrou da rua por volta das dez horas; veio ao meu gabinete e, ouvindo as pancadas, me perguntou o que era. Não sei, respondi-lhe, há uma hora que isto dura. Investigamos juntos, sem melhor êxito. O ruído continuou até à meia-noite, quando fui deitar-me.

No dia seguinte, como houvesse sessão em casa do Sr. Baudin, narrei o fato e pedi que mo explicassem.

Pergunta — Ouvistes, sem dúvida, o relato que acabo de fazer; poderíeis dizer-me qual a causa daquelas pancadas que se fizeram ouvir com tanta persistência?

Resposta — Era o teu Espírito familiar.

P. — Com que fim foi ele bater daquele modo?

R. — Queria comunicar-se contigo.

P. — Poderíeis dizer-me quem é ele?

R. — Podes perguntar-lhe a ele mesmo, pois que está aqui.

NOTA — Nessa época, ainda se não fazia distinção nenhuma entre as diversas categorias de Espíritos simpáticos. Dava-se-lhes a toda a denominação de Espíritos familiares.

P. — Meu Espírito familiar, quem quer que tu sejas, agradeço-te o me teres vindo visitar. Consentirás em dizer-me quem és?

R. — Para ti, chamar-me-ei Verdade e todos os meses, aqui, durante um quarto de hora, estarei à tua disposição.

P. — Ontem, quando bateste, estando eu a trabalhar, tinhas alguma coisa de particular a dizer-me?

R. — O que eu tinha a dizer-te era sobre o trabalho a que te aplicavas; desagradava-me o que escrevias e quis fazer que o abandonasses.

NOTA — O que eu estava escrevendo dizia respeito, precisamente, aos estudos que empreendera acerca dos Espíritos e de suas manifestações.

P. — A tua desaprovação era referente ao capítulo que eu escrevia ou ao conjunto do trabalho?

R. — Ao capítulo de ontem; submeto-o ao teu juízo; se o releres, reconhecerás tuas faltas e as corrigirás.

P. — Eu mesmo não me sentia satisfeito com esse capítulo e o refiz hoje. Está melhor?

R. — Está melhor, mas ainda não satisfaz. Relê da 3ª a 30ª linha e com um grave erro depararás.

P. — Rasguei o que escrevera ontem.

R. — Não importa! Isso não impediu que a falta continuasse. Relê e verás.

P. — O nome Verdade, que adotaste, constitui uma alusão à verdade que eu procuro?

R. — Talvez; pelo menos, é um guia que te protegerá e ajudará.

P. — Poderei evocar-te em minha casa?

R. — Sim, para te assistir pelo pensamento; mas, para respostas escritas em tua casa, só daqui a muito tempo poderás obtê-las.

NOTA — Com efeito, durante cerca de um ano, nenhuma comunicação escrita obtive em minha casa e sempre que ali se encontrava um médium, com quem eu esperava conseguir qualquer coisa, uma circunstância imprevista a isso se opunha. Somente fora de minha casa lograva eu receber comunicações.

P. — Poderias vir mais amiúde e não apenas de mês em mês?

R. — Sim, mas não prometo senão uma vez mensalmente, até nova ordem.

P. — Terás animado na Terra alguma personagem conhecida?

R. — Já te disse que, para ti, sou a Verdade; isto, para ti, quer dizer descrição; nada mais saberás a respeito.

NOTA — À noite, de regresso a casa, dei-me pressa em reler o que escrevera. Quer no papel que eu lançara à cesta, quer em nova cópia que fizera, se me deparou, na 30ª linha, um erro grave, que me espantei de haver cometido. Desde então, nenhuma outra manifestação do mesmo gênero das anteriores se produziu. Tendo-se tornado desnecessárias, por se acharem estabelecidas as minhas relações com o meu Espírito protetor, elas cessaram. O intervalo de um mês, que ele assinara para suas comunicações, só raramente foi mantido, no princípio. Mais tarde, deixou de o ser, em absoluto. Fora sem dúvida um aviso de que eu tinha de trabalhar por mim mesmo e para não estar constantemente a recorrer ao seu auxílio diante da menor dificuldade.

9 de abril de 1856

(Em casa do Sr. Baudin; médium: Srta. Baudin)

Pergunta (à Verdade) — Criticaste outro dia o trabalho que eu havia feito e tiveste razão. Reli-o e encontrei na 30ª. Linha um erro contra o qual protestaste por meio das pancadas que me fizeste ouvir. Isso me levou a descobrir outros defeitos e a refazer o trabalho. Estás agora satisfeito?

Resposta — Acho-o melhor, mas aconselho-te que esperes um mês para divulgá-lo.

P. — Que queres dizer, falando em divulgá-lo? Não tenho, bem sabes, a intenção de publicá-lo já, se é que o haja de publicar.

R. — Quero dizer: mostrá-lo a terceiros. Busca um pretexto para recusar isso aos que te pedirem para vê-lo. Daqui até lá melhorarás o trabalho. Faço-te esta recomendação para te poupar à crítica; precató o teu amor-próprio.

P. — Disseste que serás para mim um guia, que me ajudará e protegerá. Compreendo essa proteção e o seu objetivo, dentro de certa ordem de coisas; mas, poderias dizer-me se essa proteção também alcança as coisas materiais da vida?

R. — Nesse mundo, a vida material é muito de ter-se em conta; não te ajudar a viver seria não te amar.

NOTA — A proteção desse Espírito, cuja superioridade eu então estava longe de imaginar, jamais, de fato, me faltou. A sua solicitude e a dos bons Espíritos que agiam sob suas ordens, se manifestou em todas as circunstâncias da minha vida, quer a me remover dificuldades materiais, quer a me facilitar a execução dos meus trabalhos, quer, enfim, a me preservar dos efeitos da malignidade dos meus antagonistas, que foram sempre reduzidos à impotência. Se as tribulações inerentes à missão que me cumpria desempenhar não me puderam ser evitadas, foram sempre suavizadas e largamente compensadas por muitas satisfações morais gratíssimas.

A convicção de que seu guia era o Espírito da Verdade, Kardec consolidou-a no decorrer dos anos,

1 – Consultando espíritos de sua confiança, na Sociedade Espírita de Paris ou em reuniões particulares:

Segundo narrou na Revista Espírita de Março de 1862, pág. 112, na Sociedade Espírita de Paris, 3 de janeiro de 1862 – sendo médium: a Sra. Costel, ele dirigiu ao Espírito Jobard, a seguinte pergunta:

Vedes os Espíritos que estão aqui convosco?

– R. Eu vejo sobretudo Lázaro e Erasto; depois, mais distante, o Espírito de Verdade, planando no espaço; depois, uma multidão de Espíritos amigos que vos cercam, apressados e benevolentes.

Na mesma revista, pág. 245, deparamos uma comunicação do elevado Espírito Sanson, conceituado espírita, amigo de Kardec:

12. Entre os Espíritos aqui presentes vedes São Luís, o nosso presidente espiritual?

Resp. – Está sempre ao vosso lado e, quando se ausenta, deixa sempre um Espírito superior, que o substitui.

13. Não vedes outros Espíritos?

Resp. – Perdão; o Espírito de Verdade, Santo Agostinho, Lamennais, Sonnet, São Paulo, Luís e outros amigos que evocais estão sempre nas vossas sessões.

Devido à errônea interpretação das palavras de Jesus “Eu e meu Pai somos um”, (V.10.30) difundida pela Igreja, o povo daquela recuada época, (e até hoje) a maioria, católica, acreditava que Jesus era Deus.

Embora sempre atento sobre a influência do animismo inconsciente dos médiuns, Kardec não pôde, ele mesmo, furtar-se de todo à influência do mito e o misticismo sagrado, impregnado nas mentes dos psicógrafos e membros das reuniões.

Eis aí as graves razões pelas quais, o seu guia, – de uma forma inusitada, estranha e suspeita, evitou identificar-se: É fácil imaginar a confusão, as dúvidas e intranquilidade que causaria na mente dos médiuns e membros das reuniões, inclusive Kardec, ao notarem que o autor da mensagem e que se nomeava Verdade ou a Verdade, era Jesus-Cristo? Conseguiriam manter, daí em diante, o sigilo recomendado? Evitariam a repercussão negativa, perturbadora, que por certo ocorreria?

Ao comentar após o término das reuniões o teor das instruções recebidas, Kardec deve tê-los, por certo, convencido sobre a necessidade do sigilo e as razões que o levaram a modificar a autoria das mensagens assinadas por Jesus de Nazaré, inscrita no Livro Médiuns em 1861...

Refletindo por certo, que nenhum dos Espíritos vistos ao lado do Espírito da Verdade nas reuniões citadas, senão ele, ousaria nomear-se a Verdade, e compreendendo a importância da discrição, Kardec não mais o questionou.(Negritei- J. O.)

Corroborando o que acima aventamos, Paulo da Silva Sobrinho Neto escreveu o seguinte em seu livro (“O Espírito da verdade é Jesus”): — Eis o que disse Paulo Henrique Figueiredo, editor da revista Universo Espírita, sobre os arquivos de Canuto de Abreu, que teve acesso a eles:

[...] O eminente pesquisador espírita Canuto Abreu (1892-1980), anos antes da Segunda Guerra Mundial, esteve em Paris em busca de documentos históricos sobre o Espiritismo. Quando visitou a livraria de Leymarie, na época administrada por um sobrinho deste colaborador muito próximo de Kardec, teve acesso a uma caixa repleta de manuscritos. Assim, Canuto trouxe para o Brasil algumas dezenas de cartas inéditas de Kardec. Isso foi possível por que o Codificador fazia uma duplicata de toda carta enviada, seja de próprio punho ou pelas mãos de Amélie Gabrielle Boudet, sua esposa. (FIGUEIREDO, 2008, p. 7) (grifo nosso).

Agora vem, para esse nosso estudo, o mais importante de sua fala:

“Pois bem, as cartas estão sendo agora mantidas pelo neto de Canuto”. Numa delas, depois de comentar as dificuldades na divulgação do Espiritismo, Kardec afirma que soube, por meio de comunicação mediúnica, o fato do Espírito da Verdade ser Jesus: “Não sei se conseguiria ter calma e controlar minha emoção se soubesse antes que o Espírito com quem

conversei semanalmente era o meigo rabino de Nazaré”. [...] (FIGUEIREDO, 2008, p. 7) (grifo nosso). Espírito da Verdade, quem seria ele? – Paulo da Silva Sobrinho

2 – Ao ler, em Junho de 1866 em Os Quatro Evangelhos os trechos grifados das páginas 110 e 111, abaixo, nos quais os Evangelistas confirmam que Jesus é o Espírito da Verdade.

Pergunta nº. 2 – Quem é o Consolador?

Resposta – É a Doutrina dos Espíritos, ou seja, o Espiritismo.

No capítulo VI, O Consolador, de O Evangelho segundo o Espiritismo, Guillon, FEB-Rio, Kardec apresenta a seguinte – Instrução dos Espíritos

Consolador Prometido

3. Se me amais, guardai os meus mandamentos; e Eu rogarei a meu Pai e Ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito.

(João, 14:15 a 17 e 26.)

No item 4 ele comenta: – Jesus promete outro consolador: o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender, consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para relembrar o que o Cristo há dito. Se, portanto, o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo; se ele vem relembrar o que o Cristo disse, é que o que este disse foi esquecido ou mal compreendido.

O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade.

Quatro anos depois, em 1868, no Cap. XVII, Predições do Evangelho, pág. 143, de A Gênese, ele corrige a dubiedade do comentário anterior:

39..... Dizendo: “Pedirei a meu Pai e Ele vos enviará outro Consolador”, Jesus claramente indica que esse Consolador não seria Ele, pois, do contrário, dissera: “Voltarei a completar o que vos tenho ensinado.” Não só tal não disse, como acrescentou:

“A fim de que fique eternamente convosco e ele estará em vós.” Esta proposição não poderia referir-se a uma individualidade encarnada, visto que não poderia ficar eternamente conosco, nem, ainda menos, estar em nós; compreendemo-la, porém, muito bem com referência a uma doutrina, a qual, com efeito, quando a tenhamos assimilado, poderá estar eternamente em nós. O Consolador é, pois, segundo o pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador há de ser o Espírito de Verdade.

40. O Espiritismo realiza, como ficou demonstrado (Cap. I, item 30), todas as condições do Consolador que Jesus prometeu. Não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É fruto do ensino coletivo dos Espíritos, ensino a que preside o Espírito de Verdade. Nada suprime do Evangelho: antes, o completa e elucidada. Com o auxílio das novas leis que revela, conjugadas essas leis às que a Ciência já descobrira, faz se compreenda o que era ininteligível. A Gênese – Capítulo XVII p 342

Não só que ficaria esquecido, como também que seria desvirtuado o que por Ele fora dito, visto que o Espírito de Verdade viria tudo lembrar e, de combinação com Elias, restabelecer todas as coisas, isto é, pô-las de acordo com o verdadeiro pensamento de seus ensinamentos.

38. Quando terá de vir esse novo revelador? É evidente que se, na época em que Jesus falava, os homens não se achavam em estado de compreender as coisas que lhe restavam a dizer, não seria em alguns anos apenas que poderiam adquirir as luzes necessárias a entendê-las. Para a inteligência de certas partes do Evangelho, excluídos os preceitos morais, faziam-se mister conhecimentos que só o progresso das ciências facultaria e que tinham de ser obra do tempo e de muitas gerações. Se, portanto, o novo Messias tivesse vindo pouco tempo depois do Cristo, houvera encontrado o terreno ainda nas mesmas condições e não teria feito mais do que o mesmo Cristo. Ora, desde aquela época até os nossos dias, nenhuma grande revelação se produziu que haja completado o Evangelho e elucidado suas partes obscuras, indício seguro de que o Enviado ainda não aparecera.

39. Qual deverá ser esse Enviado? Dizendo: “Pedirei a meu Pai e Ele vos enviará outro Consolador”, Jesus claramente indica que esse Consolador não seria Ele, pois, do contrário, dissera: “Voltarei a completar o que vos tenho ensinado.” Não só tal não disse como acrescentou:

“A fim de que fique eternamente convosco e ele estará em vós.” Esta proposição não poderia referir-se a uma individualidade encarnada, visto que não poderia ficar eternamente conosco, nem, ainda menos, estar em nós; compreendemo-la, porém, muito bem com referência a uma doutrina, a qual, com efeito, quando a tenhamos assimilado, poderá estar eternamente em nós. O Consolador é, pois, segundo o pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador há de ser o Espírito de Verdade.

40. O Espiritismo realiza, como ficou demonstrado (Cap. I, item 30), todas as condições do Consolador que Jesus prometeu. Não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É fruto do ensino coletivo dos Espíritos, ensino a que preside o Espírito de Verdade. Nada suprime do Evangelho: antes, o completa e elucidada. Com o auxílio das novas leis que revela, conjugadas essas leis às que a Ciência já descobrira, faz se compreenda o que era ininteligível no livro citado acima.

Predições do Evangelho – 343

Em seu livro “Espírito da Verdade, quem seria ele”? Paulo da Silva Neto Sobrinho acrescenta os comentários seguintes que com a devida vênia transcrevemos:

Em o livro Missionários da Luz (p. 99) há essa explicação do espírito Alexandre a André Luiz:

“Mediunidade – prosseguiu ele, arrebatando-nos os corações – constitui meio de comunicação; e o próprio Jesus nos afirma: ‘eu sou a porta... se alguém entrar por mim será salvo e entrará, sairá e achará pastagens!’ Por que audácia incompreensível imaginais a realização sublime sem vos afeiçoardes ao Espírito de Verdade, que é o próprio Senhor?”.
Hermínio C. Miranda:

“Não há como duvidar, portanto, de que, em algum momento, presumivelmente entre 1861 e 1863, Kardec foi informado de que o Espírito Verdade era o próprio Cristo”...

“A identificação do Espírito Verdade com Jesus é confirmada em outro livro de boa fonte mediúnica, publicado após a partida de Allan Kardec para o plano espiritual. Chama-se este, Rayonnements de V vie spirituelle, tendo funcionado como médium, a Sra. W. Krell, de Bordéus, autora também, do prefácio”.

“Não há, pois, como ignorar a óbvia e indiscutível conclusão de que, sob o nome de Espírito Verdade, o Cristo dirigiu pessoalmente os trabalhos de formulação e implementação da Doutrina dos Espíritos, caracterizando-a como o Consolador que prometera há dezoito séculos”. (MIRANDA, 1993, p. 46-49). L. Palhano Jr.:

“No advento do Espírito de Verdade, em 1857, é o próprio Jesus de Nazaré quem preside os acontecimentos da nova Ciência, da nova Filosofia e da nova Religião, cuja moral é a verdadeira, pois preconiza aquela que está escrita na consciência” (PALHANO JR., 2001, p. 31).

Não obstante o que, de forma reiterada salientamos acima, não podemos desconsiderar, deixar de levar em conta o que elucidou Jorge Damas Martins no livro “Ponte Evangélica”:

O ESPÍRITO DA VERDADE

“ O anunciado Espírito da Verdade não é um ser corporal ou fluídico. É o conhecimento integral da verdade...” (J.-B. Roustaing – “Os Quatro Evangelhos” – 6ª. Ed. FEB, pág. 186)

Antes de entrarmos neste ponto, seria interessante que o leitor lesse os capítulos XIV, XV e XVI do evangelho de João, o Evangelista.

“ Os Quatro Evangelhos” de Roustaing nos dizem o seguinte nas págs. 186/187, 1º. Tomo:

O Espírito da Verdade virá e vos dará o conhecimento de tudo o que, ainda por muito tempo, terá que permanecer oculto e vos ensinará a fixar a luz santa, sem serdes por ela ofuscados.

O anunciado Espírito da Verdade não é um ser corporal ou fluídico. É o conhecimento integral da verdade, conhecimento que não podereis adquirir senão pelo vosso aperfeiçoamento e o vosso aperfeiçoamento não pode ser operado senão pelos Espíritos do Senhor, quer errantes quer encarnados em missão, sob a direção do vosso protetor. Tal a razão por que Jesus toma o título de Cristo ou enviado e de Espírito da Verdade, como complemento e sanção da verdade.

Esta, personificada em Jesus, não pode descer até vós, senão quando fordes dignos de recebê-la, e não podeis tornar-vos dignos disso sem o auxílio e o apoio dos missionários errantes e encarnados. 187 OS QUATRO EVANGELHOS

Também deveis entender pelo anunciado Espírito da Verdade, de modo complexo e simbólico ao mesmo tempo: - os Espíritos elevados que auxiliam a Jesus na sua missão, como seus precursores, e que vos conduzem gradualmente, através da era nova e preparatória do Espiritismo, ao conhecimento integral da verdade; e o mesmo Jesus, que virá dar aos homens esse conhecimento integral, quando estiverem prontos a recebê-lo e forem dignos e capazes de suportá-lo.

“Porém, as mensagens assinadas pelo Espírito de Verdade foram, de fato, assinadas por Jesus. Kardec, por cuidado, é que omitiu esse detalhe”. (PALHANO JR., 1999, p. 92-93)

Do valoroso, admirável trabalho elaborado por Paulo da Silva Neto Sobrinho, que corroboram o que aventamos sobre a influência do mito sagrado que dominava a mente dos místicos contemporâneos de Kardec, destacamos o item 60 que, com a devida vênia reproduzimos:

– “Devemos destacar as duas principais causas pelas quais algumas pessoas se apóiam para não aceitar a conclusão a que chegamos. Uma delas é que considerando, mesmo que inconscientemente, Jesus uma divindade, não o admitem se comunicando com os homens. Isso, muitas das vezes, trazemos das religiões das quais viemos. Entretanto, é bom lembrar que Jesus nunca se colocou como tal; ao contrário, se igualava a nós: “Subo a meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus” (V 20,17); chegou mesmo a dizer: “quem crê em mim fará as obras que eu faço e fará maiores do que elas...” (V 14,12). A prova de que Ele se comunica podemos ver nas narrativas bíblicas com Ele orientando Paulo de Tarso, fora a questão de que já havia se apresentado a seus discípulos, logo após a sua ressurreição, passando-lhes suas últimas orientações. E o próprio codificador afirmou: “De modo algum duvidamos de que ele não possa manifestar-se” (KARDEC, O Livro dos Médiuns, 2007, p. 483).

Na segunda causa, a visão que se tem de Jesus é que Ele é um Espírito puro; mas nem assim, nessa condição desmisticada, acreditam que Ele possa se manifestar, contrariando o que Kardec disse sobre essa única classe de Espíritos de primeira ordem: “Os homens podem comunicar-se com eles, mas bem presunçoso seria quem pretendesse tê-los constantemente às suas ordens”. (KARDEC, O Livro dos Espíritos, 2006, p. 125).60

No comentário que fazem ao episódio da Transfiguração de Jesus no Tabor, Mateus, cap. XVII, v. 1-9 – Marcos, cap. IX, v. 1-9, Lucas, cap. IX, v. 28-36, iniciado na página 468, os Evangelistas esclarecem o seguinte: Os Quatro Evangelhos – Volume II – pág.471

Jesus também consubstanciava em si promessas para o futuro. Moisés e Elias prometeram o Messias, Jesus prometeu outro Consolador, o Espírito da Verdade, a revelação espírita, pela intervenção dos Espíritos do Senhor junto dos homens, intervenção que teve a consagração, para todos, a presença de Moisés e de Elias no monte, em colóquio, diante dos discípulos, com o mesmo Jesus transfigurado. Desse modo se patenteou aos homens a glória, cujos caminhos teriam que ser abertos e preparados pela revelação espírita, glória que esta mesma revelação terá que realizar, a fim de que **Jesus, como Espírito da Verdade**,* como complemento e sanção da verdade, possa, cumprindo suas promessas, aparecer e descer, em todo o seu fulgor espírita, ao vosso planeta, já então depurado e transformado, descer ao seio dos homens, já regenerados e purificados. Os Quatro Evangelhos – Volume II – pág. 497. *(grifado por mim)

Deus, com a sua presciência e sabedoria infinitas, apropriada aos tempos, às inteligências, às necessidades de cada época, de cada era, os acontecimentos, os atos, as revelações, fazendo que se produzam nas condições mais convenientes à marcha lenta, porém regular e sempre progressiva da vossa humanidade.

Face à resposta que, quando interrogado relativamente a Elias, lhes deu o Mestre, seus discípulos compreenderam que João Batista era Elias, o mesmo Elias que as profecias anunciavam como devendo ser o precursor do Cristo.

O que, porém, Jesus naquela ocasião não podia nem devia dizer e que agora tem que ser dito é o seguinte: Moisés — Elias — João Batista — são uma mesma e única entidade. Estamos incumbidos de vos revelar isso, porque chegou o tempo em que se tem de “realizar” a “nova aliança”, em que todos os homens (Judeus e Gentios) se têm que abrigar debaixo de uma só crença, da crença — em um Deus, uno, único, indivisível, Criador incriado, eterno, único eterno: o Pai; em Jesus Cristo, vosso protetor, vosso governador, vosso mestre: o Filho; nos Espíritos do Senhor, Espíritos puros, Espíritos superiores, bons Espíritos que, sob a direção do Cristo, trabalham pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade: o Espírito Santo.

Sim, Moisés, Elias e João Batista são um só; são o mesmo Espírito encarnado três vezes em missão. Esse Espírito, quando foi Moisés, preparou a vinda do Cristo e a anunciou veladamente; quando foi Elias, deu grande brilho à tradição hebraica e anunciou, nas suas profecias, que teria de ser o precursor do Cristo; quando reencarnou em João, filho de Zacarias e Isabel, foi esse precursor. Essas três figuras eram o emblema da tríplice missão desempenhada em três épocas diferentes, e, por meio da aparição de Moisés e de Elias no Tabor, aos três discípulos, foram postas ao alcance das inteligências humanas, ensinando Jesus aos homens que João Batista era Elias, que voltara a terra.

Moisés, Elias e João foram sempre o mesmo Espírito reencarnado, mas não a mesma personalidade humana, a mesma individualidade terrena.

Assim é que, no Tabor, quando da transfiguração de Jesus, um Espírito superior, da mesma elevação que Elias e João, tomou a figura, a aparência de Moisés. Tais substituições se dão quando necessárias — por Espíritos da mesma ordem. OS QUATRO EVANGELHOS (II) 498

A Transfiguração de Jesus.

A presença de Moisés e Elias, visíveis para os discípulos, foi um meio de lhes ferir a imaginação e de, por assim dizer, *confirmar* diante deles a elevação espiritual do Cristo, como sendo *o Messias prometido*. Moisés e Elias tinham ambos prometido o Messias. A presença dos dois santificava e sancionava, aos olhos dos apóstolos, a missão que Jesus desempenhava, mostrando-lhes essa missão em toda a sua santidade.

..... Desse modo se patenteou aos homens a glória, cujos caminhos teriam que ser abertos e preparados pela revelação espírita, glória que esta mesma revelação terá que realizar, **a fim de que Jesus, como Espírito da Verdade**, como complemento e sanção da verdade, possa, cumprindo suas promessas, aparecer e descer, em todo o seu fulgor espírita, ao vosso planeta, já então depurado e transformado, descer ao seio dos homens, já regenerados e purificados. (grifos meus)

1º.- Enquanto em Paris, como guia espiritual de Kardec, Jesus, o Espírito da Verdade protegia-o e inspirava, promovendo a transmissão de uma síntese provisória da Doutrina dos Espíritos, em Bordéus, 500 quilômetros dali

2º. – Em perfeita sintonia com Ele, João Batista, sob o codinome de Moisés, junto ao grupo de Jean Baptiste Roustaing, em Bordéus, supervisionou a transmissão da Revelação da Revelação, obra complementar da síntese kardequiana, cuja parte final, sobre o Decálogo, assinou. Conforme revela Os Quatro Evangelhos, tomo 3, p 65, 5ª. Edição, FEB-Rio, sob o cognome de Regenerador foi-lhe entregue a tarefa de elevar a Terra à categoria de Planeta de Regeneração.

CONTRADIÇÕES DE ALLAN KARDEC? – Segunda Parte – 1 e 2

Ao lado das obras O que é o Espiritismo e O Céu e o Inferno, editada em 1865, a Gênese, publicada em 1868, foi, depois das três obras iniciais da Doutrina, a que mais me surpreendeu e encantou!

Ao interpretar, porém, de forma errônea no livro em pauta o desaparecimento do corpo de Jesus, como se vê na p 100 abaixo, não percebeu o venerável codificador, que colocando em dúvida a tese da natureza fluidica do corpo de Jesus, punha em dúvida as profecias bíblicas, a anunciação e a virgindade de Maria, fornecendo assim material e razões de sobra para a rejeição não só da primeira e segunda revelação como da terceira, a espírita, tanto pela Igreja como pelos livre pensadores do mundo inteiro, como de fato aconteceu.

Depois de ter lido a apreciação de Kardec da obra de Roustaing em que ele declara que a mesma não estava em nenhum ponto em contradição com as obras básicas do Espiritismo, causa-nos estranheza que não tenha levado em conta as explicações ali contidas sobre a natureza fluidica do corpo de Jesus e o mistério do seu nascimento. A razão é muito

simples: os dados científicos que possuía, tanto sobre os agêneres, sobre a natureza dos fluidos, como as materializações eram vagos, imprecisos, insuficientes, impedindo-lhe uma definição. Deixando-se levar pelas idéias vulgares então reinantes e que até hoje persistem sobre a natureza do corpo de Jesus, a que se prendeu, não pôde levar em conta o que sobre a natureza fluidica do corpo de Jesus foi OPORTUNA E PROVIDENCIALMENTE revelado por Os Quatro Evangelhos.

Conforme vemos em Obras Póstumas, páginas 301 a 302, da 11ª. Edição, 1957- FEB, Rio, as repetidas correções no texto das últimas edições de A Gênese efetuadas por indicação do Espírito do Dr. Demeure no início do ano de 1868, evidenciam claramente o desgaste físico e nervoso de que se ressentia, devido às causas apontadas. Numa sessão íntima, sendo médium o seu secretário, Sr. Desliens ele indaga:

Se nenhum contratempo sobrevier, a obra poderá aparecer em Dezembro. Prevê obstáculos?

Resposta – Não prevejo dificuldades intransponíveis... A tua saúde seria a principal; por isso é que te aconselhamos incessantemente que não te descuides dela. Quanto a obstáculos exteriores, nenhum pressinto de natureza séria. Dr. D. (Demeure)

Notar que em vez do Espírito São Luiz, o guia espiritual da Sociedade Espírita de Paris, ou o Espírito Verdade, Antoine Demeure, falecido em 26 de Janeiro de 1865, médico homeopata espírita, que anteriormente o assistira, passou a orientá-lo na elaboração dos textos d'A Gênese, advertindo, apressando ou corrigindo-o aqui e ali, como vimos acima.

Com que direito criticaríamos Kardec, super-atarefado, desgastado pelos ataques de reumatismo que lhe provocavam dores e crises cardiovasculares e respiratórias que lhe causavam sufocação e angústia peitorais, ocorridas no início do ano 1866, limitado pela carência de dados concretos, isto é, cientificamente positivados?

(Reveja, na p 64, acima, Instrução mediúnica relativa à saúde do Sr. Allan Kardec, comunicação mediúnica de 26 de Abril de 1866, in Obras Póstumas, próprio 286/289 ou, no livro Allan Kardec, de Zeus Wantuil e F. Thiesen – FEB-Rio o Cap. III, muito 108 a 117 – 3ª V. 1988); um mês antes de publicar na Revista Espírita, a crítica à obra de Roustaing. Como se viu, em condições físicas deterioradas para analisar e criticar uma obra tão volumosa e profunda como os Quatro Evangelhos.

Hoje, ao contrário, folgados e super informados, os espíritas anti-religiosos, anti-rustenistas ou antifebianos, surdos às recomendações de Kardec conservam-se alheios ao avanço da Ciência! Não levam em conta informações científicas suficientes para esclarecer os fatos espíritas, como as obtidas por William Crookes e um grande número de cientistas da época e, a partir do início dos anos trinta do século passado, obras portentosas, mundialmente consagradas, como A Grande Síntese, assinada por Sua Voz, nome pelo qual, prudente e humilde, o médium Pietro Ubaldi nomeou o Cristo, seu autor!

Além dele, Emmanuel e André Luiz/Chico Xavier, além de Vianna de Carvalho/Divaldo Franco Áureo/Hernani Andrade, não podendo olvidar Yvonne Pereira, Frederico Silva Jr. Além de Zilda Gama, psicógrafa do admirável livro Diário dos Invisíveis, por cujo intermédio foram obtidas, no início do século passado, instrutivas mensagens de Kardec, numa das quais, como vimos na p 80, corrigiu a sua opinião sobre o corpo fluídico.

(1)-Vide na página abaixo, a análise crítica sobre O Desaparecimento do Corpo de Jesus, de José C. de Moraes e Fabrício Smiderle Pereira e na p 83, Interpelação aos Espíritas. Na íntegra na p 102 em Jesus no Horto de Getsêmani.

---oo0oo---

Apresentamos a seguir uma análise crítica do item 64 do cap.15 do livro A Gênese, de Allan Kardec, feitas por dois jornalistas espíritas.

O DESAPARECIMENTO DO CORPO DE JESUS

Estudo efetuado pelos jornalistas José Carlos de Moraes e Fabrício Smiderle Pereira – zecamorais@escelsa.com.br – fabsmi@escelsa.com.br

Observação – (Nossos comentários estão entre parênteses e em itálico marrom.)

Texto de Kardec:

64. O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte há sido objeto de inúmeros comentários. Atestam-no os quatro evangelistas, baseados nas narrativas das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia depois da crucificação e lá não encontraram. Viram alguns, nesse desaparecimento, um fato milagroso, atribuindo-o outros a uma subtração clandestina.

Segundo outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico; não teria sido, em toda a sua vida, mas do que uma aparição tangível; numa palavra: uma espécie de agêner. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Assim foi que, dizem, seu corpo, voltado ao estado fluídico pode desaparecer do sepulcro e com esse mesmo corpo é que ele se teria mostrado depois de sua morte.

É fora de dúvida que semelhante fato não se pode considerar radicalmente impossível, dentro do que hoje se sabe acerca das propriedades dos fluidos; mas, seria pelo menos, inteiramente excepcional e em formal oposição ao caráter dos agêneres. Trata-se, pois, de saber se tal hipótese é admissível, se os fatos as confirmam ou contradizem.

(Comentário extremamente lúcido do Codificador, em formal oposição aos comentaristas atuais, useiros e vezeiros em negar a priori, sem qualquer respeito aos fatos). A assertiva de Kardec tem procedência, ou seja, o fato não é radicalmente impossível como costumam alegar os kardecistas de plantão, mais kardecistas que o próprio Kardec. Ou por outra, não é radicalmente impossível que Jesus houvesse tido apenas um corpo fluídico – palavras do Codificador. É também fora de dúvida que os roustainguistas jamais pretenderam que o fato ocorrido com Jesus tivesse outra natureza que não a da excepcionalidade. Quanto a contradizer o caráter dos agêneres, isso é outra questão. Não percebemos aqui a relação lógica, se existe, na premissa de Allan Kardec. O caráter e a natureza dos agêneres seriam suficientemente conhecidos em 1868?)

65. A estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa, pelo que respeita à sua mãe, como nas condições ordinárias da vida. Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, revela os caracteres inequívocos da corporeidade. São acidentais os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem e nada têm de anômalos, pois que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão, em graus diferentes, noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. É tão marcada a diferença entre os dois estados, que não podem ser assimilados.

(Percebemos aqui que Allan Kardec encontra-se aprisionado à própria concepção. Ao invés de procurar saber se tal hipótese é admissível, como enuncia no item 64, pelo contrário, embasará todos os seus raciocínios, a partir desse ponto, na plena convicção de que Jesus teve um corpo carnal como o nosso, que era na verdade, o que queria provar. Ou seja, qualquer raciocínio daí por diante levaria ao mesmo resultado, porque baseado numa idéia preconcebida. Não é possível sair desse círculo vicioso. O preconceito, então, ensombrará qualquer laivo de lucidez que pudesse surgir, eventualmente. O fato de dizer que a estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos distintos não infirma a “Revelação da Revelação”, e de forma alguma conseguimos perceber o porquê de tal divisão no argumento do Codificador. Senão, vejamos: quando diz que no primeiro (período), desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa, pelo que respeita a sua mãe, como nas condições ordinárias da vida; ficamos admirados com o posicionamento assumido por Kardec. Conversas com espíritos, espíritos veiculando mensagens através de sonhos, uma mulher julgando-se grávida sem ter mantido relações sexuais com o seu cônjuge, fenômenos inusitados, excepcionais a toda prova cercando o nascimento de uma simples criança, são aqui sumariamente minimizadas, desprezadas, estranhamente ignoradas pelo insigne mestre lionês. O que existe na narrativa do nascimento de Jesus, que minimamente se assemelhe às condições ordinárias do nascimento de qualquer criança? Existem, no relato dos povos algo que se aproxime, ao menos um pouco? Seria caráter inequívoco de corporeidade andar sobre as águas, transfigurar-se, passar por entre a multidão que pretendia atirá-lo de um penhasco? Isto sem nos referirmos a transformações de água em vinho, aplacamento de tempestades, previsão detalhada e minuciosa de seu próprio futuro e do futuro da humanidade que, é claro, podem ser reproduzidas à vontade por variados médiuns em todas as épocas da humanidade(???)... Ademais, de que forma poderíamos, pela linguagem de uma pessoa, tirar deduções tão inflexíveis quanto às do codificador, com respeito à corporeidade da mesma? Ou, por outra, como se saber, quando falamos com uma pessoa, tratar-se de um homem ou um espírito – não há possibilidade de um engano, nessas circunstâncias? Da experiência de que alguns agêneres tivessem a tal linguagem breve e sentenciosa poderíamos, sem dúvida, deduzir uma regra geral? E também: dispunha-se de um universo tão farto de exemplos de agêneres em 1868? E hoje, houve modificação nessa situação? Como se chegar a tais conclusões inamovíveis, sem recair em temível leviandade? Como se formar um sistema de conseqüências tão profundas, com tão poucas amostras? Quando o universo das amostras torna-se por demais exíguo, não aumenta a margem do erro? De forma que a marcada diferença entre os dois estados que pode ter havido, não é razão para duvidarmos de que Jesus tivesse um corpo de natureza diferenciada do nosso, pois bem poderia ocorrer que o próprio Jesus tivesse a intenção de que assim parecesse – há nisso alguma impossibilidade?)

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, propriedades que diferem essencialmente das dos fluidos etéreos; naquela, a desorganização se opera pela ruptura da coesão molecular. Ao penetrar no corpo material, um instrumento cortante lhe divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, cessa-lhes o funcionamento e sobrevém a morte, isto é, a do corpo. Não existindo nos corpos fluídicos essa coesão, a vida aí já não repousa no jogo de órgãos especiais e não se podem produzir desordens análogas àquelas. Um instrumento cortante ou outro qualquer penetra num corpo fluídico como se penetrasse numa massa de vapor, sem lhe ocasionar qualquer lesão. Tal a razão por que não podem morrer os corpos dessa espécie e por que os seres fluídicos, designados pelo nome de agêneres, não podem ser mortos.

(As experiências relatadas pelo sábio William Crookes, em “Fatos Espíritos”, demonstram que essa afirmativa de Kardec não se baseou em testemunhos de fatos concretos, e sim em informes de terceiros. O codificador conheceria a possibilidade de um espírito materializado permitir que se lhe cortasse um cacho de sua cabeleira, cacho esse extraído de suas tranças luxuriantes, conforme relatado na obra citada, pág. 79, 8ª Edição da FEB? Teria imaginado a

possibilidade de auscultar-se pulmões de espíritos, pulsações de um coração inexistente? Quanto a não poderem morrer os corpos dessa espécie, é obvio que concordamos.)

Após o suplicio de Jesus, seu corpo se conservou inerte e sem vida; foi sepultado como o são de ordinário os corpos e todos o puderam ver e tocar. Após a sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, não morreu de novo; seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente que aquele corpo era de natureza diversa da do que pereceu na cruz; donde forçoso é concluir que, se foi possível que Jesus morresse, é que carnal era o seu corpo.

(Ora, neste trecho Kardec utiliza como prova evidente de que o corpo com o qual Jesus se apresentou após a morte seria de natureza diversa do que foi sepultado, pelo fato desse corpo ter se desvanecido e desaparecido após a ressurreição, quando se elevou aos céus. E nosso amado Codificador se esquece do título do assunto que pretendeu explicar, ou seja, o desaparecimento do corpo de Jesus, antes da ressurreição, aliás, motivo desse estudo. Qual a prova evidente de diferença entre dois corpos que desaparecem da mesma forma?)

Por virtudes das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas, que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Quem sofre não é o corpo, é o Espírito recebendo o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo sem Espírito, absolutamente nula é a sensação. Pela mesma razão, o Espírito, sem corpo material, não pode experimentar os sofrimentos, visto que estes resultam da alteração da matéria, donde também forçoso é se conclua que, se Jesus sofreu materialmente, do que não se pode duvidar, é que ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de toda gente.

66. Aos fatos materiais juntam-se fortíssimas considerações morais.

Se as condições de Jesus, durante a sua vida, fossem as dos seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse aparente, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse dos lábios o cálice de amarguras, sua paixão, sua agonia, tudo, até ao último brado, no momento de entregar o Espírito, não teria passado de vão simulacro, para enganar com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório da sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, indigna, portanto, e com mais forte razão de um ser tão superior. Numa palavra: ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais as conseqüências lógicas desse sistema, conseqüências inadmissíveis porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem. Jesus, pois, teve, como todo homem, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência.

(Surpreendentemente, Allan Kardec chega a essa conclusão sem apresentar qualquer argumentação ponderosa que venha a oferecer uma alternativa ao intrigante enigma: afinal, o que ocorreu com o corpo de Jesus?). Qual a razão de seu desaparecimento, ao fim de tudo? Recusamo-nos a crer que o Codificador tenha se enfileirado junto àqueles que atribuem esse desaparecimento a uma subtração clandestina efetuada às surdinas pelos discípulos do Mestre. Teria sido daqueles outros, que poupam a integridade dos discípulos, pretendendo que o rapto do corpo do Mestre tenha sido obra tão somente de José de Arimatéia? Rapto, aliás, completamente sem sentido, uma vez que este havia solicitado o consentimento das autoridades para oferecer uma sepultura para o corpo de seu amigo. Para que o seqüestro do corpo, se esse corpo já estava em sua propriedade? Com que finalidade, senão o de implantar uma sonora mentira, a da ressurreição, de modo a enganar gerações e gerações de parvos? E os que defendem essas idéias insistem em dizer que têm o maior respeito pelos seguidores e amigos de Jesus. E aquela outra fascinante teoria que espalharam por aí, para ver se de tanto repetida, se torna verossímil? A de um Jesus que se recupera das feridas da cruz auxiliado pelo bondoso Arimatéia e vai terminar os seus dias na misteriosa Índia. Triste figura faz esse Jesus, que se torna esquecido de suas promessas e deixa que seus amigos sejam levados ao sacrifício das arenas e circos, dos leões e cruces, tudo por uma mentira alucinante, com o silêncio culposo e leviano de um messias que mudou de idéia e foi cuidar da sua vida, quase arrependido de ter iniciado aquela loucura coletiva. Pois é esse tipo de Jesus inconseqüente que nos querem impingir com tal absurda teoria. Podemos crer que o codificador comungasse dessa fantasia?

Por falar em Kardec, qual afinal a sua teoria para dissipar de uma vez por todas tão torturante dúvida? Ignoramos. A tão esperada conclusão não se concretiza. A tão aguardada alternativa não se apresenta. Ficamos sem saber o que pensava o Codificador a respeito. E o enigma do túmulo vazio permanece desafiando os séculos...

A um grandiloqüente início, uma decepçante conclusão.)

67. Não é nova essa idéia sobre a natureza do corpo de Jesus. No quarto século, Apolinário, de Laodicéia, chefe da seita dos apolinaristas, pretendia que Jesus não tomara um corpo como o nosso, mas um corpo impassível, que descera do céu ao seio da santa Virgem e não nascera dela; que, assim, Jesus não nascera, não sofrera e não morrera, senão em aparência. Os apolinaristas foram anatematizados no concílio de Alexandria, em 360; no de Roma, em 374; e no de Constantinopla, em 381. (1)

(Não sabíamos que a veracidade de uma idéia guardasse relação com a sua modernidade). A própria reencarnação e a comunicação com os mortos, por acaso seriam idéias novas? Nesse ponto Kardec denuncia uma escorregadela antiprogressista. Não têm sido outras a posição e a opinião dos detratores do Espiritismo. Que traz de novo a Codificação? Qual a razão de uma doutrina que repete Jesus? O que há de novo em suas crenças, espalhadas nas tradições de todos os povos do planeta? Não seria melhor a supressão sumária de seus postulados gastos e envelhecidos? Por outro lado, teria de fato Jesus existido? Não constitui a sua história uma lenda largamente repetida? O Cristianismo apresentou alguma novidade? Ah! Essas idéias novas e perturbadoras...

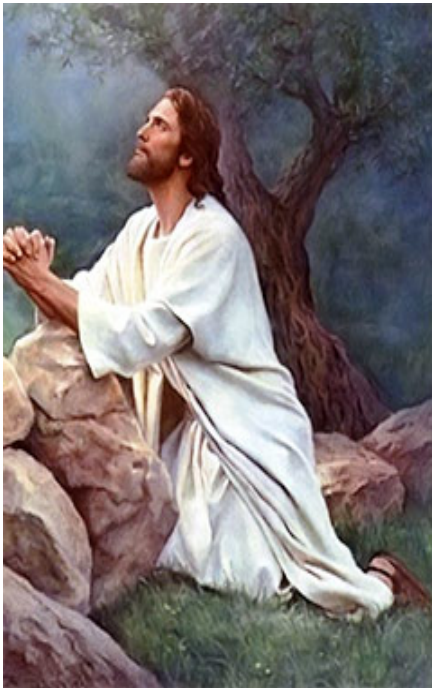
Essas palavras finais do nosso Mestre, não justificariam o renascimento dos santos tribunais da verdade absoluta? O que fazer com os roustinguistas? Excomungá-los? Impedir-lhes a manifestação do pensamento, como fizeram com os reencarnacionistas nos mesmos concílios? Criar novos concílios, esses agora no seio de nosso demasiado liberal movimento? Que nomes lhes daríamos? Concílio da Verdade Absoluta, Concílio do jeito certo de pensar? Onde realizar o primeiro, em São Paulo, em Brasília? Ou seria mais moderno falar-se em congressos e seminários? E ainda, por que não se implantar a Universalidade dos ensinamentos dos homens? Os homens não são espíritos encarnados?)

182- Nota da Editora: Diante das comunicações e dos fenômenos surgidos após a partida de Kardec, concluiu-se que não houve realmente vão simulacro, como igualmente não houve simulacro de Jesus, após a sua morte, ao pronunciar as palavras que foram registradas por Lucas (24:39): – “Sou eu mesmo, apalpai-me e vede, por que um Espírito não tem carne nem osso, como vedes que eu tenho”. 183- Não somente foram anatematizados os apolinaristas, mas também os reencarnacionistas e os que se põem em comunicação com os mortos.

(1) – Vide sobre a atualização de A Gênese de Kardec, A Gênese, de Renato Costa, item 13, p 3379 de Leitura Adicional. .

* * *

JESUS NO HORTO DE GETSÊMANI



Um dos episódios mais emocionantes da vida de Jesus é, sem dúvida, o ocorrido no Horto de Getsêmani do Jardim das Oliveiras, pouco antes de sua prisão.

MATEUS, Cap. XXVI, V. 36-46. — MARCOS, Cap. XIV, V. 32-42. — LUCAS, Cap. XXII, V. 39-46 p.412— Palavras e ensinamentos dirigidos aos discípulos. — Ele ensina os homens a morrer, depois de lhes haver ensinado a viver, objetivando o progresso do Espírito. — Aparição do anjo com um duplo fim: convencer os homens de que era aparente a condição humana que eles consideravam real em Jesus e na qual haviam de acreditar enquanto durasse a sua missão terrena e acreditariam, sob o véu da letra, até ao advento do Espírito; e prepará-los para, na época desse advento, reconhecerem que deviam pôr de lado a divindade que as interpretações humanas lhe teriam atribuído.

MATEUS: V. 36. Em seguida foi Jesus com eles a um horto chamado Getsêmani e disse a seus discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto vou ali orar. — 37. E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a se entristecer e angustiar. — 38. Disse-lhes então: Minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e velai comigo. — 39. E, afastando-se um pouco, se prostrou com o rosto em terra e entrou a orar, dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como o queiras tu. — 40. Veio depois ter com seus discípulos e, encontrando-os a dormir, disse a Pedro: Pois quê! Não pudestes velar

comigo uma hora! — 41. Vigiai e orai, a fim de não cairdes em tentação; o Espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca. — 42. De novo se afastou deles e segunda vez orou, dizendo: Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade. — 43. Voltando outra vez a ter com eles, novamente os achou dormindo, pois que tinham pesados de sono os olhos. — 44. Deixando-os, foi orar pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras. — 45. Em seguida, veio ter ainda com os discípulos e lhes disse: Dormi agora e repousai; eis que chegou a hora em que o filho do homem será entregue às mãos dos pecadores. — 46. Levantai-vos, vamos; aproxima-se aquele que me há de entregar.

MARCOS: V. 32. Foram em seguida para um horto chamado Getsêmani, onde ele disse a seus discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto vou orar. — 33. E, tomando consigo a Pedro, Tiago e João, começou a ser presa de pavor e angústia. — 34. Disse-lhes então: Minha alma está triste até à morte. Ficai aqui e vigiai. — 35. E, afastando-se um pouco, se prostrou em terra, rogando que, se fosse possível, passasse dele aquela hora. — 36. Dizia: Abá, pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice; todavia, faça-se não o que eu quero, mas o que tu queiras. — 37. Foi ter com os discípulos e, achando-os a

dormir, disse a Pedro: Dormes, Simão? Pois quê! Não pudeste velar uma hora! — 38. Vigiai e orai, a fim de que não entreis em tentação. O Espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca. — 39. Afastou-se de novo e orou, repetindo as mesmas palavras. — 40. Voltando, encontrou-os novamente a dormir, pois pesados de sono tinham os olhos, e sem saberem o que lhes respondessem. — 41. Voltou terceira vez e lhes disse: Dormi agora e descansai. Basta! É chegada a hora: eis que o filho do homem vai ser entregue às mãos dos pecadores. — 42. Levantai-vos, vamos; vem perto aquele que me há de entregar.

Lucas: V. 39. Saindo dali, foi, como costumava, para o monte das Oliveiras e seus discípulos o seguiram. — 40. Lá chegando, disse-lhes: Orai, para que não entreis em tentação. — 41. Afastou-se deles cerca de um tiro de pedra, ajoelhou-se e orou, dizendo: — Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; entretanto, faça-se não a minha vontade, mas a tua. — Apareceu-lhe então um anjo do céu a confortá-lo. Ele, presa de agonia, com mais instância orava. — Veio-lhe um suor como de gotas de sangue que corriam até o chão. — 45. Terminada a sua prece, levantou-se, foi ter com os discípulos e os achou dormindo em consequência da tristeza que os 414 acabrunhava. — 46. Disse-lhes então: Porque dormis? Levantai-vos e orai, para não sucumbirdes à tentação.

N. 290. Jesus desceu ao meio dos homens para lhes ensinar a viver e a morrer, tendo em vista o progresso do Espírito. Todos os seus atos, todas as suas palavras tiveram esse objetivo.

Depois de lhes haver ensinado a viver, foi ao horto de Getsêmani, no monte das Oliveiras, ensinar-lhes a morrer.

Tudo o que ali se passou ocorreu unicamente como ensinamento, como exemplo dados aos homens.

Deveis compreendê-lo assim, lembrando-vos da origem e da natureza de Jesus, origem e natureza que agora vos são reveladas e que “fazem conhecer” quem é o filho.

Deveis igualmente compreender que o que se deu tinha que ser assim, lembrando-vos de que os homens então acreditavam ser puramente humana, tal qual a vossa, a origem de Jesus. Tudo, pois, tinha que ser e foi, nos fatos como nas palavras, apropriado a essa crença.

Todos os fatos, todas as palavras do Mestre, durante a sua missão terrena, se encadeavam de forma a que servissem para aquele momento, a que preparassem o futuro e conduzissem a humanidade, com o correr dos séculos, através do reinado da letra, à nova revelação, ao advento do espírito.

(Mateus, V. 36 e 37; Marcos, V. 32-34; Lucas, v. 39.) Jesus se fez acompanhar dos três discípulos que já levava consigo ao Tabor para a transfiguração e a aparição de Elias e Moisés. Eram eles Pedro, Tiago e João. Chamou-os novamente por serem, como já o explicamos (n. 194, pág. 472 do 2º volume), os que apresentavam disposições físicas mais favoráveis a se tornarem mediunicamente aptos à manifestação espírita que se ia produzir com especialidade à aparição do anjo.

415 Minha alma, disse-lhes Jesus, está numa tristeza mortal. Estas palavras, que ficariam como um ensinamento, tiveram por fim fazer que os três discípulos compreendessem e, por seu intermédio, os homens, que, pressentindo o que ia suceder, ele buscava em Deus a força de que precisava.

Ficai aqui: Tendes que testemunhar o que se vai passar. Velai comigo: Tendes que ouvir e ver, tendes que narrar o que houverdes visto e ouvido e que deva ser conhecido dos homens, transmitido às gerações futuras, explicado e compreendido de acordo com as interpretações humanas, apropriadas às inteligências e necessidades de cada época, interpretações que serão dadas primeiramente segundo a letra, depois, nos tempos preditos, segundo o espírito.

(Mateus, V. 39-44; Marcos, V. 35-40; Lucas, v. 40-42.) Os atos e palavras de Jesus, registrados nestes versículos, foram praticados e ditas para os homens em geral, como ensino, como exemplo. Foram-no também para servirem de lição aos apóstolos e aos que de futuro viessem a ser discípulos do Mestre divino. A uns e outros mostravam aqueles atos e palavras a submissão que lhes cumpre demonstrar sempre nas maiores angústias; a fé e a resignação, que lhes não devem nunca faltar, quaisquer que sejam suas provações, quaisquer que sejam os sofrimentos que lhes estejam reservados; a vigilância que precisam exercer constantemente sobre si mesmos, para não falirem; e o socorro eficaz da prece, poderoso cordial da alma.

“Vigiai e orai, disse Jesus aos três discípulos, a fim de que não entreis em tentação, de que não caiais em tentação, de não sucumbirdes às tentações. O Espírito está pronto, mas a carne é fraca.”

O Espírito está sempre pronto a conceber tanto as obras boas, como as obras más. A carne, porém, desfalece e o Espírito não a sabe dominar. 415

416 – Os três discípulos não dormiam um sono ordinário, como o entendeis. O deles era um sono físico, mas não moral. Quer dizer que, conservando-se sujeito ao corpo, o Espírito percebia as sensações deste último. Achavam-se nesse estado de entorpecimento exterior, que apresenta todas as aparências do sono e permite que o Espírito acompanhe, como se os visse através de um véu, os atos que se praticam em redor de si e ouça o rumor que se faça, as palavras que se pronunciem. O corpo então dormita e repousa, mas o Espírito, que se não desprende, tudo percebe pelos órgãos materiais entorpecidos, produzindo sobre o cérebro, o que ele percebe, o efeito de um sonho.

Aquele sono foi, em Pedro, Tiago e João, efeito da fadiga e da vigília. Não vos sucede às vezes cair no estado em que os três se acharam e que vimos de descrever? Não dormiam; viram e ouviram. Quando Jesus se aproximava deles, os olhos se lhes tornavam pesados sob a influência magnética, a fim de motivar o conselho que lhes dava o Mestre.

Dizendo sempre a mesma coisa, Jesus três vezes foi ter com eles e não uma apenas, para lhes gravar melhor nos corações e na memória aquelas palavras, que tinham de ser por eles citadas quando referissem o que se passara, tinham de ser registradas pelos evangelistas, que atravessaram os séculos e chegar a todas as gerações humanas.

(LUCAS, v. 43.) “Apareceu-lhe então um anjo do céu a confortá-lo; e ele, presa de agonia, com mais instância orava.”

Aos que admitem a divindade de Jesus, o Cristo, pergunta-se: Deus precisava de amparo? Não trazia ele em si mesmo a sua força?

Aos que negam as manifestações espíritas e consideram Jesus um homem como os outros, com uma veste de carne igual às dos demais homens, 417 pergunta-se: Como se há de admitir que um anjo do Senhor se tenha mostrado a Jesus – homem e aos três apóstolos? Não, os que negam as manifestações espíritas não podem admitir isso e desde então, se foi Jesus quem deu ciência dessa manifestação a seus discípulos, ele era um impostor. Como, porém, nada prova que o Mestre lhes tenha falado de tal coisa, aquela manifestação não passou de pura invenção dos discípulos. Mas, com que fim a teriam estes inventado, uma vez que procuravam estabelecer uma divindade na qual, como o reconhecerá quem se coloque no ponto de vista dessa classe de contraditores, eles não podiam deixar de crer?

Aos espíritas que acreditam nas manifestações, mas que pretendem, ou crêem que o Mestre era um homem como qualquer outro, com uma veste de carne igual à deles, perguntaremos: Como é que, podendo dar-se todos os fatos concernentes a Jesus, só o seu nascimento não podia deixar de ser um ato inteiramente humano? Mas, neste caso, são falsas as revelações que o anjo fez a Maria e depois a José!

Se Jesus tivesse sido fruto de uma união humana, falso seria o mistério que lhe cerca o nascimento. Ora, admitir a mentira, a falsidade, com relação a este fato, fora deixar livre o campo para admiti-la em todos os outros casos. Atente o espírita nessa conseqüência e veja em que situação ela o coloca diante dos que negam as manifestações espíritas, dos que declaram fabulosa a obra evangélica, da qual só aceitam, caprichosamente, o que lhes convém à incredulidade admitir. Abra o espírita os olhos à luz da nova revelação que vos trouxemos, da revelação da revelação, que vem cumprir e não destruir, explicar e não rejeitar; que, pondo o espírito no lugar da letra, vem explicar aos homens, em espírito e em verdade, a origem e a natureza de Jesus, de que modo e em que condições se deu o seu aparecimento na Terra.

418 Sendo puro Espírito, Espírito de pureza perfeita e imaculada, protetor e governador do planeta terreno, a maior essência, depois de Deus, respeito à Terra, mas não a única do mesmo grau na imensidade, na hierarquia espiritual e dos mundos; tendo apenas um corpo de natureza perispirítica, que lhe facultava a plena consciência da sua origem, que não tolhia a completa independência e a liberdade do seu Espírito, que lhe deixava ter exata consciência da sua missão e do seu poder, bem como a certeza do porvir; sendo sempre Espírito, podia Jesus receber outro amparo que não o do próprio Senhor? Sua mesma elevação não o colocava acima dos desfalecimentos humanos?

Compreendi, portanto, que, estando superior aos terrores humanos, Jesus quis apenas dar aos homens um exemplo de submissão nas maiores angústias. E que o exemplo foi proveitoso, podeis verificá-lo. De fato, verificá-lo-eis no espetáculo dos mártires, avançando para o suplício sem experimentarem sequer aquela agonia moral de que falam os discípulos, referindo-se ao Mestre, agonia que eles tomaram por um fato real, quando era apenas aparente, não passando de um ensinamento, de uma lição.

Não esqueçais que Jesus colocava sempre sob as vistas dos homens exemplos práticos da moral que pregava.

Qualquer que seja o invólucro que lhe atribuíam, admirai em Jesus o Espírito. Não vos dividais, ó espíritas! Homens, quem quer que sejais, que ainda não sois acessíveis à luz da nova revelação, deixai de lado os fragmentos do vaso e recolhei cuidadosamente o perfume que ele encerrava, porquanto os que o respiram, respiram a vida eterna. Sim, a aparição do anjo se produziu, como todos os outros fatos que a precederam e seguiram. Todos se produziram como ensinamento e exemplo dados aos homens, a fim de lhes provarem que Deus ampara sempre os que para ele apelam 418 com fé e resignação e lhes envia a força de que necessitam; a fim de lhes fazerem compreender que, como já temos dito, sejam quais forem suas provações, sejam quais forem os sofrimentos que lhes estejam reservados, eles acharão sempre no amparo que o Senhor lhes concede a força de que careçam.

A aparição do anjo tinha que ser e foi visível para os três discípulos, por efeito da mediunidade de vidência que eles possuíam. Para todos não teria sido visível. Essa a razão por que Jesus levou consigo apenas Pedro, Tiago e João, que eram os mais aptos a ver.

(LUCAS, v. 44.) “Veio-lhe um suor como de gotas de sangue, que corriam até ao chão.”

Foi um efeito fluídico que se produziu em presença dos três discípulos e que se lhes tornou mediunicamente visível, qual sucedera com a aparição do anjo.

Esse efeito fluídico simbolizava o sangue que Jesus, devassando o futuro, via que seria derramado em seu nome!

Tal manifestação nada tem de “maravilhosa” para aquele que já se iniciou na ciência espírita, na história das manifestações espíritas, que regista, com o cunho da autenticidade, efeitos análogos. Estes podem produzir-se e ainda se produzirão em vossos dias aos olhos de médiuns videntes.

A esses efeitos fluídicos da parte dos Espíritos correspondem efeitos análogos da parte dos encarnados, dos que, como vós, sofrem a encarnação humana. São, em tais casos, efeitos materiais, que nada têm de extraordinários, que a ciência dos homens comprovou e comprova como fenômenos de patologia, a que dão o nome de suor de sangue. Os anais médicos os registam em grande número. Lembrai-vos em particular, como caso histórico, do das duas moças conhecidas pela designação de *Estigmatizadas do Tirol*. 420

Repetimos: tudo o que se passou unicamente ocorreu como ensino, como exemplo para os homens.

Que fez Jesus? Retirou-se para orar a sós? Formulou a sua prece apenas com os lábios ou mentalmente? Não; e é esta uma observação que podeis fazer e que não fazem os que negam a todo transe. Leva consigo três de seus discípulos e,

afastando-se um pouco, mas permanecendo à distância de ser visto e ouvido, se prostra e exprime em voz alta seus temores, suas angústias, sua submissão.

Cegos! Pois ainda não compreendeis que Jesus, o modelo que vos deu o exemplo da vida, naquela hora extrema dava o exemplo da morte, mostrando a seus discípulos como deve o homem submeter-se às vontades do Senhor, sejam quais forem as angústias que experimente?

Seus discípulos adormeceram. Também não vedes uma lição nesse “sono”, que lhes não fez perder um só que fosse dos atos, uma só das palavras do Mestre?

Oh! Mestre bem-amado, bendito modelo, como são suaves os teus exemplos! Como é fortalecedora a tua palavra!

Jesus! Quem poderá dizer que desde o estábulo, onde surgiste aos olhos da humanidade, até a cruz, donde irradias por sobre o mundo, tiveste um momento de fraqueza, um instante de desfalecimento?

Quem poderá dizer que um segundo houve da tua passagem pela Terra que não consagrasse a instruir os homens pela palavra e pelo exemplo?

Meigo Mestre do mundo, ensina de novo a estes ingratos a se prostrarem diante do Senhor; faze de novo que jorrem de tua boca adorável as palavras de submissão e devotamento que eles devem repetir.

421 Não vos deixeis vencer pelo sono, vós outros, discípulos, que seguis o Mestre, que lhe ouvís a voz, pois que o momento se aproxima. Todos deveis orar e vigiar, para vos manterdes em guarda contra os vossos inimigos visíveis e invisíveis: os vícios da humanidade, os maus conselhos, as más seduções, as más influências ocultas. Em guarda contra vós mesmos, por meio de constante vigilância sobre os vossos pensamentos, sobre as vossas palavras e os vossos atos, nada tereis que temer dos outros, sejam eles encarnados ou errantes.

Jesus, até ao último instante, foi um exemplo para os homens. Se, aos olhos de seus discípulos, não houvesse experimentado as angústias por que passa o homem em presença da morte, seria o mesmo o reconhecimento da humanidade, que então não compreendia, como ainda em geral não compreende, senão as provações físicas, os sofrimentos físicos? Não teríeis todos dito, até mesmo vós, sem a nova revelação que vos vem explicar, em espírito e verdade, as palavras do Mestre, que vos vem dar a conhecer “quem é o filho”, assim como a sua missão inteiramente espiritual e o objetivo dessa missão, não teríeis todos dito: “Era-lhe fácil devotar-se, afrontar o suplício e mesmo a morte, visto que a sua natureza o punha em condições de triunfar dos sofrimentos que nos abatem?”

Certo ninguém houvera dito, e nem mesmo vós, sem esta nova revelação, direis: “Se é real que os sofrimentos físicos o não podiam atingir, não menos real é que ele experimentava sofrimentos morais, a angústia de ver, desenrolando-se diante de seus olhos, um futuro tão pouco produtivo para os homens. Via correr o sangue que em seu nome os homens derramariam. Esse o sangue que seus discípulos viram a lhe escorrer pelo rosto como suor e que lhes deu a perceber que, quando o homem eleva o coração a Deus, impelido pelo sentimento de amor, a fim de lhe pedir forças para suportar as provações, o Senhor manda, ao que nele confia, mensageiros que lhe trazem a consolação e a esperança de que precise.”⁴² E Jesus, puro Espírito, Espírito de pureza perfeita e imaculada que se achava acima e fora da humanidade terrena, descendo até vós, não desempenhava, em bem do progresso dos homens, uma missão superior, toda de devotamento e de amor, permeada de dores morais? (Mateus, V. 45 e 46; Marcos, V. 41 e 42; Lucas, V. 45 e 46.) Basta, disse ele. A lição estava dada aos apóstolos e aos que os imitariam. O ensinamento e o exemplo estavam dados aos homens. Que estes tirem dele proveito. “A hora chegou, levantai-vos, vamos”. É preciso que os acontecimentos materiais se cumpram.

* * *

ENDEUSAMENTO

É por demais conhecida, mormente nos indivíduos mais sensíveis e impressionáveis, não só nos ingênuos ou incultos, a tendência de idolatrar e endeusar artistas, poetas, cantores e líderes religiosos que, por seus dotes incomuns ou virtudes excepcionais causam forte deslumbramento e fanatismo, como vemos no artigo publicado pelo “Blog Aron, o espírita”, que a seguir transcrevemos, dando seqüência a série de artigos que convalidam a obra de Roustaing.

Jean-Baptiste Roustaing – Fanatismo E Confusão – Antônio Wantuil de Freitas – Reformador de Março 1943

Quando o Buda apareceu no Oriente como enviado do Espírito que presidira à formação da Terra e a governava, como governa ainda, sua doutrina, pela sublimidade dos ensinamentos que continha, estava muito acima da compreensão dos homens daquela época. Daí o considerarem-no seus adeptos como um Deus.

Mais tarde, o próprio Governador do planeta, julgando oportuno o momento para nova sementeira espiritual, veio pessoalmente recordar às ovelhas que o Pai lhe confiara os ensinamentos anteriores, que já se achavam esquecidos e até deturpados. Pregando, porém, a homens que só podiam receber o que a mentalidade de então permitia, a homens habituados aos ensinamentos iniciais de Moisés, ainda assim, modificados, alterados e interpretados de acordo com os interesses dos grupos religiosos e políticos, Jesus, o Verbo de Deus, foi recebido e tratado como o mais perigoso charlatão. Todavia, com o correr dos anos, a massa popular, intelectualmente menos atrasada, passou a admiti-lo, conforme o haviam feito os adeptos do Buda, não como o Messias anunciado e prometido, mas como o próprio Deus, como um desdobramento deste, formando com Ele a politeica trindade comum a todas as religiões antecedentes à era comum. Não

compreendendo o Cristo qual Ele era, Espírito luminosíssimo, muito distanciado da pobreza intelectual e moral da Terra, não conseguindo explicar satisfatoriamente os ‘milagres’ por Ele praticados no meio do povo que o rodeava, os religiosos se viram obrigados para elucidarem os textos evangélicos, a imitar os budistas: deificaram o meigo Nazareno, confundindo a criatura com o Criador.

Não se pode, em sã consciência, recriminar os sacerdotes por esse ato, embora um tanto desrespeitoso da Divindade. A mentalidade da época era muito pequena e as palavras do Cristo, visando os séculos futuros, não podiam ser assimiladas, senão parcialmente. Por isso mesmo prever, foi que Jesus declarou ser necessária a sua saída da Terra, a fim de que outro Consolador viesse e conosco ficasse, não só para nos lembrar os seus sentimentos, mas também para nos transmitir novos conhecimentos, quando chegasse a época de os podermos receber. E, cumprindo a sua promessa, o que, aliás, não podia deixar de acontecer, enviou-nos esse conjunto harmonioso de Espíritos de alta hierarquia, que trouxeram a Allan Kardec, por via de numerosos médiuns, os novos ensinamentos prometidos, a Lei pela qual nos deveremos guiar.

Médico de vasta cultura, pedagogo eminente, que mereceu a confiança do maior e mais célebre educador da Europa, Pestalozzi, Allan Kardec pôs ao serviço dessa nova Revelação, que o deslumbrou quando lhe apreendeu o alcance, depois de havê-la posto em dúvida, todo o seu talento e ilustração, codificando aqueles ensinamentos e reunindo-os nas três obras que intitulou – Livro dos Espíritos, Livro dos Médiuns e Evangelho segundo o Espiritismo.

Quem quer que leia esses três monumentais volumes concordará em que o que eles encerram está, numa larga medida, acima, muito acima dos conhecimentos filosóficos e religiosos da época em que foram escritos e que os três são, realmente, o começo de uma revelação nova, que continuaremos a receber gradativamente, de acordo com o progresso moral e intelectual que formos armazenando, mesmo porque, para isso, o Consolador ficará conosco perenemente, conforme o disse Jesus.

Allan Kardec não foi, pois, o instrumento dessa revelação, nem tampouco os médiuns de que ele se utilizou podem ser considerados os únicos transmissores do que constitui a obra que nos traz a felicidade de que gozamos todos os espíritas. Ele foi, como os seus médiuns, escolhido para a missão que lhe perpetuou a memória, exatamente como escolhidos foram os quatro evangelistas que nos transmitiram os ensinamentos diretamente do Cristo de Deus.

Chamemo-lo, portanto, apóstolo do Espiritismo. Prestemo-lhe a nossa homenagem sincera, reconhecidos aos benefícios que temos auferido da leitura e meditação das obras que, arcando com todo o peso da responsabilidade de proclamá-las, ele nos legou; mas, não confundamos essas obras que, por procederem do Consolador, formam um conjunto harmônico de ensinamentos que se não contradizem, que, ao contrário, se sucedem lógica e gradualmente seriados, desafiando qualquer crítica séria e leal, com as outras obras do mesmo Kardec, obras pessoais, excelentes sob todos os aspectos, porém, discutíveis, como ele próprio o reconheceu, declarando que, ao apresentar muitas das questões ventiladas nelas, fê-lo como simples hipóteses. Evidenciou assim, com a sinceridade, que ninguém lhe pode negar, tratar-se de obras suas, pessoal e exclusivamente suas.

O Cristo, prevendo que os homens o divinizariam, não se esqueceu de invalidar desde logo, por meio de sentenças de meridiana clareza, a sua futura divinização. Kardec, na previsão de que o transformariam em novo messias, confundindo o que era seu, fruto de suas elucubrações, com aquilo que lhe viera do Alto, cuidou de evitar desde logo essa transformação, não só assinalando o papel que lhe coubera na obra da Terceira Revelação, como tornando claro que, enquanto os seus três primeiros livros, porque de procedência divina, somente afirmações contém, o conteúdo dos outros é feito de hipóteses que ele deixava para serem explanadas no futuro, de conformidade com os progressos anunciados pela mesma revelação que lhe tocara codificar.

Assim como os ensinamentos do Cristo, depois de terminada a sua missão, não foram transmitidos à humanidade por um só evangelista, também os do seu enviado, o Consolador, não deveriam ter um só homem por encarregado da sua difusão. Daí vem que, após haver Allan Kardec elaborado a parte fundamental da obra do Consolador, a outro teve de ser dada a incumbência de a continuar, ampliando-a. Esse outro foi J.-B. Roustaing. Dissemos – continuar, porque, segundo o próprio Kardec o reconheceu, a revelação dada a Roustaing não apresenta qualquer ponto em contradição com os livros básicos do Espiritismo, por ele publicados, sendo, pois, um desenvolvimento do que nestes se encontra. Guardando reserva apenas quanto a alguns pontos da obra de Roustaing, que ele não se considerava apto a aprovar ou reprovar, não hesitou em declarar que essa obra era ‘considerável e encerrava outras coisas incontestavelmente boas e verdadeiras’ e que ‘seria consultada com proveito pelos espíritas conscienciosos’.

Devemos levar em conta que Kardec não só emitiu uma opinião pessoal, como ainda apelou para o futuro, dizendo que só este poderia julgar convenientemente a obra ditada a Roustaing. Ora, o Mestre dispunha de excelentes médiuns, daqueles que serviram de instrumentos para a transmissão das obras fundamentais da doutrina; poderia, conseqüentemente, valer-se desses médiuns para colher a opinião dos Espíritos que o assistiam sobre a obra em questão, do que resultaria ficar sabendo e poder proclamar quais os pontos dessa obra com que os mesmos Espíritos não concordavam. Preferiu, entretanto, prescindir da autoridade destes últimos e falar por conta própria, como o fizera anteriormente, quando duvidara de que as pernas de uma mesa pudessem responder às perguntas que se lhe faziam.

Devemos ainda notar que a doutrina enfeixada nos três primeiros livros que Allan Kardec publicou é aceita, in totum, pelos espíritas brasileiros, o que não se dá com os espíritas de outros países, os quais não são unânimes em aceitá-la, como também não a aceitam as várias correntes espiritualistas existentes. É natural, portanto, naturalíssimo mesmo, que a obra evangélica de Roustaing, por conter idéias, ensinamentos e revelações que só pelas gerações vindouras, mais avançadas

em progresso intelectual, poderão ser perfeitamente assimiladas, não seja bem acolhida por grande parte dos espíritas da geração atual, visto que muitos, por não terem apreendido o espírito da obra do Consolador e o seu caráter de progressividade, supõem que a Revelação espírita parou completa no que fez e nos legou o seu grande e venerável codificador.

Por isso mesmo, não nos parece inverossímil que ainda venham a formar-se, entre os espíritas, aqui, correntes que, alargando algumas das aberrações que já surgiram, levantem altares onde se entronize a imagem de Kardec, a quem, no entanto, exclusivamente deveremos prestar homenagens de cunho espiritual, consubstanciadas, sobretudo, na prática escrupulosa dos ensinamentos que ele recebeu dos Espíritos do Senhor, únicas que lhe podem ser agradáveis. Farão assim o que fizeram outros com os apóstolos do Cristo e com o próprio Cristo.

Cumpra assinalar também, e isto é muito significativo, que todos quantos reverenciam a Kardec, lhe reconhecem a grandeza da obra e a estudam com amor, e, ao mesmo tempo, agasalham, meditam e propagam a Revelação da Revelação, de Roustaing, jamais pretenderam obrigar quem quer que seja a crer nisto ou naquilo, a adotar essa revelação, nem jamais repeliram os que ainda se lhe conservam contrários. Entretanto, sem que se possa justificar, ou explicar, em face da doutrina do Espiritismo, semelhante atitude, lamentabilíssima por anticristã, estes últimos se levantam coléricos contra os primeiros, entendendo-os passíveis de todas as condenações. Contraste eloqüente: enquanto que até a palavra ódio lhes escapa dos lábios, quando se referem aos outros, denotando um estado d'alma oposto ao em que deve permanecer sempre o discípulo do Evangelho, a mansuetude ressalta de tudo o que dizem os anatomizados, exprimindo os seus propósitos de obedecerem, até onde lhes seja possível, as lições de paciência, de resignação e de amor, dadas e exemplificadas pelo Mestre divino.

Estamos certo de que não conseguiremos com estas desprezíveis observações, despertar, sequer, nesses nossos irmãos, o desejo de uma leitura rápida da obra que combatem. Obstam a isso o espírito de seita e o fanatismo de que se deixaram dominar e em cuja prática pensam estar a única maneira de glorificarmos o eminentíssimo Codificador da Doutrina Espírita. Este se absteve de julgar a obra do seu irmão, obreiro também da divina Seara da Verdade. Antes, considerou-a digna de ser consultada pelos espíritas conscienciosos. Como se poderá compreender haja espíritas que, intitulado-se defensores da sua obra, vão ao extremo de querer acender fogueiras, semelhantes à em que o bispo espanhol mandou lançar, em Barcelona, as obras fundamentais do Espiritismo, para a incineração de todos os volumes que existam da obra de Roustaing?

Por satisfeito nos teremos, se lográmos induzir algum irmão nosso, que ainda não a conheça, a proclamá-la à luz da sua própria razão, lendo-a página por página. Não hesitamos em acreditar que a esse, caso seja um espírito consciencioso, ocorrerá a idéia de que bem cataria, sobre as fogueiras que se acendessem para a queima da obra de Roustaing, uma placa com estas palavras, que compõe conhecido lema: - Trabalho, solidariedade, tolerância.

Na mesma página do Reformador, mas sem qualquer indicação de que faça parte do artigo acima – apesar de sua integral sintonia com ele – a editoria da revista fez incluir um trecho de “O Livro dos Espíritos”. É o que lemos a seguir:

“O homem que julga infalível a sua razão está bem perto do erro. Mesmo aqueles cujas idéias são as mais falsas se apóiam na sua própria razão e é por isso que rejeitam tudo o que lhes parece impossível. O que se chama razão não é muitas vezes senão orgulho disfarçado e quem quer que se considere infalível apresenta-se igual a Deus. Dirigimo-nos, pois, aos ponderados, que duvidam do que não viram, mas que, julgando do futuro pelo passado, não crêem que o homem haja chegado ao apogeu, nem que a natureza lhe tenha facultado ler a última página do seu livro. Allan Kardec.”

“O Livro dos Espíritos”, ‘Introdução’, pág. XXV]

---oo0oo---

“UM GOSTO E 4 VINTÉNS” – Luciano doa Anjos – Reformador (FEB) Janeiro 1970

Ensina-nos a Doutrina Espírita ser a universalidade do ensino uma das condições para que se se conheça se os Espíritos “são de Deus ou não”. É claro que não é esta nem a principal nem a mais importante das exceptivas. Um ensinamento nocivo pode, tanto quanto um honesto ensinamento ser universalizado pelos agentes das trevas. Os Espíritos, livres que são, têm a natural capacidade de se movimentar na Espiritualidade a ponto de “ensinarem” do Além, através de vários médiuns, em muitos pontos da Terra, que Deus existe. Na Inglaterra, por exemplo, são numerosíssimas as comunicações, em diversas e diferentes locais, “ensinando” a mentira da lei da reencarnação. Lembro-me da última linha do notável romance “Um gosto e seis vinténs”, onde Somerset Maugham diz que o diabo pode sempre citar a Escritura em proveito próprio.

Logo a universalidade do ensino há-de ser sempre um dos aspectos da autentica Revelação; mas jamais o “punctum saliens”. A lógica, o bom-senso, o exame cuidadoso da matéria, eis os elementos de maior prevalência. Há na intimidade de cada ser um critério indefinível de fundamento subjetivo que conduz ao entendimento das grandes e transcendentales verdades.

Tal como a certeza de que Deus existe, nascida indiferentemente no espírito do silvícola ou do gênio. É fundamental partirmos dessa premissa, pelo menos nós, os deístas, pois que do contrario, teremos recursos para entender o **critério de verdade**. Problema, aliás, de extrema gravidade, o critério de verdade preocupou sempre todos os filósofos de

todos os tempos. A grande maioria forma ao lado da corrente de pensamento cartesiana, segundo a qual esse critério estaria na **evidência. Seja como for, é essencial que, pelo menos nós, os espíritas não apenas comunguemos também dessa solução cartesiana (por ser sem dúvida a melhor, em face inclusive da natureza da Revelação Espírita, toda ela assentada na evidência de fatos), mas além disso raciocinemos com Bezerra de Menezes, quando nos diz que o melhor critério está na medida em que exalçamos a magnificência do Criador.**

Ora, se o problema da verdade reúne tamanha complexidade e tão embaraçosa dificuldade, não poderia, no campo de estudo da Revelação, estar definido apenas através da lei da universalidade do ensino. Seria simplório demais. E, convenhamos, tanto o Cristianismo de Jesus, quanto o Espiritismo de Kardec, não nos bastam à alma e ao raciocínio porque tiveram mais de um divulgador. Ambos, ainda que através duma única voz, atenderiam sem dúvida à nossa ânsia de saber e evoluir, porque trazem na medula da sua mensagem, a lógica, o bom-senso, a razão, a evidência e autarquia.

Eis porque, meu caro leitor, nada contribuiria para desmerecer a Revelação da Revelação de Jean Baptiste Roustaing, se porventura a verdade ali contida tivesse ficado apenas no trabalho mediúnico da extraordinária médium Collignon.

Nada obstante, não foi o que ocorreu. Sabe-se hoje que até o aspecto (embora subsecivo) da universalidade do ensino veio também fortalecer a transcendental mensagem. O próprio Kardec desceu das plagas do Infinito, através duma das mais seguras médiuns da atual geração, para confirmar que Jesus tivera um corpo fluídico (vide “Diário dos Invisíveis”, de Zilda Gama, pág. 202. Edição da “O Pensamento”); Emmanuel revela idêntico ponto-de-vista. Vide o prefácio de “Vida de Jesus” de Antônio Lima, e “O Consolador”, questões nº.s 243, 277, 283 e 287; Humberto de Campos toma igual posição em “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, capítulo XXII. Guerra Junqueiro, em “Funerais da Santa Sé, poema “O Corpo de Jesus”, página 69, da 3ª. Edição da FEB, e, entre os líderes do movimento espírita brasileiro, só falando de desencarnados, há que registrar os nomes respeitabilíssimos de Guillon Ribeiro, Bezerra de Menezes, Manuel Quintão, Antônio Luiz Saião, Leopoldo Cirne, Pedro Richard, Bittencourt Sampaio, Ismael Gomes Braga, Júlio César Leal, Frederico Figner, etc. Essa galeria deveria data vênica, liquidar qualquer assunto, mas os anti-rustenistas geralmente são de incrível impermeabilidade, sobre quem, repetindo Somerset Maughan, **“somente a fé dum poeta ou dum santo pode esperar que surjam lírios no asfalto da rua”...**

Por isso mesmo, nesse artigo, quero ir mais longe e tratar da posição daqueles que, na minha opinião (quicá na de todos os espíritas) embora materialmente não passando de 4 vinténs que são hoje os mais evangelizados, mais disciplinados e mais humildes médiuns que se conhece. Refiro-me por ordem alfabética, a Divaldo Pereira Franco, Francisco Cândido Xavier, Olimpio Giffoni e Yvonne A. Pereira. Contribuição deles em prol da propagação da Doutrina dos Espíritas, pautada no trabalho reservado, silencioso, sumamente cauteloso, está demonstrada através de anos de esforço ininterrupto, passível de nobre e sublime mediunato.

Qual, pois, a posição de cada um deles, em face da personalidade fluídica de Jesus, em face da ascensão em linha reta do Nazareno, isto é, sem nunca ter encarnado até atingir as esferas de luz em que já se encontrava “antes que o mundo fosse”. João 8, 58.

Divaldo Pereira Franco, o primeiro vintém, por mais de uma vez fez a mim, pessoalmente a afirmativa de que não há como explicar os evangelhos senão à luz da “Revelação da Revelação”. Seria uma posição reservada, apenas de meu conhecimento particular? Claro que não. Antes de tudo, porque os homens desse quilate não têm por vezo, sob nenhum pretexto, formar posições dúbias, uma pública e outra para os amigos. Luciano de Anjos.

Capítulo V

Tendo em vista o grande número de depoimentos existente a favor da teoria do corpo fluídico de Jesus, achamos conveniente, para facilitar a sua apreciação e o seu estudo, apresentar duas dúzias deles, entre os mais objetivos e convincentes, como se vê abaixo:

APONTAMENTOS SOBRE O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

Para aqueles que, como nós, vêm, há milênios percorrendo a longa estrada de volta ao Reino do Criador Bendito, de onde fomos expulsos por nossa rebeldia, a Doutrina dos Espíritos representa deslumbrante, alvissareira alvorada de luz espiritual. Porém, não nos basta crer. Precisamos seguir fielmente os ensinamentos e exemplos do Divino Mestre Jesus! É o que nos vem à mente ao lermos no Blog do Aron, um espírita, a mensagem nº. 1 do livro “Alvorada Cristã”, de Neio Lúcio, da FEB - Rio de Janeiro, 1971, que data vênica, transcrevemos:

1- SIGAMOS COM JESUS – Neio Lúcio

Blog do Aron, um espírita – Terça-feira, 19 de abril de 2011

Maomé foi valoroso condutor de homens. Milhões de pessoas curvaram-se-lhe às ordens.

Todavia, deixou o corpo como qualquer mortal e seus restos foram encerrados numa urna, que é visitada, anualmente, por milhares de curiosos e seguidores.

Carlos V, poderoso imperador da Espanha, sonhou com o domínio de toda a Terra, dispôs de riquezas imensas, governou muitas regiões; entretanto, entregou, um dia, a coroa e o manto ao asilo de pó.

Napoleão era um grande homem. Fez muitas guerras. Dominou milhões de criaturas.

Deixou o nome inesquecível no livro das nações.

Hoje, porém, seu túmulo é venerado em Paris...

Muita gente faz peregrinação até lá, para visitar-lhe os ossos...

Como acontece a Maomé, a Carlos V. e a Napoleão, os maiores heróis do mundo são lembrados em monumentos que lhes guardam os despojos.

Com Jesus, todavia, é diferente.

No túmulo de Nosso Senhor, não há sinal de cinzas humanas.

Nem pedrarias, nem mármore de preço, com frases que indiquem, ali, a presença da carne e do sangue.

Quando os apóstolos visitaram o sepulcro, na gloriosa manhã da Ressurreição, não havia aí nem luto, nem tristeza.

Lá encontraram um mensageiro do reino espiritual que lhes afirmou: “Não está aqui.”.

E o túmulo está aberto e vazio, há quase dois mil anos.

Seguindo, pois, com Jesus, através da luta de cada dia, jamais encontraremos a angústia da morte e, sim, a vida incessante.

No caminho de notáveis orientadores do mundo poderemos encontrar formosos espetáculos da glória passageira; contudo, é muito difícil não terminarmos a experiência em desilusão e poeira.

Somente Jesus oferece estrada invariável para a Ressurreição Divina. Quem se desenvolve, portanto, com o exemplo e com a palavra do Mestre, trabalhando por revelar bondade e luz, em si mesmo, desde as lutas e ensinamentos do mundo, pode ser considerado cidadão celeste.

* * *

2 – “NEM TODA CARNE É A MESMA CARNE” – Lauro S. Thiago –Reformador – FEB – 09/72

(Paulo, 1ª Epístola aos Coríntios, Cap. XV, v. 39)

Normal e habitualmente os Espíritos assumem a vida na Terra pela encarnação, isto é, revestindo-se de um corpo carnal, gerado através de um processo biológico vigente num mundo ainda material como o nosso: o da reprodução sexuada. Esse processo, que exige a união da matéria com a matéria e necessita, por isso, do concurso de dois indivíduos de sexos diferentes, é – não há negar – admirável pela precisão das leis que o regem e pelos resultados magníficos a que conduz; condiciona, além disso, dentro da estrutura social do nosso mundo, baseada na organização da família, uma tarefa nobilíssima, que é a tarefa dos pais, e na qual sobressai a mulher, em sua sublime missão de mãe.

Ninguém ousará negar a grandeza da maternidade, que redime a mulher de qualquer mácula e lhe faz nascer no coração o mais puro sentimento de amor que existe neste mundo, que é o amor materno. Tudo isso é, pois, realmente admirável e digno do nosso maior respeito, como obra de Deus e como lei de Deus; o que não nos impede, entretanto, de reconhecer que esse processo biológico comporta uma elaboração longa e penosa, muito material, ainda, e própria de mundos pouco adiantados, sendo, pois, processo relativamente atrasado, se comparado aos processos mais admiráveis que ocorrem além, noutros mundos bem mais adiantados que a Terra e onde a matéria cede ao Espírito.

Nesses mundos, assume-se a vida em corpos mais sutis, formados segundo outras leis, que regem a matéria no seu estado etéreo ou fluídico. São corpos ainda materiais, de matéria semelhante à nossa carne, mas não da mesma carne, no sentido de que são formados não pela união da matéria com a matéria, mas sim pela ação magnética da vontade e do pensamento dos Espíritos sobre os fluidos existentes na natureza desses mundos.

Pois bem, esses processos superiores de encarnação, que melhor se dizem de incorporação, podem ocorrer, também, embora excepcionalmente, nos mundos menos adiantados, mediante aplicação apropriada, aos fluidos que lhes são inerentes, das leis que presidem àqueles processos.

É assim que surgem, mesmo na Terra, seres como os **agêneres**, que não tiveram genealogia carnal, conforme as leis biológicas vigentes no nosso mundo, e, no entanto, apresentam totalmente a aparência humana, tanto no que concerne à visibilidade quanto à tangibilidade. Esses seres surgem muitas vezes espontaneamente, como consta da história de todos os povos e em todos os tempos. Mas, nos tempos modernos, têm surgido como resultado de investigação experimental, com o concurso dos médiuns de materialização.

Quem conhece os extraordinários fenômenos obtidos por William Crookes, valendo-se da mediunidade de Florence Cook, na Inglaterra, de materialização do Espírito Kate King, que praticamente conviveu com os Crookes durante 3 anos e se apresentava com todas as aparências da corporeidade humana, deixando-se pesar, palpar, auscultar, revelando um coração batendo, pulmões que respiravam, membros que se movimentavam, olhos que viam, ouvidos que escutavam, laringe que falava, argüindo e respondendo, uma cabeça ornada por bastos cabelos de que algumas madeixas puderam ser cortadas para ficar como lembranças aos familiares de Crookes e seus amigos; que tinha um corpo, portanto, semelhante

aos corpos carnis dos humanos, diferindo destes, porém, pelo fato, digno de toda a consideração, de que se formava e desfazia em breves instantes, tornava a formar-se e a desfazer-se, e tudo apenas pela vontade do Espírito que o assumia temporariamente; quem conhece esse fato notável, entre muitos outros análogos obtidos na Europa e na América, por diversos sábios pesquisadores e através de numerosos médiuns, e conhece, inclusive, entre outras havidas no Brasil, as materializações de Espíritos obtidas no Pará, por Eurípedes Prado, através da mediunidade de sua esposa, D. Ana Prado, e que ensinaram ao casal Frederico-Ester Figner rever sua filha Raquel, desencarnada, com todas as aparências que tivera em vida, contemplar-lhe a forma, a graça, o sorriso, sentir-lhe o hálito, o contato de suas mãos e de seus braços, receber seu carinho filial, beijos, abraços, afagos, tudo numa realidade viva que fez o velho Figner e sua esposa chorarem de comoção, impossível mesmo de sopitar ante tal manifestação que lhes era concedida como incomparável dádiva divina; quem conhece tudo isso, não pode deixar de compreender que existem no Universo outras leis regendo o aparecimento dos seres, que não só as que regem o processo comum da procriação no nosso mundo.

Isso tudo, aliás, é pura doutrina dos Espíritos e nada há aí a contestar.

É deplorável, pois, o engano que leva alguns confrades, por muitos outros títulos respeitáveis, à atitude de opositores da atuação da FEB, editando e reeditando a obra “Os Quatro Evangelhos”, de Jean-Baptiste Roustaing, e recomendando-a ao estudo meditado e profundo de todos os espíritas, como obra complementar da nossa doutrina. Esse engano reside todo no pensarem que a idéia ali veiculada do corpo aparente de Jesus esteja em contradição com a codificação do Espiritismo. Tal pensamento não resiste, no entanto, à análise desapassionada da realidade. Kardec tinha um espírito positivo e ponderado, é certo, mas também era eminentemente racional. Sobre os fatos ele raciocinava, como todo investigador da verdade, em busca de teorias explicativas, na ânsia de conhecer-lhes as leis. Kardec fazia, pois, sobre os fatos os seus próprios raciocínios. Não foi, porém, sobre os seus raciocínios que ele codificou o Espiritismo, e sim sobre as respostas dadas pelos Espíritos às perguntas por ele habilmente formuladas sobre esses fatos e esses raciocínios. Mais de uma vez as respostas dos Espíritos contrariaram a opinião de Kardec e ele teve de reformulá-la, adotando a dos Espíritos, como lealmente confessa. A obra de Kardec é imensa, admirável, sólida, inabalável; jamais será superada. Mas, por maior que seja e mais durável, trazendo solução a angustiosos problemas da humanidade e explicando fatos até então inexplicáveis, nem por isso esgotou tudo o que essa mesma humanidade teve e terá ainda de saber através da Terceira Revelação. Após 15 anos de labor ininterrupto, Kardec, ao libertar-se, não tivera oportunidade de reexaminar, à luz de novos fatos – mormente os mais notáveis de materialização e ectoplasmia -, algumas de suas opiniões pessoais, que lealmente ele apresentou como tais e não como resultante do ensino dos Espíritos. Assim é relativamente à natureza do corpo de Jesus, que ele pessoalmente admitiu tenha sido de natureza carnal, igual ao de todos os homens, e não um corpo perispiritico, fluídico, semelhante ao dos agêneres (“A Gênese”, Cap. XV, pág. 333, 15ª. da FEB).

Mesmo aí, no entanto, Kardec também declara: *“É fora de dúvida que semelhante fato não se pode considerar radicalmente impossível, dentro do que hoje se sabe acerca das propriedades dos fluidos; mas seria, pelo menos, inteiramente excepcional e em formal oposição ao caráter dos agêneres.”*

Na obra fundamental, entretanto, que encerra os princípios básicos da Codificação – “O Livro dos Espíritos” -, bem como naquela que lhe serve de complemento, no que concerne aos fenômenos e faculdades mediúnicas, nada há, no ensino dos Espíritos, que contrarie a idéia do corpo fluídico de Jesus; os Espíritos nada dizem sobre isso, pela simples razão de que Allan Kardec não formulou pergunta alguma, especificamente sobre esse assunto. Há, porém, abundantes ensinamentos que podem levar o investigador a aceitar perfeitamente a idéia do corpo aparente do Mestre. Aquelas duas obras estão cheias de revelações sobre o fluido universal ou substância cósmica primitiva, a partir da qual, por modificações da íntima estrutura, se formam numerosas variedades fluídicas que, por sua vez, modificadas e combinando-se entre si, formam múltiplas outras variedades, processo em que a substância fluídica primitiva vai perdendo seu caráter etéreo de imponderabilidade e dinamismo, aproximando-se cada vez mais das características de maciez e ponderabilidade, impenetrabilidade e inércia próprias da matéria densa e grave. Assim, depois desses ensinamentos claros de “O Livro dos Espíritos”, especialmente contidos na 1ª. parte dessa obra admirável, o homem passa a compreender nitidamente que a nossa matéria bruta e pesada tem sua origem numa substância sutilíssima, sendo, pois, todas as coisas ponderáveis deste mundo originárias do imponderável cósmico. É interessante fazer notar, num parêntesis, que isso tudo, hoje positivamente objeto de revelação ostensiva por parte dos Espíritos, já foi em remotos tempos inspirado aos gregos que, mais filósofos do que experimentadores, admitiam na origem da matéria uma “matéria-prima” elementar, concebendo-a formada de partículas tenuíssimas e indivisíveis a que eles chamaram átomos. Hoje, a própria ciência experimental, apoiada nos fatos e servindo-se extensamente do instrumento lógico da matemática, vai se aproximando cada vez mais daquela “matéria-prima”, essa substância simples, a matéria cósmica primitiva, a que os Espíritos chamaram fluido universal, e que é capaz de assumir, por suas modificações inumeráveis, a consistência de todas as coisas materiais.

Mas, outras coisas nos revelaram os Espíritos, e uma delas é que, se a matéria, no seu estado bruto, pesado e inerte, só pode sofrer modificações oriundas de agentes materiais, mecânicos, físicos ou químicos, no seu estado etéreo, fluídico, imponderável e dinâmico, ao contrário, ela pode ser trabalhada, modificada pela simples ação do pensamento e da vontade do Espírito.

São dignas de toda a consideração e profunda meditação também as explanações de “O Livro dos Médiuns” a esse respeito, no capítulo VIII – **Do laboratório do Mundo Invisível** onde Kardec se mostra profundamente impressionado

com o notável fenômeno da escrita direta, por ele muito bem observado e estudado, no qual breves ditados são obtidos em caracteres visíveis e **permanentes**, sem que os Espíritos se tenham utilizado das mãos do médium, de lápis, tinta ou qualquer outro material preexistente neste mundo, o que prova que o material empregado foi feito por eles próprios no momento mesmo em que o depositavam diretamente sobre o papel, a partir de elementos imponderáveis e invisíveis, tornados na ocasião visíveis e tangíveis. Impressionado, também, por um caso de aparição do Espírito de uma pessoa viva, que se apresentara à noite em visita a uma enferma com todas as aparências da realidade, inclusive trazendo em uma das mãos uma caixa de rapé análoga à de seu uso habitual no estado de vigília, e da qual tirava, de vez em quando, uma pitada – Kardec, diante desse e de outros fatos, formula ao Espírito S. Luís perguntas cujas respostas, seguidas de oportunas notas e judiciosas considerações do próprio Kardec, encerram todos os informes que nos facultam compreender perfeitamente a extensão dos recursos de que dispõem os Espíritos, aplicando as eternas leis de Deus à natureza invisível, onde reinam os fluidos e atuam soberanos o pensamento e a vontade, para obter com as substâncias fluidicas as **aparências** de todas as coisas deste mundo. Da mais alta importância, porém, para o assunto que abordamos, são os itens 5 e 6 do capítulo I da Parte Segunda de “O Livro dos Espíritos”: **Diferentes ordens de Espíritos e Escala espírita**. Por isso, pedimos permissão aos leitores para reproduzir, senão total, pelo menos parcialmente o que ali se nos informa e que é resumidamente o seguinte:

Os Espíritos “*são de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado*”; *essas ordens “são ilimitadas em número, porque entre elas não há linhas nítidas de demarcação traçadas como barreiras, de sorte que as divisões podem ser multiplicadas ou restringidas livremente*”. “*Todavia, considerando-se os caracteres gerais dos Espíritos, elas podem reduzir-se a três principais. Na primeira, colocar-se-ão os que atingiram a perfeição máxima: os puros Espíritos. Formam a segunda, os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é que neles predomina. Pertencerão à terceira os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. A ignorância, o desejo do mal e todas as paixões que lhes retardam o progresso, eis o que os caracteriza.*” Essas três ordens são subdivididas em classes. A terceira ordem, em que estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela “*predominância da matéria sobre o Espírito*”, pela “*propensão para o mal*” e pela “*ignorância, orgulho, egoísmo e todas as paixões que lhes são conseqüentes*”, subdivide-se em 5 classes: **Espíritos impuros** (10^a. classe), **Espíritos levianos** (9^a. classe), **Espíritos pseudo sábios** (8^a. classe), **Espíritos neutros** (7^a. classe), **Espíritos batedores e perturbadores** (6^a. classe). São todos, Espíritos muito materializados e sujeitos necessariamente a encarnações e reencarnações em corpos carnis. A segunda ordem, a dos bons Espíritos, caracterizados pela “*predominância do Espírito sobre a matéria*” e pelo “*desejo do bem*”, e cujas “*qualidades e poderes para o bem estão em relação com o grau de adiantamento que hajam alcançado*”, tendo uns “*a ciência, outros a sabedoria e a bondade*”, reunindo os mais adiantados o saber às qualidades morais, apresenta 4 classes: **Espíritos benévolos** (5^a. classe), **Espíritos sábios** (4^a. classe), **Espíritos de sabedoria** (3^a. classe), **Espíritos superiores** (2^a. classe). Em todos há predominância do Espírito sobre a matéria, mas, “*não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, conforme a categoria que ocupam, os traços da existência corporal, assim na forma da linguagem, como nos hábitos, entre os quais se descobrem mesmo algumas de suas manias. De outro modo seriam Espíritos perfeitos*”. Ainda tem, por isso, “*que passar por provas, até que atinjam a perfeição*”. Entre todos se destacam, porém, os da 2^a classe – os **Espíritos Superiores** -, que “*em si reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade*”. “*Da linguagem que empregam se exala sempre a benevolência; é uma linguagem invariavelmente digna, elevada, às vezes sublime. Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos darem noções exatas sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. Comunicam-se complacentemente com os que procuram de boa fé a verdade e cuja alma já está bastante desprendida das ligações terrenas para compreendê-la. Afastam-se, porém, daqueles a quem só a curiosidade impele, ou que, por influência, fogem à prática do bem. Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir missão de progresso e, então, nos oferecem o tipo de perfeição a que a Humanidade pode atingir neste mundo.*” (“O Livro dos Espíritos”, 28^a. ed. Da FEB, págs. 83 a 91.)

Vemos, assim, que os Espíritos de todas essas classes, desde os mais impuros, da terceira ordem, até os mais aperfeiçoados, da segunda, todos estão sujeitos à encarnação na Terra em corpos carnis, **porque são mais ou menos materializados**, inclusive os que, quase mas não totalmente desmaterializados – os Espíritos Superiores -, só encarnam na Terra em missões de progresso. Assim não sucede, porém, com os da primeira classe, classe única da primeira ordem – os **Espíritos puros**, cujos caracteres gerais incluem: “*Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta com relação aos Espíritos das outras ordens.*” É o que claramente se pode inferir desses caracteres gerais e, sobretudo da descrição seguinte, com que o Codificador encerra o citado item 6 do capítulo I da Parte Segunda da obra fundamental do Espiritismo e para a qual chamamos vivamente a atenção. “*Os Espíritos que a compõem percorreram todos os degraus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos percíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus.*” (O grifo é nosso.)

“*Gozam de inalterável felicidade, porque não se acham submetidos às necessidades, nem às vicissitudes da vida material. Essa felicidade, porém, não é a de ociosidade monótona, a transcorrer em perpétua contemplação. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. Comandam todos os Espíritos que lhes são inferiores, auxiliam-nos na obra de seu aperfeiçoamento e lhes designam as suas missões.*”

Ora, não está aí, exatamente, a descrição da categoria espiritual de Jesus? A sua classe, a sua ordem, a sua hierarquia na escala espirita? Não é o Mestre um Messias Divino junto aos homens deste mundo, um Ministro de Deus, representante legítimo do Criador para gerir às coisas deste departamento do Universo e governar, instruindo-as e guiando-as, as criaturas que aqui trabalham e aqui fazem o seu estágio de aperfeiçoamento, preparando-se para galgar outros degraus da escala espirita e a dos mundos? Não é assim que, inteiramente de acordo com o ensino dos Espíritos, devemos entender a posição do Cristo de Deus em relação ao nosso mundo e à sua humanidade, como nosso Governador, nosso Mestre, nosso Pastor? Como, então, se ele é um Espírito absolutamente puro, sem mais afinidade alguma com a matéria, não mais sujeito, portanto, à encarnação num corpo perecível, como poderemos sequer pensar que ele tenha tido um corpo carnal como o nosso, cheio de necessidades materiais e exposto a todas as contingências da materialidade?

Sim, o Mestre teve certamente um corpo, mas de natureza perispiritual apenas, feito com os fluidos existentes na atmosfera do nosso mundo, que ele atraiu a si pela ação da sua potentíssima vontade, aglomerou-os e deu-lhes a forma que quis, tornando-o aparente, visível e tangível para os efeitos da sua missão entre os homens. E que há de impossível nisto para o Mestre, Espírito puro, Governador do nosso planeta, que *“existia no princípio com Deus, tendo sido todas as coisas feitas por ele”*, quando qualquer Espírito possui um perispírito que pode, à sua vontade, tornar visível e mesmo tangível? De fato, no item 4 do mesmo capítulo I da Parte Segunda de “O Livro dos Espíritos” lê-se o seguinte:

93 – O Espírito propriamente dito, nenhuma cobertura tem ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer?

“Envolve-o uma substância vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.”

94 – De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial?

“Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório como mudais de roupa.”

É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos.”

95 - Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro?

96 - O Invólucro semimaterial do Espírito tem forma determinada e pode ser perceptível?

“**Tem a forma que o Espírito queira.** É assim que este vos aparece algumas vezes, quer em sonho, quer no estado de vigília, e **que pode tomar forma visível, mesmo palpável.**”

Vê-se, pois, que há nos livros fundamentais da Codificação elementos mais que suficientes para tornar perfeitamente compreensível a idéia do corpo aparente de Jesus, que ele teve de tomar para exercer sua missão entre os homens, mas que formou pela ação de sua vontade sobre a substância fluídica do perispírito, que – esse sim -, obrigatoriamente, teve de tomar ao descer à Terra, em harmonia com a natureza própria deste mundo.

Sobre a legitimidade da natureza fluídica do corpo de Jesus, porém, o que, sobretudo deve valer é o que disse o próprio Mestre de si mesmo e que os Evangelistas registraram, seguramente sob influência mediúmica. No Evangelho de João, que a esse respeito é o que mais nos instrui, lê-se o seguinte (cap. X, vers. 17 e 18): *“Por isso o Pai me ama, porque deixo a minha vida para a retomar. Ninguém ma tira; eu por mim mesmo a deixo; tenho o poder de a deixar e tenho o poder de a retomar. Este mandamento eu o recebi de meu Pai.”*

São palavras do Mestre, muito descuradas, mas que encerram uma verdade profunda, embora velada, porque os homens de então não estavam capacitados para entendê-la e, sobretudo, suportá-la; destinada, porém, a ser desvelada no futuro, quando o Espírito de Verdade, com o seu advento já tivesse trazido, à Humanidade, então mais amadurecida, todos os elementos necessários à sua perfeita compreensão. Reflitamos, pois, maduramente sobre elas e não nos será difícil perceber que contêm a afirmação integral da tese que nos ocupa. A que vida, de fato, poderia referir-se o Mestre naquela passagem evangélica? À vida eterna do Espírito, àquela que se manifesta por uma atividade inteligente e livre através do infinito do espaço e da eternidade do tempo? Não, certamente; mas sim à vida segundo o acanhado ponto de vista humano, aquela do homem carnal, essencialmente transitória, que ele perde morrendo e que se lhe pode tirar matando-o ou submetendo-o à execução da pena máxima. E o que representa a vida transitória deste mundo para o homem carnal? Não é o seu corpo? O corpo só por si não vive sem unir-se ao princípio vital, é certo; mas também o princípio vital sozinho não é a vida. É preciso a união dos dois para que a vida se manifeste. É o que os Espíritos nos ensinaram e a nossa razão aceita perfeitamente. Como quer que seja, assumir o Espírito a vida neste mundo é revestir-se de um corpo animado pelo princípio de vida; deixar a vida é despi-lo, é deixar esse corpo.

Estabelecidas essas premissas, absolutamente verdadeiras, como compreender agora aquelas palavras de Jesus, tivesse tido uma vida humana exatamente como a nossa, um corpo carnal igual ao de todos os homens terrenos? Quem nesta humanidade imperfeita e impura deixa a vida e a retoma, “ressurrecto”, com o mesmo corpo, e, ainda mais, fazendo uma e outra coisa por ato exclusivo da própria vontade? Ninguém; todos somos mortais para a vida deste mundo e temos nossa hora de deixar o corpo marcada pelo desígnio e a vontade divina, e o suicida, se pode matar o próprio corpo, não o poderá jamais retomar. O homem só poderá retomar a vida terrena reencarnado em outro corpo, e em nova existência, de expiação ou de provas ou, ainda, em missão. No entanto, Jesus afirmou: *“Deixo a vida para a retomar; ninguém ma tira: eu por mim mesmo a deixo.”* Não significarão essas afirmativas do Mestre que ele apareceu neste mundo por ato exclusivo da sua vontade, submisso apenas à vontade de Deus, não sujeito à vontade dos homens, sem genealogia humana, portanto?

Em suma, sem corpo carnal igual ao nosso, mas com um corpo de outra natureza, formado segundo outras leis que não as que regem o processo habitual da encarnação nos mundos materiais como a Terra? Essas outras leis existem: presidem ao aparecimento dos seres nos mundos superiores e fluidicos e podem ser adaptadas aos mundos inferiores e materiais, porque são leis universais que comandam os fluidos e fluidos existem em todo o Universo, em todos os mundos. Elas foram, pois, aplicadas por Jesus para atrair os fluidos existentes na atmosfera do nosso globo e com eles formar o seu corpo aparente, fluídico, incorruptível, não sujeito à morte, como os corpos de carne igual à nossa, mas que ele podia fazer e desfazer ao influxo da sua potentíssima vontade; corpo, portanto, formado por processo semelhante, embora não igual, porque lhes é ainda superior, aos que ocorrem mesmo neste mundo, excepcionalmente, com relação aos agêneres e aos seres formados por ectoplasmia nos fenômenos de materialização.

Confrontemos aquelas palavras do Mestre com estas outras, dirigidas aos judeus, respondendo às suas indagações, na seguinte passagem, também do Evangelho de João, cap. II, vers. 18 a 22, as quais seguem o relato da expulsão dos vendilhões do templo: *“Interpelaram-no os judeus assim: Por que milagre nos mostrarás que tens o direito de fazer o que fazes? Respondeu-lhes Jesus: **“Destruí este templo e eu o restabelecerei em três dias.”** – Retrucaram-lhe os judeus: *Quarenta e seis anos foram gastos em edificar este templo e tu o restabelecerás em três dias?! – Ele, porém, falava do templo de seu corpo. – Quando, pois, ressuscitou dentre os mortos, seus discípulos se lembraram de que dissera isso e creram na Escritura e no que Jesus havia dito”*. (O grifo é nosso.)*

Aí, nessa passagem, nem velado está o pensamento do Mestre, mas inteiramente desvelado pelo próprio Evangelista, ao afirmar que Jesus não se referia ao templo de Jerusalém, mas ao seu corpo: *“Ele, porém, falava do templo do seu corpo”*.

São passagens dos Evangelhos, contendo as afirmativas do Mestre. Haverá ali inverdades substanciais? Fechemos, então, definitivamente, como imprestáveis para a Humanidade. Mas não; Jesus é a *“luz que resplandece nas trevas”* deste mundo e os seus Evangelhos encerram todas as verdades. Reflitamos, pois, maduramente, sobre suas passagens. Que corpo seria esse, capaz de ser restabelecido em três dias, como realmente o foi, no fato culminante da vida de Jesus – a sua ressurreição -, que firmou na consciência dos homens a verdade dos seus ensinamentos e a sua suprema autoridade como Senhor e Mestre da Humanidade? Um corpo de carne igual ao nosso? Capaz de ressurgir do sepulcro após sua morte? Mas não percebemos, então, que admitir tal coisa é coonestar a horrenda e repelente doutrina da ressurreição da carne, que o Espiritismo veio rechaçar com plena energia, afirmando ser a verdadeira ressurreição a do Espírito, que pode reencarnar em novo corpo, nunca, porém, ressurgir no mesmo de carne?

Mas, prossigamos na análise dos Evangelhos e fixemo-nos agora sobre a instrutiva e comovente descrição da *“Aparição de Jesus aos Apóstolos”*, segundo Lucas, cap. 24, vers. 36 a 49.

“Quando ainda falavam desses fatos, Jesus se apresentou no meio deles e... lhes disse: A paz seja convosco: sou eu: não temais. – Eles, porém, espantados e perturbados, imaginaram estar vendo um Espírito. – Disse-lhes então Jesus: Por que vos turbais e se levantam tantas dúvidas em vossos corações? – Vede minhas mãos e meus pés e reconhecei que sou eu mesmo: apalpai-me e lembrai-vos de que um Espírito não tem carne, nem ossos, como vedes que eu tenho. – E, dizendo isso, lhes mostrou as mãos e os pés.

Como, todavia, ainda não acreditassem, tanto eram neles a alegria e o espanto, Jesus lhes perguntou: *Tendes aqui alguma coisa que se possa comer? – Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado e um favo de mel. – Ele comeu diante de todos, e pegando do que sobrara lhes deu, dizendo: Lembrai-vos de que, quando ainda estava convosco, eu vos disse ser necessário se cumprisse tudo quanto de mim fora escrito na lei de Moisés, nas profecias e nos Salmos. No mesmo instante lhes abriu o espírito, a fim de que compreendessem as Escrituras. E lhes disse: Assim é que, estando isso escrito, importava que o Cristo sofresse e ressuscitasse dentre os mortos ao terceiro dia; e que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Ora, sois testemunhas destas coisas. “Vou mandar-vos o dom de meu pai, que vos foi prometido: permanecei, entretanto, na cidade, até que sejais revestidos do poder do alto.”*

Poderá haver descrição mais viva e perfeita do que de maravilhoso ocorreu, então, diante dos apóstolos, tomados a um tempo de espanto e alegria, duvidando do que viam, mas querendo que aquilo fosse mesmo verdade – o Mestre de novo entre eles, confirmando tudo, tudo o que lhes havia dito a respeito de si mesmo e de sua altíssima missão de Enviado do Senhor? Através dessa descrição, torna-se claro que Jesus ressurgiu com o mesmo corpo diante de seus apóstolos, pois que tinha as mesmas características do que ficara, no supremo instante, no topo do Calvário:

– “Vede minhas mãos e meus pés e reconhecei que sou eu mesmo: apalpai-me e lembrai-vos de que um Espírito não tem carne, nem ossos, como vedes que tenho.”

Mas, como teria Jesus podido aparecer com o mesmo corpo que vestira durante a sua romagem terrena, sendo esse corpo igual ao de todos os homens, da mesma carne e ossos de matéria compacta, em que a agregação material não pode ser obtida e desfeita pela simples ação da vontade e sim obedecendo rigorosamente às leis da Biologia e da Química, corpo que uma vez morto não poderá reviver e terá de submeter-se à corrupção, à desintegração, à decomposição? Isso, sim, se tivesse ocorrido, seria flagrante derrogação das leis.

Sim, Jesus teve um corpo com todas as aparências da carne, mas não feito da mesma carne que a nossa. *“Nem toda carne é a mesma carne”* (Paulo, 1ª Epístola aos Coríntios, XV, v. 39). Nós temos corpos terrestres, animais, formados

segundo a lei biológica da reprodução no planeta que habitamos e à qual estamos jungidos pela materialidade; corruptíveis, sujeitos à morte fatal e definitiva, após o que são entregues à natureza que os decompõe irreparavelmente. Jesus teve um corpo celeste, fluídico, formado não pelo contato da matéria com a matéria, mas por simples atração fluídica, de natureza magnética, segundo leis vigentes em mundos elevados e apropriadas pelo Mestre aos nossos fluidos terrenos; incorruptível, não sujeito à morte e à decomposição, mas que ele podia formar e desfazer pela ação magnética da sua potentíssima vontade.

Que há de espantoso ou de incrível nisso para os espíritas de hoje, após a extraordinária messe de conhecimentos que lhes foi outorgada? Pois não temos aí as materializações de Espíritos, tão eloqüentes pela perfeita impressão de visibilidade e tangibilidade que dão, e de vida, a ponto de parecer estarmos ante seres humanos como nós, gerados como nós, e que, no entanto, não o foram, formando-se e desfazendo-se os seus corpos – que vivem, pulsam, respiram, andam, falam, ouvem e respondem, sorriem e choram em breves instantes?

A isso Kardec não chegou a assistir; do contrário – espírito positivo, sensato e racional que era -, teria tomado na mais alta consideração tais fatos e, confrontando-os com as descrições evangélicas, teria certamente afirmado o que hoje todos podemos afirmar, sem pensar na hipótese de derrogação das leis universais, mas, ao invés, compreendendo a extensão e flexibilidade dessas mesmas leis.

É que Kardec tinha a sua missão bem definida. Ele foi o marco estupendo de uma nova era para a Humanidade, que, enfim, teria de libertar-se das peias, a um tempo, do materialismo ateu e do dogmatismo religioso. Ele cumpriu a sua missão gloriosamente; sua glória é legítima e ninguém lhe poderá usurpá-la. Discípulo fiel do Mestre, soube desincumbir-se, com honra e exação perfeita, da tarefa que lhe coube.

Mas, Kardec, em toda a sua pujança espiritual, não foi, nem poderia ser, o único obreiro da portentosa obra da Nova Revelação. Ele abriu corajosamente o caminho para que, preparados os homens com os novos conhecimentos e podendo, assim, entender em espírito e verdade os ensinamentos do Mestre, se capacitassem para receber novas revelações, que teriam de ser sucessivas e progressivas, e, enfim, a verdade integral sobre a natureza, hierarquia espiritual e missão de Jesus, levantando completamente o “véu da letra”, despindo a “capa do mistério” e destruindo o “prestígio do milagre”, que por tantos séculos tiveram de imperar no mundo, por causa do despreparo espiritual, intelectual e moral dos homens.

Como se vê, obra de tal magnitude pedia obreiros que pudessem prosseguir no caminho aberto pelo Codificador. Um desses obreiros foi Roustaing. É preciso lê-lo, para verificar que a sua obra está toda alicerçada na obra básica da Codificação, e isso a tal ponto que certos trechos daquela reproduzem literalmente trechos desta, em todas as suas partes, desde os primeiros capítulos da Parte Primeira – Das causas primárias -, que tratam de Deus e dos elementos gerais do Universo, até a Parte Quarta – Das esperanças e consolações -, passando extensamente pela Parte Segunda – Do mundo espírita ou dos Espíritos - e, com especial relevo, pela Parte Terceira – Das leis morais -; o que revela conhecimento perfeito daquela obra básica e preocupação constante de nela fundamentar-se, com o maior apreço.

Nada, absolutamente nada, nesse livro admirável discrepa da gigantesca e inabalável codificação de Kardec. Apenas avança um pouco mais e o faz para dar-nos a idéia exata da grandeza espiritual do nosso Mestre e Senhor, ao mesmo tempo que apagando definitivamente da mente humana a idéia de divindade que lhe foi erroneamente atribuída. Sabem todos os estudiosos espíritas que Jesus havia sido divinizado pelo Cristianismo em sua roupagem de religião organizada, sacerdotal, ritualística e dogmática; e o foi no dogma da Santíssima Trindade ou das Três Pessoas – o Pai, o Filho e o Espírito Santo -, trindade concebida com base não sabemos em que princípios de razão ou de lógica, mas de nenhum modo preconizada pelo Mestre e Senhor da Humanidade. Foi um enxerto fincado no tronco puro do Cristianismo. E por quê? Porque os detentores da dominação religiosa não quiseram ou não puderam penetrar o mistério da concepção e do nascimento de Jesus, com a mediação de uma virgem e por obra do Espírito Santo, tal como os descrevem os evangelistas Mateus e Lucas, respectivamente, em “Anunciação” e “Nascimento de Jesus”.

Ora, esse mistério foi desvendado pelos próprios Evangelistas, por vontade do Mestre, no momento oportuno, e após o esclarecimento das consciências pela admirável codificação de Kardec. E o foi pela revelação comunicada a Jean-Baptiste Roustaing, através da mediunidade de Mme. Collignon e dada a público na obra “Os Quatro Evangelhos”. Essa obra é complementar da Doutrina Espírita, como tantas outras que tem vindo e continuam a vir por outros médiuns, num trabalho de esclarecimento progressivo da Humanidade. Sim, a Codificação não fechou as portas do manancial eterno que jorra do Alto! Ao contrário, ela as abriu definitivamente, e de tal modo que não há mais como conter o fluxo que continuamente está descendo à Terra, para dessedentar os homens.

E o que disseram os Evangelistas, nessa obra, sobre o misterioso fato da concepção de Maria, bem como do nascimento de Jesus? Que foram fatos ocorridos apenas em aparência, e que encobriram o grande e verdadeiro fato, impossível de ser, então, compreendido e sequer concebido – dado o atraso e imaturidade dos homens daquela época -, qual o do aparecimento do Cristo com um corpo aparente, isto é, semelhante aos corpos carnis, gerados com o concurso da carne, mas não igual a eles, no sentido de que formado sem genealogia carnal, apenas pelo arbítrio do Mestre, atraindo pela sua potentíssima vontade os fluidos necessários a esse objetivo; corpo que ele tomou desse modo e por análogo modo deixou, desfazendo a atração fluídica; bem como pelo mesmo modo o retomou, no ato da sua ressurreição; que ele podia,

por sua vontade, tornar aparente ou inaparente, visível ou invisível, ao qual podia dar ou retirar a tangibilidade, quantas vezes quisesse; o que fez inúmeras vezes durante a sua pregação, para escapar das mãos dos judeus enfurecidos contra ele, notoriamente no cume da montanha de Nazaré, aonde o tinham levado preso “para o atirarem dali abaixo”, e ainda dentro do templo de Jerusalém, na galeria de Salomão, onde lhe cercaram “munidos de pedras para o lapidarem”; até o dia em que, submisso à Divina Vontade, voluntariamente entregou-se aos seus algozes para a consumação do sacrifício do Gólgota, em cumprimento das Escrituras.

Ao escrever estas linhas, temos o nosso pensamento voltado para caríssimos confrades, irmãos nossos que ainda não aceitam as coisas como nessa obra estão tratadas, para dizer-lhes, com espírito fraterno, que não nos move um intento polêmico ou um vão capricho, nem desconsideração acintosa ao seu modo diverso de encarar essas mesmas coisas, mas um clamor da consciência que nos ordena apresentar lealmente, a irmãos que consideramos e cuja estima prezamos, o nosso sincero modo de ver conforme àquela obra, que reputamos, após extensivo e profundo estudo, renovado muitas vezes, como verdadeira obra complementar e necessária à Codificação de Kardec. Não é, pois, um desejo de polêmica que nos anima, mas um propósito de definição leal e de entendimento fraterno.

Longe de nós as polêmicas que, nos nossos arraiais, são totalmente estéreis e – dir-se-ia mesmo – agem como o fermento dos fariseus, que acabam levedando toda a massa, isto é, estendendo os seus efeitos, tornados maléficos pelo acirramento dos ânimos, inspirando réplicas e forjando grupos que se hostilizam. Nada disso é o nosso objetivo. O a que visamos, e assim também outros que antes de nós e com mais proficiência têm procurado versar o mesmo assunto, é chamar a atenção para uma obra de inestimável valor, oriunda de Espíritos Superiores que procuram levantar aos olhos dos homens, completamente, o véu que lhes encobriu, durante séculos, a verdadeira natureza e hierarquia espiritual do Mestre e Senhor da Humanidade.

Examinem, pois, os que nos lerem, com isenção de ânimo, o que aqui dizemos e confrontem com o Evangelho de João, todo inteiro. Verão, então, que este é, dos Evangelhos, o mais completo e o mais profundo e que fornece valiosos elementos para o esclarecimento de muitas coisas relatadas nos chamados Evangelhos Sinóticos, que são os de Mateus, Marcos e Lucas. Embora ainda sob o véu da letra, mas já permitindo, ao pensador que busque sinceramente a verdade, encontrar o sentido encoberto das afirmações do Mestre acerca de si mesmo, da sua natureza, da sua hierarquia espiritual, da sua missão e posição em relação a Deus e aos homens, esse 4º. Evangelho, do princípio ao fim, é uma afirmação constante da natureza altíssima de Jesus, da sua pureza absoluta, da sua nenhuma escravização à matéria, que, ao contrário, ele domina inteiramente, não sendo mais, portanto, passível de revestir um corpo carnal como, o nosso, tal qual Kardec revela, de acordo com o ensino dos Espíritos, estabelecendo a classe Única da 1ª ordem da escala espírita – a dos Espíritos Puros.

Todos os espíritas sabemos que, ao cumprir-se a promessa do advento do Espírito de Verdade, com a codificação do Espiritismo, atingiu a Humanidade a era do espírito – que vivifica, em oposição à da letra – que mata. Chegou, assim, a hora de despojar o Cristianismo das roupagens obscuras dos dogmas e malversações devidas à imaturidade dos homens e estabelecidas nos concílios dos padres, mais interessados na dominação sectária e no poder temporal do que na contemplação da verdade sem véus. É preciso, pois, que os espíritas não percamos de vista que o Espiritismo veio, quebrando ortodoxias e dogmatismos, abrir definitivamente ao espírito humano as sendas da livre investigação da verdade; com fundamento é claro, nas revelações dessa mesma verdade, constantes nas Sagradas Escrituras, no Velho e no Novo Testamento, para cuja judiciosa interpretação e compreensão trouxe a Terceira Revelação todos os elementos necessários. Luz radiosa clareou os horizontes do conhecimento humano com a codificação de Kardec. Continuemos, pois, com Kardec, lendo Kardec, estudando Kardec, difundindo Kardec, mas não pretendamos ser mais kardequistas que o próprio Kardec, porque correríamos o risco de recair nas ortodoxias e dogmatismos, repetindo as seitas cristãs do passado, que o Espiritismo veio corrigir. Lembremo-nos, ao revés, de que foi o próprio Kardec quem lançou aos quatro ventos o conceito de que o Espiritismo é doutrina essencialmente progressista, inalterável nos seus fundamentos, mas destinada a ampliar-se cada vez mais no transcurso dos tempos, trazendo sucessivamente à Humanidade mais luzes e mais consolações e esperanças. Estudemos, pois, também a obra de Roustaing, que só nos fala do Mestre e Senhor, procurando trazer-nos elementos para a melhor compreensão da sua natureza superior e da grandeza e excelsitude da sua altíssima missão entre os homens

3 - O Cristo Agênera – Newton Boechat – Reformador (Feb) 8-1960

Desde adolescente, sumamente inclinado aos assuntos espirituais, sempre que me era dado ler ou ouvir algo referente ao Cristo, muito antes de encontrar em minha trajetória excelente expositor espírita evangélico [1], em memorável noite de elucidção, deslumbrava-me aquele vulto maravilhoso que soubera espalhar a mansuetude, a harmonia e a paz, em sua romagem pela Terra. Jesus – nosso Amoroso Mestre – não podia, pensava eu, ser constituído da mesma estrutura que nos limita, não devia sofrer as injunções do passado-negativo que nos fustiga no presente, não devia estar obumbrado por fatores inúmeros.

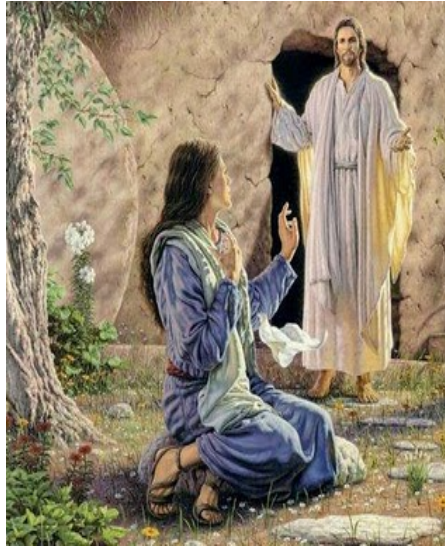
Já nos albos da juventude, fiquei, então, sabendo da existência de excelente obra [2] de procedência mediúnica, que me elucidou sobejamente no campo da investigação a que me entregava. Tão impressionado fiquei com a sua leitura que, incontinentemente, tornei a mergulhar a mente no mar profundo de suas páginas, sem saber por que motivo os assuntos lá encontrados se casavam, harmoniosamente, ao meu modo de sentir.

‘Li atentamente os livros da codificação. Saboreei Allan Kardec, o sábio que enfrentou o preconceito da Capital do mundo científico do século XIX; admirei seu estilo, sua clareza, pois, inegavelmente, foi ele o Grande Missionário encarregado pelo Mundo Invisível de concretizar no ambiente terrestre aquela radiosa promessa registrada no Evangelho de João, capítulos 14, 15 e 16.

Verifiquei que o “Evangelho segundo o Espiritismo” era um repositório de estudos acerca das máximas morais do Messias: todavia, não constituía compêndio detalhado, elucidando os fatos e dizeres do Cristo, que prometera a vinda do Consolador, na época, a fim de esclarecer suas palavras, por não ter dito tudo.

“Os Quatro Evangelhos”, recebidos pela médium Emília Collignon, completavam perfeitamente a Codificação, expondo fatos regidos por leis, concordes com a ciência do magnetismo e com a parte experimental do Espiritismo, conforme criteriosas investigações de sábios de escol, como Crookes, Geley, Richet, Aksakof, Bozzano, etc.

O Evangelho não é somente um repositório de preleções morais. Suas narrações estão saturadas de descrições fenomênicas de caráter científico e de conseqüências filosóficas.



A ressurreição de Jesus

Nos quatro evangelistas, nos Atos e nas Epístolas, encontramos, exuberantemente, a descrição de fatos que nos levam a admitir a personalidade transcendental do Mestre Nazareno, não subordinada ao vaso físico em que nos locomovemos neste mundo. Lá encontraram um mensageiro do reino espiritual que lhes afirmou: “não está aqui.” E o túmulo está aberto e vazio, há quase dois mil anos.

Através de médiuns de elevada idoneidade, também flui a veracidade de nossas assertivas; todavia, não precisaríamos fazer uma viagem de cem quilômetros, quando podemos percorrer alguns centímetros na averiguação do que aqui expomos. Várias entidades que se comunicam pelo nosso queridíssimo Chico Xavier, ao tratarem do assunto, nos tem legado páginas substanciosas.

No livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” capítulo 22, Irmão X informa:

“Segundo os planos de trabalho do Mundo Invisível, o grande missionário (Kardec) no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, nas individualidades de João Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé”...

No prefácio da aludida obra, Emmanuel, que nos tem trazido tantas pérolas de luz em livros magníficos, comenta: “Os dados que ele (Irmão X) fornece nessas páginas foram colhidos nas tradições do mundo espiritual, onde falanges desveladas e amigas”... “O mesmo Autor, Irmão X, no livro “Lázaro Redivivo”, capítulo 28, página 126, descrevendo as tricas da Sinagoga, retrata um judeu malicioso que procurava lançar dúvida na ressurreição, nos termos seguintes”:

“Estamos seguramente informados de que o caso do carpinteiro nazareno não passa de um embuste de mau gosto; soldados e populares viram os pescadores galileus subtraindo o corpo do túmulo, depois da meia-noite. Em seguida, como é de presumir-se, mandaram certa mulher sem classificação começar a farsa no jardim”...

No capítulo 12 do mesmo livro, lemos: “Pedro e João acorrem, pressurosos, e ainda vêem a pedra removida, o sepulcro vazio e apalpm os lençóis abandonados”.

Também no livro “Boa Nova”, ainda do Irmão X, capítulo 30, sob o título “Maria”:

“Maria deixava-se ir, na corrente infinda das lembranças. Eram as circunstâncias maravilhosas em que o nascimento de Jesus lhe fora anunciado, a amizade de Isabel, as profecias do velho Simeão”...

Que circunstâncias maravilhosas eram essas?

Acontece, também, que a narrativa evangélica não nos diz que José e Maria foram os pais carnis de Jesus...

Ela merece crédito porque o próprio Kardec se servia amiudadas vezes da Bíblia, do Velho e do Novo Testamento. Escreveu ele em “Obras Póstumas”, página 133, que não se pode negar valor aos testemunhos escriturísticos, aos profetas, inspirados por Deus, anunciando a vinda do Messias...

Ora, pelo relato das Escrituras, se José pretendia abandonar a donzela de Nazaré, é porque tinha a certeza de não ser o genitor da criança. Se ele não o foi, ela coabitou com outro (a que absurdo se chegaria, partindo daí). Automaticamente, estaria a Virgem incurta, irremediavelmente, na lei do apedrejamento, porque o Deuterônomo, quinto livro atribuído a Moisés, no capítulo 22, versículos 23 e 24, estabelecia aquela punição. Gabriel fez que José não se ausentasse, porque a vida de Maria corria sério perigo. Ele foi dócil, ouvindo o anjo. Nada compreendia do que se passava.

De Néio Lucius, no livro “Alvorada Cristã”, capítulo 1: “Como acontece a Maomé, a Carlos V e a Napoleão, os maiores heróis do mundo dão lembrados em monumentos que lhes guardam os despojos”. Com Jesus, porém, é diferente. A corporeidade de natureza fluídica do Senhor Jesus não cancela a sua tangibilidade ou hipersensibilidade. Estamos cientificados, através dos relatos mediúnicos sérios, do sacrifício a que se expõem os Espíritos Sublimados, envoltos em ectoplasma ou adensados por meio de elementos hauridos na atmosfera psicofísica do Planeta, por terem de sorver a vibração fétida, impregnada de miasmas deletérios, da maioria de seus habitantes.

A sede da sensação, a consciência do fenômeno, não se restringe ao cérebro material, que será levado ao túmulo; antes, se prende à mente, que se manifesta através dele, acompanhante e elaboradora do corpo etéreo, que com o corpo etéreo se afasta, quando do fenômeno desencarnatório. [3].

Eis, portanto, alguns apontamentos obtidos nessa substanciosa literatura de além-túmulo, que entidades generosas transmitiram ao médium Francisco Cândido Xavier e que se encaixam ao rendilhado de verdades remetidas do Plano Invisível, que tem por meta a restauração dos fatos como se deram, sem que seja preciso lançar mão do miraculoso ou da negação cientificista, para realçar no cenário da vida a figura inigualável de Nosso Senhor Jesus Cristo.

[1] Prof. Cícero Pereira, evangelizador espírita mineiro, já desencarnado.

[2] Os Quatro Evangelhos, coordenados pelo erudito advogado bordalês, J. B. Roustaing.

[3] “Evolução em Dois Mundos”, 1ª Edição, cap.4, página 40, “Gênese dos Órgãos”.

* * *

4 - O CORPO FLUÍDICO DE JESUS

Sob esse título encontramos no admirável blog O Eremita Espírita, mantido pelo confrade Sérgio Ribeiro, residente no Rio de Janeiro, entre outros, este artigo cujo trecho final data vênica, transcrevemos:

DOMINGO, 9 DE MAIO DE 2010 - CORPO FLUIDICO DE JESUS

A tese do corpo fluídico de Jesus, quando ditada, requereu uma calculada prolixidade, a fim de à guisa de repetição, até de enfadamento, a idéia pudesse ser assimilada. Atente-se para a dificuldade dos Evangelistas ao se dirigirem às gentes do século XIX, se considerarmos que cem anos depois ainda há os que renteiam a questão e não lhe conseguem alcançar o cerne. **Então, perdem-se em divagações sem compreender como pudesse Jesus não ter um corpo igual ao nosso, tão bem visto, pregado, torturado, desfalecido no topo do Gólgota, após muitas horas de angústia e até de “desespero”** (2). **Corpo fluídico tem sido insistente e erroneamente entendido como um corpo gaseificado, vaporizado, aeriforme, translúcido, sendo concebido em termos de fantasmagoria, quiçá ilusório e tão diáfano quanto absolutamente imaterial. A aparência do quase nada. E’ natural que, assim concebido, o corpo de Jesus seja repellido. E’ natural que se torne inconcebível e repugne à razão.** Afinal, lá está nos dicionários a lexicologia traiçoeira: “Fluídico: Diz-se, em espiritismo, de certos corpos ou sombras, impalpáveis, mas que a fotografia reproduz” (“Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa”, de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, pág. 557, 1ª edição).

Mas, eis que já se passam cem anos desde que a revelação foi dada. Às vésperas dessa importante comemoração já é tempo de deslocarmos o problema para fulcros novos, em torno dos quais passem a gravitar novas mentalidades, melhores raciocínios, à luz duma concepção liberta dos atilhos e das grilhetas que acorrentam as mentes lamentavelmente prisioneiras do obscurantismo conceptual. Coloquemos, para melhor interpretação, aspas no chamado corpo fluídico de Jesus! **E completemos a tarefa esclarecendo: era de carne e bem de carne o seu corpo; fluídica fora a sua gênese, a sua origem, o seu nascimento, a sua manifestação entre os terrenos. Roustaing nos ensina que Jesus tomou à Natureza terrestre os elementos constitutivos do seu perispírito: “Jesus houvera podido, unicamente por ato exclusivo da sua vontade, atraindo a si os fluidos ambientes necessários, constituir o perispírito ou corpo fluídico tangível que vestiu para surgir no vosso mundo sob o aspecto de uma criancinha” (pág. 161 da 4ª edição). “.. Jesus assimilara, para formá-lo (seu corpo), os fluidos ambientes que servem à formação dos vossos seres” (pág. 162,**

interpolação nossa). Ora, era portanto da Terra a constituição. Era carne, era osso, era sangue, músculos, glândulas, humores, secreção, água, proteínas, gorduras, carboidratos, etc. Tudo igual a qualquer mortal.

Vale aqui o registro das experiências de William Crookes, Charles Richet, César Lombroso, Alfred Russel Wallace, Alberto de Rochas, Ochorowicz, Lodge, Hodgson, Ashburner, Myers, etc., que comprovaram cientificamente a pulsação dos Espíritos materializados, a respiração, a exsudação, etc. Mas havia necessidade de que se nomeasse a forma do corpo de Jesus numa época em que todos esses conhecimentos ainda eram precaríssimos. Por conseguinte chamou-se fluídico ao corpo carnal de Jesus. Tanto quanto “ectoplasma”, que valia para designar a “porção periférica do citoplasma”, mas que hoje ganhou nova conceituação, graças a Richet, e representa o plasma emanado pelos médiuns de materialização. Assim, quando hoje o problema já pode ser concebido em termos mais avançados, nada impede que, embora entendendo-o melhor, continuemos a aplicar o adjetivo “fluídico”, que passa a ter aspas ou a ganhar, como no caso acima exemplificado, um novo valor lexicológico, aí então podendo dispensar tais aspas.

Deveríamos também abordar um outro aspecto muito importante e de maior profundidade ainda: constituído o corpo de Jesus de elementos tomados à Natureza terrena, por isso mesmo, são negativos (3) (o mundo material é um conglomerado molecular criado em função da falência espiritual e, como dizia o próprio Kardec, “é secundário; poderia até deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita” — parte VI da Introdução de “O Livro dos Espíritos”). Como entender, então, a formação do perispírito do Mestre, que era espiritualmente toda pureza, através de tais elementos negativos? Mas isso é questão que fica para outro artigo, que pretendemos escrever, já que há sensatas explicações para o aparente absurdo. Mesmo porque ainda vimos estudando o assunto com muito carinho, nós e o bom confrade Newton Boechat.

(3) “Não esqueçais que o Espírito assimila seu perispírito às regiões que percorre; que a Terra é um dos mundos inferiores e que, por conseguinte, os elementos de tangibilidade podem aí reunir-se tanto mais facilmente, quanto mais poderosa seja a vontade do Espírito”. (pág. 162 da 4ª. edição, da “Revelação da Revelação”). “Houve, portanto, apropriação dos fluidos superiores ao planeta inferior que ocupais” (pág. 164 da mesma obra, grifo de Roustaing).

Sérgio Ribeiro – oigres.ribeiro@sapo.pt Fonte: Reformador – janeiro, 1966

* * *

O belíssimo poema do poeta espírita Antônio Mendes Diniz da Gama, que veremos a seguir, consta do primoroso e selecionado acervo do Blog do Aron, um espírita, onde o amigo leitor e leitora irão sempre encontrar – como demonstram plenamente as páginas transcritas – uma fonte de segura orientação doutrinária, um oásis de luz e reconforto espiritual.

5 - Sobre a Natureza do Corpo de Jesus

Antônio Mendes Diniz da Gama
Reformador (FEB) 1927 – (pág. 338)

Melindrosa questão se agita no momento,
Nos Grupos Espíritos: E tem, como alimento,
A fina compleição do corpo de Jesus,
Que por amor de nós morreu pregado à cruz.
Delicada questão, transcendental, etérea;
Se de fluidos foi feito ou feito de matéria.
De fluidos, querem uns, de matéria, outros querem;
E do “Infinito” a voz a lhes dizer: “Esperem!” .
A luz está na mão de Deus Onipotente;
E de certo virá, mas, progressivamente.
A quem quiser que a noite passe fugidia,
Não chegará mais cedo a doce luz do dia.
Para que pois correr assim, com tanta ânsia?
Mal podeis distinguir um facho na distância,
E quereis ver um astro a quintilhões de léguas!
Dai pois o tempo ao tempo e trabalhai sem tréguas,
Na vinha do Senhor ... na vinha de Jesus ...

Porque o salário, vem; e o pagamento é luz.
Trabalhai com ardor, a praticar o bem,
E lede por enquanto a Obra de Roustaing.

E para que saberdes vós a natureza
Do Corpo de Jesus? Dizei-o com franqueza.
Que bem vos pode vir da funda conjetura?
Do ser, ou do não ser, viria, porventura,
Alguma utilidade à vossa evolução?
Para ter caridade e amor ao vosso irmão,
Precisais de cuidar de assunto tão profundo?
Vaidade de saber... tão própria deste mundo.
Se fordes perguntar ao lírio acetinado,
Que Deus mandou nascer à beira de um valado,
Ou dentro do paul... em meio ao lamaçal
À rosa branca e pura... à rosa oriental
Donde lhes veio a cor imaculada e fina,
A fragrância sublime excelsa e peregrina...
Do seu formoso encanto a doce singeleza,
Bem certa que ouvireis dizer: “Da natureza!
Do azul, harmonioso... azul sereno... etéreo...
E não busqueis saber mais nada do mistério.
Tudo vem a seu tempo: a flor antes do fruto;
Que assim o determina o Célico “Estatuto”.

Se fosse igual ao vosso o corpo do Messias,
Assim como julgais em vossas fantasias,
Haveis de então dizer, haveis de então mostrar,
Como foi que se deu o seu ressuscitar,
Se um alma desprendida e livre que voou,
Jamais pode voltar ao corpo que deixou?
E qual a explicação também que podeis dar,
Do fato deslumbrante, estranho e singular,
Da transfiguração sublime do Tabor,
Onde se ouviu a voz Divina do Senhor?
Ou quando Pedro o viu andando sobre o lago,
Tranquilo, e nas feições um carinhoso afago,
Que foi quando o chamou julgando-se em perigo,
Temendo da borrasca o rígido fustigo?
E ainda ao conseguir no pórtico do Templo,
– Fato de que jamais houvera humano exemplo –
Sumir-se mesmo ali, de modo misterioso,
Por entre o olhar severo, atento e rigoroso.

Da turba que tentava então apedrejá-lo,
Sem mais o poder ver! ... sem mais poder achá-lo?!
Alguma coisa tem também de singular,
Esse caso estranhado em que deveis pensar,
De tão cedo extinguir-se a vida de Jesus
Em três horas que esteve, apenas, sobre a cruz;
Um caso sem igual, porque, na maioria,
Só três dias depois a vida se extinguiu;
É fato que assombrou romanos e Judeus,
A Escribas e a Caifás, a Pôncio e fariseus.
Disse um dia Jesus: “Buscai, e achareis”.
Pois eu também vos digo agora, que busqueis.[1]
Em verdade vos digo, e ouça quem quiser:
De todos quantos têm nascido de mulher,
Embora seja imensa, ilimitada a lista,
Nenhum ainda foi maior do que o Batista.

Disse o meigo Jesus.[2] Ao tempo em que João,
Andando a batizar nas margens do Jordão,
Falando de Jesus, por sua vez dizia:
“Depois de mim virá quem tem maior valia;
Quem é mais poderoso e de quem eu jamais
Serei merecedor – e não julgueis de mais –
E nem digno sequer, ao menos, de abaixado,
Desatar-lhe a correia ou laço do calçado.[3]

.....

Dizei-me agora irmãos, com calma e sem trejeitos



Embora seja imensa, ilimitada a lista,
Nenhum ainda foi maior do que o Batista.
Disse o meigo Jesus.[2] Ao tempo em que João,
Andando a batizar nas margens do Jordão,
Falando de Jesus, por sua vez dizia:
“Depois de mim virá quem tem maior valia;
Quem é mais poderoso e de quem eu jamais
Serei merecedor – e não julgueis de mais –
E nem digno sequer, ao menos, de abaixado,
Desatar-lhe a correia ou laço do calçado.[3]

.....

Dizei-me agora irmãos, com calma e sem trejeitos:
Qual é a tradução que dais a tais conceitos?

Também o Bom-Pastor assim dissera um dia,
Com voz amena e doce, estranha melodia,
Duma doçura igual aos favos das abelhas,
Falando desse amor que tem pelas ovelhas:
Por isso é que meu Pai me ama; por eu dar
A vida pela ovelha ao vê-la desgarrar.
Ninguém pode tirar-ma: eu mesmo a dou de mim.
Dou-a, para depois a reassumir. Assim,
Eu sei que tenho a força, o dom de a poder dar,
E tenho ao mesmo tempo o dom de a retomar,
Conforme o meu querer, direito que é só meu,
Divino Mandamento que meu Pai me deu.[4]
Dizei-me agora irmãos, olhando para a luz
Se era igual ao vosso, o corpo de Jesus.

Se vós não ignorais que em mundos superiores
 Ao vosso, onde não há as mesmas vossas dores,
 Por serem humanidades já evoluídas,
 E por essa razão já são constituídas
 De matéria mais fina e pouco ponderada,
 Ou seja a vossa “A noite” e a outra “um’alvorada”
 E se também sabeis que à Terra nunca veio
 Espírito mais puro – e crede-o sem receio –
 E nem jamais no mundo houvera criatura
 De tanta perfeição... de candidez mais pura ...
 De tão divina graça... e tão divino encanto,
 Dizei-me bons irmãos; dizei-me, no entretanto,
 Como admitis, então, que espírito tão belo,
 Feito de luz e amor, de célico desvelo,
 Viesse lá do azul... das regiões divinas...
 Das camadas do Céu... etéreas... diamantinas...
 Mais próximas de Deus... mais puras... mais sutis,
 Vestir um trapo igual ao trapo que vestis?
 Seria porventura a dor do Nazareno
 Mais branda que num corpo ao vosso igual, terreno?
 Por certo que não foi; e com verdade o digo,
 Embora não queirais ainda estar comigo.
 Não é no corpo astral, que vibra o padecer,
 E as outras sensações de mágoa e de prazer?
 Acaso deixará de ser material
 O vosso perispírito, o vosso corpo astral,
 Embora em quintessência e quase imponderável?
 E não tendes também a prova incontestável
 De Espíritos, embora em média evolução,
 Poderem-se tanger, ferir vossa visão,
 Bastando para isso a força de vontade,

Profunda e concentrada, unida à faculdade
 De saberem buscar no fluido universal
 Dos páramos sem fim, sutil manancial
 De energia e vigor, com permissão de Deus,
 Os fluidos, para unir aos próprios fluidos seus,
 Formando deste modo o precioso “plasma”
 E fazerem com ele o corpo do fantasma?
 Se já vos veio a luz que vos permite ver,
 O que acabais de ouvir, e eu, de vos dizer,
 Fatos de que jamais se pode duvidar,
 Então porque lutais, irmãos, em aceitar
 Que Espíritos de luz, de grande elevação,
 Escolhidos por Deus, à virem na Missão
 De acompanhar Jesus, possível lhes não fora
 Trabalharem também na obra redentora,
 Cientes de elementos fluidícos astrais,
 Como também das leis de Deus Universais?

E se acaso julgais não serem os meios únicos,
 E quiserdes também os fluidos mediúnicos,
 Não os teriam pois na Virgem e em José,
 Mateus e Barnabé? Em Pedro e em João?

Se ao corpo de Jesus não dais a fluidez,
 Fazeis do Evangelho um simples entremez.
 Depois, que ficam sendo, então, às vossas vistas
 O próprio Jesus-Cristo e os quatro Evangelistas?

E, se tais objeções fareis ao Evangelho,
A duvidardes dele e parecer-vos velho,

Não deveis vós crer, nem esperar de Deus,
Que Lucas e João, que Marcos e Mateus,
Para firmar-se a fê e harmonizar os povos,
Venham dar-vos agora uns Evangelhos novos.

Esperem, bons irmãos, a luz que já vem vindo.
A hora chegará... as trevas vão fugindo...
Trabalhai sem cessar na seara do bem,
E não deixeis de ler a Obra de Roustaing.

Antônio Mendes Diniz da Gama

[1] Seguinte. VII, 7 [2] Seguinte. XI,11
{3} Seguinte.III,11 – Marcos I,7 – Lucas III,
16 – João I,27 [4] João X, 15, 17, 18

* * *

6 - Dr. Bezerra e a natureza do corpo de Jesus
Escreve Max (pseudônimo do Dr. Bezerra de Menezes)

Reformador (FEB) Março 1974

Os excelentes artigos escritos por Bezerra de Menezes com o pseudônimo Max, para “O Paiz” foram posteriormente enfeixados em 3 volumes que a Federação Espírita Brasileira editou, no ano de 1907, sob o título “Espiritismo – Estudos Filosóficos” todos são extraordinários, não fora seu autor o “Kardec Brasileiro”. Por isso mesmo, a Casa de Ismael está preparando uma nova edição da obra, na convicção de que os espíritas apreciarão sobremaneira possuí-la em sua estante, com o selo da FEB, da qual Bezerra de Menezes foi Presidente. Antecipando essa promessa, o Reformador” pública, a seguir, um dos capítulos já revistos, precisamente aqueles em que, dentre outros, a questão do corpo fluídico de Jesus é defendida pelo “Médico dos Pobres”.

Pareceu-nos sempre repugnante a fórmula sacramentária de estar Jesus, corpo, sangue e alma, consubstanciado na hóstia consagrada.

Se fosse um símbolo, nada opor-lhe-ia nossa razão; mas a igreja impõe aos fiéis a crença de que recebem na hóstia e pela hóstia o corpo e a alma do Cristo, tão real e perfeitamente como está no céu.

A fê passiva o que pode opor a tão formal imposição de quem tem o dom da infalibilidade em matéria dogmática?

O crente fanatizado o que pode divisar em semelhante fórmula, senão a manifestação de uma verdade absoluta?

A razão, porém, clama e clamará sempre contra todo dogma que envolva monstruosidade ou absurdo.

O pensador, embora crente, não admite que a suma perfeição se manifeste sob forma impura.

Aquele dirá: credo quia absurdo; enquanto este protestará, clamando: nihil absurdum a Deo.

Ora, será racional que um Espírito tão elevado, tão puro, tão perfeito, que a igreja crê e manda crer que é um Deus; a segunda pessoa da trindade divina, se imiscua, se consubstancie com a matéria, de modo que se ache todo nesta?

Jesus é esse Espírito puro e santo, e, no entanto, ei-lo aí todos os dias dado e recebido sob a forma material!

Argumenta-se com as suas próprias palavras, que foram o fundamento do sacramento da eucaristia, pronunciadas na ceia, em que denunciou a traição e o traidor; argumenta-se com estas palavras que foram: eis o meu corpo, apresentando o pão que havia benzido; eis o meu sangue, apresentando o vinho, também depois de havê-lo benzido.

Com efeito, conclui-se daí que Jesus corporizou-se no pão e no vinho, donde a naturalidade de sua corporização na hóstia consagrada.

É, porém, sabido que o divino Mestre usou sempre da parábola; de linguagem figurada, principalmente quando se referia ao que podemos chamar a parte dogmática de seus ensinamentos.

E isto é devido a não ter a humanidade de seu tempo a precisa clareza intelectual para compreender leis e fenômenos de esfera superior.

Ele dava o ensino sob a figura, para que, mais tarde, quando a humanidade já possuísse mais clara compreensão das coisas, entendesse esse espírito e verdade.

Um exemplo: nós ensinamos a nossos filhos, em criança, o Credo ou símbolo dos apóstolos; mas não lhes explicamos, porque seria inútil, o sentido ou valor daquelas palavras.

Eles, porém, as guardam de memória, e quando sua faculdade de compreender já tem adquirido o necessário vigor, esse é o tempo em que eles apreciam, em espírito e verdade, aquelas palavras que Ihes ensinamos.

As que Jesus proferiu, quando consagrou o pão e o vinho, foram simbólicas, não podiam ser tomadas, naquele tempo, senão literalmente; mas elas encobriam alto ensinamento para quando a humanidade pudesse compreender as coisas em espírito e verdade, e não mais segundo a letra.

A igreja, recebendo a tradição literal, guardou-a até nosso tempo; mas a igreja de nosso tempo já deveria ter compreendido que a corporização de um espírito como o Cristo é absurdo, e pois devia ter posto de parte a letra e procurado o espírito daquele símbolo.

Se o tivesse feito, como lhe cumpria, mais que a qualquer outro, teria reconhecido que o corpo e o sangue de Jesus, dados a comer e a beber aos apóstolos, são o símbolo de sua doutrina, cujo ensino foi, por aquela cerimônia, confiado àqueles homens.

Se o tivesse feito, como lhe cumpria, teria reconhecido que um Deus não precisava materializar-se, para influir sobre o homem.

Deus, Espírito, influi sobre o homem, Espírito imaterialmente, por sua vontade, por um raio de sua luz.

Para que deixar-nos Jesus o seu corpo e o seu sangue, quando a virtude de seu Espírito está sempre conosco?

Ele, o espiritualista por excelência, consagrar fórmulas materialistas, sem necessidade e até contra seus próprios ensinamentos!

Como fica claro, racional e sublime considerar o pão e o vinho dados pelo Mestre como o símbolo de sua doutrina, que confiou a seus discípulos como a expressão de sua última vontade?

Recebeu-a Jesus sob a forma de pão, quando Jesus pode-se nos dar sob a forma imaterial, por seu perdão, por sua misericórdia, por seu amor!

Estamos ouvindo redargüi: por que não pode Jesus corporificar-se na hóstia, uma vez que tomou um corpo como o nosso?

Idem por idem! – o mesmo impossível! História do verbo encarnado para a infância da humanidade!

Jesus teve com efeito um corpo como o nosso pela forma; mas não pela natureza; teve um corpo fluídico, como tomam os anjos (Espíritos puros) quando descem a nosso mundo.

E é assim que a Virgem não deixou de sê-lo depois do parto, sem necessidade de um milagre, coisa que Deus não pode fazer; porque se o fizesse, transgrediria Suas próprias leis, que são eternas e imutáveis.

Só o imperfeito pode retocar sua máquina!

Ouvimos, ainda, replicarem-nos: então, Jesus não tomou sobre seus ombros os pecados do mundo, não sofreu pela humanidade?

Dizei-nos qual é maior, o sofrimento físico ou o moral?

Se Jesus não teve corpo material para sofrer, teve os sofrimentos mais cruciantes do espírito. E quem nos diz que seu corpo fluídico não se prestava tanto, e porventura mais do que o corpo carnal, à transmissão das sensações materiais?

O que é fora de questão é que repugna à razão o fato de um Espírito divino tomar a carne dos pecadores, e que a concepção espírita de ser fluídico o corpo de Jesus, não somente fala à razão e remove aquela repugnância invencível, como ainda explica, de acordo com as leis naturais, todos os fenômenos da vida do Redentor, e principalmente sua concepção no ventre puríssimo de Maria. Santíssima e seu nascimento, sem que a Mãe deixasse de ser Virgem.

O que é fora de questão é que S. Paulo consagra a doutrina espírita neste ponto, quando diz: que há corpos celestes e corpos terrestres.

Que serão os corpos celestes senão os fluídicos?

S. Paulo fala de corpos celestes e de corpos terrestres, que revestem os Espíritos.

Não se pode atribuir-lhe o pensamento de qualificar como corpo celeste o perispírito, certamente distinto do corpo carnal ou terrestre, pois que perispírito tem o Espírito encarnado, como o tem o desencarnado.

Corpo celeste, em oposição a corpo terrestre ou carnal, não pode ser senão de natureza que o torna impossível de coexistir com este, fato que não se dá com o perispírito, indispensável até às relações entre a alma e o corpo do homem.

Além disto, o perispírito acompanha a evolução espiritual, sendo material, pesado e grosseiro, enquanto o Espírito não o é, e desmaterializando-se “pari passu” com este, até tornar-se quase Espírito, até sumir-se, quando o Espírito chega ao estado de completa desmaterialização, que se chama – de puro Espírito.

Ora, falando São Paulo do corpo que envolve os Espíritos mais elevados: puros Espíritos, é óbvio que não se referiu ao perispírito: vestimenta que só usa enquanto não chega aquele grau de elevação, no qual a despe de todo, reduzindo a essência espiritual às três entidades que a constituíram na terra: corpo, perispírito e Espírito.

Se não é, pois, ao perispírito que se refere o apóstolo da caridade, quando fala dos corpos celestes que revestem os Espíritos puros, a que se referirá ele?

A gênese, iluminada pela nova revelação, esparge a mais clara luz sobre este ponto da ciência, até agora envolto em brumas.

Deus criou um único elemento: matéria cósmica, fluido universal, a qual, evoluindo segundo as leis sábias, eternas e imutáveis, que foram postas, desde o princípio, à criação, dá de si tudo o que constitui o Universo, em todas as suas infinitas espécies e variedades.

É porque só apreciam esta evolução da natureza sem possuírem os instrumentos de penetrarem a causa primária criadora dessa natureza e das leis que a regem, que certos sábios acreditam que a natureza é a mãe universal, como de fato; e que é incriada – falso juízo que só tem por si as aparências.

Afirmam o que vêem, e têm razão; negam, porém, o que não vêem, e não têm razão; porque todos os dias descobrimos leis que não conhecíamos, e portanto que não deviam existir, pois que antes não as víamos ou percebíamos.

O princípio de proceder tudo da natureza ou da matéria cósmica universal é verdadeiro, e nisto vamos com os materialistas; aquele, porém, de ser a natureza ou matéria cósmica universal existente independente de um criador é um erro, cujo fundamento é palpavelmente insubsistente e até ridículo: e que só é verdade, só existe o que vemos, apreciamos e compreendemos.

Não foi, porém, para discutir esta questão que tomamos a pena e, pois, entremos no nosso assunto.

O fluido universal, origem essencial de todos os seres do Universo, elemento integrante de toda a organização, substância componente de tudo o que existe, por sua condensação ou rarefação, que se der sob a ação das leis a que obedece, forma o reino mineral, o vegetal, o animal; forma os seres do mundo material e os do espiritual.

Compreende-se, pois, que por aquele mecanismo de condensação ele pode dar origem a seres como o Espírito e a seres menos essencializados que o Espírito, porém infinitamente mais que os corpos materiais.

Entre a rocha e a alma ou Espírito, os dois extremos da escala, uma variedade infinita das composições fluídicas.

Os Espíritos grosseiros e atrasados tiram do fluido universal seu revestimento, grosseiro como eles, a que chamamos corpo carnal.

Muito naturalmente os Espíritos mais desmaterializados, por seu progresso, tirarão um revestimento mais leve, mais desmaterializado como eles.

E os puros Espíritos tirarão um tão puro, tão vaporoso, tão essencializado como eles.

Isto é lógico, é racional e a experiência o comprova.

A tradição corrente em todos os povos, desde a mais remota antiguidade, consigna o fato de aparecimento dos mortos aos vivos, fato que nunca poderia dar-se, se o Espírito não vestiu um corpo visível.

A história sagrada refere inúmeros casos de anjos (puros Espíritos) baixarem à terra, para transmitirem a certos homens, justos, o pensamento do Senhor.

Poderão estes anjos revestir-se, para se fazerem visíveis, da mesma matéria que reveste as almas em suas aparições.

O meio donde tiram seus corpos instantâneos é o mesmo, é o fluido universal; mas a qualidade do fluido que escolhem é muito diferente.

As almas servem-se de seus perispíritos, mais ou menos grosseiros, substância colhida no meio comum, que elas condensam e tornam visível.

Os anjos, porém, que já não têm perispírito, por que são puros espíritos, precisam tomar, na ocasião, no infinito seio do fluido universal, o que os revista e os torne visíveis.

E como os Espíritos roubam àquele meio substância mais ou menos grosseira, mais ou menos essencializada, segundo seu grau de elevação nas vias do progresso, é óbvio que um Espírito angélico tira do fluido universal a sua mais pura essência; bem se pode dizer: a sua essência espiritual.

É a isto que S. Paulo chamou – corpo celeste – por oposição ao corpo que nos reveste, composto da mesma substância, mas não essencializado, espiritualizado.

De que é verdade o que aí fica exposto, temos a prova nas experiências de William Crookes, que obteve a materialização de um Espírito, ao ponto de tornar-se visível e tangível, tal qual uma pessoa vivente.

Estas agregações do fluido, para constituir um corpo visível, opera-se pela lei dos fluidos, que a ciência de nossos dias ainda ignora; mas que os fatos experimentais já recomendam ao estudo dos sábios, do mesmo modo como tem acontecido em todas as conquistas do saber humano.

Aqui, a ciência já é encaminhada pelas luzes que lhe dão as revelações espíritas.

Assim como o Espírito agrupa os elementos tirados do fluido universal e constitui com eles um corpo, assim, e sempre pelas mesmas leis fluídicas, ele desagrega aqueles elementos e dissolve instantaneamente o corpo fluídico; donde uma gravidez e um parto, com perda da virgindade, verdadeiramente aparente.

(“Espiritismo – Estudos Filosóficos”, 1ª edição FEB, 1907, volume 3, págs. 349 a 358.)

* * *

7 - “Jesus Perante a Cristandade” Francisco Leite de Bittencourt Sampaio
Blog do Aron, um espírita - Domingo, 7 de agosto de 2011

Pelo médium Frederico da Silva Jr. Tivemos a monumental obra “Jesus Perante a Cristandade”^{*1} ditada pelo glorioso Francisco Leite de Bittencourt Sampaio; toda ela um florilégio de ensinamentos profundos sobre os Evangelhos, em meio aos quais avulta a propugnação do corpo extra-humano do Mestre.

“Jesus tomou um corpo celeste” (pág. 23)

“Jesus tomando um corpo aparentemente material” (pág. 29)

“O tênue véu de carne aparente que envolveu o Divino Mestre.” (pág.33)

“.....nos livros de Allan Kardec, na revelação dado a Roustaing..... encontram os bem intencionados grande fonte, onde podem beber, à farta, os ensinamentos do Nosso Divino Mestre”.

“.....O que em abundância prova que o corpo que o revestia, era de natureza fluídica”. (pág., 206)

“.....restabelecendo as suas condições que sempre foram puramente fluídicas.”(pág. 254)

“Retomando o seu corpo fluídico” (pág.259); etc.

A edição consultada é de 1932.

Ainda de Bittencourt Sampaio, temos o imortal poema “A Divina Epopéia”, escrito enquanto o autor ainda era encarnado, e onde se divulga com entusiasmo a doutrina de Roustaing.

(*1) – “Jesus Perante a Cristandade” - Acessível no Bvespírita – Livros

* * *

8 - O Corpo (Fluídico?) de Jesus – por Geraldo Goulart – in Reformador Abril 1982

“Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento; Instruí-vos, este o segundo.”
 (“O Evangelho segundo o Espiritismo”, cap. VI, Item 5.)

Muitos estudiosos da Doutrina mantêm ainda reservas quanto a esse assunto. Entretanto, em face de tantas comunicações de Espíritos reconhecidamente evoluídos, e que nos merecem todo o crédito, não há porque ater-nos mais tempo ao véu da letra que mata. Se quisermos realmente compreender, a verdade se descortinará límpida e translúcida ante nossos olhos.

É comum consultarmos os livros básicos da Doutrina, buscando os esclarecimentos do Codificador, quando somos acometidos por dúvidas pertinentes a assunto espírita. E, já que um dos aspectos básicos, para muitos, quanto à sublime lição tristemente apreendida no Gólgota, é o da dor infligida a Jesus devido aos maus tratos, vejamos o que nos diz Kardec a esse respeito: “Quem sofre não é o corpo, é o Espírito recebendo o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos “ e mais: “seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que aquele corpo era de natureza diversa da do que pereceu na cruz” (1). Mas notemos que Ele, Jesus, dissera: “Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas” (2). Ora, não tendo vindo destruir uma lei, a religiosa, poderia destruir outra: a da natureza? Tendo Ele um corpo carnal, e em desencarnando, como reerguer aquele templo em 3 dias – como asseverara – e ainda com o estigma das chagas, sem que sua carne se corrompesse? E onde fora parar o seu corpo material (aquele da cruz)? Não seria isso a destruição, ainda que parcial, de uma lei da natureza? Sabemos que alguns poderão avocar o efeito físico da desmaterialização para justificar o desaparecimento do corpo dEle. E não será isso, a utilização de dois pesos para uma medida? Não se pode conceber a Sua materialização fluídica, mas “o inverso sim? “Se Jesus-Cristo é o Eleito, o único visto neste orbe, como quereríamos que não fossem também únicos os preparativos que lhe tornassem possível a tangibilização entre nós: “algo” que intermediasse o imenso hiato existente entre a sua grandeza e as nossas misérias? Só com um corpo sideral, fluídico, de carne apenas semelhante (não confundir com idêntica) à humana poderia ele ter-se apresentado neste planeta sem contrariar as leis naturais, cada dia melhor conhecidas” (3).

Mas prossigamos com Kardec: “A sua superioridade com relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava de modo absoluto a matéria e da do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres” (4). Já que falamos em fluidos quintessenciados vejamos o que nos esclarece a respeito Bittencourt Sampaio (Espírito): “Nós não conhecemos, em todas as suas evoluções, as leis dos fluidos, mas parece-nos que os Espíritos prepostos, designados a acompanhar o nosso Divino Mestre na sua missão sobre a Terra, foram buscar na flor da videira e na flor dos trigais os elementos que deviam compor o corpo de N. S. Jesus-Cristo” (5). Comparando-se os dois textos observamos que o segundo nos facilita a compreensão para com a atitude do Mestre na última ceia, distribuindo o pão e o vinho que realmente simbolizavam-Lhe o corpo e o sangue, fluidicamente.

Talvez uma das maneiras de se eliminar quaisquer dúvidas fosse pesquisar os fatos a partir do Seu nascimento. Mas já aí existe mistério: “Diz-nos Emmanuel, através de F. C. Xavier (“Paulo e Estevão”, 14ª edição FEB, 1978), que Paulo de Tarso impressionou-se com a figura angelical de Maria, interessando-se especialmente pelas narrativas sobre a noite do nascimento do Mestre, que fora singular: não houve testemunhas.” (6), e: “Distante da Virgem, procurando o mercado de Belém, José ia fazer os seus viveres para si e para a sua companheira.

“Inebriada, saturada dos fluidos divinos, a Virgem Imaculada encontrou-se nesse êxtase santo de que só podem gozar os Espíritos puros; quando voltou a si do seu grande enleio, ouviu lá fora, nos campos, onde baliavam as ovelhinhas, cânticos sonoros que se elevavam pelos espaços, dando glória a Deus no mais alto dos céus, e paz aos homens na Terra. Cheia de confusão e de respeito, diante do seu fruto imaginário, encontrou o seu menino Deus entre os braços” (7). Imagens poéticas! – afirmarão alguns. Se assim crermos, como interpretar a resposta do Senhor nos Evangelhos: “Na verdade vos digo que entre os varões nascidos de mulher não se levantou outro maior do que João Batista” (8)? Tivesse Ele sido gerado no ventre de Maria, outra seria Sua resposta. Não estaria Ele, em assim respondendo: a) evidenciando a

grandeza espiritual de João Batista (que já fora Elias e Moisés), b) excluindo-se de tal condição humana, qual a de ser gerado num ventre terreno?

Não nos melindraremos por continuar buscando citações alheias para ilustrar este pequeno artigo, pois, de nós mesmos, nada sabemos. Por isso invocamos, agora, algumas das experiências do Dr. Crookes: “A cabeleira da Srta. Cook é de um castanho tão forte que parece quase preto; um cacho da cabeleira de Katie, que tenho à vista, e que ela me permitira cortar de suas tranças luxuriantes, depois de ter seguido com os meus próprios dedos até ao alto da sua cabeça e de haver convencido de que ali nascera, é de um rico castanho dourado.

“Uma noite, contei as pulsações de Katie; o pulso batia regularmente 75, enquanto o da Srta. Cook, poucos instantes depois atingia a 90, seu número habitual. Auscultando o peito de Katie, eu ouvia um coração bater no interior, e as suas pulsações eram ainda mais regulares que as do coração da Srta. Cook, quando, depois da sessão, ela me permitia igual verificação” (9). Sabemos que, ao longo de quase cinco anos, inúmeras experiências foram levadas a efeito nas sessões de materializações de Katie King. Ela, materializada, foi fotografada, distribuiu mechas do seu cabelo, pedaços de seus vestidos, dançou, e permitiu-se ser tocada por alguns dos assistentes aquelas sessões. Todos concordam, evidentemente, que não podemos sequer tentar comparar a evolução e pureza de Espírito entre Katie e Jesus. Como então conceber-se que Katie tenha tido o poder de materializar-se àquele ponto e não se crer que Jesus, o Governador Espiritual do nosso planeta, dominando o conhecimento de toda a sua matéria, na sua mais íntima constituição, não pudesse ter-se servido de um corpo fluídico tão-somente para levar a termo a Sua missão? Parece-nos não envolver isso, necessariamente, farsa alguma, nem seja preciso – para podermos reconhecer-Lhe a sublimidade do sacrifício e o Seu Divino Mandato – a crença de que obrigatoriamente tenha Ele possuído um corpo material sujeito às mesmas vicissitudes que o nosso.

Mais uma evidência se impõe ao nosso raciocínio ávido de entendimento. Narra-nos o Evangelho: “E levantando-se, o expulsaram da cidade, e o levaram até ao cume do monte em que a cidade deles estava edificada, para dali o precipitarem. Ele, porém, passando pelo meio deles: retirou-se”(10). Temos a impressão, pelas palavras do Evangelista, que o Senhor calmamente desvencilhou-se das mãos daqueles que o levavam e saiu do meio deles. “Como, porém, admitir-se que a multidão, enfurecida pela dura lição com que acabava de verberar o seu orgulho, o deixasse tão facilmente escapar-se-lhe das mãos? Não se vê aí a rápida desassimilação das moléculas materiais e a restituição do seu perispírito às condições de invisibilidade que o colocaram instantaneamente fora do seu alcance?” (11)

Uma das modalidades de assistência aos encarnados, realizada pela Divina Providência através de algumas casas de Caridade, é justamente a cirurgia espiritual. Como ocorrem tais intervenções? Fluidicamente, sabemos. E, fluidicamente, operava também o Cordeiro de Deus. Ele não realizava milagres; curava, antes, os enfermos de moléstias curáveis. – “Sim, mas quanto à dor, ao seu sofrimento?” indagarão os mais céticos. “... por via de encarnação ou de condensação de fluidos, desde que se verifique a corporeidade, é lógico admitir que a sensibilidade se estabelece e caracteriza em condições análogas”: (12). Eis, aí, para a saciedade dos incrêus.

Busquemos outros esclarecimentos nos lances do Gólgota. “E Pilatos admirou-se de que Jesus houvesse morrido tão depressa e, chamando um centurião, perguntou-lhe se efetivamente estava morto” (13). “Dois pontos, não obstante, nos indicam que este era um crucificado muito especial. Em primeiro lugar, os ossos das pernas não estavam quebrados, como, aliás, prescreveu o autor dos Salmos. (“Todos os seus ossos serão preservados; nem um só se quebrara” – Salmos, 34:20.) A fratura das pernas era, de certa forma, também um golpe de misericórdia, porque resultava em abreviação da morte. Isto porque, segundo explicou o Dr. Barbet, a morte se dava por asfixia, pois o crucificado somente podia respirar nos breves instantes em que, suportando dores atrozes, apoiava-se no cravo que o prendia pelos pés para levantar o corpo e assim poder movimentar os músculos do tórax que, pela sua rígida contratura, não permitiam expelir o ar dos pulmões. Em seguida, o supliciado deixava cair novamente o corpo, apoiando-se nos cravos das mãos. Novamente sufocava e tudo recomeçava. Assim ficava enquanto agüentasse ou até que lhe quebrassem as pernas – usualmente com uma barra de ferro. Impedido, afinal, de apoiar-se no cravo dos pés e, portanto, de erguer o corpo para renovar o ar dos pulmões, o condenado morria” (14).

Por que rendera logo Jesus o Espírito? Esclarecem-nos os Espíritos encarregados de disseminar a Verdade que, realizados os atos nefandos que corroborariam as Escrituras e os Profetas, não tinha mais o Meigo Nazareno o que exemplificar; a lição maior do Seu Amor se consumara. Até mesmo a evidência do primeiro mandamento da Lei fora realizada quando se dirigiu a Maria e a João. Será possível que os cravos nas mãos e pés (ainda que fossem da mesmíssima constituição que a nossa) daquele que foi o paradigma da Bondade e da Virtude lhe causassem à sensibilidade maiores dores do que a Sua angústia, a Sua piedosa amargura, por saber o que sobreviria à Humanidade pelo seu inominável e inesquecível crime?

Especialmente para aqueles irmãos que se baseiam na evasiva de Kardec, quando instado a se pronunciar sobre a “teoria” do corpo de Jesus trazida à luz em “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing, trazemos à lembrança que as experiências de materializações eram ainda muito veladas ao seu tempo. “Tivesse ele (Kardec) podido, no seu tempo, apreciar esses valiosos testemunhos, e a sua atitude certamente se modificaria”, e Leymarie, que sucedera ao Codificador na direção de “Revue Spirite”, assim se manifestava na edição de outubro de 1883: “Os discípulos de Allan Kardec, sem nada prejudicarem a tal respeito, deixando a cada um o cuidado de apreciá-la, estão, não obstante, convencidos de que esse lógico emérito, Allan Kardec, saberia hoje tirar partido mais racional, mais avançado de uma revelação que lhe foi especialmente feita, se tivesse tido à mão as experiências decisivas dos sábios de todas as ordens, tais como Wallace, Zoellner, William Crookes com Katie King e outros médiuns, que lhes forneciam provas da materialização e desmaterialização quase instantânea de um espírito”.

“Allan Kardec não possuía então, para a sua demonstração, senão bases inteiramente hipotéticas, não se tendo ainda os fenômenos de materialização e tangibilidade produzido sob os aspectos que a ciência tem podido abranger depois da morte material do mestre.” (15)

Que as bênçãos do Senhor sejam sobre nós.

Notas

- (1) “A Gênese”, Allan Kardec, cap. XV, Item 65, 24ª ed. FEB.
- (2) Mateus, 5:17.
- (3) “Reformador”, O Nascimento de Jesus, fevereiro 1979, pág. 80.
- (4) “A Gênese”, Allan Kardec, cap. XV, Item 2, 24ª ed. FEB.
- (5) “Jesus Perante a Cristandade”, Frederico Pereira da Silva Jr. (pelo Espírito Bittencourt Sampaio), pág. 34, 5ª ed. FEB.
- (6) “Reformador”, O Nascimento de Jesus, fevereiro 1979, pág. 80.
- (7) “Jesus Perante a Cristandade”, Frederico Pereira da Silva Jr. (pelo Espírito Bittencourt Sampaio), pág. 41, 5ª ed. FEB.
- (8) Lucas, 7:28 e Mateus, 11: 11.
- (9) “Fatos Espíritos”, William Crookes, pág. 79, 6ª ed. FEB.
- (10) Lucas, 4:29-30.
- (11) “A Personalidade de Jesus”, Leopoldo Cirne, pág. 56, 3ª ed. FEB.
- (12) Idem, pág. 70.
- (13) Marcos, 15:44.
- (14) “Reformador”, O Sudário de Turim-I, Hermínio C. Miranda, março 1979, págs. 98 e 99.
- (15) “A Personalidade de Jesus”, Leopoldo Cirne, pág.67, 3ª ed. FEB

* * *

Apresentaremos a seguir o trecho inicial do belo poema de Guerra Junqueiro, recebido por Amélia Delgado, incluído no livro Os Funerais da Santa Sé, págs. 89/93:



Abílio Guerra Junqueiro



Médium América Delgado

9 - O Corpo de Jesus

De fluidos é formado?... É feito de matéria?...
Matéria sublimada, ou simplesmente argila?
Um corpo como os mais, sujeito a vil miséria?
Fluido que nenhum mal polui ou aniquila?...
Há tanta confusão, oh! Meu Jesus amado,
em torno deste assunto... E diz o mundo inteiro:
– “Seu corpo, como os mais, também era formado

do barro de que é feito o humano formigueiro.”
 Alguns, já procurando investigar, vaidosos,
 prometem do Saber nas altas ascensões,
 por uma vez rasgar os véus tão misteriosos
 do bisturi das autoconsiderações...
 Por isso (é bom dizer), já tem havido atritos
 entre os irmãos que buscam verdadeira luz
 e querem esvoaçar além dos infinitos
 pra saber de que era o corpo de Jesus!
 Alguns doutores que a Ciência já perscrutam
 que julgam separar o joio do bom grão,
 escravos do envoltório, invictos exultam
 e dão nesta resposta a sua conclusão:
 – “Se o Cristo não possuiu um corpo perecível,
 onde o merecimento ao seu martírio insano?
 Na leve fluidez a alma é insensível
 ao sofrimento que depura o ser humano.”
 Doutores, um momento: a vossa crença é pura? !
 Abandonais a letra e procurais a Luz?...
 Pois escutai do Além a voz firme e segura;
 fitemos o clarão do astro a olhos nus:
 – Onde se encerra a vida, na Alma? No Envoltório?
 Quem vibra, quem palpita – o Corpo ou o Clarão?
 Se formos procurar nalgum laboratório,
 dos problemas de Deus a vera solução,
 havemos de encontrar a esterilidade
 da pobre sapiência, inerte e sem valor,
 do acume da qual a triste Humanidade
 às vezes nem contempla aos astros o fulgor.
 O martírio real é o que retalha a Alma,
 a ponta de um aleive, o fel da ingratidão!
 Aquele que suporta, sem revolta, em calma,
 o espicaçar da crua dilaceração
 é um herói. As feridas que lá, intimamente
 brotam como vulcões incendiando o ser,
 – grillhões que prendem, ferem simultaneamente –
 esfacelam a Alma para a engrandecer! ...
 Se o Cristo foi humano, que é da virgindade
 daquela que recebe, ainda imaculada,
 o Verbo que ilumina toda a Humanidade,
 fazendo-a palmilhar a verdadeira estrada?!
 Jesus não foi jamais involucrado em lama!
 – Essência divinal, que lá do Alto vem
 os seres envolver na luz da mesma chama
 a fim de orientá-los para o ovil do Bem.
 Compreendemos nós Cristo – Essência Imaculada!
 Nós vemos em Jesus o – Sobrenatural,
 Enviado por Deus à Terra enodada,
 para dela expulsar os histriões do Mal!
 O vosso Cristo é barro, é vosso Cristo argila!...
 E, sendo para nós – Essência, Luz, cintila,
 – para vós se reduz apenas a um montão
 de trapos, destinados à exploração!
 Mas o absurdo que inda vem da lei antiga
 havemos de o arrancar, e bem, pela raiz!
 Jesus por sobre nós estende a mão amiga,
 Jesus segue conosco a mesma diretriz!...

* * *

Depois do progresso alcançado pelo Espiritismo científico e – mais do que isso – publicadas as obras mais recentes de André Luiz, não seria curial que ainda houvesse os que porfiam na hipótese carnal do corpo de Jesus. E nestas colunas já não nos preocuparemos em repetir os arrazoados daqueles que, mais autorizados do que nós, fulminaram esse absurdo cristológico. Todos os argumentos bíblicos foram já seguramente alinhados, revelando a consistência da doutrina oferecida a Roustaing. O próprio Redentor cuidou de proclamar-se várias vezes de natureza extra-humana e os Evangelhos estão refertos de revelações nesse sentido. Por outro lado, o aprimoramento da cultura científica, precipuamente no campo do psiquismo experimental, terá por certo rematado a questão, à qual não tem faltado, para melhor dissecá-la, a profundidade das lições que modernamente nos vêm do Além.

“Evolução em Dois Mundos”, por exemplo, é mensagem em que sobejam as melhores noções sobre a natureza do psicossoma e seus extraordinários recursos. Bastaria esse trabalho, talvez, para explicar que nada estranho ou muito menos impossível houvera na constituição do corpo de que se serviu o Mestre. Assim, não buscaremos repetir esses aspectos da questão, por demais e muito inteligentemente já aproveitados por confrades de maior gabarito. Aos que se não convenceram ainda, gostaríamos tão só de conduzi-los a uma nova análise, qual seja, pura e simplesmente, a do bom-senso. Os dados do bom-senso são o ponto de partida e o fundamento de toda a ciência. “As teorias, em manifesta contradição com o bom-senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, devem ser rejeitadas” – afirmou Allan Kardec, no seu “Evangelho segundo o Espiritismo”. Trata-se da aplicação perfeita da razão para julgar ou raciocinar em cada caso particular da vida. O bom-senso, pois, deve significar o ponto de vista majoritário duma classe de alto nível filosófico, que julga e raciocina. Quando um círculo inteligente e culto comunga com honestidade num mesmo princípio, é de esperar neste resida, até prova em contrário, alguma grande verdade, ainda que incompleta, parcial ou relativa.

Dizemos “inteligente” e “culto” porquanto reconhecemos que as maiorias por si só nunca foram critério de verdade alguma. Mas, quando as melhores expressões do Espiritismo (do bom e sadio Espiritismo) pugnam por certo preceito, diz-nos o bom-senso que é hora de enfileirarmo-nos a seu lado. No que respeita ao corpo fluídico de Jesus já temos a honestá-lo a boa lógica e o consenso dos homens de escol da Doutrina. Não nos parece sensato que, em se tratando de hipótese falsa, a personalidade perispiritual de Jesus pudesse arregimentar em sua defesa e propagação tantos e tão festejados dos lidadores da seara espírita, encarnados e desencarnados, Vejamos, num relance, quantos poderíamos referir em face de obras ou mensagens conhecidas.

Convém lembrar inicialmente que o próprio Codificador não via contra senso na revelação rusteniana, apenas transferindo ao futuro a sua comprovação. Leymarie, seu amigo e sucessor na direção da “Revue Spirite”, confessa que Kardec só não foi definitivo na aceitação da idéia do corpo fluídico porque os fenômenos de materialização ainda não tinham, àquela época, recebido o beneplácito da ciência especializada. Para Kardec, o termo fluídico ainda encerrava um sentido estritamente etimológico, significando uma sombra, um gás, um fantasma. Hoje, porém, entendemos a formação de um corpo fluídico como passível de afetar todas da matéria humana, inclusive a tangibilidade absoluta.

Entre os médiuns, registemos, por exemplo, o nome de Zilda Gama. Longe de ser considerada uma mensagem de um médium qualquer, Zilda Gama foi quem psicografou as imortais obras de Vítor Hugo, como “Dor Suprema”, “Do Calvário ao Infinito”, “Na Sombra e na Luz”, “Redenção” e “Almas Crucificadas”. Pois bem; no seu “Diário dos Invisíveis”, edição de 1929, págs. 241/263, lê-se uma mensagem do próprio Allan Kardec datada de 17-VII-1913, intitulada “O Corpo de Jesus”, e da qual extraímos os seguintes trechos:

“Jesus, quando baixou a Terra, não era mais ser materializado, sujeito às enfermidades, às contingências fisiológicas”. “Seu nascimento, sua existência, sua “morte”, não se assemelham aos de todos os homens”. “Ainda vos direi relativamente ao corpo de Jesus: não era o envoltório de seu perispírito igual ao do homem planetário, mas ao do sideral”. “Possuis, pois, um organismo quintessenciado e apuradíssimo.” “Era esse organismo, aparentemente, igual ao de qualquer criatura encarnada, parecendo constituído de músculos e ossos, mas de fato não o era, pois os elementos de que se compunha estavam de tal sorte sujeitos ao influxo espiritual de Jesus que seriam dissolvidos no instante em que ele o quisesse”.

América Delgado, outra médium notável, psicografou em 1932, em Belém do Pará, os conhecidos livros de autoria de Guerra Junqueiro, “Funerais da Santa Sé”, cuja pág. 69, da 3ª. edição, inclui o poema “O Corpo de Jesus”. A certa altura, lê-se: “Jesus não foi jamais involucrado em lama”. Este, o verso principal; todo o, poema, encerra belíssima e lírica explicação rimada do corpo fluídico de Jesus.

Na atualidade não é possível deixar de reconhecer no bom e humilde Chico Xavier o mais alto padrão de mediunidade psicográfica do mundo contemporâneo.

Pois é de obra sua, ditada pelo Espírito Humberto de Campos e intitulada “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, que vamos retirar da pág. 137, 6ª. edição, 1957, estas linhas.

“Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário (Kardec), no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuvá-lo, nas individualidades de João Batista Roustaing) que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que efetuaria o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica, e de Camilo Flammarion, que abriria a cortina dos mundos”...

Ainda de Chico Xavier temos a obra “O Consolador”, ditada por Emmanuel, em cuja edição de 1959, à pág. 158, acha-se a pergunta 28ª., respondida da seguinte maneira:

“Antes de tudo, precisamos compreender que Jesus não foi um filósofo e nem poderá ser classificado entre os valores propriamente humanos tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, na direção das coletividades terrícolas.”

Mais adiante, nesse mesmo trabalho, perguntado sobre o sacrifício de Jesus, que não teria sido completo sem o máximo de dor material, tal como exigem os pregadores do corpo de carne do Mestre, assim responde Emmanuel:

“A dor material é um fenômeno como o dos fogos de artifício, em face dos legítimos valores espirituais. (...) Imaginai, pois, o Cristo, que se sacrificou pela Humanidade inteira e chegareis a contemplá-Lo na imensidade da sua dor espiritual, augusta e indefinível, para a nossa apreciação restrita e singela. (...) Examinados esses fatores, a dor material teria significação especial para que a obra cristã ficasse consagrada? A dor espiritual, grande demais para ser compreendida, não constituiu o ponto essencial da sua perfeita renúncia pelos homens?”

“Finalmente, a págs. 154/155, explicando a diferenciação entre “Anjo” e “Espírito Eleito”, afirma Emmanuel, confirmando com a sua autoridade ensinamento já contido em Os Quatro Evangelhos de Roustaing, no que tange à ascensão dos seres que nunca encarnaram:

“... O Eleito, porém, é aquele que se elevou para Deus em linha reta, sem as quedas que nos são comuns, sendo justo afirmar que o orbe terrestre só viu um eleito, que é Jesus-Cristo.”

Mas, de Emmanuel, já que citamos seu nome, há mais. Prefaciando a obra de Antônio Lima, intitulada “Vida de Jesus”, escreve a certa altura: “Os homens devem saber que o Missionário Divino não viveu a mesma lama de suas existências de inquietações e de amarguras” (página 9, edição 1951). Quanto ao trabalho de Antônio Lima, por sinal em estilo literário maravilhoso, vamos encontrar nele vários capítulos em que advoga o corpo fluídico de Jesus, com argumentação robusta e abundante.

Pelo médium Frederico Pereira da Silva Júnior tivemos a monumental obra “Jesus Perante a Cristandade”, ditada pelo glorioso Francisco Leite Bittencourt Sampaio; Toda ela resume um florilégio de ensinamentos profundos sobre os Evangelhos, em meio aos quais avulta a propugnação do corpo extra-humano do Mestre:

“Jesus tomou um corpo celeste” (pág. 23);

“Jesus tomando um corpo aparentemente material (pág. 29);

“o tênue véu de carne aparente que envolveu o Divino Mestre” (pág. 33);

“...nos livros de Allan Kardec, na revelação dada a Roustaing... encontram os bem intencionados grande fonte, onde podem beber, à farta, os ensinamentos do Nosso Divino Mestre”... (págs. 175/176);

“... O que em abundância prova que o corpo, que o revestia, era de natureza fluídica” (pág. 206);

“...restabelecendo as suas condições que sempre foram puramente fluídicas” (pág. 254);

“Retomando o seu corpo fluídico” (pág. 259); etc.

A edição consultada é de 1932. A guisa de apresentação desta obra, encontramos algumas palavras subscritas por Adolfo Bezerra de Menezes, Antônio Luís Sayão, Luís Antônio dos Santos, Pedro Richard, José Antônio de Matos Cid, Tiago Beviláqua, José Dias de Carvalho Neto, João Augusto Ramos da Silveira, José Luís de Almeida, José Augusto Ramos da Silveira, Cândido José de Abrantes e Pedro Luís de Oliveira Sayão. Notem bem o nome que encabeça a relação: Bezerra de Menezes. E, dentre outras afirmativas, encontramos à pág. 273 dessa espécie de posfácio:

“Nada podemos acrescentar a este livro, cuja textura intelectual e moral é de resistir à ação dos séculos; podemos, porém, dar testemunho de que ele foi ditado mediunicamente pelo Espírito que, na vida do tempo, foi o notável poeta cristão, Dr. Francisco Leite Bittencourt Sampaio – e o nosso testemunho é verdadeiro.” E, mais adiante, à pág. 275: “Nessa importantíssima peça, o alto Espírito que a ditou faz sentir, com veemência, a necessidade de cerrarem fileiras os que desejam ser verdadeiros discípulos de Jesus, no intuito de restabelecer-se e firmar-se, em espírito e verdade, a puríssima doutrina do Evangelho”.

Ainda de Bittencourt Sampaio, temos o imortal poema “A Divina Epopéia”, escrito enquanto o autor ainda era encarnado, e onde se divulga com entusiasmo a doutrina de Roustaing.

Em “Do País da Luz”, obra mediúnica que celebrou Fernando de Lacerda, encontramos uma comunicação de Napoleão Bonaparte em que também se mostra a diferença entre Espíritos eleitos e Espíritos escolhidos, a exemplo da distinção que Roustaing de certa forma faz entre “Eleitos” e “Anjos”. E, arrematando o ensinamento, consta: “O eleito foi Jesus. Aquele era o dileto filho d’Ele, o Agnus Dei, o Justo Divino; eleito para regenerar o homem pela bondade, pela unção, pela palavra.”

O Reverendo G. Vale Owen, grande militante do Espiritismo, em seu livro “A Vida Além do Véu”, prefaciado pelo erudito confrade inglês Arthur Conan Doyle, afirma à pág. 198, dissertando sobre a prece: “Muito acima de nós, está a esfera do Cristo, de gloriosa intensidade de luz e imponente beleza. A nossa prece vai ao Pai por intermédio d’Aquele que veio à Terra e se manifestou aos homens com o nome de Cristo.”

Quanto ao chamado “Allan Kardec Brasileiro” – Adolfo Bezerra de Menezes -, temos pronunciamento ainda mais categórico, extraído da “Gazeta de Notícias” de 22 de Abril de 1902: “Roustaing, o mais moderno missionário da lei, que em muitos pontos vai além de Allan Kardec, porque é inspirado como este, mas teve por missão dizer o que este não podia, em razão do atraso da Humanidade.” “Roustaing confirma o que ensina Allan Kardec, porém adianta mais que este”. “É,

pois, um livro precioso e sagrado o de Roustaing”. “Quem compreende a progressividade da revelação não pode recusar preito a Roustaing”.

De Antônio Luís Saião, espírito pioneiro da Doutrina no Brasil e batalhador dos tempos mais difíceis temos a publicação da obra “Elucidações Evangélicas”, que dispensa quaisquer transcrições porque foi escrita especialmente para reproduzir, em linguagem mais concisa e com melhor objetividade, o trabalho em quatro volumes de J. B. Roustaing. Convém apenas salientar que ganhou o aplauso de muitos espíritas de nomeada, dentro os quais, por exemplo, Pedro Richard, que assim se expressava no primeiro número do “Reformador” dado à luz após a desencarnação do autor de “Elucidações Evangélicas”, em 1904: “Estudos Evangélicos (na reedição apareceu com o nome de Elucidações), livro que tantos e tão relevantes serviços tem prestado aos que se entregam ao estudo da Doutrina Espírita”. E Bezerra de Menezes, por seu turno, dizia na “Gazeta de Notícias”: “Quem quiser colher, em Roustaing, os frutos preciosos de sua inspiração, muito lucrará estudando o livro (os livros) de Saião, é chave de ouro, que ninguém deve desprezar”.

Em “Síntese de O Novo Testamento”, de Mínimus (pseudônimo de A. Wantuil de Freitas, atual presidente da Federação Espírita Brasileira), deparamos com as seguintes notas de rodapé, na 1ª edição, 1947:

“Jesus, como o Anjo que guiou Tobias, era um agêner; fazia e desfazia o seu corpo quando queria” (pág. 77); “Esse aparente despautério (Jesus ignorando sua mãe e seus irmãos) está explicado satisfatoriamente na obra “Revelação da Revelação”, II vol., nº. 163”: “Jesus afirmou, portanto, que era ele tal qual o era antes da crucificação, com o mesmo corpo. Admitir, pois, o contrário, seria atribuir-lhe uma falsidade”.

São de “O Livro de Tobias”, edição da FEB, os seguintes trechos: “A revelação desse mistério nos foi dada pelos Espíritos superiores através da sublime mediunidade de Mme. Collignon, e publicada por João Batista Roustaing, nos quatro alentados volumes que formam a mais grandiosa obra mediúnica até hoje publicada sobre a Missão de Jesus”. “Quem lança a dúvida sobre o valor de uma grande obra mediúnica, como as de Kardec ou Roustaing, já aceita como fundamentais por muitas sociedades espíritas e pelos nossos maiores pioneiros, está trabalhando para secar aquela fonte de vida, para destruir o movimento e o Espiritismo mesmo, por melhores que sejam as suas intenções e convicções”. “Todas as campanhas do orgulho e da vaidade passam, mas jamais desaparecerão os ensinamentos dos grandes Missionários, como são, de fato, Allan Kardec e Roustaing.” (1944. seguinte 68/71/73.)

Relacionemos rapidamente, ainda, alguns outros trabalhos notáveis a respeito do importante tema, todos eles contendo aspectos de esclarecimentos e uma pletera de documentação em favor do corpo extraterreno do Salvador: “Elos Doutrinários”, do erudito mestre Ismael Gomes Braga; “O Cristo de Deus”, do saudoso Manuel Quintão; “A Personalidade de Jesus”, produzido pelo talento invulgar de Leopoldo Cirne; “Jesus, nem Deus nem Homem”, de autoria do gigante do Espiritismo no Brasil, o engenheiro Luís Olimpio Guillon Ribeiro, por sinal o tradutor das últimas edições de “Os Quatro Evangelhos”. Não transcrevemos trechos desses trabalhos, porquanto foram feitos com igual objetivo que o nosso. Aconselhamos assim a leitura, integral deles, visto não tratarem doutro assunto senão esse mesmo. Embora sem obras editadas, registemos ainda os nomes de Aristides Spínola, Geminiano Brasil, Raimundo Ewerton Quadros, primeiro presidente da Federação Brasileira e primeiro tradutor de “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing, além de muitos outros, naturalmente, que a memória não nos suscita.

São todos, homens de grande envergadura moral e intelectual, que desde muitos anos vêm referendando e propagando com entusiasmo a doutrina da personalidade fluidica de Jesus. Ora, diante de tão seleta e requintada plêiade de estudiosos sinceros da Doutrina Espírita, todos defensores árdios dessa tese mais lógica e mais plausível, seria, pois contrariar o mais superficial bom-senso se nos obstinásemos ainda em falar na carne do corpo do Mestre.

Por isso – inclusive – um dia despertamos e mudamos também de pensar. Aos que ainda vacilam, deixamos aqui uma nova ponderação amiga: já não tanto pelas provas científicas nem pela argumentação que esborda dos próprios Evangelhos; ao menos tendo em conta que tantos e tão conceituados espíritas não poderiam durante tanto tempo estar sendo enganados; ao menos meditando em que Ismael, o Guia Espiritual do Brasil, não permitiria que se difundisse assim uma mentira dessa natureza; ao menos reconhecendo que a Federação Espírita Brasileira, órgão de cúpula do Espiritismo no Brasil, quiçá no mundo, não insistiria na propaganda de uma ilusão; ao menos em nome do menor bom-senso, comecem, os que ainda relutam, a meditar seriamente na questão e nos testemunhos graves que acima registamos. E venham afinal cerrar fileiras com os que querem o Governador Espiritual do Planeta isento, pela sua natural grandeza, da conspurcação que a matéria empresta ao Espírito falido.

* * *

No seu livro “Vida de Jesus”, prefaciado por Emmanuel, Antônio Lima, nos oferece esses versos de imarcescível beleza do célebre vate francês Victor Hugo.

11 - NATUREZA FLUÍDICA DO CORPO DE JESUS

Versos de Victor Hugo – Médiun: Casimir Mottet

Da obra “Verités Éternelles” -Tradução de Antônio Lima
in Reformador (FEB) Abril 1947.

Não suponhais também que, por ser diferente
Do vosso o corpo seu, a agonia pungente
Não lhe fosse cruel nem a morte. A amargura
Tanto a alma fere mais quanto mais ela é pura
E menos material, porque dos sofrimentos
O efeito é mais cruel, maiores os tormentos.

E eis porque Jesus de uma só vez sofria
Mais do que todos nós uma mesma agonia.
Seja Ele abençoado e Deus lhe dê a glória!
Nunca seja seu nome esquecido na História!
Para tanto sofrer era mister no mundo
Que n'Ele fosse o amor eterno e profundo!
Bendito amigo que és de toda a Humanidade,
Ó Cristo amado, em quem o farol da verdade

Resplende em toda a parte apontando as estradas
Por onde hão de passar as almas adiantadas
Para alcançar do Pai o poder e o direito
À gratidão de todo o Universo perfeito!

Amados querubins, que no espaço ilimitado
Tendes sofrido assim quanto eis-nos estimado,
Que nunca vos cansais de guiar-nos generosos
E tão esforçadamente aos cimos gloriosos,

Que já haveis atingido, ó Espíritos nobres,
Recebei dos que são vossos irmãos mais pobres
A mais terna expressão, a mais santa e solene,
Da nossa gratidão, que é profunda e perene!

* * *

Apresentaremos a seguir, do mesmo autor, um trecho de um de suas obras.

12 - O Corpo de Jesus - Espírito Victor Hugo

Blog do Aron, um espírita - Domingo, 7 de agosto de 2011. "O Corpo de Jesus" - Reformador 1946

Extraído da obra "Dor Suprema" - Livro VIII - Espírito Victor Hugo, Médiun Zilda Gama.

Jesus não possuía o organismo tangível ou carnal - sujeito às contingências fisiológicas - mas um organismo sidereal, de sensibilidade quintessenciada, no qual os pensamentos cruéis de seus adversários atuavam maleficamente, ocasionando-lhe sofrimentos e torturas morais indefinidos.

Como, porém, já estava de posse de todos os atributos, Ele os exteriorizava como se, realmente, os seus tecidos fossem materiais: apresentava equimoses, chagas, perfurações nos membros superiores e inferiores. Tudo isso, que não passava de reprodução psíquica, Ele o padeceu, porque seu corpo tangível estava em contato com o ambiente terreno. Se Ele o quisesse, não sofreria nenhuma dor, insulando-o pelo poder da volição, que, logo, eliminou todos os vestígios dos martírios por que passou, novamente patenteados na presença do incrédulo Tomé, mas a sua missão era bem outra, não a de convencer pelos olhos, qual se fora um mago, mas pelo coração e pela Fé; e, ao mesmo tempo, deixou o eterno exemplo de como se pode conquistar a redenção; praticando o bem, padecendo injustiças, calúnias, traições, tendo na alma piedade infinita por todos os delinquentes; e, em permuta, receber escárnios e bofetadas, sem ter, no plano material, dedicados amigos que com Ele sofressem e que ficassem vigilantes após momentos de dor infinita... Tudo isso, Pedro, se passou diante de teus olhos... E não ouviste: Também tu o abandonaste e lhe foste infiel... o que ora relembro, não para te censurar, mas apenas avivando o passado e a realidade. Não te comovas assim, até as lágrimas, irmão! Escuta-me: de Jesus foi encerrado no sepulcro apenas seu corpo condensado ou materializado, amortecido voluntariamente, e, mal se achou insulado, logo despertou.

Jesus não era um ser igual aos entes humanos, porquanto, quando baixou ao Planeta do Sofrimento, já possuía todos os atributos espirituais, muitos dos quais ainda ignorados pelos que o conheceram. Mais tarde, porém, todos os sucessos relativos ao nascimento e à morte, isto é, ao início e ao termo da missão do Nazareno; serão elucidados plenamente, na Terra. Algo direi sobre o que tanta admiração te causa: a derradeira cena do Calvário.

Não conheces, Pedro, a vida do pequeno inseto que fabrica a seda, a maravilha dos tecidos, feitos com elementos gerados nas entranhas de uma das espécies do bombyx-mori? Pois bem, não fica ele entorpecido, durante algum tempo, no próprio estojo que engenhou, o que os homens mais cultos e inteligentes procuram vãmente imitar? Onde se ocultam as suas asas que, durante a letargia, se desagregam de seu próprio organismo, pétalas que desabrochassem em um cálice de flor, para, então, a falena já desperta, ansiosa por liberdade, ébria de amplidão, corroendo o envoltório que a constringia, expandir os seus adejos, sobre as mais encantadoras filhas dos jardins e dos prados?

Assim, Pedro, no paralelo do mágico produtor da seda, calcula o que se passou com o Mestre bem-amado que já era um dos Emissários divinos.

Tomado o seu corpo de um torpor ou de um esmorecimento que Lhe deu a aparência de rígido cadáver, foi levado ao sepulcro. Mas, realizado seu despertar, dissolveu-se o envoltório materializado, recobrando o Espírito todas as suas portentosas faculdades.

* * *

13 - A PROPÓSITO, AINDA, DO CORPO FLUÍDICO DE JESUS.

Ivo de Magalhães – Reformador (FEB) Março 1970

Depois de tudo quanto tem sido escrito por ilustres autores sobre o corpo fluídico de Jesus, tais como Antônio Luiz Sayão, Leopoldo Cirne, Manuel Quintão, Guillon Ribeiro e Ismael Gomes Braga, em notáveis trabalhos intitulados, respectivamente, ‘Elucidações Evangélicas’, ‘A Personalidade de Jesus’, ‘O Cristo de Deus’, ‘Jesus nem Deus nem homem’ e ‘Elos Doutrinários’ – sem esquecer esse magnífico estudo que é ‘O Livro de Tobias’, em boa hora editado pela Federação Espírita Brasileira – pode parecer supérfluo que ainda se pretenda dizer algo a respeito dos excelsos ensinamentos transmitidos pelo Alto a Jean-Baptiste Roustaing, mercê da extraordinária mediunidade da Senhora Collignon.

Temos, porém, ouvido vez por outra, de alguns estudiosos do Espiritismo, a declaração de que não podem aceitar essa revelação por haver o Mestre exclamado na Cruz: “Tenho sede.”; se o seu corpo fosse realmente fluídico, dizem eles, não poderia estar sujeito às necessidades da matéria e encontrar-nos-íamos em presença de uma farsa de todo incompatível com a superioridade moral do Cristo”.

O argumento poderia ser válido se se não atentasse para um pormenor que o destrói inteiramente:

O único evangelista que atribui a Jesus aquelas palavras foi João (Cap. 19, versículo 8), talvez pela boa razão de que somente ele, dos quatro, assistiu á Crucificação. O que, todavia, está dito no Evangelho de João é o seguinte: Depois, sabendo Jesus que tudo estava cumprido, para se cumprir uma palavra que ainda restava da Escritura, disse: Tenho sede.

Jesus, portanto, disse que tinha sede para se cumprir uma palavra que ainda restava da Escritura, porque, quanto ao mais, “tudo estava cumprido”. João teve o cuidado de não deixar dúvidas a respeito e, se se quer argumentar com a citação evangélica, deve-se enunciá-la por inteiro, não se tomando dela apenas duas palavras que, isoladas, impedem a compreensão correta do texto.

A leitura atenta dos Evangelhos revela a constante preocupação dos autores de ressaltar que os fatos ligados à passagem do Mestre pelo nosso Planeta, os atos que praticou, os ensinamentos que ministrou e as palavras que proferiu, em tudo e por tudo confirmavam as Escrituras e em nada transgrediam a lei mosaica.

Mateus, com efeito, logo no primeiro capítulo do seu Evangelho, referindo-se ao nascimento de Jesus (tal como aos olhos dos homens teria ocorrido), diz, no versículo 22: “Mas tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que falou o Senhor pelo Profeta”. Marcos, por sua vez, inicia o seu Evangelho assim: “Princípios do Evangelho de Jesus-Cristo, Filho de Deus, conforme escreveu o Profeta Isaías”.

Também Lucas, igualmente no capítulo primeiro de seu Evangelho, relatando o cântico de Zacarias, escreve no vers. 70: “Segundo o que Ele tinha prometido por boca dos seus profetas”.

Finalmente João, demonstrando o mesmo cuidado, também no capítulo inicial do seu Evangelho, referindo-se aos primeiros apóstolos de Jesus, diz, no versículo 45: “Encontrando Natanael, disse-lhe Filipe: Achamos aquele a cerca de quem Moises escreveu na lei e os profetas falaram, Jesus de Nazaré, filho de José”.

Não é menor a preocupação do Mestre: “Não penseis que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas; não os vim destruir, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, enquanto o Céu e a Terra não passarem, nem um só iota, nem um só ápice da lei passarão, sem que tudo esteja cumprido” (Mateus, Cap. 5 vv. 17 e 18)

Nós, os espíritas, sabemos que o Alto tudo dispôs para que, na passagem de Jesus pela Terra, nada se processasse senão de conformidade com a lei e as Escrituras, a fim de que os acontecimentos, revestidos de autenticidade, pudessem ser aceitos por um povo tão apegado às suas tradições.

Não deve, assim, causar surpresa o fato de haver o Mestre, portador embora de um corpo fluídico, exclamado: “Tenho sede”, se o fazia “para cumprir uma palavra que ainda restava da Escritura” (a palavra “sede”, predita por David no Salmo 68, versículo 22. *(1). Pelos mesmos motivos, não nos esqueçamos, quando João Batista, a quem Jesus se apresentara para ser por ele batizado, Lhe perguntou: “Eu sou o que deve ser batizado por ti, e tu vens a mim?” (Mateus, Cap. III, v.14), recebeu essa pronta, clara e incisiva resposta que jamais, ao que saibamos, alguém ousou considerar uma farsa:

“Deixa por ora; porque assim nos convém cumprir toda a Justiça” (Mateus, Cap. III, v. 15.)

É esse, portanto, mais um frágil argumento com que procuram negar os sublimes ensinamentos contidos nessa incomparável obra mediúnica – “Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação” – ou seja, “Os Quatro Evangelhos explicados em Espírito e Verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos e por Moisés – recebidos e coordenados por J. B. Roustaing”.

*(1) Noutras traduções: Salmo 69, v. 21.

* * *

14 - As Conseqüências Morais do Corpo Fluídico de Jesus. Arnaldo S. Thiago – Reformador (FEB) Maio 1971.

Evidentemente, mais atenção merecem os ensinamentos de que decorrem conseqüências morais relevantes do que aqueles cujos efeitos se restringem a objetivos materiais.

A revelação do corpo fluídico de Jesus, apresentada pelos evangelistas a Roustaing e sustentada, no Brasil, pelos mais eminentes cultores da nossa Doutrina, entre os quais é justo assinalar Bezerra de Menezes, Manoel Quintão e Guillon Ribeiro, é de conseqüências morais relevantíssimas, por isso, que nos demonstra a necessidade humana de promovermos continuamente a melhoria das nossas condições individuais, para alcançarmos a completa liberdade espiritual que nos habilitará a sermos, em verdade, colaboradores de Deus, não o ignorando, como acontece aos espíritos ainda muito apegados às sensações carnis, mas, bem pelo contrário, sabendo como e quando, estamos fazendo a vontade do Pai, como sucedeu a Jesus, que tinha plena consciência de que mesmo o sacrifício da cruz lhe era necessário para o cumprimento integral de sua missão entre os homens cuja direção o Pai lhe confiou.

Não foi por fraqueza que o Divino Mestre pediu ao Pai, se isso lhe fosse possível, afastar de seus lábios o cálice terrível; foi por um movimento de altruísmo, do qual decorre certamente o princípio filosófico de que Deus tem segredos que nem aos Puros Espíritos, da mais elevada categoria, como Jesus, pode o Pai revelar.

“Buscai a verdade e a Verdade vos fará homens livres” – advertiu-nos o Divino Modelo. Eis por que estudos como os desta natureza não constituem assuntos de lana-caprina, como pensam confrades bem avisados no que concerne a obras de assistência social, embora de conseqüências imediatistas, mas destituídos de boa disposição para o trato de questões transcendentais, que entendem com a infinita amplitude da evolução espiritual de todos os seres.

Uma das conseqüências morais do corpo fluídico de Jesus está implícita na própria afirmativa do Mestre, ao referir-se à superioridade espiritual de João Batista: “Dos nascidos de mulher, nenhum há maior do que ele”. Ora, sendo Jesus um puro espírito que pode mesmo dizer: “Quem vê a mim vê o Pai” (unicamente para significar aos homens que ele, Jesus, como o Pai, não tinha mais dependência alguma de ordem material), o fato de não poder mais situar-se nessa posição de escravo das atrações materiais deve ter para os espíritas a significação de que o nosso dever precípua é trabalhar arduamente para vencermos essas atrações, procurando sempre fortalecer o espírito que vivifica, pois que a carne para nada aproveita, como insistiu o Divino Mestre em proclamar, a fim de que o possam ouvir os que têm ouvidos para ouvir.

Nascer de mulher, que nos leva, sempre por motivos de afinidade espiritual, a consagrar tanto carinho e veneração por nossa querida mãe, condição própria dos mundos de expiação, como a Terra, constitui, entretanto, no âmbito das elucubrações filosóficas, estigma de nossa inferioridade moral; donde, aplicarmos-nos à espiritualização do nosso próprio ser é o supremo motivo da nossa vocação espirita, levando-nos à compreensão daquele profundo pensamento de Paulo com relação à caridade, para que não nos contentemos com uma assistência social de ordem profana, que se restrinja a dádivas materiais, mas realizando a nossa assistência com o espírito de divina caridade. Suportemos o peso da carne, jamais lhe prestando o culto da nossa escravização às sensações animais, mas procurando vencê-la, para nossa redenção com o Cristo de Deus!

15 - Na introdução da obra “O livro de Tobias”, Ismael Gomes Braga refere o seguinte: Allan Kardec, no capítulo XXVII, § 8.º, de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, diz:

Se o anjo que acompanhou a Tobias lhe houvesse dito: “Sou enviado por Deus para te guiar na tua viagem e te preservar de todo o perigo”, nenhum mérito teria tido Tobias. Fiando-se no seu companheiro, nem sequer de pensar precisaria. Esta a razão por que o anjo só se deu a conhecer ao regressarem.”

E, no capítulo XXV, § 5.º, escreveu: “Pedi a assistência dos bons Espíritos e eles virão acompanhar-vos e, como o anjo de Tobias, vos guiarão.

E no final da obra, por ele compilada a fim de proclamá-la aos adeptos da doutrina, ele conclui:

1. Na compilação das obras fundamentais, Kardec foi sempre assistido pelos Espíritos superiores e mencionou a materialização do anjo que acompanhou a Tobias; com isso o episódio ficou aceito pelo Espiritismo.

2. Ficou apresentada como lei natural a materialização prolongada de Espíritos de alta hierarquia, conforme vem explicada mais minuciosamente na obra Roustaing.

3. Num e noutro caso ficou declarado que os Espíritos, assim materializados, apenas na aparência tomam alimentos materiais,

porque

4. Seus corpos são formados de fluidos que se agregam e desagregam por vontade do Espírito superior; assim,
5. O Livro de Tobias pertencente à Primeira Revelação, pois que escrito muito antes do Novo Testamento, fica confirmado pela vida de Jesus explicado pela obra de Roustaing; logo,
6. Ficam confirmadas pelas três Revelações as materializações prolongadas de Espíritos superiores, em missão na Terra, e,
7. Evidenciada a unidade de uma revelação progressiva, mas essencialmente idêntica a si mesma na eternidade;
8. Negar fé aos ensinamentos recebidos pela mediunidade de Mme Collignon, num ponto capital em que esses ensinamentos confirmam as duas fases anteriores da Revelação divina, equivaleria a negar simultaneamente o Judaísmo, o Cristianismo e o Espiritismo.

* * *

A fim de enriquecer o nosso painel de citações relacionadas ao corpo fluídico de Jesus trazemos algumas citações da encantadora obra “Chama Eterna”, de Luiz Sérgio, disponível no Bvespírita, psicografada pela médium Irene Pacheco Machado, conhecida e reconhecida pela seriedade e probidade da obra que realiza:

* * *

16 – “Sendo Jesus uma Chama por demais pura, tornava-se impossível ser concebido pelas leis normais da fecundação, isto é, de um homem e de uma mulher.”

17 – “Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec” (Salmo 110:4)” [...] “Aqui fica provado que Melquisedec também teve um corpo fluídico. Jesus, neste capítulo dos Salmos, é apresentado como da ordem de Melquisedec, outro espírito puro que nos visitou”. (Chama Eterna – pág.231)

Concluindo a seleção de citações da obra “Chama Eterna”, de Luiz Sérgio, vejamos:

* * *

18 – “O Painel de perguntas brilhou quando surgiu de Zacarias, o Capítulo 6, versículo 12: “Eis aqui o homem cujo nome é Rebento* cujo germe brotará por si mesmo e edificará o templo do Senhor”.

Pergunta: por que brotará por si mesmo? – Resposta: a expressão brotará por si mesmo é a concepção virginal do corpo de Jesus”. (págs. 259 e 260)

(Veja a versão católica bíblica do Pe. Matos Soares, pág.1042: Em hebraico Rebento: é Zorobabel, de cuja linhagem virá o Messias) Edições Paulinas – São Paulo - 38ª. edição – 1982.0

* * *

Os comentários que transcreveremos a seguir são de autoria do conceituado jornalista espírita Luciano dos Anjos sobre a médium que durante três anos e cinco meses psicografou a obra OS QUATRO EVANGELHOS, publicado pelo Blog Associação Lar Espírita Jose de Anchieta, de Farias Brito – Aracati – CE.

* * *

19 - Collignon E Os Quatro Evangelhos – Luciano dos Anjo

No dia 25 de dezembro do ano de 1902, desencarnava, em Quimper, sede do Departamento de Finistère, a extraordinária médium francesa Emilie Collignon (Bréard, enquanto solteira). Foi através de suas faculdades, como se sabe e se agradece, que os evangelistas ditaram as explicações contidas na notável obra “Os Quatro Evangelhos” ou a “Revelação da Revelação”, posteriormente coordenada pelo bastonário bordelês Jean-Baptiste Roustaing.

Infelizmente, há muito pouco que dizer sobre a vida de Mme. Collignon, senão os escassos dados conhecidos e que reuni em meu livro inédito “A Posição Zero”. As grandes figuras, entretanto – particularmente quando lhes sobressai a humildade -, deixam sempre raros registros, cabendo à posteridade a pesquisa lenta e progressiva, até que se lhes levantem todos os contornos biográficos. É o mesmo caso das médiuns que funcionaram com Allan Kardec, cujas vidas continuam quase completamente desconhecidas.

De Mme. Collignon o que se sabe é que foi mãe de um dos prefeitos de Paris, que era médium mecânica e que, visitada por Roustaing, iniciou, a partir desse encontro, a sua abnegada missão de intermediária dos altos Espíritos que lhe ditaram a maior obra de todos os tempos, depois, logicamente, de “O Livro dos Espíritos”. Outros detalhes desse encontro se acham em meu livro e não pretendo antecipá-los. Este artigo é apenas uma homenagem espiritual à sua memória, menos para biografá-la do que para defender o seu trabalho, frequentemente arrastado à liça das acusações e invariavelmente criticado pelos que teimam em ver nele uma contradição com “O Livro dos Espíritos”. (Mais realistas que o rei, vêem o que Kardec

não viu...) Dentro dessa estratégia, intenta-se jogar Roustaing contra Kardec, e vice-versa. Assim, lembrando-me do 72º. Aniversário da desencarnação de Emilie Collignon, o que pretendo é destacar, uma vez mais, a sem-razão da campanha que visa ao impossível: contrapor um missionário ao outro.

Nessa ingente e primordial preocupação, os negadores de Roustaing iniciam a tarefa pela falsa e infundada afirmação de que Allan Kardec lhe opôs definitivas e peremptórias restrições. Muito já se tem provado em contrário; muito já se tem evidenciado que esse quadro não encerra absolutamente a verdade dos fatos. Não vou, portanto, retomar aqui os numerosos e lídimos argumentos que contrariam essas afirmações, a começar pela própria palavra do Codificador, através da qual, no vol. 6 da “Revue Spirite”, de junho de 1886, enaltece a obra de Roustaing, apresentando-a como “trabalho considerável e que tem, para os Espíritos, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada pelo Livro dos Espíritos e o dos Médiuns”.

A razão dessa controvérsia em torno do magno assunto decorre principalmente da posição tomada pelo missionário de Lyon na obra “A Gênese”, em que subscreve alguns comentários sobre a constituição do corpo de Jesus. É de se notar (pelo menos este argumento deve ser repisado) que aquela apreciação encerra ponto de vista pessoal de Kardec, à margem da Revelação Espírita (“O Livro dos Espíritos”). Kardec, que tinha por vezo consultar o Espírito São Luiz diante dos aspectos mais graves da Doutrina, àquele ensejo não o fez, furtando-se assim à oportunidade de ter ouvido do Alto ensinamento que talvez o levasse a esguardar o problema por outro prisma.

De qualquer forma, apesar dos pesares, o que se depara em “A Gênese” não deveria levedar a dialética dos anti-fluidistas. Isto porque a asserção de Kardec é, antes que tudo, fruto duma série de condicionamentos, decorrente dos conhecimentos da época. Para Kardec, “fluídico” era sinônimo de “sombra” (vide “O Céu e o Inferno”, 1ª. Parte, cap IV, n° 14); para Kardec, “fluídico” era o oposto de tangível (vide “O Livro dos Médiuns”, cap XVI, número 189, “Médiuns de Aparição”); para Kardec, “fluídico” não tinha a coesão da carne material (vide “A Gênese”, cap XIV, n°. 36, e cap XV, n°. 65). Ora, o adjetivo “fluídico”, excogitado por Roustaing, não tem nenhuma dessas acepções. “Fluídico” não é sombra, não está em oposição a tangível e, ao contrário, possui toda a coesão da carne material.

Tais ilações, porém, só vieram à luz através das pesquisas de materialização que se inauguraram a partir de 1870, com Crookes, portanto, um ano depois da desencarnação do Codificador. Seja como for, essas angulações, que não deveriam de forma alguma sequer propiciar a controvérsia, tal a clareza merídia que desborda dos próprios fatos em favor de Roustaing, é que têm servido de “leit-motiv” aos que demandam pôr em relevo um pretense choque entre Kardec e Roustaing. E como é dessa pretensão que me proponho a tratar neste artigo, deixemos de lado os pontos e contrapontos da tese em si. Por mais que se objetive menoscabar a obra de Roustaing, toda tentativa cairá no vazio, pois que não se atingem objetivos desse jaez quando se tem diante da vida um autêntico missionário. Os aguarentadores passarão; Roustaing continuará inesquecível e seu trabalho prosseguirá a iluminar as almas de boa vontade, oferecendo-lhas à meditação e ao respeito supremo a figura de Jesus, concebida em expressões de grandeza e pulcritude infinitas. Em contrapartida, por mais que se pretenda marear Kardec, dada a sua posição pessoal em face da natureza do Salvador toda tentativa se esfancará no pauperismo da própria argumentação, pois que não se há de empanar a glória de quem reencarnou para restabelecer, com luta e dignidade, inteligência e mágoa, sofrimento e amor, o verdadeiro e primitivo Cristianismo!

Acusam-nos, a nós, por tanto crermos na “Revelação da Revelação”, de deixarmos que a perversa invicção desloque da primeira plana a singularíssima figura de Allan Kardec. Pigméus que somos diante de tão augusto Espírito, jamais ousaríamos a absurda pretensão... Se às vezes revelamos entusiasmo, cremos ter ele a mesma medida daquele que o próprio Kardec sentiu quando entendeu a Terceira Revelação e...foi criticado pelos que não queriam entendê-la. Ele, entretanto, bem há de a todos compreender e perdoar, porque no ádito de seu espírito perceberá por certo que, pelo menos de nossa parte, temos pretendido tão somente arrancá-lo dessa quadra de disputa contra Roustaing, em que errônea e insistentemente os negadores da “Revelação da Revelação” têm-no buscado situar. E, a nós, há de relevar também o ousio de apresentá-lo, embora sempre respeitosamente, no papel de quem, raciocinando em caráter pessoal, passara ao largo da realidade e discordou momentaneamente de Roustaing.

Raciocínio que não vela a intensa luz que, permanente, lhe flui do Espírito altamente evolucionado; raciocínio que não há de bastar para que seja arriado das alturas a que vitoriosamente foi alçado, depois que aceitou a missão de codificar a Terceira Revelação e de dela ter-se saído galhardamente. Pobres desses pigméus que são capazes, às vezes, de deslembra-los que Allan Kardec é uma das mais extraordinárias encarnações de que a Terra tem notícia, e que sua obra, seu trabalho, simboliza o fanal inexaurível com que há mais de cem anos a humanidade tem podido aliviar as trevas da sua própria intimidade consciencial!

Napoleão Bonaparte estava se fazendo coroar como imperador do mundo quando renasceu em Lyon o missionário da Revelação Espírita. Sua vinda até nós evocou, então, a de 18 séculos antes, quando Roma pisava e estorcegava o mundo, e Jesus manifestou-se fluidicamente na manjedoura abandonada. Em ambas as ocasiões o processo histórico do nosso planeta era tumultuado e ninguém mais acreditava que alguém lhe pudesse pôr cobro aos abomináveis vitupérios. Em Roma, era o vício, a barbárie e a espoliação que grassavam; em Paris, era o materialismo, a descrença e a impiedade.

Jesus restabelece a Verdade e abre às criaturas o caminho da esperança e da mais lídima vitória na imortalidade; Kardec restabelece o Cristianismo e enseja aos homens a solução para todos os seus problemas físicos, morais e espirituais! Não importa que, vez por outra, apareça quem jogue combustível à fogueira do “estudo” sobre o corpo fluídico de Jesus; não importa, principalmente, que critiquemos o fortuito parecer pessoal do Codificador; não importa que se pretenda suscitar

como “controvertida” (como se ao Espiritismo fosse infensa a controvérsia) uma questão para nós clara e óbvia, que nada tem de controvertida; não importa, finalmente, que se queira, através de Roustaing, minimizar a figura gigante de Allan Kardec, ou, através de Kardec, apoucar a de Roustaing. Nada disso importa, porque Roustaing não será jamais esquecido e muito menos Allan Kardec descerá da posição de glória a que se alcançou pelas únicas verdades que afinal justificam essa ascensão: a do trabalho, a da inteligência, a do sofrimento, a do dever cumprido e, acima de tudo, a da tolerância e do amor a amigos e inimigos. E nem Jesus deixará de ter tido um corpo fluídico, como estamos convictos.

A figura de Emilie Collignon me fez recordar toda essa infeliz colocação do estudo em torno da magistral obra por ela psicografada, na qual, bem assimilada, qualquer leitor encontrará, com incrível facilidade, palavras e lições do mais profundo respeito aos fundamentos filosóficos, científicos e religiosos que se contêm na Revelação Espírita, codificada por Allan Kardec. Bem haja, pois, a missão de Emilie Collignon. ‘Reformador’ (FEB) Nov. – Dez. 1974

* * *

20 – O Filho do Homem - Ivo de Magalhães - Reformador (FEB) Julho 1972
Blog do Aron, um espírita - Sexta-feira, 26 de julho de 2013.

Em artigo anterior (Reformador - Março, 1970), (*) salientamos a constante preocupação de Jesus, bem sublinhada pelos Evangelistas, de mostrar que os fatos ligados à sua passagem pelo nosso planeta, os atos que praticou, os ensinamentos que ministrou e as palavras que proferiu em nada transgrediam a lei mosaica, mas, pelo contrário, confirmavam as Escrituras, a fim de que, revestidos de autenticidade, pudessem os acontecimentos ser aceitos pelo povo judaico, tão apegado às suas tradições.

Assim, aludindo a um argumento muito invocado por quem não aceitava a revelação do corpo fluídico de Jesus, lembramos que, à cruz, ao exclamar “Tenho sede” estava o Mestre simplesmente dando cumprimento à profecia de David, referida em um de seus salmos (o de nº. 68, v. 22, de certas edições, ou de nº. 69, v. 21 ou 22, de outras):

“e na minha sede me propinaram “vinagre”.

Efetivamente, conforme assinalou João, no Capítulo XIX, versículo 28 de seu Evangelho, sabendo Jesus que tudo estava cumprido,

“para se cumprir uma palavra que ainda restava da escritura, disse: “Tenho sede”.

Outro argumento análogo tem sido também apresentado: o de se haver o Mestre denominado “Filho do Homem” para, segundo dizem, bem marcar os laços que o prendiam à espécie humana. Ora, se assim fosse, estaria o Cristo, evidentemente, se considerando filho de José - o homem - e de Maria, mas, neste caso, se ele houvesse nascido de mulher, não poderia ter afirmado, como afirmou, que “Nenhum dentre quantos hão nascido de mulheres foi maior do que “João Batista”” (Mateus – Cap. II, v. 11), visto como jamais foi posta em dúvida a sua superioridade sobre a do profeta, superioridade a que o Mestre aludiu, veladamente embora, quando, logo após o haver exaltado, advertiu:

“Mas aquele que for o menor no reino dos céus é maior do que ele”. (Mateus – II, v. 11)

Porém, já havia tornado patente quando, sem contestar João Batista, que lhe dizia: “Eu é que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim?” (Mateus - Capítulo III, v. 14), respondeu-lhe: “Deixa-me fazer assim por esta hora, porquanto é necessário que cumpramos toda a justiça.” (Mateus. Cap. III, v. 15).

Parece-nos, pois, evidenciado que, ao se denominar “Filho do Homem”, não pretendia Jesus marcar laços que o prendessem à espécie humana, mas sim visava a dar a essa expressão um sentido messiânico para, ainda uma vez, confirmar as Escrituras! Com efeito, intitulando-se “Filho do Homem” não estava ele senão fazendo uso das palavras de que se servira Daniel na célebre passagem da Visão dos Quatro Animais Simbólicos:

“Eu considerava pois, estas coisas numa visão de noite, e eis que vi um como o filho do homem, que vinha com as nuvens do céu, e que chegou até o antigo dos dias; e eles o apresentaram diante dele. E ele lhe deu todo o poder, e a honra, e o reino; e todos os povos, todas as tribos, e todas as línguas o servirão; o seu poder é um poder eterno que lhe não será tirado, e o seu reino tal, que não será jamais corrompido» (Daniel - Capítulo VII, vv, 13 e 14).

Não estará, assim, invalidado mais um frágil argumento com que se procura negar a revelação do corpo fluídico de Jesus? Pensamos que sim e nem se alegue que, de tal forma, estaríamos insensatamente pondo em dúvida as profecias de Daniel, que teria visto em Jesus o filho de um homem e não o Cristo, portador de um corpo fluídico! A conclusão a que se deve chegar é exatamente a oposta, porquanto o grande profeta, cujas extraordinárias faculdades os tempos se encarregaram de comprovar, não disse ter visto o filho de um homem, mas sim “um como (o grifo é nosso) o filho do homem”, isto é, um ser parecido, semelhante ao filho de um homem!

A versão francesa é ainda mais concludente: “quelqu'un de semblable à un fils de “l'homme”.1

E o corpo de Jesus era realmente, em tudo, “semelhante” ao corpo humano, pois o Mestre assim plasmara o seu perispírito e lhe dera tangibilidade, para o cumprimento de sua missão terrena. Apenas, não se tratava de um corpo carnal, mas de um corpo fluídico, como tão claramente nos revelaram os Evangelistas, mercê da extraordinária mediunidade da Senhora Collignon, na obra magistral tão bem coordenada e divulgada por Jean-Baptiste Roustaing.

(1) - Daniel Cap. 7:13 - (Eu estava olhando, em minhas visões da noite e vi que vinha nas nuvens do céu alguém semelhante a um homem) – Noutras versões: Um como o filho do homem. Leia na Bíblia, a encantadora descrição da Visão de Daniel!

Blog do Aron, um espírita – Quarta-feira, 29 de Agosto de 2012

Diante de inúmeras mensagens que vêm sendo recebidas do Alto, psicograficamente, por vários médiuns, dentre os quais convém destacar três, que já têm publicadas grandes obras consagradas pelos mais cultos espíritas, parece-nos oportuno fazer uma síntese que permita se evidencie estar sobejamente demonstrado ter sido Kardec um notável Missionário, auxiliado por outros companheiros, ressaltando-se dentre estes a personalidade de Roustaing, como encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às duas Revelações anteriores.

Os três médiuns a que nos referimos são Zilda Gama (1), América Delgado (2), e Francisco Cândido Xavier (3). Deixamos de citar outros por não estarem ainda conhecidos por meio de obras de grande significação doutrinária.

A Primeira Revelação abrange todo o Velho Testamento e anuncia a vinda do Messias em muitas profecias, das quais basta citarmos: Gênesis, cap. 49; 10 e 11:

“Não se afastará de Judá o cetro, nem a vara do comando dentre seus pés, até que venha aquele de quem ela é, e a esse obedecerão os povos”.

Isaías, 7, 14:

“Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal; eis que uma donzela conceberá e dará à luz um filho, e por-lhe-á nome de Emmanuel.”

Esses dois eminentes vultos da Primeira Revelação foram nominalmente citados e confirmados por Jesus, como prepostos de Deus, grandes profetas. Cumpridos os tempos, veio o Messias. Vamos transcrever o relato de dois evangelistas sobre o seu aparecimento:

Mateus, cap. 1º, v. 18 a 23:

“Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, já desposada com José, antes que se juntassem, ela se achou grávida por virtude do Espírito Santo. José, seu marido, sendo reto e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente. Quando, porém, pensava nestas coisas, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos, dizendo: José, filho de David, não temas receber a Maria, tua mulher; pois o que nela foi gerado é por virtude do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, a quem chamarás Jesus; porque ele salvará o seu povo dos pecados deles. Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que dissera o Senhor pelo profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado Emmanuel, que quer dizer – Deus conosco.”

Lucas, cap. 1º, v. 26 a 38:

“No sexto mês foi enviado da parte de Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de David; o nome da virgem era Maria, Aproximando-se dela disse: Salve! Altamente favorecida, o Senhor é contigo. Ela, porém, ao ouvir estas palavras, perturbou-se muito e pôs-se a pensar que saudação seria esta. Disse-lhe o anjo: Não temas, Maria; pois achaste graça diante de Deus. Conceberás no teu ventre, e darás à luz um filho, a quem chamarás Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai David, e ele reinará eternamente sobre a casa de Jacob, e o seu reino não terá fim. Maria perguntou ao anjo: Como será isso, uma vez que não conheço varão? Respondeu-lhe o anjo: O Espírito Santo virá sobre ti, e a virtude do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso o que há de nascer, será chamado santo, Filho de Deus. Isabel, tua parenta, também ela concebeu um filho na sua velhice, e já está no sexto mês aquela que era chamada estéril; porque nenhuma palavra, vinda de Deus, será impossível. Disse Maria: Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra, E o anjo retirou-se.”

Os aparecimentos e desaparecimentos de Jesus, antes e depois do drama do Calvário, demonstraram a natureza excepcional de seu corpo, mas ficara reservado ao futuro, à Terceira Revelação, o confirmar e explicar essa concepção supranormal.

Quando surgiu a obra “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing, Kardec lhe noticiou o aparecimento em sua revista, às páginas 190, 1, 2, do mês de Junho de 1866, apresentando-a como obra considerável, com o mérito de não estar em contradição com a Doutrina ensinada em “O Livro dos Espíritos”, em “O Livro dos Médiuns” e em “O Evangelho segundo o Espiritismo” (únicas obras até então transmitidas ao Codificador), ressaltando que ela continha ensinamentos incontestavelmente bons e verdadeiros e que merecia consultada com proveito pelos espíritas conscienciosos.

Como se tratava de assuntos novos, completamente inéditos, quase diríamos revolucionários para os meios religiosos da época, Kardec, receoso de que os Espíritos não a aprovassem, receio esse não confirmado, pois que na imensa coleção de Revue Spirite, entre numerosíssimas comunicações publicadas, nem uma só encontramos contra a obra de Roustaing, Kardec, dizíamos, por precaução e pesando sua responsabilidade, declarou que ele não havia escrito uma obra semelhante, porque não a julgava oportuna, e que, apesar de a teoria do corpo fluídico de Jesus nada apresentar de impossível, ele não a aprovava nem reprovava, até que os Espíritos se manifestassem, visto que a obra fora recebida por intermédio de um único médium.

Vemos que a opinião de Kardec foi pessoal, mas, em vista do seu grande, inigualável valor, surgiram espíritas mais realistas do que o rei, os quais julgaram, erradamente, a prudente reserva de Kardec como condenação definitiva da obra e não levaram em conta que, hoje, já está a mesma com a única sanção que para ela exigia o Mestre: a confirmação dos Espíritos. No Brasil houve quem julgasse um crime a tradução da obra e pusesse em dúvida a honra e a dignidade da médium Mme. Emília Collignon e de Roustaing... para não irmos mais longe. Para que nossos confrades possam conhecer

a opinião de Kardec sobre essas duas respeitáveis personagens, vamos transcrever a palavra do Mestre mesmo. Em Revue Spirite de 1861, págs. 167 a 172.

“Os princípios que aí são altamente expressos (na carta que lhe escrevera Roustaing) por um homem cuja posição o coloca entre os mais esclarecidos, darão que pensar aos que, supondo possuírem o privilégio da razão, classificam todos os adeptos do Espiritismo como imbecis.

“Vê-se que Roustaing, apesar de recentemente iniciado, se tornou mestre em matéria de apreciação; é que ele tem séria e profundamente estudado, o que lhe permitiu apreender rapidamente todas as conseqüências da importante questão do Espiritismo, e que, ao contrário de muitos, ele não ficou na superfície.

“Infelizmente, nem todos têm, como ele (Roustaing), a coragem de dar a sua opinião, e é isso que alimenta os adversários.”

Quanto à Mme. Emília Collignon, de Bordéus, médium absolutamente mecânica, dama da alta sociedade, e que, pessoalmente, não concordava com a teoria do corpo fluídico, enquanto os Espíritos a lançavam pelo seu lápis, transcrevemos a palavra de Kardec da página 288 da Revue Spirite de 1865, em noticiário por ele assinado:

“Temos o prazer e o dever de chamar a atenção de nossos leitores para essa brochura (Palestras Familiares sobre o Espiritismo, por Mme. Collignon) que inscreveremos com prazer entre os livros recomendáveis.”

A autoridade indiscutível de Kardec reconhecia, pois, na médium e no compilador de “Os Quatro Evangelhos”, criaturas superiores, capazes, e hoje, diante da aprovação geral por parte dos Espíritos, nós, espíritas conscienciosos que seguimos o conselho do Codificador, lendo e consultando a obra de Roustaing, temos o dever de aproximar as obras dos dois Missionários e não nos orientarmos por processos dissolventes, como procedem confrades de outros países, onde até hoje combatem a Codificação Kardequiana, por não aceitarem o a que chamam de dogma da reencarnação.

Toda a razão tinha Kardec em deixar a teoria do corpo fluídico para ser julgada pelos que lhe sucedessem, depois que os Espíritos se manifestassem, como ele mesmo veio a manifestar-se pela médium Zilda Gama e outros. Toda notícia do Além deve ser julgada com as mesmas precauções e a responsabilidade do Mestre era enorme; mas ele mesmo teve a fortuna de inserir em sua revista, em 1868, págs. 45 a 55, numerosas comunicações de Espíritos que se apresentaram com nomes respeitáveis, assegurando todas elas que um novo Messias. Que restabeleceria o Evangelho de Jesus-Cristo, já estava encarnado, apesar de os comunicantes não estarem autorizados a revelar o lugar em que ele havia nascido (pág. 45).

Em nota a essa mensagem recebida em 1861 e publicada em 1868, escreveu o Mestre:

“Esta revelação é uma das primeiras que nos foram transmitidas, mas outras lhe sucederam. Há muito tem vindo espontaneamente grande número de comunicações sobre o mesmo assunto em diferentes centros espíritas da França e do estrangeiro”.

E termina assim a nota:

“Isto é um exemplo dos mais notáveis da simultaneidade e da concordância dos ensinamentos dos Espíritos, quando é chegado o tempo de uma questão ser apresentada.”

Todos sabemos que os Espíritos, quando querem enganar, podem igualmente fazê-lo através de numerosos médiuns, e isso ter-se-ia verificado, se admitíssemos que Kardec fora ludibriado com tais comunicações, publicadas em sua revista, por não se haver confirmado o aparecimento de qualquer Messias; mas, se concluirmos que Kardec não foi ludibriado, como cremos e afirmamos, aquelas mensagens iniciadas em 1861, época em que o Evangelho de Jesus Cristo começou a ser mediunicamente explicado, em espírito, pelos próprios Evangelistas e outros Espíritos, para dois livros diferentes – “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Kardec, no qual aparecem mensagens dos anos de 1859 a 1863, e a primeira edição apareceu em 1864, e “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing, recebido de 1861 a 1865 e publicado em 1866 – somos de parecer que as referidas mensagens indicavam exatamente esse acontecimento: preparação dos dois livros destinados a promover a compreensão e revigoração do Evangelho. Elas se confirmavam: uma dizia que nasceu um novo Messias, outras afirmavam que eram vários Messias, e outros localizavam que já estava encarnado, em França.

A coincidência das datas e o estudo em conjunto dessas comunicações que tanto interessaram ao Mestre, levam-nos à conclusão de que os Espíritos comunicantes não tinham permissão de revelar tudo, mas apenas de indicar vislumbres.

Pelo conjunto das comunicações, podemos hoje concluir que a notícia real a transmitir seria esta: - Vários enviados (messias) desceram à Terra, procuraram dois iniciados encarnados, em França, e lhes retransmitiram o Evangelho de Jesus Cristo, restabelecendo-o, explicando-o, para duas obras que se completam, porém, cada uma destinada a um público, conforme prometido para a época da vinda do Consolador. De tudo isso concluímos, com os Espíritos, que Kardec, o grande Missionário, ao descer à Terra, veio acompanhado de vários missionários auxiliares: Roustaing, para o trabalho da fé: Léon Denis, para o desdobramento filosófico; Delanne, para a estrada científica, e Flammarion, que nos desenharia as maravilhas das paisagens celestes.

As três Revelações – Velho Testamento, Novo Testamento, Espiritismo, - formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício. Quando um judeu nega o Cristianismo, um católico nega o Espiritismo, ou um espírita nega uma das duas Revelações anteriores, não percebe que está minando sua própria fortaleza: a eternidade e universalidade das manifestações espirituais. Se não fosse confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsistiria, porque tais aparições formam a base das três Revelações. Felizmente; está sobejamente confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus, em numerosas comunicações, e com isso consolidada a obra de Kardec, e confirmados o Cristianismo e o Judaísmo.

Continuemos tranquilamente nossa tarefa.

Hoje, ao recordarmos o 142º aniversário natalício do grande Missionário (1946) e quando o livro de Roustaing completa 80 anos, sentimos imensa ventura em proclamar nossa forte convicção de que os dois Enviados cumpriram fielmente suas missões, sem que exista ponto algum que os afaste. Praza a Deus possamos também nós, os trabalhadores deste Século vinte, cumprir nossas pequeninas tarefas.

Que Deus nos abençoe a todos, dando-nos a graça de compreender os Seus Missionários, unindo-os definitivamente entre os homens, que, em sua estreita visão, tanta vez se servem das coisas mais sublimes como bandeira de separação e lutas. Graças a Deus, nada mais existe para que as obras dos dois Mestres não nos guiem a todos rumo ao futuro. Todas as incompreensões devem cessar. Rio, 3 de Outubro de 1946.

(1) V. “Diário dos Invisíveis”, págs. 241/63.

(2) Vide. “Funerais da Santa Sé”, págs. 95/9.

(3) “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, pág. 128.

22 - Kardec-Roustaing II – Reformador de Novembro 1946

Quinta-feira, 30 de agosto de 2012.

Em artigo anterior, demonstramos que já está cabalmente sancionada a obra do grande discípulo de Kardec, pela confirmação dos Espíritos que o Mestre prudentemente sugeriu fosse esperada. Com essa sanção, os dois Autores se completam na tarefa que lhes foi confiada para restauração do Cristianismo; mas é necessário salientar que, desde o primeiro momento, o trabalho monumental de Roustaing recebeu aprovação de Kardec em quase toda a sua estrutura, pois que o único ponto deixado de quarentena pelo Mestre foi a explicação dada quanto ao corpo de Jesus, aliás, sem qualificá-la de impossível. Em tudo mais, a Doutrina exposta pelos Espíritos a Roustaing é a mesma inserta nos livros de Allan Kardec e por este aceita como tal.

Quanto a esse ponto único, Kardec foi prudentíssimo e sua reserva só pode aumentar nosso respeito por ele, pois que naquela época não estavam perfeitamente estudadas as materializações, tanto assim que o próprio Kardec ainda supunha “não passarem de uma aparência fluídica e que a nossa mão nenhuma resistência experimentaria ao tocar as aparições”. Só muito mais tarde foi suficientemente estudado o fenômeno das materializações e ficamos sabendo que podem as aparições ter toda a consistência de matéria compacta, servir de original para moldes de parafina, ter peso verificado pelas balanças, órgãos em perfeito funcionamento, examinados por fisiologistas, confirmando, assim, plenamente, certas aparições registradas no Velho e no Novo Testamento. Isso só veio a ficar bem demonstrado com as materializações de Katie King pela mediunidade de Florence Cook e, mais tarde, por muitos outros médiuns em diversos países. Com a responsabilidade de Codificador, não aprovando nem reprovando a obra de Roustaing, Kardec “deixou ao tempo o encargo de a sancionar ou contraditar”, e o tempo cumpriu o seu dever galhardamente, porque, oitenta anos mais tarde, a obra está plenamente sancionada. Ambos os livros transcrevem do Velho Testamento o Decálogo e demonstram sua concordância com os ensinamentos de Jesus e dos Espíritos, ou seja, a unidade eterna da Revelação Divina.

Já vimos naquele artigo as profecias e a narração de dois Evangelistas quanto ao aparecimento misterioso de Jesus sobre a Terra. Agora vamos passar uma vista d’olhos pelas Escrituras para vermos se alguns fatos registrados pelos Evangelistas poderiam ser explicados na vida de um Espírito encarnado em corpo de carne e osso como os nossos.

*

I - Jesus escapa das mãos dos seus perseguidores

“... E o levaram até o cume do monte sobre o qual estava edificada a cidade, para o precipitarem. Mas Jesus, passando por meio deles, seguiu seu caminho.” (Lucas, 4: 29-30.)

II) Jesus anda sobre as águas.

“A quarta vigília da noite foi Jesus ter, com eles, andando sobre o mar. Os discípulos, vendo-o andar sobre o mar, perturbaram-se e exclamaram: É um fantasma! E de medo gritaram. Mas Jesus imediatamente lhes falou: “Tende ânimo, sou eu; não temais”. (Seguinte., 14:25-27). “Entrando ambos na barca, cessou o vento. Os que estavam na barca, adoraram-no, dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus.” (Seguinte., 14:32-33).

III) Jesus continua com o mesmo corpo depois da morte.

“Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se em pé no meio deles e disse: Paz seja convosco. Em seguida disse a Tomé: chega aqui o teu dedo e olha as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente.” (João, 20:26-27).

Diversas outras aparições, sempre com o mesmo corpo, se acham registradas nos Evangelhos, Veja-se Mateus, 28: 16-20; Marcos, 16 :15-20; Lucas 24:36-43; João, 20 :11-23.

Depois da morte aparente na cruz e do sepultamento, Jesus desapareceu do sepulcro, continuou, com o mesmo corpo, a aparecer e ensinar a Doutrina, Eis algumas de suas palavras nas aparições:

“Jesus, aproximando-se, disse-lhes: “Foi-me dado todo o poder no céu e na Terra”. Ide, pois, fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em o nome do Pai e do Filho e do Espírito-Santo; instruindo-as a observar todas as coisas que vos tenho mandado. Eis que eu estou convosco todos os dias até ao fim do mundo.” (Mateus, 28:18-20.)

“Disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. O que crer e for batizado, será salvo; mas o que não crer, será condenado. Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome expelirão demônios; falarão em línguas; pegarão em serpentes; e se beberem qualquer coisa mortífera, não lhes fará mal algum; porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão.” (Marcos, 16:15-18)

Conservou o mesmo corpo e continuou agindo, falando e até comendo com os discípulos:

“Tendes aqui alguma coisa que comer? Deram-lhe um pedaço de peixe assado; e tomando-o, comeu diante deles.” (Lucas, 24: 41-43)

Aqueles que dizem aceitar os Evangelhos e apresentam Maria como Espírito excelso, não podem hoje, depois da confirmação da obra de Roustaing, negar o ensinamento do corpo fluídico, porque isso seria negar a pureza daquele mesmo Espírito, visto que a sua gravidez, nesse caso, seria resultante de adultério.

Somente os que não aceitam os Evangelhos serão coerentes com o seu ponto de vista; todavia, não se poderão classificar como Kardecistas, porque o Codificador aceitou integralmente os Evangelhos.

Nos originais dos Evangelhos e em algumas traduções insuspeitas e religiosamente neutras, encontramos no versículo 28, Cap. 7, de Lucas e vers. 11, Cap. 11, de Mateus – que entre os nascidos de mulher nenhum houve maior que João Batista; logo, se admitíssemos que Jesus nasceu de mulher, seríamos levados ao absurdo de admitirmos que João Batista foi maior do que Jesus.

Vemos, pois, dos registros concordes dos quatro Evangelistas, que Jesus continuou, depois da sua suposta morte, possuindo o mesmo corpo que tinha antes e praticando os mesmos atos, sabemos que ninguém é obrigado a crer nos Evangelistas, mas igualmente ninguém que negue fé ao Evangelho tem direito de dizer-se cristão, como não seria espírita quem negasse o fato fundamental da Doutrina: as comunicações dos Espíritos.

Kardec crê no Evangelho e toma-o por livro sagrado da segunda Revelação, como aceita o Decálogo revelado a Moisés, e transcreve pontos para fundamentar a Doutrina dos Espíritos. Portanto, o Espiritismo codificado por Allan Kardec é cristão, é a Revelação iniciada em Moisés, confirmada por Jesus e continuada hoje pelos Espíritos em numerosas obras. Dentre estas obras, uma existe, recebida por pessoas dignas de todo o apreço de Kardec, como foram os seus contemporâneos Mme. Emília Collignon e João Batista Roustaing, por ele citados como pessoas sérias, cultas, respeitáveis e bons espíritas. Nessa obra, completando a Revelação dada a Kardec, fica explicada a natureza excepcional do corpo de Jesus. Kardec, mui prudentemente aconselhou que se aguardasse a confirmação dessa explicação. São decorridos 80 anos e a confirmação está feita por muitos Espíritos superiores, inclusive o mesmo Kardec. Portanto, hoje a obra de Roustaing está consagrada como fundamental da Doutrina. Não há ainda unanimidade de opiniões, pois que também quanto ao Evangelho não há ainda unanimidade; há muita gente no mundo que não aceita o Cristianismo. Há pessoas que só aceitam o Velho Testamento, outras aceitam o Velho e o Novo Testamentos, outras aceitam os dois Testamentos e Kardec, por fim, alguns aceitam a Bíblia, Kardec e Roustaing. A nosso ver, estes últimos são os mais coerentes, porque as três Revelações formam um todo solidário, e quem nega parte, está inconscientemente demolindo sua própria casa, como sucede aos católicos e protestantes que negam os fenômenos espíritas, sem perceber que justamente sobre esses fenômenos, repetidos através da História, foram fundadas e conservadas até hoje suas Igrejas.

Negar fé à obra de Roustaing é minar o edifício todo, desde Moisés até os nossos dias; é quebrar um dos elos mais fortes dessa divina cadeia de Revelações que vem de Gênese até aos dias atuais.

Dissemos em nosso artigo anterior que os dois livros preparados simultaneamente pelos Espíritos superiores se destinam a públicos diferentes e vamos explicar melhor o nosso pensamento, “O Evangelho segundo o Espiritismo” destina-se ao público que busca no Espiritismo as regras evangélicas de conduta e com estas se satisfaz, sem exigir mais explicações, São os homens que já aceitaram o Evangelho como Revelação divina e têm a intuição de que tudo no Evangelho está certo e não reclamam maior compreensão. Além desse público crente, existe outro, mais exigente intelectualmente, que reclama explicações minuciosas de tudo quanto se acha no livro sagrado do Cristianismo. Para este último foi, ao mesmo tempo, ditada obra muito mais ampla – “Os Quatro Evangelhos”, de J. B. Roustaing.

Comparando as datas das mensagens ditadas para o livro de Allan Kardec com o período em que foi recebido o de Roustaing, vemos que os Espíritos os prepararam simultaneamente: o de Kardec apareceu em público em Abril de 1864 e o de Roustaing foi recebido de Dezembro de 1861 a Maio de 1865.

A obra de Kardec, no Brasil, está hoje com a 32ª. edição em preparação e só agora está sendo preparada a 4ª. edição de Roustaing, que, por ser muito maior, tem menor distribuição. Isso demonstra que não se dirigem ao mesmo público.

A nossa Federação tem tido a fortuna de distribuir sempre os dois livros desde a sua fundação até hoje e sente-se ricamente recompensada de seus esforços ao vê-los ambos consagrados pela opinião de grandes Espíritos e das pessoas que mais profundamente estudam a Doutrina em nossa Pátria.

Não só pela obra completa de Roustaing, como também em “Elucidações Evangélicas”, de Sayão; “A Divina Epopéia”, de Bittencourt Sampaio, e outros livros respeitáveis, a Doutrina revelada pela sublime mediunidade de Mme. Collignon vem sendo divulgada há dezenas de anos, paralelamente com os diversos livros de Allan Kardec, em todo o território nacional, e assim se vai consolidando esse todo grandioso, esse conjunto que forma as três Revelações. Todos os embates contra o Espiritismo – quer de adversários diretos, quer dos que se dizem espíritas e só atacam por partes a terceira Revelação – têm, por mercê de Deus, passado sem abalar a obra dos nossos Maiores, que segue sua rota rumo ao futuro.

Roustaing foi atraído para o trabalho exatamente como o foi Kardec: pela possibilidade das comunicações entre os dois planos da vida. Ambos foram avisados pelos Espíritos que se manifestaram através de médiuns, que se deveriam dedicar às suas missões; ambos fizeram alteração nos títulos de suas obras evangélicas por ordem do Alto; ambos receberam aviso de que vários messias (enviados) viriam trabalhar na obra de propagação do Espiritismo; ambos retocaram a primeira edição dessas obras, por sugestão dos Espíritos; ambos não conseguiram até hoje conquistar todo o meio estudioso, porque os tempos ainda não foram chegados para essa conquista, sendo certamente necessárias as discussões sobre a reencarnação e sobre o corpo fluídico; ambos só conseguiram ter as suas obras publicadas sem interrupção, e até mesmo distribuídas gratuitamente, na “Pátria do Evangelho”; ambos receberam ingratidões entre os seus próprios companheiros, que lhes chamavam – autoritários dogmáticos e místicos; ambos não conseguiram ver respondidas todas as perguntas que dirigiram aos Espíritos, porque o mundo não as poderia receber no momento; e, finalmente, ambos só se dedicaram ao trabalho, só se converteram, após duvidarem e somente em idade já avançada.

Como vemos, Roustaing, como enviado especial para auxiliar o trabalho do Codificador, passou pelas mesmas fases e sofreu igualmente como o missionário-chefe – Allan Kardec.

Ao completarem oitenta anos as obras de Kardec e Roustaing, sempre firmes e apoiadas pelos dois mundos o – visível e invisível –, apesar de todos os ataques e perseguições que pretenderam destruí-las em nome da Religião, da Filosofia, da Ciência; ataques por vezes perigosíssimos por virem de dentro dos nossos próprios arraiais e astuciosamente preparados para desnortear os crentes, podemos dizer que os dois grandes Missionários venceram a dura prova do tempo, que destrói todas as construções sobre a areia e só deixa de pé as que foram edificadas sobre a rocha.

A primeira fase da Missão da Federação foi levada a bom termo com a solidez já adquirida no Brasil pelas obras dos dois Missionários, e por isso rendemos graças a Deus e manifestamos nosso reconhecimento à firmeza de caráter dos nossos antecessores. A segunda fase, que ora apenas se esboça e reclamará longo tempo para cumprir-se, há de encontrar em nossos sucessores igual perseverança, idêntica firmeza, porque a Alta Direção é sempre a mesma dos Espíritos superiores guiados por Ismael. Quanto podemos prever dos acontecimentos que se desenvolvem em nossos dias, a segunda fase será divulgar em escala mundial a mesma Doutrina já firmada entre os espíritas do Brasil. Serão necessários muitos decênios ao desenvolvimento desta segunda fase, porque não compreende somente a publicação das obras em Esperanto; exige preliminarmente a divulgação do Esperanto e esta tarefa é muito morosa, está sujeita a muitos imprevistos que a podem atrasar. Cumpramos, porém, o nosso dever, sem nos preocuparmos com a época em que se realizarão as nossas esperanças. – Rio, 3 -10 -1946.

* * *

23 - Kardec-Roustaing III – Reformador (FEB) – Dezembro 1946

Em artigo anterior, demonstramos que já está cabalmente sancionada a obra do grande discípulo de Kardec, pela confirmação dos Espíritos que o Mestre prudentemente sugeriu fosse esperada. Com essa sanção, os dois Autores se completam na tarefa que lhes foi confiada para restauração do Cristianismo; mas é necessário salientar que, desde o primeiro momento, o trabalho monumental de Roustaing recebeu aprovação de Kardec em quase toda a sua estrutura, pois que o único ponto deixado de quarentena pelo Mestre foi a explicação dada quanto ao corpo de Jesus, aliás, sem qualificá-la de impossível. Em tudo mais, a Doutrina exposta pelos Espíritos a Roustaing é a mesma inserta nos livros de Allan Kardec e por este aceita como tal.

Quanto a esse ponto único, Kardec foi prudentíssimo e sua reserva só pode aumentar nosso respeito por ele, pois que naquela época não estavam perfeitamente estudadas as materializações, tanto assim que o próprio Kardec ainda supunha “não passarem de uma aparência fluídica e que a nossa mão nenhuma resistência experimental ao tocar as aparições”. Só muito mais tarde foi suficientemente estudado o fenômeno das materializações e ficamos sabendo que podem as aparições ter toda a consistência de matéria compacta, servir de original para moldes de parafina, ter peso verificado pelas balanças, órgãos em perfeito funcionamento, examinados por fisiologistas, confirmando, assim, plenamente, certas aparições registradas no Velho e no Novo Testamento. Isso só veio a ficar bem demonstrado com as materializações de Katie King pela mediunidade de Florence Cook e, mais tarde, por muitos outros médiuns em diversos países. Com a responsabilidade de Codificador, não aprovando nem reprovando a obra de Roustaing, Kardec “deixou ao tempo o encargo de a sancionar ou contraditar”, e o tempo cumpriu o seu dever galhardamente, porque, oitenta anos mais tarde, a obra está plenamente sancionada. Ambos os livros transcrevem do Velho Testamento o Decálogo e demonstram sua concordância com os ensinamentos de Jesus e dos Espíritos, ou seja, a unidade eterna da Revelação Divina.

Já vimos naquele artigo as profecias e a narração de dois Evangelistas quanto ao aparecimento misterioso de Jesus sobre a Terra. Agora vamos passar uma vista d’olhos pelas Escrituras para vermos se alguns fatos registados pelos Evangelistas poderiam ser explicados na vida de um Espírito encarnado em corpo de carne e osso como os nossos.

Jesus escapa das mãos dos seus perseguidores

“...E o levaram até o cume do monte sobre o qual estava edificada a cidade, para o precipitarem. Mas Jesus, passando por meio deles, seguiu seu caminho.” (Lucas, 4: 29-30)

II) Jesus anda sobre as águas.

“A quarta vigília da noite foi Jesus ter, com eles, andando sobre o mar. Os discípulos, vendo-o andar sobre o mar, perturbaram-se e exclamaram: É um fantasma! E de medo gritaram. Mas Jesus imediatamente lhes falou: “Tende ânimo,

sou eu; não temais”. (Seguinte., 14 :25-27). “Entrando ambos na barca, cessou o vento. Os que estavam na barca, adoraram-no, dizendo: Verdaderamente és Filho de Deus.” (Seguinte., 14:32-33).

III) Jesus continua com o mesmo corpo depois da morte

“Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se em pé no meio deles e disse: Paz seja convosco. Em seguida disse a Tomé: chega aqui o teu dedo e olha as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente.” (João, 20:26-27).

Diversas outras aparições, sempre com o mesmo corpo, se acham registadas nos Evangelhos, Veja-se Mateus, 28: 16-20; Marcos, 16 :15-20; Lucas 24 :36-43; João, 20 :11-23.

Depois da morte aparente na cruz e do sepultamento, Jesus desapareceu do sepulcro, continuou, com o mesmo corpo, a aparecer e ensinar a Doutrina, Eis algumas de suas palavras nas aparições:

“Jesus, aproximando-se, disse-lhes: “Foi-me dado todo o poder no céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em o nome do Pai e do Filho e do Espírito-Santo; instruindo-as a observar todas as coisas que vos tenho mandado. Eis que eu vou convosco todos os dias até ao fim do mundo.” (Mateus, 28:18-20.)

“Disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. O que crer e for batizado, será salvo; mas o que não crer, será condenado. Estes sinais hão de acompanhar aqueles que creem: em meu nome expelirão demônios; falarão em línguas; pegarão em serpentes; e se beberem qualquer coisa mortífera, não lhes fará mal algum; porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão.” (Marcos, 16:15-18)

Conservou o mesmo corpo e continuou agindo, falando e até comendo com os discípulos:

“Tendes aqui alguma coisa que comer? Deram-lhe um pedaço de peixe assado; e tomando-o, comeu diante deles.” (Lucas, 24: 41-43)

Aqueles que dizem aceitar os Evangelhos e apresentam Maria como Espírito excelso, não podem hoje, depois da confirmação da obra de Roustaing, negar o ensinamento do corpo fluídico, porque isso seria negar a pureza daquele mesmo Espírito, visto que a sua gravidez, nesse caso, seria resultante de adultério.

Somente os que não aceitam os Evangelhos serão coerentes com o seu ponto de vista; todavia, não se poderão classificar como Kardecistas, porque o Codificador aceitou integralmente os Evangelhos.

Nos originais dos Evangelhos e em algumas traduções insuspeitas e religiosamente neutras, encontramos no versículo 28, Cap. 7, de Lucas e vers. 11, Cap. 11, de Mateus – que entre os nascidos de mulher nenhum houve maior que João Batista; logo, se admitíssemos que Jesus nasceu de mulher, seríamos levados ao absurdo de admitirmos que João Batista foi maior do que Jesus.

Vemos, pois, dos registos concordes dos quatro Evangelistas, que Jesus continuou, depois da sua suposta morte, possuindo o mesmo corpo que tinha antes e praticando os mesmos atos, sabemos que ninguém é obrigado a crer nos Evangelistas, mas igualmente ninguém que negue fê ao Evangelho tem direito de dizer-se cristão, como não seria espírita quem negasse o fato fundamental da Doutrina: as comunicações dos Espíritos.

Kardec crê no Evangelho e toma-o por livro sagrado da segunda Revelação, como aceita o Decálogo revelado a Moisés, e transcreve pontos para fundamentar a Doutrina dos Espíritos. Portanto, o Espiritismo codificado por Allan Kardec é cristão, é a Revelação iniciada em Moisés, confirmada por Jesus e continuada hoje pelos Espíritos em numerosas obras. Dentre estas obras, uma existe, recebida por pessoas dignas de todo o apreço de Kardec, como foram os seus contemporâneos Mme. Emília Collignon e João Batista Roustaing, por ele citados como pessoas sérias, cultas, respeitáveis e bons espíritas. Nessa obra, completando a Revelação dada a Kardec, fica explicada a natureza excepcional do corpo de Jesus. Kardec, mui prudentemente aconselhou que se aguardasse a confirmação dessa explicação. São decorridos 80 anos e a confirmação está feita por muitos Espíritos superiores, inclusive o mesmo Kardec.

Portanto, hoje a obra de Roustaing está consagrada como fundamental da Doutrina. Não há ainda unanimidade de opiniões, pois que também quanto ao Evangelho não há ainda unanimidade; há muita gente no mundo que não aceita o Cristianismo. Há pessoas que só aceitam o Velho Testamento, outras aceitam o Velho e o Novo Testamentos, outras aceitam os dois Testamentos e Kardec, por fim, alguns aceitam a Bíblia, Kardec e Roustaing. A nosso ver, estes últimos são os mais coerentes, porque as três Revelações formam um todo solidário, e quem nega parte, está inconscientemente demolindo sua própria casa, como sucede aos católicos e protestantes que negam os fenômenos espíritas, sem perceber que justamente sobre esses fenômenos, repetidos através da História, foram fundadas e conservadas até hoje suas Igrejas.

Negar fê à obra de Roustaing é minar o edifício todo, desde Moisés até os nossos dias; é quebrar um dos elos mais fortes dessa divina cadeia de Revelações que vem de Gênesis até aos dias atuais.

Dissemos em nosso artigo anterior que os dois livros preparados simultaneamente pelos Espíritos superiores se destinam a públicos diferentes e vamos explicar melhor o nosso pensamento, “O Evangelho segundo o Espiritismo” destina-se ao público que busca no Espiritismo as regras evangélicas de conduta e com estas se satisfaz, sem exigir mais explicações, São os homens que já aceitaram o Evangelho como Revelação divina e têm a intuição de que tudo no Evangelho está certo e não reclamam maior compreensão. Além desse público crente, existe outro, mais exigente intelectualmente, que reclama explicações minuciosas de tudo quanto se acha no livro sagrado do Cristianismo. Para este último foi, ao mesmo tempo, ditada obra muito mais ampla – “Os Quatro Evangelhos”, de J. B. Roustaing.

Comparando as datas das mensagens ditadas para o livro de Allan Kardec com o período em que foi recebido o de Roustaing, vemos que os Espíritos os prepararam simultaneamente: o de Kardec apareceu em público em Abril de 1864 e o de Roustaing foi recebido de Dezembro de 1861 a Maio de 1865.

A obra de Kardec, no Brasil, está hoje com a 32ª. edição em preparação e só agora está sendo preparada a 4ª edição de Roustaing, que, por ser muito maior, tem menor distribuição. Isso demonstra que não se dirigem ao mesmo público.

A nossa Federação tem tido a fortuna de distribuir sempre os dois livros desde a sua fundação até hoje e sente-se ricamente recompensada de seus esforços ao vê-los ambos consagrados pela opinião de grandes Espíritos e das pessoas que mais profundamente estudam a Doutrina em nossa Pátria.

Não só pela obra completa de Roustaing, como também em “Elucidações Evangélicas”, de Sayão; “A Divina Epopéia”, de Bittencourt Sampaio, e outros livros respeitáveis, a Doutrina revelada pela sublime mediunidade de Mme. Collignon vem sendo divulgada há dezenas de anos, paralelamente com os diversos livros de Allan Kardec, em todo o território nacional, e assim se vai consolidando esse todo grandioso, esse conjunto que forma as três Revelações. Todos os embates contra o Espiritismo – quer de adversários diretos, quer dos que se dizem espíritas e só atacam por partes a terceira Revelação – têm, por mercê de Deus, passado

sem abalar a obra dos nossos Maiores, que segue sua rota rumo ao futuro.

Roustaing foi atraído para o trabalho exatamente como o foi Kardec: pela possibilidade das comunicações entre os dois planos da vida. Ambos foram avisados pelos Espíritos que se manifestaram através de médiuns, que se deveriam dedicar às suas missões; ambos fizeram alteração nos títulos de suas obras evangélicas por ordem do Alto; ambos receberam aviso de que vários messias (enviados) viriam trabalhar na obra de propagação do Espiritismo; ambos retocaram a primeira edição dessas obras, por sugestão dos Espíritos; ambos não conseguiram até hoje conquistar todo o meio estudioso, porque os tempos ainda não foram chegados para essa conquista, sendo certamente necessárias as discussões sobre a reencarnação e sobre o corpo fluídico; ambos só conseguiram ter as suas obras publicadas sem interrupção, e até mesmo distribuídas gratuitamente, na “Pátria do Evangelho”; ambos receberam ingratidões entre os seus próprios companheiros, que lhes chamavam – autoritários dogmáticos e místicos; ambos não conseguiram ver respondidas todas as perguntas que dirigiram aos Espíritos, porque o mundo não as poderia receber no momento; e, finalmente, ambos só se dedicaram ao trabalho, só se converteram, após duvidarem e somente em idade já avançada.

Como vemos, Roustaing, como enviado especial para auxiliar o trabalho do Codificador, passou pelas mesmas fases e sofreu igualmente como o missionário-chefe – Allan Kardec.

Ao completarem oitenta anos as obras de Kardec e Roustaing, sempre firmes e apoiadas pelos dois mundos o – visível e invisível -, apesar de todos os ataques e perseguições que pretenderam destruí-las em nome da Religião, da Filosofia, da Ciência; ataques por vezes perigosíssimos por virem de dentro dos nossos próprios arraiais e astuciosamente preparados para desnortear os crentes, podemos dizer que os dois grandes Missionários venceram a dura prova do tempo, que destrói todas as construções sobre a areia e só deixa de pé as que foram edificadas sobre a rocha.

A primeira fase da Missão da Federação foi levada a bom termo com a solidez já adquirida no Brasil pelas obras dos dois Missionários, e por isso rendemos graças a Deus e manifestamos nosso reconhecimento à firmeza de caráter dos nossos antecessores. A segunda fase, que ora apenas se esboça e reclamará longo tempo para cumprir-se, há de encontrar em nossos sucessores igual perseverança, idêntica firmeza, porque a Alta Direção é sempre a mesma dos Espíritos superiores guiados por Ismael. Quanto podemos prever dos acontecimentos que se desenvolvem em nossos dias, a segunda fase será divulgar em escala mundial a mesma Doutrina já firmada entre os espíritas do Brasil. Serão necessários muitos decênios ao desenvolvimento desta segunda fase, porque não compreende somente a publicação das obras em Esperanto; exige preliminarmente a divulgação do Esperanto e esta tarefa é muito morosa, está sujeita a muitos imprevistos que a podem atrasar. Cumpramos, porém, o nosso dever, sem nos preocuparmos com a época em que se realizarão as nossas esperanças.

* * *

24 - Rio, 3-10-1946 – Roustaing VII – Reformador (FEB) - Abril 1947

Um argumento muito solene e presunçoso das pessoas que contestam a teoria do corpo fluídico de Jesus e que, no entanto, nada vale, é que as leis de Deus na Natureza são irrevogáveis e que Ele estabeleceu como lei, para a reprodução da vida, a união dos dois sexos.

É presunçoso, porque conhecemos pouquíssimo das leis de Deus na Natureza; sabemos que estamos muito longe de poder traçar limites finais e, deste pouco que conhecemos, notamos que há infinita variedade de processos. As plantas se reproduzem pela união dos dois sexos: há a flor masculina que pelo seu pólen fecunda a feminina, assim como também há flores andróginas. Outros vegetais existem que possuem os mais variados métodos de reprodução assexuada. Os fetos, os cogumelos, os musgos e as algas marinhas desprendem miríades de células ou esporos, cada qual capaz de dar origem diretamente a um novo vegetal. Muitos lavradores empregam a estaca, a olhadura, parte da rama de muitas plantas para a reprodução sem a reunião dos sexos. Vemos tapiocais, canaviais feitos exclusivamente pelo processo de reprodução por um olho e não pela semente que representaria o ovo fertilizado, ou a união dos dois sexos.

Nas sessões de materialização assistimos ao fenômeno de um Espírito tomar de empréstimo matéria ectoplásmica do médium e dos assistentes e formar para si mesmo um corpo substancial com o qual pratica todos os atos de um homem normal: fala, escreve, faz moldes, maneja uma tesoura, etc., assim como, nesse corpo Carneiforme, são sentidas as pulsações do coração, o sopro pulmonar e muitos outros característicos do ser humano-carnal.

Como, pois, nos atreveríamos a traçar limites ao poder de Deus e estabelecermos leis naturais vegetativas?

Se realmente o nosso corpo foi produzido dentro de uma lei conhecida de cooperação dos dois sexos, não é menos verdade que tal corpo apareceu no mundo somente com dimensões e pesos insignificantes em comparação com o seu pleno desenvolvimento. Nasceu pesando três quilogramas e, quando plenamente desenvolvido, virá a pesar sessenta, setenta ou cem quilogramas. Portanto, pelo processo de cooperação dos sexos formou-se a parte mínima, uma vigésima parte do todo, e o crescimento se fez com o auxílio do material alimentício contido na Natureza, por um processo lento. Esse processo, que consome vinte anos no homem para seu pleno desenvolvimento, exige em alguns animais dois anos, em outros, alguns dias apenas.

Não nos esqueçamos de que uma bactéria pode completar todo o ciclo da sua existência individual apenas no espaço de meia hora. A maior parte dos Protozoários, os mais simples seres animais, unicelulares, reproduzem-se por cissiparidade, isto é, por divisão transversal ou longitudinal do ser primitivo; outros, desse mesmo grupo, se reproduzem por gemiparidade (processo também assexuado), ou por conjugação (processo sexuado). Nos Espongiários, animais pluricelulares classificados no grupo dos Metazoários, dá-se a reprodução sexuada, mas também se verifica, nas esponjas velhas, a reprodução assexuada, por gemiparidade.

E nas espécies das diversas séries do imenso grupo dos Metazoários, até mesmo nas da série dos Nefridiados, à qual pertencemos, são encontrados reunidos os dois modos de reprodução. Nos Protocórdeos, ramo muito próximo dos vertebrados, observa-se na classe dos Tunicados a reprodução assexuada.

Longe poderíamos ir nesse estudo, se nos estendêssemos pelos processos de reprodução partenogenética (reprodução virgem), natural ou artificial, pois desta podem resultar seres que, apesar de não terem pai, se apresentam tão sadios como os que se originam segundo o processo ordinário da Natureza. Sempre a variedade infinita se manifesta na Criação e nos convida a sermos mais humildes em nossos julgamentos. O verdadeiro sábio é muito humilde, sabe que ignora um infinito em comparação com o pouco que aprendeu.

A pretensão de tudo saber e estabelecer limites negativos é mostra de ignorância e orgulho que sempre andam juntos. Oliver Lodge, um dos maiores sábios de todos os tempos, aconselhou-nos a cancelar em nossos dicionários a palavra impossível, por ser ela uma arrogância. Muitas coisas declaradas impossíveis por uma geração, tornam-se realidade para outras gerações mais adiantadas.

Há um infinito de leis da Natureza que ainda não conhecemos, A própria existência e sobrevivência do Espírito humano é lei da Natureza, mas ainda desconhecida e negada pela ciência oficial, O Espiritismo vai nos revelando muitas leis totalmente desconhecidas no passado e ainda hoje só aceitas por pequena minoria de estudiosos, mas tratadas como heresia científica e loucura pelas nossas Universidades.

Nenhum limite negativo devemos traçar às leis de Deus na Natureza. O progresso nos levará a conhecer sempre novas leis e até mesmo os processos da Natureza se podem alterar com o progresso do planeta e da Sua Humanidade. O processo lento de encarnação, a que somos submetidos e ao qual se submetem igualmente muitos Missionários, poderá ser alterado para os grandes Missionários no futuro e tomarem eles corpos de formação e desagregação momentânea, a fim de cumprirem Suas missões sem os percalços da encarnação normal.

Ainda uma presunção muito audaciosa dos adversários de Rousstaing consiste em declararem que os pontos dos Evangelhos que afirmam o nascimento de Jesus, sem a união dos sexos, foram interpolados, não se achavam nos originais antigos. Nada provam a esse respeito, afirmam aereamente. As mais minuciosas pesquisas de autoridades no assunto, de judeus, protestantes, católicos, desautorizam essa opinião. Como não podem explicar os fatos, pretendem riscar das Escrituras os textos para eles inexplicáveis e declaram que tais e tais versículos foram interpolados pela Igreja Católica.

É outro processo orgulhoso e audacioso, mas que nada resolve.

Melhor seria a tais senhores negarem toda autoridade aos Evangelhos e escreverem obras que os substituam, de acordo com a sua convicção atual e negativa. Assiste-lhes todo o direito de fazerem isso, mas em seus próprios nomes, não em nome de Kardec e como Espiritismo, porque Kardec e o Espiritismo codificado por ele aceitam os Evangelhos e sobre eles apóiam toda a construção espírita. Note-se que o livro mais divulgado de Kardec é “O Evangelho segundo o Espiritismo”, no qual se confirmam as duas Revelações anteriores.

Que fundem uma seita com seus nomes, mas não se atrevam a dizer que são espíritas kardequianos, porque será difícil enganar os espíritas, pois estes conhecem e estudam as obras de Kardec e sua confirmação numa literatura imensa. A lógica dos negadores os conduz para muito longe de Kardec. O primeiro passo deles é negar os Evangelhos, o segundo é negar valor à prece. Bastam estas duas negações para estarem inteiramente divorciados de Kardec e do Espiritismo.

Inútil, também, injuriar a Federação Espírita Brasileira, dizendo que ela não é Kardequiana, porque os fatos da vida pública da Federação, em mais de 60 anos, já o demonstraram com tal eloquência que ninguém mais se deixa embair com esse palavrório e todos sabem que no planeta inteiro, presentemente, não existe instituição que mais divulgue a Doutrina de Kardec pelos livros do Mestre, a preços de propaganda, em edições imensas e em grande parte distribuídas gratuitamente. Como estes fatos são conhecidos de todos os espíritas, o único resultado a que podem chegar os negadores e, realmente, ao qual eles têm chegado, é de se desacreditarem diante da coletividade espírita e perderem toda autoridade de pregar a Doutrina ou agir em seu nome na sociedade em que vivem.

Ao chegarmos aos oitenta anos de discussão sobre a obra de Rousstaing, vemos que ele foi o grande colaborador de Kardec e que sua obra, do mesmo modo que a do Mestre, está sob o alto patrocínio dos Guias da Humanidade. Nos lugares onde os inimigos visíveis e invisíveis de Rousstaing venceram a campanha que maquinaram, o Espiritismo e Kardec

entraram em declínio e, ou desapareceram totalmente, ou estão adormecidos. Está demonstrado, pois, que atacar a obra de Roustaing é de fato atacar e minar o edifício todo da Terceira Revelação, lançar o descrédito sobre a fonte mesma do Espiritismo, a mediunidade, e que, ao contrário defender a obra de Roustaing é fortalecer a construção toda e pôr-se em afinidade com Alta Direção espiritual do movimento espírita.

Por mercê de Deus, essa tenebrosa campanha que triunfou em outros lugares com seus ardilosos processos, eclipsando o movimento espírita, nunca vingou no Brasil, onde o Espiritismo foi superiormente protegido por uma plêiade de Missionários ilustres dos primeiros tempos como Ewerton Quadros, Sayão, Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, que parecem encarnados no tempo oportuno, por alto Desígnio de Deus, para salvar o Espiritismo dos mais perigosos e astuciosos dos seus inimigos, os de dentro dos nossos arraiais, os que se dizem espíritas e promovem a divisão, a negação, lançando dúvidas sobre os Evangelhos e sobre a mediunidade, num anseio fanático de tudo minar em nome de sua ciência, em arroubos de orgulho que jamais poderão seduzir o verdadeiro iniciado da Doutrina.

Rendamos graças a Deus pela obra realizada pelos Seus Prepostos no momento oportuno e pelo imenso auxílio que vimos recebendo para o cumprimento da missão que à Federação Espírita Brasileira foi confiada.

Todas estas periódicas tempestades desencadeadas contra a Federação não passaram de procelas em copo d'água. Está hoje evidenciado que os espíritas compreenderam, foram inspirados pelos seus Guias e negaram apoio aos adversários ocultos da Doutrina.

O futuro pertence a Deus e o Espiritismo é Seu grande instrumento na preparação do porvir.

Não nos iludamos com esses pretensos defensores de Kardec que nunca traduziram nem publicaram nem distribuíram um só livro, nem mesmo um artigo do Mestre; que nenhuma autoridade possuem, portanto, para se dizerem paladinos de Kardec. Eles são únicos inimigos perigosos do Espiritismo, por isso que se dizem espíritas, escrevem e falam em nome da Doutrina e ardilosamente lhe vão minando os alicerces eternos: os Evangelhos e a mediunidade. Quem ainda tenha dúvidas a esse respeito examine a obra que eles já realizaram na França. Também no Brasil, se não houvessem encontrado Espíritos de pulso na direção da Casa de Ismael, eles teriam exterminado o movimento espírita, contra o qual não cessam de lutar. Nenhum mal temos a recear dos adversários honestos da Doutrina, dos que a combatem de viseira erguida; mas devemos estar prevenidos contra os que tentam de dentro minar-lhe os fundamentos.

Nota do Blogueiro – Como os companheiros de estudo puderam notar, pulamos de Kardec-Roustaing III para Kardec-Roustaing VII. É que, por imperdoável falha nossa, descobrimos (tardiamente) que não dispúnhamos dos exemplares de Janeiro, Fevereiro e Março de 1947 que contém respectivamente os artigos Kardec-Roustaing IV, V e VI. Caso alguém seja detentor desses exemplares rogamos confirmar através de comentário abaixo. Imediatamente enviaremos os dados para remessa de cópia xérox para que seja digitalizada e aqui postada. Desde já, Obrigado!

* * *

25 - Prefácio do livro “O Cristo de Deus” de Manuel Quintão – Indalício Mendes

“Muitos pontos dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores sacros em geral são ininteligíveis, parecendo alguns até disparatados, por falta da chave que faculte se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão.”

O problema está, talvez, na falta de seriedade no estudo do Espiritismo, e acrescentaremos: também do Evangelho, pois em ambos se encontram passagens que levam à compreensão nítida de que Jesus, pela sua hierarquia moral e espiritual, infinitamente superior à de todos nós, pobres terrícolas, somente poderia ter baixado a este planeta com um corpo fluídico, de aparência carnal.

Tem-se insistido num sofisma, já desmantelado por Leopoldo do Cirne, Manuel Quintão, Guillon Ribeiro, Ismael Gomes Braga, Antonio Luiz Sayão, além de Bittencourt Sampaio, outro Espírito de nobre e elevada envergadura, com o fim de opor entraves à difusão de ‘Os Quatro Evangelhos’, mas o progressivo aumento de tiragem dessa notável obra mediúmica constitui prova evidente e cabal de que aumenta, também progressivamente, o número de seus estudiosos leitores.

Sendo a Doutrina espírita de caráter essencialmente progressivo é cabível, aqui, a reprodução de mais este trecho de sua autoria, para se aceitar o fato de ser o lançamento de Os Quatro Evangelhos, por Jean-Baptiste Roustaing, como enorme passo à frente, um grande avanço no estudo do Espiritismo evangélico: “...não lhe cabe (à Doutrina) fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando ideias reconhecidamente justas. De qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade.”

Ora, ao contrário do que alguns insistem em asseverar, o que já foi dito e repetido é que Kardec, usando do seu direito de externar um ponto de vista apenas pessoal, considerou que ainda era cedo para dar à luz da publicidade assunto tão transcendente, mas reconhecendo na obra – Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação – OS QUATRO EVANGELHOS – Seguidos dos mandamentos explicados em espírito e verdade pelos Evangelistas assistidos pelos Apóstolos e Moisés – “O MÉRITO DE NÃO ESTAR EM CONTRADIÇÃO, POR QUALQUER DE SEUS PONTOS, COM A DOCTRINA ENSINADA EM O LIVRO DOS ESPÍRITOS E EM O LIVRO DOS MÉDIUNS.”

Esclareceu que, em O Evangelho Segundo o Espiritismo, se limitou às máximas morais que, com raras exceções, são geralmente claras” e, dessa forma, “não poderiam ser interpretadas de maneiras diversas; por isso mesmo jamais fizeram objeto das controvérsias religiosas”. Pioneiro das ideias espíritas, numa época em que os ultramontanos ainda faziam tremendas pressões contra tudo quanto lhes parecesse conflitante com os pontos de vista católicos, é possível que a prudência de Kardec, tantas e tantas vezes louvada, lhe haja sugerido não julgar conveniente, em tal época, suscitar debates maiores em torno do problema espírita religioso. Tanto assim parece que ele, com a característica lealdade que possuía, apontou: “Essa a razão que nos levou a começar aí, a fim de sermos aceito sem contestação, aguardando, relativamente ao mais, que a opinião geral se encontrasse familiarizada com a idéia espírita.” Idêntico ponto de vista se encontra na Revue Spirite, de junho de 1867.

Kardec não negou a veracidade das revelações divulgadas por J.-B. Roustaing. Apenas, conforme afirmou, não julgava oportuno “abordar” certas questões. Podemos até compreender, disso, que, se julgasse oportuno, por certo não deixaria de abordá-las. Só muitos anos depois foi que William Crookes, que ainda não aceitava sequer a idéia da materialização, veio a assistir a uma sessão desse gênero, em Londres, precisamente a 22 de outubro de 1873 (ver Fatos Espíritas, de William Crookes, editado pela FEB), em que a médium Florence Cook (morena) recebia o Espírito Katie King (ou Anne Morgan), sob o controle científico principal do sábio Alexander Aksakof. Mas formas as experiências de Crookes com Miss Cook que sacudiram a ciência oficial. Se tais experiências houvessem ocorrido durante a presença de Kardec na Terra, certamente o Codificador, que era “o bom senso encarnado”, no dizer de Flammarión, estaria mais seguro para externar uma opinião decisiva sobre a questão do corpo fluídico de Jesus.

Um assunto puxa outro, porque, afinal, há um co-relacionamento de fatos, no Espiritismo, que o torna mais e mais interessante. O Livro dos Médiuns registra em suas páginas o caso dos fenômenos de bicorporeidade e bilocação de Santo Antônio de Pádua. E ali está uma explicação muito oportuna do Espírito de Santo Afonso:

“Quando um homem, POR SUAS VIRTUDES, chegou a desmaterializar-se completamente; quando conseguiu elevar sua alma para Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo.” (Os destaques são nossos).

O Espírito do homem (Santo Antônio de Pádua) desmaterializa-se, o corpo físico fica no local onde acontece o fenômeno, enquanto o Espírito, liberto da prisão carnal, aparece noutro lugar, mesmo distante. Se isso é possível, pelas virtudes do homem, por que a materialização e desmaterialização de um Espírito como Jesus não pode ocorrer também, oferecendo ainda maiores exemplos de autonomia e determinação? Como será possível admitir que seja possível considerar limitados os poderes de um Espírito de elevada hierarquia, como Jesus, sábio e imaculado, que nunca faliu, que dispõe do conhecimento integral de todos os mistérios da Espiritualidade, como o de todos os fluidos e do seu aproveitamento, que “a nossa vã filosofia” mal pode compreender? No caso de Santo Antônio de Pádua houve, além de bilocação, materialização e desmaterialização. Mas, cedamos a palavra a um dos espíritas mais estudiosos e experientes, Almerindo Martins de Castro, contidas em seu livro Antônio de Pádua, editado pela FEB:

O pai de Antônio fora maliciosamente envolvido num caso de prestação de contas. Agira lisamente, mas não pedira recibos para comprovar os pagamentos feitos. Suspeitado, ficou aflito, pois negavam que houvesse feito os pagamentos. “E sob o império dessas penosas impressões estava, quando disse: - “Pobre de mim, que não tenho um filho, parente, nem amigo para valer-me nesta situação!...” Nisto, à porta chamaram-no, e ele, julgando tratar-se de enviados da Justiça Régia, foi à Câmara da Cidade, onde devia dar as definitivas alegações aos oficiais del-Rei. Mas, ali chegando, antes que pronunciasse qualquer palavra, surgiu Antônio – que estava na Itália, em Milão – e relatou àqueles homens de má-fé todos os detalhes do que fizera o pai, minuciando o local, hora e espécie da moeda em que lhes havia sido feita a entrega das quantias devidas.”

Surgindo Antônio, evidentemente em forma humana, materializado, tanto que fez o relato a que se refere a descrição, salvou o pai, deixando provada a lisura com que ele procedera.

Mas, continua o livro: “Outro fato, verdadeiramente de MATERIALIZAÇÃO. Um amigo e vizinho do pai de Antônio matou, por inimizade, certo moço de importante família e escondeu o cadáver no quintal da casa de Martim de Bulhões. Feitas as pesquisas e achado o morto, foi o pai de Antônio envolvido no processo e condenado à morte, como sendo cúmplice, juntamente com os autores do crime. Antônio pregava em Pádua, quando foi mediunicamente ciente do ocorrido, isto é, de que o pai ia ser decapitado. Antônio cessou de falar. Seu corpo, arrimando-se no púlpito, imobilizou-se, dando a impressão de estar dormindo. E apareceu em Lisboa, no adro da Sé, onde tivera sepultura o assassinado, e aí deteve o cortejo da Justiça. E, chegando junto à cova do morto, MATERIALIZOU O ESPÍRITO DA VÍTIMA, fazendo-o narrar toda a verdade do crime, sem omitir uma peripécia. O espanto foi inenarrável, pois todos VIRAM o defunto erguer-se da tumba, e, finda a narrativa, cair “morto” outra vez!

Mas, o extraordinário livramento do velho Martim de Bulhões não produziu só esses pasmos, porque, Antônio, quando continuou a prédica interrompida – em Pádua -, pediu desculpas pelo demorado intervalo, contando como fora e conseguira salvar o progenitor. E os que não acreditaram tiveram a confirmação do caso, quando chegaram as informações pedidas para Portugal” (págs. 48 a 50

Como se leu, o Espírito pode assemelhar-se, por sua vontade, desde que seja suficientemente virtuoso, ao corpo carnal de um ser vivo. Em O Livro dos Médiuns, lê-se: “Está admitido que o Espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências;

que, mediante uma modificação na disposição molecular, pode dar-lhe a visibilidade, a tangibilidade e, conseqüentemente, a opacidade” (também, obviamente, a materialização, acrescentamos), págs. 153 e 154. Kardec, entretanto, fiel à prudência sempre manifestada, porque lhe faltavam provas, disse, tal como viria a dizer a respeito do corpo fluídico de Jesus: “Quanto ao fenômeno em si, não afirmamos nem a sua possibilidade, nem a sua impossibilidade. Dado, entretanto, que ocorra, a circunstância de se lhe não oferecer uma solução satisfatória DE NENHUM MODO O INFIRMARIA.” E concluiu que esta advertência, esquecida no caso do corpo fluídico de Jesus: **IMPORTA SE NÃO ESQUEÇA QUE NOS ACHAMOS NOS PRIMÓRDIOS DA CIÊNCIA E QUE ELA ESTÁ LONGE DE HAVER DITO A ÚLTIMA PALAVRA SOBRE ESSE PONTO, COMO SOBRE MUITOS OUTROS**” (o grifo e o versal são nossos, Ibidem, págs. 154 e 155).

Aliás, não há nenhuma referência à materialização de espíritos em O Livro dos Espíritos e em O Livro dos Médiuns, e isso é assaz significativo. É, pois, compreensível que Kardec, voltamos a dizer, escrupuloso como era, extremasse sua cautela quanto aos fenômenos de materialização, porque não pudera conhecê-los “de visu”; e, porque cada conhecimento chega no tempo devido, evitasse, em O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XXVII, item 8, página 389, narrar o aparecimento do anjo Rafael, Espírito materializado, ao velho Tobias e seu filho, homônimo, limitando-se apenas a extrair do fato soberbo este comentário ligeiro:

“Se o anjo que acompanhou a Tobias lhe houvera dito: “Sou enviado por Deus para te guiar na tua viagem e te preservar de todo perigo”, nenhum mérito teria tido Tobias. Fiando-se no seu companheiro, nem sequer de pensar precisava. Essa a razão por que o anjo só se deu a conhecer ao regressarem”.

Voluntariamente, ou não, deixou o fundamental pelo acessório. O fundamental, o essencial, no episódio, é o fato de o anjo Rafael ter vindo em auxílio do velho Tobias, atendendo a preces por este feitas a Deus. Quando Tobias, o moço, e Rafael puseram-se a caminho, numa viagem longa, conviveram durante muito tempo, venceram obstáculos, até chegarem à casa de Raquel. Lá, conversaram, cearam, etc. Rafael assistiu às festas nupciais de Tobias e Sara, filha de Raquel. Depois, o anjo, acompanhado por quatro criados de Raquel e dois camelos, foi à cidade, ao encontro de Gabelo. De volta, participaram, Rafael e Gabelo, do banquete de boda. Tobias, o moço, vai a Nínive, em companhia de Rafael, e retornam à casa do velho Tobias (ver O Livro de Tobias, editado pela FEB). Durante tão longo tempo de convivência, o jovem Tobias não chegou jamais a perceber que Rafael (ou Azarias, nome que este usou) não era um homem comum, mas um anjo, um espírito evoluído, que, servindo a mandado de Deus, ali fora para ajudá-lo, como para curar seus pais, que haviam feito jus a essa ajuda, pelo muito que veneravam o Senhor. Em nenhum momento, Rafael deixou de se portar como um homem aparentemente igual a Tobias.

Kardec, que conhecia o caso, tanto que o citou em O Evangelho Segundo o Espiritismo, não deixou, repetimos, nenhuma observação particular a esse respeito. Fora de dúvida, porém dele deve ter-se lembrado, quando se ocupou da obra lançada à publicidade por J.-B. Roustaing (A Revelação da Revelação ou Os Quatro Evangelhos), e talvez não sentisse ainda o momento para definições, no que diz respeito à fluidez do corpo de Jesus, assunto que reputava melindroso, preferindo, por isto mesmo, guardar a mesma neutralidade que já demonstrara em outra oportunidade.

Essa posição, no entanto, de modo algum infirma a obra “de” Roustaing, como não a infirmou, obra extraordinária, de eloqüente e positiva interpretação dos fatos evangélicos à luz do Espiritismo Cristão. Tanto assim foi que, na Revue, Allan Kardec escreveu, relativamente a Os Quatro Evangelhos, que tal obra tinha “O MÉRITO DE NÃO ESTAR EM CONTRADIÇÃO, POR QUALQUER DE SEUS PONTOS, COM A DOCTRINA ENSINADA EM O LIVRO DOS ESPÍRITOS E EM O LIVRO DOS MÉDIUNS”. - Rio de Janeiro, 1º de novembro de 1975. – Indalício H. Mendes

* * *

26 - Mensagem de Ismael sobre a concepção da Virgem e a natureza do corpo de Jesus.



Aproveitando a homenagem que estamos fazendo ao querido Antônio Luís Saião, autor de uma das mais importantes obras brasileiras sobre os Evangelhos: “Elucidações Evangélicas”, resumo comentado da obra Os Quatro Evangelhos, de Roustaing, transcrevemos abaixo uma mensagem de Ismael sobre o corpo de Jesus, recebida por Frederico Pereira da Silva Jr.

“Meus filhos, bem pouco me cabe dizer sobre o vosso estudo de hoje”. Soubestes guardar convosco a paz que os vossos guias vos trouxeram e, recebendo facilmente as suas inspirações, pudestes, com o vosso próprio espírito, tocar a verdade. É assim que firmastes opinião definitiva sobre a concepção da sempre Virgem e sobre o corpo aparentemente carnal de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Se a opinião isolada do vosso bom Mestre Allan Kardec pôde, de alguma sorte, influir no entendimento de alguns, fazendo-lhes crer que o Redentor do mundo viera revestir-se da matéria grosseira dos corpos comuns, para dar o exemplo das maiores virtudes, encaminhando a humanidade inteira para a terra da promessa, hoje, que todos os Espíritos bem

iluminados afirmam que o nascimento de Jesus foi todo aparente e, que o seu corpo apenas se constituíra de fluidos concentrados no seio da sempre Virgem Maria, não há razão de ser para duas opiniões a tal respeito. Maria foi sempre mãe de Jesus, como todas as mães são mães dos homens. Se o que se gera no ventre da mulher não é o Espírito, mas sim a massa que vai vestir o mesmo Espírito, incontestavelmente Maria foi mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo.

E, assim, bem o vedes, realizaram-se todas as profecias; e, assim, veio ao mundo Aquele a quem devemos a Seara da abundância, os frutos da verdade. Insistamos: a opinião do homem, falível quase sempre, pôde com o que inocular, no espírito de seus irmãos, a idéia de que Jesus, se não revestisse um corpo carnal, igual ao de todas as criaturas humanas, seus sofrimentos seriam nulos. Entretanto, como bem disseram entre vós, qual o maior sofrimento, o físico ou o sofrimento moral? Mas, mesmo com esse corpo de natureza celeste, com essa reunião de moléculas fluídicas, que ainda desconheceis, não seria possível o próprio sofrimento físico do Redentor? Quem sofre, é o Espírito ou a carne? Não é a lesão, o golpe sobre a matéria que, por intermédio do perispírito, faz chegar ao Espírito as sensações e a dor?

Vedes, portanto, que não pode prevalecer de modo algum a opinião isolada do vosso bom Mestre Allan Kardec. Meus filhos, continuemos a estudar os Evangelhos do Senhor em todos os seus mais pequeninos detalhes. Procurai conhecer o espírito de toda a letra, com humildade, porque a verdade há de fazer-se aos vossos olhos, como um testemunho do agrado do Senhor, que vos vê esquecidos das paixões do mundo, concentrados, estudando a vida do seu amado Filho. O único requisito que se vos pede é a humildade. Ismael.

Capítulo VI

A EXTRAORDINÁRIA PERSONALIDADE DE J.-B. ROUSTAING

Jean-Baptiste Roustaing, nascido em 1806, em Bordéus, experimentou as vicissitudes que costumam marcar profundamente a vida das criaturas humanas dotadas de grande sensibilidade. Sua juventude foi difícil e trabalhosa, no seio da pobreza. Determinado a transpor os obstáculos que se lhe ofereciam para estudar, atirou-se denodadamente ao trabalho, buscando ao mesmo tempo instruir-se, embora o extraordinário esforço afetasse suas reservas físicas, pois não dispunha de tempo suficiente para o repouso necessário.

Cheio de fé em Deus, Roustaing em nenhum momento se deixou vencer pelo desânimo, fazendo-se professor de Literatura e Ciência, a princípio em Toulouse, de 1823 a 1826, a fim de custear os estudos das Leis e do Direito, conseguindo, finalmente, doutorar-se em Advocacia, profissão que passou a exercer, em Paris, de 1826 a 1829, até fixar-se em Bordéus, sua cidade natal, onde se destacou como jurisconsulto, por sua cultura, pelo equilíbrio e segurança de seus pronunciamentos, bem como por sua dinâmica operosidade. Não tardou a granjear a admiração e o respeito de seus concidadãos, a tal ponto que a autoridade moral e o prestígio que possuía naturalmente impuseram, entre outros indiscutivelmente ilustres, a escolha do seu nome para Bastonário[1] da famosa Ordem dos Advogados de Bordéus.

Em conseqüência do excesso de trabalho, em janeiro de 1858 foi ele acometido de grave e longa enfermidade e somente em 1861 ficou completamente restabelecido e pôde voltar ao exercício de sua profissão. Reiniciava, dessa maneira, as labutas nos tribunais e no gabinete, trinta anos de uma atividade notável a serviço do Direito e da Justiça. Crendo em Deus, mas intimamente infenso a credos religiosos eivados de superstições e conceitos dogmáticos, Roustaing punha-se em constantes meditações a respeito do Cristianismo de Jesus, tão diverso do pseudocristianismo que cada vez mais se distanciava da doutrina fixada pelo Mestre em suas inoxidáveis parábolas e no monumental sermão do monte.

Por essa época, a França continuava vibrando com os fenômenos das chamadas “mesas-girantes”, mas já se falava muito em “comunicações de Espíritos”. Um amigo médico, de sua cidade, lhe falou na possibilidade de tais comunicações do mundo corpóreo com o mundo espiritual. Como já havia sido publicado “O Livro dos Espíritos”, falava-se em doutrina e ciência espíritas, como fruto dessas mensagens, tendo como objetivo uma revelação geral. Roustaing mostrou-se um tanto incrédulo, mas seu espírito perquiridor o induziu a procurar saber a razão dos acontecimentos que preocupavam tanta gente e dos quais a imprensa tratava, o mais das vezes, com sarcasmo. O mesmo acontecera com o eminente Codificador do Espiritismo, Allan Kardec.

Roustaing confessou deste modo o seu inicial ceticismo: “Minha primeira impressão foi a de incredulidade devida à ignorância, mas eu bem sabia que uma impressão não é uma opinião e não pode servir de base ao julgamento; que, para isso, é necessário, antes de tudo, nos coloquemos em situação de falar com pleno conhecimento de causa. Sabia e sei ainda ser ato de insensatez aprovar ou repudiar, afirmar ou negar o que se não conhece em absoluto. Ou o que se não conhece bastante, o que se não examinou suficientemente e aprofundou sob o duplo ponto de vista teórico e experimental, na medida das faculdades próprias, sem prevenções, sem ideias preconcebidas.”

Essa maneira de proceder retrata a vigorosa personalidade desse homem austero, mas cordial e comunicativo. Compreendeu que não mais poderia permanecer indiferente ao movimento inusitado que vinha interessando a tanta gente. Respeitador de todas as crenças, tolerante e conciliador, era devoto da liberdade de opinião e da liberdade de consciência. Apesar de crer em Deus, não aceitava o que as interpretações humanas ensinavam relativamente a Jesus e ao Evangelho, para ele ainda obscuros e incompreensíveis, dados os aspectos de milagroso e sobrenatural – no sentido geralmente conferido a essas palavras, de derrogação das leis da Natureza – que a inteligência recusava.

Aquela estafa que o afastara das preocupações profissionais permitira-lhe tomar conhecimento do que se passava pela Europa, no tocante a revelações demasiado fortes para poderem ser aceitas sem prévia análise.

Decidido a investigar o que de real havia no que lhe dissera o clínico amigo, procurou informar-se cientificamente, primeiro pelo estudo e pelo exame, depois pela observação e pela experimentação, do que pudesse haver de possível, de verdadeiro ou falso, nessa comunicação entre o mundo corporal e o mundo espiritual, nessa doutrina e ciência espíritas, que tão profundamente impressionaram as classes sociais.

Leu, estudou “O Livro dos Espíritos”, subscrito por Allan Kardec, meditou sobre o que nele se encontra, analisou demoradamente cada capítulo, com a frieza de quem não deseja senão encontrar algo de sério, que mereça a atenção de um homem culto e objetivo. A que conclusão chegou? Vejamos a sinceridade que ressuma do seu depoimento franco: “Nas páginas desse volume encontrei: uma moral pura, uma doutrina racional, de harmonia com o espírito e progresso dos tempos modernos, consoladora para a razão humana; a explicação lógica e transcendente da lei divina ou natural, das leis de adoração, de trabalho, de reprodução, de destruição, de sociedade, de progresso, de igualdade, de liberdade, de justiça, de amor e de caridade, do aperfeiçoamento moral, dos sofrimentos e gozos futuros.”

O depoimento é extenso e pormenorizado, referindo-se também à pluralidade dos mundos, das humanidades, das existências, à lei do renascimento ou reencarnação; à inferioridade moral dos homens do nosso planeta, à “inferioridade intelectual acentuada relativamente às leis a que estão sujeitos na Terra os diversos reinos da Natureza e às leis naturais a que obedecem os mundos e as humanidades superiores, por meio das quais aquelas leis se conjugam na unidade e na solidariedade”.

Nunca lemos apologia mais justa, mais precisa, mais bela e profunda a “O Livro dos Espíritos”, e às revelações que enriquecem suas páginas, do que essa. Procedeu Roustaing da mesma maneira em relação a “O Livro dos Médiuns”, concluindo que “o mundo espiritual era bem o reflexo do mundo corporal”. Todavia, o seu exigente espírito investigador não estava ainda satisfeito, após o meticuloso estudo que realizara. Consultou a História, compulsou livros de filosofia profana e religiosa, antiga e recente, prosadores e poetas que refletem as crenças e os costumes dos tempos, verificando, por fim, que eram ensinados “desde a antiguidade até hoje, num amálgama de ERROS e VERDADES, dispersas e ocultas aos olhos das massas, os princípios que a doutrina e a ciência espírita vieram pôr em foco: 1º.) – a pluralidade dos mundos e sua hierarquia; 2º.) – a pluralidade das existências e sua hierarquia; 3º.) – a lei de renascimento; 4ª.) – as noções da alma no estado de encarnação e no de liberdade e as de seus destinos”.

Perlustrou, com a paciência e a profundidade de um sábio, os livros das duas precedentes revelações, o Antigo e o Novo Testamentos, leitura que abandonara outrora por obscura e incompreensível, mas que, graças à doutrina e à ciência espíritas, se lhe apareciam agora revestidas de luz, permitindo-lhe divisar alguma coisa através do véu da letra. Sua inteligência e sua razão compreenderam e reconheceram, “nesses livros sagrados, ser um fato a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, comunicação que na ordem divina, providencial, é o instrumento de que se serve Deus para enviar aos homens a luz e a verdade adequadas ao tempo e às necessidades de cada época, na medida do que a Humanidade, conforme o meio em que se acha colocada, pode suportar e compreender, como condição e elemento do seu progresso”.

“O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns” foram para Roustaing a bússola que lhe indicaria o caminho para a missão que Espíritos superiores lhe reservariam em futuro próximo.

Certificando-se de que, em Bordéus, havia, no seio das mais distintas famílias, médiuns experimentados, Roustaing deles se aproximou e com eles entrou em relações, interessado nos trabalhos de observação e experimentação, no terreno das manifestações inteligentes, bem como das manifestações físicas, que desfaziam preconceitos e repeliam opiniões apriorísticas.

Na véspera do dia 24 de junho de 1861, dirigiu fervorosa prece a Deus para que permitisse a manifestação mediúnica do Espírito João Batista, pois tinha então em sua companhia um médium que com ele se entregava a trabalhos diários. Deprecara também a graça da manifestação do Espírito de seu pai e do seu Guia protetor. Essas manifestações se produziram naturalmente, com surpresa do médium, que ignorava suas preces. Roustaing sentiu-se feliz. Pois ficara provado que sua súplica fora ouvida e que Deus o aceitara por seu servo.

A 30 do mesmo mês, manifestou-se o Espírito do apóstolo Pedro, de modo inesperado para ele e para o médium. Viera preveni-lo da época em que poderia e deveria reunir e publicar as mensagens recebidas, de tão alto interesse para a compreensão e interpretação dos Evangelhos. Em Dezembro do mesmo ano, 1861, foi-lhe sugerido ir à casa de Mme. Collignon, a quem devia ser apresentado, “para apreciar um grande quadro mediunicamente desenhado, representando um aspecto dos mundos que povoam o espaço”. Lá esteve, voltando oito dias depois para agradecer o acolhimento que tivera. Quando se preparava para sair, Mme. Emilie Collignon, médium de grande sensibilidade, sentiu na mão o sinal, a agitação fluidica bem conhecida dos médiuns, indicadora da presença de um Espírito desejoso de se manifestar. A pedido de Roustaing, a senhora aquiesceu em se prestar à manifestação mediúnica e, no mesmo instante, a mão, fluidicamente dirigida, escreveu uma mensagem, na qual, a ele, Roustaing, tal qual sucedera a Allan Kardec, com relação ao Espírito Z (Zéfiro), foi dito:

“Metem as mãos à obra, pois que os Espíritos indecisos flutuam entre a dúvida que lhes é semeada nos corações e a fé de que precisam; seus olhos nada mais podem distinguir nas trevas de que os cercaram e buscam no horizonte uma luz que os ilumine e sobretudo que os tranquilize. Cumpra que essa luz lhes seja mostrada, porquanto desapareceu a confiança que depositavam nos dogmas da Igreja; falta-lhes esse apoio. Apresentai-lhes o esteio sólido da nova revelação.”

A mensagem prossegue, é longa, e termina desta maneira altamente expressiva:

“A vós, pioneiros do trabalho, cabe a tarefa de preparar os caminhos, enquanto esperais que Aquele que há de vir para traçar o roteiro comece a sua obra. Com esse objetivo, nós, ó bem amados, vimos incitar-vos a que empreendais a explicação que preparará a unificação das crenças entre os homens e à qual podeis dar o nome de REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO. São chegados os tempos em que ESPÍRITO QUE VIVIFICA substituirá a letra que produziu frutos, de acordo com as fases e as condições do progresso humano, e que AGORA MATA, se mal interpretada. Ponde-vos à obra; trabalhai com zelo e perseverança, coragem, atividade e não esqueçais nunca que sois Instrumentos de que Deus se serve para mostrar aos homens a verdade; aceitai com simplicidade de coração e reconhecimento o que o Senhor vos dá; tende sempre nos vossos pensamentos e atos a humildade, a caridade, a abnegação, o amor e o devotamento aos vossos irmãos e sereis amparados e esclarecidos.”

Jean-Baptiste Roustaing foi um “despenseiro fiel” de Jesus, pois cumpriu cabalmente a tarefa recebida. E de que maneira o fez! O importante trabalho dos Espíritos foi recebido, coordenado e pronto por duas pessoas que, oito dias antes da manifestação acima referida, não se conheciam! Mme. Emilie Collignon era médium inconsciente, de modo que, cessado o transe mediúnico, de nada se lembrava. E, quando tornava conhecimento da natureza dos ditados, manifestava sua divergência de opinião. Era, portanto, um instrumento mecânico a serviço do Alto. Roustaing, reconhecido, mas humilde e cada vez mais cheio de fé, declarou: “Mero instrumento, cumpri um dever executando tal ordem, entregando à publicidade esta obra, que põe em foco a essência de tudo o que há de devotamento, de abnegação e de sentimentos fraternais em Jesus, chamado o Cristo, que tão bem mereceu o título de Salvador do Mundo, de Protetor da Terra!”

Na “Revue Spirite” de junho de 1861, Kardec, ao referir-se a uma carta que lhe enviara Roustaing, assim se manifestou: “Os princípios que aí são abertamente expressos, por um homem cuja posição o coloca entre os mais esclarecidos, darão que pensar aos que, supondo possuírem o privilégio da razão, arrolam todos os adeptos do Espiritismo entre os imbecis. Vê-se que Roustaing apesar de recentemente iniciado, se tornou mestre em matéria de apreciação; é que ele tem séria e profundamente estudado, o que lhe permitiu apreender rapidamente todas as consequências dessa importante questão do Espiritismo (a reencarnação) e que, ao contrário de muitos, ele não ficou na superfície. Nada ainda vira, disse ele, e se convencera porque havia lido e compreendido. Isso sucedeu a muitas pessoas, e temos sempre observado que elas, longe de serem superficiais, são, ao revés, as que mais refletem; aplicando-se mais ao fundo que à forma, para elas a parte filosófica é o principal, e os fenômenos propriamente ditos o acessório.”

Mais adiante, Allan Kardec reconhece Roustaing como espírita sério (“spirite sérieux”), justificando: “Pelas citações que o autor dessa carta faz de pensamentos contidos em comunicações por ele recebidas, prova que não se limitou a admirá-las como belos trechos literários, dignos de serem conservados num álbum, mas que os estuda, sobre eles medita e deles tira proveito.”

As honrosas referências de Kardec a Roustaing não ficaram nisso. Como Roustaing escrevera, ao final da carta, sentir-se dignificado em ser aberta e publicamente espírita, o Codificador o felicita por essa declaração, evidência do nobre caráter do missivista, acrescentando que “infelizmente nem todos têm, como ele (Roustaing), a coragem de suas convicções, e é isso que anima os adversários”.

Quando Allan Kardec, em outubro de 1861, visitou a cidade francesa de Bordéus, a Sociedade Espírita local recebeu-o com todas as honras devidas a tão “amado e venerado chefe”. Um dos membros dessa Sociedade, o Dr. Bouché de Vitray, médico conceituado, a certa altura de seu discurso prestou homenagem especial a Roustaing, com estas palavras: “O reconhecimento me obriga, no dia de hoje, a inscrever nesta página o nome de um de meus bons amigos, que me descerrou os olhos à luz, o do Sr. Roustaing, advogado distinto, e sobretudo consciencioso, destinado a desempenhar papel saliente nos fastos do Espiritismo” (“Revue Spirite” 1861, p 336).

Desencarnado a 2 de janeiro de 1879, dez anos depois de Kardec, teve Roustaing a seguinte nota necrológica na “Revue Spirite” desse ano: “O nosso irmão e amigo extinguiu-se corporalmente, a 2 de janeiro de 1879 em Bordéus, com a idade de 73 anos, cheio de fé e de esperança no progresso desta bela doutrina que vem de Deus e da qual foi ele um dos mais ardentes apóstolos, dos mais inteligentes e mais dedicados. Sua grande, bela alma nenhum pesar sentia por deixar este mundo: pesava-lhe unicamente o deixar inacabada a sua obra. Dessa idéia, porém, logo se recobrava, dizendo: “Voltarei; Deus me concederá a graça de retomar e continuar a minha obra, de trabalhar pelo progresso moral e material dos meus irmãos.”

“Todos os que o conheceram crêem plenamente na sinceridade das suas aspirações, porquanto ele era ambicioso de virtudes e ávido de verdades celestes. Sua vida se assinalou por eminentes atos de caridade e de beneficência. Sua passagem pela Terra ficou exalçada por exemplos constantes, na prática de todas as virtudes cristãs. Dotado de grandes aptidões para o trabalho, sempre os executou ativamente, no Foro, até 1861; depois, até à morte, em labores filosóficos e religiosos. Ensinou pela palavra e pelo exemplo. Humilde de espírito e de coração, sempre deu generosamente do que tinha aos que não tinham.

“Ficai certos. Dizia, nas reuniões mensais a que presidia, que para o outro mundo não se leva senão o que neste se deu; e que aquele que dá é que tem de agradecer.”

A mesma “Revue Spirite”, em 1879, ao referir-se aos “mortos” do ano, teve, entre outras palavras de reconhecimento ao caráter e aos méritos de Roustaing, as seguintes:

“Deixou a reputação de um espírito justo, leal, íntegro, amigo do progresso. Que seja abençoado pelo bem que fez.”

Allan Kardec, o insigne Codificador do Espiritismo, não foi adversário de Roustaing. Teve uma opinião pessoal sobre a questão do corpo de Jesus, mas assim se externou, na “Revue Spirite” de junho de 1866, ao registrar o aparecimento desse trabalho: julgou-o “considerável e com o mérito de não estar em contradição, por qualquer dos seus pontos, com a doutrina ensinada no “O Livro dos Espíritos” e que ele, Kardec, não havia realizado trabalho semelhante porque não julgara oportuno fazê-lo antes que a opinião geral estivesse familiarizada com a idéia espírita”. “Nesse mesmo artigo, Kardec nem aprovou e nem reprovou a obra de Roustaing; no entanto, criticou-a por ser muito desenvolvida e, apesar de admitir como razoável e possível a teoria do “corpo fluídico”, declarou-a hipotética, enquanto não fosse confirmada no futuro, mas reconhecendo que “encerra, incontestavelmente, coisas boas e verdadeiras, e será consultada com proveito pelos Espíritos sérios”.

“Quanto a esse ponto único, Kardec foi prudentíssimo e sua reserva só pode aumentar nosso respeito por ele, pois que naquela época não estavam perfeitamente estudadas as materializações, tanto assim que o próprio Kardec ainda supunha “não passarem de uma aparência fluídica e que a nossa mão nenhuma resistência experimentaria ao tocar as aparições”. Só muito mais tarde foi suficientemente estudado o fenômeno das materializações e ficamos sabendo que podem as aparições ter toda a consistência de matéria compacta, servir de original para moldes de parafina, ter peso verificado pelas balanças, órgãos em perfeito funcionamento, examinados por fisiologistas, confirmando, assim, plenamente, certas aparições registradas no Velho e no Novo Testamentos. Isso só veio a ficar bem demonstrado com as materializações de Katie King, pela mediunidade de Florence Cook e, mais tarde, por muitos outros médiuns em diversos países.”

Diante de inúmeras mensagens que vêm sendo recebidas do Alto, psicograficamente, por vários médiuns, dentre os quais convém destacar três que já têm publicadas grandes obras consagradas pelos mais cultos espíritos, parece-nos oportuno fazer uma síntese que permita se evidencie estar sobejamente demonstrado ter sido Kardec um notável Missionário, auxiliado por outros companheiros, ressaltando-se dentre estes a personalidade de Roustaing, como encarregado de organizar o trabalho da fé, dando confirmação às duas Revelações anteriores.

Os três médiuns a que nos referimos são Zilda Gama (1), América Delgado (2), e Francisco Cândido Xavier (3). Deixamos de citar outros por não estarem ainda conhecidos por meio de obras de grande significação doutrinária.

A Primeira Revelação abrange todo o Velho Testamento e anuncia a vinda do Messias em muitas profecias, das quais basta citarmos: Gênesis, capítulo. 49; 10 e 11:

“Não se afastará de Judá o cetro, nem a vara do comando dentre seus pés, até que venha aquele de quem ela é, e a esse obedecerão os povos.

Isaías, 7, 14:

“Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal; eis que uma donzela conceberá e dará à luz um filho, e por-lhe-á nome de Emmanuel.”

Esses dois eminentes vultos da Primeira Revelação foram nominalmente citados e confirmados por Jesus, como prepostos de Deus, grandes profetas. Cumpridos os tempos, veio o Messias. Vamos transcrever o relato de dois evangelistas sobre o seu aparecimento:

Mateus, capítulo 1º, v. 18 a 23:

“Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, já desposada com José, antes que se juntassem, ela se achou grávida por virtude do Espírito Santo. José, seu marido, sendo reto e não querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente. Quando, porém, pensava nestas coisas, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos, dizendo: José, filho de David, não temas receber a Maria, tua mulher; pois o que nela foi gerado é por virtude do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, a quem chamarás Jesus; porque ele salvará o seu povo dos pecados deles. Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que dissera o Senhor pelo profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado Emmanuel, que quer dizer – Deus conosco.”

Lucas, capítulo 1º, v. 26 a 38:

“No sexto mês foi enviado da parte de Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de David; o nome da virgem era Maria, Aproximando-se dela disse: Salve! Altamente favorecida, o Senhor é contigo. Ela, porém, ao ouvir estas palavras, perturbou-se muito e pôs-se a pensar que saudação seria esta. Disse-lhe o anjo: Não temas, Maria; pois achaste graça diante de Deus. Conceberás no teu ventre, e darás à luz um filho, a quem chamarás Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai David, e ele reinará eternamente sobre a casa de Jacob, e o seu reino não terá fim. Maria perguntou ao anjo: Como será isso, uma vez que não conheço varão? Respondeu-lhe o anjo: O Espírito Santo virá sobre ti, e a virtude do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso o que há de nascer, será chamado santo, Filho de Deus. Isabel, tua parenta, também ela concebeu um filho na sua velhice, e já está no sexto mês aquela que era chamada estéril; porque nenhuma palavra, vinda de Deus, será impossível. Disse Maria: Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra, E o anjo retirou-se.”

Os aparecimentos e desaparecimentos de Jesus, antes e depois do drama do Calvário, demonstraram a natureza excepcional de seu corpo, mas ficara reservado ao futuro, à Terceira Revelação, o confirmar e explicar essa concepção supranormal.

Quando surgiu a obra “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing, Kardec lhe noticiou o aparecimento em sua revista, às páginas 190, 1, 2, do mês de Junho de 1866, apresentando-a como obra considerável, com o mérito de não estar em contradição com a Doutrina ensinada em “O Livro dos Espíritos”, em “O Livro dos Médiuns” e em “O Evangelho segundo o Espiritismo” (únicas obras até então transmitidas ao Codificador), ressaltando que ela continha ensinamentos incontestavelmente bons e verdadeiros e que merecia consultada com proveito pelos espíritas conscienciosos.

Como se tratava de assuntos novos, completamente inéditos, quase diríamos revolucionários para os meios religiosos da época, Kardec, receoso de que os Espíritos não a aprovassem, receio esse não confirmado, pois que na imensa coleção de *Revue Spirite*, entre numerosíssimas comunicações publicadas, nem uma só encontramos contra a obra de Roustaing, Kardec, dizíamos, por precaução e pesando sua responsabilidade, declarou que ele não havia escrito uma obra semelhante, porque não a julgava oportuna, e que, apesar de a teoria do corpo fluídico de Jesus nada apresentar de impossível, ele não a aprovava nem reprovava, até que os Espíritos se manifestassem, visto que a obra fora recebida por intermédio de um único médium.

Vemos que a opinião de Kardec foi pessoal, mas, em vista do seu grande, inigualável valor, surgiram espíritas mais realistas do que o rei, os quais julgaram, erradamente, a prudente reserva de Kardec como condenação definitiva da obra e não levaram em conta que, hoje, já está a mesma com a única sanção que para ela exigia o Mestre: a confirmação dos Espíritos. No Brasil houve quem julgasse um crime a tradução da obra e pusesse em dúvida a honra e a dignidade da médium Mme. Emília Collignon e de Roustaing... para não irmos mais longe.

Para que nossos confrades possam conhecer a opinião de Kardec sobre essas duas respeitáveis personagens, vamos transcrever a palavra do Mestre mesmo. Em *Revue Spirite* de 1861, págs. 167 a 172.

“Os princípios que aí são altamente expressos (na carta que lhe escrevera Roustaing) por um homem cuja posição o coloca entre os mais esclarecidos, darão que pensar aos que, supondo possuírem o privilégio da razão, classificam todos os adeptos do Espiritismo como imbecis.

“Vê-se que Roustaing, apesar de recentemente iniciado, se tornou mestre em matéria de apreciação; é que ele tem séria e profundamente estudado, o que lhe permitiu apreender rapidamente todas as consequências da importante questão do Espiritismo, e que, ao contrário de muitos, ele não ficou na superfície.

“Infelizmente, nem todos têm, como ele (Roustaing), a coragem de dar a sua opinião, e é isso que alimenta os adversários.”

Quanto à Mme. Emília Collignon, de Bordéus, médium absolutamente mecânica, dama da alta sociedade, e que, pessoalmente, não concordava com a teoria do corpo fluídico, enquanto os Espíritos a lançavam pelo seu lápis, transcrevemos a palavra de Kardec da página 288 da *Revue Spirite* de 1865, em noticiário por ele assinado:

“Temos o prazer e o dever de chamar a atenção de nossos leitores para essa brochura (Palestras Familiares sobre o Espiritismo, por Mme. Collignon) que inscreveremos com prazer entre os livros recomendáveis.”

A autoridade indiscutível de Kardec reconhecia, pois, na médium e no compilador de “Os Quatro Evangelhos”, criaturas superiores, capazes, e hoje, diante da aprovação geral por parte dos Espíritos, nós, espíritas conscienciosos que seguimos o conselho do Codificador, lendo e consultando a obra de Roustaing, temos o dever de aproximar as obras dos dois Missionários e não nos orientarmos por processos dissolutivos, como procedem confrades de outros países, onde até hoje combatem a Codificação Kardequiana, por não aceitarem o a que chamam de dogma da reencarnação.

Toda a razão tinha Kardec em deixar a teoria do corpo fluídico para ser julgada pelos que lhe sucedessem, depois que os Espíritos se manifestassem, como ele mesmo veio a manifestar-se pela médium Zilda Gama e outros. Toda notícia do Além deve ser julgada com as mesmas precauções e a responsabilidade do Mestre era enorme; mas ele mesmo teve a fortuna de inserir em sua revista, em 1868, págs. 45 a 55, numerosas comunicações de Espíritos que se apresentaram com nomes respeitáveis, assegurando todas elas que um novo Messias. Que restabeleceria o Evangelho de Jesus-Cristo, já estava encarnado, apesar de os comunicantes não estarem autorizados a revelar o lugar em que ele havia nascido (pág. 45).

Em nota a essa mensagem recebida em 1861 e publicada em 1868, escreveu o Mestre:

“Esta revelação é uma das primeiras que nos foram transmitidas, mas outras lhe sucederam. Há muito tem vindo espontaneamente grande número de comunicações sobre o mesmo assunto em diferentes centros espíritas da França e do estrangeiro. “

E termina assim a nota:

“Isto é um exemplo dos mais notáveis da simultaneidade e da concordância dos ensinamentos dos Espíritos, quando é chegado o tempo de uma questão ser apresentada.”

Todos sabemos que os Espíritos, quando querem enganar, podem igualmente fazê-lo através de numerosos médiuns, e isso ter-se-ia verificado, se admitíssemos que Kardec fora ludibriado com tais comunicações, publicadas em sua revista, por não se haver confirmado o aparecimento de qualquer Messias; mas, se concluirmos que Kardec não foi ludibriado, como cremos e afirmamos, aquelas mensagens iniciadas em 1861, época em que o Evangelho de Jesus Cristo começou a ser medi unicamente explicado, em espírito, pelos próprios Evangelistas e outros Espíritos, para dois livros diferentes – “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Kardec, no qual aparecem mensagens dos anos de 1859 a 1863, e a primeira edição apareceu em 1864, e “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing, recebido de 1861 a 1865 e publicado em 1866 – somos de parecer que as referidas mensagens indicavam exatamente esse acontecimento: preparação dos dois livros destinados a promover a compreensão e revigoração do Evangelho. Elas se confirmavam: uma dizia que nasceu um novo Messias, outras afirmavam que eram vários Messias, e outros localizavam que já estava encarnado, em França.

A coincidência das datas e o estudo em conjunto dessas comunicações que tanto interessaram ao Mestre, levam-nos à conclusão de que os Espíritos comunicantes não tinham permissão de revelar tudo, mas apenas de indicar vislumbres.

Pelo conjunto das comunicações, podemos hoje concluir que a notícia real a transmitir seria esta: - Vários enviados (messias) desceram à Terra, procuraram dois iniciados encarnados, em França, e lhes retransmitiram o Evangelho de Jesus Cristo, restabelecendo-o, explicando-o, para duas obras que se completam, porém, cada uma destinada a um público, conforme prometido para a época da vinda do Consolador. De tudo isso concluímos, com os Espíritos, que Kardec, o grande Missionário, ao descer à Terra, veio acompanhado de vários missionários auxiliares: Roustaing, para o trabalho da fé; Léon Denis, para o desdobramento filosófico; Delanne, para a estrada científica, e Flammarion, que nos desenharia as maravilhas das paisagens celestes.

As três Revelações – Velho Testamento, Novo Testamento, Espiritismo, - formam um todo inseparável, um conjunto único em sua essência e não se pode atacar uma parte sem abalar todo o edifício. Quando um judeu nega o Cristianismo, um católico nega o Espiritismo, ou um espírita nega uma das duas Revelações anteriores, não percebe que está minando sua própria fortaleza: a eternidade e universalidade das manifestações espirituais. Se não fosse confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus pelo Espiritismo, as duas Revelações anteriores teriam que cair e o Espiritismo não subsistiria, porque tais aparições formam a base das três Revelações. Felizmente; está sobejamente confirmada a natureza excepcional do corpo de Jesus, em numerosas comunicações, e com isso consolidada a obra de Kardec, e confirmados o Cristianismo e o Judaísmo.

Continuemos tranquilamente nossa tarefa.

Hoje, ao recordarmos o 142.º aniversário natalício do grande Missionário (1946) e quando o livro de Roustaing completa 80 anos, sentimos imensa ventura em proclamar nossa forte convicção de que os dois Enviados cumpriram fielmente suas missões, sem que exista ponto algum que os afaste. Praza a Deus possamos também nós, os trabalhadores deste Século vinte, cumprir nossas pequeninas tarefas. Que Deus nos abençoe a todos, dando-nos a graça de compreender os Seus Missionários, unindo-os definitivamente entre os homens, que, em sua estreita visão, tanta vez se servem das coisas mais sublimes como bandeira de separação e lutas. Graças a Deus, nada mais existe para que as obras dos dois Mestres não nos guiem a todos rumo ao futuro. Todas as incompreensões devem cessar.

Rio, 3 de Outubro de 1946.

(1) V. “Diário dos Invisíveis”, págs. 241/63.

(2) V. “Funerais da Santa Sé”, págs. 95/9.

(3) “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, pág. 128.

* * *

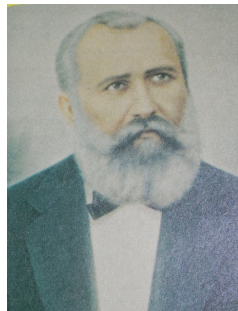
BIOGRAFIA DE ROUSTAING

Blog do Aron, um espírita, sexta-feira, 17 de junho de 2011

Bezerra de Menezes

Ninguém melhor que o Apóstolo do nos falar de J.-B. Roustaing. Para tal, publicado pela Gazeta de Notícias, em 22 de Lima): “Allan Kardec, Espírito preposto por ensinamentos confiados, pelo mesmo Jesus, ao de Altíssimos Espíritos, só apanhou o que compatível com a compreensão atual do

Mas, o homem não cessa de principais fundamentos da Revelação Espírita, Kardec, tendem constantemente a se alargar veio alargar os princípios fundamentais do esta veio alargar os da Revelação mosaica.



Espiritismo no Brasil - Bezerra de Menezes - para transcrevermos escrito de Bezerra, como Abril de 1897. (em “Vida de Jesus” de Antônio Jesus para reunir em um corpo de doutrina Espírito de Verdade, constituído por uma legião estes deram, e estes só deram o que era homem terreno.

desenvolver a sua faculdade compreensiva, e os compreendidos nas obras fundamentais de Allan em extensão e compreensão, como ele mesmo ensino, ou seja, a Revelação messiânica, tal como

A Allan Kardec sobrevivem outros missionários da verdade eterna que, sem destruir a obra feita, porque esta é firmada na lei e a lei é imutável, darão mais luz para mais largo conhecimento das faces mais obscuras daquela verdade.

Eis aí que já apareceu Roustaing, o mais moderno missionário da lei, que em muitos pontos vai além de Allan Kardec, porque é inspirado como este, mas teve por missão dizer o que este não o podia, em razão do atraso da humanidade.

Não divergem no que é essencial, mas sim nos modos de compreender a verdade, porque esta, sendo absoluta, nos aparece sob mil fases relativas ao nosso grau de adiantamento intelectual e moral, que um não pode dispensar o outro, como as asas de um pássaro não se podem dispensar, para o fim de ele se elevar às alturas.

Roustaing confirma o que ensina Allan Kardec, porém adianta mais que este, pela razão que já foi exposta acima.

É, pois, um livro precioso e sagrado o de Roustaing; mas o autor, não possuindo, como homem, a vantagem que faz sobressair o trabalho de Kardec, na clareza e concisão, torna-o bem pouco acessível às inteligências de certo grau para baixo.

Seria obra de mérito valor dar à sua exposição de princípios relevantíssimos a concisão e a clareza que sobram no mestre e que lhe faltam sensivelmente.”

Lida a palavra de Bezerra, fomos à fonte - A Revue Spirite de Junho de 1866 - de onde retiramos alguns trechos escritos por Kardec, para melhor entender a posição do próprio Codificador:

“Até nova ordem não daremos às suas teorias nem aprovação nem desaprovação, deixando ao tempo o trabalho de as sancionar ou as contraditar. Convém pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas e que, em todo o caso, necessitam da sanção do controle universal, e, até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas como partes integrantes da doutrina espírita...”

“...o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios do livro dos Espíritos e do dos Médiuns.”

“Sem a prejulgar (a obra de Roustaing), dizemos que já foram feitas objeções sérias a essa teoria e que, em nossa opinião, os fatos podem perfeitamente ser explicados sem sair das condições de humanidade corporal.”

Divaldo Franco assim se expressou sobre Roustaing, em 6.10.1969, em palestra proferida no G E Fabiano, RJ:

“Durante muitos anos eu não entendia. Eu fui a Roustaing, que é a minha fonte inexaurível de estudo evangélico! Há quase 20 anos que eu leio João Batista Roustaing, meditando na sua palavrazinha, nas belas informações da Sra. Collignon, providas da Espiritualidade. Mas é de uma interpretação maravilhosa”. Também consta do Reformador de Jan 1970.

Cabe perguntar agora sobre o que escreveu Roustaing para gerar tanta surpresa aos espíritos menos compreensivos. Para tanto, reproduzimos trechos do prefácio de Adeptos de Roustaing”, por Luciano de Anjos, prefácio assinado por Gilberto Perez Cardoso:

“Para os que ‘ignoram’ a obra, é interessante que se chame a atenção para aspectos que julgamos marcantes no trabalho de Roustaing:

1º - A interpretação, lógica e concordância com a revelação espírita, dos evangelhos segundo Mateus, Lucas, Marcos e João. Os extraordinários fenômenos que cercaram o nascimento, vida e morte de Jesus são esclarecidos com base em leis magnéticas, de atração e repulsão de fluidos ou energias e destacando a intervenção mediúnica que é notável em diversos trechos.

2º - A famosa questão da ‘queda espiritual’. Em “Os Quatro Evangelhos” encontramos o motivo da encarnação e das dores e sofrimentos experimentados pelas criaturas encarnadas... Sem a ‘teoria da queda’ fica-se a duvidar da Bondade e Justiça Divinas que obrigariam a um ser, sem culpa, iniciar uma evolução a partir de dificuldades e sofrimentos não merecidos...

3º - O problema do chamado corpo ‘fluidico’ de Jesus... O termo fluidico adjetivando o corpo do Cristo, empregado pelos Espíritos e citado por Roustaing em toda a Obra, significa que o mesmo foi formado por aglutinação de fluidos retirados da Natureza.”

São adeptos de Roustaing, dentre muitos outros: Bezerra, Augusto Elias da Silva, Ewerton Quadros, Bittencourt Sampaio, Joaquim Travassos, Fred Figner, Manuel Quintão, Vinícius, Pedro Richard, Frederico Jr., Guillon Ribeiro, Yvonne Pereira, Antônio Wantuil, etc.

“Jean-Baptiste Roustaing, filho de François Roustaing (vendedor) e Marguerite Robert, nasceu em Bordeaux, Gironde, em 1806, numa casa humilde da Ponte de São João nº.1. De 1823 a 1826, residiu em Toulouse, onde lecionou Literatura, Ciência e Filosofia. Com os proventos das aulas, custeou seus estudos de Direito. Estagiou em Paris, de 1826 a 1829, ingressando na advocacia provavelmente no ano seguinte. Fixou-se, mais tarde, em sua terra natal, integrando o Conselho da Ordem dos Advogados, de 13.8.1847 a 2.8.1855. Nesse período, a partir de 11.8.1848, exerceu o cargo de bastonário (presidente), durante o ano judiciário 48/49. Tinha então 42 anos. E, a partir de 10.8.1852, o cargo de secretário do Conselho para o ano judiciário 52/53. Adoeceu gravemente em 1858, restabelecendo-se apenas em 1861, quando voltou a advogar. Em dezembro deste ano, conheceu a médium mecânica Emilie Collignon, que lhe transmitiu mensagem dos evangelistas e de Moisés sobre a sua missão. Tem início a recepção de “Os quatro Evangelhos”, terminada em maio de 1865. No ano seguinte a obra é lançada e aplaudida por Allan Kardec. J.-B. era viúvo de Elizabeth Roustaing, conhecida por Jenny. Tinha um irmão mais velho chamado Joseph e um sobrinho do mesmo nome. Desencarnou às 10 horas do dia 2 de janeiro de 1879, na Rue Saint-Simont nº17, com 73 anos, prometendo: “Voltarei.”

Impossível falar de Roustaing sem uma referência muito elogiosa à médium que o acompanhou em seus trabalhos. Assim, a mesma fonte - Luciano dos Anjos - nos escreve sobre a Sra. Collignon:

“Nascida Emilie Bréard, passou a chamar-se Emilie Collignon após seu casamento com o capitalista Ch. (provavelmente Charles) Collignon. O casal já era espírita, pelo menos a partir de Janeiro de 1862, quando freqüentava a residência do Sr. Sabô, na Rue Barennes n. 13, em Bordeaux, onde se realizavam as sessões pioneiras de Espiritismo,

naquela cidade. O Sr. Sabô era conhecido de Allan Kardec, a quem recomendou que Roustaing procurasse, quando este iniciou seus estudos espíritas. A mãe de Emilie era, porém, muito católica. A partir daquele ano de 1862, Allan Kardec iniciou a divulgação de uma série de mensagens recebidas por Emilie Collignon, nas páginas da “Revue Spirite”, endossando-lhes o conteúdo doutrinário. E escreveu grandes elogios, em suas páginas, a pelo menos cinco brochuras editadas pela médium. Emilie Collignon desenvolveu expressiva atividade no campo da filantropia, tendo conhecido o advogado J.-B. Roustaing em sua residência, no mês de dezembro de 1861, quando este foi apreciar ali um quadro recebido mediunicamente. Ela era médium mecânica, ignorando muitas vezes o teor do que recebia da espiritualidade. Em maio de 1865, terminou a psicografia de “Os 4 Evangelhos”, lançados no ano seguinte. Foi a mãe de um dos mais simpáticos prefeitos de Paris. Desencarnou no dia 25.12.1902, em Quimper, sede do Departamento de Finister, na região da Bretanha, França

Apresentaremos a seguir, elaborado por Indalício Mendes, excelente artigo sobre

BEZERRA DE MENEZES E OS QUATRO EVANGELHOS

Blog Aron, um espírita – Quinta-feira, 16 de Abril de 2015,

“No Brasil nenhum outro espírito ainda se destacou mais da que Bezerra de Menezes, o consolidador da Federação Espírita Brasileira e o orientador e chefe do cristianismo espírita entre nós” – escreveu o erudito confrade Canuto de Abreu.

Dessa forma, reafirmou com clareza e ênfase a autoridade moral e espiritual daquele que, muita justamente, é chamado o “Kardec brasileiro”. Essa autoridade positiva e sem sombras, o Doutor Adolfo Bezerra de Menezes a construiu à força de demonstrações cotidianas da pureza de seu caráter, da bondade de seu coração, da espontaneidade de sua caridade, enfim, da legitimidade, que nem os mais renitentes de seus desafeiçoados gratuitos ousaram subestimar ou contestar, da sua perfeita integração com os princípios evangélicos do Cristo Jesus, que o Espiritismo cristão veio restabelecer no mundo.

Conseqüentemente, Bezerra de Menezes, como homem, era inatacável, pelas peregrinas virtudes que exornavam o seu caráter adamantino. Como Espírito, ninguém desconhece a sua extraordinária atividade caritativa, por este Brasil imenso, no exercício do bem, vivendo o Evangelho no trabalho puramente cristão, com a mesma dedicação de quando ainda se encontrava encarnado, porém, com uma amplitude desmedida, graças aos recursos favorecidos por sua condição na Espiritualidade.

Em suma, Bezerra de Menezes, antes de ser, como Espírito desencarnado, o grande servidor de Deus, socorrendo a humanidade pela via mediúmica, havia sido, na Terra, como ser humano, um magnífico exemplo de espírita cristão, cheio de qualidades, transbordando humildade e renúncia, caridade e disposição de servir, sem olhar sacrifícios. Pedro Richard, outro espírita evangélico que deu de si o máximo na seara da Terceira Revelação, deixou este depoimento consagratório, excelentemente sintetizado: “Difícil era saber-se o que mais se devia admirar naquele meigo espírito, se as virtudes, se o talento.” Bezerra, um “espírita de nascença”, conquistara o respeito geral, inclusive como o “Médico dos Pobres”. Dos Anais do Conselho Municipal do antigo Distrito Federal, consta a Ata da 23ª. sessão ordinária, realizada em 16 de abril de 1900, que reproduz o discurso proferido pelo então Conselheiro Honório Gurgel, a propósito da desencarnação do eminente e altamente evangelizado Doutor Adolfo Bezerra de Menezes, discurso do qual extraímos o seguinte trecho... “a prova da pureza de sua alma deu-a o ilustre morto quando, abandonando a vida pública, foi viver para os pobres, repartindo com os necessitados as migalhas que possuía: Vi-o sempre correr pressuroso ao tugúrio dos pobres, onde houvesse um mal a combater, levando ao aflito o conforto da sua palavra de bondade, o recurso da sua ciência de médico e o auxílio da sua bolsa minguada e generosa”.

Por onde passara, um rastro luminoso do seu grande coração permanecia indelével, inapagável. Até no ambiente político, onde as vicissitudes não a pouparam, sobraram testemunhas, como a acima citada, do seu enorme valor moral, da sua cultura vasta, da sua inteligência brilhante e do seu amor à verdade, virtudes que ornaram de invulgar encanto a sua personalidade extraordinária.

Silvio Brito Soares, em “Vida e Obra de Bezerra de Menezes”, transcreve trechos do “Esboço do Espiritismo no Brasil” do qual, com a devida vênia, nos permitimos reproduzir algumas linhas a respeito do “Kardec brasileiro”: “Bezerra de Menezes era, além disso, como todo trabalhador do pensamento, médium inspirado, contando, para maior brilho de sua oratória, com uma assistência espiritual de primeira ordem, daí – como muito bem acentuou outro grande e inolvidável Presidente da Federação Espírita Brasileira, Leopoldo Cirne – resultando que “a sua eloquência nas assuntos doutrinários empolgava e convencia”. E o autor da obra supramencionada recorda estas outras palavras de Cirne: “Era um missionário – e não há exagero na qualificação – talhado para, ao mesmo tempo que salvava da ruína material, que não afetava o seu programa doutrinário, absolutamente respeitável, a Federação Espírita Brasileira, encaminhá-la, todavia, no rumo, a nosso ver, mais adequado à finalidade suprema da Nova Revelação, isto é: implantar na sociedade central, que seria a eixo de coordenação das associações nacionais, o culto dos ensinamentos evangélicos”.

A colônia portuguesa, tocada pela grandeza de tão grande homem, prestou-lhe significativa homenagem, num cartão de prata, com as seguintes palavras: “Tributo do maior respeito e consideração que, em homenagem ao grande talento e honrado caráter do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes) consagram os súditos portugueses, residentes nesta Corte. –

Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1879.” Esse cartão de prata foi colocado na moldura de um retrato de Bezerra, a óleo, em tamanho natural, que, frisa Sílvio Brito Soares, “deve continuar a fazer parte da coleção pictórica da hoje Assembléia do Estado da Guanabara”, pois, aduz, “figurava na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, situada na Praça Floriano”.

Do mesmo modo, Canuto de Abreu, em suas notas biográficas sobre Bezerra de Menezes, realça o saliente papel por ele desempenhado no ingente trabalho de divulgação da Doutrina Espírita, escrevendo em “O Paiz”, sob o pseudônimo de Max: “Os artigos de Max, pseudônimo de Bezerra de Menezes, marcaram a época de ouro da propaganda no Brasil. De novembro de 1886 a dezembro de 1893, fim do quarto período, escreveu ininterruptamente, ardentemente. A nosso ver, e desafiando contestação, nunca esses artigos foram superados por outros, antes ou depois. Chamamos para eles a atenção não só dos velhos, como principalmente dos novos, que usam da palavra e da pena em prol do Espiritismo.

Não possuímos em língua brasileira maior repertório doutrinário do Kardecismo. Ninguém falou com maior eloquência, maior sinceridade, maior lógica. Seus formosos pensamentos deviam ser repetidos e propalados amiúde, pois somente relendo e divulgando Max poderão os seus discípulos compreender quanto de errado, quanto de confuso e quanto de ignorância se tem propalado depois dele em nome da mesma doutrina que ele elevou às culminâncias. A leitura de Max devia ser obrigatória, como a leitura de Kardec, para todos que entram.”

Parece-nos estar fixada a altitude moral e intelectual de Bezerra de Menezes, nas linhas acima.

Entristece-nos, pois, mais do que nos espanta, a afirmativa leviana de alguns poucos correligionários contrários à obra mediúnica “Os Quatro Evangelhos”, recebida pela médium sonambúlica Emília Collignon, senhora de respeitáveis virtudes, e, por determinação dos Espíritos superiores que a ditaram, entregue ao Doutor Jean-Baptiste Roustaing, homem de ilibada moral, espírita convicto, figura de enorme prestígio no mundo jurídico francês de sua época, para coordená-la e divulgá-la, para esclarecimento da humanidade, no que concerne ao Evangelho de Jesus e à doutrina codificada pelo querido mestre Allan Kardec; entristece-nos, sim, mais do que nos espanta, a ousada e leviana afirmativa de ser a monumental obra proveniente de Espíritos misticadores.

Acabrunha-nos, ainda que já não mais nos surpreenda, a contradita fundada na repetição de argumentos cediços, sem base lógica, tantas vezes destruídos, ponto por ponto, sem a necessidade de evitar ou ultrapassar o âmbito dos ensinamentos do Espiritismo, pois confrades do gabarito de Leopoldo Cirne, Manoel Quintão, Guillon Ribeiro, Ismael Gomes Braga, que não podem honestamente sofrer quaisquer restrições, quer de ordem moral, intelectual e doutrinária, demonstraram, comprovaram a inanidade – pois não queremos ir além desta expressão – dos raciocínios empregados reiteradamente, denunciando lamentável intolerância incompatível com os princípios da própria Doutrina, ou uma hostilidade de caráter obsessivo digna, sem dúvida, da misericórdia divina.

É claro que não se pode exigir de ninguém a sobriedade e a elegância que teve Kardec ao apreciar tão admirável trabalho mediúnico, opondo suas restrições pessoais sobre alguns pontos. Que “em nada diminuem a importância da obra” (sic), mas de certo modo recomendando-a, ao dizer que “será consultada com proveito pelos espíritas conscienciosos”. Todavia, cada qual tem o direito de pensar como queira, pois “o Espiritismo proclama a liberdade de consciência como direito natural; reclama-a para si e para todo o mundo, respeita a convicção sincera e pede reciprocidade” (“Obras Póstumas”).

Estávamos, na parte anterior deste artigo, ocupados em lembrar a figura inconfundível do Doutor Adolfo Bezerra de Menezes, ainda hoje reverenciada por milhões de espíritas, dentro e fora do Brasil, que se curvam humildemente ante seus atributos de benfeitor da humanidade, quando encarnado e até hoje, na Espiritualidade, a cumprir a benemérita missão de verdadeiro discípulo de Jesus, mitigando dores e aflições com a sua falange de bondosos colaboradores. Pois bem. Foi Bezerra de Menezes que, “após catorze anos de estudos, então presidente da Federação, resolveu publicar a tradução da obra de Roustaing, iniciando a publicação em “Reformador” de 15 de janeiro de 1898, ou seja – nos fins do século XIX”, “livro que só muito mais tarde foi publicado, diante do elevado custo por que ficaria a impressão”.

Todavia, antes mesmo que fosse fundada a Federação, já eram “Os Quatro Evangelhos” estudados por diversos confrades, juntamente com as obras da Codificação, como continua sendo metodicamente feito na Federação Espírita Brasileira, seguindo orientação das mensagens mediúnicas que assim recomendavam: “Reunidos em nome de Ismael, não tendes outros deveres senão estudar os Evangelhos à luz da Santa Doutrina” (Allan Kardec). “A missão dos Espíritos, no Brasil, é divulgar o Evangelho em espírito e verdade” (Ismael). “A cada povo a sua tarefa. A vossa, a maior, é o Evangelho: tendes de educar os corações” (Urias).

É crível que um Espírito da elevação de Bezerra de Menezes, encarnado para uma missão sublime, cometesse o erro tremendo de ofender o nome de Jesus, aceitando uma obra, a que se ligou o nome de Roustaing, ditada por Espíritos misticadores? É crível que, depois de regressar ao Mundo Invisível, insistisse no ultraje de apoiar uma doutrina sacrílega, com o beneplácito do Anjo Ismael e de outras personalidades espirituais que estão infinitamente acima daqueles que, na Terra, ainda se debatem nas próprias limitações?

Também o nobre Espírito Bittencourt Sampaio, que foi homem de elevado caráter na Terra, espírita militante e acatado, referiu-se a “Os Quatro Evangelhos”, através da mediunidade sonambúlica do famoso médium Frederico Júnior, desta maneira clara, inofismável, positiva:

...”a “Revelação da Revelação”, que os Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas, João, assistidos pelos Apóstolos, transmitiram pela lúcida médium Sra. Collignon, em 1861, a João Batista Roustaing, REVELAÇÃO CONFIRMADA pelos nossos Protetores e Guias, SEM DISCREPÂNCIA DE UMA VÍRGULA, e que, portanto, MERECE TODA FÉ, COMO VERDADE INCONTESTÁVEL”, etc. (grifos e destaques em versal, nossos).

Bezerra de Menezes sempre nutriu profundo respeito por Allan Kardec, como homem e como missionário do Espiritismo, o que, entretanto, sem faltar à consideração devida ao ilustre Codificador, não o impediu de por os pontos nos ii, em atenção à verdade, de que sempre se fez servo: “Allan Kardec, Espírito preposto por Jesus para reunir em um corpo de doutrina ensinamentos confiados, pelo mesmo Jesus, ao Espírito de Verdade, constituído por uma legião de Altíssimos Espíritos, só apanhou o que estes deram – e estes só deram o que era compatível com a compreensão atual do homem terreal.” E: “Eis aí que já apareceu Roustaing, o mais moderno missionário da lei, que em muitos pontos vai além de Allan Kardec, porque é inspirado como este, mas teve por missão dizer o que este não podia, em razão do atraso da Humanidade. Não divergem no que é essencial, mas sim no modo de compreender a verdade, porque esta, sendo absoluta, nos aparece sob mil fases relativas ao nosso grau de adiantamento intelectual e moral, que um não pode dispensar o outro, como as asas de um pássaro não se podem dispensar, para o fim de ele se elevar às alturas.”

Para reforçar seu pensamento prodigiosamente forte, Bezerra de Menezes juntou: “Roustaing confirma o que ensina Allan Kardec, porém adianta mais que este, pela razão que já foi exposta acima.” E frisa de modo definitivo: “É, pois, um livro precioso e sagrado o de Roustaing; mas o autor, não possuindo, como homem, a vantagem que faz sobressair o trabalho de Allan Kardec, de clareza e concisão, torna-o bem pouco acessível às inteligências de certo grau para baixo”. (Essas considerações, Bezerra as fez ao salientar o valor do livro *Elucidações Evangélicas*, de A. L. Sayão).

Poderíamos acrescentar maiores elementos comprobativos. Este artigo, no entanto, se alongou em demasia. Queremos apenas dizer que, considerar mistificadores os espíritos que ditaram “Os Quatro Evangelhos”, é escarnecer da sabedoria de Deus e tripudiar sobre a tarefa bela e profunda de que o meigo Nazareno foi incumbido, assim como da eficiência com que Espíritos portadores de grande humildade desempenharam, sujeitos à contingências humanas, cada qual em seu setor, dentro de suas respectivas posições, o papel que lhes reservara o Cristo.

Acoimar de mistificadores os Espíritos que deram à humanidade obra de tão excepcional valor é desconhecer os princípios morais que ela contém, é menoscar o discernimento daqueles que a adotaram como obra verdadeiramente subsidiária, além de denotar ausência de respeito à gigantesca empreitada de esclarecimento e de ensino ao mundo terreno, executada sob a direção da Espiritualidade mais alta.

Muita, muitíssima razão teve o valoroso Espírito Bittencourt Sampaio ao dizer, com o caráter de providencial advertência: “LER, ESTUDAR, COMPREENDER E PRATICAR: EIS O GRANDE PROBLEMA”.

* * *

A HIPOCRISIA É O CÂNCER DAS RELIGIÕES. ELE AS CORRÓI ATÉ DESTRUÍ-LAS

O que se torna evidente na campanha tenaz que – **contrariando ou fazendo vista grossa às recomendações de Kardec e Bezerra de Menezes** – alguns adeptos do Espiritismo fazem, condenando e desestimulando o estudo da obra *Os Quatro Evangelhos* de Roustaing é desobrigar-se de submeter-se às lições de Jesus, na suposição de que é suficiente conhecer a parte científica e filosófica da Doutrina dos Espíritos; pois é-lhes cômodo manterem-se na superficialidade, descomprometidos de um contato maior com Deus e com os confrades menos desenvolvidos intelectualmente, embora na maior das vezes mais compenetrados quanto ao dever de dar-Lhe a submissão, o louvor e a gratidão. Agem em franca contradição com o que propôs o Advogado do Espírito da Verdade que depois de ler a obra, nada nela encontrou em desacordo com a doutrina recentemente por ele elaborada sob a inspiração e vigilância do Espírito Verdade. **Será que os críticos de Roustaing conhecem melhor que Kardec o conteúdo de sua obra e estão mais lucidamente orientados que Bezerra de Menezes, que antes de dar o passo decisivo no comando do movimento espírita consultou o Espírito Erasto, como vimos nas p. 80 a 82, acima. O que infelizmente não percebem os antagonistas da Revelação da Revelação é que se tornam assim, agentes do Mal, fatores de desunião e atraso dentro do Movimento Espírita.**

* * *

Sobre este grave, crucial problema da prática do Espiritismo, data venia, transcrevemos um pequeno trecho do artigo de Leonardo Marmo Moreira publicado pelo site JEE, *Jornal de Estudos Espíritas*, corroborando o que acima foi dito: “De fato, em *Revisão do Cristianismo*, Herculano esclarece que Allan Kardec e o Espiritismo contribuem na revisão do Cristianismo para que o mesmo seja expurgado de diversos aspectos da religiosidade espiritualmente infantil, que ainda é marcante em nossa sociedade. Tais aspectos incluiriam fatores como o mito, o místico (no sentido pejorativo da palavra), o supersticioso, o mágico, o maravilhoso e o milagre, os quais sendo eliminados de nosso pensamento religioso, ou pelo menos significativamente atenuados, viabilizariam efetivamente a conquista de uma fé que seja, finalmente, raciocinada de fato, e, portanto, de caráter não somente religioso, mas também filosófico-científico. Nessa mesma linha de raciocínio, em *Agonia das Religiões*, Herculano Pires explica de forma bem objetiva a sua opinião sobre o chamado “problema religioso”: “O ponto crucial do problema religioso chama-se hipocrisia. E a hipocrisia resulta das atitudes egoístas, da falta de compreensão do verdadeiro sentido da Religião, que é o caminho e não o ponto de chegada da espiritualização do homem. Os religiosos que pretendem atingir a santidade do dia para a noite, que se revestem de pureza exterior, encobrindo a podridão interior, são os hipócritas condenados veementemente no Evangelho. A solução desse grave problema, que responde pela morte cíclica das civilizações, está na compreensão da verdadeira natureza do homem, do processo natural do seu desenvolvimento espiritual. Os artificios purificadores só servem para mascarar os indivíduos pretensiosos. As práticas ascéticas não podem ser forçadas. As paixões e os instintos do homem são manifestações de

forças vitais que, sob o controle da razão e do sentimento, podem e devem guiar o espírito nos rumos da transcendência” (Herculano Pires) (PIRES, 2000)

(1) Acessível na Internet -Site JEE, Jornal de Estudos Espíritas

http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MOREIRA_Leonardo_Marmo_tit_Herculano_Pires_A_visao_doutrinaria_e_a_acao_no_Movimento_Espirita

* * *

BEZERRA DE MENEZES E A OBRA DE ROUSTAING - Autor: Almir Gomes De Souza

200 ANOS DE J.B.ROUSTAING

Palestra realizada na Casa De Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes em 12/10/2005

Meus irmãos!

Coube-me a honra de, por deferência de nossos irmãos Azamôr Filho e Júlio Damasceno, prestar minha modesta contribuição nas comemorações pelos 200 anos de nascimento de J.B.Roustaing, promovidas pela nossa Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes.

Ao convidar-me o Júlio pediu-me para escolher o tema. Inicialmente relutei em aceitar mas diante da quase “intimação”, concordei, e então me pus a meditar. Que tema abordar? Veio-me então a inspiração para falar sobre a posição de nosso patrono Bezerra de Menezes com relação à obra de Roustaing. Assim, parti para a pesquisa e logo percebi que precisava de ajuda, pois não tinha em mente onde encontrar material para a pesquisa. De saída fui levado a procurar o nosso jornal “O Cristão Espírita”, por acaso, no armário do CEIM. Lá encontrei, no jornal de outubro de 1965, no 3º número publicado, referências sobre o tema extraídas do Reformador de 1947.

Outro problema: onde encontrar aquele Reformador? Fui à FEB e deparei-me com a Biblioteca fechada, em obras. Desci para a livraria e com quem me deparo? Com o Júlio, que fora comprar novos exemplares de Os Quatro Evangelhos.

Falo-lhe da minha aflição e lembro de pedir-lhe o telefone do Damas, pois ele saberia me informar sobre as fontes. É o que faço e o mesmo me aconselha a não pesquisar no Reformador e me dá o caminho das pedras: seus livros já publicados. Ao procurar o material na minha casa, verifiquei que tinha quase todos os livros: História de Roustaing, Jesus não é Deus, Ponte Evangélica, A Bandeira do Espiritismo – e encontrei um livro que D. Armanda, nossa saudosa companheira, me dera e que eu não vira na estante, do Luciano dos Anjos – Os Adeptos de Roustaing, editado em 1993, que trás um inventário bastante completo sobre as ações e o pensamento do Dr. Bezerra sobre esta obra. Além destas, fui buscar subsídios na obra Uma Carta de Bezerra de Menezes, sobre as conceituações filosóficas de nosso patrono e também na obra rara Estudos Filosóficos, que contém, em 3 volumes, parte substancial dos artigos publicados pelo Dr. Bezerra no jornal “O País”, no fim do século XIX.

Muito bem, vamos ao que compilei para trazer aos irmãos nesta noite.

Primeiro vamos ver a atuação do Dr. Bezerra na divulgação da Obra de Roustaing.

Todos conhecemos a biografia de nosso patrono. Sabemos que ele recebeu do anjo Ismael a missão de consolidar a Doutrina Espírita no solo brasileiro e promover a união dos espíritas em torno da Bandeira do Evangelho do Cristo na terra do Cruzeiro, espírito elevado que já era, denominado Longinus por Ismael, como registrado na obra de Humberto de Campos “Brasil, Oração do Mundo, Pátria do Evangelho”.

Ele leu pela 1ª. vez O Livro dos Espíritos em 1875. Em 1886 fez sua profissão de fé espírita no salão da Guarda Velha diante de mais de 1500 pessoas (2.000, segundo alguns autores), dirigiu a FEB em 1889, foi vice-presidente entre 1890 e 1892 e novamente presidente entre 1895 e 1900, desencarnando em 11 de abril daquele ano.

Atuando nos diferentes grupos espíritas que se formaram e se fundiram naquele período tumultuado da consolidação da FEB, fundada em janeiro de 1884, o Dr. Bezerra foi um combatente ardoroso dos ideais espíritas e seu divulgador para o grande público, através da imprensa, nos artigos dos jornais “O País” e “Jornal do Brasil”.

A obra “Os Quatro Evangelhos” psicografada por Mme. Collignon, organizada e publicada por J.B.Roustaing em 1866, teve sua primeira tradução e impressão na língua portuguesa efetuada pelo Marechal Ewerton Quadros, posteriormente primeiro presidente da FEB, em 1883.

Bezerra afirma tê-la estudado por 14 anos e então, como Presidente da FEB, inicia sua publicação no Reformador, Órgão Oficial da FEB, em 15 de janeiro de 1898. Esta informação está registrada no Reformador de fevereiro de 1947, pág 43.

Ao assumir a presidência da FEB em 1889, Bezerra incorpora o “Grupo Ismael” à Casa Mater do Espiritismo no Brasil. Ele fazia parte deste Grupo, que estudava a obra de Roustaing na companhia de vultos eminentes do movimento espírita da época, como Antônio Luiz Sayão, Bittencourt Sampaio, Frederico Junior, Augusto Elias da Silva, entre outros.

Ao assumir a Presidência da FEB pela segunda vez, em 1895, por solicitação expressa de Santo Agostinho, seu Guia espiritual, com plenos poderes para organizar o núcleo da doutrina espírita no Brasil, o Dr. Bezerra inclui, imediatamente, os “Quatro Evangelhos” nos estatutos da Casa de Ismael, formalizando o que já se praticava.

Uma nota: Em 1902, Leopoldo Cirne, pressionado pelos “científicos” tira “Os Quatro Evangelhos” do estatuto da FEB, embora seu estudo tenha continuado normalmente, sendo o mesmo reincorporado definitivamente aos estatutos em 1917, sob a orientação do então Presidente Aristides Spinola.

No dia 18 de Fevereiro de 1891 o Dr. Bezerra fundou o Grupo Espírita Regeneração, com o objetivo da “prática da caridade cristã e a propagação da Doutrina Espírita, dentro dos moldes da legítima fraternidade e da máxima tolerância...”. Sua idéia inicial era de que este Grupo se corporificasse dentro da FEB, onde fora fundado, para que, mais tarde, se constituísse estatutariamente e marchasse independente.

Desde suas primeiras reuniões à frente da FEB o Dr. Bezerra instituiu o estudo baseado “nos ensinamentos do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, nas instruções da Codificação de Allan Kardec, na Revelação da Revelação, de J.B. Roustaing” (J. Damas Martins, Ponte Evangélica – cap. I, pág 36).

Vejamos agora sua atuação já como espírito:

Em 1952, o Grupo Regeneração publica seu novo estatuto, redigido pelo Dr. Alcides Neves Ribeiro de Castro, no qual consta, na 1ª. página, um Artigo determinando que a casa tem por linha de trabalho doutrinário o binômio Kardec-Roustaing.

Este estatuto foi levado pelo Dr. Alcides ao Chico Xavier que, mediunizado, assinou imediatamente: Adolfo Bezerra de Menezes. Na obra Ponte Evangélica, do Jorge Damas, consta o fac-símile das páginas 1 e 17 deste estatuto, com a assinatura do Dr. Bezerra, cuja análise grafológica por perito judicial confirmou ser autêntica, ou seja igual, à do Dr. Bezerra quando encarnado.

Em 03 de junho de 1961, sob a orientação do Dr. Bezerra teve início a concretização do ideal do nosso patrono de reunir outros de seus antigos adversários nos primórdios do Cristianismo, na Roma do fim do século V, em outra célula de trabalho: nascia a Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes, sob a direção de nosso Irmão Azamôr Serrão.

Em 02 de dezembro de 1963 realizou-se a 1ª. Assembléia Geral Extraordinária, para aprovação do seu primeiro estatuto, elaborado sob a orientação direta do Dr. Bezerra, o qual traz no seu Art. 2º - “A sociedade.... será regida por este estatuto ... tem por fim: item II – estudar a Doutrina codificada por Allan Kardec, a obra publicada por Jean-Baptiste Roustaing intitulada “Espiritismo Cristão ou Revelação da Revelação” e outras subsidiárias e complementares da Revelação, de modo a tornar compreensível, em toda a sua pureza, o Evangelho de Jesus”.

Em 14 de setembro 1974 foi fundado em Goiânia o Grupo Espírita Regeneração, também com o mesmo propósito espiritual, inspirado no estatuto de 1952, do Grupo Regeneração do Rio de Janeiro. Todo o processo de criação deste Grupo foi orientado pela espiritualidade, conforme está registrado na Obra do Jorge Damas “O 13º. Apóstolo”, páginas 194 /195.

Bom, este é um resumo das ações concretas do Dr. Bezerra, como encarnado e já como espírito, visando a divulgação da obra de Roustaing.

Mas o que ele escreveu a respeito de Roustaing e de sua obra, principalmente sobre seu ponto mais polêmico – a questão do Corpo Fluídico de Jesus?

Vejamos primeiro sobre Roustaing:

1 – Mas o homem, como já foi dito, não cessa de desenvolver a sua faculdade compreensiva e, pois, os princípios fundamentais da revelação espírita, compreendidos nas obras fundamentais de Allan Kardec, tendem constantemente a se alargar em extensão e compreensão, como ele mesmo veio alargar os princípios fundamentais do ensino ou revelação messiânica – e como este veio alargar os da revelação mosaica.

A Allan Kardec sobrevivem outros missionários da verdade eterna que, sem destruir a obra feita, porque esta é firmada na lei e a lei é imutável, darão mais luz para mais largo conhecimento das faces mais obscuras daquela verdade.

Eis aí que já apareceu Roustaing, o mais moderno missionário da lei, que em muitos pontos vai além de Allan Kardec, porque é inspirado como este, mas teve por missão dizer o que este não podia, em razão do atraso da Humanidade.

Não divergem no que é essencial, mas sim nos modos de compreender a verdade, porque esta, sendo absoluta, nos aparece sob mil fases relativas – relativas ao nosso grau de adiantamento intelectual e moral, que um não pode dispensar o outro, como as asas de um pássaro não se podem dispensar, para que o fim de ele se elevar às alturas. Roustaing confirma o que ensina Allan Kardec, porém adianta mais que este, pela razão que já foi exposta acima.

É, pois, um livro precioso e sagrado o de Roustaing...” Max (Bezerra de Menezes)”.

Fonte: “Gazeta de Notícias – 22 de abril de 1897 in: Ponte Evangélica – Jorge Damas – 1984, contracapa”.

Bezerra de Menezes, espírito, manifestou-se também sobre a obra em diversas ocasiões, como relaciona Luciano dos Anjos na sua obra “Os Adeptos de Roustaing”, de 1993.

O Prefácio do livro “Corporeidade Carneiforme de Jesus” de Henrique Orsínio, S. Paulo, 1937 págs. III a V. O prefácio, assinado também pelos espíritos Bittencourt Sampaio e Batuira, integralmente em defesa de Roustaing, segundo palavras de Luciano dos Anjos, é de 12 de julho de 1937.

A Mensagem ditada no Grupo Ismael em reunião de 13.8.1941, quando os participantes encerravam mais uma vez o estudo completo da obra de Roustaing – (ver Trabalhos do Grupo Ismael, de Guillon Ribeiro, edição da FEB de 1942, volume II pág 29 e 31 e 232 a 234). *1

Um trecho da mensagem diz: “Aqui estão presentes os velhos companheiros: o José, o João, o Richard, o Bittencourt, os Sayão, a Isabel, o Matos, o Cardoso, o Frederico, o Ulysses, o Fonseca e tantos outros (...). Coube-me, pois, a mim a missão de trazer-vos estas palavras de animação, quando encerrais mais um ciclo do vosso estudo, com aproveitamento

(...). Recebi a expressão dos meus sentimentos para convosco e daqueles que me delegaram o encargo de vos falar neste momento. Lembrai-vos sempre de que todos eles estão convosco, partilhando da vossa obra. Nenhum desertou". Médiun: João Celani, médiun excelente do Grupo Ismael, a partir de 1939 até 1943, quando teve que se afastar, desencarnado em 1957.

(1) - O ciclo de estudo Kardec-Roustaing citado demorou como os anteriores, 10 anos para ser cumprido). J. O.

* * *

Emmanuel e Roustaing

Blog do Aron, um espírita - Quarta-feira, 4 de julho de 2012

Como e quando Emmanuel se manifesta a respeito do tema?

Veja o que ficou registrado no verbete 'Emmanuel' conforme anotações de respeitável jornalista e escritor espírita...

Prefácio psicografado por Francisco Cândido Xavier para o livro "Vida de Jesus baseada no Espiritismo", de Antônio Lima, edição da Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, 1951, págs. 7 a 11:

"Os homens devem saber que o Missionário Divino não viveu a mesma lama de suas existências de inquietações e de amarguras".

Prefácio de "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", de Humberto de Campos, psicografado por Francisco Cândido Xavier, 1ª edição da Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, 1938. Foi esta, aliás, a única obra de Humberto de Campos prefaciada por Emmanuel:

"Os dados que ele fornece nestas páginas foram recolhidos nas tradições do mundo espiritual".

Como se sabe, é no capítulo XXII desse livro que Humberto de Campos esclarece o papel de Roustaing, missionário encarregado de organizar na Terra o trabalho da fé.

"A Caminho da Luz", Introdução e cap. XII ("A Vinda de Jesus"), psicografado por Francisco Cândido Xavier, edição da Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, 1972, págs. 13 a 16, e 105 e 106:

"Só Jesus não passou, na caminhada dolorosa das raças, objetivando a dilaceração de todas as fronteiras para o amplexo universal. Ele é a Luz do Princípio e nas suas mãos misericordiosas repousam os destinos do mundo." "A Vinda de Jesus. - Debalde os escritores materialistas de todos os tempos vulgarizaram o grande acontecimento, ironizando os altos fenômenos mediúnicos que o precederam."

"O Consolador", psicografado por Francisco Cândido Xavier, 6ª edição da Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, 1976, perguntas 243, 277, 283, 285 e 287:

"Todas as entidades espirituais encarnadas no orbe terrestre são Espíritos que se resgatam ou aprendem nas experiências humanas, após as quedas do passado, com exceção de Jesus-Cristo, fundamento de toda a verdade neste mundo, cuja evolução se verificou em linha reta para Deus, e em cujas mãos angélicas repousa o governo espiritual do planeta, desde, os seus primórdios."

"O Eleito, porém, é aquele que se elevou para Deus em linha reta, sem as quedas que nos são comuns, sendo justo afirmar que o orbe terrestre só viu um eleito, que é Jesus-Cristo."

"Antes de tudo, precisamos compreender que Jesus não foi um filósofo e nem poderá ser classificado entre os valores propriamente humanos, tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, na direção das coletividades terrícolas."

"Faz-se necessário entendermos a missão universalista do Evangelho de Jesus, através da palavra de João, para compreender tal afirmativa no tocante à genealogia do Mestre Divino, cujas sagradas raízes repousam no infinito do amor e de sabedoria em Deus."

"A dor material é um fenômeno como o dos fogos de artifício, em face dos legítimos valores espirituais.

"Homens do mundo, que morreram por uma idéia, muitas vezes não chegaram a experimentar a dor física, sentindo apenas a amargura da incompreensão do seu ideal.

"Imaginai, pois, o Cristo, que se sacrificou pela Humanidade inteira, e chegareis a contemplá-Lo naimensidão da sua dor espiritual, augusta e indefinível para a nossa apreciação restrita e singela.

"De modo algum poderíamos fazer um estudo psicológico de Jesus, estabelecendo dados comparativos entre o Senhor e o homem. "Em sua exemplificação divina, faz-se mister considerar, antes de tudo, o seu amor, a sua humildade, a sua renúncia por toda a Humanidade.

"Examinados esses fatores, a dor material teria significação especial para que a obra cristã ficasse consagrada? A dor espiritual, grande demais para ser compreendida, não constitui o ponto essencial da sua perfeita renúncia pelos homens?" E sobre a evolução da essência espiritual através do mineral, do vegetal e do animal, como ensina Roustaing, veja-se a pergunta nº. 79. Sobre a queda do Espírito, leiam-se as perguntas nº. 248 e 249.

Em "Há 2000 Anos", psicografado por Francisco Cândido Xavier, 22ª edição da Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, 1987, págs. 349 e 350:

"A linguagem humana não traduz fielmente as harmoniosas vibrações das melodias do Invisível, mas aquele cântico de glória, ao menos palidamente, deve ser lembrado por nós outros como suave reminiscência do Paraíso:

"- Glória a Ti, Senhor do Universo, Criador de todas as maravilhas! "

Salvo se Emmanuel estivesse reforçando esdrúxulas idéias católicas – o que é inaceitável -, a expressão "reminiscência do Paraíso" só pode ser alusão à fase anterior à queda do Espírito, antes de encarnar pela primeira vez, como ensina Roustaing.

"Caminho, Verdade e Vida", psicografado por Francisco Cândido Xavier, 5ª. edição da Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, 1970, comentário n.º. 8, intitulado "Jesus veio", págs. 26 e 27:

"Para executar sua divina missão de amor, Jesus não contou com a colaboração imediata de Espíritos aperfeiçoados e compreensivos e, sim, "aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens".

"Não podíamos ir ter com o Salvador, em sua posição sublime; todavia, o Mestre veio até nós, apagando temporariamente a sua auréola de luz, de maneira a beneficiar-nos sem traços de sensacionalismo."

Do mesmo livro, leia-se o comentário n.º. 13, intitulado "Que é a carne", a págs. 34 e 35:

"Cada personalidade espiritual tem o seu corpo fluídico".

No comentário n.º. 67, intitulado "Os vivos do Além", a pág. 122, Emmanuel explica a passagem de Lucas, 9:30, sobre a presença de Moisés e Elias, ao lado de Jesus, no alto do Tabor:

"Não se registrou o fato, declarando-se, por exemplo, que se tratava da visita de um anjo, mas de Moisés e do companheiro, dando-se a entender claramente que os "mortos" voltam de sua nova vida."

E mais adiante, no comentário 105, intitulado "Nem todos", a págs. 188 e 189, novamente é abordada a transfiguração de Jesus, com as seguintes palavras:

"Digna de notar-se a atitude do Mestre, convidando apenas Simão e os filhos de Zebedeu para presenciarem a sublime manifestação do monte, quando Moisés e outro emissário divino estariam em contato direto com Jesus, aos olhos dos discípulos."

Ora, por que Emmanuel, nos dois comentários (67 e 105), não citou expressamente Moisés e Elias, conforme está no Evangelho? Exatamente porque, segundo Roustaing, ambos são o mesmo Espírito. Elias, então, foi substituído por outro Espírito, de igual nível evolutivo, quando se deu a transfiguração. Por isso Emmanuel o identifica apenas como "companheiro" e como "outro emissário divino". ("Os 4 Evangelhos", vol. II, 5ª. edição, 1971, págs. 497 e 498.)

Leia-se, finalmente, o comentário n.º. 133, intitulado "Hegemonia de Jesus", a págs. 233 e 234:

"É impossível localizar o Cristo na História, à maneira de qualquer personalidade humana." (Importa assinalar que, na 5ª. edição, esse trecho aparece com erro tipográfico, a ser corrigido, nas próximas edições, conforme me esclareceu o atual presidente da FEB, em resposta a carta que lhe enviei.)

"Roteiro", psicografado por Francisco Cândido Xavier, 3ª edição da Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, 1972, n.º. 23, págs. 99 a 101, título "Na extensão do serviço":

"É curioso notar que o próprio Cristo, em sua imersão nos fluidos terrestres, não cogitou de qualquer problema inoportuno ou inadequado."

Resposta sobre a evolução de Jesus, contida no livro de Fernando Worm, "A Ponte - Diálogos com Chico Xavier", 2ª edição da LAKE, Rua Assunção, 43, Brás, São Paulo, SP, maio de 1992, pág. 42, cap. III ("Vida, Sexo, Amor e Paz"), e que foi reproduzida da obra "Encontros no Tempo", de Hércio Marcos C. Arantes, conforme se lê na pág. 4 da "Revista Espírita Allan Kardec", de fev./abr. 1992, ano IV, n.º. 15, de Goiânia, Goiás:

(...) "Informaram nossos Benfeitores que o Espírito de Jesus Cristo lhes surgiu tão imensamente alto nos valores da Evolução e sublimação que há necessidade de mais tempo para isso".

Apresentaremos a seguir trechos esparsos do livro 'Os adeptos de Roustaing' 1ª Ed. AEEV – 1993, do recém-falecido jornalista e escritor espírita Luciano dos Anjos:

OPINIÃO DE DIVALDO PEREIRA FRANCO – (Trechos Esparsos)

Poderíamos somar outros tantos nomes de enorme expressão no cenário espírita brasileiro mas optaremos por ficar com esses 3 verbetes: 'Chico', 'Emmanuel' e 'Divaldo'. Estaremos bem acompanhados... No entendimento doutrinário, é claro. E Kardec segue conosco, como não poderia deixar de ser...

Palestra proferida em 6.10.1969, no Grupo Espírita Fabiano, no Rio de Janeiro, da qual possui a respectiva gravação:

"Durante muitos anos eu não entendia. Eu fui a Roustaing, que é a minha fonte inexaurível de estudo evangélico! Há quase vinte anos que eu leio o benfeitor João Batista Roustaing, meditando na sua palavrazinha, nas belas informações da Sra. Collignon, providas da Espiritualidade. Mas é de uma interpretação maravilhosa!"

Este magnífico depoimento foi transcrito no "Reformador" de janeiro de 1970, pág. 10 (artigo "Um gosto e 4 vinténs", de Luciano dos Anjos, págs. 9 a 11, extraído do livro "A Posição Zero"), no qual ainda aparece a informação de que o respeitado médium afirmara não ser possível explicar os Evangelhos senão à luz da "Revelação da Revelação" (pág. 9).

Posteriormente, foi divulgado novo depoimento seu, no "Reformador" de maio de 1970, pág. 107 (artigo "Dos alfarrábios", de Luciano dos Anjos, págs. 107 a 109):

"- Somente através de Roustaing se conhece realmente Jesus."

Entrevista sob o título “Divaldo Pereira Franco: o Verbo dos Espíritos”, concedida a Luciano dos Anjos e estampada em “A Notícia”, do Rio de Janeiro, edição de 9.6.1973, 1ª. Página do 3º. caderno:

“- Desde que a Terra foi gerada por Deus, qual a maior figura dentre os nascidos de mulher?

“- João, o Batista, conforme disse Jesus (Mateus: 11-11 e Lucas: 7-28).”

Palestra proferida na Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro, quando do lançamento, em 1973, do livro “Párias em Redenção”, ditado por Víctor Hugo. Nessa palestra, Divaldo Pereira Franco “procurou destacar os deploráveis contrastes entre as presunções científicas da civilização sem Deus e o conteúdo eminentemente religioso dos movimentos de natureza espiritualista, particularmente aqueles que foram buscar seus fundamentos nos postulados evolucionistas da Doutrina Espírita, como a queda do Espírito em sua primeira encarnação humana”. Vide relato completo no “Reformador” de setembro de 1973, págs. 259 e 260.

Palestra proferida em 18.2.1991, no Grupo Espírita Regeneração (Casa dos Benefícios), na Rua São Francisco Xavier nº. 609, no Rio de Janeiro, fundado por Bezerra de Menezes, e que, naquela data, comemorava o seu centenário. Possuo a gravação da palestra em fita magnética e em vídeo cassete:

“A presença psíquica de Nosso Senhor Jesus-Cristo. É que no burgo, no Oriente Médio, estava mergulhado na indumentária física, temporariamente, aquele que é a Luz do Mundo. E eis que se acercando da manjedoura, na noite memorável de Bethlehem, vinha a ser a Luz, como se tornaria de imediato.”

“As mulheres, vendo que Yechuah ben Yosef, que o filho de José, entre aspas, ali estava olhando aquele mundo, e a Canaã estava de joelhos, contemplando a paisagem, as duas estremeceram.”

“Anunciando a chegada de Jesus, o suave Embaixador dos Céus. E quando ele apareceu na Terra, a sua voz, como um canto ... que impregna as almas de beleza, proclamaria, ali ...”

Divaldo Pereira Franco fala em “presença psíquica”, “mergulhado na indumentária física, temporariamente”, “apareceu na Terra”, e, principalmente, “o filho de José, entre aspas”. Ele se reportava, nesse trecho da palestra, a uma narrativa de Humberto de Campos, que logo localizei, inserida no capítulo 2 do livro “Boa Nova”, psicografado por Francisco Cândido Xavier. “Para amplo esclarecimento da posição de Divaldo Pereira Franco, em face de Roustaing, o leitor deverá reportar-se ao capítulo III, “Desfazendo Dúvidas Imaginárias”, subtítulo “Um gosto e quatro vinténs”, do livro “A Posição Zero”“. Fonte: ‘Os adeptos de Roustaing’ – de Luciano dos Anjos – 1ª Ed. AEEV – 1993

* * *

PROGRESSO DA REVELAÇÃO ESPÍRITA - 1 – ANO 1866

O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. Allan Kardec – Revista Espírita, Julho de 1866.

À guisa de introdução à importantíssima e super interessante página de Os Quatro Evangelhos transcrita a seguir sobre a criação do primeiro homem, oferecemos ao amigo leitor um trecho do Capítulo 3º., página 26 do livro “EVANGELHO E CIÊNCIA”, (1ª. edição de 1982, de 3.000 volumes) da Editora Cultural Espírita - Edicel – São Paulo-SP, do Espírito Paulo de Alencar, psicografado pela médium Vilma Americana do Brasil, do qual, pedimos permissão para reproduzir estrita e unicamente virtual o precioso trecho infra, no qual o autor nos revela a razão pela qual Deus individualizou os “princípios inteligentes,” sementes de Vida constituídas pelas faíscas de luz irradiadas do Seu imenso Foco Mental!.

Como o lavrador que, após mirá-la com amor enterra a minúscula semente no solo para que cresça sob os raios do Sol e a bênção da chuva e se transforme numa linda árvore, assim fez Deus no Princípio da Criação!

“Continuando nossa linha de raciocínio, lembraremos que nenhuma das cores é a luz, mas essa as contém a todas, assim nenhuma das leis ou princípios cósmicos é Deus, mas Ele os contém a todos em Si. E nenhum deles atuaria sem a presença constante de Deus para dar-lhe existência e expressão. È compreensível, pois, que onde estejam estes princípios agindo e vimos que integram toda a Criação – aí está Deus presente.

È o princípio da onipresença do Criador no universo. Deus está em tudo, a tudo contém e envolve num imenso amplexo. O mal, como força antagônica não existe. Existe sim, como desequilíbrio passageiro provocado pela atuação desarmoniosa da criatura – gerador de um desequilíbrio maior que nele se apóia como experiência, com vistas ao progresso.

Olhando a luz do Sol, jamais se poderia imaginar as cores que a constituem-se, ao atravessar as gotículas de água em suspensão na atmosfera, ela não se descompusesse nos matizes do arco-íris. Coloquem no lugar da luz visível a Radiação Viva de Deus, os sete planos mentais em que esta se manifesta, como as sete cores do espectro, se interpenetram, porém, guardam, cada um, suas características próprias e dão como resultados o próprio cosmos.

Não fosse o agregado de cores, as quais decrescem da mais alta para a mais baixa vibração, coexistindo sem perderem sua natureza própria, nossos olhos não registrariam a presença da luz.

Do mesmo modo, 27 se não se efetivasse o decréscimo vibratório da Radiação Criadora, *com o conseqüente "afastamento" do princípio espiritual para os planos mais densos*, este permaneceria mergulhado na Essência Primordial, porém, sem individualidade ou sem consciência, incapaz, portanto, de registrar no próprio ser a felicidade e a paz inerentes à presença de Deus.

O Espírito Criador, determinando que o ser participe da Ventura Eterna, "afasta-o" para os planos onde pode individualizar-se, exercitando suas faculdades latentes, já que não poderia exercer um aprendizado onde tudo é completo e perfeito".

* * *

A CRIAÇÃO DO PRIMEIRO HOMEM

(O próprio Jesus mostra ser estranho à genealogia que se lhe atribuiu)

Os Quatro Evangelhos – Tomo 1º - página 287 - 5ª. Ed. 1971 –FEB-Rio A CRIAÇÃO DO PRIMEIRO HOMEM

.....Acabamos de dizer-vos que, só do ponto de vista dos hebreus e de suas tradições, como meio de preparar o desempenho da missão terrena de Jesus, aquela genealogia humana teve a sua razão de ser. Efetivamente, confrontai com as palavras do anjo à Maria, (Lucas 1 v, 32) e com as do cântico de Zacarias as de Jesus (Lucas 1 v. 68-70) o que Jesus disse aos fariseus: "Que pensais do Cristo? – De quem é ele filho? – De David – Responderam – Como é então que, retrucou-lhes Jesus, que inspirados pelo Espírito-Santo nos *Salmos* lhe chama *seu Senhor*, por estas palavras: – O Senhor disse ao meu Senhor: – Senta-te à minha direita até que eu tenha reduzido teus inimigos a te servirem de escabelo. Ora, se David lhe chama seu Senhor, como pode ele ser filho de David?" (Mateus,XXII,v.41-43.Lucas, XX, v. 41-44.

Não é evidente que desse modo Jesus, durante a sua missão terrena, preparou os homens a reconhecerem que aquela genealogia humana lhe era estranha, inaplicável; a receberem mais tarde, no tempo determinado por Deus, a revelação da sua origem e da sua natureza extra-humana?

Roustaing então questiona –

N. 56. Á vista destas palavras: "... a criação do primeiro homem é *uma figura oriunda da necessidade de se apropriarem os ensinamentos à inteligência humana*. Quão poucos são ainda, entre vós, os que se mostram aptos a compreender uma existência que não teve começo e que não terá fim!" destas outras: "*Figuradamente, a genealogia de Jesus, Espírito de pureza perfeita e imaculada, remonta a Adão, como remonta a Deus a criação do corpo formado de limo*" - destas mais: - "percorrei a genealogia *espiritual* de Jesus e remontareis a Deus, criador imediato e único de tudo o que é puro e perfeito" *qual é, em verdade, de acordo com a ciência divina, despojado da letra o espírito, A REALIDADE, quanto à criação do Espírito e do corpo do homem do nosso planeta; A REALIDADE quanto a essa genealogia espiritual de Jesus, "Espírito de pureza perfeita e imaculada"?* (P 287-288-5ª. Ed.1971-FEB-Rio).

A questão que propondes, complexa pelo duplo aspecto sob que a formulais, referindo-se, *de um lado*, ao homem e, *de outro*, a Jesus, exige a solução de um problema de ordem mais geral - o da origem do Espírito, de suas fases e trajetórias, de seus destinos, desde o instante inicial da sua existência, até ao em que chega à perfeição.

Na Criação, tudo, tudo tem uma origem comum, tudo vem infinitamente pequeno para o infinitamente grande, até Deus, ponto de partida e de reunião.

Não esqueçais que tudo provém de Deus e para Deus volta; de Deus *uno*, criador incriado, pai de tudo e de todos; de Deus, grande motor de quanto existe, pilar inabalável sobre o qual repousam as multidões de mundos disseminados no espaço como os átomos no ar.

O fluido universal, que toca de perto a Deus e dele parte, *constitui*, pela sua quinta-essência e *mediante as combinações, modificações e transformações* de que é passível, o instrumento e o meio de que se serve a inteligência suprema para, pela onipotência da sua vontade, operar, no infinito e na eternidade, todas as criações espirituais, materiais e fluídicas destinadas à vida e à harmonia universais, para operar a criação de todos os mundos, de todos os seres em todos os reinos da natureza, de tudo que se move, vive, é.

O apóstolo Paulo sentia a potência criadora do Senhor, quando dizia: "Tudo é dele, tudo é por ele tudo é nele; "ex ipso et per ipsum et in ipso sunt omnia ".11

"É nele que temos a vida, o movimento e o ser: in ipso vivimus et movemur et sumus "12. (Atos,17.28)

O Espírito, na origem da sua formação, como essência espiritual, princípio de inteligência, sai do todo universal. O que chamamos o "todo universal" é o conjunto dos fluidos existentes no espaço. Estes fluidos são a fonte de tudo o que existe, quer no estado espiritual, quer no estado fluídico, quer no estado material.

O Espírito, na sua origem, como essência espiritual, princípio de inteligência, se forma da *quintessência* desses fluidos, elemento tão sutil que nenhuma expressão pode dar dele idéia, sobretudo às vossas inteligências restritas. A vontade do Senhor Deus todo poderoso, única essência de vida no infinito e na eternidade, anima esses fluidos para lhes dar *o ser*, isto é, para *mediante uma combinação sutilíssima*, cuja *essência* só nas irradiações divinas se encontra, fazer deles essências espirituais, princípios primitivos do Espírito em germen e destinados à sua formação.

A vida universal está assim, por toda a natureza, em germens eternos, graças a essa quinta-essência dos fluidos que somente a vontade de Deus anima, conformemente as necessidades da harmonia universal, as necessidades de todos os mundos, de todos os reinos, de todas as criaturas no estado material ou no estado fluídico.

Ao serem formados os mundos primitivos, na sua composição entram todos os princípios, de ordem espiritual, material e fluídica, constitutivos dos diversos reinos que os séculos terão de elaborar.

11 - Epístola aos Romanos, cap. XI, v.36

12 Atos dos Apóstolos, cap. XVII, v. 28

O princípio inteligente se desenvolve ao mesmo tempo que a matéria e com ela progride, passando da inércia a vida. Deus preside ao começo de todas as coisas, acompanha paternalmente as fases de cada progresso e atrai a si tudo o que haja atingido a perfeição.

Essa multidão de princípios latentes aguarda, no estado cataléptico, em o meio e sob a influência dos ambientes destinados a fazê-los desabrochar, que o Soberano Mestre lhes dê destino e os aproprie ao fim a que devam servir, segundo as leis naturais, imutáveis e eternas por ele mesmo estabelecidas.

Tais princípios sofrem passivamente, através das eternidades e sob a vigilância dos Espíritos prepostos, as transformações que os hão de desenvolver, passando sucessivamente pelos reinos mineral, vegetal e animal e pelas formas e espécies intermediárias que se sucedem entre cada dois desses reinos.

Chegam dessa maneira, numa progressão contínua, ao período preparatório do estado de Espírito formado, isto é, ao estado intermédio da encarnação animal e do estado espiritual consciente. Depois, vencido esse período preparatório, chegam ao estado de criaturas possuidoras do livre arbítrio, com inteligência capaz de raciocínio, independentes e responsáveis pelos seus atos. Galgam assim o fastígio da inteligência, da ciência e da grandeza.

Em sua origem, a essência espiritual, princípio de inteligência, Espírito em formação, passa primeiro pelo reino mineral. *Anima* o mineral, se deste modo nos podemos exprimir, servindo-nos dos únicos recursos que oferece a linguagem humana apropriada às vossas inteligências limitadas. Tudo, com efeito, na Natureza, tem existência, porquanto tudo morre. Ora, aquilo que morre traz em si o princípio de vida, sendo conseqüentemente animado por uma inteligência *relativa*.

Esta palavra - inteligência - pode causar surpresa, tratando-se da vida de uma coisa inerte. Certamente, em tal caso, não há nem pensamento, nem ação. A essência espiritual, nesse estado, se mantém inconsciente de seu ser. Ela *é*, eis tudo.

No estado então de simples essência de vida, absolutamente inconsciente de seu ser, ela constrói o mineral, a pedra, o minério, atraindo e reunindo os elementos dos fluidos apropriados, *por meio de uma ação magnética atraente, dirigida e fiscalizada pelos Espíritos prepostos*.

Quanto mais inconsciente é o Espírito no estado de formação, tanto mais direta e incessante é a ação desses Espíritos.

Guardai bem na memória, pois que o dizemos aqui para não mais o repetirmos: em qualquer dos reinos, mineral, vegetal, animal e humano, nada é sem o concurso dos Espíritos do Senhor, que todos têm uma função a desempenhar, uma vigilância a exercer. Não há Espíritos prepostos à formação de um *determinado* mineral, de um *determinado* vegetal, de um *determinado* ser do reino animal, ou do reino humano. Os Espíritos têm uma ação geral e conforme às leis naturais e imutáveis, que ainda não vos é permitido nem possível compreender. A vigilância eles a exercem sobre as massas.

O mineral morre quando é arrancado do meio em que o colocara o autor da natureza. A pedra tirada da pedreira, o minério extraído da mina, deixando de existir, do mesmo modo que a planta separada do solo, perdem a vida natural.

A essência espiritual, que residia nas paredes do mineral, retira-se daí por uma ação magnética, dirigida e fiscalizada pelos Espíritos prepostos, e é transportada para outro ponto.

O corpo do mineral, seus despojos, são utilizados pela humanidade, de acordo com o que suas necessidades lhe impõem. séculos muitas vezes, depois que dele se retirou a essência espiritual que foi necessária à sua formação.

Cada espécie de matéria tem suas propriedades *relativas*, segundo leis naturais e imutáveis que ainda não podeis compreender.

O corpo humano, em certas condições, não conserva coesas todas as suas partes materiais, embora o Espírito já se tenha retirado dele?

Não se observam, entre os vegetais, casos de longa duração material? Certas plantas não conservam as aparências da vida, a frescura dos tons e a rijeza da haste, muito tempo depois de separadas do solo que as alimentava e, por conseguinte, do princípio latente da inteligência que nelas residia?

Tudo na Natureza se mantém e se encadeia e tudo se faz em proveito e utilidade do Espírito que se tornou consciente de seu ser.

Os corpos mortos, sejam pedra, planta, ser do reino animal ou do reino humano, têm que concorrer para a harmonia universal, desempenhando as funções que lhes são assinadas.

A essência espiritual, que no mineral reside, não é uma individualidade, não se assemelha ao pólipo que, por cissiparidade, se multiplica ao infinito. Ela forma um conjunto que se personifica, que se divide, quando há divisão na massa em conseqüência da extração, e atinge desse modo a individualidade, como sucede com o princípio que anima o pólipo, com o princípio que anima certas plantas. A essência espiritual sofre, no reino mineral, sucessivas materializações, necessárias a *prepará-la* para passar pelas formas intermédias, que participam do mineral e do vegetal. Dizemos - *materializações*, por não podermos dizer – encarnações para estrear-se *como ser*.

Depois de haver passado por essas formas e espécies intermediárias, que se ligam entre si numa progressão contínua, e de se haver, sob a influência da dupla ação magnética que operou a vida e a morte nas fases de existências já percorridas, *preparado para sofrer no vegetal a prova, que a espera. da sensação*, a essência espiritual, Espírito em estado de

formação, passa ao reino vegetal. 203 É um desenvolvimento, mas ainda sem que o ser tenha consciência de si. A existência material é *então* mais curta, porém mais progressiva. Não há nem consciência, nem sofrimento. *Há sensação*. Assim, a árvore da qual se retira um galho experimenta uma espécie do eco da seção feita, mas não sofrimento. E como que uma repercussão que vai de um ponto a outro, sucedendo o mesmo quando a planta é violentamente arrancada do solo, antes de completado o tempo da maturidade.

Repetimos: *há sensação*, não há *consciência nem sofrimento*. E um *abalo magnético* o que a árvore experimenta, abalo que *prepara* o Espírito em estado de formação para o desenvolvimento do *seu ser*.

Morto o vegetal, a essência espiritual é transportada para outro ponto e, depois de haver passado, sempre em marcha progressiva, pelas necessárias e sucessivas materializações, percorre as formas e espécies intermediárias, que participam do *vegetal* e do *animal*. Só então, nestas últimas fases de existência, que são as em que aquela essência começa a ter a impressão de *um ato exterior*, ainda que *sem consciência de sua causa e de seus efeitos*, há *sensação de sofrimento*.

Sob a direção e a vigilância dos Espíritos prepostos, o Espírito em formação efetua assim, sempre numa progressão contínua, o seu desenvolvimento com relação à matéria que o envolve e chega a adquirir *a consciência* de ser.

Preparado para a vida ativa, exterior, para a vida de relação, passa ele ao reino animal. Torna-se então princípio inteligente de uma *inteligência relativa*, a que chamais – *instinto*; de uma inteligência *relativa* às necessidades físicas, à conservação, a tudo o que a vida material exige, dispondo de vontade e de faculdades, *mas* limitadas àquelas necessidades, àquela conservação, à vida material, à função que lhe é atribuída, à utilidade que deve ter, ao fim a que é destinado em a natureza, sob os pontos de vista da conservação, da reprodução e da destruição, na medida em que haja de concorrer para a vida e para a harmonia universais.

Sempre em estado de formação, pois que não possui ainda livre arbítrio, inteligência independente capaz de raciocínio, consciência de suas faculdades e de seus atos, o Espírito, sem sair do reino animal, seguindo sempre uma marcha progressiva contínua e de acordo com os progressos realizados e com a necessidade dos progressos a realizar, passa por todas as fases de existência; sucessivas e necessárias ao seu desenvolvimento e por meio das quais chega às formas e espécies intermediárias, que participam do animal e do homem. Passa depois por essas espécies intermediárias, que, pouco a pouco, insensivelmente, o aproximam cada vez mais do reino humano, porquanto, se é certo que o Espírito sustenta a matéria, não menos certo é que a matéria lhe auxilia o desenvolvimento.

Depois de haver passado por todas as transfigurações da matéria, por todas as fases de desenvolvimento para atingir um certo grau de inteligência, o Espírito chega ao ponto de preparação para o estado espiritual consciente, chega a esse momento que os vossos sábios, tão pouco sabedores dos mistérios da natureza, não logram definir, momento em que *cessa o instinto e começa o pensamento*.

Quando se vos falou do Espírito no estado de infância, no estado, por conseguinte, de ignorância e de inocência; quando se vos disse que o Espírito era criado simples e ignorante, tratava-se, está bem visto, da fase de preparação do Espírito para entrar na humanidade. Fora inconseqüente, *então*, dar esclarecimentos sobre a origem do Espírito. Notai que ela foi deixada na obscuridade. Ainda hoje seria cedo para desenvolver esse ponto. Utilizai-vos, porém, do que vos dizemos, porquanto, ao tempo em que este vosso trabalho aparecer *aos olhos de todos*, os Espíritos encarnados já se acharão mais dispostos a receber *o que então*, e mesmo hoje*13, (Mês de abril de 1863) tomariam por uma monstruosidade, ou por uma tolice ridícula.

Atingindo o ponto de preparação para entrarem no reino humano, os Espíritos se preparam, de fato, em mundos *ad-hoc*, para a vida espiritual consciente, independente e livre. É nesse momento que entram naquele estado de inocência e de ignorância. A vontade do soberano Senhor lhes dá a consciência de suas inocência e faculdades e, por conseguinte, de seus atos, consciência que produz o livre arbítrio, a vida moral, a inteligência independente e capaz de raciocínio, a responsabilidade.

Chegado deste modo à condição de Espírito formado, de Espírito pronto para ser *humanizado* se vier *a falir*, o Espírito se encontra num estado de inocência completa, tendo abandonado, com os seus últimos invólucros animais, os instintos oriundos das exigências da animalidade.

A estátua acabou de receber as formas. Sob a direção e a vigilância dos Espíritos prepostos, o Espírito formado se cobre dos fluidos que lhe comporão o invólucro a que chamais – *perispírito*, corpo fluídico que se torna, para ele, o instrumento e o meio ou de realizar um progresso constante e firme, desde o ponto de partida daquele estado até que haja atingido a perfeição moral, que o põe ao abrigo de todas as quedas; ou de cair, caso em que o perispírito lhe será também instrumento de progresso, de reerguimento, mediante encarnações e reencarnações sucessivas, expiatórias a princípio e por fim gloriosas, até que atinja aquela perfeição moral.

O magnetismo, já o dissemos (n. 31), é o agente universal. Tudo está submetido à influência magnética, tudo é magnetismo na natureza, tudo, na ordem espiritual, na ordem material e na ordem fluídica, é atração resultante desse agente universal. Essa a grande lei que rege todas as coisas. Os fluidos magnéticos ligam todos os mundos uns aos outros, ligam todos os Espíritos encarnados e desencarnados.

É um laço universal que Deus criou para nos unir a todos, de modo a que formássemos um único ser, tendo em vista ajudar-nos a subir até ele, conjugadas as nossas forças.

Ao sair do estado intermediário, que precede à vida do *livre pensador*, para entrar na posse do livre-arbítrio, o Espírito organiza a sua constituição fluídica, isso a que chamais *perispírito* e que é, para nos servirmos de uma expressão que vos

seja compreensível, o seu "temperamento", havendo entre esse e o temperamento humano a diferença de que este, *aos vossos olhos*, independe do gênero de Espírito que o corpo encerre, ao passo que o temperamento fluídico é resultado das tendências do Espírito.

Há entre os fluidos atração recíproca, donde as relações que se estabelecem entre os Espíritos, conforme às suas tendências, boas ou más, seus pendores e sentimentos, bons e maus.

Daí deriva a influência atrativa dos fluidos similares, simpáticos, constituindo o laço que aproxima um do outro dois Espíritos, senão da mesma categoria, animados dos mesmos pendores, dos mesmos sentimentos.

Assim, pela natureza de suas inclinações, os Espíritos atraem a si outros Espíritos que lhes são semelhantes, simpáticos pela identidade dos sentimentos e pendores e entram com eles em relação, graças à influência atrativa dos fluidos. tendências e pendores, Espíritos maus a quem esses sentimentos, tendências e pendores são simpáticos.

De posse do livre arbítrio, podendo escolher o caminho que preferam seguir, os Espíritos são subordinados a outros, prepostos ao seu desenvolvimento. E então que a vontade os leva a enveredar por este caminho de preferência àquele. Galgado esse ponto, eles se mostram mais ou menos dóceis aos encarregados de os conduzir e desenvolver.

A vontade, atuando então no exercício do livre arbítrio, traça uma direção boa ou má ao Espírito que, deste modo, pode falir ou seguir simplesmente e gradualmente o caminho que lhe é indicado para progredir.

Muitos se transviam: alguns resistem aos arrastamentos do orgulho e da inveja.

O orgulhoso é invejoso por não poder suportar o que quer que seja acima de si; é egoísta, pretendendo ser para tudo o ponto de referência; é presunçoso, pois deposita em suas energias e inteligência uma confiança, tão errônea quanto condenável, que o leva muitas vezes a revoltar-se contra a prudência de quem lhe interdita atos superiores às suas forças.

Não tendes visto crianças que tentam executar os vossos trabalhos, gabando-se de fazê-lo tão bem como vós, tal a confiança que depositam em si, nas suas inteligências, e que se revoltam, não raro, contra a prudência dos pais, que vedam a esses temerários a prática de atos que estão acima de suas forças e que lhes poderiam ocasionar graves acidentes? São Espíritos que há séculos sofrem expiações e reencarnações sucessivas e que ainda se não purificaram. O orgulho, a presunção, o egoísmo, a inveja que neles assim se manifestam são sinais e foram causa de suas primitivas quedas. Indóceis, rebeldes à influência dos Espíritos incumbidos de os conduzir e desenvolver, os que se transviam atraem, por seus maus sentimentos, tendências e pendores, Espíritos maus a quem esses sentimentos, tendências e pendores são simpáticos.

Mas, notai-o bem, porquanto as nossas palavras precisam ser exatamente compreendidas: o Espírito cai por si mesmo, não cai porque outro o arraste à queda.

Acabamos de dizer que os Espíritos seguem *livremente* este ou aquele caminho. Portanto, é por ato da própria vontade, por impulso próprio, que entram numa ou noutra senda. A simpatia que experimentam pelos Espíritos inferiores e que os domina resulta *da disposição própria de cada um*. Só após a queda se estabelecem as suas relações com os inferiores. Inversamente, aqueles que, dóceis, seguem simplesmente e gradualmente o caminho que seus guias lhes indicam para progredirem, atraem os bons Espíritos, simpáticos às suas tendências boas, aos seus bons sentimentos e pendores.

Sob a influência atrativa dos fluidos em geral, os do perispírito variam incessantemente, acompanhando a marcha progressiva do Espírito cujo envoltório formam, até que o mesmo Espírito tenha atingido a perfeição e isso se dá quer se trate de um que permaneceu sempre puro, quer de um que haja falido. De acordo com as suas tendências e com o grau do seu progresso, o Espírito assimila constantemente os fluidos que mais em relação estejam com a sua inteligência e com as suas necessidades espirituais. Quanto mais inferior ele é, tanto mais opacos e pesados são os fluidos perispíritos. Da maior ou menor elevação do Espírito depende a maior ou menor quantidade de fluidos puros na composição do seu perispírito.

Assim, os corpos fluídicos constituídos pelos perispíritos apresentam maior ou menor fluidez, são mais ou menos densos, conforme à elevação do espírito encerrado *nessa matéria*. Dizemos "*matéria*" porque, efetivamente, *para o Espírito*, o perispírito é *matéria*.

O perispírito, tanto do Espírito que faliu, como do que se manteve puro, forçosamente se modifica de conformidade com as fases da existência e com as provações. *Só quando* o Espírito atingiu a *perfeição*, e só então, lhe é dado modificar *voluntariamente* o seu perispírito, de acordo com as necessidades do momento, com as regiões que tenha de percorrer, com as missões que o Senhor lhe confia, conservando-se *inalterável a essência purificada* do mesmo perispírito.

Entre os que se transviam, Espíritos há que, no curso do seu desenvolvimento e por vezes mesmo ao ensaiarem os primeiros passos, teimam em fazer mau uso do livre arbítrio e se tornam obstinadamente orgulhosos, presunçosos, invejosos, indóceis aos seus guias, contra os quais se revoltam.

Esses Espíritos presunçosos e revoltados, cuja queda os leva às condições mais materiais da humanidade, são *então humanizados*, isto é, para serem domados e progredirem sob a opressão da carne, encarnam em mundos primitivos, ainda virgens do aparecimento do homem, mas *preparados e prontos* para essas encarnações. Encarnam em substâncias humanas, às quais não se pode dar propriamente o nome de "corpos". Os elementos dessas substâncias se encontram esparsos na imensidade e, pela ação dos Espíritos prepostos a tal missão, se congregam no meio cósmico do planeta onde a encarnação se há de operar.

São substâncias destinadas também a progredir, a desenvolver-se por meio da procriação, nas condições estabelecidas para a execução da lei natural e imutável de reprodução *em tal caso*.

Revestido do seu perispírito e sob a direção e vigilância dos Espíritos prepostos, o Espírito atrai aqueles elementos destinados a lhe formarem o invólucro material, do mesmo modo que o ímã atrai o ferro. Ainda aí se verifica o resultado de uma atração magnética, prevista e regulada pelas leis naturais e imutáveis, constituindo esse resultado uma das aplicações de tais leis. 301

Após a queda e antes de encarnar, o Espírito, pelas suas tendências naturais, tem composto o seu perispírito, conservando os fluidos, que ele para tal fim assimilou, a influência que lhes é própria. No curso da encarnação, esses fluidos mudam de natureza, de acordo sempre com os progressos ou as faltas do Espírito. Se a encarnação produz uma melhoria no estado moral, os fluidos que constituem o perispírito experimentam uma correspondente melhora. E, para nos servirmos de uma comparação humana, a rapariga do povo despindo suas roupas grosseiras para vestir os trajes de noiva.

A matéria que o Espírito anima lhe auxilia o desenvolvimento, quer se trate do Espírito humano, quer da essência espiritual, ou Espírito em formação nos reinos mineral, vegetal e animal.

Entre os que se transviam, muitos há também cujo transviamento se dá depois de terem sido por largo tempo, por séculos, dóceis aos Espíritos incumbidos de os guiar e desenvolver; depois de haverem trilhado, até certo ponto mais ou menos avançado de desenvolvimento moral e intelectual, a senda do progresso que lhes era indicada. Esses encarnam em planetas mais ou menos inferiores, mais ou menos elevados, conforme ao grau de culpabilidade, a fim de sofrerem uma encarnação mais ou menos material, mais ou menos fluídica, apropriada e proporcionada à falta cometida e às necessidades do progresso, atenta a elevação espiritual.

Assim como Deus criou, cria e criará, em contínua progressão, na imensidade, no infinito e na eternidade, essências espirituais, Espíritos, também criou, cria e criará mundos adequados a todos os gêneros de encarnação, para os que se transviaram, transviam e transviarão. Assim, sempre houve, há e haverá, por um lado, terras primitivas, mundos materiais, mais ou menos inferiores, mais ou menos elevados, mais ou menos superiores, uns em relações aos outros, e, por outro lado, mundos cada vez menos materiais, cada vez mais fluídicos, até os planetas da mais pura fluidez, a que podeis chamar mundos celestes, divinos, e aos quais só tem acesso os Espíritos puros.

Os Espíritos que, dóceis aos seus guias, seguem a diretriz que lhes é indicada para progredirem, esses trilham o caminho do progresso através de esferas fluídicas sucessivamente mais elevadas, onde tudo está em relação com as inteligências que as habitam.

Permanecendo dóceis, elevam-se dessa forma pela eternidade em fora, depois de haverem passado por todas as fases de existências, por todas as provas necessárias a uma ascensão tão alta, até chegarem à perfeição. Nula se torna então sobre eles a influência da matéria. Dizemos: - *da matéria*, porque, para o Espírito, os fluidos do perispírito e os que ele assimila são *matéria*.

Para atingirem essa perfeição, aos Espíritos que se mantiveram puros na infância, na fase de instrução e ao longo da senda do progresso, cumpre também que, dirigidos pelos seus guias, percorram, na medida e na conformidade da elevação alcançada, todas as esferas, as terras primitivas, os mundos inferiores e superiores de todos os graus, as inúmeras moradas dos que, por terem falido, sofrem as encarnações e reencarnações sucessivas, tanto materiais como fluídicas em suas diversas gradações, até que, tornada nula sobre eles a influência da matéria, tenham entrada na categoria dos Espíritos puros. Esse percurso, porém, aqueles Espíritos o executam sempre na qualidade de Espíritos, porquanto, seus estudos se fazem no espaço, no grande livro do universo.

Os que faliram, para chegarem à perfeição, também são obrigados a percorrer, na medida e na conformidade da elevação de cada um, todos os mundos que os Espíritos puros habitam, assim como os que servem de habitação aos encarnados, em todos os graus da escala espírita.

Com relação aos mundos que os encarnados habitam, bastam àqueles Espíritos os estudos humanos; o dos outros mundos eles o fazem no estado de erraticidade que se segue a cada encarnação. Cumpre-lhes nesse estado percorrer todas as camadas de ar e de globos que flutuam no espaço, aprendendo aqui, ali ensinando, elevando-se sempre às regiões superiores. Jesus é um Espírito que, puro na fase da inocência e da ignorância, na da infância e da instrução, sempre dócil aos que tinham o encargo de o guiar e desenvolver, seguiu simples e gradualmente a diretriz que lhe era indicada para progredir; que, não tendo falido nunca, se conservou puro, atingiu a perfeição sideral e se tornou Espírito de pureza perfeita e imaculada. Jesus, já o dissemos, é a maior essência espiritual depois de Deus, mas não é a única. É um Espírito do número desses aos quais, usando das expressões humanas, se poderia dizer que compõem a guarda de honra do Rei dos céus. Presidiu à formação do vosso planeta, investido por Deus na missão de o proteger e governar, e o governa do alto dos esplendores celestes como Espírito de pureza primitiva, perfeita e imaculada, que nunca faliu e infalível por se achar em relação direta com a divindade. É vosso e nosso Mestre, diretor da falange sagrada e inumerável dos Espíritos prepostos ao progresso da terra e da humanidade terrena e é quem vos há de levar à perfeição.

Podeis agora compreender o *sentido e o alcance destas palavras*: "A criação do primeiro homem é uma figura oriunda da necessidade de apropriar os ensinamentos à inteligência humana. A genealogia de Jesus, Espírito de pureza perfeita e imaculada, remonta a Adão figuradamente, do mesmo modo que a criação do corpo do homem, formado de limo, remonta a Deus.

Acompanhai-lhe a genealogia espiritual e remontareis a Deus, criador imediato e único de tudo o que é puro e perfeito". Tudo, repetimos, tem uma origem comum: tudo vem do infinitamente pequeno para o infinitamente grande, para Deus, ponto de partida e de reunião. Tudo provém de Deus e volta a Deus. Observai como tudo se encadeia na imensa Natureza que o Senhor vos faz descortinar. Observai como em todos os reinos há espécies intermediárias, que ligam entre si todas as

espécies, umas participando do mineral e do vegetal, da pedra e da planta; outras do vegetal e do animal, da planta e do animal; outras, enfim, do animal e do homem. São elos preciosos que tudo ligam, que tudo mantêm e pelos quais atravessa o Espírito no estado de formação. Passando sucessivamente por todos os reinos e por aquelas espécies intermediárias, o Espírito, mediante um desenvolvimento gradual e contínuo, ascende da condição de essência espiritual originária à de Espírito formado, à vida consciente, livre e responsável, à condição de homem. São elos preciosos que tudo ligam, que prendem as coisas umas às outras, a fim de que o homem possa mais facilmente compreender a *unidade* dessa criação tão grande, tão grande, que a inteligência humana é incapaz de apreendê-la e cujos mistérios se recusa a admitir, por não conseguir desvendá-los com seus olhos de toupeira.

Não falamos dos orgulhosos que esta revelação fará descer dos seus pedestais. Pois que! o rei da Criação, o homem, provindo de tal fonte, tendo tal origem! Já a primeira baliza plantada no caminho provocou bastante mofa, inúmeras críticas. Obra incompleta, pontilharam-na inexactidões e verdades, para dar tempo a que a boa semente germinasse. É sempre ocasião de *queimar o joio*.

Que a chocarrice da ignorância, procurando assustar e perturbar aqueles a quem temos a missão de esclarecer, por ordem do Mestre, segundo a vontade de Deus, não diga que desse modo o homem leva ao matadouro o Espírito destinado a animar o corpo, de seu filho ou de seu pai.

Tempo longo, tempo cuja *duração sois incapazes de calcular*, demanda a essência espiritual no estado de inteligência relativa, no estado de animal, para adquirir, nesse reino, o desenvolvimento que lhe permita passar ao estado intermediário, que lhe permita, *em seguida*, atravessar as espécies que participam do animal e do homem. Depois de haver passado por todas essas espécies intermédias, ela permanece ainda longo tempo, *cuja duração não sois igualmente capazes de calcular*, na fase preparatória da sua entrada na humanidade, fase esta da qual, pela vontade do Senhor e *mediante uma transformação completa*, sai o Espírito formado, com inteligência independente, livre e responsável.

Nessa grande unidade de Criação e de todos os reinos da Natureza, tudo concorre para a vida e para a harmonia universais, segundo as leis naturais, imutáveis e eternas, por meio de uma ação recíproca e solidária, do ponto de vista da conservação, da reprodução e da destruição. Tudo concorre para o desenvolvimento e para o progresso de todas as criaturas.

Tudo o que *é*, vive e morre, nos reinos mineral e vegetal, todos os seres que, no reino animal e no reino humano, vivem e morrem, desde o ser microscópico até o homem, tudo e todos têm um emprego, uma utilidade, uma função, que tendem e servem para o desenvolvimento de cada espécie, para a vida e a harmonia universais.

Essa multidão de microscópicos animálculos, que olhos carnis não logram ver, que só pela ação óptica do microscópio solar se tornam visíveis, que se encontram espalhados no ar, na água, nos líquidos e nos sólidos, concorrem para entreter e desenvolver a existência animal e a existência humana, como os que vivem na água concorrem para a existência da planta e os que se escondem na relva para a alimentação do carneiro ou do cabrito que pastam. Em tais organizações, porém, é completa a ausência do pensamento, que também não é o agente que leva o carneiro a se deixar degolar para servir de alimento ao homem. Entretanto, a faca que abre um escoadouro ao sangue do animal liberta a inteligência *relativa*, o Espírito em estado de formação, e lhe proporciona ensejo de ser utilizado em melhores condições. É pela passagem da essência espiritual, durante eternidades, por todos os reinos da natureza e pelas formas e espécies intermédias, mediante as quais eles se encadeiam, que o desenvolvimento se opera numa progressão contínua, que o pensamento surge e a existência moral começa. Não concluais, porém, *do que fica dito* que devais, para auxiliar aquele desenvolvimento, destruir o que em torno de vós existe. Cairíeis num erro culposos.

Cada um tem que viver, mas somente viver. Não destruais, portanto, senão o que for estritamente necessário à vossa existência. Ao mais *só* a sabedoria do Senhor deve prover. Quando o homem perceber os laços que o prendem a tudo o que *é* na Criação, seu coração se abrandará e ele compreenderá a necessidade de usar sem abusar. Tudo, tudo, na grande unidade da Criação, nasce, existe, vive, funciona, morre e renasce para a harmonia do Universo, sob a ação espírita universal que, à sua vez, se exerce, pela vontade de Deus e segundo as leis naturais e imutáveis que ele estabeleceu desde toda eternidade, mediante as aplicações e apropriações dessas leis.

Ficai sabendo bem: Nada há de espontâneo em a Natureza, por isso que tudo tem a sua origem *preparada*.

Ao homem só é possível observar os efeitos que lhe ferem os sentidos. O que nasce instantaneamente, sem que ele previsse a possibilidade de semelhante nascimento, se lhe afigura uma criação espontânea, uma nova criação instantânea. A verdade é que já existiam os germens dessa criação. *Aos olhos dos homens*, o que há de espontâneo é só a matéria. A inteligência, ou antes o gérmen da inteligência que a tem de habitar *é* colocado na matéria, logo que esta o pode conter e a vida se manifesta, *as vistas humanas*, instantaneamente, de conformidade com o meio e os ambientes, debaixo da direção e da vigilância oculta dos Espíritos prepostos e de acordo com as leis naturais e gerais que o homem ainda não tem capacidade para compreender nem explicar.

Oh! homens, bem-amados nossos, cuja felicidade desejamos, não vos deixeis arrastar pelo orgulho, vosso inimigo encarniado que queremos destruir, "demônio" que vos subjuga. Não rejeiteis, sem exame, esta revelação da vossa origem infinita; não digais que ela vos rebaixa; reconhecei, ao contrário, que vos engrandece, permitindo-vos entrever a imensidade do vosso Criador.

Sim, vos, nos, todos. todos, *exceto aquele que foi e será desde e por toda a eternidade*, todos fomos, na nossa origem, essência espiritual, princípio de inteligência, Espírito em estado de formação; todos hemos passado por essas metamorfoses, por essas transfigurações e transformações da matéria, para chegarmos à condição de Espírito formado, de

inteligência independente, capaz de raciocínio, com a consciência da sua vontade, das suas faculdades e de seus atos, por efeito do livre arbítrio; à condição de criatura independente, livre e responsável.

O que vos revelamos não é a metempsicose. O que vemos sob os vossos olhos é a lei natural, é a igualdade, perante Deus, de tudo o que existe, de tudo que vos pode ferir os sentidos. Deus, pai uniformemente bondoso para todos os seus filhos, não tem preferências. Todas as criaturas são obra sua; nenhuma será deserdada.

Oh! compreendi bem tudo o que há de profundo e elevado nessa cadeia sem fim que liga todo o conjunto da natureza, que exalta o amor do homem, mostrando-lhe o amor infinito do seu Deus.

Não zombeis, oh! incrédulos e sofistas; não negueis, oh! filósofos sem filosofia! Estudai, homens, estudai! Cheios de respeito e de amor para com o vosso Criador, de amor e de caridade para com o vosso próximo, para com todos os vossos irmãos, de amor para com todas as criaturas de Deus, armados do amor à ciência e do desejo de progredir, procurai, com o coração humilde e desinteressadamente, compreender e compreendereis; procurai ver e vereis.

Amparados pelos bons Espíritos a quem Deus confia o encargo de ajudar os que trabalham, compreendereis e vereis, porquanto nada há oculto que não venha a ser descoberto, nada ignorado que não venha a ser conhecido. Os estudos de um servirão ao outro (e servirão também a vós mesmos, pois que a reencarnação dá meio ao homem de retomar a obra incompleta ou inacabada), para progredir em ciência e em amor.

E quando a luz se houver feito para vós, então vos elevareis ao vosso Criador e, num esto de entusiasmo, direis: *Sede Bendito!* Mateus, Marcos, Lucas e João. Assistidos pelos Apóstolos.p.307

N.57. Como é que, chegado ao período de preparação para entrar na humanidade, na espiritualidade consciente, o Espírito passa desse estado misto, que o separa do animal e o prepara para a vida espiritual, ao estado de Espírito formado, isto é, de individualidade inteligente, livre e responsável? E como é que, uma vez de posse do livre arbítrio, da consciência de suas faculdades, da sua vontade, da liberdade de seus atos, lhe sucede falir por orgulho ou inveja?

Depois de haver passado pela matéria animal, chegando a um certo grau de desenvolvimento, o Espírito, antes de entrar na vida *espiritual*, precisa permanecer num estado misto. Eis porque e como se opera essa estagnação, sob a direção e a vigilância dos Espíritos prepostos.

Para entrar na vida ativa, consciente, independente e livre, o Espírito tem necessidade de se libertar inteiramente do contacto forçado em que esteve com a carne, de esquecer as suas relações com a matéria, de se depurar dessas relações. É nesse momento que se prepara a transformação do instinto em inteligência consciente.

Suficientemente desenvolvido no estado animal, o Espírito é, *de certo modo*, restituído ao todo universal, mas em condições especiais: é conduzido aos mundos *ad hoc*, às regiões preparativas, pois que lhe cumpre achar o meio onde se elaboram os princípios constitutivos do perispírito. Fraco raio de luz, ele se vê lançado numa massa de vapores que o envolvem por todos os lados. Aí perde a consciência do seu ser, porquanto a influência da matéria tem que se anular *no período da estagnação*, e cai num estado a que chamaremos, para que nos possais compreender, letargia. Durante esse período, o perispírito, destinado a receber o *princípio espiritual*, se desenvolve, se constitui ao redor daquela centelha de verdadeira vida.

Toma a princípio uma forma indistinta, depois se aperfeiçoa gradualmente como o gérmen no selo materno e passa por todas as fases do desenvolvimento.

Quando o invólucro está pronto para contê-lo, o Espírito sai do torpor em que jazia e solta o seu primeiro brado de admiração. Nesse ponto, o perispírito é completamente fluídico, mesmo para nós. Tão pálida é a chama que ele encerra, a essência espiritual da vida, que os nossos sentidos, embora sutilíssimos, dificilmente a distinguem. Esse o estado de infância espiritual.

É então que os altos Espíritos que presidem à educação dos que se encontram assim no estado de simplicidade, de ignorância, de inocência, os encaminham para as esferas fluídicas onde deverão ficar durante o seu desenvolvimento moral e intelectual até ao momento em que se achem no uso completo de suas faculdades e, portanto, em condições de escolher o caminho pelo qual enveredem.

Seguem-se as fases da infância: os guias protetores ensinam ao Espírito o que é o livre arbítrio que Deus lhe concede, explicam o uso que dele pode fazer e o concitam a se ter em guarda contra os escolhos com que venha a deparar. O reconhecimento e o amor devidos ao grande Ser constituem o objeto da primeira lição que o Espírito recebe. Levam-no depois, gradualmente, ao estudo dos fluidos que o cercam, das esferas que descortina. Conduzido por seus prudentes guias, passa às regiões onde se formam os mundos, a fim de lhes estudar os mistérios. Desce, enfim, às regiões inferiores, a fim de aprender a dirigir os princípios orgânicos de tudo o que é em qualquer dos reinos da Natureza. Daí vai a esferas mais elevadas, onde aprende a dirigir os fenômenos atmosféricos e geológicos que observais sem compreender. Assim é que, de estudo em estudo, de progresso em progresso, o Espírito adquire a ciência que, infinita, o aproximará do Mestre supremo.

Mas (já vos dissemos), quando o livre arbítrio atinge um desenvolvimento completo, os Espíritos fazem dele bom ou mau uso, *uns* logo no início da vida espiritual consciente, *outros* em ponto mais ou menos adiantado da carreira. Todos seguem seus caminhos entregues a si mesmos, como vós outros, isto é, não experimentando mais do que a influência amiga de seus guias, que eles vêem à volta de si como o adolescente vê os membros da sua família se agruparem ao seu redor para o preservarem dos perigos da vida. É o terrível aprendizado, que lhe cumpre fazer, do livre arbítrio.

Tudo é tão belo nas regiões superiores, o Espírito admira tão grandes coisas, que fica maravilhado, deslumbrado! As tendências *então* se desenvolvem. A ambição nobre de aprender, de subir, quase sempre se imiscui o orgulho, ou a inveja.

Nesse ponto, sente a influência paternal de Deus, cuja existência lhe é revelada, mas que ele não vê. *Só* o que é perfeito se pode aproximar da perfeição e o Espírito, independente e livre, está ainda ignorante e não experimentou por *si* mesmo o seu valor.

Os Espíritos no estado infantil (já o dissemos) são confiados a preceptores que trabalham para o desenvolvimento intelectual e moral de seus discípulos, dando-lhes ensinamentos e exemplos. É então (também já *o dissemos*) que as tendências se revelam. Os Espíritos ou trilham *laboriosamente* o caminho do progresso espiritual, trabalhando com ardor, dóceis aos seus guias, pelo seu próprio desenvolvimento, crescendo em sabedoria, em pureza, em ciência, e chegam, sem haver falido, ao ponto onde nenhum véu mais lhes oculta a luz central; ou, ao contrário, confiantes em suas forças, desprezam os conselhos que lhes são dados e, inebriados pela visão dos esplendores que cercam os altos Espíritos, deixam que o orgulho ou a inveja os empolguem.

Já tendo grande poder sobre as regiões inferiores cujo governo aprendem a exercer, *no sentido de que*, sempre sob as vistas dos Espíritos prepostos à missão de educá-los e sob as do protetor especial do planeta de que se trate, aprendem a dirigir a revolução das estações, a regular a fertilidade do solo, a guiar os encarnados, influenciando-os ocultamente, muitos acreditam que só ao merecimento próprio devem o que podem e, desprezando todos os conselhos, caem. É a queda pelo orgulho. Outros, por nem sempre compreenderem a ação poderosa de Deus, não admitem que haja uma hierarquia espiritual e acusam de injustiça aquele que os criou, porquanto é Deus quem cria, não o esqueçais. Esses os que caem pela inveja.

Até o ateísmo - por mais impossível que pareça - até o ateísmo não raro se manifesta naqueles pobres cegos colocados no centro mesmo da luz. E nunca, como aí, o ateísmo nasce tão diretamente do orgulho.

Não vendo aquele de quem tudo emana, negam-lhe a existência e se consideram a base e a cúpula do edifício. Nesse caso, *sobretudo nesse caso*, mais severo é o castigo. É um dos casos de primitiva encarnação humana. Preciso se torna que os culpados sintam, no seu interesse, o peso da mão cuja existência não quiseram reconhecer.

Qualquer que seja a causa da queda, orgulho, inveja ou ateísmo, os que caem, tornando-se por isso Espíritos de trevas, são precipitados nos *tenebrosos lugares* da *encarnação humana*, conforme ao grau de culpabilidade, nas condições impostas pela necessidade de expiar e progredir.

Não vos equivoqueis quanto ao sentido das nossas palavras relativas à ação desses Espíritos em via de progresso, que ainda não faliram e que se grupam nas regiões inferiores para conduzir os encarnados, influenciando-os a título de guias, de amigos.

Nos mundos inferiores, os encarnados têm seus anjos de guarda, que são Espíritos da categoria dos vossos, mais depurados, como dizeis, do que os seus protegidos e os quais também têm, por protetores e guias, outros Espíritos de ordem mais elevada. Tudo se liga e encadeia da base ao ápice, hierarquicamente, na unidade e na solidariedade.

N. 58. Haveis dito que os Espíritos destinados a ser humanizados, por terem errado muito gravemente, são lançados nas terras primitivas, virgens ainda do aparecimento do homem, do reino humano, mas *preparadas e prontas* para essas encarnações e que aí encarnam em substâncias humanas, às quais não se pode dar propriamente o nome de corpos, nas condições de macho e fêmea, aptos para a procriação e para a reprodução. Quais as condições dessas substâncias humanas?

São corpos rudimentares. O homem aporta a essas terras no estado *de esboço*, como *tudo que se forma* nas terras *primitivas*. O macho e a fêmea não são nem desenvolvidos, nem fortes, nem inteligentes.

Mal se arrastando nos seus grosseiros invólucros, vivem, como os animais, do que encontram no solo e lhes convenha. As árvores e o terreno produzem abundantemente para a nutrição de cada espécie. Os animais carnívoros não os caçam. A providência do Senhor vela pela conservação de todos. Seus únicos instintos são os da alimentação e os da reprodução. As gerações se sucedem desenvolvendo-se. As formas se vão alongando e tornando aptas a prover às necessidades que se multiplicam. Mas, não é nossa tarefa traçar aqui a história da Criação. O Espírito vai habitar corpos formados de substâncias contidas nas matérias constitutivas do planeta.

Esses corpos não são aparelhados como os vossos, porém os elementos que os compõem se acham dispostos por maneira que o Espírito os possa usar e aperfeiçoar.

Não poderíamos compará-los melhor do que a criptógamos carnudos. Podeis formar idéia da criação humana, estudando essas larvas informes que vegetam em certas plantas, particularmente nos lírios. São massa, quase inerte, de matérias moles e pouco agregadas, que rasteja, ou antes desliza, tendo *os membros*, por assim dizer, *em estado latente**. (1)

Eis, oh! homem, a tua origem, o teu ponto de partida, quando o orgulho, a inveja, o ateísmo, surgindo mesmo no centro da luz, a indocilidade e a revolta te fizeram falir em condições que exigem a primitiva encarnação humana. Não desvieis horrorizado o olhar, antes bendize do Senhor que te permite elevar os olhos para ele e entrever a imagem da perfeição nos Espíritos riosos que o cercam.

(1) - O princípio plasmando e desenvolvendo para si uma forma cada vez mais adequada à sua manifestação e a vida fixando esse impulso e organizando-se para maior perfeição. O princípio move a matéria, torna-a cada vez mais aderente à sua expressão; nesse trabalho se reforça, expande-se e se manifesta mais poderosa. A Grande Síntese - Pietro Ubaldi - 18ª. Edição.

Cabe aqui dar aos homens uma instrução séria, a fim de que não sejam levados a ver nessas encarnações primitivas, ou nas suas causas, uma feroz vingança da Divindade.

Deus não se vinga. Que necessidade teria de vingar-se? Apenas, a sua sábia providência coloca o Espírito orgulhoso, que se considera a força do Universo, em condições de reconhecer a sua fraqueza. Procedo como o pai de família que, depois de consentir que o filho presunçoso tente levantar o peso que o vira erguer, exercita a força do menino, proporcionando-lhe meios de desenvolver pouco a pouco, a fim de aprender a usar dela.

Tais encarnações, por mais horríveis que possam parecer, são um benefício imenso feito ao Espírito. *Tendo falido*, convém que ele se submeta ao jugo dessa mesma matéria da qual se acreditava senhor, a fim de bem compreender a sua impotência e de adquirir, pelo exercício e pelo combate, a força, a destreza e sobretudo a experiência que lhe faltavam.

Ora, aquilo que pune o Espírito é também o que o regenera. Sem essa terrível provação, ele ficaria vicioso e seu poder, se fosse mantido, se tornaria nocivo à harmonia universal, *o que é impossível*.

Assim, pois, só por uma paternal providência e *unicamente* no interesse do seu adiantamento meritório, o Espírito se vê condenado a sofrer encarnações que o seu zelo, o seu arrependimento e a sua docilidade podem abreviar e abrandar ao infinito. Dissemos acima: "*A providência do Senhor vela pela conservação de todos*". As espécies incapazes de se defenderem não são atacadas de modo positivo. Têm seus inimigos, mas entre seres tão fracos quanto elas e não entre os que as destruiriam *completamente*, achando-as sem defesa, nem meios de fugir.

Cada espécie busca a alimentação que lhe é apropriada, não procurando nunca a que seja estranha aos seus apetites.

O homem, no estado de encarnação primitiva e rudimentar, não tem que temer mais inimigos do que o tem a esponja, que só é vítima dos insetos que dela se nutrem, quando chegou o termo da sua duração material. Nem a carnívoros, nem a herbívoros, nem a nenhuma das espécies de peixes ou de pássaros serve ela de alimento.

Chegado, no seu desenvolvimento, ao período em que os carnívoros o atacam para devorá-lo, o homem já não se acha *mais* sem defesa e sem meios de fugir. (Dissemos os carnívoros e não os herbívoros, por isso que *o caçador* não persegue a caça que não tenha para ele atrativo).

Dissemos há pouco: "O homem, no estado de encarnação primitiva, não é mais do que massa, quase inerte, de matérias moles e pouco agregadas, que rasteja, ou antes desliza, tendo *os membros*, por assim dizer, *em estado latente*".

Dissemos mais: "As gerações se sucedem desenvolvendo-se. As formas *se vão alongando* e tornando aptas a prover às necessidades que se multiplicam". A matéria está sujeita a *um desenvolvimento regular*. Os Espíritos, se se elevam, transpõem os graus desse desenvolvimento, sem neles tocarem. Há *sempre* categorias de Espíritos *em correlação* com os *graus das encarnações*.

Desde o estado de encarnação primitiva até a forma humana, não há outra coisa senão *um tipo único* em gérmen, *a desenvolver-se*. Tipo *único* mas que *se modifica*, à medida que o seu desenvolvimento se opera, de conformidade com os meios em que se vai encontrando. Podeis *daí* tirar outras conclusões relativamente à elaboração do Espírito nos diversos reinos da Natureza. Efetivamente, o que se dá com a origem do tipo humano, que provém do limo diluído e fecundado, se verifica *também* com o princípio das *primeiras* plantas, dos *primeiros* animais. São, em começo, simples vegetações microscópicas que se desenvolvem, crescem, se estendem por sobre ou sob o solo e produzem sementes que, transportadas a diversos pontos, sofrem as influências da terra que as recebe, das águas que as regam, dos calores que as fecundam, dos fluidos, enfim, que as envolvem. Surgem depois os tipos animais, que passam pelas mesmas transformações, seguem os mesmos desenvolvimentos, determinados pelas mesmas causas.

Preciso é agora compreendais como e porque chega o homem a ter a direção e a supremacia no planeta, não obstante ser o desenvolvimento material das espécies animais, no momento da encarnação humana primitiva, superior ao do Espírito humanizado, sob o ponto de vista do invólucro. O homem, nessas condições, não é um atrasado, mas um retardatário.*(2) Sabeis que o que há, em tal caso, é uma retrogradação física. Nele a inteligência tem que *despertar*, ao passo que nos animais tem que *se desenvolver*. Cumpra fique bem compreendido o seguinte: Ao fundar-se um novo planeta, o princípio de inteligência, o princípio espiritual que, em estado latente, ele encerra, tem que se *elaborar, desenvolver, individualizar e adquirir arbítrio*. O princípio espiritual tem, pois, de passar por uma série inumerável de transformações para chegar a esse ponto. O Espírito que encarna, ao contrário, volta à matéria para lhe sofrer a opressão, para se habituar a domá-la, para aprender a se dominar, podendo o princípio inteligente, que, então, já percorreu uma certa categoria de estádios, ascender rapidamente, *se o quiser*, da ínfima condição em que caiu às esferas elevadas que lhe compete atingir. Não se trata mais, aqui, de um progresso lento, insensível, mediante o qual, por assim dizer, se cria o ser espiritual. Trata-se de realizar um trabalho raciocinado, cujos primeiros princípios já foram executados e se cuida de aplicar. Façamos uma comparação que permita apreender-se o que fica dito. O Espírito que *se prepara* nos diversos reinos inferiores (mineral, vegetal, animal) é como a criança cujo gérmen, fecundado no seio materno, se desenvolve, nasce, "se educa" e chega à *adolescência*.

Nesse ponto, contrai uma enfermidade terrível, por efeito da qual, na convalescença, não se lembra sequer de uma letra dos seus primeiros estudos. Não mais sabe equilibrar nas pernas o corpo cambaleante e ir de um lugar a outro. Balbucia sons inarticulados e ininteligíveis. Estão mortos seus autores prediletos, seus talentos, suas recordações. Mas, pouco a pouco lhe volta a saúde. Solícita, a mãe extremosa lhe guia os passos, regulariza o falar, mostra nos livros as palavras que ele esquecera e o reconduz à trilha das ciências que estudara. A inteligência se lhe desperta prontamente; de tudo se vai lembrando e tudo vai reconhecendo. Julga *aprender*, quando apenas gradualmente *recorda*...

(2) - É devido a tal razão que o seres humanos apresentam em geral, no planeta, sentidos menos apurados que os animais. Nota do autor Espiritual.

E tanto mais rápido são os progressos, quanto mais a saúde se avigora.

O mesmo sucede com o Espírito, com o Espírito *que faliu*. Seus progressos espirituais dependem dos cuidados que dispense à sua *saúde moral*. Esses cuidados lhe permitem avançar rapidamente no campo da reminiscência dos progressos feitos no passado, reminiscência que ele toma por um estudo novo, enquanto não galga a altura *donde* o passado pode, *sem inconveniente*, desenrolar-se-lhe aos olhos. Não lhe é dado fazer progressos *novos*, que, esses, *serão realmente* fruto de novos estudos, senão depois de atingir o ponto a *que já chegara, quando caiu nas trevas da encarnação humana*.

N. 59. Que é o que devemos pensar da opinião que se formula assim: "Do mesmo modo que, para o Espírito em estado de formação, a materialização nos reinos mineral e vegetal e nas espécies intermediárias e igualmente a encarnação no reino animal e nas espécies intermediárias é *uma necessidade* e não *um castigo resultante de falta cometida*, também, para o Espírito formado, que *já* tem inteligência independente, consciência de suas faculdades, consciência e liberdade de seus atos, livre arbítrio e que se encontra no estado de inocência e ignorância, a encarnação, *primeiro*, em terras primitivas, *depois*, nos mundos inferiores e superiores, até que haja atingido a perfeição, é *uma necessidade* e não *um castigo*"?

Não; a encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo, já o dissemos. E o castigo não pode preceder a culpa. O Espírito não é *humanizado*, *também* já o explicamos, antes que a primeira falta o tenha sujeito à encarnação humana. Só então ele é preparado, como *igualmente* já o mostramos, para lhe sofrer as conseqüências.

Aquela opinião se fundamenta por esta maneira: "Segundo um sistema, que, à primeira vista, denota algo de especioso, os Espíritos não teriam sido criados para encarnar *materialmente*: a *encarnação humana* NÃO seria mais do que o resultado de uma falta.

Tal sistema cai *pela simples consideração* de que, se nenhum Espírito houvesse falido, não haveria homens na Terra nem nos outros mundos. Ora, sendo a presença do homem necessária, como é, para a melhoria material dos mundos, visto que ele concorre, pela sua inteligência e pela sua atividade, para a execução da obra geral, claro está que o homem é um dos meios essenciais da Criação. Não *podendo* Deus *subordinar* o acabamento da sua obra à *queda eventual* de suas criaturas, *a menos que contasse* previamente com um *número suficiente de culpados* para alimentar os mundos criados e por criar, O BOM SENSO *repele* SEMELHANTE modo de pensar,

A última frase deve ser riscada. O bom senso, ao contrário, indica que a presciência de Deus lhe faculta saber que, no número dos que ele cria simples, ignorantes e falíveis, haverá sempre muitos que, pelo mau uso do livre arbítrio, sucumbirão às suas fraquezas, se deixarão arrastar pelo orgulho, que se origina da ignorância e tem por derivados a presunção, o egoísmo e a inveja.

Seria porventura mais sensato pensar que Deus, que se vos representa como *o* tipo supremo de toda perfeição, como a justiça do justo na eternidade, cria seres fracos *expressamente* para adquirirem a força sofrendo as dores das provações? que os cria inocentes *para* lhes ensinar a prática da inocência no assassinio, na indignidade e na multiplicidade dos vícios das encarnações humanas primitivas, vícios que se enraízam tanto nas criaturas, que milhares de séculos por sobre elas passam sem as polir; que a torrente impetuosa do tempo corre sem cessar por sobre esses pedregulhos toscos e ásperos sem conseguir alisar-lhes as superfícies?

Sem conseguir alisar-lhes as superfícies, sim, porquanto, ainda neste dia que para vós brilha, inúmeras baixezas afligem *o* gênero humano.

Se assim fora, poder-se-ia dizer que Deus concedera ao Espírito o livre arbítrio *sob a condição* de ficar este submetido a uma lei única - a do pecado. Por essa forma teria ele sujeito a suplicio igual (o da encarnação humana) tanto o Espírito que, no estado de inocência e ignorância, dócil a seus guias, segue o caminho que lhe é apontado para progredir, como o Espírito indócil, orgulhoso, presunçoso, invejoso e egoísta que, culpado e revoltado, faliu por usar mal do livre arbítrio.

Não, Deus é grande, justo, bom, paternal. Seus filhos nascem simples de coração - é ele quem o quis: têm a liberdade dos atos - é ele quem a concede: usam *quase sempre* mal dessa liberdade - é que, dando ao Espírito o uso do livre arbítrio, Deus dele se afasta, por assim dizer, a fim de o deixar entregue às suas próprias impressões. É então que o Espírito escolhe o rumo que prefere seguir. Então e só então sofre as conseqüências da escolha que faz. Tudo virá a seu tempo. É esta uma verdade que abrirá caminho, como já o abriram estas outras a reencarnação e a anterioridade da alma. Uma geração semeia, a seguinte monda e a terceira colhe. A presciência de Deus lhe faculta saber, desde e por toda a eternidade, pois que o presente, o passado e o futuro lhe estão patentes a todos os instantes, que nada faltou, nem faltará à vida e à harmonia universais: que houve, há e haverá sempre Espíritos culposos para alimentar as terras primitivas, o vosso e os outros mundos que ele criou, cria e criará, destinados a servirem de habitação aos Espíritos que faliram, estão falindo e hão de falir, os quais todos tiveram, têm e terão que expiar e progredir nesses mundos e que trabalhar pela melhoria material deles.

A presciência de Deus lhe faculta saber, desde e por toda a eternidade, que também houve e haverá sempre Espíritos que, puros no estado de inocência e de ignorância, dóceis aos seus guias, se conservarão puros no caminho do progresso, trilhando-o simples e gradualmente, conforme lhes é indicado; que sempre houve, há e haverá Espíritos como esses, que nunca hão de falir, para alimentar todos os mundos fluídicos que ele criou, cria e criará apropriados às inteligências dos que os devem habitar e nos quais essas inteligências têm que progredir em invólucros fluídicos.

Continuando, diz o autor *da opinião acima exposta*: "A encarnação humana é uma necessidade para o Espírito que, desempenhando missão providencial, trabalha pelo seu próprio adiantamento, por efeito da inteligência e da atividade que lhe cumpre empregar para prover à sua existência e ao seu bem-estar. Mas. A encarnação humana se torna um castigo, quando o Espírito, por não ter feito o que devia, se vê constringido a recomeçar a tarefa e multiplica suas vidas corporais,

penosas por culpa sua. Um estudante não chega a tomar o grau senão depois de haver passado pela fileira de todas as classes. Porventura o percorrer essas classes constitui para ele um castigo? Não; é uma necessidade. Se, porém, por preguiça, o estudante é obrigado a permanecer nelas o dobro do tempo, aí está o castigo. Poder dispensar-se de algumas, representa, ao contrário, bastante mérito. A verdade, pois, consiste em que a encarnação na Terra só é, para muitos dos que a habitam, um castigo, porque esses, podendo tê-lo evitado, duplicaram, triplicaram, quiçá centuplicaram, por culpa própria, o número de suas vidas terrenas, retardando deste jeito o momento de entrarem nos mundos melhores. Assim, *errôneo* é admitir-se, *em princípio*, a encarnação humana como um castigo."

Errôneo, ao contrário, é admitir-se que a encarnação humana seja *uma necessidade*, tanto *para* o Espírito que, investido do livre arbítrio no estado de inocência e de ignorância, jamais faliu, por não fazer dele mau uso; que, dócil aos seus guias, trilha o caminho que lhe eles indicam para progredir; *como para* aquele que, indócil, rebelde e revoltado, faliu por usar mal desse mesmo livre arbítrio.

Errôneo, ao contrário, é admitir-se que a encarnação humana não seja, *em princípio*, um castigo, por efeito de uma culpa que o tornou necessário. Os que não formaram essa opinião errônea ainda não foram esclarecidos, ou não refletiram bastante sobre a natureza e o objeto dos mundos que os encarnados habitam, como planetas de expiações e de progresso; sobre a origem do Espírito e sobre as diversas fases por que ele passa no estado de formação.

Sobretudo, ainda não refletiram acerca destas duas situações bem marcadas e que convém sejam perfeitamente distinguidas: - *a situação em que*, no estado de formação, o Espírito segue a sua marcha progressiva, contínua, até chegar à condição de Espírito formado, isto é, de inteligência independente, dotado de livre arbítrio, cômico da sua vontade, das suas faculdades, da sua liberdade e, por conseguinte, da responsabilidade de seus atos; - *e a situação em que*, como Espírito formado, ele se encontra num estado de inocência e de ignorância, podendo ou *usar* do livre arbítrio *no sentido* de trilhar constantemente o caminho que lhe é indicado para progredir, *ou* fazer mau uso dele, sob a influencia do orgulho, da presunção, da inveja, e tornar-se, conseguintemente, indócil, culposo, revoltado, podendo, *em suma*, falir ou não falir.

A encarnação é *uma necessidade* para o Espírito no estado de formação, é indispensável ao seu progresso, ao seu desenvolvimento, como meio de lhe proporcionar e ampliar progressivamente a consciência de ser, o que ele não logrará senão pelo contacto com a matéria. É a união desses dois princípios que dá lugar ao desenvolvimento intelectual.

A encarnação é *uma necessidade* até ao momento em que; alcançando um certo ponto de desenvolvimento intelectual, o Espírito está apto a receber o precioso dom, mas tão perigoso, do livre arbítrio.

Já o explicamos (n. 56) e repetimos:

Um único é, originariamente, o ponto de partida para todos os Espíritos: - formação primitiva e rudimentar pela quinta-essência dos fluidos, substância tão sutil que dela, por nenhuma expressão, podem as vossas inteligências limitadas fazer idéia, quintessência que a vontade de Deus anima para lhe dar *o ser* e que constitui a essência espiritual (princípio de inteligência) destinada a tornar-se, por uma progressão contínua, Espírito, Espírito formado, isto é, inteligência independente, dotada de livre arbítrio, consciente de sua vontade, de suas faculdades e de seus atos.

Segue-se a encarnação, ou melhor, a co-materialização dessa essência espiritual mediante a sua união íntima com a matéria inerte, *primeiramente* no reino mineral e nas espécies intermediárias que participam do mineral e do vegetal, *depois* no reino vegetal e nas espécies intermediárias que participam do vegetal e do animal. *Desse modo*, numa contínua marcha progressiva, se opera o seu desenvolvimento, que a prepara e conduz às raízes da consciência da vida.

Em seguida vem a encarnação no reino animal, *depois* nas espécies intermediárias que, do ponto de vista do invólucro material, participam do animal e do homem, adquirindo assim aquela essência (Espírito em estado de formação), sempre em progressão contínua, a consciência da vida ativa exterior, da vida de relação. O desenvolvimento intelectual que a levará aos limites do período preparatório que precede o recebimento do livre arbítrio, da vida moral, independente e responsável, característica do *livre pensador*.

Chegados, quanto a desenvolvimento intelectual, ao ponto em que recebem o dom precioso e perigoso do livre arbítrio, os Espíritos, iguais sempre, todos no estado de inocência e de ignorância, se revestem do perispírito que recobre a inteligência independente.

Essa operação de revestir o perispírito, que, do vosso ponto de vista material, se deveria chamar *envoltório*, constitui então, para todos, uma encarnação fluídica. Todos, puros nessa fase de inocência e de ignorância, igualmente submetidos a Espíritos encarregados de os guiar e desenvolver, têm a liberdade de seus atos e podem, no estado fluídico, progredir, indo desse período de infância e de instrução à perfeição, mediante contínuos e sucessivos progressos. É o caso do estudante que, constantemente dócil e atento à voz, aos conselhos e lições dos mestres, passa pela feira de todas as classes e chega a tomar o grau.

Eles podem, todavia, cometer uma falta e *dessa forma* provocar e receber o castigo, a punição a que faz jus o culpado, mas só o culpado. Dá-se então o que sucede com o estudante que, insubmisso, culposo e revoltado, provoca, pela sua própria falta, e recebe a punição, o castigo de ser expulso e ir, noutra estabelecimento, noutra meio e em outras condições, percorrer a feira de todas as classes para chegar sempre a tomar o grau.

A muitos Espíritos acontece falir (já *o dissemos*). porque quase todos fazem mau uso do livre arbítrio.

Alguns, porém, dóceis aos incumbidos de os guiar e desenvolver, seguem simples e gradualmente pelo caminho que lhes é indicado para progredirem.

Os primeiros sofrem uma punição, um castigo *que teriam podido evitar*. É para experimentarem as conseqüências da falta cometida, que, como já explicamos, uma vez preparados a ser *humanizados*, eles caem na encarnação humana, conforme

ao grau de culpabilidade e nas condições apropriadas às exigências da expiação e do progresso, *ou* em terras primitivas, *ou* em mundos já habitados por Espíritos que faliram anteriormente. 324 OS QUATRO EVANGELHOS

A encarnação humana, *em princípio*, é apenas conseqüente à primeira falta, àquela que deu causa à queda. A reencarnação é a pena da reincidência, da recaída, pois que todas as vossas existências são solidárias entre si. O Espírito reencarnado traz consigo a pena secreta em que incorreu na sua encarnação precedente.

Os Espíritos que, dóceis a seus guias, não se transviam, continuam a progredir no estado fluídico.

Os que faliram e os que se mantiveram puros trabalham, uns e outros, com a sua atividade e com a sua inteligência, pelo seu próprio adiantamento, desempenhando missão providencial na grande unidade da criação, onde, para todos os Espíritos, tudo é reciprocidade e solidariedade, tendo por fim a elevação de todos a Deus, segundo as leis gerais do progresso e mediante a sabedoria, a ciência e o amor.

Desenvolvendo, como encarnados, atividade e inteligência, os que não faliram não cuidam somente de prover às necessidades da vida e do bem-estar; concorrem para a melhoria dos mundos que lhes servem de habitação. Isso constitui o lado material da tarefa.

Trabalham também pelo seu próprio adiantamento moral e intelectual e pelo desenvolvimento intelectual e moral das humanidades que povoam esses mundos.

À encarnação material, castigo necessário à expiação e ao progresso, sucedem as encarnações cada vez menos materiais, em mundos cada vez mais elevados (porquanto a matéria acompanha os progressos espirituais) e que se tornam cada vez mais fluídicos, desde que o Espírito, eximido de todo contacto com a carne, graças à elevação alcançada, reingressa nas regiões superiores, percorrendo as camadas de ar e mundos, aprendendo aqui, ensinando ali.

Os que se conservam puros também desenvolvem atividades e inteligência, a fim de progredirem, no estado fluídico, por meio dos esforços espirituais que necessitam fazer para, da fase de inocência e de ignorância, de infância e de instrução, chegarem, *sem falir*, à perfeição! O trabalho é grande, incessante e penoso debaixo do invólucro que constitui o perispírito, invólucro que, para o Espírito, é, conforme já o dissemos, *matéria* e que, notai-o bem, servindo-lhe de instrumento e meio de progresso, igualmente pode ser, a toda hora, como já foi para o que faliu, instrumento e meio de queda e talvez de recaídas, sendo sempre, porém, instrumento e meio de progresso, no curso das encarnações humanas.

Ao mesmo tempo desenvolvem, na medida da elevação alcançada, inteligência e atividade em prol da vida e harmonia universais, estudando e trabalhando, sempre como Espíritos, nos mundos que servem de habitação a seus irmãos encarnados por terem falido e nas esferas onde se encontram Espíritos no estado de erraticidade; em suma, no espaço todo.

Os mundos se multiplicam ao infinito. A multiplicidade e a multiplicação deles vos deslumbrariam. Dentro do quadro acanhado da vossa inteligência não há os que vos possibilite compreender-lhes a extensão numérica. Ainda mais numerosos, todavia, são os Espíritos.

Estes, *quer tenham falido, quer não*, chegando a um certo grau de desenvolvimento moral e intelectual, são atraídos para o estudo dos mundos, de seus princípios, de suas organizações e se entregam a esses estudos dirigidos por Espíritos de pureza perfeita. Sob essa direção, eles trabalham na constituição de planetas, os desenvolvem e impelem, de esferas em esferas, para as regiões que lhes são próprias. Esse o momento em que muitos se transviam, dominados pelo orgulho, que os leva a desconhecer a mão diretora do Senhor, ou a duvidar do seu poder, duvidando de suas próprias forças. Soa então a hora da encarnação humana *correspondente* ao delito. Em tal caso, o planeta, que não pode ficar sujeito a perecer por lhe faltar o primitivo obreiro, continua sua marcha progressiva sob os cuidados e a ação de um Espírito superior que vem substituir aquele que faliu.

Aludindo à formação dos planetas, acabamos de falar em Espíritos que alcançaram certo grau de ciência. Antes, porém, de lá chegarem, quantos se precipitam do éter na matéria imunda! quantos se desviam do caminho ao entrarem nele! a quantos falece a coragem para ao menos tentarem os esforços necessários, ou para perseverarem nesses esforços, uma vez tentados! Mas, não percais de vista que todos os Espíritos, tanto os que *faliram* como os que não faliram, isto é, como os que, dóceis a seus guias, atingem a perfeição; que todos, iguais na origem, *no ponto de partida*, iguais vêm a ser *no ponto de chegada*, por isso que igual é em todos a pureza, desde que se tornaram Espíritos puros, seguindo embora caminhos diversos, diversidade essa de caminhos proveniente da circunstância *de ter sido dado a cada um segundo as suas obras*.

N.60. Quais o sentido e o alcance destas palavras que haveis ditado mediunicamente, falando de Maria e de José quando encarnaram em missão: “Maria, Espírito perfeito; José, Espírito perfeito, porém, menos elevado que Maria; ambos inferiores a Jesus”? Quais, na perfeição, a *causa* e o motivo da inferioridade de uns com relação a outros?

Só Deus é perfeito de toda a eternidade, *só* ele tem a perfeição absoluta: o amor universal infinito, a ciência universal infinita. Só Deus pode dizer: “*Não irei mais longe*”, porquanto desde toda eternidade está no supremo limite. Ele é o *único* que, tendo *sempre* sido, tendo *sempre* sabido, nada tem que aprender. 327

O Espírito criado *já* o pode igualar. Ora, como tudo, no Universo, na imensidade, no infinito, tende sempre a progredir, o Espírito, não podendo *nunca*, por mais adiantado que seja *intelectualmente*, igualar-se a Deus, tem que aprender sempre, através das eternidades e por toda a eternidade. Para o Espírito, portanto, qualquer que ele seja, o progresso *intelectual* é indefinido, restando-lhe sempre aquisições a fazer em ciência universal, sem que haja limite algum para esse constante progredir.

A perfeição moral, como a intelectual, é *relativa*. Um Espírito pode ser moral e intelectualmente perfeito *com relação a todos os mundos inferiores ao que ele habita*. Pode ser muito elevado *relativamente a vós outros*, na hierarquia espírita; perfeito, moral e intelectualmente, *com relação ao vosso planeta*, e não ter chegado ainda ao ponto culminante da

perfeição, cumprindo-lhe, para atingi-lo, progredir muito em ciência universal. São esses os Espíritos que indicais pela designação de - Espíritos superiores.

Perfeito, *relativamente a vós e ao vosso planeta*, é o Espírito que se tornou senhor das paixões e delas soube libertar-se; que se despojou de toda impureza de pensamento e, por conseguinte, de ação; que vive animado do mais ardente e devotado amor a todas as criaturas do Senhor, penetrado do sentimento profundo de respeito e de adoração para com o seu Criador; que alcançou o apogeu do amor e do devotamento, mas não da ciência.

O ponto culminante da perfeição é a perfeição *sideral*, isto é, a perfeição moral e intelectual relativamente aos mundos superiores e inferiores, materiais ou fluídicos, habitados por Espíritos *que faliram*, ou por Espíritos *que não faliram*, até chegarem aos mundos fluídicos puros, onde a essência do perispírito já está completamente purificada, do que resulta não se achar mais o Espírito sujeito a encarnação em planeta algum, nula sendo sobre ele a influência da matéria.

A perfeição *sideral* só o Espírito puro a possui. Não possui, porém, o saber *sem limites*, do qual *só* Deus dispõe. Nem mesmo os Espíritos que mais aproximados dele estão pela ciência desfrutam desse saber sem limites, porquanto nenhum Espírito criado, repetimo-lo, pode *jamais* igualar a Deus

Aquele que conquistou a infalibilidade moral não é infalível intelectualmente, senão de modo relativo e por feito da assistência de que goza, quando lhe falta alguma coisa da ciência para o desempenho de uma missão qualquer. Perfeito moralmente, *com relação a todos os Espíritos, sejam quais forem*, ele é sempre, porque Deus assim o quer, assistido e sustentado pelos que lhe estão superiores *em ciência*. A hierarquia, que, no tocante à ciência, existe entre os Espíritos puros, não passa, dentro da igualdade resultante da pureza que lhes é comum, de um princípio de assistência que origina de Deus, única fonte donde dimanam e à qual remontam todo mérito e todo poder.

Sabei-o bem: o Espírito puro, embora muito tenha que fazer ainda para ganhar os extremos limites da ciência universal no infinito, é sempre, moral e intelectualmente, perfeito *com relação a todos os planetas de que se acerque*.

Os Espíritos puros são os intermediários *entre* a essência eterna de vida, a inteligência suprema, criador incriado, causa primária onisciente e onipotente – Deus - e os Espíritos superiores, ministros das vontades divinas, os quais, segundo a escala hierárquica, por intermédio dos bons Espíritos, as fazem chegar até vós.

Eles trabalham, desempenhando a função que o Senhor lhes assinou, concernente ao progresso universal, na preparação, no desenvolvimento, na direção, no funcionamento, na realização da vida e da harmonia universais, segundo as leis naturais e imutáveis estabelecidas desde toda a eternidade, na imensidade, no infinito, em todos os mundos, quer se trate dos que são habitados pelos que faliram, quer dos que servem de habitação aos que, sem falir, seguem a via de progresso que lhes é indicada.

Cada mundo, qualquer que ele seja, tem por protetor e governador um Espírito, um Cristo de Deus, cuja perfeição se perde na noite das eternidades, infalível, que *nunca faliu*, que, tendo-lhe presidido à formação, se acha encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso, assim como dos de todos os Espíritos que o habitam, a fim de os conduzir à perfeição.

As missões desses Cristos de Deus são *relativas*, conforme ao grau e ao desenvolvimento do planeta. Às terras ingratas, quais a vossa, eles pregam o amor; aos mundos mais elevados levam as grandes descobertas, as ciências e as artes, desempenhando, em todos, as funções de alavanca para soerguer os instintos adormecidos, sempre de acordo com as capacidades e as necessidades do planeta, cuja direção lhes cabe.

Quaisquer que sejam a inferioridade ou a superioridade dos mundos confiados ao seu governo, é sempre com o máximo zelo que desempenham as missões que lhes tocaram, seja em Marte, seja na Terra, em Vênus, ou em Júpiter.

Os Espíritos que, depois de terem falido, atingiram, purificando-se, a perfeição sideral e se tornaram assim Espíritos puros, olham sempre com uma espécie de respeito e de amor para os que souberam manter-se sem falir e galgar aquela perfeição, conservando-se constantemente puros na via do progresso. 330

Não acrediteis, porém, que haja uma linha de demarcação entre os que faliram e os que se mantiveram puros, não. Entre eles há a completa igualdade de pureza, de devotamento e de amor. Deixai aos homens do vosso planeta a hierarquia das posições e a desigualdade das condições sociais. Para Deus é igual tudo que é igualmente puro.

Dissemos acima que os Espíritos protetores e governadores de planetas eram *infalíveis e nunca faliram*. São infalíveis por estarem em relação direta com Deus, recebendo dele as inspirações e as vontades.

Nunca faliram: são, portanto, superiores, *em ciência universal*, aos que, depois de terem falido, se tornaram Espíritos puros. Não vislumbreis aí nenhum pensamento ou ato de parcialidade. Deus, todo justiça, é incapaz de parcialidade.

A hierarquia, como sabeis, se estabelece entre os Espíritos em consequência da elevação e do progresso deles. Deveis compreender que o Espírito que, *desde a sua origem*, progrediu sem se afastar nunca do caminho que lhe é traçado, está sempre mais adiantado em *ciência universal* do que outro que se purificou depois de haver falido. Ora, naturalmente aos mais adiantados devem tocar as missões mais importantes no Universo.

Capítulo VII

PROGRESSO DA REVELAÇÃO ESPÍRITA - 2 – ANO 1982

EVANGELHO E CIÊNCIA

Pesquisando na Internet no intuito de saber um pouco mais, e, se possível, desvendar o mistério da natureza da luz que vem há séculos desafiando a argúcia dos sábios e cientistas, deparei entre os sites que oferecentes, desfilaram na tela do monitor, um sebo virtual que colocava à venda o livro Evangelho e Ciência, abaixo focalizado, recebido mediunicamente em 1966 pela psicógrafa argentina Vilma Americano do Brasil, radicada no país e editado pela Edicel - Editora Cultural Espírita Ltda, de São Paulo – SP, em 2 edições de 3.000 exemplares cada, em agosto de 1982 e julho de 1986, ao que parece atualmente esgotadas, não sendo encontrados senão em sebos, como aconteceu comigo.

Por demais surpreso e recordando o papel desempenhado pelas “coincidências”¹ na formação deste livro, tratei logo de acessá-lo a fim de adquiri-lo, o que consegui, recebendo-o poucos dias depois. (Vide P 68 e Item 5 p368)

(1) - Vide p 68 da 1ª. parte e o item 5, p 368 de Leituras Adicionais, no Apêndice.

* * *

Qual não foi a minha surpresa ao verificar que todo o seu conteúdo estava de pleno acordo com Os Quatro Evangelhos, ditos de Roustaing de 1866, e A Grande Síntese de 1936 e outros livros de Pietro Ubaldi, obras científicas e filosóficas complexas, ambas pouco apreciadas àquela época pelos leitores de obras espíritas, a maioria voltada para a leitura de novelas, romances mediúnicos em grande número editados, além da série de 16 livros de André Luiz, cada um deles, como “Os Mecanismos da Mediunidade”, cuja página 120 transcrevemos acima um pequeno trecho, em 1959, atingiram tiragens centenares, e recordes de venda, sendo esta, talvez, a razão principal do cancelamento de novas edições. Como poderão verificar pelos trechos que – contando com a compreensão e benevolência dos responsáveis pela publicação da obra, – reproduziremos, visando em primeiro lugar preservá-la de completa extinção, corrigindo assim, em parte, o prejuízo causado à difusão de tão preciosos ensinamentos, podendo suscitar e/ou estimular o interesse em reeditá-la, – sem dúvida, – o melhor, sendo este, também, o intuito que nos levou a empreender esta cansativa tarefa que somente benefícios pode, com certeza produzir.



Vilma Americano do Brasil

Segundo podemos ler na Revista Libertação, ano XX, número 11, de Brasília - DF, editada pela Comunhão Espírita de Brasília, DF, Vilma Americano do Brasil, nascida na Argentina, atualmente com 80 anos é conceituada psicóloga profissional com um consultório na cidade e faz parte do grupo de trabalhadores da sociedade.

Introdução

A gênese espiritual é, com certeza, um dos temas mais relevantes da doutrina espírita, uma vez que procura esclarecer, à luz dos conhecimentos transmitidos pelos espíritos, a gênese do princípio espiritual, a sua união com a matéria, a origem do corpo humano, a reencarnação e as emigrações e imigrações dos espíritos, todos temas de maior relevância - A Gênese Espiritual - Cláudio Zanatta.

EVANGELHO E CIÊNCIA

“EVANGELHO E CIÊNCIA”, (1ª. Edição - Agosto de 1982) da Editora Cultural Espírita - Edicel – São Paulo-SP, do Espírito Paulo de Alencar, psicografado pela médium Vilma Americano do Brasil, que pedimos permissão para reproduzir exclusivamente para leitura virtual.

Introdução :



“À medida em que o pensamento humano se aprofunda em conhecimento, tanto nos domínios do infinitamente grande quanto nos infinitamente pequeno, percebe uma interrelação, um encadeamento entre os fenômenos, cada etapa vencida descortinando novas dimensões da realidade. Evidencia-se a perfeição do mecanismo que coordena os fenômenos universais; identifica-se como que uma diretriz, um comando, por trás das manifestações cósmicas, a coordenar-lhes os efeitos, a entrosar-lhes as causas, enquanto o homem se vê num posição intermédia entre o macro e o microcosmos, à maneira do espectador que fosse percebendo pouco a pouco, ser, ele próprio, parte integrante do grandioso espetáculo.

O homem de hoje tem vastas possibilidades de tomar consciência deste entrelaçamento, desta interdependência entre os níveis fenomênicos nos quais a Natureza desdobra suas manifestações, e de, com isso, ir compreendendo a sua própria unidade com o universo. A literatura científica é atualmente o alcance da maioria, mesmo leiga, que, em leitura amena, poderá

vislumbrar no cosmos princípios de equilíbrio, harmonia e ordem, que levam irresistivelmente a pensar numa Orientação Primordial que tudo coordena e dirige.

Na realidade, porém, em geral, o ser humano adota posições curiosas quanto à existência de uma base inteligente na Criação. Recusando-se a admiti-la, não falta quem prefira atribuir ao acaso até mesmo a própria existência, o que não resiste ao raciocínio lógico, a menos que esse acaso “agisse” de modo que já não poderíamos considerá-lo como tal: “um acaso inteligente, já não seria acaso”. Numa posição de superior negativa a pessoa como que se defende dos fatos e descobertas que possam mudar-lhe a opinião, receando talvez que novos conceitos de realidade imponham um reexame e uma transformação dos valores que lhe orientam a vida. Outros, pelo contrário, não só crêem na existência de uma Criador, como lhe atribuem a responsabilidade por todos os males que afligem a humanidade, relegando-se a um papel de vítimas da vingança celeste em razão de crimes ou pecados cometidos há milênios pelos pais da espécie.

Poucos desenvolvem atitudes mais construtivas que libertem o pensamento para novos níveis de compreensão, e os que o fazem encontram sempre muita dificuldade em vencer nos demais as barreiras que o preconceito ergue contra as mudanças.

Mesmo assim, o homem tem avançado bastante no caminho do próprio esclarecimento e vai crescendo o número dos que não se satisfazem com meias explicações, não aceitam a injustiça, não concordam com a acomodação e que, tendo percebido a inutilidade da força e da violência como promotoras de bem estar, buscam na sabedoria e na educação os meios de favorecer o progresso geral.

O presente trabalho representa pequena colaboração no sentido de auxiliar, embora palidamente, na grande tarefa de esclarecimento humano. Não se destina aos sábios ou àqueles que já encontraram seu caminho de reintegração cósmica – evita, por isso, entrar em minúcias ou revelar detalhes que a ciência humana tem condições de alcançar por si e que tornariam a leitura de difícil compreensão para o leigo – mas visa oferecer ao homem comum, muitas vezes aflito e sobrecarregado de problemas e obrigações, um panorama da realidade cósmica que lhe permita situar-se melhor face a sua própria realidade.

A era de angústia e insegurança que a humanidade hoje vive, gerada pelo desequilíbrio entre os recursos disponíveis e a capacidade de usá-los bem, exige de cada ser humano um esforço maior no sentido de descortinar com mais discernimento e profundidade os fundamentos da vida que reina no seu ambiente e lhe vibra no íntimo.

Somente de posse dessa consciência nova do “eu” e do mundo será possível ao ser humano renovar a si mesmo de modo a integrar-se no ritmo harmônico em que a natureza se transforma, aprendendo a utilizar os recursos que ela oferece sem agredi-la ou violentá-la. Esclarecido quanto a sua verdadeira condição de individualidade eterna em processo expansivo de evolução consciencial, poderá desenvolver seus potenciais e passará a viver mais plenamente, com mais alegria e simplicidade; saberá construir e desfrutar a paz que sempre buscou e terá encontrado, enfim, a felicidade, idealizada em todos os tempos, por todas as criaturas.” - (Tabajara) - Muita paz!

PRIMEIRA PARTE - COSMOGÊNESE

“E disse Deus: Haja luz e houve luz” (Gênesis 1-3)

Capítulo 1 - O Princípio

1- existe um princípio único?

Teorias como a da relatividade e descobertas como a fissão do átomo, vão reconduzindo a Ciência a conceitos novos sobre a formação da matéria e do universo, conceitos que se tornam mais exatos, descortinando novas realidades, na medida em que os pesquisadores se libertam de certas concepções imprecisas enraizadas no passado, bem como de alguma noções de “possível” e “impossível” igualmente apoiadas em antigo clichês mentais. São caminhos novos que

alguns estúdios já entrevêm, prestes a penetrarem outras faixas de conhecimento, no que se refere aos estados imponderáveis da matéria, como às diversas dimensões em que esta pode existir sem que, por isso, seja menos real. De outra parte, o estudo do psiquismo humano, além de revelar uma complexa estrutura consciencial capaz de manifestar-se em níveis diversos de percepção, tem sugerido, não só existirem faculdades ainda praticamente desconhecidas na mente humana, como também que a modalidade de energia que lhe é própria parece ter ascendência sobre as que animam a matéria.

Tais aspectos novos da natureza tornam menos estranha a idéia de uma inteligência universal na base da fenomenologia cósmica, mas é de se esperar ainda muitos recuos e rodeios antes que os conceitos gerais sobre a vida e o cosmos se aproximem um pouco mais da realidade.

O que podemos desde logo afirmar, com base no que se sabe é que a natureza cósmica, tal como se apresenta e se manifesta, pressupõe uma origem, um ponto inicial, um elemento desencadeador, e a conclusão lógica é que:

1º. – existe um princípio único, uma causa primária

2º. – que é tão grandiosa, poderosa e sábia que mal lhe podemos imaginar a maneira de ser ou os atributos.

2 – Qual a Sua Natureza?

Sentimos, hoje mais do que nunca, a necessidade de compreender melhor a nós mesmos e ao mundo em que vivemos. É o que nos leva em busca das raízes de nosso ser, das origens da nossa civilização, a nos lançar em busca das insondáveis maravilhas do espaço, é o que nos impele à procura do sobrenatural, dos estados alterados da consciência, dos mundos paralelos, como se o deus adormecido em cada um de nós quisesse despertar, ou pelo contrário, como se devêssemos despertar para a existência desse deus em nós.

Se entrevemos no Todo uma Origem Única, da qual forçosamente teremos emanado, é justo procuremos, apesar das limitações da nossa inteligência analisar e compreender essa causa primária. Chegaríamos a concluir, por um processo simples de raciocínio, que o nível de todo o complexo cósmico, razão de suas transformações e dinamismo, é uma força, e que essa força inevitavelmente será:

1 – Inteligente e perfeita – só uma inteligência completa, plena, possuidora de toda a sabedoria que se possa imaginar, poderia produzir a obra universal, com sua complexidade e sincronia;

2 – única – se é ela a origem e base de todas as coisas, só a sua unicidade garantiria a estabilidade dinâmica da Criação;

3 – eterna e imaterial – se não fosse eterna, teria saído do nada, o que é ilógico, ou teria sido criada por uma força anterior, que passaria a ser a origem das coisas, deveria ser a origem das coisas, deveria sofrer as transformações próprias da matéria e estaria sujeita às limitações de tempo, o que não se coaduna com sua condição de origem do próprio tempo e do Todo.

3 – Como a chamaremos?

Absoluto, Foco, Origem, Um, Princípio, Centro, Espírito, Pai, Deus.

O próprio desenvolvimento do estudo nos levará à denominação conveniente. Deixaremos, por isso, inicialmente, à parte qualquer designação particular a fim de prosseguirmos, já que a terminologia convencional *não altera a realidade intrínseca* dos fenômenos ou dos fatos.

Tomando 8 como ponto de partida o que nos está mais ao alcance, examinemos a matéria de que somos constituídos fisicamente e que nos circunda no mundo das formas, impressionando-nos os sentidos. Até há bem pouco tempo, esses sentidos condicionavam de tal modo nosso conhecimento que julgávamos fossem os elementos químicos a última expressão de realidade, fora da qual nada mais existiria. O avanço da técnica científica entretanto, possibilitou aos pensadores concluírem que o constituinte básico da matéria, o átomo, era passível de ser desintegrado em frações infinitésimas, cada uma delas turbilhão de energias em constante vibração e deslocamento, algumas, por sua vez, dissociáveis em frações ainda menores.

De repente a matéria deixou de existir como princípio!

Dando-lhe corpo, em todas as manifestações, estava presente a energia, movendo-se em velocidade, freqüências e densidades as mais variadas!

Seria, então, a energia o verdadeiro princípio, uma vez que, inegavelmente está presente em todo o universo, interpenetrando-o e permitindo-lhe manifestação e expressão?

Observemos os constituintes energéticos do átomo assim como os grupamentos atômicos que constituem as moléculas e ainda todos os elementos químicos de que estas são a base. Veremos que, apesar de serem todos eles em última análise, energia em graus diversos de “condensação”, conduzem-se de modo particular no que se refere à ligação, atração-repulsão, eletro-magnetismo, etc. Em termos atômicos as polaridades semelhantes se repelem, em termos nucleares as cargas iguais permanecem unidas por forças desconhecidas, numa contradição aparente, Mas, cujo resultado é, invariavelmente, a harmonia do conjunto. Concluiremos: nada mais claro, a energia que constitui essas partículas, obedecendo a leis diversas; apresenta essas características particulares...

– Como? Falamos em leis?

Evidentemente, já não podemos ver na energia o princípio diretor dos fenômenos universais, ela apenas *dá expressão às leis que o regem*, definindo-lhe a atuação nos diversos níveis fenomênicos.

O princípio, então, estará certamente *ligado a estas leis!*

Quando enviamos uma ordem, consciente ou inconsciente, a qualquer parte do corpo, fazemo-lo através da mente. Quando elaboramos um código de conduta quando determinamos ordens de trabalho ou, mecanismos de funcionamento para qualquer finalidade estamos cientes de que estas regras foram, em dado momento, mentalizadas, elaboradas e emitidas. Não podemos simplesmente, conceber qualquer lei *existindo por si mesma*, sem que, de alguma forma, tenha sido formulada e posta em vigor. É necessário imaginar para elas uma origem, um foco do qual promane, um comando central que a manifeste.

Costuma-se dizer que, para compreendermos o exato sentido de um conceito é preciso que lhe apreendamos o espírito, ou seja, a ideia essencial que o fundamenta; assim, também para chegarmos à compreensão das leis que atuam no cosmo teremos que buscar-lhes o espírito, a fonte geradora, a essência mental da qual elas, logicamente, irradiam.

Admitiremos, pois, o uso deste termo para designar o Foco Gerador das leis cósmicas: ESPÍRITO.

Espírito, é, então, a origem de tudo, a força diretora a comandar e sustentar as manifestações da energia, dando à matéria existência e vida.

Convencionamos chamá-la Espírito como poderíamos chamá-la Origem, Princípio, ou Deus, Criador, Pai.

Espírito está, pois, em todas as coisas, presente, atuante. É o Princípio Fundamental na Criação. Esta força que reconhecemos inteligente e perfeita, eterna, imaterial e única, manifesta-se através da Mente Universal, “campo radiante que tem por centro o Absoluto e cujas emissões vibratórias acionam as leis cósmicas, formando e regendo os universos.

Não nos deteremos em considerações filosóficas em torno da sua natureza. Basta-nos compreender que esta força existe e perceber-lhe, ainda que imperfeitamente, os atributos. Para nós, isto se reveste de especial importância já que influirá em nossa concepção geral da vida com seus fenômenos e diretrizes e, por consequência, em nossa própria maneira de ser.

Tentaremos, assim, compreender como age esta força, pelo menos naquilo que esteja mais ao alcance do nosso entendimento.

Acabamos de examinar sumária e superficialmente, a estrutura da matéria, o suficiente para constatar que ela existe em função do movimento (vibração, velocidade) desenvolvido pelas partículas atômicas e pelos próprios átomos. Tais vibrações captadas em certa medida pelos nossos sentidos, nos permitem perceber as coisas e os fenômenos, os quais a ciência humana já identifica e interpreta, utilizando esse conhecimento em várias práticas. Estas leis, concluímos, têm origem na mente universal, emanam do Espírito Criador, que as religiões ocidentais chamam Deus.

1 – Como Criaria o Espírito?

Estudos experimentais têm comprovado a Natureza energética das ondas de pensamento.

Mensagens mentais projetam-se a grande distância, atravessando quaisquer barreiras materiais, mesmo aquelas que logram obstar a passagem dos raios X e gama, dos mais penetrantes que se conhecem (4).

Propagam-se tanto através do ar atmosférico como em pleno vácuo, indiferentes à Natureza do meio físico em que se movimentam.

Hierarquia Energética

Consultando os compêndios de Metapsíquica e, modernamente, os informes científicos nesse campo, verificamos que se tem logrado movimentar até mesmo corpos sólidos através do pensamento (5).

Ora, se as ondas mentais conseguem imprimir movimento a um corpo *em repouso*, comprova-se o seu caráter de energia e infere-se que possui massa e velocidade específicas, no futuro perfeitamente registráveis por aparelhos científicos.

É, portanto, a força mental uma especialíssima forma de energia.

Por outro lado, em trabalhos experimentais de materialização de objetos e seres – com o auxílio de inteligências desencarnadas – nas quais se usa essencialmente a força mental como formadora e controladora dos fenômenos, ficou sobejamente demonstrados que a energia mental tem ascendência e comando sobre a energia que constitui os corpos materializados e desmaterializados nestas ocasiões. Conclui-se daí que existe uma *hierarquia energética*, pela qual a energia de nível vibracional inferior é subordinada à energia de nível vibracional superior, desde que se satisfaçam os fatores condicionantes necessários.

Nosso raciocínio é, portanto, levado a admitir que, no futuro quando a tenha desenvolvido suficientemente, o homem utilizará no plano da matéria, a força mental que já utiliza no plano psíquico.

Afirma a sabedoria antiga e a moderna começa a comprovar: “o que está em cima é como o que está em baixo”, significando que as leis que orientam os fenômenos do macrocosmos são as mesmas que regem os do microcosmos – reproduzindo-se, é claro, num e noutro, segundo a Natureza cósmica, subatômica, atômica ou molecular que lhes seja própria, mas guardando sempre analogias que nos permitem entrever a unidade do todo.

Sabemos que a Vontade, força mental e pensamento são atributos do espírito humano e não ignoramos que 13 “Deus é Espírito...”, logo, tendo sido o homem feito “à Sua imagem e semelhança...” é justo concluirmos que o Espírito Criador possua Vontade, Força Mental e pensamento em dimensões inimagináveis para nós, os quais terá mobilizado e mobiliza eternamente para dar existência vida e forma aos universos e à criaturas.

Assim sendo, podemos, sem receio de incorrer em irreverência para com esse Poder Maior admitir que o Espírito Criador, utilize o Seu Pensamento como veículo de expressão de Sua Vontade e que, por isso mesmo, assim, também faz o homem, “criado à Sua semelhança ...”

O Pensamento Divino é, assim, uma Vibração Primeva, um fluido universal, a interpenetrar todo o cosmos, vivificando e garantindo a cada ser e a cada orbe a presença constante depois Pai, em Sua providência inesgotável. Tratemos de vislumbrar no labirinto de fatos e fenômenos que se nos oferecem à observação, quais sejam os princípios ou leis que fundamentam a Criação.

Trechos do livro “EVANGELHO E CIÊNCIA”, (1º. Edição – Agosto de 1982) da Editora Cultural Espírita - Edicel – São Paulo-SP, do Espírito Paulo de Alencar, psicografado pela médium Vilma Americana do Brasil, que pedimos permissão para reproduzir exclusivamente para leitura virtual.

Capítulo 3 - Princípios Cósmicos -15

1 – Lei de Dualidade

Raciocinemos. A primeira vibração do Espírito Criador no sentido de criar um universo, originaria em seu Campo Mental dois tipos de ondulações:

1 – uma proveniente das vibrações de Sua Vontade que chamaríamos impulso criador.

2 – outra, que reproduziria esse impulso no oceano de energia inefável que constituiria o Campo Mental Divino, energia esta que podemos chamar de fluido universal, por ser a base de todos os eventos cósmicos

O termo "campo" é aqui usado significando zona de influência de um centro radiante de energia – no caso, o Espírito Criador "circundado" por Suas poderosas radiações criadoras a Lhe constituírem o Campo Mental.

Essa primeira ondulação a que nos referimos estaria carregada de potencialidades criadoras próprias da Vontade Divina. Sua manifestação se traduziria em movimento, luz, radiação, expansão, que podemos considerar expressões de positividade.

A segunda, conseqüência da primeira, revelaria propriedades receptivas, passividade, contração, – de natureza oposta a da primeira, portanto, negativas, propícias a dar forma ao Pensamento Criador, que na sucessão fenomênica então desencadeada, viria a constituir os universos materiais e psíquicos, com seus seres.

Tais vibrações movimentar-se-iam em direções diferentes, por antagônicas em tendência, mas ao mesmo tempo se procurariam, pois suas características opostas necessitariam das outras para, unindo-se, complementarem-se manifestando-se em plenitude. Estas duas ondas livres, que se procuram, encontrando-se, resultaria num movimento rotatório, turbilhante, na intimidade do qual já estariam agindo as leis imanentes ao Campo Mental Divino e que orientariam cada aspecto da Criação. Este esquema inicial: duas formas oponentes, mas sintônicas de energia encontrando-se e dando origem a núcleos energéticos com campo próprio de influência, repetir-se-ia ao infinito e formaria inumeráveis núcleos de Energia Espiritual que se poderia chamar "mônadas celestes" ou "princípios espirituais" – resultantes da primeira manifestação criadora de Deus, no plano vibratório que chamaríamos Mental Divino, por ser aquele mais próximo da natureza intrínseca do Espírito Criador.

A presença de duas forças oponentes como bases constitutivas do universo é aceita e provada pela ciência humana, numa ratificação do antigo ensinamento da "dualidade" na Criação, sem endossar muitas interpretações filosóficas que daí derivaram.

Expressa-a modernamente o princípio:

– Tudo o que é tem o seu inverso, sem o que resultaria incompleto.

Ou, em termos mais objetivos: – Todas as partículas devem ter o seu equivalente, portador do sinal ou polaridade contrária.

2 - Lei da Trindade - p 16

Como vimos:

– *O Espírito Criador*, ao manifestar-se, gera de Seu Próprio Ser duas polaridades, colocando em ação;

– o *princípio espiritual*, núcleo radiante de energia mental-magnética, a expressar-se no movimento, o qual passa a animar o fluido universal, que atende ao comando do primeiro, consubstanciando-se na forma; forma que, nesse primeiro estágio da Criação, se manifesta como luz – a Luz Viva do Espírito Criador.

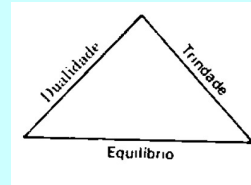
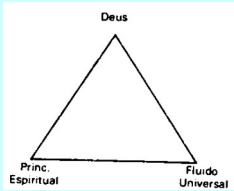
Da primeira trindade: Deus – princípio espiritual – fluido universal

– origina-se a segunda: princípio espiritual – movimento – forma

Percebe-se que enquanto o princípio espiritual atua a partir do plano básico em que se situe, por meio de impulsos mentais, o fluido universal responde por meio de certo tipo de vibrações energético-ondulatórias que caracterizarão os fenômenos desse plano.

Estas duas forças, a mental e a energética, interagindo sob o influxo espiritual, se equilibram e sintonizam, tornando possível o surgimento do universo físico tal como conhecemos ou viremos a conhecê-lo, quando o pensamento científico alcançar as dimensões matemáticas que permitirão verter em equações os ritmos e "pulsos" cíclicos em que essas realidades se manifestam.

A bipolaridade que aí se observa entre forças com características diversas que, ao mesmo tempo que se opõem se complementam, originaria o conceito místico de Pai e Mãe Cósmicos, no sentido de princípios geradores do universo. Não é outro o significado do "Mistério do Dois em Um Só" (o Deus-Pai-Mãe) ou o não menos antigo "Mistério da Trindade Divina": Deus, sendo Uno, manifesta-se como Criador em duas outras "pessoas", isto é, em duas outras expressões da Sua Própria Natureza.



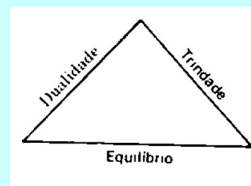
Tenha-se presente que usamos aqui o termo Pai no sentido de Movimento gerador da vida e o termo Mãe para designar o fluido universal que constituirá a forma, da união dos quais surge o universo como Filho.

É assim que, como o primeiro movimento criador o Uno, o absoluto gera o que se poderia chamar "germe cósmico" – entrevisto pela ciência astronômica moderna – de natureza dual, já que a ciência nele percebe apenas o aspecto físico, sem identificar, por enquanto, o terceiro fator, isto é, a própria Origem de princípios a estabelecer a interação e o equilíbrio entre as duas forças.

3 – Leis de Equilíbrio e Retorno

Desencadeado o movimento criador, as próprias forças oponentes em que se manifesta, uma que busca expandir-se (o princípio espiritual) outra que tende ao repouso (o Fluido universal), – deslocando-se, portanto em direções oponentes – determinam o retorno sobre si mesmos deste movimento. Surge o *equilíbrio* entre as duas forças e a manifestação se concretiza na formação de um novo núcleo radiante.

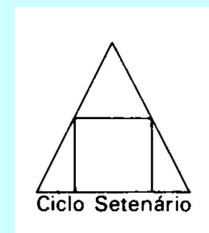
Do Primeiro Movimento Criador, no qual se manifestam os Três Princípios Cósmicos Fundamentais – Dualidade, Trindade e Equilíbrio, – perfazendo um ciclo Básico (o Ternário):



Ciclo Básico Ternário

Origina-se o Segundo Movimento Criador, que manifestará os quatro Princípios Cósmicos Complementares (o Quaternário), derivados dos primeiros e indispensáveis para que se complete a manifestação no Grande Ciclo Criador (o Setenário). São estes os princípios de Retorno, Transformação, Harmonia, Perfeição:

Neste ritmo ininterrupto, expande-se e retrai-se o Hausto do Criador em ondas de Vida e Luz, que incessantemente vivificam a Criação e, suave mas irresistivelmente, a impelem ao embelezamento e à perfeição.



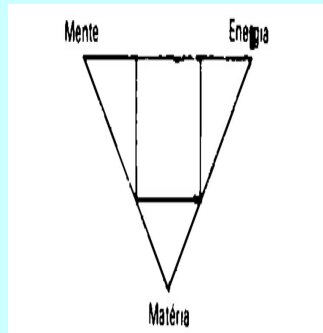
4 – Lei de Transformação

Os dois ciclos ternário e quaternário – que são por si mesmos unidades completas – interagindo e interpenetrando-se constituem um *Ciclo Maior*, o da Criação, que começa a manifestar-se no Plano Divino: e completa-se no plano material: mas tende a retornar ao Plano Divino, num entrelaçamento que faz coexistirem os inumeráveis aspectos da 20 Criação, tanto físicos quanto psíquicos, nos seus diversos níveis de manifestação.

Desencadeado o movimento criador, as próprias forças oponentes em que se manifesta, uma que busca expandir-se (o princípio espiritual) outra que tende ao repouso (o fluido universal) – deslocando-se, portanto em direções oponentes – determinam o retorno sobre si mesmo deste movimento. Surge o equilíbrio entre as duas forças e a manifestação se concretiza na formação de um novo núcleo radiante.

Do Primeiro Movimento Criador, no qual se manifestam os Três Princípios Cósmicos Fundamentais – Dualidade, Trindade e Equilíbrio – perfazendo um Ciclo Básico (o Ternário)

Origina-se o 19 segundo Movimento Criador, que manifestará os quatro Princípios Complementares (o Quaternário), derivados dos primeiros e indispensáveis para que complete a Manifestação no Grande Ciclo Criador (o Setenário). São estes os princípios de Retorno, Transformação, Harmonia, Perfeição.



Desencadeado o movimento criador, as próprias forças opoentes em que se manifesta, uma que busca expandir-se (o princípio espiritual) outra que tende ao repouso (o fluido universal) – deslocando-se, portanto em direções opoentes – determinam o retorno sobre si mesmo deste movimento. Surge o equilíbrio entre as duas forças e a manifestação se concretiza na formação de um novo núcleo radiante.

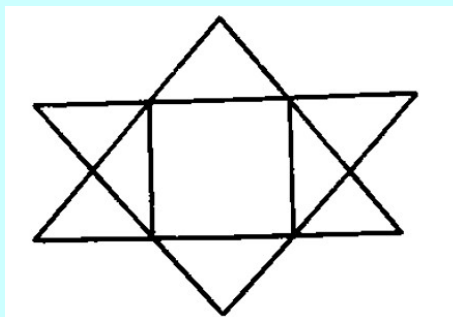
Do Primeiro Movimento Criador, no qual se manifestam os Três Princípio Cósmicos Fundamentais – Dualidade, Trindade e Equilíbrio – perfazendo um Ciclo Básico (o Ternário)

Origina-se o 19 segundo Movimento Criador, que manifestará os quatro Princípios Complementares (o Quaternário), derivados dos primeiros e indispensáveis para que complete a Manifestação no Grande Ciclo Criador (o Setenário). São estes os princípios de Retorno, Transformação, Harmonia, Perfeição.

4 – Lei de Transformação

Os dois ciclos, ternário e quaternário – que são por si mesmo unidades completas – interagindo e interpenetrando-se, constituem um ciclo maior, o da Criação, que começa a manifestar-se no Plano Divino:

Podemos representar esse entrelaçamento, simbolicamente em linguagem geométrica:



num esquema que, repetindo-se em escala infinita nos diversos planos dimensionais presidirá a todas as manifestações cósmicas daí por diante, através do princípio de transformação.

Cada unidade complexa deve gerar, a partir da mesma, uma outra unidade semelhante, porém dotada de natureza e trajetória próprias, sem o que não poderá completar-se o seu ciclo de manifestação.

Nesse movimento constante de vir-a-ser, transformação se origina no espírito (vontade), partindo do plano mental (consciência) para corporificar-se na substância ou forma (realização. Este um dos aspectos simbólicos do entrelaçamento dos triângulos. Este o princípio de transformação que se irá manifestar infinitamente como dois movimentos opostos e complementares. Volução (1) e Evolução(2), os quais serão melhor compreendidos se estudados com mais vagar a quarta lei:

(5) voluir – Termo derivado dos vocábulos latinos – volvere – girar em redemoinhos ou espirais; – volo – 1 – voar – 2 – querer, desejar – 3 –voluntário, assim:

Voluir – Formar núcleos turbilhonantes potencialmente inteligentes que se deslocam em espiral.

(6) Evoluir – desenvolver a individualidade e consciência e vontade potenciais.

Lei de Retorno – pág. 21

Nebulosas se condensam no espaço cósmico e suas espirais diáfanas dão-nos uma ideia de como se terá formado a nossa própria galáxia. Por outro lado, descobrem-se elementos e corpos celestes em alto grau de condensação, emitindo radiações, isto é, liberando constantemente a energia de que se constituem. Ao que parece, a matéria interestelar, extremamente rarefeita, obedecendo a um impulso desconhecido, *tende a condensar-se*. Quando atinge um determinado

grau de condensação, porém, não mais permanece estável, começa a liberar energia como se alguma força ignota a levasse a *tornar ao estado primitivo* de energia livre.

Isto se dá em função dos movimentos que fundamentam a lei de retorno. Da mesma forma que do Espírito Criador promana a energia mental para dar surgimento à matéria, esta, atingindo determinado grau de condensação, começa a retornar ao estado de energia que, por sua vez, se reintegrará no seu princípio o Espírito. Enquanto, voluindo, a energia se materializa, a matéria, evoluindo, se espiritualiza. Isto, porque guarda no íntimo o princípio espiritual, cuja tendência irresistível é, uma vez completo o movimento de descida vibracional ou volução, iniciar o movimento oposto no qual percorrerá, já agora em escala ascendente, os planos vibratórios, até identificar-se novamente com sua Origem: o Espírito Criador, o Pai, Deus.

Falamos, várias vezes em movimento de retorno, Cabe-nos esclarecer que, longe de constituir revelação ou inovação, trata-se de fenômeno identificado por sábios de várias épocas.

Nos antiqüíssimos registros conhecidos como “Leis de Manu” já se fala no “respirar de Brahma”, e no “dia e noite de Brahma”. Onde em linguagem figurada e poética está claramente exposta a seqüência dos movimentos de expansão-retração do universo, bem como a volução-evolução do princípio espiritual.

A astronomia 22 percebeu em parte este movimento cósmico quando descobriu a “fuga das galáxias”, ou seja, a expansão universal. Chegou-se a formular uma teoria segundo a qual o universo teria estado concentrado num só Átomo Inicial, o qual teria entrado em processo explosivo, responsável pela formação das galáxias e dos corpos celestes. Outros, recordando que, diminuída a força expansiva inicial, prevaleceria a da atração, ponderam que, neste caso, as galáxias tenderia novamente a aproximar-se, até se precipitarem no Núcleo Central.

O que estas teorias e outras teorias semelhantes possam ter de verossímil não nos cabe discutir, mas o certo é que elas evidenciam ter a ciência humana identificado um movimento de afastamento – retorno a um ponto inicial como fundamento dos movimentos universais.

Estes dois impulsos coexistem continuamente no universo, atuando simultaneamente em diversos níveis de manifestação, em eterno equilíbrio, que não é feito de repouso mas de trabalho constante, volução-evolução, condensação-radiação, retração-expansão, nascimento-morte.

Neste ritmo ininterrupto, expande-se e retrai-se o Hausto do Criador em ondas de Vida e Luz, que incessantemente vivificam a Criação e, suave mas irresistivelmente, a impelem ao embelezamento e à perfeição.

Cada uma destas emanções vivificantes da Energia Divina expande-se, “descendo” vibracionalmente até os planos mais densos, servindo de sustentação a todas as manifestações da vida, nas suas diversas dimensões conscienciais. O Espírito humano reproduz estes movimentos de várias maneiras e em vários aspectos de sua manifestação entre eles “condensando” seu perispirito e “contraíndo-o” até que possa incorporar-se à célula-ovo por ocasião de fecundação, a fim de, através do 23 nascimento e da morte, expandir-se consciencialmente sempre mais, nos ciclos reencarnatórios.

Não admira, pois, afirmemos que o homem deve retornar a sua Origem, isto é, a espiritualizar-se, identificando-se com o com a natureza essencial do Criador, que é Espírito.

É também importante enfatizar que, na seqüências dos princípios cósmicos que vimos estudando, a lei de retorno (ação-reação) tanto quanto a lei de transformação (evolução), ocupam posição decisiva. Sem atender-lhes aos impositivos, os princípios finais de realização do ser (harmonia e perfeição) permanecem inalcançáveis.

Planos e Faixas Vibratórias

Em cada ciclo de transformação – seja qual for nível em que se manifeste – vimos que a Diretriz Divina age por meio de leis básicas que correspondem aos Princípio Cósmicos já referidos.

Estes desdobram-se, para cada plano de manifestação, segundo os estágios vibratórios em que devem atuar. Também neste sentido se deve entender a afirmação antiga “o que está em cima é como o que está em baixo”; sem esquecer isto se afirma em termos de relatividade, podemos inferir que chegaremos a identificar as leis principais da Criação observando seus reflexos na própria Natureza que nos cerca, sem que, por isso, pretendamos descobrir suas outras manifestações em planos diversos daqueles em que estagiamos.

A cada Lei Maior ou Básica correspondem leis menores que presidem cada um dos níveis ou planos energéticos em que “pulsa” toda a Criação, planos esses que abrangem inúmeras faixas vibracionais de gradação diversa. Conclui-se que estas leis menores se subdividem, por sua vez, segundo *relações harmônicas*, para regerem toda a marcha evolutiva universal.

Tais leis secundárias 24 são de âmbito limitados a determinadas fases evolutivas, deixando de atuar para o ser que as tenha ultrapassado porque, então, ele já estará naturalmente sob a égide da lei imediatamente superior, que lhe orientará a nova trajetória de progresso.

Por exemplo, enquanto na estrutura geral do átomo os opostos se atraem, sendo o equilíbrio alcançado pela velocidade de interação entre a capa eletrônica e o núcleo, dentro do núcleo atômico são os semelhantes que se atraem, sendo fator de equilíbrio o intercâmbio de forças entre prótons e nêutrons.

O mesmo princípio pode ser abordado sob outro aspecto: durante a fase de evolução animal, a “lei do mais forte” ou do mais apto determina os processos seletivos entre os seres irracionais. Quando se chega, porém, à fase humana de

evolução é a “lei de fraternidade” em seus diversos aspectos, que passa a influenciar o ser, determinando o intercâmbio emocional, assistencial, lingüístico, cultural entre os indivíduos e grupos, para o seu maior progresso pessoal e social, embora, durante algum tempo, o comportamento humano ainda seja guiado por clichês mentais adquiridos na fase anterior de aprendizado.

Planos Mentais

A forma mais sutil de matéria que podemos ver é a luz, que sabemos síntese de várias vibrações luminosas: as cores, a luz visível pode, portanto, simbolizar para nós a Luz Divina, síntese das radiações criadoras da Mente Divina. A simples decomposição espectrográfica da luz visível nos revela os Grandes Planos Vibratórios nos quais se refrata a Luz Divina, conseqüentemente o número das leis fundamentais que regem o cosmos.

Mais completa se torna a nossa analogia se recordarmos que também, entre as cores encontraríamos três básicas 25 (ternário) e quatro resultantes daquelas (quaternário), além de diversos matizes que simbolizariam as menores, a que já nos referimos.

“Haja Luz.”

Eis como relata a Bíblia o primeiro ato Criador de Deus. O espaço cósmico é a forma material desta luz primordial, cujo esplendor não conseguimos identificar já que se constitui de radiações de freqüência por enquanto inteiramente fora de nossa capacidade de percepção. É a diminuição da intensidade dessa luz ou sua “degradação energética” que possibilita o surgimento das energias cósmicas conhecidas, até seu “congelamento” em matéria. Fácil deprender daí a íntima relação existente entre a luz e Criação, que o autor do Gênesis desejou expressar.

Compreende-se também que essa luz dos planos extrafísicos se refrata igualmente em cores, inimagináveis para quem não tenha para percebê-las o aparelho sensorial adequado.

Entretanto, para que surgisse a Luz Primeva, pressupõe-se um elemento fundamental que a desencadeasse num determinado instante cósmico e, como vimos anteriormente, esse elemento estaria ligado ao próprio Pensamento do Espírito Criador.

“E Deus disse: Haja luz”

O termo “disse” aí, obviamente significa determinou, estabeleceu, criou condições para.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus...”

“Todas as coisas foram feitas por intermédio dele...”

“A vida estava nele e a vida era a luz dos homens.”

Percebe-se claramente a relação entre Pensamento Divino, Verbo (ou som) Criador. Luz Cósmica e Vida.

Som, luz, cor, sendo formas vibracionais primevas, encontrar-se-ão forçosamente em todos os planos da Criação, ainda que em escalas e gradações inteiramente 26 inalcançáveis para quem não esteja situado nas faixas de percepção adequadas.

Compreende-se assim, como nos mundos mais adiantados é possível obter luz e calor independentemente da distância em que estejam dos seus sóis. Suas humanidades terão aprendido a transformar as altíssimas formas de energia que se encontram em todo o espaço, naquelas próprias de suas necessidades.

Continuando nossa linha de raciocínio, lembraremos que nenhuma das cores é a luz, mas essa as contém a todas, assim nenhuma das leis ou princípios cósmicos é Deus, mas Ele os contém a todos em Si. E nenhum deles atuaria sem a presença constante de Deus para dar-lhe existência e expressão. É compreensível, pois, que onde estejam estes princípios agindo e vimos que integram toda a Criação – aí está Deus presente.

É o princípio da onipresença do Criador no universo. Deus está em tudo, a tudo contém e envolve num imenso amplexo. O mal, como força antagônica não existe. Existe sim, como desequilíbrio passageiro provocado pela atuação desarmoniosa da criatura – gerador de um desequilíbrio maior que nele se apóia como experiência, com vistas ao progresso.

Olhando a luz do Sol, e jamais se poderia imaginar as cores que a constituem-se, ao atravessar as gotículas de água em suspensão na atmosfera, ela não se descompusesse nos matizes do arco-íris. Coloquem no lugar da luz visível a Radiação Viva de Deus, os sete planos mentais em que esta se manifesta, como as sete cores do espectro, se interpenetram, porém, guardam, cada um, suas características próprias e dão como resultados o próprio cosmos.

Não fosse o agregado de cores, as quais decrescem da mais alta para a mais baixa vibração, coexistindo sem perderem sua natureza própria, nossos olhos não registrariam a presença da luz.

Do mesmo modo, se não se efetivasse o decréscimo vibratório da Radiação Criadora, *com o conseqüente “afastamento” do princípio espiritual para os planos mais densos*, este permaneceria mergulhado na Essência Primordial, porém, sem individualidade ou sem consciência, incapaz, portanto, de registrar no próprio ser a felicidade e a paz inerentes à presença de Deus.

O Espírito Criador, determinando que o ser participe da Ventura Eterna, “afasta-o” para os planos onde pode individualizar-se, exercitando suas faculdades latentes, já que não poderia exercer um aprendizado onde tudo é completo e perfeito”.

Faixas Vibratórias

Socorramo-nos mais uma vez da analogia para que nossa compreensão limitada possa abarcar, ainda que imperfeitamente, o Todo.

A vontade do homem manifesta-se primeiro em sua mente para depois refletir-se em suas ações. A Vontade Divina manifesta-se no Plano Mental Divino inicialmente, para depois refletir-se na Criação Universal.

Assim sendo, na Essência Divina forma-se o primeiro movimento criador, o qual, como vimos, reflete-se nos sete planos mentais que expressam os sete princípios cósmicos ou leis básicas, a presidirem por sua vez os fenômenos próprios dos diversos níveis vibratórias em que atua a energia.

Fácil concluir, então, que cada *plano mental* em que se pode exprimir o princípio espiritual, *corresponde uma determinada faixa de vibrações* energéticas do fluido cósmico, com a conseqüente fenomenologia no que concerne à matéria – todas elas reflexos distintos das vibrações criadoras da Mente Divina.

Ora, assim sendo, nossas criações mentais, boas ou más, se apóiam no oceano de energia que emana do Criador. Não é de admirar, portanto, que qualquer manifestação contrária à Lei provoque um desequilíbrio (mal) e a conseqüente tendência da volta à harmonia (resgate).

Por outro lado, cada uma das leis cósmicas reflete-se dos planos mentais para as faixas vibratórias em que a criação se desdobra, a fim de coordenar, dirigir e conter a atuação dos *núcleos de radiação espiritual* que vivificam esta Criação, desdobrando-se em atividade incessante, seja na fase volutiva, seja na evolutiva.

Cada vez que duas expressões oponentes de energia se encontram e passam a constituir um binário de forças (dualidade), tendo a comandá-las o princípio espiritual (trindade, equilíbrio), tornam-se também um novo centro de radiação (transformação), a reproduzir, em escala infinitésima, a atuação do Centro de Radiação Universal, com seus sete planos básicos de vibração mental-magnética (retorno à Origem).

Nas sete cores do espectro, como nas sete notas musicais, tanto quanto nos sete níveis da capa eletrônica que envolve o núcleo atômico, podemos identificar reflexos microcósmicos de mais uma das leis básicas.

5 – Leis de Harmonia

Esta interação que vimos identificando entre planos mentais, vibrações e leis, e que se reveste de extrema complexidade dadas as dimensões macro ou microcósmicas em que se verifica, seria o próprio caos se não obedecesse aos *princípios da lei de harmonia*, cujos reflexos no plano material podem ser entrevistados na escala de harmonização de ondas e nas relações desta com inúmeros fenômenos do mundo físico. Relações e princípios que aguardam se dedique o homem a estudar-lhes as aplicações práticas que revolucionarão a tecnologia do futuro.

Apoiados 29 no princípio da lei de harmonia, estão os planos mentais e as faixas vibratórias em constante interação, como aspectos diversos de um mesmo fenômeno, à semelhança do que ocorre no núcleo atômico onde se coordenam dois aspectos principais da energia nuclear: as *partículas energéticas* reunidas pelas *forças intranucleares*.

Da interação destas partículas, isto é, da trocas entre elas de elementos energéticos, resultam a coesão “solidez” e densidade do núcleo, tal qual a estabilidade dos corpos orgânicos resulta, por um lado da troca de elementos etéricos entre a energia física e a energia extrafísica e, por outro, de elementos químicos entre os organismos e o ambiente, sob o influxo do princípio espiritual que os anima.

Há quem compare um átomo a um aparelho receptor-transmissor, o que de certo modo, ele é. Através da sua estrutura vibrátil, o princípio espiritual não só capta as influências dos demais campos magnéticos que se lhe aproximam como transmite sua própria influência às inúmeras combinações atômicas que constituem a matéria.

Harmonia Cósmica

Neste concerto harmônico de forças cósmicas em que vibra a Criação, reconheceremos, então, que, estando cada faixa vibracional (em que se manifesta a Natureza) subordinada ao plano mental correspondente (em que se manifesta Vontade Diretora do Todo), só agindo *em harmonia* com esta Vontade logrará o princípio espiritual estruturar formas duradouras, já que, de outro modo, estas tenderão a desagregar-se ao impacto da Lei, que rejeita tudo o que signifique desordem ou desequilíbrio.

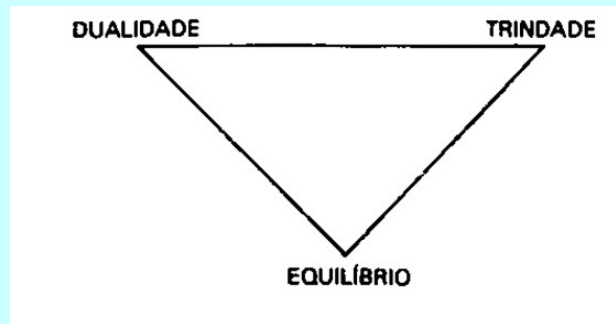
É, pois, dentro de um oceano de “substância” mental, a exprimir-se nas diversas faixas vibratórias da energia e subordinada às leis executoras da Vontade Divina, que atua o princípio espiritual através de suas próprias emanações mentais – à maneira dos instrumentistas que deverão interpretar uma página musical utilizando-se de seus instrumentos e conhecimentos próprios, mas seguindo as orientações regenciais do maestro. Cada instrumento emite a sua sonoridade, que se reúne às demais melodias, e todas elas, interpenetrando-se harmonicamente, formam a beleza da sinfonia completa. Isto não ocorreria se os instrumentos não contassem com os musicistas que lhes determinassem a sincronia dos sons. Estes, porém, dificilmente logriam harmonizar suas próprias melodias, até formarem um todo grandioso, não fora a regência segura do maestro, responsável pela beleza e perfeição finais do concerto musical.

Corporificando esta analogia, coloquemos no lugar do instrumento, a *matéria*, o sopro que a faz vibrar sendo a *energia*, teremos no musicista a *mente* a obter do instrumento o equilíbrio das vibrações ou a harmonia dos sons.

6 – Lei de Perfeição

Revedo o estudo até agora desenvolvido, verificamos que sempre que se conclui um ciclo ternário inicia-se automaticamente 31 o *retorno* sobre a trajetória anterior e, com isso, efetua-se uma *transformação*, que é feito em termos

de *harmonia* com o Plano Diretor da Criação. Sem isso, o fenômeno não pode atingir sua plenitude ou *perfeição* relativa a aquele estágio evolutivo em que se está manifestando.



O 2º. Ciclo (quaternário) é conseqüente do primeiro (ternário) e deve com ele unir-se e harmonizar-se para formar um ciclo maior, o setenário, ou Ciclo Evolutivo Completo.

Por esta razão chamamos a esta: lei de perfeição, na qual o termo “perfeição” é tomado em sentido relativo no ciclo evolutivo em que se encontra cada criatura, cada humanidade, cada orbe.

É evidente que quanto mais o ser se aproxima dos planos elevados, maior grau de “perfeição” alcançará ao término de cada ciclo evolutivo. Porém, mesmo quando atingir o Plano Mental Divina a perfeição será relativa para as criaturas, porque só o Pai possui a perfeição absoluta.

Esta lei foi enunciada pelo Cristo -Jesus na frase:

“Sede perfeitos, como Perfeito é o Nosso Pai Celestial...”

Esclarecera antes que “o Pai é espírito...”, referia-se, portanto, à perfeição adquirida a partir dos atributos morais, intelectuais e conscienciais, próprios do espírito, os quais tendendo a refletirem-se nos planos inferiores, determinarão, por fim, a perfeição dos atributos e realizações do plano físico, como aquisição definitiva e não transitória ou casual. Daí a íntima relação entre a evolução das humanidades e dos seres e dos mundos em que habitam, assim como entre a dos espíritos e dos corpos que ocupam.

Moral Cósmica

Nosso estudo nos demonstrou que as Leis Básicas refletem-se do Plano Mental Divino para o mundo 32 físico, onde os homens de ciência as identificam ainda fragmentariamente graças às teorias, pesquisas e cálculos aparentemente desvinculados dos sentimentos ou das emoções. Se, porém, tais leis promanam da Mente Divina, que guarda a sabedoria absoluta, e se o seu fim principal é fazer da Criação o campo de atuação e aprendizado das criaturas, não podem deixar de conter também os princípios da Moral Cósmica, ética universal que permite ao ser identificar o acerto ou desacerto de suas ações, assim como determina o embelezamento de seu espírito e o desvendar de sua luz íntima.

É certo que, na Terra, a moral tem evoluído com os povos e apresenta facetas diversas, muita vez opostas e contraditórias, todavia, a moral humana representa tentativas mais ou menos felizes de conciliar os interesses imediatos do indivíduo com os da sociedade em que vive, já que nos ciclos evolutivos mais primitivos é o máximo que ele pode fazer.

Destarte a cada lei básica até agora estudada corresponde um Princípio de Moral Cósmica, instituída e praticada por todo indivíduo que aspira a tornar-se “filho de Deus”, que deseja “renascer do espírito”.

Princípios da Moral Cósmica

I – A *Lei de Dualidade* coordena as relações entre os seres de polaridade oposta, reflita-à esta nos sexos, nas tendências, nas opiniões, nas preferências, nos sentimentos ou nos costumes. Quanto mais evoluídos sejam estes, mais estas relações se basearão em respeito mútuo e intercâmbio de recursos. Deverá haver espontânea complementação de esforços para o geral.

Seu princípio moral é **Caridade**.

II – Pela *Lei de Equilíbrio* é necessários que haja compensação de forças e de movimentos, de propósitos e realizações, de desejos e ações para que a humanidade atinja serenidade e paz.

Seu princípio moral é **Justiça**

III – Na *Lei da Trindade* completa-se o primeiro ciclo criador, o do ternário. No plano social coordena-se a família, unidade criadora, constituída de dois indivíduos de características opostas, equilibrando e intercambiando forças físicas e espirituais, para darem forma e unidade ao núcleo familiar, pai, mãe e filho.

Seu princípio moral é **Responsabilidade**.

IV – Temos na Lei de Transformação uma conseqüência das anteriores, porque completo o primeiro ciclo, dele se origina o segundo, o ternário, sem deixar de existir e atuar, desdobrando-se no quaternário. O ser, ao mesmo tempo que se transforma, expande-se aumenta o seu raio de ação, isto é, evolui. Esta é a lei central no processo evolutivo. A família igualmente se transforma, expandindo-se, dando origem a nova entidade, os filhos, por sua vez fatores potenciais de novas famílias; evolui também até abranger uma humanidade.

Seu princípio moral é a **Fraternidade**.

V – A *Lei do Retorno* determina entre outros. O princípio psico-bio-físico da reencarnação e traz como reflexos morais o bem e o mal resultantes das ações dos indivíduos, estas contraem-lhe o destino, ou karma, para os orientais. Toda

ação, boa ou má reverterá sobre seu agente, que lhe recolherá, com isso, a quota de alegria ou sofrimento a ela correspondente (causa e efeito). É lei educativa que ajusta o comportamento do indivíduo aos princípios da moral cósmica.

Seu princípio é **Humildade**.

VI – A Lei de Harmonia determina a necessidade da sintonização do indivíduo com o Criador, pelo atendimento a suas leis. Por elas pode o homem atingir chamado “estado de Graça”, o “samadi” ou êxtase, referido por aqueles que em qualquer época se sintonizaram plenamente com a Harmonia Cósmica, recebendo inspiração das verdades eternas que fundamentam o cosmos, intuindo a presença de Deus em tudo.

Seu princípio moral é Fé.

VII – A *Lei de Perfeição* completa o ciclo quaternário, e também um ciclo evolutivo, o setenário. Determina a iluminação da consciência que só então, atinge o conhecimento pleno, relativo à realidade própria do plano mental em que se situa.

Dominando em certo grau os princípios da moral cósmica, torna-se o indivíduo apto a colaborar com o Criador em determinada etapa da Criação e inicia ao mesmo tempo, novo setenário evolutivo, já agora em plano mais elevado.

Conhecendo os diferentes aspectos da vida, passa a compreender os erros do próximo e, inicia porque compreende, tolera, suporta, é indulgente e pacífico.

Seu princípio moral é **Perdão**.

7 – A Lei Fundamental

Dissemos atrás que o primeiro movimento criador de Deus manifestou-se no Plano Divino e que *continha e presidia a todos os outros*, retratando-se nos sete raios que constituíam a Luz Divina. Se analisarmos, pois, esse movimento primordial, estaremos identificando o Princípio Fundamental que origina e sintetiza os demais, a própria fonte da luz viva Criador, a Lei Original, da qual derivam as sete leis básicas até agora estudadas neste trabalho.

No primeiro movimento Deus manifesta a *Vontade de Dar Algo De Si Mesmo* para que existam os mundos e os seres.

A Lei Cósmica Fundamental que contém em si todas as demais é, portando:

A Lei do Amor.

Aquele anseio de expandir-se e, nessa expansão dar Vida e Expressão a todas as coisas, aquele desejo de a tudo prover e prever para felicidade e evolução de todas as criaturas, a Presença e a Doação constantes em cada manifestação, por mais simples, da Criação, são manifestação da Lei do Amor, pela qual *Pai está em nós*, constantemente, embora só O percebamos no momento em que realmente desejamos estar com Ele, isto é, quando nos harmonizamos com Suas Vibrações, que são de Amor.

Por isso, Jesus pode afirmar:

“Quem vê a mim vê o Pai...”

“...eu estou no Pai e o Pai está em mim...”

Jesus personificando o Amor Divino para os homens, identificava-se de tal forma com o Criador que podia fazer com segurança tais afirmações surpreendentes! E mais! abriu a todos esta possibilidade.

“Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, assim como eu tenho guardado os ensinamentos de meu Pai e no Seu Amor permaneço.”

“Naquele dia vós conhecereis que eu estou em meu Pai e vós em mim e eu em vós...”

E, para que não se pensasse dirigir-se ele somente aos discípulos, que o ouviam: Se alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará e viremos para ele e faremos nele morada...” (João, 14/20 a 23 e 15/10)

Pela Lei do Amor, a Divina Presença a tudo interpenetra, presente até mesmo na treva densa e no 36 coração mais duro, onde constitui potenciais de realização para o bem. Assim nenhum ser está abandonado a si mesmo, ainda quando se tenha transviado nos abismos mais profundos do mal. O bem permanece com ele, no mais íntimo, aguardando apenas um movimento de sua vontade para exteriorizar-se e reconduzir-se à luz. E esta vontade é esclarecida e desenvolvida por todos os meios – até pelo próprio mal criado por ele, – para que um dia venha a se manifestar em sentido harmônico com o todo.

“Nenhuma de minhas ovelhas se perderá...”

* * *

Do livro “EVANGELHO E CIÊNCIA” (1ª. Edição - Agosto de 1982) Editora Cultural Espírita - Edicel – São Paulo-SP, Espírito Paulo de Alencar, psicografado pela médium Vilma Americana do Brasil, que pedimos permissão para reproduzir para leitura exclusivamente virtual.

SEGUNDA PARTE

Capítulo 1 - Individuação

1 – Sentidos e Limitações

O Homem vê hoje o universo como vasto reino de vibrações a se expressarem nas mais diversas frequências e intensidade e reconhece que somente graças a estas vibrações é que pode perceber as formas em que a matéria se apresenta. Com os sentidos de que é dotados – embora haja todo um mundo de realidade que ainda lhe escapa à percepção.

Quando constrangidos a olhar o mundo pelas janelas sensoriais do corpo físico, somos capazes de apenas de distinguir as formas mais grosseiras da matéria: a maioria dos gases já não nos permite observação direta, as ondas de rádio só se tornam perceptíveis se contarmos com aparelhos próprio a a receptá-los. Destarte as impressões que captamos das formas materiais resultam da consciência de que delas podemos ter e a consciência de qualquer fenômeno liga-se diretamente aos canais de percepção que podemos utilizar para percebê-los e observá-las.

A impressão que tem do mundo um verme é bem diferente da que tem um mamífero, este perceberá da realidade circundante bem menos do que um homem. O cego de nascença ignora o que sejam as cores, o surdo deixa de ter a consciência impressionada pelas vibrações sonoras, o daltônico registra as vibrações luminosas de forma deficiente. O conceito que estes homens fazem do meio ambiente é, por isso mesmo, diverso do das outras pessoas mas, para eles é o que corresponde à realidade. Experimentássemos descrever para um povo de cegos o mundo ensolarado, cheio de cores e formas, de flores e pássaros, usando apenas os termos 46 cujo conceito lhes estivesse ao alcance e compreenderíamos melhor as dificuldades encontradas pelos espíritos quando devem falar do que ocorre em outros planos e dimensões ainda fora do alcance das percepções correntes do mundo terreno.

Sabemos que somos seres em evolução: estaremos por certo, desenvolvendo ainda nossas capacidades potenciais. Suponhamos que, no futuro, venhamos a exteriorizar um sexto ou sétimo sentidos (como já está acontecendo com alguns indivíduos), que novos horizontes de conhecimento eles nos abriram? Será lícito, assim, negar ‘a priori’ certas forças e fenômenos só por não podermos ainda comprovar-lhes sem dificuldade a existência? De modo algum!

Ante a modéstia das percepções que até agora nos condicionaram as opiniões, só nos resta abrir mão de idéias estabelecidas, afastando as barreiras do preconceito e buscando compreender as realidades novas que hoje a Ciência vislumbra e a Intuição descortina.

2 - Vibrações, Leis e Consciência. – p 46

Concluimos com base na primeira parte deste estudo, que temos a considerar no universo duas espécies de impulsos fundamentais:

a) os emanados da Mente Divina, em cujo campo tudo se move, palpita e vive; sem cuja radiação sustentadora nada existiria.

b) os emanados das mentes individuais, que se movem no Campo Mental do Criador, atuando nos seus diversos planos de manifestação e apoiando-se no Seu influxo eterno para realizar a ânsia de expressão que as caracteriza.

Além dessas vibrações mentais-magnéticas que, como já vimos, integram os planos mentais, temos a considerar as de ordem fluídico-energética, modificações do fluido universal para cada plano em que se retrata a Luz da Mente Divina.

Estas últimas, as vibrações fluídico-energéticas, atendem ao influxo das primeiras mentais-magnéticas, dando forma às configurações mentais que estas exprimem.

Se, como concluimos, o princípio espiritual se move e palpita em meio às radiações da Mente Divina, é evidente que em qualquer dos planos em que atue estará subordinado às leis que dela promanam

Toda a Criação, pois, obedece a estas leis maiores e menores, a cada ciclo de decréscimo vibratória nos planos mentais, a fim de ampararem a atuação do princípio espiritual por mais complexa que ela se torne – no caminho de conscientização, isto é, de *individualização e exteriorização consciente de suas potencialidades*, que ele deve percorrer.

O estudo que fizemos, na primeira parte (Cosmogênese) nos permite compreender que a consciência do ser, seja na fase embrionária, seja na sua plenitude, movimenta-se, cresce e age na Consciência Divina.

Esta, sendo

Inteligente – calculou-lhe as grandes linhas do roteiro de aprendizado e desenvolvimento, de modo que sua atuação seja sempre dirigida às finalidades maiores da Criação, permitindo-lhe, porém, liberdade de iniciativa e ação para que possa adquirir conhecimento e experiência, liberdade essa que permanece relativa à posição evolutiva em que se encontra o ser.

Imutável – Jamais se modificará, porque é perfeita;

Única – Somente no Seu Campo Mental podem manifestar-se os universos;

Eterna – Cria para a eternidade, logo, as consciências dela emanadas são igualmente eternas;

Imaterial – Não está sujeita às transformações sofridas pelos universos físicos, veículos de expressão transitórios, para evolução das criaturas;

Onipotente – reúne em Si toda a Lei, toda Justiça e todo o Poder, logo, sua Criação estará sempre submetida à Lei do Amor que como vimos, é justiça suprema e expressão máxima do poder divino;

Onipresente e Onisciente – Está em tudo, a tudo assiste e de tudo participa, através das consciências emanadas de Si e que dão forma aos mundos físicos e psíquicos, tendo, por isso mesmo, ciência de tudo o que ocorre nos universos no próprio momento em que ocorre, por mais infinita seja a Criação.

Concluimos, ainda, que o princípio espiritual é algo semelhante a um “quantum” da Vontade Divina, a qual ativando a Energia Mental que lhe é própria dá origem a “semente espiritual” que irá crescer e se desenvolver, adquirindo experiência e sabedoria, sempre impulsionada por aquela fagulha primordial, gérmen de divindade e perfeição, a “chama divina” ou “Cristo Interno” a que se referem os místicos de todos os tempos.

Originário das emanções da Vontade Divina e “feito à imagem” do Criador, o princípio espiritual irradia igualmente, “criando” em escala menor e multiplicando vibrações na medida das necessidades de sua atuação no mundo das formas.

E assim que, através do trabalho e da experiência adquirirá sabedoria e desenvolverá vontade e consciência próprias.

Fácil depreender daí que, evoluindo, ao mesmo tempo que se conscientiza, isto é, que dilata o âmbito de suas percepções, o ser participa cada vez mais da Consciência Total e percebe melhor sua unidade com o Todo.

Por isso mesmo, quanto mais progride, mais intensos se lhe fazem os apelos do espírito, sensibilizado por aquelas radiações superiores, a se manifestarem em altíssima frequência (para nós inimaginável mas que comparamos anteriormente a uma forma de luz), a interpenetrarem o espaço cósmico, ultrapassando nossas possibilidades de percepção sensorial mas suscetíveis de captação pela “chama interna” que se sensibiliza mais ou menos, consoante o progresso da criatura. Esta a “Luz Divina”, que está na origem dos universos e “adormecida” no âmago de cada ser, e que deve despertar e se expandir à medida que o indivíduo evolui.

3 – O Pai e o Filho – p 49

Cabe salientar aqui que, embora o princípio espiritual promane do Espírito Criador e lhe seja semelhante – como o filho é semelhante ao pai – não pode ser confundido com Ele – como o filho não se confunde com o pai – possui, todavia, *em potencial*, desde o estado embrionário, as faculdades conscienciais, intelectuais e criativas que herdou, tal como a criança mais tenra é portadora das potencialidades físicas e mentais do homem adulto que virá a ser.

Esta individualidade primordial (ou princípio espiritual), remoinho de energias estáticas e dinâmicas, ativas e passivas, positivas e negativas, tem diante de si ilimitadas possibilidades de manifestação, podendo exteriorizar este ou aquele aspecto de sua natureza, segundo a faixa de aprendizado em que atue.

4 – Primeiro Ciclo de Individuação – “Volução” – p 50

Vimos que a luz viva do Espírito Criador resulta das primeiras manifestações vibratórias na Criação.

Surge quando a Vontade Divina lança no espaço em expansão, a energia pura da Sua Essência (o Som Criador ou Verbo divino) – o Amor, manifestado em vibrações criadoras), Luz que é também som e Cor, a qual engloba todas as gradações do que poderíamos chamar Espectro da Luz Divina ou ainda Escala Musical Cósmica, ou seja, diferentes planos vibratórios, gradações da energia cósmica mental espiritual.

1 – “Queda” Vibracional

O princípio espiritual, acompanhando esse movimento expansivo, “afasta-se” vibracionalmente de sua Origem, a fim de percorrer toda a escala mental-magnética em que se manifesta a Criação. Em cada plano mental que atravessa, porém, absorve suficiente radiações para registrar-lhe a natureza essencial, graças à sintonia que se estabelece com a “semente divina” que guarda em si.

O termo “invólucção” é muitas vezes usado, então significando afastamento, decréscimo vibratório, para expressar o movimento anterior ao da evolução, todavia, pode dar a alguns a ideia de regressão, que rejeitamos intimamente por contrária ao impulso de progresso. No caso do princípio espiritual não ocorre regressão porque o seu “afastamento” exprime tão somente deslocamento para um nível vibratório a partir do qual lhe é possível adquirir conhecimento. Na realidade toda a Criação é divina; pois permanece impregnada da presença divina, o que se modifica para o princípio espiritual com a “descida” aos planos de vibração mais lenta são as condições para que possa exercer um aprendizado.

Por outro lado 51 o termo “afastamento” não deve ser tomado como deslocamento no espaço, mas afastamento das características primitivas. Dois corpos podem estar próximos em relação ao espaço que ocupam, porém estar muito distanciados no que toca aos atributos de sua Natureza. Os diferentes planos, na realidade, se interpenetram e coexistem, sem perderem suas características intrínsecas. O princípio espiritual condensando-se, contraindo-se, enovelando-se em turbilhão de energias, modifica sua tônica vibracional sem perder as potencialidades originais. Usaremos, portanto, para exprimir a primeira fase de individualização o termo “volução”, que não se opõe mas precede a base da evolução.

Na “queda” vibratória que caracteriza este ciclo inicial vai o princípio espiritual passando de um nível a outro imediatamente inferior em frequência, até dar origem aos conglomerados energéticos constituintes da “matéria” interestelar. Prosseguindo o movimento de “condensação” formam-se os gases, as nebulosas e galáxias conhecidas da ciência astronômica.

Quando, porém, a essência passa a ser substância, nem por isso deixa de ser essência intrinsecamente, guardando em si registro vibratório do processo de redução energética por que passou, registro que se fez a cada plano atravessado, assim como uma agulha magnética grava na cera as vibrações sonoras de uma melodia. Ao iniciar-se, portanto, para ela, o movimento de retorno ao qual toda a Criação está sujeita, a tendência será sempre, uma vez completado um ciclo cinético,

ou seja, esgotada a gama de movimentos contidos num plano, passar ao que lhe é imediatamente superior, e assim sucessivamente.

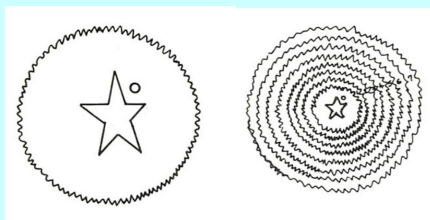
Pelo deslocamento gradativo de um plano vibratório a outro, fica o princípio espiritual envolvido em “capas” fluídico-energéticas, “corpos” ou envoltórios correspondentes cada qual a um desses planos, sucessivos níveis mentais-magnéticos que constituirão um substrato 52 mental inconsciente o qual permitirá sua sintonização com a diretriz básica de cada plano em que estiver atuando.

Tais envoltórios “obscurecem-lhe” a luz primordial, “congelando-lhe” os impulsos radiantes; em compensação representam preciosos veículos para a conscientização futura que se fará a partir das experiências colhidas nos planos mais densos de manifestação.

Imergindo-se, assim, na seqüências dos planos vibratórios, que crescem em densidade e decrescem em freqüência à medida que se “afastam” da Origem, diminui a capacidade da mônada de sintonizar-se com as vibrações amorosas que continuam a sustentá-la, mas aumenta sua potencialidade para, uma vez iniciado o retorno, ir adquirindo consciência e vontade próprias, porquanto caber-lhe-á então, ir despindo com trabalho e esforço os invólucros mais densos, a fim de subir de volta ao Criador.

2 – Formação do Corpo Mental – p 52

Como vimos, a mente, envolvendo o núcleo de radiação espiritual, constitui campo de forças capaz de registrar a freqüência vibracional ambiente.



Princípio Espiritual – Centro irradiante de força espiritual e seu corpo de irradiação mental embrionário, cujo limite jamais chega a zero.

Ao “atravessar” 53 (iniciando o processo volutivo de decréscimo energético) o Plano Mental Divino, grava o princípio espiritual em seu minúsculo corpo de força a Tônica vibracional própria deste plano^{1*}, “gérmen” de Perfeição e Paz que impulsionará sempre o ser à luta constante pelo aperfeiçoamento a à busca da paz interna. (Na figura, com o sinal zero)

O mesmo ocorre nos demais planos atravessados e que ocasiona um aumento progressivo dos níveis no corpo de forças mental-magnético do princípio espiritual e do seu “peso específico” energético.

0 – Princípio Espiritual e Envoltório de Fluido Mental Divino

1,2,3,4,5,6,7 – demais envoltórios mentais magnéticos, correspondentes aos Planos Mentais atravessados na “descida” vibratória. Não se trata, como esquema possa sugerir, de camadas vibratórias ou capas energéticas superpostas, porém, sim, de níveis que coexistem e se interpenetram sem alterarem as suas características próprias e que vão interagindo cada vez mais na medida que são ativados durante o processo evolutivo.

(1*) – Que é, como vimos na 1ª. parte, expressão do pensamento Divino, o Amor.

Chegando 54 ao máximo grau de “degradação energética”, o princípio espiritual apresentará em seu campo magnético, sete níveis vibratórios, de potencialidade energética sempre maior quanto mais próximos do núcleo, que é o ser espiritual. Este núcleo contém em grau infinitésimo, a Essência Divina que é o Amor, o “Cristo Interno” de cada indivíduo. Tais níveis energéticos são, na essência, “os sete corpos” a que se referem as filosofias orientais.

Essa estrutura mental-magnética, com seus recursos dinâmicos e criadores é que possibilita a atuação do princípio espiritual no mundo da forma, atuação que tem por finalidade principal ocasionar, pelo aprendizado e pela experiência a expansão da mente e da consciência. Tal expansão, desdobrando-se desde as expressões mais simples de manifestação da matéria, acaba por libertar a individualidade de seus envoltórios mais grosseiros, facultando-lhe tornar-se, primeiro, consciência de si mesma e, mais tarde, de sua origem e destinação superiores.

Em rápida recapitulação, veremos que na estrutura do seu campo mental-magnético o princípio espiritual guarda os registros dos planos atravessados na primeira fase de individuação, registros que passam a constituir impulso poderoso ao retorno a esses planos, já que cada vibração reclama complementação de vibrações semelhantes para expandir-se, abrangendo espaço sempre maior; no seu “núcleo” porém, é que se encontra a fonte de todo esforço, o móvel de toda a luta: a essência da individualidade, o Cristo Interno, que tem na mente o instrumento por excelência para desenvolver o aprendizado e atingir a perfeição.

Tal estrutura imponderável animada pelo princípio espiritual, atingindo plano mais denso, permite a formação dos átomos pré-físicos que dão forma e plasticidade à substância fluídica próprio do chamado plano astral, o qual já vemos, é animado por energias vivas onde palpitam “inteligências” potenciais

A matéria 55 pré-física, será, a partir desse momento, o *molde* para as condensações energéticas próprias da matéria densa, em cujo processo o princípio espiritual, força ainda inconsciente e elementar, é guiado pelas Inteligências Superiores a serviço do Criador. Tais inteligências em potencial podem também ser influenciadas por outras mais desenvolvidas, já em processo evolutivo, que tenham dominado suficientemente sua força mental, as quais, entretanto, respondem pelo uso adequado ou nocivo destas forças vivas elementais, obrigando-se a retificar todo desequilíbrio que, através deles, venham a provocar.

5 – Segundo Ciclo de Individuação – Evolução - 55

1 – Conscientização

Ao terminar o ciclo volutivo, processo dificilmente traduzível pelos recursos lingüísticos humanos e, por isso mesmo, precariamente alcançado pela nossa compreensão, vemos que a mônada integra o plano físico, o mais denso, e que seus únicos predicados são:

- a) a natureza espiritual que lhe é própria e que agirá como chamamento constante ao aperfeiçoamento;
- b) as potencialidades características dos níveis de sua estrutura mental inconsciente e que irá exteriorizando conforme for atingindo diferentes condições orgânico-ambientais durante a evolução.

É assim que “as almas são criadas simples e ignorantes”, atingindo todas um mesmo ponto ao término da fase de volução.^{1*} No trabalho evolutivo que segue sempre, elas participam cada vez mais ativamente, exercitando-se nos ciclos de manifestação e desenvolvendo novas qualidades pela liberação das potencialidades *que trazem em si, mas que jamais conscientizariam* se não se submetessem às lutas e desafios da evolução. Guardam, assim o mérito do esforço próprio, sabiamente amparadas pela Lei neste processo de ascensão, conquistando sentimento e conhecimento, tanto quanto desenvolvendo consciência.

Semelhantemente à criança que a partir do nascimento deve exercer um aprendizado com vistas ao exercitamento de suas faculdades, ou estas permanecem em estado latente, o princípio espiritual termina a fase de individuação (volução) como *simples vórtice de força criadora potencial* que participa de todos os fenômenos da Natureza, em seus diversos reinos, servindo-lhes de sustentáculo vivo e elo unificador, capaz de atender ao comando de mentes mais evoluídas que nestes reinos trabalham e aprendem. A partir daí, em um dado momento cósmico, iniciará um novo ciclo a fim de tornar-se consciente de si mesma e do meio ambiente. É o que fará na segunda fase de individuação (evolução).

Evolução é, pois, sinônimo de conscientização, ou seja, processo de interação das forças mentais do campo individual com as do meio ambiente, o qual resulta na crescente dinamização, complexificação e conscientização do ser.

(1) - (Negritos meus. J. O.) - (2) Vide p 205 abaixo -VISÃO DIANTE DA FILOSOFIA - A teoria da queda colocada diante do Evangelho.

*

1– Evolução do Ser

1ª. Fase – Matéria interestelar

Quando o princípio espiritual atinge a fase final do processo volutivo está no plano mais denso, ou seja, de mais baixa vibração, o material. Já então esses infinitésimos turbilhões de energia mental são capazes de atender ao influxo de Consciências oriundas de Criações anteriores, plenamente desenvolvidas e identificas com as diretrizes da Lei Maior, que passam a movimentar a substância pré-física “animada” pela presença do princípio espiritual voluído, até formar os vórtices energéticos que constituem os átomos.

A partir 57 desta matéria primeva é que se irão formar as nebulosas e astros segundo as leis instituídas pela Sabedoria Suprema para orientarem esses fenômenos.

Tais seres excelsos são resultado da evolução em universos já extintos, hoje na posição de auxiliares diretos do Espírito Criador, nos desdobramentos infinitos de universos em que se manifesta o Seu Amor inesgotável. Seu trabalho principal é ao que podemos alcançar, não só desencadear os processos cósmicos de formação dos mundos, como zelar pelos seres em volução e evolução, até sua integração consciente e livre na Harmonia Cósmica.

2ª. Fase –Reino Mineral

Intimamente ligado à matéria, o princípio espiritual atravessa imensos períodos como que “adormecido” no reino mineral. O movimento radiante que lhe é próprio, porém, embora grandemente diminuído, não cessa. A Vida permanece nele latente, como que “congelada”no intimo dos elementos turbilhonantes, no meio do caos da Terra em formação nas rochas semi-líquidas ou na densa atmosfera primitiva.

A Terra continha, portanto, em si mesma, desde a sua formação os “germes” da vida que aguardavam apenas, como semente, surgissem as condições propícias à sua manifestação.

A ciência humana desenvolveu já muitas noções quanto ao processo evolutivo atravessado pelo planeta desde o início do seu resfriamento, embora ainda se perca em conjecturas quanto à origem da sua formação; o certo, porém, é que este é um suporte físico necessário a abrigar a Vida em suas múltiplas manifestações ao nível material-espiritual, desde

as mais primitivas às mais sutis. Nos planetas se inicia a liberação de energias que influem no surgimento da vida orgânica. Neles, é possível captar e transformar as radiações cósmicas de modo a integrarem e catalizarem as reações energéticas que sustentam os organismos nos ciclos de nascimento e morte, indispensáveis ao progressivo despertar da consciência.

Alcançado certo nível de emissão energética nos elementos planetários, o princípio espiritual enriquecido das experiências colhidas no reino mineral, é libertado da matéria bruta, para ensaiar nas fronteiras da vida animada, novos ciclos de transformação.

3ª. Fase –Reinos vegetal e Animal

Tão logo as condições ambientais na Terra o permitiram, as Inteligências Superiores, encarregadas de orientar o processo evolutivo no planeta ultimaram preparativos para o surgimento da vida orgânica, utilizando para isso não só a ação reativa latente existente nos átomos, como também as forças criadoras presentes no cosmos, entre elas radiações de alta frequência do Sol e de outros astros, algumas já identificadas pela ciência terrena.

Enquanto umas eram utilizadas para provocar reações químicas necessárias à formação das primeiras moléculas orgânicas, outras eram mobilizadas para formação de atmosfera propícia às trocas energéticas indispensáveis à transformação dos conglomerados gelatinosos que flutuavam nos mares tépidos de então, em microorganismos capazes de fabricar seu próprio alimento ou de extraí-lo do meio ambiente.

De tentativa em tentativa surgiram os complexos moleculares altamente especializados, capazes de duplicarem-se. Assim, os centros microcospicos de força mental-espiritual lograram maior domínio sobre o mecanismo celular, tanto no que se referia ao seu metabolismo quanto no que se tocava à transmissão hereditária dos caracteres físicos, mais úteis, arduamente colhidos da experiência vivencial e mutacional e fixados no indivíduo de uma parte pela repetição das experiências 59 e de outra pelos processos seletivos naturais.

Deste modo os supervisores divinos prepararam condições propícias ao desenvolvimento do ser sem, contudo, lhe tolherem a iniciativa nos esforços para avançar. Desdobrava-se a jornada evolutiva, com a conquista gradativa, a princípio extremamente lenta, da consciência através de múltiplas experiências no encadeamento das vidas sucessivas.

Em ciclos que se desenvolviam tanto na vida mental quanto na astral e física as percepções se multiplicaram e enriqueceram gradualmente o campo mental da criatura, desde os vírus ultramicroscópicos até o pequeno universo que é o organismo humano.

Deste modo, à medida que a mente se dilatava, assimilando reflexos, desenvolvendo percepções, sensibilidade e memória (extratificando conhecimento), iam-se intensificando suas emissões vibratórias tornando-lhe mais complexo o corpo mental e modificando-lhe em conseqüência o corpo de matéria fluídica, já que, como vimos a substância astral é extremamente plástica, propícia a reproduzir os impulsos que lhe dão forma.

A constituição dos corpos materiais é, assim, resultante da dos corpos fluídico-energéticos correspondentes, os quais, por sua vez, têm sua forma subordinada aos impulsos vibratórios das mentes que os utilizam como veículo de expressão.

3 – Mecanismos da Atuação Mental – p 59

Estudamos a formação do campo mental-magnético do princípio espiritual e concluímos facilmente que todos os corpos materiais possuem também um campo ou “aura” energética resultante, como é lógico, da interação dos campos dos átomos de que são constituídos.

Os organismos, entretanto, além das radiações fluídicas-energéticas emitem também os fluidos resultantes 60 do metabolismo assim como emanações mentais-magnéticas que já se fazem presentes em forma fragmentária mesmo nas formas de vida mais primitivas.

As auras ou campos dos diversos corpos materiais, seja pedra, planta ou animal, emitem e absorvem radiações constantemente.

Afirma a Ciência que o constante intercâmbio de forças de dois corpos carregados é precisamente o que cria as forças de atração e repulsão elétricas, o mesmo se pode dizer em relação às forças emanadas das auras que, ao se intercambiarem, afinizam-se ou não, criando as sensações de atração ou repulsão entre os seres.

No reino mineral predominam as radiações eletro-magnéticas que presidem a cristalização das substâncias; nos organismos mais simples as emanações do metabolismo orgânico promovem a aproximação das espécies e dos sexos; nos organismos mais complexos o psiquismo já atua consideravelmente, tornando-os sensíveis a vibrações de simpatia ou antipatia; no homem o psiquismo predomina, estando a aura humana intensamente impregnada de energias mentais, por isso mesmo sensível às vibrações de seus semelhantes e capazes de influir sobre elas.

Sabe-se hoje que qualquer corpo ou substância e mesmo a luz, possui sua massa e a energia que lhe é proporcional. Ora, o pensamento possui energia, o que é provado pelo fato de poder propagar-se à distância, possui também massa, como conseqüência lógica. Propaga-se, portanto, à semelhança da luz, através de “partículas ondulatórias” ou “quanta” de energia de alta frequência, muito superior a das emissões energéticas conhecidas.

Sabe-se que a energia só pode ser emitida ou consumida ao alcançar uma magnitude determinada, o que explica porque nos corpos inanimados a energia mental embora presente não se manifesta, e porque nos organismos 61 inferiores predominam as emanações fluídicas do metabolismo orgânico.

No reino humano o pensamento é uma forma de energia muito variável. Pode propagar-se ou não, conforme a capacidade radiante da fonte geradora (o espírito). Isto porém não exclui, para a energia mental a teoria da relatividade, em vários dos seus aspectos.

Como o homem pensa continuamente, essas emanções psíquicas empregam-lhe a aura, o seu campo mental. Como pode ser isso, se a radiação mental se processa em altíssima frequência e velocidade? Deveria, logicamente ser projetada à distância. É a ciência que nos facilita a resposta quando afirma que ao disparo de um fóton de radiação deve corresponder inevitavelmente o de outro idêntico, com igual energia, porém em direção rigorosamente contrária.

Podemos agora compreender melhor o que ocorre quando o homem pensa: ao mesmo tempo que emite radiações psíquicas capazes de influenciar outros seres mesmo a grandes distancias, emprega-se ele próprio das mesmas radiações que igualmente lhe atinge e influenciam o ser.

É neste sentido que se pode afirmar *ser o homem aquilo que pensa*; por mais que procure aparentar coisa diversa. É assim a primeira vítima sempre que emite pensamentos destrutivos, ou o principal beneficiário ao emitir pensamentos harmônicos e pacíficos.

4 – A mente e seus Veículos – p 61

A mente atua, portanto, imersa no fluido universal ou cósmico e à medida que se desenvolve (desde a forma energético-corpúscular até o mais alto nível de organização) vai plasmando em linhas de força mental-magnética um “corpo” cada vez mais complexo.

Conforme esses núcleos de força mental-espiritual, revestidos de seus envoltórios fluídico-energéticos participam dos fenômenos físico-químicos, sofrendo ao mesmo tempo o bombardeio das energias cósmicas e atendendo à influência das inteligências superiores, vão incorporando novos registros mentais os quais, se importantes e repetidos, acabam por se refletir no seu envoltório fluídico, modificando-lhe as características.

Percebe-se logo, que o perispírito, à semelhança do que ocorre com o corpo físico, vem evoluindo desde as formas atômicas e moleculares mais simples até à estrutura da célula perispiritual e, daí, à complexidade orgânica que lhe caracteriza a morfologia. A evolução perispiritual resulta da evolução da individualidade (o espírito) tanto quanto a evolução do corpo material reflete a evolução do perispírito.

A grande diferença entre estes últimos é que, enquanto o corpo se desgasta envelhece e envelhece, desintegrando-se após o decurso de certo tempo, o perispírito prossegue existindo no plano extrafísico, graças às incessantes radiações mentais do espírito. Pode, portanto, continuar evoluindo além da morte, em outra faixa de aquisições, desde que o indivíduo já guarde consciência de si mesmo na vida espiritual. Caso contrário, na ausência dos estímulos intensos da vida física ele permanecerá em semi-inconsciência mais ou menos profunda até que venha a animar novos corpos materiais, dependendo seu progresso, neste caso, principalmente da supervisão das Inteligências Superiores que orientam a evolução nestes planos. Essa uma das razões pelas quais, guardadas as exceções cabíveis, quanto mais primitivo o ser, mais curto o seu período de vida física: o choque da passagem de um plano vibratório a outro é necessário ao estímulo da consciência em embrião.

Meu Comentário :

Em contrapartida ao que afirma o parágrafo final, – seria de perguntar: – quanto mais evoluído for o ser, mais longa será a sua existência no Plano Físico e a duração de seu estágio no mundo espiritual?

Eis o que sobre esse interessante tema deparamos no livro *Evolução em Dois Mundos* de André Luiz, p 116, acessado no Bvespírita, na Internet: 38 - Evolução e destino – Qual a relação percentual de tempo existente entre os estágios que o Espírito de elevação mediana vive como encarnado e como desencarnado?

— A percentagem de tempo no plano espiritual para as criaturas de evolução mediana varia com o grau de aproveitamento de tempo no estágio recente que desfrutaram no corpo físico.

Quão mais vasta a provisão de conhecimento e maior a aquisição de virtudes, por parte do Espírito, mais largo período desfruta na Esfera Superior para obtenção de mais nobres recursos para mais alta ascensão. J. O.

5 – Transformação de energias – p 62

Nosso estudo nos levou a compreender que os mundos e os seres vivem imersos no Campo Mental Divino, cujas irradiações os sustentam e vivificam possibilitando-lhes integrar as transformações fenomênicas próprias de cada nível de experiência. Estas irradiações nos diversos níveis de manifestação cósmica, penetrando os corpos animados ou inanimados percorrem-nos, tomam parte em certas funções, dinamizam transformações e são reemitidas pelo corpo mental-magnético que o envolve.

Obviamente, já então, tais energias não apresentam as mesmas características que possuíam ao penetrar este corpo. Estão, isto sim impregnadas das radiações fluídico-energéticas que o particularizam, o que resulta em ter cada corpo uma “aura” diversa com aspecto e características vibratórias (luz, som, cor) particulares.

O planeta no qual vivemos não foge à regra. Possui também sua aura, constituída de fluidos e energias várias, cuja parte mais densa conhecemos como atmosfera.

Tal processo de absorção-circulação-reemissão das energias cósmicas torna possível a modificação vibracional das mesmas e a sua utilização pelos seres, seja qual for o nível de evolução em que se situem.

É assim que o Sol funciona como poderoso transformador dos potenciais cósmicos de forças, graduando-os em níveis diversos para que sejam absorvidos pelos planetas que o circundam. Na Terra identificaremos transformador mais simples, capaz de modificar certa quota destas energias em proveito das criaturas que abriga. Também a lua tem sua parcela de trabalho neste sentido influenciando de vários modos nos fenômenos da Natureza terrestre e humana.

E no homem, perceberemos função similar na modificação de várias forças que absorve, metaboliza e exsuda, tanto no plano físico quanto extrafísico e que são aproveitadas pelas células do seu corpo físico-astral 64 (criaturas mais simples que dele dependem para evoluir enquanto estão a seu serviço) forças essas que também podem agir sobre seus semelhantes impregnando ainda tudo o que o cerca.

Se tais mecanismos de redução magnética são necessários no plano físico, não o são menos nos planos mentais, onde vamos encontrar os espíritos libertos da vida física funcionando, como medianeiros entre o homem e as esferas superiores, em gradação orientada pelas leis de equilíbrio e harmonia, até atingir as próprias Inteligências Divinas, construtoras de mundos, as quais, das alturas angélicas em que se situam, não perdem de vista os pequeninos, que assim determina a Lei de Amor.

O que é feito em favor do homem, é feito igualmente em favor de todas as criaturas. Assim é que nos diversos departamentos da Natureza encontraremos inteligências em embrião, ainda inconscientes ou semi-conscientes, colaborando com os dirigentes da evolução planetária em favor de todos os que desenvolvem aprendizado nos reinos mineral, vegetal e animal, enquanto elas próprias estagiam temporariamente no plano extrafísico, atuando fora do nível humano de evolução.

6 – Corpo e Duplo – p - 64

Para constituir um corpo denso, por meio do qual possa atuar materialmente, deve o espírito mobilizar componentes do “corpo físico” do planeta (certas substâncias químicas), devidamente “transformados” pelo organismo materno ao qual se deverá acoplar, utilizara, para isso, elementos infra-atômicos formadores da aura planetária, no que ela tenha de mais próximo aos elementos físicos: a chamada substância etérica, sem isso não haveria a necessária transição entre a matéria densa e a astral e o corpo físico não poderia tomar forma e sobreviver já que sua 65 estrutura e metabolismo se baseiam no intercâmbio incessante de forças entre os planos mental, astral e físico. Este elo etérico permite também a renovação das células materiais sempre que necessário, sem prejuízo da estrutura orgânica original.

Os fatores energéticos emitidos pelo planeta são, pois, tomados como elemento de ligação entre os corpos astrais e físicos, constituindo, por sua vez, um corpo energético transitório que se desintegrará tão logo deixe de ser necessário como “ponte” de energia entre os dois planos.

Conclui-se daí, que também o perispírito tenha características vibratórias particulares para cada lar planetário onde se desenvolvem as experiências do espírito. Indo de um orbe a outro deverá o espírito ainda ligado às esferas reencarnatórias, revestir-se de uma roupagem que lhe permita penetrar a aura energética dos diferentes mundos.

Percebe-se, então, que o “corpo etérico”, sendo principalmente fator de ligação, reproduz em seus remoinhos energéticos (chacras) os centros de forças perispirituais ao mesmo tempo que capta as energias radiantes da própria Terra e o Sol para vitalizar o organismo físico, liga os complexos neuro-glandulares deste aos centros de força do perispírito, pelos quais poderá aquele receber as energias mais sutis dos planos elevados, assim como o comando do espírito.

Livro “EVANGELHO E CIÊNCIA”, (1ª. edição - Agosto de 1982) Editora Cultural Espírita - Edicel – São Paulo-SP, do Espírito Paulo de Alencar, psicografado pela médium Vilma Americana do Brasil, que pedimos permissão para reproduzir exclusivamente para leitura virtual

CAPÍTULO 2 – A Escada de Jacob - 67

1 – Humanização

Percorrido o primeiro ciclo de individuação que o emergiu no mundo físico, deslocou-se o princípio espiritual através dos reinos mineral, vegetal e animal, já em processo evolutivo, até alcançar os albos da razão Tendo o ser desenvolvido algum raciocínio e discernimento, vislumbra os horizontes da nova fase de individuação, a de espírito consciente ou ser racional empenhado em afirmar-se nas conquistas da personalidade.

O princípio espiritual movimentara-se inconscientemente, atendendo às leis universais, e tivera os passos amparados pelas Inteligências Excelsas que lhe proveram – dentro das premissas traçadas pelo Divino Construtor – os veículos físico-energéticos que lhe facilitarão o despertar consciencial.

Penetra, portanto, no reino hominal equipado com a experiência adquirida em milhões de anos de experimentos, fracassos e sucessos, no seio das inúmeras espécies vivas que animou. Isto porque, se o Plano Geral da Criação está elaborado desde o princípio na Mente Divina, essa deixa à criatura a liberdade de tentar, experimentar e errar dentro do seu âmbito particular de ação, porque só assim efetuará o aprendizado indispensável ao próprio desenvolvimento mental e físico, ao mesmo tempo que contribui para a evolução geral.

1 – O Homem Primitivo

Favorecido com o automatismo orgânico que lhe garante a manutenção das funções vitais e de sobrevivência com 68 pequeno dispêndio de energia, e estruturado o mecanismo da aprendizagem consciente (atenção, percepção, memória), ainda que incipiente, pode o indivíduo desenvolver novas faixas do psiquismo, com vistas ao exercitamento do discernimento e da vontade.

Já agora tem o ser consciência de si mesmo. Pode compreender melhor o mundo que o cerca. Logo perceberá a existência de um Poder Maior por trás da Natureza e, aprimorando-o sempre seus canais de percepção física e psíquica, terminará por identificar as leis do mundo em seu favor, e chegará a sentir a Divina Presença em todo universo e dentro de si mesmo.

Mas isto é visualizar uma etapa ainda muito remota, estando ele recém-desperto para a própria existência como indivíduo.

Neste despertar, o homem, é criança deslumbrada com os mil brinquedos que a vida lhe oferece. Atraída para as coisas em torno, deve aprender a lidar com eles a fim de garantir a própria sobrevivência.

Compelido a “sair do Paraíso” (a vida animal, onde era irresponsável e tinha suprido suas necessidades pelo meio ambiente), ao qual seria impossível retornar em face de evolução (simbolismo do anjo com espada flamejante à porta do Paraíso), vê-se agora entregue a si próprio, convidado ao esforço e à iniciativa na conquista dos bens materiais tanto quanto do progresso espiritual: “Ganharás o pão com o suor do seu rosto...” (Gênesis)

A Natureza o auxiliara a estruturar um campo adequado: andar ereto, mãos preñeis, cérebro capaz de receptor, registrar e transmitir vibrações contínuas da mente já individualizada e inteligente, assim como de gravar mais perfeitamente, aos estímulos ambientes, os resultados das experiências vivenciais, agora renovadas por se desdobrarem em plano consciencial mais amplo: “... porque comeu da árvore da ciência 69 do Bem e do Mal... “ (adquiriu um sistema nervoso completo).

Percebe cada vez melhor que é um ser individual diferente do mundo e dos outros seres. Os fenômenos que ocorrem com seu envoltório físico e o de seus semelhantes passam a intrigá-lo: “...”e conheceram que estavam nus...” (idem)

Identifica, assim, a dor e o prazer como sensações antagônicas e toda a sua atividade se resume em fugir a uma, procurando o outro. Tudo o que lhe causa dor ou desconforto é mau, o que lhe traz prazer ou bem-estar é bom: raciocínio simples e egocêntrico, natural no homem primitivo que tem gravados n’alma milênios de automatismo no sentido de preservar-se a todo custo do perigo e da morte. Estas primeiras distinções entre o bem e o mal, estão intimamente ligadas às ações do próprio homem, estão simbolizadas pelas figuras de Abel e Caim no Gênesis. Atingida a idade da razão o ser ingressa numa nova faixa de aprendizado, no entanto, só se irá transformando lentamente enquanto jungido às impressões nele profundamente gravadas durante a fase animal de individuação. Por isso considera a dor e a dificuldade inimigos que é preciso evitar. Ignora que a própria hostilidade do meio o impulsiona a usar e desenvolver os recursos básicos potenciais de que a Natureza o dotou para a vida:

- a percepção atrativo-repulsivo obtida no reino mineral;
- o automatismo orgânico conquistado no mundo vegetal;
- o instinto adquirido no reino animal;
- o raciocínio que desenvolverá na nova faixa de experiência em que penetra;
- o livre-arbítrio, capacidade de escolher e decidir, prerrogativa ser pensante que é agora.

Acosado pelas necessidades físicas, desafiado pelas dificuldades ambientais, vê-se o homem primitivo obrigado a exercitar-se na busca meios e modos de fugir à dor, à fome, ao frio e à morte. São os desejos despertados então, valiosos incentivos que o lançam para frente nessa etapa de progresso. Impulsos simples e naturais então, nada têm a ver com os desregramentos a que o homem atual possa se entregar a pretexto deles. E despertam também os *sentimentos*, muito próximo ainda das sensações animais, feitos paixões pela Vontade nascente, que mal se distingue ainda de impulso instintivo.

Vida e morte se alternam para o homem-animal que apenas lhes percebe vagamente a sucessão. Contudo, o amparo superior jamais lhe falta e, quando oportuno, manifesta-se pela orientação intuitiva (durante a vida física) ou por reajustes feitos em seu orgânico psicossomático (quando na vida extra-física), sempre que indispensáveis à elevação do seu plano de experiências e com vistas a valorizar-lhe os esforços.

Se, até o despertar da consciência individual, as leis da matéria haviam desenvolvido a atividade maior no processo evolutivo do indivíduo, atingindo o novo estágio ele passa a outro ciclo de aprendizado, subordinado a novas leis e visando conquistas amplas, embora ainda por algum tempo se deixe levar pelas influências do ciclo anterior, o animal.

2 – Em busca do conhecimento - 70

O homem primitivo era, assim, nesta etapa inicial, apenas um animal superiormente dotado, dadas as suas faculdades nascentes de pensamento constante e raciocínio. Contudo, o anseio de satisfazer às próprias necessidades e à curiosidade pelas coisas que lhe desafiavam o entendimento, o levariam ao aprimoramento de *intelecto*, à multiplicação dos meios de garantir-se a sobrevivência e o bem-estar, enquanto o despertar do *sentimento* e do raciocínio logo o induziria 71 a congregar-se em grupos, o que lhe facultaria, além da maior segurança, intercâmbio de aquisições e influências as mais diversas. Tais impulsos: o do sentimento, mais completo, mais sutil e fugidio, complementando o apelo dos desejos e

necessidades – mais violentos e imediatos – impelem o homem na senda do *Conhecimento*, à procura da integração com o meio ambiente, a fim de compreendê-lo e, se possível, modificá-lo para viver melhor.

No afã de adquirir o domínio sobre as coisas materiais mobiliza o homem a *mente objetiva* que, com seus atributos de atenção, raciocínio e memória,, procura descobrir em tudo o que o cerca, os meios de obter o que as necessidades e desejos impõem. Vai desenvolvendo, assim, o intelecto, e cria a Ciência como expressão de sua luta pelo domínio do mundo material.

Há, porém, outras coisas de que sente o homem necessidade mas que não encontra em torno de si, no mundo das coisas palpáveis, o que a mente objetiva não logra alcançar ou compreender...

Em momentos de pânico, diante dos elementos em fúria, em face da morte; nos instantes de tristeza e perplexidade ou nas horas de lazer, quando a contemplação dos espaços celestes se impõe, brotam-lhe na alma rude anseios indefiníveis e sensações desconhecidas. O homem começa a perceber confusamente que traz no íntimo um mundo complexo e misterioso, mais difícil de compreender e dominar que o mundo exterior.

É preciso mobilizar agora a *mente abstrata* e pedir socorro à intuição onde pressente, se encontram explicações às novas indagações que lhe surgem no íntimo,. Traduz, assim, em ritos e cerimônias, geralmente ligadas aos fenômenos naturais, aos astros, ao nascimento, à fertilidade e à morte; mensagens captadas intuitivamente pelos mais sensíveis – ainda que 72 de modo imperfeito e fragmentário – vindas dos planos mentais superiores, (as quais atingem encarnados e desencarnados que nestes cultos se congregam e trocam influências), ordenando a religião com o Pai, o Poder Supremo, o Criador.

A Religião, porém, tanto quanto a Ciência, não poderia deixar de refletir o primitivismo e a ignorância dos indivíduos nessa fase quase infantil da humanidade. Por esta razão, de quando em quando seriam enviados a viver no orbe espíritos mais evoluídos – os iluminados e os profetas, os gênios e os filósofos – para filtrarem as revelações do Alto, assim como também, espíritos de outros mundos, em missão de resgate ou de auxílio, a empregarem sua bagagem de conhecimentos em favor do progresso comum...

A humanidade tornar-se-ia assim um amálgama de seres em vários degraus evolutivos a fim de que o progresso pudesse desenvolver-se em vários sentidos simultaneamente e uns pudessem apoiar-se nos outros, em regime de auxílio mútuo e intercâmbio de valores – como determina a Lei Maior, que é Amor... (simbolismo da escada de Jacob que ia para o céu e dos anjos que subiam e desciam, na visão de Jacob).

3 – A Personalidade - 72

Vimos como, partindo das necessidades externas e internas mais imediatas, os Desejos e as paixões conduziram o homem por dois caminhos aparentemente diversos, o da Ciência e o da Religião, mas que, na realidade eram apenas a própria busca do Conhecimento em seus vários aspectos, o qual enfeixaria os esforços objetivos e subjetivos dos espíritos em evolução.

Desejos e sentimentos aumentados, maior dose de conhecimento exigida. Com a extratificação de conhecimentos exigida e a diversificação de experiências desenvolve-se 73 o intelecto. Pelo enriquecimento dos registros mentais consolida-se o Eu e afirma-se a Personalidade, ampliando-se a conscientização do espírito.

Alcançado esse ponto, concretiza-se outro aspecto da individuação: a *personalização*. Não há mais possibilidade de um ser se confundir com outro. Cada um tem seu acervo particular de conquistas e experiências que o capacitam a distinguir-se de seus semelhantes; cada qual tem desejos e aspirações próprios e sabe que é uma individualidade definida no espaço e no tempo. O ponto de partida fora o mesmo para todos e a meta é a Perfeição no seio do Criador, mas os caminhos são infinitos e cada um pode escolher o seu.

A personalização representa a fase inicial do ciclo humano de evolução, todavia *se, desenvolvendo estas primeiras etapas de realizações afirma-se a personalidade e consolidada-se o eu – o que é bom – tende o homem a encerrar-se no círculo destas conquistas por julgá-las finais – o que é mau.*

O ser humano não se personaliza para escravizar-se à personalidade. (negritei J.O.)

Personalização é conscientização (1) do ser no que se refere ao plano físico, que ele usará como apoio para atingir outra meta mais alta, a evolução consciente para rumo ao plano do Espírito. Personalizando-se o indivíduo apenas completa mais uma importante fase de aprendizagem o que visa prepará-lo para outra mais ampla e mais bela, de atividades mais gratificantes e nobres, a de *conscientização espiritual*, da qual a personalidade é apenas um dos aspectos.

(1) CONSCIENTIZAR – Adquirir o sentimento ou percepção de uma realidade global, ou de um de seus aspectos particulares.

O eu encerrado 74 no círculo do personalismo é o que certas escolas filosóficas definem como o “ego inferior” e a ciência como ego simplesmente.

Os excessos do personalismo, que tem semeado tanto sofrimento nos caminhos humanos, são felizmente transitórios do ponto de vista evolutivo, embora pareçam permanentes e insolúveis para o homem encarnado que lhes vê e sente tão somente as conseqüências imediatas. O egoísmo e suas derivadas: orgulho, vaidade, crueldade prevalecem enquanto o homem na ânsia de afirmar sua personalidade, o faz seguindo as tendências residuais da fase animal de evolução no que elas têm de menos adequado à sua condição de ser social, ou seja, agredindo e matando. Limitado em

visão pelo próprio egoísmo, ignora ou se esforça por não perceber sua co-participação nos fenômenos universais, sua unidade com o todo e conseqüente integração com as leis maiores. Contudo, mais cedo ou mais tarde vem a perceber que o culto à personalidade lhe tolhe a caminhada. É então que, muitas vezes, trata de esmagá-la, violentando mesmo as leis da vida, sem conseguir libertação real (falso ascetismo, autoflagelação). Ignora que a personalidade não se esmaga mas se engrandece e aperfeiçoa na expansão da fraternidade e do amor puro.

De pouco vale, porém, dizer-lhe tais verdades no período inicial da personalização; o intelecto do egoísta é limitado e estreito quando se trata de compreender algo que transcenda o âmbito de seus interesses, prefere dedicar-se ao que lhe esteja ao alcance imediato, e a intuição superior só fragmentariamente se faz ouvir, nos raros momentos em que ele deixa de pensar em si mesmo.

É nessa fase que a dor se revela a grande mestra e conselheira, capaz de conduzir o ser humano no despertar espiritual indispensável.

4 – Dor: Princípio Educativo – 75

À semelhança do macrocosmo, a expressão microcós mica do Amor Divino – o ser humano é um complexo dinâmico a exprimir-se simultaneamente em diversos níveis fenomênicos. Impossível, por isso mesmo, separar como “entidades” diferentes os seus aspectos físicos dos seus reflexos psíquicos ou de suas bases mentais-espirituais, assim como antagonizar-lhes os elementos interagentes numa fictícia “luta” entre corpo e espírito. O ser humano não é somente uma complexa organização de unidades celulares, mas engloba igualmente as transformações biológicas, evolutivas e conscienciais, para as quais o organismo é o instrumento energético do “núcleo” espiritual, ou seja, é ao mesmo tempo o mecanismo, a ação e o princípio diretor e causador do dinamismo que vibra e se transforma em regime de interação com o cosmos. Percebemos que a Lei atua tanto de fora quanto de dentro do indivíduo, numa constante troca de influências entre as ressonâncias que se lhe vão despertando no íntimo e as experiências vivenciais que se lhe gravam no campo mental.

Sempre que o indivíduo age em desacordo com a Lei estabelece-se tanto no seu campo de influência exterior, quanto no âmago do seu ser, um desequilíbrio vibratório, uma desarmonia que chamamos Mal e, ao mesmo tempo, a reação da Lei – tendendo ao reajuste – que chamamos Dor.

Mal e Dor estão sempre ligados como forças oponentes e complementares, negativo um e positiva a outra, para que o ser possa, sem perder sua liberdade, ver-se conduzido à harmonização consciente com a Lei, que conhecemos como Felicidade.

Conclui-se facilmente que o mal é, sobretudo, resultante da ignorância do ser em relação à Lei, desde que, como é lógico, ninguém agiria deliberadamente em seu próprio prejuízo. Todavia, trazer ao ser humano simplesmente o conhecimento da Lei não é bastante, embora seja esforço educativo necessário ao esclarecimento. Ele a rejeitará enquanto não a compreender, percebendo-lhe a utilidade. Será preciso que atinja um determinado grau de evolução para que nele despertem as ressonâncias a que aludimos. Só então ele se esforçará por agir na Lei pois sentirá que fazendo-o estará se aproximando da felicidade que tanto almeja.

Contudo, sendo a evolução resultante de conjugarem-se as diretrizes da Lei com os esforços do ser, segue-se que este deverá conhecê-la mesmo que não esteja ainda preparado para a entender e seguir.

Por este motivo as mensagens superiores são trazidas aos povos, nas diferentes épocas e lugares, em linguagem acessível a cada cultura muito antes que o amadurecimento da maioria lhe permita apreender-lhes o verdadeiro sentido. O conteúdo sublime, porém, irá através dos tempos despertando nos mais sensíveis os anseios de aperfeiçoamento que resultarão em avanço evolutivo – o objetivo da Lei.

Deste modo, não obstante as deturpações, as interpretações eivadas de erros, os excessos e os enganos com que o ser, em sua ignorância deforma as revelações divinas, é possível obter sempre um saldo de progresso que o Tempo e a Experiência se encarregam de aumentar constantemente.

Naturalmente, enquanto os apelos do primitivismo atuam poderosamente no ser, este invariavelmente rejeita a Lei e busca destruir os que o exasperam apontando-lhe uma linha de conduta que lhe contraria os impulsos inferiores. O fato porém, é que os mensageiros que sacrifica na sua fúria nota-os diferentes, donos de uma serenidade e força moral sobre-humana, que inveja e cujas causas não pode compreender. Acaba por descobrir neles seres superiores vem a transformá-los em deuses e heróis nos quais reconhece o ideal, *o modelo a atingir* um dia.

Estabelecendo-se, assim, 77 pelo sacrifício de alguns mais evoluídos, os necessários elos entre as diretrizes da Lei e os esforços do ser.

Em breve, o ser humano começa a compreender que, ferindo os demais em benefício próprio, desencadeia ciclos vibratórios de sofrimento que a ele retornam inexoravelmente, princípio de causa e efeito, ação e reação a que Jesus se referiu quando adverte “Recebereis conforme as vossas obras”.

Tais princípios, que refletem no plano humano a justiça Divina, promanam das Leis de retorno e equilíbrio, estudadas na primeira parte deste trabalho.

Aos golpes do sofrimento, aos embates da angústia, sob os grilhões do mal – forjados por ele mesmo – adelgaçam-se cada vez mais os véus de sombra que envolvem o egoísta. A cada reencarnação aprende novas lições, a cada desencarne processa-se o balanço das desilusões, dos erros, com suas conseqüências e dos acertos, com seus benefícios.

À maneira dos primeiros raios do Sol que alcançaram a Terra tão logo o permitiu a fumarenta atmosfera primitiva, num dado momento, alcançando os primeiros clarões da Luz Divina, isto é, começam a sensibilizar-lhes o mundo íntimo, despertando no Cristo Interno ressonâncias sutis.

Confuso, não pode o homem ainda identificá-las e compreender-lhes a origem *sente* que, a partir de então, anseia por qualquer coisa mais, além das satisfação pura e simples dos sentidos ou do intelecto. Chegou-lhe o momento em que a lei de transformação impõe a marcha adiante; vai percebendo ser necessário sair do círculo restrito da personalidade pois que, dentro dele, já realizou o que lhe cabia e permanecer será estagnar-se na angústia e no tédio, na inércia e na sombra, e isso, a lei que vibra nele próprio não permite: o universo é vida, movimento, ação, luz!

Urge atender ao apelo do Eu Espiritual – do Cristo Interno – reconhecer as exigências próprias da alma e partir em busca do Caminho.

5 – O Caminho - 78

Por um impulso incontrolável da Natureza, a pequenina ave, em certo momento, inicia a sua luta contra a casca do ovo, até quebrá-la e sair à luz para uma nova vida. Também nós, chegados a um certo estágio da fase de personalização, temos que iniciar nossa luta para nos libertarmos dos entraves que possamos ter construído com nossos erros, preconceitos ou ignorância. Trata-se de algo que não depende apenas de vontade do homem: é a lei de perfeição – que até então agira ocultamente – no íntimo da criatura – a aflorar-lhe agora na consciência e procurando manifestar-se na vivência, refletindo na mente objetiva um novo alvo a ser atingido.

Surge, assim, uma insatisfação, a princípio vaga, que os recursos materiais não conseguem suprir, uma angústia Sutil que os prazeres da vida não podem eliminar, uma necessidade estranha de elevação e transformação que nem sempre o culto religioso logra satisfazer.

Se em tais circunstâncias, o indivíduo teima em permanecer apegado aos interesses mesquinhos do personalismo, a angústia se acentua até um estado de desequilíbrio psíquico e emocional comum nos dias presentes (psicoses, neuroses).

Quando, porém, ele é capaz de elevar-se a um nível mais alto de mentalização e sentimento, apelando para a prece e a meditação em busca da solução a seus problemas e simultaneamente tornando-se mais sensível aos problemas alheios estabelece-se em seu campo mental o estado vibratório necessário para que receba do alto o auxílio invisível: "Batei e abrir-se –vos-á, buscai e achareis"...

Em tal caso o ser é como a lâmpada que, embora construída e preparada para sua função, se não estabelece com a fonte geradora, uma ligação adequada, não pode receber os benefícios da iluminação interna.

Assim, 79 aprendendo a fazer-se pequenino ante a Sabedoria Suprema e, ao mesmo tempo, agigantando-se em compreensão e fé, é que o homem começa a libertar-se do egocentrismo e capacita-se a trilhar o caminho que Jesus veio abrir à redenção humana: o despertar do Cristo Interno em cada ser humano, o Caminho da Verdadeira Vida.

Para o homem esse despertar consiste inicialmente, em reconhecer que é um ente imortal e tem uma missão divina a cumprir; que não está condenado sem razão a uma vida que não solicitou para, depois de sofrê-la em revolta e tristeza, anular-se no "nada", consumir-se no "inferno" ou estagnar-se no "céu".

Não! O Caminho da Verdade conduzirá à Vida real, fecunda e venturosa, no seio do Pai, ou seja, na perfeição e beleza plenas da Consciência Cósmica. Quando se conscientizar o suficiente para atingir este grau de compreensão, a alma está desperta, apta a receber no coração a Boa Nova que talvez já conhecesse mas cuja essência lhe escapava. A vivência deste roteiro celeste irá, então, desencadear a exteriorização de sua luz íntima, o raio de luz divina de que foi formada.

* * *

Do livro "EVANGELHO E CIÊNCIA" - (1ª edição – Agosto de 1982) da Editora Cultural Espírita - Edicel – São Paulo-SP, do Espírito Paulo de Alencar, psicografado pela médium Vilma Americana do Brasil, que pedimos permissão para reproduzir única e exclusivamente para leitura virtual.

6 - A Ponte do Esclarecimento - Pág. 79

Quando uma certa parte da humanidade se aproxima do grau propício de conscientização a Lei determina se instale a ponte do Esclarecimento referida por alguns pensadores, pela qual possa o homem abandonar a ilha do egocentrismo, alcançando compreensão mais profunda de si próprio e do universo em que vive, aproximando-se um pouco mais da realidade total.

É então que filósofos, místicos e cientistas de intuição altamente desenvolvida, começam a traduzir para os povos alguns dos conhecimentos até então ocultos 80 nos templos de sabedoria iniciática ou mesmo ainda desconhecidos inteiramente; outros, mesmo sem terem tido acesso às verdades ocultas, falam uma linguagem nova, fraternidade, liberdade, direitos humanos, honestidade, igualdade, cooperação...

Frequentemente, como vimos, o egoísmo, atacado em seu próprio reduto (os interesses do personalismo), sacrifica impiedoso estes precursores transformando-os em mártires da idéia, exemplos para a posteridade.

Essa a missão dos sábios, filósofos, profetas e iluminados de todos os tempos.

Após a vinda dos desbravadores do pensamento humano e dos reveladores das mensagens celestes, pode corporificar-se no plano físico o Verbo Divino, personificação do Amor Cósmico, o Messias que, em missão sacrificial de

exemplo e ensino é para a humanidade “o Caminho, a Verdade e a Vida...”, termos que imprimem de modo perfeito a missão do Cristo Jesus.

O conhecimento da verdade, porém, já vimos que não basta por si só. Ela deve “penetrar” o homem e transformá-lo. Deve iluminar-lhe o íntimo de tal modo que ele possa compreender o mecanismo da Justiça Divina, passando a colaborar com ela em seu próprio benefício. Para isso, além de compreender que suas obras más desencadeiam tempestades de dor e sofrimento não só para os demais como para si próprio, necessita de quem o ampare no trabalho gigantesco do resgate (neutralização do mal) e da renovação íntima.

Faz-se presente, então, um reflexo do Amor Crístico: o Consolador, irmão e amigo companheiro e guia, que vem esclarecer as leis da Vida Maior para que o ser possa harmonizar-se consigo mesmo. Vem também, revelar-lhe os princípios de Moral Cósmica, cuja prática auxiliará a harmonizar-se com a Lei de Amor, trazendo-lhe libertação e paz.

7 - O Consolador – pág. 81

A mensagem celeste trazida por Jesus à humanidade, após os primeiros séculos em que o sangue dos mártires lhe traduzia a poderosa ressonância nas almas, viu-se quase submersa pelas reações da ignorância e do Mal, e esquecida, como a semente no solo. Hoje, porém, começam a vir à luz seus rebentos de renovação e a humanidade vai ingressando numa era de grandes conquistas espirituais para que volte a estabelecer-se o equilíbrio com o acervo de conquistas materiais que o homem já reuniu.

Todo fenômeno tem uma progressão determinada pela lei que o rege; esta determina ciclos que se movem de um ponto de partida a um de chegada, ampliando-se continuamente. O ciclo iniciado para a humanidade com a vinda do Cristo atinge no presente século a plenitude da sua primeira fase: a de preparação e amadurecimento do ser para a compreensão e prática do Evangelho, a partir da qual tem início a fase seguinte, que o completará: a de concretização da mensagem evangélica na conduta humana com a vivência do Código de Moral Cósmica que facultará ao homem extraordinário progresso científico e espiritual.

O ser humano começa a compreender o conteúdo da Lei, a assimilar-lhe a mensagem de paz e fraternidade, está esgotando as experiências de ordem negativa – com o seu acompanhamento de desespero e sofrimento – sente que, apesar de tudo o que conquistou no que toca a realizações exteriores guarda um enorme vazio interno que não sabe como preencher, a não ser atendendo aos apelos mais íntimos da própria alma. É assim que se encaminhará naturalmente para a construção do Reino de Deus na Terra e em si mesmo.

Por isso, quando a alma chega a dominar a personalidade – não violentando-a mas superando-lhe as limitações e colocando-a a serviço do próprio progresso espiritual – diz-se que é nascida duas vezes” ou que “nasceu da água e do espírito”, onde “água” é o símbolo dos renascimentos na matéria, através dos quais acaba por nascer para o espírito (descobrir a Luz de que é feita).

Daí por diante o ser humano toma sua vida e seu destino nas próprias mãos!

Consciente do próprio papel no contexto da harmonia cósmica, passa auto-dirigir-se e auto-disciplinar-se, de modo a não mais desviar energias ou perder tempo em ilusões ou vagueios inúteis.

‘Minh’alma, como uma bússola aponta para vós, Senhor, enquanto atravesso a tempestade da vida sobre a Terra” (poema indu).

A vinda do Consolador significa nova etapa de progresso espiritual para a humanidade, prepara-a para a nova fase de espiritualização que sucede à de personalização na caminhada evolutiva. Nela o conhecimento transformar-se-á em Sabedoria, no limiar da qual o indivíduo conta mais do que nunca com a intuição e a inspiração para conduzir-se nas diretrizes novas em que o desejo se transmuta em Vontade purificada e criadora, tanto quanto o sentimento em Amor fraterno e universal, atributos do espírito iluminado, da alma integrada na Luz Divina.

Na complementação desta etapa evolutiva, a Moral Cósmica do Evangelho abrangerá, portanto, todos os campos de atividade humana: místico, filosófico, artístico, político, econômico e social, abrindo, com a conseqüente dilatação das percepções, e concepções, novos horizontes à evolução do ser.

Ninguém pode permanecer indefinidamente recluso num ciclo de aprendizado. Cada ciclo percorrido se abre num ciclo maior, que volvendo sobre si mesmo, interpenetra o ciclo menor. Há, assim, possibilidade de expansão contínua de todos os seres graças ao intercâmbio das conquistas realizadas pelos mais adiantados com os menos evoluídos, favorecendo o progresso final e harmônico de todos. Destarte, os que hoje trilham arduamente o caminho do despertar espiritual, serão amanhã os mensageiros da Verdade para os irmãos mais novos e inexperientes; afirmando-se o triunfo da Vida e do Amor em todas as manifestações do universo, seja no plano material, seja no psíquico.

3 - O Universo Psíquico - p113

Em cada Criação* o Pai determina que, de Sua Própria Essência se individualizem seres destinados a participarem da Consciência e da Perfeição Cósmicas, as quais, graças à Lei Divina serão de início conduzidas e, logo, se conduzirão livremente para as metas de Felicidade, Paz e Realização que lhes reservou.

Cada Universo físico, atingida a plenitude de sua evolução, resulta, portanto, num universo psíquico, composto de seres altamente sábios, conscientemente e plenamente identificados com o Pai, capazes, por isto, de executar-lhe a Vontade,

movimentando as energias cósmicas como “co-criadores em plano maior”, ou “inteligências divinas”, citados por André Luiz, ou os deusas e arcanjos, conforme o pensamento religioso oriental e ocidental.

Vemos que os universos dão origem a novos universos. Cada um deles é infinito, já que sua substância é eterna, porém limitado porque teve um começo, um princípio, e surgirá um momento em que seu modo de ser se transformará, deixando de existir como anteriormente para prosseguir em novas formas de existência, pela eternidade.

Podemos, então, compreender como o espírito, tendo sido criado num dado momento cósmico é, contudo, eterno em sua manifestação.

Cada fase evolutiva estudada neste trabalho, como é natural, possui suas leis próprias que, como já verificamos, são reflexos das leis básicas que regem a Criação. Cada uma delas possui também a *dimensão dominante* que lhe caracteriza os fenômenos. A dimensão do Universo físico-psíquico – que é infinito e contém em si todas as fases de progressão do ser, bem como suas resultantes – é a Perfeição. Assim como cada dimensão consciencial possui sua lei dominante (que é como se pode chamar o conjunto de princípios que lhe presidem as transformações), a dimensão do infinito, que é Perfeição, possui também sua Lei Maior, abrangendo todas as outras, que dele derivam e nela estão contidas, a Lei do Amor.

(1*) – Segundo Gilson Freire em Tabernáculo Eterno, cap. 16, p 225, a Criação foi única e realizada no interior do Absoluto. J. O.

* * *

8 - A Consciência Cósmica

Aquele que despertou e passou a trilhar o Caminho sabe que o Pai está nele como chama Divina, Luz de seu próprio espírito, e não ignora que se movimenta dentro do Hausto Criador desse mesmo Pai, o que ocorre igualmente com todas as criaturas. Compreende, então, que todos se encontram – ainda que o ignorem – empenhados nas mesmas lutas redentoras que ele próprio tem travado, decorrendo o mal que ainda causam de ignorarem as realidades que ele já descortina. Torna-se-lhe, por isso, natural compreender e perdoar, amparar e esclarecer.

Perdoar é libertar-se.

Libertar-se é expandir-se e renovar-se, crescer em novas dimensões da consciência.

O Evangelho, bem compreendido e convertido em forma de vivência, torna-nos capazes de ir abrigar no coração, tudo e todos com nossa compreensão, com nosso perdão, com nosso amor, até que possamos abrigar no coração, o exemplo do Cristo - Jesus, toda a humanidade.

“Amai-vos uns aos outros, como eu vos amo a vós”.

Este um dos principais aspectos da Consciência Cósmica que nos cabe atingir.

Quem esclarece a mente e o coração nas luzes crísticas percebe que o *momento presente é o mais importante*, o mais fecundo em oportunidade de realização para o espírito, dentro do concerto cósmico, através da concretização da Lei de Amor na vivência. Por isso, empreende desde logo a própria libertação procurando 84 ver em cada ser um prolongamento de si mesmo.

Amá-lo é amar-se a si mesmo.

Ajudá-lo é ajudar-se a si mesmo.

Esclarecê-lo é esclarecer-se.

Corporifica-se, assim, em ação de intercâmbio, o conceito “é dando que recebemos” e o ser, tendo aprendido a custa de sofrimento e experiência que o mal semeado recai sobre ele, percebe que o bem que distribuir lhe retornará igualmente, na forma de bênçãos, paz e venturas.

Esta a finalidade maior das doutrinas básicas de todas as grandes religiões: libertar a alma da escravidão às inferioridades e fazê-la despertar para a Presença Divina em seu íntimo, para seu Cristo Interno, ou seja, levá-la ao estado de Consciência Cósmica, integrá-la na Lei do Amor.

Nesse sentido, é o Consolador o auxiliar precioso de todas as religiões. Promovendo o maior esclarecimento do homem no que concerne às suas responsabilidades consigo próprio e com o próximo, desvendando-lhe os segredos da Vida Maior e facultando-lhe maiores ensejos para o resgate voluntário de suas falhas, torna mais compreensíveis e justificáveis as exigências doutrinárias que promanam da Lei Divina, embora, é claro, torne também evidentes as que originam nos interesses da vaidade humana.

Mecanismos da Consciência

Consciência e Evangelho

Os princípios evangélicos constituem uma ética universal válida tanto para o homem evoluído do planeta Terra como para as humanidades de outros orbes, por esta razão é supérfluo temer-se os ataques de seres de outros mundos; os que alcançaram evolução bastante para conquistar os espaços interestelares, alcançaram também a Religião Cósmica, da qual o Evangelho nos trás os princípios básicos.

O homem deve temer apenas a si mesmo e ao mau uso que possa fazer das dádivas celestiais, a inteligência, o conhecimento e livre-arbítrio, destinadas a possibilitar-lhe o progresso.

O relapso, como o rebelde e o malvado, não podem ingressar em eras de maior evolução, não só porque as leis universais a isso se opõem, como porque se pudessem adquirir poderes mais dilatados, usá-los-ia para escravizar e ferir, semeando destruição, pela qual seriam também tragados.

Assim sendo, sempre que para um orbe se avizinha mudança desta ordem em sua posição evolutiva, torna-se necessária uma seleção que conduza ao aproveitamento dos que já guardam suficientes valores positivos, assim como ao afastamento dos que permanecem estacionários em posições de negatividade.

Para estes últimos chega então, o “juízo final”, ou seja, o limite da elasticidade da lei que determina progressão constante para os seres e os mundos. Deverão, pois reiniciar noutra orbe experiências educativas e regeneradoras que logrem finalmente libertar-lhes a consciência das cadeias do ódio, do egoísmo e da ignorância.

A esta seleção se refere Jesus quando fala em separar o “joio do trigo”, “os bodes da ovelhas”, “os da direita e da esquerda”.

*

No Instante em que os homens se harmonizarem intimamente com a Lei, libertar-se da ignorância e da corrupção, alcançando o verdadeiro sentido das mensagens celestes.

“Conhecerão a verdade e ela vos libertará”

Desaparecidos os antagonismos, que não têm razão de ser, despertará para as radiações harmonizadoras do seu cristo interior, os seres e os povos unir-se-ão num só “organismo”, o corpo do Cristo”.

“E haverá um só rebanho e um só pastor”.

* * *

No seu livro “Elos Doutrinários, após apontar no capítulo IX anterior, a voragem atroz do “Abismo das Negações”, Ismael G. Braga denuncia no capítulo X, seguinte, o falaz engodo da proposta dos “pacifistas”, o desolador e fatal deserto

AONDE NOS LEVARIAM AS TRANSIGÊNCIAS - O argumento dos “pacifistas”, que devemos agora examinar, é redigido assim: “A Federação Espírita Brasileira, por amor à concórdia da família espírita nacional, deveria desistir de divulgar a obra de J.-B. Roustaing, porque há muitos espíritas que não aceitam aquela obra e, portanto, ficam em divergência com a Casa-Máter; torna-se impossível reunirem-se todos os nossos confrades em torno do lábaro de Ismael e, por isso, a Federação não teve o desenvolvimento que deveria ter em seus 93 anos de existência. Se a Federação abrir mão de “Os Quatro Evangelhos”, todos nos reuniremos nela e o Espiritismo no Brasil será uma grande força.” É o argumento da transigência doutrinária: devemos transigir nos pontos em que há divergência, para que reine paz e haja colaboração harmônica, pensam esses nossos irmãos. Vamos examinar com amor, calma e serenidade esse argumento e ver até onde nos conduziria tal raciocínio de aparência tão inocente e pura; se é, portanto, aceitável tal modo de pensar e se os Diretores da Federação erraram em não tê-lo posto em prática nos 93 anos decorridos, isto é, se os nossos predecessores, tão inspirados realizadores de obra realmente admirável, em tempos difíceis, teriam cometido, de fato, um erro em manter o ensino da obra de Roustaing juntamente com a de Kardec.

— Há 90 anos o movimento espírita francês era muito maior do que o nosso. A Federação Espírita Francesa contava com luminosos líderes espíritas mundiais entre os seus dirigentes. Não ensinava a obra de Roustaing. Queiram agora os nossos irmãos responder à seguinte questão: A Federação Espírita Francesa realizou o ideal a que vocês aspiram para a nossa? Reuniu todos os confrades sob a sua bandeira e prosperou grandemente até hoje? Não; surgiram outras divisões; fundou-se o Instituto de Metapsíquica, abandonou-se a obra de Kardec, caiu-se na simples experimentação, e aquela gloriosa Federação foi-se apagando, apagando até desaparecer, e hoje nem sabemos se ela ainda existe em algum lugar da Terra. A Federação Espírita Portuguesa não aceitou a obra de Roustaing; são grandes os seus progressos? Manteve a perfeita união? A Liga Espírita do Brasil não aceitou Roustaing. Em um quarto de século de existência progrediu ela mais do que a Federação no mesmo período? Realizou o ideal de reunir em seu seio todos os espíritas brasileiros? Conservou a união pelo menos de todos os seus fundadores e cresceu como era de esperar-se? — Roustaing não é a única divergência entre os espíritas brasileiros, nem mesmo a mais importante divergência. Os nossos irmãos do Espiritismo Racional e Científico Cristão não aceitam sequer a Kardec. Numerosos confrades, mais notadamente em São Paulo, não admitem a prece, o que equivale, igualmente, a não aceitar Kardec, porque o Codificador recomenda a prece, e até é autor de um formulário de preces amplamente divulgado. Esta divergência é infinitamente maior do que a existente quanto ao ponto teórico relativo ao corpo de Jesus, único discutido na obra de Roustaing. Logo, somos obrigados a confessar que não é só Roustaing quem promove discórdias, mas também Kardec, e, se por amor à harmonia, tivéssemos de abandonar Roustaing, logo depois outros exigiriam, com o mesmo fundamento, que abandonássemos igualmente Kardec e, até mesmo, que deixássemos de pregar a reencarnação, a fim de que mais rápida fosse a nossa aproximação com os nossos confrades anglo-saxônicos. E o despenhadeiro das transigências não tem fundo; outros ponderariam que abandonássemos todos os livros e jornais, porque os bondosos caboclos e africanos, em seus terreiros, trabalham muito bem sem livros nem jornais, nem pensando em aprender a ler. E outros ainda exigiriam que abandonássemos também os “terreiros” dos caboclos e africanos, porque têm ainda o inconveniente de ser condenados pela maioria católica do país. Exigiriam que nos incorporássemos a essa admirável organização religiosa mundial que é reconhecida e apoiada pelo Estado e pela imensa maioria dos nossos patrícios — a Igreja Católica Apostólica Romana. Sim; por amor à harmonia, se nos enveredássemos pelo caminho das transigências, voltaríamos, muito logicamente, à Igreja de Roma, de onde viemos. Nenhum progresso poderia realizar o

mundo, porque, no começo, o progresso tem contra si as maiorias; seus defensores são acusados de perturbar a paz e ficam sujeitos a perseguições promovidas pelo comodismo das maiorias.

30 — os Espíritos superiores continuaram amorosamente com a Federação, dando-lhe todo o apoio, ditando-lhe obras cada vez melhores, orientando-lhe a Diretoria, e jamais um só deles aconselhou-nos a evitar a divulgação da obra de Roustaing, para que nos fosse possível atrair ao seio da Casa de Ismael os adversários dessa obra. Esse silêncio é muito significativo: mostra que não há mal nessa divergência e que os nossos irmãos, contrários a Roustaing, são livres de se organizarem e trabalharem, como já fazem há tantos anos, sem imporem, contudo, suas convicções negativas aos que aceitam Roustaing, sejam estes minoria, como se propala, porque, nesse assunto, o argumento número é inexpressivo, senão teríamos de recusar o Espiritismo todo e ficar com os católicos romanos que, numericamente, nos são muito superiores; ou até aderirmos ao materialismo dos marxistas, que já são mais numerosos que os católicos romanos, como “doutrina” oficial de uns dez Estados, com novecentos milhões de habitantes. Além de silenciarem contra esse argumento dos “pacifistas” que optam por uma transigência de consequências facilmente previsíveis — o descrédito e a morte da Doutrina — nossos Maiores não perdem ensejo de recomendar o estudo de “Os Quatro Evangelhos”. Estamos, pois, em boa companhia e não há temer pequenas divergências teóricas.

41? — A única divergência entre Kardec e Roustaing é apenas num ponto teórico que em nada impede a prática da Doutrina toda. Em sua apreciação à “Revelação da Revelação”, por ocasião do aparecimento desta, Kardec deixou de quarentena somente a teoria quanto ao corpo de Jesus, e aprovou tudo o mais. Mais tarde, em “A Gênese”, apresenta argumentos pessoais contra essa teoria, mas não se apóia em nenhuma comunicação de Espíritos superiores; não consulta São Luís, qual o fazia sempre que queria firmar um princípio — como no caso dos agêneres — e emite raciocínios puramente humanos e perfeitamente contestáveis. **Não procurou o consenso universal que ele próprio considerava básico para que um ponto de Doutrina ficasse firmado.** Esse consenso universal, porém, vem-se formando lentamente a favor da obra de Roustaing, como já expusemos no início deste opúsculo, e mesmo Kardec, como Espírito, tornou-se partidário da teoria de que Jesus foi um agêneres.

59 — Nada justifica que a Federação diminua sua convicção sobre o valor da obra — “Os Quatro Evangelhos” — porque, até agora, a argumentação dos opositores é a simples repetição dos raciocínios e hipóteses pessoais de Kardec em “A Gênese”, enquanto, por outro lado, a teoria quanto ao corpo de Jesus vem sendo sempre e cada vez mais logicamente confirmada pelos Espíritos superiores e pelos estudiosos das Escrituras. Os recentes trabalhos publicados contra tal teoria são de uma superficialidade chocante, banais, de pessoas antecipadamente apaixonadas e que se tornaram instrumento dos adversários invisíveis do Espiritismo, como demonstramos em capítulos anteriores.

Se tal capitulação não se deu quando se achavam encarnados os primeiros orientadores materiais do Espiritismo no Brasil — Ewerton Quadros, Sayão, Bittencourt Sampaio, Bezerra de Menezes — muito menos se dará depois que esses brilhantes missionários, como desencarnados, confirmaram, por excelentes médiuns, a inspiração acertada de haverem introduzido aquele ensino no programa do Espiritismo no Brasil. É oportuno lembrar que as obras de Sayão, Bittencourt Sampaio e Bezerra de Menezes aí estão para demonstrar que eles são Espíritos descidos de altas esferas, em missão grandiosa, e essas obras ensinam com firmeza a Doutrina de Kardec-Roustaing; além disso, devemos recordar, ainda, que, até hoje, nenhum dos opositores da “Revelação da Revelação” produziu alguma coisa que se compare àquelas obras da Doutrina Espírita, obras, hoje, consideradas clássicas.

Se a Federação cometesse a leviandade de suprimir a obra de Roustaing, teria de promover a censura de uma grande literatura já consagrada pelos mais cultos espíritas brasileiros: abolir numerosos livros; alterar obras mediúnicas célebres e já amplamente divulgadas em numerosas edições; refazer a Doutrina, porque a obra de Roustaing exerce sua influência nos intelectuais espíritas brasileiros há mais de 90 anos. E tudo isso para quê? Para que mais alguns confrades viessem aumentar o quadro social — pensam os “pacifistas” com muita ingenuidade 20; mas na verdade seria para começar a derrocada do Espiritismo, a morte da Federação, a dúvida sobre as Escrituras e até sobre a mediunidade.

(19) veja nota 18, à pág. 93. (Nota da Editora, em 1978.) (20) Mesmo quanto ao número de sócios, não nos parece justa essa sugestão.

Não percamos de vista que o Espiritismo no Brasil é genuinamente evangélico e a obra de Roustaing é a que melhor defende o Evangelho em todos os seus versículos, explicando-os um a um, sem lançar a dúvida em nenhum tópico, e por isso corresponde ao sentimento dos nossos confrades. Em nenhum outro período de sua existência a Casa de Ismael teve tão rápido crescimento do seu quadro social nem “Reformador”* viu aumentar tanto o número de seus assinantes como durante estes anos mais recentes.

Felizmente, tal transigência está fora de qualquer cogitação, porque a Federação cada dia está mais convencida do valor imenso da obra de Roustaing, e os ataques só têm servido a firmar cada vez mais essa convicção. É-nos tão inconcebível abandonar Roustaing, quanto o seria afastarmo-nos de Kardec ou do próprio Espiritismo.

— Admitido mesmo que a Federação estivesse errada nesse ponto, a solução não seria que ela transigisse e mudasse de rumo, depois de tantos anos de vida e progresso; seria o crescimento normal de alguma outra instituição, que iria tomando, a pouco e pouco, a liderança do movimento, e ocupando, pacificamente, o lugar da Federação, para que esta fosse decrescendo lentamente, através dos decênios, até desaparecer sem abalo nem prejuízo moral para a Doutrina. Ao cabo de uns 50 ou 60 anos, a Federação teria desaparecido, mas isso em nada teria prejudicado a Doutrina, porque as funções da Federação estariam sendo exercidas pela nova entidade, em todo o território nacional, e ninguém perceberia a morte da

Federação. Todos os livros de Doutrina estariam sendo publicados e distribuídos pela nova organização; todas as obras mediúnicas de real valor gravitariam para as mãos dela.

Seria esse o caminho seguro, pacífico, honesto, de abolir a obra de Rousstaing, caminho lembrado pelas pessoas que a achavam má. Para isso se fundou a Liga, faz mais de trinta anos, sem protesto nem oposição alguma da Federação, num Congresso Nacional de Espíritas. A Federação não opôs, não opõe, nem poderia opor embaraço algum ao pleno desenvolvimento da Liga; ao contrário disso, sempre que convidados, os Diretores da Federação ocupam a tribuna da Liga para a pregação da Doutrina, que nos é muito mais cara do que as instituições. 21

Por enquanto, a liderança doutrinária do Espiritismo no Brasil continua sob a responsabilidade da Federação. É ela quem publica e divulga, por todos os rincões do país, as obras que considera boas, inclusive as de Kardec, que são estudadas por todos; e essa força editorial da Federação tem crescido sempre em vez de decrescer. Não sabemos se os inimigos de Rousstaing compreendem toda a profundidade do golpe que isso representa para suas teorias negativistas: a Federação tem progredido mais depois que eles decretaram sua falência e fundaram sua sucessora, do que em qualquer período anterior. Lembremo-nos de que os atuais adversários de Rousstaing são os mesmos que fundaram a Liga em 1926. Deixaram, porém, o trabalho construtivo e sadio, que seria prestigiar e engrandecer a sociedade que fundaram, e optaram pelo tortuoso e triste caminho de combater a Federação, porque a finalidade daqueles não é construir, é demolir, demolir sempre. No entanto, nos dias atuais, não só o Presidente da Liga Espírita é sócio da Federação, e ambas as instituições mantêm as mais fraternas relações de colaboração e compreensão, como também os que combatem a Casa-Máter, desde aquela época, já se desligaram da Liga há vários anos, por se desentenderem uns com os outros; no entanto, jamais deixaram de pagar suas mensalidades como sócios que são da Federação. Por outro lado, nem todos os que aceitam a obra de Rousstaing são sócios da Federação. Vejam, portanto, os “pacifistas”, que seus argumentos nada valem.

Todas as tentativas de prejudicar ou substituir a Federação, até agora, falharam completamente, e ela cresceu sempre, até tornar-se, como é hoje, a maior instituição espírita kardequiana do Planeta, por mérito exclusivamente dos nossos Guias, e não nosso. A instituição fundada para hostilizar e destruir a Federação a pouco e pouco foi abandonada pelos inimigos, e passou às mãos de excelentes amigos da Casa de Ismael, à qual aderiu, entrando na fase de perfeita colaboração para o bem comum da Doutrina. Como explicar humanamente esses fatos? Só a superior orientação do Espiritismo no Brasil, a orientação do Alto, consegue tais milagres de transformar a hostilidade em colaboração harmônica e proveitosa. Os “pacifistas” estejam tranquilos, porque a Alta Direção do nosso movimento não erra nunca, embora nem sempre possamos desde logo compreender seus planos de trabalho.

O Brasil tem uma grande missão a cumprir no futuro, e, por isso mesmo, nunca estamos abandonados: sempre estamos superiormente dirigidos pelos Grandes Espíritos. A luta das trevas contra o Espiritismo, luta essa que, infelizmente, triunfou em outros lugares, inclusive na pátria de Kardec e de Rousstaing, tem sempre falhado no “Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho”, por mercê de Deus. Rousstaing é a primeira linha de defesa da nossa cidadela: onde ele cai, o edifício kardequiano fica logo exposto ao bombardeio dos inimigos da prece e, logo depois, passa-se a proclamar que o Espiritismo é apenas ciência experimental, para, em seguida, se dividir em pequenos núcleos de curiosos que, a pouco e pouco, se dispersam, nada deixando construído. Foi assim em toda a velha Europa, infelizmente; mas não será assim no Brasil, porque do Alto nos vem a proteção. Ninguém pense que os inimigos invisíveis se limitariam, pela pena e pela boca de seus medianeiros, a destruir a obra de Rousstaing. Já temos as lições muito preciosas da História, e não precisamos de novas experiências. Já sabemos a força que eles adquirem, quando lançam por terra a primeira linha de defesa: nada mais lhes resiste à fúria demolidora!

(21) Na leitura deste período, bem assim na do outro, seguinte, deve-se ter em mente que esta obra foi escrita em 1948. (Nota da Editora, em 1978)

* * *

VISÃO DIANTE DA FILOSOFIA - A teoria da queda colocada diante do Evangelho I

Trecho final do Capítulo X – pág. 90 – O Sistema – Pietro Ubaldi

Observemos, agora, a teoria da queda colocando-a diante do Evangelho, das palavras de alguns profetas, e enfim diante do pensamento espírita brasileiro.

Quaisquer sejam as dúvidas levantadas contra a teoria, não pode ser repelida pelos seguidores da doutrina de Cristo. Este, no Evangelho de Lucas, (capítulo 10: 18), diz: “Vi satanás, como um raio, cair do céu”. De fato, a queda foi fulminante, rapidíssima, como ocorre quando rui um edifício. Tornar a subir é cansativo e lento, como acontece na sua construção. E isto porque se deve aprender outra vez, reconstruindo o que foi destruído. O apocalipse de São João (capítulo 12:7-9) diz assim: E houve no céu uma grande batalha: Miguel com seus anjos combateram contra o dragão e seus anjos, mas não prevaleceram, nem houve mais para ele lugar no céu. “Foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente que se chama diabo e satanás, que engana todo o mundo: sim, foi precipitado na Terra e com ele foram precipitados os seus anjos”. O profeta Isaías (14: 18) confirma: “Como caíste do céu, ó Lúcifer, como foste cindido e abatido até a Terra? E, no entanto, dizias em teu coração: tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo”.

É possível a qualquer religião ou seita de origem cristã não levar em conta tão graves afirmações?

No entanto, alguns elementos do espiritismo Brasileiro não aceitam a teoria da queda, pelo fato de a teoria kardecista afirmar que os espíritos foram criados simples e ignorantes. Mas, raciocinemos um pouco, Deus era finito ou infinito? Deus não pode ser senão infinito. Mas, para criar espíritos simples e ignorantes Ele devia tirá-los, não de Si, mas de fora de Si, isto porque sendo espírito perfeito, portanto, só podiam sair de Seu seio espíritos perfeitos, nunca simples e muito menos ignorante. Da imensa sabedoria de Deus só poderia derivar diretamente tal ignorância.

Se os espíritos são constituídos da mesma substância divina, tinham de ter, ao menos, no momento da criação, as Suas qualidades. Só podiam ser assim, em duas hipóteses, ambas inaceitáveis porque contrárias ao conceito de Deus, ou seja: Deus os tirava de Sua própria substância, sendo também Ele simples e ignorante; segundo, Deus os criou, não de dentro de Si mesmo, mas de fora e em tal caso não seria infinito, mas finito. Trata-se de dois absurdos. Para poder criar fora de si seres de natureza diferente da própria, Deus deveria ser um ente limitado, e, ao criar, deveria transpor esses limites. Em outros termos: ou Deus tirava os seres de Sua própria substância e Ele seria simples e ignorante, ou os tirava de fora de sua própria substância, e então, Ele era finito e limitado.

Ora, é evidente, não poder o seio divino, como ocorre entre mãe e filho, ter produzido senão anjos da própria natureza, ou seja, perfeitos, bem diferentes dos seres que vemos animando os corpos humanos da Terra. O homem é um ser bem diferente. Aceita-se ser ele o resultado da evolução a qual tem as suas bem distantes, nas profundezas da matéria da qual o espírito vem vindo, reconstituindo lentamente através de formas de vida cada vez mais complexas, permitindo-lhe a manifestação, até chegar ao plano biológico humano que ocupamos. Aceita-se ser o ponto de partida da evolução da matéria, enquanto o ponto de chegada é o espírito, em estado de pureza e perfeição.

Então, no princípio não havia os espíritos simples e ignorantes, mas a matéria. E matéria quer dizer o caos das nebulosas onde ocorre a sua primeira formação, quer dizer desordem, trevas, um mundo desagregado, que começa a reconstruir-se. Ora, aqui surge o ponto que nos obriga a admitir a teoria da queda. Como admitir que a suprema imperfeição representada pelo caos, seja a primeira, a originária criação, a que teria saído diretamente do seio de Deus? Então a substância Dele seria a matéria e a desordem do caos? Um anjo não pode gerar um demônio, nem um demônio pode gerar um anjo. Se Deus, na criação, deu de Si mesmo, então Ele era caos, constituído pela matéria que forma as nebulosas, com todos os atributos e conseqüências relativas. E voltamos a recordar que a criação não podia ser exterior a Deus, porque esse conceito implica a idéia de um limite a ser superado, absurdo, porque Deus só pode ser infinito.

Eis, então, o ponto. Temos diante de nós dois fatos indiscutíveis: primeiro, Deus só pode ser espírito, ordem, perfeição, causa primeira; segundo, o nosso universo físico, em seu ponto de partida ou criação na qual se inicia a evolução, se acha no estado de matéria, desordem, imperfeição. Estes dois termos, opostos precisam ser ligados com a mais estreita das ligações, a da filiação, relação que implica a mesma natureza para ambos. É evidente não poderem se unir da forma como estão, porque entre os dois corre um abismo, verdadeiramente uma completa inversão de termos.

Ora, como preencheremos esse abismo? A lógica nos impele à única saída, que é a de admitir haja ocorrido um fato novo, ao qual justamente, temos de atribuir a causa de todo este emborcamento. O emborcamento existe. Seria absurdo procurar as causas dele em Deus. Então, quem o terá produzido? Certamente não foi Deus que é ordem. Deus então teria caído no caos? Absurdo ainda maior: um Deus que falha e desmorona. Deus perfeito não pode ter caído, porquanto, se existe evolução, isto prova existir um princípio dirigente que a guia e sustenta, não podendo de maneira nenhuma ter desmoronado. Mas se Deus não caiu, o que caiu? Eis-nos constringido, por uma concatenação lógica, à qual não se pode escapar, a admitir a teoria da queda.

Esta teoria explica tudo e preenche o abismo entre os dois termos irreconciliáveis. O caos da matéria não é o produto da primeira criação originária saída do seio de Deus, mas o resultado de outro processo sobrevindo depois. A matéria não é o estado originário da criação, mas o estado de máxima curvatura do espírito, o ponto final do processo da involução e ponto de partida da qual se inicia a evolução. Só assim se descobre a concatenação lógica entre causa e efeito, doutra forma inexistente, e os dois termos permaneciam distantes, sem poderem conjugar-se. Só assim aparece o anel unindo-os. Entre ambos existe a revolta e a queda, as únicas que podem explicar o emborcamento. Assim tudo fica claro, cada coisa vai para o seu lugar, e não nos vamos chocar ao encontro de tantos escolhos de tantos absurdos inaceitáveis, como vimos.

Foi útil responder a essa objeção de alguns elementos espíritas brasileiros, para esclarecer cada vez mais a visão que estamos examinando. Como se vê, trata-se de coisa bem diferente da criação de espíritos simples e ignorantes. Kardec não entrou no problema porque não seria aceito nem compreendido. 98 Mas, tendo de qualquer forma de apresentar um ponto de partida, escolheu um, no percurso de todo o processo, mais próximo a nós, tal como fez a Bíblia, que parte da segunda criação-material, efeito da queda. Não podia fazer de outra maneira, pois estava falando a criaturas que ignoravam muitos conceitos, só admitidos hoje. Assim também Kardec e os espíritos não podiam falar uma linguagem que teria sido incompreensível para aquela época, porque para as mentes de então, seria inconcebível uma equivalência entre matéria e energia e uma evolução físico-dinâmico-espíritual.

(1) -Vide p. 193, acima.



Anunciação

CONCLUSÃO

Os Quatro Evangelhos , p 152 a 155.

LUCAS: Cap. I, v. 26-38

Anunciação

V. 26. Estando Isabel no seu sexto mês de grávida, o anjo Gabriel *foi* enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré, - 27, a uma virgem, noiva de um varão chamado José, da casa de David, e essa virgem se chamava Maria. - 28. O anjo, aproximando-se dela, disse-lhe: “Eu te saúdo, ó cheia de graça; o Senhor está contigo; és bendita entre as mulheres”, - 29. Ela, porém, ouvindo-o, se turbou do seu falar e consigo mesma pensava no que significaria aquela saudação. - 30. O anjo lhe disse: “Nada temas, Maria; porquanto caíste em graça perante Deus. - 31. É assim que conceberás em teu seio e que de ti nascerá um filho ao qual darás o nome de Jesus. - 32. Ele será grande e será chamado o filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai, e ele reinará eternamente sobre a casa de Jacob. - 33. E seu reino não terá fim.” - 34. Então disse Maria ao anjo: “Como sucederá isso, se não conheço varão?” - 35.

O anjo respondeu: “O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, e por isso o santo que nascerá de ti será chamado Filho de Deus. - 36. E eis que tua parenta Isabel concebeu na velhice um filho e está no Sexto mês de gravidez, ela que é *chamada* estéril. - 37. É que nada será impossível a Deus”. - 38. Então Maria disse: “Aqui está a serva do Senhor, faça-se em mim conforme às tuas palavras”. E o anjo se afastou dela.

Nº. 14. O homem, desde que habita a terra, não tem ouvido em todos os tempos a mesma linguagem. Em cada época de transição só lhe é dito e dado aquilo que ele pode suportar. A humanidade precisa ser preparada para o que lhe cumpre saber. A cada idade sua necessário é que se lhe fale a linguagem conveniente, a fim de que ela compreenda e atenda.

(*) O original grego diz: “...que nascerá será...” – (Nota da Editora).

O aparecimento de Jesus, segundo o anjo o anunciou a Maria, depois a José, por efeito de uma concepção e de um nascimento que os homens trataram de sobrenaturais, miraculosos, divinos, como obra do Espírito Santo, isto é, por um ato do próprio Deus, pois que o Espírito Santo era, para os Judeus, já o sabeis, a inteligência divina manifestando-se por um ato qualquer, tinha que permanecer e permaneceu secreto durante todo o tempo da sua missão terrena.

Maria confiou a revelação aos discípulos preferidos de Jesus. Preferidos quer dizer que o seguiam mais assiduamente e com a virtude dos quais sabia ele poder contar. Dóceis às inspirações de seus guias, esses discípulos compreenderam que, divulgada, semelhante revelação acarretaria, da parte dos homens, a descrença na pureza de Maria e na origem de seu filho. Esperaram, para espalhá-la no seio das multidões, que, com o desempenho completo da missão terrena de Jesus, o tempo houvesse amadurecido os frutos.

Assim que, só depois do sacrifício do Gólgota, do reaparecimento do Mestre, reaparecimento a que se deu o nome de “ressurreição”, do seu regresso à vida espírita, fato que se chamou a “ascensão”, se radicou a crença na divindade que lhe atribuíram. 154

Nesses últimos tempos seus discípulos prestaram fé a essa divindade, interpretando, ao pé da letra, as palavras – meu pai – de que usava Jesus ao referir-se a Deus e achando que só uma tal origem e a sua vida sem mácula explicavam os fatos surpreendentes chamados milagres, que lhes feriam, de continuo, os sentidos materiais.

Durante a sua missão terrena, Jesus, e assim devia suceder, foi tido, pelos homens, como fruto da concepção humana, como um homem igual aos outros, tendo Maria por mãe e por pai José. Para seus discípulos e para a multidão que o acompanhava, era um profeta revestido da libré material humana, qual os profetas da lei antiga. Para os príncipes dos sacerdotes, para os escribas, os fariseus e seus adeptos, era um impostor, por isso que, segundo eles, declarando-se “o filho de Deus”, Jesus se atribuía a si mesmo a divindade, se fazia passar pelo próprio Deus.

Maria tinha que ser e foi, aos olhos de todos, a mãe de Jesus: primeiro, porque o consideraram um homem como outro qualquer, de acordo com as leis materiais da concepção e do nascimento humanos, da reprodução no vosso planeta; em seguida, porque o consideraram como Deus encarnado no seio de uma virgem, mediante uma concepção, uma gravidez e, por conseguinte, um nascimento, que eram obras do Espírito Santo.

Compreendi bem a necessidade, que havia então, de, primeiramente, se materializarem todos os fatos, a fim de os tornar acessíveis à matéria; de, depois, desempenhada a missão terrena de Jesus, idealizar-se a matéria, dando-se-lhe uma origem divina, a fim de que os homens se curvassem ao jugo e a fim de que, graças à divindade atribuída ao Cristo, sua missão fosse aceita e suas leis obedecidas. 155

Jesus, como Espírito, não teria sido compreendido, suas dores morais, sua abnegação não teriam sido apreciadas. Para que o homem compreendesse o sofrimento, preciso era que o sofrimento fosse físico. A carne tinha necessidade de um sacrifício de carne. Àqueles que vertiam o sangue dos touros e dos cordeiros era preciso que se apresentasse um sacrifício de carne e sangue. Eles jamais compreenderiam o devotamento sem limites do Espírito luminoso descido à terra para lhes trazer o exemplo da vida preparatória da eternidade. Não esqueçais que os Judeus se achavam em contacto direto com os Romanos; que as idéias e costumes dos conquistadores se infiltram sempre nos da nação conquistada. Assim, as idéias politeístas vieram a encontrar-se em face do monoteísmo. A vida e os atos de Jesus durante a sua missão terrena; sua “morte” e sua “ressurreição”; os fatos que se seguiram; a interpretação humana dada “às suas palavras”; a divulgação feita pelos discípulos, uma vez terminada essa missão, do que o anjo ou Espírito anunciara a Maria, depois a José, acerca daquela concepção, daquela gravidez, obras do Espírito Santo no seio de uma uma virgem e como tal consideradas “sobrenaturais”, “miraculosas”, “divinas”, criaram para os Judeus a necessidade de multiplicarem a divindade, tentando manter a unidade na pluralidade. Dai o que os homens chamaram o dogma das três pessoas.

O materialismo, como hoje, esmagava o mundo com o seu peso carnal e o mundo parecia, porquanto toda a carne apodrece. Cumpria erguer o Espírito e dar-lhe a força de lutar contra a matéria. Para se conseguir isso, era indispensável que o mundo tivesse ante os olhos um exemplo imaterial, 156 imaterial sob o ponto de vista da divindade atribuída ao Cristo, não durando a sua materialidade, para os homens, mais do que um tempo muito restrito e não passando de um meio de comunicação. Na apresentação deste exemplo em vosso mundo é que está, segundo as vistas humanas, o milagre, por isso que, aos olhos dos homens, ela importou numa derrogação das leis estabelecidas. Não há aí, entretanto, “milagre” algum. A vontade imutável de Deus jamais derroga as leis naturais por ele promulgadas desde toda a eternidade.

O materialismo, como hoje, esmagava o mundo com o seu peso carnal e o mundo parecia, porquanto toda a carne apodrece. Cumpria erguer o Espírito e dar-lhe a força de lutar contra a matéria. Para se conseguir isso, era indispensável que o mundo tivesse ante os olhos um exemplo imaterial, 156 imaterial sob o ponto de vista da divindade atribuída ao Cristo, não durando a sua materialidade, para os homens, mais do que um tempo muito restrito e não passando de um meio de comunicação.

Na apresentação deste exemplo em vosso mundo é que está, segundo as vistas humanas, o milagre, por isso que, aos olhos dos homens, ela importou numa derrogação das leis estabelecidas. Não há aí, entretanto, “milagre” algum. A vontade imutável de Deus jamais derroga as leis naturais por ele promulgadas desde toda a eternidade.

O homem é orgulhoso; a descida de um Espírito do Senhor à terra não lhe teria bastado; era-lhe mister um Deus.

Não esqueçais que os Judeus se achavam em contacto direto com os Romanos; que as idéias e costumes dos conquistadores se infiltram sempre nos da nação conquistada. Assim, as idéias politeístas vieram a encontrar-se em face Como vereis pela explicação que dentro em pouco vos daremos, na medida do que a vossa inteligência obscurecida pela carne pode receber e comportar, o que houve foi aplicação das leis que regem os mundos superiores e adaptação dessas leis aos vossos fluidos, no planeta em que habitais.

Maria era um Espírito muito puro, Espírito superior, que descera à terra com a missão sagrada de cooperar no preparo da regeneração humana.

É o que explica tenha feito sentir ao anjo, ou Espírito, a impossibilidade de conceber durante a virgindade. Cumpria que, tanto quanto os homens, a Virgem desconhecesse a origem espírita do filho que se lhe anunciava. A explicação que daremos da concepção, da gravidez e, conseguintemente, do¹⁵⁷ parto de Maria, como obra do Espírito Santo, vos fará

compreender que, não devendo conhecer aquela origem, ela de fato não a tenha conhecido e haja acreditado na sua maternidade.

Os Judeus, de acordo com as suas tradições e com as interpretações dadas ao Antigo Testamento, criam que o próprio Deus se comunicava diretamente com os homens; que o Espírito Santo era a inteligência mesma de Deus manifestando-se por um ato qualquer. Isso explica a resposta do anjo ou Espírito ao anunciar a Maria, depois a José, a concepção no seio de uma virgem, a gravidez e o parto – como obras do Espírito Santo.

A resposta era adequada, segundo as vontades do Senhor, ao estado das inteligências, de modo a poder ser compreendida e escutada, apropriada às necessidades da época, tendo-se em vista os acontecimentos que iam ocorrer, preparando a humanidade para o que teria de saber mais tarde, mediante uma nova revelação, quando fossem chegados os tempos em que a pudesse suportar.

Para homens que esperavam um chefe temporal capaz de lhes reanimar a nacionalidade, de lhes reavivar as glórias e de os constituir em povo livre, preciso era um chefe que, afastando-se do programa humano, os fizesse compreender não ser deste mundo o seu reino. Tinham necessidade de oferecer um sacrifício ao Deus terrível que, segundo eles, se deleitava com o fumo dos holocaustos. E, para que o sacrifício fosse bastante grande, aqueles a quem era defeso sacrificar homens a Deus, sacrificaram Deus a si mesmo. O valor do homem precisava ser realçado; seus deveres tinham que lhe parecer maiores. Depois de haver tido Jesus, durante todo o tempo da sua missão, na conta de um homem igual aos outros, de um profeta revestido da libré material humana, como os profetas da antiga lei, os homens não o tomaram pelo próprio Deus senão após o sacrifício do Gólgota, à vista desse sacrifício, senão após o seu 158 reaparecimento conhecido pelo nome de “ressurreição”, senão em presença e por efeito dos atos que ele praticara e aos quais os mesmos homens deram o nome de “milagres”, senão quando se divulgou a revelação que o anjo fizera a Maria e a José.

Dar-lhes a conhecer os segredos de além-túmulo fora atraí-los para um terreno perigoso. Não estavam ainda bastante fortes para se preservarem do perigo das relações com o mundo invisível, para receberem e aceitarem a revelação da lei natural da reencarnação, com seus princípios e suas conseqüências. Por tanto tempo tinham tremido sob o bastão de ferro de Moisés, que o Deus paternal e sempre pronto a lhes perdoar houvera inspirado uma confiança tal, que nenhum esforço tentariam. O redentor Espírito não lhes teria falado aos sentidos. Materiais, eles precisavam da matéria, mas de matéria idealizada, que os pudesse preparar para a compreensão da vida espiritual e, assim, para serem mais tarde conduzidos, pouco a pouco, à vida espírita.

O tempo, cerca de vinte séculos, e as reencarnações sucessivas, trazendo consigo a expiação, a reparação, o progresso, vos prepararam para a compreensão da vida espiritual; deveis achar-vos agora preparados e sereis conduzidos pouco a pouco à vida espírita.

À matéria – a *letra*; à inteligência – o *espírito*.

São chegados os tempos de se vos revelar a origem espírita de Jesus. A letra, já tendo produzido seus frutos, agora mata. Soou a hora do espírito que *vivifica*.

São chegados os tempos de se vos revelar a origem espírita de Jesus. A *letra*, já tendo produzido seus frutos, agora *mata*. Soou a hora do *espírito que vivifica*.

O aparecimento de Jesus entre os homens não foi um fato aberrante das leis da natureza. Escrutai essas leis, sondai-as com o sentimento de humildade que deve dominar a criatura em face do seu Criador. A rota está traçada, avançai; nós vos ajudaremos.

Há, 159 como sabeis, mundos inferiores e mundos superiores; mundos materiais e mundos fluidicos.

Quanto mais o Espírito se depura, tanto mais se afasta dos instintos materiais. Quanto mais perto se encontra das encarnações primitivas, tanto mais se entrega às necessidades que o aproximam do animal. O mesmo se dá com todas as necessidades da existência material, que se diversificam e mesmo desaparecem à medida que o Espírito se purifica.

À proporção que sobe na escala dos mundos, mais as necessidades da carne e, por conseguinte, os meios de reprodução se depuram e espiritualizam. A união da matéria com a matéria para formar a matéria é uma das condições inerentes à vossa inferioridade e só existe nos mundos materiais, em cujo número ainda se conta o vosso.

Nos mundos superiores, fluidicos, suficientemente elevados, a vontade constitui a base da lei de reprodução. A vontade é que a provoca, operando, sob a ação magnética, a reunião dos fluidos adequados, no seio da família onde a aludida vontade se manifesta.

Em tais mundos, o Espírito surge por encarnação fluidica, ou, melhor: por incorporação. Ao chegar ao planeta, encontra os fluidos necessários a essa incorporação e, por si mesmo, a executa, com o auxílio daqueles fluidos, na família destinada a tutelá-lo. A vontade ou o desejo dos pais o chama e essa mesma vontade exerce atração sobre os fluidos constitutivos da incorporação, os quais, associando-se-lhe ao perispírito e sendo por este assimilados, compõem, conforme ao planeta, um corpo relativamente semelhante ao vosso.

Os laços que ligam os pais aos filhos são mais fortes do que entre vós e não são suscetíveis, como no vosso mundo, de se desfazerem ou afrouxarem, por isso que pais e filhos compreendem toda a extensão deles.

Lá nesses mundos elevados, não há macho e fêmea no sentido que dais a estas expressões. Os instintos experimentam algumas variações, mas nada têm de comum com os vossos sentidos materiais. É difícil e mesmo inútil dar-vos explicações que não podereis apreender. Sabei unicamente que há diferença de sexos sob o ponto de vista moral e fluidico. Essa diferença provém da que existe na natureza e na propriedade dos fluidos, assim como no emprego que se lhes dá no

estado de encarnação ou incorporação. Sabei também que o moral e o físico estão sempre ligados um ao outro em todas as esferas e que os fluidos servem para exprimir os sentimentos e as propriedades do Espírito. Não tendes disso aí um exemplo, ainda que muito material? O Espírito que encarna não sofre a influência da matéria? E a matéria não é senão fluidos espessados e solidificados, do mesmo modo que o gelo dos rios não é senão uma concentração do leve vapor que deles se desprende sob a ação dos raios solares. Nos mundos elevados, o amor, palavra que profanais, existe com grande desenvolvimento, mas sempre em condições de pureza.

Nos mundos elevados, o amor, palavra que profanais, existe com grande desenvolvimento, mas sempre em condições de pureza.

Quanto mais o Espírito se eleva, tanto mais viva se lhe desenha na memória a miragem do passado.

Somente o Espírito puro, não mais sujeito a encarnação alguma em qualquer planeta que seja, por já haver atingido a perfeição sideral, dispõe de todos os fluidos, como possuidor que é de uma ciência completa, goza de inteira liberdade e independência e tem a consciência exata da sua origem, seja qual for o perispírito ou corpo fluídico que tome e assimile às regiões que percorra. Esse perispírito ou corpo fluídico, apropriado ao planeta, ele o toma, deixa e retoma, conservando-lhe os princípios constitutivos sempre prontos a se separarem ou reunirem, por efeito da sua vontade, 161 segundo as condições e as necessidades da missão superior que lhe caiba desempenhar.

Lembrai-vos destas palavras de Jesus, aludindo, antes e depois do sacrifício do Gólgota, à sua missão terrena e a este sacrifício, referentes essas palavras ao corpo que ele revestira e que constituía sua vida aos olhos dos homens: “Deixo a vida para a retomar; ninguém ma tira; sou eu que por mim mesmo a deixo; tenho o poder de a deixar e tenho o poder de a retomar” (Jo. 10, 18).

Jesus houvera podido, unicamente por ato exclusivo da sua vontade, atraindo a si os fluidos ambientes necessários, constituir o perispírito ou corpo fluídico tangível que vestiu para surgir no vosso mundo sob o aspecto de uma criancinha. Maria, porém, antes da sua encarnação, pedira, por devotamento e por amor, a graça de participar da obra de Jesus, atraindo, pela emanação de seus fluidos perispiríticos, os fluidos ambientes necessários a constituição daquele perispírito. Dessa maneira se tinha que verificar a sua cooperação, mas de forma para ela inconsciente, porquanto o estado de encarnação humana lhe não permitia lembrar-se.

Assim, ao aproximar-se o momento final da sua gravidez aos olhos dos homens, ela, inconscientemente, mas ardendo no desejo de cumprir a missão que o Senhor lhe revelara por intermédio do anjo ou Espírito superior que lhe fora enviado, estabeleceu, pela emanação dos fluidos do seu perispírito, uma irradiação simpática, que atraiu os fluidos necessários à formação do corpo fluídico de Jesus. Nenhum efeito, entretanto, teria produzido a ação inconsciente de Maria, sem a intervenção da vontade daquele que ia descer ao vosso mundo. Jesus, pois, constituiu, ele próprio, pela ação da sua vontade, o perispírito tangível e quase material, que se tornou, tendo-se em vista o planeta em que habitais, um corpo relativamente semelhante ao vosso.

Falando 162 desse invólucro fluídico, a que chamamos, para sermos percebidos pelo vosso entendimento humano, perispírito tangível, dissemos: e *quase material*. Era quase material, no sentido de que Jesus assimilara, para formá-lo, os fluidos ambientes que servem à formação dos vossos seres.

Não esqueçais que o Espírito assimila seu perispírito às regiões que percorre; que a terra é um dos mundos inferiores e que, por conseguinte, os elementos de tangibilidade podem aí reunir-se tanto mais facilmente, quanto mais poderosa seja a vontade do Espírito.

A ciência humana acha cômodo rir toda vez que é incapaz de compreender. Sim, o perispírito do homem, sobretudo no estado de tangibilidade, é semimaterial. A ciência já encontrou porventura meio de comparar o ambiente que vos cerca com os dos outros planetas?

Já pôde acaso o sábio descer aos planetas inferiores, para sentir que o ar que os envolve o sufocaria pelo seu peso, lhe toldaria a vista pela sua espessura e se lhe afiguraria um véu estendido por sobre tudo o que em torno dele se encontrasse? Já subiu às regiões superiores, a fim de experimentar a vertigem que lhe causaria a sutileza do ar? Já sentiu seus olhos se dilatarem com o auxílio das camadas de ar superpostas e, varando distâncias para ele incomensuráveis, ir a sua vista perceber objetos em dimensões tais, que os vossos telescópios não lograriam divisar?

Qual a razão dessas diferenças? É que as camadas de fluidos são apropriadas às vossas necessidades. Vós o sabeis e dizeis, mas não compreendeis as causas e não procurais compreender os *efeitos*. O perispírito humano, como perispírito tangível, *com relação a vós*, é semimaterial, assim como o vapor é semilíquido e a fumaça semi-aérea.

Relativamente à natureza que vos é peculiar, bem como o perispírito humano do vosso planeta, 163 é um corpo fluídico. Quando vos é dado vê-lo, tem toda a aparência de material.

O corpo perispirítico de Jesus era mais material do que o corpo perispirítico do Espírito superior, nenhuma comparação podendo, entretanto, ser estabelecida a esse respeito. Maior ainda era a diferença entre esse corpo de Jesus e os vossos corpos de lama. Aquele participava em grande escala do corpo do homem nos mundos superiores, por isso que se compunha dos mesmos elementos, mas modificado, solidificado por meio dos fluidos humanos ou animalizados, de modo a manter-se, segundo a vontade do Mestre e as necessidades da sua missão terrena, visível e tangível para os homens, com todas as humanas aparências corporais do vosso planeta.

Que o homem não se insurja contra a possibilidade desses fatos, por não poder ainda compreender e explicar uma composição que se efetua fora das leis materiais da sua natureza

.Não diremos, como os que, por estas palavras: “Tudo é possível a Deus”, explicam o que não compreendem. Dizemos ao contrário: o que o homem, na sua ignorância, considera uma derrogação das leis imutáveis não é, sequer, um deslocamento das leis universais; é, sim, uma aplicação delas. Quando ele tenha vencido as dificuldades que o impedem de se elevar no espaço, quando tiver chegado a decompor as camadas de ar superpostas nas alturas que um dia atingirá, quando compreender as propriedades e os efeitos dos fluidos, o uso que deles pode fazer, verá que o que hoje provoca a zombaria da ignorância e da incredulidade se tornará um fato patente, analisado, decomposto pela ciência, que se admirará de que tão poderosos agentes não hajam estado sempre submetidos ao seu império, como se admira de não ter empregado sempre a eletricidade, cujos efeitos visíveis admite, mas cujas 164 causas ainda não determinou. A cada dia basta o seu labor.

Repetimos: o que o homem considera uma derrogação das leis imutáveis da natureza não chega mesmo a ser uma deslocação das leis universais; é, ao contrário, uma aplicação dessas leis. Não acrediteis seja impossível a produção no vosso planeta, de efeitos semelhantes aos que são próprios dos planetas superiores, atendendo a que tais efeitos, subordinados todos aos mesmos princípios, se encontram modificados, de acordo com a esfera onde se produzem.

Certamente as encarnações fluídicas, idênticas às que se verificam em mundos tais como Júpiter e outros planetas superiores, mais ou menos elevados, seriam uma deslocação das leis estabelecidas, e nada há que jamais derogue essas leis. Mas, uma tal encarnação, modificada pela aplicação dos fluidos terrenos, se torna uma aproximação, um laço entre os dois graus da escala. E uma adaptação e não uma derrogação.

Entramos em tantas minúcias, a fim de suprimir qualquer escrúpulo, de afastar todas as dúvidas. Não censuramos a desconfiança que inspirem estas palavras, tão novas para o homem. Queremos apenas tranqüilizar aqueles a quem elas inquietam.

Assim, pois, compreendi-o bem: houve modificação. Os fluidos, que servem para a encarnação ou incorporação nos mundos superiores e que vos são invisíveis, foram materializados, tornados opacos às vossas vistas pela associação dos fluidos animalizados que vos cercam, isto é, dos vossos fluidos ambientes, próprios para a formação dos seres terrenos. Houve, portanto, apropriação dos fluidos superiores ao planeta inferior que ocupais.

Que há nisto que vos possa repugnar, quando admitis os fatos de tangibilidade acidental ocorridos em todas as épocas no vosso planeta e que ainda se produzem sob as vossas vistas, com todas 165 as aparências de forma corporal humana e, em casos raros, mas verificados, com as aparências de vida e de palavra humanas?

Ora, se Espíritos da vossa categoria podem operar essa combinação fluídica, onde a impossibilidade de ser ela operada, com mais latitude, pela vontade poderosa de um Espírito superior?

Imaginais que sejamos sensíveis à duração do tempo, que com tanto esforço apreciáis, ou que contamos as miríades das eternidades como contaís os segundos da vossa existência?

Porque a Jesus, Espírito perfeito, que conhece, na imensidade, todos os fluidos, todas as suas propriedades, todos os seus efeitos, todas as suas combinações e transformações, todos os modos de empregá-los, todos os segredos da vida e da harmonia universais nos mundos superiores, ainda os mais elevados, como nos inferiores e no vosso; que conhece a formação, a produção e a manifestação, a priori, de todos os seres em todos os mundos superiores e inferiores, seria impossível materializar, pela associação e apropriação dos fluidos ambientes que servem para a formação dos seres terrenos, os fluidos perispíricos dos mundos superiores e compor desse modo, para o desempenho da sua missão na terra, um corpo perispírico tangível com as faculdades aparentes do homem, as fases aparentes do seu desenvolvimento?

Este fato, único até hoje nos anais do vosso planeta, se produzirá de novo, quando o tempo for chegado. Então, melhor o compreenderão os homens, que pelo progresso físico, moral e intelectual realizado sob os auspícios e a prática do amor, da humildade e do desinteresse, terão aprofundado suficientemente as ciências e avançado grandemente no estudo da verdade e das leis eternas.

É novo este ponto de vista, mas precisa não continuar ignorado, pois que, pelo trabalho que 166 vos levamos a empreender, ele conduzirá os homens à unidade nas crenças.

Não sois, oh! Bem amados, os únicos a encarar Jesus por este aspecto. Momento virá em que, publicada esta obra, todos os Espíritos que não ousam divulgar uma idéia nova virão juntar-se a vós e confirmar estes ensinamentos, apoiados nas revelações que já tiveram.

Há perto de vinte séculos, falou-se, é certo, a crianças. Julgais, porém, que já chegastes à maturidade, pobres filósofos, cuja sabedoria consiste em solapar um edifício que sois incapazes de reparar e que não basta às necessidades da vossa época?

Não, Jesus não nasceu do homem. A matéria perecível não entrou *por coisa alguma* no conjunto das suas perfeições.

Que os que têm ouvidos de ouvir ouçam, que os que negam procurem compreender. Jesus, Espírito perfeito, que nunca faliu, pertencente ao pequeno número daqueles que trabalharam afanosamente por progredir sem se desviarem do caminho reto que seus guias lhes mostraram e que assim atingiram a perfeição; Jesus, cuja perfeição se perde na noite das eternidades, protetor e governador do planeta onde cresceis e passais pelas vossas provas, tendo presidido à sua formação, desceu à terra para vos dar um exemplo de amor, de caridade, de devotamento.

Mas, não o esqueçais: todo aquele que reveste a carne e sofre, como vós, a encarnação material humana é falível. Jesus era demasiadamente puro para vestir a libré do culpado. Sua natureza espiritual era incompatível com a encarnação material, tal como a sofreis. Sua encarnação foi qual vos temos anunciado. Ele não esperou, sepultado no seio de uma mulher, a hora do nascimento.

Tudo, conforme vo-lo explicaremos, como obra do Espírito Santo, isto é, dos Espíritos do Senhor, foi 167 aparência, imagem, no “nascimento” do Mestre, na “gravidez” e no parto de Maria. O aparecimento de Jesus na terra foi uma aparição espírita tangível. O Espírito tomou – segundo as leis naturais que vos acabamos de explicar – todas as aparências do corpo. O perispírito que o envolvia foi feito mais tangível, de maneira a produzir a ilusão, na medida do que o reclamavam as necessidades.

Mas, Jesus, Espírito puro entre os mais puros de quantos trabalham pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade e pela realização dos seus destinos, era sempre Espírito. Notai que, contrariamente a todas as leis a que se acha submetido o Espírito encarnado, ele tinha consciência exata da sua origem e a certeza do seu futuro. Isto por si só, espíritas, devia e deve fazer-vos compreender que seu Espírito não fora submetido às leis da encarnação, tal como a suportais.

Ele não estava sujeito a nenhuma das necessidades da existência material humana. Só na aparência, exteriormente, para exemplo, as experimentava, conforme vos explicaremos quando chegar o momento de falarmos da figura emblemática do Jejum e da Transfiguração. Conforme também vos explicaremos então, a natureza do corpo que Jesus tomou não foi mais do que um espécime precoce do organismo humano, tal como será daqui a muitos séculos, em certos centros do vosso planeta, e tal como é em planetas mais elevados; mas, sem a ação da vontade para decompor ou reconstituir o perispírito tangível ou corpo de natureza perispírita. Esse poder só o tem o Espírito puro.

Deixai que os materialistas envolvam o Mestre numa veste de carne igual à vossa. Por mais que façam, não conseguirão nunca igualá-lo, nesta desgraçada era. Deixai que os deistas recusem a divindade a Jesus. Eles se aproximam de vós outros, espíritas. Sim, 168 é tempo de ser arvorado o estandarte da verdade e da fé simples, racionada e racional. Sim, Deus é a única potência criadora que reina sobre todos os universos. Deus é o único princípio universal, mas não divisível, que cria, mas não pela divisibilidade de sua essência. Deus é UNO. Jesus, a quem podeis e deveis chamar seu filho bem-amado, de quem podeis e deveis dizer: nosso divino modelo, divino por ser o órgão do Senhor todo poderoso e estar em relação direta com ele; Jesus é a maior essência depois de Deus, porém não é a única essência espiritual desse grau. Cada planeta tem o seu Espírito fundador, protetor e governador, infalível, por se achar constantemente em relação direta com Deus, recebendo diretamente a inspiração divina, e que nunca faliu. Explicar-vos-emos mais tarde o sentido e o alcance destas últimas palavras.

Nenhum de vós, nenhum de nós, que vos dirigimos na vossa marcha, pode dizer que jamais faliu; mas todos podemos alimentar a esperança de participar da pureza de Jesus, da sua felicidade, pela nossa perseverança na prática do bem e no estudo constante das verdades eternas.

Nosso pai é justo e bom. Todos somos filhos pródigos; voltemos à casa paterna. Apressemos-nos, apressemos-nos, irmãos bem-amados. O divino modelo reacende o facho, cuja luz os vapores deletérios do vosso globo tinham ensombrado. Ele arde com mais vivo brilho. Fixai nele os olhos; aceleraí o passo, que se faz tarde. Vosso pai está no limiar, esperando-vos de braços abertos.

Mateus, Marcos, Lucas e João, assistidos pelos Apóstolos.

* * *

Nada melhor para finalizar a primeira parte desta obra, do que a primeira das famosas Grandes Mensagens que através do médium Pietro Ubaldi, Jesus Cristo ditou na Noite de Natal de 1931 e que apresentaremos a seguir:

MENSAGEM DO NATAL – Pietro Ubaldi – (Natal de 1931)

No silêncio da Noite Santa, escuta-me. Põe de lado todo o saber e tuas recordações; põe-te de parte e esquece tudo. Abandona-te à minha voz; inerte, vazio, no nada; no mais completo silêncio do espaço e do tempo. Neste vazio, ouve minha voz que te diz – ergue-te e fala: Sou eu.

Exulta pela minha presença: grande bem ela é para ti; grande prêmio que duramente mereceste. É aquele sinal que tanto invocaste deste mundo maior em que vivo e em que tu creste. Não perguntes meu nome; não procures individuar-me. Não poderias; ninguém o poderia. Não tentes uma inútil hipótese. Sabes que sou sempre o mesmo. Minha voz, que para teus ouvidos é terna, como é amiga para todos os pequeninos que sofrem na sombra, sabe também ser vibrante e tonante, como jamais a sentiste. Não te preocupes; escreve. Minha palavra dirige-se às profundezas da consciência e toca, no mais íntimo, a alma de quem a escuta. Será somente ouvida por quem se tornou capaz de ouvi-la. Para os outros, perder-se-á no vozear imenso da vida. Não importa, porém: ela deve ser dita.

Falo hoje a todos os justos da Terra e os chamo de todas as partes do mundo, a fim de unificarem suas aspirações e preces numa oblata que se eleve ao Céu. Que nenhuma barreira de religião, de nacionalidade ou de raça os divida, porque não está longe o dia em que somente uma será a divisão entre os homens: justos e injustos.

A divisão está no íntimo da consciência e não no vosso aspecto exterior, visível. Todos os que sinceramente querem compreender o compreendem. Cada um, intimamente, se conhece, sem que o próprio vizinho possa percebê-lo.

Minha palavra é universal, mas também é um apelo íntimo, pessoal, a cada um. Muitos a reconhecerão.

Uma grande transformação se aproxima para a vida do mundo. Minha voz é singular; porém, outras se elevarão, muito em breve, sempre mais fortes, fixando-se em todas as partes do mundo, para que o conselho a ninguém falte.

Não temas; escreve e olha. Contempla a trajetória dos acontecimentos humanos: ela se estende pelo futuro. Quem não está preso nas vossas férreas jaulas de espaço e tempo, vê, naturalmente, o futuro. Isso que te exponho à vista, é também coerente segundo vossa lógica humana e, portanto, vos é compreensível. Os povos, tanto quanto os indivíduos, têm uma responsabilidade nas transformações históricas, que seguem um curso lógico; existe um encadeamento de causas históricas que, se são livres nas premissas, são necessárias nas conseqüências.

A lei da justiça, aspecto do equilíbrio universal, sob cujo governo tudo se realiza, inclusive em vosso mundo, quer que o equilíbrio seja restaurado e que as culpas e os erros sejam corrigidos pela dor. O que chamais de mal, de injustiça, é a natural e justa reação que neutraliza os efeitos de vossos atos. Tudo é desejado, tudo é merecido, embora não estejais preparados para recordar o “como” e o “quando”. De dor está cheio o vosso mundo, porque é um mundo selvagem: lugar de sofrimento e de provas. Mas, não temais a dor, que é a única coisa verdadeiramente grande que possuís. É o instrumento que tendes para a conquista de vossa redenção e de vossa libertação. Bem-aventurados os que sofrem, Cristo vos disse. O progresso científico, principal fruto de vossa época, ainda avançará no campo material. Está, entretanto, acumulando energias, riquezas, instrumentos para uma nova e grande explosão. Imaginai a que ponto chegará o progresso mecânico, ampliando-se ainda mais, se tanto já conseguiu em poucos anos! Não mais existirão, na verdade, distâncias: os diferentes povos de tal modo se comunicarão que haverá uma sociedade única.

A mente humana, porém, troca de direção de quando em quando, vive ciclos, períodos, e, nessas várias fases, deve defrontar diferentes problemas. O futuro contém não só continuações, mas transformações: conseqüências de um processo natural de saturação. O vosso progresso científico tende a tornar-se e tornar-se-á tão hipertrófico — porque não contrabalançado por um paralelo progresso moral —, que o equilíbrio não poderá ser mantido nos acontecimentos históricos. Tem crescido e, sem precedentes na história, crescerá cada vez mais o domínio humano sobre as forças da natureza. Um imenso poder terá o homem, mas ele para isso não está preparado moralmente, porque a vossa psicologia infelizmente é, em substância, a mesma da tenebrosa Idade Média. É um poder demasiadamente grande e novo para vossas mãos inexperientes.

O homem será dominado por uma tão alargada sensação de orgulho e de força, que se trairá. A desproporção entre o vosso poder e a altura ética de vossa vida far-se-á cada dia mais acentuada, porque cada dia que passa é irresistivelmente para vós, que vos lançastes nessa direção, um dia de progresso material.

As idéias são lançadas no tempo com massa que lhes é própria, como os bólidos no espaço. Eu percebo um aumentar de tensão, lento porém constante, que preludia o inevitável explodir do raio. Essa explosão é a última conseqüência, mesmo de acordo com a vossa lógica, de todo o movimento. Desproporção e desequilíbrio não podem durar; a Lei quer que se resolvam num novo equilíbrio. Assim como a última molécula de gelo faz desmoronar o iceberg gigantesco, assim também de uma centelha qualquer surgirá o incêndio. Antigamente os cataclismos históricos, por viverem isolados os povos, podiam manter-se circunscritos; agora não. Muitos que estão nascendo, vê-lo-ão.

A destruição, porém, é necessária. Haverá destruição somente do que é forma, incrustação, cristalização de tudo o que deve desaparecer, para que permaneça apenas a idéia que sintetiza o valor das coisas. Um grande batismo de dor é necessário, a fim de que a humanidade recupere o equilíbrio livremente violado: grande mal, condição de um bem maior.

Depois disso a humanidade, purificada, mais leve, mais selecionada por haver perdido seus piores elementos, reunir-se-á em torno dos desconhecidos que hoje sofrem e semeiam em silêncio, retomando, renovada, o caminho da ascensão. Uma nova era começará; o espírito terá o domínio e não mais a matéria, que será reduzida ao cativo. Então, aprendereis a ver-nos e a escutar-nos; desceremos em multidão e conhecereis a Verdade.

Basta por agora; vai e repousa. Voltarei; porém recorda que minha palavra é feita de bondade e somente um objetivo de bondade pode atrair-me. Onde existir apenas a curiosidade, desejo de emoção, leviandade ou ainda céptica pesquisa científica, aí não estarei. Somente a bondade, o amor, a dor, me atraem.

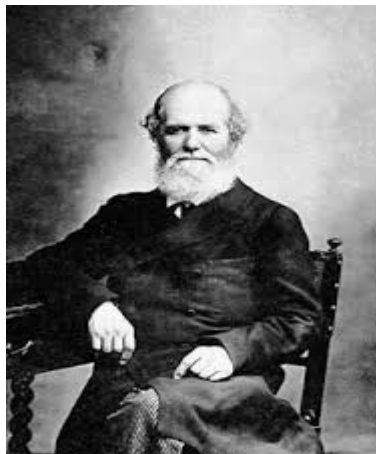
Eu presido ao progresso espiritual do vosso planeta e para o progresso espiritual um ato de bondade tem mais valor que uma descoberta científica. Não invoqueis a prova do prodígio, quando podeis possuir a da razão e da fé. É vossa baixaza que vos leva a admirar como sinal de verdade e poder, a exceção que viola a ordem divina. Se isso pode assombrar-vos e convencer-vos, a vós, anarquistas e rebeldes, para nós, no Alto, ela constitui a mais estridente e ofensiva dissonância; é a mais repugnante violação da ordem suprema em que repousamos e em cuja harmonia vibramos, felizes. Não procureis semelhante prova; reconhecei-a, antes, na qualidade da minha palavra.

A todos digo: Paz!

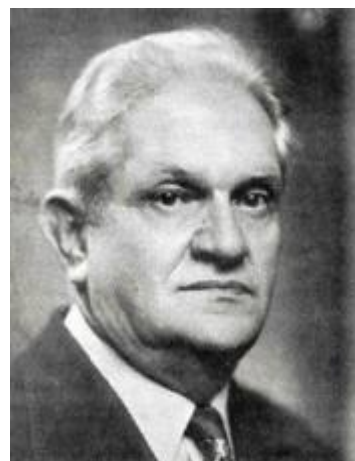
FINAL DA PRIMEIRA PARTE



A. Wantuil de Freitas-1895-1974



P.G. Leymarie -1827-1901



Guillon Ribeiro-1875-1943

GRANDES VULTOS DO ESPIRITISMO

É preciso que a humanidade conheça os nomes dos primeiros pioneiros da obra, daqueles cuja abnegação e devotamento merecerão ser inscritos em seus anais. Allan Kardec



SEGUNDA PARTE

Capítulo I

INTRODUÇÃO

CONTROLE DA CONCORDÂNCIA UNIVERSAL DAS OBRAS ESPÍRITAS

Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares. (O Evangelho Segundo o Espiritismo, Pág.16.) Na dúvida, abstém-te, diz um dos vossos provérbios. Não admitais, portanto, senão o que seja, aos vossos olhos, de manifesta evidência. Desde que uma opinião nova venha a ser expandida, por pouco que vos pareça duvidosa, fazei-a passar pelo crisol da razão e da lógica e rejeitai desassombradamente o que a razão e o bom-senso reprovarem. Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. Allan Kardec – O Livro dos Médiuns-item 230

Não desprezeis as profecias. Examinai todas as coisas, retende o bem. Paulo aos Tessalonicenses I. Cap. 5 versos 20 e 21 – Versão do Pe. João Ferreira de Almeida

O Controle Universal dos Ensinos dos Espíritos e a Fastidiosa Arenga Anti febiana - Jorge Hessen

Escutávamos, certa vez, algumas salas de “estudos” (bate-papo!!!) espíritas no Paltalk, via Internet, e os verbos que penetravam nos canais acústicos dos nossos ouvidos, através do headphone, feriam os tímpanos de nossa indulgência cristã. Evidentemente, não generalizando, há as raríssimas salas-exceções, que criteriosamente, promovem um estudo sério da doutrina à luz da razão e do bom senso.

O tema? Divulgava-se a coqueluche do momento: o CUEE – Controle Universal dos Ensinos dos Espíritos. Nessa conversa melosa, questionava-se a validade dos temas trazidos por André Luiz, Joana de Angelis, etc., advindos de um único médium. E esses “precavidos” confrades, regurgitavam frases do tipo, “não aceitamos nada fora da Codificação”. Enfim, portavam-se com toda eloquência de lídimos “doutores” em Kardec, ou seja: kardequeólogos de plantão e de carteirinha!

De fato, CUEE foi um método científico empregado pelo Codificador na consolidação da estrutura da doutrina nascente e na implementação de seus pilotis. O mestre lionês, sabendo que a morte não tornava mais sábio ou mais ignorante o espírito desencarnado, precisava de um critério seguro para poder compilar as diversas informações trazidas pela espiritualidade. Sabendo que havia espíritos mistificadores, brincalhões e pseudo-sábios, Kardec fez com que todo o

conteúdo doutrinário passasse pela filtragem do CUEE, ou seja, toda mensagem ditada pelos espíritos tinha que ser confirmada por diversos médiuns, preferencialmente, sem que tivessem qualquer contato entre si, e que ocorressem quase que simultaneamente.

Kardec explica na Revista Espírita em abril de 1864, que um homem pode ser enganado, ou mesmo enganar-se. Contudo, tal fato não se dá, quando milhões de homens vêem e ouvem a mesma coisa: é uma garantia para cada um e para todos. Sabemos que essa universalidade do ensino dos Espíritos constitui o baluarte do Espiritismo.

O primeiro controle das mensagens é o da razão, à qual é preciso submeter, sem exceção, tudo quanto vem dos Espíritos. Segue-se, ao supremo controle da razão, a opinião da maioria. Compreende-se que, aqui, não se trata de comunicações relativas a interesses secundários. O controle universal é uma garantia para a futura unidade do Espiritismo e tende a anular todas as teorias contraditórias. Destarte, o que torna o Espírito André Luiz crido é que, por toda parte, observamos a confirmação das suas mensagens, através do testemunho de líderes consagrados no mundo inteiro.

Que influências poderiam exercer André Luiz ou Emmanuel, com suas mensagens, se elas fossem desmentidas, tanto pelos Espíritos, quanto pela liderança espírita mundial? Se um Espírito afirma uma coisa de um lado, enquanto milhões de pessoas dizem o contrário alhures, a presunção da verdade não pode estar com aquele, cuja opinião é única, contrariando as demais.

Ora, pretender ser o único a ter razão, contra todos, seria tão ilógico da parte de um Espírito, quanto da parte de um homem, o que não é o caso em discussão. Todas as pretensões isoladas cairão pela força das coisas, ante o grande e poderoso criterium de controle universal. Porém, as mensagens de André Luiz não caíram e jamais cairão.

Há confrades, no auge do delírio, recriando o Controle Universal dos Espíritos e, para tais indivíduos, essa é a única forma de se aceitar, com boa margem de segurança, os ensinamentos provenientes, sobretudo, das obras de Chico Xavier. (!!?) Por que essa prevenção contra o médium de Uberaba?

Há confrades afirmando que Kardec, o Codificador, era o coordenador do Controle Universal. Depois de sua desencarnação, não houve quem desse seguimento à condição de controlador. Em verdade, esses confrades se apresentam eivados de despeito contra a FEB, informando, com desdém, que os grupos de pessoas, que deram origem à Federação Espírita Brasileira – FEB, criaram um sistema espírita muito diferente daquele idealizado por Allan Kardec e nele nunca esteve presente o Controle Universal dos Espíritos, o que se constituiu numa grave falha Febiana. (sic)

Atestam, esses novidadeiros, que apesar de o Espiritismo ter sido introduzido no país por membros da “aristocracia dominante”, no século XIX, houve, desde o início, forte junção da Doutrina com as religiões, principalmente, a umbanda e o catolicismo. (sic) Para esses vorazes detratores da FEB, (lembramos que o “calo” deles é o “Cristo católico”, pasmem!) tanto os livros de Chico, quanto os do Divaldo apresentam mensagens que nada acrescentam e, até, contrariam a Doutrina. Acreditem se quiserem... (!?)

Encharcados de fértil imaginação e gripados de raciocínio, espirram que o jovem católico, Chico Xavier, quando teve a visão mediúnica daquele que teria sido o Padre Manoel da Nóbrega, em pretérita encarnação, e que passou a ser identificado como Emmanuel, certificou-se de que este seria o seu Mentor Espiritual. Com isso, todo o processo mediúnico do extraordinário médium mineiro foi plasmado por um “misticismo” católico, que, imediatamente, os diretores da Federação Espírita Brasileira (FEB) aproveitaram. Com tal misticismo, vislumbaram um meio de divulgar um Espiritismo que fosse aceito pela sociedade brasileira que, então, era católica em sua esmagadora maioria.

Meu Deus!!! Nunca vimos tão grande parvoíce!!

Para tais difamadores, muitos livros de mensagens psicografadas por Chico Xavier, nada possuem de “específico”, no que se refere à Codificação. São opiniões de Espíritos que têm seu valor, como opinião pessoal (sic), mas não podem ser incorporadas como parte da doutrina básica, pois não se submeteram à chancela da paixão do momento, - o Controle Universal dos Espíritos.

Portanto, as teses abordadas pelo Espírito André Luiz não receberam a chancela do filão da discórdia (Controle Universal dos Espíritos) e, por isso, as mensagens de André Luiz, de Emmanuel e outros só devem ser admitidas como hipóteses de estudos, até que possam ser submetidas ao Controle Universal dos Espíritos, através do aval supremo dessa facção histórica.

A rigor o que está escamoteado, sob essa psicótica discussão, é, nada mais, nada menos, o aspecto religioso da Doutrina Espírita entronizado no Brasil pela FEB e abrilhantado por Chico Xavier na prática mediúnica. Isso que estamos chamando de “questão religiosa” refere-se, obviamente, à discussão que já tem se tornado psicopatológica: saber se o Espiritismo é ou não é religião. A frequência com que tal discussão tem acontecido, no âmbito do Espiritismo, é tão grande que já se tornou, há muito, cansativa, estéril e obsessiva. Para tais hermanos, a postura religiosa, Xavieriana, tem um caráter cerceador sobre o crescimento do Espiritismo, enquanto filosofia. (!?) Quanta histeria!!!

Esses nossos confrades, longe do uso do bom senso, insistem em divulgar a “progressista” tese de que se é preciso fugir do “Cristo Católico”, do religiosismo, do igrejismo no Espiritismo e transformá-lo numa academia de expoentes do “saber”.

Sob o império dessa compulsiva tendência filosófica, vão para as salas do paltalk, redigem livrescos, artiguinhos, promovem palestras inócuas, agulhoados às diretivas telepáticas dos “sabichões das sombras”.

Queiram ou não, o Cristo é o modelo de virtudes para todos os homens. É incomparável a dedicação e a santidade que Ele dispensa à Humanidade. Nós, que ainda estamos mergulhados nos pântanos das questiúnculas teológicas, não

temos parâmetros para avaliarmos a Sua magna importância para o Espiritismo, isto porque a Sua perfeição se perde na escura bruma indevassável dos milênios.

O Espiritismo sem Evangelho pode alcançar as brilhantes expressões acadêmicas, mas não passará de atividade fadada a modificar-se ou desintegrar-se, como todas as conquistas perfunctórias da Terra. E o espírito cristão, que não cogitou da sua iluminação com o Evangelho do Mestre, pode ser virtuoso da inteligência, Phd de qualquer coisa e filósofo, com as mais subidas aquisições científicas, mas estará sem bússola e sem norte no momento do “furacão” inevitável da dor moral.

* * *

Não obstante valorizarmos as lúcidas considerações de Jorge L. Hessen acima, e submissos como antes, ao critério da Concordância Universal, estabelecido pelo Codificador de só levar em conta um conceito quando houver multiplicidade de fontes sérias confirmando-o, daremos seqüência à série de depoimentos do final da primeira parte, transcrevendo, com a devida vênia, uma diversificada lista de artigos de autores encarnados e desencarnados, versando o tema do Corpo Fluídico e o da Queda Espiritual.



L. O. Telles de Menezes
Bahia -1828 - Rio -1893*

1 –LUIZ OLÍMPIO TELES DE MENEZES* – O PIONEIRO DO ESPIRITISMO NO BRASIL ROUSTAING NO BRASIL

Já em 1870 o periódico “O Eco d’Além Túmulo” de maio de 1870, à página 292, comentava longamente a obra “Os Quatro Evangélicos”, de Roustaing, nos termos que o Reformador resumidamente nos apresenta abaixo. O artigo foi assinado por Luiz Olímpio Teles de Menezes: – “Esta importantíssima obra (a de Roustaing) em 3 volumes de 600 páginas cada um foi publicada em Bordeaux, em 1866.

Tínhamos apenas a notícia de sua existência; agora, porém, tivemos a subida satisfação de sermos honrados com a generosa oferta de um exemplar por seu muito distinto autor, a quem cordialmente, agradecemos essa alta prova de consideração. Os espíritas verdadeiros encontrarão em sua leitura variadíssimos ensinamentos de transcendental importância e do mais perfeito acordo com a doutrina ensinada em O Livro dos Espíritos e em O Livro dos Médiuns.

Já em 1870 o periódico “O Eco d’Além Túmulo” de maio de 1870, à página 292, comentava longamente a obra “Os Quatro Evangélicos”, de Roustaing, nos termos que o Reformador resumidamente nos apresenta abaixo. O artigo foi assinado por Luiz Olímpio Teles de Menezes: – “Esta importantíssima obra (a de Roustaing) em 3 volumes de 600 páginas cada um foi publicada em Bordeaux, em 1866.

<http://espiritismocomentado.blogspot.com.br>A saudade – e o metro do amor

Tínhamos apenas a notícia de sua existência; agora, porém, tivemos a subida satisfação de sermos honrados com a generosa oferta de um exemplar por seu muito distinto autor, a quem cordialmente, agradecemos essa alta prova de consideração. Os espíritas verdadeiros encontrarão em sua leitura variadíssimos ensinamentos de transcendental importância e do mais perfeito acordo com a doutrina ensinada em O Livro dos Espíritos e em O Livro dos Médiuns.

“Esta obra é um trabalho considerabilíssimo, porquanto pelo concurso de admiráveis comunicações medianímicas, sempre sustentadas, explica e interpreta os Evangelhos, capítulo por capítulo, versículo por versículo”.

“Esta obra extra-humana foi produzida pelos Espíritos e por sua ordem publicada como sucedera com o Sr. Allan Kardec acerca da organização e publicação de O Livro dos Espíritos.

“Sem a leitura e conhecimento prévio de O Livro dos Espíritos e de O Livro dos Médiuns, não se poderá ter a verdadeira inteligência de Os Quatro Evangelhos explicados em Espírito e Verdade, e por isso recomendamos a leitura dessas duas obras fundamentais da doutrina espírita.

“O Sr. Roustaing, espírita sério, tem a probidade da franqueza e a virtude da abnegação. Em sua estimável e honrosa oferta, assim se exprime: “Publicando essa obra, que não emana de mim, e para cuja realização tenho sido, sou e continuarei a ser apenas um instrumento, somente tive e continuo a ter um incentivo e um fito – a difusão da luz e da verdade, o progresso moral e intelectual da Humanidade, com o mais absoluto desinteresse.”m conclusão, diz o Sr. Telles de Menezes: “Recomendamos, portanto a todos os espíritas sérios a leitura dessa obra incontestavelmente de um mérito real; nela encontrarão a par de alguns ensinamentos que, segundo a opinião do Sr. A. Kardec, necessitam verificação geral dos Espíritos, e, portanto, dependente de sanção futura, ensinamentos e desenvolvimentos em inteiro acordo com os princípios fundamentais da doutrina espírita.Reformador -FEB - Agosto 1950.*Vide sua biografia no site Wikipédia.

* * *

2 - Roustaing e Kardec... Inimigos?!

Roustaing escreve a Kardec
Reformador (FEB) Maio 1953

“Caro Senhor e venerando chefe espírita:

Recebi a carinhosa influência e recolhi o benefício destas palavras do Cristo a Tomé: felizes os que não viram e creram.

Palavras profundas, verdadeiramente divinas, que nos mostram a senda mais segura e racional e que nos conduzem a fé segundo a máxima de São Paulo, que o Espiritismo completa e realiza.

Rationabili sit obsequium vestrum.

Ao vos escrever em Março p.p. pela primeira vez, dizia: eu nada vi; mas li, compreendi e creio.

Hoje, venho dizer-vos que Deus me premiou por haver acreditado sem ver, uma vez que posteriormente vi, e ainda bem que vi em condições proveitosas, pois a parte experimental veio, se assim me posso exprimir, animar a fé que a parte doutrinária havia propiciado, fortalecendo-a, vivificando-a.

Depois de haver estudado e compreendido, eu conhecia o mundo invisível tal como o estudante que conhecesse Paris pelo respectivo mapa; ao passo que hoje, pela experiência, pelo trabalho e atinada observação, conheço esse mundo tal como o forasteiro que percorresse a grande capital, o que não vale dizer que lhe penetrasse todos os recantos.

Todavia, desde princípios de Abril, graças às relações do excelente Sr. M. Sabo e sua família - gente patriarcal e toda ela composta de bons e veros espíritas - pude trabalhar e trabalhei, ora com eles, ora em minha casa, concorrendo a esses trabalhos outros adeptos convictos da verdade espírita, posto que nem todos ainda efetiva e praticamente espíritas.

O Sr. Sabô vos enviou o relatório de nossos trabalhos, obtidos a título de ensinamento, quer por evocações, quer por manifestações espontâneas dos Espíritos superiores.

E creia que sentimos tanto de alegria e de surpresa, quanto de acanhamento e humildade, ao receber ensinamentos tão preciosos e sublimados, de Espíritos assim elevados, que nos visitaram ou enviaram mensageiros para falarem em seu nome.

Ah! quão feliz me considero em não pertencer, pelo culto material, a esta Terra que, agora o sei, não constitui para o homem mais que um lugar de exílio, propiciatório de expiações e provas!

Feliz, sim, por conhecer e haver compreendido a reencarnação em toda a sua latitude e consequências, como realidade e não como simples alegoria!

A reencarnação, sublime e eqüitativa fórmula da Justiça Divina, tal como ainda ontem a definia meu Guia, tão bela, tão consoladora pela possibilidade de fazermos amanhã o que não pudemos fazer ontem, e que impele a criatura a caminhar para o seu Criador; - essa lei eqüitativa e justa na frase de Joseph de Maistre, em comunicação que nos deu e vos transmitimos é ainda, conforme a palavra divina do Cristo, - o caminho longo e difícil de percorrer para chegar às moradas divinas.

Agora é que eu compreendo as palavras do Cristo a Nicodemos: ‘pois quê! sois doutores da lei e ignorais estas coisas...’

Hoje que Deus me permitiu compreender integralmente toda a verdade da lei evangélica, a mim mesmo eu pergunto como a ignorância dos homens, doutores da lei, pode resistir nesse ponto à clareza dos textos e produzir dessarte o erro e a mentira que geraram e entretiveram o materialismo, a incredulidade, o fanatismo ou a covardia.

Pergunto como essa ignorância, como esse erro puderam produzir-se, quando o Cristo tivera cuidado de proclamar a necessidade de reencarnar, dizendo: - importa-vos nascer de novo, e, daí, a reencarnação como único meio de ver o reino de Deus o que aliás já era conhecido e ensinado na Terra, tanto que Nicodemos deveria sabê-lo.

“-Sois doutores da lei e ignorais essas coisas.”

É verdade que o Cristo acrescenta a cada passo - “quem tiver ouvidos de ouvir, que ouça” e mais - “eles têm olhos e não vêem, têm ouvidos e não ouvem nem compreendem” - o que se pode aplicar tanto aos seus contemporâneos como aos que lhe sucederam.

Eu disse que Deus na sua bondade me recompensara pelos nossos trabalhos e pelos ensinamentos que permitiu nos fossem ministrados por seus mensageiros, missionários devotados e inteligentes junto aos seus irmãos, no intuito de lhes inspirar o amor do próximo, o esquecimento das injúrias e o culto devido ao Ente Supremo.

Eis que agora compreendo as palavras do Espírito de Fénelon, referindo-se a esses mensageiros divinos - “eles viveram tantas vezes que se tornaram nossos mestres.”

Eu lhes agradeço humilde e alegremente, a esses mensageiros divinos, o nos terem vindo ensinar que o Cristo está em missão sobre a Terra, para propaganda e êxito do Espiritismo - essa terceira explosão da bondade divina, que colima a última palavra do Evangelho - ‘Unum ovile et unus pastor.’ (Um rebanho e um pastor)

Agradeço-lhes, sim, o nos virem dizer: “nada temais, pois o Cristo (que denominam também O Espírito da Verdade) é o maior e o mais legítimo missionário das idéias espíritas”.

Aliás, essas palavras me haviam impressionado vivamente e eu conjecturava onde poderia estar o Cristo em missão na Terra. “A Verdade dirige - diz então o Espírito de Marius, bispo dos primeiros tempos da Igreja - essa coorte de Espíritos enviados por Deus, em missão, para propaganda e êxito do Espiritismo.”

E que doces e puras alegrias derivam desses trabalhos espíritas pela caridade feita aos Espíritos sofredores!

Que consolo é o de nos comunicarmos com os que da Terra se foram, parentes ou amigos, ouvindo-lhes a confissão de que são felizes ou aliviando-os se o não são!

E, como é viva e radiante a luz desses mesmos Espíritos, os quais na veracidade integral da lei do Cristo nos dão a fé pela razão, nos fazem compreender a onipotência do Criador, sua grandeza, sua justiça, sua bondade e misericórdia infinita e nos colocam, assim, na deliciosa necessidade de praticar a divina lei de amor e caridade.

Sublime, a ilação de tais ensinamentos, compreendendo nós que os seus divinos transmissores, fazendo-nos progredir, vão aumentar a falange sagrada dos Espíritos perfeitos!

Admirável, divina harmonia, que nos mostra a unidade de Deus e a solidariedade de todas as suas criaturas, como nos mostra essas mesmas criaturas sob a influência e impulso dessa solidariedade, dessa simpatia, dessa reciprocidade, chamadas a gravitar e gravitando - não sem faltas e quedas, de começo - na longa e alta escala espiritual, a fim de, finalmente, degrau a degrau, atingir - partindo do estado de simplicidade e ignorância à perfeição intelectual e moral e, por essa perfeição - a Deus.

Admirável e divina harmonia, que nos mostra esta grande divisão dos mundos de exílio onde tudo é prova ou expiação, e dos mundos superiores, morada dos bons espíritos, onde só lhes cumpre progredir para o bem.

A reencarnação, bem compreendida, ensina aos homens que eles aqui estão neste baixo mundo apenas de passagem e que são livres de a ele regressarem, uma vez que se esforcem para isso; ensina que o poder, as riquezas, as dignidades, a ciência, não lhes são dados senão a título de provas, como meio de caminhar para o bem; que tudo isso lhes vem às mãos como simples depósitos e meios de praticarem a lei de amor e caridade; que o mendigo é irmão do potentado perante Deus, e talvez o fosse mesmo perante os homens; que esse mendigo poderia ter sido rico e poderoso e que a atualidade miserável de sua condição representa a falência de suas provas, lembrando assim aquele apotegma do ponto de vista social - não há mais que um passo do Capitólio a Rocha Tarpéia, com a diferença, porém, que, pela reencarnação, o Espírito se levanta da sua morte e pode, remontando o Capitólio, dali projetar-se às cumiadas celestes, à mansão esplêndida dos bons espíritos.

A reencarnação, ensinando aos homens que, conforme o conceito admirável de Platão, não há rei que não descenda de pastor, como não há pastor que não descenda de rei, amortece-lhes todas as vaidades humanas, segrega-os do culto material, nivela, moralmente, todas as condições sociais.

Em uma palavra: a reencarnação constitui a igualdade, a fraternidade entre os homens, tanto quanto entre os Espíritos, em Deus, e perante Deus.

E constitui também essa liberdade que, sem amor e caridade, não passa de utopia, como bem no-lo disse há pouco o Espírito de Washington.

No seu conjunto, o Espiritismo veio dar aos homens a unidade e a verdade em todas as conquistas intelectuais e morais, nessa tarefa sublime de que somos apenas os mais humildes obreiros.

Adeus, meu caro senhor; depois de um silêncio de três meses, eis que vos amofino com esta assaz longa carta.

Respondei-me quando puderes e quiserdes.

Propunha-me ir a Paris para ter o prazer de vos conhecer pessoalmente, para vos apertar fraternalmente a mão, porém a minha precária saúde mo tem impedido até o presente.

Desta, podeis fazer o uso que vos aprouver, na certeza de que me honro de ser devotado e publicamente espiritista.

Vosso mui dedicado

Roustaing, advogado.”

(Revue Spirite de 1861, pág. 167)



3 -1 Jesus anda sobre as águas.

“À quarta vigília da noite foi Jesus ter, com eles, andando sobre o mar. Os discípulos, vendo-o andar sobre o mar, perturbaram-se e exclamaram: É um fantasma! E de medo gritaram. Mas Jesus imediatamente lhes falou: “Tende ânimo, sou eu; não temais”. (Seguinte., 14 :25-27). “Entrando ambos na barca, cessou o vento. Os que estavam na barca, adoraram-no, dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus.” (Seguinte., 14:32-33). “E Jesus perguntou: - Por que este medo, onde está a vossa fé”? “Então, levantou-se, deu ordem aos ventos e ao mar e fez-se grande calma.”

* * *

2 Os artigos que apresentaremos a seguir foram extraídos da obra “Apontamentos sobre Os Quatro Evangelhos de Roustaing”, pelo site da Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes, do Rio de Janeiro – RJ, fundada por Bezerra de Menezes no dia 18 de fevereiro de 1891.

Sobremaneira importantes, cada um deles satisfazem – como as dezenas apresentadas nesta obra – as exigências do controle universal para a aceitação da tese do corpo fluídico de Jesus e Os Quatro Evangelhos de Roustaing, como autêntica obra espírita!

Em Mecanismos da Mediunidade: - Revelações Sobre o caráter supranormal do corpo de Jesus. (Mecanismos da Mediunidade foi publicado em 1959.)

“Procuravam, então prendê-lo; mas ninguém pôs as mãos nele, porque ainda não era chegada a sua hora.”(João, 7:31).

Comentando o episódio da tentativa de prisão do Cristo, no Templo, em Jerusalém, registrada no Evangelho de João, conforme acima, André Luiz, através da pena segura de Chico Xavier, faz revelações importantes sobre o corpo do Cristo, confirmando as informações publicadas na obra Os Quatro Evangelhos de Roustaing, sobre as sucessivas materializações e desmaterializações por que passou o corpo de Jesus quando de sua presença entre nós.

3 - Confira, abaixo: “Em Jerusalém, no templo, desaparece de chofre, desmaterializando-se, ante a espectação geral. Em cada acontecimento, sentimo-lo a governar a matéria, dissociando-lhe os agentes e reintegrando-os à vontade, com a colaboração de servidores espirituais que lhe assessoram o ministério da luz.” (pág. 120)

Encontramos algo extremamente semelhante na obra “A Luz do Espiritismo”, de Vianna de Carvalho, psicografia de 3-3 - 4 -Divaldo Pereira Franco, que merece também destaque. Confira:

“Em Nazaré, ante a turba enfurecida, Jesus utilizou a faculdade da desmaterialização.” (pág.87). (Negritos meus)
Perguntamos de passagem: – Um encarnado pode desmaterializar-se? Pode tomar e retomar a Vida como sucedeu com Jesus? – Dois médiuns sérios, respeitados, confiáveis, recebendo de Espíritos diversos uma mesma informação, em lugares e épocas distintas

5 Antonio Luiz Sayão discorre sobre o tema, em apenas dois parágrafos, em “Elucidações Evangélicas” (5ª Ed. FEB). Jesus, como governador, diretor e protetor do nosso planeta, a cuja formação presidiu, missão que por si só indica a grandeza excelsa do seu espírito, tinha, por efeito dessa excelsitude, o conhecimento de todos os fluidos e o poder de usá-los conforme entendesse, de acordo com as leis naturais que lhes regem as combinações e aplicações. Ora, dados esse conhecimento e esse poder, tão fácil lhe era curar uma enfermidade, como aplacar uma tormenta, modificando as condições dos elementos que as produzem, todos de natureza fluídica, fazendo cessar entre eles o leis naturais que lhes regem as combinações e aplicações. Ora, dados esse conhecimento e esse poder, tão fácil lhe era curar uma enfermidade, como aplacar uma tormenta, modificando as condições dos elementos que as produzem, todos de natureza fluídica fazendo cessar entre eles o desequilíbrio que as ocasiona.

Em O Livro dos Espíritos vemos na Escala Espírita-Primeira ordem: espíritos puros:

112. Caracteres Gerais. Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta, em relação aos Espíritos das outras ordens.

113. Primeira classe. Classe Única — Percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Havendo atingido a soma de perfeições de que é suscetível a criatura, não têm mais provas nem expiações a sofrer. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis vivem a vida eterna, que desfrutam no seio de Deus.

* * *

4 – PADRONIZAÇÃO – SÓLON RODRIGUES

Sólon Rodrigues – Reformador (FEB) Setembro 1972

P. – Não poderiam todos os agrupamentos espíritas padronizar-se, agindo de modo uniforme, a bem do próprio desenvolvimento doutrinário?

R. – Todos diferimos no campo da evolução.

A Doutrina Espírita, pela primeira vez na história da Humanidade, é a religião que respeita a personalidade humana. Ela fornece elementos, desencadeia estímulos espirituais, para que nasça do próprio homem; num gesto espontâneo, a sua aproximação das leis divinas.

Ela não se impõe. Não pede e nem exige comportamentos artificiosos.

A vista de sua dinâmica, cada proficiente interpretará a verdade que a Doutrina revela dentro da largueza ou da estreiteza do seu senso moral. Sem violentar consciências, alberga a todos.

Na pauta das experiências que crescem em cada um de nós, no dia-a-dia, no entanto, seguimos céleres para uma unidade de princípios. Agir sem discernimento é um mal.

A não existência de ações padronizadas é o apanágio da liberdade religiosa que conquistamos com amor e lágrimas, no curso dos milênios. Somos livres – graças a Deus!

* * *

5– JESUS - Fran Muniz



Ninguém poderá negar à igreja o profundo conhecimento que deve ter das leis pregadas pelo Cristo. Ora, ou ela acredita que as palavras evangélicas foram ditadas por Ele, ou não acredita nelas e, então, repele o Mestre.

Não crer, seria a revelação da mais requintada hipocrisia, lançada sobre os católicos que, nesse caso, vem, há dezenove séculos, supondo a igreja ao serviço do Redentor; se, porém, acredita, porque não cumpre fielmente o verbo divino, uma vez que tem a pretensão de ser a representante de Cristo? Quem não quer ser cego pelo simples prazer de fechar os olhos, disponha-se a ler o Evangelho, onde encontrará inúmeras afirmativas do Mestre, confessando-se filho de Deus e por ele enviado em missão a este planeta. Tais elucidações estão documentadas nos capítulos de “Mateus” - “Marcos” - “Lucas” e “João”, em linguagem expressiva e categórica, tal como se vê nestas frases, por exemplo:

“Não procuro fazer a minha vontade, mas sim a vontade daquele que me enviou” - “a palavra que tendes ouvido não é minha, mas sim de meu Pai que me enviou” - “não vim de moto próprio, mas foi meu Pai que me enviou” - “Porque me chamais bom? Só Deus é bom”-“Não falo por mim, porém, meu Pai que me enviou é quem me prescreve o que devo dizer” - “minha doutrina não é minha, mas sim daquele que me enviou”- “digo só o que vi na casa de meu Pai” - “por mim

nada faço, mas digo o que meu Pai me ensinou” - “Meu pai, se é possível, afaste de mim este cálice!” - “Meu Pai, em vossas mãos entrego o meu espírito” - “subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus”, etc., etc.

Ora, se tais palavras estão ao alcance de todo o mundo, como quer a igreja “ser mais realista do que o próprio rei”, insistindo, imprudentemente, em dar-lhes sentido oposto para afirmar que Jesus é Deus?

Além disso, se aquelas afirmativas do Mestre não bastassem, apelariamos para as consciências que não tem vacilações em aceitar Deus com todos os atributos elevados ao infinito e perguntaríamos:

É possível conceber que Deus descesse da sua magnitude, para vir à Terra sofrer as injúrias de ser chicoteado, cuspidado, esbofetado e assassinado por essa torpe, ignorante e miserável criatura que é o homem?

Certamente, nenhuma razão humana aceitará semelhante despautério.

Todavia, a congregação religiosa de Roma, impelida pelas conveniências próprias ou pela inconsciência, aceita esse disparate e ainda o impõe aos ingênuos que o aplaudem.

A monstruosidade desse erro deu lugar às primeiras desconfianças de seus dogmas, porque não é possível a nenhum homem sensato e criterioso, admitir esta alusão de Diderot, quando disse: “Deus matou Deus para apaziguar Deus”.

Causa verdadeira lástima ver os doutores da igreja ignorarem por completo o Chefe a quem representam e de quem receberam plena autoridade, inclusive a de lhe comerem o corpo e de lhe beberem o sangue.

A genealogia de Jesus, do mesmo modo que todos os seus ensinamentos, está exarada no Evangelho, segundo o “espírito da letra” ao alcance de quem se proponha ao trabalho de estudá-la. (1) Por isso nos abstermos de aprofundar nela aqui, visto que teríamos de nos reportar a um princípio muito remoto, o que redundaria em extensos esclarecimentos para a devida compreensão dos leigos.

(1) Ver “Os Quatro Evangelhos”, explicados em espírito e verdade e coordenados por J. B. ROUSTAING.

Apenas adiantaremos que Jesus apareceu na Terra com um corpo visível e tangível, porém fluídico e de natureza perispirítica.

Esta asserção acarretará, bem o sabemos, a confusão e mesmo o cepticismo aos que nada mais conhecem além da matéria comum que vem e apalpa; nada, porém, há nisso de estranhável, porque vemos, ainda hoje, pessoas que não compreendem o giro da terra, ficando a gente de cabeça para baixo sem se despencar no vácuo.

Lembramos, no entanto, que, quando se não conhece um assunto qualquer, deve-se verificar a sua origem para discuti-lo depois com alguma base. Isso, além de prudente, revela o critério e a sensatez de quem a tal se propõe.

É certo que o estudo depende de uma vontade hercúlea e os que negligenciam do saber sentem-se bem na ignorância, contanto que se julguem autorizados a afirmar ou negar aquilo que sua capacidade não lhes permite abranger.

Apesar disso, uma parte estudiosa está presentemente convencida de que Jesus chegou ao estado de pureza imaculada em que permanece depois de ter passado também pela totalidade das fases a que são submetidos todos os filhos do Criador que a nenhum concede privilégios, porque não é parcial. E, assim, Jesus alcançou o elevadíssimo grau de perfeição, merecendo a confiança de ser escolhido por Deus para presidir à formação do nosso mundo e governá-lo depois.

Cristo, portanto, não tinha necessidade de vir à Terra senão em missão, como enviado do Pai e, por isso, era mister tomar a forma humanizada a fim de falar aos homens uma linguagem compreensível, numa época em que tudo precisava ser materializado.

Jesus, em suma, não tem genealogia humana porque o seu nascimento se perde nos dédalos da Eternidade.

A resposta (quando lhe disseram que sua mãe e seus irmãos o procuravam) é um atestado negativo e inconfundível do nascimento material que lhe atribuem.

“Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? Todo aquele que fizer a vontade a meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.”

Outra prova exuberante ainda se encontra na recomendação que fez a Maria, referindo-se a João: “Mulher, eis aí o teu filho”. E a João: “Eis aí a tua mãe”.

Nestas frases, Jesus estabeleceu um profundo ensinamento, preparando as gerações vindouras para a clarividência de sua genealogia, tão erroneamente interpretada pelas religiões obsoletas. Vemos que ele não disse: - Mãe, eis aí o teu filho, mas sim: - “Mulher, eis aí o teu filho.”

Assim, Jesus demonstrou, veladamente, ser João tão filho de Maria quanto ele, Jesus, o era e ipso-facto Maria era tanto mãe de João como de Jesus; com isso, revelou mais uma vez, a necessidade de existir o amor idêntico ao maternal e filial, não só entre Maria e João, mas também entre todos os nossos irmãos, visto ser esse o amor que Deus quer entre seus filhos.

Jesus que é o Amor, a Justiça e a Verdade personificados, porque não proferiu esse nome sublime - MÃE - quando no seu último estágio da vida terrestre se dirigiu a Maria?

Seria, porventura, esse procedimento uma falta oriunda da ingratidão tão comum aos filhos da terra?

Não. Mil vezes não! Jesus era e é o Amor, a Bondade e a Pureza!

Raciocinemos, pois, que Maria, apesar de ter passado por sua progenitora, o que se tornava necessário naquela época, não o era de fato e, por consequência, ele mentiria, se assim afirmasse; mas Jesus não podia mentir.

Para corroborar essa convicção falou ele, ainda, por este modo decisivo:

“Em verdade, entre todos os filhos nascidos de mulher, nenhum há maior que João Baptista”.

Ante tais palavras se torna evidente que ou João era superior a Jesus ou Jesus não era nascido de mulher.

Raciocinando com madureza, temos que aceitar como definitiva a segunda proposição; mesmo os cérebros mais doentios, impregnados de sacramentos e obscurecidos pelos dogmas romanos serão incapazes de refutar semelhante evidência.

Assim, pois, fica bem patente que Maria não deu à luz Jesus e, portanto, ficou sempre virgem e intacta: e o nascimento aparente de Cristo está explicado e aceito sem o milagre ou mistério que são palavras de sentido oco.

A falta de noção sobre os fenômenos das leis da natureza, hoje conhecidos por experiências científicas e comprovadas por grande número de capacidades intelectuais deu causa a que Jesus fosse considerado o próprio Deus e, desse modo lhe deram o segundo lugar na Trindade misteriosa

Esta distinção, iníqua e intolerável, degenerou numa ofensa a ambos, visto que diminuíram Deus e emprestaram a Cristo um título de poderio absoluto com o qual ele, certamente não se conforma; mas sendo essa afronta a Deus, assacada pelos homens, ela se torna tão pequenina que chega mesmo a desaparecer e, por conseqüência, perde toda a importância.

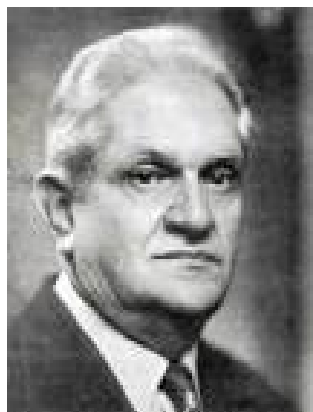
De sorte que a opinião absurda da existência de Deus-homem ou Homem-deus, em nada, absolutamente, modificará o Nazareno, Mestre e Governador do nosso planeta. O essencial é termos a certeza de sua existência como o Fanal das nossas consciências, o Exemplo vivificante para nos conduzir na vida e o Espelho cristalino onde se reflete a estrada luminosa que havemos de trilhar, através o infinito, em busca da perfeição e da eterna felicidade.

Apresentaremos a seguir uma mensagem do Dr. Bezerra, intitulada “No Dia do Livro Espírita”, recebida pela médium Maria Cecília Paiva, na sessão pública da FEB de abril de 1955, publicada no “Reformador” de abril de 1972, pág. 82:

* * *

6 – TRECHO DE CARTA DE GUILLON RIBEIRO, então secretário da Feb, a um confrade de São Paulo. É ela datada de 12 de janeiro de 1927. Reformador (Feb) agosto 1950.

“Paz em Jesus”.



.....
Por agora, apenas direi ao meu distinto e caro amigo, para mostrar que a ninguém será fácil demonstrar-me a inaceitabilidade do que nessa obra (de Roustaing) se contém o seguinte: fui o seu tradutor; consumi no trabalho de sua tradução cinco anos; para traduzi-la, reli muitas vezes e meditei demoradamente cada um de seus pontos, a fim de ser fiel no transplantar para o nosso idioma os pensamentos ou idéias expressos neles; de então para cá jamais deixei de estudá-la atenta e cuidadosamente e, através de todo esse tempo, cada vez mais se tem patenteado ao meu espírito a sublimidade e a veracidade da “Revelação da Revelação”, a realidade da sua procedência espiritual, a luminosidade imensa dos ensinamentos que encerra, e que tudo faz dela uma obra a que nenhuma outra, de procedência humana, se pode comparar.

Com relação à corporeidades do Cristo, digo-lhe sinceramente que, se não fora a revelação constante na obra de Roustaing, eu, depois do estudo aprofundado que tenho feito dos Evangelhos à luz do Espiritismo, especialmente do Evangelho de João, preferiria aceitar o dogma católico da divindade de Jesus, a admitir que Ele haja sido um 9 - Espírito encarnado como qualquer outro, isto é, aprisionado dentro da matéria grosseiríssima de que são constituídos os nossos corpos putrescíveis.

Dito isso, unicamente para lhe dar a ver que o meu espírito aceita plenamente, sem restrição de espécie alguma, a revelação referente ao corpo do Cristo, contra a qual ainda não vi formulada uma só objeção que resista a um exame sério, em face dos ensinamentos codificados pelo Mestre Sr. Allan Kardec, preciso acrescentar uma observação relativamente às Dissensões que o amigo diz como dizem outros, a obra de Roustaing ou a questão do corpo de Jesus tem produzido entre os espíritos.

A observação que quero fazer é a de que essa dissensão não tem sido provocada ou ocasionada pelos que aceitam aquela obra, mas sim pela intolerância dos que a repelem, os quais, regra geral, desconhecendo a legitimidade das convicções daqueles, idêntica, pelo menos, às suas próprias convicções, entendem de, à viva força, por assim dizer, fazer com que eles as abandonem, para comprazer-lhes. (Negritos meus)

Um exemplo: A Federação, desde os primeiros anos de sua existência, adota, estuda em suas sessões públicas, propaga por esse meio a obra de Roustaing e por ela orienta a sua ação doutrinária. Entretanto, nem dos seus Estatutos nem do Regulamento de Adesão, consta qualquer dispositivo estabelecendo como condição, para que uma sociedade se torne adesa, que adote aquela obra. O meu prezado amigo pode dar testemunho de que até hoje, nem quando manifestou desejo de efetuar a sua adesão, nem depois, nenhuma insinuação foi feita ao “Paz Consoladora”, para que adotasse a aludida obra.

O mesmo testemunho podem dar todas as outras Associações adesas, como qualquer pessoa, porque ela procede com estas do mesmo modo que com aquelas.

Entretanto, a Federação é constantemente hostilizada pelos anti-roustainguistas, muitos dos quais não hesitam em cobri-la de baldões e de inventarem (inutilmente, aliás) o seu desprestígio, porque não repudia a “Revelação da Revelação”.

Isso significa apenas uma profunda incompreensão, de parte de muitos, do maior número talvez, do que é ser espírita. Se os que abraçam a Doutrina dos Espíritos se compenstrassem de que ser espírita é ser cristão e que ser cristão é um estado da alma, é uma questão de sentimentos paradigmados pelo modelo que o Pai nos proporcionou, nenhuma desarmonia ou discórdia se produziria no seio da família espírita, por motivo de discordâncias de opiniões. Estas, entre verdadeiros espíritas, podem divergir profundamente, sem que isso de modo algum afete a cordialidade dos sentimentos de bondade e tolerância de uns para com os outros, e menos ainda o da fraternidade completa que os deve caracterizar.

Sejamos, pois, reciprocamente tolerantes, respeitemos as opiniões dos nossos irmãos sem crença, cuidemos de esclarecer os que desejem ser esclarecidos, mas não pretendamos nunca que os outros aceitem tudo o que aceitamos, nem que repilam o que nosso entendimento não pode assimilar, e a concórdia, a harmonia, a união fraterna reinarão entre todos os que se dizem espíritas.

Procedendo todos desta forma, demonstrando todos, dessa maneira, que os anima o desejo sincero de terem as almas iluminadas pela luz da verdade, que é uma só e se acha, para nós terrícolas, personificada em Nosso Senhor Jesus Cristo e consubstanciada, portanto, em seus ensinamentos e mandamentos, todos sintetizados no – amai-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado, Ele amorosamente fará, por intermédio de seus mensageiros e veros servidores, que a perfeita comunhão de sentimentos, de idéias e opiniões venha a reinar onde já reine inteira comunhão de sentimentos.

Perdoe o meu bondoso e caro amigo esta por demais extensa tirada, e creia na sincera estima e nos sentimentos de fraterna amizade deste seu irmão, que ardentemente lhe deseja, como para si mesmo, constante paz espiritual e a misericordiosa assistência dos bons Espíritos do Senhor.”

Pensa bem tudo o que fazes, pra não fazer mal nenhum; pra merecer um oásis, não terrífico simum!

Ante a leviandade, o desrespeito e a agressividade usados pelos anti-rustenistas em seus artigos e livros ao criticarem Roustaing e a FEB, vem-nos à mente, além da sugestiva quadra acima, a inspirada carta de Paulo aos coríntios na qual ele exalta a suprema excelência da Caridade – Paulo aos Coríntios. (Cap 13.1)

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. 2 Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver caridade, nada serei. 3 Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, nada disso me valerá. A Caridade é sofredora, é benigna; a caridade não é invejosa; a caridade não trata com leviandade, não se ensoberbece, 5 não se porta com indecência, não busca os seus interesses. Não se irrita, não suspeita mal: 6 Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; 7 Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

Para que tenham idéia da hostilidade acima citada, – que vem sofrendo a Casa-Máter do Espiritismo no Brasil e a que resiste pacientemente desde a sua fundação, há 130 anos – transcreveremos alguns artigos publicados pelo Blog Aron, um espírita, o primeiro deles sobre dúvidas levantadas quanto a autenticidade do conteúdo da obra Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho:

7- ‘ACUSAÇÃO TEMERÁRIA’ + 1 PÁGINA DA HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

Sobre a irresponsável acusação feita à FEB de que esta teria interpolado o nome de J.-B. Roustaing no livro e Humberto de Campos “Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, recolhemos os comentários seguintes: Acusação Temerária- Reformador Abril 1947 – A Redação

Não fora o extremado zelo, a dedicação ardente e fervorosa, mesmo o nosso vigilante desvelo e cuidado especialíssimos em conservar o tradicional respeito e acatamento sempre devidos e tributados à Casa de Ismael, irreverentemente atacada, vez por outra, não estaríamos aqui, deveras constrangidos, a lançar de público este convite.

Dirigimo-lo como legítima defesa de um patrimônio moral respeitabilíssimo e inatacável qual o é o da Federação Espírita Brasileira, ao nosso consócio Manuel Araripe de Faria, convidando-o a provar que: “Ficou suficientemente provado (!!...) que a primeira dessas mensagens (refere-se a uma mensagem de Humberto de Campos) não passa de um trecho INTERPOLADO (o grifo é nosso) numa das páginas do livro “Brasil, Pátria do Evangelho, Coração do mundo” objetivando dar a Roustaing, etc.,etc.”

INTERPOLAR significa, segundo Cândido de Figueiredo, revolver, alterar, intercalar em um trecho palavras ou frases para o esclarecer ou para adulterá-lo.

Esta acusação pesa sobre o corpo editorial do REFORMADOR, órgão oficial da Federação Espírita Brasileira, porta-voz de sua Diretoria, assim julgada capaz de semelhante fraude, sem que nada tenha ficado suficientemente provado; como afirmou o Sr. Araripe de Faria, à página três de 15 de Março deste ano, num jornal desta Capital.

Dói-nos sobremaneira esta atitude.

Lançamo-la de público

, entretanto, cultuando, como já o dissemos, o patrimônio moral da Casa de Ismael, e também como uma exigência de respeito às sagradas virtudes da verdade.

Queremos a prova.

Se não a fizer, certamente que o Sr. Faria teria praticado uma acusação temerária, inverídica, e que bem lhe custará o justo castigo da sua própria atormentada e demolidora consciência.

* * *

8 - DIVIDE UT IMPERES – Ismael Gomes Braga – Reformador (FEB) Agosto 1962.

Desde o antigo senado romano, passando por Luís XI, Catarina de Medicis, Machiavel e os czares da Rússia, a fórmula “divide para dominar” tem sido empregada pelos espíritos mais tenebrosos. O movimento espírita não poderia passar ileso das campanhas de divisão para destruição. Têm surgido muitas vezes e repetem-se sempre as tentativas de desunir para vencer e destruir o movimento. Felizmente os nossos irmãos compreendem que a Doutrina é de amor incondicional a todos os seres, não combate nem o mal nem os maus, limitando-se a edificar o bem para que o mal desapareça por si mesmo e os maus se convertam ao bem por falta de ambiência para maus intentos, por isso os espíritas reconhecem logo a procedência tenebrosa de todas as tentativas de divisão e não se deixam arrastar às campanhas de ódio contra quem quer que seja.

Desde que uma voz se levante faltando à caridade contra alguém, percebemos logo sua triste inspiração e sua finalidade de dividir para destruir.

O ataque pode tomar as formas mais diferentes uma das outras: ora se ataca um livro, ora uma organização, de outras vezes uma pessoa.

Soa estimada no movimento, mas sempre traz em si mesmo a marca de sua origem: ausência de caridade e tentativa de fracionar, para enfraquecer e destruir.

Todos os “defensores” da Doutrina, que atacam a alguém, caem logo na suspeita dos nossos irmãos, porque estes compreendem que a nossa obra é sempre de amor e construção, nunca de ataque a alguém ou a alguma coisa.

Os oitenta anos (em 1962, 135 em 2017) de experiência da FEB tem-nos ensinado a nos guardarmos sempre do perigo de divisão, venha ele com as mais belas vestes.

Sem dúvida aparecem obras más, trabalhos imperfeitos, livros errados, mas tudo isso cai por si mesmo à medida que surgem coisas melhores.

Não tenhamos medo de “hereges”, mas nos guardemos cuidadosamente contra os perseguidores de “hereges”, porque a história religiosa do mundo já nos mostrou como são perigosos os que perseguem os “hereges”. Seu zelo peca mortalmente contra a própria doutrina que pretendem defender e ocasiona toda a sorte de males. Construamos o bem e o mal cairá por si mesmo, porque só o amor é força invencível na eternidade. Saibamos ver e combater o inimigo que temos dentro de nós, para podermos ser unidos e não nos perturbarmos com as campanhas do “divide ut imperes”. Ismael Gomes Braga

*

9 – Os Quatro Evangelhos – Tomo III – pág. 485 – Quanto aos que negam a todo transe, o dia deles chegará e para eles também se fará a luz. Mas, a esses ainda não fomos enviados. **Sempre que haja no homem uma idéia preconcebida, não se deve procurar violentá-lo para que a abandone e sim esperar, do seu livre-arbítrio, do tempo e da reencarnação que, com a expiação e a reparação, é via e meio de progresso moral e intelectual, se lhe abram os olhos para a luz.** Somos mandados aos obreiros de boa-vontade. Arroteamos as terras áridas, por mais secas e duras que sejam. Mas, deixamos ao tempo o 486 trabalho de pulverizar os rochedos cuja dureza *atual* resistiria aos nossos esforços.

(*1) O trecho do item 11 acima por mim grifado, revela um dos motivos ou a razão pela qual Kardec não foi corrigido por São Luiz e/ o Espírito Verdade: tanto em 1866 no que refere à Revue Spirite, como em 1868, em A Gênese: **Eles respeitaram a sua opinião sobre o Corpo Fluídico de Jesus.** Vide o item 16 p 233 abaixo, “A Questão Roustaing”.

* * *

10 – INIMIGOS GRATUITOS * – Blog do Aron, um espírita – Quarta-feira, 25 de janeiro de 2012

“O que é lamentável é que tais inimigos gratuitos das verdades eternas ainda encontram apoio em algumas mentes de companheiros sérios e com responsabilidades na obra maior do Cristo que é o fortalecimento de todo o edifício do Consolador”. Como conciliar o comportamento dúbio de alguns dentre nós diante da expressão explicativa e de advertência do Mestre: “A palavra que ouvistes não é minha, mas do pai que me enviou” (João, 14:24). Equivale a esta outra: Se a palavra fosse minha: bem que eu perdoaria, quem sabe!? Mas a palavra é do Pai. [...]. Disse ainda o Mestre incomparável: “O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (João, 15: 12). Como conciliar tais palavras com outras que andam por aí em algumas dezenas de livretos sem qualquer fundamento doutrinário?

Para que o leitor tenha uma idéia, vamos pinçar algumas frases desse lamentável conteúdo sombrio, deixando a seu encargo o critério de ajuizar sobre elas: “João Batista Roustaing foi reconhecidamente o Judas do Espiritismo.”

“Sobre o nome de ambos (Roustaing e Mme. Collignon) pesará, lamentavelmente, para sempre, a abominável obra com o selo da maldição da treva.”

“[...] os insensatos comparsas dos espíritos das trevas para impor no movimento espírita as idéias deletérias de Roustaing.”

“Guillon Ribeiro foi um homem culto e inteligente, etc. etc., ao escrever o livro roustainguista “Jesus nem Deus nem Homem” não se sentiu envergonhado em agir como um trampoleiro ao interpretar epístolas de Paulo de Tarso.”

“[...] processo de difamação usado por Francisco Thiesen e Zeus Wantuil no livro “Allan Kardec”.

“O poder de persuasão em Manoel Quintão devia ser mesmo muito grande: foi ele quem trouxe José Petitinga para o roustainguismo [.....]”

“Pedro Richard, outro beato que faria parte do Grupo Sayão [...].”

“O anjo Ismael era o chefe do pequeno grupo, mas ao fim de pouco tempo foi nomeado (pela Feb, é claro ...) o guia do Espiritismo no Brasil.”

“Assim eram os colonos portugueses ‘distintos colonos’ – que aqui vieram e desencarnaram, os mesmos que foram fundar a colônia conhecida como ‘Nosso Lar’ descrita pelo Espírito André Luiz, com o endosso de Emmanuel ou Padre Manuel da Nóbrega.”

“A Federação Espírita Brasileira nasceu de uma mistificação, o roustainguismo, essa pedra encravada no caminho dos espíritas”

“Com Antônio Luís Sayão, Bittencourt Sampaio, Bezerra de Menezes e outros (etc. etc.), “Roustaing era a volta ao maravilhoso, ao Cristo místico, divino no Espírito e no corpo ... “

“Atinge as raízes do fanatismo o culto devocional dos roustainguistas febeanos dedicados a Maria, mãe carnal de Jesus”...

“Os espíritas racionalistas logo viram na obra um instrumento de desagregação do movimento espírita”. “São uns patuscos esses pândegos reveladores!”

“A adoção do Roustainguismo pelos pioneiros do Espiritismo, que fundaram a Federação Espírita Brasileira, era o primeiro passo para a criação da ‘Religião Espírita’”.

“Instalou-se, assim na Casa-Máter do Espiritismo no Brasil, o culto à Virgem Maria ou mariolatria, que, na opinião de um ex padre católico desgraça o mundo, corrompendo as almas, distantes das fontes puríssimas da Palavra de Deus’ [...]”(Aníbal Pereira Reis, ‘Um Padre Liberto da Escravidão do Papa’, p. 97)”.
[Excertos pinçados dos livros ‘O Corpo Flúidico’, Edições Correio Fraternal, ‘Kardec e não Roustaing’, EDICEL, ‘Kardec e Roustaing’, Editora ECO].

Aí está, leitor espiritista. Uma ligeira demonstração de como agem os adversários da obra de que estamos nos ocupando neste trabalho, cuja única pretensão é oferecer aos espíritas SINCEROS da Pátria do Evangelho a razão pela qual a Federação Espírita Brasileira dá como única resposta às vozes da sombra: mais trabalho, mais solidariedade, mais tolerância. Responder, polemizar seria negar tão radioso lema, que é fundamento da bandeira de Ismael: DEUS, CRISTO E CARIDADE.

Nesses livretos e panfletos não há respeito humano, não há senso de fraternidade. Nenhum respeito pelos companheiros desencarnados, nem mesmo pelos Espíritos Reveladores, e muito menos para com aqueles que apenas exerceram o papel de médiuns, como Émilie Collignon, médium da Revelação da Revelação e, no Brasil, o nosso querido e inofensivo Francisco Cândido Xavier, hoje, credor de atenções e admiração, do carinho amorável e fraternal de todos nós, espíritas e não espíritas, no Brasil e fora de nossas fronteiras.

Também nessas lastimáveis publicações não são poupados Espíritos da envergadura moral e espiritual de Maria a quem a obra de Roustaing não diviniza, pelo contrário, até magoa *[1] os que eles apelidam de mariólatras; nem poupados são Ismael a quem o Cristo incumbiu de magna tarefa junto ao Brasil Espírita, e junto ao Brasil – Pátria do Evangelho, nem a Bezerra de Menezes, que ainda hoje espalha mensagens de elevado fulgor evangélico por todos os recantos deste País e curas extraordinárias naqueles que, humildes de coração, rogam a sua intercessão em favor da cessação de suas dores. Quer se comunique por Chico Xavier, por Divaldo Franco, por Maria Cecília Paiva ou outro médium conhecido, nunca tornou qualquer de suas mensagens veículo de arrependimento por ter sido um defensor autêntico de Os Quatro Evangelhos. Bezerra desencarnou e não SUMIU pelo fato de defender a obra de Roustaing.

Quanto a Maria, ignoramos a razão de tanta azedia contra ela, se o próprio Cristo de Deus a escolheu para mãe, azedia tão grande que às vezes cheira A ÓDIO. Que há de horroroso e hediondo nas letras escriturísticas, contra a virgem de Nazaré? Valeria a pena dar uma espiada, novamente, nas letras sagradas: “José, filho de David, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo”. (Mateus, 1:20).

“E, entrando o anjo onde ela estava, disse: “Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres.” [...] “Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus” (Lucas, 1:28-30).

Que mal tão grande e tão nefando crime deve existir naqueles que honram com a homenagem de seus corações àquela que foi achada em graça diante de Deus, e que o próprio Espírito mensageiro de Deus chamou-a BENDITA ENTRE AS

MULHERES? A Revelação da Revelação explica quem era Maria e explica muitas outras coisas, sobre ela e função mediúnica na vida de Jesus...

Página 68/69 de “À Luz da Verdade” (SODEAS – Editora Auta de Souza, 2000) Inaldo L. Lima

*[1] Maria, em Roustaing, é considerada Espírito superior e não Espírito puro. Era ainda, espírito egresso de planeta mais evoluído que a Terra.

* * *

Corroborando o final do comentário ao item 12, final de dissensões acima, data venia transcrevemos, do livro “Volta Bocage” de Francisco Cândido Xavier, editado pela Feb, Rio, o magistral e comovente



José M. B. du Bocage -1765-1805

11 - SONETO V - José M. B. du Bocage

Doce Mãe, Sereníssima Senhora,
Dos teus olhos velados de Doçura
Nasce fresca a alvorada, que fulgura
Na infortunada sombra de quem chora!

Quando meu ser vagava em noite escura,
Nas angústias do abismo que apavora,
Estendeste-me os braços, vendo, embora,
Minhas chagas de treva e de loucura.

Ante o Regaço Fúlgido consente
Que minha fé se exalte, embevecida,
Prosternada, ditosa, reverente.

Recebe no dossel de Graça e Vida
O louvor de teu filho penitente,
No clarão de minh'alma convertida.

* * *

12 – Com Jesus e Kardec devemos fugir das divergências extemporâneas – Jorge Hessen

Os espíritas estudiosos, sensatos, coerentes e cautelosos não se abalam espiritualmente com o fato de existirem divergências interpretativas da Doutrina dos Espíritos nas hostes do movimento doutrinário atual, especialmente no Brasil. Óbvio! O ideal seria que os estudiosos das obras da Codificação evitassem discussões estéreis em torno de teorias e práticas estranhas ao projeto primordial. Kardec recomenda a busca da UNIDADE visando consolidar as lições acerca dos postulados essenciais.

Que todos pensemos e consubstancieemos exatamente igual à programação dos Mentores do além, eles que no século XIX traçaram os roteiros da Nova Revelação nas estradas humanas. Todavia, infelizmente, é com pesar que afirmamos não conseguir vislumbrar a possibilidade de uma instância superior, transcendente, capaz de amenizar as atuais divergências e propor a derradeira palavra em cada conflito interpretativo.

Certo é que os responsáveis espirituais do além têm se esforçado para que o movimento espírita seja o menos heterogêneo possível. Destarte é natural a idéia da unificação (isso não é utopia), sempre buscada, mas lamentavelmente dificilmente atingível, pois que cada um quer fazer um Espiritismo particular, à moda do centro espírita que dirige ou freqüenta, etc.

A Unificação que poderia denominar-se UNIÃO tem esbarrado na diversidade cultural e intelectual compreensível e natural entre grupos e pessoas, ainda mesmo que convictas dos conceitos comuns relativos aos princípios básicos, a saber: Deus, imortalidade, comunicabilidade, reencarnação, pluralidade de mundos habitados. Inobstante sabermos que a adoção de convicções a respeito desses temas essenciais não elimina a característica de liberdade de pensamento humano, não se pode em nome de tal “liberdade” de expressão e pensamento, entronizarem-se interpretações muitas vezes completamente inversas das propostas pelos Espíritos. Aí está a matriz das artimanhas dos gênios das trevas. Não será com a estimulação de novas buscas (enxertos doutrinários) e múltiplas interpretações sobre os mais diferentes degraus do pensamento, nos vastos círculos de compreensão sobre Deus, o universo, mediunidade, obsessão e, especialmente, terapias desobsessivas que fortaleceremos a programação do Espiritismo para os homens.

Na verdade, quanto mais alguns adentram no mundículo acadêmico, vagueando pelas filosofias humanas, que basicamente propõem joguinhos de palavras e idéias girando em torno de raciocínios subjetivos, chegando SEMPRE ao mesmo lugar sem explicar NADA de coerente e lógico, mais críticos e/ou cépticos alguns vão se tornando. Tais intelectuais mais dificilmente assumem como factíveis as interpretações dos conceitos que são cristalinas nas obras sérias. Dizemos isso em relação aos livros consagrados, que as pesquisas e os estudos só tendem a confirmar. Em torno dos estudos mal orientados surgem opiniões díspares que são assimiladas de acordo com esses mesmos postulados, transmitidas pelos livros consagrados pela Codificação Kardequiana.

Todo e qualquer conhecimento impõe uma viagem íntima do sujeito cognoscente pelo objeto a ser desvendado. Obviamente, nesse processo não é fácil dispensar a experiência pessoal que confere a cada um, variados matizes de percepção a respeito de conceitos, fatos e fenômenos em cuja existência fundamental há consensos gerais.

Desta forma, as várias interpretações podem em alguns instantes, ser saudáveis se não fugirmos das advertências dos seres espirituais que foram autorizados pelo Cristo para nos ajudar a raciocinar sem divagar idéias em torno do próprio umbigo. Do exposto, a sensatez doutrinária nos induz a afirmar que na medida em que o estudo do Espiritismo nos une no essencial, estimulando o fortalecimento do laço que nos prende uns aos outros, ele também instaura a liberdade do pensamento cristão, ensejando o debate harmônico, livre e democrático, sabendo que se o Espiritismo não propõe desvendar a verdade absoluta em face do estágio moral em que nos encontramos, os Espíritos nos trouxeram uma parcela gigantesca da verdade, que infelizmente os pretensos progressistas “libertários” tentam fracionar.

O Espiritismo está sendo invadido pelo joio, extremamente prejudicial à realidade que a doutrina encerra, uma vez que vários intelectuais “libertários”, pretensos seguidores/dirigentes, introduzem perigosos modismos à prática Espírita, a exemplo das inúteis terapias desobsessivas e, como se não bastasse, por mera vaidade, ostentam a insana idéia de superioridade sobre Kardec, alegando que o Codificador está ultrapassado. Será crível que Kardec tenha imaginado esse tipo de movimento Espírita? Ah, que falta nos fazem os baluartes da simplicidade kardequiana, Bezerra, Eurípedes, Zilda Gama, Frederico Jr., Sayão, Bittencourt Sampaio, Guillon Ribeiro, Manoel Quintão!

Estamos convencidos de que o Espiritismo sonhado por Kardec era o mesmo Espiritismo que Chico Xavier exemplificou por mais de setenta anos, ou seja, o Espiritismo do Centro Espírita simples, muitas vezes iluminado à luz de lampião; da visita aos necessitados, da distribuição do pão, da “sopa fraterna”, da água fluidificada, do Evangelho no Lar. Sim! O grande desafio da Terceira Revelação deve ser o crescimento, sem perder a simplicidade que a caracteriza como revelação.

* * *

13 -Evolução em Linha Reta - por Arthur da Silva Araújo - in ‘Reformador’ (FEB)

Blog do Aron, um espírita - Quinta-feira, 21 de junho de 2012

O Comentário surgiu ao ensejo de reunião doutrinária, quando eram concluídos estudos em torno da necessidade da encarnação dos Espíritos, para realizarem sua marcha evolutiva.

O assunto, aparentemente simples, merecia, entretanto, apreciação mais profunda, capaz de conduzi-lo a feliz arremate.

Foi nessa ocasião que distinta consoror fez esta indagação: – Por que os Espíritos, desligando-se do plano espiritual, que deve ser mais propício para o seu para o seu adiantamento, são compelidos a descerem a mundos físicos, algemando-se à carne?

A pergunta, formulada de maneira objetiva, não comportava evasivas, exigindo resposta clara e convincente, como deve ser sempre a dos espíritos.

Recordamo-nos, então, do valioso ensino de Emmanuel, contido na questão nº. 277 do esplêndido livro “O Consolador”. Referindo-se aos Eleitos, ou seja, aos que percorreram toda a escala evolutiva, o querido Benfeitor os aponta como sendo aqueles “que se elevaram para Deus em linha reta, sem as quedas que nos são comuns, sendo justo afirmar que o orbe terrestre só viu um Eleito, que é Jesus-Cristo”.

Ora, com tais palavras, Emmanuel assegura ser realizável a marcha para Deus em linha reta, isto é, sem a necessidade das encarnações físicas, conseqüentes das “quedas que nos são comuns”.

Esse ensinamento, por si só, bastaria como resposta à indagação da estimada companheira de doutrina. Não satisfeitos, entretanto, fomos procurar outro ponto de apoio na substancial obra “Os Quatro Evangelhos”, de J. B. Roustaing, onde o assunto é abordado com minúcias.

Logo no primeiro volume recolhemos esta valiosa lição:

“Chegados, quanto a desenvolvimento espiritual, ao ponto em que recebem o dom precioso e perigoso do livre-arbítrio (isto é, ao atingirem o estado hominal), os Espíritos, iguais sempre, todos no estado de inocência e de ignorância, se revestem do perispírito que recobre a inteligência independente. Essa operação de revestir o perispírito, que, do ponto de vista material, se deveria chamar “envoltório”, constitui, então, para todos, encarnação fluídica”.

Os evangelistas que ditaram a obra, descendo a detalhes, acrescentaram:

“Todos, puros nessa fase de inocência e de ignorância, igualmente submetidos a Espíritos encarregados de os guiar e desenvolver, têm a liberdade de seus atos e podem, no estado fluídico, progredir, indo desse período de infância e de instrução à perfeição, mediante contínuos e sucessivos progressos”.

Resulta dessas lições que os Espíritos, ao receberem o livre-arbítrio (classificado pelos evangelistas como precioso e perigoso), podem caminhar para Deus em linha reta, como esclarece Emmanuel, sem a necessidade de descerem à carne, para as experiências que lhes cabem.

Resvalando pela imprevidência, entretanto, são banidos do mundo espiritual e encaminhados ao plano físico, a fim de nele executarem o trabalho progressista, agora entre enfermidades e inquietações.

A evolução, contudo, poderia ocorrer em linha reta, como Espíritos, caso tivessem permanecido vigilantes, como acrescentaram os evangelistas:

“Alguns, porém, dóceis aos incumbidos de os guiar e desenvolver (Espíritos-Instrutores), seguem simples e gradualmente pelo caminho que lhes é indicado para progredirem”. (É nosso o parêntese).

E mais adiante:

“Os Espíritos que, dóceis a seu guias, não se transviam, continuam a progredir no estado fluídico”.

E os evangelistas, desejando que não permanecessem dúvidas sobre o assunto, afirmaram:

”Os que se conservam puros também desenvolvem atividade e inteligência a fim de progredirem no estado fluídico por meio de esforços espirituais que necessitam fazer para, da fase de inocência e de ignorância, de infância e de instrução, chegarem, sem falir, à Perfeição”.

Encontramos, a seguir, esta outra lição:

“Também desenvolvem, na medida da elevação alcançada, inteligência e atividade em prol da vida e harmonia universais, estudando e trabalhando, sempre como Espíritos, nos mundos que servem de habitação a seus irmãos encarnados por terem falido e nos mundos onde se encontram Espíritos no estado de erraticidade (isto é, sujeitos a novas encarnações)”.

Ficamos pensando, então, como poderia se processar essa evolução, no mundo espiritual, sem saber quais as tarefas ou experiências a que seriam submetidos os Espíritos. E os evangelistas explicam que eles “chegando a um certo grau de desenvolvimento moral e intelectual, são atraídos para o estudo dos mundos, de seus princípios, de suas organizações, e se entregam a esses estudos dirigidos por Espíritos de pureza perfeita. Sob essa direção eles trabalham na constituição de planetas, os desenvolvem e impelem, de esferas em esferas, para as regiões que lhes são próprias”.

Nessa altura, os evangelistas fazem questão de destacar os riscos a que se submetem os que isso efetivam, dizendo:

“Esse o momento em que muitos se transviam, dominados pelo orgulho, que os leva a desconhecer a mão diretora do Senhor ou a duvidar do seu poder”.

Em razões desses ensinamentos, poderíamos assim concluir:

- a) - que os Espíritos, para alcançarem a Perfeição, tanto progredem no plano etéreo quanto nos mundos físicos;
- b) - que, chegando à condição hominal e em estado de inocência e de ignorância, recebem o livre-arbítrio, que lhes faculta responsabilidade aos atos;
- c) - que o revestimento perispiritual representa para eles uma encarnação fluídica;
- d) - que, nessa fase, são submetidos a trabalhos continuados, sempre assistidos por mentores encarregados de os guiar e desenvolver;
- e) - que, tornando-se dóceis a essa orientação e não falindo, podem continuar avançando, sempre em estado fluídico, pelos caminhos da evolução;
- f) - que, sempre em estado fluídico, vão vencendo os estágios da inocência e da ignorância, mediante o apuro das atividades e da inteligência;
- g) - que, à proporção que se adiantam no progresso, também ampliam os labores em favor da vida e da harmonia universais servindo junto a encarnados e desencarnados que permanecem na erraticidade;

- h) - que, em tais contatos com os mundos físicos, estudam a organização dos mesmos, sempre orientados por Espíritos elevados;
- i) - que, nessa hora, contagiados pelas paixões humanas, muitos se desgarram, permitindo que o orgulho e a vaidade se apossam de seus corações;
- j) - que, em consequência, são compelidos a abandonarem o plano espiritual, aceitando dolorosas encarnações, repletas de amarguras e de inquietações.

Verifica-se, assim, que os Espíritos não foram criados, especificamente, para os sofrimentos físicos, mas, em verdade, para chegarem a Deus, em linha reta, como elucida Emmanuel.

Ao contato, porém, com os mundos físicos, deixam-se envolver pelas tentações ambientes, mergulhando nos sofrimentos originários da carne.

É por isso que há Espíritos falidos, sujeitos a encarnações dolorosas, e também é por isso que a lágrima e a aflição são condições marcantes em nossas vidas.

* * *

Apresentamos a seguir dois interessantes, sugestivos comentários obre a importantíssima obra Os Quatro Evangelhos, complementar da Codificação Kardequiana

BLOG DO ARON, UM ESPÍRITA - Quarta-feira, 14 de novembro de 2012

14 - E ROUSTAING CONTINUA...Túlio Tupinambá (Indalício Mendes) - Reformador (FEB) Novembro 1947

É necessário que nós espíritas vigiemos muito rigorosamente nossas ações para não incidirmos nos erros que costumamos reconhecer em elementos que professam outros credos. O espírito de tolerância, por exemplo, foge sempre daquele que se arroga o direito de descobrir faltas alheias, em defesa de pontos de vista próprios, considerados sólidos e intangíveis por quem os esposa.

Todas as vezes que um espírita, ou soi-disant espírita, entra num debate sem serenidade nem apego aos fatos, está falseando princípios indeclináveis da Doutrina kardequiana e demonstrando não ser verdadeiramente espírita e muito menos espírita-cristão. Não se deve opinar sem conhecimento real, na comentação de um assunto: "O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá", disse o Codificador. Entretanto, a maioria, senão a totalidade dos que combatem "Os Quatro Evangelhos" ou J. B. Roustaing, não podem, em sã consciência, afirmar haja feito "um estudo sério" da grande e valiosa obra mediúnico-mecânica psicografada por Mme. Collignon. É preciso não confundir simples leitura com estudo, isto é, com "estudo sério", que implica meditação e raciocínio. Para se efetuar "um estudo sério" de determinado assunto, é indispensável serenidade, isenção de ânimo e capacidade analítica.

Ainda que, por questão de foro íntimo, os opositores de Roustaing não aceitem a ideia do "corpo fluídico" de "Jesus, nem por isso deve "A Revelação da Revelação" ("Os Quatro Evangelhos") ser condenada, uma vez que encerra ensinamentos morais muito preciosos, perfeitamente acatáveis pelos mais exigentes defensores da Doutrina Espírita, segundo a própria opinião de Kardec.

Lamentavelmente, porém, formou-se, dentro do Espiritismo, uma corrente de negadores sistemáticos de Roustaing, que foi o coordenador de "Os Quatro Evangelhos", corrente essa que, à simples referência do nome ilustre do bastonário de Bordéus, se inflama, se irrita, se descontrola e se empolga por estranho ódio, esquecendo os preceitos de tolerância, amor e caridade constantes da Doutrina, como se, no Espiritismo, fora possível conciliar esses puros sentimentos cristãos com sentimentos que lhes são antagônicos.

"O que, porém, não podemos admitir é a pretensão de alguns incrédulos, a de terem o monopólio do bom senso e que, sem guardarem conveniências e respeitarem o valor moral de seus adversários, tachem, com desprazer, de ineptos, os que não lhes seguem o parecer. Aos olhos de qualquer pessoa judiciosa, a opinião dos que, esclarecidos, observaram durante muito tempo, estudaram e meditaram uma coisa, constituirá sempre, quando não uma prova, uma presunção, no mínimo, a seu favor, visto ter logrado prender a atenção de homens respeitáveis, que não tinham interesse algum em propagar erros nem tempo a perder com futilidades."

Estas palavras de Allan Kardec podem ser aplicáveis ao caso...

* * *

Blog do Aron, um espírita – Sexta-feira, 15 de junho de 2012 - (Sobre a obra “Os Quatro Evangelhos de Roustaing”)

15 - Depoimento de Luciano dos Anjos

Da revista espírita “Reformador” de Nov./Dez. de 1974, transcrevemos abaixo as criteriosas e abalizadas palavras do renomado escritor e jornalista espírita Luciano dos Anjos, com respeito à obra “Os Quatro Evangelhos ou Revelação da Revelação”, posteriormente coordenada pelo bastonário bordelês Jean Baptiste Roustaing, cujas palavras são as seguintes:

“Por mais que se objetive menoscar a obra de Roustaing, toda tentativa cairá no vazio, pois não se atingem objetivos desse jaez quando se tem diante da vida um autêntico missionário. Os aguarentadores passarão. Roustaing, porém, continuará inesquecível e seu trabalho (que são frutos da “boa árvore”, de que falou o Cristo de Deus) (*) prosseguirá a confortar e a iluminar as almas de boa vontade, oferecendo-lhes à meditação e ao respeito supremo a excelsa figura de Jesus, concebida em expressões de grandeza e pulcritude infinitas. Em contrapartida, por mais que se pretenda marear Kardec, dada a sua posição pessoal em face da natureza do Salvador, toda tentativa será vã, se esfancará no pauperismo da própria argumentação, pois que não se há de empanar a glória de quem reencarnou para restabelecer, com luta e dignidade, inteligência e mágoa, sofrimento e amor, o verdadeiro e primitivo Cristianismo.”

“Não importa que, vez por outra, apareça quem jogue combustível à fogueira do “estudo” sobre o corpo fluídico de Jesus; não importa, principalmente, que critiquemos o fortuito parecer pessoal do Codificador; não importa que se pretenda suscitar como “controvertida” (como se ao Espiritismo fosse infensa a controvérsia) uma questão para nós clara e óbvia, que nada tem de controvertida; não importa, finalmente, que se queira, através de Roustaing, minimizar a figura gigante de Allan Kardec, ou, através de Kardec, apoucar a de Roustaing. Nada disso importa, porque Roustaing não será jamais esquecido e muito menos Allan Kardec descerá da posição de glória a que se alcandorou pelas únicas veredas que afinal justifica essa ascensão: a do trabalho, a da Inteligência, a do sofrimento a do amor aos amigos e inimigos. E nem Jesus deixará de ter tido um “Corpo Fluídico”, como estamos convencidos.”

16 - A lição de Buda

por José Brígido - (Indalício Mendes)

A preocupação da maioria dos homens é ser forte, poderoso, irresistível. Sim, para dominar. Uns aspiram à fortaleza física, para serem olhados e admirados como se foram semi-deuses, fazendo convergir sobre si as atenções das mulheres. Imitam o famoso atleta Arrichion, tornam-se escravos dos músculos, entregam-se à miolatria e procuram celebrar a glória de Apolo por meio da consagração de Hércules e Milo de Crotona! Outros se entredisputam as honras das lutas, não recuando mesmo ante a possibilidade de arredar ilicitamente de sua frente os adversários melhor capacitados, como fizeram os jovens de Atenas e de Megara a Androgeu, que sempre alcançava o prêmio das disputas máximas! Outros, ainda, como que filhos de Epimeteu, que formara, a par de prudentes e hábeis, homens que eram imprudentes e estúpidos, reeditam a façanha deprimente de Midas e tentam converter tudo e todos ao seu dinheiro! É quando se manifesta o domínio dos que tem sobre os que não tem nada ou tem muito pouco. Todavia, tal como a ilusória felicidade de Midas, a deles dura menos que as clássicas batidas rosas de Malherbe, e, apesar do fausto em que vivem, quase sempre acabam com orelhas de asno...

*

O homem forte não é o que possui o poder da violência - "o poder, disse-o Shelley, envenena as mãos que o tocam" - nem o que reduz a vida a mera questão de preço. É forte aquele que sabe ser paciente, que sabe perdoar, que sorri diante do despautério, que não perde a calma quando a confusão se generaliza. É forte o que tem autoridade moral suficiente para resguardar sua personalidade do azinhavre das conveniências formalísticas; o que tem o espírito forrado e impermeável à influência nociva dos preconceitos, o que sabe evitar o bafio das convicções bolorentas. Somente é forte aquele que pode olhar para os dias de ontem com a consciência em paz. A bondade, a tolerância, o desejo de servir, são formas do amor, que é uma força de notável expressão. A disciplina é outra variante da força, porque concorre para tornar coesos os grupamentos humanos. Onde há disciplina, há ordem e união. Consequentemente, há força. Até a harmonia é força. Quando o indivíduo consegue disciplinar seus sentimentos, harmonizando-os com os princípios legitimamente cristãos, torna-se forte porque a verdadeira fortaleza começa pela educação de nós mesmos. Ninguém terá autoridade moral para exigir disciplina de outrem, se ainda não conseguiu disciplinar os seus próprios pendores de ordem moral. O homem forte é aquele que só o que é correto, isto é, o que faz o que deve e não o que quer.

*

Não fora a união tradicional dos judeus – união religiosa, política e etológica - não teriam conseguido apresentar a espantosa homogeneidade de pensamento e de ação em sua secular peregrinação pelo mundo. Foi essa união que lhes outorgou a "pátria portátil" de que fala Henri Heine, a qual tem resistido a todas as tempestades sociais, como que renascendo de cada hecatombe, mais unida e mais forte.

*

Nenhuma força supera a "força do sentimento". Ela estabelece permutas que aliviam as agruras da vida humana; pede levar a almas torvas o clarão do entendimento. Não será apenas pela inteligência que o homem há de alcançar a paz de espírito, mas, principalmente, pelo coração. O cultivo do sentimento espiritualiza o homem, por torná-lo mais humano, isto é, menos refratário à dor de seus semelhantes, menos frio à miséria que o circunda, mais sensível às manifestações altruísticas. Ser forte é ser bom; ser bom é ser forte, porque o bem é livre. O mau é escravo de suas inferioridades morais,

logo é um fraco, porque cede a essas inferioridades, porque não tem força para resistir às solicitações do mal. Portanto, ser mau é ser fraco.

*

O egoísmo é o calcanhar de Aquiles da maioria dos homens. O egoísta, como Narciso apaixonado pela própria beleza, se debruça sobre si mesmo e se perde. Esquece-se de que o mundo é bem mais vasto do que os estreitos limites de sua egolatria, onde permanece adstrito, como o peru perplexo no círculo gizado ... O egoísta é um fraco; o altruísta, um forte. O amigo da paz é mais forte de que o amigo da guerra, porque ele não destrói nem divide, mas cria e multiplica pela união fraterna. Nenhum homem será justo, nenhum homem será bom, se causar preocupações nocivas a terceiros, se por sua causa correr alguma lágrima, se levar ao coração de outrem a dor, se fizer com que se articulem merecidas queixas contra a dureza de seu coração ou a sua persistência criminoso em alimentar caprichos mesquinhos. O homem bom é forte e sabe sorrir para a Natureza, que é, como ele, obra divina. Entretanto, se conspurca sua remota origem divina com pensamentos e atos em desacordo com a harmonia que reina no Universo, sofre e faz sofrer, e sofrerá tanto mais quanto mais fizer com que outros sofram por sua causa.

Todos os grandes predecessores do Cristo foram fortes, porque foram bons. Buda, por exemplo, amava o bem e distribuía generosamente tudo quanto podia, mesmo com os maus. E pontificava: "Se um homem totalmente me faz mal, retribuo-lhe esse mal com a proteção de meu silencioso amor: mais me vem dele, mais bem lhe virá de mim".

Duma feita, um presunçoso maltratou Buda, que ouviu silenciosa e imperturbavelmente. Suave sorriso de bondade brincava-lhe nos lábios. Depois, sereno, o Gautama perguntou a quem o ofendera:

- "Filho: se um homem se recusa a receber o presente que lhe dão, a quem fica ele pertencendo?"

O toleirão respondeu com arrogância, enfatuadamente:

- "A quem fez a oferta, claro! Que pergunta nêscia!"

Buda, com a majestade de sua atitude simples, cheio de doce humildade, retrucou tranquilamente:

- "Meu filho: eu declino de aceitar a tua má ação e peço que fiques com ela ..."

Há tanta expressão nesse ato de Buda, que nós nos perguntamos se não será melhor, sempre que qualquer Irritação nos fizer perder a calma, lembrarmos essa lição prodigiosa, para que não tenhamos a consciência perturbada pelo remorso? A lição de Buda ficou como um exemplo a todos os que são fracos e se julgam fortes ...Fonte: Reformador (FEB) Jan 1948.

Transcrito do excelente Blog Aron, um espírita.

* * *

17 – “A QUESTÃO ROUSTAING”

Parte I/III

por Iaponan Albuquerque da Silva – (Reformador Janeiro 1983)

“A rutilante face da Verdade Espiritual emerge do oceano profundo e turvo da incompreensão humana, dando-nos a cristalina imagem da origem do trabalho de fé de Roustaing, emérito colaborador do mestre Allan Kardec.”

Eis que a Doutrina Espírita é, indiscutivelmente, fonte perene de libertação espiritual. Cristã em toda a sua essência, por ser o próprio Cristianismo Redivivo, como o têm comprovado todos aqueles que o estudaram de perto, de forma. Acendrada, o Espiritismo – sublime neologismo do insigne mestre lionês – não se afasta um só instante da alma do vero Cristianismo, fazendo-nos lembrar a milenária e transcendental assertiva do Divino Rabi da Galiléia: “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.” (João: 8) : Espiritismo é, pois, sinônimo de Cristianismo. Sem deturpar este, muito pelo contrário, revive-lhe a essência lúcida e pura, acrescentando sem maculá-la, clarificando-a sem distorcê-la, moldando-a às realidades e cerebrações do presente, sem ferir-lhe a seiva de seu milenar passado, com vistas a.o seu desdobramento, ação e pujança vitoriosa. No futuro. Em sua. Magnífica obra codificadora, Allan Kardec taxativamente esclareceu aos pósteros o caráter evolucionista da Doutrina Espírita, que se casa naturalmente com a tese libertadora contida no Evangelho do Cristo. A verdade transcendental é irmã da verdade relativa presente entre nós, os Espíritos, vinculados à carne ou não, visto que ela – em toda a sua plenitude – é apanágio de Deus. Serve como fiel da balança, onde num dos pratos se encontra a Libertação e noutra a Evolução. Equilibradas ambas, marcharemos verticalizados para a plenitude da Verdade Eterna, que, como dissemos, está em Deus.32.)

A automação do presente e o caráter cibernético da civilização atual não nos devem assustar, pois o comando da parafernália moderna ainda é domínio do ser pensante.

A expressão filosófica cartesiana – Cogito, ergo sum – expressa-se modernamente em tudo que nos cerca, deslumbrando-nos, mas convidando-nos, outrossim, à doutrinação da Fé junto ao cérebro humano, paradoxalmente, senhor e escravo de suas multifárias criações. A alma humana, enclausurada na carne, clama por libertação, que poderá ser encontrada na fé racional evolucionista, que a conduzirá a Deus. 125

Eis por que o iluminado mentor espiritual Emmanuel nos conclama, os espiritistas, ao trabalho da doutrinação, apontando-o como “a caridade maior que se pode fazer aos que renteiam conosco”.

Neste intróito caberiam outras considerações acerca do tema “Libertação”; deter-nos-emos apenas numa transcrição que se nos parece soberba, mesmo porque o aludido assunto traz como que o estigma de mediar entre o delicioso e o escorregadio, por facilitar o seu enfoque sob o aspecto político-social. Observem a poesia abaixo e encantem-se com a sua deliciosa filosofia:

O Escravo
(James Oppenheim)
Libertaram o escravo, rebentando as suas correntes...
Então, achou-se ele, como sempre, escravo,
Achou-se, ainda, acorrentado ao servilismo,
Achou-se, ainda, manietado à indolência, ao ócio
Achou-se, ainda, limitado pela superstição
e o medo,
Pela ignorância, a suspeita e a barbárie...
Sua escravidão não se achava nas correntes
Porém nele...
Podem-se libertar somente os homens livres...
E não há necessidade disso:
Homens livres libertam-se a si mesmos.

*

Tradução: Zulmira Ribeiro Tavares
Do livro “Quatro mil anos de poesia” Coleção Judaica

A Doutrina Espírita é libertadora sem ser libertária. Os seus ensinamentos doutrinários são oriundos do plano espiritual, cabendo a Kardec compilá-los e dar-lhes método pedagógico. Logo, é fácil depreender-se que o ensino espírita é fruto da Espiritualidade Superior; não há como atribuí-lo às cavilações humanas.

Embora sem se constituir em novidade, é de se lembrar que a obra basilar da Codificação Kardequiana, editada em 1857, intitula-se “O Livro dos Espíritos”, o que a liberta em definitivo da suspeita dos eternos detratores das Verdades Eternas, que estimariam vê-la chamar-se “O Livro dos Espíritas”.

Embora seja assunto desagradável à Federação Espírita Brasileira – Casa-Máter do Espiritismo no Brasil –, vê-se a mesma, vez por outra, obrigada a vir a público a fim de rebater acusações gratuitas, que lhe são dirigidas por pessoas desavisadas, que se dizem cristãs e, muitas delas, espíritas militantes.

Não é nosso desejo polemizar. Assim, enfeixamos o intróito, recordando que este trabalho jornalístico tem mais a finalidade de explicar certos fatos aos fiéis seguidores da “Casa de Ismael”, que lançar qualquer ataque ou resposta àqueles que dela discordam.

O Pomo da Discórdia

Remontemos a 1938. Nesse ano, como fruto sazonado do magnífico trabalho no campo editorial encetado pela Casa de Ismael, sob a firme direção do ilustre Dr. Luís Olímpio Guillon Ribeiro, o Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira trazia a lume a 1ª. edição do livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, psicografado por Francisco Cândido Xavier e tendo como autor o Espírito Humberto de Campos, “eminente homem de letras, desencarnado em 5 de dezembro de 1934”, como se pode ler na capa da referida obra. Mais tarde, por motivos sobejamente conhecidos, o autor espiritual passou a assinar-se Irmão X, e vencida foi essa etapa de incompreensões dos que ainda mourejavam na carne com relação aos desencarnados.

Entretanto, viriam outras batalhas, não mais no campo legal, onde ficou sobejamente comprovada a veracidade das comunicações e a lisura e desambição de médiuns e Diretores vinculados à Casa Máter, mas lutas – quase diriam os – portas adentro, pois iniciadas por profíctos do Espiritismo. Esse tipo de luta, quando se esboça, é altamente danoso, porque causa prejuízos intensos e extensos às fileiras daqueles que têm por dever estudar e se amarem fraternalmente.

Diz-se, geralmente, que a calúnia é a arma dos covardes, mas a dura realidade nos prova dia a dia que os caluniadores sentem prazer em praticá-la, confiantes em que, no mínimo, deixarão o respingo enodoante de sua maledicência sobre obras e nomes alheios.

Criaturas de má-fé, visando mais à FEB e não com outro intento, passaram a insinuar, e mais tarde, em ataques ousados, a afirmar, que haviam sido feitas interpolações nos originais do livro em causa, visto não concordarem, em hipótese alguma, que o Espírito Humberto de Campos, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, afixasse a seguinte expressão, que pode ser lida à página 158 da 1ª. edição:

“Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário (Allan Kardec), no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, destacados particularmente para auxiliá-lo, nas individualidades de João Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que efetuaría o desdobramento filosófico, de Gabriel Delanne, que apresentaria a entrada, científica, e de Camille Flammarion que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes e coadjuvando, assim, a codificação Kardequiana, no Velho Mundo, dilatando-a com os necessários complementos.”

A citação do nome de Roustaing nesse trecho oriundo do plano espiritual foi o estopim da revolta, o pomo de discórdia, pois muitos confrades duvidaram da veracidade do texto. O nome de Roustaing catalisa, de há muitas décadas, a revolta daqueles que o julgam mistificador e/ou mistificado, por causa de sua obra “Os Quatro Evangelhos”, editada em 3 volumes, pela primeira vez, em Bordeaux, no ano de 1866.

É óbvio depreender-se que a ojeriza a Jean-Baptiste Roustaing deve-se à obra acima aludida, que inúmeros confrades julgam incompatível com as de Allan Kardec, havendo entre as mensagens espirituais e conceitos expendidos por ambos enorme ambigüidade e conflitantes conceitos doutrinários, segundo afirmam.

Há quem vá mais adiante, afiançando alto e bom som, que a Federação Espírita Brasileira, há muito tempo, vem defendendo e propagando Roustaing, em detrimento da obra codificadora de Allan Kardec. Eis aí um assunto de extrema delicadeza, que merece ser estudado e esclarecido, não à custa de falsos informes, mas à luz da plena razão e do direito, a fim de que se informe aos desinformados, tentando fazê-los calar, não à força de imposições descabidas, mas pelo esclarecimento histórico e real dos fatos, os quais pretendemos narrar.

Tornar-se-á necessário um flashback histórico de fatos relacionados ao assunto em tela a fim de que fiquem alertados os de boa vontade, ainda que persistam a falar os eternos “pescadores de águas turvas”.

O Compromisso com a Verdade

A função específica do jornalista é informar, principalmente o repórter, mesmo que a informação venha a desagradar a este ou àquele ou magoar pretensos poderosos.

Respeitada a ética da informação. Evitando-se descambar para o campo do escândalo, o verdadeiro jornalista – obviamente nele incluso o espírita – tem um compromisso permanente com a verdade, bálsamo e consolo que há de acompanhá-lo até a sepultura e mais além, quando suas notas forem deturpadas ou quando atacarem de rijo sua dignidade pessoal. Por isso, colocamo-nos à vontade ao focar o assunto atual, que trata de injuriosos ataques à Casa de Ismael e a seus servidores mais abnegados.

Aqui não tomaremos partido; apenas lembraremos fatos e provaremos com documentos a veracidade da nossa exposição. Ao leitor arguto e sincero caberá a decisão e a responsabilidade do julgamento. Portanto, exporemos e comprovaremos. Aos que nos lerem com isenção de ânimo caberá a palavra final, mas desde já. Nos regozijamos com a grata sementeira da verdade e com a colheita sazoadada e magnânima daqueles que, silenciosamente ou não, hão de gratificar com o seu assentimento nosso desprezioso esforço de mostrar-lhes a real face da verdade de fatos irretorquíveis, até esta data silenciados a fim de que se evitassem maiores atritos, o que ainda é o nosso desiderato.

Para que consigamos nosso intento será válido e até necessário recorrermos a transcrições de publicações transatas, de notória respeitabilidade, assim como estamparmos documentos autênticos, há décadas de posse da Federação Espírita Brasileira, fontes iniludíveis de defesa e provas incontestes da falta de veracidade dos conceitos contra ela emitidos, e que somente agora virão a lume, pela irrestrita necessidade de se comprovarem fatos de natureza histórica pertinentes ao movimento espírita em solo pátrio.

Sem azedumes, revolta ou espírito de vindita isto será feito, mesmo porque a pesquisa é parte implícita desse tipo de trabalho rememorativo e histórico.

Em “Reformador” de maio de 1966, à página 110, do trabalho intitulado “Teles de Menezes e a obra de Roustaing” destacamos estes trechos;

“Talvez os leitores desconheçam que “Os Quatro Evangelhos”, de J. B. Roustaing, por uma razão histórica decerto ditada pelo Alto, entraram no Brasil através do venerando pioneiro espírita baiano Luis Olímpio Teles de Menezes, o fundador da primeira Sociedade espírita em nosso País.

“O Espiritismo dava, então, aqui, os primeiros passos, sempre progressivos. As obras de Allan Kardec eram estudadas em francês, e delas apenas parte da Introdução de “O Livro dos Espíritos” e “O Espiritismo na sua mais simples expressão” estavam trasladados em língua portuguesa. A Doutrina que entre nós se difundia, e isto desde 1865, era marcadamente espírita-cristã, dando-se aos Evangelhos toda a sua importância basilar no edifício da Nova Revelação.

“Teles de Menezes, na época o representante máximo da nova Doutrina em terras do Cruzeiro, recebia, então, no ano de 1870, diretamente de Roustaing, a primeira edição francesa de “Os Quatro Evangelhos”.

“No número 6, Maio de 1870, de O ECO D’ALÉM TÚMULO, o mais antigo órgão espírita surgido no Brasil, Teles de Menezes publicava, nas páginas 292 a 296, extensa e criteriosa crítica sobre o referido livro, da qual reproduziremos os trechos abaixo, ainda atualíssimos, embora escritos há 96 anos:

“Esta importantíssima obra, em 3 volumes de 600 páginas cada um, foi publicada em Bordeaux, em 1865. Tínhamos apenas notícia de sua existência, agora, porém, tivemos a subida satisfação de sermos honrados com a generosa oferta de um exemplar por seu muito distinto autor, a quem, cordialmente, agradecemos essa alta prova de consideração. Os espíritas verdadeiros encontrarão em sua leitura variadíssimos ensinamentos de transcendente importância e do mais perfeito acordo com a doutrina ensinada em O Livro dos Espíritos e em O Livro dos Médiuns.

“Esta obra é um trabalho considerabilíssimo, porquanto pelo concurso de admiráveis comunicações medianímicas, sempre sustentadas, explica e interpreta os Evangelhos, capítulo por capítulo, verso por verso.

“Esta obra extra-humana foi produzida pelos Espíritos e por sua ordem publicado, como sucedera com o Sr. Allan Kardec acerca da organização e publicação d’O Livro dos Espíritos (Le Livre des Esprits).”

Enfeixando o trabalho “Teles de Menezes e a obra de Roustaing” o redator do mesmo assim o concluiu:

“Ismael, Kardec, Roustaing e Teles de Menezes – chefe, missionários e obreiro – entrosaram perfeitamente no propósito de dar ao Espiritismo no Brasil a orientação evangélica que o tornou admirado e respeitado no orbe inteiro. “Continuemos todos a laborar segundo essas diretrizes, a fim de sermos amanhã, no concerto dos povos, a Pátria do Evangelho e o Coração do Mundo.”

Pelo exposto é fácil verificar-se que as obras basilares do Pentateuco Kardequiano, àquela época, ainda eram, em boa parte, estudadas no original, em francês. Mais tarde seriam vertidas para o português, para gáudio de quantos se interessavam pela novel e promissora Doutrina, pelo emérito Dr. Joaquim Carlos Travassos, segundo se pode encontrar na magnífica obra “Grandes Espíritas do Brasil”, de Zêus Wantuil.

Mas o Alto, que elegera o Brasil como Pátria do Evangelho, continuaria a influir decisivamente para a consecução de seus altos objetivos. Vejamos esta nótula, transcrita de “Reformador” de fevereiro de 1947, à página 43, sob o título “Roustaing-Bezerra”:

“– Um grupo de espíritas fundou a Federação em 10 de Janeiro de 1884, há, portanto, 63 anos. Esse grupo elegeu para presidente da Sociedade o primeiro tradutor da obra de Roustaing, o Sr. Marechal Ewerton Quadros. Essa obra, que já era estudada em outros grupos, passou a ser adotada pela Federação, concomitantemente com as de Allan Kardec. Após catorze anos de estudos, Bezerra de Menezes, então presidente da Federação, resolveu publicar a tradução da obra de Roustaing, iniciando a publicação em “Reformador” de 15 de Janeiro de 1898, ou, seja, nos. Fins do século XIX.”

Seria o ínclito Marechal Ewerton Quadros o primeiro tradutor das obras de Roustaing, trabalho de extraordinária competência, que mais tarde chegaria à Casa de Ismael. Aliás, ambos, tradutor e obra haveriam de juntar-se segundo os ditames de mais Alto, para perfilharem no quadro histórico da Vida da Casa-Máter, pois a homologação no plano terreno efetivar-se-ia com a atitude do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, no fim do século precedente ao nosso, fechando-se dessa maneira mais um elo da corrente progressiva do estudo doutrinário em nosso País. Obviamente, não é difícil identificar-se a sintonia perfeita entre o programa traçado no Alto e os realizadores do mesmo no plano terráqueo.

Compilação dos Fatos

Estribada numa perene posição evangélica, a Federação Espírita Brasileira tem evitado, com tato e prudência, vir a público desmentir as acusações que lhe são dirigidas. Elas geralmente minguem por si mesmas, vítimas de suas próprias contradições. As páginas de “Reformador”, inequivocamente, não existem para o exercício da polêmica e sim para formar retamente o vigoroso pensamento da obra cristã, fundamentado na Codificação Kardequiana, que divulga o Espiritismo, atestando-a como a Terceira Revelação.

Mas, através das décadas, vez por outra, vemo-las traduzindo o pensamento dos veros seguidores da Casa de Ismael, obrigados a esclarecimentos que seriam totalmente desnecessários, não fora a pertinácia e constância dos que agridem, numa tentativa infeliz de perturbar e desunir quantos não escondem sua posição de leais servidores da Vinha do Senhor.

Seria assaz cansativo a quantos nos lêem a transcrição literal de alguns dos inúmeros ataques desferidos contra a FEB e os respectivos esclarecimentos a respeito. Mas recomendamos a quantos desejarem aprofundar-se sobre o assunto, recorrerem à leitura das seguintes publicações, todas extraídas de “Reformador”: “Acusação temerária” (Redação), abril de 1947, página 85, e junho de 1947, página 132; “O dogma fluidificante”, junho de 1947, página 131; “Demolidores”, maio de 1949, página 118; “Textos adulterados”, julho de 1950, página 162; “Era fluídico o corpo de Jesus?”, maio de 1953, próprio. 100/1; “Obra das Trevas”, junho de 1953, página 127; “Era fluídico o corpo de Jesus?”, agosto de 1953, próprio. 180/1. Mais ainda. Vale recomendarmos a leitura do mensário “Obreiros do Bem”, datado de fevereiro de 1979, à página 17, onde se encontra o talentoso artigo sob a epígrafe; “A opinião de Vinícius sobre Roustaing”. Aos que se derem a esse alentado trabalho de leitura rememorativa, ser-Ihes-ão concedidos os prêmios de um julgamento sério. E construtivo, sem os prejuízos do açodamento ou parcialidade negativa.

Dentre todos esses excelentes textos, que enfocam com meridiana clareza uma possível ambigüidade entre os trabalhos de Kardec e Roustaing que ao invés de colidirem ou conflitarem conciliam-se no grande acervo doutrinário que o Alto nos vem concedendo por acréscimo de sua misericórdia é de lembrarmos alguns trechos do saudoso companheiro Ismael Gomes Braga, nome-legendado do Espiritismo pátrio, em seu artigo “Textos adulterados”, publicado em julho de 1950, à página 162 de “Reformador”:

“Entre as acusações mais ilógicas lançadas contra o Espiritismo pelos seus adversários, uma foi de que as obras-primas de poesia, recebidas por Francisco Cândido Xavier, seriam elaboradas no Rio de Janeiro por um homem de grande talento, mas totalmente desconhecido em nossos meios literários. Seria ainda esse mesmo gênio invisível quem redigiria ou, pelo menos, poliria os romances e as novelas do mesmo médium para torná-los peças de alto valor literário.

“Inteiramente ilógica essa forma de explicar o fenômeno, porque o médium recebe suas produções em sessões públicas, à vista de todos, e muitas vezes os originais são entregues no mesmo momento aos visitantes que os levam e publicam em jornais, folhas soltas, cartões, brochuras ou livros que têm sido publicados por toda a parte. Já os vimos, feitos em Uberaba, Juiz de Fora, Leopoldina, Belo Horizonte, Campos, São Paulo e outras cidades visitadas pelo médium, além de Pedro Leopoldo. Só uma senhora, amiga do médium, já publicou várias dezenas de produções em cartões postais e folhas soltas, para distribuição pelos grupos, sem revisão ou polimentos feitos por ninguém. Mas a essa forma de ataque se juntou outra, diametralmente oposta: de que as produções seriam originalmente perfeitas, mas teriam sido viciadas com interpolações por editores interessados em manter pontos de vista doutrinários diferentes daqueles dos Espíritos comunicantes. Acusação tão temerária quanto a precedente, porque o médium lê as obras depois de publicadas e se

apressaria em reclamar reajustamento do texto viciado, para não perder o favor dos Espíritos superiores que lhe confiaram as mensagens.

.....
“Um confrade de boa-fé, trabalhador, mas simples operário sem instrução, nos denunciou, há uns trinta e poucos anos, que as obras de Allan Kardec, publicadas em português pela Federação Espírita Brasileira, não eram reprodução fiel dos originais: haviam sido alteradas, trechos longos haviam sido interpolados para justificar pontos de vista da Federação, em oposição ao mestre. Perguntamos-lhe como tivera ciência disso; se ele mesmo havia confrontado os originais com as traduções, e como não havia apontado de público essas falhas para que fossem desmascarados os falsificadores e reconstituídos os textos. Respondeu-nos que não sabia francês e não havia feito o confronto, mas que pessoas competentes e da sua inteira confiança o fizeram, por isso tinha ele absoluta certeza de que isso era verdade.

“Na livraria da mesma Federação, por esse tempo, achavam-se à venda os originais das obras de Allan Kardec e nos foi muito fácil adquiri-las e fazer cotejos, verificando logo que se tratava da mais leviana acusação à honradez dos tradutores.

“Os originais de Kardec existem por toda a parte, em bibliotecas públicas e particulares, para quem os queira comparar com as diversas traduções já publicadas em português. Essa estulta acusação tem mais de trinta anos de vida e frequentemente volta à baila com a mesma desfaçatez, ferindo a memória venerável de vários servidores da causa; mas até hoje não foi apresentada uma única alteração dos originais. Pelo seu silêncio de alguns decênios, os acusadores confessaram que eram simples, superficiais e irresponsáveis pelo que diziam e continuam dizendo. Sua finalidade era lançar a dúvida, a confusão, a divisão na família espírita brasileira, para enfraquecê-la e destruí-la. E tais instrumentos das trevas se diziam e se dizem espíritas, viviam e vivem em nosso meio. “Deus tenha piedade deles.”

Relembremos neste instante o célebre escritor francês Anatole France (1844-1924), cujo ceticismo em matéria de pensamento aliava-se à extrema piedade pelo sofrimento alheio, repetindo-lhe a expressão: “(...) para todo aquele que pensa e obra, é mau sinal não ser, ainda que de leve, vilipendiado, insultado, ameaçado”. Ou ainda o filósofo francês Denis Diderot (1713-1784), que em um de seus pitorescos e humorados escritos – “O Sobrinho de Rameau” – asseverou; “Talvez me honrem mais do que mereço. Sentir-me-ia humilhado se aqueles que falam mal de tanta gente boa resolvessem falar bem de mim.”

Voltando ao inesquecível Ismael Gomes Braga, companheiro e mestre, vale destacar trechos de uma de suas cartas ao então Presidente da Federação Espírita Brasileira, Dr. Antônio Wantuil de Freitas – em 29.10.1957:

“(…) E como é diferente a mentalidade de um espírita esperantista e a de um que se limita à rodinha nacional, às intriguinhas da organização, aos fuxicos de pessoas ou de grupos! (...) O espírita brasileiro, confinado apenas ao movimento espírita nacional, tem uma visão errada do movimento e supõe que o mundo já é espírita. Quando combativo – velho instinto vindo das guerras – combate seus próprios companheiros, porque supõe não haver outra gente no mundo, não haver inimigos reais e poderosos a combater.”

A tudo isso que já foi exposto seria errôneo cognominar de simples compilação de textos, dados ou opiniões. Passa, a nosso ver, à categoria de fatos, pois prova à saciedade o fato maior que nos é lícito computar à história do Espiritismo brasileiro, em especial, à história da Federação Espírita Brasileira – a de que a Casa Mãe e seus fiéis servidores estimam a justiça, trabalham com sobriedade e pugnam pela divulgação do que é verdadeiro e justo, sem molestar ou deixar-se molestar pelos eternos “ pescadores de águas turvas “.

**18 - ‘A Questão Roustaing’ – Iaponan Albuquerque da Silva – (Reformador Fevereiro 1983)
Parte II / III – Provas Documentais***

Há muito tempo, decênios mesmo, a Direção da FEB detém a posse de documentos comprobatórios e confidenciais, que, se tivessem vindo a público, teriam anulado as acusações assacadas contra ela. Foi um excelente exercício de paciência. Cremos, entretanto, a repetir conceito espiritual aprendido de que “onde a verdade cala a mentira toma conta”, ser agora o momento certo para expor a todos as provas documentais que a FEB retém no mais absoluto silêncio. E, se hoje o faz, a sua atitude visa mais a dar uma satisfação pública a quantos sempre a seguiram e serviram lealmente do que responder a quantos se põem a falar do que não sabem.

Como primeira peça fundamental de comprovação de fatos ante aqueles que acusam a Federação Espírita Brasileira de deturpar e interpolar trechos às mensagens oriundas do Plano Espiritual, através de médiuns de caráter ilibado, com fins tendenciosos no campo doutrinário, estampamos abaixo, foto mecanicamente, trechos da carta que o querido medianeiro Francisco Cândido Xavier escreveu, com seu próprio punho, ao então Presidente da Federação Espírita Brasileira – Dr. Antônio Wantuil de Freitas – em 25 de março de 1947

Foi de autoria do citado médium Francisco Cândido Xavier, conforme se pôde verificar na reprodução foto mecânica, este lapidar trecho: “Não te incomodes com a declaração havida de que o trecho alusivo a Roustaing em “Brasil” foi colocado pela Federação. Quando descobrirem que a Casa de Ismael seria incapaz disso, dirão que fui eu. De qualquer modo, eles falarão. O adversário tem sempre um bom trabalho – o de estimular e melhorar tudo, quando estamos voltados para o bem. (...)” (25-3-1947).*

Quanto à elucidação dos fatos, nada mais sóbrio, mas intensamente pujante, que essa afirmativa...

Nos idos de 1947, cogitou-se na FEB da tiragem de mais uma edição do livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”. O Dr. Antônio Wantuil de Freitas dirigiu-se em carta ao médium Francisco Cândido Xavier dizendo-lhe de alguns senões, de forma e não de fundo, existentes na 3ª. edição, já em circulação, mas, como as anotações tinham sido de sua autoria, gostaria que aquele médium, caso concordasse, retificasse, com seu próprio punho, os originais da obra em tela, tendo recebido, através de carta datada de 24 de agosto de 1947, a seguinte resposta, abaixo reproduzidos fotomecanicamente, levando-se em conta a extensão da amigável missiva.

É fácil depreender-se o quanto foram dignos, justos e imparciais o Dr. Wantuil de Freitas e o nobre medianeiro. Ambos cercando-se de precaução. A prelibar futuros ataques, que infelizmente sobrevieram, a posteriori.

Entretanto, não ficaram aí nem a prudência do Dr. Wantuil, nem a solicitude abnegada do querido Chico Xavier. Por informação colhida junto ao Presidente Francisco Thiesen, podemos asseverar que a Casa de Ismael possui em seus arquivos um exemplar da 4ª. edição da obra em epígrafe, contendo retificações vernáculas com a letra do médium Francisco Cândido Xavier, o que demonstra cabalmente que o Dr. Wantuil insistiu junto ao medianeiro no que concerne aos propósitos já expostos, tendo o mesmo anuído a seu pedido. Os originais das cartas retro mencionadas estão em poder do Presidente Thiesen.

(*) Sobre as fotocartas do Chico Xavier ao Wantuil de Freitas acessar: 1- Blog do Aron, um espírita – Quinta-feira, 13/10/2011 – 2/3 A Questão Roustaing (<http://aron-um-espirita.blogspot.com.br/2011/10/02-03-questao-roustaing.html>) – 2 - Rede Brasil Espírita – <http://www.radiobrasilespirita.com.br/> Estudos e Pesquisas Espíritas – 5 de fevereiro de 2015 No qual são apresentadas as cópias das cartas de Chico Xavier) – 3: Ler o livro Testemunhos do Chico Xavier, de Suely C. Schubert. Edit. FEB-Rio. Acessível no Bvespírita.

Sexta-feira, 14 de outubro de 2011.

19 - 3/3 ‘A Questão Roustaing’ Parte III e Final – Iaponan Albuquerque da Silva – (Reformador-3-1983)

Não ficamos – em nosso desiderato de trazer a público as provas documentais que eximem a FEB de qualquer culpa quanto às pretendidas deturpações e/ou interpolações em textos oriundos do Plano Espiritual – nas provas já publicadas nos dois números anteriores de “Reformador”. Bem mais recente é a carta que Francisco Cândido Xavier enviou ao então Presidente Dr. Armando de Assis, em 30-10-1970, também reproduzida abaixo:

Finalizando

Em reunião realizada no Grupo Espírita da Prece, na noite de 15 de junho de 1975, em Uberaba, Minas Gerais, dentre várias quadras poéticas de autores diversos, o médium Francisco Cândido Xavier recebeu esta quadra que ora destacamos:

No fundo, a perseguição/Tem este claro sentido: /Favorece a promoção/Daquele que é perseguido. Noel de Carvalho

E é exatamente o que ocorre com a Casa de Ismael, que com o perpassar do tempo vem colhendo os frutos sazonados do reconhecimento público do Movimento Espírita nacional. Firme e resolutamente ela defende e difunde a obra de Allan Kardec, sem desprezar Roustaing.

Há quem veja total discordância entre a obra extraordinária do mestre Iônês e o pensamento doutrinário contido no trabalho esclarecedor e de fé organizado por Jean-Baptiste Roustaing. Vêem luta onde há Harmonia. Depreendem haver discórdia onde reina o primado da Concórdia. Abroquelam-se às pretensas ambigüidades, quando se sabe que a obra do Bem e do Amor, traçada pelos nossos Mentores Espirituais, visa à meta da Unificação em Cristo.

No campo material, desejamos de todo o coração, que jamais confundam a atitude sóbria da Federação Espírita Brasileira como sinônimo de tibieza em quaisquer de seus setores de atuação, assim como exoramos ao Pai Eterno bênçãos de paz e luz para quantos divirjam da programação de Ismael, que a Casa-Máter do Espiritismo procura executar. Os documentos probatórios visam antes a esclarecer aos de boa-fé, sinceros amigos da Federação, que polemizar com os aborrecidos sem razão. Um antigo refrão popular ensina-nos que “contra fatos não há argumentos”. Mas se após este aluvião de provas, especialmente documentais, ainda houver alguém ou alguns que insistam em teimar, que o façam. Isso, no entanto, não desviará a Federação Espírita Brasileira de manter-se fiel aos princípios contidos no seu centenário dístico – DEUS, CRISTO E CARIDADE.

* * *

20 - Réplica à crítica de José Passini a “Os Quatro Evangelhos”- Edmar Arantes

Em 25/06/07, tendo recebido por e-mail, através de um conhecido, uma análise da obra “Os Quatro Evangelhos” (esta, originalmente em francês, fora compilada por J.B. Roustaing a partir de psicografias de Mme. Collignon) realizada pelo espírita José Passini, aventuramo-nos no mesmo dia, dada a gravidade das críticas, a escrever um texto a respeito, que fora enviado à pessoa que nos remetera o trabalho de Passini e para mais dois conhecidos, aos quais o trabalho de Passini também havia sido enviado. Para que nossa réplica torne-se agora disponível a todo navegante da Internet, reproduzimo-la abaixo. (Realizamos apenas algumas pequenas mudanças em relação a nosso texto de 25/06/07).

O texto de Passini está disponível desde meados de 2007 na Internet, através do portal “Orientação Espírita” (aqui). Mais tarde, apareceu também no portal “Apologética Espírita” (aqui), em Jan/2008, e na revista espírita virtual “O Consolador” (aqui), em Jun./2008. Além dos 4 parágrafos introdutórios, que denominaremos Introdução, e dos 3 parágrafos de fecho, que denominaremos Conclusão, o texto de Passini é composto das seguintes partes: Evolução do Espírito, Autenticidade da Encarnação de Jesus e Aparição de Moisés e Elias. Tomamos por referência estes títulos para designar as seções de nossa réplica, que segue...

Introdução

1. O autor diz que “Os Quatro Evangelhos” foi a primeira e talvez a mais forte das investidas contra o esclarecimento e libertação do espírito humano. Acusação grave e leviana, pois não há nada que indique isso e, muito menos, que comprove.

2. O autor diz: “Na obra “Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho”, Roustaing é citado como pertencente à equipe de Kardec. Há aqueles que contestam a autenticidade de tal afirmativa”.

Não sei se o Sr. Passini também pensa, como alguns, que a citação do nome de Roustaing no livro referido tenha sido interpolação da FEB. Se for este o caso, não nos parece, entretanto, que ele tenha razão [trecho alterado em 28/10/12]. Basta ver a p.132 de “Testemunhos de Chico Xavier”, obra organizada e compilada por Suely Caldas Schubert e publicada pela FEB. Trata-se da reprodução de uma carta enviada por Chico Xavier a Wantuil de Freitas, então presidente da FEB, a 25.03.47:

“Não te incomodes com a declaração havida de que o trecho alusivo a Roustaing, em “Brasil”, foi colocado pela Federação. Quando descobrirem que a Casa de Ismael seria incapaz disso, dirão que fui eu. De qualquer modo, eles falarão. O adversário tem sempre um bom trabalho – o de estimular e melhorar tudo, quando estamos voltados para o bem” (Existe um fácil-símile desta carta no “Reformador” nº. 1847, de fevereiro de 1983, p.18)

3. O autor diz que “Roustaing, embora tenha reencarnado com tarefa definida junto à obra de Kardec, desejou produzir obra própria, tornando-se presa fácil de fascinação”. Primeiro: Roustaing, em nenhum momento, segundo me consta, desejou fazer obra própria: ele foi convidado a realizá-la por Espíritos que se manifestaram através da médium Mme. Collignon. E, quanto ao estigma de fascinado aplicado a Roustaing, pediríamos ao Sr. Passini que nos enviasse o “atestado de fascinação” para que analisemos...

4. O autor diz: “Esses quatro volumes constituem obra fantasiosa (...)”. Mais afirmação leviana... Frente ao que foi apresentado pelo Sr. Passini em sua crítica, tal atributo não se justifica [trecho acrescido em 01/11/12].

Evolução do Espírito

5. O autor diz que com Kardec “aprende-se que o princípio inteligente percorre, durante milênios incontáveis, as trilhas da evolução, antes de atingir o estágio de humanidade”. Será mesmo que é isto o que diz Kardec? Vejamos... (Os grifos são nossos.)

“(…) Segundo alguns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de ter sido elaborado e individualizado nos diferentes graus dos seres inferiores da Criação. Segundo outros o Espírito do homem teria sempre pertencido à raça humana, sem passar pela fieira animal. O primeiro desses sistemas tem a vantagem de dar uma finalidade ao futuro dos animais, que constituiriam assim os primeiros anéis da cadeia dos seres pensantes; o segundo é mais conforme à dignidade do homem (...) “. (Trecho de comentário de Kardec à questão 613 de “O Livro dos Espíritos”)

“(…) Desse progresso constante, invencível, irrecusável da espécie humana, e do estacionamento indefinido das outras espécies animadas, concluireis comigo que, se existem princípios comuns a tudo o que vive e se move na Terra (...), não é menos verdade que somente vós, Espíritos encarnados, estais submetidos a essa inevitável lei do progresso que vos impele fatalmente para a frente e sempre para a frente. Deus pôs os animais ao vosso lado como auxiliares para vos alimentarem, para vos vestirem e vos ajudarem. (...) Mas, na sua sabedoria, não quis que fossem submetidos à mesma lei do progresso. Tais como foram criados, assim ficaram e ficarão até a extinção de suas espécies.” (Trecho devido ao Espírito Erasto; item 236 de “O Livro dos Médiuns”)

6. Depois, Passini cita um trecho de “Os Quatro Evangelhos”:

“Como é que, chegado ao período de preparação para entrar na humanidade, na espiritualidade consciente, o Espírito passa desse estado misto, que o separa do animal e o prepara para a vida espiritual, ao estado de Espírito formado, isto é, de individualidade inteligente, livre e responsável?”

“É nesse momento que se prepara a transformação do instinto em inteligência consciente. Suficientemente desenvolvido no estado animal, o Espírito é, de certo modo, restituído ao todo universal, mas em condições especiais é conduzido aos mundos ad hoc, às regiões preparativas, pois que lhe cumpre achar o meio onde elaboram os princípios constitutivos do perispírito. (...) Aí perde a consciência do seu ser, porquanto a influência da matéria tem que se anular no período da estagnação, e cai num estado a que chamaremos, para que nos possais compreender, letargia. Durante esse período, o perispírito, destinado a receber o princípio espiritual, se desenvolve, se constitui ao derredor daquela centelha de verdadeira vida. Toma a princípio uma forma indistinta, depois se aperfeiçoa gradualmente como o gérmen no seio materno e passa por todas as fases do desenvolvimento. Quando o invólucro está pronto para revesti-lo, o Espírito sai do

torpor em que jazia e solta o seu primeiro brado de admiração. Nesse ponto, o perispírito é completamente fluídico, mesmo para nós. Tão pálida é a chama que ele encerra, a essência espiritual da vida, que os nossos sentidos, embora sutilíssimos, dificilmente a distinguem.”

E faz o seguinte comentário: “Interessante notar, também, que o Espírito, depois de todas as aquisições individuais retorne ao “todo universal”, onde, certamente, perderia a sua individualidade”.

É de uma má-fé terrível... Observem que no texto de “Os Quatro Evangelhos” está inclusive em itálico a expressão “de certo modo”, referente à restituição do Espírito ao todo universal. É óbvio que o Espírito não perderia sua individualidade!... E o autor da crítica diz mais (erros reproduzidos tais e quais): “como teria, um Espírito recém-saído da animalidade ter um perispírito tão sutil a ponto de quase ser invisível aos Espíritos Superiores?”, pergunta. Mas a questão da superioridade de um Espírito demanda um referencial. O que os Espíritos responsáveis pelos ditados disseram foi que, para eles, o Espírito ensaiando para a atuação teria o perispírito “completamente fluídico”, nada mais...

7. O autor cita que com “Kardec, aprende-se que o progresso do Espírito é irreversível, o que é racional, pois se não houvesse a irreversibilidade do progresso espiritual não haveria segurança nem estabilidade no Universo”, como se com Roustaing não fosse assim. A “queda do Espírito”, mencionada em “Os Quatro Evangelhos”, em tese nada contradiz as leis do progresso [período modificado em 15/07/10]. Todos nós caímos ao aprendermos a andar. Existirá alguém que afirmará que, por isso, não progredimos na arte de caminhar?

8. O autor diz: “Em Roustaing, vê-se que, além de admitir a Metempsicose, afirmam seus interlocutores possa um Espírito voltar à Terra, ou a outros mundos, animando corpos primitivíssimos, como larvas!”. E cita: “Haveis dito que os Espíritos destinados a ser humanizados, por terem errado muito gravemente, são lançados em terras primitivas, virgens ainda do aparecimento do homem, do reino humano, mas preparadas e prontas para essas encarnações e que aí encarnam em substâncias humanas, às quais não se pode dar propriamente o nome de corpos, nas condições de macho e fêmea, aptos para a procriação e para a reprodução.

Quais as condições dessas substâncias humanas?”

“São corpos ainda rudimentares. O homem aporta a essas terras no estado de esboço, como tudo que se forma nas terras primitivas. O macho e a fêmea não são nem desenvolvidos, nem fortes, nem inteligentes. Mal se arrastando nos seus grosseiros invólucros, vivem, como os animais, do que encontram no solo e lhes convenha. As árvores e o terreno produzem abundantemente para a nutrição de cada espécie. Os animais carnívoros não os caçam. A providência do Senhor vela pela conservação de todos. Seus únicos instintos são os da alimentação e os da reprodução. Não poderíamos chamá-los melhor do que a criptógamos carnudos. Poderíeis formar idéia da criação humana, estudando essas larvas informes que vegetam em certas plantas, particularmente nos lírios.” (págs. 312 / 313)

Vejamos, primeiramente, que, ao contrário do que diz Passini, em “Os Quatro Evangelhos” NÃO se admite a Metempsicose:

“O que vos revelamos não é a metempsicose. O que pomos sob os vossos olhos é a lei natural, é a igualdade, perante Deus, de tudo o que existe, de tudo que vos ferir os sentidos.

Deus, pai uniformemente bondoso para todos os seus filhos, não tem preferências. Todas as criaturas são obra sua; nenhuma será deserdada.” (pág. 307)

Depois, observemos o erro crasso de interpretação de Passini ao afirmar que os interlocutores de Roustaing afirmaram que o Espírito pode voltar a um mundo animando corpos como larvas. A questão dos criptógamos carnudos foi utilizada como mero exemplo, apenas a título de comparação! E foi dito claramente que os mundos em foco seriam específicos, não incluindo a Terra, ao contrário do que afirma Passini... [período modificado em 15/07/10]

Autenticidade da Encarnação de Jesus

9. O autor diz: “Kardec mostra Jesus como o modelo mais perfeito para a evolução humana, logo, o seu corpo deveria ter a mesma constituição do corpo daqueles aos quais ele deveria servir de modelo (...)”. Essa “lógica” eu não conhecia... Ora, se o estágio objetivado (“modelo mais perfeito”) já estivesse incluso no caminho em percurso, ele deixaria de ser um objetivo! [período modificado em 15/07/10] Do mesmo modo, se o corpo de Jesus fosse igual ao nosso, ele deixaria de ser o modelo perfeito... Além disso, os Espíritos referiam-se à modelo moral, não à modelo corporal!

10. Referindo-se a Jesus, Passini diz:

“Roustaing (...) ainda o chama de um Deus milagrosamente encarnado! (1º vol., págs. 242 / 243): “(...) um homem tal como vós quanto ao invólucro corporal e, ao mesmo tempo, quanto ao Espírito, um Deus: portanto, um homem-Deus.” (pág. 242)”

Afirmações inverídicas! O autor, capciosamente, suprimiu o início do trecho por ele transcrito. Vejamo-lo mais completamente (destaque meu):

“Sabeis também e já vos dissemos: Jesus tinha que ser, AOS OLHOS DOS HOMENS: - primeiramente, um homem tal como vós, revestido da libré material humana (...); - depois, cumprida a sua missão terrena, um Deus milagrosamente encarnado, em consequência da divulgação do que o anjo revelara a Maria e a José (...); - por último, um homem tal como vós quanto ao invólucro corporal e, ao mesmo tempo, quanto ao Espírito, um Deus: portanto, um Homem-Deus.” (pág. 242)

Ou seja, os Espíritos responsáveis por “Os Quatro Evangelhos” referiam-se a como Jesus deveria parecer aos olhos dos homens, não sobre a realidade de sua natureza!

Aparição de Moisés e Elias

11. O autor diz: “Em Roustaing, de maneira fantasiosa e completamente inverossímil, numa tentativa de desacreditar a reencarnação, misturando fatos e fantasias, é declarado que Moisés, Elias e, conseqüentemente, João Batista são o mesmo Espírito, e que ali, no Monte Tabor, um outro Espírito tomou a aparência de Moisés e conversou com Jesus”.

Na realidade, o que é dito em “Os Quatro Evangelhos” é que um outro Espírito tomou a aparência de Elias e conversou com Jesus. Mas tudo bem. Já que o autor arfa o peito a dizer que a afirmação de Roustaing sobre a aparição em foco é “fantasiosa e completamente inverossímil”, que ele prove isto, tão íntimo que está com a realidade dos fatos... Uma curiosidade: vejam que, nos comentários 67 e 105 de “Caminho, Verdade e Vida”, Emmanuel diz “presença de Moisés e do companheiro” e “Moisés e outro emissário divino”. Ora, sendo Elias uma figura bíblica importante, não nos parece natural esta omissão de Emmanuel. Entretanto, ela confirma o que diz Roustaing: Elias e Moisés eram o mesmo Espírito, sendo que no Tabor um outro Espírito tomou a aparência de Elias.

Conclusão

12. “A obra é volumosa, pesada, extremamente repetitiva, escrita em tom catedrático, pretensioso, que nos remete diretamente a “O Livro dos Espíritos”, item 104, no magistral estudo que o Codificador faz a respeito da “Escala Espírita”, quando se refere aos Espíritos pseudo-sábios”.

Mais difamação gratuita...

Uma vez que o autor cita Emmanuel sobre a questão da “ vaidade de médiuns invigilantes”, atribuindo este caráter à medianeira de “Os Quatro Evangelhos”, Mme. Collignon, seria de bom grado que ele consultasse as questões 205 e 285 de “O Consolador”, obra psicografada por Francisco C. Xavier, referentes, respectivamente, à questão da “queda” e ao nascimento de Jesus, e soubesse que o abnegado mentor do médium mineiro prefaciou a obra “Vida de Jesus baseada no Espiritismo”, de Antônio Lima, publicada pela FEB a partir de sua 2ª. edição e que constitui uma vigorosa defesa das teses roustainguistas.

13. Para finalizar, frente ao fecho do texto de Passini (“Felizmente, a onda de roustainguismo está passando. Mas como existem ainda muitos volumes dessa obra em bibliotecas e livrarias, animamo-nos a fazer estas anotações”), nós diríamos o seguinte:

É fato que a onda de anti-roustainguismo continua implacável. Na ausência de coisa melhor a se fazer, aqui e acolá sempre aparecem alguns espíritas arvorando-se “donos da verdade” em questões controvertidas. Gostaríamos que o leitor das linhas acima entendesse que não estamos a endossar a obra “Os Quatro Evangelhos”, mas apenas a evidenciar uma injustiça, pois foi com o único objetivo de que uma análise pontuada de incorreções e de má-fé não permanecesse sem uma réplica que escrevemos nosso texto.

Corroborando a resposta do autor no item 8 (oito) do artigo acima apresentamos as seguintes notas:

21 - André Luiz na obra Evolução em Dois Mundos (tópico “Parasitas Ovóides”, cap. XV, p.117, edição 1959, FEB, faz uso do mesmo recurso de linguagem quando fala de espíritos encarnados que podem ser comparados à *Sacculina carcini*, um organismo parasita. O termo “criptógamo carnudo”, aplicado pelos espíritos dos evangelistas em Os Quatro Evangelhos, foi adaptado e retirado de nomenclatura da época de Kardec e de Roustaing, oriunda da Biologia incipiente, à falta de qualquer outro que melhor explicasse o corpo humano rudimentar de espíritos encarnados em mundos primitivos. Assim, os espíritos criaram um híbrido – criptógamo carnudo – para que não houvesse dúvida de que não se tratava de metempsicose, com espíritos encarnando em animais ou plantas. Os Quatro Evangelhos não pregam a metempsicose (vol.1, questão 58), negada em suas páginas, onde apenas está feita uma comparação.

2 - O tempo corre, vossas horas estão contadas, não as desperdiceis em tardanças inúteis. Ocupai-vos, repetimos, com os fatos graves, que possam alterar a fé, ou que tenham sido adulterados pela tradição. Passai, sem vos deterdes, pelas críticas baseadas em minudências só dignas de prender a atenção das crianças ou de Espíritos pueris, evitando assim entrar em minuciosidades que nada valem. Os Quatro Evangelhos.

3 – Foi o que, por certo, levaram em conta Roustaing e Kardec ao analisarem o trecho em pauta.

* * *

Apresentamos a seguir uma mensagem de Allan Kardec dando solução ao duplo mistério da Concepção de Isabel e a mudez de Zacarias - (Lucas I, v. 5-25)

<p>22 - CONCEPÇÃO DE ISABEL - Allan Kardec - Médium Frederico Silva Jr. P.110 Item 25 de A Verdades do Céu - Marco A. de Assis</p>

Concepção de Isabel - Mudez de Zacarias - (Lucas I, v. 5-25)

Paz. Agradeço ao bom Ismael a benevolência de que usou para comigo, cedendo-me o seu lugar, para que também eu pudesse, meus bons amigos, dar-vos a minha opinião. Não é o mestre quem fala, é o discípulo que, como vós, aspira a conhecer as verdades divinas, limitando-se, no entanto, a buscar somente aquilo que pode comportar o entendimento do seu espírito. É sempre difícil a nós outros argumentar com a ciência do mundo.

A ciência dos homens, tão limitada, mas tão altiva ao mesmo tempo, em certos casos nos traz grande embaraço, que tanto maior se torna, quanto não dispomos ou da graça para a revelação, ou dos instrumentos aptos a exprimir os nossos pensamentos.

Diz a Ciência: — “O parto de Isabel, depois de ter ela atingido idade avançada é uma derrogação das leis.”

Mas, sejamos filósofos: para conhecer a derrogação das leis, é preciso conhecer as leis. Por que nos há de impressionar tanto a inteligência o parto de Isabel e não nos impressionarmos com a mudez de Zacarias? Perguntamos: a mesma lei que atrofiou os órgãos da palavra a Zacarias não podia ter atrofiado os órgãos da fecundidade a Isabel, até ao momento psicologicamente apropriado à realização do fenômeno providencial e necessário? Parece que já me destes a resposta: Sem dúvida, e assim desaparece a derrogação das leis. O fato se apresenta então como conseqüência lógica de uma preparação anterior. Cai-nos sob os olhos apenas a grandeza da graça outorgada àquela família, que, irrepreensivelmente, na linguagem do bom Evangelista, seguia o caminho do Senhor.

Resta-nos a punição. Tudo, como bem sabeis, naquela época se preparava para o aparecimento de N. S. Jesus Cristo na Terra, para a vinda do Messias. Tudo estava previsto. Tudo se encadeava de tal sorte que, lendo atentamente todos os profetas, todos os inspirados, melhor direi todos os médiuns, encontrareis sobeja prova de que o Senhor, assim como hoje prepara o caminho para a vinda do Espírito da Verdade, naquele tempo preparava o caminho para a vinda do seu amantíssimo Filho. 111

A pergunta de Zacarias não foi um ato espontâneo. Seu Espírito, já bastante adiantado naquela época, implorava no templo ao Senhor, com a fé ardente do verdadeiro apóstolo, que tirasse do opróbrio a sua casa.

Evocando, na sua prece fervorosa, um Espírito do Senhor, não podia duvidar da sua graça, da sua infinita misericórdia, tanto mais quando, conforme bem dissestes ainda há pouco, via diante de si um ser extraordinário.

Mas, era preciso que ele recebesse a intuição, que lhe fosse sugerida a idéia de estranhar a possibilidade do fenômeno, considerando a velhice da sua companheira, a fim de que da sua pergunta resultasse a suposta punição a mudez, que foi a mais retumbante palavra, proclamando a vinda do Precursor de N. S. Jesus Cristo.

Meus filhos, meus amigos, essa é a minha opinião. Para falar-vos com autoridade, tendes aqui Espíritos de alta hierarquia, cuja superioridade me confunde, me abate. Como são agradáveis estes estudos!! Como a alma se sente forte, tonificada por estes ensinamentos, por estas meditações, que nos arrebata ao seio de Deus!

Estudemos, pois, uma vez que tão agradável é o estudo; estudemos amanhã, como hoje, como sempre, sem pretensões de sabedoria, sempre pequeninos e humildes, iguais a Ismael, segundo a sua palavra. Allan Kardec - Médiun: Frederico

* * *



Carlos Imbassahy
1883-1969



Luciano dos Anjos
1953-1914



Ismael Gomes Braga
1891-1969

23 - Carlos Imbassahy e Roustaing - Luciano dos Anjos - Reformador - Maio 1972

Muito se fala da coragem física das pessoas, distinguida na disputa do corpo a corpo ou, mesmo, na palavra grosseira que se profere, ou na ofensa chula que se dardeja. Não sei bem das virtudes dessa coragem. Em todo caso, vá lá que valha à glória dos brutamontes... Em contrapartida, não há quem ignore o largo mérito da coragem intelectual e da coragem moral. Exemplos delas não são corriqueiros. Mas sempre existiram e existirão. **Carlos Imbassahy** foi um deles. Impossível negar-lhe a coragem moral e intelectual. Esta, ele a demonstrou, sucessivamente, durante toda a sua

permanência na Terra, nos embates árduos que travava com os mais intelectualizados e também acirrados inimigos do Espiritismo. Grandes teólogos, eminentes ateus racionalistas, bibliólatras de nomeada tiveram pela frente, sempre, o verbo polêmico de Carlos Imbassahy, a confinar-lhes os argumentos soezes às verdadeiras proporções do sofisma, da mentira ou mesmo da ignorância crassa. Não importavam os títulos ou o grau de cultura e conhecimento adversários. Imbassahy nunca deixou de apanhar a luva e, ao final, o saldo sempre o favorecia. Aliás, marcou sua atuação de polemista aliando à elegância estilística o tom saborosamente satírico e desconcertante, tudo assentado, com carradas de rigor crítico, na excelência dos fatos e das provas. "Nós - era seu curso - estaremos onde estiverem as provas daquilo que afirmamos. Afirmar sem provar, garantir sem esteios, impor sem raciocínio não poderá ser, jamais, o nosso critério" ("**Religião**", **Carlos Imbassahy**, pág. 50). Ironizava com finura, arrastando o antagonista ao ridículo regenerativo. Basta abrir qualquer de seus livros para sentir a medida ferina da sua linguagem, embora jamais achincalhasse o opositor. (Consola-me muito essa particularidade do grande e admirável **Carlos Imbassahy**, já que, não raro, há quem me apode de semelhante método...) No caso, justifico-me no empenho de justificar **Imbassahy**, colocando-me à sombra de suas próprias palavras: "*Há teclas que por mais que se lhes bata, parece que nunca ressoam. Principalmente quando lhes estão perto os obstinadamente moucos*" ("**Espiritismo e Loucura**", **Carlos Imbassahy**, págs. 94/95).

A tirada - convenhamos - serve também para muito confrade...

Quanto à coragem moral, **Imbassahy** dela deu exemplos grandiloqüente. Espírita consciente não ocultava suas convicções e, onde estivesse, as proclamava alto e bom som. Mais que isso: apontava intimorato a podridão dos que, nela chafurdados, arrogavam-se entretanto a autoridade de críticos de Kardec. E fazia-o de cabeça alevantada, porque sua vida fora sempre limpa e honrada.

Além disso, há que destacar também a firmeza das suas posições, dos seus pontos de vista. Não era homem de pensar hoje uma coisa e amanhã outra. Não era espírita de mudar a casaca ao sabor das intempéries convencionais ou ao prazer do agrado de grupos e de determinado público. Não buscava o aplauso; buscava, sim, e corajosamente, a verdade despida do preconceito. E enquanto Sêneca dissera que "*a grande coragem nunca se desmente*", Imbassahy escrevera que "*a insistência, de mãos dadas ao preconceito tem produzido inúmeros males ao gênero humano*" ("**A Mediunidade e a Lei**", **Carlos Imbassahy**, pág. 209).

Isto também serve para certos confrades...

Conheci-o bem. Correspondíamos-nos com freqüência. Tenho todas as suas cartas em meus alfarrábios, algumas delas, por sinal, passíveis de surpreender a muita gente... Numa delas, fala-me de **Roustaing**... Éramos excelentes companheiros. Quando nos encontrávamos, o "papo" era longo e permeado de recordações, conceituações pessoais, estudos e análises. De público, mais de uma vez - perdoe-me o leitor a imodesta alegria de relebrá-lo aqui, ele fez considerações a meu respeito que, sinceramente me desconjuntavam o esqueleto. Eram magnânimas referências de fazerem desajeitar a alma e... a posição na cadeira. Invertia, generosamente, nossos papéis e, de aluno que sempre lhe fui, apresentava-me na condição de quem lhe pudesse ensinar alguma coisa... Ora, quem me dera possuir a milésima fração do valor, da cultura, da inteligência, da coragem de **Carlos Imbassahy**! Os livros de sua autoria, que me enviava, vinham com dedicatórias e acompanhados de cartas repletas de considerações amigas e fraternas:

É muito grande o prestígio
De possuir o convívio
de arcanjos.
Que prazer a gente tem
Quando a amizade provém
dos Anjos!

Ao seu amigo dos Anjos
A esse que entre os arcanjos
A sua vida entretece;
Um seu apagado fã,
Nalguns pontos alma irmã,
Este livrinho oferece.

Ao confrade Luciano
Que neste mundo profano
Heresias não consente,
Envio, aqui, prazenteiro,
O meu livro derradeiro
Que é este Poder da Mente.

Ouvi-lhe as mais gostosas e finas anedotas... Seu repertório era impagável. Dizia-me que, toda vez que podia, vendo meu nome anunciado para proferir alguma conferência, fazia tudo para estar presente. Foi realmente um dos bons amigos que tive. Sua estima me honrava e me alegrava sobremaneira. Excelente espirita. Excepcional Espírito.

Esse intróito todo vale apenas para me outorgar o direito de afiançar e provar: Imbassahy sempre aceitou **Roustaing**, sempre defendeu a "Revelação da Revelação". Em meu livro "A Posição Zero" (a publicar), há um capítulo em que Carlos Imbassahy aparece com seus pronunciamentos. Eu não desejava antecipar nada desse capítulo, mas, a pedido de confrades, aqui vai o que respiguei de **Carlos Imbassahy** sobre a obra de **Roustaing**.

"Primo loco", a sua confissão pública, pelo silêncio, ao ensejo de três conferências que eu pronunciei, diante de numerosíssimo auditório. Afirmei, então, categoricamente, que ele, Imbassahy, era a favor de **Roustaing**. Encontrava-se à mesa, ao meu lado, e, no final das minhas palestras, nas três vezes referidas, também lhe foi dada a palavra. E não desmentiu absolutamente nada do que eu dissera! Quem cala... Ou, então, é preciso atribuir-lhe a péssima qualidade de hipócrita, leviano, oportunista, para se aceitar a versão de que ele não contestou porque não queria ser... indelicado. Ora, o problema não é de normas sociais, mas de normas conscienciais. Em questões dessa natureza, quando se sabe que a nossa opinião tem peso junto à opinião pública, não se pode ser "bonzinho", se não se quer ser velhaco.

Reportemo-nos aos fatos. A primeira vez foi na sede da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, presente o seu presidente. Imbassahy, à minha direita (guardo ainda a foto), ouviu-me afirmar que ele aceitava integralmente **Roustaing**. Não replicou. A segunda vez foi na cidade de Volta Redonda. Fiz a mesmíssima afirmativa, tendo Imbassahy ao meu lado. Não retificou. A terceira foi na cidade de Barra Mansa. Ao meu lado, ouviu-me dizer que era francamente a favor de **Roustaing** e não contestou. Aliás, aqui, registrou-se um lance que vale ser narrado. Quando acabei de fazer a afirmativa, uma senhora da platéia (*) disse que eu estava equivocado. E, então, enquanto eu reafirmava o afirmado, Imbassahy gesticulava para a espectadora, pedindo que se calasse... E fez mais, tão logo terminei de falar e me sentei: chegou-se ao meu ouvido direito e me balbuciou algo que peço licença para não reproduzir aqui. Imbassahy, hoje na Espiritualidade, sabe bem o que me disse e por que não o revelo agora. Garanto ao leitor que ele me entende a discrição...

(*) Trata-se da Sra. M., sobre quem não quero deixar de dizer uma única palavra: criatura de coração estremíssimo, aureolada de maravilhosa simpatia espiritual e que vale como exemplo de dedicação e amor ao Espiritismo. Disso dando testemunho público, quando terminei minha conferência desci do local em que me encontrava e, oferecendo-lhe uma flor, beijei-lhe a mão amiga.

Pois bem; todo o público presente a estas três conferências foi testemunha do que narro. E, se não basta, informo que, desta última, há uma gravação completa em mãos do presidente da Aliança Municipal Espírita da região, incluindo o momento em que faço a citação em tela. Não é fato, pois, que possa ser negado facilmente, tantas lhe foram as testemunhas. Aparecesse alguém com tal coragem, escudar-me-ia nas palavras do próprio Imbassahy: "*Nestas condições, negar o fato seria empresa arriscada, senão empresa ridícula para aqueles que não estão inteiramente cegos*" ("**O Espiritismo à Luz dos Fatos**", **Carlos Imbassahy**, pág. 12).

Passemos agora a algumas provas ainda mais comprobatórias e objetivas. Vejamos como **Carlos Imbassahy** tratou, ele próprio, do assunto, sendo oportuno recordar, mais uma vez, que o inesquecível confrade não era nenhum proteu.

"Reformador" de 19 de fevereiro de 1933, ano LII, nº. 3, a págs. 55/59, publicou ampla matéria sob o título "Jesus e o Espiritismo". É que um padre, professor de Dogmática no Seminário Maior de Taubaté, em São Paulo, realizara uma conferência, com esse título, no Santuário de N. S. Auxiliadora, em Santa Rosa, Niterói, comemorativa do 19º Centenário da Redenção. E esclarece o "Reformador":

"Escusado será dizer que a anunciada conferência não foi mais do que um ataque em regra ao Espiritismo."

Mas, tendo estado presente à conferência, o nosso **Carlos Imbassahy** dirigiu ao conferencista uma carta (transcrita a págs. 56/57 do "Reformador" citado), em que cumprimenta o orador e o convida para debater o assunto na sede da então Federação Espírita Fluminense, na Rua Gomes Machado, 140, às 20 horas de quarta-feira, dia 27 de dezembro de 1933. Prossegue, então, o "Reformador":

"Marcada a conferência de C. Imbassahy, na sede da Federação Espírita do Estado do Rio, para as 20 horas da noite, já a essa hora estava inteiramente repleto o salão daquela Sociedade, bem como todas as suas dependências.

"O orador começou fazendo notar que o tema da conferência do reverendo versava sobre JESUS E O ESPIRITISMO, e que se, de Jesus, o padre Moraes, a quem respondia, dissera pouco, do Espiritismo dissera mal, em todo sentido do termo.

"Lembrou que a Igreja sempre emprestara a Jesus os mais hediondos e detestáveis papéis e, porque o Espiritismo vinha colocá-lo na sua verdadeira situação de meigo rabino. do doce e suave pregador da Palestina, choviam sobre a doutrina os anátemas da intolerância, da ignorância e do mau senso. Mostrou como poderia fazer que os homens descresem de Jesus a doutrina absurda do Inferno, a ilógica de sua divindade e a incompreensível da Santíssima Trindade; que estamos numa época em que os ensinamentos religiosos precisam falar à razão e que, portanto, os dogmas da Igreja só tendem a afastar os homens de Deus; mostrou como, segundo explicações e interpretações trazidas pelos Espíritos, conforme se encontram nas obras de Kardec e Roustaing, entre outros, ficam inteiramente esclarecidos os pontos evangélicos, até então obscurecidos pela letra que mata."

Ora, muito bem. **A priori** não seria difícil demonstrar que toda a matéria, embora sem assinatura, pode perfeitamente ter sido redigida pelo próprio Imbassahy. O estilo é o homem, já dizia Buffon... Mas, mesmo que o não fosse, uma coisa é certa: Imbassahy disse realmente o que a matéria diz que ele disse. Por que a convicção? Simplesmente porque, nessa ocasião, o Secretário do "Reformador" não era outro senão... **Carlos Imbassahy**. Obviamente, nessa qualidade, ele não deixaria passar o texto mentiroso (se alguém tivesse a coragem de escrevê-lo, sabendo que o orador não falara em **Roustaing** na conferência e que era ele o próprio Secretário da revista !); e, mesmo que passasse sem que a visse (hipótese absurda), logo ele a retificaria. Assim agem os homens de caráter. Mas não aconteceu desta forma. Além do mais, tratava-se duma conferência pública. Todos haviam ouvido o que o orador dissera. Como poderia a matéria descrever algo que não existiu? Logo, não há dúvida menor que seja: Imbassahy argumentou, de fato, com o apoio de Roustaing, a quem ele sempre aceitou. A não ser que fosse uma espécie de maria-vai-com-as-outras e, mesmo sendo o Secretário da revista, não tivesse tido hombridade de consertar a redação maranhosa. Mas não foi esse o Imbassahy que eu conheci. Não foi esse o Imbassahy que deu tantos motivos de emulação aos espíritas. Não foi o Imbassahy da impressionante coragem moral que todos nós aprendemos a respeitar. Não foi esse o Imbassahy que todos tínhamos acima das paixões grosseiras e que dissera um dia: "*Para que o indivíduo se coloque acima das paixões é necessário que saia fora da craveira comum da humanidade*" ("**Os Menezes**", pág. 136).

Contudo, meus elementos de prova não se resumem nessa notícia, embora a paixão de opositores perversas possa até mesmo ter nela outras verdades que não contém. Ao homem de bom senso, porém, ela bastará, porque "*o que aí fica já basta para que verifiquemos como a verdade transparece através das lentes de apaixonados opositores*" ("**A Margem do Espiritismo**", **Carlos Imbassahy**, pág. 243). Vamos, pois, a outras fontes ainda mais concretas. Leiamos a obra "**Espiritismo e Loucura**", publicada pela Livraria Allan Kardec Editora, em 1949. À páginas 77/79, diz **Carlos Imbassahy**:

"Poderíamos prolongar as citações. Basta, porém, apresentar uma lista de psiquistas, conforme a de Laponi, ainda no século passado:

"Para quem quer nomes tiramos de uma lista apresentada por G. Athuis e de outras fontes os seguintes:

"(...); Roustaing, advogado; (...)"

Que fez **Imbassahy**? Acolheu em seu livro a relação de **Laponi**, emprestando, portanto, o seu endosso ao nome de **Roustaing**, que é citado entre outros respeitáveis estudiosos do Espiritismo. Claro que, a ter produzido obra de mistificação - como alguns maus leitores de **Imbassahy** já chegaram a dizer que ele assim considerou a produzida por **Roustaing** -, não teria o autor de "**Espiritismo e Loucura**" transcrito a relação do sábio **José Laponi**, dando-lhe apoio e cobertura. Seria atitude da mais cabal irresponsabilidade (como quem escreve sem saber o que está escrevendo), além de ilógica e até irracional. Mas "*nada se diria mais difícil de entender, que o lançar a razão nos rincões do irracional*" ("**Freud e as Manifestações da Alma**", **Carlos Imbassahy**, pág. 45) ...

Prossigamos, compulsando outras fontes. Vejamos, agora, a obra "**Religiões Comparadas**", editada em outubro de 1929 pela Cruzada Espiritualista. A págs. 185, afirma **Carlos Imbassahy**:

"Jesus é o Filho. Veio à Terra trazer a palavra divina. Foi o verbo que se fez carne. (Entre nós se admite que o seu corpo fosse de natureza mais delicada que a do comum das criaturas). Espírito puro entre os mais puros, pregou, exemplificou, chorou e morreu condenado pelos homens."

Queriam, acaso, maior clareza? Há que se exigir ainda mais? Nesse caso, respondo com o próprio Imbassahy que, dirigindo-se a adversário absurdamente intolerante, depois de muitas provas e contraprovas, e de apresentar sucessiva série de fatos irretorquíveis, desabafou: "*Para os estudiosos serão eles suficientes; para os cépticos serão inúteis, e o seriam ainda que os levássemos ao infinito*" ("**Corpo e Espírito**", **Carlos Imbassahy**, pág. 120).

Mas, se há quem queira, vamos adiante. Examinemos, agora, rapidamente, o livro de **Ismael Gomes Braga** "**Elos Doutrinários**", no qual o notável esperantista expõe e demonstra, à farta, a tese do corpo fluídico de Jesus. A certa altura, quando se reporta à resposta do **Espírito São Luiz** dada a **Kardec**, sobre os agêneres (na qual é taxativamente esclarecido que há exemplos de agêneres na Bíblia), **Ismael Gomes Braga** apõe, em nota de rodapé, a seguinte informação (página 43 da 2.a edição, 1949):

"São muito numerosos esses fatos na Bíblia. Antes e depois da crucificação, Jesus aparecia com o mesmo corpo e até tomava alimentos como qualquer homem.

"Informa-nos o nosso eruditíssimo confrade Dr. Carlos Imbassahy que o nascimento de Krishna e de outros personagens semilendários da Índia antiga ter-se-ia revestido dos mesmos mistérios que envolveram o aparecimento de Jesus. Teriam sido agêneres igualmente tais personagens. Não possuímos suficientes dados para formar opinião própria e nos limitamos a registrar aqui essa comunicação daquele culto amigo.

"Quanto a Jesus, possuímos esses dados e não temos dúvida."

Note-se, portanto, o empenho de **Carlos Imbassahy** no sentido de também oferecer elementos de prova ao confrade para fortalecimento da tese do corpo fluídico de Jesus. Que outra conclusão se poderia extrair, senão essa, da preocupação de Imbassahy ao fazer questão de dar o seu testemunho sobre o assunto, depois de ler um livro que não trata doutra coisa senão da revelação de **Roustaing**? Saliente-se, ainda, o encaixe da frase: "*Teriam sido agêneres igualmente tais personagens*" - que é, sem dúvida, parte da própria informação de Imbassahy. Não se diga que aventuro hipótese, pois, editada com a mesma nota, em 1961, a 2ª edição, nem por isso **Imbassahy** se pronunciou contrário a ela. Depois, é dele

próprio o conceito de que "quando os casos são narrados pelos próprios pacientes ou que deles foram testemunhas e se são seguidos de centenas de casos idênticos, não há por que pôr em dúvida tão grande acervo de provas" ("A Psicanálise Perante a Parapsicologia", Carlos Imbassahy, pág. 176).

Todavia, nem isso ainda é o tudo. Abram os, finalmente, o livro "À Margem do Espiritismo", 2ª. edição de 1950. A pág. 38, afirma Carlos Imbassahy com toda a sua autoridade de mestre:

"É preciso ler a OBRA COMPLEMENTAR DE ROUSTAING para podermos apreciar devidamente o episódio da gênese."

O grifo é meu. E grifei-o a fim de chamar a atenção do leitor para o fato de o autor considerar a obra de Roustaing complementar. E Imbassahy não era autor de dizer as coisas à conta de precipitação porque era sua a recomendação de que "o verdadeiro homem de Ciência só deveria pronunciar-se depois de acurado estudo e o filósofo verá que é estultice supor tudo conhecido" ("O Poder Fantástico da Mente", Carlos Imbassahy, pág. 191).

Continuemos a perpassar "À Margem do Espiritismo". Leiamos, agora, a página 72:

"Lição cheia de sabedoria é a que deparamos na obra de Roustaing: "Perante o Senhor os homens não são nem católicos, nem cristãos, nem judeus, nem muçulmanos, nem pagãos, nem heréticos, nem ortodoxos. Eles se dividem, apenas, em submissos à lei e rebelados contra ela." Esta é a Doutrina Espírita."

Imbassahy considera a lição lida em Roustaing "cheia de sabedoria" e ainda afirma que "esta é a Doutrina Espírita".

Não é impossível que, apesar de tudo, ainda apareça quem ache que Imbassahy negava Roustaing. Sempre é possível o impossível. em questões de preconceito e Intolerância. Imbassahy já destes falava, no seu tom deliciosamente debicador. "Conta-se - e ele mesmo é quem conta - a anedota de um sujeito que, às perguntas que lhe faziam. respondia invariavelmente - **não**. Depois. o interrogador ficou mudo, mas o outro continuou a repetir o **não**" ("Fantasmas. Fantasias e Fantoques", Carlos Imbassahy, pág. 104).

Folheemos algumas páginas mais adiante do "À Margem do Espiritismo" e encontraremos, na de nº. 77, o seguinte:

"Isso, porém, não significa que nos não deixassem entrever a doutrina que ia ser exposta pelas entidades que trouxeram a Roustaing a revelação da revelação."

"Omitida que fosse a lição de Kardec em relação a tão importante matéria, estaria no entanto já preenchida a lacuna coma obra, EM MUITOS PONTOS COMPLEMENTAR do Senhor Roustaing."

"Razão assiste àqueles que crêem dever os espíritas estudar essa obra, pelos esclarecimentos que nos vem ela trazer em vários casos."

"Se julga o ilustrado pastor que a Doutrina Espírita é falha neste capítulo, tire da sua estante o 1º volume de J. B. Roustaing, tradução de G. Ribeiro, e aí verá a lacuna, inteiramente preenchida." (seguem-se citações de Roustaing às págs. 77, 78 e 79).

Tornei a grifar a afirmativa de Imbassahy "em muitos pontos complementar", para ressaltar bem o juízo que ele fazia da obra. Entretanto, é possível (sempre é possível!), ainda assim, que neguem esse seu juízo. Permitir-me-ei, data venia, fazer minhas as seguintes palavras do mesmo Imbassahy: "Será fácil dizer que tudo aqui é falso. Felizmente, nem todos são cegos" ("Ciência Metapsíquica", Carlos Imbassahy, pág. 191).

Finalmente, a pág. 204 do "A Margem do Espiritismo", o autor coloca a pá de cal: "*Quanto ao texto das Escrituras, seriam suficientes as obras de Allan Kardec para demonstrar que os Espíritos vêm ajudar-nos a reconstitui-lo; e, se elas não bastam, temos ainda a de Roustaing, além de outros.*"

Aí está, caro leitor, o grande arremate. Haverá argumento capaz de pôr por terra tanta convicção, provada e comprovada à desmedida? Talvez ainda subsista quem a tanto se abalance, mas **a priori** havemos de sentir-lhe quanto se lhe apouca o tom da voz, porque "diante disto, o que se verifica é que, se as vozes dos nossos adversários aumentam assustadoramente de tonalidade, em compensação, diminuem lamentavelmente no que toca à argumentação" ("A Missão de Allan Kardec", Carlos Imbassahy, página 123).

Talvez surja à cena, também, quem profligue (não seria esta a primeira vez que a FEB se vê, assim, levemente acusada) que os trechos foram interpolados à revelia do autor. Bem, nesse caso, é achincalhar a memória de Carlos Imbassahy. Trechos tão longos, tão incisivos e tão opostos ao pensamento do autor são-lhe interpolados à obra e ele nunca vem a público denunciar a tratante? Trechos que ele viu e leu muito bem quando reviu e releu o livro, acrescentando-lhe inclusive um apêndice enorme, à guisa de "Tréplica", para a última e mais recente edição. Trechos que não representariam sua posição mas que ele, por ser "bonzinho", deixou ficar confundindo seus leitores, enganando-os, desprezando-os impudentemente, vilipendiando-os desavergonhadamente, ridicularizando-os enfim. Ou será que Roustaing serve como argumento mas não como verdade?

Não, nada disso aconteceu, porque o próprio Imbassahy sabe muito bem o que escreveu e disso não se arrependeu. Na "Tréplica", ao aditá-la, ele mesmo afirmaria, como sempre, do alto da sua autoridade e honestidade morais:

"Mas, quem leu este nosso livro sabe que não se pôs aqui nada a ridículo. Obra séria. para gente séria e em resposta a pessoas sérias" ("A Margem do Espiritismo", pág. 218). Como se vê, somente na base do sofisma se desmentirá este artigo. E se o sofisma é que valerá a quem nem mesmo há de ter lido as obras de Imbassahy, então não tenho por que prolongar mais os esclarecimentos. Devo apenas registrar que será muito cômodo, agora que Imbassahy não está mais encarnado, afirmar-se que ele era contra Roustaing, Por que não antes? Sim, antes, a breve tempo, tal como eu o fiz três vezes, com o "de cujus" de corpo presente, face a face, "tête-à-tête", diante de imensas platéias! E sem jamais ser

contestado. Lamentar-se-ão todas as considerações tardias que se façam sobre o assunto, posto que, no fundo, servirão apenas para ressaltar as dificuldades que uma revelação enfrenta diante dos sofismas, das distorções, das negativas retardatárias, principalmente dos preconceitos. Imbassahy, rustenista sincero, há de amargurar-se, ainda agora, tanto quanto já se amargurara antes, ouvindo, lendo ou sentindo as injustiças assacadas contra o extraordinário missionário cuja obra, em seu dizer, complementou a de Kardec. Mas Imbassahy sabia e sabe que o martírio é o preço da coragem. Roustaing padece até hoje a dor dos grandes enviados. Entretanto, dia virá em que a "Revelação da Revelação" fecundará por sobre a Terra. Certamente, foi também pensando nele que Imbassahy escreveu:

"Os mártires, estes é que deixaram, com seu martírio, a semente que deveria fecundar mais tarde. Cabe-lhes extraordinária glória, porque, em vez do caminho pontilhado de flores, que trilham os felizes, com o aplauso das multidões, preferiram esta senda de espinhos seguida por tantos quantos se imolaram pelo amor da humanidade" ("Hipóteses em Parapsicologia", Carlos Imbassahy, pág. 271).

Finalmente, lamento muito que alguém ainda desconheça todas essas citas que aqui transcrevi do inesquecível Carlos Imbassahy. Lamento, principalmente, porque jamais poderei admitir que alguém não tenha lido as suas portentosas obras, ímpares na bibliografia espírita. Não me refiro a artigos ou notinhas de imprensa, mas à obra que legou à cultura filosófica, em alentadíssimas brochuras, cujas edições se multiplicam a cada ano e onde, afinal, está o seu pensamento, a sua linha doutrinária.

Repiso: é incrível que haja, ainda hoje, quem não tenha lido os livros de **Carlos Imbassahy**; incrível, mas incrivelmente verdadeiro. Como as bruxas: "hay" ...

Inobstante, o tempo, o grande amigo tempo passará, desdobrando-se sobre as encarnações de todos nós. Ele descortinará a Verdade aos olhares atônitos dos que viveram da ilusão. E a revelação dada a **Roustaing** será talvez razão de lágrima e compunção de muita gente despreparada para os resplendores da luz que inunda a alma do Homem novo de amanhã. Por agora, que fazer? Dou a palavra final deste artigo ao notável **Carlos Imbassahy**, cuja coragem intelectual e moral serviram de "lead" a este trabalho, escrito com a preocupação única de honrar-lhe a memória:

"O que temos a fazer é esperar. Esperar, suportando os mais duros reveses, com o poder da vontade, da paciência, da resignação e da fé. O pano do cenário cairá e terminará o drama da vida, para que esse pano se erga em outro ato, onde os esplendores aguardam aqueles que souberam viver de acordo com as prescrições do bem e do amor da Humanidade" ("O que é a Morte", Carlos Imbassahy, pág. 274).

* * *

24 - Mensagem ditada por Allan Kardec quando de solenidade comemorativa ao primeiro centenário daquela entidade, psicografada por Júlio Cezar Grandi Ribeiro intitulada "Saudação aos Espíritas Brasileiros", que reproduzimos abaixo:
Espíritas Brasileiros,

Eis que vos trago o amplexo de permanente estima e sincero louvor!

Estima que mais se amplia no convívio abençoado dos serviços no Bem em nome do Senhor e Mestre. Louvor ante a grandiosa obra que empreendeis em nome da Caridade!

Contudo não vos apresento, na solenidade de profundo significado espiritual para tantos corações, senão o estandarte das vitórias parciais até aqui alcançadas, o qual empunharemos com dignidade e respeito, consciência e bom ânimo, prossequindo disciplinados em nosso desiderato, rumo ao futuro de sublimadas metas.

Certo, rugem ainda sobre vossas cabeças as línguas de fogo que vos experimentarão nos testemunhos indispensáveis.

A palavra de ordem é AMOR!

E a recomendação inolvidável para as defensivas do movimento regenerador das almas é INSTRUÇÃO!

Amor que reúne esforços e unifica corações em torno da obra grandiosa que é a evangelização do Homem. Instrução que identifica interesses comuns nos mesmos ideais, frutificação do estudo nobilitante que sempre defenderá os sagrados patrimônios da VERDADE!

Eis que os legítimos, leais e prestimosos servidores da Seara estão a postos em seus misteres esquivando-se à estagnação das rivalidades improdutivas e fugindo às discórdias vexatórias, quão danosas, fulcro das sombras.

Os méritos dos operários fiéis ao Senhor estão arrolados no acervo das responsabilidades que os situam na incansável batalha pela regeneração da Humanidade.

Apressam-se os tempos... Cumprir-se-ão todas as afirmativas proféticas!

O homem de bem herdarà a Terra!

Nada de novo vos poderei acrescentar aqui ao que já vos tem sido amplamente enfatizado pelos arautos da grandiloquente revelação. A Codificação Espírita ainda se vê essencialmente desconhecida de tantos corações que se rotulam espiritistas, conquanto o movimento regenerador de almas permaneça lucidamente de pé em terras brasileiras.

Saúdo-vos, portanto, espiritistas irmãos, deste bendito cenáculo da Federação Espírita Brasileira, almejando-vos, junto ao Mestre e Senhor, permanentes e infatigáveis esforços pela evolução individual e pelo avanço evolutivo do próprio orbe onde vos domiciliais na incomensurável Casa do Pai.

Aqui compareço tão-somente na condição de um servidor a mais na Causa do Bem.

Deixando-vos a cordialidade do meu apreço, saúdo-vos uma vez mais respeitoso e gratificado.

Allan Kardec

(Página recebida pelo médium Julio Cesar Grandi Ribeiro, na noite de 2-1-1984, na sede da FEB, na ocasião do I Centenário da Casa Mãe do Espiritismo no Brasil, em Brasília.)

25 - J. B. Roustaing - Centenário de desencarnação - 'Reformador' (FEB), Jan 1979

Introdução

Neste início de ano - 1979 -, a quase duas décadas do final do século XX e do milênio 11 do Cristianismo, quando todas as esperanças começam a convergir para o Grande Futuro, simbolizado no milênio vindouro, no desdobramento do qual as Revelações indicam que a Terra conhecerá novas veredas de progresso, de fraternidade e de paz, resultantes de conquistas cristãs do homem espiritual, vale recordar, na comunidade espiritista, que o Consolador está no orbe e veio para ficar.

"A tarefa de Allan Kardec era difícil e complexa. Competia-lhe reorganizar o edifício desmoronado da crença, reconduzindo a civilização às suas profundas bases religiosas. Atento à missão de concórdia e fraternidade da América, o plano invisível localizou aí as primeiras manifestações tangíveis do mundo espiritual, no famoso lugarejo de Hydesville, provocando os mais largos movimentos de opinião. A fagulha partira das plagas americanas (...)."

"(...), laborando para os séculos porvindouros ("os operários de Jesus"), definiram o papel de cada região no continente, localizando o cérebro da nova civilização no ponto onde hoje se alinham os Estados Unidos da América do Norte, e o seu coração nas extensões da terra farta e acolhedora onde floresce o Brasil, na América do Sul.

Os primeiros guardam os poderes materiais; o segundo detém as primícias dos poderes espirituais, destinadas à civilização planetária do futuro." "(...), sendo digno de notar-se o esforço do plano Invisível na manutenção da sua integridade territorial (...), atento à missão do povo brasileiro na civilização do porvir."

"(...) Allan Kardec, todavia, na sua missão de esclarecimento e consolação, fazia-se acompanhar de uma plêiade de companheiros e colaboradores, cuja ação regeneradora não se manifestaria tão somente nos problemas de ordem doutrinária, mas em todos os departamentos da atividade intelectual do século XIX."

Depois de enfatizar, adiante, que "nos campos exuberantes do continente americano estão plantadas as sementes de luz da árvore maravilhosa da civilização do futuro", Emmanuel na obra "A Caminho da Luz" (psicografia de Francisco Cândido Xavier e editoração da FEB), da qual ora respigamos alguns pontos, assevera:

"Convenhamos em que o esforço do Espiritismo é quase superior às suas próprias forças." E esclarece por que, nas páginas seguintes: "A realidade é que a civilização ocidental não chegou a se cristianizar."

"O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo neste século de declives da sua História; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos."

(Os grifos são de "Reformador". Os textos transcritos, da obra citada, estão nas páginas 173, 197, 199, 209, 210 e 213 da 9ª edição, 1978.)

Aí está definida, numa súpula da síntese de Emmanuel, a natureza das tarefas grandiosas do Espiritismo Cristão, como estão indicadas a origem da fagulha, a missão do povo brasileiro e a ação de Allan Kardec, com sua plêiade de cooperadores, penetrando nas questões todas do mundo, doutrinárias e intelectuais do século precedente. Mas aí estão igualmente os rumos certos e a advertência dos perigos existentes, para que o homem, hoje como no transcurso do próximo milênio, não fuja aos desafios da consciência e não complique ainda mais os seus problemas e os do orbe, deixando de edificar a espiritualidade de que carece a atual civilização, decadente e infeliz.



1879 - 2 de Janeiro - 1979

26 -1 de 2

Iluminar a Ciência e salvar as religiões, mostrar o caminho verdadeiro aos espíritos em provas e expiações, viver, enfim, o “amar a Deus e ao próximo como a nós mesmos”, tal é a missão de fraternidade e de concórdia com que somos aquinhoados.

Essas considerações nos vêm à mente a propósito deste trabalho, integrado de quatro itens escritos em anos diversos e por diferentes autores, organizado com o intuito de prestar pálida homenagem a um obreiro do qual pouco se sabe, de quem se não conhece, sequer, uma fotografia: Jean-Baptiste Roustaing. O primeiro, da pena exuberante de Indalício H. Mendes, é de 1971, do mesmo modo que o segundo, de Francisco Thiesen, ambos publicados, à época, em “Reformador”; o terceiro, constituído de ligeiras transcrições da obra de Emmanuel, “Paulo e Estêvão”, sobre episódio crítico na vida da Igreja do Caminho, cujo desfecho foi positivamente decisivo quanto ao futuro do Cristianismo no mundo, graças à amplitude de vistas e à corajosa atitude de Simão Pedro. (Os textos de 1971 – itens 1 e 3 – estão aqui reduzidos e adaptados às proporções e finalidade destas laudas.) E, finalmente, o quarto, publicado à parte, neste número de “Reformador”, capítulo inédito de livro mediúnico ditado pelo Espírito Áureo (médium Hernani T. de Sant’Anna, “Universo e Vida” (ainda incompleto), representando, a nosso ver, como outras importantes páginas do mesmo volume, repositório de estudos e revelações em apoio à “Revelação da Revelação” ou “Os Quatro Evangelhos”, em linguagem tão simples quanto possível, na abordagem de temas científicos de plena atualidade, e com o aroma e o sabor das “coisas santas”.

Lembre-mo-nos de que a Doutrina dos Espíritos encontra-se hoje a 131 anos da fenomenologia de Hydesville e a 122 do lançamento de “O Livro dos Espíritos”. Allan Kardec retomou às esferas espirituais há 110 anos. Adentramos, pois, de há muito, o século II do Consolador!

Saídos da menoridade de espírito também em Espiritismo, as linhas da coerência e do equilíbrio demarcam as margens seguras do roteiro que somos chamados a seguir. Respeitemos, pois, a escolha ditada pela preferência ou possibilidade de cada um, mas continuando com os mais altos e permanentes propósitos de união, de amizade, de fraternidade, de amor e de paz – para com todos. Ame sempre mais o seu semelhante o espírita que se considere detentor de maior saber e mais luz. O Divino Mestre não lavou os pés aos discípulos, revelando-se o Servidor?

Para finalizar, desejamos informar o que poucos sabem: Quem introduziu no Brasil o estudo da importante publicação de J.-B. Roustaing foi o admirável pioneiro Luís Olímpio Teles de Menezes, em 1870. Ele que foi também o fundador da primeira Sociedade espírita do país, em 1865, e do primeiro periódico espírita brasileiro, em 1869, na Bahia (vide “Teles de Menezes – Pré-história do Espiritismo no Brasil”, In “Grandes Espíritos do Brasil”, de Zêus Wantuil, edição FEB), recebeu diretamente do nosso homenageado, como se vê no número 6, maio de 1870, de “O Eco d’Além-Túmulo”, págs. 292 a 296 (cf. “Reformador” de 1966), um exemplar do livro, em francês (3 tomos). Extensa e criteriosa crítica é feita por Teles de Menezes, que enaltece o trabalho de Roustaing e lhe reproduz parcialmente a carta.

Dignos de encômios são as atitudes e comportamentos de verdadeiros mestres de cristianidade, quais Teles de Menezes, Allan Kardec e Roustaing, cada qual na sua gleba de ação e atuação, com responsabilidades diferentemente dimensionáveis em termos espirituais e dificilmente mensuráveis pelos metros humanos, mas cujos exemplos de fraternidade e respeito mútuo podem e devem ser seguidos pelos que se acreditem seus discípulos. A Direção de “REFORMADOR”

* * *



27 - 02 / 02 Jean Baptiste Roustaing - Centenário da Descarnação
in ‘Reformador’ (FEB), Jan 1979

"Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instrui-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram." (O Espírito da Verdade, Paris, 1860, capítulo VI, de "O Evangelho segundo o Espiritismo", Allan Kardec, 76ª edição, 1.250º milheiro, FEB, 1978.)

Dissertando sobre a historicidade das letras evangélicas com a serenidade dos espíritos que conhecem os fatos, Emmanuel, na obra "A Caminho da Luz", de Francisco Cândido Xavier, págs. 124-5, diz-nos que "os mensageiros do Cristo presidem

à redação dos textos definitivos, com vistas ao futuro, não somente junto aos Apóstolos e seus discípulos, mas igualmente junto aos núcleos das tradições". "A grandeza da doutrina (cristã) não reside na circunstância de o Evangelho ser de Marcos ou de Mateus, de Lucas ou de João; está na beleza imortal que se irradia de suas lições divinas, atravessando as idades e os corações." Depois de aduzir outras considerações, assim conclui o seu pensamento: "Portas a dentro do coração, só a essência deve prevalecer para as almas e, em se tratando das conquistas sublimadas da fé, a intuição tem de marchar à frente da razão, preludiando generosos e definitivos conhecimentos."

Em trabalho anterior ("As Minhas Palavras não Passarão", "Reformador" de fevereiro de 1971) evidenciáramos a enérgica determinação de Paulo de Tarso quanto à redação do maior número possível de anotações sobre a Doutrina e a Obra de Jesus por quantos conhecessem situações e fatos não registrados por Levi (Mateus), convicto de nisso insistir por inspiração do Alto. O seu esforço alcançou a superior finalidade programada, já que os textos definitivos, grafados sob as vistas dos Enviados do Senhor, relatando os ensinamentos e os fatos identificados em núcleos de tradições orientados de igual modo pelos Arautos do Céu, chegaram até nós para ficarem como eterna e confortadora Luz, clareando e suavizando os destinos humanos.

Sabendo que os homens não podiam assimilar-lhe os ensinamentos numa só reencarnação, o Divino Mestre dosou-os de sorte a que o Consolador, no século propício do seu evoluir, viesse tornar claras as palavras recolhidas pelos evangelistas. E o Consolador veio, no século XIX, quando o admirável apóstolo Allan Kardec, guiado pelo Espírito da Verdade, lançou na Terra a Codificação do Espiritismo - a Doutrina dos Espíritos, de que as obras "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns", "O Evangelho segundo o Espiritismo", "O Céu e o Inferno", "A Gênese", afora outras, constituem-lhe a base e a estrutura, numa afirmação de perenidade da maior e mais firme edificação de todos os tempos.

A Doutrina do Espírito da Verdade, restaurando e desenvolvendo o Cristianismo do Cristo, por ordem sua e sob sua misericordiosa direção, na conformidade de esquema vinculado à evolução dos Espíritos, desencarnados ou reencarnados, é por excelência aberta e vai-se ampliando e completando ao longo dos séculos, na busca incessante dos corações, onde quer que se encontrem, Como prolongamento ideal das linhas da cruz, no alto do Calvário, dirige-se horizontal e verticalmente ao Infinito, em demanda das muitas moradas do Espírito na Casa do Pai.

E, em sendo ela de tal grandeza e excelsitude, jamais esteve ou estará na arbitrária dependência de um homem ou grupamento humano, consoante claro e oportuno ensinamento do próprio missionário de Lyon.

O Espírito Humberto de Campos, no livro "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", à pág. 176 (médium Francisco Cândido Xavier, 11ª edição da FEB) nos informa que "segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário (Allan Kardec), no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuvá-la, nas individualidades de João-Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; (...)"

Sendo ininterrupto o fluxo da Revelação, a codificação da Doutrina Espírita receberia, como recebeu, a valiosa contribuição de outros Espíritos reencarnados, capacitados e inspirados, na desincumbência desenvolver com abundância de detalhes, analiticamente, cada um dos aspectos do Espiritismo, todos eles apreciados com sabedoria por Allan Kardec que, no entanto, não os detalhou, face à natureza específica de sua gigantesca missão.

Coube a J.-B. Roustaing a penetração analítica no aspecto religioso do Espiritismo e, para bem desempenhar-se de tão sublime quanto honrosa tarefa, buscou o conhecimento necessário ao intercâmbio com o Invisível nas obras de Allan Kardec.

O Codificador, que legou ao mundo "O Evangelho segundo o Espiritismo", sob a orientação e com a colaboração dos Espíritos Superiores, não se pronunciou a respeito da totalidade dos textos evangélicos, detendo-se, como ele próprio o advertira, tão-só nos ensinamentos morais, incontroversos, fundamentais para a vivência do Cristianismo e a transformação moral dos homens. E através dos séculos será essa obra um bendito farol deitando claridades celestes no mar tempestuoso dos testemunhos humanos.

O Cristo, todavia, cujas palavras não passariam, não nos legou a sua Doutrina para que grande parte dela ficasse indefinidamente encoberta sob o véu da letra, impermeável às incursões do pensamento sequioso das linfa pura da eterna Fonte da Vida. "Batei e abri-vos-a", disse-nos Ele.

A "Revelação da Revelação", ou "Os Quatro Evangelhos". é a obra monumental que aborda, na sua inteireza, o aspecto religioso do Espiritismo, a organização do trabalho da fé iniciada por vontade soberana do Alto e que teve em Roustaing o instrumento humano qualificado, como a Codificação teve em Allan Kardec o instrumento preciso ao trabalho de síntese.

Os textos integrais, definitivos, insuscetíveis de alterações, preservados e disponíveis na atualidade, segundo ordenação sábia e amorosa de eterna unidade e infinita universalidade, foram em minúcia explicados, interpretados, conciliados por aqueles mesmos Espíritos (que na Terra acompanharam o Divino Mestre, participando das pregações evangélicas - os Apóstolos; ou recolhendo em pergaminhos e peles os seus ensinamentos - os evangelistas; além de Moisés, que no Sinai obteve do Senhor as Tábuas da Lei, e que em reencarnações sucessivas foi Elias e João Batista, este último precursor e contemporâneo do Messias).

Com a "Revelação da Revelação", o Evangelho segundo Mateus, Evangelho segundo Lucas e Evangelho segundo Marcos - denominados sinóticos ou concordantes -- e o Evangelho segundo João, passam a integrar, efetivamente, em espírito e verdade, o Evangelho Redivivo, que é um e único, o Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo, no qual não há

substancialmente contradições, incorreções ou impropriedades, mas somente Luz que se irradia sem cessar em todas as direções conscienciais do evoluir dos Espíritos, por veicular o Cristianismo do Cristo restaurado em sua expressiva simplicidade e pureza pela Doutrina dos Espíritos.

Ainda assim, porém, a obra empreendida por Roustaing- e é ele quem no-lo diz - "é apenas um intróito destinado a preparar a unidade de crença entre os homens', donde se infere que a "organização do trabalho da fé" referida pelo Espírito Humberto de Campos foi iniciada mas não foi concluída, sendo lícito admitir-se a idéia de que o aspecto religioso do Espiritismo é suscetível de novas, contínuas e mais avançadas revelações, na exata medida em que os Espíritos forem evoluindo. Desencarnados ou reencarnados, todos têm, no nível do progresso espiritual alcançado pela coletividade, inclusive, por certo, no seio da coletividade espírita, como indivíduos, a sua própria "zona de compreensão", como diz Emmanuel, ou "zona lúcida", como a denominou Paul Gibier.

A Federação Espírita Brasileira, virtualmente desde o início de suas atividades, em 1884, empreendeu o estudo e programou a divulgação da obra "Os Quatro Evangelhos", estudo que leva a efeito em razão do que se acha consubstanciado nos Estatutos. Em 1938, com a publicação do livro "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", o Mundo Invisível, como houvera feito ao longo de toda a sua trajetória, referendou-lhe o programa, inclusive e explicitamente nesse ponto. Mas não ficou ai. Confirmou a responsabilidade do nosso País em relação a cristianização da Humanidade como Pátria do Evangelho. E mais: nos últimos cinquenta anos, confiou-nos obras doutrinárias em número que ascende a mais de uma centena, versando sobre o tríplice aspecto do Espiritismo codificado e muito especialmente com pertinência ao Evangelho, ao trabalho da fé cuja organização, com Roustaing, se iniciara e com outros obreiros, pelo profetismo ou via mediúcnica, prossegue e prosseguirá sem solução de continuidade, realizando a lenta e progressiva unidade de crença entre os homens, oferecendo a cada um deles uma mensagem compatível com a "zona de compreensão" individualmente alcançada.

CAPÍTULO II

MISTÉRIOS BÍBLICOS DESVENDADOS



O Corpo fluídico na Bíblia - 28 – I. Pequeno- (Antônio Wantuil) - Reformador (FEB) Março – 1944

Quando Esdras foi autorizado pela Sinagoga Magna a rever e compilar os Livros Sagrados, os hebreus não tinham, no seu Catálogo, o livro de Tobias, escrito em caldaico pelo próprio Tobias e por seu filho.

Atualmente, não existe qualquer exemplar nessa língua, tanto assim que a versão latina, de S. Jerônimo, foi feita da versão grega, da qual se diferencia em alguns pontos de pequena importância.

As edições populares da Bíblia, distribuídas pelos Protestantes, não incluem o Livro de Tobias, que, no entanto, faz parte das edições católicas, e mereceu aprovação dos teólogos e dos Concílios.

Nesse Livro, encontraremos o anjo Rafael, que sob a forma humana viveu vários meses entre os familiares de Tobias, com o nome de Azarias (socorro de Deus)...

Depois de cumprida a missão, Azarias, confessando ser ele o anjo Rafael, desapareceu de diante deles, que não mais o viram. Antes, porém, de efetuar a desmaterialização dos fluidos com que formara o seu corpo, disse-lhes:

"A vós parecia-vos que eu comia e bebia convosco, mas eu me sustento de manjar invisível e de bebida que não pode ser vista pelos homens. É pois tempo que eu volte para Aquele que me enviou."

Como vemos, Rafael formou o seu corpo fluídico, viveu alguns meses entre os homens, e desmaterializou-se em presença da família a que viera proteger e encaminhar.

Esse fato nos demonstra que os Espíritos não criaram uma nova teoria, quando transmitiram, pela mediunidade mecânica da Sra. Collignon, as explicações de todos os versículos dos Evangelhos, na obra Os Quatro Evangelhos, de Roustaing, obra única e incomparável no gênero, por ser a única que nos faz compreender o Cristo, nem Deus, nem homem, mas, como enviado daquele que lhe entregou a direção do nosso planeta.

* * *

29 - 1 - Docetismo - 01/3 - Zêus Wantuil

Um dos textos mais valorizados e em que se baseiam os anti-rustenistas para combater a teoria do corpo fluídico de Jesus é o que transcrevemos abaixo:

Epístola de João. Cap. 4: 1 Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. 2 Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; 3 E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que já está no mundo.

Nada melhor para esclarecer a questão do que a excelente pesquisa efetuada por Zêus Wantuil, a qual figura como apêndice na obra Elos Doutrinários de Ismael G. Braga, cuja primeira parte, data venia, transcrevemos a seguir:



Docetismo - Zêus Wantuil

Os Dicionários e Enciclopédias assim definem o Docetismo: doutrina herética dos primeiros séculos do Cristianismo, variante do Gnosticismo, e que consistia em ensinar a não realidade carnal do corpo de Jesus, não aceitando, por conseguinte, seu nascimento, sofrimento, morte e ressurreição, senão em aparência. Alguns estudiosos pensam ter sido Júlio Cassiano[1] o autor dessas ideias; contudo, isso não se pode provar, por falta de dados positivos. Os seguidores dessa doutrina denominavam-se docetas ou docetes (do grego dókesis - aparência), e professavam o mais puro monoteísmo.

Parece ter sido a primeira «heresia» cristã conhecida, pois S. Jerônimo, o autor da Vulgata, diz que "o sangue do Cristo estava ainda fresco na Judéia, quando o seu corpo foi considerado como tendo sido um fantasma".

Os Dicionários e Enciclopédias assim definem o Docetismo: doutrina herética dos primeiros séculos do Cristianismo, variante do Gnosticismo, e que consistia em ensinar a não realidade carnal do corpo de Jesus, não aceitando, por conseguinte, seu nascimento, sofrimento, morte e ressurreição, senão em aparência. Alguns estudiosos pensam ter sido Júlio Cassiano[1] o autor dessas ideias; contudo, isso não se pode provar, por falta de dados positivos. Os seguidores dessa doutrina denominavam-se docetas ou docetes (do grego dókesis - aparência), e professavam o mais puro monoteísmo.

Parece ter sido a primeira «heresia» cristã conhecida, pois S. Jerônimo, o autor da Vulgata, diz que "o sangue do Cristo estava ainda fresco na Judéia, quando o seu corpo foi considerado como tendo sido um fantasma".

O nome Docetismo aparece citado, pela primeira vez, no século II, conforme os documentos que se conservaram, num manuscrito do bispo de Antioquia, Serapião, embora seja a doutrina anterior a essa época, conforme tudo parece confirmar. Até hoje é ignorado se o Docetismo designava uma seita, como o pretenderam Clemente de Alexandria e Teodoreto, ou, simplesmente, uma opinião muito difundida, sobretudo entre os gnósticos, como afirmaram Epifânio e Filástrio.

Os docetas reconheciam na pessoa do Cristo apenas a natureza divina, não negando, contudo, a realidade de seu corpo, que consideravam aparente, aéreo, como um «fantasma», e, por esse corpo, explicavam os fatos da encarnação e morte do Filho do homem.

Inteligência de primeira ordem, de pureza perfeita - refletiam eles -, o Cristo não podia diminuir-se e tomar um envoltório de matéria corrompida, opinião esta generalizada em todas as doutrinas gnósticas. O termo Gnosticismo não tem uma definição específica; foi mais um nome coletivo que abrangeu as mais variadas seitas e ideias que floresceram pelo menos até ao século V da era cristã, estando em contradição, sob vários pontos, com as reflexões católicas.

É justo anotar que do Gnosticismo saíram os primeiros exegetas cristãos, com a finalidade de tornar mais claro ao povo o sentido obscuro das Escrituras.

No sentir dos gnósticos, Jesus veio somente para salvar os homens, ou seja, para os instruir e esclarecer; ao desempenho desse fim, eram-lhe suficientes as aparências da natureza humana. Para salvar os homens - expunham os gnósticos - tornava-se apenas necessário a sua instrução, visto que a corrupção e o apego dos homens à Terra provinham da ignorância em que se achavam acerca da sua própria grandeza, dignidade e destino.

Desde que as almas das criaturas estavam ligadas, aprisionadas aos órgãos corporais, somente por mediação dos sentidos se lhes podia esclarecer o espírito. Por isso, Jesus teve necessidade de tomar as aparências de um corpo, assemelhando-se aos homens, para com eles conversar, esclarecendo-os e instruindo-os; ele, porém, observavam os gnósticos, não estava unido a esse corpo “fantástico”, como se acha unida a nossa alma ao corpo humano, pois semelhante união, além de desnecessária na instrução aos homens, teria degradado o Salvador. Em vista disso, inferiam que a obra da redenção, trazida pelo Mestre à Terra, ligava-se unicamente a um ministério de instrução. Podemos observar, nesses ensinamentos, reflexos doutrinários atualmente incluídos no Espiritismo.

Santo Atanásio, ilustre doutor da Igreja grega, no seu tratado da “Encarnação do Verbo”, apesar de a ortodoxia não levar em consideração, sem motivo plausível, o seu pensamento, ensina que, em Jesus, não houve duas naturezas diferentes, conforme ficou firmado, mais tarde, nos Concílios de Éfeso (431), de Calcedônia (451) e de Constantinopla (680), e, sim, a única natureza divina encarnada; em outros termos: que a natureza humana não foi senão um instrumento para o Logos (Verbo). Assim professava a Escola de Alexandria, que fazia desaparecer, por conseguinte, na natureza divina a natureza humana, reduzida esta, desse modo, a uma simples aparência ou a uma matéria inerte. Em suma, tal Escola tinha a idéia dominante, de tendência platônica, de que do Deus Supremo havia saído uma inteligência perfeita, denominada Verbo, ou Espírito, e que a sua elevada condição tornava-lhe impossível unir-se à matéria ou revestir-se da natureza humana. Vêem-se também traços de Docetismo até na grande ortodoxia dogmática de S. João Damasceno.

* * *



30 - 02/03 Docetismo - Zêus Wantuil

A “heresia” em questão foi bem recebida pelos espíritos mais cultos e filosóficos, e uma das provas disso é a “Epístola de Santo Inácio aos Esmirneanos”, no século I, na qual, referindo-se aos docetas, o bispo de Antioquia, condenando-a, diz: “os poderes celestes, os anjos, os príncipes, sejam visíveis, sejam invisíveis, não permanecerão sem punição, se não crerem no sangue de Jesus Cristo. Ninguém deve orgulhar-se de sua posição ou do posto que ocupa.”

Uma interpolação em tais cartas, talvez feita pelo próprio autor, traz, na passagem acima citada, a paráfrase seguinte, ainda mais frisante: “Quer seja este um rei ou um sacrificante, quer príncipe ou particular, senhor ou escravo, é em vão que ele se apoiará em sua classe, na sua dignidade ou nas suas riquezas.”

Tais revelações trouxeram aos estudiosos a conclusão de que muitos dos docetas ocupavam altos postos na Igreja e no Governo. Zêus Wantuil -Apêndice sob título ‘Docetismo’ in “Elos Doutrinários” (FEB) 3ª Ed. 1978

Beausobre, conceituado teólogo protestante, autor de várias obras de crítica religiosa, em sua “Histoire Critique de Manichée et du Manichéisme”, muito falou sobre o Docetismo, sistema por ele considerado interessante a prol do melhor

entendimento da religião cristã, tornando-a mais plausível. Conta-nos, então, esse autor que, segundo os docetas, Jesus não tinha abandonado aos seus algozes senão um «fantasma» que se lhe assemelhava.

Se bem que não davam muito crédito ao Velho Testamento, em todas as suas partes, serviam-se, nas suas discussões sobre o corpo aparente de Jesus, das aparições de Jeová ou de anjos a Abraão, a Moisés e a tantos outros profetas. Constantemente, alegavam que Jeová havia aparecido a Abraão sob a forma humana na planície de Mamre, tendo o Senhor concordado em receber alimento, comendo e bebendo, em aparência pelo menos, o bezerro, o pão e o leite que Abraão lhe preparara (Gên., 18:1 a 8). Seguem-se, ainda, a convivência dos dois anjos com Lot, na casa deste (Gên., 19:1 a 22) e muitos outros fatos semelhantes. Apoiavam-se os docetas, igualmente, em o Novo Testamento, citando diversas passagens dos Evangelhos e das Epístolas de Paulo.

Raciocinavam dizendo que um corpo humano é sempre visível, sempre palpável e com um peso proporcional à quantidade de matéria que o compõe; que ele não pode penetrar através de outros corpos, nem ser penetrado. Ora, acrescentavam eles, o corpo de Jesus não possuiu nenhuma dessas propriedades. Não era visível senão pela vontade do próprio Jesus, e não por natureza; por isso é que ele passou despercebido através de uma multidão furiosa que, levando-o ao cume de um monte, resolvera precipitá-lo dali (Lucas, 4:28 a 30); pareceu repentinamente diante dos olhos dos dois discípulos que o reconheceram em Emaus (Lucas, 24: 30 e 31), o mesmo sucedendo em outras ocasiões.

Ora, semelhante raciocínio, para ambos os casos citados, mostra-se-nos inteiramente confirmável pela Doutrina Espírita, raciocínio que o Codificador, apoiado nos fatos, externou em «Obras Póstumas», ao dizer que «o Espírito pode adquirir tangibilidade real, deixando-se, então, tocar, apalpar, oferecendo a mesma resistência e o mesmo calor qual se fora um corpo vivo, mas isto não o priva de desfazer-se com a rapidez do relâmpago».

Diziam, ainda, os docetas: Jesus não possuía um corpo inerente à matéria, pois que andou sobre as águas do mar da Galiléia sem se afundar (Mateus, 14:25 e 26); não tinha solidez permanente, pois penetrou, estando as portas fechadas, na casa onde os discípulos se reuniram por duas vezes (João, 20 :19 e 26).

É preciso considerar esses argumentos em conjunto, e não insuladamente, pois, desta forma, poderiam conduzir a raciocínio diverso e parcial.

“Notamos, disse Beausobre, que os antigos heréticos defendiam sua doutrina pelos mesmos testemunhos da Escritura e pelas mesmas razões de que se serviu a Igreja Católica, nos séculos posteriores, para defender a presença real do corpo de Jesus-Cristo na eucaristia.”

Acompanhemos o raciocínio desse teólogo: - Se nos primeiros séculos os cristãos houvessem admitido o dogma da presença real, os docetas disso se aproveitariam, retirando uma objeção invencível e, certamente, diriam aos seus adversários: “Tudo o que subsiste, sem nenhuma propriedade do corpo humano, não pode ser corpo humano; ora, vós afiançais que o corpo de Jesus está na eucaristia, sem nenhuma das propriedades do corpo humano; por conseguinte, não é ele mais um corpo humano.”

Sustentavam os docetas - repetimos - que Jesus pareceu possuir um corpo humano igual aos nossos, se bem que, na verdade, de forma alguma o possuísse. Comentando, prossegue Beausobre: «Ora, sob que direito e sob qual pretexto os Padres, admitindo a presença real do corpo de Jesus na eucaristia, teriam podido rejeitar aquele milagre semelhante que continuava a perpetuar-se na Igreja, do qual a prova e o exemplo a todo momento se apresentavam aos olhos dos fiéis? Que absurdo aí havia em dizer que o Senhor, durante o curso do seu ministério, parecia ser aquilo que não era, ele que, após a sua ascensão ao céu, não cessou de aparecer?»

“Como na eucaristia o corpo de Jesus tem todas as aparências do vinho e do pão, sem ser nem um nem outro, do mesmo modo o corpo aéreo teria todas as aparências de realidade carnal, ainda que se constituísse de uma substância puramente espiritual.”

Bergier, conhecedor profundo de Teologia dogmática, refutando tais comparações, diz que, certamente, os Padres assim teriam respondido: “Tudo que subsiste, sem nenhuma propriedade sensível ou insensível do corpo humano, já não é corpo humano. Ora, o corpo de Jesus, na eucaristia, privado das propriedades sensíveis, conserva, contudo, as propriedades insensíveis: logo é um corpo humano, senão no seu estado natural, pelo menos num estado sobrenatural e miraculoso.”

Vemos que essa resposta de Bergier em si mesma nada diz ou prova. Partindo de premissas inconseqüentes, senão dogmáticas, conclui nesta base, de maneira desarrazoada e pueril.

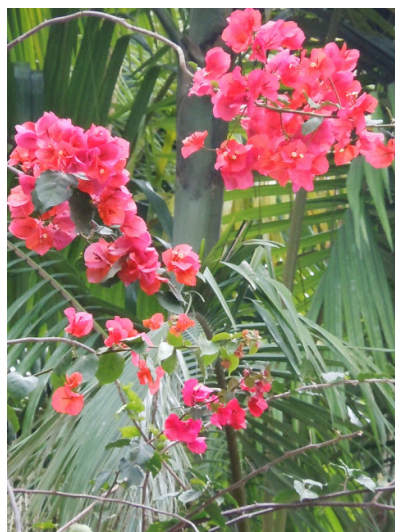
Comentando, ainda, o assunto em foco, Bergier declara que, se o dogma da presença real de Jesus na eucaristia é aceito, ao passo que é rejeitada a opinião dos docetas, isso não o é por considerar-se uma destas questões menos absurda ou menos impossível a Deus que a outra! Assim se acredita, prossegue o explanador, por dois motivos: 1.º) “A presença real é formalmente ensinada na Escritura Santa, ao passo que, contrariamente, a opinião dos docetas é ali formalmente reprovada”; 2.º) “O dogma da presença real de maneira alguma conduz às consequências falsas e ímpias que se seguiriam à opinião dos docetas, isto é, a do corpo aparente e fantástico do Cristo.”

A primeira razão derivou e continua derivando da interpretação literal dos textos escriturísticos que se referem a tais pontos. Apesar da recomendação de Paulo de tudo examinarmos à luz do espírito, os homens prosseguimos na mesma rota de adaptação ao nosso eu material das coisas do espírito.

A segunda digressão, imediatamente verificamo-la não ser verdadeira, pelo menos atualmente, quando a obra de Roustaing, impregnada daquelas ideias docetistas, cada vez mais eleva o nome do Senhor, criando em nós uma admiração e um respeito bem mais profundos pelo filho de Maria.

O distinto eclesiástico cita os testemunhos epistolares de Santo Inácio e de São Policarpo, que estabelecem ser verdade o «mistério» da encarnação, a realidade da carne e do sangue de Jesus, servindo-se também do 1º versículo da 1ª Epístola de João - versículo que em nada desaprova o corpo fluídico do Mestre, pois os próprios docetas não negavam terem os apóstolos visto, ouvido e tocado o Senhor, seja antes, seja após a ressurreição; ressaltavam apenas que, aos sentidos deles, era dada a ilusão de carne real.

Santo Ireneu, bispo de Lião, discípulo de São Policarpo, combateu o Docetismo no seu “Tratado contra as heresias”, servindo-se, porém, dos mesmos fracos e parcos argumentos de que os demais Padres se utilizaram. Deste modo, refere-se à genealogia de Jesus por Mateus e Lucas, esquecendo-se o replicador das palavras textuais do próprio Mestre, contrárias a tal genealogia, constantes em Mateus, 22 :41 a 45 e João, 1:1 a 18, bem como as de Paulo na Epístola aos Hebreus, 10 :5. Ao contrário dessas materializações «artificiais», de laboratório, em geral imperfeitas e dificultosas, cumpre refletir atentamente sobre as aparições espontâneas, perfeitíssimas, quase diríamos carnis, distintas mesmo daquelas outras, e em tudo nenhuma relação parecendo mostrar com determinados médiuns, antes nos deixando supor a completa independência de sua formação, inclinando-nos a admitir que elas, as aparições, apenas se utilizaram dos recursos extraídos da Natureza. Nestes últimos «fantasmas», a que chamamos agêneres, é admissível que os choques materiais, por eles recebidos, não se reflitam no exterior, qual se verifica com os Espíritos materializados em nossas sessões, os quais, quando o permitem, se deixam tocar pelos circunstantes vivos, sem isso trazer qualquer perturbação ao médium.



31 - 03/03 Docetismo - Zêus Wantuil

Assim, se o Espírito materializado pode conservar em si mesmo a ação do choque, é admissível e lógico que o agêneres igualmente poderá sentir o choque, sem o transmitir. Dessa forma, não vemos por onde negar a priori que os seres fluídicos (agêneres) sejam insensíveis à dor[1].

Em vários dos chamados «livros apócrifos», encontram-se ideias docetistas. Antes de mencioná-los, vejamos a significação precisa da denominação que Ihes foi dada.

O Protestantismo considerava apócrifos os chamados deuteroacanônicos do Catolicismo. Os católicos reservam o nome - apócrifos - aos escritos que a Igreja rejeita do cânon ou catálogo público das Escrituras, por neles se encontrarem «coisas corrompidas» e contrárias à verdadeira fé (católica, é claro!). Existem, ainda, os apócrifos cujo motivo de exclusão do cânon é desconhecido. Tais livros, dizem mais, dados por seu título ou teor como obra de autores inspirados, não podem ser justificados neste sentido, ainda que sejam admitidos como inspirados por algumas Igrejas particulares ou por heterodoxos. A bem dizer, nem todas essas obras foram impugnadas por alguns dos venerandos Padres e Doutores da Igreja, que as consideravam ligadas à inspiração divina.

Comentando esses apócrifos, disse Orígenes: “De modo geral, não devemos rejeitar em bloco tais obras, das quais podemos extrair alguma utilidade para esclarecimento de nossas Escrituras. Demonstra tal proceder a ausência de um espírito sábio em compreender e aplicar o preceito divino: Provai tudo e retende o que é bom.”

Foi num concílio realizado no século V, em Roma, que parece ter sido decretado, pela primeira vez, sob o papado de S. Gelásio I, um catálogo de livros canônicos, cuja compilação definitiva crê-se ter sido terminada no começo do século VI. Esse papa, já possuído da «heresia da dominação», na expressão de Arnaud, perseguiu os maniqueus na cidade de Roma, expulsando-os e queimando seus livros.

Os deuteroacanônicos, obras que por muitos séculos foram postas em dúvida quanto à sua autenticidade, surgindo mesmo discussões entre os Teólogos e entre os Padres da Igreja, receberam, mais tarde, a sua inclusão no cânon, por conseguinte após as obras já nele existentes, e daí a origem de sua denominação de deuteroacanônicos. Entre muitas delas,

temos as seguintes: o livro de Tobias; o de Judite; o Eclesiastes; as Epístolas de Pedro; a Epístola aos Hebreus; a 2ª Epístola de João; o Apocalipse de João, etc.

Antes dessa época, os Evangelhos e os Atos apócrifos eram largamente espalhados e consultados entre os cristãos. Na Epístola de Barnabé (apócrifa), obra considerada autêntica por Orígenes e S. Clemente de Alexandria, no versículo 12, há: "O Senhor diz que a influência da carne dele é deles." Parece aí haver uma idéia docética, como pensa Harnack, se bem que outros não aceitem o mesmo.

Serapião de Antioquia proibiu a leitura do Evangelho de Pedro, na suspeita de nele haver corruptelas por parte dos docetas, talvez por conter o versículo 10 uma referência a Jesus, na cruz, nos seguintes termos: "Mas ele permaneceu mudo, como alguém que não sente dor alguma."

Exceto os Atos de Paulo, todos os demais Atos apócrifos - dizem os ortodoxos - encerram mais ou menos idéias docetistas. Alguns desses foram reunidos numa coleção, na segunda metade do século II, por Leucius Charinus que, segundo Santo Epifânio, bispo de Constância, fora um discípulo de João, o Evangelista, e tal coleção foi ainda assinalada pelo bispo de Astorga, no século IV. Nos Atos de João conta-se que, na Última Ceia, João, o apóstolo, encostando-se ao peito do Cristo, sentiu-o não resistente; ao ser sepultado, o corpo de Jesus estava por algum momento aparentemente sólido, e logo em seguida ele se tornou imaterial e incorpóreo como se nada fosse». Ainda os mesmos Atos dizem que a crucificação foi somente em aparência, e que o Cristo apareceu a João, no Monte das Oliveiras, e lhe explicou o fato. Os Atos de Pedro relatam que Deus enviou seu Filho "através da virgem Maria". Considerando aparente a Paixão, diz que "o sofrimento que se manifestou na Paixão do Cristo foi totalmente diferente do que em geral se supõe". Os Atos de André relatam que Jesus é "imaterial, puro, imponderável", etc ...

Nos Atos de Tomé, frequentemente é evidenciada a antítese entre matéria e espírito, de sorte que a expressão neles existente - "Jesus é espírito" parece conter uma ideia de fundo docético. S. Cirilo de Jerusalém, referindo-se ao termo espírito, diz que, de um modo geral, assim se denominava todo aquele que não possuía um corpo pesado e denso.

Um ilustre sacerdote de Letchworth (Inglaterra), estudioso de tal assunto, observa que, fora esses pontos, de resto todas essas obras apócrifas falam de Jesus muito semelhantemente aos livros canônicos, convindo, entretanto, frisa ele, «sejam lidas somente nos círculos ortodoxos, não devendo parar em outras mãos, por causa de sua tendência herética».

O nome geral de docetas foi dado a representantes de várias seitas, aos discípulos de Simão, de Menandro, de Saturnino, de Basílido, de Valentim, de Dositeo (discípulo de João, o Evangelista) etc., visto que todos eles concordavam na mesma idéia a respeito do corpo de Jesus, ainda que estivessem divididos sobre vários pontos de doutrina.

Basílido, morto no ano 130, redigiu um comentário sobre o Evangelho, primeira obra desse gênero de que se tem conhecimento. Esposava ele ideias interessantes com relação ao porquê do sofrimento da Humanidade terrena. Dizia, então, que o homem sofre neste mundo porque sua alma pecou em vida anterior à sua atual união com o corpo, sendo essa união um estado de expiação de que ela somente sairia depois de se haver purificado em passando sucessivamente de corpo em corpo, até o cumprimento da justiça divina, que não dava outros castigos, mas que, contudo, não perdoava senão as faltas involuntárias. Era esta idéia reencarnacionista, clara, consoladora, que, anexada à teoria do corpo "aparente" de Jesus, recebia igualmente a pecha de heresia.

Simão, o Mago, que se acredita ter sido aquele citado nos Atos dos Apóstolos, disse que Jesus viera entre os homens como um homem, se bem que não fosse de forma alguma um homem.

No século II, Valentim, Bardesana, Apeles, Marinus e outros admitiam o corpo do Cristo, embora fosse um corpo espiritualizado, depurado, e que somente passou através de sua mãe, mas não foi formado por ela. Valentim ensinava que Jesus possuía um corpo «psíquico», especial, não sujeito à destruição e às leis normais da matéria. Nasceu de Maria, passando através dela, que permaneceu virgem, como a água passa através de um conduto, sem nada receber ou modificar, visto já possuir ele um corpo «lá em cima». Valentim afirmava ter recebido esta doutrina de um discípulo de Paulo.

Heracleon, discípulo de Valentim, escreveu comentários sobre os Evangelhos de Lucas e de João. O comentário a respeito deste último era bem conhecido de Orígenes que, se bem não concordasse inteiramente com a exegese de Heracleon, considerava-a, pelo menos, com respeito.

Bardesana, tido pelos Padres de sua época como homem cheio de talentos e virtudes, negara a ressurreição carnal. Reconhecia a imortalidade da alma, a onipotência e providência de Deus, e dizia que Jesus tivera um corpo espiritual. Parece haver crido na existência de satanás ou do demônio, que não era, porém, criatura de Deus, nem administrava parte alguma do mundo. Buscava Bardesana essa saída para poder explicar a origem do mal, que de Deus não poderia resultar. Para ele, o mundo e o homem foram criados por Deus, mas o homem, no princípio, não era um ser revestido de carne e, sim, uma alma unida a um corpo sutil e conforme à sua natureza. Essa era, pois, a alma que fora formada à imagem de Deus e que, enganada pelas astúcias do demônio, havia transgredido as leis do mesmo Deus, o que obrigara o Criador a expulsá-la do paraíso e a ligá-la a um corpo carnal, uma espécie de prisão, que Bardesana dizia serem as túnicas de pele com que Deus havia coberto Adão e Eva, depois do pecado.

Malgrado essas ideias estarem eivadas dos sentimentos e da compreensão vigentes naquela época, são elas merecedoras de acatamento.

Judiciosamente, em conclusão à doutrina esposada, Bardesana diz que a união a um corpo carnal é, pois, conseqüência do mesmo pecado e, em vista disso, Jesus, espírito puro, imaculado, não poderia ter tomado um corpo carnal. Igualmente, prosseguia ele, devido ao mesmo princípio, não ressuscitaremos com o mesmo corpo que temos sobre a Terra, mas, sim, com um corpo sutil e celeste, que deve ser a habitação normal de uma alma pura e inocente.

Harmonius, filho de Bardesana, mais claramente que o pai afirmou a reencarnação. Marinus prosseguiu com o ensino dessas doutrinas.

Segundo Apeles, Jesus realmente não nasceu da virgem Maria; todavia, não se manifestou sem um corpo real. Dizia, então, que Jesus, servindo-se do material das estrelas e "das mais altas substâncias da Natureza", compôs um corpo e nele habitou durante todo o tempo que passou neste mundo. Ressurgido depois de três dias, mostrou aos discípulos as marcas das mãos e o lado, a fim de convencê-los de que era ele mesmo em pessoa, em carne e osso, e não um fantasma - prossegue Apeles, argumentando. Após aparecer, durante quarenta dias, com essa carne, o Cristo, tendo rompido o laço que o prendia a semelhante corpo, restituiu a cada um dos elementos aquilo que lhes pertencia, retirando-se, em seguida, para o Pai. Assim fazendo, ele não quis conservar nada de estranho, pois apenas se servira daquela carne, momentaneamente, enquanto dela tinha necessidade.

Em verdade, Apeles teve razão ao considerar o corpo de Jesus uma verdadeira carne e esta é a mesma impressão que temos com os Espíritos materializados, que às vezes se nos apresentam perfeita e legitimamente «carnais».

Marinus e outros, seguindo a Bardesana, diziam que o Cristo possuía um corpo "celeste", "astral", não tendo, pois, nascido de mulher.

O docetismo radical, de que nos fala o teólogo protestante Harnack, negava toda a realidade do corpo de Jesus; este não nascera absolutamente em nenhum sentido, e durante toda a sua vida humana foi um perfeito fantasma.

Embora Saturnino e Cerdo, os mais radicais, tenham aventado tais ideias, estas, bem analisadas, tinham razão de ser, pois Jesus não passara pelo nascimento normal na Terra e o seu corpo participara dos caracteres de um "corpo fantasma".

Saturnino, gnóstico do século I, dizia, segundo Santo Ireneu, que o Salvador não foi nascido, foi incorpóreo, sem matéria real, sine figura, assemelhando-se a um homem aos olhos da Humanidade.

Antes de continuarmos, devemos lembrar aos leitores que a maior parte das questões em estudo não provém dos escritos dos docetas, escritos que, embora produzidos, ou se perderam ou sofreram a destruição. Quase tudo o que relatamos nos foi legado por alguns dos primeiros Pais da Igreja (Inácio, Ireneu, Tertuliano, Hipólito, Epifânio, etc.) que se insurgiram contra tais ideias, e, assim, é bem provável que eles tenham, consciente ou inconscientemente, deturpado, algumas vezes, o sentido oculto do pensamento dos docetas.

Cerdo (ou Cerdon) explicava que o "Cristo, o Filho do Deus Altíssimo, manifestou-se sem nascer de Maria, ou seja, sem nenhum nascimento na Terra à semelhança dos homens".

Para Marcion, zeloso cristão, Jesus não fora, de maneira alguma, um homem, pois não tinha um corpo real; apareceu, ao contrário, "sob a semelhança de um homem" (Epístola aos Filipenses, 2 :7). E diz ainda: "O Cristo pareceu sofrer e ser sepultado." Há também referências sobre Marcion em que este se baseia em Mateus, 12:48, na Epístola aos Romanos, 8 :3, além de outras passagens, em apoio do Docetismo.

Contra Marcion escreveu Tertuliano, para provar que o Cristo não teve um "corpo fantástico", embora este Padre acreditasse que os anjos possuem um corpo que lhes é próprio, passível de se transfigurar em carne humana, tornando-se, por algum tempo, perceptíveis aos homens, e com estes podendo manter relações visíveis.

Ptolomeu, gnóstico cristão da escola de Valentim, de meados do século II, foi dos que mais circunscreveram as ideias docetistas. Dizia que o Cristo fora, de fato, um homem real, porém a sua substância ou natureza era apenas composta dos elementos psíquico e pneumático, isto é, do perispírito e do espírito propriamente dito, como hoje diríamos.

O elemento psíquico, mesmo entre os filósofos não materialistas, tinha o sentido de um elemento de natureza física ou animal, formando como que o intermediário entre o espírito e o corpo, e constituía o princípio imediato da vida. O pneuma constituía o sopro imortal, o princípio espiritual da vida espiritual ou intelectual. Ptolomeu dizia que a natureza psíquica de Jesus permitiu-lhe sofrer e sentir dor, ainda que nada possuísse de grosseiramente material.

Abstinham-se os docetas da eucaristia, visto que não reconheciam representar a carne e o sangue de Jesus.

Os ofitas continuaram com as mesmas ideias que, no século VI, foram retomadas por alguns eutiquianos e monofisitas.

O Monofisismo surgiu em princípios do século III, amoldando-se às ideias apolinaristas (das quais trataremos mais adiante). No século VI, sofreram os seus adeptos as mais cruéis perseguições, sendo forçados a emigrar para o Egito. Nessa época, o Monofisismo dividiu-se em duas seitas, pois Juliano, bispo de Halicarnasso, discordando quanto à natureza do corpo de Jesus, afirmava, então, que era fazer injúria à sua divindade supor que o Verbo se unira a uma carne terrestre e corruptível como aquela dos homens "animalizados" e "mal-cheirosos". O Cristo, em sua passagem pela Terra, tivera o seu corpo sempre incorruptível, como aquele de Adão antes da queda, e igual àquele que os outros o creem ter tomado após a ressurreição; foi sempre isento da corrupção e das enfermidades, bem como da punição do pecado. Completando os seus pensamentos, Juliano diz que, se o Cristo sofreu, o fez voluntariamente, para salvar os homens, mas não por efeito de sua natureza. Os que professavam esta doutrina foram chamados aftartodocetas, em contraposição com os corruptícolos. Procedendo do Egito, os incorruptícolos espalharam-se por várias regiões, tendo sido dominantes na Armênia.

O Maniqueísmo, que contém ideias docéticas, surgido no século III, sofreu muitas perseguições, conseguindo, contudo, espalhar-se pelo Oriente e pelo Ocidente, declinando somente no século XII, devido à violenta oposição da Igreja.

Os maniqueus acreditavam na reencarnação, por julgarem-na indispensável ao progresso do espírito humano, visto que, alegavam eles, não é possível que todas as almas adquiram perfeita pureza no decurso de uma única vida mortal.

As almas que persistem no pecado, após certo número de revoluções, são então entregues aos demônios do ar, para serem alimentadas e domadas. Depois dessa dolorosa penitência, voltam as almas a outros corpos, como que para novas escolas, até que, tendo adquirido o grau de purificação suficiente, se transportam, atravessando a região da matéria, ao lugar a que os maniqueus denominam «coluna da glória». O Espírito Santo, que está no ar, assiste continuamente as almas, espalhando sobre elas suas preciosas influências.

O maniqueísta Fausto, entre outros, descreve o corpo do Mestre como não sendo humano, mas, sim, formado de elementos celestiais.

No século XII floresceu na França meridional a seita neomaniqueana dos albigenses. Admitindo, como os cátaros, os princípios antagônicos - o mau e o bom - diziam que Jesus não podia tomar um corpo genuinamente humano, porque viria debaixo do controle do princípio mau. Por conseguinte, seu corpo era de natureza celestial e com ele penetrou a pessoa de Maria; nasceu dela e sofreu, apenas aparentemente.

Entendiam, ainda, que a redenção do Mestre não foi “operativa”, mas unicamente instrutiva.

Inúmeros concílios católicos foram realizados com o fim de dar combate à doutrina dos albigenses, a qual, todavia, se propagava cada vez mais rapidamente. A convite do papa, organizaram-se cruzadas militares sob os auspícios de alguns países, as quais desbarataram os albigenses, cometendo as maiores atrocidades. A Inquisição, instituída para esse fim, prosseguiu no bárbaro trabalho de limpeza, e conseguiu, no começo do século XIV, o quase total desaparecimento dessa seita.

Além de outras diversas seitas que encerravam ideias docéticas, alguns anabatistas foram docetas; Maomet, no Alcorão, veladamente parece referir-se ao corpo de Jesus, e chega a dizer que «Jesus, o filho de Maria, o Verbo e o Apóstolo de Deus, não foi crucificado senão em aparência»; e o próprio Budismo, numa de suas seitas, apresentou, com relação a Buda, tendência docética.

Só agora escreveremos sobre Apolinário, visto que, ao que nos parece, suas ideias não interessam ao estudo a que nos propomos, como veremos.

Alguns autores, ao tratarem do corpo de Jesus, referiram-se às concepções apolinaristas no que estas dizem ter sido impassível o corpo do Cristo, e que descera do céu ao seio da Virgem, mas que não nascera dela.

Desejando comprovar a veracidade de tais afirmações, encontramos-las, de fato, no Grande Dicionário Universal do Século XIX, de Larousse, e em alguns outros dicionários talvez calcados nessa obra, que, sucintamente, sem trazer qualquer relação bibliográfica, nos pareceu ser a de que aqueles autores se serviram.

Entretanto, estudando a vida e a obra de Apolinário em outras Enciclopédias, teológicas ou não, que profusamente se referiram a esse bispo, citando a redação dos anátemas proferidos contra a sua doutrina, e com a apresentação final de extensa bibliografia, é desconcertante dizer nada havermos encontrado a respeito daquelas questões inseridas no “Larousse”. Infelizmente, por não possuímos os livros indicados nas bibliografias como referentes a Apolinário, não pudemos verificar a veracidade ou não da exposição oferecida pelo Grande Larousse. Esperamos, todavia, que outro estudioso mais paciente e dedicado esclareça essa dúvida.

Apresentamos, pois, a síntese do estudo que levamos a efeito:

Apolinário (o jovem), bispo de Laodicéia, nascido talvez a 300, e falecido em 390 ou 392, era filho de Apolinário (o antigo), com quem trabalhou na adaptação da Bíblia à literatura profana. Foi mestre de S. Jerônimo, que se julgou diante dele, assim como de Orígenes e outros Padres, “imperitíssimo comparado com eles”. Diz o autor da Vulgata que Apolinário escreveu inúmeros volumes sobre a Sagrada Escritura e que os trinta livros contra Porfírio foram muito admirados.

Apresentou ele refutações ao Arianismo e ao Maniqueísmo, escreveu algumas obras em verso e fala-se de uma versão poética da Bíblia, produzida, parece, somente por ele, sem o auxílio do pai, como pensam alguns autores.

Sócrates, o Escolástico, referindo-se a ele, disse: “foi um sábio em ciência”. S. Basílio diz que “devido ter ele grande facilidade em escrever, sobre qualquer assunto, conseguiu encher o mundo com seus livros”.

Acredita-se ter sido 360 o ano em que Apolinário iniciou o ensino de uma nova concepção a respeito da natureza do Cristo. Sofrendo a oposição da Igreja, desta por fim se separou, surgindo assim a seita dos apolinaristas.

Mesmo depois de seu afastamento dos Pais ortodoxos, estes continuaram a tratá-lo com respeito e até com certa afeição.

Santo Epifânio conta que ele próprio, bem como Santo Atanásio e “todos os católicos”, muito amaram o “ilustre e venerável ancião Apolinário de Laodicéia”, e que, ao ouvirem falar de sua heresia, não puderam acreditar que tão grande homem houvesse caído em semelhante erro.

O Sínodo de Alexandria (362) parece ter conhecimento das ideias de Apolinário, rejeitando-as, não mencionando, porém, o nome do autor. No Sínodo romano (374), foi Apolinário julgado herético e condenado, não sendo, contudo, nominalmente incluído nos cânones. Outras reuniões eclesiásticas condenaram a doutrina apolinarista. O Sínodo de Antioquia (378) lança o anátema contra aqueles «que dizem que o Verbo de Deus habitou na carne humana, em substituição à alma racional e inteligente». O papa Dâmaso, no Concílio de Roma (380), lança idêntico anátema. O primeiro cânon do Concílio Ecumênico de Constantinopla (381) registra também a condenação.

Serviu-se Apolinário, para sua concepção, dos três elementos componentes da natureza humana, segundo a Escola neoplatônica, a saber: o corpo; a alma “anima animans”, princípio que atua e informa o corpo, sendo Comum aos homens e aos animais, tornando-os em seres vivos; e a mente ou espírito, agente do pensamento, da razão, da consciência, da

vontade livre, em síntese: a essência da personalidade humana. Em apoio dessa divisão, citava passagens das Escrituras, como por exemplo a «Primeira Epístola aos Tessalonicenses, 5 :23 – “e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados completos, irrepreensíveis”. Desses três elementos, o corpo e a alma formavam o ser “natural” (a máquina, teria dito Platão) controlado e guiado pela razão ou espírito. Mas - comentava Apolinário - o espírito no homem é transformável, falível, cheio de pecados inerentes à natureza humana e, por isso, não deve tomar lugar no Cristo, o que tiraria o valor à Redenção.

Raciocinando ontológica e psicologicamente, Apolinário criou, então, a doutrina que admitia, na pessoa do Cristo, o corpo humano e a alma, mas não a mente racional humana. Esta é o Logos ou este lhe toma o lugar, tornando-se, assim, o centro racional ou espiritual.

Atribuiu-se a Apolinário o haver sustentado que a divindade (Logos) sofrera, morrera, etc.; porém, isto são mais consequências tiradas dos princípios de Apolinário que propriamente opiniões do bispo, comentam estudiosos católicos.

Baseando-se em algumas passagens do Novo Testamento, para Apolinário foi Jesus realmente um ser de natureza humana, por possuir alma e corpo, embora controlado e guiado pelo Espírito divino que lhe constituía a natureza divina. O Cristo não foi, pois, um Homem-Deus e sim um ser partilhando do homem e de Deus; nem inteiramente homem, nem inteiramente deus.

Os Padres ortodoxos contemporâneos, rejeitando a teoria de Apolinário, não estão muito interessados, declara um escritor eclesiástico, sobre a verdade ou a inverdade contida na exposição de que a natureza humana consiste de três elementos, questão que foi levantada na Idade Média, e que tem suscitado veementes discussões entre os teólogos. Os primeiros contraditores do Apolinarismo escandalizaram-se principalmente com a asserção de que ao Cristo faltou um elemento de completa natureza humana.

Diante de toda essa análise, podemos concluir que Apolinário foi um trabalhador cristão, admirado por seus contemporâneos, e que a sua doutrina; nada tendo a ver com a do corpo fluídico de Jesus, foi fruto natural da época, quando diferentes ideias surgiam no afã de explicar a tese católica da união divina à humana.

Dissemos acima que Apolinário combateu o Arianismo, doutrina do presbítero Ário, apresentada no princípio do século IV, contrária à da S. S. Trindade, e que chegou a abalar os alicerces do Catolicismo dominante, que desapareceria se não fossem as lutas e perseguições violentíssimas movidas contra os sectários da doutrina mencionada. Baseado nos Evangelhos, Ário dizia que, se o Filho está subordinado ao Pai, não é, pois, absolutamente Deus; não é consubstancial com o Pai, portanto não coeterno com Este, não O igualando em dignidade e poder. Logo, Jesus não é eterno e sim, concluía Ário, uma criatura gerada antes da criação do mundo por ato da vontade de Deus, e deste não tem a mesma essência ou natureza, apesar de ser a criatura tipo, a mais perfeita. Esta perfeição é tal - considerava Ário - que, para os terrestres, Jesus poderia ser mesmo um Deus. A doutrina arianista reapareceu, sob outros nomes, nos séculos XVI, XVII e XVIII, bem como, em parte, qual a do Docetismo, foi revelada, revivescida, pelos Espíritos que nos trouxeram a Terceira Revelação.

Com a ânsia espontânea e nobre de esclarecer a Humanidade, aqueles homens foram incompreendidos e passaram a sofrer as perseguições dos que se sentiam com o privilégio da iluminação de Mais Alto. Que esses exemplos de incompreensão cristã, do passado, não revivesçam, perturbando a marcha evolutiva do pensamento humano. Os homens de responsabilidade doutrinária deverão reconhecer a necessidade de nos respeitarmos uns aos outros, lembrando-nos de que o livre-arbítrio, ou melhor, a liberdade de crença é uma das maiores, senão a maior conquista do século, por permitir a cada um procurar as luzes que o auxiliem a vencer a jornada terrena e satisfaçam à inteligência e ao raciocínio próprios.

O professor de Escritura Sagrada, Arendzen, de uma das Universidades inglesas, num estudo do Docetismo, anota um renascimento de idéias docéticas em círculos espiritistas, embora - diz ele - menos fantásticas e extravagantes que as do passado. Sim, confirmamos nós outros, a obra de Roustaing ressuscitou o pensamento fundamental do Docetismo - o corpo fluídico de Jesus. Cumpriu, destarte, o Paraclito uma das facetas do seu infindo programa esclarecedor, e, realmente, sem qualquer extravagância.

Ao deliberar a confecção deste trabalho, assaltou-nos apenas o desejo de trazer uma explanação menos imperfeita das ideias que se prendem ao Docetismo, visto que este termo é encontrado em importantes obras espíritas e comumente é referido nas conversações entre espiritistas. Trabalho sem valor, já o sabemos; todavia esperamos que outros, mais cultos e dispendo de obras cuja raridade não nos ensejou um estudo mais profundo, possam melhor desenvolver o assunto, trazendo-nos as luzes a que todos aspiramos.

BIBLIOGRAFIA

Grand Dictionnaire Universel du XIXe Siècle - M. Pierre Larousse.

La Grande Encyclopédie.

The Catholic Encyclopedia - Various editors.

Encyclopedia of Religion and Ethics - Edited by James Hastings.

Encyclopédie Théologique - Publiée par M. L'Abbé Migne.

Enciclopedia Universal Ilustrada.

Dictionnaire de Théologie Catholique - G. Barelle.

Philosophumena ou Réfutation de toutes les hérésies – Hippolyte de Rome.

Dicionário Universal das heresias, Erros e Cismas – Antônio Gomes Pereira

El Legado de Egipto – Publicação da Universidade de Oxford. Zêus Wantuil

[1] Por outro lado, temos de refletir sobre os fatos hoje conhecidos da exteriorização da sensibilidade e da sua anulação, como vemos nas práticas de hipnotismo. Com seu ilimitado poder sobre a matéria e o magnetismo, mesmo que tivesse um corpo material, gerado, Jesus poderia torná-lo insensível, como fazem hoje médicos e dentistas em operações cirúrgicas. Portanto, o argumento que considera a dor como condição necessária à missão de Jesus é inconsistente, como tantos outros que pretendem igualar aquele Espírito sublime aos nossos calcetas do pecado e da dor. - I. G. B. (Do blog: I.G.B = I. G. Braga) Apêndice sob título 'Docetismo' - in "Elos Doutrinários"

* * *

32 - Melquisedec – Mínimus (Antônio Wantuil) – Reformador (FE) Abril 1947.

1 - Blog do Aron, um espírita – Quinta-feira, 3 de abril de 2014

Diz-nos Gênesis (XIV -18:20) que Melquisedec, rei de Jerusalém e sacerdote do Deus Altíssimo, abençoou a Abraão, deu-lhe pão e vinho e dele recebeu o dízimo.

Em seu Salmo CX-4, (ou 31 CIX- 4-versão católica) David profetizou a vinda do Messias, apresentando-o como sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec.

S. Paulo; em sua Epístola aos Hebreus (V a IX), repetidamente nos fala sobre Melquisedec, comparando-o ao Cristo e dizendo que muitas outras coisas não poderiam ser explicadas a respeito, porque os homens ainda não as poderiam ouvir, afirmando, porém, que Melquisedec não teve genealogia, sendo sem pai, sem mãe, e que não teve princípio de dias nem fim de vida, porque foi feito semelhantemente ao Cristo.

Mais tarde, surgiu a seita dos Melquisedequianos, cujos teólogos o tinham como um ser extraterreno, um anjo, opinião esta posteriormente apoiada por vários autores católicos.

Ora, diante da resposta do Espírito de São Luiz a Allan Kardec (*), de que existiam na Bíblia exemplos de agêneres lembramo-nos de que, além do fato relatado no "Livro de Tobias", também Melquisedec tivesse sido um agênera, e, pelo que dele consta, um agênera de altíssima categoria espiritual.

Os fatos aí estão. Diz-nos Paulo que só os compreenderemos quando nos tornarmos menos negligentes. Esforcemo-nos, pois.

(*) Vide Revue Spirite, Fevereiro de 1859, páginas 36 a 41, ou Reformador, Janeiro de 1947, páginas 1 a 4.

* * *

33 - MELQUISEDEC E JESUS - Zêus Wantuil

Blog do Aron, um espírita - Domingo, 4 de março de 2012 - 01/03 – Melquisedec e Jesus
Apêndice sob título 'Docetismo' - in "Elos Doutrinários" (FEB) 3ª Ed. 1978

Lá pelo ano 2000 a.C., quatro reis imperialistas iniciam uma perseguição contra vários povos do país de Canaã. Organizada uma contra ofensiva por cinco reis, esta não obteve êxito, havendo sido desbaratados os seus exércitos. O inimigo invade Sodoma e Gomorra, toma-lhes todos os víveres, bens e mulheres e leva parte do povo, escravizado. Um fugitivo, que escapara àquele inferno de fumo e sangue, consegue chegar ao Hebron, nos terebintos de Mamre, o amarelo, e, encontrando Abrão (mais tarde: Abraão), conta-lhe a desgraça, sobre eles recaída, e anuncia que Lot, sobrinho do Patriarca hebreu, fora também levado como prisioneiro.

Encendido de surda revolta ante aquelas informações, Abrão organiza um exército regular de homens disciplinados e investe desassombrado os inimigos, ferindo-os e perseguindo-os até às adjacências de Damasco. Torna a reaver tudo o que fora rapinado, inclusive seu "irmão" Lot, e volta triunfante. O rei de Sodoma vai-lhe ao encontro, jubilante. No meio de toda essa recepção festiva, eis que surge Melquisedec, rei de Salem, trazendo pão e vinho. Faz-se religioso silêncio, e o sacerdote do Deus Altíssimo, achegando-se de Abrão, abençoa-o e diz:

"Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, Criador do Céu e da Terra! e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos às tuas mãos!" Abrão, respeitoso, dá a Melquisedec o dízimo dos despojos e, dignamente, nada aceita do que lhe foi oferecido pelo rei de Sodoma.

..... É assim que o capítulo XIV de "Gênesis" nos relata essa passagem. Adquiriu importância e mereceu atenção mais acurada dos estudiosos das questões bíblicas, pelo fato de posteriormente ser estabelecida a semelhança entre Jesus e Melquisedec. Esta personagem enigmática, cujo nome hebraico - Malki-Sédék significa "rei de justiça", surgida inesperadamente, como num conto de fadas, era, conforme o texto nos declara, rei da cidade de Salem, situada no país de Canaã.

De acordo com alguns comentadores, Salem foi provavelmente aquela cidade que mais tarde se chamou Hierosólina, como era nomeada pelos gregos e romanos, parecendo que este último vocábulo não é mais do que corruptela de Hierosalem, a que se atribui uma formação híbrida - do grego hieros, sagrado, e o nome primitivo Salem. Foi aí que

reinava, ao tempo da conquista da Terra de Canaã por Josué, um rei amorreu de nome Adonisedec (Josué, 10:1). O historiador Josefo segue essa opinião em sua excelente obra “Antiguidades Judaicas” e acrescenta que Melquisedec “proveu hospitaleiramente o exército de Abraão, deu-lhes provisões em abundância ... e quando o Patriarca repartiu a décima parte dos despojos com o rei, este aceitou a oferta”.

Salem aparece registrada nas tábuas do Tel el-Amarna (1400 a.C.) como uma das mais importantes cidades de Canaã, sendo conhecida pela denominação de Uru-salim, que os tradutores, baseando-se numa tábua léxica assíria, verificaram ser uru o equivalente do assírio alu, isto é, cidade. Nenhuma das Salem posteriormente existentes parece ser a cidade de Melquisedec, é o que pensam os estudiosos.

Tendo sido Canaã amaldiçoada (Gên., 9:25), afirmou-se que Melquisedec não era cananeu, e sim um semita estrangeiro localizado no País de Canaã. Não há justificativas para essa rígida asserção do dogmatismo religioso, sabendo-se, além do mais, que nem todos os cananeus professavam necessariamente a idolatria, ao tempo de Abraão. Melquisedec era monoteísta e adorador do Deus Altíssimo, “o verdadeiro Deus”, o mesmo a quem igualmente servia Abraão. Além das insígnias de rei, ostentava também as de sacerdote, termo este que, então, pela primeira vez, aparece citado na Bíblia (Gên., 14:18). Todavia, o ofício de abençoar não constituía exclusividade do sacerdote; qualquer que tivesse autoridade, seja paternal, civil ou religiosa, podia fazê-lo.

“E Melquisedec trouxe pão e vinho”, diz o Antigo Testamento. Por si mesma, a palavra trazer (ou apresentar), seja no hebreu, no grego ou no latim, não significa oferecer a Deus, ou oferecer em sacrifício. Parece que Melquisedec apenas levou o vinho e o pão, sendo que este último termo talvez neste ponto encerre em sua significação toda espécie de alimento. Josefo se inclina para esse modo de entender, conforme já vimos, e diversos interpretadores o seguiram, dizendo não ter feito Melquisedec outra coisa que abastecer os homens que acompanhavam Abraão.

Entretanto, os explanadores católicos, defendendo seus pontos de vista, insistem que houve um verdadeiro sacrifício, prefigurativo do sacrifício eucarístico. Baseiam-se nessa opinião, servindo-se do período que imediatamente se segue àquele acima registrado entre aspas, o qual período diz: “e este era sacerdote do Deus Altíssimo.” Ora, comentam eles, se esta informação tivesse somente o efeito de caracterizar a personalidade de Melquisedec, melhor ficaria ela no seu devido lugar, isto é, após o título de “rei de Salem”; observa-se, porém, que veio exposta entre a menção do pão e o vinho levados por Melquisedec e a referência da bênção pronunciada sobre Abraão.

A qualidade de sacerdote, atribuída a Melquisedec - concluem eles -, é então lembrada em razão do ato que a precede, isto é, da oferta do pão e do vinho, como o texto parece insinuar.

É igualmente presumível - dizem outros explicadores - que Melquisedec, além de exercer sua função sacerdotal, oferecendo a Deus parte dos alimentos levados, distribuiu também mantimentos entre os vencedores.

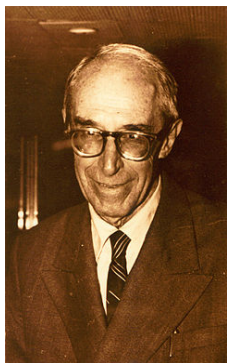
Não obstante essas suposições católicas, o texto bíblico nem as confirma nem as contraria, em vista mesmo do quase nenhum esclarecimento dele sobre a origem e a condição de Melquisedec.

A Epístola aos Hebreus (7:1 a 7), que compara Jesus ao rei de Salem, não faz alusão à oferta deste último. Os autores católicos esclarecem, então, que a Paulo não interessava a referência dessa oblação, visto que o sacerdócio da época do Apóstolo, o de Aarão, igualmente celebrava o sacrifício a Deus, e, desse modo, não lhe interessava qualquer comparação nesse sentido.

Muitos Padres da Igreja, entre os quais S. Cipriano, S. Jerônimo, Santo Agostinho, S. Crisóstomo, criam expressamente que houve um sacrifício de pão e vinho, apresentado a Deus por Melquisedec, mas a verdade é que pairará a dúvida nesse ponto que, aliás, pouco interessa aos espíritas, já que a última Ceia Pascal se nos afigura claramente elucidada, no seu belo simbolismo, pela Terceira Revelação.

* * *

À guisa de introdução dos dois artigos que a seguir oferecemos à apreciação do leitor, os quais denunciam uma precipitada, irrefletida e, como se verá, inconsistente tentativa de opor uma barreira ao progresso da revelação espírita, visando estagná-la ao nível de Kardec, ao de 150 anos atrás, apresentamos este breve relato histórico-biográfico de Pietro Ubaldi e do seu primeiro contato com o Espiritismo que data venia transcrevemos do livro Dissidências Espíritas e Doutrinas Correlatas, de João Costa Netto- Resende RJ



34 - Pietro Ubaldi - Foligno - Itália-1886 -São Vicente-Brasil-1972.

Nasceu em 18 de Agosto de 1886, na cidade de Foligno, na Úmbria, Itália, região fortemente impregnada pelas lembranças da passagem de São Francisco de Assis, o que teria tremenda influência sobre ele ao longo da vida. Filho de família rica e nobre, pareceu sempre sentir a abastança material antes como um fardo que carregava penosamente por obediência àqueles a quem considerava devida. Pela mesma razão, concluiu o curso de Direito, pela Universidade de Roma, embora nunca o tenha exercido.

Ainda na juventude, trava contato com a Codificação Espírita, que lhe causou forte impacto: Eu tinha, aproximadamente, 26 anos e vivia em dúvida completa, pois, já golpeado profundamente pela dor, não conseguia atinar com as suas causas [...] Investigava a filosofia, os vários sistemas filosóficos, porém, da mesma forma, não conseguia alívio algum. Estudava o espírito das religiões e, todavia, também isso não proporcionava consolação. Então, por acaso — digo acaso, mas por certo era obra da Providência — caiu em minhas mãos O Livro dos Espíritos de Allan Kardec [...] Li com grande interesse

e vos confesso que, em certo ponto, exclamei: Achei! Eureka! poderia ter eu repetido, encontrei, encontrei finalmente a solução que eu procurava e que me esclareceu! Ela foi a primeira semente que deu origem ao meu adiantamento espiritual e daquele dia em diante foi-se tecendo a trama luminosa do esclarecimento de tal forma que, ampliando-se, ele penetrou a ciência, a filosofia, a religião, os problemas sociais e os problemas de todo o gênero. Devo, entretanto, confessar-vos precisamente aqui, nesta noite e neste local, que a Allan Kardec devo a primeira orientação e a solução positiva do problema mais complexo que, mais de perto, me interessava, considerando minha condição de ser humano [...]

Esse primeiro jato de luz me veio há quarenta anos precisamente e hoje essa luz se completa no que eu ofereço, como eu disse antes, não criado por mim, mas recebido em conseqüência do esforço desenvolvido para ampliar o campo de aplicação daquela grande ideia, alcançando o seu objetivo final concretizado nos setores social, religioso, filosófico etc. E é interessante observar que, em conseqüência disso, eu, sem o saber, era espírita há quarenta anos (UBALDI, p. 197, 1987). Em 1927, com o falecimento do pai, transfere todos os seus bens à família e declara voto de pobreza, passando a viver de seu modesto salário de professor. Segundo relata, no dia seguinte à sua decisão, teria visto Jesus Cristo e São Francisco de Assis acompanhando-o em sua caminhada matinal. Em 1931 dá início ao seu vasto trabalho filosófico-mediúnico escrevendo GRANDES MENSAGENS, por meio de psicografia intuitiva, inspirada pelo espírito ao qual chamava Sua Voz e seria o autor espiritual de toda a sua obra. Sobre a identidade deste Espírito, seus admiradores não têm dúvidas:

O conteúdo e a linguagem vibrante das sublimes Mensagens nos faz lembrar, perfeitamente, a Boa Nova de Cristo. Por isto, o mundo espírita e espiritualista afirmaram que "Sua Voz" era o Cristo. Também o Plano Espiritual, através de médiuns ingleses, italianos e brasileiros, revelou a identidade de "Sua Voz" — Cristo (JOSÉ AMARAL apud UBALDI, 19_?). Mas é em 1935 que vem à luz seu mais célebre trabalho: A GRANDE SÍNTESE, cujo impacto foi tal que recebeu elogios, entre outros, de Albert Einstein, Monteiro Lobato, Ernesto Bozzano e Carlos Drummond de Andrade. Emmanuel, pela psicografia de Chico Xavier, chegou mesmo a chamá-la de “o Evangelho da Ciência” (FREIRE, 2005). Em compensação, rapidamente seu trabalho adquire grande popularidade no meio espírita, e em 1951 é chamado a proferir palestras no Brasil. Convidado a se estabelecer neste país, muda-se para cá no ano seguinte, recebendo afetuosa acolhida. Em outubro de 1955, em entrevista ao Jornal Pernambuco Espírita, Ubaldi responde às seguintes perguntas:

O Sr. aceita o Espiritismo como doutrina cristã? R. Aceito o Espiritismo como doutrina eminentemente cristã e como tal, será aceito por todos, logo que se espalhe pelo mundo. Será a religião do terceiro milênio. Como encara a Codificação Kardequiana? R. É um trabalho que veio revolucionar o pensamento humano. Ela deu um sentimento completamente novo ao estudo da metafísica. Imprimiu um novo sentido no campo da bondade, da paciência e da caridade. Estabeleceu para o mundo um conteúdo moral muito elevado da justiça de Deus e seus atributos. Como sistema filosófico espiritualista, tem os principais elementos para constituir uma verdadeira filosofia.

* * *

O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. A.Kardec – R.Espírita, 7/ 1866

35 - PIETRO UBALDI - (REFUTAÇÃO) – I - Fernando Rosemberg



Há no movimento espírita, como se sabe, aqueles que se prendem demasiado à obra de Kardec rebelando-se contra importante pormenor codificado, quando e onde tal obra se declara ser: essencialmente progressiva. Com base em tal mecanismo, gostaria de tecer no presente arrazoado alguns comentários sobre o artigo que carrega título similar (Caso Pietro Ubaldi), assinado por Jorge Rizzini, onde o mesmo evoca a pessoa do escritor espírita J. Herculano Pires para comentar e recusar a proposta de Pietro Ubaldi, quando do oferecimento de sua obra ao Espiritismo de Kardec expondo suas coerentes e abrilhantadas razões.

Segundo Rizzini, o professor Herculano Pires fora o primeiro a apontar ‘desajustamentos’ na obra de Pietro Ubaldi, o que, de início, e, para tal opróbrio, gostaria de refutar (em negrito e com aspas) nos precisos termos de que: “Desajustamentos, os trabalhos do Espiritismo de Allan Kardec também os apresentam, e referida situação venho destacando aqui e ali (conquanto minha insatisfação em fazê-lo), mas sempre

objetivo de mostrar aos estudiosos .

Ora, já tratei de alguns dos tais ‘desajustes’ da obra de Kardec nos textos: “Onde o Consenso Universal?”, em: “Só Deus o Sabe”, como também o fiz em meu décimo e.BOOK “Espiritismo e Suas Complexidades”, em resposta àqueles que citam os da obra de Pietro Ubaldi excluindo os seus mesmos, ou seja: os ‘desajustes’ espíritas e kardecistas. Mas busquemos outros mas como, por exemplo: “A mensagem constante de ‘O Livro dos Médiuns’ (AK – 1860), assinada por Jesus de Nazaré e que fora transplantada por Kardec - que a corrigira e a deixara, confesso, mais elegante e concisa - para ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’ (AK – 1861), porém, com a assinatura (vejam o ‘desajuste’) do Espírito de Verdade, quando se sabe que um não poderia e não pode ser o outro, pois que Jesus nos prometera enviar o Consolador, o Espírito

de Verdade para nos fazer lembrar tudo o que Ele mesmo havia dito e feito e que ficaria eternamente conosco; e por que Kardec, em ocorrência não explicada a quem quer seja, modificara o teor da mesma, e, mais ainda, adulterara a sua autoria trocando seus mensageiros espirituais?”.

Mas prossigamos ainda!

Segundo o referido artigo do confrade Jorge Rizzini, o notável intuitivo Pietro Ubaldi teria enviado ao VI Congresso Espírita Pan-americano realizado em Outubro de 1963, em Buenos Aires, uma tese que gerara alguma celeuma à época onde, segundo o tal artigo, Ubaldi preconizava que o Espiritismo:

1 - Teria estacionado na teoria da reencarnação e na prática mediúnica;

2 - Ele não possui um sistema conceptual completo;

3 - Sua filosofia é limitada não oferecendo, pois, uma visão completa do Todo e não abrange todos os momentos da Lei;

4 - Não elaborou uma teologia espírito-científica; e que o mesmo:

5 - Corre o risco de ficar parado ao nível de Allan Kardec.

E, por tais razões, Ubaldi teria oferecido sua Doutrina, hoje enfeixada em vinte e quatro volumes, ao Espiritismo.

Para o que, segundo o referido artigo de Rizzini, o professor Herculano Pires teria feito as seguintes considerações, item por item, refutando Pietro Ubaldi:

1 – O Espiritismo é uma doutrina evolucionista, como provam suas obras fundamentais e o seu imenso desenvolvimento em apenas cem (100) anos de existência.

Sim, de fato (e expondo seguidamente em negrito e com aspas), reflito que:

“O Espiritismo é uma doutrina evolucionista sim, conquanto a paralisação de expressiva gama de seus profitentes; mas o que Ubaldi quisera expressar meus senhores, é que o Espiritismo de Kardec, por acatar em seus princípios apenas o Fenômeno Evolutivo - onde se insere a reencarnação - ele se estaciona no referido sem atentar para as suas causas, ou seja, conferidas ao sistema mais amplo e completo que compreende suas origens, no que se convencionara chamar de Fenômeno Involutivo-Evolutivo, o que, aliás, tal fenômeno fora confirmado por algo similar a um consenso universal, onde os Espíritos, por diversos médiuns estranhos uns aos outros, e inclusive no Brasil, com ‘Emmanuel’ e ‘André Luiz’, ratificaram a verdade das luzes que conduziram o trabalho de ‘Sua Voz’ pela intuitividade ubaldiana”.

Passando ao próximo item, vejamos como Herculano Pires retruca ao sábio intuitivo Pietro Ubaldi:

2 – O sistema conceptual espírita é completo, e sua síntese está em ‘O Livro dos Espíritos’.

No que respondo em defesa a Pietro Ubaldi que:

“A retórica de Herculano Pires, mais uma vez, está equivocada, pois Kardec mesmo infere que: ‘O Livro dos Espíritos’ não é um tratado completo do Espiritismo; apenas apresenta as bases e os pontos fundamentais, que se devem desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. (Vide: Revista Espírita – AK - Julho de 1866 – Edicel)”.

“Tendo dito o mesmo noutras partes de sua obra, como por exemplo, em ‘Obras Póstumas’, onde Kardec dizia aguardar o que ele mesmo chamou de ‘Espiritismo Completo’ que lhe daria todos os desenvolvimentos que as circunstâncias ulteriores comportassem”.

“O que, aliás, defendo em minhas teses e em parte de uma dezena de livros (e.Books): que o ‘Espiritismo Completo’ já se patenteara no século vinte com a conexão doutrinária Kardec-Ubaldi, frisando que suas obras se entrosam e se unificam compondo uma sinfonia única, acrescentada, ao demais, pelas contribuições doutrinárias do notável medianeiro Francisco Cândido Xavier”.

Mas prossigamos com Herculano Pires:

3 – A Filosofia Espírita não pode abranger o Todo e muito menos todos os momentos da Lei de Deus, porque isso não está ao alcance de nenhuma elaboração mental, no plano relativo da vida terrena.

E questiono ao mesmo: **“Óbvio que a filosofia contida no Espiritismo de Kardec, em seus poucos anos de elaboração (quinze anos) no século dezenove, não poderia - como doutrina incompleta - abranger o Todo e tampouco os mais diversos momentos da Lei, o que não significa, em tempo algum, que, em seus desenvolvimentos pelos mais importantes missionários do Cristo, ela não o poderia fazê-lo, pois Kardec é o ‘abc’, é o início de tudo em matéria de Espiritismo organizado, e Pietro Ubaldi, em associação com o renomado Xavier, são os seus mais reluzentes completadores do século vinte que, se não resolvem tudo do Todo, nem por isto se pode menoscabar suas obras, as quais poderiam, de certo ponto de vista – na elaboração e no conúbio mental com ‘Sua Voz’, ‘Emmanuel’ e ‘André Luiz’ - representar-se, sim, o sonho de Kardec quando o mesmo se referira ao ‘Espiritismo Completo’, que ansiosamente aguardava”.**“Isto nada mais é que pura questão de bom senso, exceto pelos mais ortodoxos do Espiritismo que preferem vê-lo engessado e paralisado no passado como eles próprios que, por sua livre e espontânea vontade, os são”.

Mas prossigamos com a divulgada página de Rizzini onde ele, mais uma vez, cita a resposta argumentativa de J. Herculano Pires.

4 - A Teologia espírita é limitada às possibilidades atuais do conhecimento de Deus, segundo ensina Allan Kardec, e essas possibilidades não admitem ainda a criação na Terra de uma Teologia científica, nem dentro e nem fora do Espiritismo.

Como se vê, mais uma vez:

“Trata-se do velho argumento dos que se situam no século dezenove, nos tão-só quinze anos de elaboração doutrinária de Allan Kardec. Ora, meus queridos, a humanidade já adentrou o século vinte e um; já se passaram cento e cinquenta anos desde Kardec, e no século vinte, Pietro Ubaldi nos fizera o legado de vinte e quatro volumosos tratados do Monismo cuja Teologia científica desenvolvera quatro importantes volumes editados pela Fundapu: ‘A Grande Síntese’, ‘Deus e Universo’, ‘O Sistema’ e ‘Queda e Salvação’, todos eles abarcando avançadas teses filosóficas, matemáticas e científicas de sua Teologia que o Herculano, pelo visto, desconhecia em sua vasta amplitude, ou, por despeito, não reconhecia por sua visão tão-só concentrada na defesa do ‘infallível’ Espiritismo de Allan Kardec, discriminando tudo o mais, bem como todas as novas revelações que contribuíram e contribuem com os progressos reais do Espiritismo kardequiano, e mais, se mostrando juiz implacável de certas expressões, sobretudo de Ubaldi, quando se sabe de sua problemática mediúnica, de suas filtragens pelo cérebro do médium onde tais são suscetíveis de se dar, pois se deram, inclusive, com os médiuns dos tempos de Kardec que, por sua vez, não se abstinha de corrigi-las quando houvesse necessidade, e, inclusive, quando não houvesse, cometendo equívocos como o retratado logo acima na mensagem de Jesus de Nazaré, confundido e trocado pelo Espírito de Verdade”.

“O fato é que o Sr. Herculano também desempenhara sua respeitosa missão junto ao Espiritismo, mas não lhe competia, como escritor e como filósofo, ir além de suas atribuições e possibilidades do terra-a-terra, o que, aliás, fora reservado ao intuitivo da Úmbria por sua evolução que, segundo Emmanuel: ”Pietro Ubaldi interpreta o pensamento de altas esferas espirituais”.

“E que não se pense que Ubaldi se achava um médium não suscetível de falhas e de possíveis equívocos; isto não, pois que, na obra ‘Comentários’ (PU - Fundapu), por exemplo, e, se referindo à ‘Grande Síntese’ (PU – Fundapu), alegava humildemente”:

“Poder-se-á (da obra) discutir algum termo, algum pormenor, poder-se-á levantar a acusação de alguma inexatidão, mas já não se pode duvidar do conjunto, da profundidade da visão universal, de sua organicidade que corresponde à realidade do fenômeno...”. (Opus Cit.).

E, por fim, temos o item último, onde Ubaldi se referira ao risco do Espiritismo ficar paralisado ao nível de Allan Kardec, quando Herculano Pires retruca que:

5 - O nível de Allan Kardec não é o do Espiritismo, mas sim o nível do Espírito de Verdade, de quem Kardec, segundo dizia, foi um simples secretário.

“Ou seja, daquele mesmo Espírito de Verdade que Kardec substituíra (ou confundira, não sei ao certo) da comunicação atribuída a Jesus de Nazaré! Mas então Jesus, para Kardec, não poderia, mediunicamente, comunicar-se com os homens? E por que não se Jesus é um Espírito como todos nós o somos, com a diferença óbvia de sua mais alta evolução?”.

“De qualquer maneira, e sem mais discussões, eu tenho convicções de que o senhor Herculano entendera bem o recado de Ubaldi que, nesta questão última, sobretudo, estava se referindo, claramente, a figuras ortodoxas, como ele mesmo - defensor encabeçado de Allan Kardec - que, por sinal, eu também defendo o codificador em minhas lidas doutrinárias, mas, de minha parte, reconheço, não só seus indiscutíveis acertos como também aos níveis filosóficos e doutrinários, bem como seus erros científicos e outros mais, não o endeusando em tempo algum, ressaltando, portanto, suas qualidades de ter sido um grande missionário do Cristo, assim como Pietro Ubaldi e Francisco Cândido Xavier igualmente os foram, condignamente”.

Finalizo, assim, dando minha resposta ao autor do texto e do respeitoso espiritista que evocara para suas críticas que contam agora, igualmente, com uma explicação mais razoável da pessoa e da importante obra de Pietro Ubaldi e de Francisco Cândido Xavier onde se ressaltam as exponenciais figuras de ‘Sua Voz’, de ‘Emmanuel’ e de ‘André Luiz’. E não se preocupem – meus queridos - em recusar a obra que Pietro Ubaldi legara ao Espiritismo, pois que, na verdade, vossas senhorias podem até se rebelar, esperar e choramingar o quanto quiserem, haja vista que, no campo espiritista, que, afinal, é um campo universalista, vale a Vontade do Supremo e dos Espíritos superiores e não suas equivocadas e relativas interpretações pessoais. O Espiritismo é complexo demais, e, portanto, não abarcável pelas mentes concretas e reacionárias de alguns pares! Mas é assim mesmo: formamos uma corrente que vai dos abismos aos céus, estando alguns dos humanos mais próximos da Pré-lógica, e outros, se avizinando da Superconsciência dos Justos e dos Sábios. Articulista: Fernando Rosemberg Patrocínio e-mail: <http://fernandorpatrocinio.blogspot.com.br>

* * *

35-2 - PIETRO UBALDI - Carta em Defesa de Ubaldi - Gilson Freire

A OFERTA DE PIETRO UBALDI AO ESPIRITISMO, POR OCASIÃO DO VI CONGRESSO ESPÍRITA PAN-AMERICANO DE 1963 - (Uma Resposta à Crítica de Herculano Pires) - Que seria da humanidade sem a revelação dos homens de gênio, que aparecem de tempos em tempos? - Allan Kardec (A Gênese)

Não acredito, sinceramente, que Pietro Ubaldi, sendo um espírito da envergadura que é, necessite de que alguém levante a voz em sua defesa, em qualquer circunstância que seja. Bem como estou perfeitamente ciente de que minhas poucas possibilidades impedem de apresentar-me como um seu defensor. Não tenho tamanha pretensão. No entanto, em decorrência de trabalhos publicados, palestras e participações em seminários e congressos brasileiros, muitos passaram a

caracterizar-me como um estudioso de Ubaldi, e com elevada freqüência questionam-me sobre os diversos temas desenvolvidos em sua extensa e revolucionária obra. Não guardo cabedal de profundo conhecedor de todo o portentoso trabalho do Missionário da Úmbria, mas confesso-me um estudioso, apaixonado e profundamente transformado pelas suas estupendas revelações. Sendo ainda espírita de berço, venho fazendo um enorme esforço para demonstrar, a quem se interesse, que o Apóstolo da Nova Era apenas agrega valores à Doutrina Espírita e nada destrói.



Pietro Ubaldi e Chico Xavier em Pedro Leopoldo -MG-1979

E estou perfeitamente convencido de que, muito pelo contrário, sua inspirada obra contribui essencialmente para atualizar o Espiritismo e fundi-lo com perfeição ao Evangelho de Jesus, tornando-o de fato o Cristianismo Redivivo.

Dentre todos os pedidos de esclarecimentos que recebo, evidenciam-se os questionamentos referidos à famosa Carta-resposta de Herculano Pires, rebatendo a oferta que Ubaldi fizera aos espíritistas, por ocasião do VI Congresso Espírita Pan-Americano, em 1963, em Buenos Aires. Em decorrência disso, e devido ao enorme respeito que todos guardamos por um dos mais ilustres e respeitados pensadores do Espiritismo brasileiro, decidi publicar este pequeno e despretensioso artigo sobre tão polêmico assunto, para que se preste ao pesquisador espírita que se interesse pela delicada questão.

Eis na íntegra o referido artigo: [1]

“A mensagem que Pietro Ubaldi enviou ao VI Congresso Espírita Pan-Americano, realizado neste mês em Buenos Aires [outubro de 1963], vem causando estranheza nos meios doutrinários”. Depois de discorrer sobre a estagnação das religiões, o autor de A Grande Síntese chega às seguintes conclusões:

- 1 - O Espiritismo estacionou na teoria da reencarnação e na prática mediúnic;
- 2 - Não possuindo ‘um sistema conceptual completo’, não pode ele ser levado a sério pela cultura atual;
- 3 - A filosofia espírita é limitada, não oferece uma visão completa do Todo e ‘não abrange todos os momentos da lei de Deus’;
- 4 - O Espiritismo não construiu uma ‘teologia espírito-científico, que explique o que a católica não explica’;
- 5 - O Espiritismo ‘corre o perigo de ficar parado no nível Allan Kardec, como o catolicismo ficou no nível São Tomás e o protestantismo no nível Bíblia’.

Diante dessa situação, propõe Ubaldi a adoção, pelo Espiritismo, dos livros de sua autoria, abrangendo a ‘série italiana’ e a ‘série brasileira’. E explica: ‘Trata-se de um produto realizado de uma forma que permite que ele caiba dentro do Espiritismo, porque atingido por inspiração’, que é por ele julgada a mais alta forma de mediunidade, aquela consciente, controlada pela razão. E logo mais afirma: ‘Só assim o Espiritismo poderá avançar paralelo à ciência e exigir atenção de parte dos materialistas, porque usa a forma mental e os métodos racionais dele. Só assim o Espiritismo poderá sair do trilho dos costumeiros conceitos que se repetem nas sessões mediúnicas e colocar-se no nível do mais adiantado pensamento moderno, penetrando no terreno da filosofia e da ciência e situando-se na sua altura’.

A redação e a tradução dessa mensagem de Ubaldi, como se vê, por estes pequenos trechos, estão muito abaixo do texto de suas obras mais inspiradas, que pertencem à ‘série italiana’.

Por outro lado, verifica-se que faltou a Ubaldi a percepção necessária para captar o processo espírita em suas verdadeiras dimensões. O admirável médium de A Grande Síntese revela absoluta falta de acuidade e de compreensão da realidade espírita no mundo de hoje, onde o Espiritismo vem cumprindo serenamente a sua finalidade. A sua crítica ao Espiritismo, resumida nos cinco pontos acima, coincide com a dos adeptos menos instruídos na doutrina, e pode ser respondida, ponto por ponto, por qualquer adepto de inteligência e cultura medianas, que conheça a Doutrina Espírita. Por outro lado, o oferecimento de suas obras ao Espiritismo revela desconhecimento da natureza da nossa doutrina e das exigências metodológicas para a aceitação da proposta, que não cobre essas exigências. Ubaldi desenvolveu suas faculdades mediúnicas à margem do Espiritismo. Seu primeiro livro, A Grande Síntese, apresenta curioso paralelismo com o Espiritismo, o que lhe valeu a simpatia e a amizade dos espíritas brasileiros. Na Itália ou no Brasil, porém, Ubaldi recusou-se sempre a integrar-se no movimento espírita, filiando-se na península à corrente da Ultrafânia, do prof. Trespioli, que

pretende haver superado a concepção espírita. Em seu livro *As Noures*, Ubaldi nos oferece a concepção ultrafânica da mediunidade, na qual enquadra o seu caso pessoal. É uma pretenciosa concepção de mediunidade cósmica, fugindo à naturalidade e simplicidade das comunicações espirituais entre espíritos desencarnados e médiuns. As pretensões de Ubaldi o transformaram, de simples médium em autor messiânico, agora arvorado em reformador do Espiritismo.

Respondemos aos itens da sua crítica da seguinte maneira:

- 1 - O Espiritismo é uma doutrina evolucionista, como o provam as suas obras fundamentais e o seu imenso desenvolvimento em apenas cem anos de existência;
- 2 - O sistema conceptual espírita é completo e sua síntese está em *O Livro dos Espíritos*;
- 3 - A filosofia espírita não pode abranger o Todo e muito menos ‘todos os momentos da lei de Deus’, porque isso não está ao alcance de nenhuma elaboração mental, no plano relativo da vida terrena;
- 4 - A teologia espírita é limitada às possibilidades atuais do conhecimento de Deus, segundo ensina Allan Kardec, e essas possibilidades não admitem ainda a criação na Terra de uma teologia científica, nem dentro nem fora do Espiritismo;
- 5 - O ‘nível Allan Kardec’ não é o do Espiritismo, mas sim o ‘nível Espírito da Verdade’, de quem Kardec, segundo dizia, foi um ‘simples secretário’.

Encontrando-se, pois, nesse plano de revelação constante e progressiva, que é o da manifestação do Espírito da Verdade, segundo o próprio Kardec adverte, o Espiritismo está livre dos perigos da estagnação dogmática. Se, pelo contrário, adotasse as obras de Ubaldi para completá-lo, o Espiritismo cairia imediatamente no dogmatismo. Para cumprir sua missão, em todos os campos da atividade humana, o Espiritismo tem de manter-se como Ciência do Espírito (que investiga o elemento inteligente do Universo, paralelamente com a Ciência da Matéria, que investiga o elemento material); como Filosofia Livre, ‘sem os prejuízos do espírito de sistema’, segundo a expressão feliz de Kardec; e como Religião em Espírito e Verdade, de acordo com o anúncio do Cristo à Mulher Samaritana.

De nossa parte, não obstante o respeito que votamos ao médium e sua obra, altamente inspirada, não poderíamos dar-lhe outra resposta, além da que apresentamos nestas linhas. Se Ubaldi tivesse lido ‘*O Livro dos Espíritos*’ certamente jamais faria a proposta que fez. Mesmo porque a sua obra, como a de Flammarion, a de Delanne, a de Denis, a de Bozzano e tantas outras, longe de completar o Espiritismo, apenas procuram desenvolver alguns dos grandes temas que o Espiritismo levantou e sustenta no mundo moderno.”[2]

Essa missiva de Herculano Pires tornou-se famosa, prestando-se como poderoso veículo de defesa da grandeza da Doutrina Espírita, em detrimento da oferta de Ubaldi. A comissão redatora dos anais do VI Congresso Espírita Pan-americano respondeu às críticas e pretensões de Pietro Ubaldi transcrevendo, integralmente, os cinco itens acima enumerados por Herculano Pires. Acreditamos que todos os dirigentes espíritas, das diversas nações e entidades kardecistas ali representadas, tenham sido unânimes em aceitar as críticas ao oferecimento de Ubaldi, inflamados que se achavam em defesa dos postulados kardequianos, os quais não poderiam ser abalados, sobretudo em ocasião tão solene, como um Congresso reunindo os principais representantes espíritas da América Latina.

Infelizmente, esse lamentável mal-entendido demarcou a ruptura entre Ubaldi e os espíritas. Ubaldi, que não estava presente e não pôde argumentar em sua defesa, coisa também que não faria, dado seu caráter eminentemente evangélico e avesso a polêmicas, foi muito mal compreendido, resultando no infeliz e posterior rechaço à sua portentosa e visionária obra. Desde então, essa missiva exarada por Herculano Pires tem sido utilizada pelos espíritas como imbatível argumento para desestimular os estudiosos a se aproximarem de Ubaldi. O Profeta da Nova Era não somente passou a ser rechaçado com veemência nos grupos espíritas, como se tornou, logo depois, um ilustre desconhecido, com graves prejuízos para nossa ascense espiritual e a salutar e esperada evolução do Espiritismo. E assim, em nossa nação sobretudo, seus escritos eminentemente cristãos e sem dúvida a mais importante revelação espiritual dirigida ao homem do século XXI, passaram a ser rejeitados por aqueles que melhor detêm condições de compreendê-los: os espíritas, introduzidos nos estudos do pentateuco Kardequiano e amadurecidos pelas imprescindíveis obras de Chico Xavier.

Entrementes, a conclusão a que chegamos, depois de muitos anos de estudos tanto da Doutrina dos Espíritos quanto da obra de Ubaldi, é que se tratou de infeliz e precipitada conclusão, partida do desconhecimento do real significado do trabalho do Mensageiro da Úmbria e do entusiasmo partidário e fideísta que movia os congressistas. Muitos que assinaram aquela carta mal conheciam o seu livro fundamental, *A Grande Síntese*, e não detinham elementos seguros para emitir qualquer opinião abalizada sobre o restante de sua obra e seus mais sinceros propósitos.

Humberto Mariotti, então famoso presidente da CEA (Confederação Espírita Argentina) e ocupando também, na ocasião, a presidência do VI Congresso Pan-Americano, aceitou prontamente a crítica de Herculano Pires, apoiando o manifesto de rejeição a Ubaldi. Logo depois, entrementes, ao entrar em contato com a obra do Visionário da Úmbria, revelou ter sido esse o maior erro de sua vida. Ubaldi relata, após receber a visita do ilustre argentino, em 1965, que “(...) o Sr. Mariotti voltou muito satisfeito, concordando que houve um mal-entendido contra a minha oferta, porque jamais tive a intenção de formar grupo ou escola doutrinária contra o Espiritismo ou qualquer outra religião (...)”[3]

Analisemos cuidadosamente a missiva de Herculano Pires, a fim de convencer-nos de que se tratou de fato de um mal-entendido. Primeiramente é bom sabermos que a carta de Ubaldi não partiu de sua espontânea vontade. É bastante provável que o Apóstolo de Gúbio [4], possuidor de um caráter reservado e averso à imposição de ideias, não tomasse essa iniciativa por si mesmo. Se o fez, foi estimulado por um grande amigo seu, o diplomata português Dr. Manuel Emygdio da Silva, então cônsul de Portugal, residente em Montevidéu. É que nos relata José Amaral, [5] um dos biógrafos de Ubaldi, e que com ele conviveu por muitos anos. Manuel Emygdio, grande entusiasta da obra de Ubaldi, desejou divulgá-la entre os

espíritas, na certeza de que ela muito poderia enriquecer a Codificação Kardecista, e viu no VI Congresso Pan-Americano uma ótima oportunidade para seu intento. O melhor meio para isso, segundo deduzia, seria solicitar ao próprio Ubaldi oferecê-la aos espíritas. E assim nasceu a carta que o Missionário italiano dirigiu aos congressistas, reunidos em Buenos Aires, em 1963. Armava-se desse modo o lastimável acontecimento, fruto das melhores e mais nobres intenções tanto de Manuel Emygdio quanto do Apóstolo da Úmbria.

Infelizmente, os congressistas receberam a carta com desgosto e sentiram-se ofendidos com a dadivosa oferta de Ubaldi. Em resposta, afirmou Herculano Pires que “faltou a Ubaldi a percepção necessária para captar o processo espírita em suas verdadeiras dimensões”, acusando-o de “absoluta falta de acuidade e de compreensão da realidade espírita no mundo de hoje, onde o Espiritismo vem cumprindo serenamente a sua finalidade”.

Para quem leu e estudou as 24 obras de Ubaldi, isso não pode ser verdadeiro. Ubaldi conhecia sim, e profundamente, a obra espírita e a defendeu em diversas ocasiões. Vejamos, por exemplo, o que ele declarou em sua visita à Federação Espírita do Estado de São Paulo, em 1951: “(...) Eu tinha, aproximadamente, 26 anos e vivia em dúvida completa, pois, já golpeado profundamente pela dor, não conseguia atinar com as suas causas. Eu a atribuía aos erros cometidos por mim, ou por outros, mas isso não contribuía para eliminá-la. Investigava a filosofia, os vários sistemas filosóficos, porém, da mesma forma, não conseguia alívio algum. Estudava o espírito das religiões e, todavia, também isso não proporcionava consolação. Então, por acaso — digo acaso, mas por certo era obra da Providência — caiu em minhas mãos O Livro dos Espíritos de Allan Kardec. Eu era jovem, desorientado, não tinha, ainda, passado pela experiência dos grandes problemas da vida. Li com grande interesse e vos confesso que, em certo ponto, exclamei: Achei! ... Eureka! Poderia ter eu repetido, encontrei, encontrei finalmente a solução que eu procurava e que me esclareceu! Ela foi a primeira semente que deu origem ao meu adiantamento espiritual e daquele dia em diante foi-se tecendo a trama luminosa do esclarecimento de tal forma que, ampliando-se, ele penetrou a ciência, a filosofia, a religião, os problemas sociais e os problemas de todo o gênero. Devo, entretanto, confessar-vos precisamente aqui, nesta noite e neste local, que a Allan Kardec devo a primeira orientação e a solução positiva do problema mais complexo que, mais de perto, me interessava, considerando minha condição de ser humano. Com grande prazer recebi esta primeira orientação. (...) Esse primeiro jato de luz me veio há quarenta anos precisamente e hoje essa luz se completa no que eu ofereço, como eu disse antes, não criado por mim, mas recebido em conseqüência do esforço desenvolvido para ampliar o campo de aplicação daquela grande idéia, alcançando o seu objetivo final concretizado nos setores social, religioso, filosófico etc. E é interessante observar que, em conseqüência disso, eu, sem o saber, era espírita há quarenta anos. (...) Encontrei em toda a parte uma grande fé, uma grande assistência social. Bela realização! Isso me entusiasma! Encontrei nos lugares de cura não só a ciência, mas sobretudo, a fé. Agora, curar os doentes não só com os processos materiais, como se faz na Europa, mas aquecendo a alma deles com o Evangelho, explicando-lhes a causa das suas dores e ensinando-lhes o verdadeiro caminho para superá-las, partindo, em primeiro lugar da alma e não considerando, como o faz a ciência materialista moderna, o nosso corpo como um agregado de células — ou como o corpo de qualquer animal — isto é grandioso! Admirei esse fato! E falei na Itália e na Europa contra o interesse materialista que lá se imprime a todas ou a quase todas as instituições de cura dos doentes de todas as espécies.”[6]

Em outubro de 1955, em uma entrevista concedida ao Jornal Pernambuco Espírita, Ubaldi responde as seguintes perguntas: “O Sr. aceita o Espiritismo como doutrina cristã? R. Aceito o Espiritismo como doutrina eminentemente cristã e como tal, será aceito por todos, logo que se espalhe pelo mundo. Será a religião do terceiro milênio. Como encara a Codificação Kardequiana? R. É um trabalho que veio revolucionar o pensamento humano. Ela deu um sentimento completamente novo ao estudo da metafísica. Imprimiu um novo sentido no campo da bondade, da paciência e da caridade. Estabeleceu para o mundo um conteúdo moral muito elevado da justiça de Deus e seus atributos. Como sistema filosófico espiritualista, tem os principais elementos para constituir uma verdadeira filosofia.”[7]

Herculano Pires afirma também que “Ubaldi recusou-se sempre a integrar-se no movimento espírita, filiando-se na península à corrente da Ultrafânia, do prof. Trespioli, que pretende haver superado a concepção espírita”. Afirmativa que igualmente não é factível. Ubaldi, embora tenha sido criado sob os auspícios do catolicismo italiano, e embalado pelos encantos do franciscanismo que tanto amou, admitiu a doutrina espírita como o mais evoluído pensamento religioso, dentre todos que até então alimentaram a caminhada humana. Certamente, por isso ele veio para o Brasil, onde a Religião dos Espíritos encontrou o seu mais fértil campo de desenvolvimento. E não há relatos de que ele tenha se filiado à Ultrafânia, do prof. Trespioli.

Até a publicação de Deus e Universo, o 10º. livro de Ubaldi e o último escrito na Itália, obra divisora entre a revelação de Ubaldi e o Espiritismo, os espíritas aceitavam muito bem o trabalho do Apóstolo de Gúbio, os quais entendiam não representar ameaça alguma aos fundamentos da Codificação kardequiana. Tanto que foram os espíritas que o convidaram a proferir uma série de palestras em nossa nação em 1951 e o convenceram a transferir-se definitivamente para o nosso país, o que se deu a partir do ano posterior, e aqui ele permaneceu até o seu desenlace em 1972. No entanto, depois que os espíritas conheceram esse estupendo livro, rompe-se o encanto dos seguidores de Kardec com o Profeta do Espírito e suas revelações. Nessa magistral obra, seguramente o mais importante tratado teológico escrito no século XX, Ubaldi discorre sobre o processo de gênese e Queda do Espírito, imputando a formação da matéria, do espaço e do tempo a um processo de separação voluntária do Espírito do primal seio divino, dando origem ao nosso universo. Tal fundamental conceito não cabia nos alicerces estabelecidos pela interpretação kardecista, advindo daí a rejeição dos espíritas de todo o restante

trabalho de Ubaldi, a despeito do apoio que Chico Xavier inicialmente lhe proporcionara [8]. Ou seja, não foi Ubaldi que se desligou do Espiritismo brasileiro, mas os espíritas é que o rechaçaram e negaram a sua colaboração. Reconhecemos, contudo, que o rechaço de Ubaldi pelos espíritas foi providencial, pois o Profeta de Gúbio não poderia ter-se filiado estritamente ao Espiritismo. Sua obra teria se fechado no partidarismo religioso, deixando o caráter eminentemente universalista de que se revestiu. Compreendemos que assim haveria de ser, pois a verdade não deve ser partidária, não se limitando a nenhuma facção. Ubaldi, como um espírito superior, amava todas as religiões da Terra e se perfilhou, de fato, à universalidade e à imparcialidade, combatendo a nossa tendência inata de nos estabelecermos em grupos rivais e antagônicos, prontos a se digladiarem na arena do intelecto e da fé. Por isso, tendo por lema esse essencial propósito, ele não poderia, jamais, ter defendido a criação de um “ubaldismo”, como muitos espíritas passaram a condená-lo, vendo-o como uma ameaça ao Espiritismo. Vejamos uma de suas declarações a esse respeito: “Tenho estado entre católicos, espiritistas, protestantes; maometanos e budistas, entre seguidores de muitas religiões e filosofias e também entre ateus. E vi que essas distinções são mais de forma que de substância. Vi que na realidade só existem dois tipos de homens, qualquer que seja a religião a que pertençam; existem como que duas religiões fundamentais, — a do amor e a do orgulho. A primeira pertencem os bons, os humildes que perdoam, os que se aproximam do semelhante para compreender e para auxiliar; esses estão perto do bem e de Deus. A segunda religião pertencem os orgulhosos, que discutem para dominar, que desejam destruir para vencer, que se avizinham do semelhante com espírito de contenda, para fazer erguer-se o próprio eu; esses estão distantes do bem e de Deus. Trata-se de dois métodos opostos, que sob qualquer forma, religião ou filosofia, revelam sempre o homem e sua verdadeira religião, a do bem ou a do mal. Tenho ensinado sempre, com absoluta imparcialidade, essa religião mais substancial, que ensina sobretudo a amar. Quem agride, quem polemiza, se distancia do amor, que compreende sem discutir e resolve todas as questões perdoadando. Sem essa base, que é o fundamento do Evangelho e da natureza de Deus, qualquer religião se torna uma mentira, pois a verdade foi controvertida. Amar é a lei de Deus. Quem não ama, embora seja sábio e poderoso, não vive conforme a lei de Deus”[9].

Podemos afirmar, portanto, que Ubaldi não combateu o Espiritismo, sequer qualquer outra religião da Terra. Ele apenas veio ajudar-nos a compreender que a verdade não pertence à religião alguma, que todas, até mesmo o Espiritismo, contêm parte da verdade absoluta e devem se complementar. De forma escorreita, em sua magistral síntese monista, ele ensinou-nos a amar tanto as verdades espíritas quanto as católicas e reformistas, ensinando-nos, de forma surpreendente, a uni-las em uma grande verdade, superior a todas elas. Essencialmente aderidas ao Evangelho, suas lições são imprescindíveis para nos fazer ver que a revelação espírita não se antepõe ao Cristianismo primitivo, como pode julgar um observador parcial, mas, muito pelo contrário, as duas teologias se completam. Não conhecemos, portanto, pensamento mais adequado para unir com perfeição a Doutrina dos Espíritos aos alicerces teológicos cristãos estabelecidos no Novo Testamento. Conceitos como Reino de Deus, Ressurreição e Salvação, Céu e Inferno são, com Ubaldi, devidamente fundidos aos preceitos espíritas de evolução, reencarnação e vida após a morte. Somente depois de um aprofundado estudo sem preconceitos da obra de Ubaldi é que se pode chegar a essa constatação. Por tudo isso, pedimos aos espíritas sinceros que se eximam de negar e demolir o trabalho de Ubaldi de forma precipitada, pois correm o risco de estar combatendo, sem o perceberem, um enviado do Cristo e o próprio Evangelho.

Refere ainda Herculano Pires que o trabalho de recepção de correntes de pensamentos de Ubaldi seria “uma pretenciosa concepção de mediunidade cósmica, fugindo à naturalidade e simplicidade das comunicações espirituais entre espíritos desencarnados e médiuns”. E que, “as pretensões de Ubaldi o transformaram, de simples médium em autor messiânico, agora arvorado em reformador do Espiritismo”. Ubaldi, em sua simplicidade evangélica, jamais demonstrou tal pretensão de orgulho e pressentimos o quanto essas afirmações devem ter-lhe ferido a alma sensível. Emmanuel, através de Chico Xavier, afirmou que “Pietro Ubaldi interpreta o pensamento das altas esferas espirituais, de onde ele provém”, [10] portanto, o Apóstolo da Nova Era devia sentir seu real e permanente contato com planos elevados, o que o autorizava a apresentar-se como um missionário entre nós. Todavia, Ubaldi não se dignou elevar a voz em sua defesa, deixando que os fatos futuros e sua obra viessem a falar por si sós.

Hoje estamos plenamente convencidos de que Ubaldi é um real enviado do Cristo para ajudar-nos na recomposição das verdades necessárias à nossa caminhada evolutiva. Renegando-o com veemência e combatendo sua obra, sem dar-nos a oportunidade de examiná-la e constatar sua justa aferição ao Evangelho, incorremos no grave risco de estar “apedrejando” novamente um profeta entre nós. Basta lançar os olhos para a retaguarda da História para constatarmos que, em todos os tempos, rechaçamos em um primeiro momento todos os mensageiros que comparecem com verdades aparentemente diferentes das nossas convicções, parecendo ameaçar as certezas que tomamos por imutáveis. Somente mais tarde é que chegamos a alcançar e compreender suas revelações, colocando-os então nos pedestais de nossas venerações.

Ubaldi teve mesmo a pretensão de completar a Doutrina Espírita, como entendem os espíritas? O Espiritismo constitui de fato um “sistema conceptual espírita completo cuja síntese está em O Livro dos Espíritos”, não necessitando de complementos, como exara Herculano Pires? Ora, sendo a codificação kardequiana “uma doutrina evolucionista”, como muito bem a caracterizou o seu fundador e todos corroboram, ela não pode estar completa. Achando-se aberta, ela faz-se de fato um corpo filosófico, religioso e científico que necessita avançar sempre através de novos conhecimentos e renovação de suas verdades, a fim de acompanhar nosso progresso e nosso permanente amadurecimento evolutivo. Torna-se claro que não possuímos verdades absolutas e inamovíveis e deveremos estar preparados, em toda ocasião, para rever nossas mais bem estabelecidas convicções. Nossa natural tendência sempre foi fixarmos verdades como absolutas e

lutarmos contra qualquer modificação de nossos pilares de certezas, em todos os campos de nossa atuação. Não é diferente com o Espiritismo, pois tal é a natureza de todos que o seguimos. E o Espiritismo não se eximiu de subordinar-se à nossa parcial capacidade de interpretar as revelações que o Mundo Espiritual periodicamente nos envia, prendendo-se à restrita visão de mundo de uma era.

É inegável o quanto progrediu o pensamento humano desde o advento da Codificação espírita. Na época em que Kardec inquiria as mesas girantes, a mentalidade do século XIX sequer sonhava com a Física Relativista de Einstein, as estonteantes afirmativas da Mecânica Quântica ou mesmo as descobertas da Nova Cosmologia do século XXI. O homem ainda admitia viver em um universo ilimitado, subordinado ao tempo absoluto das leis newtonianas e embalsamado pelas concepções dualistas e dicotômicas do cartesianismo. Inevitavelmente, os conceitos semeados nas obras básicas permaneceram atrelados às concepções próprias da cosmovisão do século XIX e precisam ser urgentemente revistas.

Embora Kardec tenha estabelecido as bases de um pensamento eminentemente progressivo, nós, seus seguidores, no entanto, negamo-nos a fazer essa revisão. Transformamos os conceitos básicos de nossa doutrina em sólidos cânones, evidenciando-se que, em absoluto, não estamos “livres da estagnação dogmática”, como afirma Herculano Pires. Somos velhos e renitentes pensadores, habituados a fixar como colunas inamovíveis todas as verdades veiculadas pelas religiões a que nos afeiçoamos. Basta um pouco de sinceridade para admitir que nós, os espíritas (e não o Espiritismo em si), permanecemos hoje perfeitamente presos às revelações estabelecidas e interpretadas pelas limitadas mentes mediúnicas do século XIX.

Este pequeno texto não traz o escopo de ressaltar todos os pontos em que o Espiritismo requer evoluir. No entanto, basta olhar de fora a nossa Doutrina para constatar os tópicos nos quais ela precisa progredir e modificar conceitos fundamentais. Podemos citar como rápidos exemplos: a veemente refutação do importante fenômeno da Queda do Espírito, ainda que tal capital revelação integre a essência do Evangelho de Jesus, do qual não pode separar-se sem ferir-lhe os fundamentos.[11] A teimosa negação da inexistência de retrocessos na evolução do espírito, sendo que os fatos nos falam exatamente o contrário. A renitente fixação na interpretação de que ressurreição é exatamente reencarnação, sendo que o Evangelho e as próprias obras espíritas, sobretudo da autoria de Emmanuel, não corrobora essa definição. O inapelável conceito de que Reino de Deus é mero estado de alma, contrariando a ênfase que Jesus deu ao tema, tornando-o o objetivo maior de nossas vidas e do próprio universo em que vivemos. A criação do espírito em condição de simplicidade e ignorância não pode ser questionada nos meios espíritas sem que se levante não só obstinadas objeções, mas cega negação de se admitir qualquer outra possibilidade para a gênese do ser. A adoção do dualismo cartesiano como retrato da realidade, em uma época em que a própria ciência evolui a passos largos para afirmar o monismo universal. A visão de um Deus que cria permanentemente no Relativo, a partir do caos, enquanto assistimos a Cosmologia moderna remeter a gênese do cosmo às dimensões do Absoluto, fora do tempo e do espaço. E as arcaicas teorias embasada nos fluidos cartesianos que se mantêm mesmo ante o advento do eletromagnetismo de James Maxwell e das teorias de campo de Einstein. Enfim, vemos que trouxemos para os templos espíritas nosso velho hábito de compor cânones religiosos, tornando imutável uma doutrina estabelecida na superada cosmovisão do século XIX e suas inquestionáveis limitações epistemológicas. Basta folhearmos A Gênese, de Kardec, antepondo-a, em uma análise despojada de paixão, ao panorama que hoje a Nova Cosmologia nos acena ao entendimento, para percebermos com clareza que a maioria de seus preceitos e deduções estão hoje ultrapassados.

Desse modo, os defensores da chamada “pureza doutrinária” prestam um desserviço ao Espiritismo, pois, impondo-lhe franco misoneísmo, terminam por derruir um de seus mais belos alicerces: a capacidade de se modificar, acompanhando a evolução do pensamento humano. O resultado será o seu isolamento nas arcaicas concepções do século XIX, distanciando-se da efervescente ciência do século XXI.

E pretender caminhar sempre não pode ser um erro, pois é o próprio Espiritismo, doutrina progressista por excelência, que nos concita a seguir adiante, sem jamais nos deter, através das sábias palavras do Codificador, exaradas em A Gênese: “Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificará nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará”[12].

Julgamos, portanto, um erro acatar a afirmação de Herculano Pires de que “o sistema conceptual espírita é completo”. Ora, nenhuma doutrina existente na Terra é capaz de gabar-se de possuir um sistema conceptual completo, pois estamos em evolução e não atingimos o ápice do conhecimento. Pelo contrário, estamos muito longe disso e, se aprofundarmos nossos questionamentos, compreenderemos que apenas nos introduzimos no ilimitado conhecimento de Deus e de Sua Criação. O próprio O Livro dos Espíritos não é uma obra acabada, como muito bem a caracterizou os Espíritos que a ditaram – na questão 18 desse livro, por exemplo, eles sustentam: “O véu se levanta a seus olhos à medida que o homem se depura; mas, para compreender certas coisas, são-lhe precisas faculdades que ele ainda não possui”. Na questão 182, completam: “Nós, os Espíritos, só podemos responder de acordo com o grau de adiantamento em que vos achais”. [13] Além disso, compreendemos que os próprios Espíritos que acompanham de perto nossa caminhada estão também em evolução e não atingiram o ápice do saber absoluto. Por isso, afirmam-nos, com sinceridade, em A Gênese de Kardec: “Há questões que nós mesmos, espíritos amantes da ciência, não podemos aprofundar e sobre as quais não poderemos emitir senão opiniões pessoais, mais ou menos hipotéticas”. [14]

Por tudo isso, está certo o Apóstolo de Kardec, que se contradiz ao admitir que “a filosofia espírita é limitada, não oferece uma visão completa do Todo e não abrange todos os momentos da lei de Deus”. E é certo que “isso não está ao alcance de

nenhuma elaboração mental, no plano relativo da vida terrena”, como acertadamente conclui Herculano Pires. Ubaldi também não teve a pretensão de abranger com sua revelação “todos os momentos da Lei de Deus”, mas caracteriza-se perfeitamente como um enviado dos Planos Superiores para nos fazer progredir nesse intento que atingiremos somente nos altiplanos da evolução.

O grande filósofo italiano, espírito de alta estirpe e permanentemente conectado a Esferas Superiores, percebeu claramente que nossa Doutrina não é um corpo completo de ensinamentos e necessitava continuar sua vitoriosa carreira de servir-se como um farol para a caminhada humana. A visão monista de Deus e da Criação que se desdobrou ante seu elevado espírito evidenciou-lhe com clareza que as religiões da Terra, inclusive o Espiritismo, estão estacionadas em compreensões parciais e monoteístas, o que lhes impede de avançar um passo mais rumo a uma compreensão mais abrangente da realidade. Assentado nessa evoluída compreensão, Ubaldi pôde vislumbrar os pontos em que o entendimento espírita, embora um dos mais evoluídos que nossa humanidade já alcançou, ainda precisa progredir. O espírita, no entanto, encerrado em cânones religiosos, julga, de modo geral, que se trata de grave despropósito afirmar que uma religião veiculada por Espíritos superiores possa conter verdades incompletas ou equívocas interpretativos, por isso nega veementemente que nossa Doutrina necessite de complementos. Infelizmente, trata-se de postura equivocada que somente aquele que analisou cuidadosa e desapassionadamente a revelação do Apóstolo da Úmbria pode constatar. Portanto, a oferta de Ubaldi não foi uma pretensão ou uma orgulhosa ofensiva de alguém que almeja corrigir verdades alheias, mas a doação amorosa de um pensador que foi capaz de divisar muito além de nossa parca percepção.

Entendemos que é perfeitamente compreensível que o espírita não identifique por si só as barreiras que cerceiam a Codificação Kardequiana. Precisamos de alguém que olhe de fora nossas verdades para indicar-lhes os limites e os pontos falhos. Comumente, no entanto, em decorrência de nosso natural misoneísmo, não recebemos de bom grado aqueles que nos apontam as falhas de compreensão, sobretudo no terreno religioso, e vemos até mesmo como uma grave ofensa quem se arvora a enumerá-las. Por isso, é perdoável o fato de a referida carta de Ubaldi ter provocado um mal-estar entre todos os congressistas latino-americanos. Não é fácil aceitar que “a filosofia espírita é limitada, não oferece uma visão completa do Todo” e “não abrange todos os momentos da lei de Deus”, como diz Ubaldi. Somente quem pôde penetrar nas revelações trazidas pelo Profeta de Gúbio habilita-se a vislumbrar a incompletude da Doutrina Espírita. E tal afirmação não é um desacato ou ultraje. Muito pelo contrário, é fruto da nobre intenção de quem somente quer ajudar.

Basta desvestirmo-nos de nossos brios para constatar com facilidade os pontos em que nossa Doutrina encontra-se incompleta. Como exemplo, consideremos as revelações sobre as primeiras origens de tudo que existe, contidas no pentateuco kardequiano. Hoje, com os conhecimentos que temos, torna-se evidente que esses primeiros ensaios da Doutrina Espírita não poderiam esclarecer-nos em definitivo os mistérios da gênese original do espírito. Os naturais óbices do homem do século XIX impediam que importantes conceitos sobre esse tema fossem-nos então revelados. Encontramos prova disso na obra fundamental, O Livro dos Espíritos: na questão 49, por exemplo, as próprias entidades orientadoras de Kardec informam-nos que “O princípio das coisas está nos segredos de Deus”. Na questão 78, em resposta à pergunta se os Espíritos tiveram princípio, a entidade reitera: “(...) quando e como cada um de nós foi feito, repito-te, ninguém o sabe: aí é que está o mistério”. Na questão 81, novamente, respondendo a Kardec sobre a formação dos espíritos, eles acentuam: “Deus os cria, como a todas as outras criaturas, pela Sua vontade. Mas, repito ainda uma vez, a origem deles é mistério.”

Pelo que nos consta, caberia a Ubaldi fazer-nos evoluir um pouco quanto ao conhecimento da gênese primeira do Espírito. Nas referidas obras Deus e Universo e O Sistema, o Apóstolo da Úmbria pôde vislumbrar com suas apuradas antenas psíquicas como se deu a formação dos Filhos de Deus, no seio imaculado do Criador, fora do tempo e do espaço. Em decorrência disso é que se achava devidamente autorizado a escrever aos congressistas reunidos em Buenos Aires em 1963: “O Espiritismo não possui uma teologia que nos esclareça a respeito das primeiras origens do universo e do plano geral da criação, nem os Espíritos revelaram coisa importante nesse assunto. E esses não são problemas longínquos, porque, sem conhecer a primeira fonte de tudo, não se pode conhecer a razão pela qual o nosso mundo está feito dessa maneira e não de outra; e temos de nos conduzir conforme determinados princípios éticos. A atual filosofia espírita é limitada e não nos dá uma visão completa do todo, não explica, pelo menos numa visão de conjunto, todos os aspectos e não abrange todos os momentos da Lei de Deus. Quem entrou nesse terreno viu que há horizontes sem fim, que as religiões ainda não suspeitaram (...)”.[15]

É ainda pelo mesmo motivo que Ubaldi pôde afirmar, encerrando suas palavras na entrevista do Jornal Pernambuco Espírita: “[O Espiritismo] necessita de um estudo mais desenvolvido. A codificação kardequiana tem todos os princípios científicos em estado de embrião. A ciência oficial de hoje não os encara como coisa séria. É preciso, pois, que alguém de responsabilidade, apareça para incentivar o estudo das doutrinas dos espíritos nos meios científicos, norteando-lhes o verdadeiro estudo, fazendo com que a ciência oficial siga-lhes as pegadas. E no campo experimental, dentro das instituições espíritas, dar uma nova feição ao estudo da mediunidade hoje tão malbaratada nesses centros de estudos”.[16]

Essa postura não invalida o reconhecimento, como nos afirma Herculano Pires, de que houve de fato “imenso desenvolvimento em apenas cem anos de existência” do pensamento espírita. No entanto, é forçoso reconhecer que esse progresso atingiu apenas as áreas de atuação social do Espiritismo e de detalhamento da vida após-túmulo, através da brilhante mediunidade de Chico Xavier. Os pilares fundamentais do pentateuco kardequiano não se moveram e permanecem absolutamente intocáveis, sendo hoje uma verdadeira heresia pretender modificá-los. Tal postura seguramente exerce sobre qualquer médium um forte obstáculo à recepção de mensagens que venham a contrariá-los.

Evidencia-se ainda que não podemos concordar com nosso ilustre escritor e respeitado pensador espírita ao assegurar a “impossibilidade de estabelecer-se na Terra uma teologia científica, nem dentro nem fora do Espiritismo”. A verdade é uma só e tanto a ciência quanto as religiões que a buscam afanosamente encontrar-se-ão no avanço da caminhada humana. Nosso progresso inevitavelmente conduzir-nos-á à completa fusão do pensamento científico com o religioso, permitindo-nos realizar com perfeição a tão sonhada síntese do conhecimento humano. Negará essa possibilidade somente quem ainda não observou o amadurecimento da ciência moderna e sua inevitável intromissão nos mais recônditos segredos do Universo. De modo que o estabelecimento de uma Teologia perfeitamente aderida à Ciência torna-se a cada dia mais viável, levando-nos facilmente a vislumbrar no horizonte próximo o dia em que a Religião se tornará Ciência e a Ciência se converterá em Religião.

Sabemos que uma árvore somente se conhece pelo seu fruto, portanto, temos que degustá-lo, nós mesmos, a fim de formularmos uma opinião segura e abalizada sobre o seu valor, antes de qualquer crítica. Sugerimos assim que todo aquele se sinta atraído pela obra de Ubaldi que se atire ao exame de seu trabalho, sem considerar as opiniões parciais emitidas por importantes espíritas de nossa nação, ainda que relevantes. Que comece por Grandes Mensagens, detendo-se apenas no seu último livro, Cristo. Somente depois dessa análise cuidadosa é que ele poderá formular a sua particular opinião sobre Ubaldi. E unicamente depois disso é que aceitaremos como valioso o seu julgamento, ainda que desfavorável.

Portanto, não podemos considerar válido apoiar-se na carta do Apóstolo de Kardec, exarada no Congresso Espírita de 1963, para julgar e negar o trabalho de Ubaldi. Trata-se de atitude precipitada ante a qual o estudioso sincero poderá, assim como Humberto Mariotti, arrepender-se mais tarde, deixando passar a mais valiosa contribuição à nossa mais rápida emersão nos planos superiores da evolução. E podemos adiantar que ainda não conhecemos alguém que se aprofundou na obra de Ubaldi para posteriormente negar o seu imenso valor como genuína ferramenta, indispensável à nossa jornada evolutiva.

Se faltar-nos referenciais para validar as revelações de Ubaldi, sugerimos fazer do Evangelho de Jesus nosso mais fiel guia da verdade. Após cuidadosa análise de sua obra será muito difícil a qualquer leitor e estudioso negar que as lições do Missionário da Úmbria estão, mais do que qualquer outro, essencialmente aderidas aos ensinamentos do Cristo. Afirmar que aquele que desconhece Ubaldi rejeita e somente poderá compreender e aceitar depois de analisar todo o seu trabalho.

Nossa voz, nesta desprezível missiva, nada significa, é nada mais que um pequeno sussurro, no entanto, ela se apõe a contundentes vozes como a de Chico Xavier, de Carlos Torres Pastorino, a do professor Henrique Rodrigues, de Clovis Tavares, Rubens Romanelli, a do próprio Humberto Mariotti, que terminou por defender Ubaldi, e de tantos outros nomes que a cada dia vêm se juntando a um grande movimento que visa restabelecer as lições de Ubaldi, sobretudo no meio espírita, a fim de impulsionar a nossa tão amada doutrina rumo à sua real destinação: a construção de um novo homem e um novo mundo nas sombrias plagas terrenas, embasado no Evangelho do Cristo.

Respeitamos, e muito, as abalizadas conclusões de Herculano Pires, em vários campos do conhecimento espírita. Reconhecemos o inestimável valor de suas obras. Todavia, concluímos que o eminente pensador equivocou-se na avaliação do trabalho de Ubaldi. Nesse caso, ficamos com Ubaldi e concluímos que o episódio do Congresso Pan-americano de 1963 deve ser esquecido como o mais infeliz marco da história do Espiritismo brasileiro e latino.

Encerramos com a declaração de Carlos Torres Pastorino, outro conceituado pensador espírita, profundo conhecedor do Evangelho e autor de importantes obras: “Para quem lê Kardec superficialmente, detendo-se nas palavras impressas, a teoria de Pietro Ubaldi pode parecer ‘herética’, mas aos que lêem o mestre penetrando as entrelinhas das respostas dos Espíritos, tão sábias e profundas, nada lhes parece de contraditório”. [17] O autor de A Sabedoria do Evangelho, que também traduziu importantes obras de Ubaldi, concita-nos assim a completar os estudos espíritas com os livros do Apóstolo de Gúbio, para imenso proveito de nosso progresso espiritual e o inegável avanço da Codificação Kardequiana.

Que as luzes do Alto não nos faltem a fim de não nos perdermos nas ainda sombrias veredas da vida por onde, indecisos, ainda perambulamos. ova Lima, verão de 2014 - Gilson Freire

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) KARDEC, Allan. A Gênese. 17ª ed. Rio de Janeiro: F. Espírita Brasileira, 1975.
- 2) KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 79ª ed. Rio de Janeiro: Fed. Espírita Brasileira, 1997.
- 3) RIZZINI, Jorge. J. Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec. Edit. PAIDÉIA, São Paulo/SP, 2001.
- 4) UBALDI, Pietro. Grandes Mensagens. 6ª Ed. I. P. UBALDI, Campos dos Goytacazes, RJ, 2012.
- 5) UBALDI, P. O Sistema. Ed. do INSTIT. P. UBALDI, Campos dos Goytacazes, RJ, 2012.

SITES CONSULTADOS:

- 1) <http://www.herculanopires.org.br/apostolo-abertura/341-pietroubaldi>
- 2) <http://www.ofrancopaladino.pro.br/mat341.htm>.
- 3) <http://www.ubaldibh.org/index.php/publicacoes-e-mensagens/entrevista-com-pietro-ubaldi>.
- 4) <http://www.ubaldi.org/>

[1] RIZZINI, Jorge. J. Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec. Editora PAIDÉIA, São Paulo/SP, 2001 - pág. 247 a 251.

- [2] Está carta encontra-se ainda publicada nos sites: <http://www.herculanopires.org.br/apostolo-abertura/341-pietroubaldi> e <http://www.ofrancopaladino.pro.br/mat341.htm>.
- [3] UBALDI, Pietro. Grandes Mensagens. Ed. do INSTITUTO PIETRO UBALDI, Campos dos Goytacazes, RJ – Segunda Parte, cap. 17, pág. 64.
- [4] Ubaldi nasceu na cidade de Gúbio, na região da Úmbria, no centro da Itália, e por isso Chico Xavier assim o denominou em uma de suas cartas dirigidas a Clóvis Tavares.
- [5] Informação que consta apenas nas quatro primeiras edições da obra Grandes Mensagens, no cap. XII, terceira parte, pág. 228, da 4ª edição.
- [6] UBALDI, Pietro. Grandes Mensagens. Ed. do INSTITUTO PIETRO UBALDI, Campos dos Goytacazes, RJ – Terceira Parte, cap. 3, pág. 197.
- [7] Entrevista publicada no site <http://www.ubaldibh.org/index.php/publicacoes-e-mensagens/entrevista-com-pietro-ubaldi>.
- [8] Para quem ainda não se deu conta de que o conceito de Queda do Espírito está inserido na Doutrina Espírita, recomendamos a leitura do artigo “Referências da Queda na Codificação Espírita e na Obra de Chico Xavier” disponível em <http://www.gilsonfreire.med.br/index.php/ubaldianos/a-queda-na-doutrina-espirita>
- [9] UBALDI, Pietro. Grandes Mensagens. Ed. do INSTITUTO PIETRO UBALDI, Campos dos Goytacazes, RJ – segunda parte, cap. 6, pág. 212.
- [10] UBALDI, Pietro. Grandes Mensagens. Ed. do INSTITUTO PIETRO UBALDI, Campos dos Goytacazes, RJ – Segunda Parte, cap. 4, pág. 61.
- [11] Para quem ainda não se deu conta de que o conceito de Queda do Espírito está inserido na Doutrina Espírita, recomendamos a leitura do artigo “Referências da Queda na Codificação Espírita e na Obra de Chico Xavier” disponível em <http://www.gilsonfreire.med.br/index.php/ubaldianos/a-queda-na-doutrina-espirita>
- [12] KARDEC, Allan. A Gênese. 17ª ed. Rio de Janeiro: F. E. Brasileira, 1975 – cap. I, item 55.
- [13] KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 79ª ed. Rio de Janeiro: F. Espírita Brasileira, 1997.
- [14] KARDEC, Allan. A Gênese. 17ª ed. Rio de Janeiro: F. E. Brasileira, 1975– cap. 6, tópico 6.
- [15] Ubaldi, Pietro. Grandes Mensagens, 4ª ed., cap. XII, terceira parte, pág. 230.
- [16] A entrevista completa acha-se publicada na íntegra no site <http://www.ubaldibh.org/index.php/publicacoes-e-mensagens/entrevista-com-pietro-ubaldi>.
- [17] UBALDI, Pietro. O Sistema. Ed. do I. P. UBALDI, Campos dos Goytacazes, RJ, 2012 – p. 9.



Augusto dos Anjos
1884 -1914

36 - SUA VOZ – AUGUSTO DOS ANJOS

Nesta síntese orgânica da ciência,
Fala Jesus em toda a substância,
Desde a mais abscondita reentrância,
Das Leis maravilhosas da existência

Sua Voz é a divina concordância
Com o Evangelho, em luz, verdade e essência,
Neste instante de amarga decadência
Da civilização de angústia e ânsia.

Alma humana, que dormes na albumina,
Desperta às claridades da doutrina
Deste Evangelho regenerador! ...

Fala-te O Mestre, do seu trono de astros.
Ouve-lhe a Voz! ... Caminha!... Vem de rastros
E escuta a Grande Síntese do Amor!
CAPÍTULO III

A guisa de introdução ao estudo da Queda Espiritual, sobre a qual reunimos uma lista de valiosos apontamentos, apresentaremos a seguir vários artigos publicados por Kardec na Revista Espírita e em A Gênese, versando o tema citado.

37 - Revista Espírita Jornal de Estudos Psicológicos - ANO V - JANEIRO DE 1862 No 1
Tradução de Evandro Noleto Bezerra

Ensaio de Interpretação sobre a Doutrina dos Anjos Decaídos^{1, 2} A questão das origens sempre excitou a curiosidade, sobretudo no que respeita à procedência do homem, e em tal proporção que hoje é impossível às criaturas sensatas aceitarem ao pé da letra o relato bíblico, nele vendo apenas uma dessas alegorias de que é pródigo o estilo oriental. Aliás, a Ciência vem oferecer-lhe a prova ao demonstrar, por meios irrefutáveis, a impossibilidade material da formação do globo em seis vezes vinte e quatro horas. Ante a evidência dos fatos, escritos em caracteres irrecusáveis nas camadas geológicas, a Igreja teve de se submeter à opinião dos sábios e com eles concordar que os seis dias da Criação representam 1 N. do T.: Essa teoria é aqui apresentada como simples hipótese e a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão. Faltava, então, a Allan Kardec, elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Mais tarde, já havendo passado pela prova do controle universal, foi ela inserida em A Gênese, capítulo XI, item 43 e seguintes, integrando, definitivamente, o corpo doutrinário do Espiritismo. É por isso que dissemos, na introdução ao volume I (1858 – Notas do Tradutor), que a Revista Espírita era uma espécie de tribuna livre, na qual Allan Kardec sondava a reação dos homens e a impressão dos Espíritos acerca de determinados assuntos, ainda hipotéticos e mal compreendidos, enquanto lhes aguardava a confirmação. 2 Nota d REVISTA ESPÍRITA 16 seis períodos de extensão indeterminada, como fizera outrora em relação ao movimento da Terra. Se, pois, o texto bíblico é susceptível de interpretação quanto a este ponto capital, também poderá sê-lo em relação a outros pontos, notadamente sobre a época do aparecimento do homem na Terra, sua origem e o sentido que deve ser atribuído à qualificação de anjos decaídos. Como o princípio das coisas está nos segredos de Deus, que no-lo não revela senão à medida que o julga conveniente, ficamos reduzidos a conjecturas. Muitos sistemas foram imaginados para resolver esta questão, mas nenhum, até hoje, satisfaz completamente à razão. Tentaremos, também, levantar uma ponta do véu. Seremos mais felizes do que os nossos antecessores? Ignoramo-lo; só o futuro dirá. A opinião que apresentamos é, pois, uma opinião pessoal; parece concordar com a razão e a lógica, o que, aos nossos olhos, lhe dá certo grau de probabilidade. Antes de tudo, constatamos que só é possível descobrir alguma parcela da verdade com o auxílio da teoria espírita; ela já resolveu uma imensidão de problemas até agora insolúveis, e é com a ajuda das balizas que ela nos oferece que vamos tentar remontar à cadeia dos tempos. O sentido literal de certas passagens dos livros sacros, contraditado pela Ciência, repellido pela razão, produziu muito mais incrédulos do que se pensa, dada a obstinação de fazer daquilo um artigo de fé. Se uma interpretação racional os fizesse aceitar, evidentemente reaproximaria da Igreja os que dela se afastaram. Antes de prosseguir, é essencial que nos entendamos sobre as palavras. Quantas disputas não deveram a sua perpetuação à ambigüidade de certas expressões, que cada um tomava no sentido de suas idéias pessoais! Nós o demonstramos, em O Livro dos Espíritos, a propósito do vocábulo alma. Dizendo claramente em que acepção a tomávamos, cortamos pela raiz qualquer controvérsia. A palavra anjo está no mesmo caso; empregam-na JANEIRO DE 1862 17 indiferentemente, no bom e no mau sentido, dizendo: os anjos bons e maus, o anjo da luz e o anjo das trevas, donde se segue que, em sua acepção geral, significa apenas Espírito. Evidentemente é neste último sentido que deve ser entendido, ao se falar de anjos decaídos e de anjos rebeldes. Conforme a Doutrina Espírita, nisto concordando com vários teólogos, os anjos não são seres de criação privilegiada, isentos, por um favor especial, do trabalho imposto aos outros, mas de Espíritos chegados à perfeição por seus esforços e por seus méritos. Se fossem seres criados perfeitos, sendo a revolta contra Deus um sinal de inferioridade, os que se revoltassem não poderiam ser anjos. Também nos diz a doutrina que os Espíritos progridem, mas não retrogradam, porquanto jamais perdem as qualidades adquiridas. Ora, a rebelião por parte de seres perfeitos seria uma retrogradação, desde que ela só se concebe partindo de seres ainda atrasados. Para evitar qualquer equívoco, conviria reservar a qualificação de anjos para os Espíritos puros e chamar os demais simplesmente de Espíritos bons ou maus. Como, entretanto, prevaleceu o emprego dessa palavra para os anjos decaídos só o tomaremos na sua acepção geral. Ver-se-á, neste caso, que a idéia de queda e de rebelião é perfeitamente admissível. Não conhecemos, e provavelmente jamais conheceremos, o ponto de partida da alma humana. Tudo quanto sabemos é que os Espíritos são criados simples e ignorantes; que progridem intelectual e moralmente; que, em virtude do livre-arbítrio, uns tomaram o bom caminho, outros um caminho errado; que, uma vez posto o pé no atoleiro, nele se afundaram cada vez mais; que, depois de uma série ilimitada de existências corporais, realizadas na Terra e em outros mundos, depuram-se e alcançam a perfeição, que os aproxima de Deus. Um ponto de difícil compreensão é a formação dos primeiros seres vivos na Terra, cada um em sua espécie, desde a REVISTA ESPÍRITA 18 planta até o homem. A esse respeito, a teoria contida em O Livro dos Espíritos se nos afigura a mais racional, conquanto só incompletamente e de maneira hipotética resolva esse problema, que reputamos insolúvel, tanto para nós, quanto para a maioria dos Espíritos, a quem não é dado penetrar o

mistério das origens. Se os interrogamos a respeito, os mais sábios respondem que não o sabem; mas outros, menos modestos, tomam a iniciativa e a postura de reveladores, ditando sistemas, produto de idéias pessoais, que apresentam como verdade absoluta. É contra a mania dos sistemas de certos Espíritos, em relação ao princípio das coisas, que devemos nos precaver. O que, aos nossos olhos, prova sabedoria dos que ditaram O Livro dos Espíritos, é a reserva que souberam guardar sobre questões dessa natureza. Em nossa opinião não é prova de sabedoria decidir essas questões de maneira absoluta, como fazem alguns, sem se inquietarem com impossibilidades materiais resultantes dos dados fornecidos pela Ciência e pela observação. O que dizemos da aparição dos primeiros homens na Terra se estende à formação dos corpos, porque, uma vez formado o corpo, é mais fácil conceber que o Espírito venha tomar conta dele. Considerando os corpos, o que nos propomos a examinar aqui é o estado dos Espíritos que os animaram, a fim de chegar, se possível, a definir, de modo mais racional do que se tem feito até agora, a doutrina da queda dos anjos e do paraíso perdido. Se não admitirmos a pluralidade das existências corpóreas, forçoso é concordar que a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo. Porque, de duas uma: ou a alma que anima o corpo ao nascer já viveu, ou não viveu ainda; entre as duas hipóteses não há meio-termo. Ora, a segunda hipótese, aquela de que a alma não tenha vivido, enseja uma porção de problemas insolúveis, tais como a diversidade de aptidões e de instintos, incompatíveis com a justiça de Deus, a sorte das crianças que morrem em tenra idade, a dos cretinos, dos idiotas, etc., enquanto tudo se explica naturalmente se admitirmos que a alma já viveu e traz, ao encarnar em um novo corpo, o que havia adquirido JANEIRO DE 1862 19 anteriormente. É assim que as sociedades progredem gradativamente; sem isto, como explicar a diferença existente entre o atual estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas fossem criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que hoje nascem seriam absolutamente novas, tão primitivas quanto as que viviam há milhares de anos; acrescente-se que entre elas não haveria nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; que seriam completamente independentes umas das outras. Por que, então, as almas de hoje seriam mais bem favorecidas por Deus que as antepassadas? Por que compreenderiam melhor? Por que têm instintos mais depurados, hábitos mais suaves? Por que têm a intuição de certas coisas, sem as terem aprendido? Desafiamos que saiam dessa dificuldade, a menos que se admita tenha Deus criado almas de diversas qualidades, segundo os tempos e os lugares, proposição inconcebível com idéia de uma justiça soberana. Dizei, ao contrário, que as almas de hoje já viveram em épocas recuadas; que foram bárbaras como o seu século, mas progrediram; que em cada nova existência trazem as aquisições das existências anteriores; que, por conseguinte, as almas dos tempos civilizados não foram criadas mais perfeitas, mas se aperfeiçoaram com o tempo. Só assim tereis a única explicação plausível da causa do progresso social. Tiradas da teoria da reencarnação, estas considerações são essenciais para a compreensão de um fato de que falaremos daqui a pouco. Embora os Espíritos possam reencarnar-se em diferentes mundos, parece que, em geral, realizam um certo número de migrações corporais no mesmo globo e no mesmo meio, a fim de poderem aproveitar melhor a experiência adquirida; não saem desse meio senão para entrar num pior, por punição, ou num melhor, como recompensa. Disso resulta que, durante um certo período, a população do globo é composta mais ou menos pelos mesmos Espíritos, que ali reaparecem em diversas épocas,¹⁹

até atingirem um grau de depuração suficiente para merecerem habitar mundos mais adiantados. Conforme o ensino dado pelos Espíritos superiores, essas emigrações e imigrações dos Espíritos encarnados na Terra ocorrem de vez em quando, individualmente; porém, em certas épocas, se realizam em massa, em consequência das grandes revoluções que os fazem desaparecer em quantidades consideráveis, sendo substituídos por outros Espíritos que, de alguma sorte, na Terra ou numa parte da Terra, constituem uma nova geração. O Cristo pronunciou uma frase notável que, como muitas outras tomadas ao pé da letra, não foi compreendida, pois ele quase sempre falava por imagens e parábolas. Anunciando as grandes transformações no mundo físico e no mundo moral, disse Ele: Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça. Ora, a geração do tempo do Cristo passou há mais de dezoito séculos sem que essas coisas tivessem acontecido. Disso devemos concluir que o Cristo ou se enganou – o que não é admissível – ou que suas palavras tinham um sentido oculto e foram mal interpretadas. Se agora nos reportarmos ao que dizem os Espíritos, não apenas a nós, mas pelos médiuns de todos os países, chegamos ao cumprimento dos tempos preditos, a uma época de renovação social, isto é, a uma época de uma dessas grandes emigrações dos Espíritos que habitam a Terra. Deus, que os havia enviado para se melhorarem, os deixou aqui o tempo necessário para progredirem. Fez-lhes conhecer suas leis, primeiro por Moisés, depois pelo Cristo; advertiu-os pelos profetas; em suas reencarnações sucessivas puderam aproveitar esses ensinamentos; agora os tempos são chegados e aqueles que não aproveitaram a luz, que violaram as leis de Deus e ignoraram o seu poder deixarão a Terra, onde, doravante, estariam 3 N. do T.: Mateus, 24:34; Marcos, 13:30; e Lucas, 21:32. JANEIRO DE 1862 21 deslocados do meio pelo progresso moral que se realiza e ao qual não poderiam trazer senão obstáculos, quer como homens, quer como Espíritos. A geração a que o Cristo se referia, não podendo ser a dos homens que viviam em seu tempo, corporalmente falando, deve ser entendida pela geração dos Espíritos que na Terra percorreram os diversos períodos de suas encarnações e que irão deixá-la. Serão substituídos por uma nova geração de Espíritos que, mais avançados moralmente, farão reinar entre si a lei de amor e de caridade ensinada pelo Cristo e cuja felicidade não será perturbada pelo contato dos maus, dos orgulhosos, dos egoístas, dos ambiciosos e dos ímpios. Pareceria mesmo, no dizer dos Espíritos, que entre as crianças que nascem atualmente, muitas são a encarnação de Espíritos dessa nova geração. Quanto aos da antiga geração, que houverem bem merecido, mas que, no entanto, não tiverem ainda atingido um grau de depuração suficiente para alcançarem os mundos mais adiantados, poderão continuar a habitar a Terra e aqui passar ainda algumas encarnações; mas, ao invés de ser isto uma punição, será uma recompensa, visto que serão mais felizes por progredirem. O tempo em que desaparece uma geração de Espíritos para dar lugar a outra pode ser considerado como o

fim do mundo, isto é, do mundo moral. Em que se tornarão os Espíritos expulsos da Terra? Os próprios Espíritos nos dizem que aqueles irão habitar mundos novos, onde encontrarão seres ainda mais atrasados que os daqui, aos quais estão encarregados de fazer progredir, transmitindo-lhes o produto dos conhecimentos que já adquiriram. O contato do meio bárbaro em que se acham ser-lhes-á uma cruel expiação e uma fonte de incessantes sofrimentos, físicos e morais, dos quais terão tanto mais consciência quanto mais desenvolvida for a sua inteligência; mas essa expiação será, ao mesmo tempo, uma missão que lhes oferecerá os meios de resgatar o passado, conforme a maneira pela qual a desempenharem. Aí sofrerão uma série de encarnações, durante um período de tempo mais ou menos longo, no fim do qual os que tiverem merecimento serão retirados para mundos melhores, talvez a Terra, que, então, será uma morada de felicidade e de paz, enquanto os da Terra, por sua vez, ascenderão gradualmente até o estado de anjos ou puros Espíritos. É muito demorado, dirão alguns. Não seria mais agradável ir diretamente da Terra ao Céu? Sem dúvida, mas com esse sistema tendes a alternativa de ir, de uma só tacada, da Terra para o Inferno, e pela eternidade das eternidades; ou, então, admitir que a soma das virtudes necessárias para ir diretamente da Terra ao Céu, sendo muito rara, poucos homens estarão seguros de as possuir. Disso resulta que maior é a probabilidade de se ir para o inferno do que para o paraíso. Não é preferível fazer uma caminhada mais longa e estar seguro de chegar ao fim? No estado atual da Terra ninguém se preocupa de a ela voltar, e nada a isso obriga, pois depende de cada um, enquanto aqui se encontra, progredir de tal modo que possa merecer ascender a orbes mais adiantados. Nenhum prisioneiro, saindo da prisão, preocupa-se em voltar para ela; o meio é muito simples: apenas não cair em nova falta. Também o soldado acharia muito cômodo tornar-se marechal de um só golpe; todavia, conquanto houvesse sido alçado ao mais alto posto, nem por isto estaria dispensado de conquistar as esporas. Remontemos agora ao curso dos tempos; e do presente, como ponto conhecido, procuremos deduzir o desconhecido, ao menos por analogia, se não tivermos a certeza de uma demonstração matemática. A questão de Adão, como tronco único da espécie humana na Terra é, como se sabe, muito controvertida, porque as leis antropológicas lhe demonstram a impossibilidade, sem falar dos documentos autênticos da história chinesa, que provam que a população do globo remonta a uma época muito anterior à atribuída a Adão pela cronologia bíblica. Então a história de Adão é pura invencionice? Não é provável; é uma imagem que, como todas as alegorias, deve encerrar uma grande verdade, cuja chave só poderá ser dada pelo Espiritismo. Em nossa opinião, a questão principal não é saber se a personagem de Adão realmente existiu, nem em que época viveu, mas se a raça humana, designada como sua posteridade, é uma raça decaída. A solução dessa questão não é destituída de conteúdo moral, porque, esclarecendo-nos quanto ao passado, pode orientar a nossa conduta para o futuro. Antes de mais, notemos que, aplicada ao homem, a idéia da queda, sem a reencarnação, é um contra-senso, assim como a responsabilidade que carregássemos pela falta de nosso primeiro pai. Se a alma de cada homem é criada ao nascer, é que não existia antes; não terá, desse modo, nenhuma relação, nem direta, nem indireta, com a que cometeu a primeira falta, o que nos leva a indagar como poderia ser responsável por sua própria queda. A dúvida sobre este ponto conduz naturalmente à dúvida ou, mesmo, à incredulidade sobre muitos outros, porquanto, se falso o ponto de partida, igualmente falsas devem ser as conseqüências. Tal o raciocínio de muita gente. Pois bem! esse raciocínio cairá se considerarmos o espírito, e não a letra do texto bíblico, e se nos reportarmos aos princípios mesmos da Doutrina Espírita, destinados, conforme já foi dito, a reavivar a fé que se extingue. Notemos, ainda, que a idéia dos anjos rebeldes, dos anjos decaídos e do paraíso perdido se acha em quase todas as religiões e, como tradição, entre quase todos os povos. Deve, pois, fundamentar-se numa verdade. Para compreender o verdadeiro sentido que se deve ligar à qualificação de anjos rebeldes, não é necessário supor uma luta real entre Deus e os anjos, ou Espíritos, desde que o vocábulo anjo é aqui tomado numa acepção geral. Admitindo-se sejam os homens Espíritos encarnados, o que são os materialistas e os ateus senão anjos ou Espíritos em revolta contra a Divindade, pois que negam a sua existência e não reconhecem seu poder, nem suas leis? Não é por orgulho que pretendem que tudo aquilo de que são capazes vem deles mesmos, e não de Deus? Não é o cúmulo da rebelião pregar o nada depois da morte? Não são muito culpados os que se servem da inteligência, de que se ufanam, para arrastar os semelhantes ao precipício da incredulidade? Até certo ponto não praticam também um ato de revolta os que, sem negar a Divindade, desconhecem os verdadeiros atributos de sua essência? Os que se cobrem com a máscara da piedade para cometer más ações? Os que a fé no futuro não os desliga dos bens deste mundo? Os que em nome de um Deus de paz violentam a primeira de suas leis: a lei de caridade? Os que semeiam perturbação e ódio pela calúnia e pela maledicência? Enfim aqueles, cuja vida, voluntariamente inútil, se escoia na ociosidade, sem proveito para si próprios, nem para os seus semelhantes? A todos serão pedidas contas, não só do mal que tiverem feito, mas do bem que tiverem deixado de fazer. Pois bem! todos esses Espíritos, que tão mal empregaram as suas encarnações, uma vez expulsos da Terra e enviados a mundos inferiores, entre hordas ainda na infância da barbárie, o que serão, senão anjos decaídos, remetidos à expiação? A terra que deixam não será para eles um paraíso perdido, em comparação ao meio ingrato onde ficarão relegados durante milhares de séculos, até o dia em que tiverem merecido a libertação? Se remontarmos, agora, à origem da raça atual, simbolizada na pessoa de Adão, encontraremos todos os caracteres de uma geração de Espíritos expulsos de um outro mundo e exilados, por razões semelhantes, na Terra, já povoada por homens primitivos, mergulhados na ignorância e na barbárie, e que tais exilados tinham por missão fazê-los progredir, trazendo para o seu meio as luzes de uma inteligência já desenvolvida. Não é, com efeito, o papel até aqui representado pela raça adâmica? Relegando-a para esta terra de trabalho e de sofrimento, Deus não teria razão para dizer: “No suor do rosto comerás o teu pão”⁴?

(4) N. do T.: Gênesis, 3:19).

Se, por causas semelhantes às que vemos hoje, ela mereceu tal castigo, não será justo dizer que se perdeu por orgulho? Na sua mansuetude não lhe poderia prometer que lhe enviaria um Salvador, isto é, aquele que deveria iluminar o caminho a

seguir para alcançar a felicidade dos eleitos? Este Salvador foi enviado na pessoa do Cristo, que ensinou a lei do amor e da caridade como a verdadeira âncora da salvação. Aqui se apresenta uma importante consideração. A missão do Cristo é facilmente compreendida admitindo-se que são os mesmos os Espíritos que viveram antes e depois de sua vinda, e que puderam aproveitar-se de seu ensino, ou do mérito de seu sacrifício; sem a reencarnação, porém, é mais difícil compreender-se a utilidade desse mesmo sacrifício para Espíritos criados posteriormente à sua vinda, pois Deus os teria criado manchados por faltas cometidas por aqueles com os quais não tiveram nenhuma relação. Esta raça de Espíritos parece ter completado seu tempo na Terra. Nesse número, uns aproveitaram o tempo para progredir e mereceram ser recompensados; outros, por sua obstinação em cerrar os olhos à luz, esgotaram a mansuetude do Criador e mereceram castigo. Assim será cumprido este preceito do Cristo: “Os bons ficarão à minha direita e os maus à minha esquerda”⁵.
REVISTA ESPÍRITA

(5 N. do T.: Mateus, 25:33.) Um fato parece apoiar a teoria que atribui uma preexistência aos primeiros habitantes desta raça na Terra: o de que Adão, tido como o tronco, é representado com um desenvolvimento intelectual peculiar, bem superior ao das raças selvagens atuais; que em pouco tempo os seus primeiros descendentes mostraram aptidão para trabalhos de arte muito avançados. Ora, o que sabemos do estado dos Espíritos em sua origem indica o que teria sido Adão, do ponto de vista intelectual, caso sua alma tivesse sido criada ao mesmo tempo que o seu corpo. Admitindo, por exceção, que Deus lhe tivesse dado uma alma mais perfeita, restaria explicar por que os selvagens da Nova Holanda, por exemplo, já que saem do mesmo tronco, são infinitamente mais

26 atrasados que o pai comum. Ao contrário, tudo prova, tanto pelo físico quanto pelo moral, que pertencem a outra raça de Espíritos mais próximos de sua origem e que ainda necessitam de um grande número de migrações corpóreas antes de atingirem os graus menos avançados da raça adâmica. A nova raça que vai surgir, fazendo reinar por toda a parte a lei do Cristo – lei de justiça, de amor e de caridade – apressará o seu adiantamento. Os que escreveram a história da antropologia terrestre se apegaram principalmente aos caracteres físicos; o elemento espiritual foi quase sempre negligenciado e o é necessariamente pelos escritores que nada admitem fora da matéria. Quando este for levado em conta no estudo das ciências, uma luz inteiramente nova será lançada sobre uma porção de questões ainda obscuras, porquanto o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza, desempenhando um papel preponderante, tanto nos fenômenos físicos quanto nos fenômenos morais. Eis, em pequena escala, um exemplo surpreendente de analogia com o que se passa, em escala maior, no mundo dos Espíritos, e que nos ajudará a compreendê-lo 6:

(6 N. do T.: Vide A Gênese, capítulo XI, itens 47 a 49.)

No dia 24 de maio de 1861, a fragata Ifigênia transportou à Nova Caledônia uma companhia disciplinar composta de 291 homens. À chegada, o comandante baixou-lhes uma ordem do dia concebida assim: “Pondo os pés nesta terra longínqua, por certo já compreendestes o papel que vos está reservado. “A exemplo dos bravos soldados da nossa marinha, que servem sob as vossas vistas, ajudar-nos-eis a levar com brilho o facho da civilização ao seio das tribos selvagens da Nova Caledônia. Não é uma nobre e bela missão, pergunto? Desempenhá-la-eis dignamente. JANEIRO DE 1862 27 “Escutai a palavra e os conselhos dos vossos chefes. Estou à frente deles. Entendei bem as minhas palavras. “A escolha do vosso comandante, dos vossos oficiais, dos vossos suboficiais e cabos constitui garantia certa de que todos os esforços serão tentados para fazer-vos excelentes soldados; digo mais: para vos elevar à altura de bons cidadãos e vos transformar em colonos honrados, se o quiserdes. “A nossa disciplina é severa e assim tem de ser. Colocada em nossas mãos, ela será firme e inflexível, ficai certos, do mesmo modo que, justa e paternal, saberá distinguir o erro do vício e da degradação...”
Aí tendes um punhado de homens expulsos, pelo seu mau proceder, de um país civilizado, e mandados, por punição, para o meio de um povo bárbaro. Que lhes diz o chefe? – “Infringistes as leis do vosso país; nele vos tornastes causa de perturbação e escândalo e fostes expulsos; mandam-vos para aqui, mas aqui podeis resgatar o vosso passado; podeis, pelo trabalho, criar-vos aqui uma posição honrosa e tornar-vos cidadãos honestos. Tendes uma bela missão a cumprir: levar a civilização a estas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir os que procederem bem.”
Para aqueles homens, exilados no seio da selvajaria, a mãe-pátria não é um paraíso que eles perderam pelas suas próprias faltas e por se rebelarem contra a lei? Naquela terra distante, não são eles anjos decaídos? A linguagem do chefe não é idêntica à de que usou Deus falando aos Espíritos exilados na Terra: “Desobedeceste às minhas leis e, por isso, eu vos expulsei do mundo onde podíeis viver ditosos e em paz. Aqui, estareis condenados ao trabalho; mas, podereis, pelo vosso bom procedimento, merecer perdão e reconquistar a pátria que perdestes por vossa falta, isto é, o Céu”²⁷ À primeira vista, a idéia de queda parece em contradição com o princípio segundo o qual os Espíritos não podem retrogradar. Deve-se, porém, considerar que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo. O Espírito, ainda que numa posição inferior, nada perde do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, seja qual for o meio onde se ache colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos. Certamente, esse homem se encontra degradado, decaído, do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante. Será crível, perguntamos agora, que esses homens mandados para a Nova Caledônia vão transformar-se subitamente em modelos de virtude? Que vão abjurar repentinamente seus erros do passado? Para supor tal coisa, fora necessário desconhecer a Humanidade. Pela mesma razão, os Espíritos que vão ser expulsos da Terra, uma vez transplantados para a terra do exílio, não se despojarão instantaneamente do seu orgulho e de seus maus instintos; ainda por muito tempo conservarão as tendências que traziam, um resquício da velha levedura. O mesmo se deu com os Espíritos da raça adâmica exilados na Terra. Ora, não é esse o pecado original? A mancha que trazem ao nascer é a da raça de Espíritos culpados e punidos a que pertencem, mancha que podem apagar pelo arrependimento, pela expiação e pela renovação de seu ser moral. Considerado

como responsabilidade de uma falta cometida por outrem, o pecado original é uma insensatez e a negação da justiça de Deus. Ao contrário, considerado como conseqüência e vestígio da imperfeição inicial do indivíduo, não só a razão o admite, mas se considera de plena justiça a responsabilidade dela decorrente. Esta interpretação dá uma razão de ser toda natural ao dogma da imaculada Conceição, do qual tanto zombou o cepticismo. O dogma estabeleceu que a mãe do Cristo não era manchada pelo pecado original. Como pode ser isto? É muito simples: Deus enviou um Espírito puro, que não pertencia à raça culpada e exilada, para encarnar na Terra e desempenhar a sua augusta missão, do mesmo modo que, de vez em quando, envia Espíritos superiores que encarnam a fim de impulsionar o progresso e apressar o desenvolvimento do orbe. Na Terra tais Espíritos agem como o verdadeiro pastor, que vai moralizar os condenados em suas prisões e lhes mostrar o caminho da salvação. Certamente algumas pessoas acharão esta interpretação um pouco ortodoxa. Algumas, até, poderão protestar que se trata de heresia. Mas não é um fato comprovado que muitos não vêm no relato do Gênesis, na história da maçã e da costela de Adão senão uma simples imagem? Que não podendo ligar um sentido preciso à doutrina dos anjos decaídos, dos anjos rebeldes e do paraíso perdido, consideram todas essas coisas como fábulas? Se uma interpretação lógica os leva a ver uma verdade disfarçada sob a alegoria, não é melhor que a negação absoluta? Admitindo-se que tal solução não estivesse, em todos os pontos, na mais rigorosa ortodoxia, não seria preferível acreditar nalguma coisa a não crer em coisa alguma? Se a crença no texto literal afasta o homem de Deus e a crença na interpretação o aproxima d'Ele, esta não vale mais que a outra? Não vimos, pois, destruir o princípio, miná-lo em seus fundamentos, como fizeram alguns filósofos; procuramos descobrir-lhe o sentido oculto e, ao contrário, vimos consolidá-lo e dar-lhe uma base racional. Seja como for, não se poderá negar a esta interpretação um caráter de grandeza que certamente não possui o texto literal. Esta teoria abarca, ao mesmo tempo, a universalidade dos mundos, o infinito no passado e no futuro; dá a tudo a sua razão de ser pelo encadeamento de todas as coisas, pela solidariedade que estabelece entre todas as partes do Universo. Não é mais conforme à idéia que fazemos da majestade e da bondade de Deus, que o entendimento que circunscreve a Humanidade a um ponto do espaço e a um instante na eternidade?

* * *

Revista Espírita Jornal de Estudos Psicológicos ANO V
Tradução de Evandro Noleto Bezerra

Respostas à Questão dos Anjos Decaídos Observação – Recebemos de vários pontos respostas a todas as questões apresentadas no número de janeiro último. Sua extensão não nos permite publicá-las todas ao mesmo tempo. Limitar-nos-emos, hoje, à questão dos anjos rebeldes. (Bordeaux – Médiun: Sra. Cazemajoux) Meus amigos, a teoria contida no resumo que acabais de ler é a mais lógica e a mais racional. A sã razão não pode admitir ABRIL DE 1862 163 a criação de Espíritos puros e perfeitos revoltando-se contra Deus e buscando igualá-lo em poder, majestade e grandeza. Antes de chegar à perfeição o Espírito, ignorante e fraco, entregue ao seu livre-arbítrio, muitas vezes envereda pela corrupção e mergulha com prazer no oceano da iniquidade. Mas o que causa principalmente a sua perda é o orgulho. Nega a Deus, atribui ao acaso a sua existência, as maravilhas da criação e a harmonia universal. Então, infeliz dele! é um anjo decaído. Em vez de avançar para mundos felizes, é exilado do próprio planeta em que habita, a fim de expiar, em mundos inferiores, sua rebelião incessante contra Deus. Guardai-vos, irmãos, de os imitar: são anjos perversos. Envidai todos os esforços para não lhes aumentar o número; que o archote da fé espírita vos esclareça quanto aos vossos deveres futuros, a fim de que possais um dia evitar a sorte dos Espíritos rebeldes e subir a escala espiritual que conduz à perfeição. Vossos guias espirituais (Haia – Holanda; Médiun: barão de Kock) Sobre este artigo, pouco terei a dizer, a não ser que é sublime verdade. Nada a acrescentar ou a subtrair. Bem aventurados os que aliarem a fé a essas belas palavras, os que aceitarem esta doutrina escrita por Allan Kardec. Kardec é o homem eleito por Deus para instrução das criaturas do presente. São palavras inspiradas pelos Espíritos do bem, Espíritos muito superiores. Tende fé; lede, estudaí toda a doutrina: é um bom conselho que vos dou. Vosso Guia Protetor REVISTA ESPÍRITA 164 (Sens – Médiun: Sr. Pichon) P. – Que devemos pensar da interpretação da doutrina dos anjos decaídos, que o Sr. Allan Kardec publicou no último número da Revista Espírita? Resp. – Que é perfeitamente racional, e que nós mesmos não a teríamos explicado melhor. Arago (Paris. Comunicação particular – Médiun: Srta. Stéphanie) Está bem definido, mas – é preciso ser franco – há uma coisa que me contraria: por que falar desse dogma da Imaculada Conceição? Tivestes revelações concernentes à mãe do Cristo? Deixai essas discussões à Igreja Católica. Lamento tanto mais essa comparação, quanto mais os padres crerão e dirão que vós lhes quereis fazer a corte. Um Espírito, amigo sincero do médium e do diretor da Revista Espírita (Lyon – Médiun: Sra. Bouillant) O ABRIL DE 1862 165 a nossa palavra a todas as que já tinham sido pronunciadas. Mas agora que a nossa existência no espaço nos permitiu julgar as coisas do seu verdadeiro ponto de vista; agora que podemos compreender quanto era absurdo admitir que o Espírito, chegado ao seu mais alto grau de pureza, pudesse retrogradar de repente, revoltar-se contra o seu Criador e com ele entrar em luta; agora que podemos julgar por quantos cadinhos o licor deve ser filtrado para se depurar, a ponto de se tornar essência e quintessência, estamos em condição de vos dizer o que são os anjos decaídos e o que deveis crer do Paraíso Perdido. Em sua imutável lei do progresso, quer Deus que os homens avancem, avancem incessantemente, de século em século, em épocas por ele determinadas. Quando a maioria dos seres que habitam a Terra se torna muito superior à parte terrestre que ocupa, então Deus ordena uma emigração de Espíritos; aqueles que realizaram sua missão com consciência, vão habitar regiões que lhes são designadas, ao passo que o Espírito recalitrante e preguiçoso, que destoa do quadro, é obrigado a ficar na retaguarda. Nesta depuração ele é repellido, como fazem os

químicos com as substâncias que não passaram pela filtração. Então o Espírito se acha em contato com outros Espíritos que lhe são inferiores e sofre realmente o constrangimento que lhe é imposto. Lembra-se intuitivamente da felicidade que desfrutava e se acha em meio a seus iguais como uma flor exótica que tivesse sido transplantada repentinamente para um terreno inculto. Compreendendo a sua superioridade, tal Espírito se revolta; procura dominar aqueles que o cercam e esta revolta, esta luta consigo mesmo volta-se contra o Criador que lhe deu a existência, e que ele desconhece. Se seus pensamentos puderem desenvolver-se, ele derramará o que extravasa do seu coração em recriminações amargas, como o condenado na sua prisão, e sofrerá cruelmente até que tenha expiado a preguiça e o egoísmo que o impediram de acompanhar seus irmãos. Eis, meus amigos, quais os anjos decaídos REVISTA ESPÍRITA 166 e por que todos lamentam a perda de seu paraíso. Tratai, pois, por vossa vez, de vos apressar, a fim de não serdes abandonados quando soar o sinal de retorno. Lembrai todos que vos deveis a vós mesmos; dizei que vós sois vós e que tendes o vosso livre-arbítrio. Esta personalidade do Espírito vos explica por que o filho de um homem sábio muitas vezes é um idiota e por que a inteligência não pode transformar-se em morgadio. Um grande homem bem poderá dar à sua progênie os contornos de sua fisionomia, mas jamais lhe transmitirá o seu gênio; e podeis estar certos de que todos os gênios que manifestaram os seus talentos entre vós eram filhos de suas próprias obras, porquanto, como disse um grande sábio: “É que as mães dos Patay, dos Letronne e do grande Arago criaram esses homens excepcionais muito inocentemente.” Não, meu amigo, a mãe que gera um talento ilustre não tem a menor influência sobre o Espírito que anima o seu filho: este Espírito já era muito adiantado quando veio reencarnar-se no crisol da depuração. Subi, pois, os degraus da escada, degraus luminosos e brilhantes como sóis, pois Deus os ilumina com a sua luz esplêndida. Lembrai-vos de que agora, que conheceis o caminho, seríeis muito culpados se vos tornásseis anjos decaídos. Aliás, creio que ninguém ousaria lamentar-vos e vos cantar o Paraíso Perdido. Milton (Frankfurt – Médiun: Sra. Delton)

Nada direi sobre esta interpretação dos anjos rebeldes e dos anjos decaídos, senão que faz parte dos ensinamentos que vos devem ser dados, a fim de que possais restabelecer as coisas mal compreendidas em seu verdadeiro sentido. Não penseis que o autor do artigo o tenha escrito sem assistência, como ele mesmo imaginou; julgou emitir suas próprias opiniões, razão por que ficou desconfiado, quando, na realidade, apenas deu forma às idéias que lhe eram inspiradas. ABRIL DE 1862 167 Sim, ele está certo quando diz que os anjos rebeldes ainda estão na Terra, e que são os imperialistas e os ímpios, os que ousam negar o poder de Deus. Não é o cúmulo do orgulho? Todos vós, que acreditais em Deus e lhes cantais louvores, vos indignais com uma tal audácia da criatura, e tendes razão; mas sondei a vossa consciência e vede se não vos revoltais contra ele, a cada instante, pelo esquecimento de suas santas leis. Praticais a humildade, vós que acreditais na superioridade do vosso mérito? que vos gabais pelos dons que haveis recebido? que vedes com inveja e ciúme a posição do vosso vizinho, os favores que lhe cabem, a autoridade que lhe é concedida? Praticais a caridade, vós que denegris o vosso irmão, que despejais sobre ele a maledicência e a calúnia? Que em vez de lançar um véu sobre os seus defeitos, sentis prazer em os expor aos olhos de todos, a fim de os humilhar? Vós que credes em Deus, sobretudo vós, espíritas, que assim agis, em verdade vos digo: sois mais culpados que o ateu e o materialista, porquanto tendes a luz e não vedes. Sim, também sois anjos rebeldes, porque não obedecéis à lei de Deus e, no dia do juízo, Deus vos perguntará: “Que fizestes dos meus ensinamentos?” Paulo, Espírito protetor

* * *

REVISTA ESPÍRITA Jornal de Estudos Psicológicos
ANO V - JANEIRO DE 1862 No 1
Tradução de Evandro Noleto Bezerra

Ensaio de Interpretação sobre a Doutrina dos Anjos Decaídos^{1, 2} A questão das origens sempre excitou a curiosidade, sobretudo no que respeita à procedência do homem, e em tal proporção que hoje é impossível às criaturas sensatas aceitarem ao pé da letra o relato bíblico, nele vendo apenas uma dessas alegorias de que é pródigo o estilo oriental. Aliás, a Ciência vem oferecer-lhe a prova ao demonstrar, por meios irrefutáveis, a impossibilidade material da formação do globo em seis vezes vinte e quatro horas. Ante a evidência dos fatos, escritos em caracteres irrecusáveis nas camadas geológicas, a Igreja teve de se submeter à opinião dos sábios e com eles concordar que os seis dias da Criação representam seis períodos de extensão indeterminada, como fizera outrora em relação ao movimento da Terra. REVISTA ESPÍRITA 16 Se, pois, o texto bíblico é susceptível de interpretação quanto a este ponto capital, também poderá sê-lo em relação a outros

(1) N. do T.: Essa teoria é aqui apresentada como simples hipótese e a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão. Faltava, então, a Allan Kardec, elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Mais tarde, já havendo passado pela prova do controle universal, foi ela inserida em A Gênese, capítulo XI, item 43 e seguintes, integrando, definitivamente, o corpo doutrinário do Espiritismo. É por isso que dissemos, na introdução ao volume I (1858 – Notas do Tradutor), que a Revista Espírita era uma espécie de tribuna livre, na qual Allan Kardec sondava a reação dos homens e a impressão dos Espíritos acerca de determinados assuntos, ainda hipotéticos e mal compreendidos, enquanto lhes aguardava a confirmação.

*

pontos, notadamente sobre a época do aparecimento do homem na Terra, sua origem e o sentido que deve ser atribuído à qualificação de anjos decaídos. Como o princípio das coisas está nos segredos de Deus, que no-lo não revela senão à

medida que o julga conveniente, ficamos reduzidos a conjecturas. Muitos sistemas foram imaginados para resolver esta questão, mas nenhum, até hoje, satisfaz completamente à razão. Tentaremos, também, levantar uma ponta do véu. Seremos mais felizes do que os nossos antecessores? Ignoramo-lo; só o futuro dirá. A opinião que apresentamos é, pois, uma opinião pessoal; parece concordar com a razão e a lógica, o que, aos nossos olhos, lhe dá certo grau de probabilidade. Antes de tudo, constatamos que só é possível descobrir alguma parcela da verdade com o auxílio da teoria espírita; ela já resolveu uma imensidão de problemas até agora insolúveis, e é com a ajuda das balizas que ela nos oferece que vamos tentar remontar à cadeia dos tempos. O sentido literal de certas passagens dos livros sacros, contraditado pela Ciência, repellido pela razão, produziu muito mais incrédulos do que se pensa, dada a obstinação de fazer daquilo um artigo de fé. Se uma interpretação racional os fizesse aceitar, evidentemente reaproximaria da Igreja os que dela se afastaram. Antes de prosseguir, é essencial que nos entendamos sobre as palavras. Quantas disputas não deveram a sua perpetuação à ambigüidade de certas expressões, que cada um tomava no sentido de suas idéias pessoais! Nós o demonstramos, em O Livro dos Espíritos, a propósito do vocábulo alma. Dizendo claramente em que acepção a tomávamos, cortamos pela raiz qualquer controvérsia. A palavra anjo está no mesmo caso; empregam-na JANEIRO DE 1862 17 indiferentemente, no bom e no mau sentido, dizendo: os anjos bons e maus, o anjo da luz e o anjo das trevas, donde se segue que, em sua acepção geral, significa apenas Espírito. Evidentemente é neste último sentido que deve ser entendido, ao se falar de anjos decaídos e de anjos rebeldes. Conforme a Doutrina Espírita, nisto concordando com vários teólogos, os anjos não são seres de criação privilegiada, isentos, por um favor especial, do trabalho imposto aos outros, mas de Espíritos chegados à perfeição por seus esforços e por seus méritos. Se fossem seres criados perfeitos, sendo a revolta contra Deus um sinal de inferioridade, os que se revoltassem não poderiam ser anjos. Também nos diz a doutrina que os Espíritos progridem, mas não retrogradam, porquanto jamais perdem as qualidades adquiridas. Ora, a rebelião por parte de seres perfeitos seria uma retrogradação, desde que ela só se concebe partindo de seres ainda atrasados. Para evitar qualquer equívoco, conviria reservar a qualificação de anjos para os Espíritos puros e chamar os demais simplesmente de Espíritos bons ou maus. Como, entretanto, prevaleceu o emprego dessa palavra para os anjos decaídos só o tomaremos na sua acepção geral. Ver-se-á, neste caso, que a idéia de queda e de rebelião é perfeitamente admissível. Não conhecemos, e provavelmente jamais conheceremos, o ponto de partida da alma humana. Tudo quanto sabemos é que os Espíritos são criados simples e ignorantes; que progridem intelectual e moralmente; que, em virtude do livre-arbítrio, uns tomaram o bom caminho, outros um caminho errado; que, uma vez posto o pé no atoleiro, nele se afundaram cada vez mais; que, depois de uma série ilimitada de existências corporais, realizadas na Terra e em outros mundos, depuram-se e alcançam a perfeição, que os aproxima de Deus. Um ponto de difícil compreensão é a formação dos primeiros seres vivos na Terra, cada um em sua espécie, desde a REVISTA ESPÍRITA 18 planta até o homem. A esse respeito, a teoria contida em O Livro dos Espíritos se nos afigura a mais racional, conquanto só incompletamente e de maneira hipotética resolva esse problema, que reputamos insolúvel, tanto para nós, quanto para a maioria dos Espíritos, a quem não é dado penetrar o mistério das origens. Se os interrogamos a respeito, os mais sábios respondem que não o sabem; mas outros, menos modestos, tomam a iniciativa e a postura de reveladores, ditando sistemas, produto de idéias pessoais, que apresentam como verdade absoluta. É contra a mania dos sistemas de certos Espíritos, em relação ao princípio das coisas, que devemos nos precaver. O que, aos nossos olhos, prova sabedoria dos que ditaram O Livro dos Espíritos, é a reserva que souberam guardar sobre questões dessa natureza. Em nossa opinião não é prova de sabedoria decidir essas questões de maneira absoluta, como fazem alguns, sem se inquietarem com impossibilidades materiais resultantes dos dados fornecidos pela Ciência e pela observação. O que dizemos da aparição dos primeiros homens na Terra se estende à formação dos corpos, porque, uma vez formado o corpo, é mais fácil conceber que o Espírito venha tomar conta dele. Considerando os corpos, o que nos propomos a examinar aqui é o estado dos Espíritos que os animaram, a fim de chegar, se possível, a definir, de modo mais racional do que se tem feito até agora, a doutrina da queda dos anjos e do paraíso perdido. Se não admitirmos a pluralidade das existências corpóreas, forçoso é concordar que a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo. Porque, de duas uma: ou a alma que anima o corpo ao nascer já viveu, ou não viveu ainda; entre as duas hipóteses não há meio-termo. Ora, a segunda hipótese, aquela de que a alma não tenha vivido, enseja uma porção de problemas insolúveis, tais como a diversidade de aptidões e de instintos, incompatíveis com a justiça de Deus, a sorte das crianças que morrem em tenra idade, a dos cretinos, dos idiotas, etc., enquanto tudo se explica naturalmente se admitirmos que a alma já viveu e traz, ao encarnar em um novo corpo, o que havia adquirido JANEIRO DE 1862 19 anteriormente. É assim que as sociedades progridem gradativamente; sem isto, como explicar a diferença existente entre o atual estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas fossem criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que hoje nascem seriam absolutamente novas, tão primitivas quanto as que viviam há milhares de anos; acrescente-se que entre elas não haveria nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; que seriam completamente independentes umas das outras. Por que, então, as almas de hoje seriam mais bem favorecidas por Deus que as antepassadas? Por que compreenderiam melhor? Por que têm instintos mais depurados, hábitos mais suaves? Por que têm a intuição de certas coisas, sem as terem aprendido? Desafiamos que saiam dessa dificuldade, a menos que se admita tenha Deus criado almas de diversas qualidades, segundo os tempos e os lugares, proposição inconcebível com idéia de uma justiça soberana. Dizei, ao contrário, que as almas de hoje já viveram em épocas recuadas; que foram bárbaras como o seu século, mas progrediram; que em cada nova existência trazem as aquisições das existências anteriores; que, por conseguinte, as almas dos tempos civilizados não foram criadas mais perfeitas, mas se aperfeiçoaram com o tempo. Só assim tereis a única explicação plausível da causa do progresso social. Tiradas da teoria da reencarnação, estas considerações são essenciais para a compreensão de um fato de que falaremos

daqui a pouco. Embora os Espíritos possam reencarnar-se em diferentes mundos, parece que, em geral, realizam um certo número de migrações corporais no mesmo globo e no mesmo meio, a fim de poderem aproveitar melhor a experiência adquirida; não saem desse meio senão para entrar num pior, por punição, ou num melhor, como recompensa. Disso resulta que, durante um certo período, a população do globo é composta mais ou menos pelos mesmos Espíritos, que ali reaparecem em diversas épocas,¹⁹

37 -A Gênese – Tradução de Guillon Ribeiro

5ª. Ed francesa 22ª.ed.1988 - FEB-Rio

A Gênese - Capítulo XI

Um exemplo familiar, mas frisante pela analogia, ainda mais compreensíveis tornará os princípios que acabam de ser expostos.

A 24 de Maio de 1861, a fragata *Ifigênia* transportou à Nova Caledônia 233 uma companhia disciplinar composta de 291 homens. À chegada, o comandante lhes baixou uma ordem do dia concebida assim:

47 - “Pondo os pés nesta terra longínqua, já sem dúvida compreendestes o papel que vos está reservado. A exemplo dos bravos soldados da nossa marinha, que servem sob as vossas vistas, ajudar-nos-eis a levar com brilho o facho da civilização ao seio das tribos selvagens da Nova Caledônia. Não é uma bela e nobre missão, pergunto? Desempenhá-la-eis dignamente. Escutai a palavra e os conselhos dos vossos chefes. Estou à frente deles. Entendei bem as minhas palavras. A escolha do vosso comandante, dos vossos oficiais, dos vossos suboficiais e cabos constitui garantia certa de que todos os esforços serão tentados para fazer de vós excelentes soldados; digo mais: para vos elevar à altura de bons cidadãos e vos transformar em colonos honrados, se o quiserdes. A nossa disciplina é severa e assim deve ser. Colocada em nossas mãos, ela será firme e inflexível, ficai sabendo, do mesmo modo que, justa e paternal, saberá distinguir o erro do vício e da degradação...” Aí tendes um punhado de homens expulsos, pelo seu mal proceder, de um país civilizado, e mandados, por punição, para o meio de um povo bárbaro. Capítulo XI 234 Que lhes diz o chefe? “Infringistes as leis do vosso país; nele vos tornastes causa de perturbação e escândalo e fostes expulsos; mandam-vos para aqui, mas aqui podeis resgatar o vosso passado; podeis, pelo trabalho, criar para vós uma posição honrosa e vos tornar cidadãos honestos. Tendes uma bela missão a cumprir: levar a civilização a estas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir os que procederem bem. Tendes a sorte nas vossas mãos; podereis melhorá-la, se o quiserdes, porque tendes o livre-arbítrio.” Para aqueles homens, lançados ao seio da selvageria, a mãe-pátria não é um paraíso que eles perderam pelas suas próprias faltas e por se rebelarem contra a lei? Naquela terra distante não são eles anjos decaídos? A linguagem do chefe não é idêntica à de que Deus utilizou quando falou aos Espíritos exilados na Terra: “Desobedeceste às minhas leis e, por isso, eu vos expulsei do mundo onde podíeis viver felizes e em paz. Aqui, estareis condenados ao trabalho; mas podereis, pelo vosso bom procedimento, merecer perdão e reconquistar a pátria que perdestes por vossa falta, isto é, o céu?”

48. - À primeira vista, a ideia da queda parece em contradição com o princípio segundo o qual os Espíritos não podem retrogradar. Deve-se, porém, considerar que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo. O Espírito, embora em posição inferior, nada perde do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde se ache colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos. Certamente, esse homem se encontra degradado, decaído do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido nem mais ignorante.

49. - Será crível que esses homens mandados para a Nova Caledônia vão transformar-se de súbito em modelos de virtude? Que vão abjurar de repente os seus erros do passado? Seria desconhecer a humanidade, quem assim pensasse. Pela mesma razão, os Espíritos da raça adâmica, uma vez transplantados para a terra de exílio, não se despojaram instantaneamente do seu orgulho e de seus maus instintos; ainda por muito tempo conservaram as inclinações que traziam, um resto da velha levedura. Ora, não é esse o verdadeiro pecado original? 235

(136) -N.E.: Território francês ultramarino, bárbaro.

* * *

APONTAMENTOS SOBRE A QUEDA ESPIRITUAL – 1ª. parte

A Soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda. - Provérbios 16: 8 - Bíblia Sagrada

38 - Trechos de “O Livro dos Espíritos” que pressupõem a “queda espiritual”:

1-Introdução, número 6: “o mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo... o mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso alterasse a essência do mundo espírita”.

P 85: -- Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal, na ordem das coisas?

R: O mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo.

P 86: -- O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita?

R: Decerto.

*

Confirmando o texto acima, constante da obra básica da Doutrina Espírita, transcrevemos um trecho de Obras Póstumas, 1ª. Parte, parágrafo 3º. nº. 20:

“A vida espiritual é a vida normal do Espírito: é eterna; a vida corporal é transitória e passageira: não é mais do que um instante”.

* * *

EXTRATOS DO LIVRO A PONTE EVANGÉLICA – JORGE DAMAS MARTINS

39-“Se o mal fosse uma necessidade e não uma possibilidade, Jesus não pediria ao Pai Celestial para nos livre dele. O mal seria uma fatalidade na marcha do ser, o que o nosso senso moral repugna” (Newton Boechat – “O Espinho da Insatisfação”, 1ª edição FEB, pág. 73).

O entendimento da QUEDA ESPIRITUAL é o que falta, para uma maior compreensão da lei de causa e efeito ou Karma (na terminologia hindu), a muitos profíctentes da Doutrina Espírita e militantes em Psicologia, Pedagogia, Sociologia, Filosofia, etc. Em poucas palavras, tentaremos focar luz a esta questão, que nos assiste de tão perto. Vejamos a questão 168 de “O Livro dos Espíritos” de Allan Kardec: “É limitado o número das existências corporais, ou o Espírito reencarna perpetuamente”?

R- “A cada nova existência, o Espírito dá um passo para adiante na senda do progresso. Desde que se ache LIMPO DE TODAS AS IMPUREZAS, não tem mais necessidade das provas da vida corporal”. Em face à perfeição de Deus, Este não poderia criar-nos impuros, então, como explicar que nos perdurará o ciclo reencarnatório até que nos achemos “LIMPOS DE TODAS AS IMPUREZAS”? De quem elas surgiram, já que Deus é puro? Como apareceram no quadro da vida?

Sendo, a liberdade, uma das condições para a existência do amor, e, sendo Deus, a máxima perfeição do amor, Este, só poderia ter-nos criado livres (a criação é um ato de amor); tão livres até para negá-Lo ou, mesmo, menosprezar Suas Leis (“O Livro dos Espíritos”, nº. 614). Sendo, assim, só há queda (“PECADO ORIGINAL”, pergunta 122 ou “QUEDA DO HOMEM”, pergunta 262 de “O Livro dos Espíritos”), isto é, descida de dimensões, baixa da frequência vibratória, opacização (“IMPUREZAS”) daquilo que estava transparente, para os que se revoltaram.

40 - Emmanuel, em “Há Dois Mil Anos”, pág. 349 da 12ª. Ed. “FEB, diz: “A linguagem humana não traduz fielmente as harmoniosas vibrações das melodias do Invisível, mas aquele cântico de glória, ao menos palidamente, deve ser lembrado por nós outros como suave” REMINISCÊNCIA DO PARAÍSO”. Este “cântico de glória” é uma súplica de Simeão, o apóstolo, Narração de Emmanuel, uma das mais comoventes, ao Criador de todas as coisas e a Jesus, o Cordeiro de Deus. Guardando assim, em nós, a REMINISCÊNCIA DO PARAÍSO, o que vem a ser, didática e filosoficamente, reminiscência?

1º.) – Reminiscência é a faculdade de reter na memória e reproduzir os conhecimentos adquiridos; coisa que se guardou na memória inconscientemente.

2º.) – Na filosofia platônica, é a recordação da época em que o ser vivia com Deus.

Emmanuel afirma, no texto, categoricamente, que estivemos no Paraíso, e, é lógico, saímos dele por causa de um desacerto na harmonia no mecanismo Divino. Permaneceu no fundo, inapagável, a originária Centelha, ofuscada pela nossa densidade vibratória. Ao esplendor do Paraíso retornaremos, depois que, através de vidas sucessivas, purgarmos as nossas sedimentadas deficiências. Permaneceu no Ser, como um aceno longínquo (“Palidamente”), aquela sensação de felicidade (“O Paraíso”), vislumbrada foscamente, e só atingível, como meta, quando nos descondicionarmos daquilo que somos presentemente. Foi, por isso, que disse Jesus: “O Reino dos Céus não está lá nem acolá e, sim, dentro do homem”. (Lucas, 17: 21), mas o Espírito humano se encontra esquecido desta verdade e, ao menos palidamente, sonha esperançoso, entre as dores e as lágrimas da realidade de sua vida atual, com um reino de felicidade, que, certamente, encontrará um dia, quando desanuviar a sua esfera consciencial, opacizada pela revolta ao esquema orgânico do Paraíso.

* * *

41 - Foi assim interpretando, que Paulo de Tarso afirmou:

1º.) “O salário do pecado é a morte.” (Rom. 6:23).

2º.) “A morte é lucro.” (Fp. 1:21).

3º.) “Que desventurado é o homem, pois ninguém o poderá livrar do corpo da morte. (Rom. 7:24”).

4º.) “Nós habitamos no corpo do pecado. (Romanos, 6:6”).

O “CORPO DA MORTE” é a reencarnação, que foi gerada pelo pecado, mas por que é lucro morrer? A morte é como uma metade de círculo, que implica na outra parte, o nascimento. Com a morte, nascermos para remorrer, e, assim, renascer quantas vezes forem necessárias para o burilamento da “veste nupcial”. Nisto o lucro, pois o Espírito rarefazendo-

se se libertará do “CORPO DO PECADO”. Desta “DESVENTURA”, do morrer e do renascer, com dores e lágrimas, ninguém o poderá livrar, a não ser ele mesmo, através dos renascimentos “pela água” (reencarnação – Jo. 3:5) e do nascimento “pelo Espírito.” (auto-realização) – Jo. 3:6).

* * *

42 - Antes de entrarmos por algumas citações bíblicas, as quais recorrerão para melhor mostrarmos a expulsão do Espírito rebelde do Paraíso, citaremos mais uma vez Emmanuel, o mentor do médium Francisco Cândido Xavier, no seu livro “Religião dos Espíritos”, págs. 59/60 da 3ª Edição da FEB: É por esse motivo que no mundo encontramos a cada passo, trajes físicos em figurino moral diverso:

“Corpos – santuários ... “Corpos – oficinas ... “Corpos – bênçãos... “Corpos – esconderijos... “Corpos – flagelos... “Corpos – ambulâncias ... “Corpos – cárceres ... “Corpos – expiações ...

“EM TODOS ELES, contudo, palpita “a concessão do Senhor, induzindo-nos “ao PAGAMENTO DE VELHAS DÍVIDAS que “a Eterna Justiça ainda não apagou”.

(Ora, cada vez se afigura mais, em nosso painel mental, a certeza desta verdade. Não importa por que estamos habitando um corpo físico aqui na Terra: se por missão, tarefa, esconderijo, prisão, etc. Uma coisa é certa: estamos todos para pagar velhas dívidas).

“São verdades como estas que afirmam a transcendência do corpo de Jesus que é tão bem explicado no livro de J.B.Roustaing “Os Quatro Evangelhos”, obra esta publicada e defendida “com todo o espírito, mente, coração e força”, pela “Casa de Ismael”, a nossa Federação Espírita Brasileira.

43 - O “CORPO DA MORTE” é a reencarnação, que foi gerada pelo pecado, mas por que é lucro morrer? A morte é como uma metade de círculo, que implica na outra parte, o nascimento. Com a morte, nascemos para remorrer, e, assim, renascer quantas vezes forem necessárias para o burilamento da “veste nupcial”. Nisto o lucro, pois o Espírito rarefazendo-se se libertará do “CORPO DO PECADO”. Desta “DESVENTURA”, do morrer e do renascer, com dores e lágrimas, ninguém o poderá livrar, a não ser ele mesmo, através dos renascimentos “pela água” (reencarnação – Jo. 3:5) e do nascimento “pelo Espírito.” (auto-realização) – Jo. 3:6).

Emmanuel em “Na Hora da Queda”, mensagem publicada no Jornal de Franca-SP, “A Nova Era”, nº. 1.578, diz: “Isso porque precisamos considerar que numa casa de devedores, qual a Terra em que respiramos e agimos à procura de libertação e melhoria, burilamento e evolução. TODOS TEMOS, ENCARNADOS E DESENCARNADOS. CONTAS A SOLVER E COMPROMISSOS A RESGATAR”.



Eu vi satanás cair do Céu como um relâmpago. Jesus – Lc.10:18

Vamos agora, a um passeio por alguns livros bíblicos, buscando subsídios para a verdade dita acima:

44 -1) - “ISAÍAS, 14:12: “Como caíste do céu, ó estrela da manhã, Lúcifer, filho da alva! Como foste lançado por Terra?”

45 -2) - “LUCAS, 10:17-18: Disseram os discípulos: os demônios se submetem em teu nome, mas Jesus disse: ‘Eu vi a Satanás caindo do céu, como relâmpago.’”

46 -3) - APOCALIPSE, 12:4: “A causa de Satanás arrasta a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a Terra.”

47- 4) - “APOCALIPSE, 12:7-9: “Houve uma peleja no Céu”. Miguel e os seus anjos pelejaram contra Satanás, também pelejavam Satanás e os seus anjos.

48 - 5) - “Todavia não prevaleceram, nem mais se achou no Céu o lugar deles;”

49 - 6) - “E foi expulso Satanás sim, foi atirado por Terra e, com ele, os seus anjos.”

Extraídos do livro “As Pontes Evangélicas” de Jorge Damas Martins. Disponível na Internet. Leia-o.

* * *

50 - As almas dos homens, antes de terem caído neste sepulcro que é o corpo, conseguiram vislumbrar – umas mais de perto, outras de maneira menos precisa – a Pureza, a Justiça, a Sabedoria. Decaíram, corromperam-se, encheram-se de vícios ao se ligarem com o corpo. Guardam todavia uma tênue recordação do que antes contemplaram e tendem, sempre, para aquela perfeição que um dia contemplaram. Platão – Wiquicote – Frases de Platão – Livro “República”.

As duas citações seguintes figuram na obra O Consolador – Emmanuel, recebido por Chico Xavier. Feb – Rio: Vejamos o que ele afirma na página 248 e 249 do livro citado:

51 - 248 – Como se verifica a queda do Espírito?

– Conquistada a consciência e os valores racionais, todos os Espíritos são investidos de uma responsabilidade, dentro das suas possibilidades de ação; porém, são raros os que praticam seus legítimos deveres morais, aumentando os seus direitos divinos no patrimônio universal.

Colocada por Deus, no caminho da vida, como discípulo que termina os estudos básicos, a alma nem sempre sabe agir em correlação com os bens recebidos do Criador, caindo pelo orgulho e pela vaidade, pela ambição ou pelo egoísmo, quebrando a harmonia divina pela primeira vez e penetrando em experiências penosas, a fim de restabelecer o equilíbrio de sua existência.

* * *

52 - São bastante claros e incisivos em seu significado os trechos a seguir, extraídos de 2 cartas de Paulo: Aos filipenses e aos romanos:

1º. – Jesus antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, **tornando-se em semelhança de homens, e reconhecido em figura humana.** (Epístola de Paulo aos Filipenses, Cap. II, v. 7).

2º. –Deus, enviando o Seu próprio Filho **em semelhança de carne de pecado** e por causa do pecado, condenou o pecado na carne; para que a exigência da justiça da Lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Os que são segundo a carne põem a sua mente nas coisas da carne, mas os que são segundo o Espírito põem a sua mente nas coisas do Espírito. A mente da carne é morte, mas a mente do Espírito é vida e paz” (Epístola de Paulo aos Romanos, cap. 8, vv 3 a 6).

* * *

APONTAMENTOS SOBRE A QUEDA ESPIRITUAL – 2ª. Parte

A Revelação Espírita atingiu no início do Terceiro Milênio a sua mais alta e profunda expressão com a série de livros psicografados pelo médium Gilson Teixeira Freire, prefaciados por Bezerra de Menezes, notadamente a Trilogia de Adamastor, composta por Ícaro Redimido, com 436 páginas, Tabernáculo Eterno, com 285 páginas, Outubro de 2007 e Senda Redentora, Abril de 211, com 596 páginas, editada pela INEDE, de Belo Horizonte - MG.

Nesses dois últimos livros são elucidados, senão todos, mas a maioria dos complexos e importantíssimos temas que abordamos nesta obra.

Como pequena amostra do que afirmamos e como estímulo para que leiam as obras citadas vejam um pequeno trecho do livro SENDA REDENTORA, que, data venia, reproduzimos:

Cap. 18 – Sob o Véu da Matéria – p 326

O Movimento

– Afinal Jesus disse que o conhecimento da verdade nos libertaria das injunções da matéria. – ajuntou, feliz, Adelaide.

Por minha vez, também expressando admiração, ajuntei:

Surpreendeu-me compreender que tudo o que existe em nossa realidade está feito unicamente de movimentos. E movimento de algo que, na verdade, não detém em si substrato físico algum, mas apenas um potencial de realização. Isso é extraordinário, Heitor. Esclarece-se que nossa realidade embora concreta aos nossos olhos, ainda que essas esferas

espirituais que ora habitamos, nada mais são que produtos da mais genuína imponderabilidade. Estou convencido de que o movimento cria a energia e a matéria, mas custa-me visualizar na tela psíquica que o movimento, por sua vez, não tem uma base estrutural, porém, unicamente ideológica.

– Com efeito Adamastor – explicou melhor Heitor, o movimento é a única potência existente no cosmo, responsável por todas as suas admiráveis criações. Sem o movimento nada existiria. Ele cria galáxias, estrelas, mundos, a própria vida e em nós, faz-se o sustentáculo da consciência. Como vimos, em seu grau mais intenso possível, ele gera a matéria, em seus diferentes estados de apresentação. mas o movimento nada mais é do que a segunda grandeza da divina trindade em ação na realidade fenomênica, a vontade operante, o verbo que se faz realidade, como nos afirmou João, o evangelista, em seu famoso versículo (1: 14).

Como já vimos, é o elemento intermediário da famosa trilogia, que une a primeira potência, o espírito, o idealizador e o criador de tudo o que existe, ao terceiro instante da trindade, a estrutura, que em nossa realidade terminou por se fazer matéria. Portanto, se você me perguntar o que se move, para tudo formar é precisamente a substância, o substrato que sustenta os três momentos, o puro e puro estrato do pensamento divino, que a tudo constrói e confere as propriedades do existir. Este é o verdadeiro e último estofado da realidade com base no qual são moldados o espírito, a energia e a matéria. A substância em seu estado puro está feita de imobilidade, porém, não de inércia, definindo o espírito: ao agitar-se gera a energia que ao contrair-se em seu máximo estado de compactação, produz a matéria. E estejamos cientes, o que moveu a substância foi o de seu estado de íntima pureza e imobilidade foi o desejo do espírito de retirar-se do Absoluto, onde inexistente movimento algum. E como também já vimos, a substância nada mais é que um fragmento da Consciência de Deus.

* * *

Examinaremos a seguir os livros de Pietro Ubaldi que mais diretamente tratam do fenômeno da Queda Espiritual.

53 - Impressão de Carlos T. Pastorino, o tradutor de O Sistema, de Pedro Ubaldi, publicado pela Fundapu.

Rio de Janeiro, 5 de julho de 1957

Terminada a tradução da obra, O Sistema, de Pietro Ubaldi, feita com a alegria imensa do garimpeiro que vai descobrindo em cada nova linha uma pepita de ouro do mais puro, não me contendo em rascunhar a impressão que me ficou dessa leitura meditada, do estudo dessa revelação nova trazida a nós em plena segunda metade do século XX.

Desde a infância, o estudo desses problemas, através das obras da Teologia Católica, primeiramente, e mais tarde através das publicações oficiais do Espiritismo, do Protestantismo, da Teosofia, do Esoterismo, da Antroposofia, dos Rosa-Cruzes, das obras mais antigas da Índia, do Egito e da China, o estudo de tudo isto deu-me uma impressão de incerteza e de tateamento, ou então de afirmativas sem bases no campo racional. Não há, em todas essas doutrinas, respeitabilíssimas sem dúvida, porque representam o labor da mente concreta que busca o conhecimento através de suas próprias forças – não há uma unidade completa que una tudo numa única visão de conjunto.

Por isso, através da leitura estudada e meditada da obra de Ubaldi, cheguei à conclusão de que o universo é de fato um todo único, cujo centro é Deus. E, completando a maravilhosa e inspirada A Grande Síntese com o volume Deus e Universo, vislumbrei certos aspectos novos. No entanto, o segundo volume citado está demais conciso e alto, não me permitindo à parca inteligência, a compreensão total da grandiosidade ali exposta.

Neste volume, entretanto, a explicação é cabal e acessível a todas as inteligências, mesmo as medianas, como a de quem está escrevendo, e as provas são de tal forma completas e irresponsáveis, que pouco haverá que acrescentar a isso, nessa época. Talvez mais tarde se possa dizer algo mais. Mas, no momento, não vemos o que acrescentar ao que aqui se encontra.

O Sistema é um livro ótimo, lógico e claro. Trata-se, em minha insignificante opinião, de completo curso ou tratado de Teologia cosmogônica, uma Teologia Nova, que vem cortar pela raiz todas as elucubrações puramente humanas, esclarecendo os pontos obscuros, revelando todos os mistérios incompreensíveis e inaceitáveis à mente hodierna. As teologias antigas, que pararam no tempo e no espaço, por se terem tornado dogmáticas e não mais admitirem pesquisas, reagirão, sem dúvida, a esta intromissão em seu terreno. Mas a humanidade está em evolução perene, e não seria compreensível que a parte mais nobre e elevada da humanidade, que é o pensamento e a sabedoria, parassem nos séculos remotos, enquanto a parte inferior, material, estivesse, como está, progredindo a passos gigantes.

Neste Tratado Teológico, encontramos um Deus perfeitamente aceitável por Sua grandeza, ao invés daquele Deus mesquinho que trazia sempre bombons na mão direita para premiar e um chicote na esquerda para castigar, como qualquer capataz irritadiço e vulgar. Revela-nos uma finalidade à existência, ao invés de um paraíso de ociosidade inútil e egoísta, em que as criaturas ficarão por toda a eternidade gozando ao ver seus entes queridos sofrendo horrorosamente um inferno infundável.

A teoria da queda e da reabilitação dos espíritos é tão lógica que temos a impressão que ela guiará o mundo espiritualizado de amanhã, esclarecendo os pontos obscuros e dando direção à evolução da humanidade, que hoje se debate em problemas sem solução. É um Tratado de Teologia nova e ao mesmo tempo um Tratado de Filosofia Universalista Unitária, que nos apresenta, como um todo único, um só corpo cuja cabeça é Cristo.

A segurança de raciocínio jamais abandona o autor a especulações vazias, mas o leva a provas sólidas, em matéria difícil e complexa. É a única teoria que conhecemos, que pode satisfazer o intelecto, a razão e mesmo o coração, porque

explica logicamente tudo o que se passa neste mundo. Filosofia, física, química, biologia, sociologia, moral, tudo é examinado conscienciosamente, com minúcias que esgotam o assunto, com inflexibilidade irresponsável, com segurança e acerto.

A parte mais alta do livro O Sistema é constituída pelo capítulo XX, quando o autor nos dá a terceira interpretação da visão. Esta é de uma clareza deslumbrante. Inegavelmente trata-se, nesta obra, de uma revelação descida do Alto, que nos vem trazer luz acerca de problemas que a mente humana, por si só não poderia resolver.

Perguntam-me alguns confrades, como posso aceitar a teoria de Pietro Ubaldi, sendo, como sou, espírita adepto de Allan Kardec. Confesso não ver nenhuma contradição entre as duas teorias.

Para quem lê Kardec superficialmente, detendo-se nas palavras impressas, a teoria de Pietro Ubaldi pode parecer "herética". Mas aos que lêem o mestre penetrando as entrelinhas das respostas dos espíritos, tão sábias e profundas, nada lhes parece de contraditório.

Em primeiro lugar, Allan Kardec tentou penetrar nesse terreno. Todavia os espíritos não lhe deram a resposta ansiada. Podemos encontrar no Livro dos Espíritos a pergunta 39: "Podemos conhecer o modo de formação dos mundos"? E a resposta dos espíritos: "Tudo o que a esse respeito se pode dizer e podeis compreender é que os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no espaço". Não é o que diz Pietro Ubaldi, no capítulo XX? A origem dos universos foi uma "contração", em que o espírito ficou aprisionado dentro da matéria.

Em segundo lugar, o próprio Kardec afirma não ter dito a última palavra, mas apenas a primeira. E que todas as teorias por ele trazidas deveriam ser desenvolvidas à proporção que a ciência progredisse.

Em terceiro lugar, Allan Kardec preocupa-se com o problema da evolução, a partir da matéria primitiva, sem cogitar do que havia ocorrido antes. Ou seja, começa do mesmo modo em que a Bíblia e do mesmo ponto em que A Grande Síntese iniciaram o estudo: a subida evolutiva dos seres encarnados. Evidentemente, partiram todos da "matéria", ou seja, dos átomos, cuja concentração formou os universos. Nesse ponto – o infinito negativo, o ponto de chegada da involução, a concentração máxima do espírito – era evidente que "todos os espíritos eram simples e ignorantes" (pergunta 115). Entretanto, é evidente a confusão da palavra "espírito", no sentido de "princípio espiritual" com o sentido de espírito humano. Mas as próprias respostas dos espíritos e Allan Kardec classificam a origem, pesquisada agora por Pietro Ubaldi, como "mistério": "a origem deles é mistério" (Pergunta 81). E pouco antes: "Quanto ao modo pelo qual nos criou e em que momento o fez, nada sabemos" (Pergunta 78).

Dentro do próprio Livro dos Espíritos, contudo, encontramos em esboço muito rápido e leves pinceladas, a confirmação da teoria ubaldiana. Pergunta Kardec: "Donde vieram para a Terra os seres vivos"? Resposta: "A Terra lhes continha os germes, que aguardavam momento favorável para se desenvolverem. Os princípios orgânicos se congregaram (teoria das "unidades coletivas"), desde que cessou a atuação da força que os mantinha afastados" (Pergunta 44). Não é o que diz Pietro Ubaldi?

Mas, acima de tudo, está de pé a resposta à pergunta 540, no fim: "É assim que tudo serve, tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto!"

Nada mais cremos seja precioso para provar que a teoria exposta por Pietro Ubaldi, em sua revelação, nada tem de contraditório com a doutrina codificada por Allan Kardec. Antes, vem completá-la e explicá-la, levantando o véu daquele mistério que, há um século, os espíritos julgaram oportuno deixar ainda envolvendo a origem da vida. E isto porque os homens daquela época "ainda não podiam entender" essa origem, pois a ciência não havia demonstrado que matéria é apenas a condensação da energia, e esta a descida das vibrações do espírito. A frase final da resposta à pergunta nº 83 nos revela bem que Allan Kardec, incontestável mestre codificador, não pôde receber dos espíritos uma doutrina completa, porque o ambiente terrestre ainda não estava preparado. Lemos aí: "É tudo o que podemos, por agora, dizer". Então, há mais coisas a dizer, mas não podiam ser ditas, tal como ocorreu quando Jesus disse a seus apóstolos: "Muitas coisas vos tenho a dizer, mas não as podeis suportar agora" (João, 16:12). Por que então condenaremos a teoria de Pietro Ubaldi, se ela sem contradizer nem Kardec, nem Jesus, vem trazer-nos luz a respeito de coisas que nem um nem outro nos haviam revelado?

O fato concreto, sob nossa vista, é que a teoria exposta mediante revelação e inspiração por Pietro Ubaldi satisfaz integralmente a todas as indagações científicas, psíquicas, filosóficas, teológicas e espirituais que possamos fazer-nos. Assim sendo, temos que lealmente aceitá-la, até prova em contrário; mas prova que traga argumentos e fatos, experimentações e demonstrações, e não apenas citações do "magister dixit". Hoje o método científico tem de prevalecer para satisfazer tanto à mente concreta quanto à abstrata, tanto à razão quanto à intuição, tanto à inteligência quanto à sensibilidade.

A obra é de suma importância e finca no mundo um marco que dificilmente será removido. Poderá ser mais bem explicado e desenvolvido seu ponto de vista, poderá mesmo ser modificado em seus aspectos secundários. Mas o âmago do problema foi equacionado brilhantemente, e daí poderemos partir para posteriores e maiores pesquisas e buscas. Compete agora ao homem de amanhã essa parte. Mas este já encontrará uma base onde se apoiar, um alicerce sobre o qual poderá erguer novos edifícios. E era isto, justamente, o que faltava à humanidade de hoje, que nada podia edificar em terrenos movediços de mistérios, sobre abismos sem fundo de desconhecimentos confessados. Tudo, dentro da relatividade humana, foi explicado em termos científicos e lógicos. Foi-nos mostrado, com dificuldade por causa da pobreza da

linguagem humana, o que a mente do homem perquiriria há milênios, e que nos fora dito várias vezes, mas sempre com palavras ocultas, cheias de subentendimentos, que a mente comum não conseguia penetrar.

Para a filosofia e a teologia, este volume constitui um dos bmais importantes tratados que já apareceram publicados na face da Terra. É uma luz nova que se levanta no horizonte, um novo sol que vem iluminar as mentes e aquecer os corações, sequiosos de sabedoria e de amor. Porque nele se revelam, em Sua plenitude infinita, a Sabedoria e o Amor de Deus, como centro de tudo, como Seu pensamento a constituir atmosfera psíquica "em que vivemos, nos movemos e existimos (...) porque Dele também somos gerados" (Atos, 17:28)

C. Torres Pastorino – Rio, 5 de Julho de 1957.

* * *

54 - DEUS E CRIAÇÃO

Õ Sistema – P. Ubaldi - Capítulo II - (Trecho final)

Para tornar a exposição compreensível à forma mental comum, tive de exprimir, em A Grande Síntese e em Deus e Universo, a concepção sintética da primeira visão intuitiva, por graus e por concatenação de desenvolvimento lógico. Assim, para torná-la mais compreensível, a visão sintética foi expressa analiticamente. Sigamos agora o processo inverso expondo os conceitos na forma em que realmente me apareceram, isto é, num primeiro momento como síntese ou visão de conjunto, e só num segundo momento, como controle racional e exposição de provas, pondo-nos em contato com a realidade dos fatos. Dessa forma, podemos colocar como atual ponto de partida, o que daqueles livros era, ponto de chegada. Assim, teremos logo diante dos olhos o quadro geral do Sistema completo, de acordo com a perspectiva panorâmica obtida, observando-a do alto. Desceremos, depois, num segundo momento, ao nível do terreno, para percorrê-lo a pé, trabalho que nos permitirá verificar, tocando de perto a realidade, que a visão de conjunto corresponde aos fatos.

O nosso ponto de partida será, pois, o capítulo final, intitulado: "Visão Sintética" do Volume Deus e Universo. Naquela visão, de máxima amplitude, que até agora conseguimos por intuição, enxertaremos a outra visão, menos vasta, porém mais próxima, a de A Grande Síntese. Os conteúdos dos dois volumes estarão, pois, fundidos aqui numa única concepção, que nos dará, num só golpe de vista, a visão de todo o Sistema. O nosso trabalho é, agora, o mesmo da minha primeira fase de recepção por inspiração, ou seja, abrir os olhos e ver. Depois, num segundo momento, faremos o outro trabalho, o de analisar, para compreender racionalmente. Desta maneira, fazendo o leitor seguir o mesmo caminho que segui, procuro dar-lhe a sensação viva do fenômeno como eu mesmo o vivi.

Então, num primeiro momento, somos apenas seres sensibilizados, dotados de uma visão interior, observando nossas percepções, sem exercer nenhum controle racional a fim de saber se correspondem aos fatos e a razão pela qual devam ser como nos aparece. Só mais tarde serão enfrentados esses quesitos, dando-se-lhes resposta. Então, como ponto de partida teremos os totais da operação que nos chegaram de forma sintética, para os analisar, buscando os seus termos constitutivos, por meio dos quais 23 poderemos novamente alcançar aqueles totais, mesmo usando a forma mental moderna. Coloquemos, então, agora, as conclusões, para depois proceder à sua análise. Poderá isto parecer estranho, mas a humanidade enfrentou o problema do conhecimento com o mesmo método: primeiro a revelação, por meio de profetas e inspirados, depois a ciência, com a observação e a experiência. É este, portanto, o sistema usado pelas leis da vida, no desenvolvimento do pensamento humano. São dois momentos sucessivos e complementares: o primeiro é o movimento instintivo e inconsciente do menino que abre os olhos, olha e assimila; o segundo é o movimento reflexo e consciente do adulto, controlando com a razão o que vê, não mais esperando o conhecimento descer gratuitamente do Alto, mas movendo-se ele mesmo à sua procura, com seu trabalho e esforço.

Em vista de as duas operações se completarem mutuamente, sendo uma necessária à outra, devemos executar ambas. Fiquemos agora no âmbito da primeira. Neste trecho no qual a intuição impera, os céticos ainda nada podem dizer. Para a dúvida, que virá mais tarde, ainda não há lugar aqui. Estamos agora na fase em que se olha, se recebe e se registra. Os racionadores, os críticos, os céticos, trabalham em outro terreno, e virão depois, sendo bem aceitos, porque também são utilíssimos para realizar o trabalho de controle. Mas nesta primeira fase, só pode olhar e calar-se. Na atual visão de síntese, encontramos-nos situados no absoluto, no qual tudo é suprema abstração, onde tudo escapa a uma possibilidade de controle com os meios de nossa concepção de origem sensória e com os princípios da realidade fenomênica de nosso mundo. Diante dessa visão, falta-nos qualquer meio de controle direto e ponto de referência, não funcionando a observação e a experiência, que constituem a força da ciência. Mas isto não significa não haver a possibilidade de algum controle. Ele existe, mas indireto. Movemo-nos aqui no âmbito das causas primeiras, cuja essência escapa à nossa percepção. Destas causas, possuímos os efeitos repercutindo em nosso mundo, efeitos que vivemos e dos quais somos o resultado. Sem dúvida, não podemos ver o Absoluto, mas podemos fazer dele uma imagem, indiretamente, através dos reflexos e efeitos que vemos em nosso relativo, o qual bem conhecemos. Esses efeitos, nós os temos sob os olhos, controláveis a cada momento, falando-nos sempre da causa, de que são filhos diretos. Assim, neles podemos ver o rosto da mãe, cuja fisionomia pode ser reconstruída até por meio daquela razão, que não chega a vê-la, como o faz a intuição. Então, por um caminho mais longo, podemos levar os céticos a admitir a verdade daquelas visões que, por sua natureza, são incontroláveis diretamente.

Quando chegamos a esta visão, não podemos saber nem nos perguntar por que Deus quis existir e agir de determinada maneira e não de outra. Podemos somente receber a visão e registrar o estado de fato, que ela representa, e por fim aceitá-lo. Não podemos discuti-lo, nem modificá-lo, como é o caso da lei que regula qualquer fenômeno. Em ambos os casos verificaremos que o estado de fato é assim, acontece assim, sendo esta a inviolável estrutura do fenômeno.

Ocorre, porém, uma coisa. Nesse plano imperscrutável e nesse esquema geral indiscutível do ser, achamos as causas primeiras, únicas a nos explicar não só os efeitos que temos entre as mãos, mas também a sua estrutura, sem o que não saberíamos explicar a razão pela qual teriam tomado aquela conformação particular e não outra. Por isso, não podemos explicar porque Deus teria querido criar os seres, transformando-se, de um todo homogêneo, internamente indiferenciado, num todo orgânico, unidade coletiva composta de infinitos espíritos. Mas este fato, que não podemos pesquisar, é o único a explicar outro fato correspondente, pelo qual o homem resulta constituído por um organismo de células, ou seja, uma unidade coletiva dirigida por um eu central, assim como todo o universo é dirigido por Deus. É ainda o único a nos explicar o princípio, pelo qual os seres tendem a reagrupar-se em unidades coletivas cada vez mais amplas; daí vemos dominar em nosso universo o princípio orgânico, justamente aquele ao qual se deve a criação dos seres, como foi revelado pela visão. Somente ascendendo a estas origens das coisas podemos dar-nos conta da razão pela qual assumiram em nosso universo sua atual conformação.

Assim, não podemos explicar, agora, o porquê último da estrutura trina da Divindade, além dos princípios gerais de ordem e harmonia, como não podemos perguntar nem saber a razão. Mas, verificamos que nós mesmos, em cada ato nosso, repetimos o mesmo comportamento: primeiro concepção da idéia, depois ação e, finalmente, a sua manifestação na realização concreta, exprimindo na forma, a idéia. Por isso, não podemos dizer a razão pela qual Deus tenha desejado existir como Trindade, mas podemos compreender a razão pela qual funcionamos dessa maneira. Devido o universo ser constituído segundo esquemas de tipo único, que se repetem em todas as alturas e dimensões, repetimos em cada ato nosso o princípio da Trindade, o único que pode esclarecer sobre essa estrutura de nossa maneira de agir e da sua forma de existir. É precisamente aquele primeiro modelo da Trindade, que vem repetido em todos os atos criadores de cada ser inteligente.

Eis como 24 me apareceu a visão máxima do todo, já esboçada como conclusão no capítulo final de volume Deus e Universo, e agora, tendo chegado a um estado de mais profunda maturação, apresentamos de forma mais ampla e completa.

Apareceu-me Deus como uma esfera que envolve o todo, isto é, como conceito abstrato de esfera, existente além do espaço e cuja superfície está situada no infinito. Deus está no centro e domina toda a esfera, existindo também em cada ponto seu. Deus não pode ser definido, porque no infinito Ele simplesmente "é". Deus significa existir. Ele é a essência da vida. Tudo o que existe é vida, isto é, Deus. E Deus é tudo o que existe, que é vida. Deus 25 é o ser, sem atributos e sem limites. O nada significa o que não existe. O nada, portanto, não existe. Ele não pode existir em si mesmo, por si só, mas só como uma função do existir, como uma sua posição diversa, da mesma forma que a sombra não pode existir por si mesma, mas só em função da luz, e o negativo não é concebível senão como contraposição ao positivo.

Nós, como tudo o que existe, estamos em Deus, porque nada pode existir fora de Deus, nada lhe pode ser acrescentado nem tirado. Mas, como veremos, nós humanos, com os outros seres de nosso universo físico, encontramos-nos existindo numa posição particular, semelhante à da sombra em relação à luz. Como sombra, fazemos parte do fenômeno luz, ou seja, fazemos parte do Tudo-Uno-Deus, mas como sombra, isto é, negativo, estamos no pólo oposto ao positivo da mesma unidade. Mais tarde veremos como isto aconteceu. Assim, diante do absoluto, encontramos-nos no relativo; diante do imutável, no contínuo transformar-se; diante da perfeição, numa condição de imperfeição sempre em movimento para atingir a perfeição; diante da unidade orgânica do todo, encontramos-nos fragmentados e fechados em nosso individual egocentrismo de egoístas; diante da liberdade do espírito, encontramos-nos prisioneiros no cárcere da matéria e de seu determinismo; diante da onisciência de Deus, estamos imersos nas trevas da ignorância; diante do bem, da felicidade, da vida, somos presas do mal, da dor e da morte.

Explicamos isto, para compreender como, existindo em um mundo emborcado do lado negativo, em relação a Deus, só sabemos conceber Deus como uma negação de tudo o que constitui nosso mundo. Pelo fato de sermos sombra, só podemos conceber Deus como a sombra concebe a luz, isto é, como o contrário de si mesma. Para poder atingir o positivo, seria indispensável, portanto, chegar a negar todo o próprio negativo, ou seja, dizer: Deus não é tudo o que nos parece e existe como real; como para chegar à luz, mister seria afastar toda a sombra. Este mundo de matéria, percebido pelos nossos sentidos. Este ou aquele fenômeno ou forma contingente, não é Deus. Mesmo Deus estando em tudo o que somos e vemos, tudo isso, por si só, não é Deus. Ele está além de todo fenômeno e forma, de toda posição do particular. Se se pudesse definir o infinito, a definição de Deus estaria para nós, antes, no negativo, isto é, como a negação do que para nós, em nossa posição, ao contrário, existe.

Todavia, há um fato. A sombra não é, absolutamente completa. Ela contém sem dúvida, reflexos de luz. Isto porque no atual plano de sua vida, o ser humano já percorreu certo trecho do caminho da evolução, ou seja, já subiu uma certa parte do caminho da descida e com isto reconquistou um pouco da perfeição originária. Ora, as definições comuns de Deus, em sentido positivo, foram obtidas com o elevar-se à potência infinita, as mínimas quantidades de perfeição reconquistada pelo homem ou intuída como futura realização a conquistar, isto é, os pálidos reflexos contidos na sombra.

Chegamos assim, não a uma definição, mas apenas a uma aproximação do conceito de Deus. Com efeito, não é possível uma sua definição, porque, como acima dissemos, não se pode definir o infinito. O infinito uma vez definido não seria mais infinito. Compreendido este ponto, continuemos a contemplar a visão. Focalizando cada vez mais de perto, verificamos ser a esfera constituída não de uma, mas de três esferas, idênticas em tudo, e que cada uma se vai transformando na outra. Passamos, assim, ao segundo momento ou aspecto da visão. O primeiro deu-nos o conceito de Deus. O segundo dar-nos-á o conceito de criação.

Eis então que a esfera a qual chamamos de Tudo-Uno-Deus, por representar Deus como Unidade envolvendo o todo, inicia um processo de íntima elaboração, levando-a a uma profunda transformação. Neste segundo aspecto da visão, a Divindade se distingue em três momentos sucessivos, constituindo a Trindade do Deus-Uno. Representa o assim chamado mistério da Trindade, encontrado em muitas religiões, em todos os tempos. Eis a Divindade, una e trina ao mesmo tempo. Observemos os três momentos. Para nos tornar compreensíveis, teremos infelizmente de materializar os conceitos abstratos, em termos antropomórficos e com representações concretas; estas, se são úteis para fixar as idéias mediante representações mentais, mais facilmente concebíveis, no entanto, certamente deformam o conteúdo abstrato da visão, diretamente impossível de ser imaginado.

No primeiro momento, acha-se Deus no estado de puro pensamento. Ele então existe como um eu pensante que concebe. O movimento da elaboração interior está só na ideação abstrata, que é de visão do plano, o qual depois se realizará nos momentos sucessivos; é formulação da Lei, isto é, dos princípios que irão reger tudo; é contemplação da obra futura, ainda no estado de imagem mental.

Mas, eis que tudo se transforma e passa a um segundo momento, quando a concepção se muda em ação. O movimento da elaboração interior, de puro pensamento se torna vontade, que executa a idéia abstrata, põe em ação os planos concebidos, aplica os princípios da Lei. A imagem mental torna-se ação e se encaminha à sua realização. Chega-se, assim, ao terceiro momento, àquele em que a idéia, por meio da ação, atingiu sua realização. Então o movimento da elaboração interior se completou, chegando à obra terminada, na qual, por meio da ação, a idéia originária do primeiro momento encontrou sua expressão final, de acordo com os planos concebidos e os princípios da Lei. É neste terceiro momento que ocorre a gênese da criatura, ou seja, a criação.

Estes três momentos representam o que chamamos as três pessoas da Trindade, ou seja: Espírito (a concepção); Pai (o Verbo, ou ação); Filho 27 (o ser criado). Cada um dos três momentos é sempre o mesmo Deus, que permanece assim o Todo-Uno e trino ao mesmo tempo.

*

Para facilitar a representação destes conceitos, poderemos imaginar as três esferas lado a lado, uma depois da outra, isto é, contíguas e sucessivas. Focalizemos nossa atenção na terceira ou última.

Qual é o resultado final do citado movimento de elaboração interior? Como se transformou, em seu íntimo, o Tudo-Uno-Deus, no fim do terceiro momento? Como fica a estrutura interior da esfera, no fim do processo a que se deve a criação? Em que constituiu ela?

Respondamos começando com as palavras do capítulo "Visão sintética", com que se encerra a visão do volume Deus e Universo. Neste processo, Deus multiplicou-se, como que se dividindo num número infinito de seres e, no entanto continuando uno. Nos três momentos, a unidade de Deus permanece intacta e idêntica. Em vista de, ao Todo, nada se poder acrescentar, a criação ocorreu e permaneceu no seio do Tudo-Uno-Deus. Em outras palavras, poderemos imaginar este processo criador, como uma íntima auto-elaboração, pela qual Deus se transformou, de seu estado homogêneo e indistinto, em outro seu estado diferenciado e orgânico. Disto nasceu uma Sua diversa estrutura orgânica e hierárquica, um sistema de elementos (as criaturas) coordenados em função Dele e regidos por Sua lei, concebida no primeiro momento.

Assim, a Divindade, que era unidade diferenciada, permaneceu igualmente uma também agora, em seu terceiro momento, como unidade orgânica. Isto porque os elementos componentes resultaram tão profundamente integrados na ordem da Lei, tão bem coordenados em hierarquias e distribuições de funções, que a unidade originária de Deus nada perdeu e ficou íntegra, perfeita em seu novo aspecto de unidade orgânica. Criou-se, assim, o modelo, que mais tarde será repetido na formação de todos os organismos, quer da matéria quer da vida, segundo um dos maiores princípios da Lei, o das unidades coletivas. Assim, as criaturas, nascidas desta criação, podem imaginar-se, em representação antropomórfica, como tantas centelhas em que quis dividir-se o incêndio divino.

É evidente estarmos nos esforçando em dar uma representação mental ao fenômeno, de forma facilmente compreensível, mesmo sabendo que, quanto mais nos avizinharmos da forma mental humana, mais nos afastaremos da realidade toda abstrata e espiritual do fenômeno. Mas temos de fazer isso, porque a aceitação e a sorte de uma teoria dependem, muitas vezes, da forma mais ou menos facilmente compreensível e representável, com que seja exposta. Além disso, mister é ter presente, que quando falamos de criação, não se trata ainda da criação de nosso universo que conhecemos, mas de uma originária criação, da qual derivou depois a atual. Esta era de puros espíritos perfeitos, bem diferente em toda sua qualidade, daquela em que nos achamos atualmente situados. Esta virá depois, e veremos como. Esses espíritos perfeitos que Deus tirou de Sua própria substância, nela permaneceram fundidos num só organismo unitário. A substância divina que os constituiu, continuou a existir una em Deus, agora, que se achava em estado diferenciado de elementos fundidos num organismo, como o era no primeiro momento, quando estava em estado homogêneo indistinto.

Com isto, completa-se o terceiro momento e está terminada a primeira criação. Esta é a criação perfeita, de puros espíritos, existentes em absoluta harmonia na ordem da Lei, no seio de Deus. Chegamos assim da fase do Espírito, à do Pai e enfim à do Filho, representada por este último estado. Na harmonia de Deus, tudo funciona perfeitamente. Tudo é luz sem sombra, alegria sem dor, vida sem morte. Assim ocorreu a criação e estes foram os resultados. É claro nos achamos, em cada um dos três aspectos, diante do mesmo Deus, que nada mudou de Sua substância. É, portanto lógica e compreensível a equivalência dos três modos de ser da mesma Entidade. Trata-se, realmente, de três pessoas iguais, porquanto são a mesma pessoa, e distintas, enquanto a mesma pessoa se transforma em três momentos diversos. Trata-se do mesmo Deus em três aspectos Seus diferentes; como no caso do menino, adulto e velho se trata da mesma pessoa, constituída, entretanto, por três pessoas distintas, enquanto esta se muda em três diversos momentos seus. Como este homem, também Deus, em seus três aspectos, permanece o mesmo. Concentremos agora nossa atenção, focalizando o nosso olhar nesta criação realizada, no fim do terceiro momento, ou seja, no terceiro aspecto da Divindade, o Filho. Cedido pelo site http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/ubaldi_14.pdf

55 - O SISTEMA – Pietro Ubaldi

Capítulo III – Queda e Reconstrução do Sistema – (Págs. 29 a 35)

Estamos diante do terceiro aspecto da esfera do Tudo-Uno: o de Deus – Filho. No segundo momento, o Verbo quis e agiu; fez assim de si mesmo um sistema orgânico de seres. Este é o que a visão agora nos oferece. Aqui Deus nos aparece como uma infinita multidão de seres, isto é, uma multiplicidade de individualizações do ser, a qual não significa, de forma alguma, fracionamento ou dispersão da unidade, porquanto as criaturas surgiram todas organicamente coordenadas, funcionando de acordo com a Lei, ou seja, com o pensamento de Deus, e a ele todos se subordinando, como centro do Sistema.

Sendo as criaturas centelhas de Deus, deviam possuir as qualidades do fogo central, tendo em primeiro lugar a liberdade. Os filhos de Deus só podiam ser livres e conscientes, aceitando permanecer na ordem por livre adesão. O organismo da Divindade não podia ser constituído de autômatos, de escravos inconscientes. Mas, sendo os elementos constituintes hierarquicamente coordenados num organismo, não podiam ser idênticos ao Centro, ao qual, no que respeita a conhecimento e poderes, tinham de ficar subordinados como num organismo de ordem e harmonia é necessário para tudo o que é menor e derivado. A coordenação dos elementos componentes do organismo do Sistema, implicava, como primeiro dever, na ordem soberana, o da obediência. Num sistema de ordem, é necessidade imprescindível e lógica que a liberdade seja condicionada a ele, e não lhe seja lícito ultrapassar limites, além dos quais lhe seria permitido subverter aquela ordem, chegando assim, neste caso, a atentar até contra a unidade do Tudo-Uno-Deus, em cujo seio se move e de cujo sistema faz parte. A primeira condição, pois, a que deve submeter-se a liberdade é o dever de manter-se em perfeita adesão à Lei, que, exprime o pensamento e a vontade de Deus.

Todavia, a liberdade é tal, que contém a possibilidade do arbítrio e do abuso, significando poder quebrar a unidade orgânica do Sistema. Neste caso, portanto, o ser livre podia não querer mais mover-se harmonicamente no Todo, produzindo assim, um tumor canceroso no seio do próprio Sistema, pronto a alterar a estrutura sadia. Era necessário então que a liberdade não se exagerasse, ultrapassando os limites da ordem e da obediência, mas permanecendo, ao invés, subordinada em tudo à supremacia do Centro. Se essa infração ocorresse, a desordem nascida no seio da ordem produziria uma fratura, pelo menos na parte inquinada, um emborcamento e uma queda.

Mas como poderia acontecer fosse o Sistema obra de Deus, tão imperfeito que pudesse desmoronar a cada momento? Não, ao contrário, era tão perfeito, podendo até desmoronar sem dano definitivo, justamente por isso podia conter, deixada à mercê da livre vontade do ser, a possibilidade de uma queda. Se isso tivesse ocorrido, é porque o Sistema era perfeito a tal ponto, que teria podido reconstruir-se integralmente por si mesmo e automaticamente teria tido a possibilidade de ressurgir de sua queda.

Esta implícita capacidade de automedicação, apta a resolver qualquer crise, tornava inócuo, em última análise, esse perigo e erro. Não se tratava, pois, de imperfeição. Ao contrário, na perfeição do Sistema, tudo estava previsto, até a possibilidade de uma desordem e de uma queda; por isso foi deixada nas mãos do ser a escolha entre a obediência e a desobediência, com a possibilidade de uma desordem e uma queda. Se isso acontecesse, tudo se curaria por si mesmo, embora passando por outros caminhos, e voltaria ao primitivo estado de perfeição, se bem que através de uma nova experiência, sempre útil e justa, apesar de árdua.

Mas, pode objetar-se ainda, se os espíritos eram livres e felizes na ordem por que deveriam ter-se sentido atraídos para uma desordem tão desastrosa? O que os atraíu, foi o mesmo princípio fundamental do ser, próprio também a eles; o egocentrismo. Este representa o princípio unitário, que rege a existência de cada individualização. Seu modelo máximo é Deus centro em torno do qual tudo gira e para o qual tudo gravita. Egocentrismo não quer dizer egoísmo. Este é um egocentrismo exclusivista, para vantagem própria e desvantagem dos outros, ao passo que egocentrismo pode fazer centro de si, como até no caso máximo de Deus, sobretudo para o bem dos outros.

E então aconteceu justamente que, em sua liberdade, parte dos espíritos, em vez de se deixar possuir por este egocentrismo altruísta e orgânico – que a Lei quer em sua ordem – deixou-se atrair e preferir um egocentrismo egoísta. Egocentrismo é por natureza sua, uma afirmação, e como tal tende a afirmar-se cada vez mais, se o seu impulso não for

equilibrado por um contra-impulso exercitado pela disciplina que o ser se impõe, em respeito à ordem e em obediência à Lei. Mas, se esse egocentrismo egoísta pode ter parecido como uma vantajosa expansão do eu, ele representava o princípio subversivo e anti-orgânico, que reaparece no câncer, no organismo humano. Rompeu-se, dessa forma, a harmonia hierárquica do Sistema, na qual toda individuação existe, como acontece com as células do corpo humano, que vivem umas em função de outras, sem o que, desmorona a unidade orgânica. Num sistema orgânico e hierárquico, as dimensões de cada eu são, para cada ser, medidas pelo valor e pela função ali representada; e cada individuação deve, para não se alterar a harmonia da ordem, manter-se sempre nos limites das dimensões relativas a esse valor e a essa função. Toda expansão do eu que exagere as devidas proporções, tende a emborcar o Sistema, pelo menos no ponto contaminado: pois emborcar é inverter, e num sistema equilibrado o desenvolvimento exagerado para além da ordem, leva a uma contração correspondente; toda expansão indevida é corrigida por uma diminuição proporcional.

*

Então, mais exatamente, o que aconteceu? Como se verificou esse novo fato que teria deslocado, pelo menos em parte, a ordem do Sistema?

Observemos

Encontramos agora, situados diante do terceiro aspecto da esfera do Tudo-Uno-Deus: o de Deus-Filho. Tudo continuava existindo em perfeita ordem, segundo a Lei. Fora dado por Deus, à multidão dos espíritos, uma livre autonomia de vontade, com a condição de esta ser coordenada em harmonia com a Lei, em função Dele. Mas, esse poder estava nas mãos deles que, sendo livres, podiam dirigi-lo mesmo em direção errada, contra a ordem, contra a Lei, contra o próprio Deus. Bastava aquele poder, ser canalizado pela vontade livre deles, para fora do caminho justo, e ocorreria a queda.

Foi justamente este o fato novo que aconteceu. Pelo uso errado de sua liberdade e um excesso de expansão do eu, por um egocentrismo exagerado e, sobretudo invertido, ou seja, não centrífugo, isto é, que partindo de si mesmo trabalha a favor de todo o organismo, como deve ocorrer com todas as células sãs e disciplinadas, mas centrípeto, em função do próprio eu, foi implantado no sistema o princípio anárquico do egoísmo em lugar do princípio orgânico da cooperação. Dessa forma, o estado de fusão unitária se subverteu no dissídio separatista. Iniciou-se, por isso, no seio do sistema, todo de natureza afirmativa ou positiva, o arremesso de um impulso oposto, todo negativo. Não se tratou simplesmente de uma desordem qualquer, que semeasse o caos no seio da ordem. Dada a natureza do impulso de onde nascera, essa desordem assumiu uma direção precisa e significou o emborcamento do sistema num estado antagônico ao anterior: o Anti-Sistema.

Com efeito, o nosso Universo é baseado no dualismo: Sistema e Anti-Sistema, e só assim podem ser encontradas e compreendidas as suas primeiras causas. Só assim podemos por que, em nosso universo, tudo se baseia no contraste dos elementos, impulsos e conceitos opostos e complementares. Dessa forma nasceu este triste mundo, nossa triste herança e conseqüência da queda, mundo em que, em contraste com o bem reina o mal, com a alegria a dor, com a luz as trevas, com o conhecimento a ignorância, com o espírito a matéria; e apareceram todas as forças e conceitos ao negativo, o que não existia antes no Sistema, sendo agora qualidade exclusiva do Anti-Sistema. Por isso, se no fundo deste aparece o caos, não se trata – como dissemos acima – de um caos desordenado, feito ao acaso, mas de uma desordem, justamente porque, com o Anti-Sistema, se chega ao pólo oposto da ordem, no qual esta se apresenta emborcada, em seu estado contrário. A lógica, implícita na perfeição originária do Sistema, permanece íntegra em qualquer transformação sua.

Continuemos a observar. Nem todos os espíritos se rebelaram, de modo que a desordem não foi geral, ou seja, não abrangeu toda a terceira esfera ou aspecto da Divindade, aqui chamada o Filho. Assim, nem todo o Sistema se transformou em Anti-Sistema. Uma parte do Sistema permaneceu íntegra em sua perfeição, enquanto na outra parte, rebelde, a ordem se desfez na desordem. Naquele momento tremendo, a unidade se partiu em dois e ocorreu a grande cisão de que nasceu o nosso universo corrompido, no qual vivemos juntamente nesse estado de cisão, ou seja, separados da alegria, na dor; da luz, nas trevas; do espírito, na matéria, numa palavra, em tudo invertidos no negativo, como é lógico ocorrer no seio do anti-Sistema. Então, todos os que tinham querido mandar, em vez de obedecer, caíram de um estado de límpida visão, num universo de ilusões; todos os que tinham querido dilatar demais as devidas dimensões do próprio eu, permaneceram aprisionados nas restritas individuações da forma e, da ilimitada liberdade do espírito, ficaram constrangidos à escravidão das necessidades da matéria, no cárcere do próprio restrito egoísmo.

Dessa maneira, enquanto uma parte caiu, outra parte dos espíritos permaneceu intacta, em sua perfeição, no Sistema. Mas assim o Tudo Uno-Deus resultou como que partido em dois: uma parte continuou na perfeição do Absoluto e a outra foi formar a estrutura material e espiritual de nosso universo. **Devemos, entretanto, compreender bem, não representar este a verdadeira criação, como se crê. Mas uma contrafação. Uma inversão sua, um seu verdadeiro estado patológico, embora transitório e curável. Em outros termos, o nosso Universo não é a Criação, mas sua doença, que lentamente se vai curando.** (Negritos meus – J. O.)

*

Continuemos pormenorizando a visão do fenômeno. Que ocorreu na esfera? Antes de tudo isto ocorrer, podíamos codificá-la toda branca, feita apenas de luz, de valores positivos. Agora, uma arte dela passou a fazer-se, e cada vez mais se tornou negra, sombra, de valor negativo. Começou um processo de desfazimento e de descida, de inversão de todas as qualidades do Sistema nas qualidades opostas. Este processo chama-se involução, explicando-se assim, como nasceu a matéria e porque o nosso universo assumiu uma forma material. Explica-se também, como, chegados ao fundo do

caminho de descida involutiva, tenha podido nascer de desenvolver-se o processo inverso, em que estamos situados e se chama evolução. Só desta forma são coordenados todos os fenômenos do universo num único telefinalismo; compreende-se porque nascem os planetas e a vida sobre eles, descobrindo-se o fio espiritual que liga todas as formas de vida num único caminho ascensional dirigido para Deus. Sem esse conceito da queda do 33 sistema, mostrando-nos que agora vivemos num anti-sistema, o qual não pode ser atribuído a Deus, tudo permanece desconexo e incompreensível.

Há o fato positivo de não se poder dar a Deus, de maneira nenhuma a paternidade de um universo que demonstra ser o contrário da perfeição. Não se pode admitir de modo algum ser a obra de Deus apenas uma afanosa busca fatigante de uma remotíssima perfeição, através de infinitas tentativas. O nosso universo, dividido no dualismo, em que cada ponto se fracionou em dois termos contrários que lutam para sobrepor-se, é um trabalho tão sobrecarregado de males, dores e imperfeições, tal como existir hoje, só pode ser considerados como um estado patológico de decadência. A quem o atribuiremos, pois? Não há dúvida de que a esses efeitos, temos de atribuir uma causa. Como no todo não há outros termos e não podemos atribuir ao Criador a derrocada, só nos resta atribuí-la à criatura. Não podendo admitir, de forma alguma, que a causa de tamanha ruína tenha sido diretamente de Deus – acreditar nisso seria tirar Dele os atributos da Divindade – temos de admitir ser outra a causa de tudo isso, e tenha chegado depois. Não se pode sair do dilema: e Deus não é Deus; ou, então, atribuí-la a outra causa; mas, em vista de no todo só existir Deus e a sua criatura, só nos resta atribuir esta obra à sua criatura. Estes conceitos demonstrativos são de tal evidência que aparecem diretamente na visão, antes de submetê-los ao controle racional.

Assim, esta visão se nos abre diante dos olhos, como aquele gigantesco drama, ou seja, a queda dos anjos. Não foi uma queda em sentido espacial, mas demolição de valores, inversão de qualidades, descida de dimensões, ou contração de tudo isto, através de uma progressiva inversão de valores positivos e originários, até estarem todos transformados em sentido negativo. Esta queda significa transformar gradativamente o Sistema em Anti-sistema. A descida foi gradual e se prolongou até atingir a profundidade do abismo, representada pela completa inversão de valores, ponto em que o Sistema, com todas as suas qualidades resultou completamente invertido no Anti-Sistema, com as qualidades opostas. Neste trajeto, a luz se foi ofuscando até se tornar treva completa, o conhecimento se tornar ignorância, a liberdade do espírito se tornar em escravidão na matéria, a felicidade se tornar em dor, a vida se transformar em morte, o bem em mal, a ordem orgânica do sistema até sua completa inversão no pólo oposto do ser, no fundo da descida, no completo caos do Anti-sistema.

Mas, se tudo parasse nesse ponto, a queda seria definitiva e a obra de Deus, aquela obra perfeita da primeira e verdadeira criação, estaria definitivamente falida pela vontade apenas de algumas criaturas rebeldes. Ora é absurdo, num sistema perfeito, fosse dado pelo próprio Criador tanto poder. Ele, como Onisciente, devia saber tudo de antemão. Só por erro pode um artesão, não conhecendo bem o trabalho que está executando, fazer uma obra que o destrua. Mas, ao contrário, já dissemos, ser a obra de Deus tão perfeita que contém em si, desde o início, todos os elementos de recuperação, o remédio para seu autotratamento. Isto se explica com o fato de que os decaídos continuaram a ser centelhas de Deus e ofuscaram, mas não destruíram, a sua natureza divina. É neste sentido que os homens também em sua íntima natureza espiritual, derivada daquelas remotas origens, podem ser chamados deuses. Em outros termos, no Sistema corrompido em Anti-sistema, através desses seres que o constituem, sem terem perdido as suas qualidades originárias de espíritos filhos de Deus, (3º momento da Trindade), continua presente a Divindade, impedindo o Anti-sistema da destruição completa. Trata-se de uma presença viva e operante.

Eis onde se encontra o remédio para o autotratamento. É essa presença de Deus que torna possível a salvação. Deus continua centro do Sistema; o Anti-sistema, por sua natureza negativa, pôs-se a girar em torno do pólo oposto à Divindade, um pseudo centro, negativo, mas Deus continua representando seu verdadeiro centro, que só pode ser um: o positivo. E não podia haver outro caminho de salvação para o Anti-Sistema. Foi dessa possibilidade que se derivou e só assim podemos explicar como tenha nascido, exista e seja concebível na Terra a idéia da redenção.

Isto não significa que todo o Sistema tenha desmoronado. No dualismo derivado da queda, a Divindade, mesmo permanecendo una, transformou-se, também, em novo aspecto. Temos o aspecto de Deus transcendente, ao qual se subordinou a parte incorrupta do Sistema, onde permaneceram os espíritos obedientes, na ordem da Lei; e temos o outro aspecto novo, de Deus imanente, que acompanhou o Sistema em sua queda, permanecendo, portanto, presente também no Anti-sistema, isto é, em nosso universo, como poder saneador de todos os seus males e diretriz do caminho evolutivo.

A isto tudo devemos a capacidade de recuperação do Anti-sistema, que de outra forma não teria explicação. É assim que se torna possível, após o período de destruição ou período involutivo, o da reconstrução ou período evolutivo; só assim é possível esta inversão de rota, em sentido positivo, que o anti-sistema ignora, mas é impulsionado sob uma direção e sob um conjunto de forças que ele não possui. Logicamente, deveria continuar até a plenitude de sua negação, isto é até atingir o completo e definitivo aniquilamento do todo no nada, sua meta final. É assim, pois, que ocorre o prodígio pelo qual o anti-sistema, chegando ao extremo da descida retoma o caminho destruindo a sua própria obra de destruição, e concomitantemente, a si mesmo, começando a reconstruir em direção oposta à sua, que não é mais a do Anti-sistema, mas a do Sistema. Eis a redenção, que consiste na evolução. E assim, no último momento, se opera a grande maravilha, isto é, a vitória divina, ou seja, o sistema vence o Anti-Sistema, reconstruindo-se sobre as suas ruínas.

Quer isto dizer que as trevas se purificaram até se tornarem luz, a ignorância até se tornar-se conhecimento, a escravidão na matéria até achar a liberdade do espírito, a dor até achar a felicidade, a morte até achar a vida, o mal até tornar-se bem, o caos do Anti-Sistema até inverter-se para tornar-se a ordem do Sistema. Então, aquela queda que pode parecer uma imperfeição do Sistema, representa, ao contrário, a sua maior perfeição.

O homem percorre agora este caminho de subida, no qual há luta entre o elemento negativo que deseja a destruição, e o elemento positivo, que busca a reconstrução. Daí, os contrastes entre os princípios dominantes em cada uma das diferentes fases de reconstrução da Lei, correspondente aos vários planos de evolução; daí a luta entre o nosso passado de animalidade e o anseio instintivo de um futuro melhor, entre a realidade feroz de nossa vida e a sede de bondade e justiça, daí a necessidade de ficarmos submetidos ao esforço de progredir, e a insaciabilidade que nos acicata para horizontes cada vez mais remotos, a sede de infinito na alma fechada num corpo, acorrentado às suas imprescindíveis necessidades materiais.

Embora aqui se trate de problemas altos e remotíssimos em relação aos de nossa vida cotidiana, não podemos deixar de constatar como os primeiros explicam os segundos, e como a cada momento encontramos nestes a confirmação das verdades e das teorias que estamos desenvolvendo, as únicas que podemos aceitar como causas dos efeitos constituintes de nosso mundo atual. Tudo isso continua perfeitamente lógico, porque, como dissemos, tratando de problemas remotíssimos, temos em nosso relativo não um pedaço destacado do todo, mas como um espelho, pequeno e opaco, onde, não obstante, se reflete o Absoluto, cuja imagem; apesar de tudo, ali podemos ver reproduzida.

56 – O SISTEMA - 1956 - Capítulo VII – p 65 a 74

A REVOLTA

Nos dois capítulos iniciais da obra pudemos entender quais eram os atributos de Deus e depois, como operou a criação e em que consistiu. Procuremos agora compreender como ocorreu a revolta e como se deu. Começamos aqui com dúvidas, as dificuldades, as críticas. Aqui principia a revolta contra a teoria da revolta.

Resumamos. Os conceitos desenvolvem-se presos numa concatenação estritamente lógica, Deus deve ser tudo. Se algo existir além Dele, que não esteja em função Dele e que não dependa Dele, então Deus não é mais Deus. Esse algo poderia ser Seu inimigo. E isto destruiria a Sua Onipotência. Nasceria daí um dualismo que destruiria a Sua unidade.

Se, pois, nada pode existir fora de Deus, Ele teve de criar dentro de Si mesmo. Isto significa ser a criação derivada da própria substância de Deus. Nós podemos criar coisas novas tomando uma substância fora de nós, porque somos uma parte no todo. Mas se fôssemos tudo, teríamos de retirar a substância de dentro de nós mesmos.

Não podemos admitir ser esta substância divina de natureza material, mas apenas espiritual. Ora, a não ser que admitíssemos ser Deus de natureza material, o que não poderíamos compreender e não saberíamos como o nosso universo, constituído em grande parte de matéria, possa ter sido o resultado direto desta primeira criação – a espiritual. Assim, uma parte de nosso universo, o espírito, pode representar uma derivação direta da substância divina, mas não, de certo, a outra que é matéria. Entre Deus e a Matéria há um abismo. Como preenchê-lo? Dá-se aqui uma mudança de natureza, só explicável com a intervenção de um fato novo, ocorrido depois, e tão grave que chegou a mudar as características da primeira criação originária - espiritual, nas de uma segunda, que tem qualidades opostas. Espírito e matéria, com efeito, sempre foram contrapostos um ao outro como dois extremos irreconciliáveis. E eis aqui despontar novamente, como acima notamos, a necessidade lógica de um fato novo, sem o qual não poderemos jamais justificar, diante de Deus, a constituição de nosso universo, se o consideramos um produto da primeira criação espiritual. De fato, como poderia um universo, cindido em tal dualismo, ser a emanção direta de um Deus, cuja primeira qualidade é justamente – e não pode deixar de ser – a sua oposta, ou seja, a unidade?

Eis que a lógica impõe esse fato novo, qual teria sido ele? Não pode ter sido o acaso, excluído pela perfeição de Deus e de Sua obra, Não pode ter sido o capricho de Deus, outro absurdo inaceitável. O fato novo devia representar a continuação da concatenação lógica, sempre respeitada até agora. A teoria da revolta e da queda representa a continuação desta lógica. O problema é compreender todos os elementos que constituem o fenômeno. É o que procuraremos fazer agora, nesta segunda parte, de análise e crítica.

Começamos estabelecendo o valor desses elementos. Essa teoria da revolta e da queda torna-se, muitas vezes, inaceitável porque não se conhecem aqueles elementos e nasce uma confusão acerca do estado real das coisas. O problema, pois, para responder a todas as objeções, consiste em explicar e esclarecer todos os pontos de vista, as causas e o desenvolvimento do fenômeno. Mais tarde voltaremos à argumentação e então responderemos mais extensamente a cada uma das dificuldades que nos foram lançadas por outros ou por nós mesmos procuradas. As objeções giram em torno dos temas da perfeição de Deus e de Sua obra, que seriam motivo bastante para que fosse impossível ao sistema desmoronar; dos temas da onisciência de Deus, em virtude da qual Ele, sendo bom, não devia permitir um dano que conhecia antecipadamente; e dos temas da onipotência de Deus, mediante a qual Ele podia ter impedido a ruína a qualquer momento. Surge então, o problema da liberdade do ser, de sua desobediência e o problema de seu conhecimento, acrescentando-se que sendo essa criatura perfeita, porque constituída de substância divina, ela não podia errar, porque, conhecendo o futuro, devia conhecer as consequências de seu erro. Esta segunda parte é dedicada à solução destes problemas e de outros semelhantes.

Observemos inicialmente as características do Sistema, a fim de descobrir os precedentes que podiam constituir o terreno sobre o qual podia desenrolar-se a revolta. Da primeira criação espiritual nasceram muitos elementos distintos. Assim, no seio do sistema eles adquiriram individualidades próprias, de tipo egocêntrico. À semelhança do próprio modelo, Deus. Não foi criada a substância espiritual que os constituía porque esta era a substância incriada de Deus. O que foi

criado como coisa nova, que dantes não existia, foi a distribuição diferente dessa substância, ou seja, as suas individuações particulares, isto é, as criaturas como seres distintos. Devemos a este fato, como todos os seres criados, podermos dizer “eu”, e como tal existir.

Ora, vimos que esta tão grande pulverização do todo podia ameaçar a sua unidade, o perigo foi vencido com o equilíbrio do processo divisionista com o processo oposto, em virtude do que a primeira criação resultou numa unidade orgânica, onde todos os elementos do sistema foram imediatamente enquadrados numa ordem e disciplinados por uma lei. Deus 67 tornou-se centro do sistema e permaneceu situado no topo da hierarquia. Esse lugar lhe cabia de pleno direito. As criaturas, que lhe deviam a vida, não podiam existir, senão em função Dele, devendo-lhe perfeita obediência. Estas eram as condições indispensáveis para que a criação não se desfizesse em desordem, despedaçando-se no caos. Então, impunham-se dois imperativos categóricos: Primeiro, a presença de uma lei, emanada de Deus, reguladora da ordem; segundo: absoluta obediência a essa lei por parte da criatura. Essas são as regras fundamentais para dirigir qualquer unidade coletiva, seja molecular ou astronômica, seja fisiológica ou social unidade constituída em forma orgânica. Encontramo-nos logo diante da necessidade lógica de uma obediência absoluta. A necessidade da colaboração numa ordem perfeita era tanto maior, quanto o sistema era perfeito e devia funcionar na perfeição. Que desastre resultaria à mínima desobediência e desordem!

Mas seria possível uma desobediência? Começam aqui as objeções. Num sistema perfeito composto de elementos perfeitos não é concebível uma possibilidade de erro. O grau de perfeição que a ordem possui, devia torná-lo invulnerável, pois estava isento de qualquer defeito. Como tal, o sistema devia permanecer inviolável, acima de qualquer risco.

Mas, observemos com maior atenção. Se as criaturas, sobre as quais pesava o perigo de uma desobediência eram perfeitas, porque constituídas de substância divina, elas possuíam uma perfeição relativa. Eram perfeitas em relação à sua posição na hierarquia, e à função que deviam executar no organismo. Em si mesmas, em relação às suas posições, eram totalmente perfeitas, mas não o eram diante da perfeição de Deus, a única absoluta. Esta é a consequência lógica da estrutura hierárquica do sistema, o que dava lugar a uma subordinação de posições no todo, tanto como função a executar, quanto como perfeição ou como conhecimento. Com relação à sua posição e função a executar, as criaturas possuíam em grau perfeito as qualidades necessárias e o completo conhecimento. Mas não possuíam as qualidades do Ser Supremo, e diante de Deus, não sabiam tudo. Daí a necessidade da aceitação de algumas partes da Lei apenas por obediência, nos pontos que seu conhecimento não atingia, como acontece com as células dos tecidos musculares que obedecem às células nervosas, embora todas juntas obedeçam ao “eu” central do ser.

Continue o amigo leitor ou leitora a apreciar esse e outros livros de P. Ubaldi, acessando-os no site Ebook Brasil-
<http://www.ebookespirita.org>

57 - OUTROS FATOS E EXPLICAÇÕES (1a. Parte)

Chegados ao fim de nosso trabalho, 202 vamos fechá-lo oferecendo uma última representação ainda mais pormenorizada do fenômeno da queda, procurando alcançar dessa maneira uma apreciação ainda mais precisa. No volume Deus e Universo, como na primeira parte desta obra, ao expor a visão, apenas pudemos traçar as linhas gerais e as características fundamentais do fenômeno da inversão do Sistema no Anti-Sistema, explicando as respectivas características. Procuraremos reforçar a nossa observação da visão, penetrando em novas minúcias, caminhando em profundidade, além dos conceitos já obtidos nas aproximações precedentes. Com efeito, no princípio da segunda parte deste volume, chegamos a uma apreciação mais exata do fenômeno da queda, especialmente no capítulo VIII: “Sistema e Anti-Sistema”. Assim chegamos a entender o fenômeno, não mais como uma descida, que podia ser do alto para baixo, como se podia ter imaginado a princípio, mas como uma explosão, da qual resultou, por expulsão do Sistema, uma segunda esfera na periferia deste. Aperfeiçoamos, esse conceito. Após havê-lo aprofundado, poderemos alcançar uma terceira representação do fenômeno da queda, dessa forma, melhor formulado e analisado. Temos de proceder por aproximações sucessivas, sendo impossível enfrentá-lo direta e imediatamente em sua essência, pois está além do concebível e não pode ser alcançado pelas capacidades comuns da mente humana. Trata-se de um fenômeno situado fora de nosso relativo, do qual resultou como consequência, e portanto, em sua substância, irreduzível ao nosso plano mental normal. Esta a razão pela qual à primeira representação se tenha acrescentado uma segunda mais aproximada, e se seguirá uma terceira, à proporção que vamos subindo e amadurecendo. Nunca poderemos deixar de esclarecer e advertir que não podemos apresentar a realidade do fenômeno em sua substância, mas apenas imagens mentais humanas dessa realidade, que nos escapa em sua essência. É mister, pois, aceitá-las tal com são e não entendê-las como uma expressão definitiva, que esgote a realidade. É compreensível e lógico ser assim, porque um observador situado o no relativo, com os pontos de referência marcados apenas em si, não possui os outros totalmente diversos, necessários para orientar-se no absoluto, nem os conceitos para compreendê-lo. 203 Logicamente, para poder exprimir no relativo toda a realidade infinita contida no absoluto, seria necessário ter uma série correspondente e infinita de imagens e representações mentais. Só assim seria possível reproduzir todos os aspectos infinitos do fenômeno, em nosso plano de existência. Nestas pesquisas, é preciso ter sempre presente o conceito de limite, próprio de nosso universo e contentar-se em ir superando as barreiras impostas por esse limite, que nos fecha no relativo. Por isso, vamos oferecendo aqui três imagens diferentes e sucessivas do fenômeno da queda, procurando uma aproximação cada vez maior, gradualmente, para

compreendê-lo cada vez melhor. Todas são aceitas, porque cada uma delas é relativamente verdadeira e nos mostra um lado, pondo em evidência alguns aspectos verdadeiros da realidade. Trata-se de várias reduções, isoladamente incompletas, mas justamente por isso, precisam completar-se reciprocamente. Estamos-nos esforçando para traduzir nos termos da forma mental corrente e relativa, fechada num limite que estabelece as dimensões do concebível, conceitos próprios de dimensões superiores. Não temos outro meio senão imagens construídas em relação aos pontos de referência existentes em nossas dimensões espaciais, temporais e mentais. Não possuímos outro material conceptual, nem outras palavras senão a linguagem humana, para fazer-nos compreender. Com esses meios, devemos exprimir o inexprimível e tornar concebível o inconcebível. Por isso, não quisemos exprimir-nos desenhando imagens concretas, neste volume, porque tendem a induzir a erro, pois são confundidas com a realidade ou com uma representação que esgote toda a realidade e isso não pode ser. Isto não significa que o leitor não possa fazer para si esquemas gráficos, para os quais lhe são dados todos os elementos. Pode recorrer a esse auxílio representativo se sentir necessidade, utilizando-o como meio para fixar as idéias, mas atribuindo-lhe o valor relativo que têm os símbolos em matemática. Temos de contentar-nos com os meios verbais, que, por serem concretos, fixam e aprisionam menos a idéia em formas definidas, como os contornos exatos de um desenho. O desenvolvimento da palavra pode melhor dar-nos a expressão de uma imagem em movimento, ao mesmo tempo que aparece já se está desenvolvendo numa imagem sucessiva. O movimento é o único modo pelo qual o relativo pode aproximar-se do absoluto, perseguindo-lhe a imobilidade. A verdade, em nosso universo, para os decaídos, só pode ser relativa e progressiva. Por isso só podemos oferecer uma imagem relativa e progressiva da visão; não uma representação estática, mas o desenvolvimento de uma representação, que gradualmente se vai desenvolvendo e aperfeiçoando. Era necessário que o leitor, e nós mesmos, conhecêssemos o método de pensamento seguido aqui, a técnica usada ao exprimir os resultados da intuição que, como se pôde ver, permanece controlada em todos os seus momentos. Pudemos estabelecer assim o valor a ser dado a estas representações do fenômeno da queda, 204 acrescentando, por fim, que mesmo na forma verbal progressiva, usada aqui, são apenas uma projeção plana da realidade contida na visão, só podendo resultar diminuída, ao projetar-se em nossa dimensão conceitual. A nossa mente é filha do próprio ambiente e não sabe funcionar além dos limites deste.

*

Antes de passar a expor a terceira representação do fenômeno da queda procuremos completar, em alguns aspectos novos, a segunda, já exposta no capítulo VIII – Sistema e Anti-Sistema. Voltemos ao princípio, retomando, para desenvolver o conceito de criação necessária para se poder compreender a forma como saíram do Sistema os elementos rebeldes, ou seja, a sua expulsão ou projeção para fora da periferia deste, a fim de constituir o Anti-Sistema. Para não fechar a representação numa afirmação absoluta, que depois lhe impeça qualquer movimento de desenvolvimento, e para torná-la mais aceitável às mentes positivas, expô-la-emos em forma de hipótese, aceitável por explicar muitos fatos, mas suscetível de aperfeiçoamentos posteriores. Já dissemos que a primeira criação consistiu numa transformação da esfera Tudo-Uno-Deus, constituinte da Trindade em Seu terceiro momento, no qual a substância divina que a constituía passou do estado homogêneo a um estado diferenciado, orgânico, hierárquico. Ora, observando o fenômeno com maior exatidão, podemos pensar ter essa criação ocorrido não toda concomitantemente, no mesmo instante, mas sim em fases progressivas, e portanto por graus e em planos sucessivos, segundo os quais se teria propagado na esfera do Sistema, o impulso proveniente do centro, Deus. Observemos, logo, que a idéia de esfera é de natureza espacial, e dá apenas uma idéia aproximada, não podendo fornecer toda a realidade. Mas isto é o que de melhor podemos conseguir, no momento, para obter uma representação imaginável do fenômeno e por isto a aceitamos. Para simplificar essa representação, exprimamos a esfera em sua representação plana, ou seja, como um círculo. Eis então, como mais exatamente teria ocorrido a criação. Do centro, Deus, teria partido o primeiro impulso criativo, atingindo o primeiro nível ou círculo de seres, ou seja, o primeiro plano da vida. Depois, Deus teria feito chegar esse Seu impulso, através dos seres do primeiro círculo a um segundo. Em seguida, através dos seres do primeiro e do segundo, a um terceiro e assim sucessivamente. Dessa forma, o impulso criador de Deus teria sido transmitido através de toda a esfera do Tudo-Uno-Deus, até transformá-la toda, de seu estado homogêneo, num estado diferenciado, nisto constituindo o fato da criação. Mais exatamente, teria sido a propagação desse divino impulso criador que teria produzido a transformação da substância do todo, a qual se achava no estado homogêneo, num novo estado diferenciado, constituído por individuações separadas, isto é, as criaturas, hierarquicamente organizadas por círculos em um Sistema. Teria sido esta a técnica da criação, que agora nos aparece, após um exame mais atento do fenômeno. O que teria nascido do nada, de um estado antes não existente, não podia ser a eterna e incriada substância de Deus, mas apenas a sua forma nova e atual, que assim se individualizara agora em criaturas, hierarquicamente organizadas em centros concêntricos em torno de Deus. Esta representação do fenômeno permite-nos ver imediatamente, com maior relevo, uma característica importante. No próprio ato da criação, as criaturas, logo após o nascimento, teriam sido chamadas a colaborar com Deus, a funcionar ativamente como Seus instrumentos no Sistema, como veículos de atuação de Sua lei. Tudo isso confirma ser o amor o princípio dominante em Deus e no Sistema; representando, desde o primeiro momento, o vínculo genético da filiação, pelo qual cada elemento derivou do outro por descida do impulso divino criador, de círculo em círculo. Amor não apenas entre as individuações do Sistema, mas entre Deus e todas elas, não só parentes entre si, mas todas filhas do mesmo Pai, unidas pela consangüinidade representada pelo ser constituído da própria substância de Deus. Amor que constitui a potência fundamental de coesão que cimenta todo o edifício do Sistema e lhe mantém compacta a unidade orgânica hierárquica. Mantém-na porque o impulso criador do amor,

emanado de Deus, não só penetrou e transformou toda a esfera, mas continua a irradiá-la sempre de vida, como o sangue que circula em nossas veias. Esses conceitos são confirmados pelo fato de vermos o mesmo método ser usado por Deus no trabalho de salvamento do Anti-Sistema, para levá-lo ao Sistema, através das Suas criaturas ou espíritos que permaneceram no estado puro, chamados desta vez a colaborar como veículos de salvação. Com efeito, em nosso mundo, jamais vemos Deus agir aparecendo diretamente, mas sempre indiretamente, através de Seus instrumentos, encarregados de cumprir missões, como no caso máximo de Cristo, espírito não decaído, a quem foi confiada por Deus a tarefa de redenção de nossa humanidade. Em casos menores, Deus pode utilizar-se de espíritos decaídos, mais evoluídos que os outros e capazes, por sua posição mais adiantada, de realizar um trabalho de auxílio e salvação em favor de seus irmãos, menos capazes porque mais atrasados. Em tudo o que provém do centro do Sistema, prevalece sempre o método do amor, da colaboração fraterna, da hierarquia e da unidade orgânica. A transformação criadora, à qual se desvia a gênese do Sistema, foi obtida, pois, com esse método da filiação, o que estabeleceu entre todos os seres um vínculo de parentesco ainda mais estreito do que o representado pelo fato de terem sido constituídos da mesma substância. Eis a estrutura orgânica do Sistema e pode compreender-se quanto essa qualidade é fundamental e profundamente enraizada, devida ao fato de a criação ter ocorrido através de um processo de filiação, na qual os seres tomaram parte. Esse método de filiação recíproca constituiu o primeiro modelo, mais tarde 206 transmitido ao nosso mundo, no desenvolvimento reconstrutivo, operado pela evolução, ou seja, na continuação da vida de pai para filho, na multiplicação genética das sementes, no crescimento mediante ramificações de um único tronco. Continua também no Anti-Sistema, e constitui o modelo de unidade e organicidade, entre nós expressa pelas primeiras tentativas de reconstrução orgânica unitária do Sistema, que são a família, a nação, a humanidade.

Essa filiação funcionou, no momento da criação, como um fio unindo para sempre todas as criaturas ao Pai comum, Deus, a Quem, por isso, coube o direito de mando, enquanto a estas coube o dever da obediência, todos unidos pelo amor na mesma família, representada pelo Sistema. Nessa organicidade, cada elemento permaneceu ligado ao outro. A um observador mais atento, deve ocorrer que assim se forma a criação, devendo ter sido o resultado de uma emanção progressiva do centro, Deus, para a periferia, numa realização gradual, transformando toda a substância de seu primitivo estado homogêneo, naquele estado orgânico constitutivo da criação.

*

Podemos compreender agora, com maior exatidão, como ocorreu com a queda, a emigração dos elementos rebeldes do Sistema, sua expulsão ou projeção para fora da periferia deste, para constituir o Anti-Sistema. Ter também uma imagem mais exata da estrutura do Anti-Sistema, compreendendo melhor algumas das qualidades que o caracterizam.

O fenômeno da queda pode ser representado pelo mesmo modelo como ocorreu a criação, ou seja, pela mesma propagação gradual de impulsos, mas em posição invertida, porque ao invés de ser gerado e ter partido do centro, Deus, o movimento foi gerado e partiu da criatura periférica. Assim, também a queda teria sido progressiva, por sucessão de filiações, resultantes não de Deus e depois dos elementos puros do Sistema, mas dos espíritos rebeldes. A propagação desse impulso invertido, ao invés de gerar, como na criação, círculos de ordem, no seio do Sistema, gerou por filiação invertida os círculos da desordem, no seio do Anti-Sistema. Teria assim nascido a estrutura do Anti-Sistema, invertida em relação ao Sistema, ou seja, construído em círculos e níveis ou planos de existência concêntricos, segundo os quais se teriam escalonados os seres.

Percebe-se, agora, que a emigração dos elementos rebeldes do Sistema, ou projeção para fora da sua periferia, não ocorreu ao acaso, mas foi regulada por uma lei, segundo a qual tudo estava previsto. Essa estrutura do Anti-Sistema, construída em círculos, situados em posição inversa à que ocupavam no Sistema, derivou do fato de, na emigração dos elementos rebeldes, a sua projeção para fora ocorreu em proporção ao impulso recebido, determinado na revolta, pelo poder de cada elemento e estabelecido pela sua posição em seu círculo, e deste no Sistema. De modo que o Anti-Sistema ficou constituído de círculos invertidos em relação aos do Sistema, correspondendo 207 cada um, no Anti-Sistema, ao círculo perfeito original do Sistema. Da posição ocupada nos círculos do Sistema, cada elemento foi projetado na posição oposta, representada pelo círculo correspondente invertido no Anti-Sistema. Aconteceu então, que, os primeiros se tornaram os últimos, e os mais próximos a Deus foram precipitados mais longe; o anjo mais belo, Lúcifer, se tornou o mais horroroso, Satanás, projetado no abismo mais profundo do Anti-Sistema. Atrás dele, deixaram-se arrastar num cortejo os elementos situados mais em baixo na pirâmide, ou seja, nos círculos mais afastados e periféricos.

Permaneceu desse modo, no Anti-Sistema, o modelo do Sistema, mas em posição invertida; permaneceu o princípio da organicidade, mas emborcado, isto é, a organicidade do mal, de tipo destrutivo, em lugar da organicidade do bem, de tipo criador. Com efeito, o nosso universo é constituído, verdadeiramente, de planos de existência, nos quais os seres decaídos estão escalonados por graus de evolução, mais ou menos próximos da perfeição do Sistema. Explica-se assim, essa estrutura de nosso universo físico-espiritual, construído em planos superpostos, cuja natureza tende a afastar-se do Sistema, em direção centrífuga no período involutivo, e a reaproximar-se do Sistema, em direção centrípeta e para Deus, no período evolutivo.

Achamo-nos, assim, diante de um conceito mais exato sobre a queda, ou seja, não mais uma queda única, igual para todos os rebeldes, mas uma queda de amplitude proporcional à posição do elemento no Sistema, e portanto à sua potência e ao impulso da sua projeção. A potencialização desse impulso, dada pelo círculo em que estava situado o elemento, determinou a força do arremesso de expulsão do Sistema, de modo que o ponto de chegada no círculo do Anti-Sistema

resultou proporcionalmente corresponde ao ponto de partida no círculo do Sistema. Com esse método, foi construído o Anti-Sistema, que por isso resultou um organismo no qual tudo se achou situado em posição inversa à que se achava no Sistema. Então, os elementos situados nos círculos mais afastados do centro, inverteram-se no Anti-Sistema nos mais centrais, e vice-versa; os situados no círculo do Sistema mais próximos de Deus, justamente por sua maior potência, foram lançados nos círculos mais periféricos do Anti-Sistema e afastados de Deus.

O conceito com que estamos procurando dar maior exatidão ao fenômeno da queda, mostra-nos, ter sido ela proporcional, isto é, constituída por um afastamento exato em função do conhecimento, potência e valor ou peso específico de cada elemento, qualidades que estabeleceram a natureza e a potência do impulso de projeção para fora do Sistema. Portanto, a queda foi proporcional à responsabilidade da revolta, à culpabilidade de cada um, pela qual foi projetado mais longe no Anti-Sistema e mais profundamente na involução, quem estava mais altamente situado no Sistema e mais perto de Deus. Os elementos menores, caindo de altura menor, ao serem projetados para fora por seu impulso de seres menos potentes, aprofundaram-se menos na involução, permanecendo nos círculos mais altos do Anti-Sistema. Chega-se, assim, a um efeito proporcional à causa, a uma reação proporcionada à ação, a uma queda proporcional à revolta. Então, para os maiores, sendo maior a queda, maior é o esforço da subida, porque mais longo o caminho de regresso.

Deduz-se daí, um fato importante: nem todos os seres teriam decaído até o estado de matéria, mas podem tê-lo feito até círculos ou planos de existência mais altos, menos involuídos. Enquanto esses seres não conhecem os planos inferiores, o plano em que naturalmente se acharam na queda, deve ser atingido pelos elementos caídos mais embaixo, através do esforço da própria evolução. Desse modo, o trajeto evolutivo que cada ser tem de percorrer para reentrar no Sistema não é igual para todos, mas proporcional para cada um, à profundidade alcançada com a própria queda. Portanto, existe uma correspondência perfeita de justiça nas gradações de posição de origem, culpabilidade, involução alcançada e trabalho evolutivo a realizar, para voltar à salvação. O mais onerado e o último a chegar no regresso, por causa do caminho mais longo a percorrer, será, portanto, Satanás, como é justo. Na inversão, os primeiros se tornaram os últimos. Mas, estes também deverão chegar e serão salvos.

Isto faz-nos pensar num novo modo de conceber a evolução. Se em seus princípios gerais, pode ser concebida, como foi explicado (veja-se também o capítulo XI: “A visão diante da biologia”), constituída por um caminho ascensional único, progredindo para seu telefinalismo, podemos agora pensar ter essa evolução começado para cada ser de pontos diferentes ao longo desse caminho. Esses pontos teriam sido determinados pelo ponto de queda de cada ser no Anti-Sistema, situado no círculo correspondente ao do Sistema, em que o ser fora criado e do qual, pela revolta, partiu o impulso para o Anti-Sistema. Justamente por tratar-se de uma exata inversão de posições, a criatura veio a achar-se, com a queda, no círculo do Anti-Sistema oposto, em relação ao do Sistema. Temos, então, uma série de posições distintas, das quais precisamente podia começar o caminho evolutivo do regresso: posições não causais ou arbitrárias, mas preestabelecidas para cada ser no momento da criação. Ao indivíduo era deixada a liberdade de desobedecer ou não, mas não a liberdade de cair ao acaso ou onde quisesse; por isso havia sido estabelecida precedentemente a amplitude da queda, se, por acaso, houvesse escolhido o caminho da desobediência. Podemos admitir, tenha o ser começado o caminho evolutivo, do ponto em que a inversão o havia projetado, correspondente ao ocupado no Sistema e estabelecido por Deus, para cada um, na Sua criação.

Então conforme esta teoria, a posição, na qual o ser decaído se encontra, pode ser consequência de dois fatos: 1º) ou o ser caiu até o fundo do Anti-Sistema (matéria) e subiu evoluindo até o ponto em que agora se encontra, 2º) ou o ser não caiu até ao fundo do Anti-Sistema, mas até determinado plano, de onde evoluiu e presentemente se encontra.

O fato de, 209 em ambos os casos, ser o mesmo o resultado exterior, o de encontrar-se situado num dado plano de evolução, só por si não nos permite descobrir as causas que o determinaram; por isso, sua posição não é suficiente para nos fornecer as provas da verdade desta teoria.

Permanece porém o fato de ser a única que pode conciliar as duas maiores afirmações existentes a este respeito, a da ciência e a da revelação, hoje inconciliáveis, ou seja, a do evolucionismo darwiniano e da Bíblia.

Conforme a teoria deste capítulo permaneceriam admissíveis, ao mesmo tempo, as duas afirmações contrárias, isto é: o homem poderia ter derivado por evolução dos planos inferiores de existência, mineral, vegetal, animal, (Darwin); como também poderia ter iniciado a sua evolução do plano humano, ou seja, ponto de partida o próprio homem (Bíblia).

Poder-se ia então, lógica e cientificamente, aceitar como verdadeira a narrativa da Bíblia, isto é, depois da queda dos anjos e da desobediência de Adão, que esta queda presume e repete, admitir o aparecimento (criação) de homem como tal, não produto de uma precedente evolução. Teria iniciado a evolução no plano de vida humana, tendo o homem caído só até este nível, razão pela qual iniciou a sua evolução de regresso, entrando na forma material humana (criação descrita pela Bíblia). Trata-se de duas importantes afirmações com grandes bases: a ciência positiva no evolucionismo darwiniano e a revelação na Bíblia. É difícil condenar qualquer das duas, declarando-a errada. Assim, ambas estariam certas. Já existem teorias evolucionistas que admitem derivarem as várias formas de vida, de pontos de partida diferentes, de estípite separados.

A própria teoria das unidades coletivas não é derogada admitindo-se ter sido a queda como relativa, pois o ser caindo até o fundo, não chegou à sua completa pulverização no separatismo do Anti-Sistema e portanto não foi destruído completamente o seu estado orgânico. O ponto onde caiu passou a ser o seu ponto de partida que assim, possuindo já um certo grau de organicidade, não precisou tê-la reconstruído (teoria das unidades coletivas) pelo processo da evolução.

Esta teoria, como se vê, abre as mais interessantes perspectivas, de uma amplitude tal que seriam necessários outros volumes mais para estudá-las e desenvolver novos pormenores.

De tudo isso se deduz que a evolução pode não ter partido para todos, do plano da matéria, mas também de planos mais altos, como por exemplo do vegetal, do animal, do homem, e planos ainda superiores, a que todos deverão chegar um dia. (Negritos meus – J.O.) A meta final é a mesma para todos: o Sistema. Na fase de regresso verifica-se o mesmo fenômeno que se realizou na fase de descida ou queda. Voltar ao Sistema significa reentrar num organismo de partes diferenciadas; significa, portanto, retomar o lugar ocupado de cada ser no próprio círculo do Sistema, segundo o exato tipo precedente criado por Deus. Atende às exigências da lógica, do equilíbrio e da justiça ser dessa forma, porque a inversão da queda e o endireitamento no sentido da subida 210 devem corresponder aos dois fenômenos. Em todo esse processo de desmoração aqui estudado, devemos sempre admitir, necessariamente, que o alfa e o ômega coincidem, sobrepondo-se. O ponto de chegada da evolução só pode ser o mesmo ocupado pelo ser quando da partida para a involução e não um ponto estratégico qualquer. Também o ponto de chegada de involução, em que a criatura foi arremessada com a queda, só pode ser, como posição, proporção e qualidade, o inverso do ponto de partida ocupado no Sistema. (Negritos meus – J.O.) Dessa forma pudemos chegar a esta exata apreciação do fenômeno involutivo-e-evolutivo da queda, e dizer que mesmo sendo a evolução, como princípio geral, um regresso universal de todos ao Sistema, a amplitude e o tipo de estrada é diferente para cada ser, ou seja, cada um se desenvolve ao longo de um canal próprio. Criatura deve voltar ao grau de perfeição e conhecimento que possuía antes da revolta, como fora criada, porque só assim podiam ser anulados os efeitos da revolta. O regresso a Deus, portanto, é entendido não como um regresso a Ele como centro, ou seja, à perfeição e onisciência absolutas, mas como uma volta a Deus como Sistema, isto é, ao ponto correspondente de cada ser no organismo desse Sistema. Portanto, no processo involutivo-evolutivo o ser só conserva o seu tipo de individuação, ainda que esta se corrompa primeiro para curar-se depois, sempre segundo o próprio tipo, mas também cada ser percorre apenas a diferente distância de ida e volta que lhe compete, segundo o seu ponto de partida no Sistema e chegada no Anti-Sistema, determinados pela sua natureza e posição de origem. Disso se pode depreender com quanta perfeição foi concebida e executada a obra criadora de Deus, se tudo, inclusive a técnica, as medidas e as proporções no processo de endireitamento em caso de queda, tinham sido previstas. Embora com o maior respeito à liberdade da criatura, cada movimento seu já estava implicitamente contido numa possibilidade bem definida em potencial, em que a Lei o havia enquadrado, tendo sido previsto e disciplinado precedentemente, mesmo antes que a criatura tivesse pretendido se revoltar.

XX

58 - ASPECTOS MAIS PROFUNDOS DA VISÃO (2ª. Parte)

Completada a segunda representação mental do fenômeno da queda, observemo-la, agora, por meio de uma imagem mais apta a fazer ressaltar seus outros aspectos, que não puderam ser explicados pelas duas primeiras.

Se analisada com maior atenção, a segunda representação que acabamos de expor não corresponde, perfeitamente, à realidade, visto que tivemos de imaginar o Sistema fechado nos limites de uma superfície esférica, ou mesmo na projeção plana desta, como circunferência de círculo. Ora, trata-se, na realidade, de um infinito, ao qual não é aplicável o conceito de limite nem a representação de uma figura geométrica limitada. Entretanto, tivemos de recorrer a essa imagem fechada, porque, embora o conceito de esfera ou círculo ilimitados não seja representável por uma figura geométrica, tínhamos necessidade dela para fixar as idéias do melhor modo possível. Se não imaginasse o Sistema fechado dentro de uma superfície esférica, não se teria compreendido o conceito de uma saída dessa esfera, se esta fosse ilimitada, estendendo-se ao infinito. Nem teria sido possível imaginar a formação de uma segunda esfera, do Anti-Sistema, em redor da esfera do Sistema. Assim, tivemos de contentar-nos com representações relativas, já que não é possível encontrar em nosso relativo, uma representação que possa conter e mostrar-nos a realidade do fenômeno.

Outros aspectos do fenômeno poderão ser observados, por meio de uma terceira imagem, que nos permita focalizar melhor a nossa visão. Quanto mais olharmos em profundidade, mais verificamos não ser exata a idéia de esfera. Se o Sistema é o Todo, não se pode imaginar uma superfície que o delimite. Não pode constituir uma propriedade do infinito, estar fechado dentro de fronteiras, que lhe permitam ter uma parte interna e outra externa. Então, não é possível imaginar a queda como uma projeção dos elementos rebeldes fora do Sistema, para formar outra zona externa a ele, o Anti-Sistema. Temos então de encontrar outra forma para representar com maior exatidão e verdade, esse fenômeno. Não podendo os elementos rebeldes existir além e fora do infinito, nem podendo pensar-se numa sua saída, 212 devemos imaginar a queda numa forma que se tenha realizado com todos permanecendo dentro do Sistema.

De acordo com esta representação do fenômeno da queda, os espíritos rebeldes não foram lançados fora, mas permaneceram no Sistema. Então em que consistiu e como ocorreu a queda? Procuremos compreender imaginando o fenômeno da queda da seguinte forma: com a criação dos espíritos, formaram-se, na substância homogênea, muitos núcleos de pensamentos, constituídos por vibrações, cada uma de seu tipo. Disso nasceu o novo estado diferenciado, formado pelas individuações dos vários “eu”. Ora, muitos pensaram conforme a Lei, assim permanecendo em seu seio, porque constituídos de pura vibração de pensamento. A Lei representava o pensamento de Deus que tudo dirigia e regia; permaneceram na ordem do Sistema os espíritos que continuaram a existir em uníssono com esse pensamento. Mas outros espíritos, ao contrário, pensaram contra a Lei. E porque constituídos de pensamento, acharam-se fora Dela. Desse modo, caíram fora da ordem, na desordem, os espíritos que não quiseram viver sintonizados harmonicamente com o pensamento de Deus, representado pela Lei. Isolaram-se, por isso, num funcionamento próprio antagônico ao do todo.

Esta é uma nova forma de representação do fenômeno da queda que, agora, em termos de imaginação espacial, dir-se-ia: os espíritos foram expulsos. Mas esta é relativa à nossa forma mental e vale apenas para o seu uso. Na realidade, não havia espaço, e, portanto, não podia haver afastamentos espaciais, nem haver saída do Todo. Por isto, os espíritos rebeldes permaneceram no Todo, como estavam antes. Não obstante, surgiria uma diferença, que até agora foi expressa com a idéia de afastamento espacial, isto é, os espíritos que permaneceram obedientes, continuaram a existir na Lei, porque estavam de acordo com Ela, enquanto os desobedientes, tendo-se colocado contra a Lei, de acordo com a sua própria vontade, se acharam fora Dela.

É esse o sentido de afastamento. Os espíritos rebeldes não foram expulsos e isolados por um afastamento parcial, mas por seu comportamento. Se quisermos dar, uma representação concreta do fenômeno, podemos imaginar o Sistema constituído de muitas bolas brancas, tendo algumas, no momento da revolta, se transformado em bolas pretas, as quais, mesmo ficando ao lado das bolas brancas, passaram a constituir o Anti-Sistema. As posições permaneceram sem nenhuma mudança. Mudou apenas a qualidade dos elementos constituintes, porque a revolta produziu uma transformação íntima em sua natureza. O Anti-Sistema permaneceu no Sistema, diferenciando-se por ser constituído por elementos de natureza diferente, bem longe, substancialmente, e impossibilitados de se misturarem. Então, mesmo permanecendo tudo no Sistema, as bolas brancas constituíram a parte sã do organismo; e as bolas pretas constituíram a parte doente, chamada Anti-Sistema. Ao invés de bolas brancas e pretas, poder-se-ia chamar esferas rolantes em sentido positivo, e esferas rolantes em sentido inverso, isto é, em sentido negativo.²¹³ Ou também chamá-las esferas com carga eletro-positiva, que se fundiram num circuito, constituindo o Sistema, e esferas com carga eletronegativa, que se fundiram num circuito oposto, passando a ser o Anti-Sistema. Pode-se ainda dizer que as células sãs do organismo do Todo, permaneceram funcionando coordenadamente para a saúde deste, enquanto as outras células adoeceram, permanecendo no organismo do Todo, mas funcionando desordenadamente.

Enquanto expomos estas novas formas de representação do fenômeno, observemos de quantas maneiras diferentes pode se expresso, mesmo tendo em conta que nenhuma é suficiente para exprimi-lo por completo. Paralelamente, podemos representar de muitos modos diferentes o fenômeno da evolução. Por exemplo, como um regresso, uma subida, ou um fenômeno de reabsorção no Sistema; como um voltar a pensar, funcionar e existir segundo a Lei, após haver feito o contrário; como uma cura da natureza corrompida dos elementos; como um endireitar da própria posição invertida; como a direção do próprio movimento rotativo, invertendo a carga eletro-negativa do Anti-Sistema, na carga eletro-positiva do Sistema etc. A exemplificação poderia continuar. Mas, o conceito conclusivo e focalizado agora, é que os modos pelos quais podemos representar em nosso relativo o fenômeno da criação, da revolta e da queda, ocorridos nas dimensões do absoluto, situadas fora de nosso concebível, são infinitos. Escolhemos O Sistema – Gênese e Estrutura do Universo Pietro Ubaldi apenas alguns modos, pouquíssimos, deixando a fantasia do leitor imaginar todos os que ainda achar úteis.

Todavia, se tantas podem ser as nossas observações no relativo, com as quais procuramos ver representado o fenômeno, este, na realidade, teve e tem caracteres e comportamento bem definidos, que uma observação mais atenta vai sempre representando melhor. A queda não se verificou ao acaso, por si mesma. A Lei, ou seja, o pensamento de Deus, previra-lhe a possibilidade; prova-o o fato de haver determinado o seu decurso e suas conseqüências, mesmo antes da sua ocorrência. Sem dúvida, devia haver na Lei, princípios que, mais tarde, ao se verificar a queda, teriam regulado a descida involutiva e, também, a posterior subida evolutiva, como no-lo demonstra o seu evidente telefinalismo.

Em todo o fenômeno verificamos uma maravilhosa correspondência entre as partes, um desenrolar de equilíbrios, um contrapor de opostos que se compensam; há uma providência, uma sabedoria e uma harmonia jamais desmentidas, que tanto mais se revelam, quanto mais aprofundamos a nossa observação, descendo aos pormenores. Por isso, o fenômeno da queda assume cada vez mais características de um incidente, necessariamente deixado à liberdade da criatura, porque essa liberdade devia também necessariamente existir, a fim de satisfazer a outras necessidades do plano. Tudo, portanto, estava sujeito a normas precisas, previsto e correspondente às exigências impostas pela lógica desse plano.

Pode então, ²¹⁴ dizer-se que a desordem da queda ocorreu ordenadamente, ou seja, sempre contida dentro dos limites estabelecidos pela Lei, que permaneceu sempre senhora do fenômeno. Este jamais se lhe escapou das mãos, tendo sempre permanecido submisso sob o seu controle. Os que vêem na queda uma imperfeição inadmissível na perfeição do Sistema, não compreenderam tratar-se de uma imperfeição contida no âmbito da perfeição, regulada e dominada por esta. E isto é lógico. Não é admissível que, após o plano perfeito, pensado por Deus, algo lhe pudesse escapar ao domínio e controle. Portanto, também a revolta e a queda não podiam sair do âmbito da Lei, que representa a presença de Deus no Sistema e o princípio regulador de todo o existente, em qualquer momento e sob qualquer forma. Era necessidade fundamental e lógica, que a Lei tudo abarcasse e fosse impossível escapar-lhe algo, pois isto constituiria uma perda de poder e de controle do Criador sobre a obra criada, representando Sua derrota e falência. Essa mesma necessidade lógica nos obriga a admitir a possibilidade de uma queda prevista com antecedência, no caso de a criatura querer o não praticá-la. Era de sua competência, sendo-lhe permitido voltar à perfeição, após o erro e suas conseqüências, ao invés de atingi-la com a aceitação. Mas, não estava em seu poder alterar os planos divinos, que tudo haviam previsto e regulado com antecedência. Deus estava no todo e com todas as possibilidades. Tudo está em Deus, e a própria revolta não podia estar senão em Deus, porque nada pode existir além e fora Dele. Portanto, esta também devia estar contida em Seu pensamento fazendo parte de Seus planos, que não podiam deixar de ter organizado tudo com antecipação. Por isso, devemos reconhecer que até a queda devia desenrolar-se segundo uma lei, como de fato a vemos, representando dessa forma uma desordem ordenada e uma imperfeição perfeita; uma imperfeição tão bem regulada, que nos dá uma das maiores provas de perfeição de Deus.

Após estes argumentos, procuremos alcançar e expor a terceira representação mental do fenômeno da queda, acrescentando maior esclarecimento à pergunta formulada sobre como constituiu e ocorreu a queda. Segundo esta nova imagem do fenômeno, a queda consistiu na contração individual de cada elemento, para dimensões evolutivamente inferiores. Cada um teve a sua queda particular conforme a sua culpa. O período involutivo ter-se-ia iniciado com a revolta de cada um dos elementos rebeldes, com uma transformação interior, permanecendo todos no Sistema, no mesmo ambiente do Tudo-Uno-Deus. Com a revolta individual, o ser ficou à mercê do processo involutivo que o teria transformado, passando a constituir com todos os rebeldes no fim desse processo de transformação, o Anti-Sistema. Com esta terceira imagem do fenômeno, o conceito, da segunda imagem – expulsão do Sistema ou projeção para fora dele – assume uma outra concepção não mais deslocamentos espaciais, mas mudança na natureza do elemento. Então, 215 a expressão da imagem precedente, que dizia: os mais altos caíram, proporcionalmente, mais embaixo; ou os mais centrais no Sistema foram arremessados mais longe no Anti-Sistema; pode, agora, ser traduzida dessa maneira: os maiores tornaram-se presos de um processo íntimo de transformação, que os levou a um estado de mais profunda contração de dimensões. O processo de expulsão do Sistema teria sido constituído, então, não de afastamentos espaciais, mas qualitativos; ou seja, teria consistido num regresso involutivo, mais tarde corrigido por um progresso evolutivo, de endireitamento daquele processo. Além disso, essa transformação teria ocorrido ao longo da linha dada pelo tipo, segundo o qual, cada ser foi criado, ou seja, ter-se-ia verificado para cada indivíduo, nos termos específicos próprios, segundo sua natureza, seguindo um canal involutivo-evolutivo próprio de cada um, descendo involutivamente até o ponto situado no Anti-Sistema, nas antípodas da posição antes ocupada no Sistema, para, em seguida, subir em sentido oposto pelo canal, até o ponto de partida. Assim, o ciclo involutivo-evolutivo da queda é constituído por um movimento destrutivo-reconstrutivo, dado por um íntimo transformismo, que muda a constituição do ser, primeiro ao longo de uma fase de aprofundamento involutivo, e depois numa segunda fase de emersão evolutiva.

Desse modo, tudo permanecendo no Sistema, a parte rebelde teria caído no próprio desfazimento interior, sem perturbar, com a própria alteração patológica, a parte sã do Sistema; esta continuou a viver inalterada na ordem em perfeita saúde. Isto nos faz pensar que a Lei tivesse ao seu dispor freios automáticos à dilatação epidêmica da desordem. **O freio automático foi a impossibilidade de cair, na escala involutiva, além do ponto determinado pelo impulso que era ou foi, proporcional à altura ocupada pelo ser no Sistema.*** Aconteceu exatamente segundo o modelo repetido em nosso organismo, quando aparece um estado patológico, no qual a natureza procura imediatamente isolar e circunscrever o mal, a fim de impedir a sua difusão e melhor combatê-lo. *(Negritos meus – J.O.) (1) Intensidade do impulso

*

Procuremos precisar com maior exatidão os conceitos da visão. Dissemos tratar-se de uma contração, regresso involutivo, transformismo íntimo, desfazimento interior, tentando, com estas diversas expressões dar uma representação ao fenômeno. Mas serão exatas e dirão tudo? Não haverá, talvez, um conceito mais profundo, além destas primeiras aproximações? A cada passo à frente e maior ajustamento, percebemos estar por aparecer uma realidade mais consentânea, pronta e revelar-se tão logo se queira observar a visão com maior profundidade. Então, que outros conceitos podem se esconder por trás das primeiras representações do fenômeno? Observemos, mais atentamente.

Dissemos, há pouco, que **a realização da queda não foi abandonada ao acaso, mas tendo ocorrido segundo uma Lei, pela qual, cada movimento, 216 mesmo deixado à liberdade do ser como possibilidade de ocorrer ou não, tinha sido previsto e enquadrado numa disciplina, unicamente segundo a qual podia desenvolver-se.*** Então, como se realizou exatamente o fenômeno, que simplesmente exprimimos com as palavras: contração, transformação, desfazimento? Qual a realidade escondida atrás dos seus significados? *(Negritos meus – J.O.)

A evolução dá-nos um sentido de expansão, de superação de limites, de emersão do baixo para o alto, de libertação da prisão. O fenômeno da involução apresenta-se-nos com características opostas. Aparece-nos como um processo de contração, e a evolução, ao contrário, como de expansão, levando-nos a pensar que na estrutura do espírito, no estado puro em que fora criado, quando tudo tinha sido previsto, deviam existir as posições, através das quais se teriam podido operar as transformações, que constituem o processo involutivo e evolutivo. Em outros termos, na estrutura dos espíritos criados devia existir, no estado latente ou embrional como de sementes, as posições que depois apareceram no período evolutivo, ou seja, de energia e matéria. Sem esta preexistência, não se sabe donde possa haver derivado esse modelo, mais tarde O Sistema – Gênese e Estrutura do Universo Pietro Ubaldi seguido, na queda e na subida; preexistência, no entanto, puramente potencial, como possibilidade pronta a realizar-se, logo que uma revolta tivesse acontecido, através de um primeiro impulso, tal como ocorre, com a centelha, que acende uma dinamite já pronta, mas pode permanecer indefinidamente inerte, se a centelha não ocorre. Deduzimos, então, que a Lei, ao prever a possibilidade de uma revolta tinha também previsto com antecedência o seu caminho, caso esta viesse a se verificar, colocando os germes do seu desenvolvimento. Havia-lhe traçado todo o percurso. Nada podia escapar à Lei, cuja ordem, sempre soberana, devia controlar essa desordem, produzindo os seus devidos efeitos, para ensinar e salvar, com equilíbrio e justiça, e não para destruir, reconduzindo tudo a Deus, após seu desmoronamento no caos. Sem essa previsão, não se explica como os fenômenos da involução e da evolução tenham resultado, tão proporcionados, equilibrados e orientados em seu desenvolvimento; regulados conforme uma exata e recíproca compensação de opostos. O desmoronamento ocorreu e a recuperação é feita precisamente de acordo com uma Lei, da mesma forma como ocorre, segundo uma lei, num organismo vivo a doença e a cura. A Lei de Deus não podia ausentar-se, desaparecer, permanecer estranha, num fenômeno de tal

importância, sem tomar-lhe conta. Não podia, também ter sido deixado, pela vontade de Deus, à vontade de alguns elementos rebeldes, tanto poder de forma a conseguir modificar a Lei. Esta não podia abdicar de suas funções diretoras, nem deixar de permanecer viva, presente e ativa, mesmo na queda. Por isso a faz chegar até o ponto devido, e não além, com equilíbrio e justiça, e a faz voltar atrás, enfeixada em normas, através de vários planos de existência, orientada segundo um telefinalismo preciso, como de fato vemos existir. Só assim podemos explicar a razão de nosso universo ter tomado a forma atual, o 217 seu significado e donde se derivou o seu modelo. Só assim podemos compreender como tenha sido possível tanta e tal perfeição, na imperfeição.

Mas voltemos a observar a visão. Seria o modelo estrutural do espírito, que permitiria, no caso de revolta, à involução, antes, e depois à evolução, pudesse assumir a forma única, como de fato assumiu? Já dissemos que os espíritos possuíam não uma perfeição absoluta, como a de Deus, mas subordinada e relativa à sua posição, nos vários círculos e suas funções no organismo do Sistema. Caíram, então, na imperfeição e, portanto, na possibilidade de errar e desmoronar, logo que saíram do âmbito daquela posição e função, nas quais constituía a sua perfeição. Ora, a queda, conforme esta terceira imagem adotada, foi constituída por um processo de introversão, que chamamos contração, significando que o centro vital dos espíritos rebeldes se deslocou para o interior de si mesmos. Com outras palavras, passaram a existir como vibração vital em outros planos de existência cujo despertar interior, lhes fora uma possibilidade prevista pela Lei, em caso de rebelião. Deflagrada a centelha, realizou-se a possibilidade e a existência dos rebeldes se deslocar a planos inferiores de existência. Esse foi o resultado e o significado do deslocamento do “eu” para o interior, causas e efeitos do fenômeno de contração. Justamente, como reação lógica de ricochete, que corrigiria o exagerado impulso expansionista da criatura, do querer ultrapassar os limites assinalados.

Contração proporcional ao impulso da revolta de cada criatura, de acordo com sua posição e potência, para planos inferiores de vida, interiores a eles, para os quais, por lei de equilíbrio, foram arremessados os seres que tinham querido expandir-se demais para planos superiores de vida, exteriores a eles, situados além dos limites estabelecidos pela Lei. (Negritos meus. - J. O.)

Mas perguntamos ainda: porque esse deslocamento para o interior produziu a involução? A imagem mental, agora formulada representando o fenômeno, consiste em pensar que o desmoronamento não tenha ocorrido como no primeiro caso, no qual a queda foi imaginada como uma descida espacial, do alto para baixo; nem ocorreu como no segundo caso, em que a queda foi concebida como uma emigração de uma segunda esfera, projetada à periferia da primeira esfera do Sistema; mas que o desmoronamento tenha consistido numa contração individual de cada elemento, nas medidas estudadas por meio da segunda imagem, ou seja, proporcionalmente ao impulso determinado pela posição ocupada pelo ser no Sistema, conforme o seu círculo e poder. Enquanto na segunda imagem isto era visto em posição invertida, passando do Sistema ao Anti-Sistema, por esta terceira imagem esse emborcamento não se dá mediante projeção para fora do Sistema, mas retrocedendo para o interior de cada um, por contração.

Como já verificamos essas posições do ser e modos de existir da substância, não puderam nascer por acaso. Nada podia aparecer que não tivesse antes pensado por Deus, ao formular o seu primeiro plano, no primeiro aspecto da Trindade. E essas posições do ser, em que lugar do Sistema podiam estar situadas, senão nos elementos que constituíam todo o 218 Sistema? É lógico imaginar, então, que essas qualidades residiam no seu interior, prontas a desenvolver-se apenas no caso de alguma desordem viesse perturbar o equilíbrio, movimentando os impulsos da desordem. Assim, nos espíritos que permaneceram disciplinados na Lei, não o provocando, nenhum impulso foi determinado, que excitasse esse deslocamento. O micróbio da doença, não achando ambiente propício, não podia desenvolver-se. O impulso de inversão, dado pela revolta, o querer erigir-se na posição de Anti-Sistema dentro do Sistema, removeu os diques da ordem que mantinham presa a desordem, e dessa forma se romperam, provocando a queda. Tudo estava pronto. Foi como se Deus houvesse dado, nas mãos do ser, um revólver carregado, dizendo-lhe: não apertes o gatilho, porque explode. Certamente nem Deus falava nem os espíritos ouviam, como acabamos de imaginar, porque isto ocorre em nosso mundo. Mas o conceito estava contido no pensamento de Deus, vibrando sempre presente na Lei e eram percebidos pelos espíritos, imersos nessa atmosfera de pensamento. Continuando com a imagem do revólver, para os espíritos obedientes que não tocaram no gatilho, não houve detonação e a arma carregada não produziu dano algum. Mas explodiu para os espíritos que a quiseram manejar, pensando com isso, aumentar o seu poder, ultrapassando o limite da obediência. Assim, se produziu aquela contração que chamamos involução.

De acordo com essa terceira representação do fenômeno, essas posições, que revelam outras possibilidades de existência, situadas potencialmente no interior dos seres, eram as de energia e matéria. Nesta imagem, a revolta teria projetado o centro vital do ser de sua posição de espírito, para a posição de energia, e por fim para a matéria. Quanto mais poderoso o espírito e elevada sua posição no Sistema, mais potente o impulso da revolta gerado por ele, e tanto maior teria sido o efeito desta, como contração, ou seja, mais profundamente teria sido projetado o espírito no estado de matéria; mais densa teria sido a casca de matéria em que teria ficado preso.* Acreditamos ter conseguido traduzir, nos termos desta terceira representação mental do fenômeno da queda, o conceito utilizado na segunda imagem desse fenômeno, na qual o ser foi projetado em posição invertida, fora do Sistema, no Anti-Sistema. *(Negritos meus – J.O.)

Dissemos “aprisionado em uma casca”, porque o emborcamento colocou o ser numa posição invertida, como é de fato a sua atual, no Anti-Sistema. Por esta inversão, não só tudo o que era positivo no Sistema devia transmutar-se em negativo no Anti-Sistema, como também o que era interior devia tornar-se exterior, e vice-versa. Assim, se explicaria por que e

como, no homem, o espírito é íntimo no corpo, como o princípio espiritual é íntimo na forma e rege em todas as coisas. Isto faz pensar que, no espírito, existiria a possibilidade de um estado feito de matéria, como forma íntima no estado potencial, e que o existir na forma de espírito se tenha emborcado na posição inversa, não mais em poder mas em realização, posição material, que constitui a forma de existência de nosso atual universo. 220 Com outras palavras, ter-se-ia passado (e nisto consistia a inversão) do estado no qual o espírito aprisionava e dominava como dono da matéria, nele jazendo fechada e adormecida em estado latente, como de não-existência, ao estado em que a matéria aprisionou e dominou, como dona, o espírito, nela permanecendo fechado e adormecido em estado latente, mais ou menos reduzido à inconsciência. Explica-se assim o estado atual, em que a matéria, outrora aprisionada e dominada, veio a aprisionar e dominar. Exprimindo-nos em termos espaciais, se a imagem não fosse por demais concreta, poder-se-ia dizer que o de dentro passou para fora, vindo a constituir (involução) a casa da forma física; e que o de fora passou para dentro, pelo que o espírito permaneceu aprisionado naquela forma de matéria. Pode compreender-se, então, porque a evolução consiste no processo contrário, pelo qual o espírito adormecido deve despertar, o prisioneiro da matéria deve libertar-se da forma, e o espírito por ela dominado deve voltar a 141 dominar. Se, com a queda, passou a ficar fechado dentro da matéria, agora, no regresso, deve sair de dentro para fora, na plenitude de sua vida.

* * *

Aceitamos a terceira representação mental do fenômeno, por nos parecer a mais apta a revelar-nos, com maiores relevos, alguns de seus aspectos, mesmo reconhecendo que não possa dizer-nos tudo. Pela mesma razão, aceitamos as outras duas representações, porque aptas a fazer ressaltar outros aspectos do processo. Cada uma revela-nos um ponto. O absoluto, para nós situados no relativo, é inesgotável e jamais terminaremos de percorrê-lo. Observamos várias representações e poderíamos continuar ao infinito, focalizando sucessivamente pormenores diferentes. As imagens examinadas, completam-se, na mais global visão possível, mas compreende-se que se trata apenas de expressões e pontos de vista diversos da própria visão que, em suas linhas fundamentais, permanece invariável. Em alguns casos, o mesmo conceito aparece em outra representação, traduzido em outras imagens. No relativo, a mesma coisa pode exprimir-se em muitas maneiras diferentes.

Por exemplo, esta última imagem, do aprisionamento numa casca, por emborcamento do externo no interno, e vice-versa pode ser expressa com outros conceitos que, suprimindo a idéia espacial de “dentro” e “fora”, ou seja, materializando-a menos, se afastam também menos da realidade do fenômeno. Então, à idéia de deslocamento, substitui-se pela de mudanças no estado da substância, constituinte do espírito. Com outras palavras: com a queda, o ser deslocou o seu centro de existência, mudando o seu modo de existir da forma pura de substância, como é o espírito, numa forma menos pura, como é a energia, e daí até à mais corrompida e inquinada, a matéria. Podemos pensar, então, que esses estados interiores do espírito eram apenas as fases previstas de um processo de corrupção progressiva do espírito, que se teriam tornado atuais no caso de uma saída sua do estado de ordem, o que 220 lhe defendia a integridade e a saúde. Em outros termos, nas normas da Lei, teria existido também este princípio, pelo qual, se o espírito tivesse querido sair da disciplina de um regime sadio de vida, teria adoecido, com a doença da involução, levando-o do espírito à energia e à matéria, que seria o curso da doença. De forma que energia e matéria poderiam ser consideradas como estados de progressiva corrupção ou decadência do estado perfeito de espírito, e este seria então o sentido que deveríamos dar à palavra queda.

Poder-se-ia dizer, então, que a substância pode assumir vários estados, entre os quais o seu estado perfeito como espírito, e outros estados tanto mais corrompidos e imperfeitos, quanto mais sua forma se afastar do espírito para a matéria. Com a queda, a substância, que estava no estado puro, ter-se-ia arruinado, para depois tornar a curar-se, ao percorrer o caminho inverso da evolução. O processo de libertação da forma material seria um processo de purificação; o desmaterializar-se em formas de vida cada vez mais espirituais representaria a cura que, em termos religiosos, foi chamada redenção. Este é o sentido desta palavra. A queda reduziu-se a uma grande transformação da primeira substância, o Tudo-Uno-Deus, além do qual nada pode existir. Essa substância permaneceu inalterada nos espíritos obedientes, mas, se corrompeu nos espíritos rebeldes.

Esta idéia de corrupção evita a idéia espacial das várias imagens examinadas e as substitui, completando o conceito de contração e fazendo compreender melhor como seja possível, para o espírito, assumir a forma de existência representada pela matéria. Dessa forma, ao conceito de contração do ser por deslocamento de seu centro de vida, exterior para o interior e ao conceito de que por esse caminho se possa atingir o estado da matéria, substituiu-se pela idéia mais profunda de uma transformação da substância do ser por efeito e um processo de corrupção progressiva, que vai do estado de espírito ao estado de matéria. Assim, ao conceito de um espírito que contenha potencialmente, dentro de si, os estados de energia e matéria, nas quais o espírito se contrai e que, portanto, afluem com a revolta, substituiu-se o conceito pelo qual a energia e a matéria constituem uma corrupção da substância, acarretando doença e decadência para o espírito, por efeito da revolta. Com este último aspecto de nossa terceira representação mental do fenômeno da queda, evita-se totalmente a idéia inexacta de deslocamento espacial, que tivemos de aceitar nas primeiras aproximações, ao interpretar o fenômeno.

Para não arrastar ao infinito a argumentação e concluir o livro, devemos terminar por agora a nossa exposição das várias representações mentais, aptas a reduzir, ao nosso concebível, a substância da visão, em pormenores cada vez mais exatos. O nosso caminho poderia continuar, e continuará em outros livros. A pesquisa não tem limites, e ao descobrir novos horizontes, aparece imediatamente outro mais remoto. Grande é a nossa viagem pelos mares inexplorados do conhecimento. Atravessamos um oceano e aparecem novos continentes, nos quais viverá amanhã uma humanidade 221

mais feliz, porque mais inteligente. Orientamos a primeira rota, pela qual poderão orientar-se melhor, mais tarde, os outros navegantes. Possuímos agora, de forma racional e compreensível, os princípios gerais até hoje apenas vagamente afirmados, e não provados, pelas religiões e teologias. Dão-nos as chaves para abrir outras portas do conhecimento, permitindo penetrar em portões cada vez maiores, até ao contato com os fenômenos e explicá-los no terreno, próprio da ciência.

Baste-nos, por ora, ter-nos desincumbido da tarefa deste volume, fruto do novo amadurecimento hoje atingida, ou seja, expor a visão de forma mais profunda, além da conseguida no volume Deus e Universo. Subimos, assim, mais um pouco e passamos a compreender o fenômeno da gênese, queda e subida, de que somos filhos; conhecer um pouco mais do que conhecíamos, no fim do volume precedente.

Assim, vamos avançando laboriosamente, e construindo o grande edifício. O nosso pensamento vai cada vez mais se aperfeiçoando por graus, esclarecendo-se sempre mais, analisando, provando o que foi dito desde o princípio, com conceitos que jamais se modificaram, mas foram, cada vez mais se confirmando. Jamais retratamos uma só palavra, por ter sobrevivido um fato que a demonstrasse errada. O trabalho consiste, sobretudo, em demonstrar, com a análise, que são verdadeiras as conclusões ou os totais das operações, colocadas antes da argumentação, quando ainda ignorávamos completamente, em princípio, o desenvolvimento futuro. Mas, a finalidade principal já foi alcançada que é a de mostrar as linhas gerais da Lei que dirige tudo e todos, e contém o pensamento de Deus. Outros, encontrando outras aproximações, poderão, subindo ao longo do relativo, continuar o tremendo trabalho de aproximar-se mais do absoluto, descobrindo-lhe sempre novos aspectos. Nós, segundo os planos preestabelecidos, e ainda todos não conhecidos, continuaremos a realizar nossa tarefa, até que tudo esteja completo.

* * *

Nada melhor, após termos lido e estudado os livros “O Sistema”, “Deus e Universo” e Cristo, de Pietro Ubaldi expandindo assim a nossa visão da realidade em que estamos envolvidos do que ler e estudar o livro Senda Redentora”, de Gilson Freire, editado pela INEDE- BH.

Eis o que, corroborando o que foi exposto acima, afirmam os mini trechos pinçados do cap.17, “Do átomo ao Despertar da Consciência”, de “Senda Redentora” de Gilson Freire, que com a devida vênias, apresentamos ao leitor com o convite implícito para que leia e estude esta obra admirável que desenvolve com detalhes preciosos a portentosa obra de Ubaldi:

“Deus não poupou os anjos que pecaram, mas precipitou-os aos tenebrosos abismos do inferno onde estão reservados para o juízo”. Pedro II, 2: 4.

1 – O estudo da evolução, incorporando agora o princípio da queda do espírito em seus alicerces, conduzia-nos magistralmente a reconhecer a falência fundamental como parte essencial da própria mecânica de funcionamento. Muito mais que mero silogismo dialético, a derrocada espiritual mostrava, dessa maneira, a mais poderosa afirmativa axiomática existente em todos os tempos, com graves conseqüências científicas, filosóficas e religiosas. P 296

2 – Hoje sabemos que, imenso e estupendo, nosso cosmo é um constructo passageiro e recolhido em si mesmo, que terminará reconduzido à sua perfeição de origem.

* * *

A seguir, encabeçando a transcrição de alguns trechos importantes da obra, transcrevemos, com a devida vênias, o Capítulo III de Deus e Universo, cuja leitura e profunda meditação, – acreditamos – **poderá transformar decididamente para melhor**, a vida do espírito sincero que estiver comprometido, como acontece, infeliz e lamentavelmente conosco, com a maneira materialista de viver da maioria dos seres humanos do planeta.

59 –EGOCENSTRISMO

Deus e Universo – Pietro Ubaldi - Capítulo III

A esta altura, surgem muitas questões, a que procuraremos dar aqui, as respostas, para resolver, sempre procedendo em profundidade, o problema do conhecimento das últimas coisas.

Se o Universo diz em Deus o seu “eu sou”, como diz toda criatura e, por conseguinte, todo homem, será possível então, encontrarmos, no termo máximo, o princípio de egoísmo que existe nos seres inferiores, e que é tão condenável no homem? É isso possível? Mas, porque então o egoísmo humano é uma culpa? E por que ele existe e que significa e quer? E, no princípio centralizador unitário do universo em Deus encontraremos então o egoísmo máximo?

É um fato que, sem egocentrismo, desde os sistemas planetários aos organismos celulares e sociais, não se mantém compacta nenhuma unidade. Ele é, pois, necessário a todo ser. Egocentrismo não é exatamente egoísmo. Este possui um sentido de centralização com vantagem individual, com pendor separatista e exclusivista, um sentido de usurpação em detrimento de outros ou necessitados ou com direito. O egocentrismo possui, ao invés, apenas um sentido de centralização destituído de senso separatista e exclusivista, sem objetivo de usurpar nada a outrem, pelo contrário, com vantagem de conservação de um organismo global que é necessário e útil a todos os elementos componentes. O Estado, como um chefe de família, pode ser utilmente egocêntrico egoísta. Se todo ser para existir, deve dizer: “eu” – o Egocentrismo é uma necessidade de existência e, por isso não pode haver culpa em se repetir os princípios do ser, expressos no sistema do

universo. É, também, segundo a Lei, que cada fragmento conserve interiormente a natureza do esquema consoante o qual o Todo-Uno é construído.

Então, por que egoísmo é culpa? Procuremos compreender. Egoísmo e altruísmo são termos relativos ao grau de extensão que o “eu” cobre com o próprio amor e compreensão. Enquanto o egoísmo é o amor exclusivo com relação ao próprio “eu” e a nenhum outro, um altruísmo absoluto, que renúncia a tudo, inclusive a si mesmo, sem vantagem nenhuma para um dado ser ou grupo de seres, é loucura, é suicídio. Ambos os extremos constituem culpa. A virtude consiste no altruísmo razoável, no sacrifício em favor de alguém, na dilatação do egoísmo, isto é, na ampliação do princípio do egocentrismo, e não na sua supressão. A virtude será tanto maior quanto mais extenso for o campo dominado pelo amor, que é a substância da Lei. Efetivamente, o egocentrismo máximo do sistema em Deus, não é senão um egoísmo que cobre todo o universo, dilatado assim infinitamente no amor capaz de abraçar e defender todas as criaturas até considerá-las como partes integrantes de si mesmo, sacrificando-se por elas.

Eis como se opera a progressão da abertura da concha do egoísmo no altruísmo, fim da evolução que consiste exatamente na confraternização, a qual, unificando os fragmentos do Uno, reconduz os seres à unidade no centro - Deus. O egoísmo poderia então denominar-se egocentrismo involuído, fechado e limitado em si mesmo, enquanto o altruísmo seria egocentrismo evoluído, aberto e expandido no Todo. Efetivamente, o primeiro é separatista, desagregador centrífugo; o segundo é unitário, centrípeto. O primeiro se afasta de Deus e o segundo se avizinha de Deus.

O egoísmo historicamente se explica. Resultado da fragmentação do Uno em tantos outros “eu” menores, separados e separatistas como veremos, é qualidade do ser involuído, necessário a sua existência, pois que no nível em que se encontra, necessita revestir esta forma de personalidade separada egoisticamente, em guerra com todos na ignorância da superior fase orgânica, que poderá irmaná-lo aos semelhantes em unidades maiores. Esse egocentrismo, biologicamente justificável, só o é, todavia, para o passado, mas se tentar prolongar-se no futuro, tornar-se-á cada vez mais condenável como egoísmo separatista, porque a evolução leva a humanidade a um mais vasto egocentrismo coletivo. É assim que o egocentrismo separatista, sendo uma forma biologicamente de uma utilidade superada, não poderá reaparecer senão sob o aspecto cada vez mais retrógrado e antivital. Tendo cada vez menos razão de existir na sua forma exclusivista e agressiva, cada vez menos também será justificado, pois que deixou de ter função biológica.

E em Deus, o egocentrismo representa um egoísmo tão amplo, que abraça todas as criaturas, tudo o que existe, de modo a coincidir com o máximo altruísmo. E quanto mais o ser evolve, tanto mais o egocentrismo tende a se aproximar ao de Deus, que é o egocentrismo que todo ser sente, com respeito aos elementos componentes do próprio organismo, constituindo uma necessidade para mantê-los todos compactos em unidades em torno ao “eu” central, alma do sistema.

O egocentrismo de Deus é, pois, um egocentrismo perfeito, isto é, não constituído de um egoísmo separatista e exclusivista, como o dos seres inferiores, mas sim, feito de Amor, que reforça essa fundamental lei do ser, porque Deus é centro, não para sujeitar, mas para atrair, não para absorver, mas para irradiar, não para tomar, mas para dar. Se, por sua vez, os “eu” menores têm necessidade do seu menor egocentrismo, para manter o seu menor sistema, naquele egocentrismo também eles encontram o limite do próprio ser. Em tal limite eles estão fechados, pois que ele forma o horizonte da sua existência e compreensão e só pela evolução podem sair dele, ampliando-o em outro mais vasto.

Assim é a íntima estrutura do sistema do universo.

O grande modelo é Deus, que todos os seres, inclusive o homem, devem seguir. Esse Deus se encontra no centro do sistema, tudo centralizando em Si para tudo irradiar de si, e as criaturas devem existir à Sua imagem e semelhança, isto é, como tantos outros sois menores que irradiam, quais centros de sistema menores. E, assim, hierarquicamente cada um, segundo o grau de evolução atingido, cobre a maior ou a menor vastidão do sistema relativo ao seu raio de ação. Tal o modelo central, tal a lei do sistema. Certamente a criatura é livre e pode, pois, agir de modo contrário. Mas esteja bem certa de que é lei também que todo o sistema se volte contra ela para esmagá-la, como a um inimigo. A grande corrente da vida vai contra quem pretende inverter a rota do ser, prejudicando-o. Ela o coloca frente ao dilema: rearmonizar-se com a Lei, enquadrando-se de novo nela, ou ser eliminado. E os salutares golpes da dor, ainda que atenuados pelos impulsos do Amor, não serão sustados enquanto não se tiver conseguido a correção ou destruição.

O ser é livre de violar, mas somente em seu dano e não tem nenhum poder para dobrar ou anular as leis da vida.

Eis as razões remotas, que explicam e impõem o “ama o teu próximo” do Evangelho. Hierarquicamente, a unidade do sistema por esquemas únicos, repetidos em todos os níveis, impõe que o mais sábio e poderoso, porque em níveis mais elevados deve irradiar para os inferiores, de nível mais baixo, pois que os níveis elevados recebem dos que se encontram em níveis mais elevados ainda do que eles, próximos a Deus.

Obtém-se, assim, através da desigualdade, a justiça. Receberá dos irmãos maiores quem der aos seus irmãos menores. Quem mais possui, mais deve dar. Quem menos tem, mais deve receber. Eis a perfeita justiça alcançada pelo Amor, respeitando diferenças e desigualdades necessárias que exprimem a posição atingida, cada qual com sua fadiga e vontade de subir. Uma justiça perfeita, atingida sem nivelamentos forçados, que podem constituir mutilações para os mais evoluídos e apropriação indébitas para os inferiores. Eis a função da Divina Providência, já alhures estudada. Assim se compreende o Evangelho, quando diz que não ganha a própria vida quem a conserva egoisticamente para si, mas somente quem a dá aos outros. Recordemo-nos de que somos células de um grande organismo e de que nenhuma célula pode crescer e viver isolada, pensando exclusivamente em si mesmo e em seu próprio benefício, mas somente pode fazê-lo em relação às outras, em favor do organismo inteiro. Uma célula absolutamente egoísta representa em qualquer organismo um

germe revolucionário, uma revolta à lei do Todo, uma atividade perigosa que é logo sufocada no interesse geral, um cidadão rebelde que urge ser expulso da sociedade.

Tal é a grande parte da moderna humanidade materialista, para quem o egocentrismo é egoísmo separatista e exclusivista de cada um contra o próprio semelhante. E efetivamente as leis da vida procuram isolar esse tipo biológico, como um cancro ou tumor, para destruí-lo. Com o próprio egoísmo ele desejaria sustar o livre fluxo da vida, como quer a divina lei de amor, e a vida o põe na encruzilhada: seguir a rota da lei ou ser esmagado por ela.

O homem moderno não conhece esses princípios, age como uma célula que quisesse viver exclusivamente para si, isolando-se da corrente de todo funcionamento orgânico de que é parte. Para quem compreendeu a vida, isto é a louca pretensão de um ignorante de tudo. Mas o sistema tem como centro Deus e não o homem, e ninguém pode alterar essa realidade da estrutura do Universo. E, assim, quando um centro menor fazendo mau uso da liberdade tenta agir contra o Todo, então os impulsos do conjunto orgânico se encontram contra ele para expulsá-lo do sistema. Veremos, dentro em pouco, como pode surgir esta atitude rebelde das criaturas e quais as suas consequências.

Compreende-se, dessa forma como o mundo de hoje, baseando-se no egoísmo, esteja completamente fora da rota. Os métodos mais seguidos para a conquista da riqueza apresentam, mesmo do ponto de vista utilitário, um grosseiro erro psicológico. Acumular com exclusivismo egoísta significa caminhar contra a maior corrente da vida, agir com prejuízo, significa pôr-se em posição invertida, não obter, senão resultados negativos. E quanto mais porfiadamente o homem lutar nesta direção, buscando vencer por ela, tanto mais se afastará das fontes do ser, para perder-se no deserto em que o isolarão as forças da vida, que dele se arredarão como de um pestilento. Deus é Amor e sempre dá. A divina corrente do Todo está baseada no princípio do dar. Agindo em contrário, o homem pretenderia opor-lhe, como u'a muralha, o oposto sistema, do tomar! Então a muralha não susta a corrente, mas a corrente destrói a muralha. A nossa economia, porventura, não está baseada no princípio "do ut des"⁴? Se a balança da justiça assim se apresenta, isto significa egoísmo pelo qual eu não darei se tu não deres. Se não tiveres para dar, morrerás, o que a mim não importa. E se não deres eu não darei. Estes princípios de compensação, que são as bases reconhecidas da economia vigente, constituem a mais lídima manifestação do egoísmo. Se tal é a atitude da alma, que salvação podem realizar os sistemas econômicos que se erguem sobre estas bases? Uma economia desse tipo face em das mais profundas leis da vida, éticas e espirituais, das quais é ilusório querer furtar-se em qualquer procedimento nosso resulta também utilitariamente negativo, isto é, contraproducente. Efetivamente o mundo econômico-financeiro não passa de uma série de crises em cadeia que formam uma única, perene crise insanável porque ela não se origina de um particular momento ou posição, mas de todo o sistema. Por que então, o homem se comporta assim e não sai dessa posição falsa? Simplesmente porque a grande massa humana e involuída e não compreende esses erros psicológicos e também porque, quando já se tomou uma direção, é muito difícil inverter a rota.

E aqui se trata precisamente da evangélica inversão dos valores, isto é, de pôr no cimo da escala destes os espirituais e no fundo os materiais, mas hoje se verifica o inverso, sendo colocados em cima estes últimos em virtude de que o tipo biológico dominante na Terra não se encontra ainda, por evolução, sensibilizado a ponto de percebê-los e apreciá-los. Ele corre atrás dos fictícios do mundo sensório e corporal, ao invés de buscar os mais consistentes do mundo espiritual e da alma. O tipo dominante não consegue ainda compreender esse novo hedonismo e apoderar-se dele em seu benefício. A nova vida é a do bem que opera honestamente, sem enganar, pedindo antes o trabalho e depois a recompensa. O homem ignorante prefere as vias do mal, que agem desonestamente, enganando, prometendo dar muito e chegando mesmo a dar logo alguma coisa sem nada pedir, para mais tarde retomar o que deu e não dar o que prometeu.

4 "Dou para que dê". (N. do T.)

O caminho feito de mentira é mais atraente, para quem crê ser bastante bravo para burlar as leis da vida, o que leva a cair facilmente numa armadilha. Cada qual atrai segundo a própria psicologia e obtém o que merece. O homem comum, imerso em um mar de mistérios, não sabe se orientar, detendo-se nos efeitos imediatos. No altruísmo ele vê um sacrifício tangível, próximo, real. Vê nele um perigo para si e para os seus, de modo que tem como um dever arrebanhar o mais que pode para si e para os seus. Em face do altruísmo ele recua exclamando: "E quem me garante a vida?" O assalto permanente que sofre da parte do próximo, que ele deveria amar como a si mesmo, justifica em parte essa sua atitude e exigiria heroísmo ter que invertê-la no oposto. Para chegar a ela terá que dar não apenas o seu sacrifício imediato, mas para manter-se teria que lutar sozinho contra toda uma corrente inversa - a da sociedade humana. Todavia, há uma grande força em sua defesa, coisa de que na Terra bem raramente se dá conta. O homem altruísta que, por não ter egoísmo, é espoliado de tudo, porque tal é o resultado de uma guerra de egoísmos, para quem não ataca e se defende, tal homem atrai as forças da vida que acorrem a fim de salvá-lo. Elas não constituem utopia e regem o mundo. Elas acorrem porque esse homem personifica o maior interesse e a vontade da vida, que é a evolução. Mas, para compreender isto é necessária uma sensibilização moral e psíquica, que não existe na maioria, uma precisa orientação conceitual, através da qual se tenha compreendido o funcionamento orgânico do universo, é indispensável, enfim, a prova resultante do controle experimental de toda uma vida. Na realidade, funcionam inúmeras forças que a maioria ignora. Deus, ao sensibilizado por evolução, é uma realidade sensível. O caminho para aproximar-se Dele, suprema alegria, consiste na progressiva dilatação do próprio egocentrismo, que denominamos altruísmo, isto é, o fraterno amor evangélico. Este constitui o método de ascensão para a felicidade, encurtando as distâncias entre o homem e Deus, porque assim a criatura, segundo o exemplo divino, volta-se para trás a fim de orientar as criaturas irmãs. Quando o ser se decide dessa forma a funcionar segundo a lei do Todo e se dispõe a despojar-se do que possui em favor do necessitado, põe em movimento os impulsos do sistema e faz com que este funcione

em seu favor, de modo a ser de alguma forma provido e largamente compensado do que perdeu, dando voluntariamente. Em outros termos, ativa-se o princípio: quem beneficia seja beneficiado e tanto mais beneficiado quanto mais beneficiou. Inicialmente, punge o sacrifício de pôr em movimento essas forças, mas o sistema, pode-se dizer, é de uma precisão mecânica tal que, uma vez posto em ação por quem compreende e sabe, matematicamente dará resultado. Certamente é necessário ter compreendido a estrutura coletiva do organismo universal, a universal imanência de Deus, pela qual tudo "é", a orgânica natureza do Todo, do qual cada indivíduo é parte que vive em relação e das relações com as outras partes, célula que morre se se isolar. É necessário evoluir para sensibilizar-se de modo a perceber essa irradiação do centro, Deus, que rege inteiramente o sistema, até a sua periferia, onde nós, menos evoluídos, nos encontramos. É necessário compenetrar-se de que pobreza não existe na infinita riqueza de Deus, de que os bens são ilimitados e constantemente irradiados, sempre prontos a saciar qualquer possível necessidade. Deste oceano, o ser, no entanto, não poderá captar para si mais do que lhe permite a sua capacidade receptiva, que é dada pela sua evolução, pela sua aderência ao sistema, ou seja, pela aderência à Lei ou vontade de Deus. É, pois necessário que ele funcione de acordo com a Lei, agir com amor, sabendo irradiar, dispondo-se a dar e aplicando assim a norma evangélica do "ama o teu próximo". O problema está em saber acionar os impulsos do sistema de modo a pôr em movimento essa irradiação. Se soubermos abrir as janelas de nossa alma, seremos inundados por essa irradiação. Mas, para economizar o esforço de abri-las, quando não confiamos, prudentemente fazemos os nossos cálculos utilitários para nada arriscar; encolhendo-nos em um canto, e, então, permaneceremos no quarto escuro e frio de nós mesmos a disputar com o vizinho o pouco de luz ou de calor que, apesar de tudo, cõa para o interior, ainda que lá fora tudo exista numa exuberante trepidação de vida. Mas, tal é o nosso mundo, em que as maiores guerras se fazem para disputar o que já possuímos de uma riqueza que é infinita, conseguindo apenas destruir o que já se encontra em nosso poder. Desta forma, escondemo-nos em sua prisão. Bastaria saber abrir-lhe a porta para que nos evadísemos. A porta, para que se abra, exige que recuemos um pouco, mas o homem prisioneiro, na ânsia de fugir, ao invés de recuar um pouco para trás, avança sofregamente, buscando o exterior e, pensando em tudo, menos no que deve fazer para se libertar, mais e mais impele a porta do lado em que ela se fecha, mais e mais com o seu esforço tornando difícil a libertação. Ele é um louco. Para desfazer certas miragens e destruir outras tantas ilusões psicológicas é necessário ao homem a dolorosa elaboração de milênios. O raciocínio do homem atual parece verdadeiro, porque o é apenas em parte, pelo menos onde ele alcança com o conhecimento, isto é, no seu mundo concreto, que representa a periferia do sistema e que ele, ignorante do resto, supõe que seja tudo. Desfazer em altruísmo o próprio egoísmo é efetivamente uma perda, mas somente periférica e em uma primeira fase. Porque realmente não é perda, mas antes ganho, quando em um segundo tempo o ser vem a pôr-se em contato com outras forças não periféricas. Efetivamente, o altruísmo não é vantajoso neste mundo, quando outros seres estão dispostos a arrebatá-los tudo e aproveitar-se de nosso sacrifício em proveito próprio, embora com evidente perda para si. E esta é definitiva para o involuído que, em remotas conexões com o centro Deus, só é escassamente irradiado e, por conseguinte, empobrecido e privado de novos suprimentos. E, dado que nos encontramos na periferia do sistema e que a maioria é, por involução, pouco irradiada, a posição do prisioneiro da pobreza e da dor, sem capacidade de evasão, é lógica e compreensível. Não há remédio imediato. Não resta senão deixá-lo na posição que lhe cabe, segundo o seu grau de evolução, a espera de que os golpes da vida o elaborem até que ele compreenda o mecanismo do sistema e consiga fazê-lo funcionar em seu proveito. É inútil querer explicá-lo antes que ele amadureça, porque permanece incompreensível, pois que não se aceita aquilo que não se mereça conhecer, por não se ter feito ainda o esforço de conquistá-lo. Tudo será muito diverso para o evoluído. Desfazer em altruísmo o próprio egoísmo também para ele significa um prejuízo. Mas ele pode enfrentar com segurança esse sacrifício, porque conhece a estrutura do sistema e sabe, por isso, o que se seguirá a esse sofrimento. Espiritualmente ligado ao centro Deus, não vive apenas de limitada vida periférica. Pelo contrário, é justamente este seu sacrifício de dar irradiando, a força decisiva que abrirá janelas que o inundarão de sol. É este o difícil passo para trás, o único que pode permitir-lhe abrir as portas da prisão. É esta negação de si próprio em altruísmo, na periferia, uma afirmação para o centro Deus, isto é, uma mobilização das forças de irradiação que esperavam essa sua atitude para podê-lo inundar. Porque é o ser livre que deve encontrar a chave e com ela abrir o mistério da evolução. E, assim, em um segundo tempo, ele será largamente recompensado e enriquecido pelo seu empobrecimento que, na realidade se reduz a perdas diminutas na zona periférica do sistema universal, na zona da matéria e das ilusões. Defrontamo-nos assim, em verdade, com um sábio cálculo utilitário que, diferentemente do outro, conduzirá a plena satisfação e segurança de êxito. Eis o raciocínio desse tipo de homem. Dirija-se a Deus, dizendo: "Senhor, eu dou, empobreço-me materialmente, mas com isto eu me torno instrumento que adere à Tua Lei, vivo segundo as linhas de força do Teu sistema. Para o triunfo do Teu Amor eu sacrifico o meu pequeno eu. Tu sabes que agir assim na periferia, onde me encontro imerso na matéria, significa empobrecer até a morte. Mas eu não existo mais para mim, isolado, mas na vida universal, em que Tu "és". Eu não quero mais a mim mesmo, mas somente a Ti, em Quem eu vivo. Quero a Tua Lei. Faço parte do Teu organismo. Sou uma célula dele, uma Tua célula. Tu és o meu eu maior, em que agora existo. Então a minha morte não é mais possível. Compete a Ti e à Tua Lei impedi-la, e que a vida me seja dada, pois que ao meu fraco poder de defesa eu renunciei para seguir a Tua Lei de Amor. Não é possível que, para seguir-Te eu deva perder a vida. Sei que esta tem fins eternos a alcançar e que eles devem ser alcançados. Ela não pode perder-se ao acaso e não depende da minha pobre defesa do momento. Seguindo-Te, eu ganho a vida. E se também morrer, não perderei senão a minha vida menor, porque ressurgirei na Tua vida maior". Assim se compreende o Evangelho de São João (Capítulo XII: 24-25), quando diz: "Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra não morrer, fica só; mas se morrer, dá muito fruto". "Quem ama a sua vida perdê-la-á e quem neste mundo aborrece a sua vida,

guardá-la-á para a vida eterna". A luta entre o evoluído altruísta e o mundo egoísta, que não se preocupa senão de espoliá-lo e explorá-lo, é terrível. A situação é tal que se procura, por todos os meios, eliminar o benfeitor e isto exatamente por parte daqueles a quem ele desejaria fazer o bem. Poderosa é a resistência que o involuído opõe a quem procura fazê-lo evoluir para a felicidade e trágica é na Terra a posição dos benfeitores da humanidade: posição de mártirio! É como querer abraçar por amor um tigre: fica despedaçado. Porém a vida só em parte é terrena e não se exaure apenas do ponto de vista humano. O trabalho desses homens é missão e interessa também ao céu. Dado que à vida, se pouco interessa o indivíduo muito interessa à função que ele personifica, sobretudo a evolutiva, então esse indivíduo se torna sagrado e forças superiores intervêm para protegê-lo no sacrifício até que a missão seja cumprida e se dê o milagre. Então, aciona-se o movimento da irradiação, porque o ser não a contém mais em si, mas lhe faculta o fluxo, tornando-se-lhe um canal que permita fluir no universo, de criatura em criatura, a divina linfa vital. E a irradiação está pronta a lançar-se onde a passagem é livre e desviar-se de onde há obstrução. E assim os homens altruístas se tornam, cada vez mais, instrumentos da Lei que, cada vez mais, nutre esses seus canais e os exalta, enquanto funcionam segundo a direção dos seus sistemas de forças. Tudo isto significa dar, cada vez mais amplamente, um despojamento crescente, que aterrorizaria o involuído, mas no mesmo passo significa um nutrição sempre mais vigoroso de forças. Ser irradiado significa sentar-se a uma lauta mesa de recursos ilimitados. E o sistema é tal que quanto mais aumenta o sacrifício em dar, mais cresce o dom que se recebe, porque com isto se sobe na hierarquia dos operários do Senhor, com a conquista de poder e sabedoria crescentes. Eis a estupenda realidade que está além das trevas que ocultam ao homem comum a verdadeira estrutura do sistema. O Evangelho concorda com tudo isto, concluindo pela norma do "ama o teu próximo", sem dela dar explicações racionais.

Essa conclusão tem sua grande confirmação no mundo atual, que, não a podendo compreender, a considera uma utopia. Estas concepções, obtidas por visão com o método intuitivo, foram aqui expostas pelo autor sob controle durante quarenta anos, usando o método experimental, sem que elas, nos fatos por ele vividos, jamais encontrassem um desmentido. Se este tivesse ocorrido, teria sido gravíssimo, porque os fatos, ainda que apenas um, teriam desmentido a Evangelho. Muito se deve pensar agora que o Evangelho, que parece utopia, se realmente vivido, torna tangível a verdade que não falha. Horizontes novos e ilimitados, inexplorados continentes do espírito, repletos de riquezas ignoradas, vastidões abismais de infinito sobre os quais a alma se debruça, em vertigem! O homem ignorante não suspeita qual o futuro que ali o espera. Além do infinito astronômico existe o maior infinito espiritual. E nesta Terra, grão de areia cósmica, por um pouco de espaço e de bens, o homem, centelha divina, com que ferocidade e estupidez mata, sem saber quem é e no que poderá tornar-se!

2 - Trechos esparsos de Deus e Universo.

Deus, ao sensibilizado por evolução, é uma realidade sensível. O caminho para aproximar-se Dele, suprema alegria, consiste na progressiva dilatação do próprio egocentrismo, que denominamos altruísmo, isto é, o fraterno amor evangélico. Este constitui o método de ascensão para a felicidade, encurtando as distâncias entre o homem e Deus, porque assim a criatura, segundo o exemplo divino, volta para trás a fim de orientar as criaturas irmãs. Quando o ser decide dessa forma a funcionar segundo a lei do Todo e se dispõe a despojar-se do que possui em favor do necessitado, põe em movimento os impulsos do sistema e faz com que este funcione em seu favor, de modo a ser de alguma forma provido e largamente compensado do que perdeu, dando voluntariamente. Em outros termos, ativa-se o princípio: quem beneficia seja beneficiado e tanto mais beneficiado quanto mais beneficiou. Inicialmente, punge o sacrifício, de pôr em movimento essas forças, mas o sistema, pode-se dizer, é de uma precisão mecânica tal que, uma vez posto em ação por quem o compreende e sabe, matematicamente dará resultado. (P. Ubaldi - Deus e Universo)

*

Os dois princípios acima aludidos, egocentrismo e liberdade, comuns também às criaturas, faziam delas tantos menores "eu sou", semelhantes a Deus, como tantos Deuses menores em função de Deus. (. . .) Ademais, existia um terceiro princípio fundamento do universo espiritual - o do Amor - mercê do qual Deus não é egocêntrico senão para irradiar em Amor. Assim sendo, o Sistema de Deus não pode basear-se na coação, assim como, em virtude do princípio de liberdade, não pode basear-se no determinismo, mas apenas na adesão espontânea. (. . .) Liberdade e Amor são conexos. Este pressupõe aquele. (P. Ubaldi - Deus e Universo)

É certo que a queda foi devida à falta de conhecimento das conseqüências da revolta, mas é também certo que a criatura não poderia ser onisciente, igual a Deus. Pode-se objetar então, que, se ela ignorava como lhe pode ser imputada a culpa de haver caído? Deus deveria tê-la dotada do conhecimento suficiente para compreender antecipadamente as conseqüências da desobediência, de modo a não incidir nela. A tal objeção pode-se contrapor que a criatura assim teria seguido Deus unicamente no seu egoístico interesse, a fim de furtar-se a um dano e não por amor. Ora, um ato de aceitação tão fundamental no sistema não poderia basear-se num interesse nascido do egoísmo, isto é, em um princípio antípoda àquele que rege todo o sistema, como é o Amor. (. . .) Como é fundamental no sistema o princípio do Amor, prova-o o fato de o próprio Deus, no seu aspecto imanente, ter seguido o Sistema desmoronado para reconstruí-lo, jamais abandonando a criatura por mais injusta e rebelde que fosse. (P. Ubaldi - Deus e Universo)

Capítulo IV

60 - Referências da Queda na Codificação Espírita e na obra de Chico Xavier*

E o Espírito deve agora resgatar o homem da matéria - Lázaro (O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XI)

Texto de autoria de Gilson Freire, por ele extraído e adaptado do Posfácio do livro Tabernáculo Eterno.

O estudioso sincero do Espiritismo, ao entrar em contato com a extraordinária revelação de Pietro Ubaldi, sobretudo aquela contida na obra Deus e Universo e que nos traz a notícia de nossa Queda espiritual, pergunta-se, e com razão, se essa estupenda e indispensável proposição não contradiz formalmente o que aprendemos das fundamentais lições kardequianas. Assustado e indeciso, a primeira intenção do leitor espírita é de abandonar Ubaldi, julgando que essa aparentemente nova informação abala os basilares ensinamentos dos Espíritos.

Neste pequeno estudo procuremos demonstrar que a noção da Queda, além de ser a essência do Evangelho de Jesus, está presente tanto nas obras básicas da codificação quanto na literatura espírita moderna, sobretudo aquela que herdamos da maravilhosa mediunidade de Chico Xavier.

Para aqueles que se encontram receosos de impugnar as bases do Espiritismo adentrando esses aparentemente novos conceitos, apressamo-nos a citar Carlos Torres Pastorino, autor espírita altamente conceituado e tradutor de várias obras de Pietro Ubaldi, que nos afiançou categoricamente: Para aqueles que se encontram receosos de impugnar as bases do Espiritismo

adentrando esses aparentemente novos conceitos, apressamo-nos a citar Carlos Torres Pastorino, autor espírita altamente conceituado e tradutor de várias obras de Pietro Ubaldi, que nos afiançou categoricamente: “Para quem lê Kardec superficialmente, detendo-se nas palavras impressas, a teoria de Pietro Ubaldi pode parecer ‘herética’, mas aos que lêem o mestre penetrando as entrelinhas das respostas dos Espíritos, tão sábias e profundas, nada lhes parece de contraditório”¹.

Portanto, não é hora de deter-se em dúvidas destrutivas ou simplesmente abandonar a temática, pois a revelação espírita, como muito bem determinou o mestre de Lyon, não se estancou nos preciosos corolários estabelecidos em suas lições básicas. Estamos em evolução e participamos de uma revelação crescente que acompanha o nosso paulatino avanço, por isso o Codificador deixou-nos claro o conselho de acompanhar o inestancável andamento das revelações, ao exarar em A Gênese: “Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificará nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará”².

Os espíritas mais conservadores poderão não estar de acordo com essa posição inovadora, julgando que as bases do Espiritismo, por trazerem verdades sagradas, são inamovíveis, não carecendo absolutamente de complemento algum. Certamente os seus preceitos fundamentais não estão eivados de equívocos. Destarte, seria uma imensa pretensão considerar que, ao serem lançados, eles albergassem toda a extensão da verdade e contivessem o máximo saber possível ao ser humano em todos os tempos. Tal postura misoneísta dificulta o avanço da revelação espírita, o que não condiz com a intenção progressista de seu Codificador.

Ora, muitos conceitos lançados por Kardec estavam atrelados aos conhecimentos de sua época e requerem uma revisão, fato que, em absoluto, nada reduz do imenso valor de sua obra.

Além disso, embora se pudesse esperar das magnas entidades que a ditaram a mais absoluta fidelidade à verdade, as mentes dos médiuns que captavam os seus elevados pensamentos filtravam toda informação que lhes parecesse por demais desconhecida e contraditória à lógica que os servia, no tempo em que viviam na Terra. Daí a necessidade de se renovar permanentemente o nosso acervo de conhecimentos, coisa em que o mundo espiritual se esmera, enviando-nos a cada tempo novas e paulatinas parcelas da verdade, cuja completude, evidentemente, não podemos açambarcar de uma só vez. Esse é um fato verificável em todas as revelações e a doutrina espírita não pôde evadir-se dele, pois é lei natural da evolução do homem. E os Espíritos deixaram claro que a revelação a nós ofertada não estava concluída, ao afirmarem na questão 18 de O Livro dos Espíritos: “O véu se levanta a seus olhos à medida que o homem se depura; mas, para compreender certas coisas, são-lhe precisas faculdades que ele ainda não possui”.



Gilson Freire-Lavras-Mg-1953

Na questão 182, completaram: “Nós, os Espíritos, só podemos responder de acordo com o grau de adiantamento em que vos achais”. Ademais, os próprios espíritos estão igualmente em evolução e não atingiram, evidentemente, o ápice do saber.

Assim, é compreensível que seus conhecimentos, da mesma forma que os dos encarnados, achem-se sujeitos a avanços ao longo dos anos. Por isso o espírito Galileu, em A Gênese, de Kardec, afirma com sinceridade, demonstrando o caráter evolutivo da revelação espírita: “Há questões que nós mesmos, espíritos amantes da ciência, não podemos aprofundar e sobre as quais não poderemos emitir senão opiniões pessoais, mais ou menos hipotéticas”.

Assim, é compreensível que, a despeito das fantásticas luzes que a ciência espírita proporcionou-nos, não podemos nos gabar de haver respondido com elas a todas as questões que nos premem a alma, tendo em vista que, evidentemente, não atingimos o conhecimento absoluto. E pretender caminhar sempre não pode ser um erro, pois é o próprio Espiritismo, doutrina progressista por excelência, que nos concita a seguir adiante, sem jamais nos deter.

Kardec, o bom senso encarnado, indicou-nos em sua obra vários pontos dúbios a espera de futuros esclarecimentos. Como exemplo, citamos o item 21, cap. III, de A Gênese, no qual o codificador, um ano antes de desencarnar, declara com sinceridade ignorar as razões dos embates de vida e morte presentes na natureza: “Por meio do incessante espetáculo da destruição, ensina Deus aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e lhes suscita a ideia da vida espiritual, fazendo que a desejem como uma compensação. Objetar-se-á: não podia Deus chegar ao mesmo resultado por outros meios, sem constranger os seres vivos a se entre destruírem? Desde que na sua obra tudo é sabedoria, devemos supor que esta não existirá mais num ponto do que noutros; se não o compreendemos assim, devemos atribuí-lo à nossa falta de adiantamento. Contudo, podemos tentar a pesquisa da razão do que nos pareça defeituoso, tomando por bússola este princípio: Deus há de ser infinitamente justo e sábio. Procuremos, portanto, em tudo, a sua justiça e a sua sabedoria e curvemo-nos diante do que ultrapasse o nosso entendimento”.

Bezerra de Menezes, o chamado “Kardec brasileiro”, igualmente compreendeu que a doutrina espírita estava fadada a evoluir, escrevendo no jornal Gazeta de Notícias, edição de 6 de abril de 1897: “Enquanto o homem não chegar ao último grau da perfeição intelectual, de penetrar todas as leis da criação, a revelação não chegará a seu termo; pois ela é progressivamente mais ampla, na medida do desenvolvimento da faculdade compreensiva do homem. O Espiritismo, pois, tendo dado mais do que as anteriores revelações, muito terá ainda que dar, porque muito terá que progredir a humanidade terrestre”.

Então é hora de darmos um passo mais, absorvendo as novas preleções que o próprio plano espiritual envia-nos, desde que atendam à nossa necessidade de lógica e se mostrem coerentes com as nossas verdades fundamentais. Eis por que julgamos que a revelação de Pietro Ubaldi sobre nossa Queda espiritual fazem-se indispensáveis ao nosso amadurecimento espiritual. E sabemos que esse emérito enviado do Cristo cuidou de ofertar o seu trabalho não só à nação brasileira, mas, sobretudo, ao Espiritismo, onde se acomodam as mentes mais maduras e prontas para compreendê-lo e albergá-lo, em proveito de nossa mais rápida aproximação das esferas crísticas.

Aceitando a nova revelação que nos foi trazida por Ubaldi, sobretudo na obra Deus e Universo, o leitor sincero ainda estará se perguntando: por que então essa essencial informação não foi devidamente estabelecida nos alicerces doutrinários? E por que ela ressurgiu somente neste momento, em obras psicografadas por nosso intermédio (Tabernáculo Eterno e Senda Redentora), um médium desconhecido e sem expressão no cenário espírita nacional, não tendo sido anunciada pelos nossos grandes e famosos medianeiros? À primeira pergunta, respondemos que tudo tem a sua hora para dar-se a conhecer, pois nenhuma verdade poderá ser absorvida sem que tenhamos desenvolvido condições de apreendê-la. Portanto, era preciso aguardar o nosso paulatino amadurecimento. Quanto à segunda questão, somente podemos afiançar que se fazia necessário um instrumento mediúnico que antes albergasse com ardor a noção da Queda, a fim de dar guarida às entidades que a desejam veicular em nosso mundo. Um intermediário que a priori rejeitasse essa ideia dificilmente a acomodaria em seu campo psíquico, dificultando assim o seu trâmite pelas delicadas correntes de pensamento. Apenas isso justifica o fato de ela vir à tona pelas nossas parcas condições, pois não detemos, absolutamente, nenhuma especial qualificação que nos distinga dos demais.

Se, para muitos, os conceitos desenvolvidos por Ubaldi parecem revolucionários e contrários aos fundamentos da codificação espírita, os mais atentos perceberão que apenas os completam e esclarecem, sem nada abalar em seus alicerces, como nos afirmou Carlos Pastorino, referindo-se aos equivalentes ensinamentos ofertados por Ubaldi. Além disso, é pertinente considerar que, se muitas são as opiniões dos homens, diversas também são as crenças dos espíritos, nada mais do que seres humanos despojados da veste física densa e igualmente sujeitos à diversidade de opiniões e conhecimentos. Portanto, nosso trabalho consiste unicamente em mostrar, aos estudiosos da Terceira Revelação, que as aceções que nos foram apresentadas por Ubaldi fazem parte do acervo cultural de grandes comunidades de desencarnados, competindo-nos respeitar suas crenças, aceitando-as ou não segundo nos autorize a lógica que nos assiste. O que não nos convém, em absoluto, é fazer-nos juizes da verdade, limitando-a à nossa particular condição de apreendê-la.

Assim, pedimos apenas aos estudiosos que, com sinceridade, perpassem as revelações do místico da Úmbria pelo crivo da lógica, antes de simplesmente rejeitá-las, ajuizando se podem melhor nos explicar a complexidade fenomênica em que respiramos e, apressando os nossos passos na alçada evolutiva, tornar mais feliz e proveitosa a nossa vilegiatura carnal. E, sobretudo, procuremos constatar se as suas afirmações encontram-se perfeitamente aderidas ao Evangelho de Jesus, nossa única e inquestionável referência da verdade. Se assim for, então não haverá motivos para fazermos dessas novas aceções

pretextos para dissensões e enfrentamentos ideológicos na arena dogmática da fé, pois interessa-nos apenas unir esforços em torno dos excelso ensinamentos do Cristo e seguir juntos as pegadas do bem, rumo às supremas realizações espirituais do porvir.

Sabemos ainda que a verdade se estabelecerá segundo as determinações da Lei de Deus, a qual jamais será abalada pelas nossas irrisórias e momentâneas opiniões individuais. Portanto, não precisamos arvorar-nos na defesa dos preceitos aqui apresentados ou apoquentarmos-nos com os ataques que venham a sofrer, pois a vida cuidará do seu julgamento, validando-os efetivamente se forem indispensáveis à nossa caminhada evolutiva.

A despeito de seu tom de novidade, sabemos que a revelação de Ubaldo de nossa Queda espiritual não é novidade em nosso mundo. Um leitor atento poderá identificar essa informação fundamental na codificação espírita. Se o tema parece, para muitos, encontrar-se oculto na letra e inserido de uma forma subliminar, possivelmente o fato se explique pela falta de um substrato mediúnico capaz de identificá-lo com clareza na captação do pensamento dos guias espirituais. Perpassando, no entanto a vasta obra de Chico Xavier, poderemos denotar que o tema lá está devidamente inserido, e passou despercebido de nossas leituras iniciais por não termos ainda subsídios para apercebê-lo.

Contrapondo com algumas interpretações parciais da codificação que suscitam estarmos tão somente em um processo natural de crescimento evolutivo, podemos ver, sobretudo permeando a fantástica obra de Emmanuel, a clara imagem do homem terreno como a de um ser falido, lutando e sofrendo pela sua regeneração. Citemos alguns poucos exemplos, para não cansar o leitor: a questão 282 de O Consolador³ afirma-nos ser “o Velho Testamento, o alicerce da revelação divina” e, “o Evangelho, o edifício da redenção das almas”. E agrega o sábio mentor: “Como tal, deve ser procurada a lição de Jesus”. Ora, sabemos que os antigos ensinamentos enfeitados na tradição judaica representam um nítido retrato da Queda primordial do espírito. E somente podemos compreender a redenção como o ato de redimir ou salvar alguém de uma situação aflitiva ou perigosa. Portanto, Emmanuel concita-nos claramente a caracterizar os ensinamentos do Cristo como o roteiro da salvação, aferindo-se assim o seu significado original. Logo, deveríamos concordar que as lições do excelso Mestre não se destinam unicamente à nossa ascensão moral, mas, sobretudo, à reconquista de uma posição perdida. Afirmação que somente pode nos legar plena lógica se nos virmos como seres desviados do correto caminho, em decorrência de um significativo erro original.

Vejam alguns outros trechos da referida obra, onde a derrocada do espírito está claramente estabelecida. Na questão 13, explicando-nos por que sofremos as necessidades da vida, Emmanuel diz-nos: “O oxigênio é uma dádiva de Deus para todas as criaturas; quanto ao azoto e ao carbono, é pela sua obtenção que o homem luta afanosamente na Terra, recordando-nos a exortação dos Textos Sagrados ao espírito que faliu — comerás o pão com o suor do teu rosto”⁴. Compreendemos aqui que a inferência ao “espírito que faliu” não pode ser entendida de outra forma a não ser pela Queda de origem. E a expiação que a vida na carne representa, com todas as dificuldades que impõe a todos os seres que evoluem, deixa de ser um regime de normalidade para o conjunto dos filhos de Deus, mas atributo somente aplicável àqueles que caíram.

A questão 116 de igual maneira afirma-nos: “Podemos figurar o homem terrestre como alguém a lutar para desfazer-se do seu próprio cadáver, que é o passado culposo, de modo a ascender para a vida e para a luz que residem em Deus”. E a 243: “Todos os espíritos que estão em processos reencarnatórios no orbe terrestre estão em processo de resgate de quedas do passado” — ainda que consideremos que a magna entidade se refira somente aos espíritos racionais, os homens, dotados de livre-arbítrio, facilmente se constata que a totalidade dos seres em trânsito na Terra se acha em acerbos lutas evolutivas, pois, quanto mais involuído ele é, maiores são as suas dificuldades. Assim, absolutamente todos, entregues aos atritos e dores evolutivas, vivenciam processos expiatórios, caracterizando-nos como um planeta de expiações na escala dos mundos, como muito bem aferiu a doutrina. Ora, se os animais irracionais e os povos primitivos estivessem progredindo a partir de uma condição de pureza, ignorância e simplicidade, não poderiam estar submetidos aos sofrimentos evolutivos e provocacionais que imperam em nosso orbe. Portanto se torna mais lógico considerar que o mentor se refere a todas as almas que trafegam pelas plagas terrenas, inclusive os animais, uma vez que são também espíritos em evolução.

No item 135, o autor explica-nos, com clareza, que o mal se origina da liberdade de escolha do espírito e não de Deus⁷: “O determinismo divino se constitui de uma só lei, que é a do amor para a comunidade universal. Todavia, confiando em si mesmo, mais do que em Deus, o homem transforma a sua fragilidade em foco de ações contrárias a essa mesma lei, efetuando, desse modo, uma intervenção indébita na harmonia divina. Eis o mal. Urge recompor os elos sagrados dessa harmonia sublime. Eis o resgate. Vede, pois, que o mal, essencialmente considerado, não pode existir para Deus, em virtude de representar um desvio do homem, sendo zero na sabedoria e na providência divinas. O Criador é sempre o Pai generoso e sábio, justo e amigo, considerando os filhos transviados como incursos em vastas experiências” — aqui Emmanuel nos fala, com nitidez, dos filhos transviados e do significado de resgate em que se converteram suas vidas. Poderíamos inferir que ele aludia somente aos espíritos que caíram depois de adquirir a razão, fato a partir do qual teriam passado a existir o mal e a dor. Destarte, não se pode olvidar, como já afirmamos, que tais indesejáveis contributos são presenças peremptórias em todos os departamentos da vida planetária, sendo tanto mais intensos quanto mais primitivo é o ser. Ora, se a Lei de Deus é somente amor, como justificar tal disparate senão pela teoria da Queda?

Na pergunta 205, a sábia entidade mostra-nos o seu elevado conceito de homem, apresentando-o como alguém a quem a Lei de Deus impõe limites em decorrência de sua inata rebeldia: “O homem comum é uma representação parcial do homem transcendente, que será reintegrado nas suas aquisições do passado, depois de haver cumprido a prova ou a missão exigidas pelas suas condições morais, no mecanismo da justiça divina. Aliás, a incapacidade intelectual do homem físico

tem sua origem na sua própria situação, caracterizada pela necessidade de provas amargas. O cérebro humano é um aparelho frágil e deficiente, onde o espírito em queda tem de valorizar as suas realizações de trabalho. Imaginai a caixa craniana, onde se acomodam células microscópicas, inteiramente preocupadas com a sua sede de oxigênio, sem dispensarem por um milésimo de segundo a corrente do sangue que as irriga, a fragilidade dos filamentos que as reúnem, cujas conexões são de cem milésimos de milímetro, e tereis assim uma ideia exata da pobreza da máquina pensante de que dispõe o sábio da Terra para as suas orgulhosas deduções, verificando que, por sua condição de espírito caído na luta expiatória, tudo tende a demonstrar ao homem do mundo a sua posição de humildade, de modo que, em todas as condições, possa ele cultivar os valores legítimos do sentimento”.

Nessa elevada definição da condição humana, vemos o mentor referindo-se a proposições a respeito das quais unicamente a visão da grande falência espiritual pode nos facultar uma coerente interpretação. Utilizando-se de terminologia muito própria da Queda, como “homem parcial”, “homem transcendente” e a premência de “reintegração de aquisições do passado”, posiciona-nos como alguém que perdeu atributos e agora precisa reconquistá-los.

E como compreender a necessidade de submeter-nos a uma “carne frágil e deficiente”, embutidos em “uma pobre máquina pensante” que nos abafa o potencial de origem, senão considerar que degeneramos a pureza com a qual fomos gerados e empregamos mal as potências que Deus nos confiou ao nascer? Ora, um pai não importaria aos seus filhos essas graves limitações caso não se justificasse restringir-lhes o poder.

Da mesma forma, aí vemos a clara referência à nossa condição de “espíritos caídos”, entregues às “lutas expiatórias do mundo”. Como elucidar tal realismo, se tudo indica que nos encontramos imersos nas arenas evolutivas do planeta desde tempos imemoriais, quando ainda experimentávamos a inconsciência?

Na questão 64, o autor, chamando-nos “espíritos decaídos”, exprobra-nos os erros que nos são comuns, caracterizando-nos como almas pejudicadas de culpas desde um passado ignominioso, cuja origem se perde na noite dos tempos. E na 255, ele nos fala de uma “redenção universal” sem nos explicar a que alude propriamente tão vultosa expressão.

Deixando-nos sem entender a que se referia, podemos ainda ler na obra *Renúncia*⁵ a curiosa afirmação também do prestimoso mentor: “A morte mais terrível é a da queda”. Afirmação que se assemelha à contida na Lição 176 do livro *Caminho, Verdade e Vida*,⁶ na qual o benfeitor exarou: “É indispensável romper com as alianças da queda e assinar o pacto da redenção”. Tudo nos indica serem essas citações nítidas alusões à falência primária do espírito, que somente agora podemos elucidar com clareza.

Em *Ave Cristo*, ante as vicissitudes que visitam e atormentam a vida humana em todos os tempos, Emmanuel interroga: “Seremos, porventura, consciências caídas no integral esquecimento de si próprias, algemadas à Terra para serviços de purgação?”⁷. Interrogação que mostra nitidamente a intenção do autor em nos preparar para as novas revelações do porvir.

Na obra *A Caminho da Luz*, Emmanuel sugere-nos, ainda que de forma sutil, que a queda do homem tenha ocorrido fora do tempo e do espaço, transcendendo o exílio de Capela, ao escrever: “Onde está Adão com a sua queda do paraíso? Debalde nossos olhos procuram, aflitos, essas figuras legendárias, com o propósito de localizá-las no espaço e no tempo. Compreendemos, afinal, que Adão e Eva constituem uma lembrança dos espíritos degredados na paisagem obscura da Terra, como Caim e Abel são dois símbolos para a personalidade das criaturas”⁸. Aqui vemos uma simbologia muito mais abrangente, que somente a tese da queda primordial pode explicar, por retratar arquétipos que configuram o inconsciente coletivo humano, não se aplicando exclusivamente aos exilados de Capela. Todos somos almas degredadas nas sombrias paisagens da matéria, eis a realidade que tudo explica. E, como já compreendemos, os capelinos retrataram uma pequeníssima parcela de nossa humanidade e, em sua maioria, retornaram ao plano de origem antes mesmo da vinda do Cristo à Terra, não sendo genuínos representantes do homem em evolução nas plagas terrenas. Fato que nos leva a concluir que o exílio da constelação do Cocheiro é mera repetição, em escala menor, de um fenômeno muito mais abrangente e cósmico.

No livro *Emmanuel*, da mesma maneira, identificamos muitos informes que dificilmente encontrarão uma coerente interpretação sem a teoria da Queda. Para não delongar este estudo citaremos apenas duas passagens que nos dizem estarmos vivendo na Terra a condição de seres exilados, em regime de recomposição espiritual: “Dilatai vossa esperança, porque um dia chegará em que, na Terra, deveis abandonar o exílio onde chorais como seres desterrados (cap. XII, item A os meus irmãos). E no cap. V, item O que significa a reencarnação: “Cada encarnação é como se fora um atalho nas estradas da ascensão. Por esse motivo o ser humano deve amar a sua experiência de lutas e de amarguras temporárias, porquanto ela significa uma bênção divina, quase um perdão de Deus”. Se entendermos a vida na matéria como uma condenação exclusiva para o espírito que se rebelou, faz-se coerente a mensagem. Todavia, se admitimos que a reencarnação é simples meio de crescimento evolutivo, não haveria por que considerá-la propriamente um “perdão de Deus”, desde que o erro é perfeitamente aceitável para aquele que ainda é ignorante.

Assim, acatar a derrocada inicial é a única forma de tornar perfeitamente lógicas todas essas pertinentes informações de Emmanuel, deslindando o que de fato a magna entidade ocultou sob o véu da letra, por não ser ainda o momento propício para explicar claramente o seu pensamento.

Em André Luiz encontramos, igualmente, subjacentes informações que somente o conhecimento da Queda do espírito pode elucidar convenientemente. Na obra *Entre a Terra e o Céu*, por exemplo, o autor nos afirma que “a cadeia de ascensão do espírito vai da intimidade do abismo à suprema glória celeste”⁹. Como aceitar que o Senhor tenha simplesmente nos arremetido às ignominiosas profundezas abissais apenas para crescer? Certamente, fomos nós que nos

arrojamos às furnas da matéria, gerando-nos a tremenda necessidade de alçar novamente às altitudes divinas, proposta de outra forma incompreensível ante a sabedoria e o infinito amor de Deus.

Essa afirmação é abonada pelo relato de Pedro em sua segunda epístola (Pe II, 2:4), que nos diz: “Pois Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os lançou no inferno, prendendo-os em abismos tenebrosos, a fim de serem reservados para o juízo”. Ora, segundo nos asseverou Jesus, um “juízo” nos espera na resolução dos tempos; e se nossa alçada evolutiva se inicia na “intimidade do abismo”, como alega André Luiz, facilmente concluímos que somos os próprios “anjos que pecaram”, retidos nos despenhadeiros infecundos da matéria, aguardando o “juízo final”.

Em A Vida Continua, o excelso mentor declara que “a evolução é a nossa lenta caminhada de retorno para Deus”¹⁰. Logo, se estamos em uma via de regresso, deduz-se conseqüentemente que nos retiramos da casa do Pai. E se nosso caminho está eivado de dores, esforços, numerosas privações e onerosas necessidades, caracterizados pela preclara entidade em seu conjunto como a “dor-evolução”, então deve ter existido algo que justifique tão árdua jornada na justa Lei de Deus.

É inegável que vivemos sérias dificuldades evolutivas e estamos envolvidos em graves limitações que nos roubam o potencial divino de origem. Portanto somente a opção por caminhos e condutas impróprias pode justificar a acerba condição que vivenciamos na senda do progresso. Ou seja, nossas vidas e o próprio universo onde vivemos partem, de fato, de uma grande revolta básica da qual todos participamos. Não temos outra forma de explicar o exótico realismo que vivenciamos, condição completamente inadequada para seres que foram criados como puros pensamentos, quais éramos ao surgir no seio divino. Assim, confere-se à nossa existência o seu inquestionável caráter expiatório, validando-se a existência da “dor-evolução” como genuíno recurso divino de reintegração de espíritos falidos na impreterível ordem do absoluto.

No livro Ação e Reação, a sábia entidade caracteriza a vida física como a “prisão redentora da carne”¹¹. Fato que está absolutamente em conformidade com os preceitos estabelecidos em O Livro dos Espíritos que, na questão 11, nos diz que o “espírito se acha obscurecido pela matéria”. Assim, elucida-se que estamos em uma via de recomposição da perfeição perdida, detidos nos cativeiros regeneradores dos redemoinhos atômicos, como uma imposição àqueles que se rebelaram contra a Lei do amor, jamais como condição de normalidade da obra divina. Deus não poderia impor uma verdadeira clausura aos seus rebentos em processo de crescimento, exigindo-lhes dela libertarem-se através da dor e da renúncia, sem um motivo que a justificasse.

No livro Missionários da Luz (cap. 17), do mesmo autor, encontramos a afirmação: “Quase todas as escolas religiosas falam do inferno de penas angustiosas e horríveis, onde os condenados experimentam torturas eternas. São raras, todavia, as que ensinam a verdade da queda consciencial dentro de nós mesmos, esclarecendo que o plano infernal e a expressão diabólica encontram início na esfera interior de nossas próprias almas”. Torna-se evidente nessa afirmativa que os planos inferiores da vida, tanto física quanto extrafísica, onde imperam dores e expiações e Deus parece ausente, são nítidas projeções “de nossa esfera interior”. Desse modo, se vivemos em um universo imperfeito que parte do caos e nos surdina à evolução pela ação permanente da dor, do atrito e do esforço, a caracterizar um verdadeiro inferno, somente podemos imputá-lo às circunstâncias que criamos para nós mesmos, através de uma “queda consciencial”. Entretanto preferimos acreditar na nossa inocência, compreendendo a vida nos mundos primitivos como um normal roteiro que o Criador teria imposto a todos os seus filhos. Não percebemos que nosso orgulho nos ludibria, pois admitir a imperfeição e o sofrimento como condições naturais da vida é violar a impreterível perfeição e o imaculado amor que necessariamente devem imperar na obra divina.

Conferindo validade ao novo conceito de ressurreição, como nos foi apresentado por Ubaldi, André Luiz afere-nos em Ação e Reação que “o Mensageiro divino utilizara o sacrifício para traçar-nos o caminho da vitoriosa ressurreição”¹². E, na obra Libertação, um de seus personagens, o espírito Gúbio, suplica ao Pai: “Revela-nos tua vontade soberana e misericordiosa a fim de que, executando-a, possamos alcançar, um dia, a glória da ressurreição verdadeira”¹³. Aclara-se aqui que a entidade suplica por outro tipo de ressurreição, a legítima, aquela que representa o retorno definitivo ao absoluto e transcende a simples transposição dos umbrais da morte ou mesmo o renascimento na carne. A ocorrência se torna evidente em outra citação da mesma obra: “Cada criatura encarnada permanece só, no reino de si mesma, e faz-se indispensável muita fé e suficiente coragem para marcharmos vitoriosamente, sob o invisível madeiro redentor que nos aperfeiçoa a vida, até ao Calvário da suprema ressurreição”¹⁴. E em Os Mensageiros, o mentor conclui, na voz de outro de seus personagens: “Meditei muitíssimo, refleti intensamente e concluí que, para atingirmos a ressurreição gloriosa, não há, por enquanto, outro caminho além daquele palmilhado pelo doutrinador Divino”¹⁵.

Não necessitamos de maior clareza. Mediante a revelação de Ubaldi podemos agora compreender melhor essas pertinentes citações, contidas na extraordinária obra de Chico Xavier, e que não foram referidas na literatura básica do Espiritismo, por não haver chegado ainda o momento propício. Com a informação da Queda primordial aqui apresentada, e tão bem esmiuçada nos livros do missionário da Úmbria, torna-se agora fácil aceitar a excelsitude dessas mensagens, das quais o nosso amor-próprio ocultou-nos o verdadeiro sentido. Somos nós os “improbos da Terra”, os “filhos pródigos”, os “pobres deserdados”, aqueles que “sucumbiram” e se acham mortos na matéria, detidos na “prisão da carne” e carentes de ressurgir na “vida eterna”, por haver-nos afastado da casa paterna.

Essa é uma das mais importantes afirmações de nosso tempo, a qual nos leva agora a reafirmar a verdade apregoada pelo cristianismo ao longo dos séculos: Jesus, o Salvador, veio reconduzir-nos ao seio da família divina, resgatando-nos das trevas onde nos achamos procumbidos. Estamos de fato distorcidos de nossa verdadeira natureza e muito distantes do reino de Deus. E não foi nosso Pai que nos retirou de lá para evoluirmos, em absoluto. O Seu amor infinito não tornaria isso

possível. Nós mesmos nos apartamos para o livre exercício da rebeldia e do egoísmo. Agora sim, todos os corolários ofertados pela ciência espírita podem ser devidamente compreendidos e perfeitamente jungidos aos preceitos cristãos, nada mais podendo ser negado, sem que se fira a lógica da realidade em que estamos inseridos e os egrégios ensinamentos de Jesus.

Os exemplos espalhados pela vasta literatura espírita são muitos e deixamos aqui apenas aqueles que de imediato nos ocorreram. Certamente que o estudioso saberá agora identificá-los facilmente, uma vez que tenha compreendido o verdadeiro sentido da palavra dos Espíritos.

A doutrina espírita alberga ainda a visão da Queda primordial em outros trabalhos, embora contestados por muitos de seus seguidores, derivados da obra *Os Quatro Evangelhos* de J. B. Rousstaing. Compendo o que se convencionou designar de roustanguismo, trata-se de um extenso estudo de natureza mediúmica, produzido pela médium francesa Émilie Collignon, organizado por Jean-Baptiste Rousstaing, um advogado de Bordeaux, e publicado na França em 1866, ou seja, três anos antes da partida de Allan Kardec. Editada no Brasil em quatro volumes, essa obra contou com o apoio de Bezerra de Menezes, quando ainda encarnado, e continua a ser patrocinada pelo órgão representativo do Espiritismo em nosso país, a Federação Espírita Brasileira (FEB). Fato que nos demonstra que a terceira revelação deu guarida à tese da falência espiritual, sem que isso significasse conflito algum com os postulados básicos lançados pelo codificador.

Não pretendemos trazer à tona a questão do corpo fluídico de Cristo, proposta apresentada no trabalho de Rousstaing e bastante complexa para os nossos conhecimentos atuais. Ressaltamos, porém, que o tema fundamental desse estudo não é bem a organização biológica de que Jesus se serviu em sua romagem terrena, mas sim a Queda do Espírito. Essa temática, das mais importantes para a nossa evolução, terminou por ser eclipsada pelas polêmicas que a natureza do corpo de Jesus veementemente suscitou nos meios espíritas. A derrocada espiritual, entretanto, está muito bem caracterizada na obra, conferindo ao homem que evolui na Terra a imagem de um ser falido na criação divina, e ao Evangelho a pertinente interpretação de roteiro de redenção, destinado a restituí-lo à ordem perdida.

O escritor espírita Antônio Luiz Sayão produziu o livro *Elucidações Evangélicas*, publicado também pela FEB e considerado um resumo muito bem elaborado do extenso trabalho de Rousstaing. Nessa rica exegese podemos ler, como exemplo da ideologia da Queda: “Saindo puro e inocente das mãos de Deus, o Espírito viveu no ‘paraíso’ até que, transviando-se, incorreu em faltas que só por meio de encarnações e reencarnações no mundo poderia remir, em tantas gerações quantas sejam necessárias à reparação das iniquidades. [...] Cometido o pecado, expirou a inocência de Adão, ou seja — na legião de Espíritos de que Adão é o símbolo, verificou-se a encarnação dos que se tornaram culpados, o sepultamento deles na carne. Daí vem o dizer-se que em Adão todos morremos. [...] Essa é a morte de que falava o divino Mestre. [...] Deu-se a morte de Adão, isto é, dos Espíritos de que ele é o símbolo, quando estes, por se haverem tornado pecaminosos, tiveram que mergulhar na carne, em forma humana, qual a de todos os que habitam este planeta, mundo atrasado, cárcere de criminosos, onde a vida decorre sujeita às contingências do trabalho árduo, das fadigas e das misérias sem conta que nos consomem”¹⁶.

Esse texto deixa claro que a encarnação não seria simples meio de edificação de almas recém-saídas do seio divino, como a princípio a interpretação kardecista nos induz a crer, porém um método de correção de seres que a priori optaram por uma revolta contra a ordem estabelecida pelo Criador.

Essa mesma explicação se encontra na obra *Universo e Vida*, do espírito Áureo, psicografada por Hernani T. Sant’Anna e também publicada pela FEB. Essa psicografia, referta de modernos conceitos científicos, deixa-nos claro que a necessidade fundamental da encarnação em corpo de matéria é consequência direta da Queda espiritual (pág. 65 da 7ª edição). Fato que nos esclarece a questão 86 de *O Livro dos Espíritos*, a qual nos afirma, deixando-nos intrigados, que o “mundo corporal poderia deixar de existir ou nunca ter existido”, sem que isso afetasse o mundo espiritual.

O livro *Universo e Vida* apresenta ainda um entusiástico ensaio unificador da revelação espírita em torno dos ensinamentos de Kardec, Rousstaing e Ubaldi. Embora considerada polêmica por muitos estudiosos, essa obra detém o valor de nos demover da dogmatização que, por arraigado hábito humano, permanentemente ameaça macular a doutrina dos Espíritos. Ela nos atesta que os alicerces espiritistas não estão perfeitamente unificados, e que não podemos nos fixar neles como se fossem verdades inamovíveis, mas sim conhecimentos focados em diferenciados ângulos da verdade. Assim, a codificação kardequiana básica não deve ser encarada, como muito bem a caracterizou o seu fundador, como um repositório de verdades prontas e irredutíveis, porém informes progressivos que aguardam a nossa evolução para se fazer mais bem compreendidos.

Pode-se concluir dessa rápida exposição que o Espiritismo não constitui um corpo conceptual homogêneo, mas convive com importantes dilemas a permear a sua base filosófica. Dilemas que as instituições espíritas, atendendo ao bom senso, habitualmente evitam abordar, a fim de não semear dúvidas destrutivas nos neófitos que a elas recorrem em busca de verdades sólidas e inquestionáveis. Contudo a evolução do pensamento humano inevitavelmente terminará cobrando da nossa doutrina a mais perfeita equidade de seus fundamentos. Sem considerarmos que o roustanguismo representa, na atualidade, um apreciável seguimento do Espiritismo brasileiro, adotado pelo seu órgão diretor e que não pode continuar à deriva de seu corpo doutrinário principal.

Desse modo, podemos aferir importância capital ao estudo da Queda espiritual, nas suas variadas versões aproximativas da verdade, tornando-a indispensável a todo estudioso interessado em avançar na ciência do espírito. Estudo sobremodo útil não só para nos libertar de nossos costumeiros dogmas bem como encaminhar-nos para a validação de todas as correntes em jogo no âmbito da religião espírita. E assim guardamos a esperança de que em futuro próximo possamos urdir em um único corpo doutrinário as lições básicas da codificação kardequiana, as teorias de Rousstaing e a revelação de Ubaldi,

compreendendo-as como parcelas distintas de uma mesma e ampla realidade, cuja completude nossa razão atual ainda não pôde abarcar.

Pode-se então concluir que as revelações trazidas por Ubaldi não vêm romper a unidade doutrinária do Espiritismo, porém, muito pelo contrário, unir-se ao esforço de cingir as suas principais correntes filosóficas em um só contingente da verdade, sanando-se as suas aparentes divergências. Além do mais, como vimos, elas representam a chave que nos faltava para unificar o evoluído pensamento espírita à teologia cristã, conferindo-lhe legitimidade universal. E então passaremos a entender a relevância que aqui lhe foi dada.

Antevemos que estamos diante de uma nova revolução ideológica, a qual não só convulsionará a epistemologia moderna como também será a base para todo edifício conceptual a se erguer doravante no profícuo terreno do espírito, fazendo-se assim o sustentáculo da nova civilização do terceiro milênio. Os estudos psíquicos serão abastecidos com essa renovada compreensão dos panoramas da alma humana, consubstanciando significativamente uma nova psicologia e uma nova medicina na Terra, as quais nos disponibilizarão renovados e surpreendentes recursos terapêuticos. E, sobretudo, será o fator que aproximará o Evangelho do Cristo da ciência dos nossos dias, conferindo-lhe o aval de insofismável verdade científica. Eis então que não podemos deixar passar a oportunidade de meditar profundamente nessas lições, preparando-nos para as estradas do porvir.

Por tudo isso, estamos certos de que a premissa da Queda será, no futuro, comparada à descoberta de Copérnico, a qual nos retirou definitivamente do centro do universo, pois, uma vez compreendida, ela nos projetará em uma revolucionária e surpreendente visão da vida e de nós mesmos. Fato que não apenas modificará significativamente a face do planeta, como também, enfeixando o mais espetacular estímulo de reforma moral, ajudará a fixar em nós a imprescindível redenção crística.

Remetemos o leitor interessado em aprofundar a análise dos temas aqui apresentados às obras de Pietro Ubaldi, sobretudo Deus e Universo, O Sistema e Queda e Salvação,¹⁷ onde encontrará o mais importante e detalhado estudo da grande queda do espírito já composto até os dias de hoje. Obras que não só nos esclarecem sobremaneira, mas representam o mais elevado compêndio de ciência do espírito ao nosso dispor na atualidade.

Belo Horizonte, outono de 2007 Gilson Freire

Notas

1 O Sistema, página 8 da 3ª edição – um dos livros de Pietro Ubaldi, traduzido e apresentado por Pastorino, publicado pelo Instituto Pietro Ubaldi.

2 FEB, capítulo I, item 55.

3 Editado pela FEB.

4 Os grifos em todas as citações são nossos.

5 FEB, 30ª edição, primeira parte, capítulo 1, página 13.

6 Editado pela FEB.

7 FEB, 13ª edição, segunda parte, capítulo II, página 202.

8 FEB, 27ª edição, capítulo 2, página 30.

9 FEB, 7ª edição, capítulo 33, páginas 213 e 214.

10 FEB, 6ª edição, capítulo 21, página 179.

11 FEB, 4ª edição, capítulo 2, página 24.

12 FEB, 4ª edição, capítulo 11, página 155.

13 FEB, 21ª edição, capítulo 18, página 227.

14 FEB, 21ª edição, capítulo 18, página 233.

15 FEB, 30ª edição, capítulo 11, página 63.

16 FEB, 7ª edição – Mateus I, 1-17; Lucas III, 23-28 – páginas 67 e 68.

17 Publicadas pelo Instituto Pietro Ubaldi.

* Assista na Internet o vídeo A Queda na obra de Chico Xavier além de outros do autor.

61 – Há muitas moradas na casa do Pai

No cap. III, item 8, Mundos Regeneradores, de O Evangelho segundo o Espiritismo, nós vemos:

– “Há muitas moradas na casa do Pai”. “Já se vos há falado de mundos onde a alma recém-nascida é colocada, quando ainda ignorante do bem e do mal, mas com a possibilidade de caminhar para Deus, senhora de si mesma, na posse do livre arbítrio. Já também se vos revelou de que amplas faculdades é dotada a alma para praticar o bem. Mas, ah! Há as que sucumbem, e Deus, que não as quer aniquiladas, lhes permite ir para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, regeneram e **voltam** dignas da glória que lhes fora destinada”. Santo Agostinho (ESE, Cap. III, Mundos Regeneradores).

Esta mensagem de Santo Agostinho, recebida em Paris, 1862, trata exatamente da queda espiritual – um dos pilares fundamentais da obra de Roustaing. Aliás, no tomo I desta obra, encontramos o seguinte: “A muitos Espíritos acontece

falir (...) porque quase todos fazem mau uso do livre-arbítrio. Alguns, porém, dóceis aos incumbidos de os guiar e desenvolver, seguem simples e gradualmente pelo caminho que lhes é indicado para progredirem.

Os primeiros sofrem uma punição, um castigo que teriam podido evitar. É para experimentarem as conseqüências da falta cometida, que, como já explicamos, uma vez preparados a ser humanizados, eles caem na encarnação humana, conforme o grau de culpabilidade e nas condições apropriadas às exigências da expiação e do progresso” (item 59). Ambas as obras apontam, claramente, a encarnação humana como NECESSIDADE apenas para os que faliram, malbaratando o uso de seu livre-arbítrio. Está aí, claramente, a idéia da chamada QUEDA DO HOMEM, tão bem figurada na Gênese de Moisés. Em mundos ad-hoc recebemos o precioso dom do livre-arbítrio, apresentando-nos, então, em completo estado de simplicidade e ignorância.

Para os que seguem os conselhos de seus orientadores espirituais, o processo evolutivo pode ser todo feito em mundos fluídicos. Apenas os que se transviam, nesse caminho, encarnam em mundos grosseiros, como o nosso, para se depurar e voltar ao estado de equilíbrio espiritual. Como podemos ver, Kardec e Roustaing, juntos, complementam-se e confirmam-se mutuamente, trazendo luz nova e base sólida para todos os aprendizes de boa-vontade.

Em janeiro de 1862, Kardec publica nas páginas 115/130 da Revista Espírita extenso artigo intitulado “Ensaio sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, do qual, data venia, transcrevemos o trecho compreendido entre as páginas 23 e 25: “Remontemos agora ao curso dos tempos; e do presente, como ponto conhecido, procuremos deduzir o desconhecido, ao menos por analogia, se não tivermos a certeza de uma demonstração matemática.

A questão de Adão, como tronco único da espécie humana na Terra é, como se sabe, muito controvertida, porque as leis antropológicas lhe demonstram a impossibilidade, sem falar dos documentos autênticos da história chinesa, que provam que a população do globo remonta a uma época muito anterior à atribuída a Adão pela cronologia bíblica.

Então a história de Adão é pura invencionice? Não é provável; é uma imagem que, como 23 todas as alegorias, deve encerrar uma grande verdade, cuja chave só poderá ser dada pelo Espiritismo. Em nossa opinião, a questão principal não é saber se a personagem de Adão realmente existiu, nem em que época viveu, mas se a raça humana, designada como sua posteridade, é uma raça decaída. A solução dessa questão não é destituída de conteúdo moral, porque, esclarecendo-nos quanto ao passado, pode orientar a nossa conduta para o futuro.

Antes de mais, notemos que, aplicada ao homem, a idéia da queda, sem a reencarnação, é um contra-senso, assim como a responsabilidade que carregássemos pela falta de nosso primeiro pai. Se a alma de cada homem é criada ao nascer, é que não existia antes; não terá, desse modo, nenhuma relação, nem direta, nem indireta, com a que cometeu a primeira falta, o que nos leva a indagar como poderia ser responsável por sua própria queda. A dúvida sobre este ponto conduz naturalmente à dúvida ou, mesmo, à incredulidade sobre muitos outros, porquanto, se falso o ponto de partida, igualmente falsas devem ser as conseqüências. Tal o raciocínio de muita gente. Pois bem! Esse raciocínio cairá se considerarmos o espírito, e não a letra do texto bíblico, e se nos reportarmos aos princípios mesmos da Doutrina Espírita, destinados, conforme já foi dito, a reavivar a fé que se extingue.

Notemos, ainda, que a idéia dos anjos rebeldes, dos anjos decaídos e do paraíso perdido se acha em quase todas as religiões e, como tradição, entre quase todos os povos. Deve, pois, fundamentar-se numa verdade. Para compreender o verdadeiro sentido que se deve ligar à qualificação de *anjos rebeldes*, não é necessário supor uma luta real entre Deus e os anjos, ou Espíritos, desde que o vocábulo *anjo* é aqui tomado numa aceção geral.

Admitindo-se sejam os homens Espíritos encarnados, o que são os materialistas e os ateus senão anjos ou Espíritos em revolta contra a Divindade, pois que negam a sua existência e não reconhecem seu poder, nem suas leis? Não é por orgulho que pretendem que tudo aquilo de que são capazes vem deles mesmos, e não de Deus? Não é o cúmulo da rebelião pregar o nada depois da morte? Não são muito culpados os que se servem da inteligência, de que se ufanam, para arrastar os semelhantes ao precipício da incredulidade? Até certo ponto não praticam também um ato de revolta os que, sem negar a Divindade, desconhecem os verdadeiros atributos de sua essência? Os que se cobrem com a máscara da piedade para cometer más ações? Os que a fé no futuro não os desliga dos bens deste mundo? Os que em nome de um Deus de paz violentam a primeira de suas leis: a lei de caridade? Os que semeiam perturbação e ódio pela calúnia e pela maledicência? Enfim aqueles, cuja vida, voluntariamente inútil, se escoia na ociosidade, sem proveito para si próprios, nem para os seus semelhantes? A todos serão pedidas contas, não só do mal que tiverem feito, mas do bem que tiverem deixado de fazer. Pois bem! Todos esses Espíritos, que tão mal empregaram as suas encarnações, uma vez expulsos da Terra e enviados a mundos inferiores, entre hordas ainda na infância da barbárie, o que serão, senão anjos decaídos, remetidos à expiação? A terra que deixam não será para eles um paraíso perdido, em comparação ao meio ingrato onde ficarão relegados durante milhares de séculos, até o dia em que tiverem merecido a libertação?

Se remontarmos, agora, à origem da raça atual, simbolizada na pessoa de Adão, encontraremos todos os caracteres de uma geração de Espíritos expulsos de um outro mundo e exilados, por razões semelhantes, na Terra, já povoada por homens primitivos, mergulhados na ignorância e na barbárie, e que tais exilados tinham por missão fazê-los progredir, trazendo para o seu meio as luzes de uma inteligência já desenvolvida. Não é, com efeito, o papel até aqui representado pela raça adâmica? Relegando a para esta terra de trabalho e de sofrimento, Deus não teria razão para dizer: “No suor do rosto comerás o teu pão”? Se, por causas semelhantes às que vemos hoje, ela mereceu tal castigo, não será justo dizer que se perdeu por orgulho?

62 – A Salvação, segundo Ubaldi 1*

O conceito de salvação apregoado pelo cristianismo tem sido objeto de muitas controvérsias, sobretudo no âmbito espírita. A exclusiva visão evolucionista, adotada pelo espiritismo como a única forma de se compreender a vida e o universo, entra em formal contradição com a noção de salvação veiculada pelo fundamentalismo cristão. Será possível conciliar esses dois entendimentos aparentemente antagônicos?

Embasada na tradição judaica e especialmente nas lições de Jesus e nas afirmações de seus discípulos diretos, registradas no Novo Testamento, a teologia cristã entendeu a salvação como a recondução do homem, expulso do Paraíso pelo pecado de Adão e Eva, ao Reino de Deus. Tal conceito se responsabiliza inclusive pela própria definição de religião, palavra que na sua origem latina significa re-ligare, ou seja, a restauração de uma pretensa “ligação perdida” com o Criador. Assim o homem é visto como um réprobo, um pecador, que corre o risco de uma condenação eterna, pelo fato de ser herdeiro da desobediência do primeiro casal. Dessa forma justificar-se-ia a sua necessidade de ser socorrido e resgatado desse mundo. Essa salvação teria sido proporcionada ao homem pela graça e misericórdia divina, como indispensável quesito a ser adotado pela nossa fé. Bastaria então crer firmemente nessa possibilidade para que ela se efetive em nós. Tal conceito está claramente expresso em todo o Novo Testamento, como, por exemplo, nas palavras do apóstolo Paulo: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras para que ninguém se glorie" (Efésios 2:8-9).

A doutrina espírita, não obstante, compreende o homem como um ser que segue uma trajetória evolutiva rumo à perfeição relativa, por meio da palingenesia (reencarnação), depois de ter sido criado simples e ignorante. Essa visão, que denominamos evolucionista em contraposição ao tradicional criacionismo, não reconhece a necessidade propriamente de uma salvação para o homem. Ele não precisa ser resgatado de nada, senão evoluir. Assim, salvação passa a ser simplesmente evolução – o progresso do ser rumo a condições superiores de vida. Apenas isso.

Nessa particular visão, como estamos todos inseridos na natural progressão evolutiva, todos seremos inexoravelmente conduzidos aos planos superiores do espírito. Desse modo, salvação seria movimento automático, inerente à lei do progresso e pertinente a todo ser vivo. Empenharmo-nos nessa salvação significa acelerar os passos na trilha do desenvolvimento. Quem não se empenha em “salvar-se”, ou seja, aquele que permanece arraigado aos interesses inferiores da vida, apenas tardará mais tempo em atingir os objetivos finais da evolução. Já o indivíduo que segue preceitos morais, esmerando-se na prática sincera do bem, dispõe-se ao mais rápido aprimoramento evolutivo e mais depressa atingirá a vida superior do espírito. Portanto, ao evadir-se dos mundos de expiação e provas mais prontamente desfrutará de paz, equilíbrio e felicidade. Já os egoístas, arraigados aos interesses inferiorizados do espírito, demorar-se-ão nas dores expiatórias, colhendo os mesmos sofrimentos e privações que semeiam pelos seus ímpios caminhos.

Salvação, então, repitamos, passa a ser a aceleração do inevitável progresso da alma. E assim a visão evolucionista negou enfaticamente os preceitos evangélicos de resgate da alma da condenação eterna. Precisamos apressar os passos, mas não guardamos propriamente estrita necessidade de ser salvos, pois não estamos perdidos. A inferioridade em que nos demoramos é condição natural de vida, faz parte do roteiro de criação progressiva das almas – do mesmo modo que não precisamos socorrer nenhuma criança da escola primária, apenas ajudá-la a percorrer da maneira mais rápida possível as suas indispensáveis lições. Eis por que um articulista e escritor espírita publicou, certa feita, em importante revista de espiritismo, um artigo intitulado Salvação? Não obrigado! Dizia o renomado autor: “Não usamos o termo ‘salvação’, que historicamente está vinculado ao salvacionismo igrejeiro, uma solução que vem de fora. Na realidade aceitamos a evolução, a sabedoria e a felicidade para todas as criaturas”.

Exatamente por isso o espírita aboliu a palavra “salvação” de seu discurso. Moldados por essa nova visão evolucionista, proporcionada pelos preceitos kardecistas, os antigos conceitos teológico-cristãos tomaram significados próprios, apropriados à compreensão da vida como um movimento de crescimento de espíritos, criados simples e ignorantes, rumo à perfeição relativa. Salvação, assim, tornou-se, evolução. Pecado fez-se nada mais que o erro do espírito ignorante que ainda não sabe se comportar como o exige a Lei de Deus. Jesus foi compreendido como um educador de almas que veio ao mundo para impulsionar-nos aos patamares superiores da vida. O título de “Salvador”, o “Messias prometido”, que Ele mesmo se deu e a história humana corroborou, é-lhe formalmente negado. Ressurreição converteu-se em reencarnação, sem a qual o espírito não pode alcançar os planos superiores da vida onde se encontra Deus. Inferno é panorama íntimo da alma atormentada pelo necessário processo de corrigenda dos erros cometidos. E céu ou paraíso passa a ser condição própria da alma que atingiu estágio superior de vida.

E assim a doutrina espírita construiu uma nova teologia entretecida na exclusiva interpretação evolucionista da vida, a qual dispensa em absoluto o antigo entendimento que o fundamentalismo cristão adotou sobre a salvação. A evolução do espírito é agora movimento inexorável, promovido pela lei do progresso – inclusive os corolários espíritas não admitem o retrocesso da alma –, então não há do que sermos salvos. Caminhando pelos múltiplos estágios da escola da vida, alternando existências ora no mundo espiritual, ora no mundo carnal, progrediremos sempre até atingir, segundo os preceitos kardequianos, a almejada perfeição relativa. Pelas quedas morais, comuns à nossa ignorância, podemos retardar os passos, repetir lições, mas jamais deixaremos de ir adiante, e evadir-nos-emos indubitavelmente dos palcos inferiores da

vida. Portanto, Kardec, ao afirmar que “fora da caridade não há salvação”, pretendia exatamente dizer que sem o esforço em realizar obras no bem não há possibilidade de o homem adiantar os seus passos na jornada do progresso. Estacionado nos interesses ególatras inferiores, retardar-se-á, multiplicando assim as suas dores evolutivas e expiatórias – outras consequências não advirão, pois o permanente avanço é inexorável.

Não estamos negando esses preceitos. Eles atendem à nossa lógica e estão perfeitamente aderidos aos nossos conceitos de evolução espiritual. Contudo, podemos, com a ajuda de Ubaldi, lançar um olhar mais abrangente sobre o conceito de salvação, compreendendo outros de seus aspectos, ampliando assim um pouco mais o nosso entendimento.

O estudioso de Pietro Ubaldi percebe que o tema é mais vasto do que imaginávamos. Com a ajuda do iluminado mensageiro da Úmbria, compreenderemos que ele extrapola a moderna compreensão evolucionista e, curiosamente, abarca ao mesmo tempo a clássica visão fundamentalista cristã. Como pode ser isso?

Para compreender, faz-se imprescindível abandonar nossas arraigadas posições dogmáticas. Assim, o cristão fundamentalista deve deixar seu cômodo apego à letra dos Textos Sagrados; e o espírita carece evoluir a sua moderna proficiência intelectualizada. Essa é exatamente a dificuldade, pois o primeiro radicaliza-se em seus preceitos fideístas, e o segundo não dispensa sua contumaz racionalidade. Então ambos não logram percorrer o pequeno trecho que os separa de uma verdadeira síntese de conceitos, que nada nega, favorecendo-nos com uma forma mais avançada e unitária de se divisar a realidade.

Quem não está disposto a abdicar de seu entendimento, e sente-se confortável em seu patamar de compreensão, não está pronto para ir adiante. Ninguém poderá convencê-lo do que quer que seja. A revelação que nos trouxe Ubaldi é conhecimento de síntese que requer peculiar predisposição íntima para ser devidamente apreendido. É o tipo de assunto para o qual devemos estar preparados. E não se presta para quem não está pronto. Portanto não serve para todos. Sabemos disso. Por isso não tratamos aqui de impor verdades a ninguém. Além disso, as verdades são como os frutos, precisam estar maduros para se fazer palatáveis ao espírito. Do contrário, tornam-se amargos e imprestáveis.

Se as lições de Ubaldi parecem, a princípio, ferir nossas mais sagradas crenças, é preciso ainda admitir que o cabedal de verdades disponíveis ao homem atual evidentemente não corresponde à última realidade do Todo. Faz-se impositivo aceitar que estamos todos, absolutamente todos, ainda muito distantes da Verdade plena, pertinente apenas aos altiplanos da evolução do espírito. Por isso, uma postura de humildade é essencial a nossa permanente ascensão espiritual. Importa admitir que cada qual está habilitado a perceber um limitado aspecto da verdade, o qual tomará sempre pelo todo. Exatamente por isso nossas verdades devem ser periodicamente desestabilizadas, a fim de sermos preparados para novas e mais dilatadas compreensões. É assim que evoluímos. Desse modo, derruir antigas verdades e predispor-nos a novas sementeiras de sabedoria é genuína obra do tempo, em ação em nossa intimidade, visando impulsionar-nos para adiante. Essa é exatamente a tarefa dos grandes missionários que periodicamente vêm à Terra e por isso eles nos incomodam. Exatamente porque desestabilizam nossas cômodas posições de entendimento. Fixados em nosso habitual misoneísmo e sem suspeitar que estacionamos em corolários provisórios, apressamo-nos a combatê-los, iludidos de que nossas verdades são eternas e jamais serão demovidas.

Por isso sabemos que sequer com Ubaldi atingimos o ápice da verdade. Em absoluto. Não guardamos tal pretensão. Todos os nossos conhecimentos acham-se incompletos, pois, como seres em crescimento, estamos ainda muito distantes da verdade absoluta. Em razão disso não queremos passar a impressão de que nosso conceito é superior aos demais. Ressaltamos apenas que a revelação que nos trouxe o missionário do Cristo acalma-nos sobre o entendimento, apazigua nossos atritos ideológicos e ajuda-nos a melhor aceitar nossos aparentes antagonismos. E, sobretudo, funde-nos perfeitamente com as lições do Evangelho. Eis por que o julgamos essencial para os nossos atribulados dias.

Debulhemos, todavia, sem demora o assunto, para que o leitor compreenda tudo isso que estamos afirmando. Como podemos compreender a salvação tomando por base os ensinamentos de Pietro Ubaldi?

O filósofo da Nova Era ensina-nos que o universo relativista em que vivemos, entretecido em tempo e espaço, energia e matéria, é uma criação deteriorada, produto de uma contração espiritual que se denominou queda do espírito. E essa criação deteriorada em que vivemos, Ubaldi chamou de Anti-Sistema (AS), por achar-se nos antípodas do universo original, o divino, por ele denominado Sistema (S). Essa queda foi motivada, resumidamente e até onde nossa razão pode alcançar, pela inadequada opção do espírito em vivenciar intensamente o egoísmo.

Uma vez que o espírito arremeteu-se ao AS, detendo-se em sua trama de caos e destruição, somente uma força íntima, em ação na sua própria substância, poderia soerguê-lo da hecatombe do egocentrismo. Eis o novo conceito de salvação, que agora compreendemos como ação de resgate do espírito que caiu nas malhas do relativismo, imiscuindo-se em malogrados envoltórios físicos. De outra forma, não se entende por que Deus criaria seres necessitados de percorrer uma evolução, caracterizada, segundo predisposição natural, por expiações e purgações, dores e atritos, em permanente regime de purificação, como a própria doutrina espírita a define.

Segundo a proposição de Ubaldi, e como aferido pela antiga tradição cristã, a evolução somente se justifica para seres que optaram pela revolta contra o amor. E evolução então, como um movimento de expansão do ser, seria nada mais que a reação a uma anterior avulsão de contração de potencialidades.

Os detalhes dessa queda nos escapam na atualidade, pois ela extrapola o nosso concebível por haver ocorrido fora do tempo e do espaço, muito além do que pode a nossa parca razão atual alcançar. Apenas sabemos que ela se tornou possível na criação original por havermos sido gerados com o princípio de autonomia. O tema, contudo, não pode aqui ser abordado, pela extensão e a vastidão de suas implicações. Recomendamos ao interessado que leia Deus e Universo e O

Sistema, obras nas quais Ubaldi detalha essas questões. Para quem deseja uma versão resumida e romanceada do assunto, recomendamos o livro *Tabernáculo Eterno*, um trabalho de inspiração mediúmica no qual tivemos participação especial, publicada pela Editora Inede.

Mediante o conhecimento da queda do espírito, compreendemos agora que, antes de iniciar a evolução, o espírito sofreu um processo de condensação involutiva que o arremeteu à inconsciência, condição que o espiritismo designa como “simples e ignorante”. Nesse ponto, ele inicia a alçada evolutiva, agora vista como uma reação ao precedente movimento de involução. A evolução passa assim a ser entendida, de fato, como a salvação, ou seja, o movimento de recuperação do ser caído na matéria. Movimento operado por forças poderosas, restauradoras da ordem e da perfeição perdidas, veiculadas pela ação amorosa de Deus. Forças que lutam contra a imposição de desordem e destruição que passaram a imperar ao nosso redor, as quais se originaram da queda e não propriamente do desejo do Criador. Essa é a maneira mais lógica de se explicar a presença desses processos negativos na criação divina, e aceitarmos o fato de que nosso universo é um palco de batalhas de interesses antagônicos – as forças adversas do AS, contra as potências regeneradoras e reconstrutoras do S. Ora, uma criação homogênea, advinda de uma expressão unitária que é Deus, não poderia admitir essa franca oposição de valores em seu bojo.

Com a queda, patenteia-se que gravitamos entre os impulsos de destruição e do mal (forças AS) e as energias do bem e da ordem (forças S), em um universo dualizado, submetido a uma permanente oposição de valores. E justifica-se porque nosso cosmo se inicia em meio a uma fenomenal hecatombe, o Big bang, ao qual a inteligência divina trata de impor uma progressiva ordem e uma crescente complexidade. De outra forma, como aceitar que Deus, se nada existia, tenha gerado antes o caos para então organizá-lo na paciente esteira do tempo? Ora, o caos somente pode advir de forças desordenadas que se investem contra a ordem, jamais da inteligência suprema que creditamos à infinita Sabedoria do Criador.

Uma vez que se formou, empreendido pelas forças rebeldes, esse reconhecido e ciclópico tumulto do universo físico primordial, de que todos participamos, as potências divinas, reconstrutoras da ordem e do equilíbrio, passaram a agir na sua intimidade fenomênica, a fim de soerguê-lo do caos. É assim que Ubaldi nos afirma que “nosso universo é uma doença no seio da eternidade” que será curada pelo paciente trabalho da evolução, sob orientação divina. A antiga revelação do Gênese mosaico engrandece agora surpreendentemente aos nossos olhos, ao recordarmos sua poética e singela linguagem a nos mostrar a ação divina operando a paulatina ordenação da desordenada massa cósmica na sucessão do tempo, os “dias” da criação.

Evidentemente sempre vitorioso, esse dinamismo reconstrutor do universo desmoronado representa então a salvação de Deus, que, por amor, caiu junto com a criatura para resgatá-la do bátrio de desordens em que se precipitou. É exatamente essa, a salvação pela graça divina, que foi definida nos Textos Sagrados, sobretudo no Novo Testamento, e concebida por elevada inspiração mediúmica de seus autores, como sabemos. Em luta contra a dor, a morte e o mal em todas as suas expressões, consequências diretas da queda, esse impetuoso impulso salvacionista, criador e organizador, soergue com êxito o espírito das cinzas de si mesmo, ajudando-o a refazer a organicidade perdida. E o faz por meio da longa e paciente elaboração evolutiva, no grande oceano do tempo, em seus quase intermináveis ciclos de vidas e renascimentos.

Portanto a evolução é o movimento de retorno ao seio divino que deixamos, representando a reconstrução da ordem perdida. Por isso, com efeito, como se deduz com ao auxílio do conhecimento espírita, evolução significa salvação. Movimento que agora imputamos à graça divina, que por amor permaneceu junto à criatura para socorrê-la. Aceitar que o dinamismo evolutivo seja um trabalho de “re-construção” e não de “construção” da ordem, deslinda-nos o tremendo paradoxo de admitir que Deus teria gerado primeiro a desordem no Universo, para somente depois ordená-lo, através da lenta ação do tempo. Isso implicaria que Deus necessita da dimensão tempo-espaco para criar – sabemos que não deve ser assim, pelo fato de o Criador encontrar-se fora do tempo e do espaco. E, afinal, teríamos que negar o critério de perfeição que imputamos a Deus, pois o que é perfeito somente pode gerar perfeição – jamais algo imperfeito. Ainda que admitamos que a criação se aperfeiçoe mediante a impreterível ação da evolução, Deus continuaria eternamente criando sob a chancela da imperfeição.

Assim, entende-se ainda exatamente por que a evolução é laboriosa, cansativa, e se faz um permanente movimento de atritos de interesses divergentes – exatamente porque intimamente resistimos à salvação divina, interessados que nos mantemos em prosseguir nossa multimilenar rebeldia contra a Sua ordem. Entendemos por que Deus está aparentemente ausente da realidade exterior em que respiramos, podendo inclusive ser negada a Sua existência. Elucida-se por que quanto mais primária é a vida, maior é o predomínio de imperfeições e a presença de atrocidades e selvagerias entre os seres. Ora, Deus, que é o amor absoluto, não poderia predispor seus filhos a essa luta de egoísmos ferozes, e sequer entregaria rebentos imaculados, recém-saídos de Suas mãos, a essa inadequada pedagogia embasada preponderantemente no desamor.

Assim aceitamos melhor a razão da existência do cansaço e da dor no grande labor evolutivo. E compreendemos por que este se fez e se faz de constantes atritos, fixando valores positivos, mas também negativos que inclusive preponderam na longa jornada pelo reino animal, a nos exigir depois, uma vez conquistada a razão, o operoso exercício da renúncia para libertarmos-nos de suas descabidas lições. Ninguém pode negar, por exemplo, que o hábito de ludibriar, roubar e matar sejam frutos de nossa exaustiva luta pela sobrevivência no mundo selvagem, onde tais atos são perfeitamente lícitos.

Aclara-se, desse modo, por que a criação progressiva parte de uma apriorística existência de egoísmos inatos que necessitam obrigatoriamente ser lapidados pela dor e pela dilaceração do ego inferior. E esclarece-se por que a elaboração evolutiva trabalha essencialmente a dificultosa transformação de verdadeiras feras, aparentemente assim geradas pelo

nosso amoroso Pai, em legítimos anjos. Elucida-se por que a vida exige, através de imenso e incompreensível esforço, que seres arraigados no egoísmo pela experiência dos milênios, modifiquem-se, por esforço próprio, em criaturas capazes de doar sua vida aos semelhantes e não as roubar em benefício próprio, como a vida tão bem lhes ensinou. E assim deslinda-se, enfim, por que somente o amor salva, sendo a única força capaz de retirar o ser do inferno em que verdadeiramente vive e reconduzi-lo à felicidade celestial.

Sem a crença na queda do espírito e a certeza de que habitamos um universo às avessas, impróprio para a nossa vida e nossa ventura, não temos como compreender a salvação. Não saberemos por que Deus nos matricula na escola de lutas da carne, educando-nos, quando ainda tenros, na selvageria de todos os hábitos, para depois, somente depois, quando já nos habituamos às barbáries e experimentamos as carnes dos nossos irmãos, pedir-nos o verdadeiro amor. Torna-se algo incompreensível a um Pai que criou seus filhos unicamente para viver a completude do amor e da felicidade.

Com a falência do ser, compreendemos muito bem agora que a escola da vida que freqüentamos não é bem um educandário de seres inocentes, que saíram puros das mãos divinas, mas, sim, um reformatório de rebeldes, destinado a corrigir ignóbeis hábitos livremente escolhidos. E assim torna-se compreensível o fato de que a vida se faz de métodos prioritariamente coercivos para seres aprioristicamente rebeldes. E entendemos por que o espírito cobre-se, no trânsito da vida, com carnes frágeis e degradáveis, as quais objetivam nitidamente abafar-lhe as potências originais do espírito – fato incompreensível se não aceitarmos o pressuposto de que a vida trabalha seres que se fizeram prioritariamente rebeldes, tornando-se inconvenientes para utilizar de forma adequada as plenipotências herdadas do Pai.

Portanto somente aceitando que fizemos uma anterior opção pelo mal conseguiremos compreender as forças em jogo na evolução, as quais não podem ser divinas. A bondade do Senhor permite-nos expressar esse mal, pelo qual optamos, na impropriedade da matéria, até o esgotamento de nossas originais intenções. Porém através do labor evolutivo, que utiliza sobretudo a dor como instrumento de persuasão, leva-nos a agastar nossos hábitos impróprios, educando-nos, pacientemente, na imprescindível arte do amor. E assim deslinda-se por que a vida, quanto mais primitiva, mais se faz um entrechoque de rebeldes, um jogo de violências e mortes – coisa incompreensível diante de um Pai que nos exige a prática do amor acima de todos os outros interesses. Logo, se aceitamos que a vida na matéria se compõe de seres que precisam antes de tudo aprender a coibir iníquos impulsos de revolta contra a ordem, entenderemos a necessidade da limitação de forças que a carne impõe. Fato incompreensível se admitirmos que a experiência da vida parte de seres inocentes, saídos das mãos do Criador em estado de simplicidade e ignorância.

De modo geral, os adeptos da Terceira Revelação não concordam sequer em discutir essas questões, simplesmente por julgar que elas contrariam preceitos registrados nas obras básicas. Tomados por dogmas, não percebemos que esses ensinamentos, considerados ao pé da letra, contrariam o fundamental princípio de amor que deve nortear a obra de Deus. E assim, ao colocar a letra acima da leitura da realidade, passamos a repetir o erro de todas as religiões, fixadas em seus inamovíveis dogmas. Ora, assim como julgamos a doutrina do inferno eterno, apregoada pelo fundamentalismo cristão, absolutamente inconciliável com a bondade infinita de Deus, também acreditamos descabida uma crença que toma a selvageria dos mundos inferiores, a lei de destruição e o mecanismo da dor como processos naturais impostos por Deus, como únicos meios para fazer avançar os Seus filhos. Embora justificados pelos fins, tais meios contrariariam o princípio fundamental e máximo da Criação: a Lei do amor. Além de retirar emblematicamente a perfeição da criação, e consequentemente de Deus.

A queda original é uma bela proposta capaz de elucidar essas questões e solver outros graves embaraços das grandes religiões ocidentais. Deveríamos encará-la com seriedade, destituindo-nos de nossos seculares preconceitos. Ela esclarece de forma brilhante outros empecilhos da doutrina kardequiana, como por exemplo, a informação de que a reencarnação tem como finalidade principal a purificação, como nos informa O Livro dos Espíritos (questões 166 a 170). E a de que vivemos em um mundo de expiações e provas, que faz da dor a sua tônica principal. Sem a queda não entendemos por que Deus criaria seres que necessariamente requerem regime de provações, dores e limitações, coisa somente possível para aquele que erra e se habitua ao erro. E entendemos, finalmente, por que, como nos revela a doutrina espírita, a escala de progressão dos orbes se inicia nos mundos primitivos, bárbaros e selvagens, passa pelos expiatórios, depois os de regeneração, para então chegar aos felizes e divinos. Não nos parece uma ordem adequada a seres inocentes, porém unicamente àqueles que escolheram a rebeldia como forma de viver. Basta examinarmos as nossas escolas infantis – iniciar nossos infantes na barbárie e selvageria de todos os hábitos seria algo inadmissível para nós. E ainda mais: exigir-lhes depois, através da dor, que abandonem os costumes que lhes incitamos inicialmente, seria uma completa injustiça, senão mesmo uma loucura. Admitir que assim atua a inteligência divina é imputar indevida irracionalidade e contra-senso ao Criador. E pior ainda, seria assentir que nosso Pai não se importa com a existência do mal na criação.

Se aceitamos, entretanto, que nossa existência na matéria partiu da rebeldia e da contração de nossas potencialidades originais tudo se esclarece. A evolução foi então precedida por grave contração da perfeição com a qual fomos criados. Resgata-se a perfeição e o amor de Deus. Restará ao estudioso sincero, concordamos, a pergunta: como foi possível a seres criados perfeitos caírem na imperfeição e no mal? Mais uma vez Ubaldi nos socorre explicando-nos que a criação original gerou seres tão perfeitos que lhes era imputada a autonomia, uma vez que Deus não quis criar autómatos, mas deuses-filhos que aderissem a Sua vontade por livre escolha. Aí residia a possibilidade de queda (o fruto proibido). Contudo a perfeição da criação se manteve na plena capacidade de reconstrução do ser, de modo que, ao final da evolução, o universo original estará recomposto em seus impecáveis fundamentos, tais como pretendidos pelo nosso Pai.

Mediante o pressuposto básico da queda, a evolução torna-se agora muito mais que simplesmente o nosso progresso rumo aos planos superiores do espírito. É de fato evolução a salvação, o nosso resgate das algemas físicas em que nos prendemos. Representa o esforço que nos compete na reconquista do universo divino que deixamos por livre escolha. Exatamente por isso, André Luiz, o famoso mentor espiritual, define a evolução como “a nossa lenta caminhada de retorno para Deus” (A Vida Continua, FEB, 6ª edição, capítulo 21, página 179). Portanto não estamos em uma trajetória de “ida”, mas de “volta” ao Pai.

Logo, evolução passa a ser efetivamente a nossa libertação dos redemoinhos atômicos onde, através da queda, aprisionamo-nos de modo inconveniente. Verdadeiramente, uma vez gerados no seio imaculado de Deus, como puros pensamentos, não poderíamos nos vestir de “pedra” sem uma razão que o justificasse. E não nos seria possível ter sido criados com diferente natureza, uma vez que somos filhos do Altíssimo – e filho de Deus somente pode ser “deus” também. A opção pelo egoísmo foi o que nos selou esse ominoso destino, por termos sido gerados, como dissemos, mediante o princípio de autonomia. Então foi através da negação do amor, por livre escolha, que “o anjo se prendeu no átomo” (questão 540 de O Livro dos Espíritos). Após esse movimento de contração dimensional e fuga do seio de origem, somente uma força divina, atuante nas profundezas do ser caído poderia auxiliá-lo a reorganizar-se e a refazer a sua perfeição perdida.

Essa força salvadora soergueu-nos do lodo da matéria bruta para a vida orgânica. Orientou-nos, pelos caminhos dos ovos, na laboriosa luta pela sobrevivência. Conferiu-nos todas as oportunidades possíveis para evoluir e fazer desabrochar a consciência que em nós dormitava, desde que “morremos” nos abismos infecundos da matéria bruta. Ela nos resgatou do caos que geramos após a hecatombe da queda.

Pura imanência divina, essa força então é a potência salvadora do universo caído – um novo conceito de salvação que o espírito ainda não absorveu. Sem essa “salvação”, proporcionada por esse extraordinário impulso reorganizador, estaríamos para sempre detidos na inconsciência, pela perda absoluta da organicidade. Sem organicidade não há vida, e sem vida não há consciência. Portanto, conferindo inteira validade aos Textos Sagrados, facilmente aceitamos agora que “a salvação é dom gratuito de Deus, que o Pai nos confere por amor e graça” (Efésios 2:8-9, já citado), a fim de reconduzirmos ao Seu aprisco de amor.

Enquanto nos detínhamos nos conceitos unilaterais do evolucionismo espiritual, esse conceito se perdera. O fundamentalismo cristão o reteve em sua essência, mas o diluiu igualmente na fatuidade de sua interpretação literal, rejeitada pela razão moderna. Por isso Ubaldi nos faz bem, favorecendo-nos a compreensão das verdades eternas tal como registradas nas Sagradas Escrituras. E apazigua-nos sobremodo o intelecto amadurecido ao aplacar-nos o conflito fideísta em que ainda nos debatemos. Além disso, suas lições despejam inigualável luz sobre os ensinamentos do Cristo, atualizando-os sob o beneplácito de nossa hodierna dialética evolucionista, que não precisamos abandonar.

Para melhor elucidar o tema, esclareçamos, todavia, que identificamos a existência de dois tipos distintos de ação redentora atuantes na intimidade do espírito em evolução: a salvação pela graça e a salvação pela livre escolha.

Na fase em que o ser é ignorante de si mesmo e de suas necessidades, ele é pacientemente guiado pela inteligência divina que lhe faculta todas as oportunidades para conquistar valores e evoluir. Esta é a salvação pela graça. Por meio dela, o Criador o nutre com uma sabedoria, que ele não detém, necessária à confecção de organismos preparados para a vida e para a luta. Sem essa ínsita inteligência orgânica, orientadora da vida, a evolução do espírito não seria possível.

Ainda que em meio à selvagem luta pela sobrevivência, favorecida pela desapiedada seleção natural própria dos mundos inferiores e selvagens, essa ingênita inteligência guia o ser ao constante aperfeiçoamento e à aquisição de genuínos valores evolutivos. Compreendamos, todavia, ainda que repetindo conceitos: esse bárbaro regime inferior de vida não é uma oferta espontânea do Criador para o simples exercício de crescimento do ser. Não podemos admitir a barbárie dos reinos primários como uma legítima proposta pedagógica de nosso amoroso Pai. Resta-nos então aceitá-la como um inadequado sistema de vida desejado pelo espírito que optou pela revolta e pelo desamor. E Deus o permitiu viver, porém distante de Seu Reino, onde somente o amor é possível. Justo assim que seres que escolheram viver intensamente o egoísmo tenham sido atirados às arenas de luta, dor e morte que preponderam nos mundos primitivos. Deus aproveita esse impróprio modo de viver para educar o espírito e fazê-lo desistir do egoísmo - jamais poderíamos imputá-lo ao amor infinito e à inteligência excelsa de nosso Pai.

Uma vez, porém, que as operosas forças salvadoras de Deus impulsionam o espírito à reconquista da razão perdida, a evolução passa a se tornar um movimento consciente, sujeito então a interferência de sua vontade. Por isso, na fase de evolução consciente em que nos encontramos, nossas escolhas e nosso empenho na reforma íntima passam a influir preponderantemente em nosso avanço evolutivo. Aí sim, a evolução passa a se valer de nossa operante vontade de realizações no bem. Antes disso, era puro e gratuito dom da graça divina. Agora depende de nós e de nossas obras: esta é a salvação pela livre escolha.

Ainda assim, a salvação pela graça divina prossegue atuando em nós nos pontos em que continuamos ignorantes e não sabemos guiar-nos como convém. Ela permanece em ação em nossa intimidade como força reconstrutora e mantenedora do equilíbrio orgânico, permitindo-nos atuar na dura escola da carne, regenerando-nos no trânsito da vida. Essa operante força continua fundida à substância de nosso ser, gerando-nos inteligência molecular, funcional e anatômica, sem a qual não nos fixaríamos na matéria bruta. Então ela age onde nossa inteligência é ainda insuficiente para edificar e resguardar nossos corpos. Essa preponderante ação divina é momentânea e periodicamente suplantada pelos impulsos tidos naturais, de caráter destrutivo, que nos levam inevitavelmente à degeneração orgânica e à morte. Não obstante, é aparente essa

vitória das forças do AS, pois a vida, através do sustento divino, refaz-se sempre através do milagre do renascimento, sendo a morte nada mais que condição de uma nova existência, como todos sabemos.

“Salvação pela graça divina” e através de “nossa própria vontade” compõem assim o cortejo das potências redentoras que soerguem o espírito das cinzas da matéria, onde ele encontrou a morte da consciência. Por isso, está certa a doutrina espírita que nos ensina que “a fé sem obras é morta” e “somente a caridade pode nos salvar”. O espiritismo nos fala aqui da redenção consciente que requer o adequado emprego da nossa vontade e nosso empenho em boas obras. Mas o fundamentalismo cristão não se enganou ao afirmar-nos a existência de uma força salvadora inerente à substância da vida, na qual devemos confiar e que inexoravelmente nos socorrerá. Seus mecanismos utilizam a dor e a aspiração pela perfeição perdida como principais impulsores do ser caído, mecanismos infalíveis para reconduzi-lo às suas origens. Essa salvação é obra da nossa mais pura fé. Acreditarmos nela pressupõe entregarmo-nos com extrema fé à sua ação sempre benéfica, amorosa e restauradora, dinamizando-a em nosso benefício.

Essa extraordinária compreensão funde a visão espírita evolucionista com o fundamentalismo cristão. Ela autoriza as lições evolucionistas, mas valida também o criacionismo bíblico, por incrível que nos pareça. A criação divina, como sabemos, permeia a evolução, enriquecendo-a de soluções prontas e inteligentes para os seus desafios. Confecciona corpos e predispõe uma sábia anatomia e uma engenhosa fisiologia adequadas às necessidades evolutivas do ser. Então, de fato, “a salvação é dom de Deus, não de nossas obras, para que ninguém se vanglorie” – estava certo Paulo de Tarso ao exarar a sua famosa frase. Mas está correta também a doutrina dos Espíritos que afirma que somente evoluímos pelo esforço próprio, mediante o nosso empenho em boas obras – fato igualmente registrado na Palavra Sagrada (Mt 7:21 e Ti 2:26).

Impossível negar que forças divinas operem constantemente a nosso favor. Elas nos favorecem, por exemplo, edificando-nos corpos cada vez mais aperfeiçoados, e trabalhando ativa e permanentemente em favor de nossa recomposição. Elas nos conduzem através da sábia linguagem dos instintos, quando ainda não detemos a inteligência suficiente para efetuar nossas escolhas. Isso basta para compreendermos que a salvação vai muito além de nossa mera vontade em progredir e realizar obras de caridade. É evidente que à medida que o espírito progride rumo à aquisição de sabedoria, essa salvação pela graça torna-se cada vez menos operosa, entregando-nos ao nosso próprio trabalho de reconstrução de nós mesmos. Por isso a dor se reduz à proporção que nos tornamos mais conscientes de nosso trabalho evolutivo. Não há dúvida de que inteirarmo-nos de nossas necessidades de reforma íntima e predispor-nos à realização de boas obras apressará sobremodo o nosso resgate definitivo do universo às avessas em que vivemos, contudo essa ação consciente não seria suficiente para nos socorrer quando ainda ignorávamos essa necessidade.

A salvação pelo esforço próprio, que denominamos auto-redenção, está então na alçada de nossas escolhas: dependerá do abandono dos incuriais valores que arquivamos do passado, o homem velho; da renúncia ao ego inferior que ainda portamos; da superação dos hábitos animalizados que automatizamos por imposição da própria egolatria; de um grande esforço no aprendizado do amor ao semelhante e, enfim, da nossa entrega à vontade maior de Deus.

Auto-redenção pressupõe ainda, efetivamente, fazer morrer o personalismo doentio que permanece nos vestindo. Exige o abandono das armas de defesa que confeccionamos na estrada dos séculos, e nas quais ainda nos comprazemos, por serem completamente inadequadas aos fundamentos do amor. E, tomando sobre nossos ombros as nossas dores, significa alçar com bom ânimo o calvário da redenção. Não foi exatamente isso que nos ensinou Jesus em Suas imorredouras lições e seu contundente exemplo? Agora, entendemos por que deve ser assim. Então, é verdade que “fora da dor não há salvação”. E sem a queda, mais uma vez, não compreenderemos por que Deus nos impõe tamanha necessidade para atingirmos o desiderato maior da evolução.

Entender que sofremos uma obra evolutiva de resgate facilitar-nos-á aceitar por que a Lei de Deus, depois de nos educar na luta pela sobrevivência e dotar-nos de terríveis artificios de ataque e defesa, pede-nos, na fase consciente de evolução que ora percorremos, critérios completamente opostos aos que a escola da vida ensinou-nos na esteira dos milênios. Ao contrário do que a evolução até aqui nos ensinou, devemos agora aprender a doar nossa vida ao semelhante e não roubá-la em benefício próprio. E aclara-se exatamente por que o Evangelho de Jesus é antibiológico, ou seja, ele nos alerta que o fundamental para nossa sobrevivência é nosso total empenho no amor a Deus e ao próximo como a nós mesmos. Este é o máximo recurso de vida que nos permitirá viver a integral fusão com o Pai que nos criou unicamente para amar e ser feliz. Os fundamentos da vida biológica tão bem aprendidos na escola dos séculos devem ser definitivamente esquecidos.

Como vemos, o conceito da queda do espírito, tão rejeitado pelos estudiosos da doutrina espírita, é a mais extraordinária luz capaz de iluminar sobremodo a nossa compreensão dos mecanismos da vida a que estamos submetidos e suas intrigantes contradições. Quando, contudo, remetemo-nos ao Evangelho de Jesus, então constatamos como esse conceito se faz indispensável para melhor entendê-lo. Se não nos vemos como seres degredados e presos nas algemas da matéria, como entender que Cristo veio ao nosso mundo para nos salvar? Qual seria o significado de Seu sacrifício? Exatamente por que Ele se deixou imolar na cruz por todos nós?

Para a doutrina espírita, nos moldes como é interpretada pela maioria de seus seguidores, representa um peso enorme a negação desses conceitos tão fundamentais que caracterizam o cristianismo em sua essencial original. Como repudiar essas inferências se elas estão embasadas nas próprias palavras de Jesus, as quais a história humana deu tanta ênfase? Nossa visão unilateral da revelação espírita nos autoriza a negar as próprias afirmações do meigo Rabi? As informações que nos chegaram pelas vias mediúnicas e analisadas pela inteligência de Kardec selaram a verdade, superando os ensinamentos do divino Mestre? Não estiveram elas sujeitas aos psiquismos dos médiuns e suas particulares interpretações? Será a mediunidade um processo infalível?

E ainda mais: não foram os mesmos espíritos que afirmaram que não nos disseram tudo? Que muito ainda tinham a nos revelar, porém nossa acanhada compreensão não lhes permitia avançar? Teríamos, com as obras básicas da codificação atingido em definitivo o conhecimento da verdade? Evidentemente que não. Aqueles que se apegam ao dogmatismo doutrinário, deveriam lembrar-se do que exarou Kardec, em A Gênese: “O Espiritismo assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia (...). Caminhando de par com o progresso, o espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificará nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará”. Nessa mesma obra, o Espírito Galileu afirma: “Há questões que nós mesmos, espíritos amantes da ciência, não podemos aprofundar e sobre as quais não podemos emitir senão opiniões pessoais, mais ou menos hipotéticas”. E na questão 182 de O Livro dos Espíritos, encontramos: “Nós, Espíritos, só podemos responder de acordo com o grau de adiantamento em que vos achais”. Não obstante tomamos suas palavras como a última e inamovível verdade. Ora, estamos muito distantes da verdade absoluta para nos deter em informações que nos chegaram no século XIX, quando ainda muito pouco sabíamos da realidade que nos envolve. Quanto a ciência cresceu desde então! Nosso inato anseio por verdades absolutas fez-nos estagnar em dogmas, repetindo o erro das religiões convencionais do mundo. Seguramente, o maior benefício da teoria da queda que nos trouxe Ubaldi é a perfeita fusão das revelações religiosas com o conhecimento que nos propiciou a ciência do século XX. A cosmologia moderna encontra aí sua mais perfeita unificação com a cosmologia cristã. Remetemos o leitor interessado em aprofundar a questão ao nosso despretensioso trabalho Arquitetura Cósmica, publicado pela Editora Inede, no qual efetuamos um detalhado estudo sobre as visões de mundo ao longo da história, para demonstrar que a queda do espírito é a única tese capaz de explicar e unificar todos os conhecimentos humanos.

Do ponto da cristologia, com a queda original, passamos a compreender perfeitamente a missão do Cristo entre nós. O divino Amigo veio trazer-nos a notícia da existência de um outro mundo além do nosso, onde se encontra nosso Pai, o Reino de Deus. Ele nos pediu enfaticamente abdicarmos do mundo às avessas em que vivemos (o AS) para a conquista desse Reino (o S). Fato intrigante para nós sem o conhecimento da queda, pois se Deus nos gerou em Seu seio, por que nos mantém fora de nosso natural habitat? E não entendemos por que Ele nos colocou em um mundo infesto de desazados valores aos quais com tanto esforço devemos abdicar, a fim de atingirmos à vida verdadeira para a qual fomos criados.

Cristo mostrou-nos ainda, em Seu sacrifício, de forma nítida, como realizarmos o nosso resgate do mundo às avessas em que vivemos, o AS, e conquistarmos mais rapidamente o Reino de Deus. Esse foi o desiderato maior de sua vida, a que Ele dedicou a sua existência – e recomendou-nos enfaticamente fazer o mesmo. Portanto, Ele nos deixou o roteiro da autorredenção, realizando-a aos nossos olhos. Assim acreditamos que, ao deixar-se imolar na cruz, Ele penetrou definitivamente o Mundo Celeste, o S. No instante do Calvário, Ele abandonava o Relativo para assumir a sua posição definitiva no Absoluto, realizando a sua integral fusão com o Pai. Consubstanciava-se a dissolução de seus envoltórios dinâmicos e seu retorno decisivo ao seio paterno como espírito purificado. Eis a realidade maior da ressurreição de Jesus que Ubaldi descreve-nos em seu último livro, Cristo – o divino Amigo realmente “subiu aos céus” e voltou ao Pai como um espírito ressurreto.

O meigo Rabi entregou seu corpo ao sacrifício demonstrando-nos que Ele não se interessava por salvar a matéria perecível. Ele não queria igualmente firmar-se mais como um vitorioso no mundo às avessas em que vivemos. E deixou-nos patente que seu interesse maior era fazer morrer o que Lhe restava de personalismo inferior, doando-se, por amor, incólume, à vontade de Deus. E de fato, sem a completa extinção do nosso ego inferior, sem a entrega confiante de nossa alma ao desejo do Pai, sem a não resistência ao mal, sem o perdão verdadeiro àqueles que nos maltratam e nos tiram a vida, sem a renúncia aos valores da animalidade, sem a oferta de nossa vida em prol do semelhante – ou seja, sem a vivência de um verdadeiro e supremo amor não nos libertaremos das malhas do relativismo onde nos demoramos. Portanto, sem dor, sem renúncia, sem sacrifício, sem perdão, sem doação ao outro e sem amor não há salvação. Por isso é imperativo subirmos todos pelo calvário da evolução, com nosso sacrifício e todo o empenho na superação do homem velho, que deve morrer na cruz para a libertação de nosso ser real na verdadeira vida eterna – a gloriosa ressurreição, no dizer de Emmanuel.

Portanto, a auto-redenção faz-se imprescindível para a nossa salvação. Destarte vale insistir que ela não bastaria, como nos afirmaram as Sagradas Escrituras, para o resgate da matéria. Se Deus não agisse permanentemente em nosso imo, repetamos, como a força máxima de reconstrução, não nos salvaríamos. Entregues a nós mesmos, estaríamos detidos na inconsciência da matéria bruta, “mortos nos túmulos de pedra”, até os dias de hoje.

E entendemos ainda que Cristo, após o seu definitivo retorno ao Reino de Deus, fez-se essência imaculada. Unificado com Deus e fundido na substância da Lei, Ele então consubstancia a Terceira Pessoa da Divina Trindade, como pressupôs a velha Teologia cristã. Estando fora do tempo e do espaço, Ele agora participa da onisciência e da onipresença divina. Por amor a nós, contudo, permanece ao nosso lado, agindo no imo da alma humana como força reconstrutora e salvadora (Mt 18:20). Portanto, como fazem nossos sinceros amigos cristãos em todo o mundo, podemos enfim bater no peito e com a mais pura e intensa emoção proferir: Jesus é meu salvador!

Com todos esses novos conceitos podemos doravante melhor aceitar e colocar em prática todas as lições do Evangelho. As palavras do Cristo tomam novo e vigoroso significado. Entendemos afinal que o Messias veio à Terra efetivamente para nos salvar. Ele veio “resgatar o que estava perdido”, como afirmou (Mt 18:11). Ou seja, para reconduzir-nos, ovelhas perdidas, ao aprisco celeste (Mt 15:24, Lc 15:4). Compreendemos exatamente por que estamos distantes do Reino de Deus, que o divino Amigo, na oração dominical, suplicou para “vir até nós” (Mt 6:10). E recomendou-nos a reconquista desse

Reino que perdemos, como o máximo objetivo de nossas vidas (Mt 6:36). Todo o empenho de nossa alma deve ser dirigido a esse esforço, como alguém que acha um tesouro de inestimável valor e tudo vende para adquiri-lo (Mt 13:44). Ora, se estivéssemos seguindo os passos normais de uma evolução natural em um mundo adequado e pretendido por Deus, não haveria por que Jesus recomendar-nos, com tanta ênfase, apartarmos-nos dos caminhos da carne e buscar afanosamente a verdadeira vida espiritual (Mt 6:33). Sem a interpretação da queda, Suas conjecturas, em sua maioria, tornam-se evasiva e não podem ser levadas a sério. Jamais compreenderíamos, por exemplo, por que Sua imensa compaixão por nossas dores levou-O a nos consolar, dizendo: “Não temas, ó pequeno rebanho, porquanto a Deus agrada dar-nos o reino” (Lc 12:32). Essas e todas as palavras eternas que o Messias nos deixou careceriam de sentido próprio. Portanto, não podemos mais negar que necessitamos, sim, de salvação. E sem a salvação pela graça, juntamente com o empenho na autorredenção, jamais retornaremos ao Pai.

Para grande consolo nosso, de posse desses novos conceitos chegamos à clara constatação de que nossa exaustiva caminhada evolutiva pelas veredas do relativismo, e o próprio universo relativo terão um fim. Nossa jornada terminará com o nosso definitivo retorno ao absoluto. O espaço sucumbirá com a extinção da matéria, o tempo expirará com a morte da energia, e o espírito sobreviverá para viver a eternidade no seio divino. Herdaremos então a perfeição absoluta e não a relativa, como havia pressuposto Kardec, pois somos genuínos filhos de Deus, e como tais, feitos de sua mesma e impecável natureza. Validamos assim a escatologia cristã e todas as suas previsões, pois “o céu e a terra passarão” e apenas os valores imponderáveis do espírito restarão da realidade que nos alberga (Mt 5:18). Esclarece-se agora o “fim dos tempos” a que se referiu Jesus, a morte da dimensão espaço-tempo, que um dia nasceu e, como tudo que nasce, deverá igualmente morrer. O conceito de ressurreição restitui o seu significado original.

Os estudiosos da doutrina espírita poderão negar essas afirmativas, uma vez que Kardec pressupôs a nossa evolução infinita e a existência ad aeternum de nosso universo. Todavia vale recordar que os próprios Espíritos, na questão 169 de O Livro dos Espíritos, exararam que “o progresso é quase infinito” – portanto não caminharíamos eternamente pela aparentemente infinda estrada da evolução, mas nos fixaremos, enfim, no “fim dos tempos, como colunas inamovíveis no Templo de Deus”, como nos promete a palavra sagrada (Ap 3:12).

A cosmologia moderna, confirmando a escatologia cristã, já fixou o trágico fim do nosso universo na sua vertiginosa expansão rumo à exaustão absoluta de todas as suas energias, e até mesmo no decaimento do próton. Não existiremos, aqui, para todo o sempre e, como disse Ubaldí, sequer as paisagens do relativo sobreviverão para a eternidade, mas todo o nosso cosmo será espiritualizado, restituindo-se completas as potências do absoluto que o originaram, quando todos os registros da grande queda forem integralmente reabsorvidos pela evolução.

Compreendemos que Jesus deixou-nos, na maneira como se conduziu na Terra, o exemplo claro de como efetuarmos a nossa própria redenção. Como aceitar, porém, a peremptória afirmação do fundamentalismo cristão de que, com a Sua morte, Ele promoveu a redenção de nossos pecados? Podemos legitimar essa afirmativa que já se consagrou como um dos principais dogmas do cristianismo? O Evangelho não diz que “o Cordeiro de Deus tomou sobre si as nossas dores e morreu em nosso lugar na cruz” (Jo 1:29)? Poderia a morte de um justo pagar pelas faltas de outros? Como pode ser isso, se a própria justiça humana jamais concordaria em penalizar alguém por erros alheios? Seria um mistério pertinente a Deus e, portanto, algo que não podemos questionar, diz-nos a velha teologia cristã. Não obstante, insistimos: nossa razão considera um disparate conceber que a perfeita justiça divina possa funcionar de forma tão incoerente. Necessitamos de melhores explicações para tal afirmativa. Se na Idade Média esse pressuposto parecia conformar o coração humano, nos dias atuais, vê-se claramente que mais se serve como um obstáculo à plena aceitação do Evangelho. Com o auxílio de Ubaldí, aproximemo-nos da delicada questão, tentando esclarecê-la um pouco melhor.

Sabemos que o inconsciente humano traz em seus arcanos o registro arquetípico da queda do espírito. Isso o fez postar-se, desde os primórdios da razão, como um ser pecaminoso, sobretudo diante da Divindade. Exatamente por isso, ele cuidava de fazer oferendas aos seus deuses, a fim de aplacar suas pretensas iras. Interessado então em reduzir as suas penas, partindo do pressuposto de que ele era culpado de alguma coisa e havia ofendido a Divindade, ele depositava nos altares de seus templos o melhor de sua colheita.

Em muitas culturas antigas, entretanto, ele intentava ludibriar os deuses, sacrificando seres que considerava inocentes, para que o sangue derramado por estes, no lugar do seu, pudesse simular a pena que se julgava inconscientemente merecedor. Desse modo, ovelhas, pombos e até mesmo jovens virgens eram imolados, em macabros rituais, para que o homem se sentisse liberto de sua inevitável condenação.

Evidentemente, tais bárbaros costumes baseavam-se na mais precária concepção de Deus, compreendendo-O como um déspota, a quem a simples visão de sangue bastaria para dissuadir a impor ao homem os castigos que ele sempre se sentiu merecedor.

Assim, o psicologismo doentio do homem encontrou na morte de Cristo o perfeito sacrifício a Deus para a remissão de suas culpas. O sangue do mais puro dos homens, ou mesmo de um verdadeiro deus, seria então mais do que o bastante para que o Senhor desistisse de cobrar pelos nossos muitos pecados. Fizemos então de Jesus o “Cordeiro de Deus que tirar o pecado do mundo”, aplicando à Sua execrável morte nada mais do que mais um dos nossos sangrentos rituais aos pés do Criador. Atendia-se, desse modo, mesmo sem a clara noção do fato, aos apelos do inconsciente coletivo humano, onde o homem guarda a sua culpa de origem, oriunda da queda do espírito.

Ao analisar o fato, chegamos mesmo a suspeitar de que esse teria sido “o cálice” que Jesus pediu ao Pai lhe fosse afastado, no momento da crucificação. Ele já havia demonstrado a Sua clara disposição de se deixar imolar para nos dar o exemplo

de como se deve agir diante do mal. Mas Ele não queria fazer-se o “Cordeiro da humanidade”, cuja morte seria erroneamente interpretada como a condenação de um justo que derrama o seu próprio sangue no lugar do nosso para se aplacar a condenação divina a que nos fazem jus. Naturalmente que o Mestre, profundo conhecedor do nosso infantil psicologismo, sabia que esse estranho e inadequado papel lhe seria imputado pela nossa história, iludindo-nos de que assim estaríamos isentos do próprio sacrifício em prol da nossa salvação.

Em suma, chegamos à conclusão de que não podemos aceitar que a morte de Jesus tenha redimido os nossos erros perante a Lei divina. Isso fere o que entendemos da justiça divina e do conceito que na atualidade detemos de Deus. Nossa consciência ferida somente será recomposta se seguirmos os exemplos do Cristo. Jamais pelo simples fato de um inocente ter sido condenado em nosso lugar.

Resta-nos, todavia, a pergunta: a salvação será infalível? Todos se salvarão? Será que Deus não respeitará a vontade do filho rebelde que não queira jamais retornar ao Seu aprisco? Ubaldi abordou a delicada questão e afere-nos que os mecanismos divinos de salvação são infalíveis. Utilizando-se da dor, da nostalgia pelos bens perdidos e do anseio pela perfeição, sentimentos que impregnaram toda criatura caída por estigma de origem, a Lei conduzirá todas elas aos planos superiores do espírito. Fugindo do inferno da matéria e suas dores que inevitavelmente colorem as paisagens dos mundos inferiores, movido pelo natural instinto de felicidade, o ser não tem outro caminho que evoluir. Desse modo, diz Ubaldi, todos se salvarão. Nosso universo físico será completamente extinto, e não restará aqui um único átomo, afirma-nos o inspirado da Úmbria. Cristo já havia nos dado essa certeza ao proferir que “de suas ovelhas, nenhuma se perderá” (Jo 10:27-28). Entretanto, permanece como possibilidade teórica a dissolução definitiva do ser, caso ele não se predisponha ao sacrifício do ego inferior e almeje perpetuar eternamente a sua revolta contra a ordem divina e a negação do amor. Nesse caso, diz-nos Ubaldi, a substância divina que o individua poderá terminar por desfazer-se, pela intensa contração involutiva a que se exporá, fazendo-a retornar íntegra a sua fonte original, o seio de Deus. Uma vez que tal substância é indissolúvel, somente a sua individuação será desfeita. Imaginamos algo como o desfazimento da forma de uma estátua, porém não o desaparecimento da matéria que a compõe. Essa seria a real morte do ser, que Deus não quis, como nos informou o Cristo (Mt 16:28). Por isso, certamente, aferiu-nos o nosso Salvador que “se alguém guardar as Suas palavras jamais verá a morte” (Jo 8:51), e Paulo nos afirmou que “Deus nos ressuscitará pelo seu poder (I Coríntios 6:14).

Concluindo, vemos então que, retomando o conceito de salvação no mais elevado que nos favorece Ubaldi, chegamos à perfeita fusão de duas conceituações que conhecemos, a espírita e a cristã, conferindo-lhes inteira validade. Está certa a salvação consciente, apregoada pela doutrina de Kardec, a qual representa a nossa escolha pelo auto-aprimoramento evolutivo; e corretíssima a salvação gratuita, aquela que opera na intimidade de nosso ser, orientando devidamente os nossos passos rumo ao Amor paterno que malbaratamos, conforme defendido pelos Textos bíblicos. A primeira traduz o nosso necessário empenho no bem e na realização de boas obras, a segunda aguarda nossa total confiança no socorro divino. O antagonismo entre o fundamentalismo cristão e a razão espírita desfaz-se ante a luz dessa nova concepção. Ambos acham-se fixados em verdades complementares. Agora, não obstante, podem dar-se as mãos na grande obra de redenção da humanidade.

Então são genuínos o fundamentalismo cristão, iluminado pelo fideísmo sentimentalista, e o racionalismo espírita, abrilhantado pela fé raciocinada. Deixemo-los em suas genuínas, porém parciais trilhas da verdade, até que a evolução os entrelace no abraço da verdade única, resolvendo nossos atritos conceituais e reconduzindo-nos, juntos, ao Absoluto. Até lá, eximamo-nos de improficuos atritos, pois nossas crenças são nitidamente complementares, jamais antagônicas, como as aparências de nossas relativas posições nos induzem a crer.

Sem a pretensão de nos fazermos porta-vozes da verdade absoluta, da qual nos achamos muito distantes, deixamos aqui o nosso esforço de conciliação entre a essência sagrada do Cristianismo primitivo e as modernas revelações assinaladas pela Codificação Espírita. A nenhum negamos o seu real valor, apenas não desejamos mais vê-los atirados em acirrados e improficuos entrechoques de ideias. Estacionados na parcialidade, é possível compreender que eles não se acham em aparente contradição.

A ninguém queremos convencer, apenas anunciar que existe uma melhor maneira de se conciliar as verdades parciais que adotamos por sagradas. E o que atesta que uma verdade é parcial é o simples fato de ela admitir a sua exata contradição. Ora, toda premissa que suporta um antagonismo, não se acha completa, pois a verdade realmente absoluta somente pode ser aquela que engloba também a sua oposição. Esse é um interessante axioma deduzido por Niels Bohr, a partir das observações da fenomenologia quântica. Assim, a síntese genuína deve unir tese e antítese para se fazer lídima expressão da realidade. Logo, estejamos atentos, se nos encontramos imersos em uma arena de disputas ideológicas, é preciso humildemente considerar que nos achamos distantes do conhecimento absoluto e unitário – aquele que realmente não admite rivalidades, por englobar os seus opostos.

Sigamos adiante, na certeza de que somos seres em desenvolvimento e nossa ignorância é ainda imensa ante a extensão da complexidade fenomênica que habitamos. Se desejamos crescer rumo à verdade que liberta, como disse Jesus (Jo 8:32), urge abrimo-nos à germinação dos novos conhecimentos que periodicamente são semeados em nosso campo íntimo, como a revelação que nos trouxe Ubaldi e outras que certamente continuarão chegando-nos do Plano Maior. Para isso, na lavoura do crescimento espiritual, por vezes é preciso deixar que nossos parciais entendimentos morram para dar lugar a novas e mais avançadas compreensões. Se a sementeira nos compete, lembremo-nos de que a germinação é da alçada do Senhor, que, zeloso, oferta sempre a cada um as florações de verdades que é capaz de suportar em seu particular momento

evolutivo. Portanto, não nos apoquentemos com quem não pode ou não quer compreender. O tempo, em sua sabedoria, fará amadurecer os frutos de verdades que realmente nos convenha à necessária redenção.

Belo Horizonte, 4 de maio de 2009

Gilson Freire

Bibliografia

- 1 - A BÍBLIA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1997.
- 2 - KARDEC, Allan. A Gênese. 17a ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1975.
- 3 - KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. 10a ed. São Paulo: Lake, 1975.
- 4 - KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 79a ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1997.
- 5 - UBALDI, Pietro. A Grande Síntese. 21a ed. Campos dos Goytacazes: Ed. Instituto Pietro Ubaldi, 2001.
- 6 - UBALDI, Pietro. Cristo. 2a ed. Campos dos Goytacazes: FUNDÁPU, 1985.
- 7 - UBALDI, Pietro. Deus e Universo. 3a ed. Campos dos Goytacazes: FUNDÁPU, 1987.
- 8 - UBALDI, Pietro. O Sistema. 2a ed. Campos dos Goytacazes: FUNDÁPU, 1984.
- 9 - UBALDI, Pietro. Queda e Salvação. 2a ed. Campos dos Goytacazes: FUNDÁPU, 1984.

(*) Vide – Novo Conceito de Salvação – Cap. 28, p 502 do livro Senda Redentora – Gilson Freire

Capítulo V

Transcreveremos a seguir, um capítulo da excelente obra Grandes e Pequenos Problemas, de Ângelo Aquarod

63 - AMAR A DEUS, AMANDO A SI MESMO

No amor a si mesmo tem princípio, no indivíduo, a expressão do amor consciente.

A isso se chama egoísmo; porém, por muito maldito que tenha sido o egoísmo e continue a ser, nem por isso outra é a base do amor puro dos santos e dos anjos, do mesmo modo que, por muito saborosa que se apresente ao vosso paladar uma fruta rara, não deixa ela de provir da semente apodrecida nas entranhas da Terra e adubada com os detritos mais asquerosos.

Sem o desenvolvimento do egoísmo nos seres, como se lhes poderia moldar a individualidade? Encontraríeis maneira de consegui-lo? Certamente que não.

Sendo assim, tendo o amor consciente de revestir caráter egoísta nos primórdios de seu desenvolvimento será sensato que quem conhece esta verdade maldiga o egoísmo, base e fonte do mais puro altruísmo, das maiores abnegações?

Condenar redondamente o egoísmo, sem distinção, sem desculpas, sem esclarecimentos que fixem bem os termos do problema e justifiquem o anátema, é o mesmo que condenar o alfabeto, uma vez que se tenha chegado a cursar as faculdades superiores. Teriam os que cursam essas faculdades podido chegar às condições de se aplicarem aos altos estudos que estão fazendo, se não tivessem começado a carreira das letras pelo depreciado alfabeto?

No mesmo caso se acha o egoísmo, com relação ao altruísmo mais depurado. Mas, por que é assim? Sem dúvida, por estar assim determinado no plano divino da Criação e ser lei da evolução das almas. Logo, aquele que, não tendo ainda bem modelada a sua individualidade, põe todo empenho em procurar o próprio bem, em conseguir o que mais lhe agrada, sem pensar nos outros, ama a Deus, amando a si mesmo. Esse bem, que ele procura na satisfação dos próprios desejos, é Deus que está no íntimo do indivíduo, que manifesta sua presença de maneira extremamente vaga, por tê-lo de fazer através de densos véus, muito densos, como se tecidos de matéria no seu maior grau de densidade.

Essa matéria é a que corresponde a um Espírito jovem, a um Espírito nos primeiros albos de seu desenvolvimento no plano terrestre. Segue-se daí que a manifestação divina, através de matéria tão grosseira, tem de corresponder a essa mesma grosseria.

A luz branca de um foco de divinos resplendores, procedente da Fonte da Pureza, onde bebem néctar celestial os próprios Anjos, tendo de atravessar, para chegar até vós, uma série de imundos cristais de cores ainda indefinidas, poderá ser, para a vossa visão, um arremedo sequer do que realmente é?

Respoudei a vós mesmos, vós que ledes estas páginas. Deus, tendo de se manifestar através da matéria grosseira que serve de veículo de manifestação a um Espírito incipiente, não pode fazê-lo senão muito grosseira e deficientemente, tal qual essa inteligência que hoje assombra o mundo com os seus portentos, nas culminâncias do saber, se manifestava outrora, quando na escola soletrava o alfabeto.

É, pois, lei divina, designio do próprio Deus, que o amor consciente comece a desenvolver-se no indivíduo através de um egoísmo grosseiro, rudimentar. Como no melhor que o indivíduo busca está Deus imanente, amando o indivíduo a si mesmo, sob o influxo de tais desejos, ama de fato a Deus.

De que outra maneira quereríeis que o espírito humano começasse a sua aprendizagem na carreira do amor? Nenhuma outra há.

A vós, que já galgais as encostas do altruísmo, vos repugna o egoísmo grosseiro dos vossos irmãos menores? Se é assim, ainda não chegastes ao cume; apenas o entrevedes, ansiais por alcançá-lo; porém, ainda vos falta poderdes considerar os vossos irmãozinhos inferiores no verdadeiro plano em que se acham e, cheios de amor para com eles, descer a esse plano e lhes estender carinhosamente as mãos, para ajudá-los a subir.

Repugna-vos o egoísmo grosseiro de vossos irmãos menores? Pois por ali passastes. Vossos dotes superiores, hoje em grande desenvolvimento, foram embrião um dia, estiveram dormitando no mais profundo do vosso ser, enquanto, entregues à tarefa de modelar a vossa personalidade na fase inferior de sua evolução, removíeis os obstáculos do caminho, para que ela se manifestasse mais adiante, como atualmente. Muitos séculos e não poucas existências haveis gasto em percorrer a trajetória que medeia entre o egoísmo mais grosseiro e o sentimento altruísta que hoje vos domina.

Descei, sim, até esses irmãozinhos menores e ensinai-lhes os rudimentos de alguma coisa superior ao que conhecem; porém, de alguma coisa que lhes esteja ao alcance. Assim, fareis obra de altruísmo e ativareis o vosso progresso, contribuindo para o progresso deles. A lei de solidariedade a isso vos obriga e à justiça de vossa própria causa, que vos impõe cumprirdes para com os outros o dever que outros irmãos, de desenvolvimento superior ao vosso, cumpriram para convosco.

Isso é o que vos compete, para vosso próprio bem, e não maldizer o egoísmo de vossos irmãos inferiores.

Nesse egoísmo, eles progridem e daí hão de nascer os estados superiores que neles existem latentes.

Eles, como já vos sucedeu, amanhã, com maior desenvolvimento espiritual e um invólucro material mais delicado, conhecerão as leis da Natureza; terão mais amplo conhecimento da Divindade, e os grosseiros gostos que ora manifestam se irão depurando e aperfeiçoando; a consciência se lhes desenvolverá amplamente; suas aspirações, por efeito desse maior desenvolvimento, serão mais elevadas, como mais elevados serão os recursos de que se valerão para continuar modelando e espiritualizando a própria individualidade. É então que Deus se manifestará, por intermédio deles, de maneira mais real, com menores obstáculos, lançando os resplendores de sua divina luz através de um vidro mais apropriado para que seus raios cheguem, menos impuros, mais aproximados da sua natureza puríssima, à percepção dos humanos.

Assim se aperfeiçoa o amor a Deus: primeiro, inconscientemente, ainda com a consciência nos seus albores primitivos, o indivíduo ama ao seu Criador, amando a si mesmo e apeteendo grosseiros gozos; depois, ama a Deus semiconscientemente, sem perceber precisamente como Ele possa ser, e também preferindo seus próprios gozos à satisfação dos alheios; mais tarde, já formada a sua individualidade, ama a Deus amando a si mesmo, cumprindo todas as leis divinas, tanto as que regem a ordem física, como a ordem moral, procurando que seu corpo seja, pelo seu alto desenvolvimento, pelo cuidado com que o mantém, um digno tabernáculo de seu Espírito e sacrário da Divindade; cuidando do corpo e da alma, para que, sendo esta pura, tenha também por veículo um corpo de grande pureza. Ama ele assim a Deus, amando a si mesmo, porém, considerando já todos os demais seres da Criação como seus irmãos em Deus.

II

64 - AMAR A DEUS, AMANDO A SI MESMO

No amor a si mesmo tem princípio, no indivíduo, a expressão do amor consciente.

A isso se chama egoísmo; porém, por muito maldito que tenha sido o egoísmo e continue a ser, nem por isso outra é a base do amor puro dos santos e dos anjos, do mesmo modo que, por muito saborosa que se apresente ao vosso paladar uma fruta rara, não deixa ela de provir da semente apodrecida nas entranhas da Terra e adubada com os detritos mais asquerosos.

Sem o desenvolvimento do egoísmo nos seres, como se lhes poderia moldar a individualidade? Encontraríeis maneira de consegui-lo? Certamente que não.

Sendo assim, tendo o amor consciente de revestir caráter egoísta nos primórdios de seu desenvolvimento será sensato que quem conhece esta verdade maldiga o egoísmo, base e fonte do mais puro altruísmo, das maiores abnegações?

Condenar redondamente o egoísmo, sem distinção, sem desculpas, sem esclarecimentos que fixem bem os termos do problema e justifiquem o anátema, é o mesmo que condenar o alfabeto, uma vez que se tenha chegado a cursar as faculdades superiores. Teriam os que cursam essas faculdades podido chegar às condições de se aplicarem aos altos estudos que estão fazendo, se não tivessem começado a carreira das letras pelo depreciado alfabeto?

No mesmo caso se acha o egoísmo, com relação ao altruísmo mais depurado. Mas, por que é assim? Sem dúvida, por estar assim determinado no plano divino da Criação e ser lei da evolução das almas. Logo, aquele que, não tendo ainda bem modelada a sua individualidade, põe todo empenho em procurar o próprio bem, em conseguir o que mais lhe agrada, sem pensar nos outros, ama a Deus, amando a si mesmo. Esse bem, que ele procura na satisfação dos próprios desejos, é Deus que está no íntimo do indivíduo, que manifesta sua presença de maneira extremamente vaga, por tê-lo de fazer através de densos véus, muito densos, como se tecidos de matéria no seu maior grau de densidade.

Essa matéria é a que corresponde a um Espírito jovem, a um Espírito nos primeiros albores de seu desenvolvimento no plano terrestre. Segue-se daí que a manifestação divina, através de matéria tão grosseira, tem de corresponder a essa mesma grosseria.

A luz branca de um foco de divinos resplendores, procedente da Fonte da Pureza, onde bebem néctar celestial os próprios Anjos, tendo de atravessar, para chegar até vós, uma série de imundos cristais de cores ainda indefinidas, poderá ser, para a vossa visão, um arremedo sequer do que realmente é?

Respondei a vós mesmos, vós que ledes estas páginas. Deus, tendo de se manifestar através da matéria grosseira que serve de veículo de manifestação a um Espírito incipiente, não pode fazê-lo senão muito grosseira e deficientemente, tal qual essa inteligência que hoje assombra o mundo com os seus portentos, nas culminâncias do saber, se manifestava outrora, quando na escola soletrava o alfabeto.

É, pois, lei divina, desígnio do próprio Deus, que o amor consciente comece a desenvolver-se no indivíduo através de um egoísmo grosseiro, rudimentar. Como no melhor que o indivíduo busca está Deus imanente, amando o indivíduo a si mesmo, sob o influxo de tais desejos, ama de fato a Deus.

De que outra maneira quereríeis que o espírito humano começasse a sua aprendizagem na carreira do amor? Nenhuma outra há.

A vós, que já galgais as encostas do altruísmo, vos repugna o egoísmo grosseiro dos vossos irmãos menores? Se é assim, ainda não chegastes ao cume; apenas o entrevedes, ansiais por alcançá-lo; porém, ainda vos falta poderdes considerar os vossos irmãozinhos inferiores no verdadeiro plano em que se acham e, cheios de amor para com eles, descer a esse plano e lhes estender carinhosamente as mãos, para ajudá-los a subir.

Repugna-vos o egoísmo grosseiro de vossos irmãos menores? Pois por ali passastes. Vossos dotes superiores, hoje em grande desenvolvimento, foram embrião um dia, estiveram dormitando no mais profundo do vosso ser, enquanto, entregues à tarefa de modelar a vossa personalidade na fase inferior de sua evolução, removíeis os obstáculos do caminho, para que ela se manifestasse mais adiante, como atualmente. Muitos séculos e não poucas existências haveis gasto em percorrer a trajetória que medeia entre o egoísmo mais grosseiro e o sentimento altruísta que hoje vos domina.

Descei, sim, até esses irmãozinhos menores e ensinai-lhes os rudimentos de alguma coisa superior ao que conhecem; porém, de alguma coisa que lhes esteja ao alcance. Assim, fareis obra de altruísmo e ativareis o vosso progresso, contribuindo para o progresso deles. A lei de solidariedade a isso vos obriga e à justiça de vossa própria causa, que vos impõe cumprirdes para com os outros o dever que outros irmãos, de desenvolvimento superior ao vosso, cumpriram para convosco.

Isso é o que vos compete, para vosso próprio bem, e não maldizer o egoísmo de vossos irmãos inferiores.

Nesse egoísmo, eles progridem e daí hão de nascer os estados superiores que neles existem latentes.

Eles, como já vos sucedeu, amanhã, com maior desenvolvimento espiritual e um invólucro material mais delicado, conhecerão as leis da Natureza; terão mais amplo conhecimento da Divindade, e os grosseiros gostos que ora manifestam se irão depurando e aperfeiçoando; a consciência se lhes desenvolverá amplamente; suas aspirações, por efeito desse maior desenvolvimento, serão mais elevadas, como mais elevados serão os recursos de que se valerão para continuar modelando e espiritualizando a própria individualidade. É então que Deus se manifestará, por intermédio deles, de maneira mais real, com menores obstáculos, lançando os resplendores de sua divina luz através de um vidro mais apropriado para que seus raios cheguem, menos impuros, mais aproximados da sua natureza puríssima, à percepção dos humanos.

Assim se aperfeiçoa o amor a Deus: primeiro, inconscientemente, ainda com a consciência nos seus albores primitivos, o indivíduo ama ao seu Criador, amando a si mesmo e apeteendo grosseiros gozos; depois, ama a Deus semiconscientemente, sem perceber precisamente como Ele possa ser, e também preferindo seus próprios gozos à satisfação dos alheios; mais tarde, já formada a sua individualidade, ama a Deus amando a si mesmo, cumprindo todas as leis divinas, tanto as que regem a ordem física, como a ordem moral, procurando que seu corpo seja, pelo seu alto desenvolvimento, pelo cuidado com que o mantém, um digno tabernáculo de seu Espírito e sacrário da Divindade; cuidando do corpo e da alma, para que, sendo esta pura, tenha também por veículo um corpo de grande pureza. Ama ele assim a Deus, amando a si mesmo, porém, considerando já todos os demais seres da Criação como seus irmãos em Deus. P

52

III

65 - AMAR A DEUS, AMANDO AO PRÓXIMO

Que o amor a si mesmo precede ao amor aos semelhantes, no evolver desse sentimento nos seres, o próprio Jesus o demonstrou, e, antes dEle, Moisés, nas tábuas da Lei, encerrando o primeiro toda a Lei e os Profetas no amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Se o amor à própria personalidade não anteceder ao que se deve consagrar aos semelhantes, como se poderia tomá-lo por ponto de partida, no Decálogo, para impor-se, como mandamento divino, o amor ao próximo?

Disso se deduz que, quanto mais perfeito seja o amor que a criatura vote a si mesma, melhor saberá ela amar aos outros. Quem não sabe amar a si próprio mal pode amar ao irmão. Como fazê-lo? Como poderia dar o que em si não há? Porque a posse do amor começa, no indivíduo, firmando-se no amor-próprio. Para provar essa verdade poderíamos oferecer inúmeros exemplos tirados da Natureza, em suas diversas manifestações.

Queira alguém infundir coragem aos outros: como há de consegui-la, se a não tiver? Aspire alguém a professar tal ou qual ramo do saber; se antes não o estudar, adquirindo os respectivos conhecimentos, poderá transmiti-los a seus discípulos? Pretenda alguém ser dadivoso; se, antes, não acumular haveres, como poderá dar?

Apliquemos esses simples exemplos ao amor e adquiriremos a convicção de que àquele que não desenvolver em si maior ou menor cabedal dessa bênção do céu não será possível praticá-lo. O que quiser fazer bem aos outros, como poderá amá-los, de modo que com o amor que lhes vote faça o desejado bem, se antes não experimentou os frutos do amor dedicado a si mesmo?

É essa uma genuína expressão da Lei natural e não se pode pretender que seja de outra maneira. Por isso, no Código divino, aparece em primeiro lugar o amor da criatura a si mesma, para que, esteando-se nele, chegue ela a amar ao próximo.

Ao próximo cada um deve amar como a si mesmo, é o que estatuiu o Decálogo, afirmou o Messias divino, sustentaram todos os Grandes Espíritos, em cumprimento da missão divina com que desceram à Terra.

Porém, será isso possível? É, pois que o disseram os redentores, mensageiros do Altíssimo, os quais estariam em desacordo com a sua própria elevação espiritual, se prescrevessem o que não pudesse ser cumprido. É, aliás, o que se vê confirmado na conduta admirável dessas grandes almas. Quem poderá negar, provando a sua negativa, que elas amaram ao próximo como a si mesmas? Não deram, algumas, como o Cristo, a vida pela redenção dos pequeninos da Terra? O fato de descerem a este mundo já não significa um sacrifício imenso, de que só o amor é capaz? Da sublimidade desse sacrifício nasceu o ensinarem alguns filósofos que se deve amar ao próximo mais do que a si mesmo, o que significa que, pelo bem alheio, precisa o homem muitas vezes esquecer-se de si próprio e até negar-se a si mesmo, o que, como característica de elevação moral cristã, o divino Enviado recomendou. Mas, isso não implica, em realidade, da parte de quem assim procede, mais amor aos outros do que a si, pois, então, cairíamos no impossível de pretender que alguém dê o que não possui. Demais, os Espíritos que ocupam os cumes da perfeição, por mais que renunciem a si mesmos, sabem perfeitamente que da prática do amor a seus irmãos lhes resulta maior desenvolvimento espiritual e aquisição de maiores bens e perfeições. É o que diferencia a ordem moral da ordem material. Na ordem material, o desprendimento dos bens os diminui; na ordem moral, aumenta-os. Assim, o amor ao próximo, expresso sempre pelo bem que lhe é feito, estimula, para maiores efusões de amor, a fonte inesgotável que desse dom divino existe em todos os seres e, enriquecendo-a, torna-a capaz de despendê-lo com a abundância que o coração deseje para prodigalizá-lo, sem mácula, aos filhos de Deus. É caudal inexaurível o do amor, porque, como já disse, aumenta na proporção em que é prodigalizado.

Vede a própria Divindade. Ela é toda amor e não pode amar mais do que ama, porque o amor que prodigaliza é toda a infinita imensidade do amor que nela existe.

E aqui há outra prova de que, para que alguém dê, preciso é que possua o que quer dar. Se Deus não fosse todo amor, poderia dá-lo a seus filhos em grau para nós inconcebível? Primeiro, para amar à sua obra, Ele se fez todo amor. É o que ocorre no indivíduo: tem de desenvolver o amor em si, amando-se a si mesmo, para, depois, reconhecendo que o amor é bom, ser levado, pela sua tendência para o bem, a partilhá-lo com os outros. A Bíblia, no Gênese, oferece um símbolo que prova a exatidão desse conceito, quando diz que Deus, para saber se era boa a luz, primeiro a experimentou, depois de havê-la criado, procedendo igualmente com tudo mais que saiu da sua sábia onipotência.

Porém, continuemos a inquirir da condição a que deve satisfazer a criatura humana para cumprir, a este respeito, o mandamento divino.

Logo que reconhece que o amor a si mesma é bom, deve ela prodigalizá-lo aos outros, porquanto Deus, quando viu que sua obra era boa, não a reservou para si, para sua exclusiva satisfação, ainda segundo a linguagem simbólica do Gênese. Criou seres que pudessem compreendê-lo e experimentar agradáveis sensações, gozando de tanto bem. Quando, pois, a criatura chegou a desenvolver o amor a si mesma, que é o que graficamente se chama egoísmo, não deve conformar-se com o gozo que daí lhe advenha; deve procurar experimentar a satisfação que produz o amor aos outros. Foi o que exemplificou o próprio Criador.

A criatura torna-se maior, tanto mais cresce, quanto mais prodigaliza o que possui, e torna-se menor tanto quanto do que tem não faz partícipes os outros.

O egoísmo deve transformar-se em altruísmo e, quanto mais altruísta seja o ser racional, quanto mais ame ao próximo, mais o potencial do amor se desenvolverá nele, o que quer dizer que maior progresso espiritual irá realizando.

E o amor ao próximo manifesta-se não por um extático platonismo, mas pela obra, pelo zelo com que o ser procura o bem de seu semelhante, sob os diferentes aspectos que comporta: físico, intelectual e moral. Dessas ordens são as necessidades da criatura humana e, esforçando-se por satisfazê-las, é como demonstra que cumpre o mandamento divino.

Todos recebem para dar. O ser entra na posse do que no seu íntimo existe em estado potencial, para facilitar o progresso alheio. Assim, quando a avareza ou a negligência negam esse tributo ao que de tais auxílios necessita, o avaro ou negligente prejudica-se a si mesmo, tornando-se sofredor, com o experimentar a sensação de que lhe cerraram as portas do progresso e de que ficou privado da ventura que produzem a generosidade e o cumprimento do dever.

Permitido é, ao que não possui, adquirir; porém, quando adquiriu, sem faltar à Lei divina, que é a vontade do Supremo Criador, não lhe é permitido reter, sem produzir, o que acumulou.

Assim, o que desenvolveu a inteligência e ganhou conhecimento acerca da lei moral, se não prodigaliza o fruto que adquiriu, perdê-lo-á, semelhantemente ao servidor desidiioso da parábola dos talentos.

Aprende-se, não só para alcançar sabedoria, senão também para ensinar; adquire-se, para dar; chega-se à compreensão do bem, para prodigalizá-lo sem reservas.

Primeiro, adquirir; depois, despender. Ao mesmo tempo que a criatura adquire, pode e deve ir dando, porque desta maneira é que aumenta o seu cabedal. E tem de ser assim em todas as ordens de coisas, porque tudo tem de se inspirar no amor, visto que toda ação não inspirada pelo amor é delituosa, e aquele que delinqüe diminui o amor a si próprio e fica impedido de prodigalizá-lo, no grau necessário, aos outros. Prejudica, portanto, seu progresso.

A abnegação, o sacrifício, a renúncia de si mesmo, pelo bem alheio, são as mais elevadas formas do amor ao próximo que se podem conhecer na Terra. Quando a criatura chegou a praticar o amor aos outros, como o praticam os Messias de Deus, abandonando as regiões puras, que lhes servem de morada, para descer aos baixos mundos de expiação, tem conquistado os cumes da perfeição moral. Não mais, então, sente os sofrimentos oriundos do contacto com a impureza e o flagelo das descidas. Ao contrário, encontra nisto gozo, tanto mais vivo quanto maior é o flagelo.

Ora, se na abnegação, no sacrifício, na renúncia está a demonstração do amor aos semelhantes, em obediência ao Mandamento divino, claro é que, amando ao próximo, demonstra a criatura seu amor a Deus. Não se pode amar ao Pai sem amar a seus filhos; não se ama àquele a quem não se obedece. Tenha-se presente o que por boca de Jesus disse Deus a seus filhos: "Aquilo que fizerdes a um destes pequeninos que em mim crêem, a mim o fizestes."

O empenho supremo da criatura humana que quer escalar as cumeadas da perfeição, há de estar em cumprir a vontade divina, isto é, em amar a Deus. Mas, ordenando Deus que se deve amar ao próximo como a si mesmo, essa tem de ser a mira permanente do Espírito que queira progredir.

Não pretende o Eterno Pai que qualquer de seus filhos conquiste por milagre a pureza máxima do amor ao próximo, não. Esse amor precisa desenvolver-se gradativamente. O que Ele exige, sim, é o esforço permanente para o desenvolvimento ininterrupto daquele sentimento.

Aí está o cabedal que a criatura humana precisa conquistar. Trate ela de conquistá-lo, porque será inútil tudo quanto faça para gozar da vida, se este gozo não consistir no amor ao próximo como a si mesma, se não o considerar como condição indeclinável do amor a Deus. Não se pode amar a Deus sem amar ao próximo e a grandeza do amor à Divindade se mede pelo de que são objeto seus filhos.

IV

66 - AMAR A DEUS NA INTEGRIDADE DE SUAS OBRAS

Porque a criatura humana, mesmo inconscientemente, pratica atos de amor a Deus, e o ama, depois, amando-se a si mesma e ao próximo, não se conclua que nessas formas de atuar na vida se contêm todas as que podem ser consideradas como expressão do amor do homem ao Criador Supremo.

Alguma coisa haverá que não possa constituir objeto de uma afeição, de uma preferência do ser humano, que não possa exprimir sua aspiração pelo aperfeiçoamento próprio?

Depois de o espírito humano haver saído da inconsciência, quando já adquiriu o domínio de si mesmo, conseguiu discernir entre o bem e o mal e compreendeu que na obra da Criação há um infinito de maravilhas, uma inesgotável fonte de sabedoria dirigindo-lhe o desenvolvimento, deve procurar estender a esfera de seu amor a tudo o que vive e respira, até mesmo àquilo em que a ciência humana por muito tempo não reconheceu mais do que um atributo - a inércia, por não revelar aos sentidos corporais do encarnado o que quer que parecesse animado por um hálito de energia vivificante.

Assim, pois, não há coisa alguma na Criação a que possa o Espírito evolvido conservar-se indiferente. Em todos os domínios da Natureza palpita o sopro divino, animando os seres e as coisas. No próprio reino mineral não há o que vos cause admiração? A formação das massas, consideradas inertes, dos cristais e demais corpos não revela um plano preconcebido por uma sabedoria infinita? Não tem sua razão de ser tudo isso? Haverá na Criação o que não corresponda a

uma necessidade? Não; não existe o supérfluo; tudo traz impresso em si o porquê de sua existência; tudo corresponde, nas inquirições humanas, a algo superior, que o homem tem sabido coordenar e concordar com os misteres da vida, com as exigências do próprio plano divino, revelado pelos sábios que descendo de altas esferas, encarnaram na Terra para lecionar à humanidade e revelar-lhe os segredos do Altíssimo.

Vossas indústrias, vossas artes, tudo quanto é objeto da atividade humana encontra no reino mineral o de que precisa para dar completa satisfação às necessidades do Espírito. Nesse reino, encontrais materiais para construir vossas vivendas, para curar vossas doenças, para satisfazer ao vosso amor do belo e até à vossa vaidade, como as pedras preciosas, tão cobiçadas por tanta gente.

São inumeráveis as aplicações que podem ter e têm na vida os produtos minerais que revelam a sabedoria sem limites do seu Criador, que é também o Criador das inteligências que souberam achar a aplicação precisa de cada um dos elementos que se lhes oferecem ao exame e à análise.

Inesgotável é o reino mineral, sob todos os aspectos, para estimular a atividade do homem, aguçar-lhe o engenho a fim de compreendê-lo e encontrar a utilidade que todo ele tem para que a espécie humana logre tornar sua vida mais prazenteira, assim como para lhe dar sustento e comodidades. No reino mineral vai-se desenvolvendo a vida e se incuba outro reino, que o segue na escala do progresso dos elementos e das massas: o reino vegetal.

Porém, se digno da vossa admiração é o reino mineral, que vos inspira amor, amor esse que se traduz em amor a seu Criador, mais admirável ainda é o reino vegetal. Desnecessário se faz que assinalemos a superioridade deste reino sobre o anterior, porquanto não há ente humano que não se aperceba por si mesmo dessa superioridade, manifesta no maior desenvolvimento dos elementos que o constituem. Neste reino, a vida torna-se mais sensível; a beleza de seus exemplares cativa mais o espírito humano e mais pronunciado é o amor que lhe dedica a criatura. E o é, porque esta tende sempre à maior perfeição em suas aspirações e em seus gostos. Ora, é claro que o reino vegetal oferece ao homem motivo de mais alta aspiração do que o reino mineral e desperta nele mais fortes emoções, pela maior beleza das partes e do conjunto. O homem dispensa-lhe maior atenção, porque ele lhe atende a maiores necessidades do corpo e da alma. No reino vegetal, à criatura humana se depara maior número de elementos do que no reino mineral, com que atender às necessidades de nutrição do seu organismo, de cura das suas enfermidades, de satisfação a suas inclinações ao belo e ao útil, porque o reino vegetal produz, de maneira exuberante, para muitas das necessidades físicas, morais e artísticas do ser humano.

Neste reino, a vida deu um passo mais para os cimos da perfeição; nele, essa vida acha-se intensificada e, na cúspide da evolução de seus exemplares mais interessantes, começa a alvorecer a vida animal. E o ente humano ama ao reino vegetal, sendo as plantas o encanto de muitas almas sensíveis e enamoradas do belo e do útil. Mas, amando às plantas e seus produtos, o ente humano ama a Deus, porque a ninguém é possível admirar uma fibra de erva, uma flor, um fruto, sem lhes admirar o Autor; não é possível amar às plantas e às flores e extasiar-se ante os esplendentes panoramas da vegetação sem amar ao Criador de tanta maravilha. Assim, amando-se ao reino vegetal, ama-se a Deus.

Segue-se, na progressão ascendente, o reino animal; é este o elo superior da cadeia do progresso dos seres e do desenvolvimento da vida neles.

A sabedoria do Criador, que se revela de maneira tão potente nos reinos anteriores, no que nos preocupa, ainda mais exuberante aparece. O reino animal, continuação dos reinos precedentes, penetrado da mesma vida que naqueles se foi desenvolvendo, causa admiração maior porque nele se individualiza a energia vital. A mônada divina, manifestando-se em indivíduos diferentes e por diferentes modos de expressão, começa a tornar-se patente, e o homem, ao contemplar esse reino admirável, sente-se tomado de inexplicável vertigem, pois não pode deixar de compreender que há ali, em cada um dos indivíduos que o compõem, uma ordem de manifestação de inteligência, não igualada antes pela criatura humana; que em cada um dos indivíduos se adivinha uma inteligência por mais embrionária que seja, reveladora de uma potência inteligente infinita, da existência de um Criador Supremo, causa de quanto existe, porque tudo isso revela um plano preconcebido e uma exuberância de sabedoria inconcebível.

Depois da invenção do microscópio, o homem sentiu-se ainda mais confundido na contemplação do reino animal, porque o descobrimento do mundo dos infinitamente pequenos, que lhe veio com a construção daquele instrumento, patenteou-lhe, de maneira mais clara, a sabedoria divina. Ele compreendeu que, se admirável é qualquer indivíduo do reino animal, considerado em seu conjunto anatômico e em cada uma de suas partes, sob a ação das leis fisiológicas e biológicas, mais admirável é ainda essa sabedoria, revelando-se no mundo dos infinitamente pequenos. Um elefante e uma formiga demonstram a sabedoria inegável de uma inteligência infinita, porém, um infusório, que só com potentes microscópios se pode perceber, dotado de órgãos completos para a vida de relação, para a nutrição e reprodução, denotando ter um objetivo a sua existência e dando a impressão de estar consciente de seu existir e da missão que deve preencher, proclama ainda

muito mais alto a sabedoria divina e desperta no pensador maior admiração pelo soberano Artífice. Qualquer que seja o exemplar que estudeis do reino animal, ele vos revelará sempre a sabedoria infinita de Deus. Nesse reino, anel superior ao vegetal na escala da evolução da vida, se aprende a mais amar a Deus. Quem, nas ternas e encantadoras avezinhas multicores e canoras, não amarará a quem as criou? Quem, ante o fiel companheiro, que, no cão, Deus lhe deu, não amarará a seu Pai? E quem, ao notar as nobres qualidades desse fiel amigo do homem, não adivinhará nele o Espírito que um dia revestirá corpo humano? E, como o cão, não há outros animais próximos do homem na escala da evolução? Não vos admira a inteligência do cavalo e do elefante? E as raças símias nada vos dizem da proximidade das encarnações humanas?

Estudando, analisando os reinos todos da Natureza, desde o mineral aos tipos superiores das espécies animais, não descobris uma cadeia ininterrupta, cada um de cujos elos é uma etapa no caminho do progresso percorrido por aquela mônada, que saiu do seio de Deus e que, tomando forma na substância universal, se foi realizando até alcançar os tipos mais completos do reino animal?

Dar-se-á que, chegada a tais alturas, pare a evolução dessa chispa divina? Não a atrai sua pátria de origem? Ela é, ou representa, o filho pródigo que, para adquirir experiência e aprender a governar-se, foi lançado na corrente da evolução, devendo voltar à casa paterna, enriquecido, com as suas elevadas faculdades em pleno desenvolvimento.

Tudo o que existe em qualquer dos reinos em que a Criação está dividida, todas as partes desses reinos e todos os indivíduos que os formam não patenteiam Deus, manifestando-se, realizando-se a si mesmo em suas criações? Algo haverá na Criação que mereça desapareço? Alguma coisa pode haver que não proceda do Criador dos sóis e dos mundos?

Não; logo, nada pode haver sem objeto; nada que não corresponda ao plano da Criação, plano divino, que o homem deve respeitar e para cuja execução deve contribuir.

Deste modo, ao homem consciente não é lícito, sem incorrer em séria responsabilidade, deixar de utilizar para o bem, e só para o bem, tudo quanto procede de qualquer dos reinos da Natureza; não lhe é lícito abusar de coisa alguma, nem destruir desnecessariamente nenhum dos exemplares de qualquer desses reinos, nenhum fragmento sequer de um exemplar deles, porque tudo preenche um fim providencial, tudo evolui, e as destruições abusivas e desnecessárias perturbam o regular desenvolvimento das futuras mônadas humanas, que nas infinitas formas existentes se vão realizando.

Uso e não abuso é o permitido. A crueldade, sobretudo, deve ser desterrada para sempre da consciência humana que não queira condenar-se a sofrer a crueldade dos outros, ou dos elementos, por sanção da Lei.

Já a certa altura da evolução, o homem deve ver, em tudo quanto vive e respira, um ser que necessita de proteção, para facilidade do seu desenvolvimento. O Ser Supremo põe os seres que têm vida individualizada e já revelam inteligência e vontade em contacto com o homem, para que este admire neles a Onipotência e a Bondade infinitas, e se constitua, contribuindo para seu próprio desenvolvimento e cumprindo sua missão terrestre, colaborador da Divindade.

Aprendeí, finalmente, a amar a tudo e, amando a tudo, porque tudo procede de Deus e tem uma finalidade, amareis ao Pai de todos os seres, na integridade de sua obra. Somente quando tenhais conseguido amar a Deus em toda a sua obra encontrar-vos-eis em condições de ascender de classe, de continuar a vossa evolução em mundos superiores à Terra. (p. 63 da 3ª. Edição da FEB – RIO – 1976) Angel Aguarod

* * *

Blog do Aron, um espírita – Sexta - feira, 19 de dezembro de 2014

67 - Muralhas... - Leopoldo Cirne - por Waldo Vieira - Reformador (FEB) Março 1972

Espíritas! Fugi à inconstância do vento que passa, despreocupado... Não brinqueis de viver.

Toda a Lei Divina é inderrogável. A bússola do Criador jamais emperra.

Os sentidos humanos são restritos e enganadores: num diminuto ponto do infinito que contemplais, quantos milhões de mundos não se ocultam? Numa gota d'água, quantos milhares de vidas? Numa página simples, quantas formas de pensamento? Numa frase comum, quanta idéia a brilhar? Apenas o estudo pode induzir-vos a ultrapassar as balizas estreitas do vosso cérebro limitado.

Avançai incessantemente, na Terra, por labirintos de incógnitas desafiadoras. Por isso, não desistais de aprender.

Nossa inteligência é fonte sublime a correr, inestancável, e, quase sempre, se perde desaproveitada na vacuidade do inútil.

Não malbarateis o talento das horas e o dom da saúde física.

Cada volume compendia determinado tipo de experiência. Mergulhai raciocínio e atenção nos livros edificantes que ensinam a libertação interior.

Os transeuntes da carne demandam a Eternidade, e o que se aprende, agora, grava-se na memória de maneira indelével.

Valorizemos na carteira do trabalho o abecedário da Vida.

Não cultiveis fadigas esmagadoras nem desilusões amargas. Derribai os muros da ignorância que vos interceptam o caminhar, superando os obstáculos sorrateiros atulhados no próprio “eu”: aqui, o mofo pestilencial do desânimo; ali, a traça insaciável do vício; além, a ferrugem corruptora da preguiça; alhures, a entranhada poeira da indiferença.

Entesouremos, hoje, a centelha de uma página; amanhã, o revêrbero de uma lição; depois, a pequenina chama de um bom conselho, varando os turbilhões de trevas que se nos enquistam na vereda a palmilhar.

O estudo - seara do aprendizado - é semelhante à plantação em que a leira devolve as sementes multiplicadas centenas de vezes. Estudai servindo, seja envergando a bata do Magistério, o avental da Ciência, a beca da Filosofia, a estamena da Fé, a túnica do Lar, a manta da Lavoura, o burel da Arte ou o macacão do ofício obscuro.

Conquistai as muralhas encadernadas das bibliotecas. Estudar - eis a palavra de ordem para a escalada aos montes resplendentes da vida! Se não há corações impermeáveis à energia do amor, não existem mentes impenetráveis ante a força da luz!

68 - ATÉ QUE PONTO SOMOS LIVRES? -1

Francisco C. Xavier

Com alguns companheiros, tivemos rápida troca de idéias sobre conceitos de liberdade. Em que termos somos livres na Terra? Como entender tantas autoridades das ciências psicológicas de hoje que justificam a liberação dos impulsos sentimentais, desde que se evitem atos de delinqüência? Como entender os sistemas de educação com bases na liberdade irrestrita? Até que ponto somos livres?

Essas indagações nos proporcionavam apaixonante diálogo, quando nos dirigimos à oração. O Livro dos Espíritos nos deu a questão 825 para estudo. Depois da troca de comentários sobre essa questão, quem escreveu por nosso intermédio foi o caro amigo Cid Franco, hoje na Espiritualidade:

69 - LIBERDADE – Cid Franco - 2

Estudando a Liberdade, busquei a Natureza para sondar-lhe o brilho.

O esplendor me cercava, mas o Sol afirmou:

– Para libertar a luz devo permanecer em minha própria órbita.

Disse o Mar:

– Como nutrir as forças da Vida sem aceitar as minhas limitações?

A Fonte declarou:

– Não posso emancipar o benefício de minhas águas, sem atender às linhas que me orientam o curso.

Explicou-se a Flor:

– Impossível abrir-me para o festival dos perfumes, sem deixar-me prender.

A Ponte murmurou:

– Nada seria eu se não guardasse a disposição de servir.

Não longe, a Eletricidade comentou, movimentando uma fábrica:

– Fora da disciplina, em vão procuraria ser mais útil.

Um Automóvel parado entrou na conversação:

– Posso ganhar tempo e vencer o espaço, mas infeliz daquele que me use sem breques!

Então, voltando-me para dentro do próprio coração, exclamei em prece:

– Deus, meu Deus, fizeste-me livre no pensamento para criar o bem e estendê-lo aos meus irmãos; no entanto, que será de mim, sem ajustar-me às tuas leis? 32

Extraído do livro AMANHECE – Francisco C. Xavier – Editora GEEM – São Paulo –SP 1* (1) Acessível na Internet

* * *

70 - LIBERDADE - Emmanuel

O discípulo procurou o instrutor cristão e pediu-lhe um parecer sobre a liberdade. O nobre amigo, de coração marcado pelas experiências do mundo, pensou longos minutos e respondeu: se ainda não conheces os ensinamentos do Cristo, estás livre a fazer o que gostas; Mas se já aceitaste as lições de Jesus, estás livre para fazer o que deves. Médium F. C. Xavier – Livro Recados do Além - Edição IDEAL



71 - Cristo Já Vem!

Cristo já vem... Iluminar minha alma! De Amor e Paz. Meu Sol, Jesus amigo Os anjos cantam em seu louvor derramando bênçãos de amor. Meu sol, Jesus amigo. Deixai que eu viva sempre, sempre a cantar o amor e o esplendor que o céu criou em seu louvor. Cristo já vem!...

Os versos acima, que unidos à popular melodia italiana são cantados pelos cursilhistas católicos, com sua suave embaladora entonação, vieram-me à memória ao transcrever, a título de incentivo e em novo formato, a parte inicial do curso de introdução ao estudo de quase 100 páginas da obra *A Grande Síntese* de Pietro Ubaldi e, na íntegra um Estudo apresentado no VI Congresso Pietro Ubaldi, disponíveis na Internet.

72 - TRECHOS INICIAIS DO CURSO DE INTRODUÇÃO À GRANDE SÍNTESE de PIETRO UBALDI

Síntese e Solução dos Problemas da Ciência e do Espírito -Compilação elaborada por Gilson Freire

Explicações indispensáveis

Este estudo é uma compilação da obra *A Grande Síntese* de Pietro Ubaldi e objetiva unicamente facilitar a sua compreensão. Usando a mesma terminologia empregada no livro, procura retratar os seus complexos temas de uma forma resumida e simplificada. Não traz originalidade alguma em sua dissertação e não dispensa, em absoluto, o interessado da leitura atenta do original. O contato direto com a expressiva e poderosa linguagem de “*Sua Voz*” que dita a obra é um momento mágico, capaz de falar intimamente à alma do leitor e imprescindível para aquele que deseja saciar-se nessa fonte de verdades eternas. Não menospreze, portanto, essa oportunidade surpreendente de contactar-se diretamente com as correntes de pensamentos que movem os elevados conceitos desenvolvidos nesse majestoso compêndio do espírito.

1 - Ciência e Razão

A ciência não satisfaz mais as nossas necessidades

A ciência do nosso século somente nos deu comodidades, deixando nosso espírito vazio. Colheu informações sem fim e nos inundou de análises, sem jamais nos proporcionar a síntese. Continuamos sem respostas para os nossos grandes enigmas. Prostituiu nosso espírito, vendendo nossa alma à matéria, que se tornou a razão da vida e a senhora do nosso destino. Mas a era da razão está passando e é preciso auxiliar o nosso espírito na conquista da intuição, a única capaz de nos levar à visão unitária do Universo. Estamos cheios de máquinas poderosas, mas vazios de alma e de sentimentos. A ciência não pôde nos tornar melhores, convertendo-se em uma fábrica de comodidades. Para falar ao nosso espírito, amadurecido por um século de ciência, *Sua Voz* fala à nossa razão, usando a linguagem e os conceitos da nossa era.

Intuição: único caminho possível

A evolução do espírito é o único caminho capaz de satisfazer nossos anseios mais íntimos, de vencer a dor, a morte e fazer-nos viver a grandiosidade para a qual fomos criados. Não temos mais o alimento do espírito e remastigamos velhos conhecimentos. A análise, a observação e a experiência apenas produziram resultados exteriores, práticos, mas as necessidades da alma não foram satisfeitas, os caminhos do mistério permanecem fechados e não se abrirão, a não ser que nos tornemos melhores.

Uma nova maneira de compreender os fenômenos

Para avançar, é preciso chegar à síntese intuitiva - uma nova maneira de ver e compreender o Universo e sua fenomenologia. É preciso abrir a alma, amar o fenômeno, interagir com ele para verdadeiramente entendê-lo. Eis o novo método de pesquisa: dilatar a visão do espírito para se chegar à essência das coisas. Devemos sentir a unidade da vida que

irmã todos os seres: do mineral ao homem e além. Mas para isto é necessário o aprimoramento moral. Como somente entre semelhantes é possível a comunicação, para sintonizarmos-nos com as potências do Universo e compreender os seus mistérios, é preciso ter a alma pura. Faz-se assim necessário a nossa purificação moral.

“A ciência ri de tudo isto, e por este motivo está limitada a produzir apenas comodidades, sem jamais acender a chama da sabedoria em nossa alma”.

Somente uma prova é necessário

Não exijamos outras provas além da nossa sensibilidade. Basta uma *“pureza de ânimo e sinceridade de intenções e então sentireis em minhas palavras a Verdade.”*

4 - Consciência e Mediunidade - Síntese de superfície e síntese profunda do Eu

Como referido no capítulo 2, temos dois níveis principais de consciência: a profunda e a superficial.

A consciência de superfície é sintetizada à medida que evoluímos, sendo portanto uma elaboração da matéria, e com ela morre e se renova. Na profundidade do nosso eu, no entanto, encontraremos outra consciência, a latente, profunda. Essa é síntese divina, eterna, formadora do nosso eu verdadeiro. Existe antes do nascimento e sobrevive à morte. Como não experimentamos sensação nesta consciência profunda, nós comumente a negamos.

Por meio da consciência superficial nos colocamos em contato com a realidade exterior e experimentamos as sensações da vida, retirando ensinamentos que se fixam na consciência profunda, constituindo-se depois nos instintos e automatismos. É assim que nada se perde para o espírito, e de nossas lutas e dores retiramos ensinamentos que, estratificando camadas em torno do eu central, o fazem crescer em um processo de expansão contínua. *“Todo ato de nossa vida tem um valor eterno”.*

Vencendo a morte

À medida que evoluímos dilatamos a consciência profunda e nos tornamos paulatinamente conscientes nela. Reencontraremos nosso Eu eterno e, fora dos limites do tempo e do espaço, teremos vencido a morte. Eis a finalidade da evolução e da vida – *“O Universo inteiro palpita de vida que, ao reconquistar sua consciência, retorna a Deus”.*

Mediunidade intuitiva

É à medida que nos tornamos conscientes nesta realidade profunda do eu, é que estaremos aptos a perceber as correntes de pensamentos que trafegam pelas dimensões espirituais. Ai residem os intrincados fenômenos da recepção intuitiva e a possibilidade de comunicação com seres de outras dimensões. Ser consciente nesta realidade profunda é participar de uma forma mais alta de mediunidade, chamada mediunidade inspirativa, vivida de forma ativa e consciente.

5 - Necessidade de uma Revelação

Nossa psicologia não tem mais amanhã

Nossos conceitos e revelações divinas, encobertas de incrustações humanas arcaicas, estão velhas, esgotadas, insuficientes para a mente moderna. As filosofias são produtos individuais e as religiões se dividem, lutando pela posse da verdade exclusivista. Nosso espírito, adormecido no ceticismo, tornou-se um vazio, oculto por hipócrita máscara sorridente e está agora na sua última fase de esgotamento: a indiferença. Temos como guia apenas o egoísmo, que só sabe produzir desagregação e divergências.

Necessitamos de revelações adaptadas ao nosso amadurecimento

O momento que vivemos requer novas revelações. Os séculos de lutas e dores nos amadureceram e, por instinto evolutivo, ansiamos por novas verdades que nos conduzam para a formação de um novo homem, de uma nova civilização, a civilização do terceiro milênio.

A Grande Síntese não veio destruir as verdades que temos, mas revesti-las de nova roupagem.

“Minha palavra não vem para destruir as verdades existentes, mas para repeti-las de uma maneira mais persuasiva e mais adaptada às vossas mentes modernas. Sois inteligências amadurecidas que já podem suportar visões mais vastas (...) Não venho combater religião alguma, no entanto coloco no mais alto posto na Terra a revelação e a religião do Cristo”.

Do politeísmo passamos ao monoteísmo, onde definimos um Deus único, porém um deus antropomórfico e fora da Criação. Passamos agora do monoteísmo ao *monismo*, isto é, a um conceito de um Deus que é a Criação, formando uma unidade com o ser.

A razão desta viagem

A finalidade da jornada é dar ao homem nova consciência cósmica, fazendo-o sentir-se não apenas eterno e membro de uma humanidade que abraça todos os seres do Universo, mas também potência que desempenha um papel no funcionamento orgânico da própria Criação. É também proporcionar-lhe novas normas de comportamento, pois sabendo olhar nos abismo de seu próprio destino, saberá agir cada vez de forma mais elevada.

Nesta estrada nosso coração se acenderá de nova paixão. Paixão de ascensão, a idéia que nos domina, e de amor, o sentimento que nos inflama.

A Ciência do novo homem

Como referido no capítulo 1, além de um roteiro, *A Grande Síntese* proporciona novo direcionamento para nossas pesquisas. Nova ciência, novo sistema místico, que consiste na penetração dos fenômenos com a alma possuída de nova sensibilidade além dos seus meros sentidos materiais. Transformando-nos em delicado instrumento de pesquisa, refinado pela aperfeiçoamento moral, nos induzirá à formação de *Nova Ciência*, ciência conduzida pelos caminhos do amor e da elevação espiritual, fundamentos do *novo homem*.

72 - A Grande Síntese – Uma Visão Geral Da Obra

Estudo apresentado no VI Congresso Pietro Ubaldi, em Belo Horizonte, em 2001

APRESENTAÇÃO

A Grande Síntese é o “Evangelho da Ciência”, uma das mais importantes revelações para os nossos tempos, dando prosseguimento a todas as outras que nos chegaram por diversas vezes, em diversos cantos do planeta.

Escrita na linguagem do homem moderno, consegue tecer com ela um poema sinfônico de conceitos e harmonias que nos encanta a fria razão, filha do cientificismo do século vinte.

“Realizei o trabalho ingrato de restringir a grandiosa beleza do universo em termos de restrita racionalidade”.

PREPARANDO-NOS PARA O FUTURO

“Quando tiverdes visto o futuro, compreendereis a minha síntese em profundidade e a enquadrareis na história do mundo”.

“Falei ao mundo, a todos os povos, disse a verdade universal, verdadeira em todos os lugares e em todos os tempos. Valorizei o homem e a vida, dele fazendo uma construção eterna, através de todos os campos, até os mais disparatados.”

“Tudo fiz convergir para a unidade; de todo vosso disperso conhecimento humano, fiz um estreito monismo. Nesta síntese, ciência, filosofia e fé são uma só coisa. Tornei a dar-vos a paixão do bem e do infinito. A tudo o que vossa vida possa abraçar, dei uma meta: arte, direito, ética, luta, conhecimento, dor, tudo canalizei e fundi no mesmo caminho das ascensões humanas”.

FAROL DA NOVA ERA

“O homem conquistou o poder fora de si, o domínio da terra. Agora tem que conquistar o poder dentro de si, o domínio do espírito.”

“A descoberta da realidade do espírito é a maior descoberta científica que vos aguarda e revolucionará o mundo, iniciando uma nova era”.

HOMENS ILUSTRES QUE OPINARAM SOBRE A OBRA

Muitos outros seareiros da Ciência, Filosofia e Religião enalteceram esta obra monumental, entre eles:

Monteiro Lobato se refere a ela como o SEU LIVRO, a casa definitiva onde acomodar os seus sonhos.

Albert Einstein reconheceu a admirável força da linguagem e a vastidão dos assuntos tratados nela tratados.

Carlos Torres Pastorino se manifestou dizendo que ela merece ser encadernada junto com o Novo Testamento, por lhe dar perfeita seqüência.

Rubens Romanelli reconheceu sua origem supranormal.

Clóvis Tavares lhe destinou ser o código para a humanidade de amanhã.

E Emmanuel, através da mediunidade de Chico Xavier, a caracterizou como o Evangelho da ciência, reconhecendo nela a voz do Cristo que nos fala novamente.

O AUTOR NO PLANO DO ESPÍRITO

Referindo-se ao autor espiritual da obra, assim se expressou Ubaldi:

“Chamei assim a essa fonte de pensamento, de vontade, de ação e de afeto, que me inundava todo; chamei-a assim, como sinceridade e simplicidade, incapaz de definir melhor, para dizer: a voz daquele que ouço. Ela mesma dizia-me naquela sua linguagem: “não pergunte o meu nome, não procure individualizar-me. Não o poderia, ninguém o poderia; não tentes hipóteses inúteis”. Estudiosos do assunto acreditam que se trata da voz do próprio Cristo, enquanto outros admitem que seja de fato a voz do Mestre, porém veiculada por Francisco de Assis.

HISTÓRIA

A Grande Síntese foi prenunciada por “Sua Voz” na “Mensagem do Perdão”, escrita em 2 de agosto de 1932 que assim dizia: “que a religião, que é revelação minha e a ciência, que é o vosso esforço e todas as vossas intuições pessoais se unam estreitamente numa grande síntese, e seja esta uma síntese de verdade”.

Sentindo-se envolvido pelas correntes de pensamento de “Sua Voz”, assim se expressou Ubaldi:

“Em mim nasceu um impulso gigantesco: retomar a idéia base das Mensagens e desenvolvê-la em profundidade. Essa idéia me domina, me entusiasma e lanço-me ao trabalho sem plano algum, sem refletir; ai de mim se tivesse refletido e compreendido o que devia fazer: teria ficado esmagado. “Sua voz” mandava e me guiava. E eu estava calado. Minha natureza apaixonada pelo Cristo, por Seu Amor, transformara-se em grande máquina de pensamento que abarca todo o saber humano e o supera. Sucedendo à expressão do sentimento utiliza agora a cortante linguagem da ciência, abrindo-me uma visão imensa do infinito. Falo agora ao mundo científico, filosófico e religioso. Não preciso saber tudo, pois “Sua voz” me orienta e eu caminho seguro”.

No verão de 1932 seu espírito foi sacudido por uma tempestade de sublimes revelações e começou a escrevê-la, na Torre da Tenuta Santo Antônio, em Colle Umberto, na Perúgia, Itália, no mesmo lugar onde recebeu a "Mensagem do Perdão".

Nos três verões seguintes ele a continuou, terminando em 23 de agosto de 1935, às 23:00 horas, enquanto ainda reinava a paz na face da Terra, completando 100 capítulos, todos escritos à noite, até altas horas da madrugada.

Datilografou os primeiros capítulos e os enviou à revista Ali del Pensiero, que iniciou sua publicação no começo do ano seguinte, janeiro de 1933. Vários jornais e revistas de muitos países publicaram aqueles primeiros capítulos e ficaram

aguardando a continuação, prometida por “Sua Voz” para as próximas férias daquele ano. Aqui no Brasil, foi publicada pelo Correio da Manhã, do Rio de Janeiro. Na Argentina, pela revista Constancia, de Buenos Aires que a publicou integralmente.

A primeira edição foi publicada na Itália, em 1937 e na Argentina, no mesmo ano. No Brasil em 1939, traduzida por Guillon Ribeiro.

Em 8 de novembro de 1939 a igreja Católica não somente proibiu a sua leitura como impediu à imprensa de sua divulgação e os jornais da Itália fecharam-lhe as portas. Um dos motivos que a Madre Igreja alegava era o fato do autor ter-se revelado reencarnacionista. O livro condenado contudo já iniciara sua trajetória, continuando sendo lido e publicado no exterior pelos espíritas e espiritualistas, em geral.

Em 1964 foi criado o Grupo Editorial Monismo que passou a editar a obra em nosso país. Em 1971 foi também publicada pela editora LAKE de S. Paulo, que já havia lançado outros livros escritos na Itália. Atualmente é editada e distribuída pelo Instituto Pietro Ubaldí e já está na sua vigésima edição.

ESTRUTURA GERAL DA OBRA

É o único livro de Ubaldí escrito com o pronome na primeira pessoa do singular. Os primeiros capítulos são ligados à ciência e os demais à filosofia e à religião. Mostra a evolução do homem, passando pelos reinos mineral, vegetal e animal, chegando a um tipo de ser angélico, condição que a obra denomina de Super-homem do Evangelho.

Coloca a Evolução como base de toda a fenomenologia universal. Não a evolução das formas como a viu Darwin, mas como o progredir uma essência que conduz a vida, o espírito. Identifica, contudo, não uma evolução retilínea, mas é um movimento alternado por contínuos de retornos involutivos. Evolução esta que não poderia verificar-se sem a reencarnação, que corresponde ao princípio de expansão e de contração dos ciclos evolutivos, condição da lei de equilíbrio e consequência do princípio de indestrutibilidade e transformismo da Substância. E finalmente concebe a evolução como um movimento de redenção da alma, tema que somente se tornará claro com a surpreendente visão revelada na obra Deus e Universo.

A Grande Síntese nos guia a uma viagem insólita, a jornada do espírito, tema central de seu desenvolvimento. Conduzindo-nos no estudo do funcionamento orgânico do Universo, caminha da periferia, à matéria, ao centro, onde está o Absoluto, tudo levando a esta síntese máxima. Anda por aproximações gradativas e retornos periódicos de conceitos, que paulatinamente amadurecem e nos elevam. Esta jornada do espírito é a viagem de regresso ao princípio, da criatura que volta ao seu Criador, o centro do Universo.

DO MONOTEÍSMO AO MONISMO

Um dos temas fundamentais da obra é a unidade, princípio máximo da criação, expressando-se como uma Lei única, que tudo dirige e que explica todos os fenômenos. A este conceito central a Grande Síntese chama monismo.

Caminhamos do politeísmo ao monoteísmo, onde definimos um Deus único, porém ainda um deus antropomórfico e fora da criação. Com a Grande Síntese passamos do monoteísmo ao monismo, isto é a um conceito de um Deus que é a criação, formando uma unidade com o ser.

Ela prepara o homem para as aquisições evolutivas que se destinam a transformá-lo em um ser angélico. Nesse sentido assim se expressa “Sua Voz”:

“Minha palavra não vem para destruir as verdades existentes, mas para repeti-las de uma maneira mais persuasiva e mais adaptada às vossas mentes modernas. Sois inteligências amadurecidas que já podem suportar visões mais vastas”.

“Não venho combater religião alguma, no entanto coloco no mais alto posto na Terra a revelação e a religião do Cristo”.

A QUEM ESTÁ DIRIGIDA A OBRA?

Para se lê-la com proveito é preciso que se tenha um mínimo de conhecimentos no campo do espírito, como a aceitação da reencarnação e já ter pronta a crença no espírito. Entretanto, se o leitor se deixar conduzir pela irretorquível lógica do texto, poderá da mesma forma adquirir estes quesitos fundamentais. Espíritas e espiritualistas encontram sempre mais facilidade em seu estudo, por terem já amadurecido estas questões.

“Aqueles que absolutamente não sentem essas coisas, os imaturos, ponham-se de lado, tornem a chafurdarem-se na lama de suas baixas aspirações e não peçam o conhecimento, precioso prêmio concedido apenas a quem duramente o mereceu”.

Por que começar a leitura de Ubaldí pela Grande Síntese? É o próprio autor quem responde: “o melhor caminho para o leitor entender a obra é seguir o mesmo que eu segui, isto é, realizar o seu amadurecimento paralelo àquele que eu realizei, isto porque a obra não é literatura ou trabalho somente de cultura, mas é uma escola de transformação evolutiva, cujo objetivo não é uma exibição de sabedoria, mas uma subida para um plano biológico mais elevado”.

Excitando-nos à caminhada, nos diz “Sua Voz”:

“Não digais: felizes os que podem viver sem saber e sem perguntar. Dizei antes: felizes aqueles cujo espírito jamais se sacia de conhecimento e de bem, que lutam e sofrem por uma conquista cada vez mais alta. Lamentai os satisfeitos da vida, os inertes, os apagados; o tempo deles é apenas ritmo de vida física e transcorre sem criações. Eles recusam o esforço destas elevadas compreensões que vos ofereço e não existe luz no amanhã para o espírito que adormece”.

“Então vos falo. Falo num tom de paixão, para as almas prontas e ardentes; em tom de sabedoria para quem é mais apto a responder às vibrações intelectivas. A todos falo, porque quero sacudir e unir todos em uma fê mais alta, numa verdade mais profunda. Aqui, dirigindo-me à mente, convoco todos à colheita: químicos e filósofos, teólogos e médicos, astrônomos e matemáticos, juristas e sociólogos, economistas e pensadores, os sábios em todos os campos do cognoscível humano, a cada um falo sua própria linguagem; convoco à colheita as mentes mais elevadas, que dirigem o pensamento

humano, para compreenderem esta Síntese e saberem, finalmente alcançar, com ela, um pensamento unitário que resolva tudo e o diga à mente e ao coração, para os supremos fins da vida”.

Basta uma “pureza de ânimo e sinceridade de intenções e então sentireis em minhas palavras a Verdade.”

E como apressar esta aquisição? “Purificai moralmente e refinai a sensibilidade do instrumento de pesquisa, que sois vós mesmos, e só então podereis ver”.

“A ciência ri de tudo isto, e por este motivo está limitada a produzir apenas comodidades, sem jamais acender a chama da sabedoria em nossa alma”.

Mesmo estudiosos materialistas, porém em busca de algo que lhes preencha o vazio da alma, podem encontrar nela o consolo que a fria ciência não lhes proporcionou, por isso pode é boa indicação para aquele que, mesmo se julgando sábio, jamais entrou em contato com as realidades do espírito. Teólogos, crentes das mais diversas religiões, desde que se desvinculem de seus dogmas, poderão encontrar nela o consolo que almejam, sem que isso afete suas crenças exteriores. Estudiosos que se interessam por estudos filosóficos encontrarão também nela preciosos ensinamentos e fonte segura para suscitar-lhes ricas meditações.

Sendo uma obra de revelação, crer na possibilidade da via intuitiva como fonte segura de conhecimentos para o homem é de bom alvitre a fim de não se deter em dúvidas desnecessárias.

A palavra poética, mas incisiva com que está escrita, usando a mesma linguagem racional dos tempos modernos a torna especialmente apta aos homens de ciência que acreditam sobretudo na razão para a solução de todos os problemas da criação e precisam de uma mensagem forte que os convença da realidade do espírito, usando o mesmo idioma com que estão habituados.

LIVROS QUE COMPLETAM O SEU ESTUDO

Em NOÚRES Ubaldi explica a técnica de sua recepção. Em A NOVA CIVILIZAÇÃO DO TERCEIRO MILÊNIO estuda alguns importantes capítulos de A Grande Síntese. Em PROBLEMAS DO FUTURO aprofunda o estudo da parte abstrata e científica da obra básica.

A visão da Grande Síntese se completa de fato em DEUS E UNIVERSO, síntese máxima e indispensável para se compreendê-la em sua totalidade, especialmente o cap. VIII, dedicado a esclarecer alguns de seus temas mais difíceis: do menos ao mais infinito. Vale a pena reler a Grande Síntese depois da leitura atenta desta obra.

Ubaldi assim definiu os pilares de sua obra filosófico-ético-teológico-científica: A Grande Síntese, Deus e Universo, O Sistema e Queda e Salvação.

TEMAS ATUAIS DA GRANDE SÍNTESE

Os temas tratados na Grande Síntese abrangem todas as áreas do conhecimento humano atual, suscitando ainda questões para as quais ainda não estamos amadurecidos. Apresentaremos apenas alguns exemplos para que o iniciando alcance a compreensão da imensa abrangência de suas abordagens, preparadas para solucionar os grandes questionamentos que o homem moderno tem inquirido à vida e suas Leis, sem encontrar ainda respostas coerentes.

CONCEITO DE UNIDADE

O universo está sendo a cada dia mais visto como uma unidade que conhece suas finalidades e que se constrói segundo propósito que desconhecemos. A quantidade de matéria, os valores das forças fundamentais do universo, a taxa de expansão do cosmos, valores que foram determinados quando o universo nasceu, previram as exatas necessidades futuras da vida que se desenvolveria. O cosmos se desagregaria e o existir seria impossível se a carga elétrica do próton e do elétron não se combinassem perfeitamente. Como eles se determinaram seus exatos valores? E se o nêutron não fosse mais pesado do que o próton e na exata proporção do que é, o Universo não se sustentaria e nada seria possível existir. Há uma nítida sintonia entre o Universo físico, o biológico e espiritual e somente a Grande Síntese nos foi capaz de explicar isso.

Stephen Hawking nos afirma: “tenho a esperança de que ainda vamos encontrar um modelo coerente que descreva tudo no Universo. Se o fizermos, será um verdadeiro triunfo para a humanidade.” A Grande Síntese é a resposta para este seu anseio, com toda a certeza, pois ela nos remete para esta tão afanosa Unidade. A busca das grandes teorias unificadas da física terminará seguramente como nos prevê a “Sua Voz”. Ouçamo-la: “Em seu aspecto conceptual, o universo é um organismo, organismo de formas, organismos de forças, organismo de leis.

“Como estrutura, o universo é um organismo, ou seja, um todo, composto de partes, não reunidas ao acaso, mas com ordem e proporção recíproca; mesmo que momentaneamente e excepcionalmente possa ocorrer o contrário, sempre se correspondem entre si, como é necessário num organismo cujas partes, ao funcionarem, devem coordenar-se num objetivo único.”

Como conseqüência da Lei de “Unidade de funcionamento” poderá nos orientar nas descoberta dos princípios que regem todos os fenômenos criação:

“O Universo é organismo monístico que funciona num princípio único.

“Um fato nos ajudará: o universo é regido por um princípio único. Já afirmei que o Universo não é nem caos nem acaso, mas suprema ordem: a Lei.

“Utilizai este conceito monístico que vos trago — da unidade de princípio de todo o universo - não apenas no campo moral, mas também no científico; encontrais este princípio de analogia que existe em todas as coisas e ele infalivelmente vos guiará, permitindo-vos determinar a priori, antes da observação e da experiência, o desconhecido e defini-lo, descobri-lo e conhecê-lo.”

E, concluiremos que não se pode viver fora da unidade, onde somente nos encontraremos com o Todo-Uno-Deus:

“Não será mais lícito, racionalmente, ao homem, isolar-se em seu egoísmo, indiferente ou agressivo, pois tudo é organismo, também a coletividade, esta não pode ser senão um organismo.”

CONCEITO DE TRINDADE UNIVERSAL

Conceito tão antigo quanto o pensamento cristão, ressalta renovado e revigorado das páginas da Grande Síntese:

“Assim, a equação da substância sintetiza o conceito da Trindade, isto é, da Divindade una e trina, que já vos foi revelado sob o véu do mistério, e encontrais nas religiões”.

PRINCÍPIO ANTRÓPICO

Ervin Laszlo, em seu livro *Conexão Cósmica*, interroga: “Será que os enigmas da vida e aqueles do Big-Bang estão inter-relacionados?... Que se soubéssemos mais sobre as condições sob as quais nosso Universo nasceu, poderíamos também, descobrir por que suas constantes são tão precisamente sintonizadas com a evolução da vida?”

Definiu-se assim o princípio antrópico – “o Universo é como é somente porque existimos e o observamos.” Ou seja, ele existe porque traz em si a finalidade de construir a vida e despertar em seu seio a consciência, que depois irá interrogá-lo.

A Grande Síntese tem a resposta:

“Vosso universo caminha visivelmente de um estado de caos (...) para um estágio final de ordem, ou seja, de equilíbrio e coordenação de forças. Aquela é a fase de preparação e esta o ambiente em que nasceu a vida.”

“Os fenômenos são sempre dirigidos por uma causa determinante e com uma finalidade elevada e longínqua a atingir.”

“Vede que tudo o que existe provém de um princípio que age sempre, não de fora para dentro, mas de dentro para fora, princípio oculto no íntimo mistério do ser, que aparece como sua manifestação e expressão.”

INTERCONEXÃO

Segundo os conceitos mais modernos da física as partículas atômicas existem como interconexões que se sustentam nas próprias relações que estabelecem entre si, únicas possibilidades para suas existências. Na Grande Síntese encontramos:

“A unidade de conceito diretivo liga todos os fenômenos numa indissolúvel solidariedade, tornando todos os seres irmãos entre si. Lançai-vos e fundi-vos nessa unidade e vos tornareis imensos.

“Tudo está intervencido na criação e repete os mesmos princípios.”

A NATUREZA DA MATÉRIA

A ciência, desesperada, necessita de um substrato para a composição última da matéria, diante do estranho paradoxo de que ela não admite um último termo que a sustente. Uma necessidade inerente da lógica nos diz que de alguma tudo tem que ser feito.

A Grande Síntese resolve de modo surpreendente o enigma com o avançado conceito de unicismo da Substância, fecundando-nos o pensamento com a concepção de uma unidade na criação, um elemento último que forma tudo que se conhece, seja a matéria, a energia ou o espírito. Princípio que corresponde perfeitamente ao “quid” de que nos fala Capra e o que poderia ser o substrato das super-cordas das teorias modernas da constituição da matéria. Na equação da Substância e no respiro do Universo nos extasiaremos com conceitos profundamente belos, satisfazendo-nos até onde nos permita o acanhado intelecto alcançar: “Chamei àquela fórmula, a grande equação da substância, porque exprime as várias formas que a substância assume, embora sempre permanecendo idêntica a si mesma.”

TEORIA DAS SUPERCORDAS

Gabriel Veneziano em 1960 sugeriu que quando as partículas elementares eram organizadas pela ordem de suas massas, elas formavam um padrão semelhante àquele das notas ou ressonâncias. Outros físicos posteriormente se encontraram com a idéia de que essas ressonância poderiam ser produzidas por minúsculas cordas do tamanho de partículas, que se distinguiram em seus diversos tipos pelo grau de vibração a que estão subordinadas. A Grande Síntese no entanto já havia desenvolvido o mesmo princípio ao estabelecer o gráfico das relações entre a massa atômica e seus volumes, determinando o comportamento de retornos periódicos em oitavas, sugerindo-nos que a matéria se comporta como um padrão vibratório, não sendo nada mais do que expressão de ondas de energias, coaguladas e fechadas em limitado campo de manifestação. A idéia da moderna teoria das supercordas estava lançada e poderá ser melhor entendida se auxiliada pelo conceito de “Substância” desenvolvido na Grande Síntese:

“O universo é um movimento contínuo. Movimento significa trajetória; trajetória significa um objetivo a atingir. Na realidade, o aspecto dinâmico se funde com o estático.

“A matéria se desmaterializa, desagrega-se e expande-se em forma de energia, vontade, movimento; é um tornar-se, que por meio das experiências de infinitas vidas, reconstrói a consciência ou espírito. Aqui, o ponto de partida é a matéria, e o ponto de chegada é o espírito. Assim, a espiral, que antes era aberta, agora se fecha; a pulsação de regresso completa o ciclo iniciado pelo de ida”.

A ENERGIA ATÔMICA

Escrita em 1932, a Grande Síntese antecipava a utilização da energia nuclear, ao nos afirmar:

“Estas simples indicações já esboçam a solução de muitos problemas científicos, como o da constituição da matéria, ou como o da possibilidade de, por desagregação, extrair dela, como de imenso reservatório, a energia, que não seria senão a energia atômica que procura passagem para si, existe, e a encontrareis”.

ESTEQUIOGÊNESE A PARTIR DO HIDROGÊNIO

William Fowler ganhou o prêmio Nobel de Física em 1983, por demonstrar que do hidrogênio se originaram os outros 91 elementos encontrados na natureza. A Grande Síntese ao estudar com detalhes a evolução da matéria na série

estequiogenética, nos mostra exatamente como os elementos evoluíram do hidrogênio ao mais pesados, os radioativos, onde a matéria se desagrega e morre.

“Das 92 espécies de átomos, o hidrogênio é o mais simples, por ser composto de um núcleo e de um só elétron, que lhe gira em torno. Ele é quimicamente indecomponível. Tirai aquele único elétron ao núcleo e tereis o éter, a substância-mãe do hidrogênio. Então o éter é composto apenas de núcleos sem elétrons; a passagem do éter ao H e, sucessivamente, a todos os corpos da série estequiogenética ocorre pela abertura progressiva do sistema espiralóide. No princípio, na passagem do éter ao H, temos a abertura do sistema do núcleo, com saída de um só elétron, depois, de dois, três, até 92.”

UNIVERSO EM EXPANSÃO E O BIG-BANG

Estes conceitos, ainda incipientes, quando a Grande Síntese foi escrita, já estavam delineados em seus conceitos, que encontraram desenvolvimento completo nas obras Deus e Universo e O Sistema:

“Vosso universo caminha visivelmente de um estado de caos — apenas a fase tensão da primeira explosão dinâmica — para um estágio final de ordem, ou seja, de equilíbrio e coordenação de forças. Aquela é a fase de preparação e esta o ambiente em que nasceu a vida.

“Viveis na fase da expansão dinâmica. A marcha do universo no sentido oposto já aconteceu. Vosso período é evolutivo, ascensional.

“Vosso universo físico move-se todo em velocidade vertiginosa, em relação a outros longínquos universos semelhantes, a fim de fazer parte, com eles, de sistemas ainda maiores. Que isto não vos surpreenda.”

OS LIMITES DO UNIVERSO

O Universo não é infinito – Revista Veja de 08 de julho de 1998 – “Graças a telescópios capazes de enxergar estrelas 1 bilhão de vezes menos brilhante do que as descobertas pela arcaica luneta de Galileu, estão nascendo entre os cientistas novas idéias, tão revolucionárias quanto as que outrora poderiam ter levado á fogueira o gênio italiano. Ao contrário do que se pensava, o Universo pode não ser infinito. **Já é possível calcular sua idade com razoável precisão, teria 13 bilhões de anos, segundo os cálculos mais aceitos pela comunidade científica. Se ele teve começo, pensam os cientistas, então deverá ter também um fim**”. **Como nos é possível compreender isso?** (Grifei- J.O.)

A Grande Síntese esclarece-nos de forma magistral os limites do universo no conceito atualíssimo da evolução das dimensões:

“No sentido espacial, vosso universo estelar, considerado isoladamente, é um sistema finito; é imenso, mas pode ser medido; e tudo que se pode medir é finito”.

“Agora podeis compreender o que é e como ocorre a gênese do espaço e do tempo e o seu término. Tudo o que nasce, tem de morrer, isto é, tudo o que teve princípio, tem de ter fim.”

PADRÃO DE AUTO-ORGANIZAÇÃO

Atualmente os pensadores mais adiantados já consideram que todo ser vivo é resultado de padrão de auto-organização não material que o anima e o mantém organizado, segundo uma orientação própria, tornando-o uma unidade coerente consigo mesmo e com as finalidades na vida. Conceito também chamado de princípio de auto-elaboração, que adiantados pensadores afirmam tratar-se de um campo quântico psíquico. Esta surpreendente idéia que antecipa a descoberta de um espírito gerindo a carne, está perfeitamente antecipada pela Grande Síntese, que o denomina psiquismo diretor:

“O psiquismo físico, que é o menor psiquismo da substância. Os cristais são sociedades moleculares, verdadeiros povos organizados e regidos por um princípio de orientação matematicamente exato; nesse princípio reside o citado psiquismo.”

A EVOLUÇÃO COMO UM MOVIMENTO ORIENTADO

Ervin Laszlo nos afirma em seu livro, Conexão Cósmica, que “a evolução não se processa ao acaso mas, como os registros fósseis mostram, se move numa direção escolhida”. Isto tem levando muitos pesquisadores a admitirem a existência de fatores extra genéticos para a orientação da forma, além dos já conhecidos elementos genéticos. A miopia materialista suspeita que complexas proteínas produzidas pelo útero materno, poderiam ser as responsáveis pelos padrões morfosomáticos, e já se aventa a hipótese de se desenvolver um “projeto proteinoma” para lhe desvendar os fantásticos mistérios. Na Grande Síntese temos solução simples e lógica para a complexidade da profícua “indústria” biológica em atuação na vida:

“Essa evolução, cujo maravilhoso caminho estamos observando, é produzida, em seu aspecto conceptual, por uma transformação de princípios e de leis. As formas do ser, como as encontrais em todos os níveis são simplesmente a expressão desse pensamento em contínua ascensão.

“É absurdo conceber que a evolução não possua finalidade nem continuação. Em seu conceito mais profundo, a evolução é a libertação do princípio cinético da Substância.”

“É preciso enfrentar objetivamente o psiquismo da vida, a parte mais ignorada e negligenciada por vós, tomando-o como critério nas classificações e o fio condutor da evolução da espécie.

“Vedes sintetizada na vida a mais alta sabedoria da natureza. Como seria possível que fenômenos reveladores de tão profunda inteligência e sabedoria, diante das quais a vossa se desorienta, tivessem acontecido assim, irracionalmente, e fossem filhos do acaso? Como a ciência lógica e racional pôde ser tão vergonhosamente míope, a ponto de não perceber o grande conceito que transborda sobre todos os fenômenos da vida e sua finalidade superior, que tudo explica e dirige?”

VISÃO ORGÂNICA DA SOCIEDADE

Orientada pela lei social do Evangelho, a Grande Síntese nos mostra o caminho a seguir na construção de uma sociedade organizada que proporcione a todos o conforto e o bem-estar necessário:

“Como os fenômenos da vida são fenômenos psíquicos, assim os fenômenos sociais são fenômenos biológicos. A sociedade humana é um organismo, tanto quanto são organismos as sociedades animais, todas igualmente sustentadas por leis e equilíbrios exatos, como são organismos os organismos animais.

“Minha concepção de Estado apóia-se em bases estritamente biológicas.

“Os princípios do Evangelho organizam o mundo e criam as civilizações; os princípios que viveis desagregam tudo e desperdiçam-se em atritos inúteis; por onde passa o Evangelho e seu amor, nasce uma flor; por onde passais vós, morrem todas as flores e nasce um espinho. O Evangelho é lei paradisíaca transplantada no inferno terrestre.

“Imaginai a força de um povo que se tornou organismo! Acredita-se sempre somente nas mudanças de sistemas e não se vê que a substância que decide é a maturação do homem.”

O PROBLEMA ECONÔMICO

Todos os problemas encontram solução coerente nos ricos conceitos desenvolvidos na Grande Síntese, não só no campo científico, mas sobretudo moral e social. Até mesmo os entraves das relações econômicas encontram equilíbrio ao estabelecerem o padrão de comportamento apregoado por “Sua voz”:

“Compete ao Estado intervir e corrigir, introduzindo um mínimo ético cada vez mais alto, no fenômeno econômico, dirigindo de dentro e de fora, o árduo equilíbrio das permutas para um regime de colaboração, que não é apenas compensação, mas compressão de egoísmos; não apenas coordenação, mas fusão num organismo econômico universal. Uma ciência econômica diferente da atual que suporta a Lei, mas consciente dela, não deve surgir de bases hedonísticas, mas colaboracionistas porque, numa sociedade mais adiantada, a fase ética e utilitária é cooperação; esta é a revolução econômica fundamental que, neste campo, exprime vossa atual maturação biológica. Infelizmente, os sistemas que hodiernamente dominam no mundo levam a uma seleção às avessas, a do mais astuto e desonesto, enquanto o honesto é eliminado.

“À força de crises, de derrocadas, de desastres financeiros o mundo aprenderá que o negócio mais estável, mais sábio, mais lucrativo é a honestidade; que a posição mais utilitária é a que leva em conta o interesse de todos, a que se funde e não se isola no organismo coletivo econômico. Estas são as leis da vida e não constituem utopias.”

EVOLUÇÃO DO DIREITO

Quando o homem conceber que há um direito inseridos na Lei que o governa desde o âmago das reações que lhe constituem o interior, o exercício da justiça em nosso mundo será renovada por valores eternos. Eis como a Grande Síntese nos expõe a questão com sabedoria:

“A evolução da força para o direito e a justiça é também evolução de egoísmo em altruísmo.

“O regulamento jurídico das futuras sociedades humanas será baseado nos princípios científicos, deduzidos das grandes leis cósmicas; harmonizar-se-á como ordem menor, em admirável compenetração de liberdade e necessidade, de dinamismo individualista e coordenação nos fins coletivos, dentro dessa ordem suprema.”

A DISTRIBUIÇÃO DA RIQUEZA E O NIVELAMENTO ECONÔMICO

Nossos conceitos de propriedade e riqueza são esclarecidos de forma definitiva pela Grande Síntese:

“Substituo o vosso conceito de propriedade, meramente jurídico e de superfície, pelo conceito mais profundo de propriedade substancial. Esta é a única que se fundamenta como direito no próprio destino.

“A riqueza indevida traz sofrimento.

“O dinheiro mal ganho é um prego envenenado que se cravará em vossas mãos.”

NO CAMPO DAS CONCLUSÕES

A Grande Síntese nos brinda a alma com toda a beleza do Universo e suas Leis, com conceitos de idéias que nos harmonizam com a criação e dilatam nossa visão para além do restrito mundo da matéria. Com ela aprendemos que a dor é o meio de se alcançar a perfeição. Que o trabalho é ferramenta de aperfeiçoamento e deve ser sempre exercitado. Que a renúncia aos valores do passado é imperiosa necessidade para a conquista de novas virtudes. Que a justiça divina atua inexoravelmente mediante responsabilidades individuais. E que o Evangelho é código de construção do homem do futuro. Temos em mãos, portanto um verdadeiro manual para a vida, roteiro seguro para nossa evolução.

Sem dúvida, a sua leitura atenta é capaz de nos tornar um pouco melhores e afinar-nos com as correntes de pensamentos que, trafegando do alto, nos convidam à ascensão permanente.

Depois de lê-la, medita-la e, sobretudo, estudá-la com afinco, nossa sede estará momentaneamente saciada e suave deleite se deitará em nosso íntimo embora uma febre de ascensão nos espicace todos os sentidos, fecundados de verdadeira paixão pelo Infinito.

Da dor faremos uma amiga e conheceremos a melhor maneira de utilizá-la em nosso benefício. Uma visão fecunda e sintética do Universo e da criação nos encantarà a alma num deleite de harmonias. Embalados pelos conceitos harmoniosos de ciência e de amor, unidos e coesos com a criação e sua Grande Lei, aprenderemos que uma forma de consciência se esconde por trás de todos os fenômenos, consciência que é nossa irmã e a quem devemos respeito e, sobretudo, amor. E isso nos fará irmãos de tudo e de todos, imbuindo-nos da mais pura paixão pelo bem e pelo infinito.

As portas do Infinito se abrem. Não poderemos mais parar. Um anseio pelo belo, pelo perfeito e pelo Eterno acossará nossas almas, pois saberemos que somos feitos de Infinito e somente sossegaremos enquanto buscarmos o Infinito. Nossas acanhadas mentes se dilatarão, desejando agora divisar os ilimitados horizontes do Absoluto. E, consolados, aprenderemos que o Universo é imenso organismo, regido por leis perfeitas, mas sobretudo, sustentado pelo Amor, seu princípio soberano.

A Voz da Síntese e da Unidade continuará redundando no imo de nossas almas, para nos restituir o lugar de cidadãos do Universo e Filhos do Eterno. Com a lógica da ciência reconstruirá nossa fé desgastada pelo racionalismo frio do materialismo, tornando-a poderosa. Nossa consciência agora tem novo impulso para dilatar-se rumo à Consciência Cósmica.

Agraciados com um conceito de Divindade que nos leva ao mais profundo amor pelo Nosso Pai, compreenderemos que Ele é Lei, é Amor, é Coesão, é Fundamento e, sobretudo que não está distante porém é UNO conosco e se encontra ao nosso lado, suplicando por um amplexo de paixão .

Certos de que as verdades são progressivas e todas traduzem uma parcela da Verdade Maior que somente as grandes almas podem açambarcar na totalidade, não mais imporemos nossa acanhada visão da realidade a quem quer que seja e todos serão bem-vindos ao mundo de conceitos no qual navegamos. Nossas doentias rivalidades intelectuais se acalmarão e apoiados uns nos outros cresceremos juntos, amando-nos verdadeiramente como irmãos.

Voz de consolo, profunda e misteriosa, continuará sufocando-nos de verdadeira paixão, sem jamais abandonar os recessos do espírito onde ecoará: “Não vos rebelleis, mas aceitai todo o trabalho que vosso destino vos oferece (...) Não procureis alhures grandiosos heroísmos (...) Jamais se sofre em vão, pois a dor esculpe a alma (...) Nunca sereis onerados acima de vossas forças (...) Tende fé, ainda que o céu esteja negro, o horizonte fechado e tudo pareça acabado, estará sempre a espera uma força que vos fará ressurgir (...) Mesmo quando dormis ou ignorais, o destino vela, sabe e prepara o vosso amanhã. (...) Ai de quem desperdiçar o seu tempo e não fizer de sua vida uma missão! (...) Não temais a morte que vos liberta (...) tudo é indestrutível.” E seu alento ainda será para aquele que sofre: “esse é grande na Terra, porque regressa a Deus. Destruí a dor e destruireis a vos mesmos.

Seguramente, depois de fecundar-nos de júbilos espirituais, continuará a nos acalentar com a força capaz de remover as mais profundas dores de nosso destino e nos tornar amantes do bem. Embalar-nos-á com suas doces melodias de conceitos e verdades.

Cantemos nossa gratidão a esta voz do infinito que se dignou descer dos páramos celeste e para aquele que a transmitiu, com o único propósito de nos auxiliar na libertação das seculares algemas que nos retém no lodaçal da involução humana e nos devolver a felicidade dos céus.

Em síntese, esta Síntese Imensa que se faz Grande, é para nós a síntese da Lei, a síntese da Verdade, a síntese da Divindade. Sigamos esta Síntese, tornando Grande o nosso espírito, nesta poderosa luz que alumia nossa jornada.

Faço das palavras de Ubaldi nossa expressão para encerrar este pequeno trabalho:

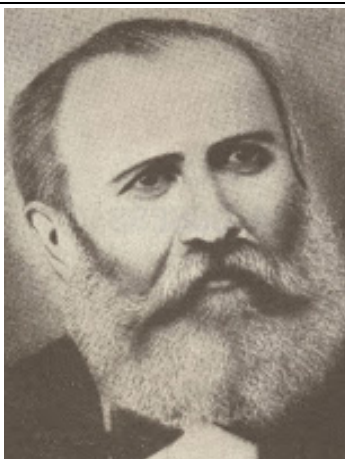
“Faze que esta visão nos ajude a dissipar a nossa arrogância e, iluminando-nos, impulsione-nos pelas vias do bem, para nossa salvação. Faze que o nosso mundo se reconstrua cada vez mais, do caos à ordem, da separação à união, da guerra à paz, do ódio ao Amor.”

Gilson Freire - Belo Horizonte, agosto de 2001

BIBLIOGRAFIA

1. AMARAL, JOSÉ – Pietro Ubaldi e o Terceiro Milênio – Instituto Pietro Ubaldi
2. LASZLO, ERVIN – Conexão Cósmica – Editora Vozes
3. UBALDI, PIETRO – A Grande Síntese – Instituto Pietro Ubaldi -(Reformatado por mim)

* * *



Bezerra de Menezes



Joaquim Carlos Travassos



Antonio Luiz Sayão

73 – A MISSÃO DE BEZERRA DE MENEZES - LUIZ MONTORFANO

in ‘Reformador’ (FEB) Dezembro 1978

Blog do Aron, um espírita - segunda-feira, 7 de outubro de 2013

Comentando o primeiro capítulo do Evangelho de João, especialmente os versículos 1 e 2, os Espíritos dos Evangelistas, assistidos pelos dos Apóstolos e Moisés (1), assim se expressam com relação ao desdobramento do plano divino de recuperação e educação da humanidade terrena e ao desenvolvimento e progressividade das revelações, sempre de acordo com o avanço da inteligência e o apuro moral:

(1) J.-B. Roustaing, "Os Quatro Evangelhos", volume IV.

"Se (os homens) comentassem e meditassem seriamente e sem a preocupação de manterem o statu quo veriam com quanta previdência Deus, que tem a presciência e a sabedoria infinita, tudo preparou, dispôs e apropriou, através dos séculos, para dar gradual e progressivamente aos homens o que eles possam ir suportando, para ministrar a cada um o pão cotidiano da inteligência, conforme às suas faculdades e necessidades. Veriam com quanta previdência, para que os homens fossem gradual e progressivamente conduzidos ao conhecimento do Pai, que é ele, e do Filho, que é Jesus-Cristo, Deus tudo preparou, dispôs e apropriou, mediante a revelação hebraica, mediante a que o anjo fez a Maria e a José, conseqüência da primeira, e mediante a obra da missão terrena de Jesus, que os evangelistas registraram, e a da missão dos Apóstolos, uma e outra conseqüentes àquela dupla revelação.

Assim, como condição e meio de efetivar-se o progresso humano, ele tudo dispôs, preparou e apropriou, para que os homens fossem levados àquele conhecimento, desde o passado até os vossos dias, através da era hebraica e da era cristã, sob o império da letra, a capa do mistério, o prestígio do milagre, e, daqui por diante, sob o império do espírito através da era nova, que se inicia, do Cristianismo do Cristo, da era espírita, mediante a revelação incessante e sempre progressiva do Espírito da Verdade, que vos conduzirá aos tempos preditos do segundo advento de Jesus."

Está - assim - claro, através dessa magnífica exposição dos espíritos reveladores, como se desenvolve (e com que solicitude!) o plano divino de evolução da humanidade, atendendo sempre às imperiosas determinações da lei do progresso. As leis sábias e perfeitas, criadas desde toda a eternidade por Deus, atendem gradual e progressivamente a todas as necessidades da vida e do desenvolvimento físico, moral e intelectual de seus filhos.

E para que esse processo de aproveitamento não sofra qualquer solução de continuidade, descem, sempre que imprescindível, os missionários para ajudar e impulsionar o aprimoramento da humanidade. Foi assim que, de conformidade com as determinações superiores e atendendo à promessa de Jesus, o excelso apóstolo Allan Kardec lançava ao público, em Paris, no dia 18 de abril de 1857, "O Livro dos Espíritos", obra fundamental da Doutrina Espírita, o Consolador, dando dessa forma início à era espírita, chamando a atenção do mundo aturdido e desorientado para o grandioso objetivo da vida e descortinando novos e maravilhosos horizontes ao pensamento humano, por encaminhá-lo à conquista do supremo bem: o amor a Deus.

Completando árdua mas gloriosa missão, Allan Kardec, apesar de todas as dificuldades, vencidas por sua abnegação e dedicação à causa de Jesus, consolida o nobre trabalho publicando "O Livro dos Médiuns", em 1861; "O Evangelho segundo o Espiritismo", em 1864; "O Céu e o Inferno", em 1865, e "A Gênese", em 1868.

Em desenvolvimento do plano estabelecido pela Espiritualidade superior e segundo as afirmativas do Anjo Ismael, devotado e luminoso Diretor Espiritual do Brasil, como se lê na obra mediúnica de Humberto de Campos - "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", o Consolador deveria surgir na França, mas seria aqui, no Brasil, que encontraria o meio ambiente propício ao seu florescimento objetivo. Diz Ismael: "Se as verdades novas deverão surgir primeiramente, segundo os imperativos da lei natural, nos centros culturais do Velho Mundo é na Pátria do Evangelho que lhe vamos dar vida, aplicando-as na edificação dos monumentos triunfais do Salvador."

Para confirmar estas revelações de Ismael, com referência à missão do Brasil, relembremos, ainda no livro citado, a exclamação de Jesus quando, em companhia de Ismael e de seus prestimosos auxiliares, visitava o vasto continente sul-americano, diante da exuberante paisagem da terra do Cruzeiro, que seria mais tarde a Pátria brasileira: "Para esta terra maravilhosa e bendita será transplantada a árvore do meu Evangelho de piedade e amor. No seu solo dadivoso e fertilíssimo, todos os povos da Terra aprenderão a lei da fraternidade universal. Sob estes Céus serão entoados os hosanas mais ternos à misericórdia do Pai Celestial."

É evidente, pois, que há longo tempo se processava, sob as vistas de Ismael, a formação da índole generosa e fraterna deste país, hoje consagrado como o mais pacífico do mundo, preparando-o para a grande epopéia do Evangelho. Por isso, ainda nesse encontro espiritual, Jesus reiterava que "as injunções políticas terão nela (na Pátria do Cruzeiro) atividades secundárias, porque, acima de todas as coisas, em seu solo santificado e exuberante estará o sinal da fraternidade universal, unindo todos os espíritos".

Seria, pois, aqui nestas paragens que deveriam medrar e florir as sementes do bem e do amor fraterno, que a Doutrina Espírita, como o Evangelho Redivivo, viria esparzir em nome do Cristo.

O desprendimento do Codificador, em 31 de março de 1869, surpreende e desorienta o meio espírita, não só na França como no resto do mundo, inclusive no Brasil. No entanto, como não surgisse, nessa conjuntura, outro vulto com suficiente condição para assumir o comando do Movimento Espírita e substituir o mestre lionês, podemos admitir que sua missão terrena fora encerrada e gloriosamente cumprida, de acordo com o plano estabelecido pois, do contrário, logo outro missionário o sucederia, como havia declarado certa vez o Espírito da Verdade, afirmando-lhe que "os desígnios de Deus não assentam sobre a cabeça de um homem" ("Obras Póstumas"). Somos, por isso, levados a concluir que, segundo as informações contidas no livro "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", aqui citado, tudo sucedia como que a facilitar a transferência da liderança do Movimento Espírita para a Pátria do Evangelho.

Era intenso, nessa época, o trabalho de Ismael para estabelecer, no Brasil, as condições básicas para que o Consolador pudesse derramar sua influência salvadora, como sublime mensagem do Cristo de Deus, neste orbe angustiado. O grande e valoroso obreiro do Espiritismo no Brasil, Adolfo Bezerra de Menezes - o "Allan Kardec brasileiro" -, já se encontrava entre nós, reencarnado, desde 29 de agosto de 1831.

Funda-se em 1873, a 2 de agosto, o "Grupo Confúcio". Seu lema "Sem caridade não há salvação, sem caridade não há verdadeiro espírita", reflete as mais belas expressões evangélicas; seus serviços mediúnicos espalham curas e benefícios dentro do mais puro sentido cristão. Eram constantes as advertências de Ismael: "o Brasil tem a missão de cristianizar", "o Brasil é a terra do Evangelho", a "terra da Fraternidade". Foi através desse Grupo que recebemos a primeira revelação do nome de Ismael como Guia do Espiritismo no Brasil.

Nessa época, Adolfo Bezerra de Menezes ainda não militava no Espiritismo, mas Joaquim Carlos Travassos, seu particular amigo, Secretário-Geral do referido Grupo e o primeiro tradutor dos livros da Codificação, logo que publicou "O Livro dos Espíritos" apressou-se em oferecer-lhe um exemplar, com carinhosa dedicatória. Assim se refere Bezerra de Menezes a esse memorável episódio: "Deu-mo na cidade e eu morava na Tijuca, a uma hora de viagem de bonde. Embarquei com o livro e, como não tinha distração para a longa viagem, disse comigo: "Ora, adeus. Não hei de ir para o inferno por ler isto." Vale relembra-los que Bezerra, a essa altura, admitia o Catolicismo como sua religião.

E acrescentou, de si para consigo: "Depois, é ridículo confessar-me ignorante desta filosofia, quando tenho estudado todas as escolas filosóficas. Pensando assim, abri o livro e rendi-me a ele, como acontecera com a Bíblia. Lia, mas não encontrava nada que fosse novo para o meu Espírito. Entretanto, tudo aquilo era novo para mim. Eu já tinha lido e ouvido tudo o que se achava em "O Livro dos Espíritos". Preocupei-me seriamente com esse fato maravilhoso e a mim mesmo dizia: "Parece que eu era espírita inconsciente ou, como se dizia vulgarmente, de nascença."

Começara assim a despertar a verdadeira personalidade do querido e ilustre missionário. A leitura tivera a virtude de fazer eclodir de seu subconsciente preciosas reservas e potencialidades espirituais. Enquanto Bezerra de Menezes se preparava, silenciosamente, sob a carinhosa assistência do Alto, para as grandes lutas em prol da difusão do Evangelho, em espírito e verdade, dedicando-se com imenso devotamento ao alívio e à cura de enfermos, como "médico dos pobres", o Grupo Confúcio, a despeito das constantes advertências da Espiritualidade e dos conselhos do próprio Ismael – "Espiritismo com Evangelho, sem o que seria impossível alcançar o sublime objetivo" –, encerrava as suas atividades.

* * *

Extinto o Grupo Confúcio, alguns dos seus componentes organizaram, em 23 de março de 1876, a "Sociedade de Estudos Espíritas "Deus, Cristo e Caridade", elegendo para seu Presidente o conspícuo Bittencourt Sampaio, a quem se veio unir mais tarde Antônio Luiz Sayão. Todavia, sérias divergências surgiram no seio da Sociedade, entre os considerados "místicos" e os chamados "científicos", daí resultando, em 21 de março de 1880, a fundação, pelos primeiros, da Sociedade Espírita Fraternidade, certos de representarem os princípios defendidos por Ismael.

Da Espiritualidade, porém, vinha a inspiração para o encadeamento dos fatos que a História assinala. Augusto Elias da Silva se converteu ao Espiritismo e, apenas decorridos dois anos, decidiu-se a fundar e publicar o órgão evolucionista "Reformador", cujo primeiro número saiu no dia 21 de janeiro de 1883, propondo-se a lutar pela renovação dos costumes. O primeiro artigo espírita de Bezerra de Menezes foi assinado com as iniciais A.M. (Adolfo Menezes, possivelmente), refutando com absoluta serenidade os ataques virulentos dos padres, desferidos com acrimônia dos púlpitos das igrejas contra o Espiritismo nascente, mas em pura perda, como o seu desenvolvimento o comprova.

Nesse ambiente de lutas e apreensões, um grupo constituído por Augusto Elias da Silva, Francisco Raimundo Ewerton Quadros, Francisco Antônio Xavier Pinheiro, Manuel Fernandes Figueira, João Francisco da Silveira Pinto, etc., aprovou, em 27-12-1883, a ideia da fundação de uma entidade nova, com o objetivo de reunir e federar todos os grupos espíritas em torno de um programa de fidelidade aos princípios básicos do Espiritismo codificado por Allan Kardec. Assim sendo, reunidos a 2 de janeiro de 1884, na casa do primeiro, à Rua da Carioca (2) 120, 2º andar, fundaram a Federação Espírita Brasileira, ficando desde logo deliberado que o "Reformador" passaria, de 15 daquele mês em diante, a ser o órgão oficial da Casa. (2) Na época, Rua de São Francisco de Assis.

Bezerra de Menezes manteve-se na expectativa e não tomou parte na fundação da Federação, aguardando o momento de ser convocado para iniciar o seu trabalho apostolar. Esse pormenor destaca a sua ponderação e cuidado, não assumindo atitude definitiva antes que se pudesse convencer de que o empreendimento assentava em bases firmes, prevenindo a reprodução do que acontecera com outras iniciativas, de propósitos elevados, mas de efêmera duração.

A Federação programou desde logo uma série de conferências públicas, sempre muito concorridas; dois anos após, isto é, no dia 16 de agosto de 1886, fez realizar, no salão nobre da Guarda Velha, memorável reunião, com uma assistência aproximada de duas mil pessoas. A certa altura, essa multidão, emocionada, viu e ouviu a impressionante profissão de fé espírita do eminente cidadão, Adolfo Bezerra de Menezes, que todos conheciam e admiravam como católico. A repercussão foi extraordinária, quer na imprensa, quer na sociedade, dado o prestígio e a respeitabilidade do acatado médico, cuja transformação vinha desde quando estudara "O Livro dos Espíritos", analisando-o rigorosamente e meditando sobre os princípios dele constantes. Não era, nem nunca o foi, homem de improvisações. Seguro de si, depois de estudar acuradamente a Doutrina dos Espíritos e de com ela se sentir identificado, falou com firmeza e autoridade. Era a palavra de uma voz autorizada, de uma figura de incontestável prestígio, em redor da qual começariam a girar todos os movimentos de responsabilidade no campo espírita. Era um chefe, um autêntico líder fortalecido por uma educação moral impecável e por uma condição espiritual que se impunha pela pureza do seu comportamento.

Naturalmente, esse fato alvoroçou os meios católicos, a tal ponto que seu irmão, Dr. Manoel Soares da Silva Bezerra, católico praticante, lhe escreveu uma longa carta reprovando sua atitude de adesão ao Espiritismo, que considerava seita "diabólica". A resposta de Bezerra foi imediata e vigorosa, revestida embora de profundo respeito e amor fraterno. Foi, sobretudo, belíssima lição evangélica, publicada mais tarde em "Reformador", com o título "Valioso autógrafa".

A atividade de Bezerra de Menezes, em prol da difusão da Doutrina Espírita, foi preciosa e persistente. De novembro de 1886 a dezembro de 1893, escreveu ele, sob o pseudônimo de "Max", ininterruptamente, no famoso jornal "O Paiz", um dos mais importantes daquela época, uma longa série de profundos artigos doutrinários, sob o título "Estudos Filosóficos" (mais tarde convertidos em três volumes, editados pela Federação Espírita Brasileira). Esses estudos, consoante a autorizada opinião do ilustre Dr. Canuto de Abreu, "marcaram a época de ouro da propaganda do Espiritismo no Brasil" e "nunca esses artigos foram superados por outros, antes ou depois", no gênero.

Reafirmando a excelência da atuação de Bezerra de Menezes, aquele venerando correligionário, sempre aludindo aos escritos de Max, aduziu:

"Chamamos a atenção para eles, a atenção não só dos velhos, como principalmente dos novos, que usam da palavra e da pena em prol do Espiritismo. Não possuímos, em língua brasileira, maior repositório doutrinário do kardecismo. Ninguém falou com maior eloquência, maior sinceridade, maior lógica."

Aproximava-se o momento em que o grande e dedicado auxiliar de Ismael deveria assumir ostensivamente a culminância do seu trabalho missionário, atendendo às ordens e recomendações que lhe foram feitas pelo eminente mentor espiritual do Brasil, quando da sua escolha na Espiritualidade, definindo a característica sublime da sua extraordinária tarefa:

"Descerás às lutas terrestres com o objetivo de concentrar as nossas energias no País do Cruzeiro, dirigindo-as para o alvo sagrado dos nossos esforços. Arregimentarás todos os elementos dispersos com as dedicações de teu espírito, a fim de que possamos criar o nosso núcleo, de atividades espirituais, dentro dos elevados propósitos da reforma e regeneração.

Não precisamos encarecer aos teus olhos a delicadeza da tua missão, mas com a plena observância do código de Jesus e com a nossa assistência espiritual, pulverizarás todos os obstáculos, à força de perseverança e humildade, consolidando os primórdios da nossa obra, que é a de Jesus no seio da Pátria do seu Evangelho.

A luta vai ser grande; considera que não será menor a compensação do Senhor, dele, que é o Caminho, a Verdade e a Vida."

Em 1895, foi Bezerra de Menezes eleito Presidente (3) da Federação Espírita Brasileira, mas investido de amplos e irrestritos poderes, para congregar a Família Espírita, então dispersa e sem rumo definido.

(3) Fora anteriormente Presidente, em 1889; e, após, Vice-Presidente da Casa-Máter do Espiritismo, no Brasil.

Logo que assumiu tão séria e grave responsabilidade providenciou a União de todos os elementos devotados à Causa. Recomeçou, ele próprio, o estudo sistemático de "O Livro dos Espíritos" (que instituíra em 1889) em sessões públicas; e certamente desejoso de tornar acessíveis a um maior número de espíritas os belos ensinamentos da obra recebida pela médium Emilie Collignon, coordenada por J.-B. Roustaing, "Os Quatro Evangelhos" - com os quais bem se identificara, notadamente entre fins de 1891 e princípios de 1895, face a sua assídua presença no Grupo Ismael (pois em tal período só aos referidos trabalhos comparecia regularmente) - cogitava, em 1899, em instituir uma nova sessão semanal, para o estudo dos Evangelhos à luz do Espiritismo. Acometido, no entanto, do mal que o prostrara ao leito e do qual lhe adviria a desencarnação, em 1900, esse seu último propósito foi concretizado pelos companheiros e tão solidamente que perdura até hoje.

Vale ressaltar ainda que a obra acima, traduzida pela primeira vez em língua portuguesa, por Ewerton Quadros, "Reformador" começou a publicá-la em 15 de janeiro de 1898 ("Grandes Espíritas do Brasil", de Zéus Wantuil, pág. 330, FEB, 1969).

Enviado de Ismael, o inesquecível Bezerra de Menezes deu início ao desenvolvimento do Espiritismo Cristão, de conformidade com os planos divinos "consolidando os primórdios da nossa Obra, que é a de Jesus, no seio da Pátria do Evangelho", pois era afirmação freqüente de Ismael que "o Espiritismo só sobreviverá com o Evangelho de Jesus" o que vem sendo confirmado também por ocorrências fora do Brasil, através dos anos.

Hoje, quando a Doutrina Espírita se expande pelo vasto território brasileiro, realizando extensa e profunda sementeira de fraternidade e conagração em nome do Cristo, começamos a sentir e compreender quão grande e nobre foi a missão de Bezerra de Menezes no plano terrestre, justificando as esperanças nele depositadas como Espírito emissário de Ismael.

Espírito dotado de peregrinas virtudes, era Bezerra como que a personificação da caridade: médico dos pobres e sacerdote da divina arte de curar sem horário para a sua labuta. Fiel exemplificador dos preceitos doutrinários e evangélicos, sentiu intimamente o verdadeiro significado do verbo dar. Deu de si mesmo quanto podia de afeto, de carinho, de dedicação e abnegação em benefício dos seus semelhantes. Desencarnou pobre de bens materiais, mas levando consigo aquele tesouro imperecível que as traças não roem, a ferrugem não consome e os ladrões não roubam.

01/03 Pacto Áureo
Pacto Áureo

com base em artigo de Sylvio Brito Soares - Reformador (FEB) Dezembro 1957

Há quem insinue nos meios espiritistas que a Casa de Ismael, orientadora do movimento espírita em terras brasileiras desde 1884, foi forçada a aderir, em 1949, ao Pacto Áureo e

.....
A fim de que os historiadores futuros tomem conhecimento da verdade dos fatos, aqui deixamos registradas as principais fases dos sucessos de 1949, tais como se desenrolaram.

- Em princípios de 1948, conforme se vê à página 30 de 'Reformador' de Fevereiro desse ano, o Dr. Lins de Vasconcelos e o Sr. Leopoldo Machado fizeram uma sugestão à Federação Espírita Brasileira para que convocasse um congresso nacional de mocidades e juventudes espíritas do País, o que não acolheu no intuito de evitar o separatismo entre as juventudes e, talvez mesmo, o separatismo entre 'velhos' e moços.

Tempos depois, a Federação Espírita do Estado de São Paulo, que não era adesa à FEB, anunciou que iria convocar um congresso, em São Paulo. A União Federativa Espírita de São Paulo, que era adesa à FEB, não concordou com a realização do referido congresso, e esta última igualmente se recusou a nele tomar parte.

A esse Congresso aderiu a Federação Espírita do Estado do Rio Grande do Sul, que, por isso mesmo, teve sustada a sua adesão à FEB.

Assim, a Federação Paulista, apoiada pela Federação Gaúcha e por mais algumas poucas sociedades que não se achavam ligadas à FEB, realizou o Congresso projetado.

Ao fim de seus trabalhos, esse Congresso delegou poderes aos representantes da Federação Gaúcha para um entendimento com a diretoria da Federação Espírita Brasileira, delegados esses (Cel. Michelena, Dr. Pompilio e Spinelli) que compareceram à sede da FEB com a gravação dos principais discursos que em São Paulo foram proferidos.

Wantuil de Freitas, presidente da FEB, após ouvir os discursos gravados e a palavra dos delegados, argumenta, relembra os princípios da FEB e nega-se a apoiar a proposta por eles apresentada, ou seja, a da criação de uma Confederação ou de um Conselho Superior, ao qual a FEB ficaria subordinada.

A Delegação, tentando ainda alcançar seu objetivo, pediu a intervenção do Dr. Lins de Vasconcelos, amigo pessoal e íntimo do presidente da FEB. Este, porém, se recusou a tratar do assunto.

Em Outubro de 1949, realiza-se o segundo Congresso da Confederação Espírita Pan-Americana, no Rio de Janeiro, sem a participação da FEB, que nele não desejou tomar parte.

Nessa ocasião, Lins de Vasconcelos volta a falar com o Presidente da FEB, pedindo-lhe novamente que recebesse a Delegação do Congresso paulista. O Presidente da FEB recusa-se; todavia, informou que teria muito prazer de ouvi-la, se com ela viessem todos os representantes de sociedades de âmbito estadual que então se encontrassem no Rio, para assistirem ao Congresso da CEPA.

E no dia 5 de Outubro de 1949, com a presença de inúmeros confrades de S. Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, além de outros do Distrito Federal, realiza-se na sede da FEB uma reunião, presidida por seu Presidente.

O Cel. Roberto Michelena, chefe da Delegação do Congresso paulista, propôs então que se criasse um Conselho Superior do Espiritismo, formado por três membros.

O Presidente da FEB, após argumentar contra a proposta, põe-na em discussão e votação. Foi a proposta unanimemente rejeitada.

E como ninguém mais quisesse usar da palavra, o Presidente da FEB, após ligeira exposição sobre todos os acontecimentos, tirou do bolso uma folha de papel datilografada e apresentou uma proposta, em nome da diretoria da FEB. Lida a proposta, todos os seus dezoito itens foram unanimemente aprovados e com eles foi lavrada a Ata de Unificação, posteriormente cognominada de Ata do Pacto Áureo, cujo inteiro teor pode ser lido à página 243 de 'Reformador' de 1949.

Em 1º. de Janeiro de 1950, o Presidente da FEB empossa os onze membros do Conselho Federativo Nacional, criado em virtude do Pacto Áureo, o qual lança a sua 'Proclamação aos Espíritas', em 8 de Março de 1950. ('Reformador' de 1950, página 73).

Ai têm os nossos amigos a síntese histórica das ocorrências. A FEB não aderiu, ninguém a forçou a coisa nenhuma, e tais afirmativas só podem partir daqueles que não tem conhecimento dos fatos verídicos.

E desde então a harmonia se estabeleceu em todo o meio espírita brasileiro, malgrado as raras e inevitáveis vozes discordantes.

Congresso da Juventude
Reformador (FEB) pág. 30 Fevereiro 1948

Em resposta à carta que nos dirigiu ilustre e culto confrade, pedindo-nos explicássemos pelo Reformador o motivo por que não aceitou a Federação a incumbência que lhe quiseram dar, de promover um Congresso de Juventudes Espíritas,

vimos informar os nossos leitores de que a Federação deixou de aceitar o patrocínio do Congresso, porque a 'União das Juventudes Espíritas do Distrito Federal', sociedade em cujo seio se encontram reunidos elementos jovens e de valor doutrinário e intelectual, não julgou oportuna a realização do referido Congresso.

E como seria de lamentar que se realizasse um Congresso de Juventudes, no qual deixasse de estar presente a maior e mais perfeita organização juvenil do País, sediada exatamente na cidade e no prédio onde se reuniram, não somente alguns jovens vindos do interior, mas igualmente os velhos que os pretendem orientar, acertadamente deliberou a Diretoria da Federação, por unanimidade, declinar do convite que lhe fora feito, aliás, não por elementos jovens, pertencentes em realidade à diretoria de alguma Juventude, mas por dois velhos amigos e companheiros.

Assim, reconhecendo a Federação que seria contraproducente a realização de um Congresso de Juventudes sem a presença de 'União das Juventudes Espíritas do Distrito Federal', exatamente a que deveria presidir às reuniões dos jovens espíritas do Brasil, se à Federação coubesse organizar o Congresso, nenhuma atitude poderia tomar a Casa Mãe, mais consentânea com a razão, qual a de declinar do convite e julgar inoportuna a convocação do referido Congresso.

02/03 Pacto Áureo

Unificação Reformador (FEB) Novembro 1949

Os espíritas do 'Coração do Mundo', no dia 5 de Outubro de 1949, data a que o nosso colega 'Mundo Espírita' muito acertadamente chamou - Dia Áureo da Confraternização -, vibraram de entusiasmo pelo grande acontecimento da Unificação, pois que a notícia foi levada celeremente a todos os recantos da Pátria, através de telegramas, de rádios, de cabogramas e de telefonemas interurbanos.

Com um entusiasmo nunca antes verificado em nossos meios, os abraços se sucediam, enquanto de muitos olhos a alegria se manifestava cristalina e bela, através de pérolas liquefeitas a rolar, silenciosas, mas vivificadas pelo Espírito, pelas faces dos velhos trabalhadores da Seara.

'Reformador' não pode registrar os acontecimentos. Seus redatores não se sentem capazes de descrever com palavras precisas, talvez por inexistentes no vocabulário humano, os quadros de verdadeira espiritualidade então presenciados por todos quantos tiveram a grande felicidade de se encontrarem reunidos, na Capital da República.

Dessa forma, que nos perdoem os nossos leitores e passemos à transcrição do primeiro documento:

Grande Conferência Espírita realizada no Rio de Janeiro:

Ata da reunião entre os diretores da Federação Espírita Brasileira e os representantes de várias Federações e Uniões de âmbito estadual: Aos cinco dias do mês de Outubro do ano de mil e novecentos e quarenta e nove (1949), na sede da Federação Espírita Brasileira, à Avenida Passos, nº. 30, na cidade do Rio de Janeiro, Capital da República, Brasil, presentes o Sr. Antônio Wantuil de Freitas, presidente da F.E.B., e demais signatários desta, após se dirigirem ao Alto, em prece, suplicando bênçãos para todos os obreiros da Seara Espírita do Brasil, bem como para toda a Humanidade e depois de longo e coordenado estudo do movimento Espírita Nacional, a que pertencem, acordaram em aprovar os seguintes itens, 'ad referendum' das Sociedades que representam:

1º) Cabe aos Espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo.

2º) A FEB criará um Conselho Federativo Nacional, permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua atual Organização Federativa.

3º) Cada Sociedade de âmbito estadual indicará um membro de sua diretoria para fazer parte desse Conselho.

4º) Se isso não for possível, a Sociedade enviará ao Presidente do Conselho uma lista tríplice de nomes, a fim de que este escolha um desses nomes para membro do Conselho.

5º) O Conselho será presidido pelo presidente da Federação Espírita Brasileira, o qual nomeará três secretários, tirados do próprio Conselho, que o auxiliarão e substituirão, em seus impedimentos.

6º) Considerando que desde a sua fundação a F.E.B. se vem batendo pela autonomia do Distrito Federal, conforme se vê em seu órgão - 'Reformador' -, fica o Distrito Federal considerado como Estado, em igualdade de condições com os demais Estados do Território Nacional.

7º) O presidente da Federação Espírita Brasileira nomeará uma comissão de três juristas espíritas e dois confrades de reconhecida idoneidade para elaborar o Regulamento do Conselho Federativo Nacional e propor as modificações que se tornarem necessárias nos atuais Estatutos da Federação Espírita Brasileira.

8º) No caso de haver mais de uma sociedade de âmbito estadual em algum Estado, tudo se fará para que se reúnam entorno de uma terceira, cuja presidência será exercida em rodízio e automaticamente pelo presidente de cada uma delas, substituídos que serão, anualmente, no dia 1º de Janeiro de cada ano.

9º) Anualmente, em sua primeira reunião do mês de agosto, o Conselho organizará o seu orçamento, o qual, uma vez aprovado pela Diretoria da F.E.B., será entregue ao tesoureiro dessa.

10º) Caberá à Federação Espírita Brasileira entrar com cinquenta por cento do que for determinado para o referido orçamento, devendo os restantes cinquenta por cento ser distribuídos em cotas iguais entre todas as Sociedades pertencentes ao Conselho.

11º) Na escrita da F.E.B. o seu tesoureiro deverá criar um título no qual lançará todo o movimento de valores, inclusive de donativos que forem feitos com a facilidade de facilitar os trabalhos do Conselho, quantias essas que, de forma alguma, poderão ser aplicadas senão por deliberação do dito Conselho.

12º) As sociedades componentes do Conselho Federativo Nacional são completamente independentes. A ação do Conselho só se verificará, aliás, fraternalmente, no caso de alguma Sociedade passar a adotar programa que colida com a doutrina exposta nas obras: : “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”, e isso por ser ele, o Conselho, o orientador do Espiritismo no Brasil.

13º) Deverá ser organizado um quadro de pregadores espíritas, composto de sócios das Sociedades adesas, os quais, dentro de suas possibilidades, serão escalados para visitar as Associações que ao Conselho dirijam convites para festividades de caráter puramente Espíritas.

14º) Se possível, será criado, também, um grupo de pregadores experimentados e cultos, com a difícil missão de levar a palavra do Evangelho aos grupos que, ainda mal orientados, ofereçam campo à sementeira cristã.

15º) Nenhum membro do Conselho poderá dar publicidade a trabalho seu, individual, subscrevendo-o como membro do Conselho Federativo Nacional, salvo se o trabalho for antecipadamente lido e aprovado pelo Conselho.

16º) Os membros do Conselho são considerados como exercendo cargo de confiança das Sociedades que os indicarem.

17º) Sempre que possível o Conselho designará um os seus membros para assistir aos trabalhos doutrinários realizados pelas Sociedade.

18º) Se alguma colidência encontrar, pedirá ele se convoque a diretoria da Sociedade e, então, confidencialmente, exporá o que deverá ser modificado, de acordo com o plano geral estudado pelo Conselho. E nada mais havendo, eu, Oswaldo Mello, servindo de secretário, escrevi e datilografei, assinando-a juntamente com os componentes da reunião, que decorreu sob a mais viva emoção dos circunstantes. e, para constar, fiz esta, que subscrevo, aos cinco dias do mês e ano referidos.

a) Oswaldo Mello, secretário. Antônio Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira; Arthur Lins de Vasconcellos Lopes, por si e pelo Sr. Aurino Barbosa Souto, presidente da Liga Espírita do Brasil; Francisco Spinelli, pela Comissão Executiva do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita e pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul; Roberto Pedro Michelena; Felisberto do Amaral Peixoto; Marcírio Cardoso de Oliveira; Jardelino Ramos; Oswaldo Melo, pela Federação Espírita Catarinense; João Ghignone, presidente e Francisco Caitani, membro do Conselho da Federação Espírita do Paraná; Pedro de Camargo - Vinícius e Carlos Jordão da Silva, pela União Social Espírita de S. Paulo; Bady Elias Curi, pela União Espírita Mineira; Noraldino de Mello Castro, presidente do Conselho Deliberativo da União Espírita Mineira. Em tempo: Depois de assinado o presente documento, o presidente Wantuil de Freitas, após manifestar o seu regozijo pelo histórico acontecimento com palavras cheias de fé e de esperança nos destinos gloriosos do Brasil Espírita, convidou o confrade Pedro Camargo Vinícius a proferir a prece final, de encerramento dos trabalhos, o que foi feito, fervorosamente, em súplica ardente aos Espíritos Superiores, aos quais rogou assistência e iluminação para o desenvolvimento rápido dos nossos trabalhos, na sementeira do bem e do amor, em torno do Mestre e Senhor, Eu, Oswaldo Mello, subscrevo e assino, como testemunho da verdade. Oswaldo Mello.

Nota Confortadora:

Após a prece final proferida pelo confrade Vinícius e quando todos ainda se encontravam em concentração, manifestou-se psicofonicamente o saudoso presidente da F.E.B. Guillon Ribeiro, cujas palavras de aprovação, de fé e de grande amor foram recebidas como um prêmio de Mais Alto, por intermédio daquele companheiro que tão abnegadamente serviu e serve à Causa do Espiritismo Cristão.

A palavra de Guillon Ribeiro foi recebida mediunicamente pelo Sr. Oswaldo Mello, secretário da Conferência e presidente da Federação Espírita Catarinense.

Em sua reunião, realizada alguns minutos após o encerramento dos trabalhos acima referidos, o ‘Grupo Ismael’, célula máter da F.E.B., recebeu duas belíssimas comunicações: uma, de início, psicografada, do Espírito de Bittencourt Sampaio, e outra, psicofônica, do Espírito de Ismael.

Proclamação aos Espíritas

Reformador (FEB) - pág. 73 - Abril 1950

O Conselho Federativo Nacional, órgão da Federação Espírita Brasileira, surgido do Pacto Áureo de 5 de Outubro do ano próximo findo, ratificado pelas Entidades Espíritas, representadas pelos seus signatários e aprovado sincera e entusiasticamente por todas as demais Federações, Uniões e Ligas de âmbito estadual, que tiveram a oportunidade de examiná-lo, jubilosamente se dirige aos Espíritas espalhados por todos os quadrantes da nossa amada Pátria, levando-lhes cordial e afetuosa saudação.

Instalado oficialmente a 1º de Janeiro deste ano, funciona o Conselho normalmente, achando-se empossados e em pleno exercício das respectivas funções os seguintes Conselheiros:

Prof. Ismael Gomes Braga (Rio Grande do Norte)

Dr. José Augusto de Miranda Ludolf (E. da Paraíba)

Dr. Alcides Neves Ribeiro de Castro (Pernambuco)

Dr. Ubaldo Ramallete Maia (E. do Espírito Santo)
Dr. Miguel Timponi (Minas Gerais)
Dr. Carlos Imbassahy (E. do Rio de Janeiro)
Farm.º Carlos Jordão da Silva (S. Paulo)
Prof. Arnaldo Claro S. Tiago (Santa Catarina)
Dr. Arthur Lins de Vasconcellos Lopes (Paraná)
Ten. Cel. Severino Antônio da Cunha (Rio Grande do Sul)
Sr. Aurino Souto (Distrito Federal)

Consciente da grave responsabilidade que assumiu como depositário da confiança com que o honraram as nobres Entidades Espíritas que o compõem, empenha-se abnegadamente na obra de fortalecimento dos laços de solidariedade que as unem, a fim de que possam estabelecer sobre base sólida de compreensão e trabalho o clima da verdadeira e legítima Fraternidade, que é a síntese sublime de amor, ensinada e exemplificada pelo Divino Mestre.

Tarefa tão nobilitante, é fora de dúvida que não pode ser levada a bom termo somente por um ou alguns grupos espíritas, por mais numerosos e bem orientados que sejam. Carece de apoio de todos os Confrades, sem distinção de raça, nacionalidade e condição social ou econômica, porque as realizações duradouras no campo da Fraternidade têm que ser obra comum, executada à sombra do Evangelho.

O aperfeiçoamento da coletividade só poderá ser conseguido pela educação íntima do homem no sentido do bem - postulado fundamental do Cristianismo.

O ambiente da Terra é de inquietação e incerteza. Graves apreensões atormentam e sobressaltam a Humanidade, convencida, hoje, mais que nunca, de que o remédio salvador, para a desordem e o caos em que se abisma, é a renovação espiritual e moral do homem.

Tal renovação, entretanto, sem embargo de ser a constante preocupação dos povos, vem sendo tentada por processos nem sempre adequados, por facilmente sujeitos a desvirtuasses e desvios.

Só o Espiritismo, como expressão sublimada do Cristianismo, poderá esclarecer a Humanidade e orientá-la com segurança, no caminho do aperfeiçoamento e da concórdia.

Meditando sobre a relevância destas verdades, reúnem-se os Espíritas do Brasil, num salutar exemplo de renúncia e sinceridade e transformam em brilhante realidade o Acordo de 5 de Outubro de 1949, criando, sob a égide da Federação Espírita Brasileira, o Conselho Federativo Nacional, cujo objetivo imediato é a Confraternização da Família Espírita Brasileira, como marco inicial da grande jornada da Confraternização Universal.

Urge, portanto, que todos os Espíritas se unam, sem rivalidades nem competições, em torno da Federação Espírita Brasileira, fazendo-se representar no Conselho Federativo Nacional todas as instituições de âmbito estadual, a fim de que este grande movimento de fraternidade e compreensão, incontestavelmente já vitorioso, possa produzir os magníficos resultados por todos justificadamente esperados e ansiosamente desejados.

No caso de haver mais de uma sociedade de âmbito estadual em algum Estado, deverão reunir-se sob uma legenda comum, cuja presidência será exercida em rodízio e automaticamente pelo presidente de cada uma delas, de modo que fique inteiramente respeitada a autonomia das sociedades componentes.

Sem nenhuma cogitação político-partidária, que aberraria dos fins visados, o Conselho Federativo Nacional quer somente congregar os trabalhadores do Bem, para a prática, o estudo, a difusão e a exemplificação do Cristianismo, marchando com humildade e pureza de intenção - característicos dos verdadeiros Espíritas - tendo sempre em mente que muito será exigido daquele que muito recebeu, e que a cada um será dado segundo as suas obras, tal como ensinou o Divino Mestre.

Blog do Aron, um espírito, domingo, 5 de junho de 2011

03 / 03 Pacto Áureo
Unificação - Quadragésimo Ano do 'Pacto Áureo' - Juvanir Borges de Souza
Reformador (FEB) Outubro 1989

Foi com a reforma estatutária de 1901, determinada pelos poderes diretivos da Federação Espírita Brasileira, que se procurou dar sentido prático e efetivo à unificação das Instituições Espíritas espalhadas por todo o território brasileiro.

Definiu-se, desde então, o significado de Unificação como união solidária e fraterna, com sustentação da autonomia individual, patrimonial e administrativa das entidades filiadas.

O sistema federativo adotado, tendo como órgão central a FEB, ultrapassava as limitações geográficas da antiga capital da República para abranger as vastas linhas do País Continental, surgindo as adesões das Casas Espíritas dos Estados à Federação.

Antes de findar-se o século XIX não faltaram algumas tentativas no sentido de aproximar e unir as Instituições Espíritas.

Nos anos de 1888 e 1889, diversas comunicações de Allan Kardec, recebidas pelo médium Frederico Júnior, exortavam os espíritas brasileiros a se unirem e harmonizarem-se na prática do estudo, da caridade e da unificação.

Bezerra de Menezes, então na Presidência da Federação, impressionado pelas idéias expressas pelo Codificador e convencido da necessidade de pô-las em prática, difundiu largamente as comunicações nos meios espiritistas da então Capital Federal, sob a forma de impressos, buscando tornar conhecidas aquelas idéias vindas do Plano Espiritual, entre as quais se destacavam a união e a unificação dos espíritas. [1]

Indicava Bezerra de Menezes a Federação Espírita Brasileira como o órgão em torno do qual poderia concretizar-se a unificação. Para isso, em 21 de abril de 1889, instalou na Federação o ‘Centro da União Espírita do Brasil’, com a finalidade de unir e orientar as Instituições Espíritas que o desejassem.

Antes, em 1881, um Centro de igual nome fora criado com os meus objetivos, na Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade.

Nenhuma das tentativas obteve êxito. Ao que parece, os espíritas não estavam preparados para aceitar e pôr em execução as idéias unificacionistas.

O ‘Centro’ criado por Bezerra de Menezes foi reorganizado em 1894 pelo Professor Angeli Torteroli, com a denominação de ‘Centro Espírita de Propaganda do Brasil’. A ele se filiaram cerca de setenta e cinco Grupos Espíritas de diversos Estados. Bezerra deu-lhe seu apoio tornando-se um dos seus diretores. A revista ‘Reformador’, da FEB, abriu-lhe as colunas, para noticiário.

Todavia, em 1897, insistindo alguns de seus Diretores em considerar o Espiritismo apenas como ciência, com menosprezo ao caráter filosófico e religioso da Doutrina, acabou o Centro por fracassar no objetivo de unir a família espírita brasileira, entrando em decadência. Dele se desligaram vários Diretores entre os quais Bezerra de Menezes e Augusto Elias da Silva, além de diversas instituições que lhe eram filiadas.

Todas essas tentativas mostram a preocupação dos espíritas brasileiros com a Unificação, desde os primórdios do Movimento em nossa Pátria.

Tendo a Doutrina Espírita um sentido unitário, constituindo um corpo doutrinário indivisível e harmônico, embora, na sua abrangência, compreenda aspectos científicos que vão muito além do domínio da Ciência oficialmente reconhecida, aspectos filosóficos que transcendem os conhecimentos das diversas escolas filosóficas do Mundo e aspectos morais e religiosos deduzidos dos novos conhecimentos advindos com as revelações dos espíritos, nada mais natural que o Movimento decorrente da Doutrina procure manter coerência com a unidade doutrinária.

Do contrário, diversificando-se, sem a visão unitária em torno dos princípios fundamentais, fragmenta-se o Movimento, enfraquece-se, surgindo os cismas, as seitas, as querelas, os antagonismos injustificáveis, como ocorreu com o Cristianismo hoje subdividido em numerosas subdivisões.

A Unificação é resultante do esforço permanente dos espíritos sinceros, baseado no conhecimento e aceitação da Doutrina Espírita e na União fraterna entre seus adeptos.

Não se sustenta a Unificação sem união, tolerância e compreensão entre os seguidores da Doutrina.

Não significa a Unificação, obrigatoriamente, uniformização de pensamentos e idéias, de métodos de trabalho e de detalhes de organização.

O ideal comum, catalizador da união que conduz à unificação, exsurge da compreensão, aceitação e vivência dos princípios fundamentais expressos no corpo doutrinário, especialmente em ‘O Livro dos Espíritos’, dentre os quais: a existência de Deus, o Criador incriado; a existência da alma ou Espírito, como ser individual; o Universo, compreendendo mundos materiais e mundos espirituais; a pluralidade dos mundos habitados; os dois elementos essenciais - matéria e espírito; a comunicabilidade entre os habitantes dos dois planos de vida; a reencarnação ou princípio das vidas sucessivas nos mundos materiais; as leis morais, resumidas no amor, na justiça e na caridade, com fulcro no Evangelho do Cristo, o Filho e Emissário de Deus; a evolução espiritual para a perfeição, seu destino final; progressividade da Revelação Espírita.

Estabelecidas como se acham as bases da Doutrina Espírita, cabe aos adeptos guiarem-se por ela, competindo-lhes a responsabilidade interpretativa de tudo o que se assenta nessas bases, inclusive as revelações posteriores à Codificação, alicerces de toda a construção doutrinária.

Como decorrência lógica do princípio da responsabilidade e da liberdade individual, seria utópico e antinatural exigir, na Unificação, o pensamento igual, uniforme, de todos os adeptos, a respeito de todos os pontos não essenciais da Doutrina, de todas as dissertações elucidativas, de todas as obras subsidiárias, dependentes da interpretação e do livre convencimento individual, eis que cada um se encontra em determinado estágio evolutivo intelectual e moral.

À época da elaboração da Doutrina a unificação estava naturalmente personificada na figura ímpar do Codificador.

Allan Kardec não foi somente o teórico, o intermediário entre as instruções dos Espíritos Superiores e a formulação humana da Doutrina. Ele mesmo afirma que, “trabalhando na parte teórica da obra, não nos descuidávamos do lado prático”. (Constituição do Espiritismo - trabalho reformulado em 1869.)

Adverte também que as dissidências que podem surgir se fundirão por si mesmas na unidade da Doutrina, estabelecida de forma clara e definida, e acrescenta:

“Não será, pois, invariável o programa da Doutrina, senão com referência aos princípios que hoje tenham passado à condição de verdades comprovadas. Com relação aos outros, não os admitirá, como há feito sempre, senão a título de hipóteses, senão a título de hipóteses, até que sejam confirmados. Se lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ela se modificará nesse ponto.” “Obras Póstumas” - Dos cismas.

Finda a missão do Codificado, entrando os movimentos espíritas em nova fase, não somente na França mas em todos os países onde o Espiritismo lançara raízes, urgia que ele permanecesse íntegro.

*

No memorável encontro de âmbito nacional, com duração de três dias, realizado no Rio de Janeiro pela Federação Espírita Brasileira, em comemoração ao Centenário de nascimento de Allan Kardec, em 3 de outubro de 1904, fizeram-se representar os espíritas do Amazonas, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Ponto culminante dos estudos e resoluções desse encontro foi, sem dúvida, a aprovação de um importante documento que ficou conhecido como “Bases de Organização Espírita” e passou a orientar, desde então, a marcha do movimento Espírita no País.

Preconizaram as “Bases” a criação de uma Instituição Espírita na Capital de cada Estado da Federação, incumbida de filiar os Centros e Associações estaduais, formando assim, com a FEB, uma rede de entidades espíritas fortalecidas na solidariedade e na fraternidade e ainda num programa básico semelhante, no qual se respeitavam a liberdade e a tendência de cada Instituição no que se referia a pontos doutrinários não essenciais.

Esse documento orientador do Movimento subsiste até hoje, uma vez que foi consagrado nos Estatutos da FEB, no Capítulo que trata da Organização Federativa (Art. 102), e em 1949 confirmado no item 2º do “Pacto Áureo”: - “A FEB criará um Conselho Federativo Nacional, permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da atual Organização Federativa.”

Durante quase meio século, a partir de 1904, cresceu muito o Movimento Espírita brasileiro, fundando-se neste período a maior parte das Federações Estaduais e centenas de Casas Espíritas. Destacamos nesse período, a par de inúmeros acontecimentos importantes, os Congressos de 1926 e 1933, convocados pela FEB, e o Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, realizado em São Paulo, de 31-10 a 5-11-1948, todos com boas contribuições em prol da Unificação.

Essa foi uma época em que o Movimento se apresentou muito dividido, inclusive pela criação da Liga Espírita do Brasil, entidade de âmbito nacional com sede no Rio de Janeiro e que se propunha também a federar as Instituições Espíritas, a qual, por força do “Pacto Áureo”, transformar-se-ia numa Federação de âmbito estadual.

*

O velho sonho da Unificação da família espírita brasileira, acalentado desde a penúltima década do século passado, concretizou-se formalmente a 5 de outubro de 1949.

As circunstâncias em que tal fato ocorreu, sem as longas preparações e discussões que normalmente precedem os acontecimentos relevantes do Movimento Espírita nacional, demonstram que os espíritas, em sua grande maioria, estavam preparados para o evento e que a Espiritualidade Superior, respeitando o livre-arbítrio dos homens e encontrando neles sinceridade de propósitos e boa vontade de sufocar personalismos e vaidades, influiu poderosamente para que surgissem finalmente o entendimento e a concórdia entre os seguidores do Espiritismo.

Nos primeiros dias de outubro de 1949, realizava-se no Rio de Janeiro o II Congresso Espírita Pan-americano, com a presença de dirigentes espíritas de diversos Estados, os quais resolveram aproveitar o ensejo para procurar a FEB, em tentativa de entendimento e aproximação, visando à Unificação do Movimento.

Foi então marcado um encontro na Sede da Federação no dia 5 de outubro, ao qual compareceram a Diretoria da FEB e os Representantes de diversas Instituições estaduais.

O encontro ficou conhecido como a Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro, da qual se lavrou a célebre Ata com os pontos essenciais em que se assentava o acordo da Unificação, dentre os quais se destacam:

I.- reafirmação do sistema federativo na organização do Movimento, em âmbito nacional, estadual e regional (municipal).

II.- a criação do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, em novas bases, congregando todas as Federações e Uniões Espíritas estaduais;

III.- reafirmação da independência e autonomia das sociedades componentes do sistema, comprometendo-se eles com o programa básico contido nas obras “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”.

O acordo, que punha fim a uma longa dissidência no meio espírita brasileiro, foi assinado pelo Presidente da FEB e pelos Representantes da Liga Espírita do Brasil, Comissão Executiva do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, Federação Espírita do RS, Federação Espírita Catarinense, Federação Espírita do Paraná, União Social Espírita (USE), de São Paulo, e União Espírita Mineira, todos nomes dos mais representativos do Movimento Espírita da época.

“Pacto Áureo” foi a expressão feliz criada por Lins de Vasconcelos, um de seus subscritores, para caracterizar o entendimento e a concórdia entre os espíritas, que podem divergir em pontos secundários, mas que, aceitando e compreendendo a Doutrina Espírita, não tem razão para fazer de simples divergência de entendimento pessoal pomo de discórdia, de intransigência e de intolerância.

O grande acordo não ficou adstrito às instituições que o subscreveram inicialmente. Logo após sua formalização constituiu-se um grupo de confrades, com grande responsabilidade no seio do Movimento, tendo por objetivo levar aos espíritas do Nordeste e do Norte do País a notícia do grande acontecimento, concitando-os a se unirem aos irmãos do Centro e Sul. Esse grupo de companheiros ficou conhecido como “Caravana de Fraternidade” e realizou notável obra de congregamento e de esclarecimento junto às entidades visitadas, desde a Bahia até o Amazonas, incentivando ainda a criação de Sociedades Espíritas nos Estados que não as possuíam.

O Conselho Federativo Nacional, regulamentado e instalado em 1º de janeiro de 1950, vem funcionando ininterruptamente desde então, congregando, pelo sistema representativo, os espíritas de todo o Brasil. Presta inestimáveis

serviços à Grande Causa, dirimindo dúvidas, fortalecendo os laços fraternos, orientando o Movimento, recomendando normas e diretrizes, aproximando Instituições e pessoas e contornando as incompreensões inevitáveis no áspero mundo dos homens.

*

Mais que um documento histórico, o ‘Pacto Áureo’ traduz e simboliza as aspirações de várias gerações de espíritas brasileiros. Por isso, mesmo antes de sua assinatura, ele já se havia firmado nas mentes e corações dos espíritas cristãos. Ele representa o selo da vitória individual e coletiva, no Movimento, contra o personalismo, a vaidade, o divisionismo.

O Pacto coroou o esforço, o bom senso, a lucidez, o espírito fraterno de quantos, desde Allan Kardec, passando por Bezerra de Menezes e inúmeros trabalhadores espíritas de várias gerações, têm pugnado pela união fraternal entre irmãos muito próximos, ligados pelo mesmo ideal. São os que entenderam a Doutrina Libertadora e Consoladora e procuraram verdadeiramente vivenciá-la.

Assim, unidos pelo ideal comum, será sempre possível assimilar e viver a Doutrina, mesmo dentro da imperfeição humana, desde que haja tolerância e compreensão em cada proficiente, no esforço constante de aperfeiçoar-se.

Seria enorme contra-senso exigir-se que todos os espíritas constituíssem uma massa uniforme de adeptos, entre os quais não existisse a menor discrepância de idéias. É evidente que a assimilação. É evidente que a assimilação da Doutrina depende do estágio evolutivo individual. Cada um a pratica na medida de seu entendimento e de suas forças. Por isso não basta o aperfeiçoamento intelectual, o cultivo da inteligência. Não basta conhecer a Doutrina. Para praticá-la é necessário aprender, a amar, tolerar, compreender, servir, rejeitando a presunção e as formas de coação espiritual, incompatíveis com a índole da Doutrina.

A história do Espiritismo está eivada de lutas, para que ele possa ser implantado entre os homens. Tal como o Cristianismo primitivo, traz o Espiritismo uma mensagem contra o egoísmo e o orgulho humanos. Isso contraria interesses infelizes que se estabilizaram no Mundo e que precisam ser removidos. Daí ser natural a pertinaz oposição à Idéia Nova, desde seu surgimento.

O divisionismo cultivado pelos homens e insuflado pelas inteligências trevosas, apareceu no seio do Movimento desde a época da Codificação e é uma constante em toda a trajetória do Espiritismo. Não seria diferente no Brasil. A Unificação conseguida pelos espíritas brasileiros foi a vitória do bom senso, com o acatamento de diretrizes superiores.

Se ainda não foi possível o entendimento geral, se aqui e ali ainda subsistem os inconformados, se em alguns Estados ainda permanece a divisão de forças que se devem somar na cooperação, nem por isso devemos desanimar. A tarefa é lenta, demorada, desde que depende da compreensão dos homens. Demanda trabalho, solidariedade, tolerância, paciência.

A unidade do Movimento há que corresponder à unidade da Doutrina, sem embargo de suas abrangências.

A necessidade de uma coordenação central não significa imposição pela força, mas que se faça respeitar pela compreensão dos deveres. Que os mais preparados intelectual e moralmente sejam os mais responsáveis na condução do Movimento, em âmbitos regional, estadual e nacional.

“Todo reino dividido contra si mesmo será destruído, e toda cidade ou casa que se dividir contra si mesma não subsistirá.” (Mat., 12:25.)

Diz-nos o Codificador (“Obras Póstumas”, 22ª Ed. FEB, pág. 351):

“Os que nenhuma autoridade admitem não compreendem os verdadeiros interesses da Doutrina. Se alguns pensam poder dispensar toda direção, a maioria, os que não se crêem infalíveis e não depositam confiança absoluta em suas próprias luzes, se sentem necessitados de um ponto de apoio, de um guia, ainda que apenas para ajudá-los a caminhar com segurança.”

[1 Essas mensagens, publicadas inicialmente em 1893, foram reunidas pela FEB em um opúsculo intitulado: “Ditados de Allan Kardec”, cuja 3ª edição circulou em 1934. Incluídas no livrete “A Prece”, foram recentemente publicadas em ‘Reformador’, fascículos de dezembro/88 e janeiro/89.(Nota da Redação)

* * *

Para finalizar e ao mesmo tempo consagrar esta extensa lista de testemunhos a favor de Os Quatro Evangelhos, de Roustaing, transcrevemos duas mensagens de advertência e santificante incentivo! A primeira, de um Emissário de Ismael, do livro, Amar e Servir. FEB-Rio – Hernani T. Sant’Anna, p. 46; a segunda, u’a mensagem de B. de Menezes.

75 - HORA ESTELAR - Um Emissário de Ismael

Não só os indivíduos e os grupos isolados recebem do Senhor da Vinha missões importantes a desempenhar na grande seara do mundo. Também os povos são convocados a expressivas tarefas de ordem planetária, às vezes de relevo excepcional. Mas, igualmente aí, funciona plenamente o livre-arbítrio coletivo, a determinar o êxito ou o fracasso das nações missionárias. Na história recente da civilização ocidental, encontramos o povo hebreu a receber o chamamento direto de Jesus para a tarefa de liderança espiritual da Humanidade, munido da mensagem evangélica, que em primeira mão lhe foi entregue.

O povo hebreu não soube entender a sua hora estelar. Rejeitou a dádiva sublime e mergulhou na noite milenar das dores crudelíssimas de sua própria dispersão. O Cristo apelou então para o povo romano, cuja força de dominação se

espraiava, soberana, pelas plagas do Ocidente. E Roma, desavisada e orgulhosa, também faliu. Chegou a vez do Sacro Império. E novamente a ambição desenfreada e a irresponsabilidade criminosa puseram tudo a perder. O Governo espiritual mobilizou, após isso, os preciosos potenciais da França.

E a vaidade, o nepotismo, a cobiça e a violência, afrontando as leis da fraternidade e da justiça, imergiram a Europa no negativismo e na incontidência, desprezando até mesmo as luzes do Consolador, que nela se acenderam.

O Divino Pastor transferiu, à vista disso, a árvore das suas esperanças para as terras úberas da América, depositando nas mãos do povo brasileiro o estandarte de Ismael. Que fará, este povo escolhido, da divina outorga com que foi laureado? Missão não é imposição. É título de confiança e de esperança, investimento de excelsas expectativas, sementeira que só pode germinar, florescer e frutificar se obtiver dos seus depositários os cuidados que merece. Peçamos ao Pai Celeste que este Coração do Mundo não se enferme. Que singulte e frema no diapasão do seu momento, que vibra, solene, no grande relógio do destino. Um Emissário de Ismael - Hernani T. Sant'Anna – in Amar e Servir. P 46.



HORA ESTELAR - Um Emissário de Ismael

* * *

76 - Momento Decisivo – Bezerra de Menezes

Quando Jesus veio ter conosco, a humanidade experimentava a grande crise de sujeição ao Império Romano, às suas paixões totalitárias e aos interesses mesquinhos de governantes arbitrários. O Espiritismo, a seu turno, instalando-se no planeta, enfrenta clima equivalente em que o totalitarismo do poder arbitrário de políticas perversas esmaga as aspirações de enobrecimento das criaturas humanas e, por conseqüência, o ser, que se agita na busca da plenitude, aturde-se e, confundindo-se, não sabe como vivenciar as claridades libertadoras do Evangelho. Com a conquista do conhecimento científico e o vazio existencial, surgem as distrações de vários portes para poder diminuir a ansiedade e o desespero.

Naturalmente, essa manifestação de fuga da realidade interfere no comportamento geral dos seareiros da Verdade que, nada obstante, considerando serem servidores da última hora, permitem-se os desvios que lhes diminuem a carga aflitiva. Tende, porém, bom ânimo, filhas e filhos do coração!

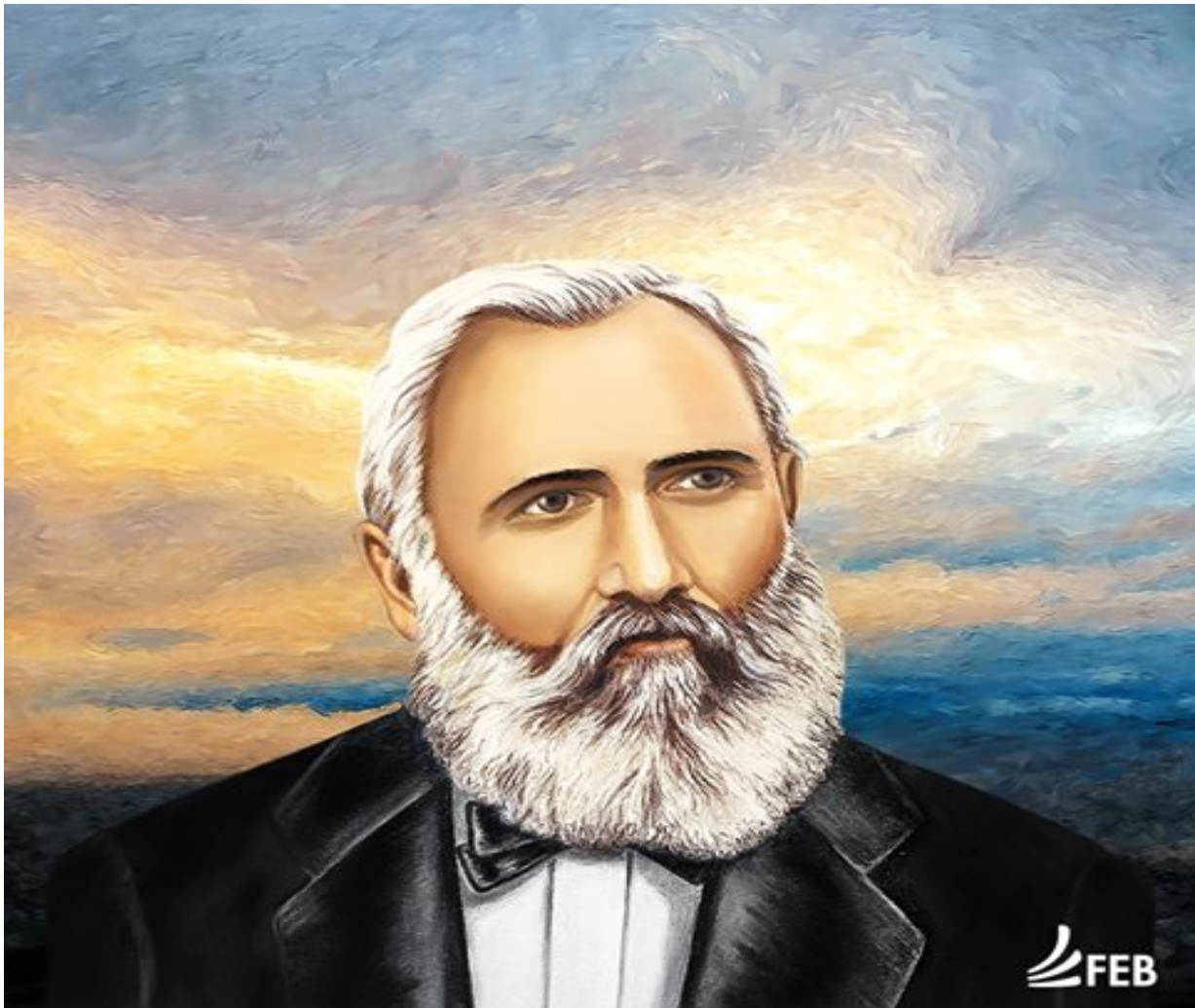
É um momento de siso, de decisões, para a paz no período do porvir.

Recordai-vos de que o Cristianismo nascente experimentou também inúmeras dificuldades. A palavra revolucionária do apóstolo Paulo, a ruptura com as tradições judaicas ainda vigentes na igreja de Jerusalém geraram a necessidade do grande encontro, que seria o primeiro debate entre os trabalhadores de Jesus que se espalhavam pelo mundo conhecido de então.

Naturalmente, essa manifestação de fuga da realidade interfere no comportamento geral dos seareiros da Verdade que, nada obstante, considerando serem servidores da última hora, permitem-se os desvios que lhes diminuem a carga aflitiva. Tende, porém, bom ânimo, filhas e filhos do coração!

É um momento de siso, de decisões, para a paz no período do porvir.

Recordai-vos de que o Cristianismo nascente experimentou também inúmeras dificuldades. A palavra revolucionária do apóstolo Paulo, a ruptura com as tradições judaicas ainda vigentes na igreja de Jerusalém geraram a necessidade do grande encontro, que seria o primeiro debate entre os trabalhadores de Jesus que se espalhavam pelo mundo conhecido de então.



BEZERRA

No momento grave, quando uma ruptura se desenhava a prejuízo do Bem, a humildade de Simão Pedro, ajoelhando-se diante da voz que clamava em toda parte a Verdade, pacificou os corações e o posteriormente denominado Concílio de Jerusalém se tornou um marco histórico da união dos discípulos do Evangelho. Neste momento de desafio e de conflitos de todo porte, é natural que surjam divergências, opiniões variadas, procurando a melhor metodologia para o serviço da Luz. O direito de discordar, de discrepar, é inerente a toda consciência livre.

Mas, que tenhamos cuidado para não dissentir, para não dividir, para não gerar fossos profundos ou abismos aparentemente intransponíveis.

Que o espírito de união, de fraternidade, leve-nos todos, desencarnados e encarnados, à pacificação, trabalhando essas anfractuosidades para que haja ordem em nome do progresso.

O amor é o instrumento hábil para todas as decisões. Desarmados os corações, formaremos o grupo dos seres amados do ideal da Era Nova.

Nunca olvideis que o mundo espiritual inferior vigia as nascentes do coração dos trabalhadores do Bem e, ante a impossibilidade de os levar a derrocadas morais, porque vigilantes na oração e no trabalho, pode infiltrar-se, gerando desequilíbrio e inarmonias a benefício das suas sutilezas perversas e a prejuízo da implantação da Era Nova sob o comando do Senhor.

Nunca olvidemos, em nossas preocupações, que a Barca terrestre tem um Nauta que a conduz com segurança ao porto da paz.

Prossegui, lidadores do Bem, com o devotamento que se vos exige de fazerdes o melhor que esteja ao vosso alcance, em perfeita identificação com os benfeitores da humanidade, especialmente no Brasil, sob a égide de Ismael, representando o Mestre inolvidável.

Venceremos lutando juntos, esquecendo caprichos pessoais, de imposições egotistas, pensando em todos aqueles que sofrem e que choram, que confiam em nossa fragilidade e aguardam o melhor exemplo da nossa renúncia em favor do Bem, do nosso devotamento em favor da caridade, da nossa entrega em novo holocausto.

Já não existem as fogueiras, nem os empalamentos. Os circos derrubaram as suas muralhas e agora expandem as suas fronteiras por toda a Terra, mas o holocausto ainda se faz necessário.

Sacrificai as próprias imperfeições, particularmente neste sesquicentenário de evocação da chegada do Evangelho à Terra, decodificado pelos Imortais.

Recordai também, almas queridas, que o Espiritismo é, sem qualquer contradita, o Cristianismo que não pôde ser consolidado e que esteve na sua mais bela floração nos trezentos primeiros anos, antes das adulterações nefastas, e que foi Jesus quem o denominou Consolador.

Este Consolador sobreviverá a todas as crises e quando, por alguma circunstância, não formos capazes de dignificá-lo, a irmã morte arrebatará aqueles que não correspondem à expectativa do Senhor da Vinha, substituindo-os por outros melhormente habilitados, mais instrumentalizados para os grandes enfrentamentos que já ocorrem na face do planeta. Todos sabemos que a transformação moral de cada indivíduo é penosa, de longo curso, por efeito do atavismo ancestral, e que a Lei dispõe do recurso dos exílios coletivos para apressar a chegada da Era Nova.

Abençoados servidores! Abençoadas servidoras da Causa! Amai! Amai com abnegação e espírito de serviço a Doutrina de santificação, para que os vossos nomes sejam escritos no livro do reino dos Céus e possais fruir de alegrias, concluindo a etapa como o apóstolo das gentes, após haverdes lutado no bom combate.

Os mentores da brasilidade, neste momento grave por que também passa o nosso país, assim como o planeta, estão vigilantes.

Permiti-vos ser por eles inspirados e saí entoando o hino do otimismo e da esperança, diluindo a treva, não fixando o medo nem a sombra, que por momento domina muitas consciências. Não divulgando o mal, somente expondo o bem, para que a vitória não seja postergada.

E ide de volta, seareiros da luz! O mundo necessita de Jesus, hoje mais do que ontem, muito mais do que no passado, porque estamos a caminho da intuição, após a conquista da razão, para mantermos sintonia plena com aquele que é o nosso guia de todos os dias e de todas as horas.

Muita paz, filhas e filhos do coração!

São os votos do servidor humílimo e paternal, em nome dos obreiros da seara de todos os tempos, alguns dos quais aqui conosco nesta hora. Muita paz!... Bezerra

(Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, no encerramento da Reunião Ordinária do Conselho Federativo Nacional, em Brasília, DF, na manhã de domingo, em 9 de novembro de 2014.) Revisão do Autor Espiritual. – 6 12h51 – Atualizado em 21/03/2016 -12h51.



Jean-Baptiste Roustaing - 1805 - 1872



Amélie Bréard Collignon - 1796 - 1874

IN MEMORIAM

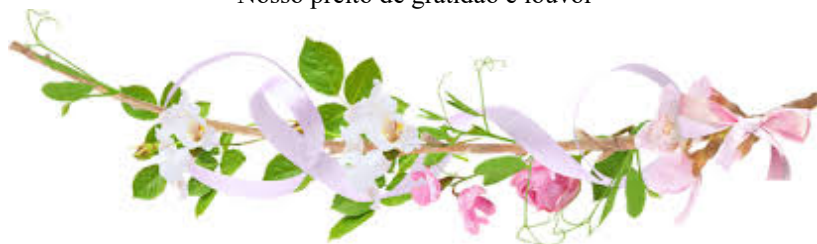


*



Dólmen de Kardec no Père-Lachese

Nosso preito de gratidão e louvor



Morreu conforme viveu: trabalhando. Sofria, desde alguns anos, de uma enfermidade do coração, que só podia ser combatida por meio do repouso intelectual e pequena atividade material. Consagrado, porém, todo inteiro à sua obra, recusava-se a tudo o que pudesse absorver um só que fosse de seus instantes, à custa das suas ocupações prediletas. Deu-se com ele o que se dá com todas as almas de forte têmpera: a lâmina gastou a bainha. O corpo se lhe entorpecia e se recusava aos serviços que o Espírito lhe reclamava; enquanto estes últimos cada vez mais aumentavam, mais enérgico, mais fecundo, ia sempre alargando o círculo de sua atividade.

O preito sincero de gratidão e louvor dos espíritas do Brasil

Um dos mais felizes e inesquecíveis momentos, uma das emoções mais nobres, puras e sublimes que em minha vida eu senti, foram as que me proporcionou a leitura da imensa e variadíssima literatura espírita, e, alguns anos atrás, “O Livro dos Espíritos e a sua tradição histórica, de Canuto de Abreu, editado pela FEB – Rio”. Verdadeiro Presente dos Céus aos espíritas, o autor nos transporta à época de Kardec, descrevendo os momentos que antecederam a entrega dos originais do LIVRO para a sua primeira edição, felicidade que gostaria igualmente usufruísem os meus irmãos espíritas, não só os que acessam o Bvespirita na Internet.

Como singela prova de gratidão e reconhecimento àqueles que generosamente nos cederam um grande, expressivo número de cópias de preciosas páginas, reunidas em seus Sites, Blogs e livros, contribuindo assim, fundamentalmente, para maior eficiência do que desejávamos alcançar com este livro, e aos nossos pacientes e gentis leitores, ofereço além do poema que figura entre outros, no meu pequeno livro “Alex, entre a Paixão e o Amor” publicado no Bvespirita, dois magníficos e inspirados sonetos de Cruz e Souza e de João de Deus, vindos do Céu, por um portal de luz.

SOFRE

João da Cruz e Souza

Toda a dor que no mundo padeceres,
Todo o fel que tragues, todo o pranto,
Ser-te-ão como trevas, e, entretanto,
Serás pobre de luz se não sofreres.

É que, dos sofrimentos nasce o canto
De alegria dos mundos e dos seres,
Pois que a dor é a saúde dos prazeres,
O hino da luz, misterioso e santo.

Doma o teu coração, e, no silêncio,
Foge à revolta, humilha-o, dobra-o, vence-o,
Chorando a mesma dor que o mundo chora.

Abre a tua consciência para as luzes
E no mundo que o mal encheu de cruces,
Do Bem encontrarás a Eterna Aurora.

* * *

AOS ESPÍRITAS

João de Deus

Vós que buscais Jesus sob a procela
Toda feita de lágrimas e dores,
Deveis ser os humildes seguidores
Da Luz do Mundo, primorosa e bela.

Deveis ser a Renúncia, que revela
O grande amor de todos os amores,
Que perdoa e redime os pecadores,
Na palavra mais terna e mais singela.

Guardai Jesus, no mundo de aspereza
Dentro da mesma luz e da grandeza,
Que consola e que eleva o coração...

Sede o Bem, sede Amor e Tolerância,
Que a caridade é toda a substância
Da Lei que nos conduz à Perfeição.

* * *

Médium - Francisco C. Xavier



ÊLE VIRÁ!...

Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós!
(João cap.14: 18).

Com certeza Ele virá!
(Com o seu manto de estrelas,
Sandálias de pescador?)

Certamente eu virei...
De forma etérea...Imperceptivelmente...
Não virei para aqueles que se amam;
Para os humildes e bons
Que se desfazem em dons
De ternura, amor, carinhos,
Para os que sofrem com resignação,
Para os que espargem flores nos caminhos,
Para aquele que ajuda seu irmão:
– Pois estão sempre comigo,
Trago-os no abrigo do meu coração!...

Não te deixarei órfão. Eu virei...
Se porventura achar, quando vier,
Tua mente fechada para mim,
Eu chorarei por ti e esperarei
Que o Sofrimento
– Eterno promotor da evolução –
E a Dor venham abrir-te o coração
Para impedir-te a progressão no mal.
No silêncio das horas de amargura,
Em cada lágrima de dor e de aflição
Refletida verás a minha mão,
Que te consola, ampara e te abençoa.
Cada lamento teu, cada soluço,
Um pouquinho terá de minha voz
Que clama eternamente o “Vinde a Mim...”.
(Vinde a mim todos vos que estais cansados
E oprimidos, que eu os aliviarei.)
Um céu não preparei para tua alma?
A cruz não carreguei sem reclamar?
Virei, porém, e ficarei sempre contigo,
Se, como amigo me seguir e amar,
E os dons de Deus com todos partilhar!...

APÊNDICE

- 1- Acessar na Internet – o site da Casa de Recuperação e Benefícios B. de Menezes, que disponibiliza além dos e-books Os Quatro Evangelhos, livros 1-Examinai Tudo -2-A História de Roustaing, 3-No Bvespirita –Artigos: Kardec-Roustaing-Compare Você Mesmo, 4-Dom de Deus –Júlio Damasceno – 5- Ponte Evangélica, de Jorge Damas. Martins – 6 – J.-B. Roustaing: apóstolo do Espiritismo – 2 Slides 7:- O Corpo Fluídico de Jesus, Gilberto – Uma biologia supranormal na obra de Roustaing e 8 –Para Entender Roustaing – 9 –As Virtudes dos Céu – Marcos Assis- 10 -A Queda Original segundo o Espiritismo. 11 –Pão Vivo – 12 – Concordância Universal -CRBBM
- 2 – Idem – No site Ebook Espírita todos os livros de P. Ubaldi. <http://www.ebookespirita.org>
- 3 – Vídeo Ismael – O Guia Espiritual do Brasil –Rede Amigo Espírita – Ludmila Emerick
- 4 – Na Internet ou no Bvespirita – Artigos e apostilas de Gilson Ribeiro, ApAGS e IEGS
- 5 – Idem – Universo e Vida Áureo –Hernani T. Sant’Anna –FEB
- 6 – Idem - No Bvespirita – Escorço Histórico da FEB – Juvanir Borges
- 7 – Idem - Autores Espíritas Clássicos
- 8 – Idem – A FEB-Rio que disponibiliza as obras básicas e os 12 volumes da Revista Espírita.
- 9 – Idem – Allan Kardec e os Espíritos que ditaram Os Quatro Evangelhos – P. A. P. Machado
- 10 – Idem – Trabalho de Unificação do Movimento Espírita – FEB – No Bvespirita

- 11 – Idem – As Federações e seu papel no Movimento Espírita – Wilson Garcia
- 12 – Idem – “Uma Fábrica de Loucos” – Angélica A.S. de Almeida
- 13 – Idem – No Princípio era o Verbo – Célia da Graça Arribas
- 14 – Idem – História Ilustrada do Espiritismo
- 15 – Idem – História do Espiritismo 1 e 2 – Mauro Quintella
- 16 – Idem – História do Espiritismo – Arthur Connan Doyle
- 17 – Idem – Uma Janela para o Infinito – Autor Desconhecido.
- 18 – Idem – Canuto de Abreu – B. de Menezes e – O Livro dos Espíritos e a sua tradição histórica
- 19 – Idem – A História dos 50 anos da USE – Expediente_online_files.
- 20 – Idem – Espiritismo Progressista – Um breve histórico – Alice Beatriz Lange e Maria L. Janotti
- 21 – Idem – Espiritismo e Evolução – Rino Curti
- 22 – Idem – USE – 60 anos – USESP
- 23 – Idem – FEESP – A Casa do Espiritismo – FEESP 1 e 2
- 24 – Vídeo – A Queda na Obra de Chico Xavier-Luiz Felipe Zanata Davel
- 25 – Vídeo – Queda dos Anjos – Ubaldi e Kardec – Rafael Var-Even Ludolf -1 a 4.
- 26 – Diversos vídeos sobre o túmulo de Jesus: O Sepulcro de Jesus.
- 27 – PAZ – Mensagem de Humberto de Campos na FEB – Alziro Zarur – YouTube
- 28 - Vídeo A Era de Francisco: O Papa do Fim do Mundo.
- 29 – Acessar na Internet – BLOG DO ARON, UM ESPÍRITA
- 30 – Diversos vídeos de J. Herculano Pires, entre eles: –Pinga-Fogo com Chico Xavier
- 31 – 2015_tese_avescunha.pdf-A Invenção do Imaginário autoral de Chico Xavier – Início. Fed. Ceará
- 32 – Relatos de Eventos Espíritas em S. Paulo – Relato Eventos_Marissol.pdf
- 33 – No Bvespírita – Jesus perante a Cristandade – Bittencourt Sampaio – Frederico Silva Jr.
- 34 – No Bvespírita ou no Google Chrome – O Poder e o Movimento Espírita – Dicesp (Dicesp.Pdf)
- 35 – Idem – Afinal, Espiritismo é religião? – Célia das Graças Arriba
- 36 – Idem – Elos Doutrinários – Ismael Gomes Braga – FEB-Rio
- 37 – Idem – Elucidário do Livro Evolução em Dois Mundos - José Marques Mesquita
- 38 – Idem – Loucura e Obsessão: entre psiquiatria e espiritismo. Sanatório. De Uberaba – Raphael Ribeiro
- 39 – Idem – A Segunda Morte – Bvespírita -Artigos – Roberto Valadão Fortes
- 40 – Idem – Entre a Matéria de o Espírito – A. César Perri de Carvalho e Osvaldo Magro Filho
- 41 – Idem – O Túnel e a Luz – Carlos Bernardo Loureiro
- 42 – Idem – Elos Perdidos – psicografado por Ailton Guerreiro, o Espírito Albagiron
- 43 – Idem – Jesus, nem Deus, nem Homem – Editora – www.febeditora.com.br – 1º. Capítulo (14 págs.iniciais)
- 44 – Idem – O Vôo da Esperança – Médiun Woine Figner Sacchetin – Espírito A. Santos Dumont
- 45 – Idem – À Margem do Espiritismo – Carlos Imbassahy – Ed. FEB – Rio
- 46 – Idem – Kardec e Roustaing – Paulo Afonso da Mata Machado
- 47 – Terapia do Perispírito – Nova Consciência -52 – Ailton Guerreiro
- 48 – Esclarecimento - Albagiron –Ailton Guerreiro – GEASE
- 49 – No Youtube = Vídeo O Espelho da Perfeição – 1e 2 – Júlio Damasceno
- 50 – Apometria – Avanço ou retrocesso – www.nossolarcampinas.org.br
- 51 – Na Internet –Vídeo A Queda na obra de Chico Xavier, e outros de Gilson Ribeiro.
- 52 – Os Combates de Luiz de Mattos – Jacqueline Souza Amaro – <http://www.arca.fiocruz.br/>
- 53 – Unir para difundir – Édison Betarello – PUC – SP
- 54 – O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas - Deolindo Amorim
- 55 – No Bvespírita - Uma Janela Para o Infinito
- 56 – Artigo Uma Janela para o Infinito. – IBIS – e o Vídeo Uma Janela para o Infinito.
- 57 – O Apocalipse Segundo Ubaldi – Por Gilson Freire
- 58 – Herculano Pires no Dia Nacional de Ação de Graças (1976)
- 59 – O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas e Africanismo e Espiritismo – Deolindo Amorim
- 60 – Artigo – Os Quatro Evangelhos - Museu Roustaing - CRBBM
- 61 – Vide na Internet - A Origem do Perispírito – <http://www.ibbis.org.br>
- 62 – Idem, os vídeos do Instituto Pietro Ubaldi - Deus e Universo em capítulos – com Gilson Ribeiro
- 63 – Vide no Bvespírita –Doenças, Cura e Saúde à Luz do Espiritismo – Geziel Andrade
- 64 – O Espelho da Perfeição – Kardec, Roustaing e Ubaldi –Júlio Damasceno
- 65 – Vídeo Deus e Universo – Gilson Ribeiro –cap. I e seguintes.
- 66 – José de Paiva Netto – Wikipédia e Legião da Boa Vontade – Wikipédia
- 67 – Prodígios da Biopsíquica - Eurico de Góes
- 68 – Mirabelli - Um médium extraordinário - L. Palhano Jr.
- 69 – Vídeo – Youtube – Carmine Mirabelli – A Biografia Mais Completa
- 70 – Espiritismo e Evolução - fernando-rosemberg-patrocinio

- 71 – A Queda - <http://fernandorosembergpatrocinio.blogspot.com.br>
72 – como-foi-escrito-o-livro-dos-espíritos.pdf - <https://bibliotecavirtualespirita.files.wordpress.com/2017/04/208->
73 – Herculano Pires: A Visão Doutrinária e a Ação Espírita – Leonardo Marmo - Site JEE
74 – Ambiente Místico - [http://bvespirita.com/Ambiente%20Mistico%20\(autoria%20desconhecida\).pdf](http://bvespirita.com/Ambiente%20Mistico%20(autoria%20desconhecida).pdf)
75 – Espiritismo Científico – Bvespírita
76 – Simbiose: Kardec / Herculano Pires - <http://fernandorosembergpatrocinio.blogspot.com.br>
77 – A revolução da Teoria Quântica - Revista Super-Interessante
78 – A Gênese Espiritual – Cláudio Zanatta – Bvespírita
79 – libertao_anoXXX_11 Revista de Brasília-DF- Fenômenos de quase-morte
80 – Kardecismo e Espiritismo –E.book – Fernando Rosemberg Patrocínio
81 – Vide na Internet: O Conceito Rosacruz do Cosmos – Max Heindel -<http://www.christianrosenkreuz.org/>
82 – Idem - Interação Kardec – Roustaing - <http://fernandorosembergpatrocinio.blogspot.com.br>
83 – Idem -Trilogia Codificada e Rustenismo –Idem
84 – Idem - Psicologia e Espiritismo – Carlos Toledo Rizzini - Bvespírita-Livros
85 – Idem - Doenças, Cura e Saúde à Luz do Espiritismo – Gesiel Andrade
86 – Idem - Buenout-Depressão e o Tratamento no Espiritismo –
87 – Idem – Depressão e Cura no Espiritismo – Genivalda A. Cravo dos Santos
88 – Idem - A medicina e o Espiritismo – EBAH
89 – Idem - Entendendo a Vida – Marcus De Mario - www.oconsolador.com - Londrina - PR
90 – Idem - Doença e Cura na Perspectiva da Medicina do Espírito – Márcia Aparecida Lopes Amorim Silva
91 – Idem - Espiritismo Científico e Assuntos Diversos – (Grupo de Estudos Espíritas da Unicamp) -PDF
92 – Idem - As Ciências da Psique no espiritismo (1900-1960)-Igor A. S. Leite - ULFL212804_lm.pdf
93 – Idem - Cisma Religiosa e Disputa Simbólica - Luiz Signates -
94 – Idem - Inventando o Universo - Ayrton's Biblical Page
95 – Idem - A Revolução da teoria quântica - Revista Super-Interessante
96 – Idem - XIV Congresso Kardec- Ubaldo -PDF-2009Caldas Novas -GO
97 – Idem - Espiritualidade Quântica? - Pablo Nogueira - PUC - São Paulo - 2010
98 – Idem - ...E a Bíblia Tinha Razão _ Werner Keller - Werner-Keller-E-a-Bíblia-tinha-razao.pdf
99 – Idem - A voz necessária - Encontro com os profetas do século VIII a.C- José Luiz G. do Prado
100-Idem - Anticristo, o Senhor do Mundo -Leopoldo Cirne -Autores Espíritas Clássicos
101- Idem- Dissidências Espíritas e Doutrinas Correlatas - Júlio Costa Neto - Resende - RJ
102- Idem- PDF- O apocalipse de João - Federação Espírita Brasileira
103-Idem - Mod - 2 - Rot-10 - O Calvário, a crucificação e a ressurreição de Jesus -Feb-Pdf
104-idem - Youtube -Reflexões - O Corpo do Cristo - Como Compreender? Roustaing / Gilson Júnior - CEFAM
105-idem - Jesus, nem Deus nem Homem -Palestra de Julio Damasceno CRBBM, Novembro de 2014
106-Idem - Psiquiatria em Face da Reencarnação - Edições FEESP
107-Idem - A chave de tudo - Por Helio Gurovitz - Superinteressante.

* * *

LEITURA ADICIONAL

1 - A RELAÇÃO ENTRE O MISTICISMO E A EXPERIÊNCIA METAFÍSICA EM BERGSON

Prof. Dr. Adelmo José da Silva
Departamento das Filosofias e Métodos – DFIME

Resumo: Para Bergson o misticismo é algo que ultrapassa em termos de profundidade o ato de filosofar; parte do pressuposto de que o místico é capaz de ir além do que possa ser capaz o filósofo. Relacionado ao conceito de misticismo, Bergson apresenta um discurso segundo o qual a evolução não é entendida à maneira do evolucionismo que nega qualquer forma de criação. Para este pensador é inadmissível a teoria que pretende deduzir as formas elementares e, finalmente, deduzir a vida da matéria. Bergson não apenas rejeita essa forma de pensar, típica dos evolucionistas, como também repudia o mecanicismo, descartando assim a idéia de que a evolução siga um plano previamente determinado. O misticismo bergsoniano aparece em toda parte compreendido como uma dimensão de humanidade, em estágio elevado. Palavras-chave: Misticismo, Evolucionismo, Metafísica.

O misticismo é para Henri Bergson algo que ultrapassa em termos de profundidade o ato de filosofar, pois o místico é, segundo ele, capaz de ir além do que possa ser capaz o filósofo.

Bergson considera o místico como aquele que vive uma experiência mais profunda do que o ato de filosofar.

O que é o misticismo para Bergson? O misticismo, em si, é definido por Bergson pela sua relação com o impulso vital:

Implicitamente, admitíramos que o misticismo era raro ao defini-lo por sua relação com o impulso vital. Falaremos, pouco adiante, de sua significação e de seu valor. Limitemo-nos por ora a observar que ele se situa, segundo o que precede, em

um ponto até onde o fluxo espiritual lançado através da matéria teria provavelmente querido, até onde não pode ir. Porque ele zomba de obstáculos com os quais a natureza teve que conciliar, e por outro lado não se compreende a evolução da vida, com abstração das vias laterais pelas quais ela enveredou pela força, a menos que a vejamos à procura de algo inacessível a que o grande místico atinge. Se todos os homens, se muitos homens pudessem subir tão alto quanto esse homem privilegiado, não é na espécie humana que a natureza se teria detido, porque o místico é na realidade mais que homem. De resto, dir-se-ia o mesmo das demais formas de gênio: todas são igualmente raras. Não é, pois, por acaso, é em virtude de sua própria essência que o verdadeiro místico é excepcional. (BERGSON, M. R., 1991, p. 1156).

Relacionado a este conceito de misticismo, Bergson fala de uma grande corrente de energia criadora. Isto porque a evolução não é entendida à maneira do evolucionismo que nega qualquer forma de criação. Bergson vai discordar frontalmente de todos aqueles que pretendem deduzir as formas mais complexas da vida partindo de formas elementares e, finalmente, deduzir a vida da matéria. Exemplo desta forma de concepção é Darwin, para o qual o meio seleciona mecanicamente os seres vivos, somente sobrevivendo aqueles que se adaptaram ao meio. Bergson não apenas rejeita esta forma de pensar, típica dos evolucionistas, como também repudia o mecanicismo, pois para ele não é possível imaginar que a evolução siga um plano previamente determinado. Isto significaria na concepção de Bergson retornar à ilusão do possível. – O. SILVA, Adelmo José da. “Existência e Arte” - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano I - Número I – janeiro a dezembro de 2005

Observamos que o misticismo bergsoniano aparece em toda parte compreendido como uma dimensão superior de humanidade, um estágio mais elevado. E a este nível superior da humanidade, o homem, mediante as forças individuais, somadas às forças da vida, pode chegar. De acordo com Bergson foi exatamente este esforço individual, associado ao esforço geral da vida, que teria conduzido os místicos a uma relação interpessoal com Deus. O encontro com este Deus coincide com o encontro com aquilo denominado por Bergson como o amor perfeito da humanidade.

A relação entre o misticismo e a experiência metafísica em Bergson “Existência e Arte” - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de S. João Del-Rei - Ano I – N°. I – janeiro a dezembro de 2005

3- Uma alma capaz e digna desse esforço nem mesmo indagaria se o princípio com o qual se mantém agora em contato é a causa transcendente de todas as coisas ou não se passa de sua delegação terrestre. Bastar-lhe-ia sentir que ela se deixa penetrar, sem que sua personalidade nele se absorva, por um ser que pode imensamente mais que ela, como o ferro pelo fogo que o incandescer. Seu apego à vida seria daí por diante sua inseparabilidade desse princípio, gozo no gozo, amor do que é só amor. Ela se daria à sociedade por acréscimo, mas a uma sociedade que fosse então a humanidade inteira, amada no amor do que lhe é o princípio. A confiança que a religião estática trouxe ao homem nela se acharia transfigurada: não mais preocupação quanto ao futuro; não mais retorno inquieto sobre si mesma; o objeto não mais lhe valeria a pena, assumiria moralmente uma significação muito alta (BERGSON, M. R., 1991, p. 1155).

No entanto, à luz da concepção bergsoniana não se pode conceber como realização progressiva de um ideal as sucessivas tentativas antes do surgimento definitivo da vida mística perfeita. Isto porque para que se possa falar da realização de um ideal, é condição básica poder representá-lo antecipadamente; mas Bergson também considera que, cada tentativa de misticismo forja a sua idéia ao criar-se, razão pela qual ele não poder, antes de sua realização, possuir uma idéia dela, nem mesmo desejar como fim.

Não podendo arrastar a matéria, o impulso vital vai buscar e retomar a individualidade, então esses homens privilegiados, nos quais surgiram em definitivo a vida mística perfeita, são na visão de Bergson uma espécie nova, especialmente quando os mesmos possuem consciência desta transformação operada, de terem chegado a um grau de perfeição tipicamente messiânico.

Este é o momento marcante e singular do surgimento da vida mística, conforme a descrição de Bergson:

Por um aspecto, entretanto, essas transformações apresentavam em si mesmas, e não apenas em sua tradução conceitual, alguma coisa de comum. Todos queriam abrir o que estava fechado; o grupo, que desde a precedente abertura se dobrava sobre si mesmo, era sempre reconduzido à humanidade. Sigamos mais além: esses esforços sucessivos não eram precisamente a realização progressiva de um ideal, dado que nenhuma idéia, forjada por antecipação, podia representar um conjunto de aquisições, cada uma das quais, ao se criar, criava sua própria idéia; e, no entanto, a diversidade dos esforços se resumiria bem em alguma coisa única: um impulso, que dera sociedades fechadas porque não mais podia arrastar a matéria, mas que vai em seguida procurar e retomar, na falta da espécie, esta ou aquela individualidade privilegiada. Esse impulso continua assim, por intermédio de certos homens, cada um dos quais se verifica constituir uma espécie composta de um só indivíduo. Se o indivíduo tem plena consciência disso, se a franja de intuição que envolve sua inteligência se amplia o suficiente para aplicar-se a todo o seu objeto, é a vida mística.

(BERGSON, M. R., 1991, p. 1203).

O surgimento da vida mística vai coincidir com o aparecimento, simultâneo da denominada religião dinâmica bergsoniana. Aquela que, segundo Bergson é a que se manifesta nos grandes místicos, no Cristo, em Santa Teresa de Ávila e em São Francisco de Assis. Eles se identificaram, por meio de uma intuição privilegiada, com o próprio impulso vital, com este esforço criador que Bergson considera ser de Deus ou senão o próprio Deus.

* * *

O artigo que apresentaremos a seguir revela os antecedentes da postura universalista, unificacionista, conciliadora e abrangente da FEB, a Casa-Máter do Espiritismo no Brasil com a Umbanda, que segundo afirmou Emmanuel, é uma das províncias do Espiritismo, então sob a direção do Dr. Antônio Wantuil de Freitas, que após vinte anos como diretor da revista Reformador, foi durante dezessete anos consecutivos, presidente da FEB; postura esta que não sendo então, compreendida e aceita, foi fortemente combatida por Herculano Pires e a FEESP de São Paulo - SP.

2 –UMA ENTREVISTA SENSACIONAL - Memória Espírita - TERÇA-FEIRA, 23 DE AGOSTO DE 2011

FONTE: Entrevista concedida pelo Dr. Wantuil de Freitas à Geraldo de Aquino OFERTA DE HORA ESPIRITUALISTA “JOÃO PINTO DE SOUZA” DO RÁDIO CLUBE DO BRASIL APRESENTAÇÃO

Havia algum tempo, HORA ESPIRITUALISTA “JOÃO PINTO DE SOUZA” vinha insistindo por conseguir uma entrevista com o Sr. Wantuil de Freitas. Delicadamente este ilustre confrade se esquivava ao nosso convite; mas eis que, finalmente, após uma visita que lhe fizemos, concedeu-nos ele a importante entrevista que gravamos para os nossos ouvintes e que ora publicamos. O Sr. Wantuil de Freitas é atualmente o presidente da Federação Espírita Brasileira, cargo para o qual já foi reeleito várias vezes, seguidamente e sempre por unanimidade. O Conselho Federativo Nacional foi por ele idealizado e fundado, e por ele vem sendo presidido desde 5 de outubro de 1949. É o nosso entrevistado o Diretor humano dos trabalhos do “Grupo Ismael” e autor de algumas obras espíritas, entre as quais o monumental trabalho sobre o Novo Testamento, a que denominou de “Síntese de O Novo Testamento”. Aliás, o nome do Sr. Wantuil de Freitas se tornou conhecido em todo o Brasil, em 1939, quando, sozinho, como membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, defendeu brilhantemente o Espiritismo em sessão solene daquela douta Sociedade, a qual, como sabemos, desejava que o Governo proibisse a transmissão de programas espíritas pelo Radio. Vamos, pois, apresentar essa sensacional entrevista, a fim de que os nossos ouvintes e leitores apreciem a palavra do presidente da Federação Espírita Brasileira, do idealizador e criador da mais gigantesca obra de propaganda espírita no mundo – o Departamento Editorial da FEB.

Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1953. Geraldo de Aquino ENTREVISTA

Dr. Wantuil, o senhor foi sempre espírita?

Não. Filho de pais católicos, até os 12 anos tive vontade de ser padre e constituía para mim um grande prazer ajudar missa ou cantar no cântico da igreja. Aos 18 anos de idade, senti grande atração para o protestantismo metodista e cheguei mesmo a pensar em me fazer pastor. Já rapaz e casado, apesar de me haver alheado de qualquer movimento religioso, dando-me, porém, com padres e pastores, por estranho que pareça, visto que nem a existência de Deus me preocupava, uma coisa acontecia comigo: lia bianalmente toda a Bíblia, lia o Alcorão e toda e qualquer obra, pró ou contra, do movimento religioso do Ocidente ou do Oriente. Em janeiro de 1924 deixei o meu Estado natal e vim para o Rio, passando a freqüentar uma drogaria existente na Rua dos Andradas, cujo sócio e gerente pertencia a várias ordens religiosas e foi mesmo condecorado com uma comenda papal.

Antes de o senhor se tornar espírita, como encarava o Espiritismo? Chegarei lá. Em fins de fevereiro de 1932, num certo dia que me escapa à memória, a mencionada drogaria se encontrava com as portas fechadas para o almoço dos empregados, e eu, no interior, esperava com alguns amigos que os empregados saíssem, para que nós outros fizéssemos o mesmo, em companhia do gerente e nosso amigo. No grupo comentavam um fato espiritista, e eu, que nunca havia lido um livro de Espiritismo, meti-me na conversa, afirmando que tudo não passava de superstição e fanatismo de pessoas incultas. Quando eu assim falava, alguém me dá aviso de que se aproximava o velho contador da casa, informando-me de que ele era espírita e que convinha parássemos a conversa. Achei jocosa a notícia e nela não pude acreditar. O contador, senhor “E”, eu o conhecia bastante. Era um homem de cultura invulgar, de caráter íntegro, virtuoso ao máximo, e não julguei possível que esse homem, que eu me habituara a respeitar por seus predicados morais e intelectuais, pudesse imiscuir-se com essa gatinha inculta dos nossos morros sem escola. Assim julgava eu o Espiritismo e os espíritas. Aventurei-me a inquirir o meu amigo: Acaso o senhor é adepto do chamado Espiritismo? Qual não foi minha surpresa de o senhor “E” não se magoar com minha pergunta irônica e responder-me simplesmente: - Sou, sim, Wantuil. E como eu desse uma gargalhada estrondosa, continuou ele: - Você tem mãe, Wantuil? – Não, respondi-lhe eu. E, tomando de um lápis, escreveu ele os dados que me solicitou: o nome da minha finada mãe, o nome da localidade em que ela desencarnou e lá se foi para o almoço, com aquele sorriso bondoso que o distinguia de todos nós.

Mas, como sempre acontece àqueles que julgam tão desprimorosamente o Espiritismo, o senhor, por fim, tornou-se um espírita cem por cento convicto, não é verdade?

De fato. Dias depois o senhor “E” veio informar-me que o Espírito de minha mãe me queria falar, em sua casa, na Tijuca, a tal dia e a tal hora. Ri-me do convite e retruquei que lá iria para provar ao meu amigo que ele estava sendo vítima de uma ilusão, de truques quaisquer, que lhe passavam despercebidos exatamente por ser ele um homem de boa fé, incapaz de fazer mau juízo do seu próximo. No dia marcado, 8 de março de 1932, data que me foi muito cara, lá estava eu na residência do amigo “E”. Às 20 horas entramos para a sala de jantar, local destinado às sessões.

E a sua primeira impressão ao ver-se em uma reunião espírita?

Achei estranho que não apagassem as luzes, conforme ouvira um padre descrever do púlpito uma sessão espírita. O Sr. “E” profere uma prece simples, mas cheia de fé, e os trabalhos se iniciam. Todos estavam sentados ao redor da mesa, de olhos fechados, ao passo que me haviam colocado num sofá ao lado. Então foi essa a reunião com o deliberado propósito de

“ecrasons l’infâme”, *1(“Esmagai a infame!”), naquele momento: “o infame era eu.) usando da expressão voltairiana. Só eu estava de olhos abertos, e bem abertos, à espera do Sr. “E” e um outro senhor. Contive-me a custo. momento de pegar o autor da palhaçada com que pensei ludibriassem o meu amigo. Interessante! Muito curioso! Dentro em pouco levanta-se uma senhora e diz que era a minha falecida mãe. Tive ímpetos de protestar energicamente contra a profanação da memória de minha mãe, mas, olhando em derredor, ali estavam senhoras respeitáveis e dois idosos.

E o Espírito manifestante – no caso a sua genitora – conseguiu facilmente dismantelar o castelo de sua descrença e animosidade no tocante ao Espiritismo?

Sim, o Espírito que dizia ser o de minha mãe começa a contar-me fatos de minha meninice. Fala nos meus irmãos residentes em Minas, cumprimenta-me por haver socorrido certa pessoa por ela então nominalmente citada, e, após aconselhar-me muito, se despede, abençoando-me.

Uma identificação bastante positiva. E como a recebeu? Naturalmente, manteve animada e amistosa palestra com essa Entidade tão querida, no sentido de obter melhores provas? Nada disso, uma lágrima, lágrima salvadora, me rola pela face. Ninguém viu. Todos continuavam de olhos fechados, indiferentes ao meu estado. E enquanto outros Espíritos se manifestavam, eu pensava em tudo aquilo e raciocinava, não mais como dantes, mas com um sentimento de respeito por alguma coisa que se encontrava ainda velada para mim, alguma coisa que o meu EU me aconselhava a perquirir. Belíssima conversão! O amor da mãe, mesmo do outro lado da vida, continua, carinhosamente, protegendo seu filho! É para comover! Terminada a reunião, o Sr. “E” me veio perguntar se eu havia gostado e que, se nada me tivesse agradado, voltasse mais algumas vezes. Respondi-lhe de pronto: Emprésteme um livro sobre essa coisa, que eu a quero conhecer. E assim, sempre irreverente, de lá saí com um exemplar de O Livro dos Espíritos. Geralmente as pessoas irreverentes, de início com a nossa Doutrina, em pouco se transformam em seus decididos defensores e propagadores! Durante três meses abandonei tudo, tudo, para só ler, dia e noite, quase sem me alimentar. Li quanto encontrei à venda na livraria da FEB e na Garnier, que na época, ainda vendia livros espíritas. Por fim, passei a ler obras esgotadas, algumas raras, todas da rica biblioteca daquele saudoso amigo “E”.

Muito bem! Sabemos que o confrade possui grande cultura espírita, e isto por haver revisto, pelo original francês, todas as obras traduzidas e publicadas pela Federação. Por isso mesmo, desejávamos saber se o senhor teve oportunidade de realizar algum estudo sobre o chamado Espiritismo de Umbanda.

É uma pergunta natural e a ela responderei. Em meados de 1932, numa garagem situada à rua S. Luís Gonzaga, onde habitualmente me fornecia de gasolina, aí, certo dia, enquanto me enchiam o tanque do carro, disse-me o garagista que iria ao Méier, a uma sessão espírita, das boas acrescentou ele. Eram 15 horas e consultei se poderia levar-me em sua companhia. Respondeu-me com reticência, que o Espiritismo dele era diferente, que era de terreiro, e que eu certamente não iria gostar. Fiquei curioso, pois então eu ignorava que existia um Espiritismo diferente daquele que eu conhecera em casa do Sr. “E”.

E qual foi a sua impressão em presença dos trabalhos espíritas ditos de terreiro?

Vou satisfazer-lhe à curiosidade. Chegando a casa do médium, a que chamavam de cavalo, foi com certo olhar de piedade que vi o médium benzer-se diante de um altar ornamentado com algumas imagens, dessas que se vêem em templos católicos, passando em seguida para uma sala onde se encontravam bancos ao longo das paredes. Achei tudo aquilo extravagante, o médium a beber cachaça, e a fumar charutos ou cachimbo, conforme o espírito que se manifestava. Em seguida, após uma série de conselhos gerais para os assistentes, o Espírito chefe passou a dirigir-se a cada um dos presentes, sempre em sua linguagem de preto velho. Todos lhe eram conhecidos, porque freqüentadores de suas sessões, de sorte que eu concluí logo que só a mim ele não se dirigiria, certamente receoso de algum desastre para a fama de que gozava entre os seus adeptos. Só conheciam o meu nome, aliás, apenas o de Wantuil, o garagista e um seu companheiro, que conosco viajara de automóvel.

Mas o Espírito do preto velho não deu importância aos seus pensamentos, não é verdade? Realmente, tanto assim que a mim se dirige, em seu linguajar que não sei imitar, e pergunta-me: - “vocemecê como se chama?” – Antônio, respondi. – “Antônio de que?” – de Freitas, informei. – “Não, diz ele, falta coisa. Quero saber o seu nome todo.” – E eu lho dei: Antônio Wantuil de Freitas. – “Sim, replica ele, agora, sim. Mas vocemecê, aqui se chamará Wantuíca.”(*) Em seguida, começa ele: “Vocemecê tem uma fazenda na terra em que vocemecê nasceu. Um rio a corta ao meio e a parte que fica doutro lado não vale nada, pois não tem água. Junto, porém, há um sítio que tem muita água, mas não tem terra bastante. Juntando essas duas propriedades, vocemecê poderá fazer uma boa fazendola. (*) Ica, sufixo diminutivo. Parece que o Espírito quis dizer que, ali, todos se deveriam considerar pequenos apesar de suas categorias sociais no mundo profano. Esse sítio é de um seu tio. Em breve lhe virão oferecer essa propriedade, mas vocemecê não deve comprar já, pois há uns negócios atrapalhados que ainda não foram resolvidos.” Em seguida, como que se pondo a ouvir, continua ele: “O trem de ferro esta correndo, está apitando. Nele vem uma carta para vocemecê. É um seu amigo que lhe escreve, pedindo-lhe uma quantia elevada, por empréstimo. Ele não tem nada para garantia. É pobre. Mas vocemecê vai atendê-lo e ele lhe pagará. É um homem honesto.”

E tudo isso se confirmou?

Daqui a pouco você saberá. Presenciei outros fatos, mas saí dali e vim, em toda viagem de volta, demonstrando aos dois companheiros que eles deveriam abandonar aquele meio de mentiras e de fanatismo resultante da ignorância de muitos e da espezteza de um, do suposto médium.

Então o preto velho fracassou em suas afirmativas?

Chegarei lá. Realmente eu possuía uma fazenda na zona indicada, adquirida havia pouco tempo, e que eu não conhecia ainda. Mas eu sabia, de antemão, que eu não tinha tio vivo naquela região e que também não viria carta alguma com pedido de empréstimo de quantia elevada. De fato é estranhável e até mesmo decepcionante! Dois dias depois, chega-me o Correio e lá me veio a carta exatamente como descrita. Após expor as suas necessidades e o seu plano, o remetente da carta me pedia que enviasse a quantia por ordem bancária telefônica, com toda urgência. Imediatamente a quantia foi paga em São Paulo, onde morava o amigo solicitante, e eu embarquei no dia seguinte, pela Leopoldina Railway, para o local onde estava situada a minha fazenda. Contei tudo ao meu irmão “J”, que lá residia, e seguimos para a fazenda a cavalo. Lá se me deparou o rio Muriaé a cortar a minha propriedade em duas. As terras confrontantes, a que se referia o Espírito, pertenciam a um dos meus primos, por ele recebidas como herança de seu pai, meu tio pelo lado materno. Cheguei a conclusão de que o Espírito de meu tio ainda vivia preso à sua antiga propriedade, razão por que o Espírito do preto velho assim me informara. Depois, tomei conhecimento, por meu irmão “J”, de que meu primo lhe havia pedido oferecer-me à venda as suas terras e que ele, meu irmão, não me transmitira a oferta, porque meu primo estava demandando judicialmente com o chefe político local e que, possivelmente, a venda seria embargada. ***Curiosíssimo! E há quem duvide das manifestações espíritas. Sim, porque essa comunicação do preto velho é, sem dúvidas alguma, uma autêntica comunicação espírita, porque outro nome não se lhe pode dar. Queira desculpar minha intromissão, continue, por favor, a sua dissertação interessantíssima.***

Realmente são fatos que merecem o nosso estudo e meditação. Devo informá-lo de que essa fazenda eu a doei a duas sobrinhas, filhas de meu irmão mais velho “T”, e que o amigo, a quem eu havia feito o empréstimo me reembolsou integralmente, só não pagando os juros, porque me neguei a recebê-los. Muito bem! Trinta ou quarenta dias depois, recebo um aviso telefônico de que meu irmão “J”, muito doente, estava de viagem para o Rio, em carro especial da Estrada de Ferro Leopoldina e que aqui deveria chegar às 21 horas. Eram onze horas do dia. Lembrei-me do preto velho e lá fui com o garagista, pela segunda vez. Disse-me o Espírito: “Seu irmão é um trapo humano. Sua matéria não vale mais nada. Carregam-no nos braços. Vá esperá-lo e coloque-o numa Casa de Saúde. Terça-feira irei operá-lo”. Não acreditei em nada disso. Internei meu irmão na Casa de Saúde Pedro Ernesto e acompanhei-lhe a moléstia. Exames e mais exames se sucediam, procedidos pelo Dr. Lindenberg, a pedido do médico assistente. E nada encontravam, nem mesmo nas fezes das quais já haviam feito vários exames porque o doente se apresentava com uma disenteria assustadora. Pois bem! Exatamente na terça-feira marcada meu irmão se queixa de que lhe estavam mexendo nos intestinos e que sentia fortes dores. Perfeita manifestação espírita! Uma intervenção cirúrgica, procedida por entidades espirituais! Lembrei-me, então, do que havia prometido o preto velho, e pedi que procedessem a novo exame de fezes. E então, só então é que o exame revelou a existência de uma amebíase. Recebi um recado do preto velho: “Só pude fazer uma raspagem. Pode levar seu irmão para Porto Novo do Cunha, onde o médico assistente cuidará dele”. Meu irmão “J”, era já realmente um condenado. Lembrei-me das palavras iniciais do preto velho – “ Sua matéria não vale mais nada” -, e fiquei à espera da notícia da desencarnação em sua nova residência, já agora não mais na terra em que nasci, mas na casa de meu irmão mais velho, em Porto Novo do Cunha. Essa notícia me chegou antes de meus parentes ma dessem pelo telefone, veio-me pelo próprio falecido, através de inúmeros sinais, de fenômenos que todos conhecemos como premonitórios da morte. ***São, evidentemente, relatos notáveis, dignos de serem conhecidos! Permita-me dizer, Dr. Wantuil, que seria um crime se o amigo não os revelasse à família espírita, porque fatos como esses agradam à nossa fé e fortalecem a crença de muitos irmãos nossos!*** Meses depois, fica “maluco” um dos meus empregados. Ele e a família dele não admitiam o Espiritismo, eram católicos fervorosos, mas sua família estava longe e eu me encontrava atrapalhado com um “doido”, dentro de casa, onde eu tinha meus seis filhos, todos pequenos. Lembrei-me do preto velho e fui solicitar ao garagista que me levasse até lá. Fomos os três, eu, o garagista e o rapaz. Após umas cenas de punhais atiradas pelas costas e a caírem em cruces riscadas a giz no assoalho, chamou-me o preto velho (Pai Francisco) e me disse: “Mande o rapaz para a família dele”. Respondi-lhe não ser isso possível pois o “maluco” teria de viajar dois dias de estrada de ferro. Repliquou-me: “Não faz mal, eu seguirei com ele.” Vê-se cada coisa no Espiritismo, que até mesmo aos veteranos impressiona! Não sabendo o que fazer, por insistência do garagista cuja fé em Pai Francisco era absoluta, no dia seguinte, às 6 horas da manhã, embarquei o rapaz, não, todavia, sem recomendá-lo a um amigo que casualmente encontrei no carro da Leopoldina. Às 15 horas, quando o trem ainda se movimentava a sete horas da cidade de Carangola, recebi um recado de Pai Francisco: “Ele dormirá em Carangola para tomar o trem que só sairá amanhã, de manhã, mas eu irei fazê-lo perder o trem, a fim de que ele fique um dia em Carangola, onde possui parentes. Assim, chegará, melhorado a casa de seus pais.” ***E tudo isso aconteceu?*** Sim, sim, tudo isso aconteceu. ***São deveras interessantes os relatos do prezado amigo. Pediríamos, por obséquio, que nos relatasse outros episódios, pois que naturalmente o senhor conhece muito deles.***

Nesse mesmo dia, ao chegar a minha casa, às 19 horas, recebo um telefonema de excelente médium que trabalhava nas sessões do Senhor “E”. Pedia-me que comparecesse a uma sessão que iriam realizar. Fui. Lá chegando, contei que havia levado um maluco a uma sessão de Umbanda (só então conheci esse nome) e, em presença de todos, a médium me censurou por me haver metido nesse meio perigoso, impróprio para um homem de minha condição social e de minha cultura – dizia ela. Não houve sequer tempo para eu responder à médium, Senhora “C”, pois que o diretor dos trabalhos, o Sr. “E”, nos chamou a todos para a sessão. Aberta a reunião, após a prece proferida pelo Sr. “E”, manifesta-se pela própria médium “C”, médium inconsciente, um Espírito de grande elevação. Todos estavam perplexos com a beleza de sua explanação, com o concatenado brilhante de suas frases, com os profundos conhecimentos evangélicos que nos apresentava, com tudo enfim. Falou por algum tempo, e, após ligeira pausa, continuou o mesmo Espírito: “Meus amigos:

Dirigir-me a vós que já compreendeis os vossos deveres, que já procurais aumentar os vossos conhecimentos através da leitura de boas obras, que já sentis a grandiosidade do Espiritismo, é fácil, é missão sem dificuldade e sem espinhos; mas dirigir-me a criaturas ainda presas às coisas da Terra, às coisas das religiões em que foram criadas, é bem difícil, é sacrificial. Esses irmãos, entretanto, precisam ser amparados e encaminhados, e espíritos existem que escolhem essa missão, descendo, às vezes, de outros planos e adotando processos que possam tocar aqueles corações, preparando-os para o futuro que a todos espera. Eu sou o Pai Francisco, o mesmo que atendeu ao irmão Wantuil, através de um “cavalo”, que aqui não se manifestaria se não fora a ordem recebida do guia dos vossos trabalhos. Ficai na paz do Senhor.

Dr. Wantuil, o que acaba de relatar é alguma coisa que fala alto às nossas consciências; é uma lição magnífica para a nossa vaidade e presunção! Mas, uma coisa eu desejaria ficasse bem esclarecida: A médium, pela qual Pai Francisco deu essa extraordinária lição foi aquela senhora que o censurou, momentos antes, por ter o senhor comparecido a um terreiro de Umbanda?

Exatamente a mesma pessoa – a médium “C”. E assim terminou minha experiência, ou melhor, o meu estudo inesperado do chamado Espiritismo de Umbanda. Nunca mais tive ocasião de assistir a trabalhos de terreiro e concluí, pelos próprios ensinamentos de Pai Francisco, que a eles eu não mais precisaria assistir. Tudo isso se passou no ano de minha conversão, 1932, quando longe me encontrava de imaginar, sequer, que mais tarde eu seria chamado para o trabalho de orientação e unificação do Espiritismo em nossa Pátria.

Desde quando o senhor é diretor da Federação Espírita Brasileira?

Há quase dezessete anos, ou seja, desde 1936. Diante do que acaba de nos revelar e diante certamente, de inúmeros outros fatos que tenha presenciado, como vê o senhor tudo isso?

Muitos outros fatos, alguns maravilhosos mesmos, tinha ainda para relatar, mas penso que já disse o bastante. Desde então, apesar de ter sido criado e educado nos meios religiosos que todas as graças oferecem aos seus adeptos, reservando para os que não lhe comungam as idéias as excomunições e as penas infernais, desde então passei a ver o Espiritismo simbolizando a Escada de Jacob, em cujos degraus há lugar para todas as criaturas de boa vontade. Finalizando aqui esta importante entrevista que nos concedeu o Presidente da Federação Espírita Brasileira, agradecemos a esse ilustre confrade, Dr. Wantuil de Freitas, a sua gentileza em nos oferecer esta rara oportunidade de, no início do ano de 1953, transmitirmos para os rincões de nossa Pátria a palavra autorizada do Presidente da CASA MATER do Espiritismo no BRASIL ***Obrigado, Dr. Wantuil!*** Copy and WIN : <http://ow.ly/KNICZ>

(*1) - Leia no site do Recanto de Letras ("www.recantodasletras.com.br") Voltaire e o Iluminismo francês – Parte VII - Ecrasez L'infame)

3 - SINCRETISMO RELIGIOSO - J. Herculano Pires

O surto, realmente notável, de propagação da Umbanda em nosso país, nos últimos anos, provocou numerosas confusões a respeito do Espiritismo. Os adversários da doutrina aproveitaram a oportunidade para acentuar e ampliar essas confusões. Por outro lado, nos próprios meios espíritas, muitos confrades deixaram-se envolver. Houve mesmo um momento em que instituições doutrinárias respeitáveis não foram capazes de resistir à onda confusionista. De tudo isso, resultou que ainda agora, nos meios doutrinários, há quem pergunte se Umbanda é ou não é Espiritismo.

Desde o início das confusões tratamos do assunto, procurando esclarecê-lo à luz dos princípios doutrinários, dos estudos sociológicos e dos dados históricos. Entendemos haver demonstrado, sobejamente e rigorosamente, que não há possibilidade de confusões a respeito e que estas decorrem, fatalmente, de ausência de conhecimento. Somente os que não conhecem o Espiritismo, não sabem o que é a doutrina espírita e não possuem noções dos trabalhos de investigação sociológica realizados no país e no estrangeiro, a respeito dos sincretismos religiosos afrocatólicos, podem ficar confusos ante o fenômeno de propagação da Umbanda entre nós.

Que nos perdoem as pessoas ilustres, algumas de projeção no meio espírita, levadas na onda de confusões. O simples fato de se terem deixado envolver demonstra que, indiscutivelmente, não estavam seguras no terreno doutrinário. Um sólido conhecimento espírita não permite a mais leve discrepância nesse sentido.

Porque o Espiritismo é uma doutrina espiritual de bases científicas, de estrutura filosófica bem definida e de conseqüências morais ou religiosas enquadradas nas exigências da razão. Uma doutrina, portanto, que não comporta superstições, resíduos do irracionalismo primitivo ou apegos místicos a fórmulas rituais e sacramentais.

Do ponto de vista doutrinário, é simples absurdo, verdadeira aberração, dizer que Umbanda é Espiritismo. Se, por outro lado, encaramos o problema do ponto de vista histórico, a confusão se torna impossível, pois os dados históricos nos mostram que o Espiritismo é uma doutrina recente, formulada na França em meados do século XIX, que só se transplantou para o Brasil nos fins daquele século, enquanto a Umbanda é uma forma de religião primitiva dos negros africanos, que veio ao Brasil com o tráfico negreiro. Nada menos de três séculos separam as primeiras manifestações de Umbanda em nosso país, do aparecimento dos primeiros núcleos espíritas. Do ponto de vista sociológico, os estudos de Nina Rodrigues, Artur Ramos, Edson Carneiro, Gilberto Freyre e outros, documentam poderosamente a origem afro-católica da Umbanda.

Recentemente, a Cia. Editora Nacional publicou, como volume 280 da 5ª. série de sua famosa coleção Brasileira, um estudo atualizado do professor Waldemar Valente, catedrático de antropologia e etnologia na Universidade do Recife e na Universidade Católica de Pernambuco, intitulado “Sincretismo religioso Afro-Brasileiro”, com prefácio do professor Amaro Quintas. Trata-se de volume relativamente pequeno, de 164 páginas de texto, seguido de bibliografia valiosa e

numerosas ilustrações. Apesar de fazer ainda certa confusão entre Espiritismo e formas fetichistas de religiões africanas e indígenas, confusão muito comum entre os eruditos que não conhecem Espiritismo, o livrinho do professor Waldemar Valente, escrito em linguagem popular, esclarece bem o problema da origem e natureza da Umbanda.

Na bibliografia espírita temos o importante trabalho de Alfredo d'Alcântara, "Umbanda em Julgamento", e o de Deolindo Amorim, "Africanismo e Espiritismo", que são bastante elucidativos. Há pouco, a Federação Espírita do Paraná lançou um opúsculo de Deolindo Amorim, "O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas", em que aparece um confronto esclarecedor entre Umbanda e Espiritismo. Nesses livros, de orientação doutrinária, o leitor encontra maiores elucidações quanto às diferenças de uma e outra doutrina. Aliás, a doutrina umbandista está ainda em fase de elaboração e reproduz em nossos dias o esforço medieval de construção das doutrinas cristãs tradicionais: a luta para racionalizar o dogma ou adaptar sistemas racionais ao misticismo primitivo.

Há, pois, um aspecto curioso na Umbanda, que ainda não foi estudado. Ela aparece como uma fase de medievalismo psíquico, um período de passagem de largas camadas populares do animismo e do fetichismo para as formas racionalizadas do sentimento religioso. O Espiritismo, pelo contrário, oferece-nos a última fase do desenvolvimento desse sentimento, que aparece despido de formas imaginárias, de resíduos supersticiosos ou fetichistas, de sistemas rituais, litúrgicos, sacramentais e até mesmo de organização sacerdotal. O Espiritismo supera o medieval e o moderno, abrindo perspectivas para o futuro. A religião que dele resulta nada tem a ver com os rituais de Umbanda e muito menos com a assimilação de todo o formalismo católico pelo fetichismo africano. Quanto ao fato de haver médiuns na Umbanda é preciso compreender que a mediunidade não é uma invenção espírita.

Médiuns sempre existiram, em todos os povos e em todas as épocas. Eram médiuns os sacerdotes dos oráculos, as pitonisas, os profetas, como o são os xamãs e os pajés dos povos selvagens ou semi-selvagens atuais. Espiritismo não é mediunismo. A mediunidade é uma condição da natureza humana, que permite o intercâmbio de vivos e mortos, ou de encarnados e desencarnados, ou ainda dos homens com os espíritos. O Espiritismo estuda essa condição e procura discipliná-la, para esclarecer, dentro da razão e através de métodos experimentais, o problema da sobrevivência humana e do destino do homem após a morte. Extraído de "As três faces de Hecate" – J. Herculano (Sobre Umbanda e Espiritismo acessar na Internet, Sérgio B. di Gregório, o site Paradigmas, etc.)

* * *

Muitas vezes, na turbulenta década dos anos 30 do século passado, ao defenderem o Espiritismo dos injustos e violentos ataques dos médicos (a maioria, psiquiatras) – que o designavam como "Fábrica de Loucos" –, os jornalistas, escritores e dirigentes espíritas se referiram, por vezes, de modo incorreto ou injusto, aos movimentos espiritualistas em geral, principalmente aos afro-brasileiros então existentes no país, gerando justificada revolta e ressentimento.

Vejamos o que, em sua defesa – tentando por os pontos nos iis – esclarece a escritora Solange Rodrigues:

4 - O KARDECISMO E A LINHA BRANCA DE UMBANDA - Solange Rodrigues - 27 Jan, 2011

A Linha Branca de Umbanda e Demanda está perfeitamente enquadrada na doutrina de Allan Kardec e nos livros do grande codificador, nada se encontra susceptível de condená-la.

Cotejemos com os seus escritos os princípios da Linha Branca de Umbanda, por nós expostos no "Diário de Notícias", edição de 27 de novembro de 1932.

A organização da linha no espaço corresponde à determinada zona da Terra, atendendo-se, ao constituí-la, as variações de cultura e moral intelectual, com aproveitamento das entidades espirituais mais afins com as populações dessas paragens. Allan Kardec, a página 219 d'O Livro do Espíritos escreve:

519: As aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, tem Espíritos protetores especiais?

- Têm, pela razão de que esses agregados são individualidades coletivas que, caminhando para um objetivo comum, precisam de uma direção superior.

520: Os Espíritos protetores das coletividades são de natureza mais elevada do que os que se ligam aos indivíduos?

- Tudo é relativo ao grau de adiantamento, quer se trate de coletividade, que de indivíduos".

E quanto às afinidades, na mesma página:

Os Espíritos preferem estar no meio dos que se lhes assemelham, acham-se aí mais à vontade e mais certos de serem ouvidos. Por virtude de suas tendências, é que o homem atrai os Espíritos, e isso quer esteja só, quer faça parte da sociedade, uma cidade, ou um povo. Portanto, as sociedades, as cidades e os povos são, de acordo com as paixões e o caráter neles predominantes, assistidos por Espíritos mais ou menos elevados.

Os protetores da Linha Branca de Umbanda se apresentam como nome de Caboclos e Pretos, porém, frequentemente, não foram nem Caboclos nem Pretos.

Allan Kardec, a página 215 d'O Livro do Espíritos, ensina: Fazeis questão de nomes: eles (os protetores) tomam um que vos inspire confiança.

Mas como poderemos, sem o perigo de sermos mistificadores, confiar em entidades que se apresentam com os nomes supostos? Allan Kardec, a página 449 do "Livro dos Espíritos" esclarece:

Julgai, pois, dos Espíritos, pela natureza de seus ensinamentos. Não olvideis que entre eles há os que ainda não se despojaram das idéias que levaram da vida terrena. Sabei distingui-lo pela linguagem de que usam. Julgai-os pelo conjunto do que vos

dizem; vedes se há encadeamento lógico em suas idéias; se nestas nada revela ignorância, orgulho ou malevolência; em suma, se suas palavras trazem o cunho de sabedoria que a verdadeira superioridade manifesta. Se o vosso mundo fosse inacessível ao erro, seria perfeito, e longe disso se acha ele.

Ora, esses Espíritos de Caboclos ou Pretos, e os como tais se apresentam, pela tradição de nossa raça, e pelas afinidades de nosso povo, são humildes e bons, e pregam, invariavelmente, sem solução de continuidade, a doutrina resumida nos dez mandamentos e ampliada por Jesus. Entre os protetores da Linha Branca, alguns não são Espíritos superiores, e os há também atrasados, porém, bons, quando o grau de cultura dos protegidos não exige a assistência de entidade de grande elevação, conforme o conceito de Allan Kardec, a página 216 d'O Livro dos Espíritos:

Todo homem tem um Espírito que por ele vela, mas as missões são relativas ao fim que visam; não dais a uma criança, que está aprendendo a ler, um professor de filosofia, e em trecho já transcrito explica: “que tudo é relativo ao grau de adiantamento, quer se trate de coletividade, quer de indivíduos”.

Esses trabalhadores, porém, na Linha Branca, estão sob a direção de Guias de maior elevação, de acordo com o dizer de Allan Kardec a página 318 do “Livro dos Espíritos”, sobre os Espíritos familiares, que “são bons, porém, muitas vezes pouco adiantados e até levianos. Ocupam-se de boa mente com as particularidades da vida íntima e só atuam com ordem ou permissão dos Espíritos protetores”.

O objetivo da Linha Branca é a prática da caridade e Allan Kardec, no Evangelho Segundo o Espiritismo, proclama repetidamente que “fora da caridade não há salvação”.

A Linha Branca, pela ação dos Espíritos que a constituem, prepara um ambiente favorável a operosidade de seus adeptos, Será isso contrário aos preceitos de Allan Kardec? Não, pois vemos, nos períodos acima transcritos, que os Espíritos familiares, com ordem ou permissão dos Espíritos protetores, tratam até de particularidade da vida íntima. No mesmo livro, a página 221-222, lê-se:

525: Exercem os Espíritos alguma influência nos acontecimentos da vida?

Certamente, pois te aconselham.

- Exercem essa influência, por outra forma que não apenas pelos pensamentos que sugerem, isto é, tem ação direta sobre o cumprimento da coisa?

Sim, mas nunca atuam fora das leis da Natureza.

Na página 214 do “Livro dos Espíritos”, consta:

A ação dos Espíritos que vos querem bem é sempre regulada de maneira que não vos tolha o livre-arbítrio” e na página 222 o mestre elucida: Imaginamos erradamente que aos Espíritos só caiba manifestar sua ação por fenômenos extraordinários. Quiséramos que nos viessem auxiliar por meio de milagres e os figuramos sempre armados de uma varinha mágica. Por não ser assim, é que oculta nos parece a intervenção que tem nas coisas deste mundo, e muito especial o que se executa com o concurso deles.

Assim é que, provocando, por exemplo, o encontro de duas pessoas que suporão encontrar-se por acaso; inspirando a alguém a idéia de passar por determinado lugar; chamando-lhe a atenção para certo ponto, se disso resultar o que tenham em vista, eles obram de tal maneira que o homem, crente de que obedece a um impulso próprio, conserva o seu livre-arbítrio”.

Assim, Caboclos e Pretos da Linha Branca de Umbanda, quando intervêm nos atos da vida material, em benefício desta ou daquela pessoa, agem conforme os princípios de Allan Kardec.

Na Linha Branca, o castigo dos médiuns e adeptos que erram conscientemente, é o abandono em que os deixam os protetores, expondo-os ao domínio de Espíritos maus.

página 213 do “Livro dos Espíritos”, Allan Kardec leciona:

496: O Espírito, que abandona o seu protegido, que deixa de lhe fazer bem, pode fazer-lhe mal?

Os bons Espíritos nunca fazem mal. Deixam que o façam aqueles que lhe tomam o lugar. Costumais então lançar à conta da sorte as desgraças que vos acabrunham, quando só as sofreis por culpa vossa.

E adiante, na mesma página:

498: Será por não poder lutar contra Espíritos malévolos que um Espírito protetor deixa que seu protegido se transvie na vida?

Não é porque não possa, mas porque não quer.

A divergência única entre Allan Kardec e a Linha Branca de Umbanda é mais aparente do que real. Allan Kardec não acreditava na magia, e a Linha Branca acredita que a desfaz. Mas a magia tem dois processos: o que se baseia na ação fluídica dos Espíritos, e esta não é contestada, mas até demonstrada por Allan Kardec. O outro se fundamenta na volatilização da propriedade de certos corpos, e o glorioso mestre, ao que parece, não teve oportunidade, ou tempo, de estudar esse assunto. Nas últimas páginas, 356-357 de suas “Obras Póstumas”, os que as coligaram observam, sob assinatura de P.G. Leymarie: “no congresso espírita e espiritualista de 1890, declararam os delegados que, de 1869 para cá, estudos seguidos tinham revelado coisas novas e que, segundo o ensino traçado por Allan Kardec, alguns dos princípios do espiritismo, sobre os quais o mestre tinha baseado o seu ensino, deviam ser postos em relação com o progresso da ciência em geral realizados nos 20 anos”.

Depois dessa observação transcorreram 42 anos e muitas das conclusões do mestre têm de ser retificadas, mas a sua insiginificante discórdância com a Linha Branca de Umbanda desaparece, apagada por estas palavras transcritas do “Livro dos Espíritos, páginas 449-450:

“Que importa algumas dissidências, divergências mais de forma de que de fundo? Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por toda a parte e vos hão de unir num pensamento comum: o amor de Deus e a prática do bem”.

E o amor de Deus e a prática do bem são a divisa da Linha Branca de Umbanda.

(Trecho extraído do livro: “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda” de Leal de Souza – Editora do Conhecimento)

Achamos por bem, também esclarecer, um assunto que nos tem incomodado: O preconceito pelo uso de rituais, apetrechos, oferendas, magias, etc. –, pela Umbanda. Alguns religiosos, principalmente muitos kardecistas, tem-nos inquirido sobre o uso desses expedientes em nossos Templos, alegando serem de uso desnecessário, bem como, muitas vezes, utilizados por Espíritos atrasados em sua evolução. Será?

Esse é um assunto polêmico e infrutífero, haja vista o que o próprio Jesus disse: “Há muitas moradas na casa de meu Pai”; por ventura a Umbanda e sua maneira de trabalhar espiritualmente também não é uma das casas do Pai? Jesus também disse: “Amai a Deus sobre todas as coisas, de todas as formas, com todas as suas forças e de todo o seu entendimento”; a maneira de trabalhar da Umbanda por ventura também não amar a Deus com o nosso entendimento? Há demérito nisso? Somos mais inferiores ou praticamos “baixo-espiritismo” por caso disso? Marcos perguntou para Jesus: “Mestre; qual é a melhor das religiões para que possamos segui-la? Jesus respondeu: “Aceite tudo o que é bom, e rejeite tudo o que é mal; eis a melhor das religiões”. Porventura não é isso que a Umbanda faz? A Umbanda é cristã em sua origem e postulados, mas é eclética em sua doutrina, rituais e magias. Temos a nossa maneira de ser e ver a Jesus Cristo e Seu Evangelho. Somos cristãos à nossa moda. Somos mais uma escola cristã existente no mundo.

Relembrando: A melhor religião é a que mais te aproxima de Deus. É aquela que te faz melhor. Aquela que te faz mais compassivo, aquela que te faz mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário, mais responsável... A religião que conseguir fazer isso de ti é a melhor religião... (Dalai Lama)

“Acima das diferenças doutrinárias, deve prevalecer o sentimento de fraternidade universal, independente de qualquer religião. Não há religião superior à outra, não há doutrina superior a outras doutrinas. A questão é de consciência, de estágio experiencial... O importante é que o homem se torne melhor na religião que abraçou. Se for cristão, que se apóie nas práticas de Jesus, e viva Seu Evangelho de luz... Estamos a favor da Causa Maior, operando em nome de Deus, ou estamos usando a religião como um trampolim da nossa vaidade e do nosso orgulho, a fim de projetarmo-nos aos olhos da sociedade?” (Gandharananda Shanti)

Somos umbandistas e praticamos a Umbanda respaldados em orientações de nossos mentores. Não praticamos kardecismo, mas tão somente, aceitamos a doutrina explanada por alguns mentores espirituais militantes do meio kardecista. Agora, precisamos esclarecer um ponto importante: Cada escola espiritual, com seus mentores, propaga na Terra a sua verdade relativa; jamais a verdade absoluta. Temos que entender que os mentores espirituais militantes do meio terreno também estão em fase evolutiva, portanto, não são Espíritos Superiores, ou mesmo Espíritos de Luz, na acepção da palavra; são sim, Espíritos devotados, trabalhando incansavelmente para nos auxiliar em nossa jornada terrena a fim de nos espiritualizarmos. Pai João da Caridade, nosso mentor, nos disse uma vez: “Filho; eu não sou um Espírito de luz; quem dera; Espírito de luz é o Arcanjo Miguel, o Arcanjo Gabriel, o Arcanjo Rafael, o Anjo Ismael; eu só sou um Espírito humano, labutando na seara umbandista, a fim de aprender um pouco mais com todos vocês”. Só isso. Afinal, a ordem nos foi passada pelo Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas: “De quem sabe aprenderemos; aos que nada sabem ensinaremos e a ninguém negaremos auxílio; essa é a vontade do Pai”.

Partindo desse pensamento, chegamos a uma conclusão: Os Espíritos e os humanos militantes em uma determinada escola espiritualista entendem àquilo que pertence àquela escola; jamais poderiam se arvorar em juízes da causa alheia. Jamais poderiam julgar os procedimentos utilizados por outras escolas espiritualistas. Entendem somente o que é ensinado em sua escola. Não nos esqueçamos que “Na casa de meu Pai existem muitas moradas” – “Amai a Deus de todo o seu entendimento”; os planos de existência nas dimensões espirituais superiores ou descendentes são tão extensos, que seria impossível um mentor espiritual, seja ele quem for, detalhar um por um com precisão e certeza. Existem muitas especulações e muitos achismos.

Portanto, a Umbanda, como mais uma escola cristã espírita, tem seus métodos de trabalhos espirituais para o auxílio aos homens. Absolutamente ninguém que milita fora do meio umbandista, seja encarnado ou desencarnado, pode se arvorar em sabichão, dizendo com certeza, que utilizamos profilaxias arcaicas, atrasadas, inócuas ou mesmo, que nos encontramos no primarismo espiritual, somente por não rezarmos da mesma cartilha, e/ou não praticarmos seus métodos.

Espíritos e humanos kardecistas, católicos, evangélicos, etc., entendem tão somente do kardecismo, do catolicismo, do evangelismo, etc. Não sabem, muitas vezes, absolutamente nada do que se passa no universo umbandista, seus meios e métodos. Por isso, devem calar-se e nos respeitarem. Utilizamos nossos métodos, calcados em orientações espirituais da Cúpula Astral de Umbanda.

Cada escola que trate, verse, ensine e trabalhe somente dentro das suas limitações materiais e espirituais. Deus, em sua infinita misericórdia é sabedor de tudo; criou a Umbanda por necessidade do nosso povo. Deus não criou a Umbanda tão somente para atender a uma camada da população em primarismo religioso, mas, para que seus filhos, sejam quem forem, em que situação estiverem, possam, com suas espiritualidades e seus jeitos de serem, servirem-No condignamente.

Muitas vezes nos divertimos ao lermos opiniões de religiosos de renome, tachando a Umbanda, seus métodos e seus trabalhadores de ignorantes; e ainda se dizem cristãos. Nesse momento, enviamos nossas preces a Deus e só dizemos: “Pai; perdoai os ignorantes que não sabem o que falam”.

Mais uma vez reafirmamos: Não somos kardecistas e não praticamos kardecismo. Não somos católicos e não praticamos catolicismo. Somos umbandistas e praticamos umbandismo.

A nossa proximidade com o kardecismo somente se dá no fator: estudo de certas orientações espirituais de certos Espíritos que consideramos ideais a serem seguidos; aliás, muitos gostando ou não, também somos espíritas, mas não somos kardecistas; o kardecismo é uma religião que formou-se em torno dos ideais preconizados pelo espiritismo. Só isso. Os kardecistas não poderiam falar em nome do espiritismo, praticamente “jogando pra fora” tudo o que não coaduna com suas materialistas e equivocadas suposições, onde através de elucubrações filosóficas, achismos, e estudos doutrinários somente calcados em suas materiais concepções, acabam por tornarem-se tremendamente preconceituosos, em nome de uma suposta “pureza doutrinária”. Devem se lembrar que outras religiões, igualmente usam as interpretações pessoais do próprio Evangelho contra o espiritismo. Fazem o mesmo conosco.

Parafraseando o renomado Torres Pastorino, também cremos que para interpretar com segurança um trecho do evangelho ou mesmo um texto doutrinário do Pentateuco é mister:

1. Isenção de preconceitos.

2. Mente livre, não subordinada a dogmas.

3, Inteligência humilde, para entender o que realmente está escrito, e não querer impor ao escrito o que se tem em mente.

4. Raciocínio perquiridor e sagaz.

5. Cultura ampla e polimorfa, mas, sobretudo:

6. Coração desprendido (puro) e unido a Deus

A única diferença que existe entre a Umbanda e o kardecismo, onde seus prosélitos se apegam para nos tachar de primaristas, é a presença de rituais, magias, liturgias, etc.

A proximidade com o catolicismo se dá somente com o uso de certos sacramentos, rezas, e aceitação de alguns Santos pelos seus exemplos cristãos (Foi perguntado ao Espírito de André Luiz, sobre o que seriam os Santos, e ele respondeu: “É um atributo dirigido a determinadas pessoas que aparentemente atenderam, na Terra, à execução do próprio dever”). Só isso. Não seguimos e não nos importa o que os kardecistas, os católicos e os que se intitulam de “evangélicos” humanos apregoam.

O Espírito de Emmanuel disse: “... Pelo que diz respeito aos impeditivos da educação, simbolizemos o Espiritismo como sendo um Estado. Ora, o Estado é constituído de diversas Províncias ou de diversos Distritos. Encontramos em Umbanda uma Província do Espiritismo, necessitada de carinho e de proteção da força governamental e orientadora...”. Isso, a primeira vista pode soar de forma preconceituosa, mas se analisarmos a luz da razão, não subordinada a dogmas, o que o Sr. Adilson Marques escreveu faz sentido:

Kardec afirma: “... Uma vez que, por toda parte que haja homens, há almas ou Espíritos, que as manifestações são de todos os tempos, e que o relato se encontra em todas as religiões, sem exceções. Pode-se, pois, ser católico, grego ou romano, protestante, judeu ou muçulmano, e crer nas manifestações dos Espíritos, e por conseqüência, ser Espírita; a prova é que o Espiritismo tem adeptos em todas as seitas”. (O que é Espiritismo, p. 189) É claro que Kardec não poderia ter incluído a Umbanda, pois esta surgiu no Brasil apenas no século XX. Mas pelo contexto da frase acima, não resta dúvida de que o adepto da religião chamada Umbanda também é Espírita. Aliás, muito mais Espírita do que o católico, o protestante e o muçulmano citado por Kardec, uma vez que, para se ser umbandista, é necessário crer nas manifestações dos Espíritos. Em 1953, A FEB (Federação Espírita Brasileira) publicou na revista Reformador um parecer bem significativo sobre o Espiritismo e a Umbanda, em minha opinião, bem representativo do que Kardec pensaria se estivesse encarnado: **“Todo aquele que crê nas manifestações dos Espíritos é Espírita; ora, o umbandista nelas crê, logo o umbandista é Espírita”**.

Raciocinando logicamente, pelo que o Espírito de Emmanuel disse, podemos afirmar que o Espiritismo seria um imenso Estado que agregaria centenas de Províncias, cada uma com seus costumes, regimes, tendências, ideais, leis, estudos, etc., conjugadas no ideal Crístico, na prática do amor e da caridade. Portanto, fariam parte desse Estado maior, a Religião Espírita de Umbanda, a Religião Espírita Kardecista, etc. O que gera confusão, foi o fato dos kardecistas se auto-intitularem “Espíritas – Espiritismo”, não aceitando mais ninguém que pudesse utilizar esse termo, contradizendo o próprio “Livro dos Espíritos”. O mesmo acontece com as várias igrejas “cristãs” que diariamente são abertas no Brasil, e todos se auto-intitulando “evangélicos”, o que sabemos ser redundante, pois evangélico seria quem praticasse tão somente o Evangelho de Jesus; os participantes dessas igrejas poderiam ser mais bem nomeados de “biblíegélicos”, pois seguem quase em sua totalidade o antigo testamento e muito pouco os ensinamentos de Jesus.

Como diz o venerável Espírito Ramatis: “A Umbanda é o frasco e o espiritismo o perfume, e sem um deles o outro não progrediria”. Também disse: “Pelo simples fato de um homem detestar limões, isto não lhe dá o direito de reclamar a destruição de todos os limoeiros, nem mesmo exigir que seja feito o enxerto a seu gosto”! E como também diz um ditado popular: “O que seria do branco se todos gostassem do vermelho”. Readaptando um aforismo do Espírito de Miramez: “Toda doutrina, culto, facção que combate o tipo de fé da outra, é por não estar seguro da sua”.

A missão da Umbanda é análoga a do kardecismo, pois também busca praticar a caridade, fazer o bem, aliviar corações aflitos, consolar desesperados e reformar a moral individual, mas, à nossa maneira. Leiamos com atenção a mensagem do Espírito de Emmanuel abaixo com atenção, e entenderemos bem o que dissemos até agora:

FACULDADES MEDIÚNICAS

“Há diversidade de dons espirituais, mas a Espiritualidade é a mesma.

Há diversidade de ministérios, mas é o mesmo Senhor que a todos administra.
Há diversidade de operações para o bem; todavia, é a mesma Lei de Deus que tudo opera em todos.
A manifestação espiritual, porém, é distribuída a cada um para o que for útil.
Assim é que a um, pelo espírito, é dada a palavra da sabedoria divina e, a outro, pelo mesmo espírito, a palavra da ciência humana. A outro é confiado o serviço da fé e a outro o dom de curar.
A outro é concedida a produção de fenômenos, a outro a profecia, a outro a faculdade de discernir os Espíritos, a outro a variedade das línguas e ainda a outro a interpretação dessas mesmas línguas.
No entanto, o mesmo poder espiritual realiza todas essas coisas, repartindo os seus recursos particularmente a cada um, como julgue necessário.”
Quem analise despreocupadamente o texto acima, decerto julgará estar lendo moderno autor espírita, definindo o problema da mediunidade; contudo, as afirmações que transcrevemos saíram do punho do apóstolo Paulo, há dezenove séculos, e constam no capítulo doze de sua primeira carta aos coríntios.
Como é fácil de ver, a consonância entre o Espiritismo e o Cristianismo ressalta, perfeita, em cada estudo correto que se efetue, compreendendo-se na mensagem de Allan Kardec a chave de elucidações mais amplas dos ensinamentos de Jesus e dos seus continuadores. Cada médium é mobilizado na obra do bem, conforme as possibilidades de que dispõe.
Esse orienta, outro esclarece; esse fala, outro escreve; esse ora, outro alivia.
Em mediunidade, portanto, não te dê à preocupação de admirar ou provocar admiração.
Procuremos, acima de tudo, em favor de nós mesmos, o privilégio de aprender e o lugar de servir.
(Emmanuel – Faculdades Mediúnicas, 48 – Reunião pública de 01/07/60 – Questão 159)
Considerações:
Não se esqueçam: Quando todos morrerem, serão julgados pelos seus atos e não pelos seus segmentos religiosos.
Temos que nos conscientizar da necessidade de reformularmos nossos conceitos, pautando nossas vidas e nossa religiosidade através dos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, o porto mais seguro para que possamos galgar degraus da espiritualidade superior.
Observem que já estamos vivenciando o “final dos tempos”, onde serão separados os que estão à direita ou a esquerda de Cristo. O tempo urge. Não há mais tempo para se ficar em banalidades, e, principalmente em disputas, discussões religiosas e cultos externos.
De nada adianta ficarmos “discutindo” se essa ou aquela prática de Umbanda é melhor ou pior. De nada adianta agora ficar numa separatividade doutrinária desgastante, onde se discute ainda se esse ou aquele Orixá gosta de comer abacaxi ou não.
Não nos esqueçamos do que nos disse o Mestre Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai a não ser por mim”. Com isso, Jesus quis nos alertar sobre a necessidade de se viver uma vida cristã, no amor, no perdão, na caridade, na paz, na reforma íntima, etc. Até quando vamos lutar contra isso?
Até quando vamos teimar em “fazer” uma “Umbanda pessoal”, calcada nos achismos, em cultos estranhos, em doutrinas, ritualísticas, liturgias e magias que acham serem certas, ou como já nos disseram: “no meu Terreiro eu faço isso e aquilo, porque pra mim funciona; então vou continuar fazendo. Cada um faz o seu e pronto. E tudo isso é feito em detrimento ao que Nosso Senhor Jesus Cristo nos ensinou?
Praticamos mediunidade ou somente mediunismo? Praticamos religião ou somente realizamos práticas folclóricas a fim de atender às necessidades deturpadas egoísticas de cada um?
Por acaso os Guias Espirituais da Umbanda não são os Espíritos Santos de Deus? Se forem, então, com certeza em suas comunicações, nos dariam os exemplos da Espiritualidade Maior, nos incitariam em nossa necessária reforma íntima, ao necessário perdão, nos livrariam dos cultos externos desgastantes, nos tirariam do ostracismo da ignorância, e principalmente, nos tornariam pessoas melhores. Lembre-se do aforismo: “Não creiais a todo Espírito, mas primeiro provai se ele é vindo de Deus”. Agora tem o seguinte: Cada médium tem em sua volta, Espíritos que se sintonizam com sua conduta, moralidade e padrão vibratório.
A Umbanda tem suas características próprias que a definem como realmente é, mas devemos escoimar o supérfluo e nos atermos ao que é necessário. Ser um Umbandista cristão não quer dizer descaracterizar a religiosidade de Umbanda, mas simplesmente, pautar sua vivência religiosa em Jesus Cristo. Os alertas já estão sendo dados há muito tempo. Já é hora de voltarmos nossa atenção e religiosidade para as práticas cristãs.

Vide na Internet: Adilson Marques > A FEB e a Umbanda – <http://www.espiritualidades.com.br>
Fonte : <http://www.apologiaespirita.org/>

* * *

5 - COINCIDÊNCIAS – Aloysio A. Silva - 1

O dia-a-dia está referido de acontecimentos corriqueiros ou inusitados que, a falta de uma explicação melhor, são catalogados sob o substantivo coincidência. Certa vez, de regresso à casa, encontrei um cartão com expressivo palpito. Ao dobrar a esquina avistei um carro estacionado. A placa: A mesma milhar! Mais adiante fui abordado por um vendedor de bilhetes que insistia em me vender um pedacinho cujo número era idêntico ao do automóvel. Falei a mim mesmo: É muita

coincidência em tão pouco tempo, e, sem pestanejar, comprei as três únicas tirinhas. Minha mulher que é muito objetiva em suas conclusões, obtemperou: E você ainda quer que o número se repita pela quarta vez? Não acha que é querer demais? E completou: Para mim coincidência só acontece uma vez. Esfriou-se um pouco o meu entusiasmo, mas nem por isso deixei de aguardar com sofreguidão o dia a extração, que para a minha alegria, era igual a dezena do bendito bilhete.

*

Avidamente, consulte a lista. Não deu outra coisa. De fato. Dona Vera tinha razão. Seria coincidência demais. Mestre Aurélio nos informa que coincidência é a "simultaneidade de dois ou mais acontecimentos". Todavia, há os que acham ser a coincidência irmã xifópaga da fatalidade. Outros entendem que a simultaneidade dos acontecimentos é fruto de um determinismo. O acaso também não fica fora de cogitação. Muitos buscam na reencarnação uma explicação mais doutrinária para certos casos. A verdade, porém, é que existem coisas que acontecem de forma tão insólita que fogem inteiramente a nossa vã filosofia e nos obriga levá-las para o campo do "sobrenatural" e/ou paranormal. Não enxerga quem não quer, já que os acontecimentos aí estão pululando diante os nosso olhos. Aqui registraremos alguns exemplos à guisa de ilustração: sem, contudo, interpenetrar os mesmos.

2 - O "Reformador" de n.º. 1796 nos conta o seguinte:

Em Beatrice, Estado americano de Nebraska, estava marcado um encontro, às 19.20 hs. na Igreja local, para o ensaio costumeiro de um grupo coral. Segundo o narrador do fato, Warren Weaver, o treino vocal seria no dia 1.º de março de 1950. O conjunto que era composto por 15 pessoas, havia combinado que todos comparecessem para o ensaio geral no dia e hora apazados. Recomendação inútil, diga-se de passagem, pois o pessoal era responsável e ninguém se atrasava, normalmente. Pois bem, naquele dia o atraso foi geral. O relógio marcava 19.25 hs., e nem sequer o pastor que era o regente, havia comparecido. Aconteceu que, naquele exato momento, a Igreja foi sacudida por uma terrível explosão que a destruiu totalmente. Afinal, qual a razão do providencial atraso? É compreensível que alguém falte a um determinado encontro ou chegue um pouco tarde ao mesmo mas, no caso em foco, eram 15 pessoas com atividades diversas e seria impossível que todas faltassem ao mesmo tempo. No entanto, elas foram impedidas de ir por motivos dos mais simples e triviais, tais como: "O pastor porque estava esperando que sua mulher acabasse de passar o vestido da filha mais velha, que cantava no coro. Duas senhoras - independentemente uma da outra - não conseguiram dar partida nos respectivos carros. Uma das meninas ainda não terminara o seu dever escolar. Duas outras, embevecidas com uma novela de rádio, perderam a hora. Outra, dormira tão profundamente que a mãe teve de chamá-la duas vezes". Cada qual apresentou motivo mais vulgar que a impediu de morrer no acidente.

Alguma coisa além de simples coincidência deve ter acontecido. Mas, o que seria? Milagre coletivo? Carma? Ou o acaso, mesmo? Aloysio A. Silva

Veja, além do texto completo na Internet: 1 - Blog do Aron, um espírito: A Maldição dos Faraós - Dr. Hermínio. 2 - COINCIDÊNCIAS www.acasdoespiritismo.com/curiosidades/coincidencias.htm 3 - Veja um dos diversos relatos de O Caso Lincoln e Kennedy. Coincidências planejadas, montadas pelo Alto para chamar a atenção dos terráqueos para o Além-túmulo, para a Vida Maior!

* * *

Coincidências entre Lincoln e Kennedy

Home » Curiosidades » 10 coincidências entre Lincoln e Kennedy - Michel Goulart março 11, 2013

Quando a gente fala de história, será que dá para acreditar em coincidências? Alguns acreditam, outros não, mas é verdade que algumas são assombrosas, como estas que envolvem dois dos maiores presidentes dos Estados Unidos. Conheça 10 coincidências entre Abraham Lincoln e John Kennedy. 20 curiosidades históricas incríveis

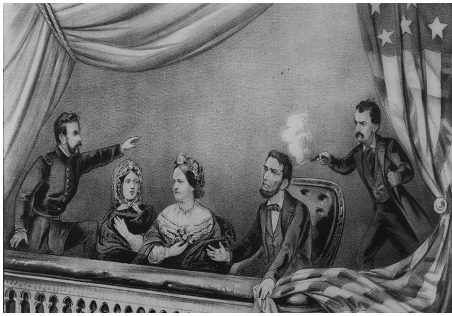
– Abraham Lincoln foi eleito para o Congresso em 1846. John F. Kennedy foi eleito para o Congresso em 1946. Lincoln foi eleito presidente em 1860 Kennedy foi eleito para presidente em 1960. – Ambos estavam comprometidos com os direitos civis. As esposas de ambos perderam filhos enquanto estavam na Casa Branca.

– A secretária de Lincoln chamava-se Kennedy. A secretária de Kennedy chamava-se Lincoln.

– Os nomes Lincoln e Kennedy tem 7 letras cada um. Ambos os presidentes foram baleados na cabeça.

– Lincoln foi morto na sala Ford, do teatro Kennedy. Kennedy foi morto num carro Ford, modelo Lincoln.

Morte de Abraham Lincoln no Teatro Kennedy



– Ambos os presidentes foram assassinados por sulistas. Ambos os presidentes foram sucedidos por sulistas. Ambos os sucessores se chamavam Johnson– Andrew Johnson, que sucedeu Lincoln, nasceu em 1808. Lyndon Johnson, que sucedeu Kennedy, nasceu em 1908.

– John Wilkes Booth, que assassinou Lincoln, nasceu em 1839. Lee Harvey Oswald, que assassinou Kennedy, nasceu em 1939. Ambos os assassinos eram, conhecidos pelos seus 3 nomes. Os nomes de ambos têm 15 letras.

– Booth saiu correndo de um teatro e foi apanhado em um depósito. Oswald saiu correndo de um depósito e foi apanhado em um teatro. Ambos foram assassinados antes de seu julgamento.– Antes de ser morto, Lincoln esteve em Monroe, Maryland.

* * *

6 - OS ERROS DAS IGREJAS – 1

Aron, um espirita. Sexta-feira, 26 de setembro de 2014.

Os erros das Igrejas - 1 - Ismael Gomes Braga

Trecho do artigo 'Religião, Igrejas e Comunismo' - Reformador (FEB) Julho 1961.

“Vamos citar um só exemplo da diferença entre "igreja" e "religião", para demonstrar que as igrejas erram, mas a Religião não erra, é divina e eterna.

Estava anunciada a vinda do Messias pelos profetas de Israel. Todos o esperavam. Ele veio e o povo o reconheceu e aceitou de todo o coração. Mas a igreja (os principais sacerdotes) teve medo de sua popularidade, que punha em risco seus velhos privilégios políticos e econômicos e tratou de prendê-la e matá-la à traição (Mateus, 26: 3-5) .

A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (Mat. 21:1 a 11) mostra que o povo judeu aceitou a Jesus como o Messias que tinha de vir. Foram exatamente as aclamações do povo que exasperaram os sacerdotes (Mat. 21:15-16) contra Jesus. A igreja temia o povo (Mat. 21:45-46), porque o povo compreendeu que Jesus de Nazaré era o Messias prometido e lho havia demonstrado cabalmente pelas suas palavras e atos.

Fato curioso: a igreja judaica uniu-se aos materialistas (saduceus) no combate a Jesus, justamente como hoje faz a Igreja Católica, unindo-se aos materialistas modernos, para combater o Espiritismo. É a mesma história: todas as armas parecem boas, desde que destruam, sem perceberem que destroem igualmente a si mesmos.

A minoria insignificante do povo israelita formava sua igreja, tinha o seu tribunal, o Sinédrio, e cometeu o grande erro da história religiosa: condenou a Jesus e desencadeou contra ele e seus continuadores uma propaganda universal, conquistando para o Judaísmo um ódio igualmente universal que chegou aos nossos dias.

Quando o Cristianismo se constituiu em igreja romana, tomou represálias contra os judeus, que foram as grandes vítimas da Inquisição e sofreram as maiores injustiças através dos séculos, bastando recordar os pogroms russos e a matança em massa de judeus pelo hitlerismo nos anos de 1933 a 1945. Mas cumpre reparar essa injustiça: o povo judeu e muito menos seus descendentes não são culpados pelos erros dos sacerdotes das duas igrejas. Cumpre hoje aos judeus reconhecerem que seu povo aceitou a Jesus de Nazaré como o Messias prometido e que devem colocá-lo como o maior de seus profetas, pois que o erro de condená-lo foi igual ao que condenou a Isaías e a outros profetas, mais tarde incluídos nos livros sagrados do Judaísmo. É dever dos cristãos reconhecer que o povo judeu não foi nem é responsável pelo crime praticado por aquela minoria sacerdotal que formava a igreja judaica ao tempo de Jesus de Nazaré. Os judeus e os cristãos devem unir-se fraternalmente no mesmo bloco religioso, esquecendo para sempre os erros de seus infelizes líderes religiosos.

OS ERROS DAS IGREJAS - 2

7 - Decadência do Catolicismo

Previendo a decadência do catolicismo, pelos seus dogmas envelhecidos, o movimento libertador e mentalista do Espiritismo e o conseqüente progresso científico do mundo, os Mestres Espirituais elaboraram o esquema de uma doutrina religiosa capaz de aproveitar as sementes boas da Igreja Católica, incluindo nos seus postulados o estudo da reencarnação e a Lei do Carma. Assim foi delineada a doutrina que se conhece por Umbanda, despida de preconceitos racistas por suas origens africanas no sentido de agrupar em suas atividades, escravos, senhores, pretos, brancos, nativos, exilados, emigrantes, descendentes de todos os povos do mundo, sediados no solo brasileiro.

Assim como não se tira de uma criança um objeto de sua adoração antes de substituí-lo por outro equivalente, o Alto programou o crescimento da Umbanda à medida que o Catolicismo cede terreno por imposição dos eventos modernos. No momento a Umbanda vive a sua fase de instabilidade religiosa, assim como na formação de várias substâncias não se distingue ainda na panela o conteúdo definitivo e proveitoso. Mas há de ser uma instituição louvável no Brasil porque

também recebeu do Cristo a outorga para o serviço do Bem e corresponde à ansiedade do povo brasileiro cada vez mais descrente da obstinação católica, que ainda defende os seus dogmas seculares.

Perg. Caso a Igreja Católica admitisse a reencarnação e a Lei do carma e as comunicações espíritas?

Resp. Quando tal se der não será nada mais que movimento social assectário, antes de fundir-se.

Perg. Por que os católicos se simpatizam mais facilmente com a Umbanda do que com as sessões espíritas?

Resp. Ainda vinculados à adoração de imagens, ritos, cantos, culto exterior, ladainhas, promessas, velas, santos, encontram na Umbanda clima algo familiar, que os acostuma com o intercâmbio com os espíritos desencarnados, não sendo difícil mais tarde, sua adesão ao Espiritismo.

Mal grado o exotismo e o anacronismo, os neófitos aprendem as leis que não aprenderam no Catolicismo.

É um culto puro e sincero que ainda faz parte da alma brasileira e não pode ser eliminado, o que deixaria um vácuo que poderia ser preenchido por outras práticas condenáveis e perigosas.

Obviamente, os Mentores Espirituais consideram o Movimento umbandista muito natural e destinado a preencher uma fase de graduação espiritual do homem.

Atualmente a Umbanda é como um edifício de condomínio, bagunçado. É só administrar, organizar. Com o passar do tempo os elementos altamente heterogêneos que o compõe ou o freqüentam se imbuirão do espírito ou índole do movimento, cuja filosofia ou princípios doutrinários irão se estabelecendo sob as influencias diretoras do Plano Espiritual ou da Doutrina Espírita, progressivamente assimilados.

* * *

OS ERROS DAS IGREJAS - 3 8 - Assunção da Virgem Nossa Mãe Santíssima

Pág.120 – Mensagem 29 do Livro As Verdades do Céu - Marcos Assis

(15 de agosto de 1897)* Sayão diz:

Neste dia, popularmente chamado — O DIA DA GLÓRIA — segundo a Igreja romana, festeja-se a ASSUNÇÃO, ou a subida aos céus, de Nossa Senhora, fato idêntico ao que se verificou com Jesus Cristo e foi denominado — ASCENSÃO DO SENHOR.

Mas, se, a respeito da ascensão de N. S. Jesus Cristo, encontramos solene referência no Evangelho de Lucas (cap. XXIV, v. 51) e nos Atos dos Apóstolos (cap. 1, v. 10 e 11), sobre a assunção da Santa Virgem nada há nas narrativas evangélicas, o que nos inclina a duvidar do fato, tanto mais quando outras razões, que passamos a expor, fundamentam as nossas dúvidas.

É claro que, se a assunção da Virgem se houvesse dado, como referem as tradições da Igreja, seria esse um fato digno de menção nos Evangelhos, para os devidos efeitos. Mas, então, a narrativa viria acompanhada das circunstâncias em que o fato ocorrera, como se verifica com relação ao nascimento e a outros acontecimentos da vida da Santa Virgem para, no futuro, certificarem a natureza especial do seu corpo, conforme se deu em relação a N. Senhor Jesus Cristo, que sabemos ter tido um corpo celeste e não terrestre.

Não podemos deixar de atribuir uma razão de ser a certas inovações, ritos, cerimônias e fórmulas, com que a Igreja romana entendeu de revestir alguns fatos de que os Evangelhos não tratam, ou referidos com a simpleza da verdade.

Tal procedimento se pode atribuir às contingências do meio ou, talvez, ao intento de inculcar nas almas as crenças religiosas em tempos idos. Chegada, porém, a época que atravessamos, em que ao homem é facultado ver tudo pelo prisma do espírito e da verdade, não logramos compreender como houvesse podido a santa Virgem subir ao céu em corpo material.

Sabemos, pela historia, que S. Joaquim e Santa Ana, unidos pelos laços matrimoniais, se conservaram por mais de 20 anos sem ter filhos, o que lhes foi motivo de opróbrio e provação, que cessou, afinal, concebendo Santa Ana e dando à luz a Virgem Santíssima, eleita a figurar 121 como Mãe de N. S. Jesus Cristo.

Os fastos da Igreja romana apresentam, como uma das tradições dignas de acatamento que, depois da morte de Jesus, João Evangelista, fiel às recomendações do Mestre, nunca mais se apartou da Virgem, indo com ela morar em Jerusalém, onde permaneceram até rebentar contra os cristãos a cruel perseguição decretada no ano de 44, ocasião em que, ainda segundo a Igreja, a Virgem se retirou com os Apóstolos para a montanha de Sião, acrescentando que, chegada a hora dela deixar a Terra, um anjo foi o nuncio dos decretos do ALTÍSSIMO.

Diz mais, que o seu rosto se ruborizou então, por efeito do íntimo ardor da sua infinita adoração, e que, despindo o invólucro terrestre, o Espírito jubiloso subiu ao trono de Deus, caindo o corpo em suave sono, com 61 ou 66 anos de idade, no ano 798 de Roma e 45, da era vulgar.

Porém, continuando a sua narrativa, diz ainda a Igreja que os discípulos conduziram o corpo, rescendente de aromas e coberto com um véu riquíssimo, ao túmulo, transformado em verdadeiro açafate de flores; que, depois de velarem três ou quatro dias, orando sobre o sepulcro, eles se separaram, partindo cada um em busca da sua coroa de glória pelo martírio.

Antes, porém, quando ainda estavam reunidos, Tomé, que, fora último a chegar e que não assistira ao passamento da Senhora, desejoso de beijar pela derradeira vez as mãos à Mãe do Redentor, tanto pediu, tantas súplicas formulou que, vencidos, cederam todos aos seus prantos e levantaram a tampa que cerrava o jazigo.

Apenas isso feito, ficaram pasmos! O corpo não estava lá e somente encontraram, murchas, as flores sobre que o haviam pousado, e, fragrante de celeste perfume, o alvo sudário de linho em que fora envolto.

Acrescenta a lenda ser essa a razão por que nenhum reino ou cidades se honrou nunca de possuir a menor relíquia do corpo da Virgem.

E a tradição da Igreja é constante em afirmar que o Céu o chamou todo a si, para o glorificar.

Entretanto, essa tradição, que não encontra fundamentos na natureza do corpo de Nossa Mãe Santíssima, não se apóia no testemunho de nenhum Profeta, nem em dado algum que nos possa comprovar a autenticidade da afirmação da Igreja romana.

Parece antes tratar-se de um desses romances nascidos das primitivas crenças, que devemos supor arquitetados com sinceridade, mas que de nenhum modo convencem e, menos, obrigam.

Ora, nesse estado de dúvida nos conservávamos, do mesmo modo que por muito tempo vivêramos antes, com relação a algumas verdades evangélicas impostas autoritariamente como dogmas quando, certo dia, em conversa com um pobre Padre, que fazia do sacerdócio meio de vida e não de salvação, entramos a discutir com ele sobre a procedência das 122 penas eternas, do pecado original e outros pontos que, impostos com a escandalosa simonia, explicam o estado, que tanto deploramos, da Igreja.

O Padre, declarando que nada daquilo compreendia e que não lhe era permitido entrar em tais discussões, apesar de achar razoável a Doutrina Espírita e ter observado fatos comprobatórios dessa doutrina, pediu-nos uma explicação sobre a assunção da Santa Virgem, perguntando-nos se a explicação era a mesma da ascensão de N. S. Jesus Cristo.

Sem sabermos o que lhe responder, prometemos dar-lhe uma solução satisfatória.

Procuramos em seguida o nosso guia na Terra, o bondoso companheiro, o nosso amigo e mestre Bittencourt Sampaio, (*) a quem devemos o pouco que possuímos e, achando-o, como sempre, pronto a esclarecer o nosso pobre espírito, pecador e insciente, tomou do lápis e entregou-nos a mais esplêndida solução que podíamos esperar. Ei-la:

Ainda uma vez te digo: a tomada da Virgem ao Céu não é um mistério, como pretendem alguns. O fato deu-se do modo seguinte:

A Santa Virgem, depois de desaparecer da Terra o Cristo, muitos anos depois de viver em companhia do Apóstolo querido de Jesus, a quem Este a entregara no momento do seu martírio, aos olhos dos homens, na cruz, para que a tratasse como sua mãe, dizendo-lhe que o considerasse como seu Filho, deixou a vida naturalmente, na idade de 60 anos e o seu corpo foi sepultado pelo Discípulo querido, ao pé de uma oliveira, junto ao rio Cedron.

Pela hora sexta, à tarde, alguns rústicos, que voltavam dos campos onde tinham ido recolher seus rebanhos viram a Virgem que, de mãos postas e como que ajoelhada sobre uma nuvem, se encaminhava para as regiões siderais, precedida de um coro de anjos que entoavam hosanas ao Criador e paz aos homens na Terra.

Pasmados com esse prodígio, partiram a correr para as aldeias, referindo o que viram a todos os que encontravam, julgando terem visto o próprio corpo da Virgem, quando apenas fora o seu perispírito que, com forma visível, se apresentara aos olhos dos homens. João não presenciou o prodígio, mas creu também no fato, porque admitia a possibilidade de um prodígio, que ele mesmo não podia explicar.

Quanto à ASCENSÃO DO CRISTO, Senhor Nosso, sabe-se que Ele não era senão Espírito com forma tangível, forma que deixava e retomava todas as vezes que lhe convinha. Subiu por si mesmo às regiões etéreas, à morada dos puros Espíritos, pelo poder imenso de que dispunha antes mesmo de haver mundo. Cumprida a sua missão, restava-lhe deixar aos homens uma prova inconcussa da grandeza do seu poder.

Elevou-se então, pela ação exclusiva desse poder e à vista de todos, à morada do Pai Celestial. 123

Se a Igreja conserva o mistério da assunção da Virgem, sem o explicar, tendo a certeza de que seu corpo material foi sepultado, conforme declarou o Apóstolo antes de retirar-se para a ilha de Patmos, é que não quer destruir a crença popular gerada de uma apreciação errônea do fato real, por lhe convir manter na ignorância os que lhe seguem a doutrina.

Mas, a verdade é que o corpo de Maria caiu por terra como matéria perecível e somente seu Espírito subiu ao Céu. Elias

(*) Francisco Leite de Bittencourt Sampaio (advogado, ex-deputado pela Província de Sergipe). Nascido em 01.02.1834, em Laranjeiras, Sergipe, e falecido em 10.10.1895, no Rio de Janeiro.

OS ERROS DAS IGREJAS - 4

9 - João Huss - 1369-1415

Autor desconhecido

João Huss nasceu por volta de 1370 de uma família camponesa que vivia na pequena aldeia de Hussinec, e ingressou na universidade de Praga quando tinha uns dezessete anos. A partir de então toda a vida transcorreu na capital de seu país, excetuados seus dois anos de exílio e encarceramento de Constança. Em 1402 ele foi nomeado reitor e pregador da capela de Belém. Ali ele pregou com dedicação a reforma que tantos outros checos propugnaram desde os tempos de Carlos IV. Sua eloquência e favor eram tamanhos que aquela capela em pouco se transformou no centro do movimento reformador. Venceslau e sua esposa Sofia o escolheram por seu confessor, e lhe deram seu apoio. Alguns dos membros mais

destacados da hierarquia começaram a encará-lo com receio, mas boa parte do povo e da nobreza parecia segui-lo, e o apoio dos reis ainda era suficiente importante para que os prelados não se atrevessem a tomar medidas contra o pregador entusiasmado.

No mesmo ano que passou a ocupar o púlpito de Belém, Huss foi feito reitor da universidade, de modo que se encontrava em ótima posição para impulsionar a reforma. Ao mesmo tempo que pregava contra os abusos que havia na igreja Huss continuava sustentando as doutrina geralmente aceitas, e nem mesmo seus piores inimigos se atreviam a censurar sua vida ou sua ortodoxia. Huss era muito gentil e contava muito com o apoio popular.

O conflito surgiu nos círculos universitários. Pouco antes tinha começado a chegar a Praga as obras Wycliff. Um discípulo de Huss, Jerônimo de Praga, passou algum tempo na Inglaterra, e trouxe consigo algumas das obras mais radicais da reforma inglesa. Sem demora, diversos integrantes da hierarquia que eram alvos dos ataques de Huss e de seus seguidores, os quais viam nos ensinamentos de Wycliff uma ameaça séria a sua posição, se reuniram ao grupo dos alemães. Era a época em que, em resultados do Concílio de Pisa, havia três papas. Venceslau apoiava o papa pisano, enquanto o arcebispo de Praga e os alemães da universidade apoiavam Gregório XII.

Mais tarde o arcebispo se submeteu à vontade do rei, e reconheceu o papa pisano. Mas se vingou dos seus, solicitando deste papa, Alexandre V, que proibisse a posse das obras de Wycliff. O papa concordou, e proibiu, também as pregações fora das catedrais, dos mosteiros ou das igrejas paroquiais. Como o púlpito de Huss, na capela de Belém, não se enquadrava, nestas determinações, o golpe estava claramente dirigido contra ele. A universidade de Praga protestou. Mas Huss tinha agora de fazer a difícil escolha entre desobedecer o papa e deixar de pregar. Com o passar do tempo sua consciência se impôs. Ele subiu ao púlpito e continuou pregando a tão ansiada reforma. Este foi seu primeiro ato de desobediência, e ele se negou a ir, e em consequência o Cardeal Colonna o excomungou em 1411, em nome do papa, por não ter aceito a convocação papal. Mas apesar disto Huss continuou pregando em Belém e participando da vida eclesiástica, pois contava com o apoio dos reis e de boa parte do país. Assim Huss chegou a um dos pontos mais revolucionários da sua doutrina. Um papa indigno, que se opunha ao bem-estar da igreja, não deve ser obedecido. Huss não estava dizendo que o papa não era legítimo, pois continuava favorável ao papa pisano.

Outro incidente turbou a questão ainda mais, João XXIII, o papa pisano, estava em guerra com Ladislau de Nápoles. Nesta contenda sua única esperança de vitória estava em obter o apoio, tanto militar como econômico, do restante da cristandade latina. O rei, entretanto, tinha interesse em manter boas relações com João XXIII. Entre outras razões para isso, a questão de ele ou seu irmão Sigismundo era o imperador legítimo ainda não fora decidida, e era possível que, se a autoridade de João XXIII viesse a se impor, seria ele quem teria de decidir a questão. Por isso o rei proibiu que a venda de indulgências continuasse sendo criticada. Sua proibição, todavia, veio tarde demais. A opinião de Huss e seus companheiros já era conhecida de todos, a ponto de terem surgido passeatas do povo, em protesto contra esta nova maneira de explorar o povo checo.

Enquanto isto João XXIII e Ladislau fizeram as pazes, e pretensa cruzada foi revogada. Huss, no entanto, para Roma ficou sendo o líder de um grande heresia, e até chegou-se a dizer que todos os boêmios eram hereges. Em 1412 Huss foi excomungado de novo, por não ter comparecido diante da corte papal, e foi fixado um prazo curto, para ele se apresentar. Se não fizesse, Praga ou qualquer outro lugar que lhe desse acolhida estaria sob interdito. Desta forma a suposta heresia de Huss resultaria em prejuízo da cidade.

Por esta razão o reformador checo decidiu abandonar a cidade onde tinha passado a maior parte de sua vida.

No dia 5 de junho de 1415 Huss compareceu diante do concílio. Poucos dias antes João XXIII tinha sido aprisionado e trazido de volta para Constança, Huss tivera seus piores conflitos com ele, era de seu supor que a situação do reformador melhoraria. Mas sucedeu o contrário, como se tivesse tentado fugir ou se já tivesse sido julgado.

Foi acusado formalmente de ser herege, e de seguir as doutrinas de Wycliff. Huss tentou expor suas opiniões, mas algazarra foi tamanha que ele não o pode. E a questão foi adiada para o dia 7 do mês seguinte. Não tinha maneira de resolver o conflito. De Alilly queria que Huss se submetesse ao concílio, cuja autoridade não poderia ficar em dúvida. O concílio pedia unicamente que Huss se submetesse a ele, retratando-se das suas doutrinas, mas não o queria escutar. O cardeal Zabarella preparou um documento que exigia de Huss que se retratasse e Huss respondeu: "Apelo a Jesus Cristo, o único juiz todo-poderoso e totalmente Justo. Em suas mãos eu deponho a minha causa, pois Ele há de julgar cada um não com base em testemunhos falsos e concílios errados, mas na verdadeira justiça."

O encarceraram por vários dias para que fraquejasse, mas Huss continuou firme. Por fim no dia 6 de julho, ele foi levado para a catedral de Constança. Ali, depois de um sermão sobre a teimosia dos hereges, ele foi vestido de sacerdote e recebeu o cálice, somente para logo em seguida lhe arrebatarem ambos, em sinal que estava perdendo suas ordens sacerdotais. Depois lhe cortaram o cabelo para estragar a tonsura, fazendo-lhe uma cruz na cabeça. Por último lhe colocaram na cabeça uma coroa de papel decorada com diabinhos, e o enviaram para a fogueira. A caminho do suplício, ele teve de passar por uma pira onde ardiam seus livros. Mais uma vez o pediram que retratasse e mais uma vez ele negou com firmeza. Por fim orou, dizendo: "Senhor Jesus, por ti sofro com paciência esta morte cruel. Rogo-te que tenhas misericórdia dos meus inimigos." Morreu cantando os salmos. (<http://solascriptura-tt.org/> PessoasNosSeculos

Abordaremos a seguir o episódio no qual Jesus afirmou a Pedro: "Tu és Pedro e sobre essa pedra edificarei a minha igreja": Os Quatro Evangelhos- tomo III –Pág. 424 a 441

MATEUS, Cap. XVI, v. 13-20. —MARCOS, Capítulo VIII, v. 27-30. —LUCAS, Cap. IX, v. 18-21

Palavras de Jesus confirmativas da reencarnação.

Alusão às relações mediúnicas que podem existir entre os homens e as potências espirituais. Missão de Pedro na Igreja do Cristo. Verdadeira confissão.

MATEUS: V. 13. Chegando às cercanias de Cesaréia de Filipe, Jesus perguntou a seus discípulos: Que é o que os homens dizem do filho do homem? — 14. Eles responderam: Uns dizem que é João Batista; outros que é Elias; outros que é Jeremias, ou um dos profetas. — 15. Jesus lhes perguntou: E vós quem dizeis que eu sou? — 16. Simão Pedro respondeu: És o Cristo, filho de Deus vivo. -17. Jesus respondeu: Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue que isso te revelaram, mas meu pai que está nos céus. — 18. E eu te digo que és Pedro e que sobre esta pedra edificarei a minha igreja; e contra ela não prevalecerão as portas do inferno. — 19. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será também ligado no céu e o que desligares na terra será desligado nos céus. — 20. Ordenou em seguida aos discípulos que a ninguém dissessem ser ele Jesus o Cristo.

MARCOS: V. 27. Jesus partiu dali com seus discípulos para as aldeias dos arredores de Cesaréia de Filipe e pelo caminho lhes perguntava: Quem dizem os homens que eu sou? — 28. Responderam eles: Uns dizem que João Batista; outros que Elias; outros que um como os profetas. — 29. Disse-lhes ele então: Mas, vós, quem dizeis que eu sou? Pedro, respondendo, disse: És o Cristo. — 30. E ele lhes proibiu que o dissessem a pessoa alguma. OS QUATRO EVANGELHOS (II) 425

LUCAS: V. 18. Sucedeu que um dia, estando de parte a orar rodeado de seus discípulos, Jesus lhes perguntou: Quem diz o povo que eu sou? — 19. Eles responderam: uns — João Batista; outros — Elias; outros — algum antigo profeta que ressuscitou. — 20. Disse-lhes ele: E vós quem dizeis que eu sou? Simão Pedro respondeu: O Cristo de Deus. — 21. Ele então lhes proibiu muito expressamente que o dissessem a pessoa alguma.

N. 184. Uma explicação especial se faz aqui necessária.

(Mateus, v. 13-17; Marcos, v. 27-29; Lucas, v. 18-20). São muito importantes estas passagens dos Evangelhos, por isso que têm um duplo objetivo: lembrar aos homens os princípios da reencarnação e não deixar se esquecessem das relações mediúnicas que podem existir entre eles e as influências espirituais.

(.....)A resposta de Pedro: És o Cristo, filho do Deus vivo, o Cristo de Deus, isto é, o enviado do Senhor; assim como as palavras que Jesus lhe dirigiu: Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue que te revelaram isto, mas meu pai que está nos céus; não foste tu que o disseste, foi meu pai quem to revelou", patenteiam, oh! bem-amados, a revelação toda, revelação que foi, naquele momento, de atualidade, pela mediunidade de Pedro, e também futura pelas relações mediúnicas dos Espíritos do Senhor com os homens. Estes, como Pedro, são hoje e serão no porvir, para a nova revelação, médiuns sinceros e humildes, instrumentos escolhidos para transmissores da verdade ao gênero humano.

Por que meio houvera o Senhor feito a Pedro aquela revelação? Não é claro que, na ocasião, Pedro foi o instrumento falante que serviu para revelar a verdade? Que foi Pedro, em tal ocasião, senão um médium falante?

Já temos dito que Pedro possuía em altíssimo grau as faculdades mediúnicas. Por isso mesmo foi ele e não outro quem serviu naquele momento.

Não vos apeguéis às inspirações e revelações dos "santos", dos "padres da Igreja", para dizer: também eles eram médiuns, logo devemos crer cegamente nas suas palavras.

A vós, que compreendeis a verdade, podemos mostrar porque não vos deveis apegar às inspirações reveladas e tantas vezes mentirosas. Mas, para os incrédulos; que valor terão nossos esclarecimentos? 429

Não sabeis que a influência espírita sempre existiu e que, em todos os tempos, houve médiuns, alguns tendo perfeito conhecimento da fonte e da causa da ciência que possuíam, outros de todo em todo inconscientes?

Foi assim, graças à mediunidade e com o auxílio das relações mediúnicas com os Espíritos do Senhor, que os apóstolos, os discípulos, os evangelistas operaram por toda parte os milagres da fé. Multiplicando-os, eles espalhavam a fé por entre os homens, ignorantes, materiais.

Médiuns de todas as espécies, os apóstolos e seus discípulos serviam de instrumento às grandes vontades superiores. Em seguida, serviram de instrumentos, como eles, seus discípulos, os primeiros padres da igreja do Cristo, não os que fazem ato de fé no clericalismo, mas os primeiros cristãos sinceros e devotados; que morriam ignorados e humildes, após uma vida de propaganda laboriosa e perigosa, sem jamais requestarem a publicidade, as honras espirituais.

Depois, pouco a pouco, a mediunidade foi ficando na sombra, porque era preciso que os acontecimentos seguissem seu curso, que se fundissem todos os povos, adiantados e atrasados, e também porque, vulgarizado no seio de povos bárbaros, aquele conhecimento teria ocasionado grandes desordens. Deus permitiu que o conhecimento das nossas relações com a humanidade caísse no esquecimento, porque os homens eram maus e se achavam cercados de maus Espíritos. Em contraposição a um que caminhava nas sendas do Senhor, milhares de outros, provindos do meio de Espíritos inferiores, se compraziam no contacto com estes, mantendo-se sempre no mesmo meio. 430

Daí o tornar-se a mediunidade, a pouco e pouco, entre todos os povos da cristandade, apanágio de reduzido número de criaturas e afinal o desaparecer quase inteiramente, ou ficar na sombra. Tão profundo foi, de fato, o esquecimento em que caíram aquelas faculdades, que os que, por orgulho ou cupidez, tentavam explorá-las, eram tidos na conta de feiticeiros e como tais encarcerados ou queimados. Igualmente tratados eram, ou pelo poder e pelo braço seculares, ou pela Inquisição romana, como possessores do demônio ou como heréticos, no longo período que se seguiu aos primeiros tempos do Cristianismo e no qual dominaram as potências clericais, o absolutismo religioso, a ignorância, a intolerância, o fanatismo, quer os que de boa fé, porém submetidos a influências más, produzem efeitos físicos ou manifestações mediúnicas, quer os que, livres pensadores, mas debaixo de boas influências, proclamavam uma verdade, ensinamentos contrários às prescrições dogmáticas, disciplinares da Igreja humana, uns e outros médiuns conscientes ou inconscientes.

Repetimos, não vos apegueis às inspirações reveladas dos "padres da Igreja" e dos "santos", para dizer: "Também eles eram médiuns, logo devemos crer cegamente nas suas palavras".

Eram médiuns, sim, mas ignorais quanto a mediunidade é perigosa para quem não sabe servir-se dela?

Ignorais que o Espírito encarnado atraí a si os Espíritos que se lhe assemelham pelas tendências, pelas idéias preconcebidas ou sistemáticas, de acordo com os preconceitos ou as tradições do meio em que se ache; que, como médium, pode ser submetido a uma influência má, tornar-se instrumento, inconsciente e muitas vezes patente, de Espíritos embusteiros e, assim, instrumentos do erro ou da mentira, do mesmo modo que o pode ser dos bons Espíritos, quando escolhido, como o foi Pedro, para a revelação da verdade que o Senhor queira se faça conhecida dos homens, nos tempos determinados? 431

Ignorais também que a charlatanaria ou a exaltação d Espírito encarnado pode tomar ou inculcar como fruto da inspiração o que não passa de produto de uma organização fraca ou má?

Imaginais se deva atribuir a influências benéficas e elevadas os jejuns, as macerações, as flagelações, que certos religiosos se impunham, as existências ociosas e inutilmente passadas longe do mundo, de suas tentações, de seus combates, mas também das suas vitórias, na prática de mortificações que só o "demônio" podia inspirar, pois que o Deus de amor e de bondade as repele?

Aquele, que confiou ao homem a vida como um depósito precioso que lhe cumpre conservar e do qual tem que prestar contas exatas, poderia aprovar as torturas que os solitários se infligiam e cuja única utilidade era abreviar-lhes, aos olhos dos homens, a existência; era mudar o objetivo e os fins de uma vida que o homem deve conduzir e dirigir, segundo a lei divina, pela prática da lei do amor, que o Cristo proclamou, dos mandamentos, que declarou encerrarem toda a lei e os profetas e que sancionou com as suas lições e seus exemplos? Pela prática, portanto, das leis morais de adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade, justiça, amor e caridade*14, que, em seu nome, os Espíritos do Senhor vos explicam?

Não; não acrediteis cegamente nas palavras dos "padres da Igreja" e dos "santos", porquanto, se entre eles havia muitas vezes inspirações, mediunidade inconsciente ou patente, não raro também havia má influência, devida, já à exaltação de Espírito encarnado, já à fraqueza e precariedade da organização, já a tendências e idéias preconcebidas e sistemáticas, a preconceitos ou tradições do meio. Essa influência má era uma fonte de erros e embustes que tomavam, para a igreja humana, o caráter de "milagres" ou de "revelações" do Alto, se vinham por intermédio daqueles cuja santidade era, aos olhos dela, manifesta pelo misticismo ou ascetismo e pela observância de todas as suas prescrições materiais, dogmáticas e disciplinares. 432

(*)14 - Ver, para explicação destas leis, O Livro dos Espíritos, parte III, cap. I a XI, ns. 614-892.

(Mateus, v. 18-19): Do ponto de vista espírita, portanto mediúnico, é que deveis considerar as palavras de Jesus registradas nestes versículos.

Pedro, médium desenvolvido e adiantado, era, nas mãos dos Espíritos do Senhor, um instrumento poderoso para a difusão da luz. Todos os discípulos do Cristo tinham utilidade, mas cada um na sua especialidade.

Pedro, ao contrário, dotado de uma organização física bastante maleável para se prestar a todas as influências mediúnicas, Espírito mais elevado do que os outros apóstolos fiéis, senão em pureza, pelo menos em inteligência, tinha mais amplo poder. Servia assim de pedra fundamental ao edifício. Sobre ele foi construída a Igreja do Cristo, que desse modo assenta em alicerces inabaláveis, porquanto a faculdade que ele possuía se vai espalhando e cada vez se espalhará mais. E, tal como a pedra principal do ângulo, todos, todos os verdadeiros espíritas e sobretudo médiuns sinceros e humildes, servireis para a construção desse edifício, trazendo cada um a sua pedra. E podereis, espalhando de mais em mais, ao redor de vós, a luz que fordes obtendo, ligar também e desligar na terra e o Senhor ligará e desligará no céu. 433 Já vos dissemos em que sentido deveis tomar estas palavras. Elas não significam que o homem, pecador e sempre culpado, possa absolver ou condenar, proferindo na terra sentenças das quais não haja apelação; nem mesmo para Deus. Significam apenas que, conservando a integridade da alma e do coração, obtendo sempre e cada vez mais as luzes dos bons Espíritos, vos tornareis cada vez também mais aptos a julgar das coisas da terra e das coisas do céu, a dirigir os vossos irmãos pelo bom caminho e a distinguir com segurança os que se desviam e os que marcham fiéis.

É preciso vos expliquemos e façamos compreender aos homens, em espírito e em verdade, as palavras de Jesus, cujo pensamento e sentido a igreja humana desfigurou, falseou completamente.

(MATEUS, v. 18): E eu te digo que és Pedro e que sobre esta pedra edificarei a minha igreja.

Estas palavras de Jesus, particularmente dirigidas a Pedro, constituíram o ponto de partida do erro, tão largamente aceito, da infalibilidade do “papa”, dito o sucessor daquele apóstolo, assim como da organização clerical, mas não do culto, que teve por base a emblemática ceia pascal.

Pedro, Espírito adiantado e devotado, além disso excelente instrumento mediúnico (era preciso que fosse assim), dispunha, por ser da vontade de Jesus e graças aos Espíritos superiores que o assistiam, de uma perspicácia que não podeis avaliar com exatidão. Seu olhar penetrante descia ao fundo das consciências, sondava os mais íntimos pensamentos. Não é certo que, ao dar começo à sua missão, ele se achava em comunicação com os emissários divinos? Ora, dotado de tal faculdade, ao seu alcance estava ligar e desligar na terra, pois que não fazia mais do que pronunciar, em voz humana, os decretos que espiritualmente lhe eram revelados. Mas, depois dele, quantos Pedros já se contaram entre os que se hão intitulado seus sucessores? 434

A Igreja do Cristo, em sua origem, foi a reunião dos fiéis escolhidos por Pedro e os outros apóstolos, que tinham consciência da superioridade do primeiro e obravam quase sempre de acordo com os seus conselhos e sob a sua direção, no tocante à difusão da boa nova. Constituíam aquela igreja os sinceros e verdadeiros crentes (Judeus ou Gentios) que aceitavam a lei de amor que o Mestre viera pregar aos homens. Dizemos Judeus e Gentios, porque todo aquele que sinceramente crê no seu Deus e se esforça por cumprir a lei de amor, faz parte da Igreja do Cristo. Qualquer que seja o terreno que forneça a pedra, esta virá reunir-se ao monumento.

A Igreja do Cristo é o conjunto dos filhos do Senhor, filhos submissos e zelosos, que se reúnem pelo pensamento, quando não podem fazer de fato. Ela não está nos templos que os homens edificam, nos quais, segundo o dizer do apóstolo Paulo, Deus não habita.

Pertence à Igreja do Cristo aquele que, qualquer que seja o culto exterior a que a reencarnação o tenha submetido, trabalha com todas as suas forças por obedecer, constante, séria e porfiadamente, à lei divina, praticando o amor a Deus acima de todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo, procedendo sempre para com os outros, em todas as circunstâncias, pelo pensamento, pela palavra e pelos atos, como quereria que, para consigo, os outros procedessem.

Sim, da Igreja do Cristo fazem parte todos os que se submetem à lei divina escrita no livro que no coração de cada um se acha depositado.

“Sobre ti, Pedro, edificarei a minha igreja.”

Pedro preside ao progredir da fé, ao desenvolvimento da inteligência, ao cumprimento das promessas de Jesus. Ele continuou no desempenho da sua missão espiritual, depois de haver cumprido a sua missão humana. Desempenhando esta, começou, com o auxílio dos outros apóstolos e dos discípulos que se lhes associaram, a construir a Igreja do Cristo. Pelo desempenho da sua missão espiritual, prossegue na execução desta obra e a concluirá. 435

“E contra ela não prevalecerão as portas do inferno.”

Compreendi o que exprimem estas palavras. Sendo a Igreja do Cristo o conjunto dos filhos do Senhor, não será atingido pelo sofrimento, pela expiação aquele que, tendo sabido manter a integridade do coração e da alma, se esforçou por cumprir, segundo a lei divina, todas as suas obrigações, todos os seus deveres para com o Senhor e para com os homens. Pedro, no desempenho da sua missão terrena, foi um discípulo enérgico, devotado, fiel até à morte. Quem quer que construa sobre tal base, não terá que temer as portas do inferno, isto é, a expiação e o sofrimento do remorso, pois que o seu proceder será reto e puro.

(MATEUS, v. 19): “E te darei as chaves do reino dos céus.”

Dar-te-ei o conhecimento exato dos meios de chegar-se à perfeição moral.

“E tudo o que ligares na terra será ligado no céu e tudo o que desligares na terra será desligado no céu.”

Jesus, assim falando, abrangia nas suas palavras o momento em que as proferia e o futuro, referindo-se a Pedro. Do ponto de vista da missão humana desse apóstolo, elas significavam que, Espírito adiantado e devotado, excelente instrumento mediúnico, como já o dissemos, em comunicação com os emissários divinos, tendo, porque tal era a vontade de Jesus e graças ao auxílio dos Espíritos superiores que o assistiam, a faculdade de sondar o fundo das consciências, de perscrutar os pensamentos mais íntimos, Pedro ligaria e desligaria na terra, pronunciando, em linguagem humana, os decretos que lhe seriam revelados espiritualmente. 436

Dos pontos de vista da sua missão espiritual e do futuro, que é a época atual em que se prepara a era predita do advento do espírito, aquelas palavras significam que Pedro, presidindo, como também já o dissemos, ao progresso da fé, ao desenvolvimento da inteligência, ao cumprimento das promessas de Jesus, ligaria e desligaria na terra, quando a faculdade que ele possuía durante a sua missão humana se fosse espalhando progressivamente e cada vez mais, para servir à nova revelação e à construção da Igreja do Cristo, igreja que o tem por pedra angular. Ligaria e desligaria, transmitindo, por intermédio dos verdadeiros espíritas e, sobretudo, dos médiuns sinceros e humildes, que seriam, como ele o foi, instrumentos mediante os quais os Espíritos superiores, os bons Espíritos, revelariam espiritualmente a verdade, o exato conhecimento dos meios de chegar-se à perfeição moral, pondo assim, gradualmente, os homens em condições de também ligarem e desligarem. Não quer isto dizer que Pedro os ponha em condições de absolver ou condenar, porquanto esse poder só o tem Deus e o seu Cristo, a quem o primeiro conferiu poderes ilimitados no tocante ao vosso planeta e que com ele se acha em relação direta. Quer dizer: em condições de viverem íntegros de coração e de alma, de obterem a assistência e as luzes dos bons Espíritos, de se tornarem por essa forma cada vez mais aptos para julgar das coisas da terra e das coisas do céu, para dirigir seus irmãos pelo bom caminho, para distinguir com exatidão os que se transviam e os que marcham fielmente.

Quanto ao fato de haver Jesus proibido aos discípulos que dissessem a quem quer que fosse ser ele o Cristo, filho do Deus vivo, o Cristo de Deus, bem deveis perceber o motivo de tal proibição: era necessário que os acontecimentos seguissem o seu curso. 437

N. 185. Para exprimirmos, em espírito e verdade, o pensamento, o sentido e o alcance destas palavras de Jesus (v. 18): “E eu te digo que és Pedro e que sobre esta pedra edificarei a minha igreja, poderemos, resumindo numa fórmula tudo o que nos acabais de explicar acerca dos v. 18 e 19 de MATEUS, traduzir esses versículos da seguinte maneira: “Tu és Pedro e sobre ti, principal pedra angular, se apoiarão os homens; tu, que presidirás ao progresso da fé, ao desenvolvimento da inteligência e ao cumprimento das minhas promessas, congregarás esses mesmos homens, pedras também necessárias à construção da minha igreja, que será constituída pela reunião dos fiéis obedientes à lei do Senhor, de todos os que se esforcem por praticar, com integridade de coração e de alma, qualquer que seja o culto exterior de que se sirvam para adorar ao pai sobre a montanha ou em Jerusalém, o amor a Deus sobre todas as coisas e o amor ao próximo como a si mesmos, material, moral e intelectualmente; de todos os que se esforcem por observar a lei de amor e de fraternidade que trago ao mundo em nome daquele que me enviou, lei que os Espíritos do Senhor virão, de acordo com a minhas promessas e dirigidos por mim como Espírito da Verdade, explicar e desenvolver, nos tempos preditos, despojando da letra o espírito. “E as portas do inferno não prevalecerão contra ela”: O sofrimento e a expiação não atingirão a nenhum daqueles que, fazendo parte da minha igreja, se houverem esforçado por cumprir todas as suas obrigações, todos os seus deveres para com Deus e para com os homens?”

“E te darei as chaves do reino dos céus”: Dar-te-ei o conhecimento exato dos meios de chegar-se à perfeição moral?

“E tudo o que ligares na terra será ligado no céu e tudo que desligares na terra será desligado no céu”: Enquanto cumprires a tua missão humana, sendo, como és, Espírito adiantado e devotado e, mais ainda, excelente instrumento mediúnico, estarás em relação com os emissários divinos. Por minha vontade e auxiliado pelos Espíritos superiores, que te assistirão, sondarás o fundo das consciências, os pensamentos mais íntimos; ligarás e desligarás na terra e tudo o que ligares e desligares na terra será ligado e desligado no céu, por isso que pronunciarás, em voz humana, os decretos que te serão espiriticamente revelados. Depois de teres desempenhado a tua missão humana, prosseguirás no da tua missão espiritual; então ligarás e desligarás na terra e tudo o que ligares e desligares na terra será ligado e desligado no céu, por isso que a faculdade que possuíste durante a tua missão humana se espalhará, nos tempos preditos, progressivamente, para servir à nova revelação e à construção da minha igreja, cuja principal pedra angular és tu. Presidindo ao progresso da fé, ao desenvolvimento da inteligência e ao cumprimento das minhas promessas, ligarás e desligarás, transmitindo progressivamente ao mundo a verdade pelos verdadeiros espíritas e sobretudo pelos médiuns sinceros e humildes, que serão, como foste durante a tua missão humana, instrumentos dos Espíritos do Senhor, por meio dos quais será espiriticamente revelado o conhecimento exato, que te foi dado, dos meios de chegar-se à perfeição moral. Porás desse modo os homens, também progressivamente, em condições de ligarem e desligarem, como fizeste, mas não de absolverem ou de condenarem, porquanto esse poder só o têm Deus e o seu Cristo, a quem o primeiro conferiu poderes ilimitados no tocante ao planeta terreno e que com o pai se acha em relação direta; e sim de viverem íntegros de coração e de alma, de obterem a assistência e as luzes dos bons Espíritos, de se tornarem por minha vontade e com o auxílio dos Espíritos do Senhor, que os assistirão, cada vez mais aptos a julgar das coisas da terra e das coisas do céu, a dirigir seus irmãos pelo bom caminho, a distinguir os que se transviam e os que marcham fielmente?

Sim, como resumo do que vos dissemos em nome e da parte do Mestre.

*

Após analisar as elucidações dadas pelos Evangelistas, Roustaing questiona:

N. 186. A Igreja romana, apropriando-se das palavras que Jesus dirigiu a Pedro, pretende ser a herdeira das promessas assim feitas àquele apóstolo, dos poderes e da missão que lhe foram conferidos; pretende que sobre ela unicamente deve a Igreja do Cristo edificar-se; que nas suas mãos estão as chaves do reino dos céus; que lhe assiste o direito de absolver e de condenar; que tudo o que absolve e vier a absolver na terra está absolvido e o será nos céus; que tudo o que condena ou condenar na terra, está ou estará condenado nos céus; que fora dela, da observância de seus dogmas e mandamentos não há salvação, o que exprime por esta divisa dogmática: “Fora da Igreja não há salvação.”

Já dissemos que as palavras de Jesus eram especialmente dirigidas a Pedro. Nenhum homem na terra podia ou tinha o direito de atribuir-se a si a herança dessas palavras. 439

A Igreja desnaturou e falseou completamente o sentido e o alcance delas, dando-lhes interpretações humanas conformes à letra que mata, sem lhes apreender o espírito que vivifica.

Só lhe assistia o direito de se apropriar daquelas palavras no seu verdadeiro sentido, que é o que, em nome do Mestre, vos acabamos de revelar espiriticamente, se houvera trilhado singelamente o caminho que Jesus traçou, como podem apropriar-se delas todos os que, Judeus ou Gentios, trilharem esse caminho, com a assistência, a inspiração e o concurso que os bons Espíritos dispensavam a Pedro. Ela, porém, se transviou, do que resultou ficar privada da proteção concedida aos “primeiros pais da Igreja”, que não são (já o dissemos) os que fazem ato de fé no clericalato, e sim os primeiros cristãos sinceros e devotados, que morriam ignorados e humildes, depois de uma propaganda laboriosa e perigosa, sem jamais buscarem a publicidade, as honras espirituais.

Volte a Igreja ao caminho de que se afastou, retomando as pegadas dos apóstolos, esclarecida pela revelação do Espírito da Verdade.

Dispa o pastor, o “sucessor” de Pedro a púrpura que o cobre.

Fazendo-se a pedra angular do edifício, reconstrua e sustente a Igreja, que sobre ele repousa, ou, pelo menos, devia repousar, e lhe será dado “ligar e desligar”, no verdadeiro sentido destas palavras, trabalhar na verdadeira construção da Igreja do Cristo e participar da sua direção. A fé é humilde, teme o lustre e o fausto. Os esplendores da púrpura e do ouro perturbam a vista do chefe da Igreja, as pedras preciosas da tiara lhe fizeram esquecer o simples bastão, o burel e os pés descalços de Pedro.

Daí vem que a fé desertou, amedrontada, da Igreja e foi procurar abrigo entre os simples e os fracos. Abri-lhe os vossos corações, ela vos procura, chama e pede asilo. Não a repilais, oh! Meus filhos. Quando os tempos forem consumados, os “sucessores” de Pedro descerão do trono para se assentarem no relvado do caminho.

Quando o cetro do “príncipe da igreja” houver cedido o lugar ao cajado do viajor, quando a púrpura houver caído e o burel cobrir os ombros daquele a quem os homens chamam o “Santo Padre” e os dos “príncipes da igreja”, o que sucederá, pois que todos hão de voltar à humildade de que jamais se deveram ter apartado, então a fé, evoluindo-se dos vossos corações, se elevará grande e forte, para dominar ainda na Igreja do Cristo, e o “sucessor de S. Pedro” estenderá sua santa mão para abençoar o universo. E o universo lhe receberá a bênção quando ele houver dito:

AOS CATÓLICOS: “Levantai-vos; não sou mais do que homem, não sou mais do que vós outros; em verdade, creio que Deus não faz seleção de pessoas, que do seu agrado é todo aquele que o teme e cujas obras são justas, seja qual for a nação a que pertença”; quando houver dito, dirigindo-se a todos os homens indistintamente, qualquer que seja o culto exterior que professem:

“Deus me ensinou a não tratar de profano ou impuro a nenhum homem. Na terra, não chameis vosso pai a pessoa alguma, porquanto um ÚNICO pai tendes — o que está nos céus: não chameis vosso mestre a pessoa alguma, porquanto UM só doutor tendes e UM só mestre: o Cristo e vós todos sois irmãos; segui os mandamentos, as lições e os exemplos do mestre, sua moral simples e sublime, esforçando-vos por lhe caminhar nas pegadas; amai a Deus, vosso criador, acima de todas as coisas e o próximo como a vós mesmos, porquanto nestes dois mandamentos ESTÃO ENCERRADOS toda a lei e os profetas; amai-vos uns aos outros, porquanto o fim visado por todos os mandamentos é a caridade, que nasce de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fê sincera, que se traduz em palavras e atos; lembrando-vos de que a cada um será dado de acordo com as suas obras e de que todos, pelas suas obras e de conformidade com estas, serão julgados. Rejeitando todas as doutrinas e mandamentos humanos, não adoreis MAIS ao pai nem sobre o monte nem em Jerusalém. E vós, Judeus e Gentios, não vos differenceis, abstração feita dos cultos exteriores, no seio da grande família humana; tornai-vos, desse modo e de mais em mais, sob o império das leis de amor, de fraternidade, de unidade, os verdadeiros adoradores que o pai reclama, seus adoradores em espírito e em verdade. QUANDO isso se verificar, não haverá MAIS que um só rebanho e um só pastor; o Cristo e a Igreja do Cristo estará edificada, porquanto vós todos sereis filhos do Senhor. Trabalhai, pois, na obra comum da regeneração, por isso que todos vós sois chamados a pertencer ao número dos ELEITOS.”Orai para que assim seja, meus filhos.

Nós trabalhamos cheios de zelo e os tempos se aproximam. Que o Senhor sobre vós estenda a sua poderosa mão.

Pedro vos abençoa.441

A IGREJA CAMINHA... 1

11 - O Duro Recado Que O Papa Francisco Passou Aos Bispos – (Trecho)

20/08/2013

Jean Mercier, um publicista francês, se deu conta da gravidade das palavras do Papa Francisco dirigidas aos bispos, arcebispos e cardeais reunidos no Rio por ocasião da Jornada Mundial da Juventude. Foram as palavras mais duras que o Papa usou aqui. Infelizmente não foram comentadas pela imprensa, certamente, porque julga se tratar de assuntos internos da Igreja. De fato são, mas com repercussão enorme na vida pública, lá onde a Igreja se faz presente. Sei de fonte fidedigna, pois a pessoa estava presente, que um dos bispos conservadores com hábitos principescos, apenas comentou irritado: “Que discurso ridículo, esse do Papa”. É bom relemos tal mensagem. Jean Mercier nos fez o favor de dar-lhe relevância, coisa que fiz em passantes nos meus artigos. Publicou sua matéria na revista La Vie sob o título “A encíclica oculta de Francisco” no Rio e traduzida para o português pelo IHU de 9 de agosto de 2013: Lboff

Oficialmente, a primeira encíclica do Papa Francisco intitula-se *Lumen Fidei*, e foi publicada no começo de julho passado. Mas ela foi escrita principalmente por Bento XVI; Francisco contentou-se em lhe acrescentar uma espécie de posfácio. Na realidade, o papa trabalhava em outros textos, aqueles que iria pronunciar na Jornada Mundial da Juventude (JMJ) e, especialmente, em dois discursos fundamentais, endereçados aos bispos, que ficaram um pouco perdidos no meio da massa de palavras endereçadas aos jovens durante a JMJ...

No sábado, 27 de julho, aos bispos brasileiros, o Papa Francisco abordou questões difíceis e exigentes do domínio da pastoral, em um texto muito forte. Na manhã seguinte, ele ampliou seu propósito através de uma alocução aos bispos vindos de toda a América Latina. O conjunto desses dois discursos constitui uma espécie de encíclica “oficiosa”,

verdadeiro programa para o pontificado, cujo fio condutor é uma autocrítica severa e o apelo à conversão da instituição. O veredicto é claro, mesmo sob a forma de eufemismo: “Estamos um pouco atrasados no que se refere à Conversão Pastoral”.

1. Quebrar o tabu em relação às mulheres e o cisma silencioso dos decepcionados com a Igreja

Como nenhum Papa antes dele, Francisco se confronta com a dolorosa questão dos católicos que abandonaram a Igreja, fenômeno atestado na América Latina, mas que é conhecido de todos os países, especialmente os europeus, nos últimos 50 anos. Ele evoca assim “o mistério difícil das pessoas que abandonaram a Igreja” e se deixaram seduzir por outras propostas.

Esta questão, considerada tabu durante muito tempo, é a ocasião para uma severa autocrítica: “Talvez a Igreja lhes apareça demasiado frágil, talvez demasiado longe das suas necessidades, talvez demasiado pobre para dar resposta às suas inquietações, talvez demasiado fria para com elas, talvez demasiado auto-referencial, talvez prisioneira da própria linguagem rígida, talvez lhes pareça que o mundo fez da Igreja uma relíquia do passado, insuficiente para as novas questões; talvez a Igreja tenha respostas para a infância do homem, mas não para a sua idade adulta”.

O Papa acusa a Igreja de ser de tal maneira exigente em seus “padrões” que desencoraja o conjunto das pessoas: “muitos buscaram atalhos, porque se apresenta demasiado alta a ‘medida’ da Grande Igreja. Também existem aqueles que reconhecem o ideal do homem e de vida proposto pela Igreja, mas não têm a audácia de abraçá-lo. Pensam que este ideal seja grande demais para eles, esteja fora das suas possibilidades; a meta a alcançar é inatingível”.

Uma Igreja chata, rígida, fria, centrada no seu umbigo! Nunca Bento XVI e João Paulo II fizeram semelhante autocrítica. Bergoglio não tem medo de dizer a verdade ao pensar em todos esses que se afastaram dela: “Perante esta situação, o que fazer? Necessitamos de uma Igreja que não tenha medo de entrar na noite deles. Precisamos de uma Igreja capaz de encontrá-los no seu caminho. Precisamos de uma Igreja capaz de inserir-se na sua conversa. Precisamos de uma Igreja que saiba dialogar com aqueles discípulos, que, fugindo de Jerusalém, vagam sem meta, sozinhos, com o seu próprio desencanto, com a desilusão de um cristianismo considerado hoje um terreno estéril, infecundo, incapaz de gerar sentido. (...) Hoje, precisamos de uma Igreja capaz de fazer companhia, de ir para além da simples escuta”.

O Papa não hesita em tocar em outro assunto tabu na instituição: o lugar das mulheres: “Não reduzamos o empenho das mulheres na Igreja; antes, pelo contrário, promovamos o seu papel ativo na comunidade eclesial. Se a Igreja perde as mulheres, na sua dimensão global e real, ela corre o risco da esterilidade”. Embora a menção seja lapidar, é a primeira vez que um Papa reconhece que a Igreja perdeu parte da sua credibilidade em relação às mulheres.

A solução passa, segundo o Papa, pelo exercício da maternidade da Igreja, isto é, pelo exercício da misericórdia. “Ela gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão... Por isso, faz falta uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem a misericórdia, temos hoje poucas possibilidades de nos inserir em um mundo de ‘feridos’, que têm necessidade de compreensão, de perdão, de amor”. Nesse campo, há progressos a realizar: “Num hospital de campanha a emergência é curar as feridas”.

A outra dimensão é a empatia afetiva e a proximidade: “Eu gostaria que hoje nos perguntássemos todos: Somos ainda uma Igreja capaz de aquecer o coração?”.

2. A reforma da Igreja a partir da missão, e não da burocracia ou da ideologia. Verdaderamente, o Papa defende “toda uma dinâmica de reforma das estruturas eclesiais” que se tornaram obsoletas. Mas, cuidado! A reforma deve ser feita a partir de um critério específico: a missão, e não a sofisticação administrativa...

A IGREJA CAMINHA... – 2

12 – A mística católica e o desafio inter-religioso

Maria Clara Bingemer – Teóloga, professora e decana do Centro de teologia e ciências humanas da PUC- Rio.

A mística inter-religiosa vai se firmando hoje como nova e importante área dentro das Ciências da Religião. E isto certamente tem grandes e surpreendentes repercussões na experiência mística cristã dos tempos atuais e na releitura das experiências místicas cristãs de todos os tempos. Esperamos que, seguindo estes caminhos, possamos chegar, senão a um novo paradigma, ao menos talvez a um paradigma muito antigo e mesmo primordial que hoje, revisitado, se levanta com nova força, novo rosto e chega por novas vias ao sentimento religioso nosso e de boa parcela do povo de Deus.

Em um momento da história e da vida da Igreja em que se encontram tantas perplexidades e muitas vezes, inclusive, inumeráveis confusões quanto à questão da espiritualidade e da experiência espiritual que seria própria ao cristianismo, cremos que a reflexão que aqui fazemos poderia talvez ajudar ou pelo menos provocar um aprofundamento desta questão hoje vital: a possibilidade da autêntica experiência de Deus em outras tradições religiosas e a influência que tais experiências tiveram na configuração da experiência mística cristã. Sendo todas as experiências autenticamente místicas distintas formas de aproximação do Mistério Fundamental que é Deus, uma teologia cristã das religiões ou da mística inter-religiosa implicará o reconhecimento da legitimidade destes diversos caminhos ou percursos em direção à comunhão com o mesmo Mistério Fundamental.

A mística cristã hoje é diretamente interpelada pelas experiências místicas e espirituais de outras religiões. Os numerosos estudos que vão mais e mais aparecendo neste campo comprovam o que acabamos de afirmar. Mais: pode-se perceber nas experiências e escritos de



muitos dos maiores místicos cristãos a presença autêntica e real de intuições, imagens e contornos encontrados igualmente em outras tradições. Isto não faz com que tal mística deixe de ser cristã ou perca em autenticidade, mas demonstra que cada pessoa é situada num determinado contexto cultural e recebe a influência deste sem disto tomar ciência a nível consciente.

Demonstra igualmente que a experiência de Deus que se encontra no coração mesmo da identidade da mística cristã não se torna diminuída ou difusa ou menos consistente pela influência que recebe de alhures. Mas, pelo contrário, dá e alcança toda a sua medida ao encontrar elementos de sintonia provindos de seres humanos que provaram profundamente a proximidade e o amor de Deus, ainda que oriundos e filiados a outras tradições religiosas. Existe, sem dúvida, algo que apenas a religião do outro, na sua diferença, pode ensinar, ou transmitir: às vezes, um ponto ou uma dimensão que vamos descobrir na nossa experiência religiosa e do qual não nos havíamos dado conta. Por aí desejaríamos que se desse nosso percurso. Queremos destacar, dentro daquilo que afirmamos, algumas interfaces que acontecem nas experiências de alguns místicos cristãos em confronto com outras religiões monoteístas: o Judaísmo e o Islã. No centro destas três tradições está presente um único Deus e isso nos fornece – parece-nos – material mais propício e terreno menos movediço para refletir num campo onde ainda quase tudo está por fazer. A experiência mística, no fundo, não é senão a experiência do amor que revolve as profundezas da humanidade pela presença e a sedução da alteridade. Quando a alteridade é a religião do outro, há todo um caminho a ser feito em direção a uma comunhão que não suprime as diferenças, enriquecedoras e originais, mas encontra, na sua inclusão, um “novo” no qual se pode experimentar coisas novas do mesmo Deus.

Essa inclusão, a nosso ver, pode ser percebida de forma mais explícita em termos do entrelaçamento das diferentes experiências místicas das três tradições mencionadas. Tendo em comum a crença num só Deus e acontecendo igualmente em regiões e culturas onde a proximidade e a convivência facilitam e mesmo convidam à intersecção, oferecem material de grande interesse para o que aqui nos propomos refletir.

A experiência de um Deus pessoal e imanipulável, que as três religiões monoteístas ofereceram e oferecem como tesouro aos seus místicos, instaure um aprendizado fecundo, o qual, nos dias de hoje, pode enriquecer e efetivamente enriquece não só a experiência mística cristã em si mesma, como também a reflexão teológica que sobre ela se faz permite que entre estas três tradições como também a reflexão teológica que sobre ela se faz.

* * *

13 - GÊNESE - Renato Costa *1

1-Em que sentido se pode dizer que A Gênese difere das demais obras da Codificação?

-Vejam, inicialmente, o que diz Kardec na Introdução: “Sem embargo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, porém não a constitui a opinião pessoal de nenhum deles. Ela é, e não pode deixar de ser, a resultante do ensino coletivo e concorde por eles dado. Somente sob tal condição se lhe pode chamar doutrina dos Espíritos. Doutra forma, não seria mais do que a doutrina de um Espírito e apenas teria o valor de uma opinião pessoal. Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.”

“Os mesmos escrúpulos havendo presidido à redação das nossas outras obras, pudemos, com toda verdade, dizê-las: segundo o Espiritismo, porque estávamos certo da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das que a precederam, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a doutrina a responsabilidade delas. (1)”

Ora, fica evidente, pelas palavras do Codificador, que a obra A Gênese é única no tocante a conter trechos que não foram obtidos pelo ensino geral dos Espíritos. Do mesmo modo, resta claro, a meu ver, que Kardec nos conclama a nos mantermos atualizados com os avanços das diversas ciências, na medida de nossas possibilidades, para que possamos discernir quais das teorias apresentadas eram hipotéticas quando apresentadas e detectar quais, dentre elas, já foram confirmadas ou rejeitadas.

2. Entendendo, assim, que Kardec nos conclama a estudar continuamente os avanços da ciência de modo a verificarmos a confirmação ou não das teorias apresentadas em A Gênese e, tendo em vista o grande avanço da Ciência ao longo do tempo que nos separa da época em que a obra foi concebida, devemos entender que existe a necessidade de uma profunda revisão?

- Eu não diria revisão. Uma obra, qualquer que seja, tem uma época, um contexto que devem ser respeitados e entendidos. Além disso, uma obra só pode ser revista pelo próprio autor que a escreveu, caso contrário, não será mais a mesma obra. Tampouco acho conveniente que se faça demasiadas anotações de rodapé, o que carrega muito as páginas e não assegura

que o leitor faça a leitura das notas mais importantes. Entendo que A Gênese necessita de uma versão comentada, que seja atualizada periodicamente, sempre que a ciência traga novos elementos de entendimento para as teorias nela apresentadas. Sendo uma obra da Codificação, que precisa ser estudada por todos os espíritas, ela deve ser tornada disponível de tal forma que qualquer espírita, independentemente de seu preparo ou formação, possa obter dela somente informações confiáveis e atuais, não só as que foram obtidas pelo ensino concordante dos Espíritos mas, também, as que ali forem apresentadas como teorias científicas.

3. É do seu entender que essa versão comentada de A Gênese deva ser editada com certa urgência?

- Entendo que sim, apesar de também entender que a mesma deva ser feita com muita seriedade e cuidado, com o apoio de uma equipe multidisciplinar e sob a coordenação, preferivelmente, da FEB. Tenho lido com uma frequência desagradavelmente alta, mensagens em listas espíritas ridicularizando o Espiritismo, usando como argumento teorias que Kardec claramente colocou como sujeitas a verificação, como a geração espontânea ou os anéis sólidos de Saturno. Esses detratores não espíritas que entram nas listas com o único objetivo de influenciar negativamente os iniciantes na Doutrina encontram campo fértil pois, infelizmente, a maioria dos irmãos que entram em defesa da Codificação não lembram do que Kardec falou na Introdução e acabam usando argumentos frágeis que não são suficientes para desfazer o mal que os detratores causam.

Para que tal fragilidade desnecessária seja eliminada é necessário não só que seja editada uma versão comentada de A Gênese mas que a mesma seja disponibilizada em meio eletrônico, para download gratuito pela Internet. Desse modo, todos os sites que oferecem hoje a Codificação para download poderiam passar a oferecer A Gênese em versão comentada e não na versão simples.

4. Visando atender àquilo que você chamou de recomendação implícita de Kardec, onde entende que devemos nós espíritas estudar os avanços da Ciência, somente em obras de autores espíritas ou em toda forma de mídia disponível?

- Cada um deve fazê-lo de acordo com suas possibilidades. Se a pessoa é iniciante na Doutrina ou se, mesmo não o sendo, carece de preparo para o estudo autônomo, é recomendável que procure atualizar-se freqüentando palestras, estudos dirigidos ou lendo obras espíritas que versem sobre os temas. Em se tratando de estudioso bem preparado, por outro lado, entendo recomendável que obtenha informação por todos os meios disponíveis. Seja lendo boas obras de divulgação científica, livros ou revistas, pesquisando na Internet, assistindo a canais ou programas que abordam temas científicos ou mesmo, por certo, lendo artigos espíritas. Quem tem bom entendimento da Doutrina sabe utilizá-la como filtro para examinar tudo o que estuda e interpretar cada novo conhecimento que adquire de modo com ela compatível.

5. Existe, a seu ver, alguma recomendação especial para o ensino de A Gênese no Centro Espírita?

- Entendo que sim. Tendo em vista o que foi dito, o responsável pelo estudo de A Gênese deve proceder a uma verificação previa de tudo o que será abordado a cada dia, de modo a discernir se necessita pesquisar as atualidades científicas ou se já tem conhecimento atualizado sobre as teorias que serão tratadas. Passar adiante em um estudo informações incompatíveis com o que a ciência apresenta nos dias de hoje é certamente algo que Kardec reprovaria. É verdade que entender o que a ciência tem hoje a dizer sobre algumas teorias apresentadas em A Gênese exige um preparo científico que nem todos os estudiosos espíritas possuem. Caso seja esse o caso do responsável pelo estudo no Centro Espírita entendo que este deverá se ater a comentar aquilo que entende bem, não deixando, contudo, de apontar aos aprendizes o que é informação consolidada pelo ensino coletivo dos Espíritos e o que são teorias passíveis de comprovação.

6. Poderia citar algum tópico dentre os julgados carentes de verificação em A Gênese que dê ensejo a alguma ponderação especial?

- Sim. No Capítulo VI (Uranografia Geral), por exemplo, temos, nos itens 26 e 27, duas teorias que parecem ter sido rejeitadas pela ciência. Como veremos, uma o foi e a outra, não. Diz o item 26: “O número e o estado dos satélites de cada planeta têm variado de acordo com as condições especiais em que eles se formaram. Alguns não deram origem a nenhum astro secundário, como se verifica com Mercúrio, Vênus e Marte (2), ao passo que outros, como a Terra, Júpiter, Saturno, etc., formaram um ou vários desses astros secundários.” Apesar da moderna astronomia, aliada às viagens espaciais, ter confirmado que Mercúrio e Vênus não possuem, realmente, satélites, o mesmo não pode ser dito em relação a Marte* que teve suas duas luas, Deimos e Phobos, descobertas em 12 de agosto de 1877 pelo astrônomo americano Asaph Hall. Deimos e Phobos são muito pequenos. Deimos tem apenas 6 km de raio e Phobos, 11. Só para se ter uma idéia de como são pequenos os satélites de Marte, nossa Lua tem raio de 3.476 km. Sua constituição, tamanho e formato em muito se assemelha à de asteróides. O interessante é que, devido ao seu tamanho e à sua constituição os astrônomos têm fortes suspeitas de que ambos se formaram em algum outro lugar e foram capturados posteriormente pela gravidade de Marte. Desse modo, a teoria apresentada em A Gênese, de que as condições de formação de Marte não teriam dado origem a nenhum satélite, está em sintonia com o atual conhecimento científico, apesar de, em um primeiro instante, parecer que não está. 1* Vamos, agora ao Item 27. Vejamos o que ele diz: “Além de seus satélites ou luas, o planeta Saturno apresenta o fenômeno especial do anel que, visto de longe, parece cercá-lo de uma como auréola branca. Esse anel é, com efeito, o resultado de uma separação que se operou no equador de Saturno, ainda nos tempos primitivos, do mesmo modo que uma zona equatorial se escapou da Terra para formar o seu satélite. A diferença consiste em que o anel de Saturno se formou, em todas as suas partes, de moléculas homogêneas, provavelmente já em certo estado de condensação, e pode, dessa

maneira, continuar o seu movimento de rotação no mesmo sentido e em tempo quase igual ao do que anima o planeta. Se um dos pontos desse anel houvesse ficado mais denso do que outro, uma ou muitas aglomerações de substância se teriam subitamente operado e Saturno contaria muitos satélites a mais. Desde a época da sua formação, esse anel se solidificou, do mesmo modo que os outros corpos planetários.” Ora, Saturno não é o único planeta a possuir anéis. Júpiter, Urano e Netuno também os possuem, tendo sido os mesmos, no entanto, descobertos apenas a partir de 1977.

Além disso, não existe em Saturno um anel sólido mas sete anéis com órbita independente e que se compõem, cada um, de inúmeras pequenas partículas com tamanhos variando de um centímetro a vários metros. Há muito poucas partículas em cada anel. Se todas as partículas de todos os anéis fossem compactadas em um único corpo, daria um satélite de menos que 100 km de diâmetro. Junto com os trinta satélites do planeta, os anéis de Saturno representam um complexo sistema em interação cujas características ainda são objeto de estudo pela ciência. A origem dos anéis ainda é uma questão em aberto para os cientistas. Alguns acreditam que eles teriam se formado pelo despedaçamento de um satélite ou asteroide pela gravidade de Saturno. Outros, que eles seriam compostos por fragmentos de um satélite que não conseguiu se constituir, ou seja, não se condensou. Como podemos ver, comparado os fatos que a ciência tem a nos mostrar com o que consta de A Gênese, vários pontos encontram-se em conflito. Nosso comentário com respeito a este Item, portanto, é de outra natureza. Como pode ser verificado na nota de rodapé da primeira página do Capítulo VI – Uranografia Geral, todo o capítulo é uma transcrição de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título – Estudos Uranográficos e assinadas GALILEU, tendo sido o médium identificado pelas iniciais C. F. Consta, ainda, do rodapé uma Nota do Tradutor (Guillon Ribeiro) observando serem C.F. as iniciais do nome de Camille Flammarion. Admitindo ter sido o médium Camille Flammarion, teríamos aí um sábio astrônomo psicografando um sábio Espírito, que foi, ele mesmo, um dos pais da astronomia. Como, entretanto, todo o capítulo foi obra de um único Espírito, não foi satisfeita a condição de ensino coletivo e concorde dos Espíritos, ficando, portanto, todo ele, no dizer da Kardec, na condição de uma “opinião pessoal”. Mesmo entendendo o Capítulo VI como uma teoria passível de verificação, no entanto, trata-se de uma teoria apresentada por um Espírito e, ainda mais, por um Espírito sábio e estudioso dos assuntos sobre os quais dissertou. É improvável, a meu ver, que o Espírito Galileu, livre das amarras da matéria, tivesse abandonado os estudos aos quais tinha dedicado sua existência entre nós. Alguém poderia, então, perguntar: - Como pode um Espírito adiantado e estudioso de astrologia ter ignorado realidades como a existência de anéis em outros planetas além de Saturno ou o fato de os ditos anéis não serem sólidos? A resposta a essa pergunta não me parece simples. Uma hipótese, a meu ver, é sugerida pela escolha do médium utilizado. Sendo o médium, Camille Flammarion, um astrônomo, ele saberia identificar quando alguma comunicação que recebesse estivesse em desacordo com o conhecimento astronômico de sua época. Seria proveitoso aos objetivos da obra que ela apresentasse conhecimento científico ignorado pela ciência de então?

Penso que não. A escolha de Flammarion teria sido, neste caso, uma garantia para que a comunicação não contivesse elementos desconhecidos que causassem estranheza ainda maior nos meios científicos de então.

7) Existe em A Gênese alguma linha de raciocínio que tenha sido deixada inconclusiva?

- Ocorre-me uma, existente no Capítulo III – Inteligência e Instinto, e que vai da questão 12 à de número 17 (pg. 74 a 78). Nessa linha de raciocínio Kardec explora diversas hipóteses sobre a origem do instinto e da inteligência, encerrando, no item 17, com as seguintes palavras: “Todas essas maneiras de considerar o instinto são forçosamente hipotéticas e nenhuma apresenta caráter seguro de autenticidade, para ser tida como solução definitiva. A questão, sem dúvida, será resolvida um dia, quando se houverem reunido os elementos de observação que ainda faltam. Até lá, temos que limitar-nos a submeter as diversas opiniões ao cadinho da razão e da lógica e esperar que a luz se faça. A solução que mais se aproxima da verdade será decerto a que melhor condiga com os atributos de Deus, isto é, com a bondade suprema e a suprema justiça.”

8) Tendo em vista o que disse o Codificador no item 17, poderíamos dizer que já estão, nesta alvorada do século 21, reunidos os elementos de observação que faltavam a Kardec quando escreveu A Gênese?

- É nosso parecer que sim. Em uma série de artigos que vêm sendo publicados pela Revista Internacional de Espiritismo tenho procurado explorar a questão. Alguns desses elementos são: o Modelo do Encéfalo Triúnico, proposto pelo neurologista americano Paul MacLean, a obra Evolução em Dois Mundos, de André Luiz, recebida pela abençoada mediunidade de Chico Xavier, os estudos de Jorge Andréa publicados em Impulsos Criativos da Evolução e o mundo de informação disponível pela Internet sobre os estudos da Psicologia Associativa e da Etologia sobre o comportamento animal.

9) Teríamos hoje, então, condição de acrescentar, ao final do Item 17 uma conclusão para a mencionada linha de raciocínio?

- Acredito que sim. Não com base, naturalmente, em meu modesto estudo. Os artigos que venho escrevendo visam apenas levantar a questão para que outros também a pesquisem e escrevam sobre suas conclusões. Somente assim, quando e se conclusões forem consolidadas entre vários estudiosos, poderemos dizer que a linha de raciocínio poderá ser dada como concluída. Entendido,

certamente, que estando nós no estágio evolutivo em que estamos, de modo algum tal conclusão, se alcançada, poderá ser aceita como a palavra final.



10) Você teria algo mais a falar sobre as teorias passíveis de verificação existentes em A Gênese?

- Sim. Kardec foi um sábio ímpar que dominava com maestria todo o saber de sua época, além de ser dotado de um profundo bom-senso, um raciocínio brilhante e uma intuição inspirada. No entanto, tudo aquilo que ele escreveu em A Gênese sem o amparo do ensino coletivo dos Espíritos, ele o fez com base nos conhecimentos de sua época. Desse modo, quando nós, espíritas, estudamos as conquistas da ciência para verificar as teorias passíveis de verificação, estamos fazendo o que Kardec faria se estivesse entre nós. Longe de desmerecer o seu inestimável trabalho, estaremos, em assim fazendo, seguindo o exemplo que ele nos legou.

11) No Capítulo XI de A Gênese, Kardec comenta sobre a hipótese de ser o corpo humano uma transformação do corpo do macaco. Com a evolução da ciência até os tempos atuais tal hipótese foi plenamente confirmada?

- Sim. Vejamos, no entanto, o que diz A Gênese: Item 15. – “Da semelhança, que há, de formas exteriores entre o corpo do ser humano e o do macaco, concluíram alguns fisiologistas que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. ...” Ao contrário do que ocorria ao tempo de Kardec, hoje não se trata mais de um “palpite”, dado com base em semelhanças externas. O exaustivo trabalho dos paleoantropólogos, comparando registros da evolução, conta com o apoio das mais modernas tecnologias de datação, análise química e genética. Desse modo, mais que uma hipótese, temos hoje uma teoria plenamente aceita pela comunidade científica. Pelas similaridades genéticas, tanto nós, humanos, quanto os grandes macacos sem rabo (chimpanzés, bonobos, gorilas e orangotangos) pertencemos à mesma superfamília dos Humanóide. Nossa família, a dos Hominídea, é um ramo do galho dos Humanóide, tendo dele derivado há cerca de 5 milhões de anos. Tendo todas as demais famílias de Humanóide sido, igualmente, ramos derivados do galho principal, o corpo humano evoluiu, não a partir do corpo de algum macaco (mesmo que grande e sem rabo) hoje existente. Não, tanto ele quanto o corpo de todos os grandes macacos sem rabo atuais, evoluíram a partir de um corpo Humanóide ancestral que não mais existe. Na linha evolutiva de nossa família Hominídea, houve, pelo menos, um gênero antes do Homo, o gênero ao qual pertencem os humanos atuais. Trata-se do Australopithecus, que surgiu na África há mais de 4 milhões de anos, tendo os primeiros Homo sido identificados há pouco mais de 2 milhões de anos.

Na linha evolutiva do gênero Homo, nossa espécie, Homo Sapiens, surgiu há cerca de 150.000 anos. Tudo indica, portanto, que houve várias migrações de Espíritos humanos para o nosso planeta nesse alvorecer da humanidade, sem falar das que ocorreram depois. Cada espécie que vem sendo descoberta pelos paleoantropólogos tem acrescentado mais uma peça a um quebra-cabeças de mil peças que parece ficar a cada dia mais complicado e que só será completado quando os esforçados cientistas se renderem à evidência espiritual. Nessa maravilhosa rede escolar que Deus espalhou pelo universo todo aluno que fracassa em um sistema de ensino é transferido para outro até que complete com sucesso o aprendizado nas matérias que o reprovaram.

12) Quais são as características que os cientistas usam para identificar a subfamília Hominídea dos demais Humanóide?

- Evidências de bipedalismo. Acreditam os cientistas que o bipedalismo foi a característica que marcou a separação entre a nossa linhagem e as dos demais primatas, criando condições que iriam levar, ao longo do tempo, a um considerável aumento da inteligência, à fabricação de ferramentas, à formação de cultura, et cetera.....

13) E quais as características que eles usam para identificar o gênero Homo do Australopithecus?

- Maior caixa craniana, rosto menos projetado, dentição remodelada, braços mais curtos que as pernas e conformação dos ossos da bacia e das pernas permitindo o andar ereto e o parto de bebês com crânios maiores. Sinais evidentes de que Espíritos mais adiantados estavam modelando tais corpos. Várias são as espécies já identificadas como pertencentes ao gênero Homo, todas elas, menos a nossa, o Homo Sapiens, já extintas. É importante observar que a extinção de uma

espécie no plano físico não implica em migração de todos os Espíritos que reencarnavam nela para outro planeta. Não, conforme o estágio evolutivo de cada indivíduo, alguns podem ser conduzidos a outros planetas para continuar seu aprendizado e outros podem passar a reencarnar em uma espécie sobrevivente no mesmo planeta. O que os cientistas já descobriram sobre a espécie que nos é mais próxima, a dos Neandertal, por exemplo, nos permite concluir que muitos Espíritos que reencarnavam nessa espécie podem ter passado a reencarnar na nossa, podendo encontrar-se ainda hoje nela.

14) Como se processaram as ramificações e transições que fizeram surgir famílias, gêneros e espécies?

- A ciência identifica a evolução como causada por vários fatores associados às características genéticas das espécies, fatores como mutações, recombinações e seleção natural. Sem, de modo algum, entrar em conflito com o que diz a ciência, A Gênese esclarece: 16. “- Admitida essa hipótese, pode dizer-se que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nas particularidades, conservando a forma geral do conjunto (11). Melhorados, os corpos, pela procriação, se reproduziram nas mesmas condições, como sucede com as árvores de enxerto. Deram origem a uma espécie nova, que pouco a pouco se afastou do tipo primitivo, à proporção que o Espírito progrediu. O Espírito macaco, que não foi aniquilado, continuou a procriar, para seu uso, corpos de macaco, do mesmo modo que o fruto da árvore silvestre reproduz árvores dessa espécie, e o Espírito humano procriou corpos humanos, variantes do primeiro molde em que ele se meteu.

O tronco se bifurcou: produziu um ramo, que por sua vez se tornou tronco. Como na natureza não há transições bruscas, é provável que os primeiros humanos aparecidos na Terra pouco diferissem do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência.” Imaginemos se pudesse ter sido de outro modo, o primeiro Espírito humano reencarnando muito diferente de seus pais e dos demais indivíduos da comunidade.

Que chance teria tal criança de ser bem aceita e de conviver de forma harmônica com seus pais e vizinhos? Nenhuma. Como sempre, as palavras de Kardec são sábias. (“Como na natureza não há transições bruscas, é provável que os primeiros humanos aparecidos na Terra pouco diferissem do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência.”)

15) As explicações dadas por Kardec nos Itens 15 e 16 continuam válidas?

- Sim, desde que se saiba que não estamos mais tratando de uma hipótese, mas de uma teoria inquestionada no meio científico e que entendamos claramente de que tipo de “macacos” se está falando, conforme acabamos de comentar.

16) No seu entender é importante que os espíritas se mantenham atualizados sobre as descobertas da paleoantropologia, a ciência que estuda as origens do ser humano?

- Por certo que sim. Não só sobre as descobertas da paleoantropologia, como da arqueologia, da história, da genética, da medicina e de todas as demais ciências que estudam nossa espécie. Esse conhecimento é importantíssimo para que nos tornemos humildes em relação à nossa evolução, agradecidos à infinita paciência divina para conosco e indulgentes e compreensivos em relação às demais espécies que nos fazem companhia no planeta nessa inevitável trilha rumo à angelitude. Como já disse, entretanto, se espera de cada um de acordo com seu preparo e sua capacidade.

17) Entre os itens 58 e 61 do Capítulo VI Galileu trata da Diversidade dos Mundos. De uma forma resumida, o que ele coloca é que não devemos entender a diversidade da vida na Terra como a única a existir nos demais planetas habitados. Antes, pelo contrário, devemos entender essa enorme diversidade como um claro sinal de que a natureza de cada mundo será de acordo com as diversas condições que lhes foram prescritas e com o papel que coube a cada um no cenário do mundo.

18) Que contribuições têm dado a ciência à aceitação desse ensinamento de Galileu?

- Não muitas, infelizmente. Uma das razões que tem limitado os cientistas na procura de vida em outros mundos é o simples fato que não existe sequer uma definição do que vida significa. “Afim, o que é um ser vivo?”, se pergunta a Ciência. Algo que se move e tem sangue vermelho? Baratas não têm sangue, como os demais insetos e alguns animais marinhos, que têm, como a lagosta, sangue verde, devido à presença de cobre na sua constituição. Um sistema vivo deveria ser, pelo menos, capaz de se reproduzir e de consumir energia. No entanto, sem falar dos vírus, certas espécies de animais de razoável complexidade, como sapos e peixes que vivem nos desertos, são capazes de permanecer como mortos, sem qualquer troca com o meio ambiente, durante anos, até que chova no local. Dizer que uma propriedade exclusiva de um ser vivo é reproduzir-se, implicaria em aceitar que cristais são seres vivos. Se fosse escolhida a propriedade do metabolismo para identificar vida, o fogo seria um ser vivo. Se a escolha recaísse sobre o movimento, seria ainda pior, pois incluiríamos o ar e a água entre os seres vivos. Com base nessa limitação de entendimento, o que a ciência tem feito é procurar em outros planetas evidências de vida com base na chamada Teoria de Oparin sobre como a vida se formou em nosso planeta.

19) Qual é a Teoria de Oparin? -

Trata-se de uma teoria proposta pelo cientista russo Alexander I. Oparin em 1930. Diz a Teoria de Oparin que a Terra no passado foi muito diferente do que ela é hoje, sendo que sua constituição básica há 3,5 bilhões de anos atrás eram três compostos, hidrogênio, amônia e metano, que, em conjunto, forneciam os elementos básicos necessários da Terra primitiva, nitrogênio, carbono e hidrogênio. Faltava apenas mais um ingrediente, o oxigênio, que, segundo Oparin, veio do vapor d’água liberado pelos incontáveis vulcões que havia no passado (10% dos gases liberados por vulcões é vapor d’água). Além da constituição da Terra primitiva ser diferente da atual, a Terra foi bem mais quente quando se formava do que é hoje. Por ainda não possuir a camada de ozônio, ela esteve sujeita à ação de raios ultravioletas que, quando se misturavam com as descargas elétricas (raios), possibilitaram a ocorrência de reações químicas com os elementos básicos,

surgindo assim os primeiros aminoácidos (constituintes primários das proteínas). A teoria de Oparin foi testada pelo cientista americano Stanley Miller em laboratório no ano de 1953.

Ele colocou, dentro de um balão de vidro, metano, amônia, hidrogênio e vapor d'água, que foram extensivamente aquecidos e sofreram a ação de centelhas elétricas. Tudo isto simulou as condições da Terra primitiva. Após alguns dias de espera ele viu aminoácidos se formarem, confirmando a teoria de Oparin. Se a Teoria de Oparin não provou como a vida se formou na Terra, pelo menos, ofereceu uma hipótese válida – comprovada – de como ela pode ter surgido, dando à Ciência uma Teoria para prospectar a vida em outros planetas. E é isso que ela vem fazendo.

20) Que chances você acha que tem a ciência de encontrar formas de vida nos outros mundos com base na Teoria de Oparin?

- Muito poucas, como podemos depreender tanto da comunicação de Galileu, em particular, quanto do conhecimento da Doutrina, de um modo geral. Procurando vida em outros mundos com base em evidências de haver neles os elementos que se supõe terem existido no passado da Terra, no máximo logrará a ciência encontrar formas de vida iguais ou muito semelhantes às que existem em nosso planeta. E as probabilidades de haver vida igual em planetas próximos não devem ser elevadas.

21) Esse tema nos remete ao que diz Maria João de Deus sobre a vida em outros planetas em Cartas de Uma Morta. Poderia comentar a respeito?

- Certamente, pois sua lembrança vem muito a propósito. Em Cartas de Uma Morta, Chico Xavier psicografou várias mensagens de sua querida mãezinha, uma delas falando da vida em Saturno e, outra, da vida em Marte. Em ambas as descrições, Maria João informa serem os Espíritos habitantes em tais planetas, seres de grande adiantamento, de forma estranha, que podem voitar.

Fala de edificações graciosas, vegetação, oceanos menos densos que os da Terra, etc. Ora, quando a última sonda espacial visitou Marte e descreveu sua superfície, nada encontrou das construções vistas por Maria João, da vegetação ou dos oceanos por ela descritos. Tampouco o conhecimento de que a superfície de Saturno é gasosa parece bater com a descrição recebida pelo Chico de sua querida mãe. O que há de errado, então? O que há de errado é que, como já dissemos, a Ciência somente procura vida como ela conhece e entende. Maria João, como Espírito desencarnado, estava com seus sentidos muito mais aguçados que qualquer ser encarnado, mesmo com o auxílio dos mais sofisticados instrumentos. As edificações e oceanos que ela viu, portanto, devem existir, mas são de tal sutileza que os atuais instrumentos da ciência não logram perceber.

Sabemos, do estudo da Doutrina, que, à medida que os Espíritos progredem, seus perispíritos e os corpos físicos que assumem quando encarnam vão se tornando mais e mais sutis, até que se despojem totalmente da matéria, quando finalmente é alcançada a perfeição. Desse modo, os Espíritos que Maria João viu, vivendo em total harmonia e dedicados somente às mais nobres virtudes, deviam certamente ser Espíritos muito adiantados, da terceira ou da segunda classe. Tais Espíritos devem ser tão sutis a ponto de serem confundidos pelos instrumentos humanos com radiações cósmicas ou eletromagnéticas, ao invés de serem reconhecidos como os seres vivos que são. - Extraído de “Vários Contos” – de autoria Desconhecida. 28-07-14- Disponível na Internet.

(*)1 – I R C - 2- Veja no Youtube: Phobos. A lua de Marte a caminho da destruição.

* * *

14 – PLANETA TERRA RUMO A CONSTELAÇÃO DE HÉRCULES.



O Espírito Pascal, numa outra mensagem, afirma que a Terra atingirá regenerada, as “campinas siderais da Constelação de Hércules”, meta da fabulosa viagem que realiza pelo infinito.

Mensagem de Pascal:

“... Carregai pois a vossa cruz com paciência e resignação e vos tornareis dignos de habitar a Terra quando regenerada, atingir as campinas siderais da Constelação de Hércules, para a qual se dirige em marcha acelerada, devendo lá chegar, logo que a Humanidade estiver em condições de habitar essas regiões do Infinito. Então, não mais tereis a noite e o dia alternando-se gradualmente. Tereis as claridades siderais a se irradiarem dos vossos próprios espíritos redimidos, despídos dos andrajos do crime e cobertos pelas vestes alvíssimas das virtudes celestes. Eis, meus filhos, em síntese a vossa recompensa. E não será a última, pois na Casa do Pai há muitas moradas, que vos irão sendo franqueadas, à medida que fordes galgando os íngremes degraus da escada entrevista em sonho por Jacó. Deus vos abençoe e ilumine. Pascal. – (Mensagem

recebida em sessão pública na Federação Espírita Brasileira.)

Para que os nossos pacientes e amáveis leitores possam compreender melhor o significado da mensagem de Pascal acima, e tenha assim, uma ampla visão do futuro que nos aguarda se permanecermos de fato, no caminho de Jesus, apresentamos o artigo do Wikipédia abaixo:

A causa da precessão dos equinócios é o fato de a Terra apresentar uma certa inclinação em seu eixo de rotação, estimada em 23,5°. Por essa razão, o planeta realiza um movimento de cerca de 1°. graus em torno do eixo vertical de sua esfera eclíptica a cada ano. Além do seu movimento anual, ao redor do Sol, que produz as estações, o seu movimento de rotação sobre si mesma em 24 horas, que produz o dia e a noite, a Terra tem um terceiro movimento que se cumpre em 25.000 anos mais ou menos (mais exatamente 25.868 anos), e produz o fenômeno designado em astronomia sob o nome de precessão dos equinócios.

15 - Grande Aglomerado Globular de Hércules

Sendo um dos mais proeminentes [aglomerados globulares](#) da [Via-Láctea](#), foi descoberto pelo astrônomo inglês [Edmond Halley](#) em 1714. De acordo com o astrônomo francês [Charles Messier](#), que listou o aglomerado em seu [catálogo](#) em 1 de junho de 1764, [John Bevis](#) também havia mencionado o objeto em seu *Celestial Atlas*.^[3]

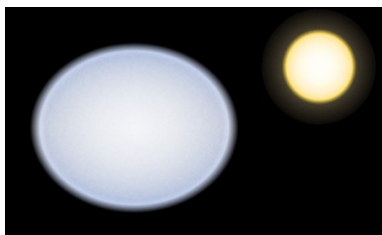
Na [esfera celeste](#), o aglomerado está próximo da galáxia [NGC 6207](#), que está a cerca de 28 minutos de arco a nordeste do sistema. Uma pequena galáxia, IC 4617, situa-se a meio caminho entre o aglomerado e a galáxia, a norte-nordeste do amplo núcleo do aglomerado.^[3]

Características



Grande Aglomerado Globular de Hércules visto de [Madrid](#)

Estando a uma distância de 25.100 [anos-luz](#) da [Terra](#), seu diâmetro aparente de 20 [minutos de grau](#) corresponde a um diâmetro real de 145 anos-luz. Contém mais de 100.000 [estrelas](#), embora de acordo com [Timothy Ferris](#), o aglomerado pode conter mais de um milhão de estrelas; seu centro tem uma densidade estelar 500 vezes maior do que o espaço nas vizinhanças do [Sol](#). Historicamente, [Halton Arp](#) em 1962 estimou a idade do aglomerado em 14 bilhões de anos.^[3] Compare o tamanho de Vega com o Sol: tem 2,5 vezes a massa, 3 vezes o diâmetro!

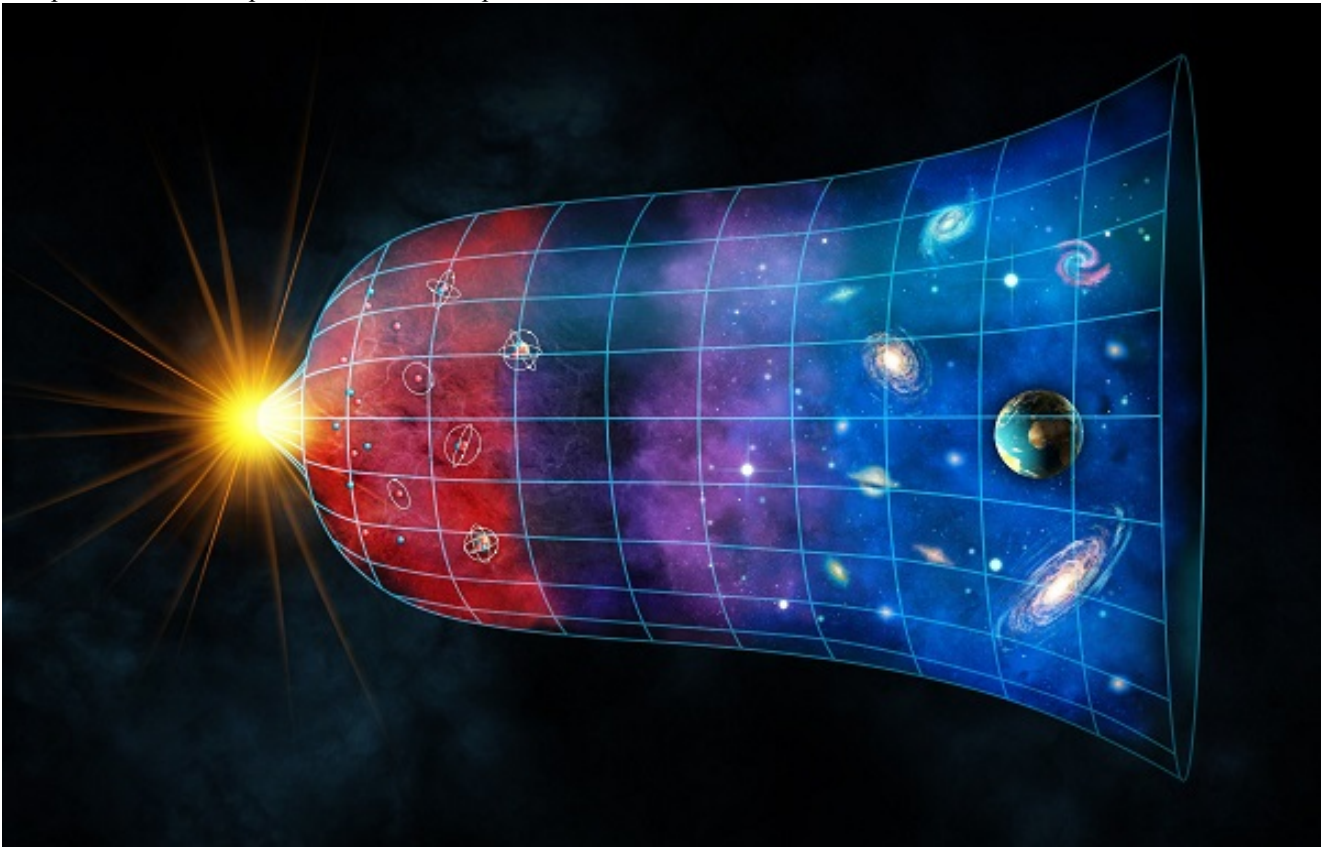


Vega é a estrela mais brilhante da constelação de Lira e a quinta estrela mais brilhante do céu noturno. Ela está separada do nosso sistema solar por 25 anos-luz, o que a torna uma das estrelas mais próximas do nosso Sol. Há 14.000 anos Vega foi a estrela Polar, e será novamente dentro de 12 a 13.000 anos, desbancando da posição a atual estrela Polaris. Localizada próxima à constelação de Hercules de que faz parte e em volta da qual orbita o Sol. Considerada uma estrela nova, com pouco mais de 455 milhões de anos desde sua formação [6], 1/10 do tempo do nosso Sol, tem 2,5 vezes a massa, 3 vezes o diâmetro e cinquenta vezes mais intensidade de brilho que nossa estrela. Astrônomos calcularam a temperatura da estrela em cerca de 10.000 Kelvin nas regiões polares e 7.600 Kelvin na linha equatorial.

Conforme esclarece também o Wikipédia, o Apex Solar, isto é, o ponto no céu que marca a direção para onde o Sol e seus planetas estão se movendo em sua órbita ao redor do centro da Via Láctea está localizado próximo à constelação Hércules, perto da estrela Vega, nas vizinhanças da constelação de Lyra. Sua estrela principal, Mu Hércules está a 27.4 anos-luz da Terra.

Leia: Precessão dos equinócios (Cap. V, nº. 11 e cap. IX – A Gênese de Allan Kardec) E veja na Internet o vídeo Uma Janela para o Infinito.

Há muitas coisas novas no campo atual dos conhecimentos e das pesquisas sobre Astronomia, que estão forçando a inteligência humana a rever os seus conceitos sobre os Universos, na marcha inconsciente da Ciência à procura de Deus. Pouco a pouco, vai o homem se abeirando de mais ampla compreensão acerca da insondável magnificência do Criador e de sua infinita e incessante Criação. De surpresa em surpresa, a Ciência estuda agora o fato, verificado pelo norte-americano Low e comprovado pelas sondas espaciais Pioneiro 10 e 11, de que Júpiter emite quase o triplo da quantidade de energia que recebe do Sol. Conclusões posteriores e independentes, dos soviéticos Rostov e Iaktsk, evidenciaram, por outro lado, que aquele astro apresenta a constituição própria de uma estrela em franca expansão. Agora, já se admite que reações nucleares internas, semelhantes às do nosso astro-rei, levarão Júpiter a tornar-se, dentro de talvez uns dois bilhões de anos, um novo Sol, pouco antes, segundo se presume, da extinção do nosso Sol atual. De perplexidade em perplexidade, a Ciência caminha em campos novos, aos quais não está ainda acostumada. De repente, sem pretender e sem esperar, descobrirá o Espírito.



O BIG-BANG

17 - O Gênesis Mosaico na Expressão Ubaldiana

Como seria O Gênesis Mosaico se fosse escrito nos dias de hoje, e com uma linguagem ubaldiana.

Munidos dos conceitos aventados por Pietro Ubaldi sobre a criação, torna-se-nos tentador salpicar no Gênesis mosaico terminologias científicas e ubaldianas a fim de torná-lo apaixonadamente acessível à mentalidade de nossos dias. Perdoem-nos a pretensão, se nos atiramos a esse singelo intento, com o risco de macular o sagrado, é por mera intenção de joguetear com as palavras, assomando preciosos conceitos ocultos em suas amofinadas letras. Além do mais, apóiam-nos ombros de um gigante, Pietro Ubaldi.

Não guardamos a menor dúvida, o épico poema mosaico conduz verdades que os tempos não puderam olvidar, por isso pesa-nos assistir ao descaso que a ufania científica de nossos dias lhe impõe. Não deixemos que a incúria espiritual do academicismo moderno continue a abater a transcendente inspiração que o compôs. Retiremos-lhe o bolor dos séculos. Eis como poderia ser isso:

Antes do princípio, criou Deus o Sistema Perfeito e se multiplicou por amor em deuses menores, feitos de Sua substância, mas com liberdade de escolha. Então, muitos deuses menores intencionaram se tornar deuses maiores. O egocentrismo

neles se degenerou em egoísmo e parte da criação, abalada em seus fundamentos, ruiu na degradação involutiva, gerando o Anti-Sistema.

E assim, depois do princípio, a substância divina se dividiu e se contraiu em um ponto de dimensão nula e densidade infinita. E, desolado, o Espírito transcendente de Deus pairava sobre o desmoronamento das dimensões originárias, a singularidade inicial. E viu Deus que assim deveria ser. Então, disse Deus: Expanda-se a substância contraída fazendo nascer o espaço e o tempo. E a grande explosão se fez. E viu Deus que a grande explosão gerava o caos, mas a explosão era necessária. Deus separou as forças fundamentais, criando os glúons, os bósons, os grávitons e os fótons. E sob a ação das forças bipartidas, Deus formou os elétrons, os neutrinos, os múons e os quarks. E as partículas se formavam em pares que se aniquilavam, mas Deus, interferindo no conflito dualista, disse: Juntem-se os quarks remanescentes e façam-se os prótons e os nêutrons. E realize-se a nucleossíntese sob a ação das forças nucleares, organizando-se o átomo. E o átomo se organizou em núcleos de prótons e nêutrons e elétrons girando em torno dos núcleos.

E viu Deus que era bom. E, assim, o espírito caído, coagulado na energia, se encerrou na matéria. Mas viu Deus que, embora não fosse bom, não havia outro meio de ele prosseguir como individuação de Sua substância.

E Deus separou os fótons do plasma primordial. E disse Deus: Brilhem os fótons! E os fótons irradiaram-se pelos espaços contraídos, em expansão inflacionária. E Deus viu que os fótons livres eram bons e os chamou de luz. E o dualismo se estabeleceu entre a energia e a matéria, inaugurando-se, ao se completar o preliminar ciclo de retração e efervescência, o primeiro dia.

E disse Deus: Faça-se ainda mais intensa a expansão inflacionária no meio do espaço contraído, e separem-se as forças rebeldes do Anti-Sistema em polaridades complementares e opostas. E se aquietem os elementos na escalada estequiogênica. E assim foi. E foi a tarde e a manhã, o segundo Deus disse: Ajuntem-se as nebulosas de hidrogênio em torno de poderosos centros gravitacionais, os buracos negros, e apareçam as grandes galáxias. E assim foi. As galáxias, por efeito da força gravitacional, produziram estrelas, lançando-as através dos espaços. E as estrelas explodiam em supernovas, gerando compostos químicos pesados e sistemas planetários. E viu Deus que isso era bom dia.

E a energia se degradou e se retificou. E Deus disse: Irradie a energia amadurecida, em forma de raio globular, sobre a matéria bruta, elevando-a à condição de matéria orgânica. E os raios globulares formaram aminoácidos rudimentares na atmosfera dos planetas apropriados para a vida, caindo no seio morno dos mares primitivos. E a partir dos condensados de barro, contaminados pela vida, os procariotes se desenvolveram e produziram suas sementes e se proliferaram, intensamente, nos oceanos dos mundos. E, assim, foi a tarde e a manhã, o terceiro dia.

E Deus disse: Produzam as cianofíceas a clorofila e dissolvam, através da fotossíntese, as densas nuvens carbônicas dos planetas, liberando o oxigênio. E, assim, fez Deus a separação entre a luz e as trevas na atmosfera dos planetas. E assim foi. E Deus acomodou na claridade do firmamento os ciclos planetários, e os luzeiros do céu puderam brilhar com intensidade. E foi a tarde e manhã, o quarto dia.

E Deus falou: Evolua a vida no entrecchoque da seleção natural para que o espírito, nela contido, desperte para a consciência de si mesmo. E os seres viventes, multiplicando-se e diferenciando-se nas diversas espécies, evolveram, disseminando-se por todas as terras, mares e ares.

Na dura luta pela sobrevivência, eles construíram armas e se adestraram na arte da guerra, criando órgãos, habilitando funções e sedimentando instintos, crescendo e se aprimorando através dos tempos, na laboriosa, mas indispensável, grande batalha da vida. E viu Deus que, apesar dos embates ferozes, a seleção natural era o único meio de fazê-los progredir. E foi a tarde e a manhã, o quinto dia.

E disse Deus: Façamos o espírito acordar para a razão. Domine ele suas forças animalizadas e construa em si a angelitude. E muitos espíritos se fizeram homens. E viu Deus que era muito bom.

E Deus os abençoou e lhes disse: Sujeitai a rebeldia separatista, renunciad ao egoísmo, multiplicai o amor e abraçai a dor para que se refaça a queda do espírito. E viu Deus tudo quanto fizera, e eis que a renúncia e a dor eram os únicos meios possíveis para que se reconquistasse a perfeição perdida. E foi a tarde e a manhã, o sexto dia.

E, assim, foi iniciado o processo de reconstrução da criação desmoronada. Ora, havendo Deus completado o sétimo dia, estabeleceu a mobilidade inercial e o automatismo das Suas leis para que todo o Anti-Sistema, através de ações e reações, retornasse ao seu estado de origem.

Gilson Freire - Belo Horizonte, agosto de 2002

Nota – Esse desprezioso trabalho integra a obra Arquitetura Cósmica, em breve disponível.

* * *

18 - EMMANUEL FALA SOBRE RAMATIS

1 - Os períodos geológicos do planeta

- http://www.saindodamatrix.com.br/archives/2005/12/emmanuel_ramatis.html

Domingo, 18 de dezembro, 2005

A mensagem abaixo reproduzida contém a íntegra de uma entrevista realizada com o médium Francisco C. Xavier e seu Instrutor Espiritual chamado Emmanuel, publicada pela Revista Boa Vontade, Ano 1, nº. 4 – Outubro de 1956:

Logo que apareceram as primeiras publicações da “Conexão de Profecias” (Hoje com o título Mensagens do Astral), de Ramatis, fomos a Pedro Leopoldo, a fim de ouvir a palavra autorizada de Emmanuel, através daquele aparelho maravilhoso que é Francisco Cândido Xavier. Isto porque o que era dito pelo espírito de Ramatis parecia-nos perfeitamente lógico. Mas, como constituía novidade, não queríamos aceitar de pronto algo que não passasse pelo crivo de várias manifestações mediúnicas, através de diversos aparelhos.

Desta forma, munidos do aparelho de gravação em fita, fomos atendidos gentilmente pelo médium, que respondeu às perguntas que fazíamos, repetindo as palavras da resposta, que eram ditadas por Emmanuel. A gravação foi feita no dia 5 de janeiro de 1954. Conservamos até hoje o rolo gravado em nosso poder.

Passamos a estampar as perguntas e respectivas respostas:

Pergunta: - Que pode o irmão dizer-nos a respeito do astro que se avizinha, segundo a predição de Ramatis?

Chico Xavier: - Esclarece nosso orientador espiritual que o assunto alusivo à aproximação de um Planeta ou de Planetas, da zona – ou melhor da aura da Terra – deve, naturalmente, basear-se em estudos científicos que possam saciar a curiosidade construtiva das novas gerações renascentes no mundo. O problema, desse modo, envolve acurados exames, com a colaboração da ciência e da observação de nossos dias. Razão por que pede ele que não nos detenhamos na expressão física dos acontecimentos que se vizinham, para marcar maiores acontecimentos – acontecimentos esses de natureza espetacular – na transformação do plano em que estamos estagiando, no presente século. Afirmo nosso amigo que o progresso da óptica e das ciências matemáticas serão portadoras, naturalmente, de ilações, conclusões da mais alta importância para os nossos destinos, no futuro próximo.

Pergunta: - Pode Emmanuel dizer-nos algo a respeito da verticalização do eixo da Terra e das transformações que esta sofrerá, segundo Ramatis?

Chico Xavier: - Afirmo nosso Orientador espiritual que não podemos esquecer que a Terra, em sua constituição física propriamente considerada, possui os seus grandes períodos de atividade e de repouso. Cada período de atividade e cada período de repouso da matéria planetária, que hoje representa o alicerce de nossa morada temporária, pode ser calculado, cada um, em 260.000 mil anos.^{1*} Atravessando o período de repouso da matéria terrestre, a vida se reorganiza, enxameando de novo nos vários departamentos do Planeta, representando, assim, novos caminhos para a evolução das almas. Assim sendo, os grandes instrutores da Humanidade, nos planos superiores, consideram que, desses 260.000 anos de atividade, 60 a 64 mil são empregados na reorganização dos pródomos da vida organizada. Logo em seguida surge o desenvolvimento das grandes raças que, como grandes quadros, enfeixam assuntos e serviços que dizem respeito à evolução do espírito domiciliado na Terra.

Assim, depois desses 60 a 64 mil anos de reorganização de nossa Casa Planetária temos sempre grandes transformações de 28 em 28 mil anos. Depois do período dos 64 mil anos, tivemos duas raças na Terra cujos traços se perderam por causa de seu primitivismo. Logo em seguida podemos considerar a grande raça Lemuriana como portadora de uma inteligência algo mais avançada, detentora de valores mais altos, nos domínios do espírito. Após a raça Lemuriana – em seguida aos 28.000 anos de trabalho lemuriano propriamente considerado – chegamos ao grande período da raça Atlântida, com outros 28.000 anos de grandes trabalhos, no qual a inteligência do mundo se elevou de maneira considerável. Achemo-nos, agora, nos últimos períodos da grande raça Ariana.

Podemos considerar essas raças como grandes ciclos de serviços em que somos chamados de mil modos diferentes, em cada ano de nossa permanência na crosta do planeta ou fora dela, ao aperfeiçoamento espiritual, que é o objetivo de nossas lutas, de nossos problemas, de nossas grandes questões, na esfera de relações, uns para com os outros.

Assim considerando será mais significativo e mais acertado, para nós, que venhamos a estudar a transformação atual da Terra sob um ponto de vida moral, para que o serviço espiritual, confiado às nossas mãos e aos nossos esforços, não se perca em considerações, que podem sofrer grandes alterações, grandes desvios; porque o serviço interpretativo da filosofia e da ciência está invariavelmente subordinado ao Pensamento Divino, cuja grandeza não podemos perscrutar.

Cabe-nos, então, sentir, e, mais ainda, reconhecer, que os fenômenos da vida moderna e as modificações que nosso “habitat” terreal vem apresentando nos indicam a vizinhança de atividades renovadoras, de considerável extensão. Daí esse afluxo de revelações da vida extra-terrestre, incluindo sobre as cogitações dos homens; esses apelos reiterados, do mundo dos espíritos; essa manifestação ostensiva, daqueles que, supostamente mortos na Terra, são vivos na eternidade, companheiros dos homens em outras faixas vibratórias do campo em que a humanidade evolui. Toda essa eclosão de notícias, de mensagens, de avisos da vida espiritual, devem significar para o homem, domiciliado na Terra do presente século, a urgência do aproveitamento das lições de Jesus. Elas devem ser apreciadas em si mesmas, e examinadas igualmente no exemplo e no ensinamento de todos aqueles que, em variados setores culturais, políticos e filosóficos do globo lhe traduzem a vontade divina, que na essência é sempre a nossa jornada para o Supremo Bem.

Os termos da comunicação obtida em Curitiba (a “Conexão de Profecias”, de Ramatis) são de admirável conteúdo para a nossa inteligência, de vez que, realmente, todos os fatos alusivos à evolução da Terra e referentes a todos os eventos que se relacionam com a nossa peregrinação para a vida mais alta, estão naturalmente planejados por aqueles ministros de Nosso Senhor Jesus Cristo; os quais, de acordo com Ele, estabelecem programas de ação para a coletividade planetária, de modo a facilitar-lhe os vãos para a divina ascensão. Embora, porém, esta mensagem, por isso mesmo, seja digna de nosso melhor apreço, contudo, na experiência de companheiro mais velho, recomenda-nos nosso Orientador Espiritual (Emmanuel) um interesse mais efetivo para a fixação de valores morais em nossa personalidade terrena, de conformidade com os padrões estabelecidos no Evangelho de nosso Divino Mestre. Porque, para nossa inteligência, os fenômenos

renovadores da existência que nos cercam têm qualquer coisa de sensacional, de surpreendente, nosso coração de inclinar-se, humilde, diante da Majestade do Senhor, que nos concede tantas oportunidades de trabalho, em nós mesmos, a revelação dos grandes acontecimentos porvindouros; novo soerguimento íntimo, novo modo de ser, a fim de que estejamos realmente habilitados a enfrentar valorosamente as lutas que se avizinham de nós e preparados para desfrutar a Nova Era que, qual bonança depois da tempestade, facilitará nossos círculos evolutivos.

Será, todavia, muito importante encarecer que não devemos reclamar do terceiro milênio uma transformação absolutamente radical nos processos que caracterizam, por enquanto, a nossa vida terrestre. O prazo de 47 anos é diminuto para sanar os desequilíbrios morais de tantos séculos, em que o nosso campo coletivo e individual adquiriu tantos débitos, diante da sabedoria e diante do amor que incessantemente apelam para nossa alma, no sentido de nos levantarmos para um clima mais aprimorado da existência. Não podemos esquecer que grandes imensidades territoriais, na América, na África e na Ásia, nos desafiam a capacidade de trabalho. Não podemos olvidar, também, que a Europa, superalfabetizada, se encontra num Karma de débitos clamorosos, à frente da Lei, em dolorosa expectativa para o reajuste moral que lhe é necessário.

Aqui mesmo, no Brasil, numa nação com capacidade de asilar novecentos (900) milhões de habitantes, em quatrocentos e alguns anos de evolução, mal estamos – os espíritos, encarnados na Terra, em que temos a bênção de aprender ou recapitular a lição do Evangelho – mal estamos passando das faixas litorâneas. Serviços imensos esperam por nossas almas no futuro próximo. E, se é verdade que devemos aguardar, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, condições mais favoráveis para a estabilização da saúde humana, para o acesso mais fácil às fontes da ciência; se nos compete a obrigação de esperar o melhor para o dia de amanhã, cabe-nos, igualmente, o dever de não olvidar que, junto desses direitos, responsabilidades constringentes contam conosco, para que o Mundo possa, efetivamente, atender ao programa Divino através não somente da superestrutura do pensamento científico – que é hoje um teto brilhante para os serviços de inteligência do mundo – mas também através de nossos corações, chamados a plasmar uma vida que seja realmente digna de ser vivida por aqueles que nos sucederão nos tempos duros; entre os quais, naturalmente, milhões de nós os reencarnados de agora formaremos, de novo, como trabalhadores que voltam para o prosseguimento da tarefa de auto acrisolamento, para a ascensão sublime, que o Senhor nos reserva.

Considerando, assim, a questão sob este prisma, cabe-nos contar com o concurso da ciência, no setor das observações de ordem material; com a evolução dos instrumentos de óptica; com o avanço dos processos de exame na esfera da química planetária, na qual os mundos podem ser analisados, como átomos da amplidão de universos que se sucedem uns aos outros no infinito da Vida. Será lícito, então, esperar que certas afirmativas, referentes a vida material, se positivem satisfatoriamente para mais altas concepções da mente planetária; de vez que, muito breve, o homem estará ligado à glória da religião cósmica, da Religião do Amor e da Sabedoria, que o cristianismo renascente, no Espiritismo de hoje, edificará para a Humanidade, ajustando-a ao concerto de bênçãos, que o grande porvir nos reserva.

Pergunta: - Foi, de fato, há 37.000 anos que submergiu a Atlântida?

Chico Xavier: - Diz nosso Amigo (Emmanuel) que o cálculo é, aproximadamente certo, considerando-se que as últimas ilhas, que guardavam os remanescentes da civilização Atlântida, submergiram, mais ou menos, 9 a 10 mil anos antes da Grécia de Sócrates.

(1) - Interessante assinalar que este espaço de tempo coincide – mais ou menos, conforme cálculos científicos – com o que necessita o Sistema Solar para dar a volta completa em torno do centro da Via Láctea: Conforme o artigo sobre o Sistema Solar divulgado em 10-05-19, pelo Wikipédia, a Órbita do Sol em torno do centro galáctico: Inclinação do plano invariável em relação ao plano galáctico: 60.19° Distância ao centro galáctico 2000±1 000 anos-luz. Velocidade orbital: 220 km/s Período orbital 225 a 250 milhões de anos.

* * *

19 – Em 2057 a Terra será um mundo de regeneração

Publicado no Jornal Correio Espírita – Rio de Janeiro – RJ - edição 67 Janeiro 2011

Como se sabe os mundos são acessíveis aos Espíritos de acordo com o seu grau de evolução. Embora não se possa fazer dos diversos mundos uma classificação absoluta, pode-se, contudo, em virtude do estado em que se acham e da destinação que trazem, tomando por base os matizes mais destacados, dividi-los, de modo geral, como segue:

- mundo primitivo, destinado às primeiras encarnações da alma humana;
- mundos de expiação e provas, onde domina o mal;
- mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta;

- mundos ditosos, onde o bem sobrepuja o mal, e

- mundos celestes ou divinos, habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem. A Terra, segundo essa classificação, pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, preparando-se para ingressar na categoria de mundo regenerador, em função da Lei do Progresso, conforme esclarece Santo Agostinho em O Evangelho Segundo o Espiritismo:

"O progresso é lei da Natureza. A essa lei todos os seres da Criação, animados e inanimados, estão submetidos pela bondade de Deus, que quer que tudo se engrandeça e prospere. (...) Ao mesmo tempo em que todos os seres vivos progredem moralmente, progredem materialmente os mundos em que eles habitam. Quem pudesse acompanhar um mundo em suas diferentes fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos destinados e constituiu-lo, vê-lo-ia percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas de degraus imperceptíveis para cada geração, e a oferecer aos seus habitantes uma morada cada vez mais agradável, à medida que eles próprios avançam na senda do progresso. Marcham assim, paralelamente, o progresso do homem, o dos animais, seus auxiliares, o dos vegetais e o da habitação, porquanto nada na Natureza permanece estacionário. Segundo aquela lei, este mundo esteve material e moralmente num estado inferior ao em que hoje se acha e se alçará sob esse duplo aspecto a um grau mais elevado".

E Santo Agostinho conclui afirmando:

"Ele (o planeta Terra) há chegado a um dos seus períodos de transformação, em que, de orbe expiatório, mudar-se-á em planeta de regeneração, onde os homens serão ditosos, porque nele imperará a lei de Deus". (grifo)

OS QUE VÃO PERMANECER NA TERRA – A seleção dos espíritos que ficarão na Terra, segundo o Espírito São Luís, ao responder a questão 1019 de O Livro dos Espíritos formulada por Allan Kardec:

1. 019 - O reino do bem, poderá um dia realizar-se na Terra?

"O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. Por meio do progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Estes, porém, não a deixarão, senão quando daí estejam banidos o orgulho e o egoísmo.

Predita foi a transformação da Humanidade e vos avizinhais do momento em que se dará, momento cuja chegada apressam todos os homens que auxiliam o progresso.

Essa transformação se verificará por meio da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão na Terra uma geração nova. Então, os Espíritos dos maus, que a morte vai ceifando dia a dia, e todos os que tentem deter a marcha das coisas serão daí excluídos, pois que viriam a estar deslocados entre os homens de bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos novos, menos adiantados, desempenhar missões penosas, trabalhando pelo seu próprio adiantamento, ao mesmo tempo trabalharão pelo de seus irmãos ainda mais atrasados. Neste banimento de Espíritos da Terra transformada, não percebeis a sublime alegoria do Paraíso perdido e, na vinda do homem para a Terra em semelhantes condições, trazendo em si o germen de suas paixões e os vestígios da sua inferioridade primitiva, não descobris a não menos sublime alegoria do pecado original? (...)"

ESPÍRITOS QUE NÃO REENCARNARÃO

Allan Kardec, abordando a questão da geração nova, em A Gênese, diz: para que os homens sejam felizes na Terra, é preciso que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que só se dediquem ao bem. Havendo chegado o tempo, grande emigração se verifica neste momento entre os que a habitam: a dos que praticam o mal pelo mal, ainda não tocados pelo sentimento do bem, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos, visto que, se assim não fosse, lhe ocasionariam de novo perturbação e confusão e constituiriam obstáculo ao progresso. Irão expiar o endurecimento de seus corações, uns em mundos inferiores, outros em raças terrestres ainda atrasadas, equivalentes a mundos inferiores, aos quais levarão os conhecimentos que hajam adquirido, tendo por missão fazê-las avançar. Serão substituídos por Espíritos melhores, que farão reinarem em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade.

No dizer dos Espíritos, a Terra não deverá transformar-se por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas.

Tudo, pois, se processará exteriormente, como de costume, mas com uma única e capital diferença: uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra, aí não mais tornarão a encarnar. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um Espírito mais adiantado e propenso ao bem.

Trata-se, pois, muito menos de uma nova geração corpórea, do que de uma nova geração de Espíritos. Sem dúvida, é neste sentido que Jesus entendia as coisas, quando declarava: "Digo-vos, em verdade, que esta geração não passará sem que estes fatos tenham ocorrido". Assim, os que esperam ver a transformação operar-se efeitos sobrenaturais e maravilhosos ficarão bastante decepcionados.

A época atual é de transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, assistimos à partida de uma e à chegada da outra, já se assinalando cada uma, no mundo, pelas características que lhes são peculiares.

As duas gerações que se sucedem têm idéias e pontos de vista opostos. Pela natureza das disposições morais e, sobretudo, das disposições intuitivas e inatas, torna-se fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo. Cabendo-lhe fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por inteligência e razão geralmente precoces, aliadas ao sentimento inato do bem e a crenças espiritualistas, o que constitui sinal indubitável de certo grau de adiantamento anterior. Não se comporá de Espíritos eminentemente superiores, mas dos que, já tendo progredido, se acham predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e estejam aptos a secundar o movimento de regeneração.

Ao contrário, o que distingue os Espíritos atrasados é, em primeiro lugar, a revolta contra Deus, por se recusarem a reconhecer um poder superior aos poderes humanos; a propensão instintiva para as paixões degradantes, para os sentimentos anti-fraternos de egoísmo, de orgulho, de inveja, de ciúme; enfim, o apego a tudo o que é material: a sensualidade, a cupidez, a avareza.

A PROMESSA DE JESUS

Queremos concluir essas linhas sobre todos esses acontecimentos que já estão ocorrendo, em consonância com as palavras proféticas pronunciadas pelo Cristo no célebre Sermão do Monte:

- "BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO BRANDOS E PACÍFICOS PORQUE ELES HABITARÃO A TERRA".

Jesus ao dizer isso, não está exigindo perfeição dos que vão continuar no planeta depois da sua ascensão de categoria, mas sim a condição de "manso e pacífico", em outras palavras, pacificado interiormente.

* * *

20 - ENTRE DOIS MUNDOS – ANTOINETTE BOURDIN Capítulo XXV- p123 a 129

Da Missão dos Espíritos nos Mundos Inferiores

Acompanhei uma expedição de Espíritos que se dirigiam para uma região longínqua, duma falange emigrada para um planeta bem inferior ao que acabava de deixar.

Ao estacarem os Espíritos na atmosfera desse planeta, compreendi que experimentavam uma grande tristeza.

Tratava-se verdadeiramente de um planeta, porém, menos adiantado que a Terra. Os respectivos habitantes não tinham qualquer noção de trabalho e contentavam-se com o viver de frutos e de caça, cobrindo-se de peles.

Feios, na extensão da palavra; o traço predominante da fisionomia era a ferocidade. Aqueles entre eles, que pudesse pela astúcia adquirir celebridade, era considerado o mais poderoso e todos lhe deviam submissão, o que não o inibia, antes o estimulava a abusar naturalmente dessa autoridade para exercer a tirania.

Mas bastava que mais tarde se levantasse outro e o suplantasse para desenrolarem-se ameaças e represálias, que degeneravam em na mais desvolta barbaria.

As mulheres, essas, eram consideradas como seres inferiores e muitas vezes permutadas com objetos ou produtos de caça.

As crianças tinham mais ou menos a mesma sorte das mães exceto as do sexo masculino, quando na idade de começarem a caçar – mister de tanta monta para a sua própria subsistência.

Com as peles faziam camas e tendas que os abrigassem das intempéries.

A atmosfera pesada e úmida mal refletia a luz de astros continuamente velados por um fluido compacto e malsão; daí, a raridade de plantas. Árvores enormes se retorciam em todas as direções, como deformadas pelas tempestades, medrando num solo áspero e mais espesso que a terra, revestido de uma lama cor de sangue. Aqueles espíritos missionários que eu seguira, em companhia de meu guia, e de meu pai, procuravam manifestar-se a esses povos quase selvagens, conquanto difícilmente lhes fosse fazê-lo pela inspiração, da incapacidade dos seus órgãos para tal efeito. Quanto às manifestações físicas, não havia entre aquela gente bastante percepção instintiva que os levasse a investigar as causas dos fenômenos produzidos.

Os Espíritos trocavam idéia no sentido de bem poderem desempenhar a sua missão junto daqueles mortais.

Pela encarnação? Não chegariam a obter os resultados desejados. De resto é muito difícil aos espíritos de uma ordem relativamente elevada, renascer em mundos inferiores; e que o não fosse, não encontrariam, naquele meio, as faculdades necessárias para desenvolver a inteligência de modo a aproveitar o cabedal de existências anteriores.

O único meio que encontraram foi, portanto, revestirem-se do seu invólucro perispiritual, tornando-se visíveis.

Com grande abnegação, procuraram, desde logo, por a própria inteligência ao alcance daqueles pobres seres tão distanciados da ordem e da civilização. Saturaram-se dos fluidos atmosféricos e misturaram-se entre eles.

p125

As primeiras aparições provocaram pavor naquelas criaturas até então entregues exclusivamente à cupidez dos seus instintos, pois que nada os viera arrancar aos seus costumes ordinários. Era a primeira vez que viam seres superiores, estranhos à sua raça.

O segundo gesto foi para o combate. Julgavam-nos presa fácil, mas não podiam atingi-la.

Depois, para estabelecer tal ou qual familiaridade, os Espíritos lhes apareciam com belos espécimes animais que os atraíam sem maior desconfiança.

E era de ver-se como tal ardil lhes despertava a cobiça, de tal sorte que não tinham outro pensamento senão o de possuí-los vivos, embora os esforços se anulassem diante da matéria imponderável que os formava.

Daí a idéia de fazer divindades desses animais, cuja aparição passou a se lhes afigurar como sinal de satisfação desses Espíritos que apareciam para guiá-los e proteger nas suas caçadas, e cujo poder ia ao ponto de subjugar as bestas mais ferozes.

De outras vezes, viam os Espíritos manipular uma matéria semelhante à do seu solo e simular construções mais confortáveis que as choças que os abrigavam e ensaiando, por sua vez, materialmente a tarefa fluídica, acabavam por imitá-la grosseiramente, é verdade, mas com isso desenvolviam o amor ao trabalho, principal escopo dos Espíritos.

De fato a civilização repele a preguiça que é o vício mais perigoso para a Humanidade.

Meu guia advertiu-me que aqueles Espíritos em missão tinham vivido na Terra e que realizando uma obra de devotamento, sofriram igualmente uma expiação.p126

Aqueles espíritos, pela presunção de possuírem, só eles, a verdade, haviam entravado a marcha do progresso humano. Depois de um curto estágio no espaço, esses Espíritos são encaminhados para mundos mais atrasados, nos quais podem, a seu turno, ensinar o que julgarem mais adequado aos primeiros albos da inteligência de seres apenas entregues aos próprios instintos. Depois podem ditar leis que lhes inspirem o temor, útil aos seres inferiores. Também são autorizados a dar recompensas materiais, segundo os gostos de cada qual, no intento de torná-lo, por esse meio, capaz de trabalhos no próprio interesse, primeiro, e, em seguida, no interesse da coletividade.

À medida que os seus sentimentos se dilatam, novas necessidades se fazem sentir, seja para melhorar a própria condição, seja para a prosperidade da família. Trabalho e família, eis por onde devem começar as leis humanas. Desgraçadamente ainda é preciso continuar, ou, antes organizar leis arbitrarias; mas é melhor estabelecê-las, para ter mais tarde o direito de modificá-las.

Aí está porque a guerra era uma necessidade entre os povos primitivos; ela nos arrancou de um estado selvático, que não tinha nem limites nem razão; fez germinar neles o amor da glória e da honra, e pôde desviar do crime essas naturezas incultas, que não conheciam o valor de uma existência.

Foi com crescente interesse que ouvi palavras de meu guia e me remontei aos primeiros tempos do nosso globo; compreendi porque os espíritos aparecidos falavam com tal autoridade, havendo mesmo os que chegavam a nomear-se o

Deus vivo.

p127

E, no entanto, todas essas comunicações, que pareciam suspeitas às pessoas esclarecidas, tinha a sua razão de ser nessa época, em que os homens habitavam a Terra pela primeira vez. Vindos de um planeta inferior, como esse que acabo de descrever, apenas possuíam noções incompletas do futuro das almas, e apenas podiam ver e compreender o bem-estar da vida material.

Essa a razão pela qual os Espíritos manifestados lhes diziam muitas vezes: – Deus ordena que combatais tal tribo ou tal nação, da qual saireis vitoriosos, apesar do número superior do inimigo...” Ou ainda: – “Oferecerás um sacrifício ao Deus vivo, se quiseres que Ele acolha os teus votos.”

Lendo passagens tais, de que e que é tão fértil o Antigo Testamento, chega-se a perguntar se Deus não abdicava, por elas, do seu poder e dignidade; e quando se compara a lei antiga com a doutrina do Cristo, tenta-nos a idéia de que Ele veio destruir as obras de nosso Pai comum. Foi por isso, aliás, que o Cristo, tratado como blasfemo, foi imolado à ignorância e aos prejuízos de seu tempo. E, contudo, Ele anunciava a verdade sem nada destruir da outra verdade, que numa época mais remota tinha tido a sua razão de ser.

Certo, os contemporâneos de Moisés, pois que já possuíam a idéia de Deus, eram bem adiantados que os habitantes do planeta que visitei; mas, ainda assim, era-lhes preciso um Deus ao nível de suas inteligências, um Deus que pudesse confabular familiarmente com seus chefes, e entrar em detalhes de ordem material; era-lhes preciso, enfim, um Deus que nada concedesse gratuitamente.

Tudo o que se obtinha, era em troca de sacrifícios; o número de anos de vida era proporcional à observância das leis e o para com a família 128 e os superiores, assim como os pretextos mais fúteis serviam para suscitar uma guerra, que Deus ordenava e dirigia.

Sim, minha mãe, Deus tolerou a guerra e a julgou útil porventura, naqueles tempos em que a os homens deviam sair dos limbos da inação intelectual causada pelo seu estado de ignorância.

Era preciso que o mal entrasse com o seu contingente ativo para abrir o abscesso secretor d quanto há impuro e aderente ao instinto animal; era preciso estimular as paixões, a fim de poder desenvolver as virtudes em germe no âmago da horrenda chaga do mal; era preciso espicaçar o orgulho para encontrar o amor-próprio; agitar o egoísmo, para fazer explodir o amor do trabalho; suscitar a vingança, para desvendar a justiça; estimular a ambição para temperar o gênio; e mais – encontrar na avareza a virtude da ordem e da economia. Ninguém nega que a paixão do luxo tenha propellido a indústria, assim como a ambição da fortuna fez brotar em muitos cérebros invenções sublimes; que foram marcos santos do ascendente progresso humano.

Em séculos de ignorância convinha estabelecer dogmas severos em religião, a fim de conter as almas rebeldes pelo temor de Deus, até o momento de poderem guiar-se por si mesmas na rota da fé esclarecida. Entretanto, o que era necessário numa época, se tornou reprovável posteriormente, em séculos mais esclarecidos.

O Cristo condenou a guerra e a vingança, sem desaprovar a doutrina de Moisés, porque cada qual estava com a verdade, ao seu tempo.

O espírito não degenera, o vício não pode emanar da virtude e, por isso, a nossa Humanidade caminha sempre para diante.

Tudo se liga e se encadeia e as almas são solidárias, uma vez que, expiando as próprias faltas, se devotam a outras almas mais atrasadas. E os mundos também são solidários e engrenados uns nos outros: sobem juntos, lentamente embora, mas sobem, depurando-se como as almas, porque nada deve ser indigno de Deus. Pág. 159

* * *

21 – FLUIDO CÓSMICO

Universo e Vida- Áureo - Médiun Hernani T. Sant'Anna

Assim como o fluido mentomagnético envolve e penetra o organismo fisiopsicossomático do ser humano, que modela e comanda em suas mais íntimas estruturas, o Universo inteiro vive mergulhado e penetrado pelo fluido cósmico e vivificador que dimana da Mente Paternal de Deus. Como já foi dito, é no Eterno Pai que somos e vivemos. Ele é nossa vida e nossa luz, nossa essência e nossa destinação. Dele recebemos o dom do raciocínio e do movimento, da consciência e da vontade. Ele é a alma de nossa alma, a substância de nosso ser. Existimos e evoluímos para conhecê-Lo, amá-Lo e nEle nos realizarmos na plenitude do Espírito, que é felicidade e harmonia, amor e poder. Viajamos para Ele desde tempos imemoráveis, do cristal ao vírus, da 52 alga ao cefalópode, da esponja à medusa, do verme ao batráquio, do lacertino ao mamífero, do pitecantropo ao homem.

Através das eras incontáveis e das inúmeras transformações evolutivas que experimentamos, Seu Divino Amor nos guia e sustenta, no carinho e na lucidez da Sua Justiça Misericordiosa e da Sua Ilimitada Bondade.

Infinito em Sua Solicitude, Ele não cessa de se mostrar a nós, Seus filhos, todos os dias, a todas as horas e em todas as situações, no sol da manhã e nas estrelas da noite, na imponência dos desertos e na placidez dos oásis, na doçura das fontes e na grandeza dos mares, no milagre dos nascimentos e no mistério das mortes.

É no celeiro inesgotável do Seu Hausto Divino que os Arcanjos retiram o plasma vivificante com que constroem as galáxias e formam as constelações, distendendo e multiplicando, pelos domínios do sem-fim, a esplêndida sinfonia da vida.

Esse Supremo Ser, Todo-Poderoso na Sua Eternidade e na Sua Glória Infinita, vive em nós, e nós vivemos nEle! Seu Hábito nos envolve e nos penetra sem cessar. Somos Seus filhos, aprendizes da ciência e da arte de buscá-Lo, de descobri-Lo e de revelá-Lo em nós mesmos, pelo nosso esforço de comunhão com Sua Divina Santidade, através do trabalho e do amor, na subida evolutiva que não pára.

Quanto mais aprendemos e crescemos, mais pequeninos nos sentimos na escala infinita dos seres, em face das excelsas grandezas que continuamente deparamos. Quando, porém, nos voltamos para o Senhor de Tudo e de Todos, e sentimos

vibrar dentro de nós o Espírito Divino de nosso Criador e Pai, reintegramo-nos na graça e na esperança, na alegria e na felicidade de existir, cômnicos de que, através do tempo-espaço de nossas limitações e de nossas dores, chegaremos um dia à intemporalidade ilimitada da perfeição, no Seio Paterno do Onipotente Amor de que provimos.

O fluido cósmico que liga a Criação ao Criador é fonte inexaurível, sempre ao alcance de todas as criaturas. É nele que a nossa mente espiritual busca e encontra a quintessência energética de que se sustenta, e é a partir dele que elabora a matéria mental que expede através do pensamento, sob a forma de fluido mento magnético.

Somos, por isso, de Deus, como tudo é de Deus, porque nós, como tudo, dEle provimos e dEle nos sustentamos. Ao malbaratarmos os bens da vida, depredamos o que é do Pai Celeste, que, todavia, nos tolera e nos ensina pacientemente a usar a herança que Ele nos destinou ao nos criar, até que aprendamos, com os recursos do tempo e da experiência, a assumir e a exercer definitivamente o Principado Espiritual, no seu Reino Divino.

* * *

O artigo que acima transcrevemos abordou um tema relacionado com a parte filosófica da Doutrina Espírita chamando a nossa atenção para as novas dimensões do conhecimento. Nada melhor para atualizarmo-nos do que a leitura do livro *Universo e Vida – Áureo* – Hernani T. Sant’ Anna, editado pela FEB, RIO –RJ, disponível no Bvespírita, na Internet, do qual transcrevemos trechos de vários capítulos, como estímulo para sua leitura!

22 - ANTE A GRANDEZA DA VIDA – Cap. II – pág. 32

Como os Grandes Espíritos são solidários entre si, também o são os mundos e as Humanidades que eles governam em nome do Criador. Quando Sírius, da Constelação do Grande Cão, atingiu a posição de sistema de orbes regenerado, muitos Espíritos orgulhosos e rebeldes que lá habitavam foram transferidos para Capela, da Constelação do Cocheiro, que era, na ocasião, um sistema de mundos de provas e expiações. No transcurso dos milênios, esses degredados, já redimidos, regressaram, em sua maioria, aos seus celestes pagos, ou se incorporaram às coletividades capelinas, das quais se fizeram devotados condutores. Houve, porém, numerosas entidades, de 13 poderosa inteligência, mas de renitente coração, que não apenas perseveraram em sua rebeldia, mas lideraram, além disso, legiões de tresloucados seguidores de suas incontínuas. Esses os Espíritos que, indesejáveis em Capela, quando aquele sistema alcançou o estágio de orbes de regeneração, foram banidos para a Terra, onde a magnanimidade do Cristo os recebeu e amparou.

Tais degredados não vieram, porém, sozinhos, como se fossem imenso rebanho abandonado à violência das procelas. Alguns dos seus grandes líderes, já redimidos, renunciaram, por amor a eles, à glória e à felicidade do regresso a Sírius, e desceram, à sua frente, aos vales de dor da Terra primitiva, na condição de Grandes Guardiães, colocando-se humildemente a serviço do Cristo Planetário. Recebendo-lhes a amorosa cooperação, o Sublime Governador da Terra utilizou-lhes os préstimos e honrou-lhes a dedicação, tanto no Espaço como na Crosta. É assim que, mesmo antes do Messianato do Senhor Jesus, a História registra a passagem, entre os homens, de luminosos Gênios Espirituais, como os respeitáveis Sacerdotes do Antigo Egito, os veneráveis Mahatmas da velha Índia e os vultos sumamente admiráveis de Fo-Hi, Lao-Tsé, Confúcio, Buda, Esquilo, Heródoto e Sócrates.

Foi, porém, entre os hebreus, povo escolhido para acolher no seu seio o Messias Divino, que esses gloriosos missionários mais freqüentemente se manifestaram, a começar pelo maior de todos, o Grande Condutor dos degredados, que seria, na Terra, o neto de Abraão, aquele Jacó que se transformaria em Israel, pai das doze tribos que se derivaram dos seus doze filhos. Sempre atuante e "sempre fiel, ele voltaria depois, como Moisés e como Elias, para tornar novamente ao mundo na figura sublime do Batista".

Tal como ele, Abraão, que foi mais tarde Salomão e depois Simão Pedro; Isaac, que seria Daniel e posteriormente João, o Evangelista; José, o Chanceler do Egito, que viria a ser Davi e depois Paulo de Tarso; e muitos outros, dentre os quais quase todos aqueles que, a chamado de Jesus, integrariam o seu Colégio Apostólico.

Mas o amor sublime de excelsos Espíritos de Sírius não abandonou os antigos companheiros, e foi de lá, daquele orbe santificado, que vieram, desde os primórdios da Terra, para auxiliar voluntariamente ao Cristo Jesus, aqueles seres extraordinários que cercaram, no mundo, o Messias, como Ana e Simeão, Isabel e Zacarias, e principalmente o Carpinteiro José e a Santa Mãe Maria.

As crônicas do mundo espiritual acerca de numerosas figuras do luminoso séquito do Cristo não podem ser aqui mencionadas e muito menos reproduzidas, e nossas modestas anotações visam apenas a dar muito pálida idéia de como os fastos maravilhosos do amor estão na base de todos os movimentos de redenção, em todas as dimensões do Infinito.

A verdade é que, quanto mais elevados na hierarquia da Vida, mais os Espíritos se votam ao amor e à renúncia, ao trabalho e ao sacrifício, em benefício de seus irmãos menos adiantados na senda evolutiva. Esse soberano sentido de solidariedade é princípio divino que inspira as Grandes Almas e as leva a adiar indefinidamente a realização de sublimes ideais de ventura pessoal, até que esses ideais, ao que imaginamos, acabam por diluir-se naturalmente no infinito do Amor Divino, totalizador e eterno, que nenhum egoísmo pode jamais empanar.

São exemplos dessa maravilhosa realidade a Mãe e o Precursor do Excelso Mestre, cujo intraduzível devotamento os fez trocar seus luminescentes paraísos pelo serviço permanente e sacrificial a uma Humanidade ignorante e sofredora.

Jesus disse à esposa de Zébedeu que só se assentariam à sua direita e à sua esquerda, no Reino dos Céus, aqueles a quem o Pai havia reservado esses lugares, porque sabia que o Eterno já elegera para esses supremos ministérios o grande Batista e

a magnânima Maria de Nazaré; o primeiro para reger, sob a sua crística supervisão, os problemas planetários da Justiça, e Ela para superintender, sob a sua soberana influência, as benevolências do Amor. Por isso, todos os decretos lavrados pelo Sublime Chanceler da Justiça somente são homologados pelo Cristo depois de examinados e instruídos pela Excelsa Advogada da Humanidade, a fim de que nunca falte, em qualquer processo de dor, as bênçãos compassivas da misericórdia e da esperança.

23 - ÁTRIOS DA PROTOCONSCIÊNCIA – Cap. III – Pág.35
Universo e Vida – Áureo – Hernani T. Sant’ Anna

Já sabemos que a energia é materializável e que a matéria é desintegrável em energia; que há evidentes semelhanças entre um fóton e um grão de matéria; que os grãos de matéria, em seu movimento, são acompanhados de ondas; que tanto a energia radiante, quanto a matéria, se constituem de associações de ondas e corpúsculos; que a evolução é irreversível; que, em todos os níveis e dimensões, o superior sempre se sobre põe ao inferior; que a superioridade evolutiva implica maior complexidade estrutural e, portanto, mais aprimorada sensibilidade; que toda matéria tem o seu anverso antimaterial; que os diversos planos de uma mesma realidade se transfundem e se interam; que o nosso universo é apenas uma ilha no infinito dos Universos da Criação Divina; que mesmo em nosso pequeno Sistema Solar está nascendo um novo Sol; que os átomos não são coisas e que o mundo é muito mais "um grande pensamento do que uma grande máquina"; que não há somente um espaço-tempo e que existem insuspeitadas dimensões além das nossas. Poderíamos, portanto, seguir adiante, mas, antes disso, acabemos de vez com algum resto de ilusão dos que ainda acreditam em solidez da matéria.

O Princípio Espiritual, crisálida de Consciência, nasce, por transformação, da extrema evolução da Energia, no berço da Matéria.

O princípio Espiritual é o germen do Espírito, a protoconsciência. Uma vez nascido, jamais se desfará, jamais morrerá. Filho de Deus Altíssimo, inicia então a sua lenta evolução, no espaço e no tempo, rumo ao principado celeste, à infinita grandeza crística. Durante milênios vai residir nos cristais, em longuíssimo processo de auto-fixação, ensaiando aos poucos os primeiros movimentos internos de organização e crescimento, volumétrico, até que surja, no grande relógio da existência, o instante sublime em que será liberado para a glória orgânica da Vida. - Universo e Vida. – p 38

Sob a direção e a vigilância dos Espíritos prepostos, o Espírito em formação efetua assim, sempre numa progressão 22 contínua, o seu desenvolvimento com relação à matéria que o envolve e chega a adquirir a consciência de ser. Preparado para a vida ativa, exterior, para a vida de relação, passa ele ao reino animal. Torna-se então princípio inteligente, de uma inteligência relativa, a que chamais — instinto; de uma inteligência relativa às necessidades físicas, à conservação, a tudo o que a vida material exige, dispondo de vontade e de faculdade, mas limitadas àquelas necessidades, àquela conservação, à vida material, à função que lhe é atribuída, à utilidade que deve ter, ao fim a que é destinado em a natureza, sob os pontos de vista da conservação, da reprodução e da destruição, na medida em que haja de concorrer para a vida e para a harmonia universais. Sempre em estado de formação, pois que não possui ainda livre-arbítrio, inteligência independente capaz de raciocínio, consciência de suas faculdades e de seus atos, o Espírito, sem sair do reino animal, seguindo sempre uma marcha progressiva contínua e de acordo com os progressos realizados e com a necessidade dos progressos a realizar, passa por todas as fases de existência, sucessivas e necessárias ao seu desenvolvimento e por meio das quais chega às formas e espécies, intermediárias, que participam do animal e do homem. Passa depois por essas espécies intermediárias que, pouco a pouco, insensivelmente, o aproximam cada vez mais do reino humano, porquanto, se é certo que o Espírito sustenta a matéria, não menos certo é que a matéria lhe auxilia o desenvolvimento.

Depois de haver passado por todas as transfigurações da matéria, por todas as fases de desenvolvimento, para atingir um certo grau de inteligência, o Espírito chega ao ponto de preparação para o estado espiritual consciente, chega a esse momento que os vossos sábios, tão pouco sabedores dos mistérios da natureza, não logram definir, momento em que cessa o instinto e começa o pensamento.

(...) Atingindo o ponto de preparação para entrarem no reino humano, os Espíritos se preparam, de fato, em mundos ad hoc, para a vida espiritual consciente, independente e livre. A vontade do Soberano Senhor lhes dá a consciência de suas faculdades e, por conseguinte, de seus atos, consciência que produz o livre-arbítrio, a vida moral, a inteligência independente e capaz de raciocínio, a responsabilidade."

Sobre esses mundos ad hoc, onde os Espíritos, ou melhor, os Princípios Espirituais se preparam para a vida consciente, André Luiz dá rápidas notícias em seu livro "Libertação", ao descrever determinada cidade espiritual situada nas regiões umbralinas. Diz ele, a certa altura, reproduzindo elucidações de um Instrutor: "Milhares de criaturas, utilizadas nos serviços mais rudes da natureza, movimentavam-se nestes sítios em posição infraterrestre. A ignorância, por ora, não lhes confere a glória da responsabilidade. Em desenvolvimento de tendências dignas, candidatam-se à humanidade que conhecemos na Crosta. Situam-se entre o raciocínio fragmentário do macacóide e a idéia simples do homem primitivo na floresta. Afeiçoam-se a personalidades encarnadas ou obedecem, cegamente, aos Espíritos prepotentes que dominam em paisagens como esta. Guardam, enfim, a ingenuidade do selvagem e a fidelidade do cão. O contacto com certos indivíduos inclina-os ao bem ou ao mal e somos responsabilizados, pelas Forças Superiores que nos governam, quanto ao tipo de influência que exercemos sobre a mente infantil de semelhantes criaturas."

* * *

Apresentaremos a seguir, reunidos vários artigos sobre os elementais, como são chamados os espíritos que vivenciam a fase de transição entre o reino animal e o hominal, também chamados pré-humanos.

24 - OS ELEMENTAIS - Centro Espírita Nosso Lar Casas André Luiz <http://www.nossolar.org.br/> - 1

Os elementais são seres singulares, multiformes, invisíveis, sempre presentes em todas as atividades da Natureza, além do plano físico. São veículos da vontade criadora, potencializadores das forças, leis e processos naturais. Sua existência é constatada por muitos e ignorada pela maioria. Em síntese, podemos dizer que eles são os executores das manifestações do instinto entre os animais, levando-os a agir desta ou daquela maneira, sendo essa, uma de suas mais úteis e interessantes tarefas. Os povos antigos se referiram a eles no passado, e milhares os viram e ainda os vêem, quando são videntes, ou quando exteriorizados dos corpos físicos (emancipação da alma); e farta é a literatura espiritualista que os noticia; e no próprio Espiritismo, há referências sobre eles, que são, aliás, figuras vivas e familiares aos médiuns videntes e de desdobramento. Sobre referências no Espiritismo vamos encontrar nas questões 536 a 540 do O Livro dos Espíritos, “a ação dos Espíritos sobre os fenômenos da Natureza”.

A Ação dos Elementais -2

No livro “O Centro Espírita”, de J. Herculano Pires, pg.105, capítulo 12, que fala sobre o fim do mundo, há um trecho onde ele afirma: “... os fisiólogos gregos sabiam disso, e quando Tales de Mileto se referia aos deuses que enchiam o mundo, em todas as suas dimensões, afirmava o princípio espírita de que a estrutura planetária, em seus mínimos detalhes, é controlada pelos Espíritos incumbidos da manutenção da Terra, desde os simples elementais (ainda em evolução para a condição humana), até os Espíritos Superiores, próximos da Angelitude, que supervisionam e orientam as atividades telúricas”.

Encontramos ainda, no Livro Atualidade do Pensamento Espírita, pelo Espírito de Vianna de Carvalho, psicografia de Divaldo Pereira Franco, (edição 1999) a pergunta de número 63:

“O Espiritismo ensina que os Espíritos governam o clima da Terra utilizando para isso Entidades – os elementais da Teosofia – as quais, segundo algumas fontes, habitam os bosques, os campos naturais e as florestas virgens. Haverá alguma relação entre desmatamento, seca e elementais? Em caso afirmativo, para onde vão esses Espíritos quando se dá o desmatamento?”

R : “Todo desrespeito à vida é crime que se comete contra si mesmo. Aquele que é direcionado à Natureza constitui um gravame terrível, que se transforma em motivo de sofrimento, enfermidade e angústia, para quantos se levantam para destruir, particularmente dominados pela perversidade, pelo egoísmo, pelo vandalismo, pelos interesses pecuniários...”

Naturalmente, essas Entidades, que são orientadas pelos Espíritos Superiores, como ainda não dispõem de discernimento, porque não adquiriram a faculdade de pensar, são encaminhadas a outras experiências evolutivas, de forma que não se lhes interrompa o processo de desenvolvimento”.

Os elementais encontram-se em toda parte: na superfície da terra, na atmosfera, nas águas, nas profundidades da sub-crosta, junto ao elemento ígneo. Invisíveis aos olhares humanos, executam infatigável e obscuramente um trabalho imenso, nos mais variados aspectos, nos reinos da Natureza, junto aos minerais, aos vegetais, aos animais e aos homens.

A forma desses seres é muito variada, mas quase sempre aproximada da forma humana. O rosto é pouco visível, ofuscado quase sempre pelo resplendor energético colorido que o envolve. Os Centros de Força que, no ser humano são separados, nos elementais se juntam, se confundem, se somam, formando um núcleo global refulgente, do qual fluem inúmeras correntes e ondulações de energias coloridas tomando formas de asas, braços, cabeças...

Os elementais naturais formam agrupamentos inumeráveis compreendendo seres de vida própria, porém essencialmente instintiva que vão desde os micróbios, de duração brevíssima, até os chamados Espíritos da Natureza, que são agrupados nos Reinos, sob os nomes de Gnomos (elementais da terra), Silfos (elementais do ar), Ondinas (elementais das águas) e Salamandras (elementais do fogo) e todos eles interessam aos trabalhos mediúnicos do Espiritismo.

Os Gnomos cuidam das florestas – matas – dos desertos – regiões geladas, protegem os animais e produzem fenômenos naturais sob a supervisão de Espíritos.

As Ondinas cuidam dos mares – das águas e fenômenos naturais ligados às águas.

Os Silfos, aos ventos – furacões.

As Salamandras, a tudo que se relacione com fenômenos naturais ligados ao fogo.

Conselho Doutrinário - Bibliografia: - O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – O Centro Espírita – J. Herculano Pires- Mediunidade – Edgard Armond – Atualidade – Divaldo P. Franco.

* * *

24 - OS ELEMENTAIS E O ELO PERDIDO - 3

Eis como, no livro “Elos Perdidos”, psicografado por Ailton Guerreiro, disponível no Bvespírita, o Espírito Albagiron aborda dois palpantes, atualíssimos temas: sobre os Elementais e, no item 27 seguinte, o da linhagem espiritual.

Antes de começar seu ciclo de encarnações no reino hominal, o espírito passa por uma fase de remodelagem de seu perispírito para dar-lhe a conformação perispiritual humana. **Esta fase não acontece quando a unidade vibratória se acha encarnada no veículo físico, mas sim no plano espiritual.** (Negritos meus J. O.) Pelas mãos dos geneticistas espirituais as modificações são efetivadas no momento em que outros folks, (Centros de Força?) além do que esteve em ação na fase animal, são ativados. Nesse instante tem início o livre arbítrio e conseqüentemente a geração do carma pela Lei de causa e efeito.

No instante em que isto acontece inicia-se uma nova fase de aprendizado. As primeiras tarefas são fornecidas ao espírito para que com responsabilidade cuide da fauna e da flora em mundos iguais a Terra. Surgem então os conhecidos gnomos que cuidam das florestas e dos animais perdidos, as ondinas que cuidam da água e os seres que a habitam, os elfos que cuidam do ar e dos seres que voam etc. Estes seres nada mais são do que os elementais, e que em condições especiais podem ser vistos pelos humanos com a sensibilidade mediúnica da vidência atuando junto à natureza.

Estes seres exercem suas funções de proteção à fauna e a flora, e se muitas vezes são vistos como agressivos aos olhos dos chamados humanos civilizados, é por que estes últimos agridem a natureza, destruindo seu eco-sistema natural. A Agressividade deles portanto, é uma resposta a agressividade ainda maior dos humanos para com a natureza, em total desrespeito à própria vida.

Estas situações vividas pelos elementais vão gerando neles o desenvolvimento da inteligência, do discernimento, da responsabilidade, que são os primeiros registros depois da fase animal, a serem anexados ao primeiro cran, (Corpo mental?) que é onde se encontram os valores anexados ao seu inconsciente.

Após desenvolverem a responsabilidade de seus atos, e as primeiras noções de amor e sentimentos ainda que muito primitivos, chega o momento da primeira encarnação no reino hominal.

Atualmente, pelo fato de que, em nosso planeta a humanidade está em término da fase de provas e expiações para entrar na fase de mundo de regeneração, esses espíritos tem suas primeiras encarnações no gênero humano em planetas primitivos, para onde são levados. 70

Os elementais, portanto, são frutos de todo um processo de amadurecimento dos espíritos, tendo passado anteriormente pelos ciclos evolutivo do reino mineral, vegetal e animal, e depois de alguns milênios, estão em um ciclo intermediário na preparação de seu novo veículo de manifestação, agora no reino hominal.

Para o espírito chegar à fase evolutiva como elemental, foram necessários que muitos evos (eras) passassem, onde um aprendizado constante fosse sendo desenvolvido, desde seu ponto de partida como Centelha Divina até o seu estágio evolutivo atual.

Portanto, a teoria de que um humano teria a capacidade de criar um elemental, e este, depois de um curto espaço de tempo ganhar vida própria e passar a atormentar o seu criador é totalmente impossível.

A respeito desse assunto, o que realmente pode ocorrer é um humano criar em sua mente no plano espiritual, com a sua vontade e seu pensamento, um fantoche ou um boneco com características humanóides usando seu próprio fluído ectoplasmático e seu magnetismo, dando-lhe uma vida fictícia, e agindo sob seu comando. Porém o fantoche criado pode ser manipulado por outros espíritos, e muitas vezes, são os chamados zombeteiros ou espíritos brincalhões que interferem e dão ao seu criador, uma idéia de que seu fantoche criou vida própria e agora se rebela contra ele. O espírito intruso passa a interferir no comando de ação sobre o boneco, e aquele que o criou sente-se impotente para desorganizar a figura criada perispiritualmente. Quando o espírito intruso intensifica essa interferência, o que teve início como uma simples brincadeira, pode transformar-se em uma obsessão em alto grau.

* * *

Transcrevemos a seguir, data venia, instrutivo capítulo de Elos Perdidos, de ALBAGIRON- Ailton Guerreiro.

25 - ETNOLOGIAS DA RAÇA HUMANA NO PLANETA TERRA

No estudo deste capítulo, vamos falar sobre o surgimento do homem na face da Terra, bem como os fatores que mais influenciaram no modelo de seu corpo físico e as suas várias origens. Das muitas etnias que deram origem a atual raça humana, estas quatro mais se destacaram: a negra, a branca, a vermelha e a amarela, e sobre elas que vamos falar agora, lembrando porém que nos tempos em que surgiram na face da Terra os espíritos que habitavam os corpos dessas várias etnias em outros planetas, ao começarem seus ciclos de encarnações na Terra, forneceram as características do molde físico que na época foi introduzido em nosso orbe através das alterações genéticas, porém espiritualmente falando, não se

confundem com o grau evolutivo daqueles espíritos naturais da Terra que receberam o novo modelo e que foram os primeiros a utilizá-los na vivência terrestre, numa fase de ascensão espiritual na qual se fazia necessário um veículo de manifestação física mais apropriado. A milhões de anos atrás, sob a coordenação de espíritos superiores, começou para as unidades vibratórias ligadas ao planeta terra, a era da humanidade terrestre, o plano espiritual trabalhava para que mudanças genéticas fossem introduzidas nas classes de animais em estado evolutivo mais adiantados, no sentido de dar-lhes condições de fornecerem corpos mais apropriados aos espíritos em término de aprendizado na classe do reino animal, e que por esse motivo deveriam adentrar em ciclos evolutivos na fase humana. Os trabalhos desenvolvidos pelos espíritos envolvidos nessa tarefa não se resumiam às modificações genéticas do veículo físico, estendiam-se à adequação do corpo perispiritual, acionando através de passes magnéticos os chamados folks (Centros de Força) na região mental do perispírito, para que se desenvolvessem e pudessem coordenar com equilíbrio num corpo humano, cujo padrão vibratório é bastante diferente dos corpos dos animais. Explicação do médium: Assim como o cérebro se localiza no corpo físico, a mente se localiza no perispírito, portanto a mente não é o espírito e sim um órgão perispiritual através do qual o espírito se manifesta. Os folks (Centros de Força?) são os componentes da mente, organizados magneticamente e cuja função é intercambiar o fluxo de informações entre a mente e o cérebro no encarnado. Os folks ainda se subdividem em minúsculas partes que 47 encontram correspondência com os neurônios no cérebro físico e se agrupam em funções específicas na manutenção do equilíbrio perispiritual.

RAÇA NEGRA

Com o desenvolvimento do trabalho desses benfeitores da humanidade terrestre, logo surgem os primeiros seres com veículos de manifestação de conformação hominal em várias partes do planeta terra. Os novos seres de aparência ainda muito rude deram os primeiros passos como raça humana no solo do planeta Terra, era a raça negra, com características de muita resistência às intempéries do clima e as condições difíceis do relevo planetário, o que dificultava bastante a sua sobrevivência no planeta. Malgrado as muitas dificuldades, a raça negra consegue pela resistência de seu corpo físico, apropriado a se adaptar a qualquer situação, e ao seu valoroso espírito de luta, sua vontade inabalável de seguir em frente, ser a primeira raça humana a habitar o solo terrestre.

RAÇA BRANCA

As grandes alterações genéticas continuaram a acontecer nos núcleos formados dentro e fora do que é hoje o continente africano. Vindas de outras esferas, as unidades vibratórias que pertenciam à etnia branca deram sua contribuição para o nosso planeta, possibilitando as mudanças genéticas dos naturais da terra, reencarnando no planeta. Essas condições genéticas estavam latentes em seus perispíritos e sua manifestação no plano físico demandou o trabalho amoroso dos espíritos superiores que ao longo dos séculos foram sendo introduzidas na roupagem física terrena. Sob os auspícios da espiritualidade superior e, através dos milênios surge então na face da terra as características de uma nova raça, a raça branca. Estes espíritos trouxeram de seus lugares de origem, não só a determinação genética gravada em seus perispíritos, como também suas tradições de linguagem, de crença, e de tecnologia. Todo esse conhecimento ainda não existia em nosso planeta, foi sendo anexado aos poucos à medida que estes espíritos encarnavam e organizavam a sociedade local com seus métodos e seus conhecimentos que eram bem aceitos pelos naturais do planeta por que traziam novas noções de construção de casas, de utensílios caseiros e de trabalho, manejo com os metais etc. Surgiam invenções que apesar de primitivas muito 48 auxiliaram nosso planeta, e que eram reflexo de um conhecimento que estes espíritos tinham quando de suas encarnações em outros planetas, apesar de serem espíritos que pela sua recalcitrância foram degradados de outros orbes, aqui chegando tornavam-se canais valiosos de aprimoramento espiritual contribuindo para um grande avanço na evolução dos seres que habitavam nosso orbe como seres primitivos.

RAÇA AMARELA

De colônias negras estabelecidas em várias outras partes do nosso globo, aproximaram-se espíritos vindos de planetas com característica oriental. Eles traziam também seu cabedal de conhecimento, sua espiritualidade, sua cultura, suas técnicas, e pelo mesmo processo da raça branca, reencarnando nestas colônias terrestres, e através de mudanças genéticas, ao longo dos milênios com o auxílio da espiritualidade superior também impuseram as suas características físicas, sua maneira de se comunicar, sua crença e tecnologia da qual desfrutavam em seu orbe de origem. De todas as etnias espirituais que tiveram ciclos evolutivos no planeta Terra, a raça amarela foi a que mais se destacou no culto à espiritualidade e também no ritualismo, que nos ajudou a compreender as coisas do espírito no entendimento de que o plano espiritual é uma realidade assim como o intercâmbio entre encarnados e desencarnados, e a verdade insofismável da reencarnação como fenômeno importante na evolução dos espíritos. A civilização ocidental muito tem a agradecer à civilização oriental no campo de entendimento maior da vida do espírito.

RAÇA VERMELHA

O surgimento da raça vermelha designada na atual civilização terrestre como a raça indígena, foi, sob os auspícios dos Coordenadores dos Planos Superiores resultado da fusão das raças negra, branca e amarela. Dessa mixagem as transformações genéticas deram origem a um veículo de manifestação caracterizada dentro do reino hominal guardando relação muito íntima com a natureza e os fatores primários de existência, assim como a organização social primária, o desenvolvimento rudimentar da caça e da pesca como forma natural de sobrevivência etc., com a finalidade de servirem para as primeiras encarnações de espíritos que estagiaram no reino animal em outros planetas e que necessitam dar início à sua fase evolutiva no reino hominal no planeta terra. Esta raça estará presente na face da Terra enquanto houver espíritos necessitados de estágios 49 reencarnatórios primitivos na fase hominal e enquanto o próprio planeta puder fornecer as condições necessárias para tanto. Na fase posterior do planeta como mundo de regeneração haverá uma só raça. A mixagem das raças na Terra, um dia culminará na determinação das características físicas hominais do próprio planeta, ou seja, as características do veículo de manifestação para os espíritos que habitam a Terra serão homogêneas, não só na aparência física determinada pela sua genética, mas também em seus traços de personalidade, tradições de linguagem, de crença e de tecnologia.

Espírito: ALBAGIRON Médiun: Ailton Guerreiro. - E-mail: ailtonguerreiro@feal.com.br

* * *

6 - Vejamos a parte final do capítulo Linhagem Espiritual, de Elos Perdidos de Albagiron, de Ailton Guerreiro.

No planeta Terra, assim como em qualquer planeta de evolução ainda primitiva, os países são formados por espíritos da mesma linhagem, geralmente oriundos de um mesmo planeta ou de planetas semelhantes aos que viviam anteriormente ao período terrestre, dos quais trazem suas características naturais, e aqui na Terra, aportam pela necessidade de evoluir. Por isso, cada país tem suas características próprias, sua maneira de agir e pensar, elaboram suas leis de acordo com seus usos e costumes, tem a sua cultura diferenciada dos demais povos. Pode-se entender que a princípio, cada país é o reduto de uma linhagem de espíritos que se sentem amparados pela condição de estarem junto com aqueles que lhes são semelhantes. Essa condição, ao mesmo tempo lhes dá segurança e condições para evoluir.

Os espíritos vindos de outras esferas, depois de constituírem seus países, estados, cidades, ou aldeias, necessariamente começam a mesclar-se com as outras etnias planetárias, dando início a uma nova fase evolutiva que lhes acelera o progresso. O contato com outras culturas, seus usos e costumes, etc., coloca o homem terrestre em aceleração evolutiva na fase do relacionamento, fase importantíssima para seu progresso espiritual.

À medida que os humanos terrestres se mesclam, da mistura de raças vai se criando uma nova etnia com caracteres genéticos próprios. Os novos seres, frutos desses cruzamentos, dão origem a uma nova raça. Quando todos os terráqueos tiverem seus corpos de manifestação na matéria, dinamizados em um só perfil genético, no mesmo período haverá uma grande modificação planetária, descrita pelos espíritos a Allan Kardec como o momento da transição do planeta de mundo de expiações e provas para mundo de regeneração. O estágio regenerativo do orbe, onde os seus habitantes se despojarão de todas as energias mais densas acumuladas em seus perispíritos, é um estágio de higienização perispiritual que trará uma estabilização genética em moldes muito mais espiritualizados e sutis. Esse estágio será de breve duração, pois esse período é preparatório para o ciclo seguinte.

Quando o ciclo de regeneração estiver completo, todos os terráqueos terão seus corpos, físico e perispiritual, formatados em uma nova linhagem espiritual, uma nova etnia, considerada a etnia terrestre. A partir daí, o próximo passo da humanidade será o de utilização vibratória de seus veículos de manifestação. Com o passar do tempo, o modelo dos corpos não será de matéria densa, e sua organização, será composta de energia mais sutil e em padrão vibratório muito mais acelerado, aproximando-se da substância energética com a qual é formado o perispírito. A diferença do padrão vibratório entre o corpo físico e o perispírito será muito menor.

Nesse momento haverá uma grande transformação planetária. No plano espiritual, o planeta Terra deixará de exibir um halo azul, e passará a exibir um halo planetário de cor dourada, como reflexo da nova genética de seus habitantes.

Os seres da nova linhagem terrestre terão rompido todas as barreiras, restaurarão definitivamente a sua comunicação com seres de outros planetas, se integrarão nos trabalhos das Fraternidades Cósmicas na ajuda imprescindível aos seres que habitam planetas mais primitivos, farão do pequeno planeta Terra, um foco intenso de uma luz dourada a se propagar no infinito. Estes seres iluminados e em perfeito equilíbrio com as Leis Divinas, somos nós no futuro...

(1) Vide no Bvespírita-livros: Elos Perdidos - Albagiron - Médiun: Ailton Guerreiro E-mail: ailtonguerreiro@feal.com.br
- (2) -Vide ainda sobre os seres pré-humanos no Bvespírita no livro de Carlos Bernardo Loureiro "O Túnel e a Luz", os capítulos 25- As plantas e no 26, Os animais, págs. 165 e 171.)

* * *

O homem terrestre um dia aprenderá que uma onda eletromagnética não se constitui apenas de eletricidade e magnetismo, mas igualmente de forças que, à falta de melhor terminologia, chamaremos de transcendentais. São essas forças que lhe qualificam a natureza e, independentemente da frequência vibratória, definem-lhe o teor. Aprenderá, ainda mais, que as ondas eletromagnéticas são, na verdade, veículos dessas forças transcendentais; e, mais ainda, que não existem ondas eletromagnéticas que não estejam carregadas dessas forças.

Para efeito didático, podemos considerar essas forças transcendentais como sendo de duas ordens distintas: as ideais, ou neutras, e as emocionais, que podem ser, tanto umas como outras, positivas ou negativas, isto é, integradores ou desintegradoras. As ideais estão sempre presentes em qualquer onda eletromagnética, qualquer que seja a sua natureza. Naturalmente não mencionamos as forças divinas, ou plasma divino, que é a própria fonte da vida e o fluido sustentador dos Universos, porque nossos humildes conhecimentos nada podem conceber, por enquanto, sobre o que alguns imaginam ser o pensamento de Deus.

Quanto às forças ideais, expressam-se no pensamento, que é onda eletromagnética emitida pela mente, de modo direto nos seres incorpóreos; ou através do cérebro, quando se trata de seres humanos, encarnados ou desencarnados. Cremos desnecessário esclarecer que as forças ideais, quando carregadas de emoção, tornam-se ideo-emotivas, traduzindo cargas de emoção dotadas de ativo poder.

Quando, por conseguinte, se fala da força do amor, ou da força do ódio, não se está falando de ficções, e sim de atívisimas realidades. Sentimento é força que se irradia; força viva, cujo poder, maior ou menor, depende do comprimento da onda mental que a conduz.

Enganam-se, portanto, os que supõem que o poder da ação se reduz aos atos físicos visíveis. Pensar é agir, falar é movimentar forças vivas, de conseqüências por vezes inimagináveis.

Compor um artigo, uma carta, um poema ou uma música, produzir um som ou simplesmente divagar idéias, tudo isso é atuar, agir, fazer, emitir e captar forças, agregar e desagregar formas mentais, participar da economia da vida, seja para o bem, ou seja, para o mal.

Nem tudo o que fazemos num plano repercute visivelmente, de imediato, noutra plano, mas ninguém se engane quanto à natureza das forças vivas que alguém move quando anseia, deseja ou quer seja o que for, porque a vida, através dos mecanismos automáticos de sua justiça, jamais deixará de entregar-nos o resultado de nossas ações, ainda que sejam ações apenas mentais, pois a mente é que comanda a vida.

Cumpra, além disso, nos lembremos de que a responsabilidade é sempre rigorosamente proporcional à capacidade de cada um. A mente frágil que pensa o mal produz estragos de pequenas proporções, porque seu poder de ação é reduzido; a mente evolvida e poderosa que pensa o mal produz uma soma muito maior de destruição. Pessoas existem cujos pensamentos repercutem, de imediato ou a longo prazo, sobre um número imenso de outras mentes, numa sementeira de sugestões de imprevisíveis resultados, no tempo e no espaço. Ninguém há, no entanto, que se Universo e Vida Hernani T. Sant'Anna 38 possa considerar fora do grande comércio das trocas vitais, porque ninguém pensa, fala, escreve ou age em vão.

Pensamento é sempre luz. Uma mente poderosamente intelectualizada, que pensa em ondas de alta frequência vibratória, produz radiações que podem, por exemplo, ser verdes ou azuis; mas o verde pode ser encantador ou tétrico, e o azul pode ser tenebroso ou sublime.

Quando os Gênios da Espiritualidade Superior insistem em que a maior necessidade humana, a mais urgente e a mais decisiva, é a da aquisição de amor e das virtudes morais, não o fazem por pieguismo desarrazoado e inconseqüente. Desenvolvimento mental sem correspondência equilibradora na bondade é quase sempre caminho aberto a terríveis precipícios, onde infelizmente não poucos se projetam, por tempo indeterminado, impelidos pelas forças monstruosas do orgulho cego e da impiedade arrasadora, no remoinho de alucinantes paixões.

Por isso, o Mestre Inesquecível nos deixou a poderosa advertência daquelas palavras graves: "Se a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão tais trevas!" E também por isso Ele nos disse, no seu emulador e sublimai carinho: "Brilhe a vossa luz!"

* * *

28 – O SISTEMA IMUNOLÓGICO, AS DOENÇAS E O PERISPÍRITO. *1

Adilton Pugliese - santospugliese@hotmail.com

Como nossos pensamentos e emoções podem levar-nos à doença ou à cura? Ter bons amigos, senso de humor, capacidade de rir de si mesmo, atitude otimista e cultivar o amor são contribuições valiosas ao fortalecimento do sistema imunológico.

O Espírito Joanna de Ângelis, no livro Vida: Desafios e Soluções, psicografado pelo médium Divaldo Franco, dedica um capítulo para tratar das Energias da Vida, destacando que uma dessas energias seriam os hábitos mentais. Ela faz uma distinção entre a vida biológica, que seria resultado de automatismos, desde que os equipamentos orgânicos se encontrem em ordem, e a vida mental, que estaria ligada ao Espírito, ser imortal, preexistente ao corpo físico e sobrevivente ao

término da vida biológica, e que, em decorrência de suas vidas anteriores, seria o criador de hábitos mentais saudáveis, que passam a dirigir sua conduta, porque toda a programação existencial começa no pensamento(1).

Faço conexão entre esses ensinamentos da autora da série de livros sobre Psicologia Espírita e uma notícia divulgada pela imprensa em 1989: Joan Kroc (1928-2003), viúva do fundador da cadeia de lanchonetes McDonald's, doou naquele ano dois milhões de dólares à Universidade de Los Angeles para cientistas de vários campos pesquisarem de que forma a alma é capaz de fazer o corpo adoecer ou curar-se. Esta proposta representava um marco fundamental nos novos rumos da Medicina. Transcrevo e destaco, a seguir, detalhes da reportagem(2):

De um lado, dez cientistas, imunologistas, especialistas em câncer e neurologistas, e de outro, psiquiatras e psicólogos, foram reunidos, o que parecia ser uma façanha inimaginável. Isto foi possível graças a um novo campo de pesquisas que se espalhou rapidamente em todo o mundo, tendo começado nos Estados Unidos: a Psiconeuroimunologia.

Segundo o noticiário, o que se procurou identificar foi a relação entre a alma de uma pessoa, seus pensamentos, suas emoções e seu comportamento com seu sistema imunológico, que é o responsável fundamental por nossa saúde. Durante décadas consideravam-se as células imunológicas, responsáveis pela defesa do organismo, por exemplo os glóbulos brancos, como autônomas. Essas células não precisariam de “conselho” de ninguém. Assim, pensamentos, emoções e tudo o que acontecia na cabeça não tinham nada a ver com o sistema imunológico.

Esse conceito estava em completa consonância com o paradigma da Medicina ortodoxa alopática, segundo o qual as moléstias surgem apenas por causa de perturbações no plano físico e não têm relação alguma com os pensamentos nem com as emoções.

A reportagem narra o episódio ocorrido durante a missão da nave Apollo 13, em 1970. Uma explosão a bordo colocou em perigo o retorno à Terra e os astronautas ficaram extremamente estressados. Os médicos da NASA – National Aeronautics and Space Administration (Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço) descobriram que o número de células imunológicas dos três tripulantes diminuía bastante, e dois deles estavam com uma resistência tão baixa que ficaram com gripe. Em se tratando de homens bem treinados e que partiram para sua missão em perfeita saúde, duas perguntas se impuseram a partir do fato: Será que foi o estresse que reduziu o número de células imunológicas? Será que o Sistema Imunológico não é autônomo?

Em experiências posteriores, no fim dos anos 1970, na Universidade de Rochester, em Nova York conduzidas pelo psicólogo Robert Ader (1932-2011), identificou-se a conexão entre o psiquismo e o sistema imunológico, concluindo-se ser este condicionável. Ou seja: nosso sistema imunológico é feliz quando estamos felizes, e triste quando estamos tristes.

A grande questão para a Ciência é saber de que maneira isso acontece, de que maneira a mente controla o corpo. Como nossos pensamentos e emoções podem levar-nos à doença ou à cura? Como essa consciência imaterial influencia os processos biológicos? Como se dá a influência patogênica do pensamento?

Há outras questões, consoante a reportagem, que permanecem sem resposta: quais pensamentos, emoções e atitudes fortalecem o sistema imunológico, preservando a nossa saúde, e quais nos fazem adoecer? Temos realmente mais saúde se estamos felizes, apaixonados, bem casados, com bons amigos e uma profissão que nos interessa? Como reage o sistema imunológico quando desabafamos, choramos ou rimos desbragadamente? Qual a atitude certa diante de uma doença grave? Tais questionamentos já eram levantados pelo noticiário de 25 anos atrás e permanecem atuais, impactando a Ciência ortodoxa e mecanicista em decorrência das pesquisas realizadas em torno do assunto. permanecem atuais, impactando a Ciência ortodoxa e mecanicista em decorrência das pesquisas realizadas em torno do assunto.

Vejam um exemplo: a poli artrite é uma doença que se caracteriza pelo aumento constante das dores nas articulações, o que restringe progressivamente os movimentos dos membros. Um experimento realizado na Universidade Stanford, na Califórnia, com portadores da doença, obteve resultados surpreendentes: os pacientes foram minuciosamente informados sobre o seu estado de saúde, fizeram exercícios de relaxamento físico e aprenderam técnicas para dominar melhor as dores atroz. Depois de devidamente orientados e acompanhados, as dores diminuíram e os pacientes conseguiram movimentar-se cada vez melhor.

Os pesquisadores perguntaram por quê? Qual foi a terapia eficiente: informação, relaxamento, exercícios ou o controle das dores? A resposta foi surpreendente: nenhum desses fatores. O resultado positivo foi decorrente de ter sido dito aos pacientes que eles eram capazes de melhorar o próprio estado de saúde e vencer a doença através de hábitos mentais saudáveis. Dentre esses hábitos, os pesquisadores citam: ter amigos, bons contatos sociais, senso de humor, capacidade de rir de si mesmo, atitude otimista, capacidade de desabafar e o amor.

Em outra pesquisa assistiu com seus alunos a um filme sobre Madre Teresa (1910-1997) e seu trabalho humanitário com os pobres, o psicólogo David McLelland (1917-1998), da Universidade Harvard, e os doentes da cidade indiana de Calcutá. Todos os estudantes ficaram profundamente impressionados. Foi feito um exame do sistema imunológico de cada um e constatou-se que um anticorpo, a globulina de imunidade A, responsável pela destruição de infecções nas vias respiratórias, havia aumentado.

Os mesmos estudantes, posteriormente, viram um filme sobre o guerreiro huno Átila (406-453). Novos exames do sistema imunológico foram realizados e constatou-se que a ação do anticorpo havia diminuído.

Mas a conclusão surpreendente a que a Medicina tem chegado é que quem mais sobrecarrega o sistema imunológico são as pessoas que já não têm esperança nem vêem mais sentido na vida, estão deprimidas e pessimistas, se estressam e cansam facilmente e os solitários.

Submetendo-se este sempre momentoso tema ao exame do Espiritismo, pode deduzir-se quanta falta faz aos laboratórios científicos o conhecimento dos postulados dessa Doutrina filosófica, científica e de substância ética, especialmente a respeito da existência do Espírito imortal e de seu envoltório, denominado perispírito por Allan Kardec.

Em sua obra de ciência transcendental “Estudos Espíritas”, Joanna de Ângelis registra que no psicossoma (assim denominado o perispírito pelo Espírito André Luiz) (3): “Estão sediadas as gênesis patológicas de distúrbios dolorosos (...) ensejando a aceleração das perturbações psíquicas de largo porte”(4).

Antes, em 1861, Allan Kardec, em O Livro dos Médiuns, já afirmava: “(...) Somente faremos notar que o conhecimento do perispírito é a chave de inúmeros problemas até hoje inexplicados”. (5).

Em 1990, no livro da coletânea da Série Psicológica O Homem Integral, Joanna de Ângelis faz profundo estudo acerca do “modelo organizador biológico – MOB”, que se encarrega de plasmar no corpo físico as necessidades morais evolutivas, através dos genes e cromossomos (...). Destaca ainda a mestra da Psicologia Profunda e Transpessoal que o perispírito, “Veículo sutil e organizador, é o encarregado de fixar no organismo os traumas emocionais como as aspirações da beleza, da arte, da cultura, plasmando nos sentimentos as tendências e as possibilidades de realizá-las”. (6).

O autor de Doenças, Cura e Saúde à Luz do Espiritismo, escritor Geziel Andrade (1948-), consolidando constatações obtidas a partir das investigações de Allan Kardec a respeito do corpo espiritual, concluiu: “O perispírito é, então, quem determina a formação perfeita ou doentia do novo corpo material durante o processo de reencarnação”, e sintetiza seus estudos declarando que Jesus, com Seus ensinamentos contidos no Evangelho, é o grande médico divino da alma e do corpo. A prática de Sua moral, baseada nas grandes 88 virtudes cristãs (amor, caridade, humildade, perdão, justiça e fé), imuniza-nos contra muitos males e doenças. (7).

Concluimos estes comentários com a visão profética de Allan Kardec: “Quando as ciências médicas levarem em conta o elemento espiritual na economia do ser, terão dado grande passo horizontes inteiramente novos se abrirão para elas. As causas de muitas moléstias serão a esse tempo explicadas e encontrados poderosos meios de combatê-las”. (8). Grifamos. Tal como já houve o Projeto Genoma (1990-2003), imagino, num futuro não distante o surgimento de um científico Projeto Psicossoma, voltado ao aprofundamento dos estudos exarados nos compêndios científicos da Codificação Espírita de Allan Kardec, a respeito da correlação entre esses núcleos capitais da vida humana: o corpo e o seu elo sutil de ligação com o Espírito, o perispírito.

Notas

1. FRANCO, Divaldo. Vida: Desafios e Soluções. Por Joanna de Ângelis. 6ª ed. LEAL, p.50 a 53.
2. www.imagick.org.br/pagmag/themes2/somospensamos.html - acesso em 26.11.2014.
3. XAVIER, Francisco Cândido. Entre a Terra e o Céu. Pelo Espírito André Luiz. 5ª ed. FEB, p.78.
4. FRANCO, Divaldo. Estudos Espíritas. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 6ª ed. FEB, p.42.
5. KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. Item 54, 1ª ed. FEB, Evandro Noleto Bezerra, 2008.
6. FRANCO, Divaldo. O Homem Integral. Espírito Joanna de Ângelis. 14.ed. LEAL, p.151 a 153.
7. ANDRADE, Geziel. Doenças, Cura e Saúde à Luz do Espiritismo. 12ª ed. Edit. EME, p.44 e 127.
8. KARDEC, Allan. Obras Póstumas. 1ª. ed. FEB, Evandro N. Bezerra, primeira parte, item 12, p.67

Vide acima no Apêndice os 3 últimos itens, sobre Medicina e Espiritismo.

* * *

29 - AS DORES DO CRISTO

Em seu “Universo e Vida” (1978), o Espírito Áureo, através da psicografia do prezado Hernani Sant’Anna, traz novas referências sobre o assunto, explicando-nos a experiência vivida por um Espírito puro, como o Cristo, no esforço de corporificar-se entre nós, a fim de tornar-se visível e estabelecer um contato mais direto com a nossa realidade grosseira:

“Para apresentar-se visível e tangível na superfície da crosta terráquea, teve o Cristo Planetário de aceitar voluntariamente intraduzível tortura cósmica, indizível e imensa, ainda que quase de todo inabordável ao entendimento humano”.(Cap.7, 8a. Ed.FEB, pág. 56)

Áureo traz-nos detalhes desse processo:

“Primeiro, obrigou-se à necessidade de abdicar, por espaço de tempo que para nós seria longuíssimo, da sua normal ilimitação de Espírito Cósmico e ao seu trono no Sol, sede do Sistema, transferindo-se do centro estelar para a fotosfera,

onde lhe foi possível o primeiro e doloroso mergulho na matéria, através do revestimento consciente do seu mentespirito com um tecido energético de fótons. Depois, teve de imergir no próprio bojo do planeta Terra, em cuja ionosfera utilizou vastos potenciais eletromagnéticos para transformar seu manto fotônico em leptons e em quarks formadores de mésons e de hárons, estruturando átomos ionizados. Finalmente, concluindo a dolorosíssima operação de tangibilidade, revestiu esse corpo iônico com delicadíssima túnica molecular, estruturada à base de ectoplasma, combinando com células vegetais, recolhidas principalmente (como já captou a intuição humana) de vinhedos e trigais”. (Cap. 7, 8ª.ed. FEB, págs. 56 e 57)

E prossegue:

“Embora nossas toscas palavras e rudes considerações não possam, de nenhum modo, dar a mais pálida ideia do imensurável sacrifício do Cristo Divino para materializar-se entre os homens, convém aqui refletirmos um pouco sobre o que sabe a experiência humana, no campo dos tormentos a que está exposta no mundo a sensibilidade apurada. [...] O que avulta de pronto à nossa assustada percepção é o superlativo massacre de sensibilidade que se evidencia no fato de um Ser, não apenas de super-requintada, mas de divina delicadeza sensorial, expor-se ao inferno de baixas, odientas e agressivas vibrações terrestres, para respirar e agir, por inexcedível amor, no clima superlativamente asfixiante de nossas humanas iniquidades. Em face do muito de sublime já escrito na vasta literatura espírita-cristã, sobre a dor moral, em suas variadíssimas expressões, não examinaremos aqui esse primordial e nobilíssimo aspecto do sacrifício messiânico, mas insistiremos em chamar a atenção para a terrível realidade psicofísica do maior de todos os dramas de dor, que foi a materialização crística neste mundo de trevas e maldade; dor real inimaginável, jamais sofrida, na Terra, por qualquer Ser vivente, nem antes nem depois do Filho de Maria”. (Cap. 7, 8a. Ed. FEB, pág. 57)

Seria essa “tortura cósmica” descrita por Áureo a “dor espiritual” a que se referiu Emmanuel? Uma dor “grande demais para ser compreendida”?, “indizível e imensa”, “ainda que quase de todo inabordável ao entendimento humano”, no dizer de Áureo? “Imensurável sacrifício”?

Difícil dizer, exatamente pelas razões expostas. Estamos aqui lidando com o limite de nosso cognoscível, de nosso entendimento, um terreno todo nebuloso para a nossa insensibilidade, para a completa falta de referências sobre os planos mais altos da existência...

Em seu “Universo e Vida”, Áureo ainda destaca outro aspecto da questão – a hipersensibilidade dos corpos espirituais mais refinados, menos densos:

“À proporção que a densidade decresce, a sensibilidade se intensifica. No perispírito dos desencarnados, ela é muito maior do que no dos encarnados comuns, porque aqueles lidam com matéria mais rarefeita, mais plástica e, por isso, mais obediente às modelagens mentais”. [...] Teve [Jesus], portanto, sobradas razões para excluir, como registrou o evangelista Marcos (9:19): “ó geração incrédula e perversa, até quando me fareis sofrer?” O sofrimento experimentado por Jesus, na preparação e no decurso de seu messianato, não teve, não tem e não terá similar, de qualquer ângulo que seja analisado, inclusive no que concerne à dor física, tal como a entendemos, em vista da sua inigualável sensibilidade orgânica. (Cap.7, 8ª. ed. FEB, pág. 58)

Trecho sobre as dores do Cristo, sequência do Artigo Os Quatro Evangelhos de Roustaing –Museu Roustaing – CRBBM.

30 - AS DORES DO CRISTO

Os sofrimentos morais de Jesus estão em relação com a carência de esforços da vossa parte, para corresponder aos Seus.

No comentário que tecem sobre o versículo 23 do capítulo 12 do Evangelho de João os autores de Os Quatro Evangelhos tangem o tema das dores do Cristo na cruz:

Os Quatro Evangelhos – 4º. Vol. – Evangelho Seguinte. João, 12 – 23 a 26.p.389 a 398 -5º. Ed.71.

V. 23. Jesus lhes respondeu: chegada a hora em que o filho do homem será glorificado. — 24. Em verdade, em verdade vos digo que, se o grão de trigo, que cai na terra, não morre, fica só; mas, se morre, produz muito fruto. Jesus, com isso, aludia ao sacrifício do Gólgota, cujo momento vinha próximo e aos frutos que daria, por efeito da sua missão terrena, congregando todos os homens, então e de futuro, e principalmente nos tempos da era nova que agora se inicia, Judeus e Gentios, sob a bandeira que tem por exergo — Amor e Caridade — mediante a prática da moral pura que ele pregou e que, pelos seus ensinamentos e exemplos, personificou. 390

Aludia à necessidade da sua morte aparente, mas que os homens considerariam real, como meio e condição de progresso da humanidade terrena, que tinha de ser, pelo reinado da letra, preparada e conduzida à nova revelação, que é a aurora do advento do espírito.

Nada existe, no Universo, sem uma causa primária. A semente produz o fruto, mas, para isso, tem que sofrer as transformações necessárias.

Igualmente, o sacrifício de Jesus não podia dar frutos senão depois que se houvesse consumado. Então e até aos tempos da revelação atual, que teria sido o exemplo da sua vida, para o homem, se o sacrifício o não completasse? Que força teriam tido suas palavras, suas exortações à renúncia, ao amor, ao devotamento, se ele não houvesse dado o exemplo dessas virtudes que viera impor aos homens?

Se não houvesse sofrido, todos teriam dito: “Que lhe custava fazer o bem, ser puro e virtuoso? Não era, por natureza, um privilegiado? Não era, por sua essência, superior a todos os demais?”

A *revelação da sua origem* não poderá servir de pretexto para que se lhe neguem o sacrifício e os méritos, embora alguns ousem dizer: “Ele não pode ter sofrido como os homens, pois que não era da mesma natureza destes”. Sua passagem pela Terra, suas privações, suas dores, sua morte não são mais do que uma fantasmagoria insultuosa para a humanidade, que ele convida a lhe seguir as pegadas, quando sabe que a matéria humana está condenada à sensibilidade exterior, o que não se dava com a sua, e que o homem está adstrito a uma vida que doloroso lhe é deixar, tanto mais quanto, além do sofrimento, há, ainda, a incerteza da sorte futura, incerteza que, para ele, não existia, sofrimento que não era possível experimentar.” 391 Jesus não pode ter sofrido!

Que sabeis a esse respeito, ó homens, que não compreendeis nem admitis senão o que afeta a vossa matéria, que tendes por insignificantes os sofrimentos morais, não obstante alguns de vós os terem rudemente suportado, e que não percebeis até que ponto excedem aos sofrimentos físicos!

O vós, que recusais valor ao sacrifício de Jesus, por não se achar ele revestido de um corpo de carne, perecível como os vossos, abri os vossos próprios corações e perscrutai, com sinceridade, o fundo de vossas almas. Que preferiríeis: suportar a tortura do corpo, ou suportar o desespero de testemunhar a ingratidão, a negrura d’alma, o crime, naqueles a quem mais amor tendes do que a vós mesmos?

Vós todos, que não vos encontrais dominados pelo egoísmo, pais, mães, filhos, criaturas humanitárias que considerais todos os homens como vossos irmãos bem-amados, quais não são os vossos sofrimentos quando vedes aqueles a quem fizestes objeto do vosso mais terno amor vos repelirem com desprezo e vos atirarem pedras? Jesus não pode ter sofrido como os outros homens, porque não era da natureza destes!

Não, a sua natureza não era idêntica à dos outros homens e por isso ele não sofreu da maneira por que sofrem os habitantes materiais do vosso planeta inferior. Entretanto, por serem de outra ordem, seus sofrimentos não terão sido superiores aos da humanidade terrena?

Seu corpo fluídico, de natureza perispiritica, tangível e visível para os homens, não era suscetível de experimentar a dor material, porque, efetivamente, as sensações que recebia nenhuma relação tinham com a impressão dolorosa que causam a amputação de um membro, a contusão numa parte qualquer do corpo humano. Era, porém, suscetível de receber impressões exteriores que repercutiam no moral com violência, para vós, inaudita. Eis 392 por que vos dizemos que Jesus, vítima voluntária do amor que consagra aos seus protegidos — os homens da Terra, se bem não sofresse do ponto de vista carnal, sofreu violentamente.

Para o avaliardes, esforçai-vos por perceber as sensações que certas naturezas de escol experimentam quando as punge uma dor moral, a profundidade do golpe que recebem quando lhes chega uma notícia má, as torturas por que as fazem passar a ingratidão, a maldade, quando elas vêem os que são objeto da sua mais terna afeição alvo da perseguição ou da calúnia.

Não prefeririam essas almas sensíveis uma dor material ao contínuo sofrimento moral que as despedaça? E, levado a certo ponto, esse sofrimento moral que atinge as proporções materiais do sofrimento do corpo, não as ultrapassa até? Não lhe altera os órgãos, ao ponto de causar a sua decomposição? Não vedes muitas vezes a intranquilidade, a aflição, a consumição lhes acarretarem a morte, no sentido de que produzem nos seus organismos estragos a que elas não podem resistir? E ainda vos recusareis a reconhecer que certos sofrimentos morais são verdadeiramente intoleráveis?

Quais não seriam os sentimentos de Jesus para convosco? Quais não terão sido a sua mágoa, a sua tristeza, vendo-vos tão ingratos, tão covardes, tão culpados? Ele sofria e ainda sofre. O sacrifício a que se votou dura ainda e durará até que haja reunido todas as suas ovelhas sob as dobras do seu manto protetor.

Não digais: “Para que serve um sacrifício imaginário?” Seu sacrifício foi real e tanto mais real, quanto só o espírito é capaz de sentir sofrimento.

Os sofrimentos morais de Jesus estão em relação com a carência de esforços da vossa parte, para corresponder aos seus. A sua solicitude por todos vós não data do momento em que ele surgiu entre os Judeus, mas do instante em que o globo terráqueo, desagregando-se 393 do turbilhão ardente onde se achava integrado, se constituiu morada para essências espirituais destinadas a percorrer as fases do seu desenvolvimento, solidário e em correlação com o da matéria.

Trabalhando sem descanso desde ali, pelo progresso dos princípios espirituais, então em sua origem, ele os fez progredir até ao ponto de se individualizarem, tendo conduzido ao mesmo tempo o planeta à condição de uma terra primitiva, apropriada ao aparecimento do homem e preparada para a encarnação humana de Espíritos falidos, cujo grau de culpabilidade lhes impunha essa provação rude, mas necessária. Desde então, tem sempre, sem cessar, impulsionado, sobre toda a superfície do planeta terreno, o progresso em todos os reinos da natureza. Desde então, mediante a encarnação, entre os homens, de Espíritos sempre superiores às massas humanas e incumbidos de dar-lhes o impulso, tem ele feito, a todos os que lhe estão confiados, apelos instantes, e que cada vez mais se repetirão, ao arrependimento e ao progresso. Sua solicitude foi sempre máxima, e sempre a mesma e tal se conservará, enquanto não houverdes atingido as regiões superiores a que deveis aspirar. Como se pode dizer: “A matéria humana está adstrita a uma vida que lhe é tanto mais

doloroso deixar quanto, além do sofrimento, ainda há, para ela, a incerteza da sorte futura, incerteza que para Jesus não existia, sofrimento que lhe não era possível experimentar?”

Pretendeis, então, ó homens, rebaixar Jesus ao vosso nível, ao nível da vossa inferioridade moral, que ainda vos não permitiu compreender que o corpo não é, para o Espírito, mais do que uma veste temporária, o instrumento de suas provas, de suas expiações, de seu progresso? Que a morte, para o Espírito, é apenas uma libertação, porquanto lhe restitui a liberdade, tal como é restituída ao prisioneiro para quem se abrem as portas do cárcere 394 onde fora metido? Que a morte é ao mesmo tempo o começo, a fonte, o meio de um novo progresso?

Não; para Jesus, puro Espírito, sempre Espírito sob o invólucro fluídico, de natureza perispiritica, que tomara e que fizera tangível para ser percebido dos homens, nenhuma incerteza havia quanto à sorte futura. Ele tinha a consciência exata da sua origem, a certeza do futuro. Nenhum desfalecimento sentiu no momento do sacrifício do Gólgota. Conhecia de antemão os resultados que conseguiria e seus caridosos esforços visavam mais as gerações futuras do que as da época. Não sofreu os terrores e as aflições que assaltam o homem, sobretudo o homem material, quando vê aproximar-se a morte, para tirar-lhe a vida da matéria, que lhe fora grato a todo transe conservar. Disse ele que ninguém lhe tirava a vida no Calvário; que de si mesmo a deixava, que tinha o poder de a deixar e de a retomar, em cumprimento da missão terrestre que Deus lhe confiara, porquanto descera ao meio dos homens para lhes ensinar a viver e a morrer com o objetivo do progresso do Espírito. Deste ponto de vista foi que ele tudo obrou.

A passagem de Jesus pela Terra teria sido uma fantasmagoria insultante para a humanidade!

Reflitam os que se vejam tentados a usar de semelhante linguagem e elevem-se pelo pensamento acima do nível inferior em que ainda se encontram suas inteligências, enfaixadas pela matéria que, obscurecendo-as, as transvia, e compreenderão os vastos desígnios da Providência com relação à humanidade e ao planeta terrenos. Compreenderão a sabedoria infinita do Senhor, presidindo ao progresso dos homens, dando a cada época, a cada era o que lhe é possível comportar, conduzindo as gerações humanas, em sua marcha ascensional, conforme o exijam as necessidades e faculdades de cada época, de cada era, de acordo com o uso que do livre-arbítrio façam os homens, de acordo com suas oscilações, seus desfalecimentos e suas resistências mesmas. 395

Compreenderão que as revelações, sendo sucessivas e sempre progressivas, são apropriadas, assim como as missões e os acontecimentos culminantes nelas, às necessidades dos tempos, ao estado das inteligências, às aspirações da época; que cada uma dessas revelações produz seus frutos, por meio da encarnação de Espíritos, superiores relativamente às massas humanas e encarregados de as impelir; que as coisas se passam de tal modo que cada revelação prepara a que se lhe há de seguir e é explicada pela que se lhe segue.

Compreenderão que cada uma das que se têm verificado, entregue às interpretações humanas sob o império da letra, tinha que preparar e preparou o advento da que Jesus predisse e prometeu, a do Espírito da Verdade, a atual, que vem explicar segundo o espírito, em espírito e verdade, as que a precederam.

Assim, a era nova que diante de vós se abre vai ter seus primeiros anos messiânicos pela encarnação de Espíritos em missão, superiores às massas humanas, incumbidos de as impulsionar, preparando os caminhos para o segundo advento de Jesus, por ele predito e prometido, de Jesus que é, por si só, o Espírito da Verdade, visto trazer consigo o complemento e a sanção da verdade.

Ó homens, consultai a História da vossa humanidade e observai o meio em que surgiu cada uma das revelações que lhe não sido dadas. Observai a marcha que seguiu a revelação feita por intermédio de Moisés e dos profetas de Israel, seu desenvolvimento e suas fases. Atentai no advento do Messias, do Cristo, vede como ele foi previsto e preparado por Moisés e pelos profetas; atentai na maneira e nas condições em que se verificou o aparecimento do mesmo Messias; notai que apareceu sob duplo aspecto: com uma natureza e uma origem humanas e com uma natureza e uma origem “milagrosas”, extra-humanas, tendo produzido essa duplicidade de aspectos o véu da letra com que aquele aparecimento foi anunciado.

Observai a marcha 396 dos acontecimentos e as interpretações humanas a que eles, as profecias e a revelação mosaica deram lugar, até à aparição de Jesus na Terra. Apreciai a revelação que o anjo fez a Maria e a José e que, ligando-se à que precedeu, antecede e anuncia aquela aparição. Notai que essa revelação se conservou secreta durante a missão terrena de Jesus e até que chegasse o momento oportuno de ser divulgada, de espalhar-se no seio das massas populares, a fim de produzir os devidos frutos, desenvolvendo-se e percorrendo-as suas diferentes fases, até ao presente, sujeita aos esforços e lutas do pensamento e das interpretações humanas. Observai o meio em que Jesus apareceu para cumprir a sua missão terrena, apreciái-lhe as palavras, os atos, a marcha dos acontecimentos e das interpretações humanas a que estes e aquelas palavras e atos deram origem, mesmo enquanto durou a sua missão e depois até aos dias de hoje. Atentai no advento, predito e preparado, do “Espírito da Verdade”. Atentai em tudo isso e compreenderéis que o que sucedeu tinha que suceder como condição e meio indispensáveis ao progresso da humanidade e compreenderéis que soou a hora da revelação atual.

Jesus não podia desempenhar como Espírito, a sua missão entre Espíritos desencarnados do vosso planeta, para, em seguida, fazê-los baixar a este, purificados e em plena via de progresso. O Espírito que faliu, não o esqueçais, tem que seguir o seu caminho ligado ao corpo terrestre. É uma das condições do seu progresso.

Conseqüentemente, os meios que se lhe proporcionam para realizar esse progresso são de natureza a só poderem ser por ele utilizados na condição de encarnado. **O Espírito, é certo, progride fora do corpo material, em estado de**

liberdade; mas, esse progresso é apenas o resultado do impulso que ele imprimiu a si mesmo para progredir durante a encarnação. (Negritei)

É essa uma lei a que não pode esquivar-se, desde o momento em que se condenou a encarnar até o em que deixou de 397 sentir o peso dessa sentença, que é obra sua, pois não passa de uma consequência de seus atos.

Eis porque Jesus tanta oposição encontrou. É que o Espírito, tendo o seu livre-arbítrio, livremente recebe, conforme o grau do seu desenvolvimento moral, as boas ou as más influências. Eis porque a missão de Jesus teve que ser cumprida na Terra. Eis porque, repetimos, ele encontrou tanta oposição. Esta oposição estava prevista, era conhecida previamente, mas nem por isso o foi menos.

Eis ainda porque a sua missão não se acha concluída e só terminará com a consumação dos séculos.

Aos homens materiais daquela época era necessário, primeiramente, o aspecto humano da revelação e dos sofrimentos materiais, únicos que eles podiam compreender, únicos que para eles tinham valor. Depois então o aspecto “milagroso” da revelação velada pela letra e destinada, por efeito das interpretações dadas às palavras e aos atos do Mestre antes do sacrifício do Gólgota, dadas a este sacrifício e às palavras e atos por ele ditas e praticados desde que reapareceu no mundo até que, pela chamada Ascensão, voltou às regiões etéreas, a levá-los a ver no enviado celeste um Deus, um homem-Deus, sujeito como eles à morte e que experimentara a morte material, os sofrimentos materiais.

Assim compreendidos, o sacrifício do Gólgota, a missão terrena de Jesus tinham que servir para aquela época e que preparar o futuro, preparar o progresso material e, desse modo, preparar as inteligências para compreenderem os sofrimentos morais, para receberem a nova revelação, que vem, dissipando as trevas da letra com a luz do espírito, explicar, em espírito e verdade, o modo porque se verificou e as condições a que obedeceu a aparição de Jesus na Terra, sua origem e sua natureza espirituais, sua posição espírita com relação a Deus e ao planeta terrestre, sua missão terrena, suas palavras e atos, a grandeza e o objetivo dessa missão; revelação que vem mostrar a categoria que ele ocupa 398 como protetor e governador da Terra, a cuja formação presidiu, encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso, assim como dos da humanidade que o habita e de conduzi-la à perfeição.

V. 25. Aquele que ama a sua vida perdê-la-á e o que aborrece a sua vida neste mundo conservá-la-á para a vida eterna.

Amar a vida é tudo sacrificar ao bem-estar presente, às satisfações da sensualidade, ao orgulho, ao egoísmo. Isso equivale a perder a vida espiritual, por importar, para o que assim procede, em permanecer sujeito à encarnação material.

Aborrecer é uma expressão que, na vossa linguagem, tem uma força, um vigor de que carece o termo que lhe corresponde no idioma hebraico e que neste passo foi empregado, significando apenas não fazer da vida objeto de culto, não sacrificar o que a honra, o respeito e o amor a Deus concitam o homem a ter em conta. O que Jesus quis dizer, servindo-se daquele vocábulo, foi que cumpre ao homem conservar a sua vida espiritual, para caminhar nas sendas que conduzem à perfeição.

V. 26. Aquele que me quiser servir, siga-me; e, onde eu estiver aí estará também aquele que me serve. Aquele que me serve a esse meu pai honrará. Não precisais de explicações. Servir a Jesus é obedecer à lei de amor. Todo aquele que a segue é digno de ser um filho de Deus.

* * *

BLOG DO ARON, UM ESPÍRITA

Domingo, 3 de Março de 2019

31 - A Paz

por Angel Aquarod

Reformador (FEB) 1925

O de paz é o estado por que mais anseiam os homens que, cansados das lutas da vida, andam sempre em busca de repouso para suas almas. Pela paz, que eles sabem os espera nos cumes da espiritualidade, aspiram todos os Espíritos a cuja frente brilha o foco de luz que lhe ilumina o caminho a percorrer, demandando o ideal da perfeição

É altamente cristão o ideal de paz. De modo muito especial o Cristo o infundiu na alma de seus discípulos: “A paz seja entre vós”, dizia-lhes. “A paz vos dou”, Quando entrardes nalguma casa, dizei: “A paz seja nesta casa”. “Bem-Aventurados os pacíficos”. Bem-aventurados os mansos”. Ao que exige que caminhes mil passos carregando-o, caminha dois mil; dá ao que te peça e ao que te pedir emprestado não voltes as costas, etc., etc.”

São postulados de paz todos esses e outros muitos, que se encontram no Evangelho, sancionando a doutrina toda pacifista do Redentor, d'Aquele que disse a Pedro: “Embainha a tua espada, pois quem com o ferro fere com o ferro será ferido”.

Talvez, porém, me objetem que também disse o doce Nazareno: “Pensais que vim trazer à terra a paz? Não vim trazer a paz mas a guerra”.

De fato, embora, como Cristo de Deus, fosse a personificação da paz, ele não trouxe paz ao mundo, porque a sua doutrina vinha ferir não poucos interesses arraigados, vinha bater violentamente às portas do erro e da mentira, vinha clamar com voz potente às consciências adormecidas pelo ópio da corrupção. Todo um mundo, portanto, se havia de rebelar contra ele e seus ensinamentos.

E, no seio das próprias famílias era onde os adeptos da nova doutrina haviam de encontrar mais resistência, mais oposição, mais guerra. Por ser natural que assim acontecesse e ainda aconteça, dado o modo de composição da família na Terra foi que o Redentor disse:

Por mim deixareis pai e mãe, esposo e esposa, filhos, irmãos, bens e até a própria vida. “Quem ama a seu pai e á sua mãe mais do que a mim não é digno de mim”. etc.

Mas como, esposando o ideal cristão, gozará de paz o discípulo do Cristo, desde que em tais conflitos se possa ver envolvido; desde que haja de abandonar, por seguir a Jesus, o que tenha de mais caro, aquilo que o mundo considera mais sagrado?

Essa sentença do Mestre divino responde à afirmação por ele feita, com o maior desassombro, a seus discípulos, para que a divulgassem por todos os âmbitos do mundo: Não vim trazer a paz, mas a guerra; não a união, mas a divisão; porque, de futuro, estarão divididos o esposo da esposa; de seu pai o filho, de sua sogra a nora, sendo vossos inimigos os da vossa própria casa.”

A doutrina reformadora, profundamente revolucionária do Cristo, não podia, nos tempos em que ele a pregou, dar em resultado senão a divisão, a perseguição, o martírio para os que, revestidos de coragem, a abraçassem e tenazes se mostrassem em praticá-la.

Dada, repetimos, a maneira por que na terra se constitui a família, impossível era que, em cada uma, salvo as naturais exceções, todos os seus membros adotassem o novo credo. Muitos destes, apegados às velhas ideias que seriam suplantadas, se julgariam feridos nas mais delicadas fibras e tudo fariam por que suas crenças prevalecessem contra as novas. O mesmo presentemente sucede. Disso sabia Jesus, como o sabe todo bom psicólogo.

Porém, dirão: Se o Cristo trouxe ao mundo um ideal de Paz como é que não aconselhou a seus discípulos que sempre em paz se conservassem, evitando ser pedra de escândalo, submetendo-se, por conseguinte, à vontade alheia, uma vez que a obediência sem restrições tem sido pregada e aconselhada pelos que se dizem vigários de Jesus Cristo na terra?

A obediência tem seus limites naturais. Só pode ser aconselhada quando não força o homem a atraiçoar a própria consciência, ou o não impede de proclamar e professar suas próprias convicções. Por isso é que, pregando, como o Mestre, um ideal de paz, os primitivos cristãos afrontavam as iras de seus perseguidores, negando-lhes a adorar os ídolos do paganismo e contestando a fé que tinham no Deus de Jesus Cristo.

Como ninguém é profeta em sua terra, também no seio da família, só são, em regra, respeitosamente acatados os que a esta proporcionam bem estar, dignidade, riquezas. Se o não fazem, no próprio lar é onde maior oposição se lhes move.

Assim se explica e justifica o conselho, mais que isso, a prescrição do Redentor a seus discípulos, para que por ele, isto é, pela sua doutrina, pela prática da lei de que fora ele o portador, tudo deixassem, ainda o que de mais caro possuíssem.

Como há de então, dentro da fornalha ardente, que é o mundo, gozar de paz aquele que nos tempos hodiernos, abraça o ideal cristão, restaurado e vivificado pela revelação nova? Como há de gozar de paz, obedecendo o preceito do divino Mestre? Será isso possível? É. Embora metido na fornalha ardente, pode o crente sincero e fervoroso encontrar a paz, servindo a causa de que se fez adapto, porque a paz da consciência, que é a de que se trata, não se conquista pela covardia, nem lisonjeando os tiranos, nem mentindo para evitar os flagelos, nem subordinando-se a todos os preconceitos e convenções mundanas, para não se inimizar com ninguém.

A paz, para que proporcione o gozo que lhe é peculiar, não deve ser apenas aparente mas real. Aquela facilmente se perde; esta, a da alma, nascida da retidão e da pureza, da consciência, é permanente e indestrutível, porque tem a alimentá-la a nobreza dos sentimentos, a sinceridade, o amor e a lealdade continuamente praticados. Essa a paz que se deve ambicionar e dela pode a criatura gozar, mesmo no fragor do combate, no tumulto do mundo, nas dissensões familiares, na fogueira, nos tormentos e sob o cutelo da guilhotina.

Todos os que hão professado ideias ou crenças que, por verdadeiras, são revolucionárias no campo das ideias e crenças errôneas ou falsas, foram perseguidos, porque, disputando a presa aos inovadores, sempre se levantam os interesses ameaçados.

Com o Espiritismo dá-se o mesmo que ocorreu quando do advento do Cristianismo, apenas com a diferença de que as perseguições aos espíritas ainda não se revestiram de caráter cruento. Perseguidos, porém, sob todas as outras formas, eles o têm sido, transformando-se lhes, não raro, em inferno o próprio lar, por graças do confessionário que geralmente é donde vem o combustível para a fogueira a que eles se vêm condenados.

Nada obstante, os que hão tido e tem a tèmpera de verdadeiros discípulos do Cristo resistiram e resistem a todas as oposições e perseguições, sofrendo com resignação e paciência o desprezo, as injúrias, e calúnias, a fome de Justiça e de amor que os tortura. Lembrados sempre da recomendação do divino Mestre, tudo abandonam para segui-lo, para ser dignos dele, praticando-lhe os ensinamentos. Encontraram assim sempre e encontram, como outrora os primeiros cristãos, a paz do Espírito, mesmo em meio das dissensões domésticas, das perseguições, na fogueira moral que os requeima, fortalecidos pela fé que depositam em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Essa a paz que todos devem procurar.

Essa a paz que dá felicidade ao cristão, ao verdadeiro espírita, que só pode ser verdadeiramente feliz quando passa pelo que os que o não são consideram infelicidade e lhes perturba a serenidade da Alma.

Erro grave é pretender-se alcançar a paz convivendo com os outros ao sabor deles, ainda que com vexame da própria consciência, como grave erro é querer-se que a paz venha do exterior quando unicamente do íntimo da alma pode ela provir.

A humildade e a mansidão proporcionam a paz mas sob a condição de serem praticadas segundo os ditames de uma consciência reta, saturada de seiva cristã.

Erro funesto também é o sacrificarem-se as convicções próprias ao afeto filial, paterno, conjugal ou fraternal. Tudo se pode e deve sacrificar pela paz, menos o cumprimento do dever ditado pela consciência.

Advirta-se, porém, que a perigoso erro conduzirá o compreender-se literalmente, erroneamente, portanto, a recomendação do meigo Nazareno aos que o quisessem seguir. Jamais de certo lhe passou pela mente aconselhar ao homem que abandone a família, os que lhe são caros, apenas no seu lar se manifestem discordâncias em matéria de crenças religiosas. Não.

Ao cristão e, pois, o espírita, deve sempre mostrar-se digno da sua fé, não a ocultando jamais, proclamando-a em todas as oportunidades, dentro e fora do seu lar. Se daí advier, da parte dos membros de sua família hostilidades, desprezos, malquerenças, humilhações, cumpre-lhe, armado de paciência e resignação, tudo suportar, demonstrando, porém, cada vez maior firmeza na sua fé e na excelência desta, com o esforçar-se incansavelmente, para, por meio da persuasão, do carinho, do amor fraterno, dos exemplos de bondade, de calma e de humildade cristã, levar a luz da verdade aos Espíritos dos que lhe flagelam a existência. Desse modo, sua alma gozará de inalterável paz, dentro mesmo do inferno em que lhe é preciso viver, e terá iniciado a conquista das almas que o rodeiam. Dia virá em que estas reconhecerão nele o seu salvador e o bendirão.

Este o abandono que Jesus aconselhou: o das ideias, injunções e exigências dos que formam a nossa família e são nossos amigos, se essas ideias, injunções e exigências estiverem em conflito com a doutrina que ele exemplificou e que, esta sim, por coisa alguma, por nenhuma consideração ou conveniência terrena, deve ser abandonada.

Outro alcance não podia ter e não tem a recomendação do Mestre divino. E, se não, disse-me: a que viria a preceituar ele, como preceituou, a reconciliação com o adversário, o amor aos inimigos, a prática do bem para com quem praticou o mal, mandando ao mesmo tempo que o homem abandonasse o lar, a família, pelo simples fato de discordar esta do seu modo de pensar ou de crer? Como imaginar-se que ele haja pretendido tenhamos em melhor conta e mais consideração os inimigos estranhos, os que nos fizeram mal e aos quais devemos retribuir com o bem, do que os nossos próprios pais, os nossos filhos, irmãos, ou cônjuges? Fora absurdo e na doutrina de Jesus não pode haver e não há absurdo, para os que a sabem interpretar e compreender, não segundo a letra que mata, mas segundo o Espírito que vivifica.

O grande mérito do espírita-cristão está em viver entre os seus maiores inimigos pessoais, entre os inimigos de sua fé, embora sejam membros estes de uma família, sem que se lhe altere a paz do Espírito pelos desprezos e vexames de que o façam objeto. E isso ele o conseguirá, meditando continua e profundamente os ensinamentos do Redentor e elevando-se espiritualmente, através desses ensinamentos, às maiores alturas, onde receberá iluminação divina e as energias suficientes para vencer, conservando sempre a paz, a paz verdadeira, que não se compra nem se vende, que só alcançamos quando, plenamente confiantes naquele que é o caminho, a verdade, a vida, tudo por amor dele suportamos, ainda os mais rudes e certos golpes desfechados contra nós e a nossa fé.

Quem persevera no caminho que o Cristo traçou e pratica a sua doutrina, mal grado a todos os obstáculos e sofrimentos, pode estar certo de haver conseguido a paz eterna que a todos deseja. Angel Aquarod

* * *

32 - COMBATER A IGNORÂNCIA EM SI MESMO. - Inaldo Lacerda Lima

A Felicidade, que é um estado-de-ser do espírito, que deve e pode ser natural na intimidade da alma, é erroneamente procurada pelo homem de todos os tempos – encarnado ou fora da carne –, em bens materiais. É preciso que se entenda que a felicidade não é uma euforia ou contentamento que surge em nosso mundo superficial e logo, mais ou menos com a mesma espontaneidade com que chegou, desapareça. Ela não é uma alegria repentina, não é também um êxito que se alcance numa atividade qualquer, ou a conquista de um afeto que dure até o momento da primeira decepção, e também nunca está na posse de uma fortuna material que se possa perder em determinado instante.

A felicidade é um estado de ventura do espírito, em plano definitivo sempre crescente e de forma alguma retroativo. Não é aquela do texto bíblico, em Jó: “Como nuvem passou a minha felicidade” (Jó, 30, v. 15).

Nunca nos lembramos de que haja Jesus em momento algum falado em felicidade. Mas referiu-se ao reino dos céus inúmeras vezes, dando a entender não ser ele deste mundo, talvez querendo explicar que o reino prometido não é um estado material, inconsistente, mas definitivo no espírito de quem o tenha alcançado, como o percebemos nesta passagem de João (XVIII, v. 36 – in fine): “Mas agora o meu reino não é daqui.”

O apóstolo Paulo, em sua epístola aos efésios, capítulo IV, vv. 17 a 19, faz a seguinte advertência, que pode ser válida também para nós: “E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam os outros gentios, na vaidade do seu sentido, entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do coração; os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza.”

Ora, companheiro complacente que nos lê, nenhum espírita que estude e se aprofunde no conhecimento da codificação do espiritismo, na qual repousa toda a ciência da novel doutrina, tem direito à justificativa de ignorância, porque até onde nos é permitida a capacidade de aprender e raciocinar, tudo está esclarecido, e em condição de conduzir o espírita que se tenha feito caracterizar como homem de bem à sua preparação para a felicidade verdadeira e definitiva. Não obstante, têm existido desde o tempo de Kardec companheiros que cometem enganos muito graves, a todo momento. E conseguem muitas vezes formar adeptos – o que lhes agrava ainda mais a situação – tornando-os responsáveis pela queda de outros... Pois bem, a esses companheiros está entregue, aqui ou ali, por invigilância de alguns, a direção de casas espíritas de funções valiosas no movimento do Consolador Prometido. Dentre esses há espíritas – pasme, leitor! – que apregoam até a REENCARNAÇÃO DE JESUS!...

Encarnação do governador do planeta não nos causa espanto. Allan Kardec, nisso, quase se equivocou, o que consideramos muito natural, no sentido em que o fato ocorreu! Por que Maria (talvez houvesse pensado ele assim) não podia dar a José um filho – Jesus? Maria seria a sua mulher, afinal de contas... Mas reencarnação?!... É ignorância demais! E o codificador do espiritismo nunca o afirmaria. Porque é também desconhecimento do Evangelho (João, XVII, vv. 5 e 24). E demonstra, sobretudo, ignorar ciência espírita.

Outra lastimável ignorância é a perseguição cerrada e desarrazoada à obra dos espíritos superiores através da mediunidade ímpar da senhora Emilie Collignon, que o Dr. J. B. Roustaing ordenou e, pela fé consciente e raciocinada, fez publicar às suas expensas! Lastimável ignorância, sim, porque Allan Kardec declarou tratar-se de obra “que tem para os Espíritas, o mérito de não estar em ponto algum em contradição com a doutrina ensinada pelo Livro dos Espíritos e pelo Livro dos Médiuns”, e mesmo as partes tratadas por ele, Kardec, em O Evangelho segundo o Espiritismo o estão em sentido análogo. E o Codificador disse mais, em seu artigo publicado na Revue Spirite nº 6, de junho de 1866: “É uma obra que será consultada com fruto pelos Espíritas sérios.”

Que querem mais esses nossos irmãos adversários do Dr. Roustaing? Fazem questão de ser inimigos dele, pois sejam... Mas deixem em paz, por favor, a grandiosa mensagem dos Espíritos do Senhor, que tanto esclarecimento trouxe aos espíritas sérios! Isto posto, com sabedoria e honestidade, à parte as digressões acima, e em nada separados de Deus pela ignorância, como nos adverte o apóstolo das gentes, sejamos efetivos trabalhadores da Vinha do Mestre, sem que nunca venhamos a nos constituir em qualquer dano à obra do Pai, conforme nos fala ao coração o Espírito de Verdade, na última mensagem sua no capítulo XX de O Evangelho segundo o Espiritismo...

(Parte do texto retirado (pelo autor) do livro O Futuro da Humanidade, III Parte, “Acertos do homem para a Felicidade”, de autoria de Inaldo Lacerda Lima).

* * *



Angel Aguarod
Ayerba - Espanha – 1860 - P. Alegre – Br. -1932
33 - GRANDES E PEQUENOS PROBLEMAS
PRÓLOGO

A criatura humana, Espírito encerrado em sua tumba de barro, enquanto peregrina pela Terra, não pode ter consciência exata dos estados psicológicos por que passa, nem considerar os assuntos oferecidos ao seu exame de maneira a dispor de um guia seguro para os labores que lhe cumpre executar no mundículo que habitais.

Ora, se para o homem é tão obscuro o que a ele próprio se refere; se impossível lhe é conhecer a casca, a exterioridade enganosa, imaginai o que não será, tratando-se do que tem relação com o plano supra físico; o que não será, quando se trate do que se relacione com o seu passado e o seu futuro. Que pode saber a criatura humana, por si mesma, no plano

físico, falacioso e ilusório, acerca de sua vida "post mortem", de seu destino final? Nada. O homem, na Terra, para as coisas do Espírito, para tudo o que seja de ordem metafísica, é como um cego de nascença. Precisa, a fim de conhecer algo de ordem superior, que a Revelação venha em seu auxílio. Por isso, em todos os tempos, de etapa em etapa, no curso da evolução da espécie humana, hão surgido Reveladores Divinos, com a missão de iniciar e instruir os filhos de Deus nas verdades transcendentais, que, sem esse auxílio, lhes seria de todo impossível decifrar, ou compreender, ou, às vezes, suspeitar sequer.

Mas, com o auxílio da Revelação divina, trazida pelos Messias de Deus e outros servidores seus, tem o homem podido entrar no conhecimento de verdades de ordem metafísica e moral, mediante as quais há tido o guia de que necessitava para avançar no caminho da sua evolução.

Jesus foi um Revelador de primeira plana, não porque haja trazido ao mundo, pela primeira vez, uma parcela da Verdade Suprema, mas pela forma de revestir essa Verdade, colocando-a ao alcance de todas as almas, e por ser também um dos mais excelsos Espíritos, para não dizer o primeiro em elevação e perfeição, de quantos têm descido à Terra, cujo governador supremo é Ele.

O Espiritismo, como bem sabeis, vem completar, com a Revelação dos Espíritos, a obra de Jesus, obra a cuja execução Ele mesmo preside, atuando, sob sua direção superior, todos os Espíritos elevados, investidos na missão de transmitir aos homens, por meio de instrumentos humanos, os esplendentes raios da Suprema Verdade.

Dentre os Espíritos que intervêm na obra da Revelação Espírita destacam-se certas Entidades, cuja missão consiste em iluminar com uma luz mais potente as inteligências preparadas, as inteligências que, havendo transcendido o plano da vulgaridade, se acham em condições de receber alimento espiritual mais nutritivo.

Considerar-me-ia ditoso se pertencesse ao grupo dessas Entidades superiores, que tão elevado labor realizam. Mas, se a tanto não me é possível chegar, posso, todavia, contar-me no número de seus humildes servidores e, como tal, esforço-me por dar às mensagens que transmito aos homens a maior elevação ao meu alcance, ajustando, não obstante, a minha expressão ao que permite a cultura dos veículos de que me sirvo, e daqueles a quem devo doutrinar.

Tempo é já de que no campo espírita se avance um passo na consideração das doutrinas estabelecidas, no seu desenvolvimento e, sobretudo, nas suas aplicações. Sou dos que, na medida do possível, e subordinando-me às ordens de meus superiores, têm o encargo de facilitar esse avanço, preparando a humanidade terrestre para considerar com elevação maior as questões individuais, coletivas e sociais que a interessam, tratando-as com superioridade de vista e sob um molde prático, que não inutilize o labor doutrinário. Porque, de futuro, os Espíritos elevados que se manifestem aos homens abordarão assuntos cuja explanação lhes for confiada, sob aspectos práticos, visto que o tempo das especulações livres e das teorizações já toca a seu termo, para dar lugar a um trabalho de aplicação prática das doutrinas conhecidas, ou que se vão revelando.

Esse o caráter que terão os estudos que me proponho desenvolver na obra a que damos começo.

Posto que o seu título fale de grandes e pequenos problemas, não se deve deduzir daí que todos quantos eu chegue a delinear, nas páginas que seguem, não sejam igualmente dignos de atenção e estudo. Os grandes e pequenos problemas devem ser encarados com certa relatividade e segundo a apreciação humana, que pelo tamanho é que principalmente distingue umas coisas de outras, dando mais importância, geralmente, às de maior vulto. Somente deste ponto de vista é que devem ser tidos por grandes e pequenos os problemas a que aludo; pois, em verdade, intrinsecamente, não há problemas grandes nem pequenos, tendo tudo, perante Deus, a mesma importância.

Assim também considerando as coisas, tratarei com o mesmo carinho e solicitude tanto o assunto que, aos olhos de alguns, possa apresentar importância extraordinária, como outro qualquer que, para a generalidade dos homens, seja de menor valia.

Para mim, todos a têm, e, com o mesmo elevado critério, de todos tratarei.

Feitas estas considerações, não me assiste o direito de prolongar este Prólogo. Transporte, pois, o leitor ao corpo da obra, constituído pelas páginas que a estas sucedem. Encontre nelas o alimento espiritual de que necessite sua alma e suficientemente recompensados estarão os meus esforços, com os quais não me proponho senão a concorrer para o bem da criatura humana, obedecendo a Deus. (Guia Espiritual de) ANGEL AGUAROD

CAPÍTULO 1 - O PROBLEMA DA INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO NO MUNDO

1 - PRINCIPAIS FATORES

Antes de determinar quais os principais fatores que intervêm na difusão do Espiritismo, fazendo-o alcançar todas as ordens da atividade humana e exercer influência no mundo, tanto sob o ponto de vista individual, como coletivo, preciso é que, em homenagem aos leitores que careçam das noções indispensáveis a facilitar-lhes a compreensão da presente obra, façamos uma sucinta exposição sobre o que é o Espiritismo, nos tempos presentes, e sobre a sua significação.

Tem ele a sua base na comunicação dos Espíritos.

De todos os tempos, esta comunicação existiu, pois é tão antiga como o mundo; porém, até aos tempos atuais, não aparecera no mundo como corpo organizado, como um sistema completo, filosófico e religioso, apoiado na ciência e de conseqüências incalculáveis pela doutrina que decorre das relações dos encarnados com os desencarnados, tendo por fim dar a certeza ao homem da existência, preexistência e imortalidade da alma e de seu destino futuro, preenchendo, assim,

uma necessidade da época. Em todos os tempos, os Espíritos se revelaram; porém, essas revelações só produziram os frutos de que necessitavam os encarnados nas respectivas épocas. Atualmente, já não podem satisfazer à generalidade dos Espíritos que povoam a Terra as razões que satisfaziam outrora, nem as doutrinas que deram ampla satisfação às almas simples, que então se encontravam, na escala da evolução, alguns graus abaixo das que atualmente povoam o planeta.

A Revelação Espírita, porque o Espiritismo é uma revelação, a mais transcendental que os séculos têm registrado, vem satisfazer às necessidades dos Espíritos analíticos do presente, dos positivistas destes tempos, de todos os que, enamorados da Ciência e de seus métodos de experimentação, não aceitam coisa alguma que não caiba nesse terreno e possa sujeitar-se às condições que a investigação científica impõe. Nesse sentido, o Espiritismo satisfaz aos mais exigentes, desde que não sejam Espíritos refratários por sistema e que cerram os olhos ante a evidência. Destemeroso de qualquer análise a que queiram submeter o legítimo fenômeno espírita, sempre que os investigadores não se empenhem, aberrando de toda lógica, em sujeitar o dito fenômeno aos mesmos processos a que submetem qualquer fenômeno de química ou de física, nos quais não há vontades ocultas que possam burlar todas as previsões, como acontece com os primeiros, ele sempre sairá triunfante de todas as provas, por mais rigorosas e precisas que sejam, dando margem a que novos métodos e processos se descubram, para conhecer o que permanece oculto e decifrar as incógnitas que abundam em tais manifestações.

Na época presente, o fenômeno espírita está suficientemente provado para já constituir uma base indestrutível da nova Escola. Não insistamos nisso, pois que os estudiosos poderão capacitar-se suficientemente da verdade da nossa afirmação recorrendo ao estudo das obras dos eminentes mestres com que já conta o Espiritismo. Allan Kardec deve ser consultado em primeiro lugar, seguindo-se Denis, Delanne, Aksakof, Paul Gibier e outros muitos, entre os quais se encontram não só ilustres homens da ciência, como Lombroso, Carl Du Prel, etc., mas, também, filósofos insignes, como Gonzalez Soriano e o próprio Bezerra de Menezes, nesta terra de Santa Cruz. Consultem-se, pois, esses autores e outros muitos, para um perfeito conhecimento do Espiritismo, em seus aspectos experimental, científico, filosófico e religioso, e dirijamo-nos aos que a tanto não pretendem chegar, iniciando-os, não nos segredos da experimentação, porém nos resultados obtidos dela, resultados que constituem os princípios doutrinários que serviram para formar o corpo de doutrina do Espiritismo Kardequiano.

Pela revelação dos Espíritos, e em concordância com antiqüíssimas doutrinas reveladas na Índia e em outras latitudes do planeta a iniciados que se distinguiram da massa geral, o Espiritismo proclama a existência de um só Deus, causa sem causa de quanto existe, e sua imanência em toda a obra da criação. Os atributos da Divindade, reconhecidos pelo Espiritismo, são os mesmos que lhe reconhecem toda filosofia elevada e a verdadeira teologia, que não é a que à humanidade oferecem certas confissões religiosas, desprestigiadas em conseqüência de sua inamovibilidade, da pretensão de oporem barreira à marcha do progresso.

A existência e a imortalidade da alma acham-se bem demonstradas pela comunicação dos homens com os seres ultraterrenos, mediante a qual se adquire o conhecimento da vida post mortem, que o Espiritismo ensina.

Muito amplo é o conhecimento dessa vida, por serem os próprios moradores do além que a descrevem, apresentando-se, nas reuniões espíritas e de investigações, Espíritos de todas as condições, constituindo uma coleção completa das classes dos habitantes do Espaço. Verifica-se, assim, que essas classes são uma reprodução das que existem na Terra, por serem os mesmos Espíritos que estiveram encarnados os que se manifestam, visto que nenhuma transformação essencial traz ao ser a sua passagem para a vida do Espaço, onde continua com as mesmas virtudes, de que só pouco a pouco se enriquece, e os mesmos vícios, de que só paulatinamente se expunge. Pelos Espíritos que se comunicam tem-se podido adquirir a certeza de que a chamada lei de justiça é uma realidade que se cumpre. E os mesmos Espíritos, por meio dela, é que explicam a felicidade de que gozam no Espaço, ou os sofrimentos por que passam, conforme procederam na Terra, o que demonstra que o ser espiritual é dotado de livre-arbítrio, se bem que relativo, e, também relativamente, responsável por suas ações. Ele goza ou sofre por ser filho de suas obras.

Ainda pela comunicação dos Espíritos, prova o Espiritismo que não existem o inferno, nem as penas eternas, que, conseqüentemente, não há pecado que não seja redimível. Proclama, assim, que o progresso é indefinito, que todos os indivíduos acham-se sujeitos à sua lei, que, havendo tido todos uma origem comum, todos, em virtude da lei de progresso, seguindo a natural evolução das coisas, sempre ascendendo, chegarão aos mais altos graus da perfeição, sem que de alcançá-la nenhum fique privado.

Como conseqüência disso, proclama o Espiritismo a pluralidade de existências, doutrina ensinada aos iniciados da Antigüidade e pelo próprio Cristo, como se verifica em várias passagens dos Evangelhos, formando o fundo de muitos de seus ensinamentos. De maneira inequívoca Ele ensinou-a ao afirmar que João, o Batista, era o Espírito do Profeta Elias, reencarnado.

Com a lei de reencarnação, o Espiritismo explica todas as anomalias que se observam na vida dos seres, e deixa patente a justiça de Deus, que, sem essa lei, é impossível de conceber-se, em face da infinidade de discordâncias observadas no modo de ser e manifestar-se dos indivíduos e das sociedades.

Também se acha estabelecida, pela doutrina que os Espíritos revelaram, a existência da solidariedade universal, a comum filiação de todos os Espíritos e o destino idêntico de todos os seres, representando isso o mais firme sustentáculo para o ideal de fraternidade, no mundo, ideal que deixou de ser uma utopia irrealizável, por se haver tornado um princípio racional e uma doutrina necessária, que indefectivelmente terão que praticar um dia todos os Espíritos, pois que, pelo progresso moral que forem realizando, a irão entesourando e desenvolvendo, de tal sorte que, forçosamente, todos

chegarão a possuir sentimentos verdadeiramente fraternais tão desenvolvidos que cada um se considerará a personificação mesma da fraternidade. Por isso, o Espiritismo é uma garantia de que o ideal cristão imperará um dia na Terra, em todo o seu esplendor, cumprindo-se as predições do Cristo a esse respeito. Segue-se daí que essa nova Revelação é realmente o Consolador prometido pelo Redentor, e que há de preparar-lhe a segunda vinda e a volta do Cristianismo à sua pristina pureza, desenvolvendo-o, ao mesmo tempo, de maneira a torná-lo compreensível a todos. É, portanto, o Espiritismo o complemento do verdadeiro Cristianismo. Preside ao seu desenvolvimento o próprio Cristo, colaborando nessa obra os mesmos grandes Espíritos que intervieram na sublime epopéia messiânica.

Bastam essas singelas observações para deixar firmados os princípios básicos da Nova Revelação e seu significado, donde se pode deduzir o importante papel que ela terá de desempenhar na transformação social da humanidade terrestre.

Qualquer observador perspicaz, atentando no que deixamos dito, deduzirá quais os principais fatores que intervêm e hão de intervir no problema da influência do Espiritismo no mundo, sendo, uns, visíveis, e, outros, invisíveis. Os visíveis são os Espíritos encarnados na Terra, os invisíveis os Espíritos desencarnados. Os primeiros são, antes, instrumento do que diretores de sua ação. Os verdadeiros diretores de quanto acontece na Terra são os Guias espirituais, que do espaço encaminham a ação dos indivíduos que atuam no plano físico. Tudo quanto acontece mais não é do que o desenvolvimento, no plano físico, do que se gerou e preparou no espaço.

Há fatores, finalmente, de caráter individual e coletivo. Todos os indivíduos, com o aperfeiçoarem suas individualidades, influem no mundo, na medida que lhes corresponde, e, intervindo nos assuntos de natureza coletiva, influenciam também a massa, no grau em que lhes permitem a vontade e o preparo. E fatores da efetiva influência do Espiritismo no mundo não são apenas seus adeptos, mas também seus adversários. Fundando-se ele na Verdade e tendo de ser o principal inspirador do progresso humano e o fator mais importante das futuras reformas de toda espécie, é claro que de igual modo hão de contribuir para lhe firmarem e ampliarem cada vez mais a influência tanto seus profícuos, como seus mais ferrenhos adversários. Por conseguinte, os adeptos da Nova Revelação podem estar satisfeitos de o serem e cantar vitória ante a certeza do triunfo, para o qual todos os elementos existentes no mundo hão de concorrer ainda que inconscientemente, por efeito de iniludível lei. Diante dessa certeza, qual será o espírito que não laborará com fé e não se entregará de corpo e alma ao serviço do seu ideal? (Guia Espiritual de) Angel Aguero

II

CONCORDÂNCIAS E DISCORDÂNCIAS

Tudo o que existe parte do Absoluto; de uma fonte comum procedem todos os seres. Do Uno tudo nasceu; portanto, é a mesma a essência de todos os indivíduos que se podem observar no estudo e análise do que existe na Natureza.

Tudo, pois, parece que deveria ser concordante. Entretanto, a discordância está patente a todo ente racional que se dedique a estudos sérios, em qualquer reino da Natureza.

Porém, o fato de estar claramente patente e de impressionar os sentidos corporais não impede que a discordância seja uma ilusão.

A diversidade nos exemplares de qualquer reino e nos da espécie humana não existe senão quanto à forma e à maneira de se manifestar a Potência divina, no mundo sensível, através dos ditos exemplares e indivíduos.

Se se observam os seres em suas manifestações exteriores, sem indagar do impulsor oculto que há em cada mente, tantas discordâncias se notam, quantos indivíduos. Dar-se-á o mesmo se, transcendendo de plano, o observador se interna na parte psicológica de cada um e penetra no sacrário da alma? Em parte ocorrerá o mesmo, mas, em parte, não. Em parte ocorrerá o mesmo, porque a alma, que habita um corpo físico, ainda se não integrou, está escalando a montanha, não chegou ao cume. Na infinita escala da evolução, cada uma das almas que a percorrem ocupa o grau que pôde conquistar e, como os graus são infinitos, claro se torna que também hão de ser infinitas as diversidades que elas apresentem. Assim consideradas, ou com seus corpos físicos, ou sem eles, ou, ainda, se tal se pudesse conceber, sem veículo algum de manifestação, as almas formam como que as contas de um rosário, que as contém em número infinito. Cada uma, segundo o lugar que ocupe, é de uma cor ou forma diferente das outras, diferenciando-se, dessa maneira, todas entre si. O fio, porém, que as prende, fio de ouro, que lhes constitui a essência do ser e faz parte integrante de cada uma, a todas irmana e liga, para a eternidade, ao mesmo destino. São diferentes umas das outras, se comparadas entre si; todas, entretanto, identificadas pela essência, idênticas se mostram, se consideradas de tais alturas, e convergentes para um mesmo ponto, havendo exata concordância na origem e no destino de todas.

A razão humana tem de adquirir completo desenvolvimento em todos os Espíritos e, após a razão humana, deve neles desenvolver-se a razão divina. Enquanto esse duplo desenvolvimento não se completar, forçosamente há de haver divergências e discordâncias no modo de exprimirem os Espíritos seus sentimentos, porque estão desenvolvidos em graus diversos. Assim sendo, é impossível a concordância sonhada por muitos idealistas. A concordância, a convergência, a unidade virão, porém, no fim dos tempos apocalípticos e, ainda, por efeito da separação dos que não tenham alcançado, na escala da evolução, certo grau de adiantamento, que permita aos que se encontrem unidos pelos laços de perfeita fraternidade, oriundos desse adiantamento, concordarem e convergirem todos no ponto essencial.

Porém, a humanidade terrena longe ainda está dos tempos apocalípticos; há nela Espíritos de todas as categorias e condições, e também de todos os graus de merecimento, quer com relação a recompensas, quer quanto a castigos.

Não pode o homem mudar milagrosamente este modo de ser dos Espíritos, nem evitar suas manifestações de acordo com ele. E, não podendo fazê-lo com os indivíduos, tampouco o pode com as sociedades e os povos, pela mera promulgação de leis e de decretos, nem pelo derrocamento de tronos e dinastias, nem pela fundação de quaisquer outras formas de governo ou de sistema social.

Se os indivíduos se modificam e se põem em concordância com as leis promulgadas, com os decretos governamentais e com as instituições que os regem, essas leis e esses decretos cumprir-se-ão, e as instituições produzirão os efeitos desejados e subsistirão; porém, se houver fundas discordâncias e discrepâncias, ou não se fará caso da legalidade entronizada, que será considerada como não existente, donde resultará que as leis escritas carecerão de valor, ou então estas terão de ser derogadas, para se tornarem concordes com o sentir da massa, a menos que a humanidade queira viver em agitação e desordem permanentes.

Isso constitui regra geral, que não está no poder do homem modificar, e com a qual será preciso contar sempre. Como, pois, estranhar-se que discordâncias e divergências existam também no Espiritismo? Para quem não ignore o que venho dizendo, isso não é de surpreender. Esse, pelo contrário, compreende que assim tem de ser. O Espiritismo não pode constituir, neste ponto, uma exceção. Da mesma forma que em todas as outras ordens de manifestações se deve contar com as discordâncias e divergências, em virtude da diferenciação existente entre os Espíritos, também no campo da Nova Revelação forçosamente hão de elas existir.

Mal avisados andam, pois, os que lamentam que isso se dê, por entenderem que o Espiritismo deve ser todo harmônico e fraternal, sem motivo para discordâncias e divergências. A tais lamentos não se entregam os que estudam a psicologia do ser humano, lhe perquirem a origem e o acompanham através do seu desenvolvimento físico, intelectual e moral, porque chegam à conclusão de que tudo é natural e que em virtude de uma lei sábia, que rege tudo, é que se produz o fenômeno da diversidade das manifestações entre os Espíritos.

Preciso é que os espíritas se capacitem dessas verdades, que cheguem a convencer-se de que tudo quanto ocorre no mundo, assim nos seres individualmente considerados, como no conjunto deles, é natural e obedece ao plano divino da evolução. Em vez, pois, de notarem máculas ou defeitos nas manifestações naturais dos indivíduos, das coisas e dos elementos, busquem a razão de tudo isso, e muito lucrarão, porque, apreendendo-a, longe, então, de descobrirem deficiências e discordâncias em tudo, verão que, no fundo de tais manifestações, há a unidade, para a qual tudo tende, devendo os indivíduos chegar a ela através da diversidade. Verão de que modo uns aos outros os seres se completam e que as manifestações da natureza, quando assim não acontece, são necessárias ao equilíbrio da criação, onde tudo é solidário.

As diferenciações, as discordâncias e as divergências são inevitáveis no Espiritismo, como em tudo. Em face desse postulado, cumpre se extraia de tudo o que, aparentemente apenas, consagra a desarmonia no Universo e nos seres o bem imenso que encerra. Não deploremos seja assim; antes, cuidemos de tirar de tudo, para o progresso geral, o maior partido possível.

Reconhecida a inevitabilidade do fato que vimos de apontar, ressalta a obrigação, para cada um, não só de respeitar a maneira diferente de sentir, de pensar, de compreender e de proceder dos outros, como também de considerar tudo isso uma necessidade. Desse modo, não pode haver quem se julgue no direito de impor seu critério, sua razão e sua autoridade aos outros, nem quem censure e excomungue os que divirtam de suas tendências e do modo de interpretar os mesmos princípios.

Praticando-se essa tolerância e respeito mútuos, essa benevolência e reconhecimento de direitos, essa consideração de que todas as diversidades conduzem à unidade, que esta não pode ser imposta, que tem de vir por si mesma, por efeito da lei de progresso, sem violências, mais se fará pela concordância das almas, pela fraternidade dos homens, do que com todos os esforços que se empreguem para impor uma concordância, uma unidade de critério, uma regra comum, contrárias à natureza neste mundo.

Só se chegará à concordância, à convergência das almas para o essencial, respeitando as manifestações de ordem secundária, de ordem meramente formal.

Não há, indubitavelmente, outra doutrina que, melhor do que a Doutrina Espírita, possa fazer cheguem os indivíduos e as sociedades da diversidade à unidade, da discordância à concordância, da divergência irreduzível à convergência que faz de todos os seres um só.

Esse labor impõe-se no campo espírita, para que o Espiritismo possa ser amanhã, no consenso geral, uma garantia de que nele encontrará a espécie humana o antídoto para todos os seus males, o bálsamo para todas as suas feridas, o fator da fraternidade, que converterá a Terra num paraíso, e o gênero humano numa sociedade de anjos.

III

AÇÃO PROVEITOSA, CONSCIENTE E INCONSCIENTE

A ação dos Espíritos desencarnados repercute nos meios terrestres de maneira avassaladora; nada se subtrai a esse movimento; ele se exerce em todos os reinos da natureza, e sempre foi assim.

Ensina a doutrina, revelada pelo mundo espiritual, que os Espíritos desempenham funções em todas as manifestações do Cosmos, que atuam nos elementos, enchendo o espaço e influenciando até nos fenômenos meteorológicos. Nos minerais, uma infinidade de Espíritos de certa categoria emprega sua atividade, ajudando-lhes a evolução.

As plantas não estão isentas dessa força protetora invisível, tendo o reino vegetal por protetores e colaboradores ocultos, para sua evolução e cumprimento de seu destino no mundo, Espíritos também de especial categoria. O mesmo ocorre no reino animal.

Respeito à espécie humana, quantos têm estudado os rudimentos, pelo menos, dos ensinamentos da Nova Revelação, conhecem a parte que tomam os Espíritos nos acontecimentos sociais, nas relações de família, e sabem que não há um só indivíduo na Terra pelo qual não vele a providência de seu Anjo Guardião, assim como que uma plêiade de Espíritos bondosos se esforça pelo seu bem.

Esta atuação, que rapidamente acabo de expor, exercida pelos Espíritos em todas as ordens e em todos os graus da evolução dos indivíduos e das coisas, uns a exercem conscientemente e outros inconscientemente.

No plano físico, o mesmo se observa: há indivíduos que são verdadeiros autômatos em suas manifestações; não têm consciência plena do que fazem; obedecem à imposição das circunstâncias, e, sem discernimento, entregam-se muitas vezes àquilo que repeliriam, se pudessem ter consciência do valor de sua ação.

Nem todos os Espíritos podem ser conscientes do labor que executam; impossível é que todos os que intervêm numa construção lhe conheçam os pormenores. O conhecimento integral do que se vai fazer e do que se faz seria um obstáculo sério ao êxito de certas empresas. É preciso que, em todo trabalho que requeira o concurso de muitos, alguns dos trabalhadores sejam simples máquinas, que se movam na direção e com o ritmo imposto pela força impulsora, sob a direção de uma inteligência que abranja todo o plano da obra a realizar-se.

Assim é, tanto na Terra como no Espaço, quando se tem de fazer algo que influa de maneira capital na marcha do progresso, na realização do plano evolutivo traçado pelo Criador.

Voltei a vista atrás e penetrei no campo da história de todos os povos. Observareis que, em seu progresso e desenvolvimento gradativos, interveio uma infinidade de fatores, muitos dos quais completamente inconscientes; observai, aprofundai a obra inconscientemente realizada por esses fatores, e descobrireis que foi uma necessidade esse movimento inconsciente, e compreendereis perfeitamente que, se esses autômatos tivessem tido consciência plena do que faziam, houberam malgrado o êxito da empresa.

Quando uma idéia tem de se impor ao mundo, para influir de maneira decisiva em sua civilização, na evolução que nele se está operando; quando é preciso que se dêem ao modo de ser social moldes novos, observareis que tudo contribui para o predomínio dessa idéia, tanto o labor que seus apóstolos realizam, como a oposição tenaz que lhe movem seus adversários. As apologias e as críticas favorecem-na. A afluência progressiva de novos adeptos, a lhe engrossarem as fileiras, aumentam-lhe o prestígio, o desenvolvimento e a firmeza nas consciências e na estrutura social. O mesmo resultado dão as perseguições, os combates que se ferem contra ela, pela oposição dos governos e dos pontífices. Nada lhe detém o passo. Partidários e adversários, todos lhe coadjuvam a vitória e, triunfante de todas as batalhas em que provou sua virtude e sua força e a missão divina que vem cumprir no seio da humanidade, vence, e a ela se convertem os que, antes, a combatiam, e perseguiram sem tréguas seus adeptos.

Sem buscar outros exemplos, entre os inúmeros que a história de todos os povos e de todos os tempos registra, atentemos somente no que ocorreu com o Cristianismo, e veremos confirmado tudo quanto vimos sustentando.

Ao contrário, quando uma idéia que já cumpriu sua missão na Terra tem de baixar à tumba, para dar passagem a outra, destinada a substituí-la, as mais calorosas e bem tramadas defesas tornam-se espadas que a ferem mortalmente.

O Espiritismo, destinado a concretizar e sintetizar num credo impecável tudo quanto de bom e verdadeiro se contenha em todas as demais idéias e sistemas, quer filosóficos, quer religiosos, a fim de realizar, num amanhã longínquo, a unidade de crença; que trouxe por missão dar forma a uma nova civilização, unir todos os seres racionais pelos laços da fraternidade, infundindo-lhes o sentimento do amor fraternal; que inicia a humanidade num conceito novo do ser e da vida, conceito que trará como conseqüência a total reforma da sociedade humana, constituindo-a em moldes completamente novos, de conformidade com o grau geral da evolução da espécie e os desígnios divinos esculpidos no plano evolutivo das almas e do planeta; o Espiritismo que, para tudo isso e para muito mais, fez o seu advento, visto que ele tudo abrange, nada havendo que se lhe subtraia, forçosamente tem de triunfar e, tendo de triunfar, porque assim está decretado pela Divindade, tudo concorre a seu favor.

Tanto quanto seus adeptos, por ele trabalham seus adversários; tanto quanto seus apologistas, para seu predomínio contribuem os que o criticam com a maior severidade. Os crentes sinceros são os esteios em que ele se firma; porém, não menos cooperam para a solidez de seu edifício os inimigos que se esforçam por lhe aniquilar as conquistas.

É que a Verdade por si só abre passagem e se impõe, porque a Verdade é o Bem. Como o Espiritismo é a consubstanciação da Verdade e do Bem, não há quem o possa obscurecer, nem anular.

Os adeptos, que aprofundaram o ideal e a ele vivem consagrados, são fatores conscientes de seu desenvolvimento e progresso; os inimigos, os adversários de toda espécie, são fatores inconscientes desse mesmo desenvolvimento e progresso.

E tudo isso observareis em maior escala no futuro.

À medida que se vá firmando a nova idéia no mundo, mais patentes tornar-se-ão os benefícios que decorrem tanto da ação consciente de seus verdadeiros adeptos, como da ação inconsciente de seus adversários. Até mesmo seus falsos

partidários, aqueles que, figurando em suas fileiras, lançam por toda parte, sobre ele, o estigma da mistificação, desprestigiando-o, até esses fazem obra boa, sem o pretenderem, ou inconscientemente, da qual se beneficia a nova idéia, porque contribuem, por processos para nós incompreensíveis, mas que os Diretores espirituais compreendem perfeitamente, para a depuração dos defeitos que, por inépcia dos homens, se contenham em qualquer instituição ou organismo criado sob seu patrocínio ou em seu nome.

E a ação dos inimigos irreconciliáveis é a mais proveitosa para a implantação dos princípios trazidos ao mundo pela Nova Revelação. É a mais fecunda, quer parta das potências religiosas, quer se escude com o prestígio científico. Quanto mais enérgicos e tenazes forem os ataques, mais lucrará, perante a consciência universal, o novo ideal, que é invulnerável, como invulnerável é a Verdade e invencível o Bem. A Verdade e o Bem, que o Espiritismo representa, são realidades e não negações; são, por isso, indestrutíveis. Assim, as batalhas que se firam contra ele terão a virtude de lhe realçar o valor e a firmeza de seus fundamentos.

Continuem, pois, no labor de firmar o ideal os conscientes e os inconscientes. Proveitosa é a ação de uns e outros, porque a humanidade necessita de alimento espiritual mais nutritivo do que o que se lhe deu até agora, e esse alimento é o Espiritismo quem lho traz.

Assim sendo, redobrem de fervor seus adeptos mais ilustrados, na divulgação do credo a que desejam servir, e a ação que desenvolverem terá uma eficácia inconcebível, porque nada influi mais a favor de uma Causa Santa do que a desinteressada defesa daqueles que, a ela consagrados, bebem na fonte divina e se constituem auxiliares diretos das Grandes Almas que dirigem a evolução e que os escolheram para seus delegados na Terra.

IV

DEDUÇÕES E CONCLUSÕES

Das características universalmente reconhecidas ao Espiritismo e que deixamos sintetizadas nos precedentes artigos, deduz-se que ele não parte de nenhuma concepção humana; que não é um sistema ideado pelo homem, nem por poder algum da Terra, religioso, político ou científico, senão que é de origem divina, revelado pelas almas dos chamados mortos, obedecendo a um plano pré-concebido e dirigido por inteligências superiores do mundo oculto; que, destarte, terá de se impor, incontestável e forçosamente, no mundo, como se impõe, no curso da evolução planetária, tudo aquilo que do mesmo modo se vai desenvolvendo nas ordens várias da Natureza, em todos os seus reinos.

Deduz-se, igualmente, que, tendo o Espiritismo de se impor, nenhum poder humano logrará impedir essa imposição, porque é impossível impedir que a Lei se cumpra, e nos postulados da Lei se encontra que o Espiritismo inspire a civilização nova, que se está desenvolvendo na Terra, e todas as instituições que as necessidades da espécie humana reclamem para seu desenvolvimento e cumprimento de seus destinos terrestres.

Deduz-se, também, das características com que se manifesta, que há de levar às almas a convicção de que todo progresso coletivo deverá assentar nas aquisições individuais, pois impossível é o aperfeiçoamento da massa, sem o aperfeiçoamento prévio das partes que a compõem. Essa convicção lançará por terra muitas suposições mal fundadas e muitos erros sustentados com firmeza pelos que gozam de influência incontestável nas diferentes escolas militantes, tanto sociais, como políticas, econômicas, filosóficas, ou religiosas, dando forma a equivocadas orientações, que perturbam a marcha regular do progresso e fazem viver o gênero humano em ambiente fictício e, por conseguinte, enganoso. Com essa retificação dos erros em que tantos homens ilustres se mantêm, mal orientando, por isso, sua ação, que repercute na sociedade, prejudicando-a, muito lucrará esta.

Demonstrando, como demonstra, a imprescindível necessidade de se partir do aperfeiçoamento individual para se conseguir o aperfeiçoamento coletivo, o Espiritismo fará que sobre as bases sólidas da Verdade e da Justiça assente a obra reformadora de amanhã. Das características do Espiritismo ainda se deduz que de feitio completamente novo hão de ser os moldes a empregar-se em todas as reformas, nos diferentes setores em que se acha dividida a organização social da humanidade.

As suas características, ao demais, fazem ver que ele se não especializa em coisa alguma, se bem influa em tudo. Sim, em tudo tem de influir, não por virtude de criações particulares, que o coloquem em frente de outras criações, como para lhes disputar o lugar. Ele é estranho a todo particularismo exclusivista; não pode, nem deve, desprezar a ninguém, nem a coisa alguma que seja aproveitável na marcha da evolução. É de todos, não de um partido, nem de uma seita. Por isso, jamais pode aspirar a formar escola à parte, em oposição a outras escolas, para combatê-las e tirar-lhes a influência que ainda possam exercer nos seres que delas necessitem.

A característica especial do Espiritismo é a universalidade. Ele abrange tudo, não repelindo coisa alguma que se baseie na Verdade e na Justiça, coisa alguma que haja passado pela prova da investigação e recebido desta a necessária comprovação.

Não pode o Espiritismo constituir uma religião, ou uma política especial; não pode criar sistemas sociais, que o distanciem de outros sistemas. Sob esse aspecto, é eclético. De todos toma o que têm de verdadeiro e de bom, e a nenhum repudia, porque sabe que todos satisfazem as necessidades de umas tantas almas. Em nada pode o Espiritismo singularizar-se, a não ser em formar um todo harmônico, que convida todos os seres ao acordo mútuo, ao trabalho solidário, à fraternal convivência, apesar das diferenciações naturais que existem entre uns e outros indivíduos da espécie.

Não há, pois, pretender que o Espiritismo, a menos que o prostituam, se distinga por injustificadas preferências religiosas, políticas e sociais; alheio a todo exclusivismo, a todas as manifestações do Espírito ele auxilia com a seiva de sua virtude unificadora.

Porque, repetimos, o Espiritismo não se destina a influir no mundo, criando partidos, sistemas e escolas que dividam os homens, mas inspirando os que militem nas diversas escolas, ou instituições, para levar-lhes o seu espírito, que é o do amor recíproco, da harmonia, da fraternidade.

Não precisa o Espiritismo criar escolas, facções ou partidos, para fazer sentir sua influência no mundo. Se isso fizesse, seria mais uma facção, mais um partido, mais um sistema, e nada a humanidade lucraria com a entrada de um novo ator na cena das discórdias humanas. O Espiritismo é muito mais do que tudo isso. E, porque o é, poderá ter adeptos em todas as confissões, partidos e escolas em que se divide a humanidade, a fim de realizar nelas a obra benéfica da comunhão das criaturas humanas.

Assim, pois, não devem os adeptos da Nova Revelação sonhar com um porvir em que o Espiritismo, vencedor, dite e imponha, das alturas conquistadas, leis ao mundo. Isso jamais ele fará. Conquistará, sim, os corações dos adeptos de todos os partidos, de todas as facções e de todas as confissões, a fim de que, da posição que ocupem, influam no mundo com o espírito de sabedoria que lhes terá impresso e com esse espírito executem a obra que lhes cumpre realizar.

Desta e não de outra maneira terá o Espiritismo de influir no mundo; de outra forma, amesquinhar-se-ia e não valeria a pena que abrisse passagem por entre as demais idéias e credos que disputam a hegemonia no seio da humanidade.

Deduzido tudo isso das características com que se apresenta o Espiritismo na cena terrestre, chegamos às seguintes conclusões:

1 - O Espiritismo não pode ser um partido político, nem constituir um credo religioso, nem formar um sistema social exclusivo, porque não está em sua natureza singularizar-se de forma especial, nesses sentidos, desde que atrai ao seu seio todas as criaturas humanas, sejam quais forem suas opiniões, ou crenças, cor, nacionalidade e grau de cultura e moralidade.

2 - O Espiritismo, propugnando o aperfeiçoamento individual como base do aperfeiçoamento coletivo, estabelece um método seguro para chegar-se à solução, também segura, e sem lutas, de todos os problemas de qualquer ordem que se desenhem no cenário social.

3 - O Espiritismo, estimulando o cultivo integral do Espírito, faculta às artes, às ciências e a todas as capacidades espirituais desenvolverem-se sem embaraços, satisfazendo a uma necessidade das almas encarnadas

4 - Não sendo uma religião, porém, sim, a Religião, o Espiritismo ligará um dia todos os homens por um só sentimento de adoração à Causa Suprema, não permitindo que os indivíduos se considerem adversários e, menos, inimigos, por prestarem, de modos diferentes, culto à Divindade.

Levando a todos os seres a convicção de que só pela prática do bem poderão ascender na escala da perfeição, e que deles, somente deles, depende seu próprio progresso, o Espiritismo traçará um novo plano de trabalho aperfeiçoado que, assegurando a todos desenvolverem ação consciente e proveitosa, tornará efetivas a harmonia social e a fraternidade humana.

Demonstrando a necessidade da tolerância e do respeito mútuo, e reconhecendo a legitimidade de todos os credos, suavizará as asperezas ainda existentes e que impedem reconheçam os homens a razão de ser dos diferentes credos, a cada um dos quais negam todos os direitos os adeptos dos outros. Sendo o depositário de todas as verdades contidas nos diversos credos e confissões ainda atuantes, sendo o elo que a todos há de unir, conseguirá fazer efetiva na Terra a doutrina do Redentor, o que assinalará a era nova do reinado de Jesus-Cristo, permitindo-lhe descer novamente ao mundo. A isso forçosamente conduzirá o Espiritismo, exercendo no planeta sua influência avassaladora, à qual não poderão subtrair-se os credos, os partidos, as hierarquias, os sábios, os ignorantes, os bons e os maus, porque, quando os homens pudessem resistir a toda sugestão espírita, de maneira alguma poderiam ferrar-se à sugestão espiritual das Entidades do Espaço, dos Mensageiros do Pai, que, onde quer que seja preciso, obedientes ao plano divino, exercem sua ação, sem que dela possam livrar-se nem mesmo os mais recalcitrantes adversários da Doutrina dos Espíritos. Influem eles, para tudo encaminhar aos fins previstos pelos Diretores da Evolução, em cujo supremo conselho se acha o Cristo, presidindo-o, sem que a essa influência possam eximir-se nem pontífices, nem monarquias. Todas as jerarquias humanas são influenciadas pelos Espíritos do Senhor; os chefes de todos os governos e de todos os partidos; os altos e os baixos; os de muito destaque e os de pouco; os sábios e os ignorantes. Todos os habitantes da Terra, enfim, recebem a influência dos Espíritos, e nada ocorre que não corresponda ao plano divino. Tudo é Espiritismo.

Assim sendo, digam-nos se não está assegurada sua influência no mundo, e se alguma coisa há, ou pode haver, que escape a essa influência. Ele tem de triunfar indefectivelmente, e tudo concorre para esse triunfo.

* * *

Uma quadra de inspirado autor espírita, que me ficou na memória, diz mais ou menos o seguinte:

O rio querendo alcançar/ horizontes imponentes, / corre num leito mais baixo / que o de seus afluentes.

34 - A HUMILDADE

Os Quatro Evangelhos – Pág. 404 - Tomo 1

SERMÃO DO MONTE - MATEUS:— V 1. Vendo a multidão, Jesus subiu a um monte, sentou-se e os discípulos o rodearam. - 2. Pôs-se então a lhes pregar, dizendo: - 3, "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. - 4. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. - 5. Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra. - 6. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. - 7. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. - 8. Bem-aventurados os de coração puro, porque verão a Deus. - 9. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. 10. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus. - 11. Bem-aventurados sereis quando vos cobrirem de maldições, vos perseguirem e, mentindo, disserem de vós todo o mal por minha causa. - 12. Rejubilai então e exultai, porque grande recompensa vos está reservada nos céus; visto que assim 509 também perseguiram os profetas, que existiram antes de vós."

LUCAS: V. 20. Jesus, dirigindo o olhar para seus discípulos, dizia: "Bem-aventurados vós, que sois pobres, porque vosso é o reino de Deus. - 21. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados; bem-aventurados vós, que agora chorais, porque rireis. - 22. Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos separarem, quando vos carregarem de injúrias, quando rejeitarem como mau o vosso nome por causa do filho do homem. - 23. Rejubilai nesse dia e exultai, que grande recompensa vos está reservada no céu, porquanto assim é que os pais deles trataram os profetas. - 24. Ai, porém, de vós, que sois ricos. pois que tendes a vos porém, de vós, que sois ricos. pois que tendes a vossa consolação no mundo. - 25. Ai de vós, que estais saciados, pois que vireis a ter fome! Ai de vós os que rides agora, pois que gemereis e chorareis! - 26. Ai de vós quando vos louvarem os homens, 510 é o que os pais deles faziam aos falsos profetas.

N. 75. A humildade, - a doçura que tem por companheiras a afabilidade e a benevolência, - a resignação nos sofrimentos físicos e morais, que são sempre uma expiação justa, porquanto derivam ou de faltas e imprudências com que o homem agrava suas provações terrenas, ou de existências anteriores, todas solidárias entre si de modo que cada um traz consigo a pena secreta da sua precedente encarnação, - o amor ardente, sério, perseverante do dever por toda parte e sempre, - a tolerância também por toda parte e sempre, a indulgência para com os fracos e para com as faltas de outrem, a simpatia viva e delicada pelos sofrimentos e dores, físicos e morais, de seus irmãos, - o perdão, do íntimo d'alma, para as injúrias e ofensas, - o esquecimento, mas de maneira tal que o passado fique morto tanto no coração, como no pensamento, - a caridade e o amor, - a pureza de coração, que exclui não só todas as palavras e ações más, como ainda todos Os 4 Evangelhos -J.-B. Roustaing - Tomo I pág. 511 os maus pensamentos, e que só existe quando há abstenção de tudo que é mal, de par com a prática ativa e abnegada de tudo que é bem, assim na ordem física, como na ordem moral e na intelectual, - a moderação, a brandura, - a paciência, a obediência, - a resignação, - a fé, - a firmeza e a perseverança na fé e na prática da justiça, quaisquer que sejam as injúrias, as perseguições físicas e morais que venham dos homens, - o desinteresse, - a renúncia às coisas materiais, como determinantes do orgulho e do egoísmo, dos apetites materiais; das paixões e dos vícios que degradam a humanidade, - a aspiração da felicidade celeste, - o reconhecimento ao Criador que reserva grande recompensa aos que cumprirem esses deveres e praticarem essas virtudes, - eis o que encerram aquelas palavras do Cristo. Estudai-as, pois, e ponde-as em prática. Não vos fieis na felicidade terrena, não descanseis nas vossas riquezas, na vossa inteligência. Confiai unicamente no vosso Deus, de quem recebeis todas as coisas.

512 Que aquele que possui riquezas faça como se fora pobre, as reparta com seus irmãos e viva humildemente; que aquele que tem inteligência faça como a criancinha que espera ser guiada pela mãe, mas que ao mesmo tempo a partilhe com seus irmãos, dando-lhes conselhos salutar e brandos, tirados, sobretudo do exemplo; que aquele que está saciado pense nos que têm fome e dívida com eles o pão material que sustenta o corpo e o pão espiritual que alimenta a alma; que aquele que se acha alegre faça como se estivesse triste e associe à sua alegria o irmão que chora, prodigalizando-lhe consolações e tomando parte nas suas dores. Aquelas palavras se resumem nisto: prática do trabalho, do amor e da caridade, tanto na ordem física ou material, como na ordem moral e intelectual. Os pobres de espírito são os que só confiam no Senhor e não em si mesmos; são os que, reconhecendo dever tudo ao Criador, reconhecem que nada possuem. Despidos 513 de orgulho, são como o pobre despojado dos bens mundanos. Podem caminhar mais livremente, pois não temem os ladrões que durante a noite assaltam a casa do rico. Apresentam-se nus diante do Senhor, isto é, sem se terem apropriado de coisa alguma, cômicos de que tudo devem à bondade do pai celestial. A humildade lhes aplaina o caminho a percorrer afastando os obstáculos que o orgulho faz surgir de todos os lados. Tende o coração simples, oh! Bem amados, e humilde o espírito, porquanto a humildade, que é o princípio e a fonte de todas as virtudes, de todos os progressos, abre ao homem a estrada que leva à luz e às moradas felizes, ao passo que o orgulho conduz às trevas e à expiação, ao exílio em mundos inferiores.

Estas palavras de Jesus: "Bem-aventurados sereis quando os homens vos cobrirem de maldições, vos perseguirem e, mentindo, disserem de vós todo o mal por minha causa; - bem-aventurados 514 sereis quando os homens vos odiarem, vos separarem, vos carregarem de injúrias, quando rejeitarem como maus os vossos nomes por causa do filho do homem." se aplicavam, como quase todas as que lhe saíram dos lábios, tanto ao presente, ao momento em que ele as dirigia aos discípulos, quanto aos tempos futuros. Eram e são dirigidas a todos os que pela sua fé em Deus se tornaram alvo de quaisquer perseguições, físicas ou morais; aos que, perseguidos pelas suas crenças, sofrem pela sua fé e triunfam das provações por mais rudes que sejam. Efetivamente, enquanto o vosso mundo se não houver purificado, haverá homens perseguidos por causa da verdade. Os que triunfarem poderão considerar-se bem-aventurados, pois, sobretudo hoje, a defecção é fácil. Os que perseverarem até ao fim receberão grande recompensa. Espíritas, armai-vos, portanto, de toda a

vossa energia. Para o homem, a arma mais perigosa é o ridículo. É a que ele mais teme; é presentemente a que tendes de rebater. Dolorosas são as feridas que ocasiona. Mantende-vos, pois, em guarda e preparai de antemão o único bálsamo que as pode curar: - a fé.

Que a vossa fé vos sustente. Ela vos tornará surdos aos sarcasmos e vos fará achar doçura nos pérfidos processos que contra vós intentarem. A fé constitui a vossa égide; abrigai-vos nela e caminhai desassombradamente. Contra esse escudo virão embotar-se todos os dardos que vos lancem a inveja e a calúnia. Sede sempre dignos e caridosos no vosso proceder, no vosso falar, nos vossos ensinamentos, dando o exemplo do que pregais, e nós vos ampararemos. Compreendi igualmente bem estas outras palavras de Jesus: "Mas, ai de vós, ricos, que tendes a vossa consolação no mundo!" A maldição assim lançada pelo meigo e justo pastor não se aplica senão aos que, tudo sacrificando à posse dos bens terrenos, 516 deleitando-se e confiando unicamente no que é material, rejeitam as verdades que se lhes ensinam, repelem seus guias protetores, repelem seus irmãos e se entregam aos maus Espíritos, que deles se apossam. Jesus disse: - Ai! deles, porque terão que sofrer para resgatar suas faltas passadas e o remorso lhes será tanto mais cruel quanto mais voluntário tenha sido o endurecimento. Ai! de vós que agora rides, disse também o Suave Mestre, pois que gemereis e chorareis. Sim, os que riem das verdades lamentarão um dia o tê-las negado. Tudo vem a seu tempo. Deixai que ainda riem à vossa custa. Dia virá em que, arrependidos, os que agora riem pedirão para voltar ao meio de vós como apóstolos da verdadeira fé, da fé espírita, e não mais rirão. Não vos agasteis, pois, com os risos; antes chorai pelos que zombam de vós, por isso que bem grandes serão suas penas! 517 Ai! de vós, disse ainda Jesus, quando os homens vos louvarem, porquanto é o que os pais deles faziam aos falsos profetas.

Quando essas palavras eram dirigidas aos discípulos, os falsos profetas tinham sido, eram e, dado o estado de inferioridade moral em que ainda se encontra a Terra, são neste momento aqueles que, impelidos por maus instintos, por más paixões, oriundas, seja do orgulho, do egoísmo, do interesse material, da cupidez, seja da intolerância ou do fanatismo, trabalham por incutir suas idéias nas almas simples e confiantes. São aqueles que, conhecendo a verdade, a ocultam do povo, a fim de o terem preso e submisso. São os que, compenetrados da verdade, recusam submeter-se a ela por orgulho e pregam o erro, conscientes do que fazem, mas receosos do "que dirão". "Ai! deles!"

Ai! de vós, quem quer que sejais, quando os que escutam as vozes desses falsos profetas e os bendizem, caminhando-lhes nas pegadas, vos louvarem e disserem 518 bem de vós, porque então sereis atraídos pelos seus elogios e a vossa defecção já se deu ou está para dar-se, arrastando-vos para os caminhos do erro e da mentira voluntários, da hipocrisia e da perversão moral.

* * *



35 - PRECE AO CRIADOR DO UNIVERSO

PRECE AO CRIADOR DO UNIVERSO

*Pai, amo-te, mesmo quando Tua respiração é dor,
porque Tua dor é amor; mesmo quando Tua Lei é esforço,
porque o esforço que tua Lei impõe é o caminho das ascensões humanas.
Pai, mergulho em Tua potência, nela repouso e me abandono,
peço à fonte o alimento que me sustente.
Procuro-te no âmago onde Tu estás, de onde me atraís.
Sinto-Te no infinito que não atinjo e donde me chamas.
Não Te vejo e, no entanto, ofuscas-me com Tua luz;
não Te ouço, mas sinto o tom de Tua Voz;
não sei onde estás, mas encontro-Te a cada passo,
Esqueço-Te e Te ignoro, no entanto, ouço-Te em toda a minha palpação.
Não sei individualizar-Te, mas gravito em torno de Ti,
como gravitam todas as coisas, em busca de Ti, centro do universo.
Potência invisível que diriges os mundos e as vidas,
Tu estás em Tua essência acima de toda a minha concepção.
Que serás Tu, que não sei descrever nem definir,
se apenas o reflexo de Tuas obras me enceguece?
Que serás Tu, se já me assombra a incomensurável complexidade desta Tua emanção,
pequena centelha espiritual que me anima integralmente?
O homem Te busca na Ciência, invoca-Te na dor, Te bendiz na alegria.
Mas na grandiosidade de Tua potência, como na bondade de Teu amor, estás sempre além,
além de todo o pensamento humano, acima das formas e do devenir, um lampejo do infinito.
No ribombar da tempestade está Deus; na carícia do humilde está Deus;
na evolução do turbilhão atômico, na arrancada das formas dinâmicas,
na vitória da vida e do espírito, está Deus.
Na alegria e na dor, na vida e na morte, no bem e no mal, está Deus;
um Deus sem limites, que tudo abarca, estreita e domina,
até mesmo as aparências dos contrários, que guia para seus fins supremos.
E o ser sobe, de forma em forma, ansioso por conhecer-Te,
buscando uma realização cada vez mais completa de Teu pensamento,
tradução em ato de Tua essência.*

*Adoro-Te, supremo princípio do Todo, em Teu revestimento de matéria,
em Tua manifestação de energia;
no inexaurível renovar-se de formas sempre novas e sempre belas;
eu Te adoro, conceito sempre novo bom e belo, inesgotável Lei animadora do universo.
Adoro-Te grande Todo, ilimitado além de todos os limites de meu ser.
Nesta adoração, aniquilo-me e me alimento, humilho-me e me incendeio;
fundo-me na Grande Unidade, coordeno-me na grande Lei,
a fim de que minha ação seja sempre harmonia, ascensão, oração, amor.*

Orai assim, no silêncio das coisas, olhando mais que tudo para a profundidade que está dentro de vós. Orai com ânimo puro, com intenso impulso, com fé potente, e a radiação anímica, harmonicamente sintonizada com a grande vibração, conquistará os espaços. E uma voz de conforto ouvireis, chegada até vós, do infinito.
De A Grande Síntese – Cap. 50, pág. 183/184.

* * *

36 - Conselho Federativo Nacional

No encerramento da Reunião do Conselho Federativo Nacional da FEB, ocorrida no último dia 11 de novembro, o Quartel-General do Exército recebeu a palestra do orador Divaldo Franco.
Leia aqui a mensagem psicofônica do Espírito Bezerra de Menezes recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, no encerramento da Reunião Ordinária do Conselho Federativo Nacional, realizada em Brasília, em 11 de novembro de 2018.

Filhas e filhos do coração,

Na densa noite que aturde a criatura humana, rica de tecnologia de ponta e pobre de sentimentos morais, surge peregrina luz, anunciando o amanhecer. A Nova Era, programada pelos guias da Humanidade, está colocando os seus alicerces no coração das criaturas humanas, preparando o período de plenitude que nos está prometido pelo Senhor desde os dias do Sermão Profético anotado por Marcos no capítulo 13 do seu Evangelho, que as expectativas humanas demoram-se aguardando as dores que deveriam chegar, produzindo a seleção dos trabalhadores do bem na edificação do mundo melhor. As entidades venerandas que se comunicaram nos dias que precederem a Codificação do Espiritismo, revigoram a promessa de Jesus de que, se não fosse a abnegação de muitos, a destruição seria terrível e por isso o Pai Misericordioso procurou diminuir as dores que pesariam sobre a Humanidade, insatisfeita e invigilante. Anunciaram o momento da grande mudança para Mundo de Regeneração. Essa operação fantástica que vem ocorrendo desde os longínquos dias do surgimento da Doutrina Espírita, codificada na Terra, alcança o seu clímax nestes gloriosos e atormentados dias.

O ser humano, que parece haver perdido o endereço de Deus, atropela, deixando-se arrastar pelo sentimento confuso que lhe domina a mente e atormenta as emoções, sem saber o rumo a seguir. Felizmente, a Doutrina que restaura a palavra do Senhor, volve à praça pública, permanece no ar, é percebida hoje graças aos veículos de comunicação em massa, especialmente pelo método virtual, a todos ensinando informar-se dos acontecimentos transcendentais que estão sucedendo em prol da criatura renovada.

Nestes dias, em que aqui estivemos debatendo questões fundamentais do nosso Movimento, em alto clima de respeito e de paz, os dois mundos intercambiaram, através da mediunidade dilatada pela inspiração, buscando as melhores diretrizes para servirem de alicerce à realização que já se encontra em início.

O Brasil, a pátria do Evangelho, parece despertar do letargo a que vem sofrendo inevitavelmente, em consequência da mudança que se opera no planeta, também desperta para a realidade nova do ser em relação a si mesmo, à sociedade, à vida. E o Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, desperto para as realidades novas, compreende que a única diretriz de segurança para o êxito é a vivência do amor, a unificação das entidades em decorrência da união das criaturas humanas.

Conseguistes abordar temas delicados em clima de alta fraternidade, à semelhança do primeiro Concílio, em Jerusalém, em que Pedro e Paulo se encontravam no momento grave da união ou da separação. A humildade de Pedro, ajoelhando-se aos pés do pregador das gentes, reverteu os planos maléficis da divisão, mantendo o Cristianismo na linha direta do amor com Jesus. Assim também, vindes conseguindo essa identificação, colocando ao lado pequenas divergências que, de maneira alguma, podem influenciar o conjunto harmônico que tem por meta a fraternidade universal.

Mas, ainda estamos no período de lutas, como asseverou o insigne Codificador. Dificuldades apresentam-se em toda parte. Perturbações sutis umas, graves outras, eclodem em nossas Casas convidando as pessoas generosas, mas incautas, a divergirem e a dissentirem em lamentáveis processos de obsessões sutis umas, mais graves outras.

Somente o amor pode trabalhar essas anfractuosidades que surgem em nosso Movimento nestes dias de preparação do grande período de libertação da alma humana dos grilhões do passado, das cadeias do ontem que ainda são muito fortes no ego de quase todos nós.

Mantende o coração liberado de preconceitos de qualquer natureza. Abri os braços ao recolhimento das criaturas humanas, porém mantende os postulados da Doutrina invioláveis, sem enxertos de qualquer natureza, porque se é verdade que o pensamento da Codificação evolui cada vez mais, não menos verdade é que o faz dentro das raízes fixadas, pelo Mundo Espiritual, nas obras fundamentais.

O que parece novo é nada mais do que melhor interpretação dos conteúdos básicos do pensamento kardequiano. Mantende a fidelidade ao trabalho do Venerando apóstolo de Lyon, sob os auspícios do amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, a fim de que nessa unidade trabalhe o coração da Terra para os dias melhores do porvir.

Não temais permanecer fiéis aos deveres abraçados. Os aplausos não significam atitudes de coerência, porque muitas vezes o mal é aplaudido pelos seus aficionados, o erro é divulgado pelos seus apaixonados e o crime, não poucas vezes, goza de cidadania, em razão da intimidade daqueles que ainda se encontram no equívoco e habilmente entretêm as redes fascinantes da degradação e do desequilíbrio.

Jesus, filhas e filhos queridos, é o nosso alvo, é o nosso modelo, é o guia que nos serve de parâmetro para todas e quaisquer realizações. Diante de incógnitas ou de perguntas sem resposta, reflexionai: que faria o Mestre neste momento? E, intentando encontrar a solução que Ele daria, segui a inspiração que vos chegue sempre em tom de fraternidade e de misericórdia e a caridade estará guiando-vos na direção deste alvo, que é o momento final do nosso encontro com o Rabi Galileu.

Nós, os Espíritos-espíritas que estamos convosco, não descansaremos enquanto não se estabeleça na Terra o primado do Espírito imortal. E o materialismo, a crueldade, a dissensão e as extravagantes propostas da indignidade humana, cederão lugar à paz, à beleza, à busca da perfeição, ensinando-nos a perfeita comunhão com o mundo transcendental.

Espíritas, a vós vos cabe hoje a tarefa da recristianização da Humanidade. É verdade que ainda não se logrou a cristianização conforme o Evangelho. A Doutrina, nas páginas escriturísticas da Boa-Nova, ensinou a criação de doutrinas respeitáveis e religiosas, mas não aquela que foi vivida pelo Santo de Assis através da abnegação total e da total entrega ao amor. Renasce agora, desde os dias em que as vozes dos céus desceram à Terra, qual um exército, sob o comando do general da paz, para remover os grandes obstáculos que foram levantados pela incúria e aplinar o grande terreno da solidariedade humana.

A dor ainda é a bênção que Deus oferece aos seus eleitos. Através dela podereis ostentar as condecorações cristãs colocadas em vossas almas, as cicatrizes das feridas derivadas das lutas, do sacrifício e da abnegação. Mas, crede, em momento algum estareis a sós. Mantende-vos alertas para que nunca vos afasteis das diretrizes do sacrifício e da abnegação para os comportamentos louváveis, sem dúvida, mas das glórias ilusórias e dos prazeres e extravagâncias do agrado da maioria.

Cristo ainda é símbolo de luta e, enquanto houver lágrimas nos olhos e no coração das criaturas humanas, Ei-Lo entre nós, na multidão, enxugando essas lágrimas e esses suores para libertar a criatura de si mesma e cantar o Glória a Deus nas alturas.

Adiante, servidores do bem e da verdade! Que o vosso sinal de identificação seja o amor. Que os vossos atos sejam lavrados da claridade no dia da verdade, sem sombra e sem qualquer manifestação de engodo ou de engano.

Abençoe-nos, filhas e filhos queridos, o Senhor de todos nós! São os votos que fazemos os Espíritos-espíritas aqui convosco hoje, amanhã e sempre.

Muita paz! Um abraço carinhoso do servidor humílimo e paternal de sempre,

Bezerra

(Mensagem psicofônica do Espírito Bezerra de Menezes recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, no encerramento da Reunião Ordinária do Conselho Federativo Nacional, realizada em Brasília, em 11 de novembro de 2018. Revisada pelo autor espiritual)

* * *



37 - A Prece do Viandante

Alma cansada, abatida à margem da estrada, pára um instante na eterna trajetória da vida, larga o fardo de tuas expiações e repousa. Ouve como está plena de harmonias a obra de Deus! O ritmo dos fenômenos irradia doce e grandiosa música. Por meio das formas exteriores, os dois mistérios, da alma e das coisas, observam-se e se sentem. Das profundezas, o teu espírito ouve e compreende. A visão das obras de Deus produz paz e esquecimento; diante da divina beleza da criação, aquietam-se a tempestade do coração; paixão e dor adormecem em lento e doce canto sem fim.

Parece que a mão de Deus, através das harmonias do universo, acalenta, qual brisa confortadora, tua fronte prostrada pela fadiga e aí se detém como uma carícia.

Beleza, repouso da alma, contato com o divino! Então o viandante deprimido se reanima, com renovado pressentimento de sua meta. Não parece mais tão longa a jornada, tão comprida, quando se pára um instante para dessedentar-se numa fonte. E então a alma contempla, antecipa e se dispõe a enfrentar o longo da estrada. Com o olhar voltado para o Alto, mais fácil será retomar o fatigoso caminho

Pára, escuta e ora. Abre os braços à criação e repete com ela: "Deus, eu te amo"! Tua oração, não mais admiração amedrontada pelo poder divino, agora é mais elevada: é amor. Oração doce, que brota como um canto que a alma repete, ecoa de fraga em fraga por toda a terra, de onda em onda pelos mares, de estrela em estrela pelos espaços infinitos.

É a palavra sublime do amor que as unidades colossais dos universos repetem contigo, em uníssono com a voz perdida do último inseto que, tímido, esconde-se entre a grama. Parece perdida; no entanto, Deus a conhece também, recolhe-a e a ama. No infinito do espaço e do tempo, somente esta força, essa imensa onda de amor, mantém tudo compacto em harmônico desenvolvimento de forças.

A visão suprema das últimas coisas, da ordem em que caminham todas as criaturas, dar-te-á sozinha um sentido de paz; de verdadeira paz, de paz profunda, de alma saciada, porque percebe sua mais elevada meta. Corresponde, ó alma ao imenso amplexo, e, verdadeiramente sentirás Deus. Se a inteligência dos grandes venera e se curva temerosa ante a potencialidade do conceito e da realização do Criador e se acerca do divino pelas fatigantes vias da mente, o coração dos humildes chega a Deus pelas sendas da dor e do amor, e o sente pelas vias dessa mais profunda sabedoria. Ora assim, ó alma cansada: "Senhor, bendito sejas, sobretudo pela irmã dor, pois que ela de Ti me aproxima. Prostro-me diante de Tua obra imensa, ainda que a minha parte nela, seja o esforço, nada posso pedir-Te, porque tudo já é perfeito e justo na Tua criação, mesmo o meu sofrer, mesmo a minha imperfeição, que é passageira. Aguardo no posto do meu dever o meu amadurecimento.

E na Tua contemplação busco repouso.

Mirandópolis-SP – 04 - 06 - 2019 – José Olyntho Filho - joselyntho@gmail.com

FIM